Digitized by Google

331
13

Harvard College Library
In Memory of
Aleixo de Queiroz Ribeiro
de Sotomayor d'Almeida
e Vasconcellos
Count of Santa Eulalia
The Gift of
John B. Stetson Junior
of the Class of 1906

P Por
331
13

(*a*) Entende-se que tal assignante deve primeiro pagar a sua antiga assignatura no caso que ainda o não tenha feito.

Nomes dos Srs. Assignantes	Moradas	Numero de Exemplares
José Ant.onio Torres.		

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE

JORNAL

DOS

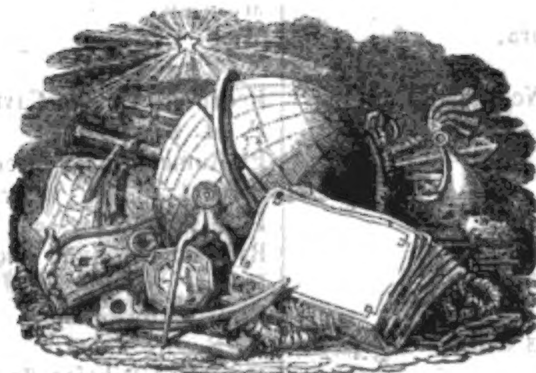
INTERESSES PHYSICOS, MORAES, E LITTERARIOS

POR

UMA SOCIEDADE ESTUDIOSA.

TOMO I.

ANNO DE 1841—1842.



LISBOA

NA IMPRENSA NACIONAL.

1842.

CATALOGO DOS COLLABORADORES D'ESTE VOLUME.

A. B.
A. B. P. d'A. Pimentel.
A. F. S. B.
Alexandre Herculano.
Dr. Alexandre Magno de Castilho.
A. N. L.
A. N. M. L.
Antonio Feliciano de Castilho.
Dr. Antonio Gil.
Dr. Antonio Joaquim de Figueiredo.
Dr. José Ferreira de Carvalho.
Dr. Antonio José de Lima Leitão.
Antonio José de Sousa.
Antonio José Teixeira Junior.
Dr. Antonio Ribeiro Saraiva.
Antonio Simões Ressurgido.
Antonio da Sylva Tulio.
A. P. S.
A. S. Pereira.
Barão d'Echwege.
Conselheiro Bento Pereira do Carmo.
B. R. L.
Dr. Caetano Xavier Pereira Brandão.
C. H. M. C.
Claudio Adriano da Costa.
C. M. F. J.
C. M. S.
C. R. S.
C. R. V. J.
Dr. F. A. de Mello.
F. C. D.
Feliciano Antonio Marques Pereira.
Felix Baptista Pereira.
Felix Manuel Placido da Silva Negrão.
F. M. S. B.
Fortunato José Barreiros.
F. P. C.
F. de P. G.
F. S. T.
Francisco Adolpho de Varnhagen.
Dr. Francisco de Assís Castro.
Dr. Francisco Ignacio dos Santos Cruz.
F. Z. F. de Araujo.
H. S. A.
Dr. Jacinto Luiz do Amaral Frazão.
J. A. Silva Lisboa.
J. B. da S. L.
J. D. da C.
J. D. S.
J. E.
J. G. S. V.
J. J. J.
J. M. G. P.
Conselheiro João Baptista d'Almeida Garrett.
Padre João da Silva Guedes.
Conselheiro João de Sousa Pinto de Magalhães.
Joaquim da Costa Cascaes.
Dr. Joaquim Heliodoro da Cunha Rivára.
Jorge Cesar de Figanière.
Dr. José Feliciano de Castilho.
José de Freitas Amorim Barbosa.
Dr. José Maria Grande.
José Nicolau da Silva Franco.
José Nunes da Matta.
Dr. José Pereira Mendes.
Dr. José Romão Rodrigues Nilo.
José da Silva Mendes Leal.
J. S.
J. S. C.
J. S. da Cunha e Silva
M.
M. A. de A.
M. A. M.
D. Maria J. da S. C.
O Subdiácono Marinho.
Marino Miguel Franzini.
Mauricio José Sendim.
M. P. R.
M. S. L.
N.
Pedro Alexandre Cavroé.
P. H. S. C.
P. Romeiro da Fonseca.
P. S. C.
P. S. R.
Ricardo Fernando Vidal.
R. L.
Rodrigo de Gusmão.
R. S.
Sebastião Ribeiro de Sá.
Dr. Simas (Medico).
Visconde de Sá da Bandeira.
Visconde de Villarinho de S. Romão.

Scientifica, Litteraria, Agricola, Commercial,

Chronica Judicial, Artistica,

REVISTA UNIVERSAL.

e Economica de todo o mundo.

N.° 1.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS.

POR 12 NUMEROS	....	480
POR 24 »	....	960
POR 52 »	....	1920

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, RUA DOS FANQUEIROS N.° 107, 1.° ANDAR.

Quinta feira 1 de Outubro de 1841.

A redacção da REVISTA UNIVERSAL acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Cura dos cereaes.

FRANÇA.

1 N'um Jornal, a *França Industrial*, se annuncia um achado precioso, que oxalá se confirme. E' um methodo de preservar os grãos e farinhas de se corromperem, e de os curar depois de avariados, ainda que seja por agua do mar.

Anciâmos a chegada d'esta receita para a publicarmos.

R. L.

Nova variedade de batatas.

FRANÇA.

2 Apresentou-se á Sociedade d'Agricultura de Lyão uma nova variedade de batatas chamada, por sua pequenez, *batata-feijão*. As maiores são do tamanho de uma avellãa: teêm a pelle fina, a massa amarella, e muito saborosa; parece que é muito feculenta, cresce depressa, e sem grande amanho; planta, flor, fructo, tudo é pequeno como a sua propria túbera. A amostra foi repartida pelos membros d'aquella Sociedade, que se propõe a propagar esta nova qualidade de solanaceos, a qual será considerada como uma riqueza gastronomica.

Bom seria que os nossos lavradores, vista a facilidade das communicações que existe entre Portugal e França; não desprezassem a occasião de fazer uma tentativa, mandando vir d'estas raizes, e cultivando-as. Felizmente o *ramerrão*, que parecia o peccado original dos nossos camponezes, e que não pouco fazia para o seu atrazo e miseria,

começa de annos a esta parte a perder algum tanto de sua obstinação, e deixar-se substituir de uma pouca mais docilidade.

Os resultados que d'isso se têem seguido merecêrião especial menção, mas não é aqui o seu logar; só lembraremos o cultivo dos pinheiros *larinx*, tão prégado pela benemerita *Sociedade dos Conhecimentos Uteis*, no seu Panorama, e cujas sementes ella mesma tão generosamente distribuio: os pinheiros *larinx* estão hoje generalisados. A *luzerna*, tão preconisada por todos os agrónomos, e nomeadamente pelo Auctor das *Georgicas Portuguezas*, o Sr. Mosinho, forma já consideraveis pastios nas terras de muitos de nossos proprietarios.

Se em quanto a machinas ha motivo para não as adoptar apenas se annuncião, pois que sobre serem essas experiencias mais dispendiosas, sahem muitas vezes frustradas, porque os Auctores que as idéam, em logar de primeiro as construirem: e experimentarem, pela maior parte das vezes só se occupam em as mandar logo desenhar, imprimir, e publicar; se, repetimos; em quanto a machinas toda a desconfiança é descupavel, e até certo ponto judiciosa, o mesmo se não póde dizer ácerca da cultura de um genero novo, ou do novo e mais perfeito modo de fazer uma cultura já conhecida. De boa mente citaremos a este respeito o que lemos no prologo do Curso d'Agricultura, e Economia Rural de Raspail (vertido em portuguez e annotado pelo Sr. Doutor Figueiredo) » Aqui tendes, diremos nós aos lavradores, o que outros antes de vós hão feito, e com bom acerto, em exposições e terrenos diversos dos vossos; mas não vos bastará isso; estudai vosso chão e clima, ponderai os vossos meios; em quanto a sciencia se vos não mostrar mais fecunda do que a pratica, não largueis de repente a pratica, que não é ella de si má, senão só de sua desconveniencia, quando applicada; consultai ao mesmo tempo o uso e a experiencia, e não julgueis, senão pelos resultados, em se vos prégando novidade, experimentai-a, mas experimentai-a no pouco; depois se o exito responder á promessa, lá está o vosso interesse, que vos mandará ir por diante. »

A. M. de C.

Animação á Agricultura.

MACON.

3 A Sociedade d'Agricultura, Sciencias, e Bellas-Letras de *Mâcon*, congregada com o Concelho geral do *departamento*, fez na sua ultima sessão uma distribuição de instrumentos aratorios aperfeiçoados aos cultivadores, que forão julgados dignos de premio. O Perfeito, que n'este acto presidia á Sociedade, recitou seu discurso accommodado ao assumpto, a que, em nome do Concelho geral, respondeu o famigerado *Lamartine*.

Oxalá que estes exemplos, não raros lá por fóra, portuguezes zelosos os queiram imitar. A agricultura tem de ser d'ora avante a nossa mina, o nosso Brazil, as nossas frotas, as nossas conquistas, e o nosso tudo!..

» La richesse n'est point aux mines de Golconde,
» Elle est aux champs heureux que le travail féconde:
» L'Espagne a trop connu l'indigence de l'or,
» Le sol de la patrie est son premier trésor:
» L'or s'épuise, et jamais la terre inépuisable
» N'a refusé ses dons à l'homme infatigable.

Delille.

Cabe logo ajudar, instruir, e esforçar, por todos os modos imaginaveis e possiveis, a classe, que fecunda a terra, e sustenta a toda a sociedade. Mil diversos meios ha para isto; uns directos, outros indirectos; uns d'effeito mais rápido, outros menos; uns dependentes do legislativo, outros do Governo, outros das auctoridades administrativas; uns finalmente, dispendiosos, e difficeis por isso mesmo, outros faceis, ou facillimos por baratos, ou gratuitos. A esta ultima especie pertencem as Sociedades de Agricultura, que os Administradores Geraes, e Administradores do Concelho, pela grande influencia que têem em seus respectivos districtos; muito facilmente podem reunir e manter: estas sociedades, sendo compostas dos naturalistas, dos lavradores mais respeitados por seu saber, por seus haveres, ou por sua curiosidade; dos litteratos, e dos parochos, que têem recursos, uns em seus talentos, outros em seu caracter, para poderem doutrinar, e convencer o povo; estas sociedades, repetimos, presididas pelo maioral politico da terra, farão maravilhas de uma importancia incalculavel. Em muitas partes, se não forem todas, haverá quem, sem outro salario mais do que a gloria de haver bem merecido da patria, se promptifique a dar em prelecções nocturnas, o ensino de que os rusticos necessitam; e a distribuição de pequenos premios, em cada um anno, de alguns instrumentos novos, ou mais perfeitos, para a industria rural, ou de algumas sementes de especies vegetaes prestadias, e ainda não vulgares, ercará a emulação, valente mola da machina social,

e muitas vezes, mais valente, que as de oiro. Finalmente, menos ainda do que premios materiaes!... simplices estimulos de honra, que não custam dinheiro, podem arribar a grandes resultados. A rosa de *Salency* decretada para premio á moça mais casta e virtuosa, promoveu, e conservou largo tempo intacta, a virtude das donzellas. Ora, se uma rosa, a coisa mais ephemera, foi possante para fazer da mais fragil coisa do mundo a mais valente, que se não poderia esperar, que influisse nos homens simplices do campo o grangear, por esforços aliás lucrativos para elles mesmos, a esperança de ouvirem ao domingo o seu nome pregoado pelo parocho como exemplo, de o verem pregado no porta da Igreja, na da Camara, na da Administração Geral, como premio para elles, e incentivo para os outros! e em fim o saberem, que a imprensa os faria por toda a parte conhecidos como verdadeiros benemeritos do seu paiz! Que jornal deixaria de aproveitar com avidez a occasião de premiar taes benemeritos? .. A REVISTA UNIVERSAL, pelo menos, teria n'isso a maior ufania. E se alguma coisa do que deixâmos aconselhado, em alguma parte se pozer por obra, desde aqui rogamos a seus auctores no-lo participem, para que, no tributar-lhes os devidos encomios e agradecimentos, incitemos outros a imital-os.

A. F. de C.

Aperfeiçoamento Lithographico.

LISBOA.

4 Era geral entre nós o esmorecimento nos emprehendedores de trabalhos lithographicos: os desenhadores tinham creado horror a similhantes obras pelo discrédito que, em vez de gloria, sacavam d'ellas: poucos perseveravam nas tentativas, e esses não curavam de aprimorar o que tinham por certo se desfaria antes de chegar ao publico.

A Officina do Sr. Manoel Luiz da Costa, com ter sido sempre a menos atrazada, esforçar-se constantemente, á custa de trabalhos e despezas, para a perfeição, e haver por vezes recebido os elogios da imprensa, a lithographia do Sr. M. L. da Costa, pouco menos assolava do que as outras, do que são boa prova muitos dos *Quadros Historicos de Portugal*, e as soberbas cópias do Sr. Lopes. Provinha isto da desculpavel ignorancia em que todos jaziamos ácerca dos melhores methodos de preparar as pedras depois de desenhadas; methodos conhecidos, e praticados por algumas officinas lá de fóra, mas cujo segredo costuma ser com grande ciume recatado por seus auctores ou possuidores. O primeiro impressor d'esta officina, a quem o Sr. M. L. havia feito director d'ella, por lhe reconhecer o prestimo e boa vontade, o Sr. José Antonio da Silva, que ha largo tempo trabalha por desencantar algum bom processo com uma admiravel perseverança da sua parte, e não menos generosidade da do Sr. M. L., que jámais recusou os gastos causados pelas novas experiencias, acaba finalmente de inventar um processo, que nem levemente damnifica os desenhos mais bem acabados e subtis, as linhas finissimas de que se as estampas costumam guarnecer, e quaesquer letras, que n'ellas haja. Este rico descobrimento portuguez, e só portuguez, ainda passa adiante com as suas vantagens, pelo grande brilho, que por uma tal operação se communica á estampa. A esta operação deverá incontestavelmente dar-se, e manter-se, o nome do seu auctor, chamando-se-lhe *acidulação de Silva*.

Já sem tacha de vangloria podemos dizer que possuimos hoje em Portugal perfeita lithographia.

Não serão o Sr. Silva, como inventor, e o Sr. Costa, como coadjuvador efficaz, merecedores de uma medalha? Nós os lembramos, e recommendamos á Academia de Bellas Artes, a quem toca servir n'esta parte de Curador de Orphãos.

M. J. S.

Novo fabrico de papel.

LISBOA.

5 Consta-nos que o Sr. *Gillon* se propõe fazer excellente papel de *estrume de cavallo*: consiste, segundo parece, o seu processo, em extrahir d'entre as substancias heterogéneas os residuos da palha, que ahi se contém, e dos quaes, depois de certas preparações, se fabrica a massa. Este papel, alvo, consistente, e liso,

póde servir assim para escripta como para impressão. O Sr. *Gitton*, requereu, e espera obter, do nosso Governo, o privilegio, não de inventor, mas de introductor d'este util invento.

Admiravel fabrico de ferro.

BERLIM.

6 As fundicções de ferro em Berlim gozão de uma reputação europêa. Ha pouco tempo um fabricante d'aquella cidade mandou ao Principe Alberto, marido da Rainha de Inglaterra, um jaleco tecido de ferro, com algibeiras, botões, e forro do mesmo metal. E' mui curioso pela finura e elasticidade.

Este invento pode vir ainda a ser no mundo de uma grande vantagem: de malha de ferro, e folha de ferro, se vestiam, e armavam os cavalleiros da edade media, costume esse já tambem em grande parte seguido dos Romanos, e mais antigos povos: o demasiado peso de taes vestidos defensivos, e o embaraço que necessariamente causavam, os fizeram abolir quasi totalmente; mas com a leveza e flexibilidade, que se diz haver nos fabricados na Prussia, pode a milicia, adoptando-os, receber uma vantagem extraordinaria.

R. L.

Compositor Mechanico.

LONDRES.

7 YOUNG e DELAMBRE, de Londres, inventaram agora um engenho, que na typograhia suppre as vezes de compositor. Faz, e justifica, uma pagina de 12,000 letras, em duas horas, isto é, 6 horas menos que o official mais desembaraçado. Diligenciamos obter a descripção, e desengo d'esta machina para os publicarmos.

R. L.

Inesperado Prestimo das pernas.

ALLEMANHA.

8 Já se anda a pé por cima d'agua. Um Sapador em Magdeburgo dá seus passeios pelo Elba abaixo, e atravessa-o muito frescamente de parte a parte. Costuma levar uma maromba, que lhe serve de leme, mas tambem prescinde d'ella. Varias vezes o tem feito com a sua mochila ás costas, carregando e descarregando a espingarda. Todos os Sapadores d'aquelle districto hão de para o anno aprender este exercicio, que em muitas occasiões pode ser vantajosissimo.

F. M. P.

Phosphoros.

9 Diz um periodico francez, que os *palitos* chamados *phosphoricos*, cujo uso se tornou generalissimo, serão muito bons para os consumidores, mas foram um invento desgraçado para as Companhias de Seguro: só uma d'ellas calcula em seis centos mil cruzados o prejuizo, que tem padecido com os incendios, que d'aqui tem resultado.

E' este um facto que muito importava chegasse á noticia de todos; e muito convirá, que fique presente na memoria de quantos usam de tal, a bem de terem a maior cautella.

F. M. P.

Recipe.

CONTRA A MANIA DAS EMIGRAÇÕES.

MADEIRA — AÇORES.

10 TRASLADAMOS o Officio que o Vice-Consul de Portugal em Nova Yorck endereçou ao Sr. Administrador Geral do Funchal: e porque assaz se commenta por si mesmo, o não commentaremos.

« Valho-me desta opportunidade para informar a V. Exc.ª, que continuamente procuram este Vice-Consulado Subditos Portuguezes, mórmente da Madeira, e Ilhas dos Açôres, exhauridos de bens, implorando soccorro para regressarem a suas Patrias; e venho no conhecimento, que geralmente são Emigrados d'essas Ilhas, que tinham ido para as » Oeste Indias » e que se têem arrependido de sahir da sua Patria. Um motivo que me leva a representar isto a V. Exc.ª é para vêr se V. Exc.ª, como Administrador Geral do Districto do Funchal, pode, em accordo com Leis, que possam haver, ordenar a descontinuação d'estas Emigrações a fim de não procurarem a final este Vice-Consulado os ditos desgraçados. Tenho n'esta mesma data enviado uma Representação ao Redactor do Defensor, que espero elle insira, afim de mostrar aos que assim emigrarem a inutilidade (no caso de se lhes baldarem as esperanças) de procurar este Vice-Consul, e de se absterem d'estas *Emigrações, tão desastrosas para si como para a Patria d'onde emigram.*—Toda a influencia, que V. Exc.ª der para se publicar a Representação que envio áquelle Redactor, será tanto mais beneficio que faz á Nação em geral.—Deos Guarde a V. Exc.ª Nova York aos 30 de Junho de 1841.—Illm.º e Exm.º Sr. Domingos Olavo Corrêa d'Azevedo, Administrador Geral do Districto do Funchal.— Philip N. Searl — Vice-Consul em Nova York.»

Pauperismo.

12 Segundo varios dados estatisticos que se ha pouco publicaram nos diversos Estados da Europa, cuja população total é de 230 milhões de habitantes, o numero de mendigos que vivem á custa da caridade publica, sóbe a 14 milhões, sendo a Inglaterra a que tem, proporcionalmente, maior numero d'elles, pois os soccorros que alli se distribuem por cada Parrochia aos do districto não fazem mais do que contribuir para o augmento da ociosidade e da pobreza.

Apresentâmos aqui o numero de pobres, que ha em relação aos habitantes de diversos paizes da Europa.

Na Inglaterra ha	1 pobre em cada		6 habitantes.	
» França... »	1	»	18	»
» Allemanha »	1	»	20	»
» Italia.... »	1	»	20	»
» Hespanha . »	1	»	25	»
» Portugal. . »	1	»	25	»

Não affiançaremos a exactidão d'esta ultima verba, a qual entendemos, que em realidade deverá ser um pouco mais subida, e desgraçadamente, por effeito de mil causas, bem notorias, e bem incontrastaveis, tornar-se-ha muito maior de anno para anno, e ainda de mez para mez!!.. E' este, sem contradição, um dos assumptos sociaes de maior monta. O *Pauperismo* parece uma molestia essencial dos povos civilisados. Muitos philosophos modernos o têem estudado, e estudam, escrutando as suas causas, a sua indole, todas as suas verdades, e diligenciando atinar com os remedios para a sua cura; é a pedra philosophal do nosso tempo.

Não se chegará a obter para os pobres o desejado ouro; mas, pelo decurso das tentativas, poder-se-hão ir fazendo alguns descobrimentos vantajosos para a especie humana. Alguma vez, por occasião de annunciarmos algumas d'essas obras novas, poderemos demorar-nos a discursar sobre este assumpto importantissimo. Por agora só diremos, que a praga do *Pauperismo* nos parece tão incuravel nos povos, como a da prostituição (que não é senão o *Pauperismo* sob um aspecto determinado); uma e outra provêm essencialmente do mesmo principio — a desigualdade dos haveres — mal gravissimo, porém indispensavel condição para a existencia dos povos, e contra o qual debalde se cança com dissertações eloquentes a misantropia de muitos philosophos phylantropos: a igualdade das fortunas é pelo menos uma chiméra.

A maior differença, que ha entre o *Pauperismo* puro, e o *Pauperismo* prostituição, é que o primeiro, parecendo mais respeitavel, e até certo ponto sagrado pelo seu mesmo infortunio, se representa como um peso totalmente inutil, um vexame sem nenhum genero de compensação; em quanto o segundo, menos desprezado, e mais desprezivel, mais immoral em sua indole, e mais contagioso pelo exemplo, serve, no corpo social viciado, como de fonticulo, e dando um respiro, e sahida certa á torrente da devassidão, lhe prohibe o diffundir-se pelas partes sãas, contaminal'as. Se pois, quanto ás meretrizes, é rigoroso dever da lei o toleral-as, protegel-as, policial-as, quanto aos mendigos, o dever da lei seria abolil-os, se podesse, e pelo menos forcejar para esse fim, ainda com perfeita convicção de não ter de chegar lá nunca.

O Asilo aberto, entre nós á mendicidade de ambos os sexos, é uma das mais formosas, e amaveis coisas que se podem ver, admirar, e estudar; mas que são dois ou tres centenares de infelizes felicitados, em com-

paração dos cardumes de miseraveis, que pejam as ruas mendigando, que durante a noite se figuram ser a população, e que ainda talvez, numericamente, são pouquissimo em comparação com a pobreza envergonhada ou esmorecida, que pelos sótãos assoviados dos ventos, ás escuras, entre filhos chorosos e nús se está finando!! Se em verdade os pobres entre nós estivessem hoje na proporção que acima se lhes attribue, Londres encerrando quatro vezes maior quantia d'elles, em respeito ao total de seus habitantes, Londres não devêra parecer uma cidade, mas uma mistura horrivel de hospital, de cadeia, de pucilga, e de inferno!... e é isso Londres?.... não! Londres são palacios, são bazares, são assembleas, são theatros, são ruas soberbas, e passeios magnificos, e fabricas estrondosas, e emprezas collossaes, e torrentes de carruagens, e armazens das mercadorias do universo, e monte de ouro, de luxo, de soberba. Nada mais!... mais nada! porque as cem mil cabeças da hydra de mendicidade não ousam de se amostrar; a policia as recalça desvelada, e continuamente com os pés lhes tapa a bocca. Em Londres confessa o *Morning Chronicle* (que é Jornal inglez, que tambem levanta por anno montes de ouro), só em Londres, morrem por anno á pura fome 200 pessoas!! e porque? porque ha em Londres quem tenha por dia um conto, dois contos, tres contos de reis! E' um triste thema este para sobre elle se dissertar, e melhor é fugir-lhe, que as suas consequencias conduzem longe; o que porem não consente duvida é que nem sempre os paizes mais grandiosamente prosperos são os mais cheios de felicidade—é para nós outros uma consolação—e finalmente, que se a desconforme desproporção nos haveres dos individuos é uma calamidade, e de certo modo uma offensa ao bom senso, e á natureza, menos temos logo para nos lamentar do nosso estado, por nos faltarem esses fructos da civilisação maxima, a grande industria, e o grande commercio, que são os maiores inimigos, não da igualdade, que essa é impossivel, porém da menor desigualdade das posses. Assim quando a Inglaterra, alardeando-nos todas as suas maravilhas, nos perguntasse ufanamente—haveis isto?...—mostrando-lhe os nossos poucos mendigos, nós lhe responderiamos—e vós senhores do mundo, haveis só isto?..

X.

Marinha comparada.

FRANÇA—INGLATERRA—ESTADOS UNIDOS.

12 Em um dos ultimos numeros do *Times*, de Londres, se acha o parallelo entre a actual marinha mercante e de guerra, Ingleza, Franceza, e dos Estados-Unidos.—A Inglaterra possue actualmente 27,896 navios mercantes, 565 vasos de guerra, e 181,642 marinheiros.—A França 5,391 navios mercantes, 350 de guerra, e 35,000 marinheiros.—Os Estados-Unidos 16,666 navios mercantes, 68 de guerra, e 108,000 marinheiros.

F. M. P.

Conspiração de Negos escravos.

NOVA ORLEANS.

13 Descubriu-se uma conspiração de Negros, que tinha por mira o dar cabo de todos os brancos; e tão bem traçada estava ella, segundo parece, que em umas cento e cincoenta milhas de costa (tanto vai da cidade da Nova Orleans até *Natchez*), nem um branco havia de escapar. Descubriu-se a tempo, deram-se providencias, prenderam-se innumeraveis dos levantados, e muitos d'estes se diz que estavam para ser, sem nenhuma forma de processo, justiçados. As primeiras noticias, que vierem dos Estados-Unidos, nos declararão o exito d'esta dolorosa tragedia.

Reinava consternação profunda nos arredores de Bayon-Sarah; todos os brancos estavam em armas, e requeriam justiça rigorosa e immediata.

R. L.

Direitos Differenciaes.

BORDEOS.

14 O Tribunal de Commercio de Bordeos

acaba de sentenciar uma causa em que havia dois pontos importantes.

Tratava-se de saber se a lei de 1836, que outorga um beneficio de cinco por cento nos direitos de alfandega sobre as mercadorias importadas em direitura das ilhas de *Sonda* por navios francezes, exigia que estes houvessem sido carregados, em todo ou em parte, nas ditas Ilhas, ou se bastava, que os navios lá houvessem tocado, sem curar do porto onde carregaram. Tratava-se mais de decidir se um Decreto, que em 1838 tinha annulado aquelle direito differencial, era constitucional, e como tal, obrigatorio. O Tribunal decidio que bastava, para haver direito ao beneficio dos cinco por cento, haver tocado nas Ilhas de *Sonda*, e d'ahi voltado de rota seguida a porto Francez. Decidio mais, que o Decreto de 1838 era inconstitucional, pois ao mesmo tempo que augmentava os direitos reduzidos pela lei de 1836, creava um imposto, o que ao Rei não é permittido, nem pelas leis vigentes relativas ás alfandegas, nem pela Carta de 1830.

M.

Repressão de sevicias contra animaes.

ALLEMANHA.

15 A fria terra, e aquelle céu tão sombrio de Allemanha, criam mais corações generosos, que os paizes aveludados, os céus de ouro e rosas de outras partes: Allemanha podéra a muitos respeitos ser a mestra, e exemplar dos povos. Aos que a não estudaram em si mesma, aos que, nem já sequer pelo retrato, que d'ella nos fez Madame de Stael, a conhecem, queremos agora dar um pequeno indicio por onde (sem nenhum perigo d'errar) conceituem a sua extremada moralidade.

Em Berlim se publicou ultimamente uma pragmatica do Ministro do Reino, Intendente de Policia, pela qual todos os que forem vistos, ou sabidos commetter contra animaes alguma crueldade, serão punidos com prisão, e outros castigos pessoaes, proporcionados com a gravidade do caso.

O pensamento não é novo, nem o podia ser; pertence á natureza. Os mahometanos e os indios são, por principio religioso, mui benignos para com os brutos; é até na Inglaterra existem sociedades para proteger o cão, o cavallo, que tiveram o bom acerto de nascer subditos da Grã-Bretanha. Em toda a parte os bons educadores se esmeram em influir nos corações tenros dos seus alumnos um espirito de generosidade, de caridade, e justiça, que repugna com qualquer crueza contra desvalidos, pertençam elles a que especie pertencerem. Na Allemanha porem pensa-se mais, e ousa-se mais!.... Ousa-se converter em lei, e lei severa, o que nas outras partes não passa de dictame, ou conselho, e sobre tudo a lei allemãa não apparece, como aquellas sociedades inglezas, no meio do cardume de outros costumes deshumanos, e barbaros, por onde já alguem disse,—«*que antes ser em Inglaterra cão nacional do que homem estrangeiro — antes boi do que artifice — antes cavallo que mendigo — antes carneiro, ou galinha, ou tudo, do que filho de pobre!*»— No dar, e commentar de fugida esta noticia allemãa, alguma coisa tivemos a peito mais do que lançar pasto á curiosidade. Desejamos inclinar as attenções do Publico, e particularmente as dos Legisladores, a dos Cabeças dos municipios, para um assumpto de muito maior importancia, em relação aos bons costumes, do que á primeira vista se representa.

A. F. de C.

Achada d'estatuas antigas.

BEAUVAIS.

16 DESENCANTOU agora um architecto duas estatuas christãas do maior interesse para a historia das Boas Artes: são ambas do fim do Seculo 13.º, pintadas e douradas, representando a Virgem Mãe antes, e depois da Natividade. tem uma, vestido azul com manto incarnado, a outra vestido, e manto roxo, tudo em ambas mui bem arraiado de folhagem, flores miudas de ouro; grifos, e liões de armaria, debuxados tambem de ouro em umas placas folheadas.

No vestido azul da Senhora, que tem o Menino Jesus no collo, ha uma fiada de medalhas divididas umas de outras por pares de gallos, uns a brigar, outros a cantar, e uns e outros regularmente revezados. São estas duas Virgens d'estatura ao natural, têem os olhos azues, e os cabellos dourados. A

Virgem Mãe está coroada, e sentada em throno como rainha; representa-se muito ufana do Filho, com quem brinca, a outra, que ainda não é mãi, está em pé, sem corôa, e no acanhamento que mostra, faz opposição com a ufania da primeira. A pintura applicada á estatuaria, como aqui, lança uma rica luz para o estudo dos *panejamentos* bordados de ouro, de que na edade media se usara, o que torna tal noticia de interesse, assim para artistas como para poetas, e novelleiros do genero que mais se costuma hoje em dia. Ambas estas estatuas sahiram d'umas ruinas, onde provavelmente jazeram por espaço de alguns 200 annos.

A. M. de C.

Igreja Christãa entre infieis.

TUNES.

17 NA grande cidade de Tunes, cabeça do reino do mesmo nome, memoravel por sua antiguidade, e por ser a filha (ainda que não a herdeira) da antiga, e famosa Carthago, no proprio recinto dos torreados muros, que a guarnecem, e por entre as trezentas mesquitas que a povoam, mãos christãs — acreditai-o-hieis! — abriram ultimamente a terra, e lançaram no seu seio a primeira pedra para uma Igreja. Esta pedra aos olhos da philosophia, não menos que aos da piedade, bem se deve representar como mais preciosa, que um diamante de igual peso, se no mundo o houvera; é uma semente de verdade e de civilisação, que em terreno safaro, e desgraçado se estreia, e tem (com o tempo) de produzir fructos para a terra, e para o céo. Muito ha já que Tunes tolerava capellas christãas, mas tratava-as como a leprosos, ou apestados; detinha-as de seus muros afora, d'ora avante a Igreja Christãa, aquella mesma Igreja, que em toda a nossa Peninsula, que em tanta Asia, e que em tanta Africa supplantára as mesquitas do Propheta, vae levantar-se entre ellas no proprio coração de uma das mais mahometanas cidades do mundo.

A. F. de C.

Congresso de Sabios.

LYÃO DE FRANÇA.

18 NO *espirito de associação* consiste principalmente o dom dos milagres, que distingue a civilisação actual de todas as que lhe antecederam: a associação é a omnipotencia terrestre. Este axioma, em que se cifram evangelhos de *progresso*, deve ser quotidianamente prégado entre nós, menos pelo raciocinio, que pelos exemplos.

Em Lyão de França temos um recentissimo. Ahi se ha de ter reunido o mez passado um concilio scientifico, ainda antes do de Italia. Os doutos e sabios, como acabassem do primeiro, acudiriam provavelmente ao segundo. O Principe de *Musignano*, Carlos Bonaparte, obteve especial outorga do governo para se ir lá.

Griffo, Turinez, flor dos médicos de Italia, *Necker de Saussure*, os Doutores *Lombard* e *Peschier*, de Ginebra, o Doutor *Mayor*, de Louzana, célebre auctor da *Cirurgia Popular*, e muitos outros varões abalisados, conconcorrem campiões áquelles aparatosos torneios da inteligencia, dos quaes ora principiamos, e depois continuaremos a fazer relação.

A 1 do passado Setembro, deram principio entre innumeravel concurso de pessoas de todas as classes. No magnifico templo gothico onde os sabios ouviram sua missa solemne, que foi como a digna, e religiosa prefação a seus trabalhos, se ostentavam, como tropheos, as bandeiras de todas as nações, cuja sciencia ahi tinha deputados. Porque faltava o Estendarte das Quinas? Não haverá ahi Alferes, que em guerras taes o podesse ir arvorar, e manter-lhe n'ellas o credito, que nas do ferro, e das conquistas lhe grangeáramos!.

A 2 se abriu a primeira conferencia nos Paços do concelho, assistindo para cima de trezentos ouvintes: sahiu Presidente *Saussurd*, e Vice-Presidentes, *Caumon*, *Hecker*, e *Achard-James*.

No dia 3 organizaram-se as commissões, que depois se reuniram em assemblea geral, e foi interinamente nomeado presidente o *Maire* de Lyão.

A Commissão, a quem tocou o arranjo das

festas, reservava para corôa dos trabalhos uma illuminação esplendida, e uma façanhosa orchestra (*concerto monstro* lhe chamam) no rio, o qual estaria ladrilhado de barcos engrinaldados, e empavezados com as bandeiras das nações no congresso representadas.

Fonrnet, professor de geologia, leu uma grande *Memoria sobre os ventos, que dominão em França.*

Clerc uma *noticia* sobre a inflexão dos raios solares, que roçam pela lua e penetram na sua presupposta atmosphera, e acabou aconselhando aos astronomos que observem cuidadosamente os tres eclypses de 1842.

Ithier participou o resultado de seus estudos sobre *electoplastia* (esculptura mechanica). Depois de haver exposto a parte historica d'este invento de *Jacobi*, de S. Petersburgo, descreveu-lhe o methodo, e os melhoramentos que lhe fez: Apresentou depois á assemblea a sua machina tão simples como engenhosa; mostrou medalhas perfeitamente executadas, e um busto que sahiu primoroso. Foi sobre maneira applaudido.

Na sessão de litteratura, philosophia, e economia politica, tratou-se de achar remedio de vida para os jornoleiros honrados e infelizes.

Lecerf propoz formar-se uma sociedade de soccorros mutuos, cujo monte commum se repartisse por taes jornaleiros, segundo o decidisse um jury especial, competente e soberano.

Falconet lembrou se creasse um cofre de subsidios, tomando um centesimo por franco no salario dos jornaleiros, e um centessimo, por 5 francos, no valor das fazendas — impondo multas aos obreiros negligentes ou viciosos —, e applicando mais para este importante fim o que se haja de poupar pela realisação dos novos methodos inventados em Lyão para o fabrico das sedas. A somma d'estes fundos servirá para pensões a artifices invalidos, segundo o competente jury lh'as decretar.

Sobre este assumpto pedimos a nossos leitores, que reflictam. E' já ponderoso em Portugal, e cada vez o será mais.

O Principe de *Musignano* convidou, em nome do Presidente do futuro Congresso de Florença, a todos os sabios presentes para comparecerem lá, promettendo de si, que a todos lhes faria agasalho e honra, como lhes cabia.

» Nasci nas margens do Sena, disse elle aos francezes, mas quer-me a fortuna em Italia. O Duque de Toscana vos hospedará segundo cumpre, mas por feliz me darei eu se a patricios meus, e taes, podér ser util, e servir de medianeiro entre sabios de duas nações, que tantos motivos têem para fraternidade. »

A. M. de C.

Instrucção gratuita.

PARIS E LISBOA.

HA alguns annos, que a Camara Municipal de Paris se desvela no ensino primario, o qual lhe tem vingado ás mil maravilhas; todavia no estado actual da sociedade franceza, particularmente na Capital, já a instrucção popular não podia limitar-se a saber ler, escrever, e contar, e por isso se creou uma escola á custa do municipio, na qual, depois de completa a instrucção primaria, se vão tomar conhecimentos mais adequados ás necessidades sociaes, e ao progresso das Artes: Mathematica, Physica, Chimica, Historia Natural, Desenho, Litteratura, etc., são os estudos a que alli se consagram os discipulos da escola primaria superior.

Com gosto aproveitamos esta occasião para citar de jovens patricios nossos um exemplo de zelo, e virtude summamente honroso, e que oxalá seja por outros imitado. Na *Sociedade Escholastico-Philomatica*, reorganizada em Lisboa haverá 4 mezes, composta de mancebos das mais altas esperanças, e cujos debates offerecem, pelo saber, pela eloquencia, e pelo amor energico da gloria portugueza, um espectaculo de verdadeiro interesse, n'esta Sociedade, dois de seus membros acabam de abrir cursos gratuitos de materias utilissimas para todas as pessoas, que d'elles se quizerem aproveitar: e para tornal-os mais accessiveis a empregados, á artifices, a todos aquelles a quem o dia he necessario para o grangeio do seu pão, é de noite que tem logar estas generosas prelecções. O Snr. Ribeiro de Sá, de edade de 20 annos, Estudante distinto e premiado da Escola Politechnica, e filho do Snr. Conselheiro Luiz José Ribeiro, professa a *Physica applicada ás Artes*. O Snr. Rebello da Silva, Estudante em Coimbra, filho do Snr. ex-Deputado Luiz Antonio Rebello da Silva, ensina a *Historia Universal*. O local das lições é nas ca-

sas da mesma Sociedade, Rua de Santa Martha n.º 23: os dias para ambos os Cursos são todos os sabbados. O 1.º começará ás 7 horas da tarde, e o 2.º depois de findo o 1.º

F. de P. G.

Companhia Theatral Franceza.

LISBOA.

20 CONSTA que o Sr. Conde de Farrobo escripturára uma companhia de actores francezes, para vir trabalhar n'esta Cidade. Melhores fados lhe assistam, se assim fôr, do que já aconteceu á de Saint Eugène em 1820, e ultimamente á de Emilio Doux: em boa hora venha ella; que nos aproveite mais, do que nos damne. Se porém o *seu repertorio* tem de vir recheado dos terrores absurdos, e immoralidades doiradas, que já por lá se não consentem; se os nossos actores, em vez de tomar dos novos hóspedes só o que elles tiverem de bom, procurarem imital-os no tom francez de declamar a nossa lingua, como já ha muito tempo diligencêam, e têem conseguido, então Deus detenha por lá esses Antonys, e Lucrécias Borgias, esses Genios da Noite, e Cabros montezes ambulantes, que para praga antipatriota bem basta, o que basta. Ficamos á espéra; e trataremos d'este assumpto, quando for tempo, com a gravidade, que lhe é devida.

M. A. de A.

Opera Italiana.

S. CARLOS.

21 CORREque a actual Emprêsa tem escripturado, e espera apresentar de novo, e brevemente, em S. Carlos, Maggioriti e Fornasari: dizem, que a Sr.ª Neri Passerini já se acha n'esta cidade. Esta noticia tem importancia para os amantes da musica.

M.

Silvio Pellico.

MILÃO

TRADUCÇÃO PORTUGUEZA DAS *Mie Prigioni.*

22 O Auctor de um dos mais bellos, de um dos mais uteis livros produzido n'esta edade, o philosopho, o religioso auctor das *Mie Prigioni*, Silvio Péllico finalmente, expirou em Milão! . . . . Perdeu a humanidade um mestre, e um exemplar; a litteratura e a poesia um brazão; cada um de seus leitores um amigo; e a Italia um homem de bem! . . . . Um de seus intimos, tambem litterato, que lhe assistio nos ultimos momentos, nos dará, segundo se espera, o relatorio de tal scena: é de esperar, que seja uma nova lição.

Péllico, ainda no verdor da primeira mocidade, soubera perdoar, e abençoar os homens, que por decurso de annos lh'o tiveram sepultada nos abismos das mais rigorosas prisões de Estado; Péllico ahi se consolára de tudo, amando a tudo, poetisando tudo, orando e esperando sempre. Com que resignação, com que alvoroço não devia pois agora ver avisinhar-se o anjo, que de um mundo, onde tanto se póde padecer, o ia conduzir lá onde o amor é permanente, e sem fim, a poesia realidade, as passadas penas triumphos; lá onde as orações succedem as graças, e ás esperanças a posse! Se a consciencia de ter perfeito uma boa obra é o melhor balsamo de conforto para moribundos, a idéa de cada um dos capitulos, que elle extrahira do fundo de seu coração houve necessariamente de se lhe apresentar n'aquella hora tremenda de geral revista, como uma pregoeira de fé, e de esperança; porque todas o haviam sido de caridade. A sua Italia lhe levantará por ventura um monumento, o qual, por maior que seja, não igualará o que elle ergueu á sua Italia.

Nós a quem seu livro já foi bálsamo de vida nos mais crueis martyrios d'ella, aqui nos apressamos de lhe pagar o nosso tributo de gratidão. E porque a melhor flor com que podemos brindar-lhe o sepulchro, é o imital-o na ancia de bem fazer a infelizes, aos do nosso paiz, ecommendamos a lição, e estudo das *Minhas Prisões* recentemente vertidas em vulgar por um anonimo, e impressas em Coimbra. A traducção é digna do original, pela uncção do estilo, e até pelo dote, muito mais raro, de extremada pureza na linguagem.

Se de relance abirdes esta versão, e curtis penas, nunca mais d'entre as mãos a largareis, senão quando pelo coração a houverdes decorado.

A. F. de C.

Monstruosidade Typographica.

ESTADOS UNIDOS DA AMERICA.

23 Existe, de ha pouco tempo a esta parte, um Jornal americano com o titulo de *Quadruple-Boston-Notion*, cujo aspecto só por si aterra aos mais intrepidos leitores. A folha aberta cobre uma superficie d'uma braça, tres palmos, e cinco pollegadas de largura, e de metade de altura. Dobrada em quarto tem em cada uma das oito paginas doze columnas de letra miudissima, que andará por um terço do nosso breviario miudo.

Este Golias da imprensa dá em cada um dos seus numeros a materia de mais de oito volumes em oitavo. O segundo numero engoliu em sós dez columnas todo o livro do *Ultimo dia de um Condemnado* de Victor Hugo; d'onde se segue, que n'um dia absorveria uns tres annos de Panorama.

Sobre os dados, que ácerca d'este Jornal conseguimos, fez um de nossos collaboradores os seguintes calculos.

Tem cada pagina seis palmos, seis pollegadas, e seis linhas de largo, e tres palmos, uma pollegada, e seis linhas de alto.

Cada pagina doze columnas; e as oito paginas 96 columnas: cada columna tendo quatro pollegadas e meia de largura, e seis palmos, cinco pollegadas e seis linhas de altura, deve conter 737 linhas, e cada linha, termo médio, 195 letras; logo cada pagina 143,715 letras, e o Jornal todo 1:796$840.

Deverá pesar o typo de cada columna 23 arrateis; o de cada pagina 17 arrobas e quatro arrateis; o de uma folha inteira 137 arrobas.

Supponha o importe de cada arratel de typo 700 rs., e não dando á officina mais typo do que o indispensavel para tres folhas, é o valor d'este 9:266$400 rs., e o seu peso 411 arrobas.

Para se compôr cada pagina, (supponho que os operarios trabalhem doze horas por dia, que já não será pouco) carece-se de 63 compositores: logo para todo o Jornal haverá compositores 504, isto é, um bom batalhão.

Para um monstro como este são precisos pelo menos 48 revedores: isto é, meia companhia.

Dando que receba cada compositor só 480 rs. por dia, são necessarios por folha para compositores, 241$920 rs. Para revedores, pagando-lhes a 800 rs., 38$400. Para auctores, traductores, extractadores, e compiladores, supponho, que uns por outros possão fazer por dia um quarto de columna, e pagando-lhes, tambem uns por outros a 1200 rs., 460$800 rs. Necessita-se para 20$000 exemplares de cada folha, orçando a folha de papel pela ninharia de 20 rs., 400$000 rs. Calculão-se as mais despezas grossas e miudas, como renda de casas, correspondentes, portes de correio, assignaturas de jornaes, serventes, luzes, vapor, tinta etc. etc. 400$000 rs. diarios.

Somma da despeza diaria 1:541$120 rs.

Para se ler cada um numero d'este Jornal, são precisas pelo menos 50 horas: deduzindo das 24 do dia as do comer, as do descançar, as do dormir (as quaes o mesmo jornal provavelmente augmentará), são precisas a cada leitor, que não tenha outra occupação, doze horas; logo o mais *constante leitor* de tal papel só leria em cada mez sete numeros, e quando finda a leitura do meado de Março entrasse doido para o hospital, levaria ainda para endoidecer os seus enfermeiros os numeros de todo o resto do anno.

Se este Jornal se imprimisse em Lisboa, do que estamos livres, seria o porte de cada folha recebida no Porto, 240 rs.: o que faria por anno do porte, deduzindo os dias feriados, 68$400 rs.

Esta obra, mais espantosa do que util, corresponde entre os modernos ao que entre os antigos fôram o tumulo de Nino em Babylonia, e a grande piramide no Egipto: monumentos memoraveis pela imensidade de sua mole, mas totalmente estereis para a posteridade. A piramide, e o tumulo não contiveram, senão pó e vaidade de reis; os seculos que vierem, poderão não encontar no *Quadruple-Boston-Notion* mais do que pó de verdades e de sciencias; emfim é uma prova de que os Americanos, deixando de ser inglezes alguma coisa comtudo ficaram conservando do genio de gigantéa singularidade dos seus antigos senhores. O *quadruple-Boston-Noteon* é pouco mais ou menos, o mesmo que o *Queijo de Polipheno* offerecido por galantaria por um nação civilisada para almoço de uma joven rainha.

F. M. S. B.

Obras portuguezas que se acham no prélo.

LISBOA.

24 O 3.º volume da collecção das obras do Sr. Garre-,

no qual se comprehendem uma trazedia, e uma comedia; Mérope, e um Auto de Gil Vicente, ou a Côrte de Elrei D. Manoel.

O 1.° volume da traducção das Metamorphoses de Ovidio, pelo Snr. Antonio Feliciano de Castilho; sahirá dentro em poucos dias.

O quaderno nono dos Quadros Historicos de Portugal pelo mesmo.

O quarto volume do Curso de Agricultura de Raspail —Tractado dos jardins—traduzido e anotado pelo Sr. Dr. Figueiredo.

A continuação do Diccionario das Sciencias Medicas do Sr. Dr. Lima Leitão.

No dia 2 d'este mez sahirá á luz o 1.° numero da *Gazetta dos Tribunaes*, empreza da Sociedade Juridica muito desejamos ver prosperar pela sua incontestavel, e geral utilidade.

Annaes para a Historia do tempo, que durou a Usurpação de D. Miguel, por José Liberato Freire de Carvalho.

O Ensaio politico, já impresso, do mesmo auctor é como que um prologo destes Annaes.

Um Tractado da Responsabilidade, e das garantias dos Agentes do Poder em geral, pelo Sr. Diogo Goes Lara de Andrade, antigo Redactor do Diario do *Governo*, e auctor d'outras obras politicas estimadas, e ex-primeiro Bibliothecario do Porto. O volume será de 8.° francez, e de 8 folhas de impressão pouco mais ou menos. Preço 400. rs. para os Subscriptores, pagos no acto da entrega—avulso 500 rs.

Hygiene, e Medicina Popular, pelo Dr. G. Cenazi. Esta obra é especialmente destinada ao uso do Povo, sobre tudo nos logares aonde a Medicina se acha confiada aos cuidados de homens sem abonação alguma legal, nem os devidos conhecimentos: a sua utilidade deve ser grande; porque não só ensinará os meios de conservar a saude, mas tambem apontará os remedios mais promptos para certos casos d'enfermidade, que os demandam. Tornaremos a este, assumpto quando a obra sair a publico.

Acerca do *Romanceiro* do Sr. Pisarro, de ha largo tempo annunciado, lemos em Jornaes de Lisboa do dia 27 de Setembro, o seguinte = *Aos Srs. Assignantes do Romanceiro* = Motivos que seria longo referir, e que por generosidade, não por dever, calaremos, tem obstado até agora a publicação do *Romanceiro*. Esperamos com tudo que ella se verificará no decurso da semana proxima. *O Editor*

M. P. S.

Manual de Medicina Legal.

LISBOA

Acabou de imprimir-se, na Typographia do Sr. João Antonio da Silva Rodrigues, Rua da Condeça N.° 19. e vai incessantemente publicar-se, vendendo-se na loja de livros do Sr Antonio Marques da Silva, Rua Augusta N.° 2. = *O Manual Completo de Medicina Legal*, considerada em suas referencias com a Legislação actual; obra particularmente destinada aos Srs. Medicos, Advogados, e Jurados, por C. Sédillot, Cirurgião Demonstrador no Hospital Militar de Instrucção de Paris, Lente Substituto da Faculdade de Medicina etc. — Vertida da segunda edição do original francez, e annotada com a Legislação portugueza, que lhe é relativa, e com outros muitos esclarecimentos á doutrina do texto; accrescendo a versão de um resumo interessantissimo das recentes indagações do Sr *Orfila* sobre os progressos da putrefacção debaixo da terra; pelo Sr. Dr. Antonio José de Lima Leitão, Lente de Clinica Medica, Hygiene Publica, e Medicina Legal da Escola Medico-Cirurgica de Lisboa.

Esta obra, que é compendio nesta Escola, vai precedida de um Resumo da Historia da Medicina Legal, feito por *Foderé* até ao seu tempo, e continuado até hoje pelo Sr. Lima Leitão. E' seguida do Resumo das mudanças physicas por que passam os tecidos dos cadaveres enterrados em covas particulares, observadas pelo Sr. *Orfila*; assumpto hoje da maior importancia neste ramo da Sciencia. —Tem este livro quinhentas e quarenta paginas em 8.° grande e bom papel.

Em quanto não damos uma especie de analyse d'este trabalho, que recommendâmos por muitissimo necessario á grande maioria dos cidadãos, copiamos as seguintes passagens da introducção que, como traductor e annotador, o Sr. Lima Leitão põe á frente deste livro. —«Fiz quanto pude para que a linguagem, e o estilo desta versão fossem faceis e correntes, como convêm a uma obra de pura instrucção: quis desempenhar os preceitos de Cicero quando trata do *estilo dos Philosophos*.—» Parecêram-me tão máos os gallicismos como as nossas antigalhas abstrusas...... Tambem devemos ver que, não havendo nós cultivado originalmente nenhum dos ramos medicos, havemos por força de adoptar frases e termos das linguas em que taes ideas nascêram, e os quaes alli forão adoptados esses termos e essas frases: o tudo está em moldal-os com arte pelo cunho portuguez.—» Comtudo, penso que os Alumnos acharão que lhe poupei trabalho, facilitando-lhe a intelligencia d'aquelle livro; que lhe abri o passo para não cahirem nos despropositados gallissimos, aliás frequentes, em nossas conversações medicas; e que lhes proporcionei, na lingua patria, e sobre este interessantissimo ramo, uma frasiologia e uma termologia, que todavia sujeito a investigações ulteriores, mas que não tinhamos, assim como não a temos nos outros ramos da nossa profissão.... » Este serviço espero tambem, que reconhecerão feito a si os Facultativos sinceros, e a grande parte dos outros Cidadãos a quem este livro é necessario: é elle o unico, que temos em portuguez ao nivel com a actualidade da Sciencia e da Legislação, pois que a *Medicina Forense* do nosso erudito e incançavel Jurisconsulto Ferreira Borges, além de outros inconvenientes, está atrazada n'estes objectos ambos.

M. P. S.

Por falta de espaço damos hoje pouca bibliographia portugueza, e nada da estrangeira: no seguinte numero resarciremos amplamente esta omissão; e em todos diligenciaremos satisfazer com a maior cópia de taes noticias, que nos seja possivel, a insaciavel avidez dos apaixonados da leitura.

TYPOGRAPHIA DE J. A. S. RODRIGUES

Rua da Condeça n.° 19.

Scientifica, Litteraria, Agricola, Commercial

Chronica Judicial, Artistica, e Economica de todo o mundo.

REVISTA UNIVERSAL.

N.° 2.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS.

POR 12 NUMEROS	480
POR 24 »	960
POR 52 »	1920

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, RUA DOS FANQUEIROS N.° 107, 1.° ANDAR.

Quinta feira 7 de Outubro de 1841.

A Redacção da REVISTA UNIVERSAL acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Faxa Hydraulica, de Monteiro.

PORTUGAL.

25 Este invento de um patricio nosso é um dos bonissimos dos modernos tempos, um dos que mais convem se apregôem, até serem por toda a parte recebidos. Pôsto que de author portuguez, os Jornaes scientificos e Academias estrangeiras o engrandeceram com louvores, nações altivas o adoptaram, e ambos os Governos da nossa Peninsula o coroaram com o privilegio da lei. Um pouco annunciaram já ácerca da *Faxa Hydraulica* alguns periodicos de Lisboa; mas, porque não lograram ainda tornal-a conhecida e cubiçada, havemos por gostoso dever nosso o supprir essa mingua: para o que, eis-aqui em resumo o contheudo em um folheto de 14 paginas de oitavo grande e uma estampa, aqui impresso n'este anno de 1841, com o titulo de — *Aviso ao Publico. Descripção da Faxa ou Cinta hydraulica. Nova invenção para elevar, e dirigir a agua e outros liquidos a qualquer altura etc.*

As machinas até agora usadas para elevar a agua erão todas imperfeitas, insufficientes, e sobremaneira dispendiosas. A *Faxa Hydraulica* de Monteiro de todas ellas differe, e a todas sobreléva: differe, porque, em vez de elevar a agua, igando-a como as nóras, ou, como as bombas, sorvendo-a, tem a propriedade singular de a elevar obrando por attracção; e sobreléva, porque o seu custo é muito menor, o seu maneio muito mais facil, o seu producto muito mais avantajado, e a altura, a que póde arribar, illimitada.

De quatro péças se compõe essencialmente; dois tambores ou rôlos de madeira desiguaes em diametro, uma longa cinta de lan, e uma caixa. Dentro no pôço, rio, charco etc., de que se pretende haver a agua, está mettido o cilindro menos grosso, disposto horisontalmente, movel no seu eixo; o segundo e maior tambor, igualmente movel em um eixo, girará tambem horisontalmente, parallelo ao primeiro, e estará collocado na altura onde se pretende haver a agua: uma forte e longa cinta de lan, que terá de comprido

duas vezes a distancia, que vai de um a outro tambor, passando por cima do grande e por baixo do pequeno, se une e fecha comsigo mesma: o movimento, que por manivella ou por qualquer outra mechanica, por fôrça de homem, de animal, ou de vapor, se communica ao tambor alto, faz girar a cinta, como nas nóras o calabre; na rapidez, com que um dos lados d'ella sobe, arrebata, e leva comsigo uma consideravel e vistosa columna de agua, que o reveste, a qual, como chega acima, se lança e recolhe na caixa ou *taboleiro* d'onde depois se reparte para onde convem. A quantidade da agua, que assim per si se remonta, calcula-se em 50 a 80 arrateis por minuto por cada pollegada de largura, que tiver a *Faxa*; d'onde supponho a *Faxa* de 6 pollegadas dará por minuto 480; por hora 28,800; por dia 669,200 arrateis; isto é, 20,912 almudes e meio, e pipas de 25 almudes 836 e meia; presuppondo o movimento da machina produzido por um vapor, ou outro qualquer agente, da fôrça unicamente de dois e meio cavallos. Não é este um calculo phantastico; tal é a força e tal é o producto de uma das machinas d'este genero que em Londres trabalhão, a qual se acha em um dos principaes mercados, *Portman Market*. A *Faxa* é de tal arte preparada, que nem com a agua apodrece, nem se deixa entrar dos bichos. Ora sendo as bombas muito mais baratas que as nóras, ainda muito menor que o preço das bombas é o das Faxas hydraulicas.

As pessoas, que desejarem havel-as, podem dirigir-se em Lisboa ao Snr. Luiz Manoel d'Almeida, *Rua direita da Esperança* n.º 106, e no Porto ao Snr. Manoel José dos Santos Apolino; ou tambem de qualquer parte corresponder-se directamente com o inventor, o Snr. Luiz Antonio Monteiro, residente em Londres em *Somer Street*, n.º 9, *Oxford Terrace*; o qual alem das encommendas d'estes apparelhos, e de excellentes machinas de vapor, para os moverem, se promptifica a aviar, pelo melhor modo, prensas hydraulicas para azeite, imprensas, teares, moinhos de todas as classes, rodas de agua, gazómetros, apparelhos de fabricar gaz para allumiar fabricas e mais edificios grandes, e quaesquer outras machinas. Concluiremos, advertindo, a fim de promover a propagação das *Faxas*, que tambem as ha, e se podem mandar vir, pequenas, e de mão, isto é para serem movidas a braço d'um homem, com as quaes em cinco minutos se tira mais agua, do que aliás com balde, em um quarto de hora.

R. L.

Nova e estupenda creação de trigo.

FRANÇA.

26 ANDÃO a falar por França n'um descobrimento pasmoso. E' o modo de crear trigo sem lavoura, nem estrume, nem monda, e em máo terreno! Consiste o achado (que para nós é ainda bastante problematico) em cobrir a semente com uma camada de palha para que a germinação se prefaça, e prospere a colheita. Aqui tendes diversas experiencias recentementes feitas, e relatadas por seus authores, *Ch. Paillard* e *Bernard*, de Brest.

» 1.ª N'um campo que estava de centeio, por não prestar para trigo, facultaram-nos um quinhão de terreno de pousio, d'uns 100 pés quadrados de superficie, por lavrar e estrumar; cobrimo-lo de trigo, e estendemos-lhe por cima uma cama de palha de pollegada de altura. »

» 2.ª Em um quintal de terra pessima, que não via estrume havia muitos annos, assentámos e recalcámos parte do sólo até ficar como uma eira; lançámos-lhe uma porção de trigo, e cobrimos-lh'a tambem de palha. »

» 3.ª Pozemos 20 bagos de trigo sobre um vidro plano, que tapámos de igual maneira. »

» Em toda a parte se operou a germinação dentro em pouco, e sahio muito formosa. »

» Foi o inverno aspero. No quintal a terra que deixáramos nua lageou-se por muitas vezes com côstra de neve de seis pollegadas de grossura, d'onde morreram muitas plantas recozidas e degoladas pela raiz, mas debaixo da nossa palha sempre terra solta e natural, e a nossa sementeira illesa e triumphante.

» A primavera seguinte correu sêca; e ao mesmo tempo que todas as culturas circumvisinhas padeciam, as nossas gramíneas, que tinhão o pé na fresquidão, mercê da palha, medravão com furia. Houvemos abastadas colheitas; algumas hasteas vingáram a seis pés de alto, e derão 50, 60 até 82 bagos, mui grados, que maravilhavão a quantos n'elles punhão os olhos. O que mais espantava era o trigo creado em cima do vidro, e o ver que sem terra nem rêga, as espigas fossem tão formosas e fornidas como as creadas em cima da terra, e de que acima falámos. »

A' vista d'estas experiencias, cuja exactidão se não póde ainda inteiramente affiançar, parece que se ha de concluir, que a terra só é base ou assento, assim para os pães, como

para qualquer outro genero de plantas. Entretanto semelhantes experiencias parciaes, mas que se lhes admitta perfeita exactidão, nunca produzem uma demonstração cabal; e só cultura em ponto grande, por dois ou tres annos com bom exito repetida, pode servir de prova.

Se algum lavrador portuguez curioso, movido da novidade, fizer tentativas, já d'aqui o damos por convidado para annunciar por este periodico de amigos seus o succedimento, qualquer que fôr, que lhe ellas, hajão de surtir.

A. J. de F.

Melhoramento no calçar das ruas.

PARIS.

27 Como entre nós as Camaras Municipaes das cidades põe actualmente um grande desvélo em as aceiar, e fazer cada vez menos incommodas, bom é saber que se principia a usar hoje em Paris de um novo methodo no calçar das ruas, de que resultará o não se empoçar a agua em parte alguma d'ellas em tempo de chuva. Nas ruas da *Moeda* e do *Roule* se está agora o tal methodo estreando: consiste unicamente em que os rêgos, em vez de correrem ao réz dos passeios, lhes vão mettidos e encobertos por debaixo.

M.

Novo fabrico de papel.

LISBOA.

28 Sob igual titulo disséramos em o nosso artigo n.º 5, que nos constava ter o Sr. *Gillon* requerido para o fabrico de papel, extrahido de estrume, a patente, não de inventor, mas de introductor: era isso em verdade o que tinhamos ouvido; e pessoa franceza, e conhecedora de França, nos affirmára por essa occasião, ser já por lá antiga a receita de o fazer da palha podre, qual do estrume do cavallo, e d'outros quadrupedes, se extrahe; agora porem sabemos de certo, que o privilegio que o Sr. *Gillon* espéra, é o de inventor: se o obtiver, como desejamos, satisfação nos será o provarmos por esse documento, que em Lisboa, e não em alguma outra parte, nasceu realmente um invento, que havemos por tão util.

C. R. S.

Machina para copiar paineis.

PRUSSIA.

29 Lemos no *Artista*, Jornal Parisiense dedicado ás Bellas Artes, que Elrei de Prussia decretára uma pensão vitalicia de perto de 300$000 réis a um allemão, por nome Lippmann, por este haver inventado certa machina para imprimir e copiar paineis a oleo, e mandára formar uma commissão para lhe dar quanto precisasse a bem de aperfeiçoar o seu invento.

Esta importante noticia é tão recente que não podémos ainda obter explicação alguma circunstanciada por onde alguem entre nós se possa governar e fazer tentativas; se a conseguirmos publical-a-hemos, e poderá ser bem util para se obterem traslados de muitas obras primas originaes de pintores portuguezes, enthesouradas na Academia das Bellas Artes de Lisboa, e de que um incendio nos poderia de um momento para o outro despojar. A' Academia tocára o fazer sobre esta materia todas as possiveis diligencias.

M.

Aperfeiçoamento para a navegação por vapor.

INGLATERRA.

30 Quão maravilhados não ficarião os moradores de Lincoln, quando ha poucos dias viram apparecer, entestar com as suas costas, e n'ellas surgir um nonada de navio, uma casquinha de noz, de vapor, e de nova arte. Como se lhe não enxergavão rodas, tiveram alguns dos mais espertos, que andava allí parafuso de Archimédes que o movia; mas o segredo é outro, e deva as lampadas ao parafuso. São duas pásinhas á ré, tocadas por um engenho de corrêas e moitões por tal arte concertados, que pouco se desgastão com o trabalho. Esta graciosa navêta (Joanna se chama) não excede de 25 pés inglezes de quilha e cinco de boca; o seu lote é de tres toneladas, e a fôrça da machina não chega á de um cavallo. Em tempo bonança deita sete milhas por hora; e o que mais recommenda esta Joanna, e suas irmãs, quando as tiver, para a navegação de rios estreitos e canaes, é o não levantar vaga. O inventor é Baxland de Greenwich, o qual acompanhou o Capi-

tão *Fairbaien*, e outro amigo seu, na derrota de Londres a Boston. Tiverão mar bastante levantado, e o vento pela prôa; sem embargo a nossa pygméa levava-se como um passaro, e foi fazendo da corrida suas visitas a Southwold, Blankeney, Boston, Lincoln, e Nottingham, portando-se, não como quem era, mas com toda a destreza que lhe influia a sua machina, e com toda a affouteza e segurança d'um navio grande.

A. M. de C.

Apparato scenico de nova casta.

VIENNA D'AUSTRIA.

31 Desentranha-se o mundo em invenções de toda a sorte. Em todas as materias se procura principalmente a novidade. D'esta tendencia, grandemente civilisadora, brotão, de envolta com as maiores maravilhas, as maiores extravagancias. A esta ultima especie pertence em realidade um invento allemão, que alguns jornaes tem proclamado como excellente, e cuja tentativa extasiou a cidade e corte de Vienna d'Austria.

No principal theatro d'aquella capital se representou o drama da *Donzella de Orleans*, de Schiller, com vistas naturaes. Toda a vez que haviam de apparecer um jardim, um bosque, uma paisagem, vinham verdadeiras arvores, arbustos, flores, relva, cascatas, repuxos, etc. O fundo do theatro estava povoado de uma espessura de álamos.

O Author e executor da idéa foi seis vezes chamado pelos expectadores, e seis vezes recebeu trovoadas de applausos; e em verdade acabava de fazer dois milagres, metter a natureza n'uma sala, e alvoroçar allemães. Entretanto esta invenção, se tal nome se póde dar ao rechaçar uma arte até ao ponto do seu primeiro nascimento, até á simplicidade da sua idéa primitiva, esta invenção, repetimos, descobre tão obvias e tão inevitaveis inconveniencias, que por impossivel temos que venha jamais a pegar em parte alguma.

Que vastidão não devia ser a de um theatro onde tal sistema fosse exequivel! Como se ouviria ahi devidamente a voz dos actores! Se o pinheiro fosse um verdadeiro pinheiro, o monte onde elle devesse figurar, por uma consequencia rigorosa, não deveria ser senão um verdadeiro monte. Depois, que derrotas não custaria á pobre natureza esta homenagem que se lhe pertenderia tributar! que sommas não serião necessarias para pagal'as! Que immenso espaço para conter taes objectos! Que forças, que mechanica, ou antes que arte magica, para a ponto os apresentar, ou retiral'os! Peças haveria que se não podessem representar senão em certa estação, em certa latitude, em certo sitio determinado! E depois de tudo, essa realidade forçada seria muito menos realidade do que o são os prestigios de uma sabia pintura! A grande natureza é altiva, não se deixa assim encarcerar, ao mesmo tempo que de mui bom mente permitte que a retrate o pincel de um *Cinatti*, ou de um *Rambois*. Ainda se o machinista, assim como obriga as arvores a vir para a scena, podesse forçar o sol que as procreou a vir na scena allumiar-lh'as!....

N'uma palavra, o espaço necessariamente limitado, e a luz necessariamente artificial a que todo o theatro tem de se reduzir, demandão irrecusavelmente a pintura; a perspectiva lhe liberalisa todas as grandezas possiveis; e um colorido calculado para a luz a que hade ser visto póde, e só elle, enganar os olhos; alli onde a arte, com a sua varinha de condão reproduz, brincando, a natureza, a natureza ainda ajudada do sceptro dos reis não se saberia a si mesma reproduzir.

A. F. de C.

Prelecções de Phisica

APPLICADA A'S ARTES, OFFICIOS, E INDUSTRIA MODERNA.

LISBOA.

32 Em o nosso precedente numero (artigo 9) annunciámos que o Snr. Sebastião José Ribeiro de Sá se propunha ensinar a materia acima indicada a quantas pessoas a desejassem de aprender. Agora acrescentaremos que da aptidão do joven professor obtivemos as mais favoraveis informações: o amor que professa á sciencia, é n'elle paixão que iguala ao amor que demostra á sua patria. Os artifices e officiaes de quasi todos os misteres devém, tanto por gratidão como por proprio interesse, acudir a ouvil-o; e á classe illustrada de nossos leitores, que para si não carecer da doutrina do Snr. Ribeiro, toca recommendar, convencer e persuadir aos que não lêem, nem curão de procurar sciencia, que não desaproveitem esta que tão prestadia se lhes está offerecendo.

O local das prelecções, repetimos, é nas casas da Sociedade Philomatica, Rua de Santa Martha n.º 23; os dias todos os saba-

dos; a hora das 7 ás 8 da noute. Eis-aqui o programma.

Principios fundamentaes. Idéas Geraes de Phisica. Principios elementares de Mechanica. Forças Naturaes. Alavancas, suas differentes especies. Balança ordinaria e Romana.

Calorico. Idéas Geraes. Maneira de medir os seus effeitos. Temperatura. Thermómetros, suas descripções e construcção. Pyrómetro. Calorico especifico e latente. Transmissão do Calorico. Seus effeitos nos corpos.

Laminas Compensadoras. Suas applicações.

Ar athmosferico e Gazes. Pèso do ar e sua elasticidade. Barómetros, suas descripções e construcção. Bombas, aspirante e de compressão. Machina Pneumática. Do Ar considerado como condutor de calor. Fórnos em geral, e cada uma das suas partes em particular. Fogões para o aquecimento dos Edificios.

Acústica. Idéas Geraes. Echo. Porta voz. Resanancia. Construcção dos Theatros e Salas oratorias.

Da Agua e dos liquidos. Agua considerada mechanicamente. Areómetros. Suas descripções e usos. Vaporisação e Evaposisação.

Hygrometria. Idéas Geraes. Hygrómetros. Suas descripções e usos.

Vapor. Considerado como conductor do calorico. Considerado como força motriz. Machinas de vapor.

Electricidade. Idéas Geraes. Guarda Raios. Sua construcção e uso.

Meteorologia. Idéas Geraes.

Magnetismo. Principios fundamentaes, differentes processos para magnetizar.

Industria Moderna. 36 prelecções.

M.

Inscripções Publicas.

LISBOA.

33 O ignorar a syntaxe e a ortographia é um direito do cidadão, como outro qualquer direito; os solecismos e barbarismos não pódem ser processados, por não haver um procurador grammatical, assim como ha um procurador régio, e um procurador da fazenda: entretanto o enxovalhar com inscripções sandias uma polida e grande cidade, é uma barbaria, em que nunca a boa policia deve consentir; porque em tal caso mais descredito e vergonha recahem nos consentidores, do que nos proprios authores. Das inscripções parvas que deturpavão a cidade de Lisboa, não ha muitos annos, e de que um curioso encheu um volume, já felizmente nos vémos livres; com os alpendres, com os poiaes, com o pejamento, e immundicies da maior parte das nossas ruas, desappareceram, nem provavelmente voltarão, essas misérias escriptas que nos faziam apupar dos estrangeiros. Onde porém se iría refugiar o direito de fazer inscripções rediculas, e anti-grammaticaes? onde?... onde tudo vai parar; no cemitério. O que na taboleta da mais sordida taberna já não seria permittido, é ainda permittido e praticado na pédra eterna e santissima do túmulo. Visitai o nobre cemitério de *N. S. dos Prázeres*, essa Lisboa dos mortos, já tão magnifica, tão solemne, e tão povoada; recuareis espantado diante de algumas de suas incripções. E' possivel, exclamareis, que, onde tudo havia de estar ordenado para a melancholia, para a meditação, para o profundo estudo das verdades maximas, para a sciencia do fim ultimo, que é o primeiro principio de toda a sciencia moral, é possivel que, onde até as arvores e as pédras apontão para o Céo, e prégão desenganos, se escrevão, em caractéres indeleveis, documentos de ignorancia, affectos pueris, argucias e conceitos falsos! é possivel que, onde tantas lagrimas têem corrido, e correm todos os dias, o melancholico seja escandalisado pelas risadas que em indifferentes excitou um epitaphio! Nada d'isto é possivel, e tudo isto existe. Que nos não venhão com o cemitério do Padre La-chaise os que para tudo trazem França na algibeira; que nos não digão, que tambem lá ha tumulos bôbos, que divertem o animo das cogitações sérias e proveitosas. Em mil Franças, em logar de uma França, em mil Europas, em logar de uma Europa, que tal succedesse, nem por isso deixaria de ser essa uma coisa absurda, monstruosa, e intoleravel.

A' authoridade, a quem toque, ou póssa tocar, o atalhar de ora ávante estes sacrilégios contra os mortos, e talvez emendar e reparar os já commettidos, recommendamos este assumpto, nós, que temos finados entre esses finados, nós, que tambem ahi provavelmente um dia repousaremos. Respeite-se á dôr todo o seu direito; consinta-se á orfandade do coração o exhalar-se livremente nos termos em que ella entender que melhor se exprime; porém nos recados que ao marmore confiar, para que os leve aos séculos depois de os divulgar no presente, não se lhe consinta ultrapassar as impreteriveis balisas do senso commum. . . . . Censura prévia? ! exclamarão os fanaticos da liberdade; sim, censura prévia, e eternamente censura prévia para obras

que têem de ficar para sempre, que se não refutão, que pertencem por sua natureza a todos, e que pódem ir lezar os mais santos, os mais inviolaveis de todos os direitos, os direitos dos mortos. Mais censura prévia quizéramos nós ainda do que para as simplices inscripções sepulchraes, e philosophica seria em summo gráo; quizéramol-a tambem para a propria architectura dos tumulos; quizéramos que em cemitério christão se não encontrasse o escandalo de figuras, ou allusões fabulosas, que, se não fossem o cúmulo da estupidez, serião a mais punivel dé todas as impiedades. Eregi quantos monumentos quizerdes, e como quizerdes; mas que o sejão de vossa dôr e piedade, e nunca da vossa extravagancia ou insensatez; e, se ousardes querel-o, haja braço publico, mais forte que o vosso, que vos reprima. A authoridade, que vos obriga a não sepultardes vosso filho, vosso irmão, vossa espôsa, ou vosso pai, senão em certo logar determinado, a acceitar para elle o numero que por sua ordem lhe coube n'aquellas silenciosas ruas dos mortos, essa mésma authoridade vos deve constranger a não irdes ahi perturbar a geral harmonia, e fazer da sua pousada uma pédra de escandalo entre seus visinhos.

Pelo que n'este artigo nos dilatámos não pediremos vénia; para mui largas paginas era elle: é um interesse que a todos deve tocar, quer pelas affeições, quer pelo egoismo, quer pela religião, quer pela philosophia, quer pela simples humanidade. Recommendâmol-o aos que pódem prover de remedio tamanho desamparo; assim como a todos os escriptores publicos, que acreditão que além do mundo da politica ha ainda outro mundo, e muito maior, e muito mais venerando, e muito mais certo, o mundo da moral.

A. F. de C.

Providencias Policiaes.

PORTUGAL E BERLIM.

34 HA no meio da Sociedade um grande mal; e tão máo de curar, tão rebelde a toda a casta de remédios, que não diremos sómente que atura, senão que a passo cheio vai progredindo; e como é de natureza contagiosa, lavra mais, e faz miseravel estrago nas cidades mais populosas: não ha villa, nem logar, por pequeno, ou sadio que seja, onde tal peste não chegue. Este mal é a *prostituição*! E' cancro, que, por desgraça nossa, nos tem arruinado a moral publica e particular, sem haver fôrça que o cohiba, nem meio, que ponha a côbro os sãos para que não sejão iscados d'esta contagião, tanto mais para temer, quanto seus effeitos são os mais calamitosos que se podem dar na ordem social. Para a cura dos males phisicos emprega a nação grandes meios; despende grossas sommas nas universidades, nos collegios, nos hospitaes: não ha municipio sem facultativo com seu partido; nem regimento sem cirurgião: apenas o mal tóca á porta, acodem medicos ao rebate, fervem juntas e remedios. O grande mal da *prostituição*, com ser tão funesto, como que é ao mesmo tempo phisico e moral, grassa livre por toda a parte, não ha que entender com elle! se perdoa á vida, léva a honra, corrompe os costumes, perverte a innocencia, consome a fazenda roubada a pais, a filhos, a maridos, a mulheres; produz tumultos publicos, guerras domesticas, provocações, duellos, divorcios, e tamanhas e tão numerosas calamidades, que fôra impossivel abrangel-as em tão breve espaço. Quem meditar n'este mal, e no subtil d'este veneno; quem estimar a honra, a decencia, a honestidade para si, e para os outros, dará o valor e pêso devido a estas considerações, que não é por certo a imaginação que vai afeando os damnos, mas sim a alma que se nos corta á vista da immoralidade; e o coração, que desentido pela desgraça de tantas victimas, a quem fôra facil dar honesto destino, clama por soccorro e remedio. Não entendemos aqui sómente com a prostituição publica exercida em lupanares, que a olhos vistos vão augmentando em numero, o que muito monta reprimir, fiscalisar, e occultar, quanto ser possa; mas com outra especie de prostituição igualmente damnosa á moral, e que posto não seja um tráfico infame tão franco, e tão para todos, n'ella com tudo se vai perdendo a honra e a honestidade de tantas donzellas, e de tantas familias, ou illudidas com a esperança, que nunca se realisa, de se verem amparadas, ou julgando que tão deshonesto tracto é o tirocinio da vida matrimonial, por onde, segundo os exemplos de todos os dias, hão que devem passar todas as que aspirão áquelle estado; e taes ha, que preferem de bom grado ao fim honesto este torpe meio, e n'elle se fazem professas. Outro mal, que por ventura demanda ainda mais efficaz e prompto remedio, é o adulterio habitual, em que tantos vivem á mão te-

nente, com tanta affronta das leis, da religião, e da publica decencia; e por onde se perdem muitos cabedaes, a honestidade e união conjugal, e a educação dos filhos. E julgará alguem que não ha aqui sobrada razão para implorarmos dos que nos governão a maior attenção sobre esta calamidade, e a maior energia em remedial-a e precavel-a? Se as nossas leis, que n'este ponto foram tantas desde o começo da monarchia, hoje são caducas, ou insufficientes, não é o mal tão forte, e tão funesto, que valha a pena de todo o sacrificio para se remediar ou diminuir, dando vigor ás antigas, e formando novas, concertadas com os principios de nossa actual Politica? E se entre nós tem havido tamanho desejo de imitar os estranhos em coisas de menor monta, mova-nos o exemplo de fóra a guardarmos com todo o recato em nossa casa a honra e os bons costumes. Muitos exemplos poderámos nós citar n'esta materia da boa diligencia, e rigorosa policia, com que em outras nações se atalhão taes males, se reparão damnos, e precatão escandalos, mas tornaremos a este assumpto, que mais que muito pede elle a attenção de todo o escriptor probo: limitar-nos-hemos por ora a dar noticia das energicas providencias que sobre isto se estão praticando em Berlim, traduzindo para aqui dos periodicos allemães o artigo, que segue: não porque entendamos que seja tudo ahi de facil execução entre nós, mórmente no que toca á authoridade do clero, que nunca terá elle valor bastante n'este ponto do seu alto ministerio, em quanto durar sua pobresa e dependencia; mas porque, sem que seja mister renovar as antigas correições, visitas, e devassas ecclesiasticas, bom e grandissimo proveito póde vir-nos do inteiro desempenho das funcções parochiaes n'esta parte, escolhendo para taes logares homens virtuosos e letrados, e dando-lhes toda a isenção e independencia, que pede a razão de seu honroso e divino encargo, para que não fique presa e maniatada a palavra de Deos, e póssa ella, como balsamo da vida, sarar tão velhas chagas e tão pertinaz enfermidade: e quando remedios doces e brandos, como são estes, forem baldados, lá estão os cautérios, e o ferro do braço secular.

Eis aqui a providencia, com que para a repressão da mancebia se sahiu o ministro do Reino na Prussia. » Os Magistrados do Policia intervirão não só quando algum obstaculo impedir um cazamento, mas todas as vezes que um viver em communicação extra-matrimonial offenda a moral publica, ou seja materia de escândalo. Ao Clero tocarão os primeiros remedios cohibitivos; frustrados estes, á Policia tocão os derradeiros. »

F. M. P. S. N.

Missões Catholicas.

ILHAS DO OCEANO PACIFICO.

35 Acaba de chegar a Bordeos o Bispo de Nicopolis, que vem buscar a França um reforço de Missionarios para as vastas e numerosas ilhas do Oceano Pacifico que são parte da sua jurisdicção episcopal.

P. S. de R.

Monumento

A EL-REI S. LUIZ DE FRANÇA.

TUNES.

36 Por occasião de se inaugurar ultimamente em Tunes um monumento erigido a S. Luiz, foi a festa interrompida por uma forte chuva, que no verão he ali uma verdadeira maravilha; mas como a chuva he um signal de prosperidade para os Mouros attribuiram semelhante favor do Céo á influencia do Santo francez, o qual ali ficou ao lado do Santo musulmano Sidi Boussais.

P. S. de R.

Caminhos de ferro.

INGLATERRA.

37 Ha ja na Inglaterra 375 leguas de caminhos de ferro por onde transitão annualmente 21 milhões de pessoas; produzem um redito de cincoenta e dois milhões de cruzados. Este prodigioso effeito, e ao mesmo tempo causa poderosissima de civilisação, mais nos póde servir para assombros do que para competencia; mas se a mesquinhez de nossa fortuna, se a quasi nullidade do nosso commercio, se o diminutissimo trafico da nossa industria nos não permittem aspirar tão cedo a possuir d'estes caminhos, onde a rapidez do homem excede á do vento, caminhos milagrosos, que assim

para os negocios, como para os prazeres e affectos, nos augmentão realmente a vida, pois que aniquilão as distancias, e com ellas graves dispendios de dinheiro, de saude, e de tempo; é todavia util que a noticia d'estes bens gozados por outrem, obrigando-nos a reflectir, nos acenda uma pouca de inveja, não para igualarmos a quem tanto possue, mas para forcejarmos cada vez mais de sahir d'este estado de quasi completa insociabilidade que entre nós resulta da falta de caminhos, que mereção o nome de praticaveis. N'isto deveram ter constantemente pregados os olhos as Camaras Municipaes, para que em quanto n'outros paizes se vôa quasi com a ligeireza do pensamento, não continuemos nós sempre, como até agora, a permanecer na immobilidade, estado violento, perjudicial, e contra a natureza, que se nos tivesse feito para não sahirmos do torrão em que nos produzio, bem nos podéra ter afferrado a elle com raizes como as arvores. Estas são as obras mais verdadeiramente progressivas, mais verdadeiramente uteis, de quantas em nosso reino se podem emprehender; embellezai as cidades, as villas, e até as aldêas, mas pensai primeiro no que ligando as cidades, as villas, e as aldêas entre si, as enriquece umas por outras, as civilisa, faz de muitos povos um só povo, produz um interesse geral, constitue uma Nação, e essas cousas não são outras senão as estradas, os caminhos principaes e transversaes, e todo o genero de serventias, assim de terra como d'agua.

A. M. de C.

FRANÇA.

38 Tambem na França vai medrando a moda dos caminhos de ferro. Os de Paris para *Versailles* e *S. Germano* são duas torrentes continuas de viajantes. De seis em seis minutos se vê por elles ir ou vir uma récua de carruagens tiradas pelo vapôr. N'um dos ultimos Domingos forão transitados de 44,500 pessoas, trabalhando 219 machinas e 2,249 seges. A somma das leguas andadas em 12 horas foi de 1,332.

A. M. de C.

AUSTRIA.

39 Em Vianna se fez uma experiencia de carriar tropa pela estrada ferrea do Imperador Fernando.

Oitocentos caçadores, com suas armas, e todo o mais trem, em 33 carruagens, tiradas por uma só machina de vapôr, se trasladaram em espaço de sós 8 horas de *Hardisch* para *Brunn*. Para tropa de pé, e por jornadas ordinarias, caminho é aquelle para sete ou oito dias.

A. M. de C.

Congresso de Sabios.

LYÃO DE FRANÇA.

40 No nosso artigo 18 promettêramos relatar a seu tempo o que n'esse concilio de sciencias se houvesse tratado. Um acontecimento inopinado, e dignissimo de grave censura, nos tolhe o desempenharmo-nos por hoje de nossa palavra.

Os Redactores dos Jornaes de Lyão, puerilmente amuados por não haverem sido formal e curialmente convidados pelos 1200 sabios a assistir ás conferencias, e preferindo por uma logica extraordinaria attribuir tal omissão a menoscabo, assentaram em tomar a mesquinha desforra de condemnar, ao menos por sua parte, ao silencio, o que nem a elles, nem aos mesmos sabios pertencia já, senão á immensa républica litteraria espalhada por todo o mundo. Este exemplo de vilania sem sabor, é uma nodoa nos fastos da imprensa periodica, e não é de temer que jámais se repita em parte alguma. Por outras vias esperamos receber das actas d'aquelle Congresso alguma noticia, que promptamente estamparemos.

A. M. de C.

Congresso Scientifico.

FLORENÇA.

41 Começaram-se em Florença os aprestos para terceira reunião de sabios; vai dando mostras de que ha de ser mais numerosa e esplendida que os de Pisa e Turim. Os Governos de Roma e Napoles já não prohibem aos Professores de seus Estados o concorrerem; haverá, logo, este anno representantes de todos os da Italia. O celebre astronomo francez *Arago*, e os sabios *Orioli* e *Libri* tinha-se que não havião de faltar.

A 15 de Setembro devião de se abrir as conferencias, precedendo missa cantada em *Santa Cruz*, que bem se pode appellidar o Pantheon de Florença, pois contêm os mau-

soléos de Miguel Angelo, Galileo Galilei, e muitos outros varões celebres, bem como o gigantéo monumento alçado á gloria do Dante. Formosa scena tinha de ser aquella! Os sabios militantes entre os sabios triumphantes! as glorias do porvir em frente das glorias do passado! o fervor das almas fecundas e creadoras por entre o mudo *JAZ* dos sepulchros; e todos aos pés do Senhor da vida e da morte, do principio de toda a sciencia!

Do templo devia o congresso trasladar-se para a grande salla do *Palacio Velho*, onde centenares de cidadãos deliberavam outr'ora sobre os negocios publicos. O Marquez *Ridolfi*, Presidente, havia de recitar a oração inaugural, procedendo-se depois á nomeação de Presidentes e Secretarios para as Commissões.

Tudo se achava (bem hajão os desvélos do Governo) dignamente preparado para receber a taes hospedes. A bibliotheca, as sallas, e a galeria do antigo palacio dos Medicis, devião de estar de manham e de tarde francas aos membros do Congresso, que havião de ter tambem entrada livre em todos os estabelecimentos publicos. Tencionavam-se festas estrondosas para em quanto durasse a assembléa; e a estatua de Galileo, que fora inaugurada em Pisa, sua patria, em 1839, tinha de ser solemnemente collocada no Musêu de Phisica e Historia Natural d'esta mesma cidade de Florença, onde veio deixar os seus despojos mortaes. Assim, para começo e remate d'este scientifico ajuntamento, sabiamente se preferiram as duas mais nobres cousas do Universo — o Deos que o creou, e o homem que a despeito da ignorancia poderosa e fanatica ousou fazel'o conhecer — o Deos cuja palavra fez o mundo, e o homem cuja palavra fez que o mundo se movesse.

A. M. de C.

Prodigio Mathematico.

VITTO MANGIAMELE.

HESPANHA.

42 Se do que temos agora para contar não houvéra já milhares de testemunhas, mal ousariamos de o escrever, mas que por nossos olhos e ouvidos o tivessemos presenceado. Vitto Mangiamele é um mancebo italiano, que nasceu Mathematico, ou por melhor dizer, é a Mathematica em pessoa, encarnada em corpo de um mancebo italiano, e disfarçada sob a alcunha de Vitto Mangiamele.

O Archytas, por quem Horacio diz que era capaz de numerar os grãos innumeraveis da areia, seria o unico ente comparavel a Vitto Mangiamele, se uma ode encomiastica, feita ha 1800 annos, fosse um documento tão irrefragavel como a voz unisona de tantos jornaes castelhanos, que estão pregoando as incalculaveis maravilhas do incalculavel calculador Vitto Mangiamele.

O que d'elle se conta, se escreve, e imprime, e o que mais é, se presencêa, e se repete, e confunde a todos os incredulos, deixa a perder de vista o *alfaiate dos contos árabes*, que só com o ver de longe um fréguez, lhe tirava tanto á justa a medida, que o vestido que lhe fazia lhe assentava de modo, que vos ride de luva mais apertada.

Que faz pois Vitto Mangiamele, perguntareis vós? Vitto Mangiamele palpa de relance o ponteiro das horas do vosso relogio, e vos diz ao certo a hora, o minuto, o segundo, e até a fracção centessima de segundo em que vos achais! Mostrais-lhe uma grande mesa coberta de grãos de milho, dá-vos de repente a sua conta sem errar no êsmo nem uma unidade. Mas tudo isto não passa para elle de méros brincos, que entretanto, em tempos de Inquisição talvez lhe dessem na cabeça.

Madrid e Sevilha vos podem relatar muito mais: ambas essas cidades, e muitas outras, o hão visto defender conclusões mathematicas *de omni scibili*.

Fez já este mancebo duas publicas ostentações em Cadiz, onde agora se não falla em outra coisa.

Os mais difficeis problemas, resolveu-os com uma promptidão e limpeza que orçava pelo milagroso. Da 1.ª diremos hoje algum pouco.

Encetou-se o acto com um acontecimento, que de todo lh'o podéra baldar, se no restante d'elle o seu mérito, indevidamente eclipsado ao principio, não houvéra resplandecido como um sol. Pedíra-lhe um sugeito as raizes de uma equação do 3.º grão: Mangiamele lh'as apresentára, mas, por desgraça, não concordavam com as de antemão preparadas, que alí sahiram da algibeira do arguente. Qual porém se enganaria? Era ponto digno de exame, e sentença; mas nem se sentenciou, nem se examinou; aliás aconteceria muito provavelmente o que já em outra similhante occurrencia se víra no Athenêo de Madrid. Assistião n'esse Athenêo aos triumphos de Mangiamele todos os Mathematicos da corte, e entre elles o celebre Travessedo, que lhe apresentou um problema da mais diffi-

cultosa resolução. Resolveu-o todavia, é quasi a súbitas, o mancebo. De espaço o havia tambem o doutor em sua casa resolvido, mas as duas resoluções descordavão, e nenhum dos dois resolvedores se resolvia a concordar com o contrario parecer. Insistia Travessedo com termos desabridos; Mangiamele, com palavras cortezes, e modos acanhados, insistia tambem. Era este um *casus fœderis*, e um *dignus vindice nodus*: noméa-se um jury composto dos mais insignes mathematicos presentes; examinão a materia, decretão a palma ao estrangeiro. Em Cadiz não faltou Travessedo, mas faltou jury. Afóra este primeiro contratempo, tudo mais correu e sahiu ás mil maravilhas: resolveu as mais complicadas questões: achou a raiz 8.ª, e 10.ª de numeros compostos de 20 e 30 algarismos; achou o valor das incognitas em equações do 5.º e 6.º gráo; fez em fim, sem outro auxilio mais que o de sua extraordinaria memoria, os calculos mais complicados, e que nunca ninguem imaginou se podessem fazer sem penna e papel.

Já Descartes, antes de haver publicado o seu immortal invento da applicação da Algebra á Geometria pelo systema das coordenadas, maravilhára a quantos ignoravão o systema de que se valia. Por elle, resolvia aquelle grande geómetra com a maior facilidade, os problemas relativos a curvas, e não podião comprehender os insignes mathematicos do seu tempo, como com tanta promptidão chegava a resultados que pelas simpleces construcções geometricas se não podião achar. Publicaram-se as obras d'aquelle genio creador, e para todos desappareceu o arcano. Mangiamele é sem dúvida um novo Descartes; e quando forem notorios os processos de que se vale, dará a sciencia um passo de gigante.

Quanto a nós, aguardamos com ancia o vel-o já chegar a Lisboa, para, por nossos olhos e ouvidos, nos acabarmos de convencer de que já hoje não ha impossiveis n'este mundo.

A. M. de C.

Silvio Pellico.

MILÃO.

43 Nunca homem com maior gosto se desdisse em público do que nós agora o faremos. O Author das *Minhas Prisões*, que, segundo todos os jornaes da Europa, em o nosso artigo 22, déramos, e lamentáramos por morto, hoje por todos os jornaes da Europa, que nos acabão de chegar, sabemos que VIVE. Podem os amigos da Religião, da Philosophia, e das Boas Letras, entoar alleluias.

Monumento a Walter Scott

EDIMBURGO.

TRADUCÇÕES PORTUGUEZAS DE VARIAS OBRAS D'ESTE AUTHOR.

LISBOA.

44 O monumento que á memoria de Walter Scott começou em Edimburgo está já seu tanto crescido, mas falta o melhor para o concluirem. Vão recorrer a uma nova subscripção pelos tres reinos; se ella não bastar, como recêão, diz-se que appellarão (valha a verdade) para a caridade poetica da França. Se com effeito cada leitor francez do grande homem das novellas historicas, e pequeno historiador novelleiro, do grande homem do Seculo, acudir ao chamamento; se todos os que em França merecão as obras do Escocez concorrerem á sua urna, convertida em mialheiro; se finalmente, em vez dos visinhos inglezes, onde ha homens com 2 e 3 contos diarios, forem os visinhos d'áquém do Estreito os que rematem aquella fábrica-escoceza, o monumento de Walter Scott ficará sendo ao mesmo tempo um symbolo da diversidade de genio dos dois Povos aos olhos da posteridade.

Não se infira d'alguma das expressões que pozemos, que pertencemos ao grande numero dos para quem Walter Scott é personagem muito inferior á sua fama; pelo contrario, sem sermos de maneira alguma inglezes, reconhecemos, e confessamos, o seu mérito; e muito folgaremos se a traducção completa das suas obras, que estes dias atraz *anonimamente* se annunciou, preencher todas as condições do seu programma, combinando fidelidade com elegancia de estilo, pureza de frase e de dicção. Veremos e fallaremos.

N'este lugar faltariamos nós ao amor que á bonissima de nossa lingua professâmos, se deixassemos de recommendar *Ivanhoé*, e *Quintino Durward*, versões do Sr. André Joaquim Ramalho de Souza, feitas com uma consciencia delicada, longo estudo, e copioso saber; a 1.ª impressa em 1838, a 2.ª em 1838 a 39.

Digitized by Google

Consta-nos que o mesmo Snr. tem quasi concluida a de *Kenilworth*, e tenciona ir proseguindo na laboriosa tarefa de trasladar para portuguez portuguez o inglez inglez dos principaes escriptos d'aquelle author famigerado. A. F. de C.

Bibliographia Portugueza.

CHRONICA DO DESCOBRIMENTO E CONQUISTA DE GUINÉ'.

Geschichte von Portugal, von Dr. Heinrich Schaefer, etc. Historia de Portugal pelo Dr. Henrique Schaefer etc. 1.º vol. Hamburgo 1836; 2.º idem 1839. — 8.º — O 1.º de 487 pag., e o 2.º de 667.

A mesma obra traduzida do allemão em francez por *Henri Soulange Bodin*. — 1 vol. de 8.º max. — 571 pag.

TAMANHO tem sido em portuguezes o descuido de escrever a sua historia, que pertendendo-se em Allemanha formar um corpo, ou collecção geral, das de todos os estados europêos, da qual são editores os Snrs. *Heeren e Ukert*; e incumbindo-se a um litterato a de Portugal, foi-lhe necessario irsocavar as minas de que só á força de fadigas improbas e incançavel perseverança se podem a final extrahir cabedaes.

Em boa hora para Portugal, e em boa hora para Allemanha, foi esta missão tocar ao Snr. H. Schaefer, Lente de Historia da Universidade de Gieszen, e litterato, que, se já não tivera tão bons créditos, bastára o seu novo trabalho da Historia de Portugal para lh'os grangear.

Os livros de Historia pátria, raro folheados dos nossos proprios litteratos, e ricas, mas enfadonhas, paginas da *Malta Portugueza*, os aridos documentos da *Hespanha Sagrada* e das *Dissertações Chronologicas*, as explicações a cada palavra do *Elucidario*, as antigas *Ordenações*, a *Historia Genealógica*, as *Chronicas Profanas e Monasticas*, as *Memorias* em volumes ou avulsas, da nossa Academia tudo foi convenientemente aproveitado pelo Snr. Schaefer, que demais ajunta a isto o ser um allemão, que escreve a historia como hoje não podia deixar de escrevel'a um allemão. Claro é logo que não havia o Snr. Schaefer de encarar a de Portugal á moda antiga, só pelo elemento politico. Tão pouco pertence ella á seita dos novos Guizots, que fabricão a historia nas suas cabeças, para produzirem effeito philosophico; seja qual for a verdade. Não: o Snr. Schaefer estuda profundamente os factos, e narra-os com fidelidade, citando as fontes, e desassombrado de preoccupações: não tem um historiar offensivo para o amor proprio do leitor; não se arroga o ensinar-lhe a interpretar os successos.

Abrange o seu 1.º volume o periodo desde a desmembração de Portugal de Castella até á morte d'Elrei D. Fernando, em quem parou a dynastia de Borgonha. O sr. Schaefer, seguindo a opinião de que a historia de Portugal, antes da existencia politica e independente deste Reino, não pertence á de Portugal, mas sim á geral da Hespanha, dá apenas em uma introducção idea d'esses tempos antigos, e entra logo no assumpto; de certos em certos periodos faz uma parada; olha do alto para a scena que o seu trabalho poz patente, e então se recrêa alargando a alma com o leitor pelo espaço andado, e deixando-o por seus olhos contemplar o que lá lhes fica. Com Elrei D. João 2.º se nos remata o 2.º volume.

Por em quanto privados estamos de proseguir jornada com tão agradavel guia, pois nos declara que poz por agora ponto para ir escrever a Historia de Hespanha, que deve primeiro trazer a certa altura, e passar depois á época brilhante da historia portugueza. *Portugal no Século XVI* deverá em verdade ser obra digna de estampar-se com letras de oiro.

Anciâmos pelo tempo em que o Snr. Schaefer possa vir continuar a enriquecer a litteratura que diz respeito a este bello canto da Europa.

Porem já sentimos ir-se-nos transformando em desconsolo o gosto com que vinhamos escrevendo; a pezar nosso o dever e a justiça requerem que aos encomios até aqui dados ao author succedão agora acres e merecidas censuras ao traduzidor francez. Com effeito se pelo dedo se conhece o gigante, avaliaremos logo a consciencia com que tal versão (antes inversão) se perpetrou, lendo na capa em letras que arremetem com os olhos a clausula de ser feita a traducção *avec des notes de M. le Vicomte de Santarem*, e logo no rosto a seguinte limitação contradictoria = *avec une note sur la chronique inedite de la conquête de Guinée, donnée par M. le Vicomte de Santarem* = avultando este ultimo nome em letra maiuscula. E realmente só uma nota, ou antes especie de annuncio, ou prospecto da nova publicação d'Azurara, de que para a semana fallaremos, é que ahi apparece da penna do Snr. Santarem.

Vistes nunca mais doirada taboleta de vendedor de cominhos? Factos d'estes, que parecem de importancia nulla, são graves injurias contra todo o genero humano que sabe ler; são crimes litterarios que a todos os que pégam em penna cumpre punir. Servir-se de um nome acreditado na critica da historia portugueza como de isca para pescar assignantes e compradores á obra, é proprio de traficantes de letras e não de litteratos.

A traducção nada contém de mais, e tem muito de menos do que o original, e pouco satisfeito ficaria o Snr. Schaefer quando viu o seu filho querido e legitimo proclamado bastardo em nação estranha, e por juizos sem provas.

O sentido do Author, quando não adulterado, é saltado aos pés juntos pelo empenho de poupar escrita. A doutrina é apresentada — quando o é — com divisões de outra fórma. As notas em que o Sr. Schaefer poz tanto esmero, principalmente as que são escriptas em portuguez, vem ás vezes tão desfiguradas que não se podem ler. Em citações não falemos, que nem julgâmos valer a pena de nos darmos a esses escrupulos de algarismos quando temos tão notaveis pontos de censura. Por derradeiro nem vem o reinado do Snr. D. João 2.º, que já no allemão se publicou. —

No demais é um livro excellente — isto é no papel e no typo. F. A. V.

Bibliographia Castelhana.

46 Por que razão, hoje que a philosophia anda varrendo de sobre a terra as preoccupações de toda a casta, hoje que o genero humano tende para a unidade e fraternidade, hoje que não ha já uma republica litteraria e independente em cada paiz, mas uma confederação universal de republicas litterarias, Portugal e Castella continuão a estar de estremados por uma bruta muralha de completa indifferença, mais massiça e alta que o muro que affasta a China da Tartaria! Os povos de Portugal e Castella, irmãos por grande parte, de sua historia, de seu caracter, e de seus costumes, irmãos até na lingua, cada uma das quaes se pode estudar pelos classicos da outra, povos não visinhos, senão moradores quasi, do mesmo terreno, parecem um do outro affastados por milhões de leguas. Com a falta de mutuo commercio intellectual perdemos nós e perdem elles, porque n'uma e n'outra parte se produzem, e crião, e amadurecem ainda hoje homens, d'um talento brilhante e incontestavel. Não pertendemos nós que ressuscite uma época desnacional, em que outra vez os nossos Prosadores, e Poetas de maior merito, enriquecção a lingua visinha, defraudando de obras primas a de seus naturaes; era esse um absurdo em que muitos absurdos se reunião; quiséramos sim que os letratos de uma e outra nação procurassem conhecer mais ao largo, e ser mais ao largo conhecidos; n'isso lucrarião ambas as linguas, ambas as civilisações, e n'isso finalmente se abririão novos meios de consumo ás duas litteraturas, para poderem, não opulentar, mas ao menos sustentar a seus cultores. Porque razão, perguntal'o-hemos a Portugal e á Hespanha, por que razão havendo em Lisboa e Madrid venda publica e abundante de livros francezes, de livros inglezes, de livros americanos, e ainda um pouco de livros italianos e allemães, em Madrid se não encontra um livro Portuguez, em Lisboa se não encontra um livro Castelhano!! Aos livreiros tóca encetar esta especie de tratado reciproco, e aos Jornaes litterarios ajudal'o com o discurso, e com a persuasão. O que de nós depende fal'o-hemos nós. Com os annuncios da bibliographia castelhana procuraremos aguçar constantemente a curiosidade dos leitores Portuguezes.

Da generosidade e justiça dos nossos visinhos fiamos que será lá imitado o nosso exemplo. A. F. de C.

OBRAS CASTELHANAS PROXIMAS A SAHIR Á LUZ.

Compendio Chronologico da Historia de Hespanha, desde os tempos mais remotos até nossos dias.

Curso de Direito Natural, ou de philosophia do direito. Traducção do Allemão.

Livraria de Juizes, Letrados, e Escrivães.

Fastos Hespanhoes, ou Ephemérides da guerra civil desde 1832 até hoje.

Bibliotheca Infantil, dedicada aos meninos e amigos da meninice. Traducção do Allemão.

Musêu Infantil, ou collecção de historias curiosas e instructivas para incitar a applicação dos meninos.

Viagem Pitoresca á roda do Mundo, resumo geral das viagens e descobertas de *Magalhães*, *Tasmar*, *Dampierre*, etc. etc.

(Continuar-se-ha com esta e mais bibliographia estrangeira).

TYPOGRAPHIA DE J. A. S. RODRIGUES
Rua da Condeça n.º 19.

Scientifica, Litteraria, Agricola, Commercial

Chronica Judicial, Artistica, e Commum de todo o mundo.

REVISTA UNIVERSAL.

N.° 5.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS.

POR 12 NUMEROS	480
POR 24 »	960
POR 52 »	1920

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, RUA DOS PANQUEIROS N.° 107, 1.° ANDAR.

Quinta feira 14 de Outubro de 1841.

A Redacção da REVISTA UNIVERSAL acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Trigo Imperial

PORTUGAL.

47 O primeiro que entre nós obteve semente do trigo, hoje chamado Imperial, foi o Snr. Francisco de Paula Vaz Velho, rico proprietario, instruido, e curioso lavrador, e um dos melhores amigos da publica utilidade.

Estreou-o, ha poucos annos, nas suas fazendas do Algarve; e vendo que ás esperanças, e ainda aos desejos, respondia, superabundantemente, a colheita, e que o pão do seu trigo excedia em bondade ao de todos os outros; entendeu, ao revez da doutrina, e pratica de muita gente, que, pois que para todos podia ser a coisa vantajosa, razão era que se espalhasse; e assim o fez. Para o Imperio do Brazil, cujo é cidadão, remetteu as primicias da sua nova ceifa, que o Snr. D. Pedro 2.° officialmente agradeceu, e officialmente derramou para sementes, pelas dilatadas provincias dos seus Estados; d'onde a tal grão proveio, posto pelo Snr. Vaz Velho, o nome de Imperial.

N'este reino porém, pouquissimas pessoas o conhecem, e menos ainda são as que o já cultivão; sendo que a todos os lavradores conviria possuil-o, e a todos os não lavradores, que se tornasse vulgarissimo.

Do Snr. Vaz Velho, o receberam alguns seus amigos; e dois ou tres, que n'esta provincia da Estremadura, o experimentaram, (um d'elles em uma quinta junto a Queluz) sabem já por experiencia, o quão preciosa cultura seja esta.

Na chamada *Quinta Nova do Miranda*, junto ao logar da Charneca, a uma legua de Lisboa, forão, pelo pai de quem isto escreve, semeados alguns d'estes grãos, presente do mesmo Snr. Vaz Velho, e produsiram admiravelmente; como poderão testemunhar, todos os que por seus olhos desejarem de certificar-se, pedindo no escriptorio d'esta Redacção se lhes deixe ver a amostra do Trigo Imperial, que já para isso mesmo foi dada pelo dono da mesma Quinta.

A Redacção diligenceia, e espera obter maior porção, a fim de poder liberalizal-a pelos que desejem começar com tal cultivo; e assim como a houver, fará publico annun-

cio por este jornal, para que os desejosos se apressem, e se aproveitem.

E' o Trigo Imperial d'estatura, e portamento ufano, espiga longa, corpolenta, fornida, e por seu peso mui pendente; o grão excede, duas, ou tres vezes, no dos trigos communs; dá uma farinha amarella, e mui gostosa, de que se faz optimo pão, com a singularidade, segundo nos affirmão, de se conservar tenro por espaço de tres dias.

R. F. V.

Milho gigante.

PORTUGAL.

48 O milho, que n'esta nossa Estremadura, e até ao ultimo sul do Reino, é muito menos alimento do que o trigo, é quasi o unico pão em todas as nossas provincias do norte; isto bastára para que a sua cultura se tornasse crédora dos maiores desvelos. Mas este oiro vegetal, que a America deu á Europa, e mais precioso, e mais innocente que o das minas, não só acode ao lavrador, renovando-lhe como alimento as fôrças, de que elle e sua familia necessitão para luctar com a bruteza da terra, senão que sustenta ricamente aos animaes, de que o seu cazal se povôa, se nutre, e se ajuda no grangeio da Agricultura. E mais do que pão e pasto poderá ainda vir a ser o milho, se devéras se quizer extrahir algum dia o assucar de sua cana. Isto posto, e assentado por todos, que o milho usual, chamado pelos Botanicos, *trigo das Hespanhas*, é já uma grandissima riqueza, que nome não deveremos pedir para o Milho Gigante, que tanto excede no commum, como ás arvorêtas mais humildes a arvore mais alterosa! Semeado basto é para verde, tres de suas folhudas canas, que muitas vezes vingão de 20 a 24 palmos de altura, banquetêão opiparamente o vosso boi, ou o vosso cavallo, para todo um dia; semeado raro, a distancia de palmo, e para pão, cada pé offerece tres ou quatro espigas (termo médio tres); cada espiga vos dá de 400 a 500 grãos; cada grão, do tamanho de uma pequena fava, se vos desentranha em bella farinha agradavel no gosto, e em particulas nutritivas copiosa. Do mesmo Snr. Vaz Velho, de quem acima fizemos menção, obteve o author d'este artigo 400 grãos, os quaes semeados na sobredita *Quinta Nova do Miranda*, mas em terreno demasiadamente estrumado, produziram com tudo alqueire e meio. Quem desejar ver a amostra das espigas alli criadas pode recorrer ao Escriptorio da Redacção d'esta folha, onde, não para alardo mas para incentivo, estão patentes, posto que sejão das minimas de tal especie. A Redacção diligenceia igualmente adquirir sementes d'estas para as repartir.

R. F. V.

Leite

49 Para conservar o leite que não atrame, aconselhão que nos calores fortes do verão, ou quando os ares andão bruscos, se misture em cada meia canada d'elle, oitava e meia a duas oitavas de bi-carbonnato de soda; porque esta substancia neutraliza o principio que no leite se desenvolve para o azedar.

Mais se faz ainda com o bi-carbonato de soda: val-se melhorar o leite dentro nos proprios peitos das mães, ou amas. Quando a criança não pode digerir, e vomitu o que mama, por ser muito acido, o que frequentes vezes acontece nas cidades, quando as mães que amamentão não querem, ou não podem, sequestrar-se do grande reboliço dos divertimentos, o modo d'emendar o mal é sugeitar-se a mãe, a tomar de uma a duas outavas da dita droga por dia. O filho medrará, e ella mesma passará phisicamente melhor, sem fallar no duplice gosto, que lhe hade provir da consciencia de um dever preenchido, e de se considerar como tres vezes mãe do formoso objecto de todos seus amores.

Quanto á dóse do remedio, a experiencia, na falta de médico, lhe irá ensinando a diminuil-a á proporção que diminua a necessidade d'elle.

Já que fallámos de tão interessante assumpto, e tão geral, como é a aleitação, apontemos um costume mui corrente entre as amas na Dinamarca, e Suecia, e que surte o melhor effeito. Usão estas de beber sempre que têem sede, e muitas vezes sem ella, cerveja misturada com igual porção de leite: as crianças, e ellas, engordão igualmente; adquirem forças, e conservão boa saude. Tentado com prudencia nenhum mal pode causar.

* *

Banhos, e em especial de Vapor.

LISBOA.

50 Tão antigo é o uso dos banhos que nenhuma historia lhe aponta a origem. De crer é, que, pela necessidade da limpeza, começariáo com o mundo. Talvez os que chamâmos irracionaes, e que tantas coisas nos ensinaram, suggerissem ao homem a primeira idéa de

se banhar. O certo é, que um grande numero de animaes se banha; e alguns não só pelas calmas do verão, mas até nos desabrimentos do inverno: taes, como os pombos, e os canários.

O que, ao certo, podêmos inferir da historia, é, que todos os povos da Antiguidade, houveram os banhos por geral costume, assim á conta de conservar a saude, como para desenvolver as forças, physicas, e intellectuaes.

Os governos antigos, porque muito curavão da creação da mocidade, que é a força, e esperança, dos estados, a fim de a envidar a banhar-se com frequencia, por toda a parte lhe abriram apparatosos lavacros, em que o luxo e pompa sobredoiravão o mais extremado aceio.

Em Athenas, os Archontes, magistrados principaes, os tinhão a seu cargo; em Roma, os mais distinctos dos Patricios, incumbindo aos Edís o regular a temperatura das estufas, em que os banhos de vapor se ião tomar. Por onde se vê, que não só os frios, e mornos, mas até os de vapor, erão já havidos por prestadíos, e praticados.

Forão estes entre os gregos, e por largo tempo, envoltos em misterio, antes de serem pelos medicos empregados para remedio. Muitos enfermos, que em suas molestias imploravão as Divindades, só obtinhão um Oráculo propicio, depois que em banhos de vapor se purificavão. Os medicos, observando então os bons effeitos d'aquella pratica, lançaram mão d'ella, e fizeram com este remedio maiores milagres, que todos os Oráculos até alli conhecidos.

Tão admiraveis erão as curas operadas, por banhos de vapor, que, segundo Plinio, por muitos seculos se não usou em Roma de outra medicina. Não obstante o grande benifício, que a humanidade tirava d'estes banhos, com o andar do tempo, vierão as guerras, assoladoras de tudo bom, e os fizeram cahir em quasi completo olvido.

O seculo presente, cujo talante é regenerar, em tudo, que ser pode, as bellezas da Antiguidade, a pár dos aperfeiçoamentos, e da indagação para descobrimentos novos, promoveu, e adiantou com preciosos incrementos, os banhos de vapor, que em todas as cidades grandes da Europa se estão hoje vendo adoptados pelos mais insignes professores da medicina.

Varias, e não poucas, machinas se requerem para a formação de taes estabelecimentos; mas o especifical-as, e descrevel-as, fôra trabalho tedioso, sobre escusado; não é para aqui.

Daremos todavia uma idéa succinta, do que um tal banho seja. Arabes, Egypcios, Gregos, e Romanos, só usavão d'estufas para os tomar: é a estufa um quarto bem fechado, que tem, por baixo do pavimento, uma proporcionada fornalha, para o esquentar.

Dentro n'este quarto se desenvolve o vapor, mergulhando em um vaso d'agua, ferros, ou outros corpos em brasa; ou derramando a mesma agua sobre uma chapa de ferro ou cobre, com que está coberto um buraco do pavimento, que dá sobre a fornalha; a qual chapa, como está affogueada, logo resolve aquella agua em vapores, que involvendo o enfermo lhe servem de banho. Na Russia é este ainda hoje o methodo mais vulgar.

Os médicos francezes modernos têem feito nas estufas utilissimos aperfeiçoamentos: 1.º, o calor, e o vapor, não são desenvolvidos no logar da estufa, mas fóra, e trazidos a ella por conductores adequados; 2.º, aquentão a estufa gradualmente, podendo-se, a cada instante, avaliar o gráo de temperatura, a que o corpo se achá exposto; 3.º, moderão á vontade, o calor, ou o augmentão até ao ponto, que se quer.

Não obstante estes melhoramentos, já consideraveis, grandes medicos, trabalhando em aperfeiçoar o methodo de administrar os vapores, por modo que reunissem o maior numero de vantagens possivel, inventaram um tal feitio de caixas, que a pessoa tendo a cabeça de fóra e respirando o ar livre, (o que nas estufas não succede) em todo o demais do corpo está recebendo copiosamente o seu banho. N'esta caixa se administrão banhos geraes, e parciaes, seccos (estufa propriamente dita), humidos, simplices, e compostos; podendo-se metter, na composição dos vapores, a maior parte dos medicamentos, que aliás se tomão pela boca, fazendo-os penetrar em todo o corpo, ou parte d'elle, por absorpção. D'este methodo, sábiamente dirigido, resulta o obterem-se curas inesperadas em um grande numero de molestias.

Nos paizes estrangeiros, principalmente para o norte, faz-se grande uso de banhos de vapor, como meio hygienico, proprio para alimpar o corpo, e dar saída aos humores crassos, que obstruem os póros da pelle, tolhem a transpiração insensivel, e occasionão varias enfermidades.

No inverno é que estes banhos na Russia são mais frequentados, onde tambem é pratica, em sahindo d'elles, esfregar logo o corpo com uma pouca de néve; as pessoas ordinarias do povo, sahem para se irem espojar pelo gelo, e não lhes succede mal algum. Pelo

contrário, assim têmprão a fibra, para melhor resistir á crueza do seu clima.

Em alguns estabelecimentos de França, costuma-se refrescar, a miudo, a cabeça com agua fria, durante o banho de vapôr na estufa: subtrahindo-se, por este meio, o excesso de calor na cabeça, se evita uma congestão nô cérebro, que, aliás, poderia acontecer. Tambem alli costuma haver uma torneira d'agua fria, para refrescar o corpo durante o banho, ou immediatamente depois, como que arremedando a usança dos Russos.

A observação tem ensinado que depois do banho de vapor, quando só por limpeza ou hygiene se tomou, convem muito comer logo, e fazer exercicio.

Agora temos a satisfação de annunciar a nossos leitores, que tambem já possuimos, aqui em Lisboa, um estabelecimento d'este genero; e em tal ponto de aceio e de perfeição a todos os respeitos, que nada mais se pode desejar, senão que prospére e dure sempre para publico proveito de uma cidade tão populosa. E' na rua do Princepe n.º 32, 1.º andar. Convidados dos muitos louvores, que lhe ouvíramos tributar, mormente por medicos, e desejosos de presenciar coisa portugueza, que estrangeiros, e até inglezes, confessavão não ser em suas patrias excedida, procurámos, antes de escrever este artigo, certificarmo-nos por nós mesmos da realidade, e comprazemo-nos de declarar que não fôra d'esta vez lisongeira a fama. Não era possivel reunir mais em tão pequeno espaço; por entre o preluxo aceio, que respira, assim no todo, como em cada uma das minimas partes, vós ahi encontrareis, por entre todos os cómmodos possiveis, toda a diversidade imaginavel de banhos hygienicos, aromaticos, emollientes, calmantes, gelatinosos, sulphureos ou caldas, de bomba, de chuva, e de vapôr, fumigações sulphureas, e de quaesquer outras substancias. Tanto os banhos d'agua, como os de vapôr, e fumigações, são compostos com medicamentos apropriados ás diversas molestias, conforme dos principios da medicina e ás observações, que d'este méthodo se tem colligido nos paizes estrangeiros.

Apezar de ser tão moderno este estabelecimento, já n'elle tem encontrado a saude alguns doentes, que havião perdido a esperança de jámais a recobrar.

Na occasião da nossa visita, nos communicou o director d'este estabelecimento varias observações, que por interessantes importa vulgarisar. Disse-nos elle que a sua propria experiencia lhe havia já mostrado, que as molestias de pelle, em geral, não resistem ao methodo vaporatorio e fumigatorio; que alguns casos de sciática, que allí se tem apresentado, tem sido utilmente combatidos com a bomba de vapôr, a qual tambem é um energico resolutivo nos tumôres brancos, e escrofulosos.

Quando, na primavera, reinou o grippe, varias pessoas, que allí fôrão tomar banhos de vapôr, se acharam curadas, com dois ou tres banhos. As pessoas asthmáticas experimentão immediatamente, no banho de vapôr, um alivio indizivel. As tosses catharrosas, e nervosas, cedem com facilidade ao mesmo remedio.

Os bons effeitos dos banhos de vapôr, no rheumatismo agudo, parecem incriveis, segundo a expressão do director do estabelecimento. As observações, por elle recolhidas, attestão que alguns doentes transportando-se allí, apenas poderão ser conduzidos em carruagem ou cadeirinha, e que no fim de dois ou tres banhos, já tem podido vir a pé, de não pequena distancia.

Uma senhora que padecia um rheumatismo geral, entrévada por muito tempo, e deixando, pelo mesmo motivo, de ser regulada, por espaço de dez mezes, allí se restabeleceo, apparecendo a menstruação, por effeito de tres banhos de vapor compostos para esse fim, e repetindo-se-lhe normalmente desde o principio de Abril até hoje.

Sendo o fim de nosso jornal o fazer conhecer tudo quanto fôr de utilidade publica, convidâmos os nossos concidadãos a visitar este philantropico estabelecimento, que tanta honra grangêa ao Sr. Doutor Nilo, seu benemerito instituidor e director intelligentissimo.

F. B.

Arsenico.

LYÃO.

51 O Professor *Dupasquail*, de Lyão, provou agora por numerosas experiencias relatadas em uma memoria offerecida á Academia das Sciencias de Paris, que não só no acido sulphurico se contêm vestigios d'arsenico, senão que o ha, e muito, em varios acidos hydrochloricos do commercio.

Este resultado é de tanto interesse para a chimica, como para a industria, e medicina. Recommendâmo-lo particularmente a quem se ocupar de trabalhos medico-legaes.

R. L.

Cautela contra incendios.

MOSCOW.

52 Não tanto para architectos, como para proprietarios, que hajão de edificar ou reedificar predios urbanos, poderá servir como lembrança o saber, que o novo palacio imperial, que em Moscow se está levantando das ruinas do antigo, destruido ha quatro annos, edificio, em que trabalhão trezentos operarios, e em que só os doirados á sua parte hão de custar uns seis centos mil cruzados, leva todos os tectos de ferro, a fim de ser incombustivel.

R. L.

Balões Aerostaticos.

BOLONHA DE ITALIA.

53 Um dos Sabios do Congresso de Lyão, por nome *Cosmachi*, natural de Bolonha, em Italia, publicou, por meado do preterito Setembro, um opusculo sobre a navegação aérea em balões.

Posto e assentado que a arte da navegação por agua permaneceu longo prazo em infancia, entre as nações mais engenhosas, queixa-se de que a navegação aérea se não haja estudado com toda a attenção que merece, e tem para si que os balões hão de vir a ser muito uteis á geographia, astronomia, e meteorologia. Com o livro, e n'elle explicada, vem uma estampa, que representa um balão feito de uma cabaia muito tapada, e barrada de um verniz, que se não deixa coar, e é elastico. Este globo é todo envolto d'uma rede de cordão de seda branca, que se franze e fecha por debaixo d'elle, e sustenta uma varanda de pão, onde vão 6 aeronautas, e o trem de que hão de mister. No canto direito da varanda ha uma machina pneumatica com 2 tubos, que se mettem pelo balão: no lado esquerdo uma véla com uma especie de leme para a voltar para onde convem, na qual se recebe o vento que ha de dar ao balão um rumo horizontal; e á direita mais uma *balança anemometrica*, para medir a força dos ventos, e indicar-lhes as variações. A' varanda vão amarrados uma escada de corda, uma ancora, e um contrapeso; o contrapeso para quando convier suspender o globo em equilibrio, a ancora para fundear, a escada para descer. O globo é armado de tal industria, que em caso de se esvasiar do gaz, e vir de chófre precipitado, toma a feição de *páraquédas*, e como tal serve. Toda esta immensa machina, as 6 pessoas, e o trem, pesão 2,290 arrateis.

M.

Outro Compositor Mechanico.

FRANÇA.

54 Dos dois inglezes dissémos no nosso artigo 7, que havião inventado recentemente um engenho para compôr nas typographias, por onde o trabalho de oito horas se reduziria a duas.

Dois annos haverá, que outra semelhante machina pregoaram os jornaes ter-se inventado em Allemanha, segundo a qual, se nos bem lembrâmos, um compositor de meão desembaraço, havia de fazer por dia as suas oito folhas grandes. Agora vem terceira tentativa do mesmo genero, e d'esta vez é franceza.

Na ultima sessão publica da Academia das Sciencias de Paris, declarou um dos socios que *Gaubert* e *Mature* acabavão de inventar um engenho para compôr, pouco mais ou menos parecido com um teclado de piano; só com a differença de que as téclas, em vez de corresponderem ás notas musicas, correspondem a letras: cada uma faz sahir a sua d'um dos *caixotins*, ou escaques, da caixa; as letras por si mesmas se arrumão no componedor, por modo que fica logo a obra terminada. Mas onde mais ainda resahe a sagacidade do invento, é no decompôr a fôrma depois de servida: sacode-se, e os typos de cada letra lá vão juntos de ranchada para sua casa.

Veremos se algum d'estes differentes projectos chega a pegar; o que para os authores, e para o publico em geral, será de grandissima vantagem pela barateza a que descerão os livros, para quem os faz, e para quem os compra. Se nenhum pegar por agora, com bom fundamento podemos esperar que, pois que tantos machinistas julgão a coisa possivel, e a tentão, realmente é possivel, e tem, mais cedo ou mais tarde, de conseguir-se.

R. L.

Um melhoramento para os Prelos.

55 A gomma elastica, mais conhecida entre nós pelo nome vulgar de *borracha*, é de tal maneira serviçal, que todos os dias a accommodão a novos usos, e com vantagem manifesta. Em uma obra franceza moderna, achamos o alvitre, (não sabemos se já expe-

rimentado) de forrar com uma folha de gomma elastica as costas do tympano da prensa typographica.

Assentando a lona, ou panno, sobre esta massa tão flexivel, deve fazer, quando se aperta o prélo, que o typo da fôrma se estrague muito menos, e pinte no papel muito melhor. Valerá a pena de experimentar.

R. L.

Uma prova do nosso adiantamento lithographico.

LISBOA.

56 CONFIRMA-SE plenamente o annuncio que em o nosso artigo 4 haviamos dado. Das prensas do Snr. Manoel Luiz da Costa acaba de sahir perfeitamente executado o retrato em folio de José Agostinho de Macedo, pelo Snr. Aragão, da Academia das Bellas Artes de Lisboa, e artista de grande prestimo.

O novo processo é, em realidade, excellente: torna os desenhos mais brilhantes nos claros e escuros, e firmes as meias tintas: logo que o estampador conheça a *maneira* de cada desenhador, irá cada vez a melhor este methodo, de muita gloria para o seu inventor, o Snr. J. A. da Silva, e de credito para esta nação, onde, por culposo desleixo d'ella mesma, é corrente e moente, o suppôr-se, e repetir-se, que os olhos, mãos, e cabeças, que nascem n'esta latitude e longitude, são stigmatisados pela natureza com chaga de esterilidade; miseria, em bôca d'estrangeiros só miseria, mas em bôca de portuguezes infamia infamissima.

Certos estamos de que este retrato, que já nas principaes lojas de livros se acha á venda, tem de ser mui procurado, porque o sujeito que elle representa, o que pela sua prodigiosa memoria bem mereceu o titulo de 2.º Macedo, e o de primeiro dos primeiros pela sua admiravel fecundidade, facilidade, graça, e muitas vezes elegancia de estilo, foi um dos homens que mais e mais longamente se lograram de fama entre seus conterraneos. Os seus muitos e ponderosissimos defeitos como escriptor, os seus estravios como homem, as suas inconstancias como cidadão, não são coisas assaz poderosas que nos demovão da veneração de que por muitos titulos nos é credor. Podem em vida escurecer-se ou negar-se a justiça e a verdade, mas ambas essas plantas, raras no mundo, ao pé de toda a sepultura se devem com os ciprestes encontrar.

M.

Sepultura de Francisco Manoel do Nascimento.

Respexit tamen, et longo post tempore venit.

PARIS, LISBOA.

57 SEGREDO parece da Providencia, que nenhuma grande gloria mundana seja desacompanhada de descontos tambem grandes. Raro varão, illustrou jamais a terra do seu nascimento, que, se bem lançarmos as contas, a não deixasse, pelo que lhe ella a elle fez, ou pelo que lhe elle fez a ella, deshonrada e envergonhada. Entre os exemplos dos illustres deshonradores passivos de sua patria, avulta, na historia litteraria portugueza dos nossos dias, o nosso FILINTO ELYSIO. O que a Poetica lhe deveu, e mais do que a Poetica, a Liberdade, e muito mais do que a Liberdade, a rica, e fidalga lingua portugueza, todos nós o sabemos. E o como para com elle nos desempenhámos de tamanhas dividas, sabem-no, alem de nós, ainda mal! a França, a Europa, e o Mundo! O seu engenho, que elle só quizera consagrar a engrandecer-nos, em prantear infortunios se consumiu: em vez dos gozos da Liberdade, que nos elle evangelisou, teve as amarguras do desterro para evitar os tormentos do carcere; e a lingua, que tanto amou, por quem tanto fez e perfez, e que, por elle, havia de renascer... que longos dias, e que prolixos annos se lhe não devolvêram, sem a fallar, nem a ouvir! podendo já dizer por si em meio de Paris, o que o Romano desterrado, suspirára entre os gêlos da Scythia

« Barbaro aqui sou eu, que não me entendem!

Sobejo era isto, e não foi bastante. Cevado de penas, de saudades da patria, e de amigos; roubado entre estranhos, depois de roubado entre os naturaes; avergado, e delido de annos, e trabalhos; em um aposento não modesto, senão mesquinho; desamparado de todas as coisas mais amigas de nossa natureza, mais necessarias, e agradaveis, aos que estão de partida; sem ter sequer dois livros para os testar em penhor de affecto a tantos e tão queridos auzentes; sem esperança ao menos de ser chorado em expirando, ou no sepulchro visitado; aquella cançada alma portugueza, sob um céo esquivo e duro, a exhalou! Mãos estranhas, não trémulas, o levâram á cova; olhos estranhos, e enxutos, o viram submergir-se, e desapparecer; vozes não portuguezas, lhe passão, e enxamêão por de cima; dos affectos, e saudades, que por lá de continuo refervem, e se renovão,

nem um suspiro desce á procurá-lo. Apoz desterro de larga vida, mais que desterro na morte — ¡ indifferença e esquecimento!!

Pára aqui? Ainda aqui não pára. Na sepultura, onde a má estrella de cada um costuma de ter o seu occaso, não o teve a de FILINTO. Entre tantos milhares de monumentos de virtudes, de sciencia, de engenho, de amor patrio, de formosura, de riqueza, de vaidade; entre monumentos, em fim, de tudo, e de tudo, a exilada sepultura de FILINTO jaz ha tantos annos, ¡ que já se contão 22! não só sem uma pédra que a assignale, senão a pique de total perdimento!

Mais nada? Mais, e mais, e muito mais! Occorreu emfim a um portuguez como desejo, o que já como pensamento havia a muitos occorrido; dar sequer n'este mundo um túmulo a quem n'elle não tivera uma patria. Propõe o negocio a um sabio tambem portuguez, tambem perseguido, tambem expatriado, amigo e companheiro outr'ora do Poeta; declara-lhe a tenção em que está de levantar á sua custa, elle só, aquelle monumento. O prudente Varão em tão grave materia consultado, louva como sabio, mas como portuguez reprova a determinação. » As dividas da Patria, lhe diz, ninguem senão a Patria as pode pagar. FILINTO sem mausoléo é uma affronta, mas não irreparavel: o mausoléo de FILINTO edificado por um só homem é uma affronta irreparavel para toda uma nação. Fazei mais, e melhor, do que abrir a vossa bôlsa; ide por entre o povo portuguez pedir uma esmola para FILINTO!!» E aquella generosa bolsa generosamente se fechou; aquella mão, que ía alçar um padrão á sua propria fama, se estendeu a mendigar; e (Deos louvado, que ainda de patrio amor não estamos tão exhaustos como de oiro!) acudiu-se ao pregão da esmola, prefez-se a somma, ha de erigir-se o monumento. Mas onde? (Eis-aqui o aggravo, que do meio do desaggravo se reproduz e se perpetúa) longe da Patria, e na propria terra do desterro. Mãos francezas arrancarão e talharão a pédra; mãos francezas a assentarão; passeadores francezes passarão por ahi sem na olhar, ou sem na entender: nenhum dos para quem elle só viveu, e viveu todo; nenhum dos entre quem desejou existir, acabar, e jazer, poderá ir sentar-se com o livro das suas obras na mão, junto da sua Urna, a aprender constancia contra infortunios, generosidade contra ingratidões, e incontrastavel afferro á boa terra do nascimento!

Para nós temos que é este um objecto merecedor das attenções de um Governo. O Ministro dos Negocios Estrangeiros não póde ser indifferente para o que toca em interesses de sabios: os fóros de um dos mais soberanos mestres da Lingua portugueza a ninguem mais incumbe zela-los, do que a elle; nós esperâmos, e com toda a confiança o esperâmos, que a sua penna, agora em quanto é tempo, se apresse de escrever um requerimento, tão digno d'ella; uma reivindicação que o Throno de um Povo tão amante e zelador da gloria, como é o francez, não deixará de despachar graciosamente. Venha FILINTO dormir emfim o seu derradeiro somno aqui, onde o conhecem, e o amão; sob o céo abençoado, e risonho do seu Portugal; entre a numerosa e devota familia de seus admiradores. O seu túmulo, que lá lhe seria apenas uma pédra, aqui lhe será mais do que mausoléo, ser-lhe-ha palacio, ser-lhe-ha piramide, ser-lhe-ha templo!!!

A. F. de C.

P. S. Do que mais passar n'este negocio, em que nos fica posta, mui anciosa, a attenção, daremos conta; e esperamos em Deos, que não será para mais descredito dos Portuguezes.

Curso Publico e Gratuito da Historia da Civilisação antiga.

LISBOA.

58 CHAMAMOS a attenção de nossos leitores para a importante materia d'este artigo. O Joven Professor, o Snr. Luiz Augusto Rebello da Silva, digno filho, e digno discipulo, de um dos nossos sabios mais recommendaveis, promette pelo seu programma, que abaixo transcrevemos, coisas grandes; mas não superiores ao seu engenho, philosophia, e estudo. Presumimos, e com bons fundamentos, que os melhores espiritos se presarão de ser seus ouvintes, e se gratularão de o haverem sido. Louvores a esta porção da Mocidade portugueza, que assim dá publico e irrefragavel documento de sua virtude, um exemplo de amor patrio tão nobre e tão necessario, e uma lição a vélhos avarentos de seu saber, e estereis por egoismo.

A materia das prelecções será dividida em sete pontos principaes, que se hão de tractar em doze Lições Semanaes.

1.º Considerações geraes sobre a civilisação antiga, sua differença da actual, e seu caracter distinctivo. Esboço philosophico e critico das duas idades primitivas—fabulosa, e Heroica — desde o Diluvio Universal. Re-

flexões philologicas sobre a origem da Mythologia e da fabula. 2.º Origem da religião dos Povos primitivos nas idades, fabulosa e heroiça. Primeiros vinculos sociaes. Fundação dos governos. Estado das Artes, Sciencias, e Industria d'aquelles Póvos. 3.º Quadro critico, e philosophico das causas da grandeza, e decadencia dos Imperios, dos Egypcios, Assyrios, Médus, e Persas. 4.º Considerações sobre as Republicas de Athenas e Esparta. Comparação dos dois sistemas governativos. Reflexões Politicas sobre as virtudes e vicios sociaes desses povos até ao reinado de Philippe de Macedonia. Estado das artes, sciencias, e industria, e sua influencia na organisação politica da Grecia. 5.º Decadencia da Grecia. Considerações sobre a tribuna Grega. Guerra contra Alexandre Magno. Guerra dos Persas. Queda do Imperio dos Persas. Esboço do estado politico e litterario das Republicas Gregas até á entrada dos Romanos na Grecia chamados como auxiliares pela liga da Achaia. 6.º Fundação de Roma. Reinado de Numa. Ruina do poder monarquico. Republica Aristocratica. Guerra de Pyrrho. Guerra Punica. Reflexões philosophicas e politicas sobre Carthago, e sua influencia no destino de Roma. Divisões internas, lucta entre o povo e o senado, ou entre patricios e tribunos da plebe desde os primeiros tempos da Republica. Tyrania de Sylla. Guerra civil entre Pompeo e Cesar. Dictadura Perpetua. Imperio d'Augusto. 7.º Vinda de Christo. Fundamentos da nova civilisação. Reflexões sobre as causas de decadencia e ruina do Imperio Romano. Applicações das doutrinas antecedentes ao sistema geral da Civilisação Antiga.

O local das prelecções é nas casas da Sociedade Philomatica, Rua de Santa Martha n.º 23; os dias, um sabado sim, outro não; a hora das 7 e meia ás 8 da noite: a primeira prelecção será no sabbado d'esta semana, 16 do corrente.

M.

Congresso dos Sabios.

LYÃO DE FRANÇA.

Por não deixarmos de todo balda a insoffrida curiosidade dos estudiosos, respeito ao que no Congresso de Sabios em Lyão se passaria, algum desempenho vamos dar aos promettimentos dos nossos artigos 18 e 40.

De tres questões nos consta, que entre mil outras, e com mestria summa, se ventilaram; aventadas todas tres por *Arlés Dufourt*, membro do Conselho Geral das fabricas, sujeito por talento, sciencia, e mais partes, illustrissimo.

1.ª Ao abolirem-se pela Revolução as corporações e juizes dos officios, e as cartas de mestre, desempachou-se o commercio e industria d'uns institutos, que em seu principio haviam sido bons; mas que por se não terem depois ido moldando com as nóvas necessidades, se achavam já por ultimo servindo de verdadeiras rémoras ao adiantamento.

A Revolução não encarou em coisas taes, ainda mal! se não o damninho; e o proveitoso não curou de o manter, ou supprir.

Havia de se fazer uma *evolução* e não se fez senão uma revolução. Saltou-se logo de pólo a pólo; do privilegio paralisador para a anarchia queimadora e consumidora das forças. Hoje em dia as maximas egoistas e anarchicas, *cada qual no que é seu — cada um para si — deixai fazer quem faz — deixai ir quem vai* — estão sendo a lei dos cidadãos e a lei do estado; e pelo que demostrão, ainda para os productores e consumidores, hão de vir a ser peores do que já o fôra o sistema velho e restrictivo.

Ora de que arte, sem lesar as regras da liberdade e igualdade, se poderão restituir jerarchia e policia á industria e commercio? Em summa, como é que se ha de conciliar com a liberdade a boa ordenança?

2.ª Donos e operarios são actualmente dois bandos adversos; os donos a queixar-se dos operarios e a teme-los; os operarios a amesquinhar-se dos donos, e a inveja-los.

Que é mister fazer para os conchegar, e associar uns com outros?

Como se alcançará que o operario participe dos lucros do dono, em modo que lhe deseje fortunas, e lh'as abençõe?

3.ª São as machinas predestinadas a levantar nos trabalhos revoluções, ou mais propriamente, a transforma-los, despenando o homem de quanto n'elles ha de maior materialidade e bruteza. Providenciaes são logo as machinas, e deve portanto o operario abendiçoa-las: ao revez porém, hoje em dia as amaldiçoa, porque tendo vindo a subitas usurpar-lhe o logar, sem nenhuma compensação, o defraudão do pão, a elle e á sua familia indispensavel.

Ora como se ha de fazer que o operario se congratule com as machinas?

Ainda outra questão levantára o mesmo philosopho que por falta de tempo se não debateu. A saber: a inferioridade do salario das mulheres leva as moças plebéas da miseria á dissolução, e ao mesmo tempo damna

aos operarios, porque pela maior barateza do serviço d'ellas lhes fica para elles cada vez menos que fazer.

Já que o governo de França cura solicitamente do trabalho das crianças, não poderia tambem curar do trabalho das mulheres? Não conviria requerer-se-lhe que (exemplo granplo grande fôra esse para o mundo) onde quer que o serviço d'ellas fosse ao d'elles igual, igual fosse tambem ao d'elles o salario d'ellas?

No trabalho fisico, intellectual, e moral, como se ha de haver igualdade de retribuição havendo igualdade de prestimo?

Desbarate de papel se representará isto a espiritos acanhados; mas são questões fundas, por onde muito convem, que os animos se metão e girem. Os que não têem por massiço e proveitoso, senão o pão, a carne, e o vinho, o vestido, o calçado, e a cama, hão de saber, que onde se legisla, e tem de legislar, as théses de philosophia são muitas vezes sementes tão preciosas como as dos proprios alimentos, e que assim como de gazes e fluidos impalpaveis e subtilissimos se fazem nas officinas da mestra natureza as arvores e as sélvas, as fontes, os rios e os mares, assim de proposições, que ao principio não passavão de especulativas se forma, e encorpa a ordem social com todos os commodos que n'ella ha.

Primeiro que de Lyão se dispartissem os illustres vogaes d'aquelle Congresso determinaram que em Strasburgo se houvesse de celebrar a decima sessão em 1842. Houve quem propozesse que a undecima fosse em Bordeos.

A. M. de C.

Missão litteraria.

FRANÇA.

60 IMPORTANTE e grande é a noticia que abaixo vamos transcrever, e da sua utilidade julgará quem bem a ponderar, e lhe pesar os resultados. Da França nos annuncião que Melchior Tiran, Membro da Real Sociedade de Antiquarios d'aquelle reino, acaba de partir para Hespanha, encarregado pelos ministerios do Interior, Guerra e Instrucção publica, de *colligir* na *Peninsula* as obras impressas, e manuscriptas, que forem uteis para os ditos ministerios.

Graças aos estranhos, chegar-nos-ha a nossa vez de termos — ainda que rebentada em terra alheia — uma fonte de instrucção, vulgarisada, e accommodada, em que se possa beber limpamente; sem gastar a maior parte do tempo ou em buscar exemplares para ler, ou em estremar os necessarios dos inuteis, os insulsos dos proveitosos. Se os que têem a seu cargo a instrucção publica em Portugal assim se desvelassem em promove-la, os resultados serião igualmente vantajosos para a educação e para a politica; lucraria o povo e lucrarião os que o dirigem. As reformas não devem de ser só no dinheiro; tambem devem de ser na intelligencia: reformem-se as cabeças como se reformam as algibeiras — e Deos sabe o que é mais necessario.

Ficaremos nós ociosos quando já de fóra nos dão taes exemplos.

S. L. J.

Jornalismo comparativo de Portugal e Hespanha.

61 BADAJOZ — Grito de Setembro, Liberal. » *Barcelona* — Diario de Barcelona, Guarda Nacional, Constitucional. » *Bilbáo* — Vascongado » *Cadiz* — Nacional, Globo. » *Cordova* — Andaluz. » *Corunha* — Noticiador, Boletim de noticias. » *Gerona* — Postilhão, Consequente. » *Granada* — Alambre. » *Madrid* — Gazetta, Ecco do commercio, Correio Nacional, Correspondente, Constituição, Castelhano, Furacão, Catholico, Frei Gerundio, Gazetta dos Tribunaes, Diario de avisos, Semanal, Semanario de Medicina, Panorama, Elegante, Boletim de Medicina, Semanario Pitoresco, Entr'acto, Pensamento, Iris, Archivo Militar, Grito do Exercito, Revista de Madrid, Caranguejo, Chicote. » *Malaga* — Ecco do Meio Dia, Chronica. » *Palma* — Diario Constitucional, Palma, Genio da Liberdade. » *S. Sebastião* — Liberal Guipuscoano. » *Santa Cruz de Tenerife* — Folhetim de noticias politicas, Daguerreotypo. » *Santander* — Vigilante Cantabro. » *Saragoça* — Diario Constitucional, Aurora, Ecco de Aragão. » *Sevilha* — Diario de Commercio, Artes e Litteratura, Sevilhano, Revista Andaluza. » *Valença* — Diario Mercantil, Tribuna, Boletim Encyclopedico. » *Galiza* — Revista de Galiza. »

Ao todo são 52 periodicos, 31 dos quaes politicos.

Apresentaremos agora a lista dos jornaes portuguezes.

Lisboa — Diario do Governo, Nacional, Correio de Lisboa, Periodico dos Pobres, Portugal Velho, Constitucional, Dez Réis, Revolução de Setembro, Panorama, Archivo Popular, Mosaico, Recreio, Ramalhete, Muzeo Pitoresco, Universo Pitoresco, Abe-

lha, Bibliotheca Familiar e recreativa, Jornal das Sciencias Medicas, Jornal da Sociedade Pharmaceutica, Annaes de Marinha, Gazeta dos Tribunaes, Archivo Theatral, Correio das Damas, Folha Commercial, Gratis, Revista Universal. » *Porto* — Athleta, Periodico dos Pobres, Revista Litteraria, Noticiador, Gratis. » *Coimbra* — Antiquario Conimbricense, Chronica Litteraria. » *Madeira* — Defensor. » *S. Miguel* — Monitor. » *Angra* — Angrense. »

Ao todo 36 Periodicos.

Ora como a população da Hespanha é 5 vezes maior que a de Portugal, segue-se que temos, proporcionalmente, quasi o quadruplo de Jornaes.

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA.

Obras dramaticas de A. M. de S. Lobo.

Offerecemos ao publico o prospecto do Auctor.

62 Um Pai, depois que por sua desgraça é Pai, não tem outras consolações, que de seus filhos não venham, e das cousas d'esses filhos que Deos lhe deu. Todo seu orgulho é vêl-os formosos e bem trajados; todo seu prazer é vêl-os instruidos, amados, e acarinhados das pessoas respeitaveis com quem vivem. E para isso que ha mister? E' mandal-os por esse mundo ganhar relações e credito, se por sua capacidade o merecerem. E se não... deixem-se morrer a qualquer canto, que o Pai os renega e amaldiçoa.

Ahi vam pois tres Dramas, filhos meus muito queridos, tentar sua primeira viagem. Deos lhe dê boa estrêa em tão perigoso trance. Não irão juntos para se não perderem ao mesmo tempo. Sahirá primeiro o mais velho, o meu Morgado, que, segundo o costume, não me parece o melhor de todos. Chama-se *Emparedado*. Irá acompanhado d'um prefacio, e d'algumas notas e variantes. Os outros são a *Cigana* e a *Moura*. Tenho por estes ultimos mais predilecção, que vieram depois, e custaram-me menos fadigas. Tambem hão de levar atavios como o Primogenito. O Publico porém é que ha de decidir da sorte desta progenie toda.

Nos mais Paizes da Europa, em todos, póde-se dizer afoutamente, adianta o Pai as despezas da viagem, que tem certo havel-as depois e com usura. Entre nós, neste innocente e bom Portugal, que não aprecia letras nem litteratura, e que só lê, se lê, algumas gazetas politicas, não ha que fiar, e é prudente consultar primeiro a tenção dos protectores. O meio de os consultar é abrir a urna das Subscripções. Ei-la ahi aberta para quem quizer hourar-me com a sua assignatura. Pessimo e vergonhoso meio, mas unico desgraçadamente para quem não quer despender sua fazenda na acquisição do pomposo nome de = *Autor edito*. =

As condições da assignatura são as seguintes:

Os tres Dramas referidos sahirão em tres series, contendo cada serie um dos Dramas completo. Formato, papel e typo será em todos tres identico e formará um volume em 8.º francez elegante. — Cada serie custa 240 réis que serão recebidos ao passo que se entregar a obra.

Promette-se uma edição aceada segundo as possibilidades de nossas typographias.

Chronica do Descobrimento e conquista de Guiné

Por Gomes Eannes d'Azurara, Paris, 1 *vol.* 1841. *Edição nitida.*

63 Esta interessante obra, pouco ha inédita, e quasi perdida, é já hoje vulgar pelas estantes dos litteratos eruditos, que dentro em pouco deixarão exhausta a edição: julgâmos todavia que ainda para alguem virá a tempo o nosso artigo á cerca da publicação de um manuscripto, que soube, por quasi quatro seculos, esquivar-se da imprensa, e até, o que mais é, das exactas e rigorosas pesquizas do *Bibliographo, do Bibliophilo, e do Bibliomaniaco*. Desditado fôra tambem a este respeito o Snr. Visconde de Santarem, pois tendo-se ido a Paris de proposito para examinar nas livrarias d'aquella cidade varios manuscriptos portuguezes, ou respectivos a Portugal, do que veio dando conta em um catálogo que a nossa Academia publicou em 1827 » *não teve a fortuna* (são expressões de S. Exc.ª) *de descobrir este, por se achar classificado entre os supplementos francezes,* » que não sabemos por que impedimento o Snr. Visconde deixou de examinar tambem. Parece-nos pois que deve de ser desejada a historia do descobrimento d'este requestado *El Dorado*, rico para a historia geográfica, riquissimo para Portugal, e de tanta gloria para o primeiro principe navegador, o Infante D. Henrique. Esboçal-a-hemos pois com tanta satisfação quanta já fôra a diligencia que pozemos no fazer propagar a noticia da existencia do manuscripto, apenas por um venturoso acerto houvemos d'elle conhecimento.

Fôra o caso. O Snr. Ferdinand Denis (bom entendedor em litteratura portugueza) lidando na Bibliotheca Real de Paris, encontrou, haverá tres ou quatro annos, com o manuscripto, e tanta importancia lhe reconheceu, que publicando em 1839 dois volumes de chronicas, romances, e miscellaneas da Historia de Hespanha e Portugal, aproveitou tambem um trêcho d'este manuscripto (o cap. 45.), e em uma nota o denunciou ao publico, que lê geralmente com prazer as obras do Snr. Denis. Veio logo a obra d'este litterato a Portugal; e de dois unicos exemplares, que por então cá chegaram, nos coube um. Apreciámos a noticia do achado e a fomos espalhando: comunicámo-la ao Snr. Secretario da Academia, o qual se resolveu a pedir logo informações mais circunstanciadas de Paris por via do Snr. Visconde da Carreira. Para generalisar ainda mais a noticia, a annunciámos em um dos jornaes litterarios da capital, n'um artigo supplementar de outro, que ácerca do *Azurara* havia antes escripto o Snr. Alexandre Herculano, e até para esse artigo de annuncio nos soccorremos, em boa parte, ás expressões do Snr. Denis. Em nossa mão tinhamos já a prova typographica do dito artigo, quando o Snr. Secretario Macedo nos mostrou uma carta do Snr. Visconde da Carreira, declarando que nem elle nem o Snr. Visconde de Santarem, a quem elle consultára, sabiam coisa alguma a respeito de tal chronica. Replicámos, e entregámos a prova que tinhamos nas mãos. Foi remettida para Paris. Contou-nos depois o Snr. Macedo como emfim se desencantára o manuscripto, e a instancias suas se ficava copiando, não sabemos se para a Academia.

D'ahi a algumas semanas vimos os prospectos, e soubemos como se offerecêra o Sr. Aillaud a correr com as despezas da impressão, que em Paris se ía fazer. Eis-aqui toda a historia.

Em resumo: O Snr. Denis deu com o manuscripto, e denunciou-o; alguem em Portugal fêz correr a noticia; o Snr. Macedo promoveu a copia; o Snr. Visconde da Carreira concluio-a com permissão do Governo Francez; o Snr. Aillaud publicou-a, em um volume de algumas quinhentas paginas; o Snr. Visconde de Santarem ornou-a de varias notas, e prepoz-lhe sua introducção, na qual nem todas as circunstancias, que deixâmos escriptas, se mencionaram.

Quanto ás notas quizeramos que antes viessem juntas no couce do volume do que semeadas pelas paginas, como vem, não só por que com taes intercalações é a leitura mui distrahida (particularmente quando a nota é mais recheada de erudição), e ás vezes preoccupada pelo juizo alheio, mas tambem porque nas obras d'outros seculos a que se ha de guardar uma especie de acatamento, desacato nos parece o mescla-las com linguagem moderna, que nem sempre sahirá da mais apurada.

Se pomos aqui este tanto ou quanto de leve censura é porque assim com ella acudimos a nos defender de outra que o mesmo Snr. Visconde nos fizera, por não termos adoptado este seu sistema de annotar os livros antigos, preferindo-lhe o de cerrar as obras com as annotações, que se não é tão commodo, é mais rasoavel, e para o author commentado mais respeitoso.

Não passará sem menção que foi o Snr. Roquete quem teviu as provas, parte interessante n'uma edição d'estas; e que além d'isto o mesmo Snr. ordenou um glossario dos vocábulos obsoletos, ou menos usados, que se achão no texto.

Eis ahi o ultimo periodo da chronica d'esta *Chronica*, já hoje pertencente ao publico, e que está sendo devidamente apreciada dos entendedores, que, no gratificarem ao editor, lhe darão estímulo para sahir cedo com a impressão, que tenciona, do *Leal Conselheiro*. A nós cabe recebermos-lhe as boas obras, aliás mal nos poderemos queixar, quando em vez d'ellas, só nos mande burundangas e pobres traducções do francez. De mais, a edição é na verdade uma das que dão bom credito da moderna typographia; alem dos exemplares de menor formato (que já tem bom papel, e o retrato do *Infante*, que está no codice lithographado, com a devisa = *Talent de bien faire* = por baixo, e vestido de dó), tiraram-se outros de margens mais largas, a que se ajuntou o retrato colorido, como se acha no original: d'estes se imprimiram quatro em excellente pergaminho.

Precedem á obra quatro paginas de *fac-simile* de letra, onde poucas erratas encontrâmos.

A obra comprehende desde os primeiros descobrimentos do Infante até o anno de 1448, e foi escripta, ou antes acabada de trasladar, na Livraria d'Elrei D. Affonso 5.º, em Fevereiro de 1453; e parece ter sido este codice o mesmo que Fr. Luiz de Souza diz que vira em Valença d'Aragão.

Que diremos agora do estilo do Author? Nada, porque é o mesmo estilo de Gomes Eanes de Azurara no que já corria impresso, e já está por melhores juizes sentenciado. Alguma ostentação de erudições, um expressar affectado e vanglorioso, caracterisão sempre

o bom do Azurara. No emtanto capitulos ha n'esta obra, cujo estilo, prenhe de imagens e certa poesia melancholica e cheia de uncção, agradão ao leitor e amenizão a leitura, por todos os motivos digna de recommendação.

F. A. de V.

Memoria sobre a prioridade dos descobrimentos portuguezes na costa d' Africa Occidental, para servir de illustração á Chronica da Conquista de Guiné por Azurara, pelo Visconde de Santarem — Paris 1841, 1 vol. 8.º francez. —

64 Tal é o titulo de uma publicação recente que seu author promette dará tambem na lingua franceza. Bom seria que se generalisasse por lá, para que de todo se persuadão os senhores francezes de que são sonhados todos os seus planos e idéas de prioridades em descobrimentos a respeito dos portuguezes. Desejáramos porém que a edição portugueza se não houvesse feito como por monopolio, e sem se exporem á venda meia duzia de exemplares sequer. Bem sabemos que ao povo portuguez não é preciso convencêl-o de que os seus antepassados descobriram Guinés; mas é elle que gosta de saborear os feitos dos seus antepassados, e admirar tantas proezas.

Conviria por ventura porém em nossa opinião que na memoria em francez houvesse menos erudição, mas mais força de dialectica, pois os argumentos e razões podem gravar melhor no espirito a evidencia do que demasiada erudição que o chega a distrahir.

A memoria foi mandada distribuir pelo Governo aos Senadores e Deputados, e remettida para varios estabelecimentos publicos. Não ha obter hoje um exemplar d'ella: para a comprar não se vende; para a receber gratis era preciso ser do pequeno numero dos comprehendidos no privilegio. —

Honra seja por esta publicação ao nobre portuguez que no exilio não tem deixado de honrar as letras e a patria que o estima.

***

Diccionario de Marinha.

65 Com este titulo acaba de imprimir o Snr. João Pedro d'Amorim um volume de 320 paginas em 8.º, que dedica aos Officiaes da Armada Nacional. É este um valioso presente, digno por certo do reconhecimento da classe a quem é feito, pois com quanto Pedro de Maria, em 1788, publicasse um diccionario francez e portuguez de todas as peças que entrão na construcção dos navios, incompleto era elle, e algumas vezes inexacto — e pode dizer-se que foi o Snr Amorim o primeiro que apresentou um trabalho, senão absoluto, ao menos *quasi* perfeito, sobre tal materia.

São tantos os termos technicos na construcção e apparelho dos navios, que bem necessario se tornava que um habil maritimo, como o Snr. Amorim, se desse ao trabalho de aplanar o caminho aos que se consagrão á mesma carreira, apresentando-lhes definições claras e exactas de taes vocabulos. Esperamos que a Sociedade Maritima, reconhecendo o eminente serviço feito pelo Snr. Amorim a tão nobre corporação, lhe manifeste o apreço em que o tem.

Consta-nos que o Snr. Feliciano Antonio Marques Pereira, digno Official da marinha portugueza, emprehendeu tambem um trabalho analogo, e é de crer que de algum proveito lhe seja o livro do Snr. Amorim.

Uma cousa não passará sem especial louvor no Diccionario de Marinha que hoje annunciámos, e vem a ser a rara modestia com que o author denuncia por insufficiente uma obra a que nenhum dos seus leitores, segundo presumimos, pode pôr, ao menos por agora, semelhante tacha.

66 O *Romanceiro Portuguez, ou collecção dos romances de historia portugueza*, compostos por Ignacio Pizarro de Moraes Sarmento, Fidalgo Cavalleiro da Casa de S. M., Commendador de Santa Marinha de Lisboa, da Ordem de Christo, Morgado de Bobeda.

Se é do Evangelho que pelos fructos se conhece a arvore, do Evangelho é tambem que pela arvore se conhecem os fructos. Tão conhecido é o Snr. Pizarro, que o annunciar uma obra sua é já dizer o que ella seja. O que porem necessita menção particular é o primor da execução material. Nada poupou o Snr. Mengo, editor d'este livro para o tornar digno de entrar em uma lustrosa bibliotheca de Senhoras; bom typo, excellente papel, lithographias, e o retrato do Author, pelo Snr. Santa Barbara, artista portuguez que muito começa n'este genero a sobresahir. Nenhum dos nossos bons poetas que hoje florecem teve ainda, como o Snr. Pizarro, a fortuna de cahir em tão boas mãos.

Bibliographia Grega.

67 Estão-se a traduzir agora em Athenas, em grego moderno, as obras de Goethe e de Schiller.

Erros que importa emendar no passado numero.

Pagina 17, columna 1.ª, linha 36, em logar de — 36 — lêa-se — 17.

Pagina 23, columna 1.ª, — as palavras — Chronica do Descobrimento e Conquista de Guiné — apaguem-se.

Pagina 23, columna 1.ª, linha 37, em logar de — o ricas — lêa-se, as ricas.

Pagina 24, columna 1.ª, linha 41, em logar de — a estar de estremados — lêa-se, de estar estremados.

TYPOGRAFIA DE J. A. S. RODRIGUES

Rua da Condeça n.º 19.

Scientifica, Litteraria, Agricola, Commercial

Chronica Judicial, Artistica, e Commercio de todo o mundo.

REVISTA UNIVERSAL.

N.° 4.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS.

POR 12 NUMEROS	480
POR 24 »	960
POR 52 »	1920

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, RUA DOS FANQUEIROS N.° 107, 1.° ANDAR.

Quinta feira 21 de Outubro de 1841.

A Redacção da REVISTA UNIVERSAL aceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Cautela para caso de incendio.

ALLEMANHA, PORTUGAL.

68 Por occasião do incendio do Thesouro Velho, ha poucos mezes, apertou-se-nos o coração ao ver em uma das varandas d'aquelle edificio, por toda a parte acommettido das chammas, a familia do Snr. Ricardo José Rodrigues França, correndo de um para outro lado, na maior afflicção, com os braços levantados para o céo, como quem já da terra não esperava auxilio. Umas poucas de Senhoras estiveram a pique de perecer abrasadas, e todos sabem, o que ao Snr. França aconteceu ao descer pela escada que, não sem custo, se lhe arvorou.

De hoje em diante só morrerá de incendio, quem tiver essa monomania, por mais levantado e furioso, que ande o fogo, por mais tomadas e perdidas que tenha as escadas para a fuga. Não ha para isto mais do que seguir um facillimo costume, geralmente praticado em varios paizes da Allemanha. Consiste elle, em ter cada qual em sua casa, e sempre á mão, uma especie de mangueira de lona, ou de outro qualquer panno forte, de largura por onde caiba uma pessoa, e de comprimento um pouco maior, que a altura do andar, em que assiste, aberta por cima e por baixo: na parte superior estará bem segura uma aselha de corda assaz forte, ou argola de ferro, que em caso de necessidade se enfiará em um gancho, que na parede exterior, e junto da janella que mais conveniente parecer para o intento, se achará fortemente chumbado. Chegado o desastroso lance, se debruça a mangueira para a rua, onde alguem debaixo tomará d'ella, e a torcerá, conservando-a nas mãos. O fugitivo se atirará confiadamente para dentro d'esta salvadora estrada vertical, e invisivel, e ao passo que debaixo forem destorcendo, descerá sem o minimo incommodo, nem perigo, até pôr pés na suspirada terra. Para maior commodidade e facilidade do respirar, convirá que na mangueira haja, de vara a vara, pouco mais ou menos; seus oculos ou frestas redondas, bem fortemente debruadas, por onde entre o ar.

Este invento, bello até pela sua simplicidade, é tão facilmente exequivel, e tão digno de adopção, que entendemos, haveria, mais que

desleixo vergonhoso, barbaridade mui acremente censuravel, em se não empregar força de authoridade para o generalisar: quem não abençoaria as Camaras Municipaes, mormente as das grandes cidades, onde os incendios vem mais frequentes, e ruinosos, se, assim como obrigaram aos senhorios a pintar as suas frontarias, a demolir os seus alpendres, a recolher as suas escadas, a não enxovalhar com immundicies as testadas dos seus predios, a não os alugar em certas ruas a mulheres de mão viver, etc., etc., etc., lhes prohibissem, sob pena de fortes multas, o alugar cada morada sem n'ella haverem posto tão barato, e tão efficaz remedio, para salvar as vidas de seus inquilinos?

A. M. de C.

Melhoramento no apanho da azeitona.

69 Somos quasi chegados no tempo da apanha da azeitona, que este anno ha de ser abundantissima. Convêm pois lembrar ao lavrador a melhor maneira de tratar estas arvores, que tão generosas lhe offerecem os fructos. A barbaria de varejar as oliveiras, reprovada já na antiguidade, mas continuada por todos os tempos com emperrada bruteza, não falta quem a olhe como a causa por que os annos de safra vem alternados. Bem que entendamos não ser este o unico motivo das oliveiras não carregarem todos os annos, o que em parte pode proceder do costume de annualmente se não podarem, de se lhes colherem as azeitonas muito no tarde, etc., todavia não podemos deixar de considerar como funestissimo o varejo; já porque lhes fracassa grande parte dos raminhos, que no anno seguinte deviam dar fructo, já porque as deixa cançadas e exhaustas de succos, destrahidos para reparar os estragos da flagellação.

O melhor modo de evitar taes desvantagens fôra o colher a azeitona á mão, o que só em oliveiras já de proposito para isso podadas se podéra fazer, não as deixando vingar a grande altura, como nas terras do Sul da França se costuma. Mas já que n'esta parte não é possivel emendar as cousas d'um anno para o outro, resta-nos recommendar o uso de uns instrumentos proprios para esta colheita, e que se deverão substituir ás varas: são uns pentes, ou ensinhos, com dentes do necessario tamanho e espacejamento, para com elles se ripar a azeitona. Ha-os de duas sortes: uns tem os dentes na ponta do páo, e para diante, como garfo; os outros os têem para baixo á maneira de farpão ou ensinho. Os primeiros servem para os ramos altos, os segundos para os baixos.

Nada ha mais facil de fazer do que estes ripanços. Serra-se um pedaço de taboa no correr dos veios, e quasi até abaixo, em varias distancias pequenas e iguaes: d'estes muitos dentes unidos se corta um sim, outro não, ficando abertos os espaços, que se julguem proporcionados para dar passagem aos raminhos e folhas, empeçando comtudo nos fructos: esta pá dentada se encava, de topo, ou de cutélo, em um cabo curto, ou comprido. Em muitas partes da Europa, particularmente na Italia, quasi que se não servem de outra coisa para o apanho da azeitona. Um poeta vos diria que para conciliar a benevolencia e favor das Dríades, melhor era penteal-as do que açoital-as, mas para mover o bom do lavrador não é preciso mais do que fazer-lhe ver, que as suas arvores, quanto mais poupadas forem, mais abastarão o seu cazal.

C. X. P. B.

Faxa Hydraulica.

LISBOA.

70 O que ácerca das vantagens d'esta preciosa machina se leu com assombro em o nosso artigo 25, já muitas e boas testemunhas o podem n'esta cidade confirmar. No Domingo preterito foi experimentada na quinta denominada da *Conceição*, junto ao *Poço do Bispo*, por entre as admirações, e applausos, de um esplendido concurso. A Cinta não passava de tres pollegadas e meia de largura; o engenho era movido por um boi; e em 28 minutos se arrazou de agua um tanque de tal capacidade, que só em cinco horas com a nora mourisca se encheria; e cabe advertir, 1.°, que ainda a *engranagem* da fundição sahiu aspera, e quanto mais com o trabalho se for polindo, mais se augmentará com a facilidade o movimento: 2.°, que o poço tinha de fundo, nada menos de 63 palmos.

Os curiosos poderão ir ver por seus olhos a verdade de quanto deixamos relatado.

Lembrâmos aos donos e commandantes de navios, o quanto convirá ter a bordo faxas hydraulicas portateis, e de mão, em vez de bombas.

R. L.

Luzerna.

71 O argumento da experiencia, sobre ser o mais seguro, é para todos o mais palpavel,

e persuasivo. Um dos bons proprietarios do Algarve, e dos mais entendidos em materias d'agricultura, fez uma pequena sementeira de luzerna em terreno, que lhe pareceo proprio.

Começou ella de nascer e brotar com desigualdade; e carregando-lhe tempo secco e quente, tomou má apparencia; deu-se-lhe uma réga; e com tão facil remedio cobrou tal viço, e se fez pastio, tão basto, que maravilhava o ver fundir tão pequeno terreno mantença mui abundante para nove bestas, que pela maior parte erão cavallos mui regalados: veio apenas a escacear por dois mezes do anno, dando-se-lhes envolvida lotada com palha, que assim se vai temperando o pasto verde com o secco, com muito proveito do gado, e economia do lavrador. Tiradas a limpo as despesas, resultaram poupados, passante de trezentos alqueires de cevada.

Uma tão grande utilidade, que de per si se está mostrando, não careceria de mais discursos, se a esta não acrescesse outra, ainda pouco conhecida; mas já por outras partes experimentada, e encarecidamente recommendada; qual é o servir esta planta de alimento, muito sadío, e nutritivo aos pobres, e ainda de regalo aos ricos. Freder Ebersberg, illustre agricultor, affirma, que as folhas mais mimosas empregadas n'este uso, são tão boas e saborosas, que deixão atraz muitos dos vegetaes, e hortaliças, que por mimo são procuradas, e cultivadas com grande diligencia.

F. M. P. S. N.

Segredo para remoçar arvores.

LONDRES, LISBOA.

72 Tinha certo inglez na sua quinta umas macieiras, tão velhas, que já não davão fructo. Chegado o inverno pegou de uma pouca de cal viva, desfê-la em agua, caiou os troncos: morreram os insectos, a casca decrépita cahiu, e creou-se outra nova. A maior parte d'aquellas arvores remoçaram, por tal arte, que parecião ter só vinte annos.

Isto que se nos dá por invento estrangeiro, ha já agora seis annos, que um portuguez, nosso conhecido, o tentou de motu e lembrança propria, e com êxito não menos prospero. Este portuguez é o Sr. José dos Santos Ribeiro, operario floricultor, que foi do Jardim Botanico d'esta cidade, depois caseiro da Sr.ª Infante D. Izabel Maria, e ao presente jardineiro do Sr. Francisco José Caldas Aulete: foi a materia do seu experimento um pereiro, o qual depois de caiado, despiu como cóbra a sua muita velhice, e ficou dando mais, e muito melhor fructo. D'outra tentativa, tambem sua, faremos menção por haver igualmente surtido bom effeito, ser analoga e prestadia: um freixo, e alguns loireiros da quinta do Sr. Pimenta no Campo Grande tinhão já parte dos ramos, e até dos troncos comidos e carcomidos da idade: amassou, em porções, pouco mais ou menos iguaes, cal, bósta, e cinza, e com esta massa lhes atacou as tócas e cárcovas, que erão uns viveiros de formigas e outras sevandijas: todas estas vegetativas enfermas lhe agradeceram a obra, recobrando forças, boa sombra, e alegria.

A. F. de C.

Modo de destruir as hervas parasitas.

73 Se as regras para fertilizar a terra são preciosas, tambem alguma vez se carecerá de a esterilisar. Nas ruas dos jardins, por exemplo, são as hervas uma praga, que, desprezada, inça tudo, e para logo. Como que a propria chuva as semeia; com as maldições medrão; quanto mais pizadas mais multiplicão; escarnecem de sachos e rapadouras, trazem o jardineiro em continuo cuidado e distracção.

Eis-aqui remedio facilimo e barato para as exterminar, conservando a terra por muitos annos completamente calva, e nua.

Ferve agua em uma caldeira de ferro, juntando-lhe na razão de cada 30 canadas, 8 arrateis de cal, e 2 ou 3 de enxofre em pó; vai sempre mechendo esta mistura. Deixa-a depois esfriar, e assentar; e lança-a, onde queres destruir as hervas parasitas.

O pé, que ficou, pode novamente servir para igual fim, tornando-se a ferver com iguaes quantidades d'agua e cal, porém um terço de menos de enxofre.

M.

Tinturaria dos Marmores.

ITALIA.

74 Lemos n'um jornal de Paris o annuncio de um methodo praticado em Verona, de dar, por meio da absorpção, cores diversas ás pedras, as quaes, ou sejão marmores desbotados, ou pedras vulgares, ficão imitando o melhor e mais vivo marmore novo, penetrando as côres profundamente e fazendo assim uma completa transformação. No mes-

mo artigo se indicão os preparados que melhor aproveitão. Entre outros apresentão-se como meios vehementes as soluções dos nitratos de ouro e prata, e a tintura alcoolica do páu de campêche tão conhecido e vulgar entre nós. Por aquelle methodo os diversos tons e meias tintas conservão-se distinctos, e sem se confundirem.

S. L. J.

Pennas metalicas inalteraveis.

75 O Doutor Wollaston, mui conhecido pelos seus escriptos, e pela descoberta do rhodio, haverá obra de quarenta annos que se serve d'uma penna, que mandou fazer do metal, que elle descobriu. Depois começaram de apparecer pennas de varios metaes, e algumas de platina; porém todas ellas têem seus deffeitos: umas são demasiadamente rijas, outras facilmente se arruinão, e se tornão inuteis. Ultimamente um inglez, Hawkins, acertou de temperar uma mistura de rhodio, platina, e palladio em tão boa liga, que as pennas assim formadas vão a durar séculos, por mais que com ellas se escreva. Julgâmos que o seu preço não será muito commodo, por causa do grande valor dos metaes combinados.

Obras Publicas Municipaes.

LISBOA.

76 Estampamos a synópse das obras, que desde Janeiro do corrente anno até agora tem n'esta cidade feito a sua Camara Municipal; lamentando sinceramente que pela deploravel falta, em que se acha de meios pecuniarios, não haja podido alargar-se mais nas de verdadeira utilidade, que são as de limpeza, e calçadas.

Passeio Publico: em continuação. — Casa, Portão, e Ermida do Cemiterio do Alto de S. João: em continuação. — Remoção das terras, e feitura das ruas no dito: parada. — Estatua para o Jardim de S. Pedro d'Alcantara: prompta. — Demolição de Casas no Largo do Intendente: prompta. — Cano renovado no Largo da Boa-hora ao Chiado: prompto. — Assentamento dos colunellos no Caes do Tejo: prompto. — Concerto do Cano real que passa por baixo do Jardim do Passeio Publico: prompto. — Rebaixo do Cano no Largo de S. Roque: prompto. — Cano na rua direita do Arsenal á Fundição: parado. — Dito na rua dos Bacalhoeiros: prompto. — Novo Cano na rampa do Largo da Mina, á Patriarchal queimada: prompto. — Construcção da muralha da Travessa da Mina: está parada. — Cano geral na Calçada da Pampulha: em continuação. — Obra a S. Thomé; demoliu-se a Igreja e redusio-se a um Largo, fazendo-se-lhe uma muralha, com gradaria de ferro por cima: prompta. — Mandou além d'isto construir grande quantidade de sargetas em differentes ruas, para facilitar a sahida das aguas: promptas.

OBRAS PROJECTADAS.

Embelezamento do Largo da Estrella. — Novo Cemiterio para os animaes, em sitio proprio e bem arejado, por não offerecer estas commodidades o de Val-Escuro. — Uma Abegoaria no sitio da Boa-Vista.

Commercio parlamentar.

PARIS COM BRUXELLAS.

PORTUGAL COM HESPANHA.

77 Entre a França e a Belgica principia a realisar-se um contracto de permutação de todos os documentos parlamentares, administrativos, policiaes, e de fazenda. A Camara dos Representantes da Belgica não quiz metter demoras em se aproveitar de tão vantajoso contracto: deputou para a cidade de Paris o seu Bibliothecario Mór, que não tardou em se fazer prestes, tomar a fazenda, e partir; já lá está na Capital do mundo civilisado, entendendo nos importantes objectos de sua missão; entregando, recebendo, e aviando para o seu reino grandes preciosidades d'este genero. As principaes minas, d'onde os vai desentranhando, são as differentes Secretarias de Estado, a Prefeitura do Sena, Administração da Policia, do Commercio, Administração geral dos hospitaes, etc. etc. Muita utilidade tem já colhido a Belgica, principalmente no que toca a materias de fazenda, porque n'este particular tem recebido documentos de muito valor e estima. Agora o seu Bibliothecario vai entregando nas repartições e tribunaes de França, os mais interessantes documentos, de que já para este fim muito havia comsigo levado, e muito mais continua a ser-lhe remettido. D'esta arte poderá a Bibliotheca dos representantes da Belgica, em pouco tempo, e com pouca despeza, tornar-se muito rica, e conter em si os mais faceis meios de instrucção em todas as

materias, de que os Parlamentos se devem occupar.

Exemplo de tão boa cousa, e tão accommodada á indole do seculo, e tão facil de pôr por obra, pouco tardará, que se não veja entre outros reinos imitado. Oxalá não seja dos ultimos, que o aproveitem, o nosso Portugal! Que ricas materias se não lucrarião para o nascente edificio da nossa historia! Que de verdades mal averiguadas, ou totalmente perdidas, nos não assomarião, quando, sem falar d'outras nações, a visinha Hespanha nos abrisse para copias os seus cartorios! Seria um verdadeiro e repentino *fiat lux*: E as despezas?.. gritarão os desperdiçados economistas; e as despezas do papel?... as despezas das pennas?... as despezas da tinta?... as despezas da areia?... as despezas dos canivetes, das raspadeiras, da gomma graxa?... Não lhes sabemos responder: são argumentos ponderosissimos, posto que muitas vezes, em coisas de muito menos monta e prestimo, todas essas, e muito maiores despezas, se têem feito, e fazem, e hão de fazer. E que melhor applicação, do que esta, se poderá dar ao sobejo pessoal de escripturarios das repartições publicas, onde o houvesse! tres ou quatro d'esses individuos de insignificante, ou nullo serviço aqui, postos lá a trabalhar, sob as ordens e direcção de pessoa zelosa, sobre intelligente, nos poderião dar em cada semana coisa, que sobradamente valesse o seu ordenado de cem annos.

F. M. P. S. N.

Musica para curativo de doidos, e creação da puericia.

AUXERRE.

78 Desde que principia o uso dos sentidos, tão agradaveis e consolativos effeitos produz a musica no animo, que apaziguando nossos primeiros desassocegos, e desgostos, nos repõe em suave bonança: ao som da musica, e ás vezes muito má e sem sabor, nos esquecem enfados; enxugão-se lagrimas; vem a alegria e boa sombra; com ella emfim nossas mãis nos acalentão, e tempérão. D'este admiravel effeito da musica veio o quanto d'ella nos contão as fabulas, e as historias; e posto mentirosas sejão aquellas, e estas pouco verdadeiras, a virtude da harmonia dos sons não a podemos nós negar: mal fiamos das citharas d'hoje, o que alcançamos da do moço David junto ao leito do louco e furioso Saul: mas não poremos em duvida, (pois loucura grande e peior que a de Saul seria essa) o que á face do mundo inteiro, nos contão pessoas de gravidade sobre o bom resultado da musica applicada como remedio aos doidos: nem julgamos alheio, senão muito proprio do nosso mister, o aconselhar para males publicos, e particulares, remedios suaves, e faceis, quando barbaros e crueis se usão de praticar. Transcreveremos parte d'uma carta de Mr. Louvois, que nos sugeriu, o que aqui temos escripto.

» Examinei ha poucos dias (escreve elle em 4 d'este mez) o hospital dos doidos de Auxerre, e maravilhado fiquei de encontrar os enfermos tão activos, e applicados aos differentes exercicios e trabalhos, como bem assombrados em suas apparencias; e perguntando ao director o como, e por que meios, se obtinhão taes resultados, vim a saber, que a brandura, o trabalho, e a musica, erão os principaes medicamentos, que operavão cura tão admiravel; e para melhor me certificar do que dizia, me foi mostrar, os que andavão occupados no fabrico das *teteras*; entre estes, que todos trabalhavão com muita ordem e bom termo, sem se desmandarem n'uma só palavra mal cabida, alguns vi, que havia menos de anno, que tinhão entrado em tanta maneira de furia, que para os refrear, era mister a *camisa de força*. Tal maravilha é sobre tudo devida á musica, que elles esperão ouvir, como acertem de ser activos no trabalhar, e doceis no obedecer. »

Não se póde claramente dar razão d'este effeito; mas alcançâmos, que a proporção regular das vibrações sonóras não forma sómente harmonia agradavel, mas na união bem combinada d'estes sôns, se produz uma expressão muito viva, uma especie de linguagem, em que prende a imaginativa sem dependencia dos actos intellectuaes. Será talvez por esta razão, que os meninos e os doidos recebem uma viva impressão da musica; e que a estes ultimos poderá ella ser applicada com arte, e credito da medicina.

Que a harmonia abranda as paixões ferozes é facto provado pela experiencia de todos os tempos e de todos os povos. Se nos corações tenros se for ministrando esta especie de triaga preventiva, menor será na idade viril a dureza de animo, enfermidade moral, que a bem dizer nos acommette a todos muitas vezes no discurso da vida. Nas escholas da infancia em Allemanha, nomeadamente na Prussia, este pensamento tem sido convertido em pratica, e, segundo se diz, com proveito. Todavia parece-nos, que a musica vocal, ahi usada, não produzirá para os fins moraes da sua instituição os fructos, que

daria a musica de qualquer instrumento melodioso. As creanças obrigadas a entoar os hymnos singelos da eschola, attenderão mais, no que se pode chamar o *material* da musica, do que a deixarem-se emballar suavemente pela melodia dos sons accordes. Por outra; os bons effeitos da musica ouvida são deleitosos, e por isso entranhão-se e ficão: mas talvez poucas vezes ella os produza, sendo, em vez de deleite, trabalho. Em summa, a influencia d'esta arte na educação é de grande monta, e entendemos, que os pais e os mestres não devem despresar coisa alguma, que possa aperfeiçoar ou corrigir as boas ou más inclinações d'aquelles a cuja infancia Deus ou a Sociedade os prepoz por guias.

F. M. P. S. N.

Congresso de vinhateiros.

WURTZBOURG.

79 AFÓRA os diversos congressos scientificos, ora costumados em Allemanha, outro se vai formar dos principaes lavradores de vinhos. Congregar-se-ha em Wurzbourg a 6 do proximo Novembro. Já para lá tem entrado uma turba multa de toneis dos mais gabados vinhos do Meno e Rheno.

Que mal faria, que algum ou alguns dos nossos vinhateiros do Doiro ou das Bairradas, concorresse lá? A gloria ao menos de possuir bom vinho, ainda até hoje ninguem por essa Europa no-la tem contestado.

M.

Nova construcção de barcos de vapôr.

IRLANDA.

80 WIE Williams é o constructor muito nomeado dos melhores barcos de vapôr para a navegação dos canaes: em os de Glascow e Paisley, na Escocia, são elles mui conhecidos por seu desconforme comprimento, e ligeireza: mas nos da Irlanda, em razão dos diques, não podião servir: grande era a difficuldade, e nem por isso o artista perdeu animo e tomou como favoravel occasião de provar sua habilidade, o que os demais, torcendo o rosto, houvérão por invencivel obstaculo. Metteu mãos á obra; poz em tratos e apuro sua arte, e como em primor d'ella lhe sahiu a nova fabrica. Concebeu, e deu á execução, a traça de furtar ao comprimento pôpa e prôa, construindo-as separadas do casco, por modo que rapidamente se levantão por meio d'uma simples apparelho, que as faz voltar sobre uns gonzos, por onde prendem ao corpo do navio. Assim conseguiu ver augmentado seu credito e fazenda, e admirada a nova fórma de barcos, como que elasticos, que se estendem, e encolhem, segundo a occasião o pede, reduzindo-se de doze braças, que é o seu comprimento real, a nove, que é o mais que os diques consentem. Boa prova é esta do muito, que póde o porfiado esforço do engenho, e a industria bem animada.

F. M. P. S. N.

Outra novidade nos barcos de vapor.

LONDRES.

81 FEZ-SE ha pouco em Londres, na presença dos Lords do Almirantado, o primeiro ensaio da força do *Driver* e *Ardente*, navios de vapor construidos por um novo sistema.

O Driver era do lote de 1,100 toneladas, e a força da sua maquina de duzentos e oitenta cavallos; o Ardente lotava por umas 800 toneladas, e era da força de duzentos. Foram construidos pelo risco do engenheiro Symons.

Sahiram de Blackwall ás 9 horas da manhã, deitando 10 milhas e meia por hora, apezar de levar cada um d'elles 160 toneladas de combustivel, e 50 de lastro. Ao chegar a Longriach (ponto de ensaio legal no rio) fizeram diversas manobras, afim de provar a utilidade da nova invenção para separar instantaneamente as rodas do movimento e acção da maquina, quando se quer suspender por algum tempo o uso do vapor, e tornar, quando se quer aproveitar da força d'elle, a collocal-as do mesmo modo, e com presteza. Tudo aquillo se profez em 2 minutos, e por varias vezes se repetio. Separou-se uma roda, recahindo assim toda a acção da maquina na outra, e o barco girou perfeitamente como pião no redor da roda immovel; restituio se esta e separou-se a outra, e no mesmo instante desandou o giro em direcção contraria.

Os assistentes congratularam ao author o seu bom succedimento; e muitos donos de navios lhe pediram, que generalizasse o invento.

O Driver pode admittir na carvoeira que tem 52 pés de comprido, umas trezentas toneladas de carvão, que chegão para 16 dias de consumo, nos quaes navegará 3,840 milhas, isto é, perto de 1,300 leguas. O Ardente só póde acommodar 200

toneladas de carvão, que lhe chegão para 13 dias.

Estes dois barcos são tão lindos, que nunca na Inglaterra se viram mais formosos vapores de guerra.

R. L.

Estudo da industria.

HANOVRE.

82 O célebre professor Heeren, da Universidade de Gœttingue, é deputado pelo Governo, para ir examinar na França e Belgica o estado actual da industria, e estudar as causas do grandissimo incremento, que ella ahi tem por estes ultimos annos assumido.

M.

Animação á Agricultura, Artes e Commercio.

FRANÇA.

83 Por bem compensados nos haveremos nós do muito, que nos afadigamos por dar todos os dias novos exemplos, de como por outras partes (já que nossa desventura no-los nega de casa) se promove, e anima a industria, se á força, de os repetirmos acertarmos de accender entre nós a emulação, e o desejo de os imitar.

Com tão justo fim vamos dar conta a nossos leitores da sessão publica annual da Academia de Industria Agricola, Artistica, e Commercial de França, celebrada em os Paços das Tulherias no presente anno.

Acudiu a este acto tão solemne, e tão para respeitar, um grandissimo concurso, que muito excedeu, ao que era uso nos demais annos, com ser sempre mui numeroso: tamanha é, e em tal augmento vai por lá a attenção, com que se taes assumptos tratão! Notavão-se ahi grandes personagens, Membros do Corpo Diplomatico, Pares, Deputados, Generaes, e os mais insignes Sabios da Nação. O General Barão de Saint-Denys, por auzencia do Duque de Montmorency, que n'este tempo não era na Corte, occupou o logar de presidente, e fazendo suas vezes, deu começo á Sessão por um discurso proprio de tal pessoa e occasião; ponderando, e fazendo realçar as incalculaveis vantagens, que das sociedades animadôras teem vindo á Agricultura, Artes, e Commercio; e terminando por dar testemunho da imparcialidade e justiça, com que a Academia se houve na distribuição dos premios e medalhas. Depois em outro disqurso, que em razão de Secretario geral lhe coube recitar, fez uma mui curiosa resenha das obras, memorias e escriptos, que no decurso d'este ultimo anno se havião publicado no jornal da mesma Academia; cujas materias, com serem de grande valia, forçoso é, que as resumamos, tanto por sua extensão, como por entendermos, que em mencionando algumas, já por essas deixamos recommendadas as demais: taes são, o cultivo das oliveiras; o methodo de bem fabricar o azeite, tanto da azeitona, como de outros muitos vegetaes, e ainda o de varios animaes; a plantação do tabaco; a creação das abelhas, e a melhor forma de preparar-lhes as colmêas, extrahir o mel, e a cera, com maior perfeição, e economia, etc.

Para derradeiro nos fica n'este artigo, que já parecerá diffuso, o exemplo, que quizeramos pregar sempre, persuadir, e encarecer, dos premios e incentivos, de que devemos fazer uso; pois os que vamos mencionando, e ainda mesmo o apparato, com que se dispendem, não os havemos por coisa mui custosa e difficil entre nós.

Na grande e magestosa casa das Larangeiras dos mesmos Paços das Tulherias estavão expostos os muitos, e mui ricos, productos da industria; e a par da maravilha e admiração da obra ahi corrião os bem merecidos louvores, de quem lhes déra traça, fabrica, e perfeição, que não são pequeno premio, quando bem cabidos. D'aqui se passou á sessão, de que nos vamos occupando, e cuja solemnidade e pompa não consistia sómente em o numero e grande porte dos concorrentes; mas no bom termo, ordem, e gravidade, em que tudo passava; nas musicas e melodias dos instrumentos, entre os quaes sobresahião, por sua novidade, dois de mui engenhosa fabrica, aos quaes dão nome de *melophono*, e com elles se executaram pela primeira vez em publico harmoniosos concertos: nem faltaram árias italianas e nacionaes, que melhor chamáramos hymnos de louvor e honra dedicados á industria.

No meio de tal apparato, e com taes applausos, forão distribuidas as medalhas, que no tamanho e materia respondião á qualidade do serviço e á grandeza do merecimento: e assim passaram ellas das mãos do Presidente a nobrecer, os que tiverão a boa fortuna de merecel-as: e para satisfação da curiosidade de quem desejar saber o a quem, e o porque, apontaremos alguns dos premiados. — Quenard, por suas experiencias, qua-

dros, e estampas d'agricultura. — O Principe de Mónaco, por seus trabalhos para remediar a pobreza por meio da agricultura. — O Conde de Castellux, por suas tentativas ácerca do *polygono e mudia sativa* — Carmel, pelo seu zelo em propor novas plantas, e o methodo de as cultivar. — Clere, por seus novos instrumentos aratorios. — Jorge Bontemps, pelo melhoramento da fabrica de vidros de Choisy. — Cachot, por suas barcas de vapor de nova forma. — Desbordes, por seus instrumentos de phisica. — Leroy, por seus novos areometros de metal. — Bourg, pela construcção da cadeira invisivel. — Ledere pelos seus botes portateis. — Abbade Guyoux, por seu quadrante solar. — Vimor, por sua machina d'enxugar roupa por meio do movimento. — Obry, por suas primorosas esculpturas! — O Conde de Montureux, por seus tratados d'agricultura.

F. M. P. S. N.

Causas ventiladas e julgadas nos Tribunaes. Lisboa.

PRIMEIRA VARA.

84 Sentença proferida pelo Juiz José Antonio Ferreira Lima, condemnando o Conde de Farrobo, a indemnisar os Authores Lino da Silveira e C.ª, e Manoel Joaquim Pimenta e C.ª, dos lucros cessantes, e prejuizos, que lhes resultaram do não gozo dos interesses do agio do papel moeda, nos pagamentos do Contracto do Tabaco, de que os Authores forão sublocatarios.

TERCEIRA VARA.

Sentença proferida pelo Juiz Frederico Guilherme da Silva Pereira, e confirmada no Supremo Tribunal de Justiça, em que se julgou, que os quatro annos da restituição pela Ord. L. 3. Tit. 4. §. 6. concedidos aos menores, offendidos por Sentença ou algum acto do processo, se devem contar desde a epocha do cazamento.

Associação dos Advogados de Lisboa.

PROPOSTA.

85 1.º O Cidadão, que adquire uma fortuna enorme pelo commercio, que não tem condecoração alguma honorifica, que não entrasse na Governança do Concelho, nem matriculado fôra na Praça do Commercio, conserva a qualidade de pião? Seus filhos naturaes herdão?

2.º Quaes as Acções d'onde para a con-
sulente provenha mais proveito? Será pru-
dente intentar sómente acção de alimentos?
Pela sentença, que os julgar, ficarão os fi-
lhos reconhecidos? Poderão entrar na heran-
ça logo depois da morte de seu Pai?

3.º Havendo o Pai promettido um dote
para cazamento, e não o tendo pago, pode
exigir-se, não obstante a falta de escriptura
ante-nupcial, e insinuação?

4.º Podem os filhos depois de cazados, e
tendo economia separada, contractar com
seu Pai o recebimento d'um capital determi-
nado, e desistir da legitima? Este contra-
cto feito agora pelos filhos, pode desman-
char-se a todo o tempo? Podem ter lugar os
pactos — *non succedendo* — com juramento?

Os Advogados reunidos em conferencia res-
ponderam o seguinte:

1.º Fundados nos Alv. de 7 de Junho de
1755. § 39 » 10 de Setembro de 1756. § 39,
nas leis de 30 de Agosto de 1770, e 29 de
Novembro de 1775, que não admittem inter-
pretação extensiva, responderam affirmati-
vamente: e porque nobreza sómente provém
de sangue herdado, de dignidade de officio,
ou de mercê regia; consequencia é que os
filhos naturaes de Cidadãos de enormes per
tences herdão, em conformidade da Ord. L.
4. Tit. 92.

2.º Que a Acção de Filiação se deve jun-
tar á d'alimentos provizionaes; *e ad litem*
porque ainda que pela prestação de alimen-
tos, judicialmente decretada, fiquem reconhe-
cidos filhos, falta o serem julgados filhos de
pião.

3.º Tambem seguiram a affirmativa fun-
dados na Ord. L. 4. Tit. 96 § 3, que taes doa-
ções authoriza; e na do L. 3. Tit. 59. §§. 11
e 12, que dispensa a prova de Escriptura nos
Contractos entre pessoas assim conjunctas; nem
é mister a insinuação aonde não ha liberali-
dade.

4.º Votaram pela nullidade de similhantes
pactos: primo; porque só duas são as ordens
de succeder, a testamentaria, e ligitima:
secundo; porque em taes contractos não po-
dia dar-se reciprocidade entre pai, e filhos:
tertio; porque a Ord. L. 4. Tit. 70 não com-
prehende os pactos de — *non succedendo* —
quarto; porque havia uma especie de antino-
mia entre a Ord. L. 4. Tit. 70, e a do Tit.
73 do mesmo L.: e quinto; finalmente por-
que os taes contractos são reprovados pela
legislação de Hespanha, Allemanha, e Fran-
ça, e todos os Codigos das Nações cultas.

O Snr. Emygdio Costa em uma lumi-
nosa dissertação, que corre impressa, apar-
ta-se da opinião da Sociedade Juridica no

pactos de — *non succedendo* — Para lá remettemos nossos leitores juristas a fim de bazearem sua opinião em questão tão melindrosa, e frequente no fòro.

A. J. F. de C.

Theatros.

RUA DOS CONDES.

BELISARIO — TRADUCÇÃO DO SNR. FELNER.

87 Sabado vimos, sob este titulo, no theatro dos Condes, em benefício do estimavel e benemerito actor o Snr. Sargedas, uma farça ornada de peças de musica, que pareceu agradar. E' ella a parodia d'um antigo *maestro* (o Snr. Sargedas) que da arte só conservou as vaidosas presumpções, e os orgulhosinhos ridiculos: parece-nos que é este caracter bem concebido, bem traduzido, e optimamente representado, o que faz viver a peça. Nota-se-lhe em geral um certo desalinho e estiramento, que produzem enfado; com tudo o segundo acto é mais leve, e mais interessante. O Belisario servio de estrêa á Snr.ª Maria Rosalina, que não daremos por um portento, mas que tem excellente voz, e execução, posto que a sua figura, desmesuradamente alta para o acanhado theatro dos Condes, faça mau effeito na scena. A Snr.ª Rosalina é o melhor que n'este theatro temos ouvido, e foi aplaudida, apesar da incompatibilidade reconhecidamente estabelecida entre canto, musica, e theatro dos Condes. Só lhe achamos um notavel deffeito, a sua qualidade de estrangeira. N'um theatro nacional fará vantagens a acquisição d'uma cantora portugueza; mas a pronuncia da Snrª Rosalina parece revellar uma italiana; não é por tanto nem raridade, nem verdadeiro progresso. O Snr. Sargedas foi estrondosamente aplaudido, e com justiça, o que nem sempre acontece. A sua entrada em scena bastante devia de satisfazer o moço artista: tal foi ella que sobejamente lho provou o como o publico lhe quer bem: é um actor de grande intelligencia e de muitos meios.

Quanto á musica figurou-se-nos que a orchestra pouco deixava distinguir o canto, e muito menos a letra, e por isso não sabemos se esta foi bem interpretada. Ganhára o duetto dos Snrs. Sargedas e Lisboa, se por nimiamente longo não fatigára tanto. A Snrª Barbara é uma actriz de muito natural, assim não fôra tão carregado o seu papel. O Erro, antiga e muito bonita peça, que n'essa noite voltou, é já mui conhecido, não fallaremos d'elle. Foi uma noite brilhante. A platéa trasbordava, e os camarotes estavão todos cheios. A traducção do Belisario é conveniente e limpa.

Falla-se do proximo reapparecimento da Snr.ª Emilia n'uma nova peça.

S. L. J.

Congresso de Poetas.

88 Convocou o Principe Real de Baviera um congresso de poetas, onde para presidente sahiu unanimemente eleito o celebre Nicolau Becker.

Carta de Silvio Pellico.

TURIM 16 DE SETEMBRO.

89 Os jornaes francezes dérão-se pressa em annunciar a minha morte.

A vós, quem quer que sejaes, os que já a Deos haveis encommendado o descanço de minha alma; a vós outros, vos digo, que bem me poderá a vossa devoção lá para o diante valer muito; por em quanto, vivo são; habito o campo; logro-me de bôa saude, e de bons ares; nem tenho pressa de morrer.

Silvio Pellico.

Publicações Lithographicas.

90 Está prompta para ser publicada uma lithographia, do Snr. Lopes, que pertence á sua preciosa collecção de copias das celebres lithographias de Gravedon de Paris, e que representa uma *Odalisca*. Vimos o desenho ainda na pedra, e se os anteriores merecêram a geral admiração, e os louvores unanimes dos periodicos de Lisboa, não podemos deixar de dizer, que este produzirá assombro; porque não só na copia da *Odalisca* o Snr. Lopes eclipsou todos os seus quadros, já publicados, mas, sem a menor duvida, excedeu o original francez. Praza a Deus que os aperfeiçoamentos feitos na Officina do Snr. Manoel Luiz, de que fallámos nos nossos artigos 4 e 56, e que entendemos serão empregados na impressão d'este quadro, fação, com que não saião em parto baldadas as diligencias do illustre artista, que tão proveitosamente emprega, em honra da Patria, as horas, que lhe restão do serviço publico.

Consta-nos, que Gravedon escrevêra ao Snr. Lopes uma carta, em que a supe-

rioridade das copias portuguezas é plenamente confessada: a *Odalisca* tirará a menor sombra de receio, de que essa confissão fosse apenas um cumprimento de author agradecido. Quem comparar a *Odalisca* do Tejo com a *Odalisca* do Sena dará sem duvida á nossa a palma da formosura. A. H.

BIBLIOGRAFIA PORTUGUEZA.

Catalogo

Dos Authores Portuguezes, que trataram da Historia geral, e particular d'este Reino, e do Ultramar, tanto Civil, como Ecclesiastica; e cujas obras correm impressas na lingua portugueza.

LISBOA.

91 Tão pouco lidos andão os antigos escriptores portuguezes, que muitas pessoas ha, não de todo hospedas nas letras, que apenas pelos nomes os conhecem, sem que possão dar relação, nem ao menos do titulo de suas obras. » Grave mal, por certo, e mui de lamentar, exclama com justa rasão um illustre contemporaneo, é tal, e tão ingrato desamor áquelles, que assim lidaram em suas doutas vigilias, ou para nos transmittirem as heroicas façanhas de nossos antepassados, ou para nos doutrinar com virtuosos conselhos, ou para nos consolarem com um brado de poesia de mais singelas éras, ou finalmente, para nos herdarem sua sciencia; que muita, e boa, a tiveram..... Sabemos, sim, quaes são os documentos, em que estribam glorias alheias; ignoramos quaes sejam os da propria, ou se os conhecemos, é porque estranhos no-los apontam, viciando-os quasi sempre. Symptoma terrivel da decadencia de uma nação é este; porque o é da decadencia da nacionalidade, a peior de todas; porque tal symptoma só apparece no corpo social, quando este está a ponto de dissolver-se, ou quando um despotismo ferrenho pos os homens ao livel dos brutos. »

A falta de noticia dos authores portuguezes, que trataram da historia nacional, concorre em grande parte para a ignorancia, quasi absoluta de nossas cousas, que, não sem vergonha o dizemos, entre nós predomina. Já o nosso Barros lamentava o despreso d'estes bons estudos quando dizia, » não louvamos muito a homens, que dão rasão de toda a historia grega, e romana, e se lhes perguntaes pelo rei passado do reino, em que vivem, não lho sabem o nome. »

Desejando o nosso amigo o Sr. Jorge Cezar de La Figaniére, trazer a mocidade estudiosa ao conhecimento, e familiaridade dos nossos escriptores sobre este importante assumpto, tem emprehendido, começado, e já mui adiantado o livro, cujo titulo propozemos, onde depois de fazer menção de todos os escriptores, que trataram em geral da historia d'este Reino, com o titulo por extenso de suas obras, e edições, dá noticia de varias memorias, e escriptos sobre a origem do nome de Portugal, forma do governo dos antigos povos da Luzitania etc., continuando em capitulos separados com as chronicas, memorias, e historias relativas aos Senhores Reis d'este Reino, e seus Serenissimos filhos, segundo a linha da successão. Em seguimento refere os authores, que escreveram das nossas antiguidades, assim como da descripção geographica e topographica do Reino, relação de suas provincias, comarcas, cidades, villas, etc. Os escriptos e memorias relativas á America; as relações e noticias do Oriente; as memorias e noticias de Africa, occupam capitulos separados, como tambem as relações de Naufragios; as noticias e memorias ácêrca das Ordens Militares; e as vidas e elogios de varões illustres portuguezes. Designão-se os authores, que escreveram noticias e memorias para a Historia Ecclesiastica d'este Reino; as Chronicas das extinctas Ordens Regulares; as Constituições dos Bispados e Arcebispados do Reino de Portugal, e suas Conquistas; as historias e relações das Imagens, que se venerão em Portugal, fundações de Igrejas, Mosteiros, Casas professas etc.; as relações e noticias das missões do Oriente, fundação de seus Conventos etc.; e, finalmente as Cartas e Relações do Japão, Ethiopia, India, etc.

O publico ajuizará d'este grandioso trabalho, pelo que d'elle deixamos succintamente denunciado.

Se o Sr. Figaniere não escreve a biographia dos authores, nem trata do mérito relativo de suas obras, como seria para desejar, é porque, mais aconselhado de sua consciencia delicada, e por ventura escrupulosa, do que de amor proprio, entende, que tão vasta empresa só muitos homens, pondo em commum grande cabedal de prestimo e boa vontade, a poderião devidamente levar a cabo. Como quer que seja, os materiaes, que elle já tem reunido, e ordenado; o bom systema com que procede; e o seu genio perseverante, e incançavel no trabalho, nos deixão com bons fundamentos esperar que todos os litteratos festejarão o apparecimento de tão cu-

rioso livro, que a muitos outros antigos dará resurreição; e grande auxilio, deve de ser a quem para o diante haja de estudar, ou escrever, assumptos historicos.

A. M. de C.

OBRAS RECEM-PUBLICADAS.

92 Defeza do Christianismo, ou conferencias sobre a religião.

Manual completo de Medicina Legal de *Sedillot*, vertido e annotado com a legislação portugueza que lhe é relativa, e com outros muitos esclarecimentos á doutrina do texto, pelo Dr. Lima Leitão.

1.° folheto da Hygiene e Medicina popular, pelo Dr. Guilherme Centazzi.

As sympathias, ou a arte de conhecer pelas feições do rosto as conveniencias no amor e na amizade; ornadas de 32 ricas estampas illuminadas.

Memoria Juridica ácerca do agio do papel moeda, com que tem de ser feito o pagamento das obrigações anteriores ao decreto de 23 de Julho de 1834. Por João de Souza dos Santos Ferreira.

Elogio Historico do Jurisconsulto Alvaro Vaz ou Valasco, por João de Souza dos Santos Ferreira.

1.° tomo do Indice Geral dos Documentos registados nos livros das Chancellarias existentes no Real Archivo da Torre do Tombo.

Collecção dos Ineditos de Alexandre de Gusmão.

Lista de alguns insignes artistas portuguezes, e de varios estrangeiros, que trabalharam em Portugal, colligida de escriptos e documentos antigos, com que seu illustre author mimoseou o redactor do Recreio, e começada a publicar no numero 3 do anno de 1839 do mesmo Jornal.

A crise financeira de 1841; a commissão creada por decreto de 22 de Março do mesmo anno, e as memorias do Snr. Deputado Roma, pelo deputado ás cortes Agostinho Albano da Silveira Pinto.

Grammatica Latina reformada e accrescentada por Antonio Felix Mendes, Professor Regio na corte, para uso das escolas do reino e conquistas, por Decreto de S. M.

Augusto ou a escolha de uma occupação, livro moral e instructivo, proprio para a mocidade, a quem é dedicado e traduzido do francez pelo professor V. Fernandes Ribeiro.

Annaes para a historia do tempo que durou a usurpação de D. Miguel, por José Liberato Freire de Carvalho.

Hespanha.

93 A *Existencia de outro mundo demonstrada com provas fundadas na natureza, na philosophia, na historia, e na religião.* Um tomo em 8.°

Catherismo moral e politico para instrucção dos meninos, em que se explicão os deveres do cidadão, como pai de familias, como homem publico, etc. Um caderno em 8.°

Curso de direito natural ou de philosophia do direito, traduzido do allemão por Zamorano.

Parallelo entre a carreira de jurisprudencia e Medicina, por Francisco Pedralves. 1 Caderno em 8.°

Prognosticos de Hipócrates traduzidos do latim. 1 caderno em 16.

Elementos de economia politica, por Alvaro Lopez Estrada. 1 vol. em 8.°

Primeiras noções de chronologia e historia para uso das escolas primarias, traduzidas do francez por Lopes. 1 vol. em 8.°

Novo methodo de construcção de estradas. 1 folheto em 8.°

Sobre a cultura da amoreira e suas variedades, Por Paniagua. 1 folheto em 8.°

Silvicultura, ou tratado de plantações por Paniagua.

Arte de fazer vinhos, ou manual theorico-pratico sobre o modo de cultivar as vinhas na Hespanha, por Bustamante. 1 vol.

Exercicio para infantaria de linha e ligeira, por Carnicer. 1 vol.

França.

94 L*eituras christãas em forma de instrucções familiares sobre as epistolas e evangelhos dos domingos e principaes festas do anno.* 8 vol. em 12.

Poesias catholicas de S. Gregorio Nazianzeno, traduzidas em verso por Victor de Perrodil. 1 vol. em 8.°

Cantos de Sião, ou resumo de canticos, hymnos, louvores e acções de graças ao Eterno, postos em musica por C. Malan. 5.ª Edição 1 vol. em 12.

Tentativas sobre o Polytheismo, por Seguier.

He um resumo de quanto se tem escripto sobre esta materia.

Pythagoras, ou resumo da philosophia antiga e moderna em suas relações com as metamorphoses da natureza, ou a metempsycose, por Duquet. 1 caderno

Esboço d'uma Phylosophia, pelo Abbade Lamennais.

A arte de tornar-se feliz, por Benoni de Brun.

Sobre a riqueza, ou tentativas de plutonomia, por J. Robert. 1 vol. em 8.°

Sobre a miseria das classes laboriosas em França e na Inglaterra, por Buret.

E' carregado e assustador o quadro apresentado n'esta obra, que bastante analogia tem com a precedente, sendo motivo para lastimar, que todos quantos Authores se occupão de semelhante materia, ao mesmo tempo que reconhecem a inefficacia dos meios de repressão, até hoje empregados, não apontem modo de acabar com esta lepra da sociedade.

Sobre o Pauperismo Inglez, por *Madame Regnier.*

E' a obra melhor e a mais imparcial que até hoje se tem publicado sobre este importantissimo objecto. A authora reconhece haverem sido insufficientes todos os meios até hoje empregados para supprimir a classe pobre, e faz sinceros votos, bem como nós, para que se resolva tão importante problema.

Estudos philosophicos sobre a sciencia do calculo, por Vallès. 1 vol. em 8.°

Noticia sobre diversos apparelhos dynamometricos proprios para medir o trabalho ou o esforço produzido pelos motores animados ou inanimados, por Arthur Morin. 2.ª edição — 1 vol.

Estudos Geologicos nos Alpes, por M. L. A. Necker.

Chimica organica de Liebig, traduzida em francez por *Gerherdt.*

Historietas sobre chimica para servirem de introducção ao estudo da historia natural, por Huttemin. 1 vol. em 12.

Elementos de historia natural, por Guernel. 1 vol. em 12.

Physiologia, medicina e metaphysica do magnetismo, por Charpignon. 1 vol. em 8.°

Tratado da morte apparente e das principaes molestias que podem ser causa de enterros precipitados, 1 vol. em 8.°

Novo tratado theorico e pratico sobre a arte de dentista, por Lefoulon. 1 vol. em 8.°

Physiologia do Caçador, por Deyeux.

Introducção ao estudo da sciencia social, por Paget. 1 caderno em 8.°

Sobre o espirito das instituições, por Vidalin. 2 vol. em 8.°

2 annos em Hespanha e Portugal durante a guerra civil, por Dembowski.

Os Oradores da Gram Bretanha desde Carlos 1.° até os nossos dias, por Laluel, precedida de uma carta de Comenin.

Viagens na Persia, por Chardin.

Recordações de viagens na Dinamarca, Suecia, Noruega etc., por *Marmier.*

Acha-se n'este livro uma infinidade de tradições populares d'estes diversos povos; o estilo é ameno e variado, e o author parece haver observado as regiões do Norte não só como historiador, mas como philosopho.

Correspondencia e Memorias d'um viajante no Oriente, por *Eugenio Boré.*

Memorias de Madame Lafarge, escriptas por ella mesma, 2 vol. em 8.°

Memorias da Academia Real das Sciencias moraes e politicas do Instituto de França. Tomo 1.° Sabios Estrangeiros.

Cartas de Margarida de Angoulême, Rainha de Navarra. 1 vol. em 8.°

Historia de Argel e da pirataria turca no Mediterraneo desde o seculo XVI, por Mr. *de Rotalier.*

Nunca até hoje se havião reunido os diversos elementos dispersos em muitos livros árabes para tratar a fundo esta materia.

Historia da Revolução de França, pelo *Visconde de Conny.*

Historia dos Francezes dos diversos Estados nos cinco ultimos seculos, por *A. A. Monteil.*

Esta-se reimprimindo em Paris esta obra, que foi coroada pelo Instituto Real de França, como a historia optima d'aquelle reino.

Historia de França por *Michel.*

Historia de 1840, por *Alfredo Villeroi.*

Tem o mesmo objecto que o livro precedente, mas n'este achão-se os factos mais bem classificados.

Historia de Dante, por *Artaud de Marbor.*

E' mais a historia geral do seculo em que viveu o Poeta, do que a vida d'elle.

Historia da Europa desde o principio da revolução franceza até á restauração de 1815 por *Archibald Alison.*

O seu merecimento consiste no estilo puro, conciso, e tão animado como os acontecimentos rapidos e importantes que relata. Comprehende a historia da revolução, da republica, do consulado, e do imperio francez.

Origem oriental das Nações celticas.

Os dous olhos da historia, ou Guia chronologico e geographico, por Halluvin. 1 vol. em 8.°

Registo annual, por Burke.

O seu unico empenho é reproduzir fielmente os principaes acontecimentos de 1840, e o movimento industrial, politico, e moral de toda a Europa. E' uma especie de repertorio que será muitas vezes util consultar.

Geographia Universal, por House, 1 vol. em 12.

Diccionario Universal d'Historia e Geographia, por Bouit.

Historia dos Medicos e Naturalistas Arabes por *F. Wustenfeld.*

E' uma chronica util para quem desejar estudar os progressos da nossa civilisação, em quanto nos achavamos sob o dominio dos Arabes.

Biographia Universal, ou Diccionario Historico, com a necrologia dos homens célebres de todos os paizes, e artigos consagrados á Historia geral dos povos, ás batalhas memoraveis, aos grandes acontecimentos politicos, ás diversas seitas religiosas, etc., desde o principio do mundo até os nossos dias. Por uma sociedade de litteratos.

Se corresponder ao titulo, é sem duvida uma das mais importantes obras d'este seculo.

Manual de Archeologia, de Omuller, author grego.

Acaba de ser traduzido em francez, e pode ser considerado como o melhor guia para o estudo dos monumentos da antiguidade.

Estudos sobre os tragicos Gregos, por Patin.

Estudo sobre as causas da decadencia dos theatros e da arte dramatica em França.

Historia das letras nos cinco primeiros seculos do christianismo, por Duquesnel.

E' um quadro animado da grande luta d'esta epoca contra o polytheismo e as heresias.

Historia da lingua celtica, considerada como idioma elementar e primitivo.

Diccionario Etymologico das raizes allemans com a sua significação franceza e os seus derivados classificados por familias. Por G. Eichhoff e W. de Suckau.

E' um excellente Manual, um resumo analytico, em que se achão perfeitamente classificados.

Synonimos francezes, por Lafave. 1 vol. em 8.°

Ensino completo de desenho, por Chazal.

Segredos de familia, por Affonso Brot. 2 vol. em 8.°

O conselho real de instrucção publica adoptou este livro para as bibliothecas dos collegios e escolas normaes.

Scenas da cidade e do campo, por *Henrique Monnier.*

Passeios pelas margens do Rheno, por Alexandre Dumas, 2 vol. em 8.°

Provença, por Adolpho Dumas.

Beatriz, por Faillandier.

Inglaterra.

95 CARTAS *de um tutor aos seus pupillos*, por W. Jones.

Elementos de Botanica, por Lindley, 1 vol.

Encyclopedia das plantas, 1 vol.

Trabalhos da Sociedade de Horticultura em Londres, 2 vol.

Diccionario de datas, por Haydn, 1 vol.

Usos e costumes dos antigos Egypcios, por Wikinson.

Historia da Idade Media, por Jones.

Historia da Allemanha, e do Imperio Germanico, por Corner.

Historia da Escocia, 1 vol.

Historia da Revolução franceza, por Jobson, 1 vol.

Historia de Napoleão, por Bussey, 2 vol.

Vida de Napoleão, 2 vol.

Diccionario Hebreu e Inglez, e Inglez Hebreu, por Duncan.

Suecia.

96 TRADUCÇÃO *das Cartas d'Echo e Narciso*, de Castilho por Mellin.

A Menina da Ilha — Robinsonada — *Flores do Inverno*, poesias.

Princeza d'Angola, Novella de assumpto Portuguez.

Os antepassados da Menina Beata — *Helena Wrede* — tudo pelo mesmo Mellin, reputado o Walter Scott da Suecia.

Traducção dos Lusiadas, em oitava rima, por Nils Lovén.

Prelecções de Phisica applicada ás artes, e Curso de historia da civilisação antiga.

LISBOA.

97 CONTINUÃO a ser nas mesmas casas e ás mesmas horas, que já annunciámos nos nossos artigos 9 e 56, porém nas terças feiras, e não nos sábados.

TYPOGRAFIA DE J. A. S. RODRIGUES

Rua da Condeça n.° 19.

Scientifica, Litteraria, Agricola, Commercial

Chronica Judicial, Artistica, e Economica de todo o mundo.

REVISTA UNIVERSAL.

N.° 5.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS.

POR 12 NUMEROS	....	480
POR 24 »	....	960
POR 52 »	....	1920

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, RUA DOS PANQUEIROS N.° 107, 1.° ANDAR.

Quinta feira 28 de Outubro de 1841.

AVISO DA ADMINISTRAÇÃO DA REVISTA UNIVERSAL.

Com sobrada razão se queixão muitos dos NOSSOS ASSIGNANTES, residentes nas Provincias de lhes não ser entregues os seus respectivos exemplares. A nenhum deixou ainda a ADMINISTRAÇÃO de os remetter com a devida pontualidade, por onde fica evidente, que só ao *Correio* pode ser imputado o extravio. Não pertende a ADMINISTRAÇÃO inculcar, nem crê, nem é para suppor, que sejão culpados d'este abuso e fraude vergonhosa os *correios assistentes* das terras, em que ella por mais de uma vez se tem repetido; a publica authoridade, que ahi os conserva, certamente o não faria, se assim fossem indignos de officio, para que se requer tanta, e tão impeccavel probidade; antes entende, que só alguns dos empregados subalternos d'esses estabelecimentos devem ser os authores ou consentidores de tal lesão de um principio constitucional, e de tão flagrante violação do direito de propriedade. Pelo passado pódem os ASSIGNANTES ficar certos, que os numeros, que assim perderam, lhes serão de novo, e gratuitamente remettidos pela *Administração da Revista Universal*, que de boa mente se presta a carregar com todo o prejuizo do roubo. D'aqui em diante porém a ADMINISTRAÇÃO, sem aliás se eximir de repôr aos seus ASSIGNANTES os exemplares, que lhes houverem de faltar, denunciará primeiro ao tribunal da opinião publica por esta folha, e depois á *Inspecção Geral dos Correios* e ao *Governo*, para que provejão de remedio, o *correio* de toda e qualquer terra, em que similhante prevaricação se repetir.

A redacção da REVISTA UNIVERSAL acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Incrivel Multiplicação do trigo.

98 Como até hoje não podémos haver do TRIGO IMPERIAL a semente, que esperavamos, e com que ainda contamos, para a repartir, segundo o promettido em o nosso artigo 47, entendemos, que para todas as pessoas, a quem no escriptorio d'este JORNAL se tem dado alguns grãos da amostra, será agradavel o saberem, como com uma só semente se póde obter uma tamanha quantidade de espigas na primeira colheita, que essa mereça já o titulo de uma boa sementeira. Esta noticia colhemol-a do precioso jornal portuguez da mui patriotica, e generosa SOCIEDADE PROMOTORA DA INDUSTRIA NACIONAL no seu caderno 13, pagina 318.

Um inglez semeou a 2 de Junho de 1826 alguns grãos de trigo em terreno, que pouco lhe era favoravel. A 8 de Agosto, achando-se já o trigo assás filhado, dividiu o tuffo de suas hasteas em oito partes, que plantou cada uma em separado. Cada uma das oito deitou novos rebentos, tornou-os a dividir, e dispor, d'onde ficou já com sessenta e sete plantas; assim passaram na terra o inverno: quando veio por meado Março começou a dividil-as de novo, e continuou até meado Abril, com o que já os pés deitaram a 500. O resultado foi o vegetar toda aquella verde familia muito mais prosperamente, que todas as searas circumvisinhas: algumas produziram para cima de cento de espigas, das quaes houve, que vingaram até 7 pollegadas de comprimento, e com seus 60 a 70 grãos. O numero total das espigas assim produzidas subiu a 21109, e os grãos, que estas deram, pesavão 47 libras e 7 onças. Fazendo o calculo do numero de grãos, que entravão em uma onça, se achou, que um só grão produzirá 576820 grãos.

A. M. de C.

Meio de augmentar a producção das batatas.

99 Não duvidâmos, que a experiencia, que vamos referir, seja de muitos conhecida, e usada: para os muitos mais, que não a usão por ignoral-a, é que a publicâmos. E' infallivel um grande augmento na producção das batatas, como se lhes córte toda a flor, quando começa de apparecer, decepando-lhes igualmente a parte superior dos ramos, em que ellas brotão. Os naturalistas botanicos, a quem cabe dar razão deste phenomeno, o explicão pela força de producção, que sendo impedida no seu officio por aquella via, retrocede, e léva a seiba ás raizes, onde não só accrescenta o volume, senão o numero dos bolbos. Seja como fôr: o que muito monta saber é, que por este methodo a colheita das batatas se faz muito mais rendosa, tanto pela maior producção, como por sua boa qualidade e tamanho. As experiencias, feitas com todo o escrupulo a este respeito, mostrão, que um pé de batateira, ao qual se fez a amputação das flores, produziu quasi oito vezes mais, que outro igual em que se ellas desenvolveram. Por muitas vezes se têem estas experiencias repetido, e o seu resultado é, que a primeira batateira rende trinta libras, e a segunda quatro. Uma tal differença reléva sobejamente a despeza da amputação, que por ser trabalho tão leve, pódem com elle rapazes, ou velhos, a quem as forças faltarem para outro mais pezado.

F. A. M. P.

Receita para conservar a carne.

100 Depois de salgada a carne, e mettida em salmoira por dois dias, tira-se e limpa-se em um panno: prepara-se-lhe uma infuzão de fuligem (a do fumo de lenha é a melhor) em quantidade sufficiente para dar côr negra á agua; conserva-se nesta infuzão um só dia; e é quanto basta para perder todo o gosto do sal, e poder durar por mais de quarenta dias muito sã e saborosa. Esta receita tem um grande uso nas viagens, e evita os damnos das comidas salgadas, que não são pequenos. M.

Methodo de conservar o toucinho.

101 A estação nos convida a publicarmos um facilimo methodo de guardar o toucinho bem condicionado: e se já por muitos é elle bem conhecido e experimentado, nem por isso faremos desserviço, que muitos haverá, que o ignorem.

Depois de bem salgadas as mantas do toucinho, e conservadas por quinze, ou vinte dias no sal, se mettem em uma caixa de madeira muito bem forrada de feno secco, e sobre cada uma destas mantas se vai acamando o feno, de maneira que fiquem todas cobertas, e separadas umas de outras; tapa-se a caixa, e colloca-se em logar bem secco. Assim conserva o toucinho sua cor branca, e bom sabor, havendo sempre o cuidado de o ter coberto com o feno.

M.

Remedio para as vacas recobrarem o leite.

PARIS.

102 As vacas leiteiras, ainda das melhores, muitas vezes succede relaxarem-se os úberes, e perderem por isso o leite. Achou-se remedio para este grave damno, remedio efficaz, barato, e sempre á mão.

Põe duas vezes ao dia sobre as têtas da vaca assim enferma uma cataplasma de barro amassado com vinagre, e darás com ella sã. O Doutor Guériu affamado medico de Paris, foi o inventor d'este remedio, cuja

efficacia por muitas pessoas depois d'elle tem sido experimentalmente averiguada.

A. N. M. L.

Remedio contra a lagarta das arvores.

103 Muitas arvores, e plantas se arruinão de todo com uma enfermidade vermicular, a que os agricultores chamão *lagarta, piolho, e formigo*; os ramos, e renovos mais viçozos, onde está a esperança do fructo, são os mais atacados desta lepra, rebelde a todos os medicamentos ordinarios. Como unico especifico para a sarár de todo, é muito recommendada a cal, cuja virtude n'esta materia já conheceis pelo artigo 72 do numero quatro deste jornal; e só vos falta a noticia do methodo, por onde melhor a podereis applicar a este outro cazo. Um socio correspondente da Academia das Sciencias de Paris o expõe deste modo = Fazei molhar por meio d'um regador, ou bomba, todos os ramos da arvore; polvilhai-os de cal, que tenha sido regada, ou posta d'infuzão, o que facilmente consiguireis lançando-a em um peneiro, ou sacco raleado; vereis morta a lagarta, e viçosa a arvore, que não tardará de revestir-se de sua antiga formosura.

A. N. M. L.

Algodão.

PORTUGAL.

104 Quando o nosso paiz outras riquezas nos não déra, bastar-nos hia o magnifico presente do algodoeiro para, se bem soubéramos aproveital-o, chegarmos a ser ricos. Este arbusto admiravel em a variedade de seus productos dá materia com profusão, para incalculavel commercio a muitas nações, que cultivando-a ou fabricando-a, têem engrossado suas riquezas, e augmentado seu poder. Hoje são os productos de algodão procurados por toda a parte, como uma necessidade da vida: todas as classes, e quasi todos os individuos os consomem; e tanto basta para se conhecer seu grandissimo valor. Pois esta tão rica, e tão necessaria planta encontra em nosso paiz natureza de terreno, e de clima, tão a seu favor, que dentro em poucos mezes, como aconteça ser lançada á terra, ainda no acazo, alguma semente, é já arbusto tão frondoso, e tão carregado de fructo, que com ser leve no pezo, vergão com elle todos os seus ramos. E' principalmente em as terras do sul, onde sabemos, que isto acontece; e ahi o temos visto nascer e medrar com muita facilidade: e assim havemos por bom serviço, e grande amor ao nosso paiz encommendar aos proprietarios do Algarve a cultura de tão preciosa planta; ou ao menos a proteção e ajuda a quem, segundo nos consta, se faz prestes a levar-lhes a melhor semente, e methodo deste cultivo.

F. M. P. S. N.

Methodo abbreviado para preparar a massa do papel.

PORTUGAL.

105 O espantoso crescimento do commercio intellectual nos tempos modernos, tem creado tambem á sua parte necessidades, que os antigos não conheceram. Para a pouca, e mui coada, sciencia dos Egipcios, bastou, e talvez sobrou, como materia em que se escrevesse, o entrecasco de uma arvore, o *papiro*; hoje que metade do mundo escreve para a outra metade ler, o linho e o algodão, de que se fabrica o papel, vão já parecendo insufficientes, apesar da prodiga abundancia com que a natureza os sabe produzir. A palha, a folha da canna, e outras muitas especies de vegetaes, foram já applicados, e em muitas partes o estão sendo, ao fabrico do papel; o proprio estrume, que só parecia destinado a fecundar a terra, é convidado á nobre missão de fecundar o entendimento humano. E' entretanto corrente que ainda até hoje nenhuma planta se descobriu, ou pelo menos de nenhuma planta se soube usar tão acertadamente, que tirasse ao linho a sua primasia, assim para estampas, como para impressão, como para escripta; e sómente á carestia, e pouquidade d'este genero, em relação á necessidade que delle temos, é que se deve attribuir o grande uso, que ora se está fazendo de papel de algodão estreme, ou de linho grandemente lotado com algodão. E tem resultado isto não da raridade do linho, mas de se entender, talvez por mais de uma razão, que só do trapo, e não do linho em primeira mão, se havia de fabricar o papel. A roca e o tear, o leito e o vestido, absorvião a primeira parte da sua existencia; a fabrica não era mais que o seu hospital de invalidos. Como porem a carestia do linho, não provenha tanto da sua cultura (que extremamente é ella facil) como das innumeraveis e prolixas operações, a que depois de colhido o submettem para o converterem em bellas fêvras, alvas, e preciosas, segue-se que se a sciencia podér habilitar o linho para massa, forrando todos

estes processos, tão custosos e cansados; a si mesma, e a todas suas irmãs haverá feito um serviço da maior monta. Ora eis ahi o que ella tem já conseguido, e demostrado pela pratica.

Pega-se do linho como a terra o deu, e unicamente se lhe ripão as sementes; esmiuça-se em pedaços de tres ou quatro pollegadas de comprido, mergulha-se em uma dissolução de chloruretto onde fica até chegar ao grão de brancura que para o intento se deseja; d'ahi para diante é seguir o costumado no fabrico do papel. Assim ao linho canhamo, como ao mourisco, como a qualquer outra especie d'elle, pode esta receita ser aplicada.

Esta noticia, como lhe dessem o devido apreço, e a aproveitassem, tornar-se-hia por ventura mina para este reino, que tão bem, e por tantas partes, cria o linho; onde já ha fabricas de papel consideraveis, e entre ellas uma de tão grandiosas e bem fundadas esperanças; onde a imprensa trabalha com mil braços, e todos os dias os lança novos; e onde finalmente, mais por falta de materia prima, do que de fabricantes e de engenhos, se está pagando n'este genero um pesadissimo tributo á industria estrangeira, com grave desfalque do nosso numerario, e grande prejuizo para a instrucção, que pela carestia d'este seu conductor se torna muito mais difficil, assim de dar, como de receber. Para igualar a rapidez, sempre crescente das faculdades e precisões intellectuaes, inventou-se a tachygrafia, com que a mão segue e alcança a mobilidade da lingua, imaginaram-se machinas para se escrever mais depressa do que se falla, adiantaram-se os engenhos para imprimir, applicou-se-lhes o vapôr que os fizesse voar; traçào-se compositores mechanicos da maior destreza; por engenhos se procura multiplicar os paineis; por engenhos se multiplicão já as estatuas; as pedras brotão estampas; força-se á propria luz a ser pintóra, e a natureza a reproduzir-se com aquella promptidão, e facilidade, que só ella sabe, que só ella pode ter: e ainda com tudo isto se não dá o mundo, e com razão se não dá por satisfeito; grande contradição seria logo, que onde tanto se procura poupar a grande preciosidade do tempo no commercio das ideas, se não abraçasse com avidez o que tanto o poupa para preparar a materia prima, em que essas mesmas ideas, por assim dizer, se confião, se tornão viziveis, prestadias e negociaveis.

A nós nos parece, que se os fabricantes de papel, depois de haverem provado e approvado, como esperamos, esta recommendavel receita, convidarem os lavradores a cultivar maior porção de linho abonando-lhes a compra d'elle em bruto por um preço rasoavel, não só de um anno para outro poderemos deixar de comprar papel estrangeiro, senão que ainda talvez a alguns o possamos vender.

X.

Remedio para golpes e cortaduras.

106 Toda a boa mãe de familias, e mais ainda as do campo que as das cidades, folgão de ter em sua casa de prevenção alguns especificos provados para um caso de aperto. Ora pois o que lhes agora vamos ensinar, deve ter na botica domestica um dos primeiros e mais honrados logares. Ha annos que se elle usa em algumas casas da provincia da Beira, e por nós podemos dizer, que lhe vimos surtir os melhores effeitos.

Colhem-se nos primeiros dias da primavera, e quanto ser possa frescos e viçosos, os olhos ou rebentinhos novos dos carvalhos; infundem-se em boa aguardente de vinho, arrolha-se, lacra-se, e arrecada-se. Quando se tem golpe ou cortadura, por mais grave que seja, molhão-se fios n'este liquido, põem-se sobre a ferida depois de lhe unir os labios, e então se presencêa, o de que nós mesmos por muitas vezes fomos testemunhas, uma cura por tal arte rapida, que mais parece repentina e milagrosa.

A. N. M. L.

Pomada efficacissima para queimaduras, por mais graves que sejão.

107 Recipe. De mel de boa qualidade quatro colheres de sopa, de massa de batata crua uma colher, mistura, pisa tudo muito bem n'um almofariz de pedra, e guarda.

Chegando a occasião verás, que não ha remedio mais prompto e certo do que este. Abranda promptamente as dores, obsta á suppuração, e livra de cicatrizes e costuras de que aliás se tem muitas vezes seguido deformidades.

Temos receitas de comadres, dirá alguem, receitas de curandeiros e de senhoras visinhas! Muito embora; é uma receita que não falha, e que todos podem ter sempre á mão, e como tal, é uma cousa preciosa. Queimaivos, e experimentai-a, e veremos se a gratidão vos não obriga, como a nós, a apregoal-a.

A. N. M. L.

Remedio para rheumatismo.

SERTÕES DA AMERICA.

108 Aos Professores da nobre sciencia de curar, e não ao vulgo dos leitores, encaminhamos a noticia da seguinte receita; elles a experimentarão, se lhes parecer bem; e se a acharem tal como em um jornal grave e scientifico se nos inculca, a ordenem e a propaguem.

Têm por uso os selvagens da America, em se vendo tomados do rheumatismo, pegar em dois dentes d'alho, quatro grammas de gomma ammoniaca, misturar e pisar tudo junto; repartem esta massa em duas ou tres porções, e tomão uma ao recolher e outra pela manhã. Em quanto andão n'este curativo vão sempre bebendo infusão de sassafraz, muito carregado, tendo cuidado de encher de pedaços de páo do mesmo sassafraz, o vaso por onde querem beber a infusão.

He cousa observada, que por este methodo logrão elles descartar-se de rheumatismos muito inveterados, e até quando já de pés e mãos estão tolhidos. Em quanto andão n'este curativo jazem-se deitados e muito bem cobertos, e vão sempre aquecendo o lugar onde fazem sua jazida.

A. N. M. L.

Machina de Metzinger.

LISBOA.

109 A novidade, e o inestimavel valor da machina do Sr. Metzinger nos móve a darmos della noticia, ainda antes da sua conclusão e aperfeiçoamento. Não podêmos para já dar idéa da sua construcção; mas não é pouco o darmos por certa a sua existencia. Esta machina applica o ar comprimido como força motriz, dirige, regula, e acceléra o movimento, e velocidade, que ella communica, com toda a justeza, e em todas as direcções; em fim emprêga a acção do ar, como outras machinas, já conhecidas, empregão a do vapor. Basta esta resumida idéa, que dâmos, para se ajuizar das incalculaveis vantagens, que um tal descobrimento vai dar á navegação, e ao commercio; e se não cabe por esta vez a portuguezes a gloria de inventores, cabe-lhes, e mui largamente lhes cabe, a honra de protegerem e auxiliarem o artista com todos os meios necessarios para a execução de tão admiravel obra: igual fortuna não encontrou elle por outras partes! Em Italia, o privilegio de inventor cassado apenas concedido: em França, a preciosa propriedade do segredo da sua arte a risco de ser roubada por dólo de dois socios: só em Portugal generosa protecção, e boa fé! E para que a honra tóque de mais perto, a quem de justiça pertence, aqui declarâmos, movidos unicamente pelo apreço de tão digno exemplo, os nomes dos illustres portuguezes, que se associaram para este fim; os quaes são os Srs. Brandão, Sampaio, Guimarães, Caixas do Contracto do Tabaco, e o Snr. Campos d'Albuquerque. Pela exposição do mesmo artista sabemos, que as suas primeiras experiencias, posto que feitas antes de concluida e bem montada a machina, e por ventura em barco mal ageitado, déram já boa próva da velocidade, que se deve esperar: como mostra a derrota seguinte. Em o dia vinte do mez corrente sahiu o Snr. Metzinger em o seu barco, movido pela machina mencionada, da doca da Pampulha ás tres horas e tres quartos da tarde, e chegou ao Cáes de Sodré ás quatro: meia hora depois seguiu rumo de Cacilhas, e chegou ahi ás cinco: fez-se na volta de Lisboa ás cinco e meia, e aportou ao Cáes do Sodré ás seis horas.

F. M. P. S. N.

Piano de nova arte.

FRANÇA.

110 Foi apresentado á Academia das Sciencias na Sessão de 4 do corrente mez, um piano novo em machina e no effeito. Seu author, M. Roant, pelos grandes esforços do seu engenho e assiduo trabalho, conseguiu augmentar prodigiosamente a vibração das cordas por meio do ar.

O methodo, e a exactidão, com que se este admiravel effeito executa, honra na verdade tão extremado artista. Cada uma das cordas vibradas pelo martéllo entra n'uma cavidade ou fenda, que communica com um conducto de vento, e recebendo ahi uma nova impressão pela corrente do ar, não só conserva, senão mui fortemente augmenta e modifica sua vibração e som. Por arte tão engenhosa adquire este instrumento tal novidade e força nos sons, que, de per si só, iguala a uma grande orchestra, e se póde ouvir muito ao longe. Com tudo não tem em suas harmonias, nem a fortaleza e magestade d'um bom orgão, nem a doçura d'um bom piano; mas d'ambos parece uma ajustada mistura. Por este modo os pianistas adquirem uma grande e notavel vantagem de execução. Nos pianos ordinarios perde-se

uma, e talves a primeira graça musica, a de ligar as notas; pelo novo maquinismo adquire-se a faculdade de o fazer, e este nos parece o principal resultado do invento.

F. M. P. S. N.

Relogio solar de repique.

FRANÇA.

111 O Parocho d'uma freguezia rustica em França, homem engenhoso, e muito sollicito em grangear commodos a seus freguezes, inventou, pouco ha, um engenho mui simples para lhes dar sempre a ponto, e sem nenhum trabalho, o meio dia. Collocou por cima do relogio de sol da torre uma lente, ou vidro d'augmento, que, em o sol chegando ao zenith, dardeja o feixe de seus raios concentrados contra um cordel, posto precisamente na marca do meio dia; o cordel abraza-se, um peso, que d'elle pende, cahe, mas, achando-se logo detido por outro cordel a que tambem está atado, e por onde communica a um carrilhão, pelo seu pendor o põe em movimento, com o que, para logo os sinos desfechão n'um repique.

R. L.

112 MAPPA

De todos os Finados que forão a sepultar aos Cemiterios do alto de S. João, Prazeres, e N. Snr.ª da Ajuda em Belem, desde o mez de Outubro de 1835, em que a Camara tomou posse delles, até 31 de Dezembro de 1840.

Annos de 1835 a 1840.	Sexo Masculino.		Sexo Femenino.		Menores cujo sexo se ignora.	Total de todos os annos.
	Maiores.	Menores.	Maiores.	Menores.		
1835.	504	484	378	273	52	1:691
1836.	2:323	1:129	1:804	888	»	6:144
1837.	2:532	1:684	1:983	1:156	140	7:495
1838.	2:139	1:334	1:723	1:206	532	6:934
1839.	2:087	1:106	1:745	1:167	578	6:683
1840.	2:141	812	1:761	868	556	6:128
Summão.	11:726	6:549	9:384	5:558	1:858	35:075

Os Cemiterios.

LISBOA.

113 Escolher um d'entre os dias do anno, santifical-o, como a victima, que se destinava ao holocausto, e offerecel-o assim intacto de profanações, e virgem de temporalidades á festa dos Mortos, foi um formoso pensamento da Igreja, e tão formoso, e tão

nobre, e em tanta maneira altissimo, que só os misticos arrulhos da sua pomba de amor lh'o poderam jámais inspirar. Os antigos donos do mundo, para quem o tempo se acabára, os submersos, pisados, e esquecidos sob o pó, os riscados, e apagados de todas as relações possiveis com a raça viva, tornaram a ter um dia, todo seu, um dia grande de universal banquete, um dia affortunado de ressurreição nas memorias de seus irmãos, e filhos, um dia inefavel, no qual, como que visivelmente abertas as portas do Empíreo, bem por cima da porta da sepultura, tambem desferrolhada, os corações amantes os vissem estar subindo, e descendo do pó ao Céo, e de Deus ás creaturas; do valle das lagrimas, onde lhes ficaram as raizes, á patria do triumpho, onde florecem. A festa dos Mortos, verdadeira festa para todos os homens humanos, e crentes, ungida com os mais suaves balsamos da caridade, composta das saudades, do que foi, dos desenganos, do que é, e das esperanças, e amores, do que está para vir, com igual, ou maior propriedade se podéra intitular a — festa dos Moribundos, ou dos vivos, — que o mesmo são, ou o mesmo somos todos nós: e este dia, perdido para os negocios terrestres, é por ventura, até para os actuaes donos d'esses mesmos negocios, até para os mais esquecidos dos de sua alma, o dia mais proveitoso, e moral, de quantos no anno se lhes revolvem.

Grande prudencia, ou grande tino foi logo o da authoridade mundana, que ás portas das povoações lhes fundou os seus cemiterios. ¡ Ao pé das morredoiras, e sempre agonisantes, cidades dos vivos, as cidades dos Mortos, sempre tácitas, sempre quietas, e sempre crescentes! Dentro em cada cem annos, dentro em cada sincoenta, nada, de quanto respira, susurra, fabrica, pelêja, voltêa doirado aos raios doirados do sol, ou se apascenta sobre flores, nada de tão innumeravel enxame permanecerá na sua immensa colmêa de pedra, renovada, e transformada ella mesma: tudo isso terá passado, para o que só não passa, nem muda, nem se despovôa. ¡ E quem sabe o que mais terá decretado contra cada cidade a Providencia! Oitenta e seis annos se vão agora cerrar desde aquelle memoravel, em que Lisboa amanhecêra festiva nos seus templos atroados de repiques, e anoiteceu esmagada sob esses mesmos templos, sob os palacios, sob todos os seus edificios, clamando desfalecidamente — misericordia — no meio do tumulto da terra, do mar, do fogo, e dos ventos, tudo pela mão de Deus contra ella desencadeado: corrêra-lhe a morte pela posta, que ainda não era mais do que a vespera de sua festa, e já ella era chegada, entrada, e dominadora! O cemiterio ás portas de Paris, a deliciosa; o cemiterio ás portas de Londres, a negociadora soberba; o cemiterio ás portas de Roma, a viuva, e orfã; o cemiterio ás portas de Lisboa, a vaidosa infeliz; por toda a parte o cemiterio ás portas de tudo, que é grande, são um documento, e pregão de profundas verdades moraes, que nenhum homem por mais surdo e ensurdecido, que se blasone, affirmará não ter já alguma hora escutado com proveito: são o official, junto ao throno dos reis da Persia, para lhes recordar, que erão mortaes; são o principe captivo, puchando o carro triumphal de Alexandre, e prevando nos giros das rodas os da fortuna do conquistador; são o soldado romano, que abatia os fumos ao vencedor via do Capitolio; são as vozes alçadas nos ouvidos do pontifice, — assim passa a gloria do mundo; — são aquella sombria mão, que escrevia a sentença de exterminio na parede da sala do festim, e bem defronte dos olhos de Balthasar.

Se já alguma vez pela religiosa calada da noite passeastes, orando, e meditando sósinho, por entre aquellas pedras alvas, que vos indicão, por onde desappareceram, os que perdestes, e vos apontão para as moradas, onde vos elles aguardão; se, por entre esses monumentos, mal alluminados das estrellas, que tambem passão, em quanto só elles permanecem, e ficão, a viração da noite vos trouxe aos ouvidos, como folha errante despegada da grinalda a uma dançarina, os sons confusos de alguma carruagem, uma perdida, e já moribunda nota de musica, os échos de um fogo de artificio, as horas de um relogio, que manda abrir as portas dos espectaculos, e dos bailes, fio eu, que por mais ossificado que o mundo vos tivesse o coração, algum pensamento bom, generoso, fecundo, amigo de Deos, dos homens, e de vós mesmo, se vos levantaria lá por dentro; fio eu, que sahirieis melhor, do que havieis entrado, e que, recolhendo-vos a vossa casa, vosso pae, vossa esposa, vossos filhos, todos os vossos familiares vos sentirião mais seu, mais affectuoso, e mais homem, do que nunca.

Ao tumulo consagraram o cipreste, e bem foi, mas consagraram-lh'o como uma coisa esteril a outra coisa tambem esteril, e n'isso erraram; porque a verdade é, que nem ha terra mais fecunda, do que a do sepulchro, nem arvore mais fructifera, do que o cipres-

te, que reune em si, enxertados por Deos, e já não prohibidos, os fructos de ambas as arvores do Paraizo, — da arvore da vida, e da arvore da sciencia do bem e do mal. — Não ha nenhuma luz grande, que não venha de cima, assim na ordem moral, como na ordem phisica; e para cima olha a campa, e só para cima aponta o cipreste, que a atalaia.

Ora, pois a lembrança da fésta dos Mortos, que nos está batendo á porta, nos conduziu naturalmente aos cemiterios, por não faltarmos em nenhum ponto ao nosso instituto, que é, servir em todas as coisas á commum utilidade, requeramos para estes venerandos logares, o que ainda n'elles fallece, e o que já não póde ser, que depois de requerido, se lhes negue; por que, não menos do que a nós, que o pedimos, tóca, e interessa aos que nol-o-hão de conceder; a dois se reduzem, por agora, (outro dia ousaremos a mais) os nossos humildes requerimentos: o primeiro, é dos vivos, e é o coração quem nol-o dicta; o segundo é dos Mortos, e dictarnol-o ha a piedade; quanto ao nosso, ¡ em quão pouco se não reduz! afformoseai-nos com arvores esses campos, onde jazem os objectos das nossas mais queridas affeições: dos thesoiros, que se derramão em nos alindar passeios para a nossa ociosidade ou amor proprio, desviai um óbolo para os nossos finados poderem ter, com que mais nos convidem a frequental-os; com o oiro se levantão de improviso os palacios e as tôrres, mas todo o oiro do mundo não faria apressar o crescimento do mais humilde arbusto; e pois que são os annos, os que das basteas, que a essa nua terra confiardes, hão de fazer as veneraveis sombras, que a poetisem, e pela poesia lhe augmentem a consagração, não percais os annos, nem os mezes, nem os dias; povoai desde já tudo de ciprestes, d'esses unicos amigos, que unicos permanecem fieis, e para sempre, ao pé dos Mortos; preparai a casa antes da chegada dos hospedes, que assás, e sobejo cedo, nós, ou outros por nós a verão cheia. E ajuntai ás arvores as flores, se quizerdes, como aquelles bons dos allemães o costumão; não são as flores alegrias n'aquelle sitio, mas são manifestações visiveis da bondade e formosura de Deus; são perfumes, de que o entendimento se ajuda, para subir; são corôas, que a saudade offerece, a quem mais nada se póde já offerecer. Muito embora para o materialista, (se o ha) ou para aquelle, a quem a sua consciencia aterrada clama, quando tudo dorme. — condemnação, — embora para esses toda a idéa de amenidade repugne com a idéa da morte. A morte em cemiterio christão não é um esqueleto, é uma piedosa mãe, que do sepulchro nos vem tomar, como de um berço, para nos ir banhar em fontes de gloria, e de luz. ¿ E quem recusaria uma grinalda a tão boa mãe?

Estranhou um dos mais religiosos espiritos, e o maior escriptor d'este nosso Portugal, o nome de Prazeres dado a um dos nossos cemiterios; fundou-se em bons razões, mas não entendeu n'esse lance a palavra. Não são os prazeres vãos, caducos, perigosos, e quasi sempre mortiferos, com que o mundo compõe a sua auréola, os de que este campo se appellida; são os prazeres internos, e incorruptiveis, os que no Céo desabrochão, dos que nós enterramos sob os nossos pés, são aquelles de que a Virgem, verdadeira mãe do verdadeiro amor, não desdenhou aceitar o titulo, e senhorio. Cemiterio de N. S. dos Prazeres, e cemiterio do alto de S. João são, confessamol-o, para o ouvido de nossa alma, dois formosos e propriissimos nomes, até por sua festividade.

O segundo requerimento, que por parte dos Mortos promettêramos fazer, e todo fundado em piedade, é, que outra vez se desvie, do que em obras de recreio se dispende, algum pouco oiro, que nem de muito se caréce, para levantar em meio de cada um d'estes campos santos uma digna casa de oração, que desafiando, e accrescentando o fervor, dos que ahi entrarem, grangêe para quem em roda jaz, e já nada por si póde pedir, alguns suffragios de salvação. Mais quizeramos nós n'este particular, e com ser esse mais mui pouco, e mui facil, não nos affoitamos a pedil-o: quizeramos, e melhor diriamos, folgáramos, que juncto com esse templo, em um, mui singelo mosteirinho, (são esses os paços mais alterosos da solida virtude) se reunissem, e gastassem sua semivida, ou mais que vida, em fervorosas, e tão bem empregadas orações algumas religiosas, das que ainda existem, e quizessem consagrar-se a tão abençoado destêrro. ¡ Que amavel coisa estar vendo transbordar das janellas para os cimos movediços dos ciprestes os reflexos da alampada meditativa! ouvir o sino da meia noite chamar de sua jazida as amortalhadas para intercederem pelo repouso, dos que só no ultimo dia se hão de erguer! os sons puros dos seus hymnos quão mais alto não subiria em partindo d'aquelle logar! e como por entre os gemidos profundos, e os gritos consternados do orgão, se não entenderia, que os Anjos do livramento, invocados por aquellas irmãs suas, baixavão a lhes tomar dos labios as préces, ainda quentes,

para as irem apresentar aos pés do Senhor da vida e da morte!

Com mágoa nos detemos em principio de tão suave e bom caminho: possa este pregão intimo da nossa alma accordar algum écho efficaz em poderosos do mundo.

A. F. de C.

Nascimento da litteratura dramatica.

PORTUGAL.

114 Muitos engenhos, e bons, havião em differentes épocas trabalhado entre nós para o theatro, mas nenhumas ou raras d'essas obras, consideradas em relação ao seu verdadeiro fim, merecião grande apreço. Com a creação de uma Inspecção dos theatros e expectaculos do Reino, e de um Conservatorio da Arte Dramatica, nasceu, e fez-se de repente adulta, formosa, e fecunda, a Musa da Scena Portugueza: e é já hoje demonstrado, que em Portugal, como em outra qualquer parte, se podem crear talentos d'este, assim como de todos os outros generos. Sem mais preambulos estampamos o catalogo das Peças, que, desde a instituição do mesmo Conservatorio, até hoje têem concorrido aos premios, com especificação do destino de cada uma d'ellas.

LISBOA — ANNO DE 1839.

O Emparedado, ou a Constancia na vingança, drama em 5 actos. Foi admittido ás provas publicas, por decisão do Conservatorio em o 1.° de Abril. — *A Moda, ou uma scena dos nossos dias*, comedia em 3 actos: entrou em 15 de Março. Não foi admittida ás provas publicas. — *Ricardo, ou a Força do destino*, comedia em 3 actos: entrou em 15 de Março. Retirada por seu author. — *O Duque de Cleves*, comedia em 5 actos: entrou em 15 de Março. Retirada por seu author. — *Os Dois Renegados*, drama em 5 actos. Foi admittido ás provas publicas por decisão do Conservatorio de 5 de Maio. — *O Infante D. Pedro*, drama: entrou em 5 de Abril. Retirado por seu author. — *A Actriz*, drama em 5 actos. Foi admittido ás provas publicas por decisão do Conservatorio de 17 de Novembro. — *D. Sisnando, Conde de Coimbra*, drama em 3 actos. Foi admittido ás provas publicas por decisão do Conservatorio de 6 de Outubro. — *O Renegado, ou os Sarracenos nas Gallias*, drama em 3 actos: entrou em 24 de Julho. Retirado por seu author. — *O Doido por força*, farça em 1 acto e 2 quadros: entrou em 19 de Outubro. Não foi admittida ás provas publicas. — *O Camões do Rocio*, comedia em 3 actos. Foi admittida ás provas publicas por decisão do Conservatorio de 1 de Dezembro. — *Os Amores de D. Pedro e D. Ignez de Castro, e morte d'esta*, tragedia em 5 actos: entrou em 2 de Novembro. Não foi admittida ás provas publicas. — *A Conquista de Gôa*, drama em 4 actos: entrou em 15 de Novembro. Retirado por seu author. — *Claudia, ou a Restauração de Ravena*, drama em 5 actos: entrou em 15 de Novembro. Não foi admittido ás provas publicas.

ANNO DE 1840.

Os Conjurados, ou o Patriotismo Portuguez, drama historico em 5 actos: entrou em 7 de Janeiro. Não foi admittido ás provas publicas. — *A Tomada d'Almada por El Rei D. Affonso Henriques no anno de 1147*, drama historico portuguez: entrou em 12 de Março. Não foi admittido ás provas publicas. — *Vinte e um annos d'administração do Marquez de Pombal*, drama em 4 actos e 8 quadros. Foi admittido ás provas publicas por decisão do Conservatorio de 4 de Junho. *Os Templarios*, drama historico em 3 actos: entrou em 1 de Abril. Retirado por seu author. — *O Aventureiro d'Africa, ou a Batalha d'Alcacer — Quibir*, drama em 5 actos: entrou em 5 de Maio. Retirado por seu author. — *A Casa de Gonçalo*, comedia em 5 actos: entrou em 26 de Maio. Entregue ao author para a corrigir segundo a determinação do Conservatorio de 7 de Fevereiro. — *O Casamento por contracto, ou os mal casados*, drama em 5 actos: entrou em 2 de Junho. Entregue ao author para lhe fazer as correcções, segundo a determinação do Conservatorio de 7 de Fevereiro. — *Antonio Camões Souto-Maior, ou a Corte de D. João V*, comedia em 5 actos: entrou em 2 de Junho. Retirado por seu author. — *A Impostura pouco dura*, comedia em 5 actos: entrou em 2 de Junho. Entregue ao author para a corrigir. — *Os Dous Campeões, ou a Corte d'El-Rei D. João 1.°*, drama historico em 5 actos. Admittido ás provas publicas por decisão do Conservatorio de 18 de Outubro. — *Ha Sete annos, ou a Reparação*, drama em 4 actos, 4 quadros, e 1 prologo: entrou em 20 de Junho. Foi admittido ás provas publicas. — *Auzenda*, drama em 5 actos. Foi admittido ás provas publicas, por decisão do Conservatorio de 25 de Outubro. — *D. Maria Telles*, drama historico em 3 actos, original portuguez: entrou em 24 de Julho. Retirado por seu author. — *Um cartel sôb o*

reinado de D. João 1.º, drama em 5 actos: entrou em 22 de Agosto. Retirado por seu author. — *Um Noivado em Friellas, ou os dous Patacões*, farça em 2 actos. Foi admittida ás provas publicas por decisão do Conservatorio de 7 de Fevereiro de 1841. — *Amalia*, comedia em 1 acto: entrou em 30 de Novembro. Não foi admittida ás provas publicas. — *O Captivo de Fez*, drama em 5 actos. Foi admittido ás provas publicas por decisão do Conservatorio de 22 de Dezembro. — *O quanto póde a innocencia, ou O criminoso triunfante*, drama em 3 actos: entrou em 31 de Dezembro. Não teve seguimento por não vir em forma.

ANNO DE 1841.

A Actriz, drama em 5 actos. Foi admittido ás provas publicas. — *Torquato Tasso*, drama em 3 actos: entrou em Fevereiro. Retirado por seu author. — *A Escrava Portugueza*, drama em 5 actos e 9 quadros: entrou em 13 de Março. Na Commissão de exame. — *D. Rodrigo*, drama em 4 actos e 6 quadros. Admittido ás provas publicas logo que seja corrigido.

PORTO — ANNO DE 1839.

O Conde Andeiro, drama em 3 actos e 6 quadros. Admittido ás provas publicas e representado pela 1.ª vez em 18 de Abril. — *Pedro Grande, ou a Morte de Aleixo*; drama original em 5 actos, em verso. Admittido ás provas publicas e representado pela primeira vez em 24 de Novembro. — *Almansor Aben-Afan, ultimo Rei do Algarve*, drama em 3 actos. Admittido ás provas publicas e representado pela 1.ª vez em 21 de Dezembro.

ANNO DE 1840.

Affonso 3.º, ou o Valido d'El-Rei, drama original em 5 actos. Admittido ás provas publicas e representado pela 1.ª vez em 21 de Janeiro.

ANNO DE 1841.

A Cigana, drama em 3 actos. Admittido ás provas publicas por decisão do Jury em Sessão de 7 de Fevereiro. — *D. Duarte de Menezes, Terceiro Conde de Vianna, ou o Assedio de Alcacere Ceguer*, drama em 3 actos. Admittido ás provas publicas por decisão do Jury em Sessão de 21 de Fevereiro.

Alem das Peças supramencionadas muitas outras, tambem originaes, e algumas d'ellas de notavel merito, se representaram nos nossos theatros publicos.

Que maior desengano pretendem agora os que á boca cheia dizião, que fóra de França, e de francezes, não havia salvação dramatica!! Para tudo são os portuguezes: dirijão-nos, incitem-nos, ou pelo menos, aproveitem-nos, e ninguem jámais lhes dará no rosto.

Consta-nos que o Conservatorio acaba ultimamente de admittir ás provas publicas um novo drama original portuguez em 5 actos intitulado — D. Rodrigo — Sabemos do drama que o seu author dramatisando a conhecida historia da Cava e a epocha da invasão d'Hespanha pelos Sarracenos denuncia um novo dramaturgo Portuguez de mérito. — O drama foi censurado pelo Snr. Silva Leal que o propõe com honroso parecer. Quando no-lo dará o theatro dos Condes!

M.

Bibliographia Portugueza.

Ensaio sobre a Historia do Governo e da Legislação de Portugal, por M. A. Coelho da Rocha — Coimbra 1841 — 1 vol. 8.º

115 O nosso seculo é o da generalisação e da synthese; o seculo passado foi o da individuação e da analyse: talvez d'aqui vem que nós somos idealistas, e que nossos paes na sciencia foram sensualistas. Elles accumularam e classificaram os factos do universo; nós julgamos esses factos: elles arrancaram e lavraram o marmore; cortaram e acepilharam o cedro; nós vamos traçando e alevantando o templo. A cada geração seu mister e sua gloria, estampada nas paginas immensas dos annaes do progresso humano.

Esta transição de um seculo para outro devia trazer uma grande mudança nas formulas intellectuaes chamadas sciencias — a mudança que necessariamente resultava da transformação do espirito humano de analytico em synthetico.

A sciencia, que por sua natureza devia mudar completamente na essencia, e na fórma, com essa transformação, era a historia. Até a nossa épocha ella foi exclusivamente a sciencia dos factos especiaes e do individualismo: hoje a sua tendencia é esquecer os individuos para contemplar as sociedades, na sua vida composta de milhões de vidas.

E ainda nós, caminheiros do progresso, fazemos só metade da peregrinação, antes de nos irmos a repousar na terra: a historia das sociedades não é mais do que a passagem para a verdadeira historia — a do genero humano.

D'aqui a um seculo só esta merecerá tal

nome: obreiros da providencia desempenhemos todavia nossa tarefa, sem murmurar do quinhão que nos coube, e sem invejar os que hão de vir apoz nós. Pertence á nossa épocha a história das nações, como nos trinta seculos, que nos precederam, pertenceu a chronica dos principes, dos capitães, dos pontifices, e dos legisladores. Trabalhemos, como elles fizeram.

O thema *povo* dado a uma geração em vez do thema *individuo* dado a sessenta, prova que os entendimentos chamados hoje a escrever duas palavras do grande symbolo de Deos n'este mundo, chamado progresso intellectual, pesam mais alguma cousa que os de tantos que passaram nas balanças da providencia.

De Moysés a Bossuet; de Herodoto a Barros é menor a distancia que de Bossuet a Muller e de Barros a Herder. ¿Segundo a idéa que nós ligamos á palavra *historia*, porque não diremos sinceramente, que antes de Herder ella não existia, e que apenas fora antevista por João Baptista Vico?

Fechae os livros destes homens summos e os dos seus discipulos na Allemanha: fechae os da eschola de Hallam na Inglaterra, de Thierry, Guizot, e Barante na França, e ainda de Martinez Marina na Hespanha, e dizei-nos o que sabeis da historia social, da historia das grandes familias humanas? Nada.

Que he pois o que nós sabemos?

Sabemos quando nasceu, cazou, e morreu esta ou aquella personagem illustre.

Sabemos quantas batalhas deu este ou aquelle capitão famoso, com quantos mil homens, e em que logar.

Sabemos o numero de cidades que queimou ou assolou um conquistador: o que nós ignoramos é a historia da cidade, não a dos seus regedores, mas a dos cidadãos.

Com tirar um extracto do registo do juiz de policia correccional, em que se relatem as desordens e brigas do mercado e da taberna, e examinando os livros baptismaes, matrimoniaes e de obitos, qualquer parocho está habilitado para ser o Damião Antonio de Lemos da sua freguezia.

Qual é a *causa final* de semelhante sciencia historica? Declarâmos desde já superior a Newton achando a força centripeta e centrifuga, aquelle que nos souber responder a tão simples pergunta.

Mas a grande revolução da sciencia já chegou ao nosso paiz. O primeiro grito de rebeldia contra a falsissima denominação d'historia, dada exclusivamente a um complexo de biographias, de chronologias, e de fastos militares, soltou-o o auctor do *Ensaio sobre a Historia do Governo e Legislação de Portugal.*

Era tempo de ser a historia alguma cousa mais que uma data e um evangelico *autemgenuit* de nobiliario. O seculo já vai em meio. Somos coxos, mas não tolhidos.

Tal obra é uma balisa em nossa historia litteraria. Destas erguem-se raras entre nós.

O livro do illustre professor de Direito patrio, o Sr. Coelho da Rocha, é um grande livro, senão sempre pela sua execução, de certo pelo seu pensamento.

Será elle lido e apreciado? — Não o affirmamos. Na republica das letras portuguezas é mais trivial a erudição que a philosophia.

Recommendamo-lo ao povo; — porque ahi estão lançadas, ainda que incompletas, algumas paginas da sua historia.

A. H.

Versão Portugueza dos Elementos de Pathologia Geral de A. F. Chomel.

LISBOA.

116 A grande extracção d'uma obra, sempre costuma ser apontada como prova do seu merecimento: a grandissima, que em todas as suas tres edicções, têem tido os Elementos de Pathologia Geral de A. F. Chomel, não argue sómente o muito valor d'esta obra; mas ainda a grande necessidade, que hão d'ella todos, os que se applicão á arte de curar. O tempo, em que appareceu a primeira edicção, correndo o anno de 1814, deu grande realce á estimação geral, com que foi recebida e procurada; pois além de serem por então as obras elementares d'este genero escriptas em latim, não tinhão uma clara deducção, como se requer, em suas materias; para não dizermos, que inteiramente erão desprovidas da observação e analyse, que são a alma das sciencias.

Ainda quando esta obra não houvesse merecido por sua inteira perfeição tão geral estima, ao menos entre nós, que n'estas materias não andamos tão descahidos, que se nos negue voto, mereceu o ser adoptada como compendio escolar; e por ella se vai ensinando a Pathologia na Escola Medico-Cirurgica de Lisboa.

Esta circunstancia, junta ao valor real da obra, moveu o Snr. José Maria Guedes a empenhar-se em vertel-a em portuguez; serviço por certo grande ao ensino publico, que mais ou menos sempre encontra embaraços em

o uso de compendios escriptos em lingoas estrangeiras.

Esta versão do Snr. Guedes, que brevemente sahirá á luz, é feita sobre a terceira edição do original, que sahiu no presente anno, muito augmentada e enriquecida pelo seu author; oxalá que o Snr. Guedes se haja esmerado, o que nem sempre a nossos medicos acontece, em escrever portuguez, que mereça tal nome! Tem as sciencias novidades, para as quaes não dá a linguagem classica, mas em tudo o demais por nenhuma via se podem eximir da lei commum, que é ser cada um de sua terra. Em Roma romano, em França francez, e portuguez em Portugal.

Tratem-nos o melhor, que souberem, da saude do corpo, mas em desconto d'isso não aggravem a este fidalgo idioma os achaques da Gallia, que já o tem com um pé na sepultura. Achaques são para que não val mercurio, mas val, e pode ainda valer muito, boa consciencia.

F. M. P. S. N.

117 Manual do Consul, pelo Snr. Mascaranhas.

O Captivo de Fez, Drama original em 5 actos.

O 2.° volume da Classificação geral da legislação portugueza, pelo socio effectivo da associação dos advogados de Lisboa, o Snr. Joaquim Rafael do Valle.

Novissima Reforma Judiciaria, publicada por Decreto de 21 de Maio de 1841, em virtude do disposto na Carta de Lei de 28 de Novembro de 1840; precedida da mesma Carta de Lei: edição pequena, para trazer na algibeira — Preço 400 rs. — Vende-se na Loja de Antonio Marques da Silva, Rua Augusta N.° 2.

Tres dias depois da publicação official da *Novissima Reforma Judiciaria*, se vai publicar uma edição correcta da mesma que conterá o seu indice alphabetico, e em notas as fontes, ou legislação antiga, que disser respeito a cada um dos artigos da *Reforma Judiciaria*.

Curso completo e arrazoado de Desenho linear, por Aleixo Noel. Traduzido em portuguez. Prospecto. — Sendo a arte do desenho linear tão util ao homem, seja qual for a sua posição na sociedade, e não havendo em portuguez um tratado que pela sua simplicidade, e clareza, possa instruir em todos os preceitos desta tão bella arte, sem enfastiar nem tomar o tempo assaz necessario a todos que estudão; julgamos de alguma maneira fazer um serviço ao publico, offerecendo-lhe a traducção do Curso de Mr. Noel, que alem de ser uma obra moderna, é tambem uma das melhores neste genero; e esperando que o mesmo publico aceite esta pequena offerta, e nos ajude prestando-nos suas assignaturas a levar avante esta empreza, e desde já lhe tributamos sinceros agradecimentos. — A obra completa formará 1 volume de 4.°, com quatro folhas de impressão papel setinado, e trinta e seis estampas lithographadas em bom papel, custando 960 reis. — Para tornar mais commodo, e por isso menos custoso, aos Snrs. Assignantes o pagamento desta obra, lhe será destribuida em 4 partes, a 240 reis cada uma, pagos á entrega, e com a ultima folha, ou parte, lhe será dada gratis a capa ou frontispicio em papel de côr — Sahirá regularmente uma folha cada mez; mas pode ser que as ultimas tenhão mais alguma demora em consequencia do muito trabalho que dão as estampas a lithographar.

Indice do contheúdo nos jornaes não politicos recebidos na escriptoria da Revista Universal no decurso da semana.

118 N.° 20 da Abelha. — Contêm os seguintes artigos — Le bananier por Frederico Soulier — *Zadig* — Pachá, por Maria Aycard — Une soirée chez Sir Robert Peel — Tribunaux étrangers. — Cour e jornal de Wlelhiuye — Chronique de la quinzaine — Nouvelles étrangères = Police correctionelle. = Bibliographie.

N.° 43 do Archivo Popular = Contêm: As peixeiras de Cornualhes = Sentença que em 12 de Janeiro de 1759 se proferio na Junta da Inconfidencia para castigo dos réos do desacato commettido na noute de 3 de Setembro 1758 contra a pessoa de Elrei D. José — A religião na China — Fabricas de alfinetes — Madame de Stael — factos gloriosos da Historia portugueza — O Pintor — Agricultura — Anecdotas

N.° 48 do Archivo Theatral = Contem: A Cigana.

Bibliotheca familiar e recreativa. = Publicou-se o numero 9 do 8.° volume; contém: Henrique Sunderland, ou o radical vendido aos torys = Mahomet e o Coran = Vida, e feitos de D. Antonio 1.° Rei de Portugal, etc. = Vende-se por 80 rs. na loja de Viuva Henriques, rua Augusta, n.° 1.

N.° 193 do *Ramalhete* — Contêm: O sacrificio recompensado, com uma bella estampa = O Rouxinol = Epanina e Sabino = Estudos historicos, do Dr. Antonio Ribeiro dos Santos = Anecdotas = Poesia = Charadas.

Recreio = Sahio o n.° 9 do Recreio com os seguintes artigos = O Convento d'Otrotch, com uma bonita litographia = Casamento do *Doge* de Veneza com o mar adriatico = Exemplo notavel da pequenez das letras = Memoria Chronologica dos tremores e irupções de fogo acontecidos nas Ilhas dos Açores = Funeral de Napoleão = Divisão de Portugal em 6 provincias = Anecdotas = Economia Industrial, methodo Electro-chymico para a douragem da prata e do latão = Subscripção para o monumento de Francisco Manoel do Nascimento = Publicações litterarias.

N.° 39 da Revista Litteraria. — Contêm: A crise financeira de 1841; a commissão creada por decreto de 22 de Março do mesmo anno, e as memorias do Sr. Deputado Roma = Caracteres parlamentares. Sir Robert Peel. Lord Stanley. Sir James Graham. Lord Lyndhurst = Relação Historica de 4.ª trasladação de Santa Izabel Rainha de Portugal em 1677 = Curas de Psycologia do Dr. Lordat = Chronica Historica ou Politica em 5 de Outubro 1841. Trabalhos parlamentares. Estado do paiz. = Conhecimentos uteis.

P. S.

Congresso dos Sabios em Florença.

O amor do Snr. Cezar Perini, para com a Italia, sua patria, e á sua cortez delicadesa para comnosco, devemos o poder, para o seguinte numero, dar alguma noticia das Sessões d'aquelle Congresso Scientifico, pois que temos em nossa mão, offerecidas por elle, folhas de = La Fama = jornal de Milão, em que o assumpto vem tratado.

TYPOGRAFIA DE J. A. S. RODRIGUES

Rua da Condeça n.° 19.

Scientifica, Litteraria, Agricola, Commercial

REVISTA UNIVERSAL.

Chronica Judicial, Artistica, e Economica de todo o mundo.

N.° 6.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS.

POR 12 NUMEROS	480
POR 24 »	960
POR 52 »	1920

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, RUA DOS FANQUEIROS N.° 107, 1.° ANDAR.

Quinta feira 4 de Novembro de 1841.

A redacção da REVISTA UNIVERSAL acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Receita para quem amassa de casa.

119 PONDE a ferver umas seis ou sete canadas de agua com um arratel de farelos por espaço de hora, mexendo sempre com um páu para que se não pegue. Passai por um panno este liquido, espremendo muito bem a massa dentro no mesmo panno até que não deite nada; e lançai-o ainda quente, em logar de agua simples, na farinha, que pertendeis amassar.

Sahir-vos-ha o pão mais bem fabricado, com um quarto mais de peso, mais saboroso, e de melhor digestão.

Estufa economica para ter legumes verdes todo o anno.

120 PELOS primeiros dias bons de Outubro estremai um quadro de terra de suas quatro braças e meia por banda; cercai-o de regos para escoamento das aguas; cravai-lhe no meio uma estuca de doze palmos, e em cada um dos cantos uma vara, que todas quatro se encurvem para o centro, e pelas pontas se amarrem em feixe com o cimo da estaca; com canas, empas, ripas, ou outro qualquer genero de páus, que primeiro achardes á mão, madeirai esta piramide de vara a vara, desde baixo até o cume, e encapai-a de esteiras, côlmo, ou o que melhor vos parecer; quando vier pelo fim do mez tereis a terra interior secca, e sã, por mais bravo, que tenha corrido o tempo lá por fóra: revesti esta choupana de uma camada de dois palmos de retraço de feno ou palha dos curraes, e pela porta, que para a parte do sul lhe havereis deixado aberta, mettei para dentro, e arrumai as hortalices e legumes, ficando uma cruz de caminhos para a serventia: isto é, o que em França praticão os hortelões com grande proveito seu e muita satisfação dos amigos da bona xira. Já póde ser, que o termos tão outro e mais temperado clima, requeira differenças na estufa, mas essas melhor as atinará por si mesmo o rustico, do que nós outros que, no que a suas coisas toca, tão ignorantes somos, como elle nas que respeitão ás nossas artes e polidezes: por derradeiro, facil é a tentativa; o terreno ficará despejado para tornar a servir de meado inverno para diante; para

taes palacios não se ha mister de architectos; e as materias, de que se elles engendrão, todas volvem a servir, quando menos, para estrume. S. L. J.

Conselho de amigo a quem tiver olivaes.

121 Em o nosso artigo n.º 69 inculcámos um novo meio de apanhar a azeitona sem castigar as oliveiras. Ainda em algumas terras o poderião experimentar, mas por outras nos consta, que tarde chegou a receita. Alguns lavradores do Riba-Tejo temendo que lhe continuassem a gafar os fructos, e desejando ao mesmo tempo acudir ao mercado com azeite novo, a fim de ainda se aproveitarem do subido preço, em que está este genero, tomaram o expediente de mandar varejar sobre o verde, e assim mais cedo, do que esperavamos. Porém se por chegar tarde, ou por algumas difficuldades de execução não se pozer em pratica o meio indicado, e empregarem o varejo, será esta a melhor occasião de fazer outra tentativa, que deverá aproveitar.

Foi este anno a safara tão abundante, que deixou cançadas as oliveiras, que tão cedo a não darão similhante. Vimos a cada passo ramos, que vergando com o peso dos fructos chegaram a esgalhar, e até muitos a quebrar e cahir por terra logo que chuvas e ventos os combateram. A's vezes um só raminho de duas pollegadas de comprido apresentou juntos mais de uma duzia de fructos.

Que não seria se as ventanias, que este anno têem cursado, não fizessem ralear tanto as flores! Talvez não houvesse por esses olivedos, arvore que alimentasse os fructos! Felizmente a Providencia, que por tudo attenta, previniu o mal, e nos liberalisou um rico anno. Ficando todavia, como diziamos, cançadas, e de tanto parto desfallecidas, as pobres das arvores.

Aqui pedimos ouvido attento aos nossos lavradores. Bom ensêjo será este de esperdiçar o pouco, para grangear o muito: despreze-se essa mesquinha colheita, que bem resarcida se lograrà após os tres annos, e decotem-se as oliveiras para que as futuras apanhas possão fazer-se todas á mão. Lembramos, pedimos, e em nome do interesse dos donos e de todos nós, recommendamos e imploramos, que assim como der fim a apanha, se decotem cerceas as oliveiras mais velhas e cheias de ferruge, (quando não sejão de enxertia) e não haja medo de que não tornem a arrebentar: o topo cerrado se poderá barrar com um unguento composto de barro, bosta, e azeite; porém, querendo, bastará untar de azeite a superficie cortada, e cauterizal-a com uma pouca de palha accesa.

E tambem se não tema que o lume as séque ou as damne, antes brotarão com admiravel furia varas limpas; que logo ao terceiro anno darão boa azeitona. D'ahi em diante, é ter cuidado, de ir decotando as vergonteas, que mais arrogantes quizerem levantar cabeça; e cada arvore se transformará n'uma touceira.

Os bons effeitos d'este conselho, antes supplica e instancia, não se cifrão no poder-se d'ahi por diante fazer á mão, mui facil e mui innocentemente, toda a apanha; outras vantagens vem na cóla, que já todos estarão vendo; as arvores mais remoçadas e limpas da praga da ferruge, que as comia; a parte cortada dos troncos plantada e augmentando os olivaes, e onde para isso fallecer espaço, vendida para marcenaria, ou quando menos queimada: mas sempre o augmento do plantio será o preferivel: podendo dar cada oliveira velha uma melhorada e duas ou tres novas, sendo muito para notar que por ficarem os olivaes menos alterosos, e assoberbarem muito menos espaço com a sobranceria de suas sombras, poderá o mesmo terreno, que mal sustentava quarenta oliveiras, vir sem nenhum empacho nem affronta a povoar-se de cincoenta ou mais, e sem nenhuma duvida melhores.

Isto que geralmente se faz, nem já deixará nunca de se fazer por todo o sul da França e muita parte de Italia, porque ao menos fugiria a nossa gente de o experimentar em poucas arvores? oh! que o experimentem! e logo da generalisação ficamos nós bem certos.
F. A. V.

Nova enxertia.

PARO.

122 Tão immemorial é o invento da enxertia que nem já se pode hoje rastrear, o como e onde principiasse: os antigos escriptores, que se dedicaram ao estudo da natureza, e da agricultura, como Plinio, Columella, e alguns poetas, mencionão esta particularidade do reino vegetal como coisa já em seu tempo mui familiar, e corrente. E' sem duvida a enxertia um meio admiravel de reproducção, pelo qual a vida d'um individuo se communica a outro; é uma verdadeira conquista, tanto mais para maravilhar, quanto as forças do conquistado excedem ás do conquistador; é emfim um grande

recurso da agricultura, que dá multiplicação ás arvores, e arbustos uteis com a substancia dos inuteis, ou menos proveitosos; abreviando-lhes os periodos, que a natureza marcára para a sua perfeição. Mas sem embargo da ancianidade deste uso, ainda a sua applicação se vai de dia para dia aperfeiçoando com a experiencia, e estudo das qualidades botanicas, das analogias dos individuos, e da natureza da seiba de cada um delles. De certo foi este estudo e a paixão pela agricultura, que derão um precioso resultado ás experiencias d'um nosso correspondente do Algarve, o Snr. José Joaquim Ramalho, já bem conhecido pelos seus escriptos sobre identicas materias, e sobre a construcção das suas machinas hydraulicas. A nova enxertia, de que nos elle dá noticia, mui grata para nós, e porventura mui util á agricultura, deixa muito atraz as que menciona Virgilio dos platanos, faias, olmos, e freixos silvestres, pois a transmutação, que a enxertia faz em qualquer d'estas arvores, não é comparavel, em razão de utilidade, á que vamos publicar.

Ajudado dos seus grandes conhecimentos e estudo, tem o nosso correspondente feito muitas tentativas sobre a enxertia em uma bella quinta, que junto a Faro possue, conhecida pelo nome *da Horta Nova do Rio Secco*: ahi ha pouco descobriu, que pela enxertia de garfo péga a oliveira no freixo, sendo este ainda novo, e não excedendo de quatro a doze pollegadas de grossura de pé. Publicamos esta noticia não só pela utilidade, que pode conferir á agricultura; mas tambem pelo grande apreço, em que temos tão bons serviços feitos ao nosso paiz, por um digno filho seu: honrado exemplo que a todos os portuguezes per si mesmo se recommenda.

F. M. P. S. N.

Receita para tirar do vinho o bafio.

123 Faz pena o encontrar muitas vezes vinhos generosos perdidos pelo máu cheiro, que receberam dos logares humidos, e vasilhas velhas, em que os encubaram: o mais damnos produz o mofo, ou bafio do vinho, que o descontentar ao bebedor; offende o estomago, e arruina a saude; sem fallar na quebra do preço para quem assim o vende arruinado. Para evitar tantos prejuizos, um remedio ha, facil na applicação, e prompto no effeito. Lançai no vinho um pouco d'azeite de oliveira, agitai-o duas ou tres vezes, para que se misture com o vinho; e depois de ficar em repouso por um dia, podeis extrahir, ou todo o azeite pela bocca da vasilha, ou todo o vinho pela torneira: quando porém pela qualidade da talha, isto se não possa fazer tão facilmente, filtre-se o vinho com tento. Este methodo foi experimentado e approvado pelos Commissarios da Academia de Medicina de París, acrescentando ao parecer, que sobre elle derão, a recommendação feita por Lajour, secretario da sociedade d'agricultura, para que os lavradores de vinhos, quando sejão obrigados a encubal-os em vasilhas velhas, usem de as humedecer primeiramente por dentro com azeite; pois por este modo se pode prevenir com prudencia o mal, o que é sempre mais util, e razoavel.

A. N. M. L.

Argamassa hydraulica.

124 Debalde se facilitaria uma abundantissima extracção d'agua por meio de novas machinas, se nos faltasse um bom methodo de a conservar, e guardar para os continuos usos, que incessantemente recrescem; em a vida agricola particularmente se ha de mister uma boa e forte contrucção de tanques, lagos, aqueductos, e outros depositos e serventias d'agua. Para este fim descobriu Vicat um meio, muito facil, e util, de se obter uma massa hydraulica de excellente qualidade. As argillas reduzidas a pó, e calcinadas por cinco, ou seis minutos, sobre uma chapa de ferro aquecida até ao gráu de côr *roxo escuro*, se combinão com a cal ordinaria, e formão uma argamassa hydraulica de incrivel duração e resistencia. Offereceremos aqui os resultados das repetidas experiencias feitas por aquelle author; e para calcular a resistencia dos productos da argilla calcinada põe elle no valor de 100 o betume feito com agua forte: a massa da argilla por esta graduação vem a ter 92. As mesmas argillas calcinadas em pedaços em um gráu mais alto, que o anterior, porem menor que o do ladrilho cosido, produzem uma massa, cuja resistencia não excede a 72. Uma calcinação mais forte vai diminuindo a propriedade destas argillas; a qual desapparece inteiramente quando ellas são ellevadas ao gráu de vitrificação, ficando neste ponto do mesmo modo, que em seu estado natural. A cilice precipitada na potassa forma com a cal um betume, que tendo uma resistencia duplicada em relação ao da agua forte, vem a perdel-a e torna-se quebradiço como lhe falte a agua, e seja exposto á acção do ar. A alumina, e o oxido de ferro não se ligão com a cal. De todas estas expe-

riencias conclue Vicat, que basta calcinar mui levemente a argilla, como fica dito, para que adquira a excellente propriedade de combinada com a cal produzir uma argamassa muito preferivel para as obras subterraneas, e expostas a innundações; para os tanques, cisternas, e aqueductos; pois que além da sua resistencia, tem a particularidade de se conservar por muito tempo sem se alterar.

O camponez, que para si cubiçar este beneficio, mas se não entender com os termos, que nos foi forçado empregar n'este artigo, póde recorrer ao seu médico ou boticario, que promptamente lh'o deslindarão.

F. M. P. S. N.

Outro bom conselho aos fabricantes de papel.

125 Em o nosso artigo 105 deixamos ponderada a necessidade de se augmentar a materia prima para o nosso fabrico de papel: genero de grande, e cada vez maior uso, e que bem se pode haver por de primeira necessidade, se, como é certo, e ninguem duvída, de primeira necessidade é tambem a publica instrucção: alli recommendámos a cultura do linho para ser clarificado com o chlorureto, e reduzido logo a massa, e fé temos no bom juiso de nossa gente, que essas tentativas se farão, e nos lograremos de seu copioso fructo: hoje accrescentaremos a esse, outro alvitre, não mais difficil de pôr por obra, senão ainda mais facil, e de não menos prosperos resultados; é o cultivo da piteira para papel. Em um riquissimo capitulo ácerca da piteira, impresso pela Sociedade Promotora da Industria Nacional no seu caderno de Março do anno passado, a pagina 52, cuja leitura recommendamos mui recommendada, se acha entre outros mil prestimos das fibras da piteira, o de se fazer d'ellas o papel, do que se adduzem numerosas e irrefusaveis provas de experiencia. Ora, como a piteira, entre nós tão commum, com qualquer terreno se contenta, e prospéra, como não requer trato, e, uma vez plantada, lá vive por si seus trinta ou quarenta annos, e por sua morte deixa posteridade, que a substitua, sem que em tudo isso se empregue fazendeiro mais do que o sol, o ar, e a terra, segue-se, que difficultosamente se poderá encontrar com planta mais serviçal e accommodada para o mistér. Quanto ao modo de lhe extrahir e curar os fios, de que toda ella é recheada, podem os interessados e curiosos consultar o supra citado capitulo, e por elle governar-se em suas tentativas. A nós se nos figura, que o papel de pita e linho, acertadamente misturados, deve de sair uma guapa coisa, assim em lustre de formosura, como em corpo e duração.

Muito confiamos em quem na admiravel fabrica da Abelheira, com tão possante, generosa, e portugueza mão, assim tem disposto e apparelhado todas as coisas para que o nosso Portugal possa emfim, dentro em pouco, não escrever e imprimir senão em papel seu. A nossa proposição, por todas as vias tão exequivel, será dentro em pouco uma realidade, uma riqueza, e tambem uma gloriasinha nacional.

X.

Compositor Mechanico.

126 Consta-nos que o Sr. Gitton, de cujo util projecto para o fabrico do papel, fallámos em os nossos artigos 5 e 28, tem ideado, e traçado um compositor mechanico de sua invenção, do qual espera obter os mesmos resultados, que se annuncião das machinas para o mesmo fim inventadas em Allemanha, França, e Inglaterra, e de que em os nossos artigos 7 e 54 fizéramos menção. E' o Sr. Gitton pessoa, não só engenhosa e instruida, mas emprehendedora e perseverante; o que nos dá grande esperança no bom exito da sua tentativa: quando for tempo, voltaremos a esta materia.

R. L.

Modo de limpar perfeitamente marmores e loiças.

127 Prepara-se um banho de cincoenta partes de agua com uma d'agua forte. Se o que se quer limpar cabe no vaso, onde se tem este liquido, n'elle se mergulha; para logo sem mais nada fica prompto, seguindo-se unicamente dar-lhe uma lavagem de agua fria, esfregal-o e deixal-o, onde lhe não chegue o pó. Por este modo se tem restaurado trastes e baixellas de muito preço.

Receita para curar as meiadas de linho.

128 Amaldiçoarão lavandeiras a nossa receita, por contraria aos seus interesses em o officio de curar, e estragar as meiadas com o seu methodo de barrelas sobre barrelas, de lavagens, de bateduras de pedra, e oito dias de soalheiros: mas tenhão paciencia; que a

receita lá vai: e para que as maldições destas vão bem encaminhadas, declaramos ser seu author Juck.

Ferva-se a meiada em a lexivia ordinaria de cinza por uma só vez: depois de bem enxuta, torne-se a ferver em agua com uma porção de pó de carvão, regulando-se tres onças, pouco mais ou menos, por cada arratel de linha: demóre-se a fervura por huma hora; e depois lave-se a meiada, e enxugue-se por duas vezes; é quanto basta para que fique muito branca. Mais nada.

Recommendação ás mãis e amas.

120 Em pouca, ou nenhuma conta, havemos nós as censuras daquelles, que desejosos sempre de coizas novas, nos houverão por melhor aconselhados, se nos guardassemos de publicar as já sabidas por alguem; bem que a humanidade requeira sua noticia, e o valor da coiza não admitta demazia em ser muitas vezes encarecido, e encommendado. Acresce, que uma triste pratica, que por toda a parte se vê em mais ou menos uso, nos faz crer, que para muitos será novo o que vamos expôr.

Não duvidamos affirmar, ser quasi geral o damnoso costume de muitas mâis e amas acalentarem, e adormecerem as crianças, fazendo-as aturdir com embala-las muito rijo nos braços, ou em berço. Não crêmos nós, que haja mâi tão desnaturada, tão desmerecedora do grande penhor, que a Providencia, e a natureza confiaram ao seu amor; emfim tão pouco mâi, que em conhecendo o damno, e o risco, que corre á saude, e a propria vida do seu filhinho, não se abstenha de tão nocivo, e mortifero uso. E, se assim é, que taes corações de mâis nem ás féras não os devemos nós suppor; bem é de ver, que tal maneira de maltractar os filhos, só a ignorancia do mal, que ahi há, a conserva. Pois a essas, que o ignorão, diremos nós; que todos os medicos do mundo clamão contra o costume de embalar as crianças; e que discorrendo largamente sobre seus maus effeitos, affirmão, que muitas doenças, e muitas mortes daqui se originão. O estomago, e a cabeça, são as partes que maior estrago padecem: todos os liquidos ahi se agitão com violencia: e isso, a que dais nome de somno, é uma vertigem, e meia morte, em que os innocentes ficão amodorrados: os humores, assim commovidos na cabeça, se perturbão, retardão suas funcções, demorão-se em demazia, e produzem molestias incuraveis, e mortaes. Não é muito menos o que passa no estomago: o movimento excessivo, que elle recebe, é quanto basta para provocar vomitos, e indigestões; sem mais fallar em o transtorno, que vai no alimento, que sendo leite, com tal, e ainda menor agitação, se decompõe, e vicia a tal ponto, que em vez de alimentar, damna a saude. O que nós acabamos de expor, o que é a súmmula das razões, e discursos dos medicos, é, em nosso entender, mais que bastante para acabar com o uso d'embalar as crianças; e para que as mâis hajão o maior cuidado em o não praticarem, nem consentirem que outros lh'o fação a seus filhos.

F. M. P. S. N.

Remedio experimentado para frieiras.

130 Como entramos no tempo das frieiras, molestia muito enfadonha e teimosa, e contra a qual muitas vezes nenhum aproveita dos mil e um remedios caseiros e sabidos; bom será aprender-se este, que é facil e muito abonado da experiencia em terras, ainda muito mais classicas de frieiras, do que esta nossa.

Ferva-se em obra de tres quartilhos d'agua, meia duzia de castanhas da India, e uma manchêa de cinza de lenha, até ficar o liquido por um terço: e vá-se banhando n'elle quente, quanto se possa soffrer, a parte enferma, repetidas vezes, de dia, e á noite.

Remedio prompto para golpes leves.

131 Se vos feristes na mão ou em qualquer outra parte, com ferro ou algum outro corpo, mas não profundamente, derramai azeite sobre carvões accezos, e tomai os fumos na ferida até vedar o sangue; estais são.

Novo motor para caminhos de ferro.

ALLEMANHA.

132 A força do vapor tão admirada, e tão util ao commercio, e industria, não tendo ainda cincoenta annos, desde que principiou a ser applicada, já parece ir caducando: e forças novas tão poderosas, e mais favoraveis, se vão prestando em seu logar aos usos da vida. Se as tentativas, descobrimentos, e inventos, seguem seu curso, já as machinas de vapor não têem de ser commodidades d'um seculo, mas sim de poucos annos. Os trabalhos do Sr. Metzinger em Lisboa; as diligencias, e bons estudos de Paterson em os Estados-Uni-

dos: de Jacob em São Petersburgo; e de Stochrer em Leipsik, vão formando uma nova época de invenções muito mais seguras, e commodas. Estes tres ultimos artistas têem feito grandissimos progressos ácerca da applicação das correntes *electro-magnéticas*: e particularmente o admiravel Phisico, machinista de Leipsik, tem conseguido os mais felizes resultados do seu constante estudo, e grandes talentos: ha pouco appareceu concluida com toda a perfeição a sua nova machina *electro-magnética* applicada aos caminhos de ferro; e foi logo comprada pela Dieta Germanica por 1400 thalers, que corresponde a 860$000 réis da nossa moeda: sua força é de sete cavallos, move tres diligencias cheias de passageiros, e sem o risco, nem a dispeza do vapor; o seu custo é muito menor, pois que uma machina de vapor de igual força custa 14$000 thalers 8:600$000 rs. As experimentações, que desta nova machina se fizeram, lhe déram tanto credito, de segurança, que ella é actualmente preferida; em breve não haverá d'outras, como nos assegura o merecimento de tão util achado.

F. M. P. S. N.

Instituto benefico.

MADRID.

133 Entre todos os males, de que a natureza nos semêa a vida, ora negando-nos, ora roubando-nos os ricos dons, de seu thesouro inexhaurivel; males, em que ella ostenta seu poderio; e como que picada do atrevimento da arte se desafronta de seus imperios devassados, de seus segredos roubados, de suas leis não cumpridas, e de seus primores, e bellezas imitadas; entre estes males, havemos nós que é um muito grande, e o mais triste, aquelle, com que ella, sem roubar o homem ao mundo, rouba o mundo ao homem. Então tudo lhe desapparece; o universo é um ermo, e a vida uma continua e profunda noite sem esperança de alvorada. Que alma haverá, que se não corte de dor ao encontrar com um pobre cego desatinado, e cercado de perigos, e precipicios? Ora pois, amigos da humanidade, acudi a diminuir a desgraça d'estes infelizes! Ide visitar essas casas de tamanha caridade, que não vos ficão ellas tão longe: ide á Inglaterra, á França, á Belgica, e d'aqui a pouco, vos diremos á Hespanha; e ahi vereis abrir-se um novo mundo a estes desgraçados, onde matão as saudades do que perderam, se chegaram a conhece-lo; e onde nada, de quanto se póde haver por necessario ou agradavel, lhes fallece. Ahi tudo se vê, e reconhece sem vista, nem luz: os gozos e prazeres não entrão pelos olhos, senão pelo coração, onde ficão: este é o mundo da alma, e do engenho: não faltão n'elle as letras, as artes, a moral, e as sciencias: trabalha-se, lê-se, escreve-se, canta-se, e folga-se: os sentidos se ajudão mutuamente, e se approximão em seu mister com o exercicio regulado por arte; assim o tacto, o ouvir, e o cheirar vão occupar o logar dos olhos, que ficou vago: por esta forma é, que se dá vista aos cegos, e se tornão proveitosos a si e aos outros, homens reputados inuteis, e condemnados á dependencia, á ignorancia. Com humano fim de estudar taes estabelecimentos, e de se prover dos materiaes, e instrumentos necessarios para a escola dos cegos, sahiu de Madrid D. Juan Manoel Ballesteros, director do collegio dos surdos e mudos, encarregado pelo Governo de colher pela França e Belgica todos os conhecimentos necessarios para dirigir um igual estabelecimento, que se vai fundar na capital da Hespanha, e de comprar typos, cartas geographicas, e quadros em relevo. Tardanos um simillhante esforço do nosso governo. Quizéramos ver os miseraveis cegos, que a nossos olhos se offerecem constantemente, fóra da miseria, em que se embrutecem, e morrem.

F. M. P. S. N.

Progressos da musica italiana.

134 Na *Fama*, jornal de Milão, se lê que em Constantinopla, Alexandria, e Smyrna, vai tambem haver emfim seus theatros italianos de cantoria. Assim os desherdados netos dos antigos senhores do mundo, depois de terem reconquistado pela harmonia toda a Europa, e conquistado muita America, de que nem sequer noticia havião tido seus avós, lá vão já crescendo pelo Oriente, e colhendo palmas, até por entre a fanatica barbaria do mahometismo. A cidade, filha e delicias do seu grande Constantino; a cidade, fundação do grande Alexandre; e a cidade, que ainda se blasona patria do maximo Homero, têem de ver depois de tantos seculos entrar por suas portas os filhos d'aquella mesma velha Italia, de que já forão vassallas. ¡ Mas que differença de tempos a tempos, de conquista a conquista, e de avós a netos! As legiões e turmas de homens e cavallos de ferro convertera-se em formosos e formosas cantantes, e dançantes, mas que ainda da passada gran-

deza souberam conservar brilhantes memorias...... nas guardaroupas de seus theatros: nos sons d'aquellas trombetas, que alvorotavão e rendião o universo, succederam as suaves ariêtas, e caballêtas, que o enfeitição; e nos editos do Senado, outr'ora leis para todos os povos, seguiram-se altisonantes cartazes, onde a lingua féra e valente se diluiu, e confeitou em uma suavissima calda de vogaes, e onde os barbaros nomes dos Manlios, dos Horacios, dos Camillos, das Lucrécias, das Virginias, e das Clélias se transformaram em graciosos e graciosas, *anis*, e *onis*, *itis* e *ulis*, *epis*, *icis* e *acis*.

Não odiamos a Italia, deploramol-a. Tudo o que n'ella havia massiço se derreteu; tudo o que era grande se abaixou, e sumiu; as proprias sete collinas de sua Roma não existem, e os arcos triumphaes, as estatuas, e tumulos de seus varões, como que envergonhados de ver o mesmo sol allumiar nos mesmos sitios um povo, que já não é o mesmo, e indignados de serem elles, elles marmores, os unicos objectos, que estrangeiros correm a visitar, se vão sumindo na terra, e desapparecendo. Paiz forte, paiz hercules, paiz reclinado e adormecido, e não nos pés de alguma Omphale; como podes tu jazer-te ahi insensivel sobre essa terra, que respira fogo! sobre uma cama de tropheos, como se póde repousar sorrindo e cantando? segredos são esses da Providencia, que pelas alturas proporciona as quedas: cumpre o teu terrivel fado de expiação: serve aos prazeres do universo, sobre o qual já estiveras em pé, como em carro de triumpho: tu nos fazes lembrar aquelle demonio d'uma antiga lenda, que depois de ter por largos annos tiranisado a um pobre ermitão, foi obrigado pela Justiça divina a servil-o outros tantos annos de rastos sob a fórma de cão. Não denegamos que ainda por Italia se produzão virtudes e talentos, nem havemos que são elles por lá tão raros, como já alguem diria, que á conta de sua escacez os não deixão exportar para terras estrangeiras; não: a bella Italia não é morta; o seu carvalho e o seu loiro fulminados conservão ainda verdes as raizes; a sua aguia das conquistas perdeu para sempre as garras, mas o fogo de Vesta, que era a alma do estado, ainda dormita sob as cinzas; os seus estatuarios e pintores, os seus architectos, os seus philosophos, os seus naturalistas, os seus medicos, emfim todos os que n'ella cultivão cada uma das nobres coisas, que aviventão ou embellesão o mundo, são entidades tão reaes, são meritos por tal arte incontestaveis, que os seus futuros destinos de grandeza se descortinão mais que provaveis.

Voltando porém ao nosso primeiro proposito diremos com a liberdade, que em todas as materias professamos, que esta inerme conquista universal da musica italiana nos parece quasi tão absurda, (posto que menos incomportavel coisa) como a universal conquista armada dos velhos romanos. Embora as utopias philosophicas aspirem a nivelar em tudo toda a sociedade humana: uma só lingua, uma só constituição, as mesmas leis, e os mesmos costumes em todas as partes do orbe, são uma fabula do futuro, como a idade de oiro foi uma fabula do passado. Não debalde estremou Deus os povos com montes, rios, e mares: não debalde variou pelas zonas os climas; fadando a cada um com seu particular condão: não debalde dispartio a cada região uma peculiar natureza de terra, de ar, e de influição de estrellas, um quinhão appropriado de plantas, de animaes, de mantimentos: não debalde diversificou em tantas especies tão distinctas o genero humano, que logo ao vêr cada individuo, e antes de o ouvir, se adivinha, quasi ao certo, o torrão, que o produsiu, pelas sensiveis harmonias entre as coisas d'esse torrão e as d'esse individuo. Que o commercio derramando por todas as partes do globo, o que a natureza, a cultura, a industria, e o talento, em cada uma d'ellas produsiu, augmente por esta enredada e continua troca os commodos e vantagens de todos, bem está; mas a boa razão, que persuade abrir as portas, ao que de fóra vem, não persuade, senão que absolutamente reprova o deixarmo-nos por essas coisas estrangeiras senhorear a ponto de, sem mais razão senão a de o serem, as pormos para sempre no logar, das que erão mais nossas, e mais para nós.

Não é pelo interesse do turco, do grego, ou do egypcio, que isto dizemos; é, pelo que mais nos importa: é pelo nosso. A Italia na sua decadencia conserva ainda uma nobre altivez, e é, a de manter algumas de suas excellencias, e de as impôr, quanto póde, a todos os outros povos; nós porém no nosso abatimento nem essa virtude conservamos, e é esta a pessima de todas as enfermidades do corpo social: TUDO O QUE E' PORTUGUEZ NOS ENJÔA; tudo o que é forasteiro é recebido e abraçado: n'isto somos como os barbaros, que andão sempre pelas praias com os bisalhos de seus diamantes, e os atados de seu oiro na mão, de olhos longos para o mar á espreita de mercador, que por espelhos, cascaveis, e

barretes vermelhos lh'os venha aguçosamente resgatar: tinhamos o fino oiro da formosa lingua de Camões; pois venhão as novellas francezas, que todo o daremos para comprar essa aravía nova; tinhamos, como todos os povos, a nossa musica nacional, mui afinada comnosco, mui suave, mui melancolica, mui amada e gostada de todos; pois venhão essas operas, que não só havemos de tomar d'ellas o gosto de as ouvir, e a vantagem de nos aperfeiçoarmos, senão que faremos voto de nunca mais cantar senão italiano; as inspirações dos nossos poetas, se as houver, não serão expressas senão em periodos que possão provar ter já sido garganteados, por um *ici*, ou *ori*, ou *alis*, *eli*, ou por uma *ini*, ou *oni*, ou *opi*, ou *upi*.

A mais passamos no desaforo da nossa humildade, que julgamos, ou pelo menos o dizemos, e muitas vezes o havemos impresso (não jámais a pena de que estas letras sahem, que esta o combateu, e o combaterá sempre) ser a lingua portugueza de insufficiente melodia para a musica. O compositor portuguez apenas o estro se lhe accendeu, não corre a casa do poeta, seu irmão, e seu visinho, para que associando a sua gloria com a d'elle, lhe crie as palavras felizes, a que elle dará azas de harmonia para que vòem, e revòem, por entre applausos, até irem pousar nos penetraes mais intimos dos corações! pois que faz? sahe correndo almejando *librettos*, pedindo e implorando *librettos*, e não parando, nem descançando, sem ter desencantado, beijado, e levado em triumpho o seu quadrado da hypothenusa, o seu suspirado e incomparavel *libretto!* e os francezes tèem uma opera franceza, e os suecos tèem uma opera sueca, e os allemães tèem uma opera allemã, e os russos tèem uma opera russa, e os dinamarquezes tèem uma opera dinamarqueza, e até os inglezes tem, e preferem a todas, para a psalmear por entre os dentes, uma opera ingleza!

Se em alguma coisa é licito, e póde até ser louvavel o fanatismo, é quando um fanatismo contrario nol-o provoca; assim, por nós, confessaremos sem pèjo, que os portentos (que indubitavelmente o são) de Rossini e Mercadante, e até de Bellini e Donizetti, não nos fazem vibrar tantas cordas intimas do coração como a mais singella melodia bem portugueza, (que é dizer tudo) quando uma voz límpida nol-a manda de longe, de um serão de aldêa, ou de dentro do barco, em que o borda d'agua vai reclinado com os olhos fitos na lua, cantando para si e para a noite, de que parece namorado. ¿ Mas quantos nos entenderão bem a fundo isto? E dos que o entenderem, quantos confessarão que temos razão!

X.

Correspondencia curiosa.

LISBOA.

135 Domingo 31 do passado Outubro pelas 3 horas e 35 minutos da tarde, foi por um galego, entregue a carta, que abaixo transcrevemos á pessoa, a quem era impropriamente dirigida, a qual para logo a enviou ao escriptorio desta redacção, a que de facto e de direito pertencia, e devèra ter sido remettida.

Posto que a redacção ignore o nome do author, que por motivos, certamente ponderosos, entendeu dever não assignar, o que escrevia; nem por isso quiz deixar de condescender com o seu rogo; oxalá que o author use para com ella de igual cortezia, assignando-se, e authorisando-a para lhe publicar o nome. A este desejo da redacção, espera ella, que o senhor correspondente não deixe de annuir, até para satisfazer a ancia de muitos medicos portuguezes, que, tendo visto esta carta, hão mostrado o mais insofrido empenho, de que o author d'ella seja conhecido.

O campeão de toda a medicina portugueza, certamente não porá dúvida em fazer aos seus collegas um tão pequeno sacrificio.

Ill.mo Sr. Dr. Antonio Feliciano de Castilho.

Em resposta á parte final do apontoado sem *pontuação*, que boa seja; que o Snr. F. M. P. S. N. imprimio no seu jornal numero 5, com o titulo = Versão Portugueza dos Elementos de Pathologia geral de A. F. Chomel = bato as palmas, e lá vai; advertindo que da imparcialidade de V. S.ª espero a publicação desta resposta no proximo numero do seu Jornal.

Tenho a honra de ser dentre os seus admiradores, e intimos amigos

Um Medico Portuguez

Resposta ao artigo supra-mencionado.

Quem hes tu!... Oh! F. M. P. S. N.!
Com fumos d'Escripter!... Com tão máo modo?!!!
Quem hes tu? Que, da fonte d'Hippocrene,
Cuidas que bebes agua, e bebes lodo!

Volta

Quando te ouvi roncar... pensado havia
Que fosses Professor de grã valia;
Porem lendo-te, achei.... Pobre donato!
Que a montanha não hes.... mas que hes o rato....

E al não disse este grande filho d'A-

pollo. Para respondermos a esta resposta, não haveria mais do que repetir o proprio nosso artigo 116, a que ella se refere; ou imprimir segunda vez o que um abalisado medico e litterato portuguez, o senhor Doutor Antonio José de Lima Leitão, poz em o prologo de seu MANUAL COMPLETO DE MEDICINA LEGAL, e que já nós trasladámos no nosso artigo 24; foram estas as suas notaveis palavras — *despropositados gallicismos frequentes em nossas conversações médicas etc.* Mas nós preferimos deixar isto, e o mais, e muito mais, que sobre a materia nos fica por dizer, para quando podérmos saber com quem fallamos; por agora só lhe diremos a elle, quem quer que seja, e a outro, que talvez não é outro, senão o mesmo, o qual no dia 29 do passado se apresentou n'este Escriptorio, declamando em presença de um escripturario, que unico ahi se achava, contra a injuria, que aos medicos portuguezes, e por consequencia a elle, com o nosso artigo haviamos feito, e protestando, que pela Imprensa nos ía refutar; a ambos, se porventura são dois, ou a um, se porventura os dois são um, (como é verisimil) só diremos, que a nenhum dos medicos sabedores e amantes da lingua portugueza deixou aquelle pobre artigo de parecer muito bem; que d'entre elles alguns, dos que têem por uso assignar depois de escrever, e antes de escrever pensar, ainda acharam encolhidas as nossas expressões, porque em vez de dizermos, — que nem sempre aos nossos medicos acontecia escrever portuguez, que tal nome merecesse, — podiamos e deviamos ter dito — que o escrever portuguez tal a quasi nenhum d'elles acontecia. — Lá se avenhão uns com os outros os Snrs. da Faculdade, e quando decidirem esta importante questão de medicina litteraria, se o nosso um, ou os nossos dois ficarem de cima, queirão mandar-nol-o dizer, a fim de annunciarmos aos estudiosos de lingua portugueza, ter se augmentado o catalogo dos nossos classicos com tão espantoso numero de authores, quanto é o dos medicos e cirurgiões de Portugal.

A Redacção.

Congresso Scientifico.

ITALIA.

136 Ás 11 horas da manhãa do dia 15 de Setembro de 1841, para cima de 700 sabios de muitas partes do mundo erão reunidos no magestoso templo de Santa Cruz de Florença. O mesmo espirito os animava — espirito nobre, generoso, fecundo — o amor da sciencia. Eil-os ahi todos aos pés do Throno do Altissimo, supplicando-lhe que os inspire; hymnos sagrados e harmoniosos canticos acompanhão suas preces até o alto dos céos. Ouve-as o Senhor, e folga de ver estreitamente unidos a religião e a sciencia, para maior realce de ambas ellas.

Dirigem-se ao Palacio Velho, onde os espera o Grão Duque de Toscana, monarcha illustrado, e amante do progresso intellectual, que tambem com sua presença, e com a de sua esposa, vem contribuir para o esplendor d'esta festa de familia. E em quanto é voz constante que o Principe da Igreja impedira de concorrer os sabios de seus estados a este concilio, que dá honra ao Creador, e até se affirma que lançára um terrivel anathema sobre os que levados do fervor da sciencia, ousaram de resistir a tão formal e injusta prohibição, Leopoldo II pelo contrario, conhece melhor o seculo, e é o primeiro a vir embellezar função já de si tão apparatosa.

De toda a parte rebentão ferventes, e estrepitosos vivas.

Recita o Presidente um discurso, recommendando áquelles deputados da intelligencia o desempenho de sua missão, e annunciando a inauguração do monumento que a soberana munificencia vai alçar á memoria do Astronomo Pisano. Para esse fim se edificára um genero de templo, intitulado *Tribuna de Gallileo*, em que a arte rivaliza com a natureza, e a excede. Florença, já de si tão bella, Florença, jardim de Toscana, como Toscana o é de Italia, Florença que em si congraça as saudades com as ufanias, monumentos classicos, reliquias da idade media, e a vida e o lustre da industria moderna; Florença, que por seu assento, e por seus ares e céo, e pelas bellas margens de seu rio, e pelas maravilhas que encerra de Bellas-Artes, e pela turba de estrangeiros de que é perenemente frequentada, disputava já primazias com todas as cidades do mundo; por largo tempo se vai esquecer de quanto possuia para só blazonar este seu novo monumento.

Feito o alardo nominal dos sabios italianos e estrangeiros ahi presentes, leu-se, entre outras ponderosas correspondencias, uma carta do Professor Carlos Morren noticiando que El-Rei da Belgica o enviára ás sessões scientificas com recommendação de mandar conta d'ellas ao seu Governo, e de abrir activas relações entre os sabios italianos e belgas.

Foi igualmente lida a congratulação do Congresso Scientifico de Lyão com o de Italia.

No dia 16 principiaram os trabalhos.

(*Continuar-se-ha.*) A. M. de C.

Bibliographia Portugueza.

Galeria Artistica.

LISBOA.

134 CONSTA-NOS, e com satisfação o annunciamos, que sob este titulo se vai publicar aos cadernos uma obra, que ás patrias letras, não menos do que ás boas artes, promette grande credito. E' uma collecção de gravuras em madeira, executadas com o maior esmero por ARTISTAS PORTUGUEZES, que, de ha muito, se applicão em tal genero, e sob a direcção do nosso insigne Pintor o Sr. Antonio Manuel da Fonceca, Discipulo, que foi, do primeiro pintor de Roma, Socio da Academia da mesma cidade, Lente de Pintura Historica da de Bellas Artes de Lisboa, e digno traductor do Quadro da Transfiguração de Raphael.

Todas as gravuras serão copias dos preciosos Quadros de auctores, que em a nossa Academia de Bellas Artes se conservão, do Grão Vasco, dos dois Vieiras, de Avelar, e outros portuguezes; bem como de alguns mestres estrangeiros, Raphael d'Urbino, Miguel Angelo, Julio Romano, Van Dick, etc.

A's estampas, desenhadas pelo sobredito Professor, e que serão tiradas, todas, em papel imperial, e com o maior cuidado, accrescerão juizos artisticos sobre ellas, e capitulos narrativos ácerca dos sujeitos, que representão, escriptos pelos Srs. Alexandre Herculano, Antonio Feliciano de Castilho, João Baptista d'Almeida Garret, José Mendes da Silva Leal, etc.

Publicaremos o programma d'esta obra, por tantos motivos, recommendavel, logo que o houvermos recebido dos seus primarios e benemeritos emprehendedores, os Srs. Manuel Maria Bordallo Pinheiro, e José Maria Baptista Coelho, mancebos estudiosos, artistas por vocação, e a quem a moderna gravura em madeira deve, entre nós, o seu nascimento, e os seus rapidos, e reconhecidos progressos.

F. M. S. B.

Lista de alguns Artistas Portuguezes, e de varios estrangeiros que trabalharam em Portugal, colligida de escriptos e documentos.

134 TRATA dos Architectos; Esculptores e Entalhadores em pedra, em madeira, em metaes, em cera, em barro etc.; Gravadores; Constructores de Navios; Pintores, Desenhadores, Miniatores, Bordadores etc.; Gravadores de cunhos e medalhas da Casa da Moeda de Lisboa; Arte de escrever e desenhar á penna. Esta obra com que seu illustre author, o Ex.^{mo} Snr. Patriarcha Eleito D. Francisco de S. Luiz, mimoseou o redactor do RECREIO, e principiou a sahir em 1839 com o N.° 3 do mesmo Jornal, achase á venda na loja da viuva Henriques, rua Augusta N.° 1, e nas de Mendes, Bordallo, Arsejas, e Carvalho defronte da rua de S. Francisco. Preço 300 rs.

Escaças noticias temos dos artistas que ennobreceram a nação portugueza com as suas obras: se quizermos beber alguma sciencia da historia das artes nacionaes é preciso recórrer a esse manancial fecundo de chronicas dos diversos institutos monasticos, mórmente pelo que diz respeito a architectura: Fr. Luiz de Sousa nos depára a formosa descripção da Batalha; na chronica dos conegos regrantes de Fr. Nicolau de St.^{a} Maria encontraremos a (por ventura mais completa pelo lado artistico) de Santa Cruz de Coimbra, e assim em outras.

Cyrillo Volkmar Machado foi o primeiro que em Portugal escreveu as vidas dos nossos mais insignes Pintores, Architectos, Esculptores, e Gravadores, tanto antigos como modernos, designando as obras mais notaveis que elles legaram á posteridade; todavia este assumpto deveria merecer-lhe maior desenvolvimento, muito principalmente no que toca a biographia dos artistas seus contemporaneos, aonde reduziu a mui poucas linhas o que pedia mais larga escriptura. Tambem ao douto Joaquim Machado de Castro, e ao benemerito José da Cunha Taborda, devem muito as boas artes, pelos excellentes escriptos que publicaram.

O Catalogo de que hoje damos noticia aos nossos leitores, publicado pelo nosso amigo o Snr. Emilio Achiles Monteverde, é obra d'um abalisado e destincto litterato, curioso e exactissimo investigador de nossas cousas, e que muito se interessa na divulgação de quanto possa contribuir para a gloria nacional: fallar da bondade della fóra em nós desmarcado atrevimento; para ser julgada, basta-lhe o nome de seu auctor. Só diremos que muito aproveitarão d'este escripto os que desejarem ter conhecimento dos nossos artistas, e instruir-se na historia das Bellas Artes em Portugal. Ahi deixou o auctor advertido, que não escrevia um catalogo em que entrassem *todos* os artistas portuguezes, nem fazia a *historia d'elles*, e que só pertendia dar noticia dos artistas nacionaes menos co-

nhecidos, de que achou memoria, e de alguns estrangeiros que trabalharam em Portugal, omittindo o grande numero delles que vem mencionados nas obras de Taborda, Cyrillo e Machado, e nas de alguns estrangeiros que consultára.

Julgâmos fazer algum serviço aos que se dedicam ás artes da Pintura, Architectura, Esculptura, e Gravura, e aos curiosos d'ellas, dando noticia, por esta occasião, das obras que entre nós se tem publicado sobre este importante assumpto, pelo que encerraremos este artigo com a lista das que chegaram ao nosso conhecimento, e são as seguintes:

Cyrillo Volkmar Machado. — As honras da Pintura, Esculptura, e Architectura, discurso de João Pedro Bellori, recitado na Academia Romana de S. Lucas, traduzido em portuguez, e illustrado com annotações. *Lisboa na Impressão Regia.* 1815. 8. sem o nome do auctor.

—Conversações sobre a Pintura, Esculptura, e Architectura, escriptas e dedicadas aos Professores e Amadores das Bellas Artes. São seis, e foram impressas *Lisboa na Officina de Simão Thaddeo Ferreira* de 1794 a 1798. 8. sem o nome do auctor.

—Nova Academia de Pintura, dedicada ás Senhoras Portuguezas que amam ou se applicam ao estudo das Bellas Artes. *Lisboa na Impressão Regia.* 1817. 8. sem o nome do auctor.

— Collecção de Memorias relativas ás vidas dos Pintores, Esculptores, Architectos, e Gravadores Portuguezes, e dos Estrangeiros que estiveram em Portugal. *Lisboa na Imp. de Victorino Rodrigues da Silva.* 1823. 4. Sahiu por industria e diligencia do benemerito e douto Ecclesiastico Luiz Duarte Villela da Silva, grande amador das Bellas Artes.

Diogo de Carvalho e Sampaio. — Tratado das cores que consta de tres Partes: analytica, synthectica, e hermeneutica; offerecido aos amadores das Sciencias Naturaes, e aos dilectantes e artistas que começam a occupar-se em todo o genero de trabalho colorido. *Malta na Officina Typografica de S. A. E.: Impressor Fr. João Mallia.* 1787. 4. grande, com estampas.

— Dissertação sobre as cores primitivas, com um breve Tratado da composição artificial das cores. *Lisboa na Regia Officina Typografica.* 1788. 8. grande, com duas estampas.

Fr. Filippe das Chagas. — Arte Poetica, e da Pintura e Symetria, com principios da Perspectiva. *Lisboa por Pedro Craesbeeck.* 1615. 4. Sahiu em nome de Filippe Nunes, como o auctor se chamava antes de professar o instituto da Ordem dos Pregadores. *Foi reimpressa em* 1767. 8.

Francisco de Assis Rodrigues. — Memoria d'Esculptura, apresentada e preferida no concurso para o provimento do logar de Professor Substituto da Aula e Laboratorio de Esculptura. *Lisboa na Impressão Regia.* 1829. 4.

— Methodo das proporções e anatomia do Corpo humano, dedicado á mocidade estudiosa que se applica ás Artes do Desenho. *Lisboa na Typ. de A. S. Coelho e Comp.* 1836. fol. com uma estampa.

D. Francisco de S. Luiz. — Memoria Historica sobre as obras do Real Mosteiro de Santa Maria da Victoria, chamado vulgarmente da Batalha. *Sahiu no Tom. X. Part.* 1. *da* Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa.

Francisco Vieira, *denominado o Vieira Lusitano.* — O insigne Pintor, e leal esposo. *Lisboa na Officina de Francisco Luiz Ameno.* 1780. 8. em Cantos Lyricos.

Francisco Vieira, *denominado o Vieira Portuense.* — Discurso recitado na abertura da Aula de Desenho da Cidade do Porto. *Lisboa na Impressão Regia.* 1803. 4.

Ignacio da Piedade e Vasconcellos. — Artefactos Symetriacos e Geometricos, advertidos e descobertos pela industriosa perfeição das Artes Esculptoraria, Architectonica, e da Pintura. *Lisboa Occidental por José Antonio da Silva.* 1733. fol. com estampas.

Jeronymo de Barros Ferreira. — A Arte da Pintura de C. A. do Fresnoy, traduzida do francez em portuguez, e exposta aos candidatos e amadores desta bella arte. *Lisboa na Typografia Chalcografica, Typoplastica, e Litteraria do Arco do Cego.* 1801. 8.

João Baptista d'Almeida Garret. — Ensaio sobre a Historia da Pintura. *Sahiu com o* Retrato de Venus. *Coimbra na Imprensa da Universidade.* 1821. 8.

Fr. João de S. José do Prado. — Monumento sacro da fabrica e solemnissima sagração da Santa Basilica do Real Convento de Mafra. *Lisboa por Miguel Rodrigues.* 1751. fol. com estampas.

João Stooter. — Arte de brilhantes vernises, e das tinturas, e dos ingredientes de que os ditos se devem compor; propria para os Mestres Torneiros, Pintores, Esculptores, e mais Artistas. *Lisboa na Impressão de João Nunes Esteves.* 1825. 12. E' reimpressão.

Joaquim Frio de Serpa. — Segredos das artes liberaes e mechanicas, recopilados de varios auctores selectos, que tratam da Fysica, Pintura Architectura, Optica, Chymica, douradura, e acharoado. *Lisboa por José da Silva da Natividade.* 1744. 8. E' vertido do Castelhano de D. Bernardo Monton. Da traducção deste livro ha duas edições modernas: a primeira *Lisboa na Officina* Rollandiana. 1818. 2 vol. 8. a segunda, *na mesma Officina.* 1840. 2. vol. 8.

Joaquim Leonardo da Rocha. — Medidas geraes do corpo humano, para uso da Real Academia de Desenho e Pintura da Ilha da Madeira. *Esta obra foi publicada em* 1810, *como o declara Cyrillo Volkmar Machado em suas* Memorias, *pag.* 119.

Joaquim Machado de Castro. — Carta que um affeiçoado ás Artes do Desenho escreveu a um alumno da Esculptura, para o animar á perseverança do seu estudo, mostrando-lhe as honras e utilidades que ainda modernamente se tem feito, e fazem aos Professores destas Artes. *Lisboa na Regia Officina Typografica.* 1780. 8. *et ibi na Officina da Academia Real das Sciencias.* 1817. 8.

— Descripção analytica da execução da Estatua Equestre, erigida em Lisboa á gloria do Senhor Rei Fidelissimo D. José I. com algumas reflexões e notas instructivas para os mancebos Portuguezes applicados á Esculptura. *Lisboa na Impressão Regia.* 1810. 4. com estampas.

— Analyse Grafico-Orthodoxa, o Demonstrativa de que sem escrupulo do menor erro Theologico, a Esculptura e a Pintura podem, ao representar o Sagrado Misterio da Encarnação, figurar varios Anjos. *Lisboa na Impressão Regia.* 1805. 4. com duas estampas.

— Discurso sobre as utilidades do Desenho, recitado na Casa Pia do Castello de S. Jorge de Lisboa, na presença da maior parte da Corte e Nobreza, em 24 de Dezembro de 1787. *Lisboa na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo.* 1788. 4.

José Carlos Binheiro (?) de Magalhães e Andrade. — Regras das cinco Ordens de Architectura, segundo os principios de Vignola, com um Ensaio sobre as mesmas Ordens, traduzidas do francez; e com um augmento de varias reflexões interessantes. *Coimbra na Imprensa da Universidade.* 1787. 4. com estampas. Este livro sahiu pela segunda vez á luz *Lisboa na Impressão Regia.* 1830 4.

JOSE' DA COSTA SEQUEIRA.—Relatorio que o Professor Substituto de Architectura, servindo de Secretario da Academia das Bellas Artes de Lisboa, leu perante a Augusta Pessoa de Sua Magestade a Rainha, e d'Elrei seu Augusto Esposo, no dia 30 de Novembro de 1840, em que teve logar a Sessão solemne da mesma Academia. *Sahiu com o* Discurso pronunciado pelo Exm.° Conde de Mello, *e com a* Descripção das obras apresentadas na primeira exposição triennal. 4.

— Noções theoricas de Architectura Civil, seguidas de um breve tractado das cinco Ordens de J. B. Vinhola, traduzidas e compiladas pelo Professor Substituto da Aula de Desenho de Architectura Civil da Academia das Bellas Artes de Lisboa, e offerecidas aos discipulos da mesma Aula. *Lisboa na Typografia de A. S. Coelho.* 1839. 4.

— Compendio de Geometria Pratica applicada ás operações do Desenho, para servir de estudo preliminar a quem se dedica ás Bellas Artes, ou ás Artes Mechanicas, traduzido pelo dito Professor. *Lisboa na Typ. das Bellas Artes.* 1839. 4. com tres estampas.

JOSE' DA CUNHA TABORDA.—Regras da Arte da Pintura, com breves reflexões criticas sobre os caracteres distinctivos de suas Escholas; vidas e quadros de seus mais celebres Professores, escriptas na lingua Italiana por Miguel Angelo Prunetti, com uma Memoria dos mais famosos Pintores Portuguezes, e dos seus melhores quadros. *Lisboa na Impressão Regia.* 1815. 4.

JOSE' DA FONSECA.—A Pintura, Poema. *Foi impresso em Paris.*

JOSE' GOMES DA CRUZ.—Carta apologetica e analytica pela ingenuidade da Pintura em quanto sciencia. *Lisboa na Officina Silviana.* 1752. 4.

JOSE' JOAQUIM VIEGAS MENEZES.—Tratado da Gravura a agua forte, e a buril, *e* em maneira negra, com o modo de construir as prensas modernas, e de imprimir em talho doce, traduzido do francez de Abraham Bosse. *Lisboa na Officina do Arco do Cego.* 1801. 4. com estampas.

JOSE' LOPES BAPTISTA DE ALMADA.—Prendas da adolescencia. Obra utilissima não só para os ingenuos adolescentes, mas para todas e quaesquer pessoas curiosas, principalmente para os inclinados ás artes, ou prendas de escrever, contar, debuxar, illuminar, pintar, colorir, entalhar, miniaturar etc. *Lisboa por Francisco da Silva* 1749. fol. com estampas.

FR. JOSE' MARIANNO DA CONCEIÇÃO VELLOSO.—A sciencia das sombras relativas ao Desenho, obra necessaria a todos que querem desenhar architectura civil e militar, ou que se destinam á Pintura. *Lisboa na Officina de João Procopio Correa da Silva.* 1799. 4. com estampas. E' traducção do francez de Mr. Dupain.

JOSE' MENDES DE SALDANHA.—Breve Tratado de Miniatura, offerecido á Mocidade Portugueza, por Manuel Ferreira de Seabra. *Sahiu no* Jornal de Coimbra. *vol.* 6. *part.* 2. *num.* 28. 29. *e* 30. *e no vol.* 7. *part.* 2. *num.* 31 e 32. *Lisboa na Impressão Regia.* 1814. e 1815. 4.

FR. LUIZ DE SANTA THERESA.—Tratado de Geometria Pratica e Portugueza, em que se trata da definição das linhas, e do modo e forma de traçar as figuras rectilineas e curvilineas, e de medir quaesquer figuras tanto de Corpos solidos, como de superficies. *Coimbra na Officina de Antonio Simões Ferreira.* 1761. 8

MATHIAS AYRES RAMOS DA SILVA D'EÇA.—Problema de Architectura Civil. *Lisboa na Officina de Miguel Rodrigues.* 1770. 4. *et ibi na Officina de Antonio Rodrigues Galhardo* a mesma edição 1777 e 1778. 4.

MAURICIO JOSE' SENDIM.—Tratado elementar de Desenho e Pintura. *Lisboa na Imprensa de C. A. da Silva Carvalho.* 1840. 4. com estampas. *Continua.*

ANONYMOS.

— O grande livro dos Pintores, ou Arte da Pintura considerada em todas as suas partes, e demonstrada por principios, com reflexões sobre as obras de alguns bons Mestres, e sobre as faltas que nellas se encontram, por Gerardo Lairesse, traduzido do francez. *Lisboa na Officina do Arco do Cego.* 1801. 4.

— O meio de se fazer Pintor em tres horas, e de executar com o pincel as obras dos maiores mestres sem se ter aprendido o desenho, traduzido do francez. *Lisboa na Officina do Arco do Cego.* 1801. 8.

— Principios da Arte da Gravura, trasladados do grande livro dos Pintores de Gerardo Lairesse, para servirem de appendice aos principios do Desenho do mesmo auctor. *Lisboa na Officina do Arco do Cego.* 1801. 4. com uma estampa.

— Principios do Desenho, tirados do grande livro dos Pintores, ou da Arte da Pintura de Gerardo Lairesse, traduzidos do francez. *Lisboa na Officina Typografica do Arco do Cego.* 1801. 4. com estampas.

— As proporções do corpo humano, medidas sobre as mais bellas Estatuas da Antiguidade. *Lisboa na Impressão Regia.* 1830. fol. com estampas.

— Verdadeiros principios do desenho conforme o character das paixões por Mr. le Clerc, para uso da mocidade Portugueza, offerecidos a Sua Alteza Real o Principe Regente pelos Gravadores da Imprensa Regia. *E' uma collecção de 92 estampas de pequeno formato, abertas a buril.*

J. C. de F.

P. S.

Agricultura em Portugal.

PARA o proximo numero nos fica o dar noticia das mui bem assentadas esperanças, que já trazemos, de ver melhorada a nossa Agricultura pela formação de uma SOCIEDADE, que sob os melhores auspicios, e com o louvavel intuito de instruir, ajudar, e esforçar os lavradores, se vai formar n'esta Cidade, e propagar por todo o Reino. Boas fadas a fadem, e boas bençãos a cubrão, que assim é ella promettedora de felicidades! Da gloria, que d'ahi resulte, e mais d'essa, do que de nenhuma outra, queremos nós, e haveremos, um quinhão, pois que, ainda que nos poderosos e sabios, que hão de prefazer a obra, prestes achámos a vontade e a resolução, nossa ficou sendo a honra de lh'o sugerir, e dar os primeiros passos na diligencia.

A Redacção.

TYPOGRAFIA DE J. A. S. RODRIGUES

Rua da Condeça n.° 19.

Scientifica, Litteraria, Agricola, Commercial,

Chronica Judicial, Artistica, e Economica de todo o mundo.

REVISTA UNIVERSAL.

N.° 7.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS.

POR 12 NUMEROS	480
POR 24 "	960
POR 52 "	1920

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, RUA DOS FANQUEIROS N.° 107, 1.° ANDAR.

Quinta feira 11 de Novembro de 1841.

A redacção da REVISTA UNIVERSAL acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Meio de tirar o ranço á manteiga.

135 De bolota e agua nos diz a Poesia, que vivião, e se engordavão aquellas boas gentes da idade de oiro: nós porém nesta, que nem já quasi é de cobre, havemos por de primeira necessidade o banquetearmo-nos com mil generos de mantimentos, e para salsas, que nol-os adubem, pôr tributo mui pontualmente exigido a todos os tres reinos da natureza, e a todas as quatro ou cinco partes do mundo: e mais apertaria as mãos na cabeça um selvagem, em vendo a complicação de nossas dispensas e cozinhas, do que nós pasmamos da simplicidade de suas refeições. Grandes arruidos philosophicos e medicos houve, e tem de haver sempre ácerca d'estes encontrados extremos, mas como os que vão comendo e bebendo se não embaração com as sentenças de taes doutores, os quaes tambem muitas vezes á meza do jantar pouco se recordão, do que legislaram á meza do escrever, emvez de prégar que se use ou se não use da manteiga, digamos (que seremos melhor ouvidos) o como de qualquer manteiga rançosa e arruinada se ha de fazer manteiga boa.

Tomai quantidade d'agua sufficiente para bem a lavardes; proporcionai a cada arratel de manteiga, dez gotas de chlorureto de cal; lavai-a muito bem mexendo-a por todos os lados; conservai-a por duas horas em descanço; e depois tornai a laval-a em agua simples; e a tereis muito boa, e livre de todo o mau gosto: se a achardes insipida, temperai-a de sal a vosso sabor. Não ha necessidade de augmentar a quantidade do chlorureto; posto que nada possa offender a saude.

Cultura e Fabrico do Chá.

136 Consta-nos, que hontem foi apresentada e lida em sessão da nossa Academia pelo consocio e amigo nosso, o Snr. Varnhagen, uma interessante obra a respeito da cultura, e fabrico do chá, deduzida, tanto do que a observação lhe sugeriu no Brazil, aonde já se faz muito chá; como do que para aperfeiçoamento lhe aconselhou a propria razão e discurso. O Snr. Varnhagen, que trouxe a

este reino plantas e sementes do chá, insiste, com provas, em que a cultura desta planta, que é propria dos climas temperados, virá a ser das de maior habitação no globo, e a se dar em todos os logares, onde a laranjeira e rozeiras do Japão cresção ao ar livre.

Assumpto é este, cuja utilidade em relação á fazenda por si mesma se encarece; como tal, de direito pertence a esta folha, e brevemente lhe pertencerá de feito, segundo fiamos na cortez e officiosa amizade do auctor, obter um resumo do seu grande livrinho.

Melhoramento da Faxa Hydraulica.

137 Não estrangeiro, senão portuguez, e bem portuguez é, quem n'este artigo diligenceia ver a FAXA HYDRAULICA avantajada, e melhorada em prestimo; e para isso offerece aqui, como proposições, as suas idéas. A esperança de um dia chegarmos a ter a faxa hydraulica a trabalhar per si, sem mais despeza de braços, ou de forças d'animaes, não nos parece nem difficil, nem longe de se realizar. Duas traças nos acodem, e d'ambas daremos explicação. Não é a primeira radicalmente nova; mas será nova, e ver-se-ha facil, a sua applicação. Em Alcobaça nos occorreu, alli, onde os dois rios, que dão nome á villa, e fertilidade aos campos, Côa, e Baça, ajuntando suas aguas dão origem a uma plebe de riachos, que se derramão, e cruzão por aquellas deliciosas campinas. Uns destes levando suas correntes de tal geito, que parecem offerecel-as aos usos humanos, partindo-as em seu discurso natural por muitas hortas, pomares, fabricas, e officinas, não carecem de mais arte. Outros porém, avaros, ou menos generosos, vão escondendo seus cabedaes, e fugindo com elles por gargantas e logares entalados, onde cavaram seus leitos; e deixando mui superiores as terras, a que negão mercê tão gratuita, obrigão o engenho a se valer de suas subtilezas. Em um destes riachos vimos um arremedo, posto que muito imperfeito, da faxa hydraulica; (e á fé que não fôra elle ahi posto de mão estrangeira). Uma roda guarnecida de suas pás, mettida em um eixo atravessado na superficie da corrente, e por conseguinte meio mergulhada nella, tocada das aguas, que fugião, girava perennemente; outra roda lá por cima recebia della o movimento por via de um calabre, que a ambas as abrangia fechado e atesado, e que subindo vestido de agua a inlargar na maceira ou taboleiro competentemente disposto: se emvez da corda se puzer a faxa de lã, teremos, para onde houver agua corrente, uma excellente machina com perpetuo movimento, começado, não por cima e com dispendio, mas por baixo e gratuitamente.

Para as aguas estáfas ou estanques, taes como são as dos póços, lagôas, e charcos, ou pouco arrebatadas, que se não atrevão com a roda para a voltear, daremos outro expediente. Far-se-ha um caixilho quadrilátero, de madeira da altura correspondente ao espaço, que a agua tem de vingar, e de largura capaz para conter o comprimento dos dois cilindros, em que gira a faxa: o eixo do cilindro inferior, e o do cilindro superior rodarão dentro deste caixilho, embebidas as suas extremidades nos dois lados d'elle, e o caixilho tendo a meio de cada um dos tôpos um espigão, mettidos em dois competentes buracos, um no fundo d'agua, outro na altura, onde a agua tem de ir, girará, como bastidor de piao, segundo convier expor-se ao vento um moinho, ou apparelho de vellas, que estará armado em uma prolongação do eixo do tambor superior; vindo assim a ser o vento a unica força motriz de todo o engenho. Nos casos porém em que a profundidade seja grande, e a faxa, por consequencia, mais pesada, offereça mais difficuldade para se mover todo o apparelho á procura do vento, e á conta d'essa mesma altura careça de maior rapidez no trabalho para a agua se não precipitar antes de chegar acima, o que aliás muitas vezes aconteceria, quando o vento fosse preguiçoso, pódem as vellas emvez de serem armadas na ponta do eixo do tambor, girar n'um eixo diverso posto por cima do mesmo tambor, e que por via de uma roda dentada lhe communique o movimento; a qual roda como exceda, por exemplo, seis vezes em numero de dentes aos do tambor, com que joga, lhe fará dar seis voltas por cada uma, que o moinho der. O que deixamos dicto poderá bastar para qualquer machinista se governar, ou, quando menos, abrir-lhe caminho para novos, e mais cabaes aperfeiçoamentos.

F. A. M. P.

Meio de promover a fertilidade das arvores.

138 Todos os annos vemos muitas das nossas arvores fructiferas revestir-se d'um sem numero de flores, com que se alegrão os campos, e mais se alegrão seus donos: mas logo de após vem a tristeza de as ver cahidas, alis-

trando a terra, antes do fructo vingar; não que os arranque, e destróce o açoite dos ventos, ou das chuvas, mas por mingua das arvores, ou por fraqueza, e vicio das mesmas flores. Bom, e facil remedio dão os agricultores francezes a este transtorno das leis, e fins da natureza. ¡ Oxalá que entre nós seja elle de tanto prol, como nos asseguração, ser por lá! Como as flores, ou fructos pequeninos comecem de cahir, alagai-me com bastante agua os troncos das arvores todos os dias ao pôr do sol, por fórma, que possão conservar a humidade pela noite, preseverando na diligencia até que o fructo arribe a gráu sufficiente de vigor, e saia salvo. Muitos *Sabios da escriptura* nos dão razão deste segredo, com dizer, que a humidade, que pelos póros do tronco se entranha, vai como que amamentar a arvore: outros contendem, que esta humidade gera com o ar da noite uma friagem geral em toda ella, e que por uma especie de torpor se demora a seiba em os ramos mais altos, e sustenta a flor. Como quer que seja, se é corrente entre os pomareiros, que a réga á boca da noite é das mais prestadias, claro parece, que o amplial-a das raizes ao tronco não deixará de produzir boas vantagens.

F. M. P. S. N.

Desinfectador.

139 O ar é a respiração, a respiração é a vida: no ar puro, temperado pela mão do grande Medico Universal com as suaves exhalações dos vegetaes, bebemos deliciosamente a saude; no ar infecto, umas vezes por nós mesmos, outras pelo que parece desmanchos, ou accidentes da natureza, e não é senão arcanos da Providencia, bebemos os contagios, as dores, e a morte. Curar todas as enfermidades do ar, seria previnir um grande numero das nossas, mas não é coisa possivel. Quando por causas potentissimas se corrompe, e avenena um grande tracto de céu, quando toda uma região, com tudo que nella respira, e vegéta, definha, e agonisa; quando de umas a outras os proprios ventos são providencialmente mensageiros de destruição, a sciencia consternada abaixa a cabeça, e espéra mudamente, que haja passado o flagello, vibrado por um braço mais possante que o seu: quando porém por imprudencias ou miserias dos homens uma ou outra porção da grande massa dos ares, todos puros se perverteu, o que frequentes vezes acontece no interior dos navios, nas prizões, nos hospitaes, nos quarteis, nos collegios, nas casas apinhadas dos espectaculos, em certas officinas, e fabricas, no interior das minas etc. pode-se, e sob pena de homicidio, e suicidio voluntario deve-se, tomar da mão benefica da sciencia os remedios, que Deus lhe premittiu, descobrir para precaver taes damnos, muito mais frequentes e graves do que se cuida.

Varias são as receitas que para purificar o ar nas habitações se têem inventado; nenhuma porém mais facil e efficaz do que esta modernissima. — Tomai uma porção de cré em pó em vaso accomodado, lançai-lhe um pouco de vinagre, e aguardai que termine quietamente a *fervura*, que esta mistura produz: como tenha assentado bem o cré; extrahi o liquido, e seccai a massa estendendo-a em um papel pardo sobre um panno. Guardai este pó em vaso de vidro; e quando quizerdes purificar o ar, tomai uma parte, que vos pareça sufficiente; e deitai-lhe por cima ás gotas ácido sulfurico, em quanto for levantando um vapôr branco em quantidade proporcionada ao logar a que se applica: tambem se póde destemperar o ácido com uma igual porção d'agua. Estes vapôres brancos condensados ao estado liquido produzem o vinagre aromatico do commercio; e têem a facilidade de se espalharem promptamente pela atmosphera purificando admiravelmente o ar.

F. M. P. S. N.

Meio de evitar a oxidação do ferro.

140 O invento da composição metallica, que preserva da oxidação a todas as obras de ferro e d'aço, é um dos muito uteis, de que havemos noticia; não só pelo grandissimo valor, que as obras feitas destes metaes adquirem em se isentarem de estragamentos e ruina, mas tambem pelo muito lustre com que salhem, e se conservão rivalisando sempre com a prata, e porque nada perdem da sua tempera, lavores, relevos, e gravuras, senão que tudo fica melhorado depois da applicação, que vamos indicar.

A composição metallica se forma dos ingredientes, e proporções seguintes. — Estanho puro (chamado de Malácа) 126 partes: prata em raspaduras 4: latão amarello; bismuto purificado; Zinco purificado de cada um 12 partes: régulo d'antimonio 4: sal de nitro 11: sal de persicária 1. — O estanho deve ser derretido até dezoito vezes, deixando-o exposto no fogo uns vinte minutos por cada vez, e purificando-o de todas as fézes, que appa-

reção: praticada pela ultima vez esta operação, se lança este metal derretido em uma mistura de partes iguaes de vide e persicária. O bismuto, régulo d'antimonio, e zinco se derretem á parte por duas vezes, e se lanção em umas fôrmas de fundição de barras metalicas, com todo o cuidado para que as partes heterogeneas fiquem no fundo do cadinho: o latão não requer preparo algum. O primeiro metal, que se derrete, para obter o mixto, é o estanho: logo segue a prata; e poucos minutos depois o latão, bismuto, e zinco, cada qual por sua vez: quando a flama mostra, que todos estes metaes se encorporaram; lanção-se os dois saes misturados em a proporção indicada, deixando-os queimar; e mexendo-os com uma colher de ferro, se vão extrahindo as fezes que apparecerem. Assim preparado o mixto, se passa para um vaso accommodado á applicação, que houver de ser feita: e a peça de ferro, que tiver de preparar-se, deve primeiramente ser bem esfregada em uma mistura de cem partes de sal ammoniaco, e de cinco de cremor de tartaro: depois do que se mette na composição metallica, onde se conserva apenas poucos instantes, até que appareça coberta de certas particulas, que se lhe vão unindo: tira-se desta immersão, e colloca-se em uma caixa de madeira, onde fique bem ageitada, e descançando sobre o o mixto do ammoniaco, e cremor como dissemos: aqui se renova a fricção com umas estopas, e o pó indicado: deste modo perde o ferro a sua côr, e toma a da prata: por segunda vez se mette na composição metallica como dantes, e se esfrega, pelo mesmo modo; e como fique perfeitamente limpa e clara, se mergulha em agua fria temperada com uma porção de meio por cento de espirito de vinho de quarenta gráus: tirada d'aqui se limpa com um panno, e se esfrega com uma pouca d'arêa molhada, até desapparecerem as manchas do vapor; depois com arêa secca, e um panno enxuto, e por fim, com um pedaço de camurça. Não ha peça de ferro e d'aço, por mais delicada que seja, que não possa ser preparada por esta forma, e ficar preservada da oxidação, e brilhante com uma lustrosa apparencia de prata: os instrumentos cirurgicos, e os d'outras artes, e até as navalhas de barbear, aqui recebem um grande melhoramento.

Entendemos que mui grandes podem ser as utilidades praticas, de se adoptar, e generalisar esta industria. Muitos utensís de mesa, d'alcôva, e de sala, que nossos afortunados Avós, usavão ter de boa e fina prata, poderão com este fingimento, dar ainda já nossa pobresa, um ar de abastada e festiva opulencia. Quem não pode trapacêa, dizião os nossos Velhos, ninguem logo deve mais do que nós agradecer e acceitar das mãos da sciencia estes prestigios.

F. M. P. S. N.

Para temperar ferro e aço.

141 Acontece frequentes vezes, que os instrumentos, e outras obras de ferro não fiquem perfeitas; porque este metal por qualquer descuido recebe em as forjas uma grandissima alteração, que o inutiliza para certas peças, a que o destinão os artifices; e assim estes correm risco de perderem ou sua fazenda, ou seu bom credito. Para evitar uma e outra perda, que ambas são grandes; servem a receita, e methodo, que seguem. = Prepara-se uma mistura de cinco libras d'azeite de peixe, e dez de rezina reduzida a pó; ferve-se por meia hora a fogo brando, mechendo sempre até que se conheça estar tudo bem encorporado; derrete-se em vaso separado uma porção de banha de porco até tres libras, e como for bem liquida, sem que chegue a ferver, se lança sobre a mistura do azeite e rezina, que ainda deve estar quente, continuando a mecher tudo por outra meia hora. Esta composição deve ser guardada em caixa de lata; e serve não só para remediar o ferro, quando pelo excesso do calor do fogo se destempera; mas ainda para lhe dar e graduar a tempera. Em o primeiro caso; torna outra vez á forja até tomar o grau de roxo escuro, e tirado immediatamente do fogo, se mette todo em a composição indicada por menos d'um minuto; e assim se reduz á sua tempera propria, e se póde applicar ao seu mister. Quando porém se tractar de lhe dar uma mais forte, como se requer em os instrumentos cortantes, e principalmente em os que servem aos canteiros, e carpinteiros, então, em estando a peça já branqueada, ou limada, se lhe dá ao fogo o mesmo grau de roxo escuro, introduz-se sómente por meio minuto em a composição, e volta á forja, onde se demora unicamente até ao grau de roxo cereja; e se banha logo em agua fria até arrefecer de todo, havendo o cuidado de o não agitar: depois de bem limpo, e perfeitamente enxuto, se lhe applica um pouco de oleo de linhaça, ou de noz; e humedecido levemente se mette outra vez no fogo, para tomar a cor azulada. Esta composição tão simples applicada por este methodo, tem dado constantemente os melhores resultados. Nós a recommenda-

mos aos artifices serralheiros; e em particular áquelles, que pela perfeição das suas obras já rivalisão com os mais nomeados dos paizes estrangeiros. F. M. P. S. N.

Segredo para abrir no vidro qualquer lavor.

142 Cubra-se a superficie do vidro com uma capa de cera: abra-se nella com agulha o lavor, de modo que por todo elle fique o vidro descoberto: guarnecido o vidro com um borde tambem de cera, e ficando assim uma especie de taboleiro, apolvilhe-se muito bem o lavor com proto-hydro-fluato de calcio (spath fluor) reduzido a pó bem subtil: lance-se depois neste taboleiro com muito cuidado, para que nenhuma parte do pó saia, d'onde está, ácido nitrico, temperado com tres partes de agua: deixe-se por tres horas em descanço; e depois deste tempo, pouco mais ou menos, limpe-se o vidro com essencia de therebintina, e logo com uma pequena porção d'agua, onde se tenha dissolvido um pouco de subcarbonato de soda. Por esta forma fica o lavor muito bem assentado, e não se apagará com o uso. Parece-nos que por esta receita se poderião obter para as janellas, guarda-loiças, etc. vidraças mui curiosas de bem vistoso effeito, e mui faceis de fazer por qualquer pessoa desoccupada, embora ignorante de dezenho, porque não haveria coisa mais facil do que obter o debuxo, pical-o, estrezil-o sobre o vidro encerado, e seguir na operação; qualquer menina o poderia fazer, e com tanta mais affoitesa, quanto os erros pela ponta da agulha commettidos, encerando novamente, se poderião sem nenhum custo emendar.

F. M .P. S. N.

Guapa e inaudita illuminação.

ALLEMANHA.

143 Por muito nova, e curiosa publicamos a noticia de haver Meineke, abalizado professor de Hall, conseguido depois de aturados trabalhos, e grande preseverancia um admiravel methodo de effeituar uma illuminação electrica presistente. Já agora se allumia elle de suas portas a dentro por via d'uma pequena machina electrica, não mais comprida de dois pés. Com igual facilidade, se propõe allumiar qualquer cidade por este meio. Todo o apparelho se reduz a preparar os tubos luminosos cheios de gaz hydrogeneo rarefeito, onde se conservão as scintillas electricas, e a collocar em distancias marcadas as palhetas metallicas no longo das ruas; fazendo passar por aquelles tubos a corrente electrica pela acção da machina propria. A luz, que se obriga a dar, será como a do luar em noite mui serena: affirmando, que as vantagens são muito consideraveis, porque a luz é innocentissima, e o meio de obtel-a muito menos dispendioso.

F. M. P. S. N.

Calculadores mechanicos.

LONDRES.

144 Qualquer dia d'estes esperamos ver surdir um engenho para pensar, e fallar em logar de seu dono, o que em muitas circumstancias não deixará de ser commodo.

Toda Londres anda alvoroçada com as novas machinas de Douthor Roth. Duas são ou antes dois são estes mathematicos de bronze; uma para sommar e diminuir; outra para multiplicar e repartir.

Por mais complicados que sejão os calculos, que se lhes apresentem de algumas das quatro operações, resolvem-nos com uma presteza e aceio verdadeiramente *mangiamélicos*. Tem a 1.ª quatro pollegadas de comprido, duas de largo, e uma de alto, e é oblonga. A 2.ª é circular, tem um pé de diametro, e tres pollegadas de alto.

A descripção d'estes mechanismos ainda os jornaes se nol-a não atreveram a dar. O para sommar e diminuir tem uma carreira de dez mostradores, que o curioso faz voltear com um ponteiro; em roda estão ordenados os numeros, e por cima fica uma arcariasinha; põe-se em movimento os mostradores, segundo a operação que se pertende fazer, e os resultados apparecem de repente por entre os arcos.

O mesmo, com um pouco mais de complicação, se faz, e se observa na segunda machina.

O Doutor obteve privilegio pelo seu invento, o qual, segundo diz o *Morning Chronicle*, é espantoso por sua exacção quasi magica. R. L.

Gravura em madeira para as capas das brochuras.

145 O alto e inaccessivel prêço, a que subiu, com os direitos das nossas alfandegas, o papel pintado, tem de fazer com que se tornem moda as capas de papel branco estam-

pado no prélo com tinta de côr. Já na Inglaterra e na França começa este uso a prevalecer, e a brilhar com grande luxo, por empregarem no mesmo papel, (provavelmente impresso por diversas vezes) diversidade de côres e matizes, de mui bello effeito: recommendar similhante luxo como exemplo para seguir nos nossos editores seria desconhecer, ou contrastar os seus verdadeiros interesses; o que porém, sem nenhuma falta, deve por todos ser imitado é a estamparia de uma só côr em fundo branco, de que já temos primeira amostra, bem succedida, no primeiro volume recémpublicado da traducção portugueza das Metamorphoses de Ovidio. A gravura por este methodo,—que é diametralmente o contrario do que em geral se usa nas gravuras de madeira,—esta nova gravura, repetimos, em que o artista, emvez de cavar o fundo não cava senão o desenho, não só se executa com muito maior facilidade; senão que, por encobrir muito maior parte do branco na totalidade da capa, vem a fazer para os olhos muito melhor effeito.

R. L.

Retratos de Personagens portuguezas.

146 Sabemos, que para satisfazer a um vivo empenho de Sua Magestade a Rainha de Dinamarca, para lá partiram no ultimo vapor, que saiu deste porto de Lisboa, os retratos de SS. MM. Fidellissimas a Senhora D. Maria 2.ª e o Senhor D. Fernando; e dos Ex.mos Srs. Duques de Palmella, e da Terceira, Marechal Saldanha, e Visconde de Sá da Bandeira.

Esta pequena galeria é aliás grandiosa pelas glorias, que resume; e o desejo de a possuir prova naquella Princeza, não uma simples curiosidade feminil, mas uma alteza de espirito não vulgar.

X.

O Rei Artista.

PORTUGAL.

147 Já lá vão os dias de estupida memoria, em que a ignorancia era para a nobreza um fôro essencial, e o prezadissimo de seus fôros; e as letras, as sciencias, as artes, profissão despresivel de villões e populares. Os grandes entenderam emfim, que a instrucção, menoscabada como servil pelo trabalho, que requeria, era um passatempo, e em si continha, melhor que nenhuma outra coisa terrestre, a felicidade; e os povos, alluniados pelo estudo e experiencia, conheceram, que a illustração, que elles possuião, era tambem uma nobreza, uma força, uma potencia; e o jazerem-se debaixo dos pés da ignorancia soberba uma covardia, um absurdo, uma impiedade, e um impossivel. Já a a este ponto é hoje chegada a universal philosophia, que verdadeiramente não existem entre as classes sociaes outras extremas, além das indispensaveis para a manutenção da geral harmonia; no demais, tudo entre ellas é já quasi absolutamente commum. O poder, as riquezas, os commodos, as delicias, desceram tambem ao fundo da sociedade; e em retribuição, as sciencias, as artes, a franqueza, e a humanisação subiram até ás summidades. O filho do plebeu apprende para legislador, para magistrado, para general, para conselheiro, para ministro; o filho dos reis para naturalista, para poeta, musico, pintor, cidadão, e homem. ¡ Bem fazem, e bem hajão uns e outros! que assim lucramos todos nesta revolução. Os pequenos se fizeram grandes; e os grandes maiores; ¡ e que ha em verdade mais para ver, mais para louvar, do que um Principe, que soube redemir-se dos cêpos e cadêas da ociosidade, a que a desgraça, sob alcunha de fortuna, parecia havel-o condemnado! que descobriu em si uma alma, que ousou querer manifestal-a, que adivinhou em mãos reaes um prestimo, mais subido, que o de empunhar sceptros, o de trabalhar! e que por fim, entendeu, que se a gloria de provir de uma longa serie de avós era alguma coisa, era só, quando o herdeiro de seus nomes se tornava nessa arvore velha um ramo fructifero; e que, para que os loiros do berço houvessem de ir reverdecer no tumulo, era mister cultilval-os cuidadosamente pelo discurso da vida.

Tão alta não é a nossa voz, que sôe em abobadas de Paços: podemos logo, sem receio de affrontar a modestia inseparavel do verdadeiro merito dizer, que um destes raros e esplendidos exemplos o possuimos nós hoje no Throno dos nossos Reis. Filho da boa terra allemã, tão fecunda em varões; criado lá aos peitos de todas as virtudes, e não tendo para as apprender mais do que reler a historia domestica; doutrinado, em todas as coisas massiças e proveitosas, por mestres, que reputavão a sciencia pelo primeiro dever do homem depois do da moral; tal sahiu o Pai de nossos futuros Principes, que a realeza ficou sendo o minimo de seus lustres. Mas não é aqui o logar de um panegirico, nem temos nós mãos adestradas para os tecer: a historia

o descreverá, honesto, fiel, religioso; bom parente, bom marido, bom pai; sabio, e estudioso; incançavel no ancear o bem, simples nos gostos e costumes; soccorredor de infelizes, esforçador de engenhos; completo Allemão e completo Portuguez n'um só individuo. Os seus amores para com a agricultura, para com a industria, para com a lingua e letras desta sua patria, taes mostras devem dar de si com o tempo, segundo são fortes em sua alma, que a sua chronica (querendo Deus) ficará escripta nos corações do povo. Nós, aqui, só apontaremos para a minima folhinha de seu laurel, o seu genio artistico.

O desenho, importante ramo da educação, que tanto conviria generalisar, e a gravura em cobre, de que a lythographia, e mais ainda a gravura em madeira ameação dar cabo, são o bem empregado empenho dos seus ócios estudiosos. Em grande numero se contão já as estampas por Sua Magestade inventadas, desenhadas, abertas, e até, segundo nos affirmão, impressas por suas proprias mãos; e dellas repartidas por alguns dos officiaes de sua Casa, varias personagens da côrte, e artistas merecedores daquella honra. Se algum bom acaso, ou nossas diligencias, um dia nos deparassem essa curiosa galeria, não ha duvida, que o inventario e descripção de toda ella seria para nossos leitores um objecto de prazer, e um estimulo valentissimo para artistas.

Eis-aqui, o que ácerca da collecção, em geral, nos disse o traductor de Raphael d'Urbino, o nosso Amigo Sr. Antonio Manuel da Fonceca. — Ha nas obras de Sua Magestade originaes e copias; mas as mesmas copias são taes, que ainda se podem admirar como productos do seu raro talento: nas que são transumpto de quadros de auctores abalisados, vemos um estilo classico e franco, com que são executadas a ponta secca; e a firmeza de seus contornos faz lembrar, tudo quanto ha de bom na Eschola allemão, e na de Italia em os tempos felizes.

Quanto aos sujeitos de seus desenhos, podemos dizer pelas noticias, que delles havemos colhido, estarem em perfeita harmonia com o seu modo, mui original, de trabalhar. Passeando, e no meio da conversação, entre Sua Esposa e Filhos, de quem é adorado, e a quem adora, saboreando-se mui *germanicamente* nos gozos intimos do trato domestico, gozos desconhecidos da maior parte dos reis, é que elle vai lançando, com mão firme, sobre a lamina em traços puros e graciosos as idéas, a que a sua alma parece naturalmente affeiçoada, não pompas, não batalhas, nem tragedias, mas as imagens de seus Filhos, de Sua Esposa, dos logares, que elles, muito mais que todas as custosas magnificencias e doirados, lhe embellesão: são as aves, que elles amão, o cão fiel, com que se divertem; as paisagens, com que mais se recreão. Dissereis que o espirito de Gessner, em recompensa de haver feito amar a virtude, fôra mandado renascer, sempre allemão, para se gozar della sobre o Throno, e por seu poderoso exemplo recommendal-a.

A. F. de C.

Os premios.

148 É a esperança uma força, e a força uma condição para a vida; da esperança nasce fé, e da fé se fazem milagres: ¿ e que é o premio senão uma esperança? Differentes premios com fins diversos se achão estabelecidos por lei; mas nenhum de mais reconhecida utilidade, do que os conferidos nos alumnos das Escholas publicas. Os estudantes, a quem sua muita mocidade (desvantagem bem invejada, e bem invejavel) não consente pesar ainda á justa a sciencia, apreciar-lhe o valor intrinseco, e abranger todos os seus innumeraveis bons effeitos, pela esperança do premio arremettem briosos com o agro do estudo, atropellão repugnancias, vencem a propria natureza transformando os gostos congenitos á mocidade, crião em corpos ainda verdes almas já maduras, e pela assiduidade, do cultivo dão em a primeira primavera os fructos sasoados do outono da vida. A avidez e ancia do premio cria as nobres e fecundas rivalidades; a eschola se transforma em um incruento e innocente circo de luctadores, onde os brios, as forças, as virtudes no combaterem-se entre si, umas a outras se reforção, e crescem juntas. A' lucta segue o proclamar o nome dos vencedores; porque essa proclamação é parte, e porventura a optima parte do premio; é estimulo, e talvez o maior estimulo para os vencidos; é pena, e certamente a maior pena, para os covardes. Proclamemos portanto os nomes dos alumnos recempremiados nas Escholas do Exercito, e Polythecnica de Lisboa.

J. C. C.

ESCHOLA POLYTHECNICA.

1.ª Cadeira. = 1.º premio pecuniario: Joaquim Antonio Placido da Silva Negrão. 2.º dito: Joaquim Theotonio da Silva. 1.º honorifico: Eduardo Guilherme de Faria Blanc.

2.º dito: João Chrysostomo da Costa e Silva. 2.ª Cadeira. = 1.º premio pecuniario: João Maria da Ponte e Horta. 2.º dito: Luiz Caetano de Novaes. 1.º honorifico: José Maria Latino Coelho. 4.ª Cadeira. = 1.º premio pecuniario: Francisco d'Assis Feijó. 5.ª Cadeira. = 1.º premio pecuniario: Joaquim Maria Fradesso da Silveira. 2.º dito: Carlos Testa. 6.ª Cadeira = 1.º premio pecuniario: Antonio José de Souza. 1.º honorifico: Gregorio Nazianzeno do Rego. 7.ª Cadeira. = 1.º premio pecuniario: Francisco d'Assis Feijó. 9.ª Cadeira. = 1.º premio pecuniario: Gregorio Nazianzeno do Rego. 10.ª Cadeira. = 1.º premio pecuniario: José Maria Latino Coelho.

ESCHOLA DO EXERCITO.

1.ª Cadeira. = 1.º premio pecuniario: Felippe José Rodrigues. 2.º dito: Francisco Izidoro Pereira. 1.º honorofico: Placido Antonio da Cunha Abreu. 2.ª Cadeira. = 1.º premio pecuniario: Frederico Augusto Corrêa de Lacerda. 2.º dito: José Maria da Cunha. 1.º honorifico: Silverio Candido d'Almeida Carvalho. 3.ª Cadeira. = 1.º premio pecuniario: Frederico Augusto de Novaes Corte Real. 2.º dito: Antonio Pedro Buys. 4.ª Cadeira. — 1.ª parte: 1.º premio pecuniario: Miguel José Gomes Monteiro. 2.º dito: Felippe José Rodrigues. 2.ª parte: 1.º premio pecuniario: Augusto Cezar de Vasconcellos. 2.º dito: José Maria da Cunha. = 6.ª Cadeira. = Premio pecuniario: Antonio Egidio da Ponte Ferreira. Dito: Augusto Cezar de Vasconcellos.

Presentes litterarios.

FRANÇA. — PORTUGAL.

149 Lemos no *Temps*, que tendo o Snr. Macedo, Secretario perpetuo da Academia Real das Sciencias de Lisboa, endereçado ultimamente á Bibliotheca Real de París todas as obras publicadas por esta sabia Sociedade, que sommao 102 volumes: o Conservatorio da Bibliotheca Real, devidamente authorisado pelo Ministro da Instrucção publica, prendou a Academia Real das Sciencias de Lisboa com um exemplar da grande obra da Expedição do Egypto.

Prova da civilisação europea.

ITALIA.

150 Muitos encontrarão porventura grande novidade, e ainda estranheza em o que, sómente como bom argumento da actual civilisação, passamos a referir. Vendo os Judeos, residentes em Ancona, que na cidade se dava rebate da proxima chegada do Papa; e que tudo se preparava com grande actividade, e a todo o custo, para que o apparato, e magnificencia do recebimento correspondessem á grandeza do hospede, levados naturalmente do respeito devido ao Principe da Igreja, mormente em sua caza, e estados, offereceram de seu motu proprio vinte mil cruzados para os gastos dos preparativos. Esta espontanea offerta consta, que fôra recebida com toda a cortezia e bom termo; o que os moveu a outro maior lanço de urbanidade, e acatamento, offerecendo ao Pontifice, como foi entrado em a cidade, um bom prezente, que em seu valor, e merecimento intrinseco conformava com a personagem, a quem era dedicado: era uma Biblia impressa em mui fino pergaminho com uma riquissima encadernação de bem trabalhada prata, adornada de broches ou fechos todos cravejados de diamantes. Não nos é possivel dar razão do seu merecimento litterario, e bibliographico, que por certo devêra responder a tamanha riqueza, por que só destas exterioridades nos trazem noticia os jornaes: comtudo pelo agrado, e boa sombra, com que Sua Sanctidade se dignou acceitar este donativo, é de crer, que seja algum exemplar das versões dos Setenta, de Theodocião, de Origenes, de S. Jeronimo, ou de qualquer outra approvada pela Igreja, e não das adulteradas, e mutiladas pelos Rabinos.

F. M. P. S. N.

Pedro de Malas-Artes.

FRANÇA.

151 Affirma um periodico de París haver no presente naquella cidade um mestre, que em duas horas ensina, a quem não conhece as letras, a escrever o seu nome, e a ler uma fabula de Lafontaine. Incrivel parece, mas depois da Tachigraphia, da Calligraphia, da Mnemónica, etc. quem poderá chamar impossivel a coisa alguma? E' possivel; assim como tambem o é, que seja este um dos charlatães, de que sempre abundaram as grandes cidades. Se jamais o seu methodo chegar a ser acreditado e sabido procural-o-hemos, ¿e que infinitas vantagens não poderão resultar da sua introducção?

Theatro da Rua dos Condes.

152 **F**alla-se em representações de dramas novos e originaes, que não podem deixar de ser importantes. O que primeiro provavelmente irá á scena tem por titulo o Alfageme ou a Espada do Condestavel; e é obra do Snr. Garret: parece que lhe apparelhão scenario de esmero, digno de hospedar a mui senhoril musa de tão grande author; e que já para Santarem se mandaram pintores para trasladar algumas vistas.

O Viriato, drama tragico em verso pelo Snr. Silva Leal, irá depois; e sôa que tambem para este promettêra o Empresario uma vista nova. Não é, em verdade, prodigalidade de pintura, quando se trata de uma tragedia, portugueza no assumpto, na invenção, e na linguagem; de uma peça nova, e em verso; da obra emfim de um mancebo, cujas lucubrações tantas vezes tem enfeitiçado o Publico, e tanto hão feito ganhar ao theatro, para o qual elle parece principalmente nascido.

O Valido, composição do Snr. Cascaes emendada e reformada por seu author, seguir-se-ha, segundo se affirma, a estas duas. Oxalá que a Empresa a ajude com um pouco de bom scenario; e a companhia, agora mais forte pela tornada da Snr.ª Emilia, possa grangear tal recebimento a esta primeira tentativa do joven poeta, que elle se influa para proseguir em uma carreira, onde as palmas são difficeis, mas onde elle, se nos não enganamos, póde desde já ter por certo vir um dia a colhel-as copiosas X.

Alexandre Dumas.

PARIS.

153 **E**ste admiravel escriptor, e principe dos dramaturgos da França, parecia haver dito adeos á musa theatral, como um amante favorecido que chegou a cançar-se da sua amada: e as viagens (que elle muitas vezes faz sem sahir do seu quarto em Paris) se havião tornado o expediente, o desenfado, e as delicias do seu genio inconstante e observador. Agora porém nos consta que, desempenhando um rifão velho dos francezes, acaba de voltar aos seus primeiros amores, e a *Comedia Franceza* vai representar uma sua peça nova intitulada *Lorenzino*. Applaudi-la-hão classicos como a *Mademoiselle de Bel-Isle!* applaudi-la-hão romanticos como ao *Alchimista!* Brevemente o saberemos.

Propriedade Litteraria.

FRANÇA. — PORTUGAL.

154 **V**ictor Hugo tendo noticia de que a sua bem conhecida — Lucrecia Borgia — fôra traduzida por Estevão Monnier, e reprezentada no Theatro Italiano com muzica de Donizetti; contra o traductor, contra Bernardo Zote, editor de Muzica, e contra Julio Baptista, director do Theatro de Metz, propoz perante a Sociedade dos Actores Dramaticos, prezidida por Viennet a sua questão, que foi unanimemente approvada, e julgada commum a todos os Autores Dramaticos cujas obras fossem falsificadas. Na *propozitura* d'acção não exigiu Victor Hugo as perdas e damnos cauzados pelo Traductor, mas somente uma sentença que servisse de exemplo aos falsificadores para os casos prezentes, e futuros. Foi advogado de Hugo, *Paillard Villeneuve*, que em sua oração pediu, se prohibisse aos acuzados a venda e reprezentação da opera, pagando ao mesmo tempo perdas, e damnos: o advogado de Monnier foi *Hennequin*, que pediu a absolvição do réo, fundando-se em que seu cliente só traduzíra o folheto, que em 1834 compuzéra um Italiano, (cujo nome não consta) depois que em 1833 appareceu no Theatro da porta de S. Martinho o drama Lucrecia Borgia de Victor Hugo.

Caullet, relator do processo, resumindo os pontos cardeaes da accuzação, e defensa concluiu, que havia falsificação real, e efectiva, e n'este ponto devia ser condemnado o acuzado. Em quanto a perdas e damnos continuou a questão entre os advogados, para a final se proferir uma sentença definitiva, de que ainda não sabemos.

Não é esta uma noticia de mera curiosidade, é um arésto, que merecerá attenção em toda a parte, onde houver, e se quizerem letras. A propriedade litteraria é porventura a unica verdadeiramente incontestavel propriedade, pois que não é a fortuna, senão a natureza, quem a confere. O talento não é do homem, é o homem; é o seu unico thesoiro inalienavel, inaccessivel a rapinas, fraudes, e tyranias, e tão intimamente pessoal, que nem ao amigo mais intimo, nem ao filho mais amado, o póde seu dono ceder ou testar: verdade é, que o publico roubo dos fructos do talento e do estudo se tem feito quasi moda em nossos dias: a Belgica falsifica a litteratura da França; a França de Inglaterra e outras; a Allemanha a de todo o mundo; nós mesmos na nossa pobreza lá somos expoliados,

ora em París, ora no Brazil; mas todos estes escandalos, por mais que se renovem e invetérem, nunca revogarão a santidade do principio. Entendemos pois, que importa agora pôr aos olhos dos nossos legisladores, do nosso governo, e de todos os nossos jurisprudentes, que directa ou indirectamente podem contribuir para a perfeição da lei da propriedade litteraria, os exemplos tomados de um povo mais antigo, e por isso mais competente, juiz n'esta materia. Outros álem do supracitado nos sugére a memoria.

Um jornal de París, intitulado o *Gabinete de Leitura*, viu ahi nascer outro denominado *Gabinete Litterario*; pelo só roubo de uma palavra do titulo, perseguiu-o, fel-o condemnar, e obrigou a chrismar-se; ficou sendo o *Salão Litterario*.

O Seculo, jornal parisiense, perseguiu um drama feito de uma novella por elle publicada; e venceu.

O editor dos *Manuaes*, tambem na mesma cidade, tinha com elles ganho uns setecentos mil crusados; era monte para accender cubiças, accendeu-as; um especulador imprime o *Manual perfeito*, é perseguido, vencido, e condemnado.

Porém não só aos legisladores, governantes, e juristas, offerecemos este grave ponto de doutrina, mas tambem, e muito principalmente, aos que escrevem, dos quaes muitos ha, que em seus opusculos parecem menoscabar, ou inteiramente desconhecer, esta especie de propriedade. Por muitas razões os não citaremos, sendo porventura de todas a mais forte para nós, o firme proposito, em que estamos de não offendermos jamais, nem com razão, a pessoa alguma, e de evitarmos, quanto for possivel, as controversias, em que o tempo, que a servir se deverá applicar, se desbarata miseravelmente em semear odios.

A. J. F. C.

Acto memorando da Marrocos litteraria.

111 Reuniram-se em Bruxellas os compositores, impressores, fundidores de typo, fabricantes de papel e tinta, curtidores de beserras e marroquins, gravadores em madeira, cobre, e aço, lytographos, encadernadores, brochadores, assetinadores, e mais artifices dos varios misteres relativos ao fabrico dos livros. Erão mil em numero. Fizeram e assignaram um requerimento ao governo para que não consinta em se prohibirem as reimpressões, isto é, as falsificações. Adduzem elles por fundamento, que grande numero de familias, que têem enriquecido, traficando e pirateando assim ha largos annos, ficarião com as mãos debaixo dos braços se lhes fosse defendido o continuar n'esta honrada profissão. Resta ver se os calculos mercantis prevalecem contra o direito das gentes, e se a Europa consentirá no seu seio arvorado, e triumphal, o pendão de uma potencia barbaresca.

F. M. S. B.

Congresso Scientifico.

ITALIA.

2.ª Sessão.

112 Procedeu-se antes de tudo á nomeação de Presidentes para as diversas *secções*, e sahiram eleitos os seguintes:

Agronomia e Technologia —— O Abbade Rafaelo Lambruschini.

Zoologia, Anatomia comparada e Phisiologia —— O Professor José Géné.

Phisica, Chimica e Mathematica —— João Baptista Amici.

Botanica e Phisiologia vegetal —— José Moris.

Sciencias Medicas —— O Professor Mauricio Bufalini.

Na Secção de Phisica, Chimica e Mathematica expoz o sabio Papadopulo a descoberta que fizera de uma substancia não metallica, a que dera o nome de *Pillima*, a qual resiste ás armas brancas e de fogo. Nomeou-se uma commissão para examina-la.

Vegui deu parte da invenção de uma sua machina para o fabrico das cordas de ferro, e mostrou todo o prestimo d'ellas tanto para os caminhos de ferro, como para as minas, e para a marinha. Foi igualmente nomeada uma commissão para examinal-as.

O Professor Amici mostrou um telescopio de nova arte, por elle ideado, e com o qual se podem muito mais facilmente rectificar os liveis, e outras machinas destinadas principalmente á Geodesia.

Na Secção de Mineralogia e Geologia leu o Professor Colleguo uma memoria sobre as metamorphoses das rochas formadas por sedimentos.

Na Secção de Botanica e Phisiologia vegetal, apresentou o vice-presidente Meneglieni a enumeração das algas até hoje achadas na Dalmacia, e que montão a cento e setenta e duas especies, d'entre as quaes nove ainda até hoje não forão descriptas. Expoz depois algumas considerações sobre a organographia das algas, por elle comparadas ao lichen.

O Professor Moris leu uma memoria do Professor Parlatori, de Palermo cujo objecto é propor aos Botanicos Italianos a formação de de um hervario maximo no centro da Italia, por exemplo em Florença, composto essencialmente das plantas italianas já descritas pelos diversos auctores das Flóras parciaes daquella Peninsula, e das exoticas offerecidas por todo e qualquer botanico.

Na Secção das Sciencias Medicas leu o Doutor Namias uma memoria intitulada — Effeitos da electricidade na economia animal, e particularmente nas enfermidades humanas.

(*Continuar-se-ha.*)

Bibliographia Portugueza.

A excellente Memoria do Sr. João de Souza dos Santos Ferreira sobre o modo porque devem ser avaliadas na Avaria grossa mercadorias perdidas ou alijadas para a salvação commum, parece-nos digna de particular attenção e exame, visto que com a maior clareza, precizão, e justiça, ahi é tratado um tão importante e delicado ponto de Jurisprudencia Commercial a cujo respeito variadas têem sido as opiniões e a disposição de Leis maritimas antigas e modernas, donde resultavão discussões entre seguradores e segurados.

O Digno Author da Memoria comparando com profundo conhecimento, as Leis, usos, e costumes do mar dos mais antigos povos commerciaes, com o que se acha disposto em Leis e costumes dos nossos dias tirou valioso resultado de suas indagações para a solução do ponto de que se trata. M. C. V.

N.° 44 do *Archivo Popular* — contém — A dança Arabe — Factos gloriosos da Historia Portugueza — Descripção das montanhas do Gerez — Observação da Lua escripta por ElRei D. Duarte — Observação do medo, que deve ser a lição dos livros escripta pelo mesmo Rey — A Ilha de S. Domingos — Mr. de Buffon — O Pintor — Diario Historico.

N.° 3 do *Antiquario Conimbricense* — Contém — o Epitaphio do tumulo de D. Sisnando com uma estampa lythographada — e a Sentença da Inquisição de Coimbra contra o Dr. Antonio Homem, Lente.

N.° 194 do *Ramalhete* — Contém — o Sacrificio recompensado, com uma estampa — O Rouxinol — Meditação — Saudades da Patria — Gango e Dirné, Memoria Historica do Mogol — Estudos Historicos — Fundação da Freguezia de Nossa Senhora dos Anjos — Anecdota — Poesia — Charada.

Viagem ao Interior da Nova Hollanda — Romance moral, critico, e recreativo, original Portuguez, dedicado a sua Magestade Fidellissima A Rainha, em 3 volumes em 8.° sahirão á luz o 1.°, e o 2.°, e está na imprensa o 3.° Vende-se nas lojas de Rey defronte dos Martyres, e da Viuva Henriques na Rua Augusta.

Recommenda-se esta obra por ser original entre um diluvio de traducções, moralissima entre um diluvio de immoralidades; a sua linguagem é, por via de regra, portugueza; e onde menos aprimorada não se afoga, como outras, em bréjos fetidos de gallicismos. Oxalá, que o auctor se gozasse de uma pouca fortuna para poder cultivar com proveito geral o talento, que Deos lhe deu, e em que ainda não pegou o contagio da moda!

Sahiu á luz o 1.° volume das METAMORPHOSES de Ovidio por Antonio Feliciano de Castilho — 382 paginas em oitavo.

Os Assignantes, que não quizerem esperar pela sua vez no giro da distribuição, poderão mandar buscar o seu exemplar a caza do auctor Calçada do Duque n.° 58. O preço para os Subscriptores é 480 rs. avulso 600 rs.

Obras para publicar.

O DRAMATURCO PORTUGUEZ ou Collecção de Dramas originaes portuguezes com o seguinte programma — O amor da patria, das letras, e da restauração do Theatro Portuguez, que ha seculos amortecido, tendo começado por dar ao mundo a primeira Comedia de caracter e a segunda Tragedia, dos tempos modernos, parece agora querer resurgir brilhante, se, infelizmente, *causas mesquinhas* o não empecerem.... ; suscitou a uma Sociedade, amante da Litteratura-nacional, a ideia da publicação d'um Jornal com o titulo que acima se lê. — Este Jornal sahirá impreterivelmente no dia 1.° de cada mez, e cada numero ha de conter um Drama original portuguez, que não tenha sido ainda publicado. — Na Introducção que preceder o primeiro Drama a Sociedade desenvolverá o seu plano, e o pensamento que predomina n'esta empreza, que certamente nenhum Portuguez que se prése de o ser, deixará de auxiliar com a sua protecção. — A Edição será nitida, e escrupulosamente revista. — O preço da assignatura é de 240 rs. pagos cada mez, á entrega do folheto. (Quem desejar assignar por seis mezes ou um anno, o poderá tambem fazer á entrega do 1.° folheto.) Avulso 360 rs. cada folheto. —

Um quarto d'hora de leitura. — (Jornal dos Domingos.) — Com este titulo sahirá no proximo mez de Novembro um Jornal, que será digno do sexo encantador, a quem tem por fim recrear. — Constará de Romances, a maior parte originaes — Poesia — Theatros, e algumas vezes — Musica, etc. — Redactor = *Um Incognito*. Collaboradores. — *Silva Leal Junior* = *M. M. Dantas* = *João d'Andrade Corvo* = *J. Alvim.* = O formato será o deste Prospecto, e conterá 16 a 24 paginas de impressão em optimo papel.

Album Historico pelo Author dos dramas — os Dous Renegados — o Homem da Mascara Negra — Auzenda etc. — Vai publicar-se uma escolhida collecção de Scenas Historicas em prosa, compostas pelo Sr. Silva Leal Junior, a qual se denominará = Album Historico = Alem das Scenas já publicadas nos diversos Jornaes da capital, que seu auctor pertende corrigir, será esta collecção augmentada com outros ineditos cujos assumptos deverão ser bebidos nas nossas Chronicas, tão ricas de Poesia, e de trechos dramaticos. — Será um Volume em 8.° impresso em interduo moderno, ornado com o retrato de seu auctor em papel velino: sendo todos os exemplares assetinados pela prensa hydraulica. — Assigna-se na Loja de Viuva Henriques Rua Augusta N.° 1 — Bertrand Rua dos Capellistas N.° 20 e nas mais do costume — Porto na de Novaes ás Hortas — Coimbra na Imprensa da Universidade — e nas Provincias, em todos os logares onde se assigna para a Revista Universal. — Preços, para os Srs. Assignantes 480 rs. pagos no acto da entrega dos respectivos exemplares. Avulso — 600 rs. — Os Srs. Assignantes das Provincias, deverão dirigir o importe das suas assignaturas (franco de porte) ao — Editor do Album Historico. — Rua dos Capellistas N.° 20.

Parece-nos poder desde já, e sem temeridade, augurar mui boa estrêa, e fados á collecção supramencionada. Se enredos sagazmente tramados, se caractéres original, e distinctamente concebidos, se todos os registos da longa escala dos affectos, e paixões bem afinados e surtidos a tempo, se um estilo imaginoso, e ao mesmo tempo claro, se um empenho constante emfim, de concorrer pela poesia para a necessaria formação da nossa prosa nacional, se podem, e devem haver por meritos, os tres dramas do Sr. Silva Leal, tão bemquistos do Publico, assás lhe affiançâo do fortuna o louvor neste novo genero de tentativa.

HESPANHA.

Leitura para meninos, por Henrique Somalo y Collado

Lições de Geographia explicadas na sociedade de instrucção publica, por Francisco de Lujan.

Historia do Papa Gregorio VII e do seu seculo, traduzida do allemão.

Poesias de D. Josepha Massanés, Socia Honoraria da Academia de Bellas Letras de Barcelona.

Influencia da religião christaã na estabilidade dos governos, e felicidade dos povos; traducção do Italiano por um Professor da universidade de Salamanca.

O seu objecto é demonstrar em estilo claro e philosophico que a sociedade não se consolida, nem o homem tem seguros os seus direitos senão onde florece a religião christãa.

O Conde de St.ª Coloma, ou a Revolução de Barcelona, Novella historica de Joaquim Garcia Torres.

Com ella vai começar uma serie de publicações novas e originaes.

FRANÇA.

Sobre o enfraquecimento das ideas, e dos estudos moraes, por Matter.

Medicina das paixões, ou as paixões consideradas em suas relações com as molestias, leis, e religião, por J. B. F. Descuret. 1 vol. de 300 pag.

Jardim das plantas. — Acaba de sahir o 3.º volume que trata de botanica. — Tem lindas estampas, e a sciencia he tratada n'esta obra com a maior simplicidade.

Cadernos de Historia, Geographia, e Litteratura universal.

Tratado de Gastrite, pelo Dr. Besueleet.

Diccionario Universal d'Historia Natural = Tem por collaboradores 15 a 20 Membros do Instituto, a que acaba de reunir-se o celebre Barão de Humboldt. Sahe aos folhetos, e tem bellas gravuras.

Historia das Sciencias Naturaes desde a sua origem até os nossos dias, por Saint-Agy.

O Universo ou Bibliotheca Historica, publicada por Firmin Didot. — Contém a historia de todos os povos, e a descripção de suas religiões, usos, e costumes.

Historia das Cruzadas, por Michous, da Academia Franceza. — Nova Edição.

Historia de França, por Burette = A relação dos factos é viva e rapida n'esta obra extrahida dos livros mais completos sobre esta materia. — E' ornada de bellissimas estampas.

A mocidade de Mirabeau, por Luiza Colet.

Memorial de Santa Helena pelo Conde de las Cases, embelezado com 50 gravuras.

O Duque e a Duqueza de Malborough, por Simon de Nantes.

Historia de Joanna de Constantinopla, Condeça de Flandres, por Eduardo le Blay — 1 vol. em 8.º

Viagem á Costa Oriental do Mar Vermelho, Paiz de Adem, e Reino de Choa, por Rochet d'Herico.

Bibliotheca Franceza. — He uma collecção das obras completas dos mais celebres escriptores d'aquelle paiz, acompanhada de notas e commentarios. — Compõem-se de 30 volumes, edição nitida e barata.

Curso de litteratura antiga, e moderna por Dassance.

Mathilde, memorias de uma Senhora, por Eugenio Sue.

O Cavalheiro de Chaville, pelo Bibliophilo Jacob.

INGLATERRA.

Meditações Christaãs pelo Author da Soledade Christaã.

Os ultimos dias dos Martyres por Andrews Bonar.

Relação da vida e escriptos de Santo Ireneu.

Litteratura Cristaã.

O Sistema de moral; ou Leis da natureza humana por G. G. Vicente.

Encyclopedia Britanica, 7.ª Edicção.

Exemplos d'Algebra pelo Reverendo P. Foster. Segunda Edicção.

Elementos de Geologia por C. Lyelle — Segunda Edição.

Icones Plantarum ou Estampas com breves discripções de plantas novas e raras por Dr. W. J. Hooker

Terceira Edição do Glossario de Architectura.

Illustrações dos Symbolos, Philosophia, Antiguidade, costumes, Leys, e Educação da China pelo Professor Kidd.

Historia do Imperio Occidental por Sir R. Coampe.

Historia Elementar da Grecia por Keightley.

Manual da Historia da Grecia e Litteratura Romana.

Historia da Turquia por Miss Coiner.

Historia da Europa durante a Revolução Franceza.

Historia da Inglaterra no Reinado de Jorge 3.º

Historia Poetica de Inglaterra pelo Rev.º N. Meers

Biografia dos Homens celebres do condado de Aberdeen por J. Bruce.

Grammatica Persica por M. M Ibraheem.

Diccionario inglez, e alemão de Fulgel.

As Bellezas da Litteratura por J. D. Israeli.

BRAZIL.

Acaba de imprimir-se no Rio do Janeiro uma nova obra, intitulada = Memorias Historicas, politicas e phylosophicas da Revolução do Porto em 1828, e dos Emigrados portuguezes pela Hespanha, Inglaterra, França e Belgica = Obra posthuma do Sr. Joaquim José da Silva Maia, Redactor que foi do *Imparcial* e dada á luz por seu filho o Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia: broxura de 363 paginas com bom typo e bom papel. E' dividida em 4 partes e um appendix.

A primeira parte abrange, além da dedicatoria e prefacios, todo o espaço que durou o movimento de 16 de Maio; comportamento da Junta, chegada do Belfast, fugida d'aquella, e retirada do exercito. A segunda comprehende todos successos da retirada e da permanencia na Galliza e comportamento do Coronel Pereira, e das authoridades e governo hespanhol. A 3.ª narra os successos dos Emigrados em Plymouth, Brest, Ostende e Bruges. E a 4.ª são questões politicas. No appendix vem os discursos dos Parlamentos britannico e francez, e varias peças Diplomaticas.

ERRATA.

Pagina 68 na carta do medico: — todo — é — lodo.

TYPOGRAFIA DE J. A. S. RODRIGUES

Rua da Condeça n.º 19.

Scientifica, Litteraria, Agricola, Commercial,

Chronica Judicial, Artistica,

e Economica de todo o mundo.

REVISTA UNIVERSAL.

N.° 8.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS.

POR 12 NUMEROS	480
POR 24 »	960
POR 52 »	1920

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, RUA DOS PANQUEIROS N.° 107, 1.° ANDAR.

Quinta feira 14 de Novembro de 1841.

A redacção da **REVISTA UNIVERSAL** acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Manteiga vegetal.

AFRICA — PORTUGAL.

157 Muitos viajantes nos têem dado noticia d'uma arvore indigena da Africa, conhecida pelo nome de Shéa, e ultimamente Park segundo as suas observações botanicas nos affirma, que seria muito facil a cultura desta riquissima arvore em as Provincias mais temperadas da Europa. O seu fructo não tem prestimo algum; mas o caroço, que elle contém, produz a mais deliciosa manteiga; e tão facil de obter, que não ha ahí mais que fazer, senão tomar uma porção destes caróços, que sejão bem seccos, e cozel-os em caldeiras: tanto que a fervura começa, se vai a agua cobrindo de grande quantidade d'oleo, o qual depois de extrahido, e esfriado, é manteiga de muito especial qualidade, e gosto: não differe da melhor, que se fabrica do leite de vacca, nem no sabor, nem no cheiro, senão em ser pouco mais branca. A sua duração passa de anno, sempre em o mesmo estado de gosto, e apenas escurece alguma coiza mais: depois deste tempo, e se não a conservão a bom recado, rança, e perde todo o seu merecimento. Uma só arvore destas val mais, tiradas bem as contas, que uma boa manada de vaccas.

Preservativo contra a corrupção do peixe.

158 Em muitos logares é o pescado mantença geral, e quasi unica: e em todos, onde chega, é muito estimado, e de grande valia: porém não ha cousa tão inconstante, nem tão irregular, como a pesca! Tempos ha, em que acode grandissima abundancia de toda a qualidade de pescarias; seguem outros de escaceza, e muitos de inteira penuria. Pois saibâmos approveitar-nos da fartura, e guardar o que de sobrado costumamos desperdiçar, em quanto ella nos corre a favor; porque, quando a fortuna se revezar, não nos colha de todo despercebidos. Tomai um pouco de miolo de pão fresco bem migado com os dedos, amassai-o com aguardente, ou espirito de vinho; e com esta massa, que deve ficar em boa conta, barrai muito bem a bocca, ventas, e ouvidos do peixe de maneira que não haja parte por onde se

o ar introduza: involvei-o assim preparado em uma camada de ortigas verdes, ponde os peixes uns sobre outros, e por cima de tudo estendei uma capa de palha, que podeis humedecer todos os dias: e deste modo o tereis fresco. O author desta receita, que é de boa nota, nos affirma, que o tem comido conservado por este methodo depois d'alguns dias de viagem, tão sadio, que parece pescado naquella hora; e isto ainda mesmo em o verão, o que maior prova faz da efficacia do remedio.

Fabrico d'um vinho delicioso.

FRANÇA — PORTUGAL.

159 Grandes, e tão repetidos, que até a nós chegaram, foram os gabos, que do seu vinho *passo* fizeram os Romanos: e d'alguns dos nossos lavradores, sabemos nós, que o têem imitado sem embargo da grande dispeza, e perda de fazenda, que nisso ha: pois que passando-se a uva ao sol, perde quasi todo o succo e substancia, e muito pouco vem a fundir de liquido. Mais facil e rendoso é o methodo, por que em França se faz um precioso vinho igual a este, a que chamão vinho *de palha*. Escolhei os melhores cachos, bem sazonados, e sãos; e emvez de os passar ao sol, pendurai-os, ou estendei-os separados uns dos outros sobre uma cama de palha bem secca: deixai, que vão murchando, e recozendo todo o viço, purgando-os sómente d'alguma corrupção, que possa sobrevir como tenhão passado alguns mezes: fabricai o vinho, e encubai-o em vasilha de madeira bem preparada.

A fermentação é mui lenta; e muitas vezes acontece, que apenas por fins de Maio é que o cosimento se aperfeiçoa: comtudo não vos pezará da dilação, nem do trabalho; que tudo havereis compensado com largueza em provando o vosso vinho. F. M. P. S. N.

Cura dos vinhos referveidos.

160 A razão porque os vinhos refervem, e tornão a um segundo estado de fermentação, é porque se forma uma decomposição, que dá origem ao augmento da potassa, e diminuição do cremor, e da materia *corante*. Esta analysis chimica está mostrando, que a applicação do cremor neste caso deve remediar o transtorno: e na verdade assim é: lançai-lhe ácido tartarico em razão de uma onça por pipa; e vereis o vosso vinho em um bem estado de cheiro, de sabor, e de clarificação, que tudo dantes era perdido. O tartaro absorve a potassa, e indo precipitar-se no fundo da vasilha leva comsigo toda a ruindade e impurezas. Cumpre notar aqui, que este remedio deve ser applicado aos vinhos, que tiverem sómente um anno, porque se este desmancho se despreza em o primeiro anno, ou sobrevem em os seguintes, já a cura por este meio não é facil.

Aperfeiçoamento dos figos.

PORTUGAL.

161 De harmonias da natureza, já um sabío digno de a conhecer e celebrar, compilou uma farta obra; mas abrangel-as a todas, só o Autor de todas ellas o conseguiria: de hora para hora as diligencias, a observação, ou o acaso nol-as descobrem novas, e cada vez mais admiraveis. A harmonia é a alma do universo phisico, assim como do universo moral: a harmonia está nas coisas maximas, assim como nas minimas: na vida bem averiguada de qualquer insecto, de qualquer hervinha, se desencanta um jogo prodigioso de harmonias.

Ponhamos exemplo na *figueira*: o que os naturalistas vos poderão contar desta formosa arvore, das excellencias e prestimos de seus fructos, das suas conveniencias com as pessoas e coisas das provincias, onde ella folga de habitar, será um poema historico do maior gosto; e, no que ainda os simplices rusticos vos poderão attestar ácerca das proveitosas simpathias de certos bichinhos com os fructos da *figueira*, e do maravilhoso modo como o figo convertendo-se-lhes em poisada, em meza, em berço para seus filhos, por esses mesmos serviços se melhora, ganha madurez, e se converte em um favo de mel, descobrireis novos argumentos daquella Providencia grande, de quem todas as creaturas são filhas, e por quem todas (afora o homem para com o homem) se mostrão irmãs. Mas eis-aqui sem ainda sairmos do pé da *figueira*, sem arredarmos os olhos desta arvore, tão biblica, tão oriental, e tão poetica, mais uma harmonia, que para proveito de seus cultores e credito do Pai commum importa fazermos conhecida.

Vedes-me aquella tão despresada plantinha da *arruda*, que se em jardins a consentem, logo a hão de pôr como leprosa ou apestada, onde nem o olfato a denuncie, nem quasi os olhos a enxérguem! e todavia é formosa; e em sua humildade encerra medicinaes virtudes, que ainda ninguem lhe contradisse. Quereis fazer-lhe um bom officio? quereis prestar-lhe occazião para vos fazer mansa e calu-

damente um novo e inesperado serviço? plantai-a á sombra da *figueira*. A *figueira ama a arruda*, cantou um poeta latino; e com razão a ama, accrescentaremos nós, que já fizemos nas terras da Beira, ha agora oito ou dez annos, a experiencia deste casamento. Sob aquellas parradas sombras, com que o rustico tem tão má fé por esterilisadoras e doentias, alli, sem nenhum trato, folga a *arruda*; e copiosamente explica o verde alvadio e crespo de sua folhagem. Entretanto a arvore lá por cima encantada de tão boa vizinha para ella estende os braços com amor, e em linguagem misteriosa, que Deus lhes ensinou, e nós outros nem ouvimos, nem adivinhamos, a conversa de dia e de noite, apprende mais suavidade, e se aperfeiçoa em sua boa indole. O porque seus fructos sáião sensivelmente melhorados, não o diremos nós, que o não sabemos; que o sáem, é certo. Já nelles nos saboreámos, e outro tanto vos ha de saír se o tentardes. Da *arruda* se valeram nossos avós contra o quebranto, engrinaldando com ella os berços de nossos pais; se a philosophia lhe destruiu essa virtude, não será que lhe denégue estoutra, muito mais certa de destruir o quebranto, que tolhe a muitas figueiras o amadurecer cabal e perfeitamente a sua rica fructa.

X.

Ordens policiaes.

FRANÇA — PORTUGAL.

162 Passou entre nós como coisa de nulla monta, uma portaria, que determinava certas providencias contra o nocivo uso, que os confeiteiros fazem das tintas, e drogas, com que embellezando as suas mercadorias, vão envenenando os consumidores com tal peçonha, que raro é o caso, em que taes confeitos não produzão dores, vomitos, e grande estrago no estomago; ainda nos menos golosos. Nós porém, que tomamos por officio o lembrar qualquer coiza, donde possa vir utilidade publica, e particular, seguiremos nosso caminho sem nos embaraçarmos com o desprezo, que de nossas lembranças possão fazer os que somente amão materias de recreio: e tão arrimados vamos a este pensamento, que aqui renovâmos a idéa da escarnecida portaria com a menção de iguaes, e ainda mais escrupulosas providencias, tomadas em França pela authoridade policial para acabar com tão máu uso. Com todo o rigor foi ultimamente defezo a todos os confeiteiros, e vendedores deste genero, o servirem-se de drogas, e tintas mineraes; de arames, enfeites, lentejoulas; e quaesquer substancias metallicas, de que usavão arraiar os confeitos; imitar fructos, e flores; e armar ramalhetes, e varias figuras: igual prohibição se faz dos papeis pintados com as ditas tintas para embrulhos destes, e de quaesquer comestiveis; e das caixas onde era costume vendel-os, forradas interiormente de taes papeis, e ornatos. Poderamos commentar mais largamente esta materia, e recommendar a execução da portaria despresada, ou não cumprida, se o exemplo de tal nação não fizesse toda a força para persuadir a utilidade, e a urgente necessidade de similhantes pragmaticas.

F. M. P. S. N.

Dulcificação da agua do mar.

FRANÇA — MUNDO.

163 Quem tiver alguma vez padecido as inclemencias, e os tormentos de uma viagem, em que a agua vem a faltar, ou a se arruinar, por certo dará todo o merecimento ás novas machinas d'alambique de Peyre, e Rocher, pelas quaes se distilla a agua do mar, e se produz della uma muito boa para se beber, e para os de mais usos da vida. As experimentações feitas em París, tanto das machinas, como dos seus resultados, e os exames, e analyses chimicas sobre a naturesa, composição e mais propriedades d'esta agua distillada, não só authorisão o grandissimo merecimento da invenção, senão que abonão tanto esta agua, que já uma corveta de guerra, e vinte sete navios mercantes se muniram destes alambiques. Por tal methodo qualquer embarcação se poderá abastecer d'agua doce com muita facilidade, e em toda a altura, em que se ache, seguindo sua rota, e viagem, sem mais desvio nem delongas, a que de antes se era forçado por cauza das aguadas. O custo destas machinas, nem o calculo da quantidade da agua, que distillão, não o podemos dizer ainda, porque as noticias de até fins do mez passado não rézão destes dois pontos, sobre os quaes desejamos dar algum conhecimento.

F. M. P. S. N.

Adubio economico para as terras.

164 Sabemos, que a grande custo é por muitas partes procurado o estrume; e que em muitas terras do nosso reino vem elle a ser tão escaço, e dispendioso, que se vende a pezo de dinheiro; havendo o lavrador por boa fortuna achal-o por todo o preço, e va-

zar a bolsa, para que a suas terras não falte o condimento necessario, e indispensavel de sua feracidade. Bom serviço é pois á nossa agricultura lembrar, e expor aqui um meio facil de preparar em breve tempo grossa quantidade de bom estrume, com que as terras tanto de sementeira como d'arvoredos cobrem grande substancia, e fertilidade certa. Fazei espalhar pelos curraes, estrebarias, e possilgas uma boa cama d'arêa (ainda que seja da praia é igualmente conveniente, como vá enxuta) lançai-lhe por cima palha, feno, matto, e todos os restos dos alimentos do gado: e dentro de oito dias terão as vossas terras um excellente adubío, se d'elle carecerem tão de prompto: quando porém não haja tamanho aperto, será conveniente ir engrossando a estrumeira com este rendimento de todas as semanas, sobre novas camadas d'arêa. O methodo, que acabámos de expor, é muito encarecido pelos melhores agricultores allemães e francezes.

Invenção da Faxa hydraulica.

165. AINDA voltamos á FAXA HYDRAULICA; não que nos remordão escrupulos por havermos affirmado, ser ella um dos bons inventos portuguezes; no que ainda com dobrada força insistimos, em que pêz a muitos, que não levão á paciencia, que de Portugal, e de Portuguezes possa em materia de invenções sahir coiza, que preste, e mereça louvor, e aceitação em os outros paizes, de que aliás largamente se assoalhão como façanhas as minimas bagatellas.

Não entendemos nós, que tão leves escrupulos, como estes, nem as tenues apparencias, em que se elles fundão, possão fazer prova contra o que é geralmente acreditado, e bem authorisado pela opinião publica. O que nos faz agora tornar a este objecto é o dezejo, (que bem podéramos chamar dever) de dar publicidade a uma reivindicação, que nos parece tão justa, quanto é desinteressada, e que á Redacção deste Jornal dirigiu o Snr. Camara relatando-nos miudamente o como, e onde (vai já por doze annos), esta machina fôra ideada, e construida pela primeira vez em Portugal, e por um portuguez, a quem é devida a gloria da invenção; posto que da gloria e honras terrenas, e caducas não careça, quem já goza de melhor e mais segura patria. Tantos annos, como dissemos, ha, que uma destas machinas foi applicada ao poço d'um quintal em a rua da Junqueira, em Belem, pertencente ás cazas, que então habitava o Snr. José Caetano Marques, e construida por José Antonio de Castro, moço de grandissimo engenho, e muito emprehendedor, e o qual pouco depois, a rogo do Snr. Fava, então Inspector das Obras Publicas, construiu outra, que foi collocada em o edificio daquella Repartição. Nem julgamos insignificante a menção do que despertou a idéa da traça desta machina na imaginação viva e ardente daquelle moço. Tinha em caza um rebolo, onde elle, e seu pai, que ambos tinhão o mesmo officio de barbeiro, amolavão as ferramentas, como é uso em muitas destas officinas: e vendo como o rebolo só com tocar na agua levava comsigo tão grande porção della, que se não tornára a cahir no coche, em duas voltas o esgotára; concebeu o plano da sua machina hydraulica, e lhe deu execução, como levamos dito. Bem pode ser, que o Snr. Monteiro não havendo disto noticia seja igualmente inventor da sua faxa: mas ambos são portuguezes, e esta idéa nos dá grande satisfação.

Possivel é tambem (tão natural e obvio está agora parecendo o invento) que a muitas outras pessoas em diversos logares, e em tempos entre si apartados, houvesse já occorrido uma qualquer idéa da FAXA. Mas como ninguem chegou a tornal-a conhecida e geral, claro está, que ao primeiro, ou primeiros, que dentre os ultimos inventores a conceberam, realisaram, e vulgarisaram, cabem, mui bem cabidos, applausos e gloria, premios e privilegios.

F. M. P. S. N.

Nova construcção de barcos.

SEVILHA.

166. O Diario de Sevilha nos dá como nova a construcção de um barco de trinta e quatro pés de comprido, que se está fabricando por operarios nacionaes em o edificio que foi do Convento de São Laureano daquella cidade. A traça desta construcção é formar uma machina muito simples, que faça mover um jogo de pás, á imitação das dos barcos de vapor, sem que demande outras forças, nem mais governo, que o de tres homens. O redactor do jornal, donde trasladamos esta noticia, dezejando da-la com verdadeiro conhecimento, como era razão, foi-se ao estaleiro, e miudamente a examinou, e vio trabalhar a machina; e alem das commodidades, que encontrou neste barco, para transportes, e conducções de varios generos, sobre tudo notou a pouquidade de espaço, que peja o apparelho, ficando assim

quasi todo o navio desafrontado, e livre para o seu mister. Sente comtudo o mesmo redactor não poder aventurar o seu juizo sobre esta nova forma de navegação; e termina com desejar, que os resultados correspondão aos bons desejos daquelles artifices.

Carreira da India em barcos de Vapor.
LONDRES.

167 Acabou-se de construir ha pouco em Londres, e foi logo lançado ao mar, o primeiro barco de vapor dos que a Inglaterra vai empregar em a navegação entre Calcutta e Suez, para completar de todo as communicações com a India pelo Mediterraneo. Este navio chamado *Precursor*, é dos maiores, que se hão construido naquelle paiz: tem duzentos e sessenta e um pés de quilha, e quarenta e meio de bocca, e é lotado em mil sete centas e oitenta toneladas.

Carroagens de nova construcção.
FRANÇA.

168 A grandissima concorrencia, que acudiu á festa de Saint-Denis celebrada ha pouco tempo com extraordinaria magnificencia, foi toda maravilhada ao ver o espectaculo tão raro, como assombroso, de carroagens movidas per si mesmas sem mais cavallos, nem vapor, nem coisa visivel, que as fizesse andar; crescendo em todos o espanto, como as vião correr apressadamente d'um para outro lado, fazendo giros, dando voltas, e torneios com todo o desembaraço, e segundo a vontade de quem ía dentro. Este engenhoso invento, que antes parece feitiçaria, é devido aos grandes talentos, e assiduas tentativas do famoso machinista Lefebvre.

A illuminação de gaz.
SIDNEY.

169 Os jornaes d'Austrália dão a nova da introducção do gaz em Sidney. Os da colonia se vanglorião de haverem sido elles os primeiros, que fizeram conhecer na Azia, e em o hemispherio sul a illuminação por este meio: e ao mesmo tempo não acabão de louvar a presteza, e a grandissima actividade dos Anglo-Saxonios em ministrarem a uma das colonias de ha pouco estabelecidas a noticia, e o proveito deste importantissimo, e porventura o mais brilhante resultado da civilização moderna: em quanto que a India, e a America do Sul ainda delle não houveram conhecimento. Facil é o conhecer pelo muito, que este acontecimento é celebrado, a grande inclinação, e dezejos, com que aquelles povos tendem ao aperfeiçoamento, disputando, e rivalizando entre si em materias de civilização. F. M. P. S. N.

Novas chaves para affinar pianos.

170 Dias ha, que vimos na mão d'um amigo, uma chave de affinar pianos differente das que vulgarmente são usadas. E' ella d'invenção franceza e como leva muito grande vantagem ás usuaes, daremos a sua discripção. A chave conhecida é uma como pequena cruz, cujo pé ôco, e interiormente affeiçoado á medida da cravelha, encaixa n'ella, em quanto os braços servem de apoio á mão, que a move. A nova é similhante a um martello com cabo mui longo; uma das cabeças do martello faz o mesmo serviço que na primeira o pé, ajusta-se na cravelha e com pequena força augmentada pela longura do cabo, que obra á maneira de alavanca, fal-a girar e chegar ao desejado ponto de affinação sem esforço nem prejuizo. As vantagens alcançadas por esta nova construcção simplicissima são quanto a nós as seguintes: 1.º não ter de carregar as cravelhas por meio da pressão exigida pela chave usual, o que por fim de tempo as desgasta e arruina: 2.º não devassar a rôsca andando e desandando, como o affinador se vê obrigado ordinariamente, por que na grande força, que necessita empregar, não é facil calcularse a acção dada é exactamente a de que se carecia, e se o impulso não é de mais ou de menos: 3.º o economisar tempo, por chegar com justesa, levemente, e sem esforço ao ponto exigido, não se carecendo para isso de emendas: 4.º poupar risco ao chapuz ou tampo em que ás cravelhas ajustão, que no serviço da primeira chave, póde padecer com o pesado movimento.

Sendo o progresso real, e verdadeiro o intuito e unico fim desta nossa publicação, cabe a todas as artes o quinhoarem a sua parte n'este como grande armazem de noticias, e conselhos que desvelladamente para todos procurâmos. Nenhuma portanto esqueceremos, nem haverá coisa por minima que pareça, em que acharmos utilidade, que nos não deva attenção e consideração.

S. L. J.

Para doirar marfim.

171 Prepara-se a dissolução de uma parte de nitro-muriato de oiro em tres partes de

agua distillada; molha-se nella o marfim, e ainda bem molhado se introduz em um recipiente cheio de gaz hydrogenio; em o mesmo momento se vê ir tomando um brilhante dourado não só muito vivo, mas ainda de grande duração. Os chimicos attribuem este resultado á acção *precipitante* do gaz.

Operação extraordinaria.

FRANÇA — PORTUGAL.

173 No Boletim de Medicina de Madrid, n.º 64, segunda serie, se acha consignada a seguinte noticia:

Secção subcutanea de quarenta e dois musculos, tendões ou ligamentos, practicada em 20 d'Agosto ultimo, n'um rapaz de 22 annos, por Julio Guérin, com o fim de remediar uma serie de disformidades articulares causada pela retracção activa dos musculos.

As partes cortadas nesta operação forão, no tronco: o grande peitoral; no cotovelo, de cada lado: o biceps brachial, o pronador redondo, o radial anterior, o flexor commum superficial e o curto palmar. No antebraço, de cada lado: o tendão do cubital anterior, os dos compridos e curtos palmares, e o do grande abductor do pollegar. No joelho, de cada lado: o sartorio, o biceps crural, o semi-membranoso, o semi-tendinoso, o recto interno, a fascialata; e o ligamento lateral externo. No pé, de cada lado: o tendão de Achiles, o tibial anterior, o extensor commum, o extensor proprio do dedo grande, e o peroneo anterior.

Para cortar todas as partes acima mencionadas, forão necessarias vinte e oito incisões.

A operação durou mais de uma hora, sem que o enfermo desse signal de grande padecimento.

Não sobreveio inflammação, nem febre; e no fim de tres dias todas as feridas estavão cicatrizadas. Ainda não temos noticia do resultado de tão formidavel operação, o qual muito deve interessar a Medicina, pela deliberação do operador.

Não nos admira a resignação do paciente, porque os Francezes não recuão diante das operações, ainda que a ellas os não obrigue o perigo. Qualquer defeito ou disformidade, não só no rosto, mas em qualquer parte do corpo, é sufficiente motivo para um Francez recorrer á medicina operatoria.

Muitos são já os exemplos de pessoas, que, em França (e n'outros paizes) consentem que lhes cortem alguns musculos dos olhos, para remediar a tortura d'elles (o strabismo). Entre nós, pelo contrario, nem um perigo imminente é, ás vezes, bastante para resolver um doente a deixar-se operar. Quantas caras repugnantes não encontramos nós, cujas anomalias e defeitos desapparecerião instantaneamente por uma leve operação, uma simples thesourada! Mas quando o medico prudente aconselha uma operação, para remediar um defeito, ou prevenir um mal futuro, logo a pusillanimidade responde com o seu rifão: *viva a gallinha com a sua pevide*. E' muito notavel porém a resignação de nossos compatriotas em se entregarem nas inhabeis mãos dos aventureiros de todas as especies, que, por officio, lhes vem subtrahir o dinheiro, e muitas vezes o resto da saude que tinhão. Logo que o charlatão promette curar, *sem ferro*, tem freguezes e dinheiro.

Emplastros e mais emplastros, da Russia, da Turquia, da China, do Japão, etc. (sempre de longe, porque *santos de casa não fazem milagres*), até que o incremento da molestia, e as dores insupportaveis obriguem o doente a vir declarar ao seu compatriota, cujo conselho despresou em tempo opportuno, que já está resolvido a deixar-se operar. Como porém a resolução vem tarde, e a más horas, acontece, muitas vezes, que para arrancar a *pevide* já então é necessario arrancar conjuntamente a lingua.

Terminaremos este pequeno artigo, aconselhando aos nossos conterraneos, que, antes de se pôrem em curativo, escolhão um facultativo que lhes mereça toda a sua confiança; mas depois d'elle escolhido, não lhe atem as mãos, deixem-o fazer o que entende, porque depois do doente, elle é o que mais interessa na cura. J. R. R. N.

O Muro de Elrei D. Fernando 1.º

PORTUGAL.

174 Quando uma nação tem perdido o seu caracter individual, e abandonado os antigos costumes, não os damnosos ou barbaros, porque esses honroso lhe fora perde-los, mas aquelles que a ennobreciam, ou que pelo menos serviam para a distinguir das outras familias humanas; — quando, desbaratando as alfaias preciosas herdadas d'avós, vae mercar a estrangeiros velórios, lentejoulas e ouropeis para representar de Sosia dos outros povos no auto as mais das vezes ridiculo ou semsabor da sociedade presente; — quando corrompida por luxo insensato, por deleites que a mollificam, e lhe quebram todos os

brios, cachetica antes de tempo, vréga covardemente debaixo do peso da gloria, e do nome de antepassados, que lhe conquistaram nobresa com que ella miseravel e mesquinha não póde, nem sabe haver-se; — quando uma nação cae nesta atrophia d'animo, ha um signal evidente, infallivel, dolorosissimo para aquelles d'entre seus filhos que ainda não sacrificaram a Moloch e Baal — aos idolos peregrinos — o seu amor das cousas patrias. Este signal é o ruido dos monumentos, que desabam; é o bater continuo dos alviões e enchadas nos marmores que os seculos empallideceram; é o delir as inscripções de antiga data, é o quebrar as lousas dos sepulchros; é o desmoronar os templos; por onde ainda susurram os echos das preces de gerações extinctas, e sobre cujo pavimento de pedra ainda não se enchugaram de todo as lagrymas de muitas desventuras esquecidas, de que nossos maiores costumavam ir consolar-se a sós com Deus. Onde e quando virdes o povo, rude para a industria, debil para o trabalho proficuo, desalentado para os commettimentos e emprezas que requerem robustez de coração; onde e quando o virdes enfermo e triste sobre o ferver e balouçar incerto das vagas, mas bem disposto e contente nos banquetes, e no leito macio repousando de gosos e de embriaguez: onde e quando o virdes tresfolgar semimorto debaixo dos raios ardentes do sol em gandra despida, ou confrangido e tremente diante do sopro frio do vento nos visos das serranias, mas agil e incansavel na atmosphera morna e recendente dos saraus esplendidos, das danças voluptarias; onde e quando o virdes arremessar-se como uma torrente ás grandes escholas de vicios, e de degeneração, chamadas cidades, insaciavel de prazeres d'hoje, descuidado de miserias d'amanhan; onde e quando virdes isto, desconfiae de que tal povo vae tombando pelo despenhadeiro da perdição; mas se quereis averiguar se elle se precipita, como Lusbel, sem remedio e sem esperança, contemplae-o ao pé dos seus monumentos, ao pé da sua genealogia de pedra. Se elle rasgar desvairado como um suicida, esses diplomas escriptos para largos seculos; se, inventando novo e monstruoso genero de crime, attravessar as fronteiras do paiz dos mortos para ser a um tempo parricida e sacrilego, quebrando as campas, e esmigalhando com o mesmo golpe de picareta os craneos de seus paes que pacificamente esperavam á sombra d'aquellas lagens o convocar do archanjo: — se o povo fizer isto, tende por certo que o seu nome não tardará a ser apagado da face da terra. E' o sentimento da honra e da boa fama o ultimo que abandona o homem honesto moribundo: do mesmo modo quando uma nação, que foi generosa e illustre, malbarata assim as recordações perennes e solemnes de epochas gloriosas, é porque percebe que vae bater a sua hora derradeira.

Prouvera a Deus que signaes de tão mau agouro não se houvessem estampado nesta nobre terra de Portugal! Prouvera a Deus que o alto bradar de alguns filhos seus, que com as véras do coração a amam e acatam, tivesse gerado vergonha na alma, ou para melhor dizer no instincto, dos demolidores, arrazadores, alinhadores, e liveladores, que por ahi andam de alavanca e cordel nas mãos endireitando, aplainando, e alargando tudo, pondo por terra todas as pedras mais levantadas que os seus pensamentos, isto é, que o lodo e o pó das encruzilhadas. Prouvera a Deus que esses gritos d'angustiado amor de patria alcançassem pôr termo ao vandalismo perfumado, que, semelhante ao verme em arvore secular, róe de noite e de dia as paginas mais eloquentes da nossa admiravel historia, as suas paginas de marmore e de granito!

Que mal fará a estas malaventuradas creaturas uma pobre igreja, uma solitaria torre, um panno de muralha esquecido aos combates, um conventinho perdido entre montanhas, uma lapida de sepultura? Sentem acaso ao pé delles um reprehender de voz intima que os accusa com as memorias dos tempos que foram? Enganam-se crendo que essa voz ha de callar-se com a ultima ruina do monumento. Lá fica o solo sottoposto a elle. Mais do que isso. Ficam os valles, as campinas, os outeiros, os montes, as serras, que todos sabem uma historia dos tempos remotos; porque esta nossa terra é a Palmyra das grandes glorias; é um campo sancto de heróes; e como nunca as vastas catacumbas de Roma se hão-de esgotar de reliquias de martyres, nunca deste chão portuguez se varrerão de todo as cinzas de tantos corações generosos de que foi feracissimo, quando sobre elle soaram os passos de homens que criam em Deus, na patria, e na posteridade.

Se os eruditos da moderna Europa maldizem os monges dos seculos tenebrosos, que, barbaramente pios, respançavam os volumes preciosos, que continham as obras primas do engenho antigo, para sobre os seus mal apagados vestigios escreverem as homilias muitas vezes eloquentes, e os tractados quasi sempre profundos dos padres da egreja primitiva, que dirão os vindouros destes ho-

mens, que vão fazendo de Portugal um vasto palimpsesto, onde sobre os monumentos desfeitos só escrevem letras mortas, só estampam pensamentos mesquinhos! As phrases rudes mas vigorosas e scintillantes de Tertulliano não deshonravam as paginas em que pouco antes trovejava Demosthenes: o democrata em nome da cruz fulgurava ás vezes como o democrata em nome do vulgacho d'Athenas. Mas que obra desta geração valerá o que ella apaga e consome? Que nos dareis vós, os que pareceis ter os pulmões crivados de abcessos — porque não podeis respirar sem derrubardes tudo no redor de vós; que nos dareis, incansaveis obreiros do nada, em troco do vosso continuo respançar de alvião e picareta? Salteadores da historia, que é o que nos podeis dar?

Dar-nos-heis um mercado sujo; lageado com as campas dos capitães de Arzilla, de Alcacer — Ceguer, de Ceuta e de Dio: dar-nos-heis uma fonte pobre e salitrosa, construida com as aras do Christo: dar-nos-heis um caminho mal gradado, tortuoso, estreito, calçado com troços das columnas preciosas dos edificios do seculo 14, com as ameias dos velhos alcaceres e muros, ensopadas no sangue de nossos avós, que tanto lidaram por vos conservar uma cousa, que vós não sabeis o que é — a patria. E se a civilisação moderna, não a vossa, mas a das intelligencias, vos alluiniar com um raio fugitivo de sua claridade, quando muito assentareis uma estrada á Mac-Adam com os marmores esmigalhados dos espelhos e frestas dos templos seculares, que derrubais ou deixais caír pouco a pouco. E ainda este será o primor de vosso engenho, o capitulo intelligivel que escrevereis no palimpsesto dos monumentos!

Trabalharemos por levar á posteridade vossa mui illustre e honrada memoria. Miseraveis! Sois duas vezes covardes, porque cuspís nos cadaveres dos que são mortos, o que já não podem alevantar-se dos seus leitos de pedra para se desaffrontarem, e porque roubaes os viudouros, que ainda não podem punir-vos!

Mas para que trouxemos nós tudo isto aqui? Para que fallamos de individuos e com individuos, que se houvesse sentimento abaixo do desprezo ainda nem tal sentimento mereceriam se gastasse com elles? E' porque, mais felizes que o fabulador da Phrigia, encontrámos um homem entre a caniçalha dos empalmadores de tradições, dos gastadores de glorias antigas; e mais peregrina e maravilhosa nos parece esta achada que todos os inventos do mundo.

Ha seis ou sete annos que os restos da torre de Alvaro Paes, que tinham escapado ao terremoto, se começaram a roer não sabemos por ordem de quem. O para que, segundo ouvimos, era para construir em frente da igreja de S. Roque uma especie de vasto receptaculo das obras do genio actual uma bem alinhada, esquadriada, e aplainada praça, que depois se havia de cubrir de piramides, e obeliscos — piramides de repolhos, obeliscos de cenouras — tudo mui vistozo e bem posto. Esta grande concepção parece que se gorou, porque os dentes dos liveladores se quebraram no rijo cimento da velha torre. Agora meia derrocada, ella lá está e estará bradando contra os que até no arrazar são fracos, e que descendentes em linha direita dos Vandalos e Hunos, tudo herdaram delles menos a robustez.

Formava aquelle roido cubello o angulo de nordeste da muralha de Lisboa edificada em tempo d'elrei D. Fernando: della partia um lanço torreado, quasi de norte a sul, até a beira do Tejo; outro quasi de nascente a poente, que descia para Valverde, d'onde trepava para a Alcaçova ou cidade primitiva.

E' um extenso fragmento deste lanço — muito mais de duas quadrellas — que achou um coração de portuguez que o salvasse das garras dos demolidores. O Snr. Francisco José Caldas Aulete, proprietario de um vasto terreno, em que esse fragmento se acha incluido, o conserva e faz actualmente reparar com o cuidado devido a uma tão veneranda reliquia da epocha do rei-popular, do Mestre d'Aviz. Consta-nos que uma inscripção estampada na face desses restos escapados como por milagre da invazão da hostaliça, narrará aos que os virem a sua historia. Grandemente acertada nos parece tal inscripção. Sem isso quem diria a esta geração, occupada em estudar de dia e de noite a theoria da alavanca e a arte de aguçar picaretas, que a essa muralha mais que a Aljubarrota, mais que aos Atoleiros, mais talvez que a tudo, deveu Portugal nos fins do seculo 14.º o não ver para sempre as Quinas ornando algum escaque do escudo esquartelado do Leão de Castella; — que a essa muralha deve a Europa a independencia deste povo, sem a qual elle não lhe teria aberto as portas do oriente, e mudado com sua tenaz ousadia os destinos sociaes do mundo?

O que foram nossos paes! — O que somos nós! Ainda cairemos mais fundo!

A. H.

175 RELAÇÃO

Dos Alumnos da Academia Polytechnica do Porto, que foram premiados ou tiveram as honras do accessit *no anno lectivo de* 1840 *a* 1841.

Cadeiras, nomes, e qualidade do Diploma.

3.ª MANOEL Lourenço de Mattos — Premio.
» João Ribeiro de Faria Trauscke — *Accessit.*
4.ª João Pedro Ribeiro — Premio.
6.ª Gustavo Adolfo Gonçalves e Sousa — Premio.
7.ª João Antonio de Carvalho — Premio.
» José Rodrigues Barbosa — *Accessit.*
» José Luiz Teixeira — *Accessit.*
8.ª João Ribeiro de Faria Trauscke — Premio.
9.ª Gustavo Adolfo Gonçalves e Sousa — Premio.
» Francisco Pereira da Cunha Guimarães — *Accessit.*
» Bernardino de Sena Almeida Raposo — *Accessit.*
10.ª João Antonio de Carvalho — Premio.
» José Rodrigues Barbosa — *Accessit.*
» Christovão Soares Gomes Feijó — *Accessit.*
11.ª João Ribeiro de Faria Trauscke — Premio.

Escriptorio d'agencia de alugueres de predios rusticos e urbanos, estabelecido na rua dos Douradores n.º 43 B.

176 LONGO seria o ponderar miudamente as razões, e as fórmas, porque um tal estabelecimento póde vir a ser de summa utilidade publica e particular. Nós o desejamos ver prosperar, e desenvolver-se com toda a perfeição, que o seu fim necessita, e que de ha muito é requerida pelo espirito de civilisação, de melhoramento, e de decencia. Afóra a utilidade dos locadores, que nisso ganhão muito, e a dos locatarios, que bem considerada, é grandissima: ha sem duvida aqui a nobre idéa de acabar com a dura condição de todos os contractos d'arrendamentos de cazas, que justificada até hoje pela necessidade, vexa, e sobremaneira aflige, a quasi todas as familias, que têem de mudar de habitação. Este grandissimo bem nos dará o escriptorio d'agencia de alugueres; quando munido de todos os meios imaginaveis possa informar cabalmente os que pertenderem tomar de aluguer qualquer caza, e representar-lhes com tal miudeza, e verdade as vantagens, e desvantagens, as accommodações, o estado, e capacidade dellas, que não mais se veja entre nós devassado (e muitas vezes por curiosos mal intencionados, e impudentes espias) o interior de tantas familias decentes; o segredo mais recatado de todas as cazas; de seus haveres, de sua riqueza, de sua pobreza, e miseria, que não tarda de ser assoalhado, e posto em praça entre escarneos, e irrisões infames. Só esta idéa de per si é bastante recommendação deste estabelecimento que em breve veremos realizada, como é d'esperar da actual policia do nosso paiz. As demais vantagens, que o escriptorio d'agencia de alugueres offerece, estão annunciadas em seu programma; e brevemente começará o publico desta capital a gozar dellas, e de muitas outras, que sem serem promettidas, nem talvez esperadas, daqui nos venhão. Nós aconselhamos, e pedimos em nome da civilisação, da utilidade publica, e da decencia, a todos os proprietarios, que protejão por todas as maneiras possiveis um estabelecimento, que nos dará honra, credito, e proveito.

Celebre appellação para a curia de Roma.

177 TEEM sido privados de sepultura ecclesiastica os restos mortaes do insigne muzico Paganini por sentença do governo sardo; e o que mais é para lastimar em taes casos, que, ainda bem, são muito raros em nossos dias, é ser privada igualmente a alma das orações, e suffragios publicos da Igreja. O filho deste tão nomeado e celebre artista tem feito as maiores instancias e (nesta piedosa lida mostra elle ter alma e coração de bom filho) tem uzado de todos os meios possiveis, para que sentença tão rigorosa se não cumpra; e tudo até o presente lhe tem saído baldado pela pertinacia d'aquelle obstinado governo. Mas não se quebranta assim a piedade filial em corações bem nascidos. Vai-se o filho caminho de Roma; interpõe recurso perante o chefe da Igreja: requer revisão dos feitos, e annullação de tal sentença: e emfim não descança, em quanto as cinzas de seu pai não repouzarem em honrada e christã sepultura; e não receber sua alma as orações publicas da Igreja.

Ignoramos, em que hajão prendido os escrupulos sardos, pois que certamente o enfeitiçar com a rabeca, ainda nenhuma theo-

logia o prohibiu; mas quaesquer que sejão as razões, em que presumão fundar-se, nenhuma ha, nem pode haver, para que homens possão jámais punir ao homem morto. Mal que exhalamos o ultimo suspiro já não pertencemos senão a Deos; e para todos, os que nos sobrevivem, ficamos sendo objectos tremendamente inviolaveis.

F. M. P. S. N.

Congresso Scientifico.

ITALIA.

3.ª *Sessão.*

178 O Professor Betty, discorrendo sobre a Memoria do Doutor Naumias apresentada na precedente sessão ácerca dos effeitos da electricidade na economia animal, e particularmente nas enfermidades humanas, deu parte de algumas observações que fizera sobre o mesmo objecto, das quaes resulta que applicando a electricidade a um caso especial de paralyzia no braço, obteve a cauterização no polo de cobre. O Doutor Naumias disse haver observado no mesmo polo uma simples accumulação de lympha plastica. O Professor Betty contou depois a historia da molestia a que applicou em primeiro logar a pilha de discos, e depois a de tassas, e insistio sobre o facto da cauterização no polo de cobre, perguntando ao mesmo tempo a explicação d'elle. O Doutor Naumias suspeita que a differença do rezultado depende da differença das superficies metalicas. O Professor Orioly communicou ao Congresso que havia feito as mesmas observações, valendo-se para tal fim da pilha elementar (de prata e zinco), *rezicando* primeiramente a pelle, e obtendo em seguida no polo de zinco os mesmos effeitos que o Professor Betty obtivera no polo de cobre. O Professor Orello explica o facto da cauterização pela decomposição dos fluidos segregados em virtude da electricidade no polo de zinco. O Presidente rogou aos Professores Betty, Orioly, Naumias e Orello, que progredissem em trabalho de tamanha transcendencia. O Professor Scortegagna lembrou que os effeitos electricos devião ser estudados não só na razão das superficies, mas tambem na dos perimetros das chapas metalicas; á qual observação respondeu o Doutor Naumias que semelhante ponto era objecto de estudo mais para o phisico do que para o phisiologista, que averigua os effeitos da electricidade no corpo animal.

Na Secção de Agronomia e Technologia o socio Brignoli leu uma memoria sobre os estudos agrarios pratico-experimentaes decretados no congresso de Piza, e propoz que para esse fim se adoptassem as taboas estatisticas de Melchior Gioja, convenientemente modificadas. O Advogado Salvagnoli resumio a historia daquelles estudos experimentaes desde o Congresso Pizano até hoje, e nomeou-se uma commissão para estabelecer difinitivamente o modelo das taboas synopticas.

Prego pedio que a *commissão das sedas* desse o seu parecer, sobre a especie de combustivel que apresentára, e que serve na Lombardia para aquecer as caldeiras para a extracção das sedas.

O marquez Ridolfi aprezentou varias plantas de *Convolvulus Batatas*, de magnifica vegetação, e observou que esta planta resiste á mais prolongada seccura e póde, até em terrenos aridos, suprir utilmente as batatas (*Solanum Tuberosum*) para alimento, e varias outras plantas para forragens; por esta occasião houve larga discussão entre diversos membros sobre a cultura, utilidade e conservação das batatas.

Na secção de Zoologia, Anatomia comparada e Phisiologia, o Principe de Canino leu a descripção e historia da *Garganella marmoria* (*Querquedula angusti rostri*) indicando o lugar que se deve assignar a esta especie no systema ornitologico.

De Filippe expôz varias observações sobre a Embryologia dos peixes, feitas no *Gocios fluviatilis*, sobre as quaes lhe foram pedidos muitos esclarecimentos. Cagnazzi mostrou um instrumento, a que deu o nome de *tenographo* sobre o qual prometteu fallar na proxima sessão.

Na secção de Chymica o Marquez Ridolfi participou hum facto importantissimo que observára, e cuja verificação recommendou á assemblea. Consiste elle em que o carvão de pedra, depois de haver absorvido o gaz ammoniaco pela acção da luz diffuza, e a frio, o restitue decomposto ou mudado em outro gaz. Muitos Socios, entre os quaes Luiz Bonaparte, fizeram opportunas reflexões sobre um facto de tanta importancia; e visto dever interessar a physiologia vegetal, nomeou-se uma commissão especial para o fim de multiplicar a experiencia sobre este objecto.

Na secção de Mineralogia, e Zeologia, leo o Vice-Prezidente Pareto uma memoria sobre as duas Ilhas Gorgona y Capraia, e descreveo a sua topographia e constituição geognostica.

Na secção das sciencias Medicas o Doutor Gorsi leu algumas observações em francez

sobre a origem dos contagios, e sobre as quarentenas, propondo ao mesmo tempo lazaretos organizados por um novo systema.

O Professor Botto, voltando ao objecto da electricidade applicada ao corpo animal, recommendou que não se confunda a acção vital com a acção chymico-physica da mesma electricidade — bem como que não se esqueção as relações da acção piretico-electrica com a do fogo, nem se confundão os factos d'esta com os d'aquella. Fallou depois no uso do calorico em diversas molestias inflamatorias.

O Doutor Naumias, expondo novamente os factos apresentados pelos Professores Betti e Orioli, e negando a consequencia do Professor Del Negro, replica ao Doutor Botto que a relação do calorico com a electricidade não pode ter logar, por ser mui raro, e até excepcional, o facto da cauterisação. Considera alem disso como inteiramente excitante a acção da electricidade. O Professor Stortegagna insiste na prova absoluta da conclusão de Del Negro, a saber, que a intensidade da corrente está na razão dos perimetros. O Professor Botto sustenta que a cauterisação se apresenta em todos os factos citados pelo Professor Orioli, ao que o Doutor Naumias replica haver differença entre a cauterisação e o deposito de lympha coagulada observado pelo Professor Orioli. O Professor Semola falla na analogia entre a electricidade e o calorico, e é de opinião que a sua acção no corpo animal só varia no grão, devendo os effeitos d'ella crescer na razão da intensidade. O Professor del Chiappa sustenta que a electricidade é contra-estimulante, e convem em certas molestias chronicas. O Professor Orioli representa que ainda se não tratou a maneira mais propria de applicar a electricidade, e que é necessario que precedão a esta discussão as observações da Commissão nomeada para tal objecto, e se estabeleção os pontos de partida da questão.

O Doutor Carlos Bayer leu uma memoria sobre o uso dos banhos hydro-cyanados como poderoso agente therapeutico.

Na Secção de Medicina discutio-se um caso de extirpação do utero por occasião de parto, referido pelo professor Rossi.

(*Continuar-se-ha.*)

Noticia interessante ácerca da propriedade litteraria.

179 A guerra, e injustiça, que entre nações civilisadas, de ha muito, se pratica impunemente contra um dos mais sagrados direitos sociaes, qual é a propriedade litteraria, está pedindo actualmente a maior attenção. Baldadas têem sido até hoje as repetidas diligencias, para livrar a Europa de tamanha affronta, que faria vergonha a qualquer povo barbaro, e separado de toda a conversação e tracto humano: e com ser tão feia, tão cheia de maldade, e tão injusta esta pratica, tem ella continuado; e apenas começamos agora de conceber esperanças de a vermos modificada, senão extincta. Haumann, deputado dos livreiros da Belgica, apresentou em Paris um plano tendente a livrar os authores, e livreiros francezes do flagello das reimpressões Belgas, por meio de certas convenções commerciaes entre os interessados de ambos os paizes. A sociedade dos litteratos da França occupa-se actualmente com o exame deste projecto, que lhe foi dirigido, e entregue por aquelle deputado. Nós desejamos anciosamente ver realisada a esperança de por qualquer meio terminar este opprobrio tanto ou mais barbaro, que o commercio da escravaria.

Não dissimulamos que pela Belgica nos vem mais facil e barata a leitura dos livros francezes; mas sobre não ser o interesse proprio razão, com que se possão roubos deffender; accresce que, se esta pirateria belga continuasse, talvez que em França muitos dos que escrevem, se deixassem de escrever; e muitos, dos que para escrever se houvessem de apparelhar, virassem de rumo para ir procurar mais rendosa occupação; e por este modo, a sáfara de livros, de que o presente se goza, viria a ser para o futuro, como a das oliveiras varejadas, origem infallivel de esterilidade, penuria, e carestia.

F. M. P. S. N.

Feira de livros.

ALLEMANHA.

180 A proxima feira de Leipsick vai a ser muito rica de novas obras. O catalogo das allemãs publicadas neste anno, e que devem lá apparecer, contém tres mil nove centas e setenta e sete: o maior numero destas obras pertence a Leipsick: a Berlin quatro centas e oitenta e três: nos Estados Austriacos duzentas e oitenta e cinco, das quaes cento e oitenta e tres procedem das imprensas de Vienna; e toda a Prussia fornece a feira de mil duzentas e trinta e seis obras. O numero dos livreiros, que por esta occazião concorrem ao mercado de Leipsick é de quinhentos e noventa e dois.

Bibliographia portugueza.

Analyse do Relatorio do Medico Valladares sobre a Administração da saude militar.

2.ª edição do Expositor Portuguez, ou rudimentos do ensino da lingua materna, por Luiz Francisco Midosi.

Cathalogo e dois novos supplementos de Livros d'instrucção, e de todas as Novellas, que até hoje se tem publicado em portuguez, tanto em Lisboa como em Paris.

Summamente nos parece curiosa e epigrammatica a alliança, que neste titulo se faz das palavras — Instrucção — e Novellas. — Sendo que as maiores rés da depravação moral e litteraria, que nos affoga, têem sido, estão sendo, e continuarão a ser, *se o diabo quizer*, as Novellas.

Principiou a Publicação da Galeria dos Vice-Reis e Governadores da India Portugueza.

Esta Galeria é formada das copias exactas e minuciosas dos Retratos, que existem nas salas do Palacio do Governo em Panzim, acompanhada de um rezumo historico dos factos mais notaveis de cada um.

Julgou-se conveniente copiar aquelles Retractos com todos os erros, e irregularidades, e até seguindo as manchas que apresentam por effeito de serem pintados em taboa e com más tintas (a maior parte).

Cada mez sahirão pelo menos 6 numeros, e cada numero a 160 reis — colorido —

O primeiro caderno traz os retractos de D. Francisco d'Almeida — e de Affonso d'Albuquerque.

OBRAS PARA PUBLICAR.

Está no prélo a traducção de KENILWORTH, de Walter Scott pelo Sr. André Joaquim Ramalho de Souza, conhecido, e mui devidamente estimado tradutor de IVANHOE e QUINTINO DURWARD. A presente obra deitará quatro volumes em 8.º, como cada uma das duas precedentes. Em sahindo fallaremos do seu mérito.

Vai imprimir-se uma obra intitulada, Memorias Theoricas e Praticas, sobre o Direito orphanologico, pelo Bacharel Antonio Joaquim Ferreira d'Eça e Leyva, da Villa de Guimarães; contém os principios praticos do mesmo direito em vista da Legislação antiga e moderna, um resumido tractado das successões em geral, formularios dos processos de Inventario, sentenças, e titulos de partilhas; autos de pobreza, contas dos tutores: diversos orçamentos e formas de partilhas em casos mais difficultosos; e uma dissertação sobre a nomeação dos prazos, cuja escolha é commettida a vontade de outrem: muito util a todos os Juizes, Delegados, Advogados, Escrivães, Procuradores e mais empregados que principião a exercer as funcções deste importante ramo de Jurisprudencia, e a todas as familias em geral. Preço para os assignantes 480 rs. e para os que o não forem 600 rs. pagos na entrega dos exemplares. — O Author fica cuidando em aprompiar para se imprimir passados alguns tempos um repertorio e indice geral alphabetico da mesma obra com suas notas e citações de algumas Leis que lhe escaparem.

HESPANHA.

Principios de Philosophia Moral. — Escriptos em Inglez por William Paley, modificados e adaptados ao Estado dos Hespanhoes, por Baeza Professor de Phylosophia e Moral.

Clinica medica, com a exposição dos principios da medicina organica, por Leon Rosta, e traduzida em Castelhano por Antonio Machado e João Cevallos.

E' uma obra indispensavel a todos os medicos que desejarem inteirar-se da medicina organica.

A Homeopathia ao alcance de todos.

Diccionario medico vulgar, ou medicina para o vulgo. — O seu objecto é destruir as preoccupações vulgares fazendo assim um serviço á humanidade, e vingando a sciencia.

Noticia historica da vida, tarefas litterarias, opiniões medicas e philosophicas de Broussais, precedida da sua profissão de fé. — Os interessantes pormenores que encerra sobre a vida litteraria e privada de Broussais a eloquencia dos discursos que traslada, recitados sobre a sua sepultura, e mais que tudo a profissão de fé do celebre reformador da medicina, tornão bastante recommendavel este livro.

Codigo Penal — Recopilação de quantos delictos, e penas comprehendem as leys, ordens e decretos reaes, e mais resoluções expedidas desde o primeiro de Outubro de 1832, mudança no systema governativo até ao actual, mostrados por ordem alphabetica e chronologica; obra muito util a toda a classe de Cidadãos, principalmente a fiscaes, juizes, advogados, e mais pessoas que de algum modo tem intervenção em assumptos judiciaes. Pelo licenciado Dr. Antonio Puga y Araujo.

Codigo Commercial. — Com a explicação ao pé de cada artigo, e com a solução das difficuldades e principaes questões que apresenta o texto.

Diccionario de Legislação e Jurisprudencia, Pelo Dr. Joaquim Escriche.

Tratados Criticos de pratica forense, segundo o methodo e a legislação actual. — O seu intuito he facilitar a juizes, advogados, escrivães, e quantos se consagrão ao foro, a intelligencia das causas que n'elle se tratão.

Elementos de Direito Civil de Hespanha, precedidos de uma revista historica da legislação hespanhola, por Pedro Gomes de Serra, e João Miguel Montalvan, Professores de Direito na Universidade de Madrid. — Foi recommendada pela Direcção dos Estudos na Capital. Seria para desejar que em obra de tão grande importancia houvesse mais ordem na disposição das materias, e mais clareza na exposição das doutrinas. A historia dos codigos acha-se completa n'estes elementos, o seu estilo he didactico, e pode-se dizer que é a melhor obra que até hoje se tem publicado na Hespanha sobre semelhante assumpto.

2.ª Edição de *Febrero* ou Livraria de Juizes, Advogados e Escrivães.

Tratado elementar dos Tabelliães por D. J. M. de Mas y Casas.

FRANÇA.

Historia sagrada ou resumo historico do antigo e novo testamento, por Emilio de Bonnechose.

Vida de S. Domingos, por Lacordaire.

Medicina das paixões, consideradas em suas relações com as molestias, leis e religião, pelo Doutor Descurets.

Tratado da Gastrite, por Besuchet.

O Technologista, ou archivos dos progressos da industria franceza e estrangeira.

Manual dos Inventores e Privilegiados.

Curso de litteratura antiga e moderna, por Dassance.

Historia critica da litteratura ingleza desde o reinado de Isabel até o principio do seculo XIX, por M. L. Mezieres.

As flores emblematicas, sua historia, simbolo, e lingua, por Madame Leneveux.

Historia da conquista do mundo e da monarchia universal, por Luiz Geoffroy, 1 vol.

Historia de França desde a invasão dos francos no reinado de *Clovis* até á acclamação de Luiz Philippe, por Emilio de Bonnechose — 5.ª Edição, muito augmentada.

ERRATAS. = Pagina 82. N.º 111 — Lêa-se 155 — e N.º 112 — lêa-se 156.

TYPOGRAPHIA DE J. A. S. RODRIGUES
Rua da Condeça n.º 19.

Scientifica, Litteraria, Agricola, Commercial,

Chronica Judicial, Artistica,

REVISTA UNIVERSAL.

e Economica de todo o mundo.

N.° 9.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS.

POR 12 NUMEROS	480
POR 24 »	960
POR 52 »	1920

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, RUA DOS FANQUEIROS N.° 107, 1.° ANDAR.

Quinta feira 25 de Novembro de 1841.

A redacção da REVISTA UNIVERSAL acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Phenomeno vegetal.

181 Já houve quem pela posta, e de logar bem distante, mandou ir o *pollen* da palmeira macha para fecundar as flores de uma palmeira fêmea, que apezar de ser arvore antiga, e bem alta, e arrear-se todos os annos de muitas flores, ainda não havia levado fructo. Por tão boa diligencia se estreou com uma donosa colheita de ricas tamaras: não andou ahi milagre, senão boa lembrança e acerto; tudo passou pelas vias ordinarias da natureza. Outro tanto se poderia fazer e lograr com a celebre *Alfarrobeira* de Alcantara, que deu (vai já em dois seculos) nome a um baluarte, que forma o flanco esquerdo das linhas desta capital; viuva, desde que mãos barbaras deceparam a sua namorada, que da outra banda do Tejo lhe enviava por sobre as aguas o fecundante *pollen*, não encontrou, que nos conste, mãos curiosas que tenhão procurado artificialmente fecundal-a. Já porém igual incuria a não tem havido entre nós para se pôrem em pratica exemplos analogos, ao que temos para mencionar; pois que em algumas partes havemos visto fructas, que pela exquesita aproximação, que se lhes havia feito de alheias flores com as suas, sahiram admiravelmente mixtas em côr, em figura, em grandeza, e em gosto, taes como damascos abrunhos, laranjas limões, e outras: metamorphoses essas, que todos os que tiverem pomares, facilmente poderão tentar, e conseguir.

Um estrangeiro naturalista botanico, e bem experimentado em materias d'agricultura, teve artes de converter amendoas em pêcegos; e os mostrou aos curiosos, que não foram poucos os que acudiram a certificar-se com seus olhos deste prodigio; e os encontraram em a mesma arvore, e nos mesmos ramos mui viçosos e bem criados, entre as amendoas estremes, que de pequenas fazião ainda maior contraste com o novo fructo. Dois destes pêcegos foram offerecidos á Sociedade d'Agricultura de Londres, (nem alcançamos que o dono se alargasse mais no presente) e alli foram examinados miudamente em todas suas particularidades, até em o sabor, se já não foi por elle, que as observações se encetaram. Segundo o juizo dos socios encarregados do exame, os pêcegos, filhos bastardos da amendoeira doce (que tal era a verdadeira natureza da arvore), erão de ta-

manho regular; a pelle coberta de cotão mais aspero e basto, que o ordinario, e muito vermelha (vermelho marmore) pelo lado que havia sido tocado do sol; o interior da polpa amarello desvanecido (côr de lima), succolento, e doce; porém não tão aromatico, como o bom pêcego: era tenro, e com facilidade despegava do carôço, o qual tinha uma certa feição de amendoa; porque era um pouco mais liso, e bicudo na parte superior. O Agricultor, dando razão do seu methodo, declarou, que para produzir este adulterio vegetal, colhia as flores de pecegueiro, que erão bem viçosas, e desabrochadas, arrancava-lhes as pétalas ou folhinhas com cuidado, e com os estames bem fartos de *pollen* tocava as flores da amendoeira, e os introduzia, como lhe era possivel, naquellas, que principiavão de se abrir. Segundo a opinião deste naturalista, a razão do phenomeno está em a analogia das arvores; e estas duas, segundo elle, são mui parentas. Tenciona semear os caroços, julgando, que esta operação offerecerá novidades mui curiosas. Alguns dos pêcegos ainda muito verdes racharam e foram despegando as duas faces do caroço, que se converteu em uma grande amendoa calva. F. M. P. S. N.

Problema d'agricultura.

FRANÇA — PORTUGAL.

182 Não é doutrina nova, senão muito antiga, e como tal bem authorisada, que baldado é todo o desejo de qualquer fim, se os meios de o alcançar se não põem por obra. Hoje são accordes entre nós os desejos de melhorar nossa agricultura; nem merecerá nome de portuguez quem de taes desejos não partilhar bom quinhão. Este sentir, e desejar commum, como é justo, nobre, e em materia tão assentada, que não consente controversias, nem subtilezas, tem forçosamente de unir todos os amigos da patria em por ella trabalharem com devoção, e fervor, cada qual pela maneira, que lhe é propria. Este brado de soccorro que a *Revista Universal* bem rijo soltou, foi ouvido por toda a parte, e não será jámais despresado, porque é elle o bradar da patria. Todos acudíram, e se apparelhão para a grande obra: agora resta especifical-a, e traçar-lhe o plano. Não tardará o dia, em que elle appareça, e em que possamos dar alvitre de tanto gosto. E por muito que sobre esta materia tenhamos lançado nossas vistas, e repetido reflexões; nem por isso nos damos por desobrigados de procurar novos motivos de continuarmos por nosso officio; pois que, por pesado que para nós seja, e molesto para alguem tanto martellar, como por nossa conta o tomámos, não é razão, que por descuido nosso, ou por enjôo alheio, levantemos mão.

Um grande problema, e premio não pequeno, a quem melhor o resolver, foi proposto pela Sociedade d'Agricultura, Commercio, e Artes do Departamento do Marne = Sublimar a agricultura franceza á maior perfeição, e prosperidade industrial e commercial; por modo que se mantenha superior a todas as riquezas nacionaes. = Este é tambem o nosso problema; e para que o seja com mais propriedade, não tomaremos em conta a segunda parte, pois que ella é certa, como a primeira por alguma fórma se resolva. Fiamos, (e temos grandes fundamentos para responder por nossa fiança) e mais que nunca fiamos agora do amor patrio, e do brio portuguez, sempre grande e forte, a resolução deste problema: não tardará muito, que a *Revista Universal* não vos diga = Foi confiado aos mais idoneos do nosso paiz . . . lá se reuníram . . eis a sua resolução.

F. M. P. S. N

Estradas.

PORTUGAL.

183 Em o nosso artigo 37, por occasião de fallarmos sobre a facilidade e rapidez de communicações na Inglaterra, e n'outros paizes, rogámos ás Camaras Municipaes que entendessem em tão importante assumpto, e nos dessem ao menos boas estradas, já que permittido nos não é, por em quanto, aspirar a possuir caminhos de ferro.

Sentimos um verdadeiro abalo de orgulho nacional, ao saber que o nosso desejo, dentro em pouco se transformará em realidade, o que, sem auxilio pecuniario, nem industrial, de estrangeiros, emularemos dentro em poucos annos as nações mais cultas, que se prezão do bom estado de seus caminhos.

Ao Snr. Conselheiro Brandão é que Portugal será devedor de tão repentina metamorphose! Aos céos praza que o espirito de inveja e rivalidade, ou algum outro motivo mesquinho e miseravel, não venhão lançar por terra o plano que tão patrioticamente ideou, e que de presentes, e vindouros, tem de ser abençoado.

Notou o Snr. Brandão, na sua recente excursão por paizes estrangeiros, serem por lá as estradas mais populosas do que entre nós outros o são as ruas, e a si mesmo perguntou

se não haveria modo por onde chegassemos a igual ou semelhante ponto? foi a resposta conforme com o desejo, e desde logo principiou a estudar sizudamente na materia, e traçou o plano que já varios jornaes pelo Publico derramaram. Mas para em tudo proceder prudentemente, e haver certeza de resultado, buscou antes de mais nada averiguar se na cooperação das competentes authoridades de todos os conselhos de districto acharia o indispensavel elemento para que vingasse a mais bella idea, que em Portuguez de hoje se podia levantar: tambem isso lhe sahiu á medida do coração, e bem hajam os que assim se mostram dignos do cargo que occupão consultando antes de tudo os verdadeiros interesses do povo que administrão.

Ainda aqui não parou o Snr. Brandão. Receando que o espirito de parcialidade envenenasse as mais puras intenções, e que nem todos os Portuguezes se reunissem para uma obra, que exigia o concurso de todos elles, e que só assim poderia ser realisada, submetteu o seu plano a El-Rei, que efficazmente o animou, affiançando-lhe a sua augusta protecção e a de Sua Magestade a Rainha; em seguida o propoz ao Snr. Duque de Palmella, e entre ambos se decidio que 5 ou 6 pessoas das mais authorizadas, se porião á frente de tal empreza, e tratarião de encarreira-la.

Contra a praxe desgraçadamente seguida em quasi todas nossas cousas, não pararam em simplices palavras todas as esperanças dadas pelos primeiros, que para tal fim se reuniram, nem hão sido infructiferos os seu trabalhos. Uma sociedade composta de mai de 70 membros, entre os quaes figurão (álem de muitas outras eminencias) os Snrs. Duque de Palmella, Marquez de Fayal, Visconde de Sá, Gomes de Castro, Florido, Felix Pereira de Magalhães, Conde de Lavradio, Palha, etc., etc., se ha por varias vezes reunido em casa do primeiro d'estes Srs., e ali se tem maduramente discutido, artigo por artigo, o projecto do Snr. Brandão.

Ninguem ha que deixe de reconhecer a sua utilidade, e o quanto é exequivel; e cabe ao Snr. Brandão a gloria de que só tenues modificações hão sido até agora feitas na obra que tão patrioticamente preparou. Alem do sincero e cordial agradecimento do Povo, deve-lhe o Governo um testemunho publico de consideração e apreço a quem assim se desvela pelo incremento da prosperidade nacional.

A. M. de C.

Fornalha economica.

LISBOA.

131 A construcção da fornalha espiral, de que damos noticia neste artigo, tem, por ser obra em tudo portugueza, um manifesto direito de preferencia, para que seja publicada neste jornal: e havemos, que nossos leitores folgarão tanto como nós, com taes publicações. Foi esta fornalha construida sob o plano, e direcção d'um dos mais illustres machinistas portuguezes, (o Snr. Gaspar José Marques) em a cosinha do Asilo dos Pobres, estabelecido em o edificio, que foi convento de Santo Antonio dos Capuchos: é soterrada, obra de seis palmos, para baixo do pavimento da casa; e ajustada a um grande caldeirão, onde se podem cozinhar com largueza quatrocentas rações, passando lhe em roda um bueiro espiral de tres quartos de palmo de vão quadrado, construido de tijolo bem refractario, pelo qual dilatando-se as labarredas, para sairem pela chaminé, vão applicando por esta forma, e com grandissima economia, a sua acção sobre o fundo e paredes do caldeirão: donde resulta a facilidade, com que ferve, e se coze a comida. O cinzeiro em sua altura, e largura tem capacidade onze vezes maior, que os cubicos da espiral; e para elle se desce por uns degraus proporcionados ao serviço de ministrar a lenha, temperar o fogo, e colher as cinzas que cahem no crivo da fornalha. As grelhas são de ferro e de grossura propria, e seus intervallos não têem mais d'um quarto de polegada. O fundo do caldeirão anda na altura de dez polegadas, para guardar a verdadeira distancia, que deve haver entre elle, e as grelhas. A porta do fogão é igualmente de ferro; tem um respiradouro de meia polegada de diametro, por onde, passando uma columna d'ar correspondente, facilita a combustão da lenha, e se decompõe por uma fórma muito vantajoza. Esta resumida noticia, é quanto basta para se conhecer a utilidade da construcção das fornalhas espiraes, cujo modelo se acha no Conservatorio das artes, e officios desta Capital; onde pode ser observado, e estudado pelos artifices, que desejarem adquirir conhecimentos mais circunstanciados. O que nos cabe declarar é, que por esta fórma se economisa passante da terça parte dos combustiveis, que por qualquer outra se gastarião: que o calor se conserva por muito tempo, e por modo, que não ha risco de se queimar a comida: e por fim que é muito facil o maneio, e tempêro, do caldeirão;

porque em roda delle pode o cozinheiro inspeccionar o que ali ha; e extrahir as rações para as competentes escudelas, ou pratos, a qualquer hora, que melhor convier.
F. M. P. S. N.

Metamorphose do vidro.
FRANÇA.

185 Deu-se agora em Paris patente de invenção por um extraordinario e mui vantajoso aperfeiçoamento no fabrico de louças e vidros. Como um e outro genero são em toda a parte de grande e geral consumo, e de ambos possuimos fabricas, e algumas em grande ponto de apuro, convirá, menos talvez a seus donos, que ao restante do Publico, pôr aqui a pouca noticia, que ácerca do assumpto conseguimos.

Descobriu-se, e casualmente, que por via de maior demora no forno, e cosedura mais prolixa, todos os utensis e vasos de vidro, ganhavão uma rijeza portentosa, e opacidade completa, com uma côr proporcionada ás materias da composição da massa.

Mais affirmão dos vasos feitos deste vidro degenerado ou regenerado, pois têem que á conta de haverem perdido na cosedura os saes alcalinos, os quaes, segundo se diz, se volatilisão, ganhão entre outras partes e qualidades, mui para notar, a de ficarem em summo grão refractarios, e poderem passar do extremo frio ao extremo calor, ou viceversa, sem estalarem, como succede ás porcelanas, louças de barro, copos, etc.

Do que levamos dito parece que direitamente se pode inferir que a transparencia dos vidros, e cristaes em geral, se deve attribuir aos saes fusiveis e deliquescentes, que entrão no seu mixto; e que retirados elles só remanesce uma materia silicosa, mais ou menos pura, conforme os ingredientes de que foi temperada.

Isto, que á primeira vista só parece curioso, pode vir a encurtar, e não pouco, uma das mais desagradaveis verbas nos roes diarios de todas as casas, que é a derrota da louça.

Nova materia para allumiar.
BELGICA.

186 Pelo que dizem os ultimos jornaes á cerca do descobrimento, que Noorbeeck, fabricante de cerveja, e distillador em Bruges, fez de uma nova substancia, que pode ser empregada em logar do azeite para allumiar quartos, sallas, theatros, ruas, e praças, temos de ver, dentro de poucos tempos, uma geral mudança neste ponto. O novo liquido serve para candieiros, lampadas, lustres, ou quaesquer similhantes machinas; como seja tocado do fogo logo se inflamma; dá luz grande, firme, e tanto, ou mais clara, que a do gaz; não lança fumo; nem consome torcida; resiste á acção do ar; e não cança a vista, antes pelo contrario lhe é a mais favoravel, que até hoje se conhece. O que mais que tudo torna este liquido preferivel, é o modico do seu preço; pois não se gasta, senão mui imperceptivelmente; e segundo calculos muito miudos, cada luz de tamanho ordinario vem a importar na centessima parte do que leva a de azeite. O inventor pediu, que para dar publico testemunho da utilidade desta nova materia, que possa convencer os incredulos, e assegurar sua reputação, lhe fosse permittido allumiar a praça de Bruges; e que ali se fação todas as investigações, e observações, que se julgarem necessarias.

Quem não ficará anciosamente aguardando a vulgarisação deste espantoso beneficio, com o qual todos, desde os paços do maior imperador até ás choças do mais razo mendigo, todos, afora os fabricantes de cera, stearina, espermacete, e cebo, se acharão mais ricos do que estavão! F. M. P. S. N.

Fragata de vapor de nova construcção.
INGLATERRA.

187 Ha um novo systema de construcção de barcos de vapor, conhecido com o nome de systema gorgonno, cujo author é Seward. Afóra as primazias de seu methodo em quanto a segurança da construcção, acresce, que por elle se economiza uma quarta parte do peso, e passante d'um bom terço do espaço, que as antigas construcções roubavão aos navios: e claro fica quanto vão estas duas circunstancias acrescentando os lucros commerciaes. Eis aqui uma boa prova: A fragata de vapor Guyser, lançada há poucos dias ao mar em Sheerness, é lotada em mil e sessenta toneladas, e na força de trezentos cavalos: tem um largo deposito de trezentas toneladas de carvão, com que pode correr viagem de mais de quinze dias: sobre o convez, sem mencionar outros pequenos arranjos, tem um bom quartel para a sua marinharia, e para trezentos soldados com seu trem: tem duas peças que lanção balas de noventa e oito arrateis de peso, e mais quatro pouco menores. Estas, e outras mais accommodações, que offerece a fragata Guyser, estão mostrando, a olhos vistos, as vantagens do systema Gorgonno, segundo o qual ella foi construida. R. L.

INDEX

Das materias contidas nas 100 paginas precedentes.

N. B. _ *Para commodo dos nossos leitores, e para com muita facilidade poderem encontrar de relance com qualquer artigo d'este Jornal, daremos sempre ao cabo de cada 100 paginas um repertorio do que n'ellas houver, e no fim de cada volume, isto é, de cada um anno, uma taboa geral e miudissima. Posto que seja novo este systema, á conta de suas obvias incontestaveis vantagens, assentámos em o adoptar, e a todos os redactores de Jornaes de Miscellanea o recommendamos. E' um pequeno presente que todos os assignantes receberão com gosto.*

Os numeros, quando não levão *pag.*, referem-se aos artigos.

Utilissimo instrumento de cirurgia.

PARIS.

188 Guillon, doutor em medicina, apresentou á Academia das Sciencias de Paris um delicadissimo instrumento, que se não é em tudo de sua invenção, ao menos o é em grande parte, e em particular no rapido desempenho de duas operações difficeis, que por elle se prefazem ao mesmo tempo. Serve para quebrar, e extrahir as pedras da bexiga. O que maior admiração causou aos socios da Academia, que o examinaram, foi a perfeição, e subtileza, com que em um tão delgado instrumento se contèem outros indispensaveis para se effeituar esta melindrosa operação, sem cauzar dores ao doente. Reune álem disto a particularidade de facilitar, por um modo extraordinario, a expulsão das pedras, e fragmentos, a que se ellas reduzem. Mais de quarenta pedras extrahidas com toda a facilidade e presteza por meio do seu instrumento, mostrou este facultativo na mesma occasião á Academia.

E' èsta doença entre nós frequente, e grande causadora de angustias, e mortes. E posto que tratada seja ao presente com todo o esmero, e perfeição, pelos nossos facultativos portuguezes, merece comtudo que por lhe atalhar ou diminuir os tormentos e perigos, a nenhum sacrificio se poupem os professores da divina arte de curar. Mas nem de sacrificio cabe nome á diligencia de mandar vir destes instrumentos, examinal-os, aprender seu uso, e, se convier, segui-lo. O nome, por que em París são conhecidos „ *Brise-pierre à evacuation, et à percussion simultanée de Mr. Guillon.* F. M. P. S. N.

Explosão de caldeiras de vapor attribuida á electricidade.

BELGICA — FRANÇA.

189 Communicou-se ha poucos dias á Academia das Sciencias de París a noticia da explosão de uma caldeira de vapor em Vieux Vallet, na Belgica. Arrebentou em dois estilhaços, e cada um d'elles, partindo em opposta direcção, fez pedaços quanto no caminho topou. Até aqui nada maravilha; todavia no exame d'aquelles dois estilhaços achou o celebre *Arago* materia para profundas observações.

Ao pé da caldeira, mas sem communicação alguma com ella, estavão dois caldeirões destapados, e enterrados no chão; que aconteceu no momento da explosão? saltaram, arremeçando-se por cima do espaço que occupava a caldeira, para o ponto opposto ao em que primitivamente se achavão, seguindo uma direcção que formava um angulo recto com a dos fragmentos da caldeira. A força de projecção d'estes caldeirões, o caminho que seguiram, e as circunstancias em que o phenomeno se realisou, tudo parece confirmar a opinião de que a explosão dos caldeirões é um phenomeno electrico, e com tal hypothese se explica tão facilmente, quanto seria difficil comprehende-la attribuindo-a sómente a uma causa mechanica.

Quanto á electricidade do vapor de agua, já varios factos e experiencias a havião demonstrado, e até um engenheiro belga, por nome *Tassin*, chegou a observa-la manifestamente no jorro de vapor, que sahia pela valvula de segurança de uma caldeira ordinaria.

Seguier provou com toda a evidencia o facto indicado por Tassin. Poz-se em cima de um isolador ou tamborete com pés de vidro, affastado, obra de uma vara, do orificio de uma valvula de segurança, e introduzindo no jorro do vapor uma hastea de metal, com a ponta ramificada em um feixe de bicos, dentro em pouco se carregou de fluido electrico. Passados poucos segundos ouriçaram-se-lhe os cabellos, e sahiram-lhe chammas do corpo, que saltavão até á distancia de alguns centimetros para os corpos conductores.

O tempo que dura a accumulação do fluido electrico depende do ponto por onde se introduz o feixe dos bicos no jorro do vapor; ainda todavia não está determinado qual seja o ponto d'elle em que se obtem o maximo effeito. Seguier só pôde provar até agora, que ha grande differença no tempo necessario para que se accumule o fluido na pessoa, segundo a parte do jorro, em que se o feixe introduz; mas prometteu fazer novas experiencias sobre tão notavel phenomeno. Deos lhe ponha a virtude, que d'estes conhecimentos bem assentados provavelmente havemos de sacar a grande vantagem de podermos, por via de apparelhos competentes, precaver-nos contra as explosões das caldeiras de vapor, que tantas desgraças têem já causado por esse mundo. R. L

Nova bóia de salvação.

FRANÇA.

190 Desde mui antigos tempos, e provavelmente desde que o mar começou de ser

navegado, tem apparecido differentes remedios para salvação dos naufragantes; aprestados uns pelo ingenho e prudencia da arte, suggeridos outros pela propria afflicção no meio da tormenta. Todos porém os de que havemos noticia, álem de serem imperfeitos e mui arriscados, sómente olhavão para a vida, que, sem duvida, grande fortuna é poder salval-a em taes apertos; a nova boia, de que ora fazemos escritura, sobre livrar as vidas, providentemente acode pelo proprio navio e fazendas de sua carga. *Nautile de Sauvetage* lhe poz por nome seu author Longchamp, o qual, estes dias atraz, a apresentou á Academia das Sciencias de París. E' composta d'uma caixa de zinco, do comprimento de tres varas, que se lança ao mar; o lombo deste golphinho mineral é revestido d'aduellas de madeira, com o que fica roliço; vai apparelhado com uma sella mui comprida, e seus tres pares de estribos pendentes. Cavalgão nelle tres pessoas, e o governão contra a terra, não com freio como os Tritões, mas com certo engenho de rodas, com pás de madeira ou de lona, as quaes, para o mover, não é na agua que fazem resistencia, mas no ar. Assim se levão airosamente para onde lhes convem, zombando do marulho e vagas, pois quantas vezes sob ellas se abismão tantas resurgem, que não é a besta marinha das que viram: unica destreza é essa a que jámais a poderião obrigar. A' cauda d'este bom monstro vai preso um cabo, cuja outra ponta ficou bem segura a bordo do navio, e por elle, mal que poserem os pés em terra de salvamento, o podem puxar.

Quanto á particularidade, mui admiravel, de se mover com rodas que só pegão no ar, recorda o author não ser esse invento de sua lavra, pois que já no rio Sena, em París, no anno de 1785, d'aquella mesma arte, se fizerão andar botes.

O salvar os navios por este meio, claro é que só em visinhança de porto, ou costas, se poderá conseguir; mas em mares bravos, onde as lanchas dos naufragos tantas vezes são comidas, sempre assim fica muito augmentada a probabilidade de escapar.

F. M. P. S. N.

Vestidos de duas vistas.

191 Foi pelo governo francez outorgado privilegio d'invenção a Bankofski, habil alfaiate, em París, pela sua artificiosa obra. Ingenhoso é sem duvida o artifice, que sabe amoldar ás circunstancias dos tempos, lugares, e pessoas, os productos da sua arte; serve á sua e alheia utilidade. Fantasiou e levou a cabo este mestre Bankofski uma nova forma de fato d'homem, que excedendo pouco no custo (segundo elle affirma) val dobrado em duração, vista, e talhe. Estes vestidos são feitos de tal geito, que não ha nelles avesso, senão que d'ambas as faces é o direito; e assim vem cada huma destas faces a representar um novo e diverso vestido em côr, e feição. Não se pode por tanto duvidar, que seja de grandissima utilidade, não só pelo que em dinheiro se poupará, mas tambem pela presteza com que qualquer pessoa, sem lhe ser necessario tornar a casa, se poderá transformar segundo as circunstancias. ¡E que nos dareis em verdade mais commodo do que entrar de galla a dar os parabens a uma noiva em um primeiro andar, e apparecer logo no segundo de luto a dar os pèzames a uma viuva? A arte de virar as casacas já era sabida, e subida a grande ponto de perfeição; mas com tanto aceio ainda ninguem até agora o tinha feito. E' uma luva lançada pelos alfaiates ás modistas. Recusal-a-hão ellas? ou deixar-se-hão vencer em talento metamorphoseador? Não: brevemente apparecerá um Bankofski femenino, e os jornaes das modas farão bem em lhe consagrar um altar doirado com figurinos de joelhos a incensal-o.

F. M. P. S. N.

Veneno para as pulgas.

EUROPA ORIENTAL.

192 Quem ha ahi, que em noite de verão, quando quebrantado dos calores diurnos mais se carece de repouso, ou respirando a embreaguez de toda a natureza, só em delicias se cogita, não amaldiçoasse aquelle insecto, tão malefico, sob a apparencia de folgazão, que nos persegue, nos assalta, nos desatina, nos punge, nos provoca, nos escapa, nos escarnece, e não descança, senão já repleto, e porventura ébrio do nosso sangue? quem ha, que em seu furor, e pelejando na escuridade contra aquelles teimosos e incomprehensiveis inimigos, não chegasse a murmurar contra a Providencia, que em forma-los, parece haver lançado uma nodoa no painel rico e harmonioso da creação? Entretanto os que não parão com o discurso pela rama das coisas, e lhes descem á raiz, algumas vantagens descobrem, outras suspeitão, e infinitas haverá, que ninguem suspeita nem descobre, assim na existencia da pulga, como na de outras, ainda peiores,

mais repugnantes, e mais asquerosas creaturas.

No seu capitulo sobre a pulga diz *Latreille* no diccionario francez de Historia natural — Sem razão nos queixamos aqui da natureza: admiremos a sabedoria que em todos seus designios se manifesta: tomou Deus o aguilhão da dor, mas dor leve, para nos fazer tornar sobre nós no meio do desarranjo e immundicie, e encaminhar-nos por via do aceio e diligencia para fóra de um viver, em que se os vicios cévão e engordão. — A verdade é que da aversão contra esta praga vem a final a resultar commodos, e que onde pelo desleixo a deixão vingar, se já se não pode dizer que val como incentivo e lei, servirá ao menos de castigo e de escarmento: por onde sempre tinha razão um philosopho, amigo nosso, o qual dizia que se fòra possivel, que lhe Deus amostrasse o registro de todas suas creaturas, e lhe perguntasse, quaes dellas queria abolidas, não ousára elle contra nenhumas dar sentença, por medo de deixar peior o mundo, cuidando melhoral-o.—Até aqui vai sãa a Theologia e sãa a Philosophia: ¿ mas haverá contra alguma dellas aggravo em procurar diminuir o numero de uns animaezinhos tão desesperadoramente prolificos? Não: e oxalá que se podéra isso conseguir; que não somos nós como os Indios de Surrate, que tèem um hospital para pulgas, onde todas as noites mui pontualmente ha de ir dormir ou vellar um tollo, caridosamente offerecido a lhes servir de pasto.

Varias e numerosas são as receitas contra as pulgas; e nisso de serem numerosas e varias consiste, quanto a nós, a sua maior suspeição. A muitas das plantas valentemente aromaticas attribuem creditos de as affugentar. Nos Estados Unidos servem-se para isso das folhas da nogueira: na Virginia, consta-nos, que usão da *Bignonia radicans* de Linneo, que em inglez se chama *Scarlet trumpet flower*. Os moradores da Ilha da Madeira louvão como efficaz a verdura do vinhátago *Laurus indica*, e tambem entre nós outros, *loureiro da India*. No supracitado author e capitulo achamos outras muitas receitas, e quaes as achamos as offerecemos á experiencia dos interessados; a da segurelha, a do poêjo, a da persicaria, e a dos ramos de álamo. Tambem se valem de um unguento mercurial, ou agua fervida com mercurio simples, e derramada ainda a ferver pelo quarto. Ha quem aconselhe os fumos do enxofre. Na Delcarlia, estendem na casa pelles de lebre; as pulgas emboscão-se nellas; e logo com agua ao lume facilmente se destroem.

No Vocabulario de Bluteau está, que a herva *pulgueira*, se chama assim, ou porque a sua semente se parece muito com a pulga, ou porque as pulgas fogem della.

Mais eis-aqui o mais moderno alvitre colhido no *Constitucional* francez de 5 do corrente Novembro.—Em quanto andei pelas partes orientaes da Europa, diz *Cantraine* escrevendo para a Academia das Sciencias e Bellas Letras de Bruxellas, espantei-me da pouquidade das pulgas por meio de tão crassa immundicie como por lá vai. Vim depois a saber em Raguza que os da Bosthnia e os da Dalmacia havião descoberto no *Chrysanthemum Leucanthemum* de Linneo (é o malmequer) um especifico maravilhoso contra aquelles importunos sugadores do sangue humano. Tomão esta planta murcha, e mettem-na na cama dos animaes domesticos, gatos, cães, etc. E logo as pulgas levão cresta. Se esta herva, tão commum, tem cá a mesma virtude, grande proveito poderião sacar della tanto os palacios, como as choupanas.

E eis-ahi o porque nos não corremos, do que em olhar para pulgas e malmequeres nos havemos dilatado. Já com menos util empenho, e por duas vezes, e mais copiosamente, se viu a pulga cantada; uma em versos, que mereceram ser attribuidos a Ovidio; outra em prosa de Pigault Lebrun; prosa sim, mas com licença para poder passar por versos da *opera lyrica franceza*. X.

Traça nos livros.

FRANÇA.

193 MUITAS são as molestias accidentaes, de que os livros adoecem, e morrem, sem fallar em algumas herdadas dos pais, que os engendraram; e com que tantos principalmente hoje vem logo a lume cacheticos e moribundos. Das pragas externas, que assolão os livros, nenhuma sabemos tão damninha, (e já desde o tempo de Horacio) como os tendeiros, e a traça. Verdade é; tanto anda em tudo o dedo da Providencia! que se não forão traças e tendeiros, brevemente, por peccados seus, se veria o mundo submergido em segundo diluvio, diluvio de papel; mas, porque muitas vezes ambos estes agentes providenciaes destroem, o que por nenhuma via o merecêra, muito seria para desejar, que para estes raros casos se descobrisse preservativo efficaz, e especifico infallivel. Contra os tendeiros, a cujo zelo incançavel devem talvez os bibliomaniacos, sem o cuidarem, o grande valor de algumas das joias de suas bibliothe-

cas, ainda nenhuma Academia descobriu, nem procurou remedio. Contra a traça não é assim. Em todo o tempo, e em toda a parte, se tem diligenciado, mas baldadamente, exterminal-a. Eis-aqui a este respeito um incentivo, que aos engenhos curiosos, e aos naturalistas de todo o mundo, e por consequencia tambem aos de nossa terra, acaba de propôr a Sociedade dos Bibliophilos de Mons.

Uma medalha de oiro do valor de dezesseis mil réis para quem descobrir meios faceis e economicos de conservar os livros e defendel-os dos insectos. Quer-se remedio, que possa servir, assim para as pequenas como para as grandes livrarias.

Os manuscriptos dos concorrentes devem ir enderegados ao Secretario da mesma Sociedade antes do primeiro do proximo Agosto, acompanhados de carta fechada, onde vá encerrado o nome do auctor; e que por fóra tenha repetido o mesmo signal, com que for marcado o manuscripto. A memoria ficará pertencendo á Sociedade, a qual a publicará para gloria e satisfação do inventor, e proveito de seus collegas de todo o mundo.

X.

O ler.

VALENCIENNES. PORTUGAL.

194 Assim como não consiste a prosperidade dos estados nos grandes montes de fazenda e oiro, senão em uma honesta abastança publica e geral, assim na publica e geral sciencia, moda, e gosto da leitura, muito mais do que em altisonantes Universidades, Academias e Lycêos, está a verdadeira sciencia e sapiencia de um povo.

Axioma é já este para todos os bons espiritos; não ha que demonstral-o; até o repetil-o é já quasi de sobejo; e todavia não vemos nós que se attenda, como cumpriria, a universalisar esta sciencia, esta moda, este gosto da leitura.

Muitas são as vias por onde se póde concorrer para este fim abençoado; o multiplicar as escolas primarias; conferir premios aos que nellas se distinguirem; inhabilitar os incredulos inimigos do alphabeto para todo o genero de emprego, ou officio, ou mister, como na Dinamarca se pratica; fomentar a publicação dos papeis uteis e curiosos; e influir o gosto d'elles e dos bons livros pelo vulgo indouto e pelos rusticos. Obra grande, obra maxima é esta, em que para todos ha quinhão de trabalho, e louvor; para quem legisla, para quem governa, para quem administra, e até para os simplices particulares. Mas só á humanidade e zelo destes ultimos nos dirigimos agora. E' hoje Toscana um dos mais aventurados recantos do mundo. Nessa Italia da Italia está a Sociedade humana em tanto ponto de suave bemaventurança, que depois de admirar a terra onde habita, e o céo, que a cobre, o viajante sente com amor, que entre o céo, a terra, e ella, reina uma tacita, uma indiffinivel harmonia: o céo ri, a terra floreja e fructifica; os moradores amão-se e ajudão-se. Não ha mendigos, não ha salteadores, não ha homicidas; a pena de morte é uma tradição confusa; a noticia das revoluções um conto; o odio mutuo das classes um impossivel. E' porque em Toscana todo o povo sabe ler, e lê; a leitura o illustra, e moralisa; abre-lhe e multiplica-lhe os caminhos para a prosperidade e contentamento; não lhe deixa no ocio parte alguma para o tedio que gera os vicios; para os vicios, que produzem a depravação e os attentados. A nobreza e o clero conseguiram, não por calculo de politica, mas por mero amor e benevolencia, o espalhar pelas officinas, aldêas, e casaes da Toscana, o exercicio e a ancia de ler, que operou com o tempo esta revolução.

Em algumas partes da Inglaterra sabido é como os parochos, e algumas sociedades de amigos da humanidade, (pelo menos, e indubitavelmente, da humanidade ingleza,) têem conseguido por via dos livros, e em particular dos livros piedosos, domesticar a nativa ferocidade do povo agreste.

Estas foram sem duvida as razões, se não forão estes os exemplos, porque se ora instituio em Valenciennes uma Bibliotheca instructiva e recreativa, fundada por homens bons e generosos, para dar gratuitamente o alimento da alma aos que por seu dinheiro o não podessem grangear.

Na manhãa de cada Domingo, por discurso de uma hora ou duas, ahi se emprestão livros para casa de familias honestas, que já acodem ás rebatinhas a pedil'os, e de oito em oito dias os vem trocar por outros novos. Os socios directores lh'os escolhem e recommendão; lhes inculcão delles o melhor, lhes solvem as duvidas, lhes aplanão e facilitão a intelligencia. O operario e seu filho, em vez de irem para o pagode da taberna malbaratar a saude, a fazenda, e a boa fama, ficão-se ao seu lar, lendo entre seus parentes e parentas, visinhos e visinhas, coisas, que a todos aproveitão; e repassando-se cada vez mais e melhor do sabor do trato domestico, das delicias do viver intimo, do

contentamento puro, que rara vez se encontra para fóra das amphóras conhecidas da propria pousada. Não páram aqui os auctores desta boa obra; vão-se umas vezes por outras a essas mesmas casas, onde são recebidos como amigos, conversão, e interrogão ácerca da leitura, ora ao filho, ora á filha; encaminhão-nos suavemente, affervórão-nos com o louvor, e citando-lhes os exemplos dos mais aproveitados, lhes suscitão a nobre inveja de serem tambem algum dia apontados aos incuriosos por modelos. No fim do anno receberá a Sociede da mão destes seus zelosos e incançaveis fiscaes as informações miudas e certas dos progressos, que nas artes, nas sciencias, na religião, na moral; especialmente na moral pratica, e por obra, houverem feito todos estes filhos adoptivos de sua caridade; e segundo os diversos gráos dos meritos averiguados se lhes distribuirão premios solemnemente: alguns serão fructo de subscripções pela mesma Sociedade sollicitadas e obtidas; outros honras, que em toda a parte onde não falte cabedal de virtude mui facilmente se podem dar.

Abrangei bem todas as consequencias felizes que para o individuo, para a familia, para a cidade, para o mundo, para a terra, para o céo, podem resultar de tal sistema!! Oh! que se as abrangeis, vós outros os poderosos (e quem ha que para tão facil coisa o não seja?), este exemplo de Valenciennes será em terra do nosso, ainda não desesperado, nem perdido Portugal, uma semente de que não só nossos filhos, senão nós mesmos, colheremos e gozaremos ainda muito fructo!

— A. F. de C.

Antigualhas Curiosas do Museu da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

195 FRACA e dependente se conheceu a humanidade em todos os tempos; de o conhecer e sentil-o, proveio a sua veneração para com Deuses fantasticos, e a deificação de quantos varões, por phisicas ou moraes excellencias, ou por favores do acaso, se extremáram. D'aqui, e de um innato e universal principio de gratidão, resultou, a par do culto religioso, outro culto, quasi religioso, o historico; pediu-se ás artes, pediu-se á poesia, que empregassem ellas a materia, e ella a linguagem, para darem neste mundo visivel, mas passageiro, uma especie de realidade e perpetuidade a entes immortaes, mas invisiveis, ou mortos; assim o barro, os lenhos, os metaes, as pedras, as côres, e os canticos, povoaram para logo o mundo de simulacros de Divindades, de simbolos, que nol-as representão, bem como dos bustos, nomes e acções dos homens celebres, a quem o reconhecimento honrou, concedendo-lhes o — accessit — á cathegoria dos immortaes: por isso é que os povos da antiguidade mais alluminados legaram ás gerações, que estavão por vir, uma infinidade de typos das Divindades de suas terras, e forcejaram por tornar dignos do seu alto destino os edificios consagrados ao culto de suas Divindades. E' incontestavel que em todas as épochas os homens, que se collocaram á frente das nações, com o nobre empenho de dirigir seus destinos, julgaram que as impressões moraes contribuião para a estabilidade dos imperios; e parece que o mesmo empenho levou todos os povos, uns mais, outros menos, a gravarem, nos templos de suas Divindades, e nos tumulos, onde se encerrava tudo que na terra lhes havia sido mais caro, as imagens ou os symbolos dos Deozes, dos Reis, dos Heroes; os preceitos sagrados, e o espectaculo do culto, e da sociedade civil. Todos estes monumentos, por mais rudes e imperfeitos, que alguns se nos apresentem, devem excitar em nós o mais decidido interesse, não só por serem os traços mais antigos, que mãos de homem deixaram sobre a terra; traços, que nos dão a conhecer o que erão então o espirito e costumes das nações, mas até porque referindo-se ás ceremonias religiosas, aos costumes publicos e privados, aos usos da guerra e da navegação, em fim, a todas as artes civis, deixar d'estuda-los seria a maior falha na sciencia moderna; a maior e a mais escandalosa ingratidão, com que este seculo, appelidado das luzes, corresponderia ao empenho dos Petrarchas, dos Nicolis, dos Winkelmanns, e outros, a quem seu declarado amor da Historia, da Litteratura e das Artes, fecundado por uma applicação assidua, levou não só a estudar, e reparar os monumentos, a que a barbarie cahíra respeito, mas a arrancar das entranhas da terra aquelles, que o Genio das Sciencias e das Artes parecia estar escondendo ao conhecimento de profanas gerações. Portanto a nós Portuguezes do seculo XIX, deste seculo de progresso e civilisação; a nós, filhos d'uma nação por tantos titulos gloriosa, e grande, cumpre não deixar de baldio um terreno, que fructos tão salutares tem produsido, e produsirá para as Sciencias, e para as Artes; applicando-nos, segundo o nobre exemplo das Nações mais illustradas, a

um ramo de Sciencia, tão presado na Europa, quão menoscabado entre nós outros, a Archeologia — sciencia, que tendo por alvo a noticia da antiguidade, entre todos os povos, por todos os meios, e particularmente pelos monumentos da arte, nos ensina a examinar as obras materiaes, sahidas das mãos do homem; a determinar sua authenticidade, a épocha, e a nação a que pertencem, sua importancia absoluta, ou relativa sob as relações historicas: sciencia, que nos leva a reconhecer que, posto que todos os povos tivessem o mesmo fim, cada um, segundo seu genio particular, segundo suas idéas e habitos, teve crenças, regras, proporções, e um gosto tambem particular, que ao Historiador, ao Litterato, e ao Artista cumpre distinguir, para não caracterisar como Divindades, usos e habitos Egypcios, os que o forem peculiares da Grecia ou Roma; para não confundir os monumentos Etruscos com os Celtiberos ou Gallos; em fim para dar a cada pagina da historia as suas cores distinctivas, a cada nação o seu caracter individual, a cada épocha as notas caracteristicas, que são o resultado da infancia, ou do progresso das Sciencias, e das Artes.

Para conseguir um fim tão util, serão escassos todos os esforços que se cifrarem no estudo de gabinete; cumpre ir mai-ávante; e observar, com espirito de indagação e analyse, a maior somma de monumentos d'antiguidade que possivel seja. Levados destas convicções, e do desejo de contribuirmos, com o pequeno cabedal, que em nós se dá, para tão nobre como interessante destino, é que nos deliberamos a offerecer algumas, muito limitadas, indicações ácerca de diversos objectos antigos, que havemos tido occasião de observar, no Museu d'Antiguidades da Bibliotheca Nacional de Lisboa; limitando-nos a apresentar sómente a ordem em que os consideramos; a nação a que os atribuimos; a natureza dos caracteres de suas inscripções, quando as houver; a materia, de que são formados, e suas dimensões, por julgarmos que não comporta mais a economia da — Revista Universal —; e porque considerações d'outra ordem fundirião dissertações academicas, para as quaes nos reservamos, se a Deos, de quem toda a sciencia procede, aprouver dar-nos sufficiente solidez d'espirito, e maior, e mais variado cabedal de conhecimentos, e outros meios.

— 1.º —

Um Idolo Egypcio de basalto verde escuro, representado sob a forma d'um macaco, a que chamavão — Cercopithero —, sentado com as pernas encruzadas, a mão direita tapando a orelha, a esquerda descançando sobre a perna, a cauda voltada para a parte superior, e como formando o ornato da parte posterior da cabeça. Altura 7 polegadas, 8 linhas, Largura 4 p. 2 l.

— 2.º —

Dous Idolos Gregos de barro cosido, pintado de preto, representados sob forma humana, excepto a cabeça, que é de cão, braços encruzados, e na frente — Inscripção — em caracteres Gregos. Altura 5 p. 10 l. Largura 1 p. 7 l. (1)

— 3.º —

Tres Idolos Celticos de barro cosido, pintado de preto, forma humana, com designação do genero masculino, vestido talar, capuz na cabeça, braços pendidos, arrimado em duas pequenas columnas; na frente — Inscripção — em caracteres Fenicios; Altura 8 p. 11 l. Largura 2 p. 7 l

— 4.º —

Um Idolo Celtico de barro cosido, pintado de roxo, com barbas, os cabellos caidos sobre os hombros; mão direita no peito, na esquerda uma adaga; na base, de forma triangular, — Inscripção — em caracteres Fenicios. Altura 6 p. 10 l. Largura 1 p. 9 l. (2)

— 5.º —

Duas figuras Egypcias, relevadas em barro cosido, pintado de preto, com um manto, as mãos no peito, e sustentando sobre a cabeça um altar, em que está uma vaca, aos lados dous pequenos vasos; entre as figuras uma columna, com caracteres (em nosso entender) da escriptura — demotica. — Altura 6 p. 11 l. Largura 2 p. 6 l. (3)

— 6.º —

Um Idolo Grego de barro cosido, pintado de preto, com uma cobertura de cabeça similhante ao barrete Armenio; e sobre esta — Meia Lua — na frente — Inscripção — em caracteres Gregos. Altura 7 p. 12 l. Largura 2 p.

— 7.º —

Um busto femenil de barro cosido, sobre

uma peanha, de forma triangular; em redor da testa uma faxa contendo — Inscripção — em caracteres Gregos. Altura 8 p. 3 l. Largura 2 p. (4)

NOTAS.

(1)

Estes simulacros representão — Anubis — Divindade Egypcia, a quem Tertuliano e S. Agostinho chamão — Cynocephalo —; teve culto não só no Egypto, mas tambem em Grecia, Roma, e em todo o Imperio; tanto estes, como o que fica mencionado em n.° 1, se encontrão representados na Taboa Isiaca, monumento o mais completo da religião, e superstições do Egypto; assim chamada por conter particularmente a figura e mysterios de — Isis — monumento que achado em Roma, em 1525, passou para o poder do Cardeal Bembo, e por sua morte para o gabinete d'Antiguidades do Duque de Mantua, onde se conservou até 1630, épocha em que se perdeu em consequencia da entrada das tropas imperiaes naquella cidade: era de bronze, com uma moldura de esmalte escuro, mesclado de laminas de prata; foi gravada, em toda a sua grandesa, e com a exatidão possivel, por Eneas Vico, de Parma; e dos muitos Antiquarios, que tem emprendido a sua explicação, o que se julga ter melhor conseguido este fim é Pignorio, cuja obra foi impressa em Amsterdam em 1670.

(2)

Este Idolo, e os mencionados em n.° 3, productos da esculptura d'um mesmo povo, demonstrão evidentemente a necessidade que o artista tem de dar-se á miuda analyse dos monumentos antigos, para não desconhecer a historia dos progressos da arte; por quanto da simples comparação resulta conhecer-se que em um predominão mais regularidade, nos traços da figura, e maior proporção; por conseguinte épochas differentes.

(3)

Os Egypcios, segundo Herodoto, tinhão duas especies de escritura, uma chamada — Heratica — ou Sacerdotal, outra — Demotica — ou popular —: não erão alfabeticas, como por muito tempo se pensou; porém sim ideographicas, como os puros hieroglificos; isto é, representavão ideas, e não sons; daqui se vê quantas difficuldades se devião encontrar, na interpretação das Inscripções dos monumentos daquelle povo; os esforços porém dos Antiquarios parecem ter derramado grande luz na escuridão de tantos obstaculos; e posto que os trabalhos de Hermapion, e Kircher fossem pouco felizes, não deixáram com tudo de tornar-se mui proficuos aos posteriores esforços de Pierio, Bianchini, Warburton, Caylus, Akerblad, Raoul-Rochete, Sacy, Champollion e outros, que, póde dizer-se, rasgáram o véo, que encobria tantos segredos.

(4)

Alguns dos objectos indicados existem ha muito no Museu d'Antiguidades da Bibliotheca de Lisboa; outros têem sido ultimamente adquiridos; e pena é que nenhumas, ou mui escaças noticias, se tenhão podido obter á cerca da historia do seu achado, sabendo-se tão sómente dos ultimos que foram ha annos encontrados, em uma escavação, que, para fins d'interesse particular, se fizera em Evora: muitos e mui vantajozos resultados se terião conseguido, para a historia, para as artes, e até para o nome portuguez, se á barbaridade da picareta, e do camartello se não houvessem submettido tantos monumentos, que revelavão a nossa gloria, e servião d'illustração á nossa historia religiosa, civil, e politica; e se, a exemplo das nações mais cultas se houvessem emprendido escavações scientificas, em algumas localidades desta tão historica terra da Lusitania; mas já que nem esperanças nos restão, aproveitemos ao menos a franquéza dos Redactores da — Revista Universal — para irmos publicando algumas noticias do que possuimos, e julgamos mais util e menos conhecido; circumscrevendo-nos, com particularidade, aos monumentos da Paleographia, da Glyptica e da Numismatica, em cujo complemento, e raridade d'algumas — Series —, reputamos exceder nos mais ricos da Europa o Museu da Bibliotheca Nacional de Lisboa.

(*Communicado*) F. M. de A.

Bibliographia portugueza.

198 Sahio á luz, da Officina do Snr. [illegible] Segredos necessarios para os officios, artes, e manufacturas, e para muitos outros objectos sobre a economia domestica; extrahidos dos mais acreditados, e modernos authores que trataram destes objectos. Nova edição, inteiramente reformada e accrescentada por F. A. A. S. — 2 vol. com 722 pag. entre ambos.

Recommendamos encarecidamente esta obra, muito proveitosa a todo o genero de pessoas, e que por tal muito honra a seus proprietarios e editores, os Srs. Bertrands, Negociantes de livros, a quem não pouco devião já as letras portuguezas pelo empenho com que tem vulgarisado por via de reimpressões alguns dos nossos melhores classicos, e pelo esmero, e aceio da importante collecção que entre mãos trazem das obras completas do Snr. Garrett.

Acha-se terminado, e em breves tempos sahirá á luz um Mappa do Paiz Vinhateiro do Douro com o curso do Rio desde defronte de Muzonco (acima de Villvestre) até á sua Foz, na escala de meio palmo por legoa, fundado em uma triangulação effectiva do paiz, e comprovado por observações de latitudes e longitudes astronomicas, elucidado com numerosos desenhos de vistas e pontos notaveis por seu renome ou por seu effeito pittoresco, e acompanhado de observações relativas aos impedimentos da navegação do Rio, aos meios provaveis de obviar a maior parte delles, assim como de noticias referentes ao Commercio, agricultura, Estatistica, e antiguidades de varias povoações visinhas = por José James Forrester.

Arte de conhecer os homens pelas attitudes, gestos, e andar, conforme o sistema de Lavater. Um volume em 32; optimo papel Inglez, bello typo, ornado de 32 estampas lithographadas em papel velino, e ricamente coloridas. — Prospecto — Vendo nós a muita aceitação que teve uma obra que acabámos de poplicar intitulada — *As Simpathias, ou a Arte de conhecer pelas feições do rosto, as conveniencias no amor e na amizade.* = nos abalançámos a traduzir a presente pela acharmos ainda mais curiosa, não só na leitura, como nas estampas. Esperamos que este nosso empenho seja bem recebido d'um publico sempre prompto a proteger qualquer empreza que dê assomos de utilidade. — Subscreve-se para esta obra, que sahirá com toda a brevidade, com 360 rs. pagos á entrega da obra, cujo preço he o mais diminuto possivel, pois que avulso será vendida por 600 rs. — Os Snrs. das Provincias pagarão os 360 rs. adiantados, pelo que fica responsavel o Editor da dita obra Joaquim José Bordallo, com loja de Livros, rua dos Capellistas N.° 20, onde somente se fazem as assignaturas.

Traducção da Ode 3.ª do Livro 3.° das odes de Horacio, em portuguez.

Ode á Villa da Praia da Victoria por occasião do terremoto de 15 de Junho de 1841.

Ode offerecida ao Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira. Todas tres pelo Sr. José Augusto Cabral de Mello.

Pela leitura destas tres odes, primeiras poesias, que do Sr. Cabral havemos visto, podemos conjecturar, que pertence á Eschola Horaciana, e a frequenta com aproveitamento. Se comtudo havemos de descobrir de todo o nosso peito, confessaremos ao poeta, que não é já este o genero, com que se hoje pode fazer fortuna; e por interesse delle e das letras patrias, lhe aconselharemos, que dê ao seu genio um pouco da moderna têmpera. Um affecto profundo só por si val mais que todo o Pantheon dos antigos Arcades.

FRANCEZA.

197 Phisiologia do Empregado, por H. de Balzac, com 60 vinhétas, por Trimolet.

Phisiologia do Medico, por Luiz Huart, com vinhetas, por Trimolet.

Phisiologia do Escolar, por Eduardo Orillac, com desenhos, por Gavarni.

Phisiologia do Estudante, por Luis Huart, com vinhetas, por Alophe e Maurisset.

Phisiologia da *Lorette*, por Mauricio Alhoy, com vinhetas, por Gavarni.

Phisiologia do Guarda Nacional, por Luis Huart, com vinhetas, por Maurisset e Trimolet.

Phisiologia da Porteira, por James Rousseau, com vinhetas, por Daumier.

Phisiologia do Jurista.

Phisiologia do *Flaneur*, por Luiz Huart, com vinhetas, por Daumier, Alophe, e Maurisset.

Phisiologia do Provinciano em Paris, por Pedro Durand, com desenhos, por Gavarni.

Phisiologia do Namorador feliz, por Eduardo Seroine, com vinhetas por Alophe e Janet-Lange.

Phisiologia do *Troupier*, por Emilio Marco St. Hilaire.

Phisiologia da *Grisette*, por Luiz Huart, com vinhetas, por Gavarni.

Phisiologia do Burguez, texto e desenhos por Henrique Monnier.

Phisiologia do *Floneur*, por Carlos Philipon, com vinhetas, por Daumier.

Phisiologia do *Bas-Bleu*, por Frederico Soulié.

N. B. Todas estas phisiologias se encontrão já em Lisboa na Loja do Sr. Plantier, rua do ouro: por todo este e pelo seguinte mez sahirão estoutras.

Do Viajante — da Mulher desgraçada — do Débardeur — do Artista — do Litterato — do Alfaiate — do Comico — da Parisiense, e c. etc.

Historia da Revolução, Consulado, Imperio, Restauração, e Dynastia de Julho até 1841, por Vivien. — Continua a sahir nos folhetos, e a obra vai em meio.

Historia dos francezes, por Sismondi, Membro do Instituto.

Historia d'Inglaterra, por David Humes, traduzida em francez.

Manual theorico e pratico da lingua franceza, por Gillau de Nujac.

Diccionario classico inglez e francez, por Stone.

Quadrille des Enfans, sistema novo de leitura, pelo qual, sem aprender a soletrar, uma creança de 4 ou 5 annos saberá ler depois de 4 ou 5 mezes de estudo.

Traducção da Odyssea, por Bignan.

Arte poetica de Horacio, traduzida em verso francez, por D. Gonod, Professor de *Rhetorica*.

Preludios, poesias de Maria Carpantier, com um prefacio de Madame Amable Tastu.

Basilio, por Miguel Masson, 2 vol.

O appelido, por Augusto Luchet, 2 vol.

Alfredo e Casimiro, palestras de familia, por Tarbé do Sablons.

A Redacção da Revista Universal roga ao seu assignante, que lhe enviou um artigo sobre a maneira de fazer trabalhar a faxa hydraulica com a agua por ella mesma extrahida, se sirva comparecer no escriptorio para aclarar certos pontos da sua carta.

Quanto á do Snr. B. C. R., sem embargo de serem mui curiosas as observações, que encerra, não cabem de maneira alguma no plano do Jornal, e por isso a não publicámos.

TYPOGRAPHIA DE J. A. S. RODRIGUES

Rua da Condeça n.° 19.

Scientifica, Litteraria, Agricola, Commercial,

Chronica Judicial, Artistica,

REVISTA UNIVERSAL.

N.° 10.

Economica de todo o mundo.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS.

POR 12 NUMEROS	....	480
POR 24 »	....	960
POR 52 »	....	1920

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, RUA DOS FANQUEIROS N.° 107, 1.° ANDAR.

Quinta feira 2 de Dezembro de 1841.

A redacção da REVISTA UNIVERSAL acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar crédito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Roga-se aos Senhores Assignantes das Provincias que ainda até hoje não satisfizeram a importancia de suas assignaturas, tenhão a bondade de remetter ao Escriptorio da Redacção a quantia porque se responsabilisaram. Os que assignaram tão sómente para os 12 primeiros numeros deverão renoval-as quanto antes, para que não haja irregularidade alguma na remessa do Jornal.

Producção de varias especies de trigo.

198 O artigo 47 deste Jornal deu materia a um nosso correspondente para nos enviar outro sobre a producção de certas especies de trigo por elle experimentadas. Bello presente é este para nós; por ser de interesse publico, e em materia a mais relevante da nossa agricultura. E porque é elle rico em as diversas especies, que encerra, nós o partiremos em dois, trazendo para este, o que melhor se casa com o assumpto. A' cerca do trigo imperial, de que trata o mencionado artigo 47, nos diz o nosso correspondente, ser esta especie conhecida em o Algarve pelo nome de trigo *la mar*; talvez por ser vindo para aquella Provincia das partes d'Africa, que lhe são visinhas, e que ficão álem mar, como Tangere, Salé, Larache; porém que esta especie se vai perdendo, como não seja renovada d'uns annos por outros, e transformando em o trigo ordinario do paiz, entre o qual se divisão, por sua formosura, e tamanho, muitos grãos em sua fórma primitiva; que destes escolhidos, e estremados, podéra o Sr. Vaz Velho fazer os presentes por nós já memorados; por que não é costume alli fazer-se grande sementeira em separado; e que apenas lhe fôra possivel, a elle correspondente, em o anno de 1822, haver á mão obra de seis alqueires, que vieram remettidos ao Snr. Francisco de Lemos Bettencourt, e foram semeados em Coruxe. Que para melhor se confirmar em a idéa de ser o trigo imperial o mesmo que o *la mar*, mandára vir este mesmo anno, de Tavira, uma amostra, que não passa d'um decimo de canada, e brevemente será semeada em a quinta do Sr. Barão de Monte Pe-

dral, em Mur.... onde já se tem feito boas experiencias agricolas sobre outras especies de trigo. Pelo mais que toca ao imperial, ou *la mar*, confirma o nosso correspondente quanto d'elle dissemos, afóra a particularidade de se conservar o pão tenro por tres dias; no que nós julgamos dever-se fazer o desconto das estações, climas, e do tempêro, com que se elle fabrica, e cose. Em a mesma quinta (continúa o nosso correspondente) se fez experiencia da sementeira do trigo gigante, vindo da Porto, em uma pequena porção, que seria, quando muito, um quartilho; e esta limitada seara produziu tres alqueires e meio, sem embargo de se haver perdido uma boa metade da colheita, por ensoada na conjuncção de engradecer. Uma outra especie, que alli funde sempre bem, e muito mais que o trigo durazio, que geralmente se semêa por aquelles sitios, é a do trigo chamado mourisco, tanto louro, como preto, e que tem vindo de Lagos; mas é mister, para se conservar a especie, renovar a semente de dois em dois annos. Nós acrescentaremos, que estas experiencias são os unicos meios, por onde este interessante ramo d'agricultura póde vir a prosperar muitissimo; e quem a ellas se dedica presta, ao nosso paiz o melhor serviço, e o de que elle muito carece.

Depois de por este meio se conhecer o prestimo, a producção, e o cultivo de cada uma das variedades do trigo, e não menos a natureza do terreno, e do clima, onde encontrão mais favor, toca o cuidado de conservar pura, e estreme, cada uma das especies primitivas; tanto renovando as sementes, como judiciosamente aconselha o nosso correspondente, como destinando a cada logar aquellas que lhe são mais proprias, para por este meio as separar das outras especies, cuja visinhança muito concorre para a degeneração, como aconteça florecerem ao mesmo tempo. Esta circunstancia nos parece attendivel, apezar de ser o trigo uma planta hermaphrodita; porque é authorisada pelas observações dos melhores agrónomos, como Lecouteur, Moreau, e Saint-Clair; e por ventura terá ella accelerado a degeneração do preciosissimo trigo imperial, e d'outras especies, que muito importa conservar. F. M. P. S. N.

Excellente especie de cevada

199 E' muito conhecida e estimada no Algarve, e por ventura em algumas partes da Estremadura, e Alemtejo, uma rica especie de cevada, á qual dão os nomes de cevada pellada, canarinha, e canina. O grão é muito similhante ao trigo, muito cheio, pesado, e coberto d'uma pellicula transparente, e branca; a farinha é muito alva e fina, e misturada em partes iguaes com a do trigo compõe muito bom pão; tão alvo e mimoso, que não ha ahi differença, nem no gosto, nem na apparencia, do fabricado da farinha estreme do trigo; e o que sem mais confeição d'ella se faz, é incomparavelmente melhor, que o de cevada commum, ou de centeio. Os francezes, em alguns *departamentos* onde ella é cultivada, lhe chamão *épautre*. Semêa-se temporã, e menos basta que o trigo; pois cada um dos grãos, que nascem, lança muitas hasteas, que todas crescem, e medrão com igualdade; vindo por isso a producção a ser muito augmentada: sua estatura é meia, porém a espiga é bem talhada e farta. Não carece de ser semeada em terrenos fortes, que na verdade melhor nelles vem; mas ainda em os magros, e fracos, produz colheita abastada. Tres alqueires foram semeados o anno passado em a quinta de Mur.... e produziram vinte e quatro. Muito conviria propagar esta preciosa semente; que de certo nella haverião os agricultores uma boa ajuda, e grandes arrimos de fazenda. (*Communicado.*)

J. B. da S. L.

P. S. Acrescentaremos ao que desta especie de cevada diz o nosso correspondente, duas circunstancias, que se nos afigurão boas razões, que mais força fazem para persuadir a cultura deste grão. E' a primeira a sua qualidade medicinal, muito mais propria, e prestadia, que a da cevada ordinaria, á qual sempre é preferida pelos medicos em suas receitas, por conter menos partes linhosas, e por outras particularidades. A segunda razão é o poder usar-se della como de café; ou por si só, ou misturada com o verdadeiro café; bastando uma quarta parte deste, e ainda menos, para que os melhores entendedores da materia não possão ahi alcançar novidade, senão para melhor. Fizemos diligencia por uma amostra, e posto não ser da melhor a que nos veio, é com tudo quanto basta para os que desejarem conhece-la se persuadirem da excellente qualidade desta especie, recorrendo ao Escriptorio da Redacção deste jornal, para a verem, examinarem, e haverem uma pequena amostra.

Correspondencia.

200 Ias publicando a parte mais essencial d'uma correspondencia, que nos veio do Pe-

zo da Regoa, mostramos o muito apreço, em que temos os justos desejos pelo bem publico, e pelo beneficio da humanidade. Em o nosso Jornal não ha encontrar uma linha, ou uma frase, que não mostre, que taes são tambem os nossos; e que, para irmos sempre guiados por elles sem mais desvio, havemos formado um inalteravel plano, que por tudo corta, para acudir, como por dever, e unico officio nosso, pelo bem publico, e utilidade palpavel: e de que assim o havemos cumprido, é pelo menos nossa consciencia. Não cabe porém nas forças humanas o abranger tudo a um tempo; nem o dar a cada um dos objectos uteis, e necessarios, todo o desenvolvimento, que elles, em razão de sua maior necessidade, possão demandar. Estes limites são communs tanto aos homens particulares, como nos publicos. Os talentos, os cuidados, e os proprios desejos são por força limitados, e divertidos d'uns para outros objectos. Os dois apontados pelo nosso correspondente são de grande attenção, e delles nos occuparemos; pelo menos da parte, que nos compete, e em que podemos entender. O meio, e a fórma, porque se devem ministrar soccoros aos apparentemente afogados, têem merecido, como é razão, os cuidados de todas as nações; e de tempos antigos foram elles entre nós ensinados, publicados, e até mandados observar. Em todo o seu vigor estão as instrucções remettidas pelo governo no tempo de D. Maria I a todos os corregedores, para as fazerem praticar em todos os pontos de suas comarcas. Estas, modificadas pelos novos meios, que têem sido conhecidos posteriormente, serão sufficientes para evitar a barbara pratica, de que se queixa, e com razão, o nosso correspondente, a quem na verdade agradecemos a boa conta, em que, dirigindo-se aos Redactores da *Revista Universal*, em taes assumptos, mostra havel-os, conhecendo muito bem a qualidade do encargo, a que elles se submetteram, e incançavelmente lidão por dar todo o possivel desempenho.

Eisaqui em substancia o que elle nos diz. = A humanidade reclama as attenções da Redacção da *Revista Universal* sobre dois objectos, qual delles o mais digno da sua sollicitude. O primeiro é a publicação do tratamento, que deve empregar-se com os afogados, stigmatisando o fatalissimo uso vulgar de os voltar com a cabeça para baixo... O segundo, analogo a este, é a indicação dos remedios mais promptos a empregar com os queimados por incendio, ou agua fervente... Milhares de vidas se poderão salvar, se o Governo fizer circular pelas parochias do Reino um regulamento hygienico, comprehendendo estes, e outros casos... O brado da *Revista Universal* poderá talvez despertar a attenção do Governo.

H. S. A.

Snr. Redactor da Revista Universal.

201 Cheio de reconhecimento pélas obsequiosas expressões com que V. me honra no seu n.º 9, quando falla de uns trabalhos relativos á construcção de estradas no nosso paiz, sou todavia obrigado a rogar a V. que me permitta, como homenagem devida á verdade, declarar que convem modificar algumas das asserções, que no artigo, a que alludo, se notão.

E' certo que eu, penetrado da idéa de que, sem conseguirmos o melhoramento das nossas communicações interiores, não poderemos sahir do estado precario, em que nos achamos, e caminhar para o ponto de prosperidade e civilisação a que têem chegado as outras nações, lancei em um papel as idéas, que me parecêrão conducentes a tão util fim, e que fôrão publicadas em alguns jornaes; assim como é certo, que empreguei alguns meios para se saber se nas provincias serião aceitas taes opiniões; porém fôra em mim vaidade merecedora de grave censura, suppor que os meus desejos, e por ventura as mesmas idéas por mim enunciadas, não erão communs a tantos dignos patriotas, que, como eu, anhelam o bem do seu paiz, e com especialidade esse grande bem, sem o qual serão infructuosas quaesquer tentativas.

Isto mesmo se manifestou apenas eu, para que se acordasse no melhor meio de fazer conhecer a opinião dos povos da capital, e districto de Lisboa, procurei o Ex.mo Duque de Palmella. Foi S. Ex.ª quem teve logo a lembrança de convidar um certo numero de pessoas para esse fim; e desde então se manifestou em todas as que tiverão tal convite, o maior empenho de concorrer para que o paiz dê o grande passo que pode mais immediatamente conduzir á prosperidade. Assentou-se, que seria conveniente constituir uma associação regular, que se correspondesse com associações filiaes nos districtos administrativos; nomeou-se uma commissão que examinou as minhas primitivas idéas; e finalmente, depois de madura discussão, vão ellas tendo as modificações, que se julgão uteis. O Ex.mo Duque de Palmella, Presidente da associação, assim como todos os seus membros,

rivalizão em exforços, e manifestão sem distincção o empenho patriotico, que os anima, e que me parece será coroado de um feliz resultado.

E' esta a exacta verdade; pelo que espero, que V. me fará o especial obsequio de inserir no seu jornal esta minha carta, e aceitar desde já os meus sinceros agradecimentos.

Lisboa 27 de Novembro de 1841.

Jeronimo d'Almeida Brandão e Souza.

A carta supra não é mais do que a confirmação do que dissemos em o nosso artigo. Não duvidamos que muitos, e muito bons portuguezes, hajão por milhares de vezes lamentado o pessimo estado de nossas estradas, e estudado os meios de remedia-lo, contribuindo assim para o melhoramento de todas as classes; mas tambem é facto incontestavel, que todos se deixaram vencer pelas difficuldades da execução, e que o estado financeiro de Portugal se apresentou a todos como um obstaculo invencivel para se conseguir o fim suspirado. Se alguns projectos têem havido a tal respeito, he provavel que não hajão passado de impraticaveis theorias, quando o objecto é de tal natureza que está requerendo um plano bem assentado, e que pela pratica não possa vir a ser destruido. N'este caso nos parece estar o que o Snr. Brandão submetteu ao exame de tantos homens conspicuos, e de cujo afervorado zelo pelo bem da patria aguardamos em breve a solução do problema. Só nos resta agradecer por segunda vez ao Snr. Brandão, em nome de todos os bons portuguezes, o serviço que fez á sua patria, sendo o primeiro que provou a possibilidade de curar um mal que geralmente se julgava sem remedio.

A Redacção.

Plantação das multicaules.

LISBOA. PORTUGAL.

292 Começa a desenvolver-se entre nós um riquisimo ramo de industria, a creação dos bichos de seda, e a plantação das multicaules, d'onde se lhes tira o melhor pasto. Cabe pois por todos os titulos á Revista Universal animar empreza de tamanha utilidade, nem, para o fazer, necessita de mais razões, ou d'outros argumentos, do que os exemplos tão sabidos das riquezas que deste genero de industria têem vindo a muitos paizes, que sobre elle fazem grande commercio. O nosso clima, e a natureza de quasi todos os nossos terrenos, nos dão grandissimos abonos, para por este meio esperarmos tanta e tão boa fortuna, como sabemos haverem conseguido os paizes mais nomeados da Europa. A' propagação dos bichos é prodigiosa; o seu desenvolvimento facilimo, e prompto; e a qualidade do producto, que já é boa, virá a ser da melhor, igualando a mais gabada da Italia. Para assim o affiançarmos, temos actualmente grandissimo fundamento em a plantação da nova especie de multicaules, promovida pelo zelo d'um bom portuguez, o Sr. Antonio Pedro de Sales; e tão favoravel é o nosso paiz, que por toda a parte se póde estender esta plantação, não só util no mister da creação dos bichos da seda, e do aperfeiçoar a qualidade deste grande producto, como igualmente para o sustento dos gados. Bem haja a Camara Municipal de Lisboa do anno de 1839, que tanto confiou da intelligencia e actividade deste digno Portuguez, que, sem embargo de não ser elle proprietario de terrenos, lhe mandou entregar os primeiros pés desta planta introduzidos em o nosso paiz pelo Sr. Pinel, e offerecidos á mesma Camara; pois o Sr. Sales não só fez prosperar, e augmentar a plantação desta especie, senão que introduzio outra nova muito melhor; tão bella no mimo e grandeza de suas folhas, tão elegante no seu comportamento, e regular na fórma dos seus ramos, que até para formosura de quintas, e jardins, se deve plantar. Na certissima esperança de tirarmos d'aqui grande proveito, nos atrevemos a pedir a protecção do Governo, e de todas as Authoridades, sobre este ramo de industria. As Camaras Municipaes por todo o Reino, as Administrações da Misericordia, da Casa Pia, do Asilo de mendicidade, a Direcção das Obras Publicas, e Militares, e emfim todas as authoridades, a quem possa caber este cuidado, e todos os proprietarios, deverião proteger a plantação das novas especies de multicaules, e promover assim a creação dos bichos de seda, que sómente necessitão deste bom pasto, para que entre nós este producto venha a ser muitissimo abundante, e precioso. Não recearemos parecer excessivos no tributar louvor ao Sr. Sales; porque seu empenho é nobre e digno de ser animado; seus exforços em augmentar tão util plantação, são proprios de quem toma a peito a prosperidade do seu paiz; e a facilidade, e promptidão, com que manda ministrar aos curiosos, que desejão experimentar em suas quintas, e jardins, os meios de facil, e commodamente o conseguirem, esta promptidão, e o modico preço, que na venda geral das estacas tem estabelecido com este fim, fazem boa prova, do que levamos dito do seu zelo.

Consta-nos, que em a Quinta do Lameiro, a São Domingos de Bemfica, e na Rua das Flores n.º 37, se dão as necessarias providencias para do deposito mais proximo serem servidos os compradores com maior commodidade.

F. M. P. S. M.

Gorgulho.

203 Em todo o tempo se escogitaram remedios, tacticas, e industrias, para defender ao lavrador do seu mais fatal inimigo, que é o *gorgulho*; mas em todo o tempo este invasor, e conquistador implacavel, tem sabido conservar-nos seus tributarios, sustentando-se do nosso pão, aquartelando sob os nossos tectos, crescendo e multiplicando ao som das nossas pragas. Escarneo parece da natureza contra o orgulhosinho do homem, que ousa intitular-se rei della, o dar-nos por inimigos e vencedores uns dos mais pequenos insectos, dos mais nus de armas para o ataque e para a defensa, dos mais inertes e decepados para a fuga, entes emfim taes que em nascer para comer, em comer para procrear, e em procrear para cahir mortos, parece cifrar-se toda sua historia.

Entretanto a necessidade de resistir constantemente aos progressos incalculaveis desta praga, de tudo lança mão, tudo tenta, e de cada tentativa mallograda parece sahir com dobrados impetos para novas invenções. O enumerar quantos meios se tem commettido, e baldado, para a redempção dos celleiros, seria escrever um livro. O unico menos inefficaz, posto que apartado, e bem apartado, de sufficiente, foi até hoje o arejar e esfriar os celleiros. Eis-aqui o porque alvoroçadamente nos apressamos de dar aos cultivadores de nossa terra a substancia de um artigo impresso em um jornal sahido em França já este mez, onde encontrarão, ao menos para o experimentarem, um alvitre que para esse suspirado fim se representa plausivel.

Para destruir no trigo o gorgulho, ou prevenir-lhe a invasão, misturai metade de um killogrammo de acido muriatico de dezoito gráos com pouco menos de uma canada de agua; derramai este mixto sobre um hectolitro de trigo gorgulhoso, e padejai-o muito bem; havereis morto o insecto. Fazendo outro tanto a trigo são previne-se o estrago.

Sendo, ou podendo ser, algumas vezes embaraçoso para o morador da aldêa, ou cazal remoto, o prover-se do sobredito acido, lembrou á mesma pessoa por quem já o precedente especifico fôra experimentado, e approvado, supri-lo com outro remedio muito mais á mão, e que em nenhuma casa falleceu nunca; foi o sal das cosinhas: lançou meio killogrammo delle em um litro de agua; e cada litro desta agua salgada em um hectolitro de grão.

Tambem esta lembrança (que absolutamente se não pode dar por cousa nova) lhe surtiu a ponto; mas pela efficacia do primeiro methodo sempre elle dá mais, e o recommenda com muito maior afinco, e não por outra causa, senão porque o sal lá denigre algum tanto o grão, posto que no demais o respeita; e se alguma coisa lhe faz é tornar a farinha mais appetitosa; mas o acido muriatico diluido torna o grão mais formoso e luzidio, e á farinha nada põe nem tira de sabor: um pouco de cheiro, que empresta á tulha, em poucos dias per si mesmo se desvanece, e totalmente se dissipa.

Adverte-se que ainda que vá augmento na dóse, quer de uma, quer de outra substancia, não faz damno, antes as semeas, assim de antemão medicadas, e salgadas, ficão mais agradaveis, e melhores para todo o genero de criação, que se mantem d'ellas.

A. N. M. L.

Mélophone.

PARIS. LISBOA.

204 Com o nome de Mélophone appareceu ha pouco em França um instrumento musico, e teve logo tão boa estrêa esse novo rei da melodia, que o relojoeiro Le Clerc, seu author, alcançou privilegio de invenção. Dias ha que vimos um desses instrumentos, unico, segundo nos consta, que em Lisboa existe, o que nos move a dizer algumas palavras a seu respeito. Assemelha-se o exterior do Mélophone ao d'uma viola; porem, junto do braço, e sobreposta ao tampo, está fixa uma pequena rebeca, que parece sobre tudo destinada ao effeito harmonico do instrumento, servindo o resto da caixa para conter os apparelhos necessarios para o produzir. O braço do Mélophone é mais curto que o da viola, e existem sobre elle umas cabecinhas de metal, que lhe servem de pontos, e que algum tanto se recolhem, carregando-lhes com o dedo. No lado da caixa opposto ao braço, sahem como duas varas, iguaes e parallelas, unidas nos extremos por uma travessa, á qual, applicando um exforço, ora na direcção do instrumento, ora em contrario, faz recolher mais ou menos as varas para o interior do instrumento, e comprimir ou dilatar o folle que lá existe. Passando á execu-

ção, vê-se, que o tocador, pondo o Mélophone como se fôra uma viola, carrega com os dedos da mão esquerda sobre os pontos de metal; estes recolhem-se, e fazem abrir no interior do instrumento outros tantos orificios; e a mão direita, pelo movimento do arco (assim lhe ouvimos chamar) e por conseguinte do folle, faz com que por elles saia uma porção d'ar, e se produzão os differentes sons ou notas.

O pensamento fundamental do Mélophone é, se bem nos parece, o mesmo que o desses instrumentos, a que vulgarmente chamamos *Harmonicas*, e os francezes *acordéon*; porem acha-se por tal arte desenvolvido, que bem lhe poderemos chamar novo. Os sons agudos imitão os da mais afinada clarineta, e os graves correspondem-se com os do orgão; donde resulta um mixto de melodia profana e religiosa, agradavel a todos os ouvidos. Tem 4 oitavas e meia, dá até 12 notas em harmonia, pode entrar em orchestra, onde deverá produzir um bom effeito, reforça e *apiana* uma nota como nenhum outro, e até quando haja de tocar em dueto, e outro instrumento esteja meio ponto acima ou abaixo do tom, isso nada embaraça o tocador, porque tudo se reduz a subir ou descer a mão esquerda.

J. C. C.

Privilegio d'invenção.

AUSTRIA.

205 Os que já tiverem viajado em carroagens movidas por vapor, e mais se fosse nos assentos descobertos da tolda, a que os francezes, parece que por escarneo, alcunharam *imperial*, melhor que ninguem apreciarão o novo apparelho, inventado por Klein, engenheiro de Vienna, que por elle grangeou privilegio de inventor. Carecião as cheminés dos fogões de serem abertas para receberem o ar indispensavel para a conservação do fogo; e por esses mesmos respiradouros, por onde o ar entrava e sahia, saltavão faiscas, e grossas chispas de carvão, que não pouco importunavão aos passageiros, sem haver até agora escudo contra tal damno. Pelo recente invento, segundo attestão os jornaes allemães, passa livre a corrente d'ar necessario para alimentar o fogo, e tolhe-se ás faiscas a sahida; por fórma que nem as pessoas, nem seus fardeis e matalotagem, correrão já agora nenhum risco; e em certas estações, os logares patentes, que d'antes erão engeitados pelos ricos, serão procurados como regalo: deixaram de ser para sempre purgatorio, nem se chamarão por antifrase *imperiaes*.

F. M. P. S. N.

Remedio caseiro contra a tosse.

206 Somos entrados á estação das tosses e defluxos, que n'esta Lisboa principalmente, á conta da variedade dos ventos que n'ella cursão, costumão de ser quasi geral e publica enfermidade. Certeza nos fica logo de que, se os desdenhadores de receitas em periodicos nos motejarem esta, não faltará, ainda mal, numero grande de leitores que a apreciem.

Não respondemos pela prompta efficacia do remedio, que vamos indicar, em todos os casos em que d'elle se faça uzo: muitos haverá, em que nem este, nem os mais gabados, que por bom preço se confeiçoão nas boticas, não possão aproveitar: porém o que nos asseguráo os entendedores, é que tomado com regra não pode prejudicar em nenhum caso, e em muitos tem curado tosses impertinentissimas, e mui rebeldes, e extinguido em poucos dias ardores do peito, e rouquidões, que se havião por chronicas.

Consiste este remedio em uma conserva de damascos, feita como é costume fazer a marmelada. Tomão-se os damascos brancos ainda mal maduros, fazem-se pedaços, e basta uma quarta por arratel d'assucar; mettem-se em vasilha de barro, que se avisinha do lume até que a massa fique como enxuta; e neste estado se deita em a calda do assucar, que deve estar em o ponto conveniente, e já começando a esfriar: mexe-se tudo muito bem por um quarto de hora, até ficar em consistencia tal, que se possa guardar em papel; e assim embrulhada, se mette esta conserva em vaso de vidro, para se d'ella usar quando for necessario. Toma-se ás pequenas porções durante o dia e a noite, guardando os intervallos rasoaveis; e no fim de tres dias, já é facil conhecer a melhoria do enfermo, se a molestia abraça o remedio.

Receita para afugentar as formigas, e as moscas.

207 Produz a natureza certas repugnancias, a que os antigos philosophos, á falta de melhor nome, deram o de antipathia; e das quaes grande proveito, e utilidade, nos pode vir, como as formos estudando, e conhecen-

do sua applicação. As formigas, por exemplo, têem grandissima aversão ao cheiro do tabaco de fumo; assim como ao dos cominhos: e as moscas ao do oleo de loireiro. E' por tanto mui facil afugentar estes insectos, que bastante incommodo, e até damno, nos causão. A applicação do tabaco ou dos cominhos contra as formigas está em espalhar miudos fragmentos delles pelos logares, onde se guardão fructos, pão, e os demais generos, que ellas mui atrevidamente nos costumão roubar, e estragar. O oleo do loureiro póde ser applicado immediatamente a muitas molduras, e ornatos das portas, paredes e d'alguns moveis, e em quaesquer vasos, que pareção proprios; com tanto que estejão expostos ao ar. O cheiro deste oleo não é prejudicial, nem molesto, senão que até é muito agradavel, e mais brando que o de muitos perfumes, de que se faz uso constante.

N.

Methodo para limpar papel que tenha nodoa de gordura.

208 Aquece-se um bocado de papel mata-borrão ao lume de um fogareiro; e por meio deste papel, se consegue tirar a maior parte da gordura, porque a absorve: depois molha-se um pincel pequeno em oleo essencial de therebentina bem rectificado, e quasi a ferver; unta-se a nodoa com toda a precaução, de um e de outro lado do papel, que deve estar bem quente. Quando se vê que a nodoa tem perfeitamente desapparecido, para dar a sua primitiva brancura ao papel, que a não póde recobrar pela primeira operação, pratica-se o seguinte: Molha-se outro pincel em espirito de vinho bem rectificado, e passa-se da mesma fórma pelo logar da nodoa, principalmente pelas bordas desta, porque é sabido que essas sombras são as mais consistentes. Mediante este trabalho, que só requer alguma pachorra, e traz comsigo pouco dispendio, restitue-se a qualquer papel importante a sua alvura e antigo aceio, sem prejudicar a tinta de escripta ou de impressão.

Outra receita, ainda muito mais facil, havemos nós experimentado para sacar dos livros, ou d'outros quaesquer papeis as nodoas d'azeite, e consiste em raspar d'uma parede caiada um pouco de pó fino, lança-lo sobre a nodoa, fexar e apertar o livro, ou dentro em um livro o papel. Desapparece o defeito completamente.

Caminhos de ferro e barcos de vapor.

ESTADOS-UNIDOS, INGLATERRA, FRANÇA, CALCUTTA.

209 Nada ha mais extraordinario do que a rapidez das actuaes communicações entre os Estados-Unidos, Inglaterra e França. Chega-se agora de Novayork a Liverpool em 12 dias, e de Halifax em nove e meio, pelos paquetes estabelecidos na Inglaterra, Canadá e Estados-Unidos. Os passageiros que vieram pelo ultimo de Halifax a Liverpool, partiram d'alli na noute de 5.ª para 6.ª feira ás 3 horas da manhã; foram pelo caminho de ferro de Liverpool a Londres — o que anda por umas 80 leguas — por outro igual caminho de Londres a Southampton, 30 leguas — por mar, de Southampton ao Havre, cuja distancia é de outras 30; e chegaram a esta cidade ás 8 horas da manhã do dia seguinte, havendo caminhado 110 leguas por caminhos de ferro, e 30 por mar; ao todo 140 leguas em 29 horas; entrando n'este tempo as que se demoraram em Londres e Southampton. Por outras palavras, os passageiros que sahiram no dia 15 de tarde de Novayork estavam a 29 pela manhã em Paris, tendo andado em menos de 14 dias, 1160 leguas por mar, e 190 por terra!!!

R. L.

Quarentenas.

FRANÇA. INGLATERRA. ORIENTE.

210 As quarentenas, destinadas a provenir a invasão das molestias contagiosas, sobre serem incommodas e enfadonhas, estorvão o commercio, e servem muitas vezes de obstaculo a communicações regulares entre diversos paizes; tudo isso porém se lhes perdoára se houvesse ao menos a certeza de que preenchem o fim para que são destinadas, e servissem de barreira a enfermidades que muitas vezes decimão a população. E' todavia problematica ainda a sua efficacia, e todos sabem que os cordões multiplicados de que a Europa se vio inçada por occasião da cholera, não poderam fazer com que não progredisse, e fosse atravessando reinos e reinos, espalhando n'elles a desolação e a morte.

Foi talvez este facto o que em França e Inglaterra deu n'estes ultimos tempos lugar a profundas observações, e graves controversias, sobre o contagio da peste. Durante mui-

tos annos se havia tanto acreditado na infallibilidade das medidas sanitarias, que nenhumas observações se havião feito para demostrar a sua inutilidade. O Doutor Aubert submetteu porém a questão á Academia das Sciencias de París; e intimamente convencido de que não ha molestias contagiosas, apoiou seus argumentos sobre factos assaz numerosos e dignos de attenção. Resulta com effeito do exame dos registros dos principaes lazaretos do Oriente 1.º que de ha 124 annos a esta parte hão chegado 64 navios com peste a diversos lazaretos da Europa; 2.º que d'entre elles apenas 36 conservaram a peste depois de chegar, e que nenhum caso novo de molestia se declarou nos lazaretos; 3.º que nas embarcações chegadas sem doentes, vindo mesmo de sitio em que reinasse molestia contagiosa, não houve nunca um só exemplo d'esta durante a quarentena; 4.º que as mercadorias dos barcos em que não houve peste a não communicaram nunca nos lazaretos; 5.º que a peste se declara sempre na viagem e que é facil dissipal-a; 6.º emfim, que o periodo dentro do qual se manifesta não excede nunca a 8 dias, contados da data do dia da partida.

Estes factos, da maior importancia, induziram o Dr. Aubert a propor uma reforma completa nas providencias sanitarias. Pensa elle que para todo e qualquer navio que andou pelo mar para cima de 15 dias, basta sujeitar os passageiros a uma quarentena de 24 horas; quanto ás mercadorias cinco dias bastão para preservar do mais pequeno perigo.

Esta reforma, naturalmente deduzida dos resultados scientificos apresentados pelo Dr. Aubert, torna-se hoje em dia indispensavel para a França, e para todos os paizes que têem extensas relações com o Oriente; pois a Inglaterra, que não pensa em nada mais quando o interesse do seu commercio lhe aconselha que tome uma deliberação, a Inglaterra, que de prompto acolheu as observações do Dr. Aubert, antes mesmo, por assim dizer, que em sua patria fossem attendidas, a Inglaterra foi a primeira a abolir as quarentenas, com o fim de chamar a si todo o commercio do Levante. Foi a primeira a abolil-las, dissemos nós, pois que outra cousa se pode deduzir das providencias que a semelhante respeito adoptou a especuladora Albion? Para os portos de Inglaterra foram as quarentenas reduzidas a 14 dias, incluidos os da viagem; ora como um barco de vapor, partindo de Alexandria, gasta 15 a 16 dias antes de chegar a Southampton ou Liverpool, segue-se que para os portos do Levante forão de facto abolidas as quarentenas. Em virtude d'esta disposição, quem partir de Alexandria por um barco de vapor inglez, aos 17 dias estará em Londres, aos 19 em París, aos 23 em Marselha; em quanto se vier d'Alexandria directamente a Marselha, pelos barcos de vapor francezes, não desembarcará n'esta ultima cidade senão aos 35 dias, só aos 38 estará em París, e em Londres aos 41. ¿Mas de que servem as quarentenas em França, quando os passageiros, e a carga, chegados de Inglaterra, não foram sujeitos a medida alguma sanitaria, e a peste, se é que pode vir pelos navios, entrará em França pela banda de Inglaterra, em lugar de vir directamente do Levante?

Estas observações são graves, e podem ser causa de gravissimas perdas para o commercio francez em particular; até já se assegura que a suppressão das quarentenas em Inglaterra produzira no 1.º semestre de 1841 um *deficit* consideravel na receita dos barcos de vapor francezes para o Oriente; *deficit* que augmentará muito mais ainda se a França não souber tirar partido da sua posição geographica, que pode dar-lhe o sceptro da navegação em todo o Mediterraneo, e que a Inglaterra tentará cautelosamente arrancar-lhe.

Abandonamos as reflexões do presente artigo aos nossos medicos em geral, e em especial ao Conselho de Saude Publica; elles que meditem sobre o caso, que bem vale a penna, e communiquem ao Publico o resultado de suas investigações. A. M. de C.

ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.

Nisi utile est quod facimus, stulta est gloria.

---

211 Não tendo sido desempenhados os assumptos propostos para premio no Programma feito pela Academia Real das Sciencias de Lisboa em 1838, publica a Academia o seguinte

Programma

PARA O ANNO DE 1842.

SCIENCIAS NATURAES.

Em Chymica applicada ás Artes.

Uma analyse chymica da Urzella das nossas possessões ultramarinas, com a demons-

tração pratica da sua utilidade nas fabricas de tinturaria, comparada com a de Cabo-Verde.

Em Agricultura.

Designar os terrenos de Portugal em que póde dar-se a Cochonilha do Mexico, indicando as plantas onde se cria o insecto, com as regras instructivas para a sua cultura, a fim de introduzir entre nós este ramo de industria agricola, que já está adiantado na Ilha da Madeira.

Descrever o methodo de imitar o vinho da Madeira, Champagne, e de Xerez, em alguns districtos vinhateiros de Portugal, fundado em experiencias e observações praticamente adoptadas.

Em Mineralogia.

Mostrar se em Portugal existe o Asphalto similhante ao de Seyssel, que o possa substituir nos usos em que actualmente é applicado.

Descripção de novas minas de Carvão de pedra, de que recentemente se tem achado vestigios nos diversos districtos de Portugal, e qual sua natureza.

PARA O ANNO DE 1843.

Em Geologia.

Determinar os generos, e especies, em geral, de animaes fosseis, cujos exemplares não se encontram hoje vivos, e a ordem successiva das camadas de terrenos em que elles agora jazem, para d'ahi se tirarem inducções para o conhecimento das revoluções por que tem passado a superficie do nosso Globo.

Em Chymica medica.

Mostrar pela analyse a natureza da Agoa do Gerez, e a sua utilidade no curativo das molestias.

Em Veterinaria.

A discripção das molestias, que têem ultimamente atacado os porcos, e alguns outros animaes, como bois, etc., e o seu methodo curativo.

Em Botanica.

Mostrar se em Portugal existem mais plantas do que aquellas que descreveo o Dr. Brotero na Flora Lusitana, e outros que têem viajado em Portugal; sendo essas plantas classificadas segundo o methodo por elle seguido, conjunctamente com as familias novamente adoptadas, a que ellas possão pertencer.

Em Hygiene Publica.

Mostrar praticamente se a revaccinação é indispensavel nos vaccinados, depois de certo periodo, e qual esse; tudo confirmado por observações feitas no nosso paiz, que não deixem duvida alguma sobre a necessidade da revaccinação, como ultimamente se tem affirmado e contestado.

PARA O ANNO DE 1842.

SCIENCIAS EXACTAS.

Em Calculo.

Demonstrar *completamente* o methodo dos menores quadrados, imaginado por Legendre, para determinar os coefficientes constantes das equações que representam as leis dos phenomenos.

Demonstrar *completamente* pela analyse as principaes proposições fundamentaes da Geometria.

Em Mechanica.

Simplificar o machinismo dos barcos movidos por vapor, evitando os inconvenientes das rodas de pennas, e o grande consumo de combustivel.

Em Astronomia.

Exposição dos meios de determinar, com segurança, e simplicidade, o principio dos eclypses da lua.

Em Fortificação.

Delinear a defensa do Porto de Lisboa, que ponha esta Cidade a coberto de qualquer insulto maritimo, por vigoroso que seja.

PARA O ANNO DE 1842.

LITTERATURA.

Em Sciencias moraes e politicas.

Um Ensaio Philosophico sobre o melhor methodo de combinar a instrucção com a educação, de fórma que a mocidade tire de uma e outra iguaes vantagens.

Quaes devem ser as disciplinas, systema, e methodo de instrucção popular em Portugal.

(*Continuar-se-ha.*)

Eclipse do Sol em 1842.

212 Traz a *Revista de Genebra* em um dos seus ultimos numeros uma carta do professor Plantamour ao professor Rive sobre o eclipse de 8 de Julho proximo, que em Genebra e Paris tem de ser um dos mais bellos que neste seculo se observarão. No momento da maior occultação ficará descoberta só uma trigessima parte do disco Solar. Principiará as 5 horas 9 minutos e 19 segundos da manhã, e terminará ás 7 horas 4 minutos e 7 segundos. A zona obscura traçada sobre a terra será de meio grão, até dois, de latitude, e atravessará, em direcção ao Norte o meio dia, de Portugal, a Hespanha, França, Sardenha, Reino Lombardo-Veneziano, Hungria, Gallicia, Polonia, e Suecia. Será visivel em toda a Europa, Asia, Norte da Africa e parte Septentrional da Nova Hollanda.

Um bom presente.

ROMA. EGYPTO.

213 Mehemet-Ali havia offerecido ao Papa doze formosas columnas d'alabastro, que sendo aceitas, como era razão, foram destinadas para a igreja de São Paulo de Roma. Sentia com tudo Sua Santidade a obrigação da cortezia, que aconselhando a todos urbanidade em reconhecer favores, aos principes aperta mais, impondo-lhes como lei, o que para os demais seria generosa retribuição. Este cuidado, que per si só não é pequeno para brios de principes, crescia muito com a singularidade da pessoa do Vice-Rei Mahometano, a quem por nenhuma via podião quadrar as praticas usadas em taes casos pela Côrte de Roma, de conceder graças, indulgencias, ou bullas, e breves, para em certos dias se usar de lacticinios, de carne, ou de toucinho. Com taes circunstancias não houve outro recurso, senão preparar-lhe presente de grande custo, ainda que de menos valia: eisaqui do que elle constará = Duas mezas redondas cobertas de riquissimos mosaicos, representando uma varios ramalhetes, muito bem concertados de flores imitadas com todo o primor, e de cores mui vivas, e naturaes; a outra mostrando as frontarias dos principaes edificios de Roma, em cujo centro, e sobrelevando todos, se vê o de S. Paulo: as inscripções com que elles vão designados são em arabe, e os caracteres de ouro fino engastado: os pés destas duas mezas representão um tronco d'arvore, descanção sobre tres garras de leão, e são de bronze dourado e muito bem torneado. Uma collecção de moedas, e medalhas, cunhadas em o Pontificado de Gregorio XVI, cada uma em seu estojo. Outra collecção de gravuras de buril dos mais acreditados artistas italianos, francezes, allemães, e inglezes. E dois exemplares da obra, que, ha pouco, foi publicada por Lanci, sobre as inscripções dos tumulos depois de vinte annos: ambos os exemplares são impressos em pergaminho assetinado, e ricamente encadernados.

Se damos cabida a semelhante noticia, que alguns julgarão frivola, é para que seja meditada, e respeitado, e seguido o exemplo do chefe da Igreja, que assim reconhece o espirito do século, e se mostra tolerante para com as crenças mais alhêas daquella que professamos.

TRIBUNAES.

Supremo Tribunal de Justiça.

214 Nos autos de revista vindos da Povoa de Lanhozo, entre partes — Recorrente Antonio Luiz da Costa, e Recorrida Luiza Maria — desistio o primeiro do recurso, confirmando-se com as sentenças de primeira e segunda Instancia, que julgaram valida a escriptura de dote feita por um tabellião de alheia jurisdição, a cujas escripturas, ainda que a Ord. tira a fé de Instrumento publico, lhe dá o crédito de escripto particular, e como tal sufficiente para a validade do dote.

Associação dos Advogados de Lisboa.

215 A Ord. L. 4 Tit. 48, e mais legislação portugueza, que prohibe ao homem cazado alienar bens de raiz sem outorga da mulher, e vice-versa, é geral do paiz, e comprehendendo todos os bens por elle possuidos dentro, ou fóra, d'estes Reinos?

A Ord. citada é uma lei pessoal, e, como tal, é lei geral, e comprehende não só os bens de raiz, situados dentro do reino, e seus dominios, mas tambem aquelles, que o marido tiver adquirido fóra de Portugal na constancia do matrimonio. Nem a esta decisão se oppõe a Ord. 43. Tit. 52. §. 1., e lei 6.ª ff. de evicti, porque aquella fala do modo porque se devem tão sómente provar os Contractos, e esta apenas trata da eleição.

A. J. F. C.

---

216 Nas sessões de 24 e 27 do mez ultimo tem a mesma Associação discutido uma questão muito importante sobre o direito de receber a redizima da Ilha da Madeira, que o Marquez de Castello Melhor pretende ter ainda hoje, como descendente de João Gonsalves Zarco, primeiro descobridor e povoador d'aquella Ilha. O socio auctor do parecer não dá direito ao Marquez, fundado no Decreto de 13 d'Agosto de 1832, opinião que tem sido muito sustentada pelo Snr. Holtreman. Os Advogados que têem defendido a opinião contraria, fundados no contracto celebrado entre a casa do Marquez e El-Rey D. José I., são os Snrs. Ferreira de Mendonça, Emygdio Costa, e Silva Abranches. Ainda continúa a discussão.

***

Relação do Porto.

217 D. Maria Carlota Ledovice casou por contracto dotal, sendo clausula da Escriptura que apenas se communicarião os bens dissolvido o matrimonio por morte d'algum dos noivos, e se ficassem filhos vivos d'entre ambos. Verificada esta clausula, differentes Crédores penhorâram bens, que formavão o dote da mulher, e esta, em seu nome, e dos filhos, formou na execução embargos de 3.ª

O Juiz de 1.ª Instancia (o Snr. José Antonio Ferreira de Lima), por interpretação dada á Ord. L. 4. Tit. 46, julgou provados os embargos de 3.ª, porque entendeu, que apezar de verificada a clausula do Contracto antinupcial, isto é, a existencia dos filhos, subsiste a incommunicabilidade dos bens dotaes.

D'esta Sentença se appellou para a Relação de Lisboa, que differentemente julgou, decidindo que verificada a clausula não existia dote, e por isso os bens do casal ficavão subjectos á execução, para por elles se pagarem as dividas contrahidas na constancia do matrimonio.

No Supremo Tribunal de Justiça para onde se recorreo d'aquelle Acordão, concedeo-se a Revista, porque se julgou transgredida a Ord. L. 4. Tit. 95. §. 4., e mandaram-se baixar os autos á Relação do Porto para se dar cumprimento á Lei.

N'este Tribunal, por desempate do Juiz, que presidio, confirmou-se a Sentença da 1.ª Instancia, julgando-se que os bens dotaes não estavão subjectos ao pagamento das dividas do marido; e entre outros fundamentos tomados, o mais forte foi o dizer-se, que a clausula da existencia dos filhos era um pacto adjecto ao contracto principal, que, se vigor tivesse, o vinha a distrahir, o que é absurdo.

Sobre esta melindrosa questão juridica foi consultada a Associação dos Advogados, que se conformou com as opposições do Juiz de 1.ª Instancia, do Supremo Tribunal, e da Relação do Porto.

Assim ficou decidida a espinhosa materia de que os dotes em caso algum estão subjectos ao pagamento de dividas contrahidas na constancia do matrimonio, sejão quaesquer que forem os pactos adjectos do contracto principal, visto que subsistindo estes, não vigorão aquelles, segundo as opiniões expendidas.

A. J. F. C.

Bibliographia franceza.

OBRAS MODERNISSIMAS, E DE GRANDE REPUTAÇÃO.

N. B. Achão-se todas á venda na Loja do Snr. Plantier, na Rua do Ouro.

Medicina.

218 Diccionario de Medicina usual e domestica, para uso dos que não são da arte, por uma Sociedade de medicos praticos, sob a direcção de Bayle e Gibert. 2 vol. em 4.° Ha-os encadernados e brochados.

Higyene das mulheres nervosas, por Aubert. 1 vol. em 12 broch.

Manual de Hydrosudotherapia, ou tratamento das molestias pela agua fria, suor, exercicio, e dieta, pelo Doutor Bizel. 1 vol. em 12, broch.

Tratado pratico da pneumonia nas diversas idades e em suas relações com as outras molestias agudas e chronicas, por Grisolle. 1 vol. em 8.° broch.

Tratado da Materia Medica e das indicações therapeuticas dos medicamentos, por Galtier. 2 vol. em 8.° broch.

Diccionario dos reagentes chimicos, por Lassaigne. 1 vol. em 8.° broch., com estampas coloridas.

Elementos de physica experimental e de meteorologia, por Pouillet. 1 vol. em 4.°, edição muito augmentada. (Só agora se terminou)

Tratado pratico de *Auscultação*, ou exposição methodica das diversas applicações d'este modo de exame ao estado physiologico e morbido da economia, por Barth e Roger. 1 vol. em 18, broch.

Sobre a ligadura gommada, ou summario de todas as peças compostas sobre esta especie de ligadura, desde a sua invenção até hoje, precedido de um esboço historico, e seguido da descripção geral e do modo de applicação do apparelho nas fracturas e curativo, por L. Seutin, Prof. em 8.° broch.

Sobre a tenotomia sub-cutanea, ou sobre as operações que se praticão para a cura dos pés tortos, torticolos, contracções da mão e dos dedos, falsas ankiloses angulares do joelho; sobre o strabismo, myopia, gaguejamento, etc.,

pelo Doutor Carlos Philipe. 1 vol. em 8.° broch., com 12 estampas.

Manual de *Obstetricia*, ou Tratado da Sciencia e da arte dos partos, por Antonio Dugés, 2.ª edição, augmentada pelo author. 1 vol. em 8.° broch., com 43 gravuras.

Tratado elementar dos reagentes, suas preparações, seus empregos especiaes, e sua applicação á analyse, por Payen e Chevallier. 1 vol. em 8.° broch., com 19 estampas.

Relatorio sobre o modo de verificar a presença do arsenico nos envenenamentos por meio d'este toxico, em nome da Academia Real de Medicina, por Husson, Adelon, Pelletier, Chevalier, e Caventou, seguido d'um extracto do relatorio sobre o mesmo objecto, apresentado á Academia das Sciencias, por Thenard, Dumas, etc. etc., e d'uma refutação das opiniões de Magendie e Gerdy sobre este assumpto, por Orfila. 1 vol. em 8.° broch.

Ultimas publicações do Panthéon Litterario.

POLYBIO. Historia geral da républica romana. HERODIANO. ZOSIME. Historia romana, com uma noticia biographica, por J. A. C. Buchon, 1 vol. em 4.° encad.

MACHIAVEL. Obras completas, contendo philosophia, poetica, theatro, historia, arte militar, poesias diversas, etc., com uma noticia biographica, por Buchon. 2 vol. em 4.° encad.

GUICCIARDINI. Historia de Italia, com uma noticia biographica, por Buchon, 1 vol. em 4.° encad.

ANCELOT. Obras completas, contendo theatro, poesias, correspondencia, 5 mezes na Russia, o homem do mundo etc. com uma noticia biographica, por Buchon. 1 vol. em 4.° encad. e broch.

Theatro dos séculos XII, XIII, XIV, e XV, por Monmerque e Michel. 1 vol. em 4.° encadernado e brochado.

Obras completas de Shakspeare, nova traducção, inteiramente revista pelo texto inglez, por Michel, e precedida da vida d'aquelle author, por Woodsworth. 3 vol. em 4.° encadernados. Unica traducção completa.

Obras completas de Sterne com algumas notas litterarias de Walter Scott; soberba edição, com gravuras e o retrato do author. 1 vol. em 4.° encadernado.

Paulo Jacob (o Bibliophilo). Romances relativos á historia de França nos Seculos XV e XVI; *la danse macabre, les francs taupins, le roi des ribauds, les deux fous.* 1 vol. em 4.° encad.

Chateaubriand. Unica edição completa, augmentada com a traducção do Paraizo perdido, com o texto inglez, e o Ensaio sobre a litteratura ingleza. 5 vol. em 4.° encad.

Livros sagrados do Oriente. O Alcorão. Leis de Manou. Chou-King. Sse-Chou. 1 vol. em 4.° encad.

Historia da Italia desde os primeiros tempos até os nossos dias, por Leo e Botta. 3 vol. em 4.° encad.

Historia de Suecia, por Geyer, traduzida por Lundbald 1 vol. em 4.° encad.

Historia de Allemanha, desde os tempos mais remotos até 1838, por Kohlrausch. 1 vol. em 4.° broch.

N. B. Ir-se-hão successivamente publicando no mesmo formato as historias dos outros paizes.

LITTERATURA.

Estudos sobre os reformadores contemporaneos, por L. Rasbaud. 1 vol. em 8.° broch. Obteve o premio Monthyon.

Obras completas de Michelet. 2 vol. em 4.° broch. Está ja impresso o 3.° e ultimo.

Obras completas de Victor Cosin. 3 vol. em 4.° broch.

Obras completas de Alexandre Dumas. 3 ½ vol. em 4.° broch. Acaba de chegar a 2.ª parte do 4.° vol.

Obras d'Augusto Thierry, 1 ½ vol. em 4.° broch. Sahirá brevemente a 2.ª parte do Tomo 2.°

Obras de Capefigue. Historia da Restauração. 2 vol. em 4.° broch.

Os Francezes pintados por elles mesmos. Costumes contemporaneos. Já sahiram 277 cadernos, e a obra terá 400.

Os animaes pintados por elles mesmos. Scenas da vida publica e privada dos animaes. Estudos de costumes contemporaneos, por Balzac, Jules Janin, Musset, Jorge Sand, etc. etc.

Sahiram já 42 cadernos e serão ao todo 100.

Os Inglezes pintados por elles mesmos. Costumes contemporaneos.

Publicaram-se já 71 cadernos dos 100 de que a obra constará

Nota. Estas 3 ultimas obras são enriquecidas com magnificas gravuras dos melhores artistas francezes e inglezes, e cada caderno contem duas.

INGLEZA.

219 Historia da Religião e Igreja christã nos 3 primeiros seculos.

Exposição sobre as duas Epistolas de São Paulo aos Thessalonicenses, por Jerwel.

Historia Natural da Sociedade, no estado barbaro e civilisado, por Cooke e Taylor.

Observações sobre a educação moderna, por E. K.

Elementos de Agricultura pratica: por * *

Manual de electricidade, magnetismo, e meteorologia, por Diniz Lardner.

Estudos de medicina do Dr. Masongood.

Tratado pratico das molestias de olhos, por Mackenzie.

Sobre a asthma, suas diversas especies e complicações, por Rumadge.

O livro azul, ou tratamento de todas as molestias syphiliticas, por um médico.

Enfermidades dos orgãos da geração em um e outro sexu, por um cirurgião.

Lições d'Arithmetica para instrucção da mocidade de ambos os sexos.

Elementos d'Algebra, por Wallace.

Historia Naval da Grã-Bretanha, e continuação da Historia do tempo presente. — E' aformoseada com os retratos de muitos officiaes que se abalisaram nas ultimas campanhas, e com as estampas das principaes batalhas.

Historia do Imperio Britannico na India, por Eduardo Thornton.

A Irlanda, com 22 gravuras.

Viagens de Cook, com bellas gravuras.

Resumo das ultimas operações militares contra Cantão, por * *

A América historica, estatistica, e descriptiva, por Buckingham.

Jurnal das duas expedições para o descobrimento da passagem Noroeste.

Vida de Walter Scott, nova edição, em um só volume.

Obras poeticas de Thomas Campbell, nova edição.

Poemas de Montgomery.

Poemas de Samuel Rogey, com 123 vinhetas.

Obras poeticas de Guilherme Words Worth, nova edição.

Almanachs para 1842.

TYPOGRAPHIA DE J. A. S. RODRIGUES

Rua da Condeça n.° 19.

Scientifica, Litteraria, Agricola, Commercial,

Chronica Judicial, Artistica, e Economica de todo o mundo.

REVISTA UNIVERSAL.

N.° 11.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS.

POR 12 NUMEROS	480
POR 24 »	960
POR 52 »	1920

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, RUA DOS FANQUEIROS N.° 107, 1.° ANDAR.

Quinta feira 9 de Dezembro de 1841.

A redacção da REVISTA UNIVERSAL acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Roga-se aos Senhores Assignantes das Provincias que ainda até hoje não satisfizeram a importancia de suas assignaturas, tenhão a bondade de remetter ao Escriptorio da Redacção a quantia por que se responsabilisaram. Os que assignaram tão sómente para os 12 primeiros numeros deverão renoval-as quanto antes para que não haja irregularidade alguma na remessa do jornal.

Nova especie de centeio.

FRANÇA. ALLEMANHA.

220 Os incançaveis trabalhos da Academia de Industria Agricola de França, e as suas aturadas correspondencias com os paizes, onde a agricultura se tem aperfeiçoado, vão produzindo cada vez maior adiantamento a este importante ramo da industria. Fôra impossivel dar relação em um artigo das novas especies de cereaes, que nestes ultimos tempos se hão introduzido, e cultivado, com grandissimo proveito dos lavradores, e não menor utilidade daquella nação, tão estudiosa, e activa em procurar os solidos meios (como estes são) do seu engrandecimento; só este ponto daria sobrada materia a um bom volume: para entrarmos em o nosso objecto, poremos de parte todas estas especies, e nos haveremos com a muito excellente, e nova, do centeio chamado *roseau*, e que nós diremos centeio canniço. Veio esta semente da Allemanha para a França com todo o encarecimento de sua incrivel producção; começaram as experiencias o anno passado; e posto não haver elle sido favoravel, senão muito contrario, pelas grossas chuvas, e muita neve, a estas sementeiras, a do centeio canniço foi a que melhor vingou todos contratempos, e produziu tão abundante colheita, que pareceria em bom termo ainda em annos de muito favor, e grande fartura. O regular da sua producção é quinze vezes mais que a semeadura. Esta bella especie de centeio é denominada por Linneo *secale arundinaceum*, em razão, segundo o nome indica, e a experiencia mostra, da grande altura, a que chega sua canna; pois sendo meã alcança a duas varas; não responde a grossura a este portamento agigantado; mas é mais refeita e forçosa, que

a do centeio ordinario: a espiga é longa, e bem fornida, e o grão bem seguro, de sorte, que não lhe acontece o cahir facilmente, o que é ordinario, e não sem perda, nas outras especies; a tal ponto, que é mister dar-lhes ceifa antes da sazão propria. Este grão não é tão comprido, como o commum; mas em troco do que mingua em tamanho cresce no render, e na boa qualidade de farinha: o seu peso é maior; a pellicula mais clara, e fina; e como se rompe, está mostrando a grande alvura da farinha, em que todo se desfaz: é ella um pouco cristallina, mui subtil, e alva; e o pão muito substancial, e de tanto mimo, que ninguem o houvéra por de centeio, senão de mais mimosa confeição, se com o ordinario de qualquer outra especie o houvesse de comparar. Um bem acreditado botanico Francez, Reichenbach, mostrou, com muita probabilidade, ser esta uma nova especie mui distincta por suas constantes particularidades botanicas; e que todas as especies conhecidas até ao presente não passão de certas variedades, produzidas, e alteradas, pela natureza dos terrenos, dos climas, e do cultivo. A Academia de Industria recommenda aos agricultores francezes o cuidado de cultivar, e propagar, esta boa especie; e tão boa é ella, que abraça todo o terreno, ainda o mais areento, e fraco, com tanto que haja o cuidado de neste a semearem mais temporã: em os paizes frios, e onde costuma nevar, basta, que seja a sementeira feita por meado Outubro.

F. M. P. S. N.

Nova machina para debulhar.

FRANÇA.

221 Ao darmos tão interessante, porém tão succinta, noticia de uma nova machina, de que os jornaes francezes contão maravilhas, fica-nos o pezar de não podermos ainda dar uma descripção, ou idéa, de sua fabrica, por onde algum engenho portuguez se guiasse na traça de alguma similhante; pois que o trabalho da debulha do trigo, e outros grãos, em que se ella particularmente emprega, é entre nós excessivamente pesado, e cheio de difficuldades, e delongas; mas consolar-nos-hemos com a certeza, de que em breve haverá em o nosso reino, quem neste ponto o abasteça de modêlos, estampas, descripções, e ainda de instrumentos, e machinas completas, e de tudo mais, que possa concorrer para o melhoramento de nossa agricultura. Como porém com a resumida menção que vamos fazer, poderemos excitar a curiosidade de algum engenhoso machinista, já que d'estes talentos (nem de nenhum) não somos pobres, diremos em substancia, o como a nova machina de debulhar trabalha limpamente. E' seu author Bille, excellente machinista, e muito dado á agricultura. Um simples apparelho de cordoalhas, ou de tiras de coiro, faz mover as peças, e pesos destinados ao attrito, que vão rolando de tal geito, que ao mesmo tempo fazem saltar o grão da espiga, e afastão para outro lado a palha. Quatro homens são bastantes para em pouco tempo darem prompta uma debulha; pois, segundo o calculo, que nos dão, da presteza do trabalho, a machina aprompta quatro pavêas, ou feixes de trigo por minuto. Um cavallo possante, ou dois, de fraca estatura, a movem com todo o desembaraço, sendo dirigida e meneada segundo o entenderem os lavradores, que d'ella se servem, e como o pedir a qualidade do grão, que se quizer debulhar. Grande é por certo o prestimo d'uma tal machina; e bem merece este ponto ser estudado pelos nossos artifices.

F. M. P. S. N.

Differentes receitas.

LISBOA.

222 Consta-nos que em a Rua do Cura, n.º 31, ás Trinas de Mocambo, se distribuem as seguintes receitas, actualmente usadas nos paizes estrangeiros em que ha mais industria. Muitas d'ellas se recommendão por sua extrema utilidade, e julgamos que a alguem faremos serviço com tão curta enumeração:

Processo simples para salgar e defumar as carnes.

Methodo inglez para salgar a manteiga.

Modo de seccar as fructas e de as conservar.

Methodo de fazer conservar as batatas.

Modo de conservar as batatas.

Processo para impedir que o azeite crie ranço.

Methodo para impedir que o vinho azede.

Processo para tirar o máo gosto ao vinho.

Novo methodo de salgar a carne de porco e toucinho.

Materia medica indigena.

PORTUGAL.

223 Posto que alguem nos censure o entendermos em coisas mui sabidas, e não ha-

ver, no que vamos a dizer, novidade, que prenda a attenção, move-nos comtudo o desejo de combater a incuria, que neste, e em muitos outros pontos, ainda vai reinando, e de um dia chegarmos a vêr a medicina portugueza desaffrontada das invectivas, que, bem e mal cabidas, contra ella têem lançado escriptores estrangeiros, como Dumourier, Velpeau, e outros. Nem parecerá aos que sabem pensar, pouco acerto o chamar a attenção sobre os recursos, por ventura ainda grandes, que o nosso paiz nos offerece, em tempo, em que nenhum outro remedio nos resta, senão o que nos elles dão.

Causa lastima a falta de estudo, e observações ácerca de muitas plantas medicinaes indigenas; quando são tão numerosas as especies, que dellas nos produz o nosso paiz, que as haviamos de reputar infinitas, se calculassemos a somma das que poderamos ainda conhecer, com o grande numero de cinco mil e trinta e uma, de que nos dá noticia o nosso portuguez, o Snr. Jeronimo Joaquim de Figueiredo, na sua Flora Pharmaceutica e Alimentar Portugueza. Se não fôra tal a nossa negligencia, teriamos, pelas observações comparativas, conhecido muitissimas plantas indigenas, que por suas affinidades botanicas, e propriedades, serião bons *succedaneos* daquelloutras exoticas, que nos custão muito ouro. Muito facil nos parece esta empreza se os nossos Facultativos, tanto da Capital como das Provincias, se derem a este estudo, e a fazer experiencias, publicando os seus resultados pelo Jornal da Sociedade das Sciencias Médicas de Lisboa. Seria isto deparar-nos a fortuna um riquissimo thezouro. Em prova do que levamos dito, daremos razão d'alguns exemplos. Não se encontrão entre nós as especies, que fornecem os purgantes drasticos; nem mesmo os laxantes de mais uso; mas encontrão-se (e por toda a parte que os quizermos procurar) muitas outras, que, se não igualão, não ficão muito inferiores em virtude, e effeitos, ás que com tanto custo nos vem de fóra. Não temos, por exemplo, a *convolvulus jalapa*, as *euphorbia*, *scamonea*, *officinarum* ... mas, a troco destas, nos dá a nossa terra, segundo a noticia das Floras Portuguezas, um bom numero d'outras especies, que, mais ou menos, podem substituir aquellas, e muitas outras, frequentemente usadas na therapeutica; taes são o *turbeth* branco das boticas, a *cilidonia maior*, a *centaurea maior*, ou *rhapontico bastardo do Reino*, o *thalictro amarello*, ou *rhuibarbo dos pobres*, a *escamonea de Mompelher*, algumas especies do genero *convolvulus*, como o *soldanella*, ou *cersa marinha*, e a *tripadeira dos lupumes*, e varias outras do genero *euphorbia*, e com especialidade o *tartago*, ou *catapucia menor*, de cujas sementes se extrahe um oleo, reputado na Pharmacographia do Snr. Agostinho Albano na qualidade de optimo purgante em dóze d'algumas gotas, e um bello succedaneo do oleo de *croton tiglium*. Muitissimas especies poderamos ainda mencionar, se não nos atalhasse o fio a idéa do enfado, com que muitos se impacientão ao lêr artigos compridos sobre certas materias; porém não ficáramos satisfeitos, se não recommendassemos aqui o estudo de tres especies, em que ha pouco se começou a fallar; a raiz do *cravo do monte*, *o ourival*, *e o crafêta*. Do primeiro nos dão noticia o nosso Brotero, e o Snr. Agostinho Albano, que recommenda as tentativas sobre sua applicação, e nos diz ser um drastico forte e violento: nasce por muitos logares da Beira, e delle usão inconsideradamente os habitantes dos campos. Do *ourival* sabemos o que nos diz o Jornal das Sciencias Medicas de Lisboa, tom. 8, em uma noticia dada pelo Snr. G. Couceiro, Cirurgião de Serpa, que nos affirma ser um purgante drastico tão energico, que para as pessoas sensiveis soffrerem alguma revolução, basta que o alimento tenha sido mexido com faca, que cortasse aquella raiz ainda recente. Sabemos apenas a respeito do *crafêta*, que é um drastico, e que tambem nasce na Beira.

Muito mais tinhamos a referir, se quizeramos mencionar outras especies de igual virtude, que o nosso paiz copiosamente produz; porém é materia de que se poderia encher um grosso volume, e o pouco, que temos apontado, parecerá por ventura muito. Reservaremos pois para outro numero o continuar com a materia médica indigena, discorrendo por outras plantas de diversa virtude.

A. J. de S.

Conselho aos doentes do peito.

224 Por grandes, que tenhão sido os progressos da medicina, como era natural em razão do grandissimo desenvolvimento das sciencias, donde ella depende, e dos estudos, e constantes experiencias, que se vão repetindo, e confirmando pelo espirito da analyse, que é o distinctivo do nosso seculo; por muito que esta sciencia se tenha enriquecido por meio do calculo, e da justeza de infinitos resultados invariaveis, e engrandecido seu credito, e assegurado sua repu-

tação até com prodigios, ha com tudo um ponto, em que ella muito se afadiga, e que apezar de tanto estudo, e de tantos trabalhos dispendidos, pouco, ou nada, tem participado da illustração, e da grandeza actual.

E' a tisica um dos grandes obstaculos que parecem affrontar, e pôr em balança, o credito da sciencia médica. E' a baliza dos progressos antigos, e modernos, onde está gravada a humiliação das forças humanas; a triste sentença — *não passarás ávante.* — O muito, a que têem arribado os estudos, e os esforços, de tantos séculos, (e na verdade não é pouco) é o impedir-lhe o desenvolvimento, ou retardar-lhe os progressos; mas quando esta terrivel enfermidade apparece em seu ser, acabou a algada da medicina; toda a arte de curar se reduz a um conselho, porque nelle está o unico remedio; é a mudança d'ares para um bom clima.

Fallaremos portanto da temperatura, e das mais condições, do bello clima da Ilha da Madeira, como do melhor, e do mais proprio, e efficaz, que para estas molestias conhecemos. Não nos peza, senão que nos praz, sermos diffusos em taes materias; e por certo havemos, que se fôra bem estimado o grande prestimo daquella Ilha em taes casos, ella seria hoje um paraiso cheio de todas as commodidades, recreios, prazeres, e gozos; seria uma nova praça de mais valioso commercio — o da vida — nem ella faltaria aos que acertassem de chegar a tempo para negocia-la.

Sua temperatura media é mais elevada cinco gráos, que a de Italia: o inverno alli é mais quente vinte gráos, que em Londres; e o verão augmenta apenas em a mesma relação sete gráos: a igualdade na graduação do calor é admiravel em todo o anno, e tão singular neste clima, que a differença média da temperatura da successão dos mezes é sómente de 2.º, 41; quando em Roma é de 4.º, 39; em Nice de 4.º, 74; em Piza de 5.º, 71, e em Napoles de 5.º, 78. A mesma progressão se observa na distribuição da temperatura de cada dia; de sorte que da comparação resulta ser a temperatura dos dias, em a Madeira, metade menos variavel do que em Roma, Nice, e Piza; vindo a differença media d'um a outro dia naquella Ilha a ser 1.º, em Roma 2.º 80; em Nice 2.º, 83; e em Londres 4.º, 21. A quantidade das chuvas alli anda pelo mesmo que em Roma, e Florença; porém os dias chuvosos são na Madeira 72; em Napoles 97; em Roma 117; e em Londres 178. Estes dias comtudo, na Madeira, são sómente no Outono; e nas outras estações o ar é puro, e sêcco.

Estas comparações de temperaturas, e suas variedades, mostrão palpavelmente, que o clima regular, e a graduação dos dias, e das estações, n'aquella ilha abençoada, são circumstancias, que a fazem digna de toda a preferencia para a mudança d'ares, que, no sentir de todos os médicos, é remedio, que deve ser applicado a tempo aos tisicos, e nós por conhecermos sua efficacia, a todos o aconselhamos.

Dr. S.

Direcção dos balões.

LYÃO DE FRANÇA.

225 O uso dos balões aerostáticos não passava d'um divertimento; e os que nelles subião, contentavão-se em descer em algum logar proximo, havendo por boa fortuna pôrem pé em terra sem lezão. Este resultado das forças phisicas era digno de todo o estudo, pelas vantagens, que poderia trazer ao tracto e commercio entre os homens; mas o grande problema da direcção determinada, e arbitraria, ainda estava sem resolução; e por isso as viagens aerostaticas não tinhão ainda a sua épocha. Hoje apparece na França um tal Comaschi, de nação italiana, e pede alvigaras de o haver resolvido com toda a perfeição; e para affiançar sua habilidade, dá grandes provas da justeza, com que particularisa, e preenche, seu itinerario, ou róta aérea.

Abalou do jardim botanico de Lyão de França; elevou-se passante de tres mil varas, em direcção vertical; e perdeu-se de vista, não tanto pela grande altura, a que vingou, como pelos nevoeiros, que toldavão os ares naquella conjuncção: de espaço a espaço, e por entre os claros das nuvens, se enxergava boiando por de cima dellas: chegado a certa altura começou de declinar, descrevendo uma curva; atravessou o Sena de Leste a Oéste, procurando a direcção dos pontos principaes das collinas de Fombiéres; repassou segunda vez o rio um pouco mais abaixo da ponte de Tilsit, cortou o Rhódano, e baixou em a estrada de Venisieux.

Não foi possivel ao aeronauta encontrar companheiro de viagem, posto offerecer generosamente toda a passagem *por sua conta e risco*; e é de suppor que com tal lição deixe de ser tão generoso.

Differe este balão, em quanto á forma, dos ordinarios; e esta differença evita o def-

feito da rotação, que os demais costumão ter. O modo de dar-lhe uma direcção determinada, é elevar-se até ao ponto de encontrar uma corrente d'ar, que lhe corra a favor; pois é sabido, que a certa altura se cruzão estas correntes, e vão variando segundo os pontos a que se vai subindo; e assim vem a ser infallivel o achar, com mais ou menos facilidade, a boa maré, ou monção, que se procura. Julgamos, que esta particularidade já era conhecida pelo Inglez M. Green, quando projectava a sua viagem dos Estados-Unidos para Inglaterra.

R. L.

Associação dos Advogados de Lisboa.

226 A questão do Marquez de Castello Melhor relativa ao direito da redizima da Ilha da Madeira, depois de longo debate, foi a final decidida na conferencia de 4 do corrente. De trinta socios que erão presentes, votaram vinte e quatro contra o pretendido direito do Marquez; tres não votaram, e entre estes o Snr. Emygdio Costa, que na discussão tinha pugnado a favor d'aquelle direito; o Snr. Antunes Pinto, que tinha fallado no mesmo sentido, deu-se por convencido na votação; o Snr. Mendonça não estava presente; o Snr. Silva Abranches votou a favor, em conformidade com o que tinha sustentado durante a discussão, e foi seguido na votação pelos Snrs. Beirão, e Abel Maria Jordão, Vice-Presidente.

Nesta Associação forão admittidos ha poucos dias, como socios honorarios, os Snrs. João Baptista de Almeida Garret, e Francisco de Paula e Oliveira. * * *

CONSULTA.

227 HA em Sines uma armação de pescaria, que ha tempo immemorial está constantemente posta a pescar em certo logar da costa do mar, pertencente a uma Sociedade da referida Villa.

Outra Sociedade emprehendeo a mesma pésca, e pertende lançar ao mar sua armação, no mesmo logar, em que a primeira tinha posse de a lançar, posse que até lhe foi confirmada por Posturas do Conselho.

PERGUNTA-SE

Se os proprietarios da nova armação podem, em prejuizo da posse immemorial adquirida pelos proprietarios da antiga, e confirmado nas velhas Posturas da Camara, lançar a sua no sitio em que o tem constantemente feito a primeira, valendo-se do meio de a lançar primeiro ao mar?

A Sociedade resolveo negativamente; e para isto, álem d'outros principios geraes doutamente desenvolvidos, funda-se; 1.º nos Alv. de 3 de Maio de 1802, e Decr. de 9 de Novembro de 1830, que dizem assim: aquelle = Será livre a todos o pescar no alto mar, e suas costas, independente de qualquer licença = e este = Fição abolidos todos os privilegios, que possão estar concedidos a alguma corporação, ou companhia para exercer qualquer ramo de pescaria: 2.º nas Ord. do L.º 2.º, Tit. 28 princ. e Tit. 2 Tit. 45. §. 10, que não admittindo posse immemorial contra Decretos Reaes (hoje nacionaes) dizem assim = e para prescripção das ditas cousas não valerá a posse ainda immemorial. =

A. J. F. de C.

Nobre empreza litteraria.

FRANÇA — PORTUGAL.

228 Sahíram de Pariz muitos membros do Instituto, para diversas cidades das Provincias, encarregados de examinar todos os manuscriptos, de que possão haver noticia, pelas bibliothecas do reino. O plano é formar um cathalogo geral de tudo, que neste genero possue aquella nação. Por trabalhoso, e agro, que tal encargo seja, e pareça, a quem sobre si o toma, a idea do grande serviço, que nelle se faz ás lettras, e á patria, tem tal virtude para aquelles, que sabem amar uma, e outra coisa, que lhes fará suave toda a fadiga com representar-lhes vivamente a grandeza dos resultados, que nunca tardão em coroar de gloria, quem assim lida pela de sua gente. Quantas riquezas litterarias, e historicas, não poderiamos nós apurar ainda hoje, se o amor do nosso credito nos levasse a seguir este exemplo! Tarde, e muito tarde (dirá alguem), iria já a diligencia, que bem roubados nos deixáram os invejosos! Mas em o nosso entender não acudiriamos tão tarde, que não desentranhassemos do pó muitas preciosidades, que ainda nos restão salvas das depredações; não por virtude nem por zelo, senão por ignorancia do que são, e do quanto valem. Muitas sem duvida estarão onde menos se esperão; por

esses cartorios, e archivos, em cidades, e villas, das Provincias, d'aquem e d'alem mar, onde não ha quem as entenda, nem possa rastrear-lhes a era.

E quando fosse baldada toda a esperança de novas achadas, não seria coisa de pouco tomo, conseguir noticia bem ordenada do que ha, e conserval-o a bom recado, para que não continuemos a vel-o ir de barra em fora engrossar bibliothecas estranhas. A publicação de um cathalogo, onde se mencionassem estes manuscriptos, o logar onde párão, e a pessoa, que por elles responde, era já uma boa fiança de sua conservação. Não é nosso animo provocar com estas reflexões os queixumes dos nossos economistas: foi lembrança renovada pelo zelo, e actividade, com que sabemos tratar-se este assumpto em França; e por entendermos, que, entre nós, e nas actuaes circumstancias, em que se acha a nossa historia, é isso uma necessidade publica.

F. M. P. S. N.

Poesia Nacional.

Advertencia prévia.

229 O presente é começo de uma serie de capitulos, que, assim pelo assumpto, como pelo Auctor, o Sr. ALMEIDA GARRET, promettem saír, sobre mui agradaveis, grandemente proveitosos, e instructivos. Não contente de nos haver dado riquissimos exemplares de Poesia Nacional, o AUCTOR DE ADOZINDA, CAMÕES, e D. BRANCA, traça hoje historiar-nos, com aquella mestria, que nacionaes, e estrangeiros, em seus escriptos lhe reconhecem, a origem, e progressos, desta mesma Poesia; e, o que mais, e melhor é, salvar da destruição, que os ameaça, os tradicionaes fragmentos, que della permanecem por alguma teimosa memoria de velhos, de avós, de aias, mórmente lá pelos ermos, e brenhas, dessas provincias mais remotas.

Sabemos, que já muitas destas cantilenas narrativas, despresadas de letrados, por aquillo mesmo, que mais as recommenda, que é sua muita singelez, e gracioso desalinho, têem sido colligidas pelo nosso Auctor, á custa de muitas diligencias, e perseverancia de largos annos. E boa fortuna foi a nossa de podermos ajudar tambem a sua collecção com o fructo, que de igual empenho haviamos colhido, já por nós, já por nossos amigos, assim nas terras da Beira, e Minho, como nas do Alemtejo.

A empreza do Snr. Garret é daquellas, que por suas visiveis, e palpaveis, vantagens, ninguem deve deixar de abençoar, e coadjuvar.

Rogamos pois a nossos Leitores, que, em remuneração do gosto certo, que lhes havemos de dar com a successiva publicação destes capitulos, procurem brindar-nos com toda e qualquer tradição, que deste genero possão desencantar, embora incompletas, viciadas, erradas, ou apparentemente frivolas: o que tudo será por nós, mui pontualmente, passado para as mãos, a que já é devido, e que tão destra, e cuidadosamente, o saberão aproveitar.

A Redacção.

I

Horacio, que foi um grande homem, paciencia, meus caros irmãos Romanticos! cuja Arte Poetica ha-de sempre ser para toda a poesia, de todas as edades, de todas as escholas, e de todas as nações, o que são para a Moral os versos de ouro de Pythagoras, um codigo eterno de regras inalteraveis; Horacio louva sobre todos nos poetas latinos que ousaram desviar-se do trilho batido dos Gregos, e celebrar emfim as acções de sua propria gente, deixando em paz as Medéas e os Jasons, a interminavel guerra de Troia e essa perpétua familia dos Attridas.

» *Race d'Agamemnon qui ne finit jamais.* »

Os nossos primeiros trovadores e poetas, que mal sabião, talvez, e se tanto, o Latim musárabe dos bons monges de Lorvão ou de Cucujães, e que, de certo, nunca leram Horacio, nem o entenderião, seguiram com tudo melhor, por mero instincto do coração, as doutrinas do grande mestre, que não conhecião, do que depois o fizeram os poetas doutores e sabichões, que no seculo XVI nos transmudaram e corromperam todas as feições de nossa poesia nacional.

¡ Longe de mim a ingrata e presumpçosa vaidade de desacatar as venerandas barbas dos nossos dous *Boileaus* de Quinhentos, Ferreira, e Sá de Miranda! ¡ E quem ousará pôr os olhos fittos no Sol de Camões para lhe rastrear alguma leve mancha, se a tem! E todavia esses tres grandes poetas, grandes homens, grandes cidadãos, e grandes philologos, são, os que, cheios de Ariosto, de Petrarcha, e de Dante, com os olhos cravados no antigo Lacio, e na nova Italia, de todo esquecceram, e fizeram esquecer, o tom, e os modos, da original e genuina poesia nacional dos nossos primeiros trovadores.

Os nossos visinhos de Castella nunca chegaram á perfeição classica da litteratura por-

tugueza, mas ficaram mais nacionaes, mais originaes, e por consequencia maior, e mais perduravel, e mais geral nome obtiveram, e conservaram no mundo.

Toda a Europa lê hoje os Lusiadas: é verdade. ¿E por que?¿ Será pelas fórmas virgilianas do poema? pelos Deuses homericos do seu maravilhoso? pela belleza dos modos, que só nós sentimos bem? Não: é pelo que têem de poesia original, propria, primitiva: porquanto era o Camões poeta tam portuguez n'alma, que as mesmas harmonias, homéricas e virgilianas, os mesmos sons classicos, se lhe repassaram debaixo dos dedos d'aquella sincera e maviosa melodia popular, que respira das nossas crenças nacionaes, da nossa fé religiosa, do nosso fanatico (e inda bem que fanatico) patriotismo, da historia, (meio historia, meio fabula) dos nossos tempos heroicos.

A nossa poesia, a nossa litteratura, precisavão retemperadas nos principios do seculo passado, que estavão uma coisa informe e laxa: erão cordas castelhanas em segunda mão, cordas italianas, de má fabrica, as unicas da lyra portugueza. Veio o Garção, o Diniz, e o Filinto, depois o Bocage, com todos os satellites d'estes quatro grandes planetas, e restauraram a lingua e a poesia (a prosa não) mas pelos antigos modos classicos, agora deduzidos pela reflexão franceza, bem como no seculo XVI o tinhão sido pela reflexão italiana.

Fallou portuguez, e fallou bem, cantou alto e sublime a nossa poesia, mas ainda não era *portugueza*.

Estava corrido o primeiro quarto d'este seculo quando a reacção do que se chama *romantismo*, por falta de melhor palavra, chegou a Portugal.

Vamos a ser nós mesmos, vamos a vêr por nós, a tirar de nós, a copiar de nossa natureza, e deixemos em paz

Gregos, romãos, e toda a outra gente.

¿Que se ha de fazer para isto? ¿Substituir Goethe a Horacio, Schiller a Petrarcha, Shakspeare a Racine, Byron a Virgilio, Walter Scott a Delille?

Não sei que se ganhe n'isso, senão dizer mais semsaborias com menos regra.

O que é preciso é estudar as nossas primitivas e genuinas fontes poeticas, os romances em verso, as legendas em prosa; as fabulas e crenças velhas, os costumes, lê-los no máo latim musárabe, ou meio gôdo, no máo portuguez dos foraes, das leis antigas, e no castelhano do mesmo tempo — que até o seculo XV, a litteratura das Hespanhas era toda uma —; o tom e o espirito verdadeiro, estudá-lo no grande livro nacional, que é o povo, e as suas tradições; e as suas virtudes, e os seus vicios, e as suas crenças, e os seus erros. — E por tudo isso é que a poesia nacional ha de ressuscitar verdadeira e legitima, despido, no contacto classico, o sudario da barbaridade, em que foi amortalhada, quando morreu, e com que se vestia, quando era viva.

Reunir e restaurar, com este intuito, as canções populares, xácaras, romances ou rimances, soláos, ou como lhe queirão chamar, é um dos primeiros trabalhos, que precisamos.

Os romancinhos de Adozinda e do Bernal Francez, que se publicaram em Londres em 1828, são amostra, do que se póde fazer; mas é pouco de mais.

O auctor d'este artigo seguirá dando parte aos amantes d'este nosso tão interessante género, do que tem achado, e do que tem imaginado, e do que tem ajuntado.

Dirá tambem o que pensa sobre a sua origem, que uns querem que seja mera castelhana, outros toda portugueza.

Ajudem-no, os que tiverem alguma coisa que lhe communicar, sejão observações, collecções, ou meras indicações, que elle agradecerá e aproveitará tudo.

A. G.

Congresso Scientifico.

ITALIA.

4.ª *Sessão.*

230 Na secção de Anatomia comparada, Zoologia, e Phisiologia, leo Alberti, de Luca, algumas observações sobre os *Leppidotteros* d'aquella provincia, mostrando pela mesma occasião o desejo de que os Entomólogos Italianos se occupem da compilação de uma *Fauna Entomologica* d'esta Peninsula.

Paulo Savi communicou as suas idéas sobre a estructura do systema nervoso do orgão electrico da torpilha ou tremelga.

Na secção de Physica e Mathematica, Cagnazzi apresentou um instrumento, que ideára, a que deo o nome de *Tonographo*; expoz os principios em que se funda, e mostrou com experiencias o uso que d'elle se podia fazer. O Princepe Luiz Bonnaparte mostrou duas laminas de platina, douradas pelo processo de De-la-Rive, observando que a douradura vinga melhor n'aquelle metal do que na prata.

O Conego Bellani leu uma memoria tratando das difficuldades que se oppõem ao estabelecimento de Observatorios meteorologicos; ao que retorquirão diversos mathematicos que essas difficuldades só provavão a necessidade de adoptar um systema regular de observações.

O Professor Matteuci, discorrendo sobre o mesmo objecto na parte em que he relativo á electricidade atmospherica, fallou nas causas d'ella, referindo algumas observações feitas sobre as bolhas de que se levanta o acido borico nas marinhas da Toscana, e cujo resultado seria destruir a opinião geralmente admittida, de que a evaporação, acompanhada da decomposição chimica, seja causa da electricidade atmospherica!

Na secção de chimica, leu o Professor Peretti uma memoria com o titulo — *Novas investigações sobre o acido latico.*

O Professor Paisser, principiando por fazer observar que de todos os meios que se hão tentado afim de purificar o azeite de peixe, e mais ainda para tirar-lhe o máo cheiro, nenhum havia vingado, pedio ao Congresso que lhe fornecesse alguns esclarecimentos sobre este objecto, que é de natureza tal, que uma vez resolvido aquelle problema, muito deverão ganhar as artes industriaes.

Na secção de Chymica, Renzi participou o resultado de diversas analyses da *Perite*, feitas pelo Principe Luiz Luciano Bonnaparte, em cuja substancia achou tambem algum itrio, o que deu logar a uma discussão entre differentes sabios sobre se convêm ou não formar, por este motivo, uma nova especie ou variedade mineral.

O Professor Collegio leu uma carta de Elias de Beaumont sobre os Echinis Fosseis (peixes petrificados) do Veronezo. Barelli leu um discurso sobre a necessidade de fundar escolas especiaes de mineralogia e metallurgia nos diversos estados italianos.

Na secção de Botanica e physiologia vegetal leu o professor Brignoli uma memoria, cujo objecto era examinar as diversas asserções expendidas na physiologia vegetal do professor Candolle quando trata da acção da luz sobre a ascensão da seiva da transpiração, e formação dos principios immediatos.

Deu esta memoria lugar a muitas observações sobre as causas das diversas mudanças de côr nos vegetaes expostos a differentes acções de luz.

O Doutor Riboti pedio que se nomêe uma commissão para examinar as suas experiencias phrenologicas.

O Dr. Semola leu uma memoria sobre a ourina ferruginosa, e o Doutor Rivachi outra sobre a circulação uterina e placental, em que nega a communicação directa entre a madre e o feto. Esta ultima foi plenamente approvada pelo Doutor Berini por quadrar com as suas proprias experiencias, e com as de Rigacci, Mascagni, e Civinini.

Leu-se uma memoria do Doutor Thaddeu de Gravina intitulada = Investigações experimentaes para achar a verdadeira e precisa acção do sulphato e citrate de quinina. =

Na secção médica apresentou o professor Cittadini um livro em que propõe novos processos para diversas operações, e o Professor Portal uma memoria sobre córte de utero em caso de reviramento.

Abriu-se depois a discussão sobre um apparelho do Professor Cittadini para praticar a cistotomia com talho bilateral.

O Doutor Viti de Montvaschi leu algumas reflexões sobre um caso de operação do trépano.

(*Continuar-se-ha.*)

O Congresso de vinhateiros.

WURTZBURGO.

231 Lembrados serão ainda nossos leitores da noticia, que lhes demos, em o artigo 77, dos aprestos que se fazião, e da concurrencia, que ia acudindo, para se festejar com toda ô pompa a primeira sessão do Congresso de lavradores de vinho, em o dia 6 do passado Novembro, na cidade de Wurtzburgo, em Allemanha: agora é razão, que demos conta do que por lá se fez; que este é o unico gozo, que podem ter os que não vão á festa; folgar n'ella.

Reunido um grandissimo numero dos membros do Congresso, tomou a presidencia Mr. de Weinbach, e abrio a sessão com um excellente, e patriotico discurso, mostrando a grandeza, e o merecimento do serviço, que os agricultores de vinhas fazião ao seu paiz: com bastante vehemencia sustentou a perfeição, e melhoramento, que a Allemanha tem conseguido dar ao fabrico dos seus vinhos, e terminou animando os que se dedicão a este ramo da agricultura. Seguiram-se a este muitos outros discursos dos representantes dos diversos pontos, mostrando cada qual sua affeição ás varias especies de productos deste genero, que largamente exaltou. Discutio-se, e orou-se copiosamente, sobre a preferencia dos methodos de cultivo, e fabrico dos vinhos, tanto das numerosas especies d'uva, como d'outros fructos. Depois de tratados com toda a

gravidade, e talento, estes assumptos de interesse nacional, ouvidos os pareceres sobre as propostas, e lidas todas as memorias, e correspondencias concernentes ao melhoramento deste precioso ramo de industria agricola, acordou todo o Congresso em terminar suas fadigas por uma fórma esplendida, e agradavel; para que os membros, que a elle vieram de logares mui distantes, refizessem suas forças, e regressassem risonhos e alegres para suas cazas. Deu-se para este fim em o dia 7 um lauto banquete; e rematou-se o festejo deste dia com a representação d'uma excellente peça no theatro. Em a seguinte noite houve ainda maior, e mais publica, festa. As tavernas, adegas, e infinitas casas de bebidas, se adornaram, e se alluminaram com todo o primor pelas extensas ruas do castello dos antigos Principes, Duques de Franconia. Foi grandissima a frequencia de pessoas de differentes classes, que alli carregou de todas as partes; e entre tão grande concurso sobresahia o zelo dos membros do Congresso, que não foram remissos em apparecerem em os logares, onde se lhes dedicavão tão lisongeiras honras. Renovaram-se aqui os discursos dos oradores sobre assumptos tão presentes; porém, mais senhores da materia, recorrião antes ás verdadeiras provas, do que a declamações. Assim passaram aquella noite entre argumentos, conversações, cantilenas, musicas, e outros folgares. Em a seguinte deu a Sociedade d'Harmonia um riquissimo baile; mas sem embargo da grandeza, e magnificencia, que reinavão neste acto, não teve a força de matar as saudades da véspera.

Para levarmos ao cabo esta narração, mencionaremos uma circumstancia referida pelo Correio Belga. Uma Senhora, Collaboradora da Gazetta da Aldêa, insiriu neste jornal um curioso artigo contra o mal que a frequencia dos Congressos vai produzindo em muitas casas, e principalmente este de Vinhateiros, pela auzencia dos seus chefes, a quem é pouco o tempo para assistirem ás sessões, ficando suas mulheres, e filhos, e o governo domestico, desamparados. Parecia, que se levantava uma grande tormenta, e os membros deste Congresso erão os primeiros, a quem os tiros se apontavão; mas o bom acerto de mandarem uma pequena pipa de excellente vinho á Redacção d'aquelle jornal, fez serenar os animos dos collaboradores, e convencel-os com prova tão evidente, de que o Congresso não era tão máo, como o pintavão as saudosas e economicas matronas.

F. M. P. S. N.

O Gil Braz da Sciencia.

Exemplo muito para meditar.

BAIXOS-PYRINEOS.

232 Ha um ameno e formosissimo paiz, onde a natureza se ostenta revestida de todas suas galas, e a gente, conservando quasi a innocencia dos tempos primitivos, só se desvela em gozar, e merecer, tantos beneficios do creador; n'uma das mais bellas provincias da França, cá para as cercanias dos Pyrinéos, vive um Pastor, por nome *Gastão Sacaze*, que, a sós com Deos e comsigo, alcançou logar destincto entre os homens de quem, no século actual, a França, com razão se gloria.

Dos calados moradores d'aquellas partes já pode ser que nunca pela historia encontrasseis noticia; que não é a verdadeira felicidade a que fere nos olhos, que se escreve, e que se lê; mas de algum viajante bem podereis ter sabido que, desde os tempos mais apartados, se tem por lá mantido até hoje o viver patriarchal e pastoril, que dão a lembrar as mais doces paginas da velha biblia, e a egloga tradicional da velha Sicilia. Toda a sciencia, e officio, que de pais a filhos se herda, é um pouco tracto da terra, e muito dos rebanhos: andão-se derramados, e contentes, pelos recostos, e coroas dos montes, só acompanhados da turba de seus gados, e rafeiros, e de seus cantares, que são a conversação dos solitarios. Ora pois, n'estes montes mui verdes, e mui ricos, sem seus donos o saberem, de infindas variedades de plantas e flores desconhecidas em outras regiões, este *Sacaze*, profundo observador, e levado de seu vehemente instincto, se consagrou ao estudo dos misterios da vegetação. Ouvira elle, a quem quer que fosse, ter havido homens que já ao mesmo se applicaram, e enriqueceram a sciencia, ordenando, e arrumando, as plantas, pelas differenças e semelhanças que n'ellas descobrião, e pelos acertados nomes que lhes punhão: alguem lhe fallou em Linneo, e sua classificação; e este só raiosinho de luz, confuso, e quasi nullo, começou para logo a descobrir caminhos novos diante do seu espirito! Diligencias, ajudadas do acaso, lhe depararam um Linneo. Imaginai o seu alvoroço! mas que desencantamento quando, abrindo-o, e esperando ver rebentar de toda a parte torrentes de ins-

trucção, se vio á barba com uma lingua enriçada e escura, em que o seu talento, que lia por cima nas paginas da natureza, nem se atrevia a soletrar. Irritaram-se os desejos, cresceram as forças; arremeteu com o latim: ia só, mas ia; o seu Padre Cura, (devia de ser homem de caridade) lhe acudio com um diccionario roto; um estudante com uma grammatica; com isto só, e comsigo, tanto poude, e tanto fez, que em pouco tempo sahio extremado latino, traduzindo, escrevendo, e até falando. Ainda mais. Apresentava-lhe Linneo innumeraveis figuras de plantas; quiz desenha-las; e dentro em poucos mezes, sem guia, nem mestre, já sabia traslada-las fielmente.

Affoutado já para tudo, e bem senhor do sistema Linneano, abalançou-se a uma classificação das plantas dos Pyrinéos, pelo methodo do naturalista suéco. Dez annos ha que entende com tão importante obra, a qual já nesta hora lá tem mettidas em si 2,200 especies; monumento valioso para a sciencia, e, para quantos o chegão a ver, espantoso sobre todos os espantos: de outros dez annos carecerá para a terminar, pois apezar de ser havido por sabio em toda a França, nem por isso renunciou o amanho, pelas proprias mãos, dos poucos torrões que de seus pais herdára.

Não pago de se ver naturalista e desenhador, quiz tambem ser musico; e como para elle querer e poder foram sempre a mesma cousa, tambem se logrou d'este novo desejo; a ponto de até inventar um instrumento, de que se contão maravilhas: é um genero de alaude, com 8 cordas, cujos sons são harmoniosissimos. Fez tambem uma rebeca de nova arte, e tanto n'este, como n'aquelle instrumento, desempenha trechos de sua invenção. Para tudo ser emfim este homem singular, até é poeta, e reina em seus versos, elegancia de estilo, e pureza de dicção.

Mal podia tamanho merito deixar de ser reconhecido e apregoado; chegou á noticia do célebre naturalista Jussieu, e muito ha que gira uma correspondencia continua, e de parte a parte proveitosa, entre o sabio professor e o pastor modesto, que delicada, e generosamente, lhe está sempre enviando hervarios preparados com um gosto e cuidado particulares. Varias plantas hão mesmo recebido o seu nome, honra que elle toma pela mais subida recompensa de seus trabalhos.

Não é ferra aquella boa terra de França para deixar sem muito apreço aos *Gastons Sacazes*. Uma Sociedade scientifica de Pau, nos Baixos Pyrinéos, lhe enviou uma patente de confrade, acompanhada de uma carta, expressa e concertada pelos termos mais lisongeiros. Forcejou a principio aquelle opulento pobre homem por se eximir á carga de tamanha honra; mas foi-lhe forçoso render-se, e aceitar; e já em muitas outras Academias de França foi *Gastão Sacaze* proposto, e particularmente recommendado, para Socio Honorario.

Aos banhos de *Eaux-Bonnes* affluem continuamente pessoas de todas as jerarchias; nem uma só deixa de visitar a *Gastão Sacaze*. Nada até hoje lhe tem alterado a modestia; mas, sem embargo de trazer o carapuço classico dos trabalhadores da sua aldêa, e de andar vestido como os demais serranos, tão cortez e delicado se ostenta em seu tracto, que ninguem o diria creado por brenhas, senão sim em sallas de alguma boa cidade.

Rematemos copiando textualmente o que a este respeito lemos no Itinerario de *Moreau*. Depois de haver debuxado a vistosa aldêa de Bagés-Beost, acrescenta:

» No meio d'estas humildes pousadas parece respirar um pouco de orgulho, uma casa de simples e nobre apparencia, que nenhum estrangeiro deixou jámais de visitar em passando por estes sitios, ou perto d'elles. É o domicilio de *Gastão Sacaze*, d'um pobre pastor, de um botanico insigne, cuja nomeada já se vai derramando por toda essa Europa; é a casa d'um montanhez obscuro, a cuja sciencia todos abaixão a cabeça.

» Procurai-o em hora que não ande com o gado pelo monte; mostrar-vos-ha seus hervarios, seu jardim, onde crescem, scientificamente classificadas, as mais bellas e raras flores, seus desenhos, suas poesias; achareis n'elle um naturalista, um pintor, um musico, e um poeta; e a par de tudo, ou talvez antes de tudo, um pastor. »

A. M. de C.

233 Bibliographia Portugueza.

N. B. Nada mudamos ordinariamente nos Titulos, ou exposição das materias, das diversas obras que nos são remettidas. Far-se-ha assim mais seguro juiso de seus auctores.

Formulario Geral Médico-Cirurgico, ou Guia Pratica do Médico, do Cirurgião e do Pharmaceutico, por J. B. Cardoso Klerk, Cirurgião approvado em medicina pela novissima escola Medico-cirurgica de Lisboa, membro effe-

ctivo da sociedade das Sciencias Médicas da mesma Cidade, e Socio correspondente da Academia de Medicina de Cadiz.

O Author dividio o seu trabalho em dez partes distinctas

A primeira, consiste em um *Memorial therapeutico médico cirurgico*, ou indicação dos diversos meios que se devem pôr em pratica no tratamento de cada uma das molestias do foro médico-cirurgico.

A segunda, regras que o pratico deve seguir para bem formular.

A terceira, uma taboa comparativa dos pesos modernos francezes com os antigos, em numeros redondos.

A quarta, substancias simplices arranjadas por classes, como tonicos, excitantes, emollientes, etc.

A quinta, formulas contidas neste formulario, e collocadas, segundo seus usos therapeuticos, alphabeticamente.

A sexta, as diversas preparações pharmaceuticas, alphabeticamente collocadas.

A setima, um appendice com todas as formulas do formulario de M. Magendie, e reflexões do auctor sobre ellas.

A oitava, um segundo appendice com todas as substancias simplices alphabeticamente collocadas, com suas dóses e modo d'administração.

A nona, cuidados geraes e meios a empregar nas diversas asphyxias.

A decima, cuidados geraes e meios a empregar nos diversos envenenamentos.

Não temos a gloria, diz o auctor, de apresentar um formulario completo, de que hoje tanto se carece ainda [o que tencionamos em breve fazer], mas sim um memorial therapeutico portuguez, cuja necessidade desde muito tempo experimentâmos, e que pode ser consultado em todas as occasiões e circumstancias.

Pede-se-nos que insiramos o annuncio seguinte.

Achão-se impressas 13 folhas da obra classica, que tem por titulo: DIRECTORIO FONDAMENTAL DA INSTRUCÇÃO PRIMARIA — unica organisação deste genero, que servirá de guia aos Educadores, com firme progresso dos educandos, e de mui particular utilidade para todos os commerciantes, caixeiros, e pessoas addidas ao trafico mercantil. Este volume, que hade exceder a 20 folhas d'impressão, contém as seguintes materias: Reflexões sobre os ja reconhecidos abusos na vulgaridade da mesma Instrucção Primaria. — Regras de Caligraphia para instruir no perfeito caracter da letra Ingleza. — Collecção de cartas em estilo moderno nos caracteres de manuscripto para uso dos alumnos nas aulas de Primeiras Letras. — Questões commerciaes d'Arithmetica, com theoria, e pratica da mesma sciencia, formando uma postilla methodica. = Esclarecimento facil para numerar sem limite em caracteres romanos. — Elementos da Grammatica Portugueza conservando a essencialidade em termos laconicos. — Orthographia recentemente usada, apontando as bem fundadas regras dos nossos Orthógraphos — Analyse Grammatical na regencia das orações, para illustração completa da linguagem materna. — Tratado de Civilidade para meninos e adultos. — Reflexões civis, e moraes, em 15 paragrafos, para de viva voz, um dia por semana, se exhortarem os alumnos nas mesmas aulas de primario ensino, demonstrando-lhe a tenebrosidade dos roteiros, que deslustram o cidadão, e originão a sua irreparavel desventura.

Subscreve-se para esta obra com 550 réis na loja de Bordalo, rua dos Capellistas n.º 20, onde, depois de concluida a impressão, sómente se achará avulso por 800 réis.

Sahiu á luz — Arte do Cosinheiro e do Copeiro, obra inteiramente nova, com avisos mui importantes sobre o prudente uso dos alimentos, varios methodos de fazer doces e licores, a descripção e estampa de um utensilio de novo invento *O Clibano*, e outras estampas, que ensinam o serviço das mêsas com symetria e bom arranjo, 1 vol. em 8.º francez, de 348 paginas.

HESPANHOLA.

234 Manual de Anatomia geral e descriptiva, conforme com as explicações do Dr. Sanchez, por seu discipulo Gervasio Sanchez Aparicio.

Instrucções sobre os primeiros e segundos dentes das creanças, e tratado de Hygiene dos dentes, por Antonio Rotondo.

Manual completo de ensino simultaneo, mutuo, e mixto, por Laureano Figuerola.

Historia da Philosophia Universal, por Sebastião Quintana.

O passado e o futuro do povo, pelo Abbade Lammenais, traduzido em hespanhol.

Promptuario alphabetico de legislação, por Pedro Carrillo y Sanchez.

Nova lei agraria, por Diogo Gonzales.

Principios de lingua castelhana, por Pedro Martinez Lopez.

Contos phantásticos, originaes, em verso, no gosto dos de Hoffmann, Nodier, Dumas, etc.

Napoleão, poema, por João Antonio Saxtoruil.

Ensaios poeticos de Salvador Bermudez de Castro.

Galeria dramatica — O vivo e o pintado — comedia em 3 actos de Manoel Breton de los Herreros — O filho da tempestade — drama em 5 actos.

ITALIANA.

235 A Galeria Real de *Turim*, *illustrada*, por P. Roberto d'Azeglio. O formato é em folio grande; e o papel velino assetinado, da 1.ª sorte.

Apresentará esta obra importante os mais nomeados quadros da Galeria Real, e compor-se-ha ao todo de 80 cadernos, cada um dos quaes terá 4 gravuras; que se hão confiado ao buril dos mais celebres artistas italianos. Já se achão á venda 21.

Museo scientifico, litterario, e artistico, Jornal Pittoresco de leitura amena para todas as classes da Sociedade — O 1.º e 2.º anno dão 2 volumes em 4.º grande. Está-se publicando o 3.º

Historia de Napoleão, por Laurent, de Ardeche, com pinturas do célebre Horacio Vernet; traduzida em italiano, por Antonio Lissoni. 1 vol. em 4.º grande, com 500 desenhos intercalados no texto. Está completa a obra.

O diabo coxo de Lesage com 200 gravuras originaes, por Tony Johannot. 1 vol. em 4.º broch. Está acabado.

Viagem á Russia meridional e á Crimea, pela Hungria, Moldavia, e Valachia, feita em 1837, debaixo da direcção do Conde Anatolo de Demidoff. 1 vol. em 4.º com 64 gravuras de Raffet. Sahiram já 23 cadernos.

Compendio de Geographia, feito sobre uma nova base conforme com os ultimos tratados de paz, e com as recentes descobertas de Adriano Balbi. Terá 2 vol. em 4.º Ainda não chegou o 1.º caderno.

Observações de Alexandre Manzoni sobre a moral catholica. 1 vol. em 12 broch. Está completa a obra.

Collecção de alphabetos com figuras para uso dos meninos que aprendem a ler. 1 vol. em 18, broch. Completo.

Effigie e descripção de Constantinopla, com uma noticia sobre as 7 igrejas celebres da Asia-Menor, e outros sitios do Levante, com 100 vistas gravadas em aço, e descr-

nhadas nos proprios lugares, por primorosos artistas. Terá 1 vol. em folio, dividido em 6 cadernos. Já sahiram 42.

Geographia iconographica com perto de 50 vinhetas, representando paizes, cidades, trages, e monumentos, revista e augmentada, por G. B. Carta. Deitará 1 vol. em 4.° dividido em 100 cadernos. Por ora só sahiram dous.

Genio do Christianismo de Chateaubriand, traduzido por Luiz Toccagni. Tem 700 gravuras, e forma um só volume em 4.° Achão-se á venda 42 cadernos.

Grecia historica, pittoresca, e descriptiva, por Luiz Cicconi, com bellissimas gravuras, feitas em Londres. Formará um vol. em 4.°, que, além das gravuras, terá 400 vinhetas no texto. Ainda não chegou.

Historia da Igreja de Turim, descripta e illustrada desde os tempos apostolicos até 1840, por G. B. Semeria. 1 vol. em 4.° broch. Está a obra completa.

Diccionario Geographico Universal, extrahido das obras mais recentes e acreditadas de Geographia, por G. B. Carta, 2 vol. em 4.° Sahiram até hoje 2 cadernos.

Aventuras de Telemaco, por Fenelon, traducção romana de D. B., com 140 gravuras. Formará 1 vol. em 4.° Já sahiram 16 cadernos.

Memorial de Santa Helena, pelo Conde Las Cases, seguido de — Napoleão no exilio — com 500 gravuras do célebre Charlet. Deitará a obra toda dois esplendidos volumes, iguaes, em typo e formato, á Historia de Napoleão, cuja é complemento. — Achão-se á venda os primeiros 12 cadernos.

Hector Fieramosca, por Maximo de Azeglio. 1 vol. em 4.° com 400 vinhetas. Sahiram já 24 cadernos.

Os noivos, por Alexandre Manzoni, edição revista pelo author. 1 vol. em 4.°, com 500 vinhetas. Sahiram já 24 cadernos.

Historia da monarchia de Saboya, por Luiz Cibrario 1 vol. em 8.° broch.

Reflexões de dois homens de Estado sobre a vida militar. 1 vol. em 8.° broch.

Vantagens da mulher instruida sobre a que o não é, por Francisco Bazzi-Bonfichi. 1 vol. em 8.° broch.

Pedrinho, contos e novellas, aptos para dirigir o espirito e o coração dos meninos. 1 vol. em 18, com 60 vinhetas.

Batracomiomachia, ou batalha das rans e dos ratos, poema de Homero, novamente vertido por Carlos Grossi. 1 vol. em 8.° broch.

Obras escolhidas de escriptores italianos do século XIX. Estão á venda os Tomos 1, 2, e 3, e cada volume fórma uma obra completa.

Obras geographicas, estatisticas, e outras, de Adriano Balbi, recopiladas, e ordenadas pela vez primeira, por Eugenio Balbi. 3 vol. em 12 broch.

N. B. Todas as obras precedentes se achão á venda em casa do Snr. Plantier (na rua do ouro), unico agente em Portugal da Sociedade Typographica Italiana de Turim.

Sabemos que este Snr. distribue gratuitamente os prospectos *specimen* de todas as referidas obras. As que sahem nos cadernos são tambem assim vendidas, para mais facilmente se propagarem.

---

236 Ao Snr. A. de R. e M., de Olhão, declara a Redacção da *Revista Universal*, que julga não poder inserir a carta que elle teve a bondade de lhe dirigir, por não entrar no plano d'este jornal, e poder ser impugnada a utilidade do alvitre que recommenda para manutenção dos Asilos de infancia desvalida.

Quanto á do Snr. ***, de Evora, será publicada tão depressa o seu author lhe supprima as allusões politicas, inteiramente contrarias ao sistema que adoptámos, e de que por sorte alguma nos deslizaremos.

Pedimos com a maior instancia ao nosso assignante que nos escreveu sobre *lagôas artificiaes*, se digne communicar-nos quanto saiba sobre este importante objecto, para ser immediatamente publicado. Se o não fazemos desde já nos pormenores que ácerca de tal objecto nos transmittio, é porque os julgamos insufficientes para que se reconheça cabalmente toda a utilidade de tão preciosa invenção.

Ao Snr. J. B. L. de Moura Coutinho, rogamos o obsequio de nos desculpar se não publicamos a sua curiosa memoria, ácerca de caminhos de ferro em Portugal. Sobre ser mui longa, parece-nos a sua doutrina demasiadamente arriscada, por ir assentada em meras theorias ainda não abonadas de experiencia alguma; e por outra parte entendemos que os louvaveis desejos do auctor, só entre póvos ricos se poderião converter em obra.

Ao Snr. Anonimo, que se assigna — O Inimigo dos Golósos — sentimos dever dizer que a sua analise á carta que publicámos do Snr. Brandão, sobre estradas, não póde, pelo seu estilo, ser admittida n'esta folha.

Muitas outras cartas hão sido, n'estes ultimos tempos, dirigidas á Redacção da *Revista Universal*, contendo poesias, anecdotas, e charadas; sentimos não poder satisfazer a quem no-las enviou, inserindo-as n'este Jornal, absolutamente estranho a artigos de semelhante natureza. Não faltão por ahi folhas que de taes materias se occupem, e com o maior gosto lh'as transmittiremos, se assim nos for ordenado.

ERRATA

Em alguns exemplares do numero precedente.

Na pag. 118, 2.ª columna, linha 13, em vez de *está bem* lêa-se *providencia*.

TYPOGRAPHIA DE J. A. S. RODRIGUES

Rua da Condeça n.º 19.

Scientifica, Litteraria, Agricola, Commercial,

Chronica Judicial, Artistica,

REVISTA UNIVERSAL.

Economica de todo o mundo.

N.° 12.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS.

POR 12 NUMEROS	....	480
POR 24 »	....	960
POR 52 »	....	1920

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, RUA DOS PANQUEIROS N.° 107, 1.° ANDAR.

Quinta feira 16 de Dezembro de 1841.

A redacção da REVISTA UNIVERSAL aceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Roga-se aos Senhores assignantes das Provincias que ainda até hoje não satisfizeram a importancia de suas assignaturas, tenhão a bondade de remetter ao Escriptorio da Redacção a quantia por que se responsabilisaram. Os que assignaram tão sómente para os 12 primeiros numeros deverão renoval-as quanto antes para que não haja irregularidade alguma na remessa do jornal.

Igualmente se pede a todos os Senhores que em differentes pontos da provincia receberam o importe de diversas assignaturas, o obsequio de envia-lo á Redacção d'esta folha, visto acharem-se terminados os 12 primeiros numeros.

Correspondencia sobre cereaes.

Sempre que temos occasião de publicar algumas considerações dos nossos correspondentes, ácerca d'objectos de interesse publico, o fazemos com toda a satisfação; tanto pelo que em si val a materia, como por vermos nellas prova manifesta do zelo, e muita affeição, que ainda entre nós ha ao mais sólido desenvolvimento da nossa industria. A promptidão, com que publicamos hoje as duas cartas que recebemos, e o sobre que ellas versão, confirmão o que acabamos de dizer.

Lisboa 12 de Dezembro de 1841.

237 Como a *Revista Universal* é publicada com o louvavel fim de auxiliar a industria nacional por meio de exemplos fundados na experiencia, ou nos factos, unico meio de levar a convicção aos animos menos dispostos para a receberem, talvez seja conveniente addicionar ao artigo 199, sob a epigrafe = *Excellente especie de cevada* = o seguinte:

Que no corrente anno de 1841, em uma Quinta situada no Campo Grande, se semearam tres oitavas de alqueire da sobredita cevada, as quaes produziram seis alqueires. A sementeira foi feita no mez de Fevereiro, e não em o Outono, como no artigo se inculcou, em terra forte, cavada duas vezes, mediando 15 dias entre a primeira e segunda cava, tendo estrumado bem a terra na occasião da primeira. Aquella

sementeira, se fosse feita em ponto maior, produziria na razão de 16 alqueires por semente. E' certo que nem em todos os climas convirá fazer a sementeira d'esta cevada na mesma estação; mas no termo de Lisboa, e em terrenos iguaes ou similhantes (correndo o anno como o presente) pode asseverar-se que deverá fazer-se em fevereiro, e não em o outono, como se disse no artigo mencionado. S. R. de S.

Evora 13 de Dezembro de 1841.

238 A minha profissão não é a de agricultor; porém sinto grande prazer em semear, e cultivar; e é este o meu melhor divertimento. Já em outra carta disse a V. o empenho, com que pertendi apurar uma especie de trigo, a meu ver, estimavel, pela finura da pelle, alvura da farinha, e digna de ser cultivada; e da qual remetto a V. uma pequena porção de grãos: porém vendo que cultivado em um hortejo, junto á casa da minha habitação, não escapou aos pardaes no anno de 1840, escolhi uma pequena porção de terra distante da cidade, onde semeei em março de 1841 (segundo o sistema aconselhado no Art. 98 do seu Jornal, que ha dois annos experimento) o resultado da segunda sementeira; e esperando uma grande colheita, em proporção do que havia semeado, vi malogradas as minhas esperanças pela mesma ave daninha que no anno antecedente m'as havia frustrado; e o resto foi-me quasi todo roubado por pessoas, a quem de bom grado eu desculparia, se soubesse que tratavão de o cultivar com esmero; porque nenhum outro fim tinha eu, senão o de o repartir quando tivesse obtido maior quantidade. Desgostoso com este procedimento, recolhi os pequenos restos, e neste outono tenho-os repartido, com algumas poucas sementes menos conhecidas, que tambem pertendia apurar, por lavradores cuidadosos, a quem desejo melhor fortuna do que eu tive.

Vendo o artigo 199 da Revista de 2 do corrente, assentei que V. não deixará de estimar alguns esclarecimentos, que posso dar-lhe ácerca da cevada pellada; e sinto haver repartido a pouca que possuia, e estar já semeada, o que me impede tambem de lhe remetter uma amostra.

Das muitas especies de cevada pellada de que tenho visto a descripção, possuia eu duas: uma muito conhecida, e que a meu vêr é a que se cultiva no Algarve; pois de lá obtive a primeira semente: cresce pouco mais d'um palmo; a espiga, ostensivamente, não apresenta differença alguma da cevada commum; porém na occasião de se debulhar apparecem os grãos nus. A outra cresce até á altura da cevada ordinaria; apresenta as espigas só com duas ordens de grãos, formando como uma palma, e tem de cada lado uma ordem de flores estereis; tem barbas, e os grãos muito mais grados, que os da primeira; tem cada espiga das maiores 34 grãos, 17 de cada lado; porém assim mesmo é prodigiosamente productiva pelas muitas espigas que produz um só grão. Estou persuadido de que a esta é que os francezes chamão *sucrion*.

Achei 7 grãos desta cevada casualmente entre uma pequena porção de trigo; parecerão-me differentes dos da cevada pellada, que eu já conhecia; guardei-os, e no outono de 1840 semeei-os sem esmero na escolha, e preparação da terra; quando desenvolveo as espigas, fiz-lhe em roda um encanniçado, que cobri com uma rede, para as livrar dos estragos dos pardaes, os quaes ainda me roubaram 23 espigas, que o vento encostou á rede. Fiz a primeira colheita de 37 espigas com 867 grãos, que pesaram 13¼ oitavas; e colhi mais, por differentes vezes, á medida que amaduraram, 81 espigas, de que não contei os grãos, por se incluirem neste numero as 23 roubadas pelas aves daninhas; vindo a produzir os 7 grãos 118 espigas. E' de notar que as ultimas 20, ou 30, tinhão só metade, ou a terça parte, dos grãos, que as primeiramente colhidas. Mr. Parmentier assevera que a cevada nua com duas ordens de grãos dobra sempre o producto da melhor colheita d'outra qualquer cevada. * * *

Meios para afugentar as aves daninhas.

INGLATERRA.

239 Quem não trabalhará muito por guardar seus pomares, e sementeiras, do estrago, que lhes causão as aves daninhas? Muitas despezas vemos nós repetidas todos os annos para evitar, ou melhor disseramos, para diminuir este grandissimo damno; e comtudo muito pouco se consegue pelos meios usados entre nós. D'outros daremos conta neste artigo; por serem muito encarecidos pelo bem experimentado author da famosa obra *Gardner Magazine*.

Atravessai, em distancias proporcionadas, sobre as searas umas cordas, cujas pontas podeis amarrar nos troncos das arvores, que vos ficarem a geito; ou em estacas dispostas para este fim; suspendei a estas cordas pedaços de vidro e louça, por fórma que se possão mover com o vento; a rever-

beração do sol, e da luz, variando constantemente, assusta tanto os passaros, que não se atrevem a chegar aos logares, onde alcança.

Se esta receita provar em o nosso paiz, como em o seu nos affirma aquelle author, facil será applica-la ás arvores, e ás parreiras. Outro meio nos menciona elle, com igual, ou ainda maior encarecimento, mas em poucas partes poderá ser empregado: é collocar um papagaio bem palreiro em logar proximo, e em altura, que o faça ser visto e ouvido pelas outras aves; e todas fugirão do sitio, pelo susto que lhes causa ou a catadura d'aquella ave, ou o seu muito palrar. Nós, apezar da muita authoridade deste escritor, não duvidamos declarar abertamente, que muito pouco fiamos da efficacia deste ultimo meio; por termos visto muitas vezes os nossos passaros, e nomendamente os pardaes, ou menos medrosos, ou mais matreiros, que os dos outros paizes, chegarem a roubar o proprio alimento dos papagaios; e se estes mal podem guardar o que é já propriedade sua, e tão a seu alcance, no que sem duvida vai grande quebra do sentimento natural, que a todos os animaes faz guardadores do que para si hão mister, não os podemos por nenhuma fórma julgar tão temorosos para os outros, ou tão zelosos para si, que sómente sua voz, e presença, os afugente, e aterre, como nos dizem. Com tudo quem o experimentar poderá ter melhor prova. Se fazemos este commento, é porque se veja, que quando escrevemos, desejamos dizer a verdade sem dobrezes, nem respeito da authoridade alheia, como nos seja possivel alcança-la por nós mesmos.

F. M. P. S. N.

Purificação do mel

240 É pena que um producto tão rico e delicioso, e que nos entra pelas portas dentro sem trabalho nosso, ande entre nós como coisa de pouca valia, ou de mera curiosidade, sem o sabermos estimar, nem applicar aos muitos usos, em que elle é empregado em outros paizes, por ventura menos proprios para a sua producção. Contentes com a sua doçura, o dispendemos, e desperdiçamos, sem mais cuidar em melhoral-o, como de ordinario acontece a quasi todas as coisas, em que para havel-as, não pômos obra, nem maior diligencia; quando mais direita razão nos parece darmos a estas algum cuidado, mórmente se sua perfeição o pede, já que as adquirimos sem arte, nem despeza. E porque, em nosso entender, é o mel deste paiz tão bom, e ainda mais avantajado, que o d'outras partes, onde o cultivão e preparão como producto muito estimado, nós daremos razão do como se elle purifica. Convêm, que em a conjuncção propria elle seja espremido com cuidado, e limpo das fezes, que costumão cahir do favo; e passados cinco, ou seis dias (se não houver pressa em preparal-o) se clarifica, fazendo-o ferver em agua, que deverá calcular-se, na razão d'uma canada para quatro arrateis de mel: nesta porção d'agua se deve lançar antes do mel, umas seis onças de carvão de sôbro pizado, e bem lavado, para que não leve pó; e assim ferve o mel por meia hora, e se passa, ainda fervendo, por um panno tapado, ou por coador, que seja proprio para limpal-o de todas as fezes: torna logo ao fogo em vazo bem limpo; e como começa de ferver, se lhe lança uma colher de espuma de clara d'ovo, e depois de mexido, deixa-se, que venha acima a espuma, para extrahil-a de todo, até que o liquido fique inteiramente puro: repete-se mais duas vezes igual porção da clara, e o mesmo preparo; depois do qual se deixa tomar o mel a sua consistencia natural, ou se faz mais, e menos liquido, segundo o tempo, porque a ultima fervura se conserva. Concluida esta preparação pelo theor, que deixamos ensinado, fica o mel tão puro, e bem concertado, que perde todo o sabor da cera, e ainda o das flores menos proprias, donde acontecesse ser extrahido; e neste estado póde ser usado, como o bom assucar, tanto em confeitos, como em os demais temperos.

Outro meio vamos a referir, que já foi segredo bem guardado, e pelo qual se reduz o mel ao estado, fórma, e côr do mais fino assucar. Os Judeos de Moldavia, e de Ukraine, fazião grande commercio, principalmente em Dantzik, vendendo por bom preço grandes torrões deste assucar de mel aos confeiteiros, e fabricantes de bebidas; e tanto cuidado levavão elles em reduzir de secreto o mel a este estado, e em aperfeiçoar os alvos torrões, que vendião a seu modo, que não havia quem podesse dar com a receita: até que Rohrer alcançando-a por suas proprias experiencias, a publicou em o seu Estudo sobre os Judeos, que habitão a Monarchia Austriaca. E' ella tão prompta, e factivel, que não ha ahi mais senão tomar uma porção de mel muito puro, e expol-o ao ar noite e dia, em vasilhas de madeira, por tres semanas, resguardando-o apenas do

sol, da chuva, e da neve; e como vai coalhando, e unindo-se os pequenos torrões, se lhes dá a feição que se quer; e já fóra da vasilha se expõe ao ar por mais alguns dias, para tomarem maior consistencia, e côr mais alva. Por este modo tambem perde o sabor de mel e fica sendo um assucar excellente.

A. N. L.

Pannos, papel, e madeira incombustiveis.

FRANÇA.

241 Por meio d'uma preparação pouco dispendiosa se consegue coisa de tanta utilidade, e tão para admirar, que parece inverter a natureza, ou suspender seus effeitos; como é o evitar a força, e acção do fogo sobre materiaes, em que elle atêa com muita facilidade, quaes são os papeis, pannos, e madeiras; coisas indispensaveis na construcção, e ornatos de qualquer casa, e por onde quasi sempre começa de se iscar o fogo, a ponto de levantar incendios, como todos os dias estamos vendo com grande lastima, e susto. Nas igrejas, theatros, salas, e outras casas, onde se requer grande numero de luzes, seria bom conselho tornar assim incombustiveis estas materias; e quando a fórma, que indicamos, não tenha mais virtude, que evitar a chamma (posto que muito maior seja a que nos encarecem, e affiançāo da receita) já isso seria um grande proveito, e valeria toda a despeza em conseguilo. Deixemos ao juizo de quem prestar attenção a esta particularidade, o calculo do seu valor, e applicação; e tresladēmos para aqui o methodo, por que o insigne chimico Breza affirma alcançar-se este effeito. Em duas canadas d'agua fervendo, e de 190 gráos de calor, se dissolvem uma onça d'alumina, onça e meia de sulphato d'ammoniaco, meia onça d'acido borico, uma oitava de colla animal bem purificada, e outra igual quantidade d'umido desfeito em uma pequena gota d'agua fria: cada uma das drogas indicadas se vai dissolvendo pela ordem, com que as levamos mencionadas, e devem estar em fervura, quando se ajuntar a ultima. Nesta mistura, ainda quente, se ensopão muito bem os pannos, se não ha o risco de perderem as pinturas, ou estampas, que possão ter; porque, neste caso, se lhes applica a preparação pelo avesso, com esponja, ou escôva, conservando-os desdobrados sobre mêzas, ou taboas; e como forem bem embebidos no liquido, se espremem, e se deixão enxugar á sombra. O papel deve ser bem molhado em uma infusão preparada com porções dobradas d'alumina, e d'acido borico, e com metade do sulphato d'ammoniaco. Em quanto a madeiras, devem conservar-se na infusão segundo sua natureza for mais ou menos rija; e para as mais porosas bastão dois dias: quando porém isto não seja facil, pela fórma e tamanho das peças, banhão-se por muitas vezes, lançando-lhes por cima o liquido ainda a ferver, mórmente sobre as faces, que tèem de ser mais expostas no risco de incendio. Segundo as experiencias, que nos refere o citado chimico, este é um dos melhores meios para conseguir resultado de tanto prestimo, que ha muito tempo é assumpto de muito estudo, e de grandissimo empenho entre os chimicos, e sobre o qual se tem publicado varios outros methodos.

F. M. P. S. N.

Fabrico do velludo.

PARIS.

242 Parece-nos bom acerto o mencionarmos um novo, e mui artificioso modo de fabricar velludos; tanto porque o valor da materia é conhecidamente grande, como pelo assim requerer o tempo, e o poder da moda, que, segundo bem fundados annuncios, não tardará de fazer resuscitar as casacas desta fazenda; e muito mão será, que ella, com ser mais procurada, vá encarecendo, como é costume. A razão de seu grande preço está mais no trabalho do fabrico, que no valor da materia: e tal é a difficuldade, e a miudeza dos preparos por onde passa, que muito poucos artistas, ainda dos mais trabalhadores, e lidados no officio, se podem gabar de perfeitos, e bem amestrados: o cortar ajustadamente a seda, que na tecedura fica cobrindo o arame, é coisa que fia tão delgado, que dá que entender aos melhores mestres; e se alli ha erro, ou leve desvio, fica perdida a obra, pela desigualdade do pello, e das ondas, que o ficão manchando. O evitar um transtorno como este, já era ponto de grande arte; mas não parou nelle o engenho do bom machinista Jamin, senão que levou muito adiante o seu plano. Combinou-se com um tal Falsan, e construiram uma nova machina, que pode ser agitada nos teares ordinarios, e pela qual se tecem, ao mesmo tempo, duas peças de velludo, que, sahindo unidas no pello, se dividem com tal certeza pelo ferro que o corta, que não ha encontrar-lhes outra coisa, senão grande perfeição,

Materia medica indigena.

(*Continuação do art.* 223.)

248 PELOS exemplos, que resumidamente apontámos, de varias plantas indigenas, fica bem averiguado, que no artigo — purgantes — poderião ellas fornecer-nos optimos succedaneos, com que fariamos grandes economias, se nos resolveramos a bem conhecel-as, e applical-as, segundo suas virtudes, em logar d'aquellas, que mandamos vir d'outros paizes. Agora levando por diante esta materia, daremos noticia d'outras plantas, que igualmente nascem, e se crião, em a nossa terra, sem cultivo, nem preparo algum, quando sua virtude, e prestimo demandão todo o cuidado, e attenção. Sirvanos de prova a preciosa planta conhecida pelo nome de *vesicatoria*, e que nos consta nascer com abundancia pelos campos de Villa Pouca d'Aguiar. Esta planta, applicada em cataplasma, é um excellente vesicatorio, que levanta uma vesicula em quatro horas. De summo interesse nos parece este vegetal; porque álem de produzir uma forte, e tão prompta, revulsão, tem a vantagem impagavel de fazer as vezes das cantharidas, sem participar dos inconvenientes annexos á applicação destas; propriedade tanto mais proveitosa, quanto a sua acção sobre o apparelho urinario é perfeitamente nulla, vindo assim a ser de utilidade extrema, quando precisarmos d'um revulsivo energico, mórmente existindo padecimentos das vias urinarias. Ignoramos ainda a que especie pertence esta planta preciosa; porque poucos, ou nenhuns, esclarecimentos existem a seu respeito; se folheamos a Flora Pharmaceutica de Figueiredo, apenas encontramos no genero *ranunculus*, as especies *ranunculo flammulo*, ou *inflammatorio*, *o botão d'ouro sublime*, e o *patalou dos valles*, cujas folhas applicadas sobre a pelle, a inflammão, chegando até a levantar vesicula: a analogia das propriedades pode fazer desconfiar de que a vesicaria seja alguma especie do genero *ranunculus*. Conviria muitissimo experimentar não só as plantas, de que havemos feito menção, e outras, que por brevidade omittimos; mas tambem as que se seguem, que, pelo que achamos escrito em Figueiredo, se tornão mui recommendadas. Em primeiro lugar temos a *tanchagem d'agua*, *alisma plantago*, cuja raiz, segundo refere o mesmo Figueiredo, fundado em algumas observações, havia sido proveitosa no tratamento da hydrophobia; tambem se nos recommendão muito a *serralha branca*, a *santolina das praias*, o *bruco do Alemtejo*, e o *acanthio vulgar*, ou *cardo argentino de Vigier*, que pelas suas virtudes tão preconisadas pelo distincto botanico, já por vezes citado, se fazem dignas de serem cuidadosamente estudadas, para ver se as observações actuaes concordão com as de Brotero, Figueiredo, e outros.

Posto que o artigo já vai mais longo do que tencionavamos, comtudo não deixaremos em silencio algumas plantas, que existindo em abundancia no nosso paiz, são ainda importadas!..... A arnica, por exemplo, nasce tão copiosa em as nossas terras, que não ha necessidade de a mandar vir de fora: o mesmo dizemos do salepo, que facilmente o podemos haver das abundantes especies do genero *orchis*, e *ophrys*. A *alquitira do Algarve*, como fosse cultivada com algum cuidado, dar-nos-hia grande quantidade de *gomma adragantho*, ou *alcatira*, tão usada na medicina, e nas artes. O *carrapateiro* não nos seria de pouca utilidade, tanto no uso medicinal do azeite de suas sementes, como por ser muito proprio para allumiar, e poder esta planta facilmente ser semeada pelos baldios. A cultura do *malvaisco* (althea) nos pouparia igualmente boas sommas, que nos vão para fóra; etc. etc.

Não terminaremos este artigo, sem que chamemos a attenção sobre os numerosos productos medicinaes, que nossas possessões ultramarinas, mórmente as africanas, nos apresentão em larga copia; são os mais notaveis: o *senne*, *tamarindos*, *canafistula*, *jalapa*, *fusiforme*, *tapioca*, e outros, que nos são trazidos de paizes estranhos, tendo-os nós de portas adentro; álem dos seguintes, que são peculiares áquelles paizes, que merecem a pena de se estudarem, e de que mencionaremos os principaes, a saber = o *capande*, *mudama*, *vinbó*, *paco o pau*, *pamo carrão*, *pamo mor*, *mutaren-sato*, *muxeleco*, *mossuu*, e com especialidade o *tussi*, ou *curo*, pelos habitantes daquelles paizes empregado no tratamento das febres intermittentes, e com muito proveito, em logar da quina, o que não é de admirar se attentarmos no que se está passando no Brazil, onde os médicos olhão com tanta attenção para a casca do *páo pereira*, que ali começa a usar-se como succedaneo da quina, e de que se ha extrahido já um alcaloide com o nome de *pereirina*, que substitue muito bem o sulfato de quinina: é muito para desejar que se fação novas indagações nos paizes equatoriaes que nos pertencem, para vêr se em latitudes iguaes ás do Perú, se en-

contrião algumas especies de quina, ou outras plantas, que em seus usos medicinaes a possão adequadamente substituir; devendo-se no caso negativo transplantar para lá bons especies de quina, que em pouco tempo pagarião com usura o trabalho que houvesse, com a sua cultura, pelo immenso consumo que terião não só n'esses paizes, mas até na mãi patria, vindo talvez a dar origem a um novo ramo d'industria, qual o da preparação do sulfato de quinina, que assim viria a ficar-nos mais barato, e evitaria ao mesmo tempo a falsificação d'uma grande parte do que vem de fóra.

Rematamos, fazendo votos para que á vista dos immensos beneficios que a therapeutica tem a esperar do emprego das plantas medicinaes indigenas, submettidas préviamente ao cadinho da experiencia, muitos vegetaes de que abunda o nosso sólo comecem a ser aproveitados, e substituidos, quanto seja possivel, aos que de paizes estranhos nos são importados: praza a Deos que nossas esperanças se realizem, e que vejamos em breve imitados os exforços, que os facultativos brasileiros vão fazendo a bem do seu paiz, e de que a Revista Medica Fluminense, o Formulario de Chernoviz, e a obra de Imbert, nos apresentão provas incontestaveis. Findaremos estas breves reflexões (que só o amor da patria nos obrigou a lançar no papel) transcrevendo o trêcho seguinte d'um escripto que um amigo nosso publicou no Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas. „A publicação dos factos, quando são verdadeiros, são sempre uteis, e não os publicar, é desamor da humanidade. Oxalá que nossos collegas das provincias, que vivem em pontos onde avoengas practicas tem comprovado a utilidade d'este ou d'aquelle methodo, d'esta ou d'aquella herva, se dessem ao trabalho de enriquecer as paginas do nosso jornal com essas medicinas velhas, mas alliviadoras de nossos males, e nacionaes.

A. J. de S.

Sociedade promotora dos interesses materiaes da nação.

LISBOA.

249 Assim como a Escholastica foi a voragem em que se absorveu a maior parte dos engenhos da idade media, sem que a sciencia, em todo esse largo espaço de tempo, desse um só passo para a sua verdadeira perfeição; assim tambem, em nossos dias, e em nossa terra, as chamadas questões politicas, nos têem roubado o melhor de nosso tempo, de nossas faculdades, e até de nossas esperanças.

No meio deste escuro nevoeiro, em que nos hão trazido envolvidas as desavenças dos partidos, não tem sido ainda possivel atinar com o caminho que conduz á verdadeira felicidade social. Os exemplos das nações cultas da Europa, que, sob todas as fórmas de governo, gozam dos fructos da civilisação, têem sido inteiramente perdidos para nós, que ainda corremos apóz uma phantastica felicidade, deixando a que é real, que todos sentem, que com todos se identifica, e que consiste na maxima participação dos commodos da vida, na satisfação de nossas precisões phisicas, moraes, e intellectuaes.

A prosperidade publica tem certamente sido o alvo de todos os partidos; essa justiça se lhes deve; mas o privilegio exclusivo que todos se têem arrogado para a descobrir, e o monopolio que, antes da descoberta, della tem querido fazer, é certamente a origem da maior parte de nossos males publicos.

Se um dia (e porque não hade elle chegar?) amanhecessemos com juizo; se nos desenganassemos que a verdadeira felicidade não é exclusiva, mas sim a que a todos convêm, todos nos uniriamos para ir em sua procura.

A Sociedade promotora dos interesses materiaes da nação, cujo programma hoje publicamos, já concebeu, e promette realizar, este pensamento. Deos a fade bem; que, se de seu programma desempenhar uma decima parte, muito lhe deverá a presente e a futura geração. F. S. T.

Bases para os estatutos da sociedade promotora dos interesses materiaes da nação, já pela mesma sociedade approvados, sobre o projecto approvado pela commissão ad hoc, composta dos Snrs. João Maria de Abreu Castello-Branco Cardoso e Mello, presidente — Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão, relator — Antonio Joaquim de Figueiredo e Silva, secretario.

Artigo 1.º O fim da sociedade é promover os interesses materiaes da nação portugueza.

Art. 2.º A sociedade compor-se-ha de um numero indeterminado de membros.

Art. 3.º Haverá duas ordens de socios — contribuintes, e effectivos.

§. 1.º Socios contribuintes são os que concorrem para a sociedade com uma quota mensal, que nunca poderá exceder a 400 réis.

e muita igualdade. O direito concedido a estes habeis machinistas, pelo bem merecido previlegio, que alcançaram, faz, que não possâmos obter as miudas explicações, que desejáramos dar, deste artificio; e o quanto se póde dizer sem lezão deste direito, se reduz a muito pouco. Ha um regulador ajustado ao movimento de dois cilindros, que se collocão ao lado posterior do tear, e por meio d'elle se ministra, com uma exactidão incrivel, o fio, que fórma o pello do velludo, e pelo qual prendem ambas as peças, como fica dito; entre ellas passa com muita ligeireza, e sempre na mesma direcção, o ferro, que as divide, e lhes aperfeiçoa o brilhante pello com que ficão. A justeza, e a força, com que este instrumento corre por entre estas peças, sem discrepar nem um ápice, é o que as torna muito mais perfeitas, e lustrosas. No que toca á simultanea factura de duas têas, é obra tão util, e admiravel, que basta mencional-a, para logo ser visto seu merecimento. E' por tanto muito natural, qne esta fazenda diminua no preço por que se costuma vender; o que, se assim for, vem mesmo á feição da moda, e a fará introduzir com toda a facilidade, trazendo o sobrenome de economica. F. M. P. S. N.

Outra vez as novas chaves de afinar pianos.

LISBOA.

243 Em o nosso artigo 170 se acha a descripção da nova chave para afinar pianos, e tambem ali se declarão as suas vantagens. Este aperfeiçoamento, que, por pequeno, não deixa de o ser, foi então dado como invenção franceza; porem, segundo nos informão, não só é portuguez o que projectara a nova chave, mas portugueza a officina onde a primeira se fundira. Esta officina é a do Sr. Antonio José Nunes, cutileiro defronte da Rua da Emenda, em Lisboa; e o auctor do risco, por onde se este guiára, o Sr. Carvalho, afinador de pianos bem conhecido. Algumas de suas discipulas se lhe havião queixado, do máo commodo que encontravão ao servir-se das antigas chaves; eis ahi o que deu logar ao pensamento do Sr. Carvalho. Executado que foi, publicou-o, mas receoso de que ao dal-o como seu, isso lhe fisesse perder o valor, ainda quando o tivera, chamou-lhe francez!!!... Assim foi aceita a nova chave, e o seu auctor, senão de todo satisfeito, por despojado da gloria que lhe cabia, contentou-se com a venda; que d'outro modo poderá ficar sem uma e outra coisa. Ainda bem que essa mania, não diremos já *galici-parla*, mas galici-come, bebe, e dorme, em boa hora se vai acabando; e oxalá que venha dia em que não haja atinar-se-lhe com os vestigios por mais que alguem lhos procure.

J. C. C.

Modo de fixar as pinturas de pastel e os desenhos de lapis.

FRANÇA.

244 Ainda até hoje se não tinha achado meio de fixar bem os desenhos de lapis e as pinturas de pastel. O Marquez de Varennes acaba de descobrir um novo methodo, simplicissimo, para dar ao pastel e ao lapis a solidez de uma pintura, methodo que não apresenta o mais pequeno inconveniente.

Consiste em estender no reverso do papel uma dissolução alcoolica de gomma laca branca, que penetra por elle, em virtude da capilaridade, até chegar ás moléculas do desenho, ou pintura, que se achão do outro lado; o pó do pastel adhere n'um momento com uma solidez tal, que se pode enrolar depois o papel, e mesmo esfregar o desenho ou pintura, sem que se altere, nem insensivelmente. R. L.

Novo combustivel chamado Carbolem.

RUSSIA.

245 Acaba de inventar-se em São Petersburgo um novo genero de combustivel composto que não é mais do que um carvão artificial, e cujo fabrico é facilimo. Compõe-se de carvão de pedra, ou vegetal, muito miudo, amassado com azeite animal, ou vegetal, da peor qualidade; esta pasta, depois de mettida em fórmas, é fortemente apertada, ficando assim os pedaços duros como pedra.

Para o fabrico d'este combustivel podem-se empregar tambem as borras do azeite, e o cisco do carvão de pedra ou de lenha. Em cada 100 partes de carvão, não ficão, depois de mettido na prensa, senão 7 de azeite.

O inventor, Deschniakoff, de S. Petersburgo, affirma que este carvão dá, em um volume igual, cinco vezes mais calor que o carvão de pedra de 1.ª qualidade, o que deve produzir uma vantagem immensa para o serviço dos barcos de vapor; tem, além d'isso outra, não menos apreciavel, e vem a ser que

o calor do carbolem dura muito mais que o do melhor carvão de pedra.

D'estas diversas circunstancias reunidas resultão grandes vantagens para differentes ramos da industria, que deverão seguramente compensar o preço elevado por que vem a sahir.

A experiencia é facil de fazer, e vale bem a pena de se examinar todo o partido que se pode tirar d'este combustivel de novo genero. Particularmente o recommendamos á Companhia da Navegação do Tejo e Sado por barcos movidos por vapôr, e a todos os estabelecimentos em que se emprega o carvão ordinario em grande quantidade: é possivel que d'esta innovação lhes provenha sensivel economia. A. N. M. L.

Barcos de vapor armados em guerra.

ALLEMANHA.

246 Todos sabem, que o ponto essencial da arte da guerra consiste em causar pelo modo mais facil o maior damno ao inimigo, e em evitar com prudencia, quanto for possivel, o proprio: em os combates navaes, especialmente, val muitas vezes mais uma manobra feita a tempo, e com presteza, que grandes forças, e maior numero de navios. Segundo os jornaes allemães, os barcos de vapor da antiga construcção, armados em guerra, não podião alcançar estes dois fins, os principaes desta arte; nem se manobrávão com desembaraço, senão que nisso havião grande difficuldade, e estorvo, servindo-lhes de pejamento o grande volume das rodas, e seus reparos; nem lhes era facil fugir ao damno, que o fogo inimigo, jogado, e apontado sobre tão grandes alvos, infallivelmente lhes causava em a parte mais necessaria para todo o governo. A nova construcção destes barcos, de que aquelles jornaes fallão com tantos gabos, evita todas estas desvantagens, e lhes acrescenta consideravelmente a utilidade, e prestimo, mórmente no uso da guerra. As rodas desapparecem; todo o convez fica desafrontado; o peso diminue um terço; e por consequencia a força motriz val trez vezes mais: a economia do carvão está na mesma proporção da diminuição do peso: o navio fica mais veleiro, e manobra com todo o desempenho, e promptidão; e o que val ainda mais que tudo isto, montão-se mais boccas de fogo, e furtão-se á pontaria do inimigo os enormes lados, e superficies das rodas. Depois da miuda narração de varias outras vantagens, affirmão os mesmos jornaes, que esta nova construcção irá a ser geralmente preferida em os navios de guerra; porque com ella se consegue a um tempo o evitar o estrago proprio, como vimos, e fazel-o no inimigo com o augmento da artilheria, e a facilidade das manobras.

R. L.

Barcos movidos por cavallos.

FRANÇA.

247 Por nos parecer coisa singular, publicamos mais este progresso da industria; não pela novidade do engenho, que, se nelle não ha idea nova, nos parece já bem conhecido na Mechanica; mas pelo que tem de extraordinario na applicação, e na fórma porque se consegue mover um barco, como se fôra uma carroagem, por meio de quatro cavallos. Este barco, construido ha muito pouco tempo, é empregado na carreira de Saint-Maló a Dinan, e todos acodem a se embarcarem nelle de preferencia a qualquer outro; já por ser mais veleiro (se assim o podemos chamar) que outro qualquer de vapor, já por ser coisa nova, que tanto bastaria para desafiar a curiosidade. Ha nelle uma grande roda de 16 pés de diametro, e de dez de largura, por fórma que sua parte interior offerece grande capacidade para receber duas famosas parelhas de cavallos, que têem de peso, pouco mais ou menos, 110 arrobas; no que vai a melhor parte do effeito. Postos os cavallos em movimento de marcha, ainda mesmo a passo muito lento, fazem mover ligeiramente, e sem nenhum exforço, esta grande roda, na qual travão outras menores, que fazem igualmente trabalhar a ultima, que, com ser de todas a minima, communica uma incrivel velocidade ás pás. E' por esta fórma, que o barco corre em todas as direcções com tanta rapidez, que deixa muito atraz quantos barcos de vapor lhe vão apparecendo, e n'elles põe a prôa. Dissemos, que não nos parecia novo o engenho, senão a applicação, por serem bem conhecidas outras machinas de igual artificio, onde o movimento se produz por homem, ou por animal, que anda dentro da grande roda. Haverá quinze annos, que uma semelhante foi construida sob a direcção do nosso correspondente do Algarve, o Sr. José Joaquim Ramalho, e applicada a tirar agua d'uma nóra da sua quinta do Rio Secco.

R. L.

§. 2.º Todas as pessoas, de qualquer sexo, condição ou idade, são admissiveis a socios contribuintes.

§. 3.º Os socios effectivos são obrigados, álem da cota mensal, a assistir regularmente ás sessões da sociedade.

§. 4.º No demais, os estatutos designarão os direitos e deveres de uns e outros.

§. 5.º Para ser admittido socio effectivo será necessario obter maioria de votos dos membros presentes; — para contribuinte bastará ser apresentado por seis membros effectivos.

Art. 4.º Os socios effectivos residentes em Lisboa comporão, pela sua reunião, a assemblea central — os socios residentes nas provincias formarão assembleas filiaes. Umas e outras se corresponderão para tudo o que for concernente ao fim da sociedade, pela fórma que nos estatutos se determinar.

Art. 5.º A sociedade procurará conseguir os seus fins pelos seguintes meios:

1.º Organizando um gabinete de leitura, composto principalmente de obras periodicas ou avulsas, que versem sobre sciencias praticas.

2.º Fazendo divulgar pela imprensa qualquer novo invento nacional ou estrangeiro, que tenha relação com o fim da sociedade.

3.º Fazendo distribuir as suas publicações sobre esses novos inventos nos districtos do reino, que d'elles poderem colher maiores vantagens.

4.º Estabelecendo em Lisboa um Atheneu de sciencias e artes.

5.º Publicando annualmente estatisticas do reino, debaixo do maior numero possivel de considerações.

6.º Relacionando-se estreitamente com todas as sociedades e academias nacionaes e estrangeiras, donde possa esperar algum auxilio para o seu fim.

7.º Propondo ao governo ou ás côrtes o plano de qualquer melhoramento, em harmonia com o fim da sociedade, e que seu saber ou sua experiencia lhe tenha feito conhecer que promove os interesses do paiz.

8.º Organizando um gabinete de machinas uteis; conservando-as em modelo, para se imitarem em grande.

9.º Promovendo a creação pelo menos de uma eschola normal agricola.

10.º Mandando estudar fóra do reino individuos de reconhecida aptidão, afim de para cá se importarem os conhecimentos praticos, de que mais se carece.

11. Entrando com seus fundos em varias emprezas de reconhecida utilidade.

12. Creando outras, que ainda não existam.

13. Fazendo estudar a historia natural do paiz em todos os seus ramos.

14. Promovendo o estabelecimento de bancos de economias, e agrarios — assim como de quaesquer estabelecimentos, que fomentem a agricultura nacional.

15. Conferindo premios aos lavradores, artistas, e fabricas, que mais se distinguirem; assim como aos creadores das melhores raças de animaes uteis.

Art. 6.º A sociedade dividir-se-ha nas seguintes classes — agricultura — industria fabril — commercio — estradas, e navegação interna, e obras publicas — instrucção publica — colonias, — e as que se julgar conveniente crear.

§. unico. Os socios effectivos inscrever-se-hão em uma ou mais destas classes, segundo lhes aprouver.

Art. 7.º As sessões terão a publicidade compativel com o local e com a decencia da sociedade.

Programma.

DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA.

Nisi *utile est quod facimus, stulta est gloria.*

(Continuação do artigo 211.)

PARA O ANNO DE 1843.

250 Explicar pela historia politica, civil, e religiosa, as causas que concorreram para a grandeza de Portugal, e depois para a sua decadencia; marcando distinctamente as épocas destas duas vicissitudes.

Qual a base do melhor systema de Direito natural.

PARA O ANNO DE 1842.

Apontar os erros mais notaveis em que alguns escriptores de nota tenham incorrido na composição da historia que escrevessem; seja dos chamados antigos, seja dos modernos de qualquer nação; mas preferindo sempre algum escriptor nacional, na compilação de sua historia, a fim que se expurguem do prejuizo das falsidades que as deturpam.

Uma descripção de alguns, ou de algum grande edificio antigo portuguez, ou a memoria de qualquer successo notavel que lhe seja relativa; acompanhando-se as notas hissoricas, que lhes digam respeito, de todas as

observações artisticas, sobre o caracteristico de sua architectura, ornatos, etc., com a indicação do estado presente do mesmo edificio ou edificios, e o que se offereça sobre a sua conservação; procurando-se em tal descripção seguir os exemplos que das mesmas temos na litteratura allemã, ingleza, italiana, etc.

O Elogio historico do Infante D. Pedro, Duque de Coimbra, com as relações de suas viagens.

PARA O ANNO DE 1843.

Uma memoria sobre a importancia das relações politicas de Portugal com o Imperio de Marrocos, debaixo do ponto de vista commercial; e não só com este Imperio, mas tambem com os territorios do interior da Africa, por meio das Cafilas, que atravez do grande Deserto fazem a communicação entre os sobreditos territorios, e o mencionado Imperio.

Um exame e juizo critico sobre o merecimento dos tres escriptores Jesuitas Portuguezes, João de Lucena, Balthazar Telles, e Antonio Vieira, em linguagem portugueza, historia, e eloquencia; e a vantagem que guardam entre si em qualquer destas tres partes de Litteratura.

Uma descripção dos monumentos chamados vulgarmente Celticos, que existiam em Portugal, designando as suas dimensões, fórma de construcção, e usos provaveis.

Uma historia succinta das controversias que tiveram Castelhanos e Portuguezes ácerca das Molucas, tirada de documentos authenticos.

Assumpto extraordinario.

Determinar a influencia da Nação Portugueza nos progressos intellectuaes, e estado social e politico da Europa.

Este assumpto será premiado com 168$000 réis em Obras da Academia, offerecidas por um Socio que não quiz que se declarasse o seu nome.

Assumptos fixos, sem limitação de tempo.

A descripção economica e physica de alguma Comarca, ou territorio consideravel do Reino, ou Provincias ultramarinas.

Fixar-se-ha a época por meio de annuncios feitos nos papeis publicos, logo que algum concorrente mostre desejal-o assim, apresentando á Academia, em carta fechada, e sem declaração do seu nome, algum pequeno trabalho que indique occupar-se deste assumpto.

O elogio de algum Portuguez illustre.

A historia philosophica do Reinado de algum dos Senhores Reis de Portugal, comprovada com documentos authenticos.

Uma Tragedia Portugueza.

Uma Comedia de caracter em verso, ou em prosa.

Assumpto fixo, sem limitação de tempo, e com premio dobrado.

Um plano de canal para aproveitar as agoas de algum rio de Portugal na irrigação dos campos, com as nivelações e calculos necessarios para verificar a sua exacção.

Assumpto, sem limitação de tempo, e com premio extraordinario de 400$000 rs.

A Pathologia e Therapeutica das Dysenterias chronicas, comprovada pelo menos com vinte observações bem verificadas, que não deixem duvida alguma sobre a cura desta enfermidade, de que foi victima o nosso Socio o Sr. Luiz de Sequeira Oliva, que deixou á Academia um legado para se pagar este premio.

Os premios ordinarios consistem em uma medalha de ouro do peso de 50$000 réis; e todas as pessoas podem concorrer a elles, á excepção dos Socios honorarios, e effectivos da Academia. Abaixo destes premios principaes, propõe a Academia tambem a honra do *Accessit*, que consiste em uma medalha de prata; e ainda abaixo destes a menção honorifica da memoria, que só disto se fizer digna, a qual menção será feita nas suas Actas e Historia.

As condições geraes para todos os assumptos propostos são: Que as memorias que vierem a concurso, sejam escriptas em Portuguez, sendo seus auctores naturaes destes Reinos, e em latim, ou em qualquer das linguas da Europa mais geralmente conhecidas, sendo estrangeiros: que sejam entregues na Secretaria da Academia por todo o mez de Junho do anno em que houverem de ser julgadas: que os nomes dos auctores venham em carta fechada, a qual traga a mesma devisa que a memoria, para se abrir sómente no caso em que a memoria seja premiada; e finalmente, que as memorias premiadas não possam ser impressas senão por ordem, ou com licença expressa da Academia; condição que igualmente se estende a todas as memorias, que, não obtendo premio, merecerem com tudo a honra do *Accessit*. Mas nem esta distincção, nem a adjudicação do premio, nem mesmo a publicação determinada ou permittida pela Academia, deverão jámais reputar-se como argumento decisivo, de que esta Sociedade approva absolutamente tudo quan-

to se contiver nas memorias a que conceder qualquer destes signaes de approvação; porém sómente como uma prova de que no seu conceito desempenharam, se não inteiramente, ao menos a parte mais importante dos assumptos propostos.

Lisboa, na Secretaria da Academia Real das Sciencias, em 3 de Novembro de 1841. = *Francisco Elias Rodrigues da Silveira*, Vice-Secretario da Academia.

Congresso Scientifico.

FLORENÇA.

251 Na ultima Sessão do Congresso Scientifico de Florença, deu de presente o Grão Duque de Toscana, a cada um dos sabios que ali concorreram, um volume ricamente encadernado, com o titulo seguinte = *Tentativas de experiencias physicas feitas na Academia do Cimento. 3.ª edição florentina, precedida de noções historicas sobre esta Academia, etc.*

Foi fundada a Academia *del Cimento* em 1657, por Leopoldo, Princepe de Toscana, com o fim de honrar a memoria de Gallileo, e servir de centro onde se reunissem os discipulos d'aquelle insigne mathematico. Havião-se feito varias edições d'aquella obra; mas esta, fielmente extrahida de diversos manuscriptos da bibliotheca do Grão Duque, e da mesma Academia, é muito mais exacta e completa que todas quantas a precederam. As tentativas, as experiencias de toda a casta, os infatigaveis trabalhos dos sabios florentinos, tudo se acha relatado com ordem, clareza, e elegancia de estilo; nem é menos para admirar a minuciosa exactidão com que forão descriptos os engenhosos instrumentos, inventados, modificados, e aperfeiçoados por aquelle Congresso, que tão bem mereceu da patria. A leitura d'este livro inspira a maior estima e respeito para com a memoria d'esses illustres creadores da philosophia natural, que tomaram para devisa da sua Academia as palavras — PROVANDO E RIPROVANDO — *provas e mais provas* — devisa que deve ser a de todas as sciencias experimentaes. Posto que só durasse 10 annos, em razão de seu defeituoso regulamento, que exigia a abnegação da gloria pessoal em beneficio da sociedade, nem por isso deixou de transmittir fama e gloria á posteridade.

Querendo o Grão Duque de Toscana, que, por occasião da abertura do 1.º Congresso italiano reunido em sua capital, se recordasse a Europa dos grandes homens que produzio aquelle Locadinho da Peninsula, havia feito d'antemão alçar um magnifico monumento em marmore á gloria de Gallileo, a que deo o nome de *Tribuna de Galileo.* A descripção d'elle, acompanhada de quinze bellissimas gravuras em cobre, foi offerecida aos sabios, com uma primorosa medalha que pela mesma occasião se cunhára. Tem de um lado a *Tribuna de Gallileo*; do outro a devisa da *Academia del Cimento* — PROVAS E MAIS PROVAS — e no meio esta inscripção:

NEI CONGRESSI
DEGLI
SCIENZIATI ITALIANI
L'ACADEMIA
DEL CIMENTO
RINASCEVA

M. P. S.

Transcrevemos do ultimo numero dos Annaes Maritimos, e Coloniaes, o seguinte

Aviso aos navegantes.

N.º 38.

Farol fluctuante nas Sete Pedras (Seven Stones)

Trinity House; Londres 24 de Agosto de 1841.

252 Noticia-se que o Farol fluctuante, a que se refere o aviso de 10 do corrente, foi agora collocado perto dos rochedos chamados as Sete Pedras (Seven Stones), situadas entre o fim da terra (Land's End) de Cornevall, e as Ilhas Scilly ou Sorlingas.

O barco em que se acha, está fundeado em 40 braças de agua, pouco mais ou menos, de 1¼ milhas E. ¼ SE. do rochedo Folland das Sete Pedras (Seven Stones), e pouco mais ou menos á mesma distacia E. ¼ NE. da parte do Norte da Pedra do Sul das mesmas.

Nesta posição o angulo entre os extremos do Norte e Sul das Ilhas Scilly é de 22.º, e a marca para de dia, collocada em St. Martin, fica-lhe ao O. ¼ SO. e o farol de Longship a ESE.

Os lumes hão de apparecer pela primeira vez ao Sol posto o 1.º de Setembro, e consistirão em duas luzes brilhantes, fixas, uma no mastro grande, na elevação de 38 pés, e outra no mastro de prôa, na elevação de 20 pés, acima do nivel do mar.

N. B. Os navios, que navegarem entre as Ilhas Scilly, e a extremidade da terra,

farão diligencia para que lhes fique o Farol fluctuante do Sul para o Oeste quando vem da parte do Norte; e os vindos do Sul, que se dirigem ao Farol fluctuante, devem conserval-o na direcção do Norte para Oeste.

Por ordem = (Assignado) *Herlet*, Secretario.

N.º 39.

Annuncio feito pela Administração da Real Marinha, em Stockolmo.

A Administração da Marinha Real faz publico para conhecimento dos Navegantes, que o Farol da Ilha de Winga, situada na parte exterior da entrada do porto de Gottemburgo, assim como os Faróes, conductores de Bukskaret, e Botto, situados na entrada da dita cidade, se acenderão pela primeira vez em o 1.º de Novembro, ficando o Farol de Winga aceso todo o anno, segundo se pratica com os faróes nas costas do Reino; e os de Bukskaret, e Botto, estarão acesos sómente durante a estação escura, isto é, desde o dia 15 de Agosto de cada anno até ao dia 15 d'Abril do anno seguinte.

Stockolmo, 10 d'Agosto de 1841.

253 Bibliographia Portugueza.

Collecção de retratos dos nossos principaes Artistas e Auctores dramaticos contemporaneos. — Em todos os Paizes cultos aonde as artes occupam o lugar, que lhes compete, não tem faltado quem, para perpetuar a memoria dos que lhes têem feito mais assignalados serviços, reuna em Collecção os Retratos dos principaes Artistas e Auctores. — O Sr. E. Doux deu ha annos um grande impulso ao Theatro Portuguez, e d'aqui proveio darem-se a conhecer muitos talentos, que, com a decadencia da arte, vegetavam ocultos. — Não menos brilhante foi o apparecimento de Auctores, que, com suas eximias producções, vieram ajudar a regeneração do nosso Theatro. — Imitar um exemplo, digno de ser seguido, e fazer conhecidos, em todo o reino, tanto Actores como Auctores, é o fim a que se dirige a publicação intentada por J. A. Rozat, Auctor do mesmo Theatro. — Toda a sua ambição se cifra em conseguir, por este modo, dar a seus collegas o galardão, de que são dignos, pelos serviços prestados á arte, a que se dedicaram, e nos quaes elle muito desejára acompanha-los. — O preço da subscripção é de 480 réis por cada Retrato, pagos á entrega. Os Senhores, que quizerem assignar, terão a bondade de declarar, em seguida, o seu nome, e morada, e o numero de exemplares, que desejam obter — Os exemplares serão entregues em casa dos Senhores Assignantes, tanto em Lisboa, como nas Provincias. (*Communicado e fielmente copiado.*)

DOUTRINA CHRISTÃ, EM FORMA DE LIÇÕES DE PIEDADE, em que se expõe as provas da Religião, os dogmas da Fé, as regras da Moral, e o que respeita aos Sacramentos, e á Oração; para uso das casas de educação, e das familias christãas; Por Lhomond. Posta em linguagem por *Fr. Domingos Vieira*, da Extincta Ordem dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho. Lisboa, na Typographia Rollandiana. 1841. — *Um volume de 552 paginas em oitavo.*

Traz esta obra por epigrafe as seguintes palavras — *Terão elles o direito de propinar o veneno, e nós não teremos o de lhe applicar o antidoto?* — E' uma nobre epigrafe, e mui generosa, sobre mui philosophica. O auctor é bem conhecido por seus varios escriptos dedicados á instrucção litteraria, moral, e religiosa, da mocidade, do quem em toda sua vida não cançou de se mostrar entendido mestre, e zeloso amigo; escriptos esses infinitas vezes reimpressos, e ainda hoje procurados. O livro, cuja traducção annunciamos, poderá vir a ser, (em quanto não appareça obra melhor e original) um manual muito proveitoso para Collegios, e Familias piedosas, e um *Vade-mecum* utilissimo para Parochos, os quaes n'elle colherão sem custo, e calendariamente ordenados, por estudo e diligencia do traductor, os apontamentos dos Evangelhos, de que poderão apropriadamente fazer doutrina a seus Parochianos.

254 FRANCEZA.

A religião nos limites da razão, por E. Kant, traducção do allemão, por Trullard. 1 vol. em 8.º

Tristeza e consolação, ou o Evangelho prégado debaixo da cruz, meditações para os afflictos, por J. L. Grandpierre. 3.ª edição. 1 vol. em 8.º

Relatorio annual sobre os progressos das sciencias physicas e chimicas, apresentado á Academia das Sciencias de Stockolmo, por J. Berzelius; traduzido do sueco, por Plantamoor.

Medicina hemato-chimica, influencia do sangue e de suas alterações no desenvolvimento das molestias, e tratamento d'ellas, por Ad. Lauglebert e Peschier. 1 vol. em 8.º

Esboço d'um tratado completo de phisiologia humana, pelo Professor Lordat. 1 vol. em 8.º

Tratado elementar dos reagentes, suas preparações, seus empregos especiaes, e sua applicação á analyse, por A. Payen e A. Chevallier. 1 vol. em 8.º

Semeotica das ourinas, ou Tratado das alterações da ourina nas molestias, por Alfredo Becquerel. 1 vol. em 8.º

Guia pratico para o estudo e tratamento das molestias de pelle, por Girandeau de St. Gervais. 1 vol. em 8.º

Memorias sobre agricultura, instrumentos aratorios, economia rural, e contabilidade agricola, por L. P. Valcourt. 1 vol. em 8.º

255 A Redacção da REVISTA UNIVERSAL agradece ao Snr. J. A. A. o conteudo da carta com que a honrou, e aceitará com a maior satisfação uma copia exacta das chácaras que menciona; pois apezar de possuir algumas d'ellas, ha todavia variantes em algumas quadras, e muito convem conhecel-as todas.

ERRATA

Em o n.º 11 pag. 130, col.ª 2.ª, linha 11, em vez de *citrate*, lêa-se *citrato*.

TYPOGRAPHIA DE J. A. S. RODRIGUES
Rua da Condeça n.º 19.

Scientifica, Litteraria, Agricola, Commercial,

Chronica Judicial, Artistica,

e Economica de todo o mundo.

REVISTA UNIVERSAL.

N.° 13.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS.

POR 12 NUMEROS	....	480
POR 24	»	960
POR 52	»	1920

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, RUA DOS FANQUEIROS N.º 107, 1.º ANDAR.

Quinta feira 23 de Dezembro de 1841.

A redacção da REVISTA UNIVERSAL acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Roga-se aos Senhores Assignantes de Lisboa que não entreguem quantia alguma aos distribuidores senão contra o competente recibo.

Modo de abreviar a producção do fructo em as arvores novas.

FRANÇA.

256 MUITAS arvores das que são semeadas, levão ordinariamente bastante tempo, antes que produzão fructo, que mostre sua boa ou má qualidade; e até que cheguem a este ponto, vão recebendo do agricultor todo o cultivo, e cuidado, que sua esperança lhe aconselha; e á qual muitas vezes não respondem os fructos, por degenerar a nova arvore, e sahirem elles em tudo ao revez dos desejos, de quem a cultiváva, e dispendera tanto tempo, e trabalho, fundado em a boa qualidade da semente, que lançara á terra. Neste caso vemos nós dois males; um, e o primeiro, é a perda, que em cultura tão esmerada, e no desgosto de a ver malograda, leva o agricultor; e o segundo é haver passado tanto tempo sem lhe ministrar o remedio da enxertia; por onde já de ha muito podéra ser arvore prestadia, e fructifera, e evitar assim os lucros cessantes, que causou. Hoje pois, que pelos escriptos, e experiencias, dos agricultores de melhor nota (como o author da *Pommologie physiologique*, Perrin, Parisot, e muitos outros) está desmentido, o que por séculos reinou na agricultura ácerca de muitas arvores, cujas especies se julgavão conservadas sómente pela enxertia, e não por semente; da qual se havia por coisa muito certa, que todas degeneravão; hoje, que as melhores especies d'estas arvores se multiplicão pela semendura; tem grande cabimento o darmos noticia do modo, por que se consegue em dois annos algum fructo, que sirva para amostra, nas pequenas arvores de sementes. Acontece muitas vezes, quando as pevides, e os caroços, que se semeão, não são bem escolhidos nos fructos, criados, e bem sazonados em os principaes, e mais altos, ramos das arvores; e quando as novas, havidas por este meio, não são tresplantadas

duas e tres vezes, antes de darem o primeiro fructo; acontece (não diremos já muitas vezes, senão quasi sempre) que vem estas tão degeneradas, que seus fructos, de minguados no tamanho, d'asperos, e viciados na qualidade, nada valem; e parecem antes silvestres, que cultivados; porém, como haja cuidado de evitar os estorvos que temos mencionado, muito rara será a degeneração, se a semente for d'alguma especie propria, e não das variadas: com tudo a incerteza e a desconfiança do agricultor dura até que veja o fructo, e o examine em todas suas partes: e por certo que é este o meio mais seguro, por onde se póde julgar da qualidade, e merecimento das arvores: e como ha muitas tão demoradas em sua infancia, que levão nella annos; a experiencia, e por ventura o acaso, ensinou um meio de as fazer produzir mais promptamente algum fructo. Pelo bom cultivo, que é o ponto principal, e o que mais ajuda o desenvolvimento, qualquer arvore se faz vigorosa, e lança os seus ramos, chamados lateraes, em o segundo anno; pois em um dos rebentões do principal destes ramos, quando comece de endurecer, e vá perdendo a cor muito verde, e o grande viço, com que nasceu, se marca um olho bem formado, que fique pouco mais ou menos pelo meio do rebentão; e no fim de Junho, ou meado Julho, se liga com pouco aperto o rebentão, pela parte superior ao olho (alguns usão pical-o com agulha no logar indicado) Esta operação produz certa retardação na seiba, que por isso mesmo acode com maior substancia ao olho, fazendo-o desabroxar primeiro que os outros, e dando-lhe fôrça sufficiente para florecer, e criar fructo. Julgamos, que uma especie de traça, acertando de furar alguns destes rebentões, na parte indicada, ensinou tal methodo. Como pois todo o transtorno em o discurso natural dos succos vegetaes, e o forçar a natureza, não seja proveitoso, bom será que o sôfrego desejo de ver fructos nas arvores, não leve o agricultor a abuzar deste segredo, que lhe pode ser prejudicial.

F. M. P. S. N.

Plantação d'arvores.

TRANCOZO.

257 Merece muito louvor, e é digno de ser imitado, o cuidado, que em Trancozo ha, em plantar arvores. Existe ali uma companhia de plantação, que é uma verdadeira sociedade natural, sem mais estatutos, nem contractos. Os capitaes com que esta companhia se fundou, e vai prosperando, são unicamente o trabalho de cada um dos socios, a quem toca a actividade em plantar por suas mãos alguma arvore, e o zelo em defendel-a, e cultival-a; e a todos cabem neste mister deveres iguaes, e reciprocos. Publicaremos aqui, o que em poucas linhas nos diz um nosso correspondente a este respeito. = Nesta terra vai a plantação das arvores em grande augmento; e o meio de promovel-a é facil: eil-o aqui. Os filhos dos lavradores formão entre si uma especie de contracto, obrigando-se cada um d'elles a plantar alguma arvore cada anno, em sitios os mais proximos, que lhes é possivel; a qualquer dos socios pertence como obrigação o vigiar na conservação tanto da sua planta, como na dos outros. Se alguma chega a perder-se, é logo posta outra em seu logar. Desta arte as novas arvores, livres dos riscos, e contratempos, pelo cuidado de tantos agricultores, vão crescendo, e se conservão muito bem. =

J. D. da C.

P. S. A este nosso correspondente agradecemos nós não só o artigo que acabamos de publicar, mas igualmente os outros dois, que nos dirigio. Os abusos das vendas, por mais escrupulosas que sejão as medidas policiaes, são inevitaveis em todos os paizes: os remedios, que o nosso zeloso correspondente aponta, entendem muito com a liberdade do commercio. Os perigos dos serões são os mesmos, que por toda a parte cercão, e assaltão, moços, e velhos. O bom remedio, que lhes applica, já se acha bem formulado em o artigo 194 deste jornal.

A Redacção.

Carbolem.

RUSSIA. FRANÇA. PORTUGAL.

258 Já é conhecida pelos nossos leitores esta nova especie de combustivel, e o como, e com que ingredientes, se fabrica. Nós, attendendo sómente a uma parte das suas vantagens, que apenas podemos alcançar pelos jornaes estrangeiros, a recommendámos com especialidade á Companhia da Navegação do Tejo e Sado, em o numero 245 deste jornal: agora que vemos, pelas ultimas folhas, o grande apreço, e consumo, que tem este novo producto da arte, e por sabermos, que as substancias, de que elle se compõe são tão mal aproveitadas em os nossos usos, que antes as

julgamos disperdiçadas, apertaremos novamente pela experiencia, porque na verdade se nos afigura muito facil, e de tanta utilidade, quanta é de ver nas ordens do Imperador da Russia para activar o fabrico do carbolem; nas requisições feitas pelos Ministros da Guerra, e de Marinha d'aquelle paiz; e pelo aturado trabalhar noite e dia, nas fabricas onde elle se prepara, e onde não ha mãos a medir para satisfazer as encommendas. Tal ha sido a azáfama, que alli vai, que apezar de ser pequena a quantidade, que a Academia de França mandou vir para experiencias, não tem sido possivel alcançal-a. O barco de vapor syrio foi o primeiro, que experimentou as incalculaveis vantagens deste singular combustivel. Nas fabricas de metaes tem elle provado muito bem; e pelas experimentações e calculos de Roch, communicados á Academia das Sciencias de Pariz, o ferro forjado em o fogo do carbolem ganha na perfeição de sua tempera, e em todas as demais qualidades, trinta e dois e meio por cento; por fórma que o ferro mais inferior, assim forjado, adquire tanta bondade, como o melhor, que se conhece, trabalhado com o fogo de carvão ordinario. Eisaqui as rasões porque pela segunda vez tocamos nesta materia; e não o fazemos sem a esperança de que algum portuguez se resolva a metter mãos á obra, que tem averiguada por todos os lados não pode ter nenhum contra. Não nos falta cisco de todas as qualidades de carvão; nem fezes, e borras d'azeite, que são inutilizadas; o methodo do fabrico é tão desembaraçado, e prompto, que não requer artificios de engenho; o que sómente nos falta é a resolução; e como o ganho nos parece seguro, não faltará por certo quem faça a experiencia. Nós pelo menos assim o desejamos, e o aconselhamos; como é nosso dever em todos os pontos de interesse publico, que nos chegão á noticia, e em cuja indagação nos não poupâmos a trabalho, nem a diligencia, por custosa que seja.

A. N. M. L.

Remedio simples e facilimo contra rheumatismo.

INGLATERRA.

259 CHAMAMOS a attenção dos nossos facultativos sobre um facto publicado por um jornal scientifico de Londres. Assevera elle que o enxofre em pó tem alli sido efficazmente empregado no tratamento de dores rheumaticas, em simples fricções na parte doente. Poucos minutos dizem bastar para que se reconheça um pequeno allivio, e poucos dias para que as dores desappareção completamente.

O remedio é facil de experimentar.

Receita simplicissima para callos.

FRANÇA.

260 A muitos de nossos leitores faremos talvez serviço, pelo qual nos fiquem agradecidos, indicando-lhes um meio segurissimo, segundo affirma seu author (Grancé), para acabar de uma vez para sempre com este incommodo, que a todos molesta mais ou menos. Eis aqui o em que elle consiste.

Mettem-se os pés em agoa quente o tempo necessario para que o callo amolleça; corta-se depois á navalha quanto é possivel; lava-se o resto com uma tintura de aloes, e põe-se-lhe em cima um chumaço embebido no mesmo liquido. Repetindo esta operação umas poucas de vezes por dia, no fim de poucos desapparece o callo para sempre; e se muito por acaso torna a apparecer, applica-se-lhe por 2.ª vez o mesmo tratamento, e é certo então que nunca mais voltará.

Estrabismo.

MARTINICA.

261 Os ultimos jornaes hespanhoes, francezes, e inglezes, fallão com enthusiasmo em numerosas curas de estrabismo; até nos asseverão que nem um só vesgo se encontra hoje em París; tão grande ha sido o desvelo com que o governo os tem obrigado a submetter-se a uma operação, cujo resultado se tornou infallivel.

Nos ultimos periodicos da Martinica lemos que ali se fizera tambem, felizmente, pela primeira vez, ha poucos mezes, em um menino de 12 annos. O estrabismo d'elle era, ora n'um, ora n'outro olho; e o que ficava torto, era ordinariamente o ultimo que olhava para a direita ou para a esquerda; e tanto, que a pupilla desapparecia quasi completamente para a banda do nariz, ficando apenas visivel a parte branca da orbita; apezar disso, algumas vezes, e depois do menino ter os olhos fechados por muito tempo, ambos elles se torcião simultaneamente, e como se entre ambos se repartisse a fôrça que affastára um só de sua natural direcção. Pareceu ao cirurgião que o olho direito se desviava mais frequentemente do parallelismo normal,

e fez a operação a esse, pensando; e com razão, e como pela experiencia lhe foi confirmado, que o estrabismo do outro não era mais do que um effeito sympathico do estado do primeiro.

Depois de terminada a operação explicou o facultativo a theoria d'ella, e disse que, depois de abrir as membranas que cobrião o olho, cortára um musculosinho, cuja contracção convulsiva era causa da má direcção que tomava: com effeito, em menos de um minuto, o havia cortado, e no mesmo instante se acharam os dois olhos do menino em seu devido logar, com geral admiração dos expectadores, e alegria sem igual dos pobres parentes. A. P. S.

Flexibilidade do marfim.

PARIS.

262 O acido hydrochlorico, applicado aos ossos, tem a propriedade de lhes extrahir o phosphato de cal, de que elles são compostos. Este principio, mui constante, e sabido ainda pelos menos versados em chimica, deu fundamento ao estudo de *Charrier* sobre varios methodos de preparar o marfim: hoje têem uma grande reputação os muitos instrumentos cirurgicos, e outros de varios usos, fabricados por elle, de marfim flexivel. O modo, por que se obtem esta flexibilidade, é infundindo a peça, ou a parte della, que se quer flexivel, depois de torneada, e toda prompta, em o acido temperado com uma pequena porção d'agua, e neste infuzão se demora mais ou menos, segundo a qualidade, tamanho, e grossura da peça. O marfim ahi perde o phosphato de cal, que lhe dava a rijeza; e sem mudança alguma nas suas fórmas, e feição, fica muito flexivel, e de grande prestimo. Se com o tempo esta qualidade se vai perdendo, é bastante para renoval-a, molhal-o com agua, ou em panno molhado, na occasião de fazer uso de qualquer instrumento. Esta particularidade é muito prestavel para as artes; e poderá ainda ser de grande applicação. Dos muitos instrumentos assim fabricados, que este anno appareceram na exposição dos objectos de industria nacional, em Pariz, foi muito admirado um, que com toda a propriedade imitava um peito de mulher; por meio d'uma têta d'este marfim se ministra o leite ás crianças por um modo o mais perfeito, que se conhece; pois que álem da facilidade, com que o leite passa pelos poros do marfim sem demandar o esforço, que requerem outras substancias, applicadas a este fim, no que havia grande inconveniente, e molestia para as creancinhas, tem a particularidade de não se romper, nem lastimar os labios, e a lingua. O unico contratempo é, o que já mencionámos, de endurecer com o desuso; mas como o remedio é tão prompto, não lhe chamaremos contratempo. O grande preço d'um invento, como este, sabem-no todos conhecer; e, melhor que todos, as mães, que, poupando dores, livrarão seus filhinhos dos damnos, a que a dura necessidade os sujeita muitas vezes, fóra do seu bafo, e longe das suas vistas.

A. N. M. L.

Calçada de nova arte.

FRANÇA.

263 Um Inspector de pontes e calçadas, em França, acaba de idear uma calçada de nova arte, composta de diversas substancias, sendo a principal d'ellas o barro. Misturando-o em proporções convenientes, com areia, cimentos, oxidos metallicos, e cinza, vasando o misto em fôrmas do feitio de prismas, e cozendo-a dentro d'estes, em uma temperatura elevada, conseguio a formação de um pavimento composto de prismas exagonos, com uma regularidade, dureza, e resistencia, que não se achão em nenhum outro conhecido. Como os prismas são uma especie de terra cozida, por isso lhes foi dado o nome de *pavimentos ceramicos*.

Depois de haver ponderado quanto são abundantes as materias que entrão n'esta composição, estende-se o inventor, por nome *Polonceau*, em uma memoria que ácerca d'este objecto redigio, sobre as vantagens que d'ella devem resultar. Uma das principaes consiste na facilidade de dar ao barro, uma fórma e tamanho fixos e determinados, vantagem que não apresentão as pedras naturaes. São álem d'isso impermeaveis, não deixão ficar a agua estancada, e contribuem para que as seges andem mais depressa, visto rodarem sobre uma superficie bastante lisa.

O preço d'estes pavimentos, feitos em pequena porção, é um pouco maior que o das estradas ordinarias; mas em grande quantidade devem sahir muito mais em conta.

R. L.

Reboques de vapor em caminhos ordinarios.

BORDEOS.

264 Os ultimos jornaes d'esta cidade não

cessão de fallar nas repetidas experiencias, que ali se hão feito, para applicar machinas de vapor ás estradas ordinarias. O engenheiro *Dietz* provou com toda a evidencia que havia resolvido este problema, da maior importancia, e são incalculaveis as vantagens que devem resultar da sua maravilhosa idea.

A machina inventada por elle póde rebocar 4 carruagens, pelo menos, contendo cada uma 16 a 20 pessoas. A sua velocidade media é de quatro léguas e meia a cinco por hora; sobe, com uma velocidade de 3 légoas por hora, todas as costas cujo declive não é muito grande; dá todas as voltas com a maior facilidade; accelera, ou retarda, a marcha, á medida do desejo de quem a dirige; pára emfim no meio do caminho mais ingreme, quer suba, quer desça.

Tão importantes resultados forão vistos, e admirados, por todos os habitantes de Bordeos, Libourne, e povoações circumvisinhas.

Se bem que não possamos provar com algarismos toda a economia que deve provir das machinas de *Dietz*, pensamos todavia que deve havel'a, e grandissima; por quanto está calculado que todas as despezas necessarias para fazer uma legua de caminho de ferro, andão, pouco mais ou menos, por quatrocentos mil cruzados: um caminho de ferro de Lisboa ao Porto andaria pois por uns vinte milhões; em quanto as machinas de Dietz pouparião esta despeza, e produzirião quasi o mesmo resultado em boas estradas, se as tivessemos!...

R. L.

Tapetes de papel.

265 Vai-se generalisando muito em Londres o uso destes tapetes, que não são tão ricos como os de Constantinopla, mas em troco d'isso, produzem talvez ainda melhor effeito, e sahem por uma bagatella. Nada ha mais facil do que faze-los.

Pega-se em papeis pintados, dourados, ou prateados, cujas côres, e desenhos se escolhem á vontade, e agarrão-se ao chão com colla. Quando esta está secca, cobre-se este tapete improvisado com tres mãos successivas de verniz de gomma elastica: é quanto basta para que fique liso, brilhante, e impenetravel á agua; tanto assim, que para limpa-lo, se lava todos os dias sem precaução alguma, e como se fosse um chão de marmore.

Sociedade promotora das communicações internas do reino.

LISBOA.

266 Recebemos da Secretaria desta Sociedade uma obsequiosa carta, acompanhando a lista dos seus membros, bem como a do Conselho Director, por esta nomeado. Folgamos de ver reunidas para tão nobre objecto as pessoas mais conspicuas de nossa terra, e esperamos de seus esforços combinados a solução do importantissimo problema, em que se occupão: será o unico modo de vermos ainda prosperar commercio, agricultura, artes, e sciencias, em o nosso desgraçado Portugal. — Copiamos textualmente um fragmento da dita carta.

» Da Relação geral, e da do Concelho Director, poderá V. inferir o espirito que anima a Sociedade. Ella se formou sem apparato, e sem exclusões, lembrando cada socio os seus amigos, á medida que lhe ia pertencendo.

O meio pratico de construir em breve tempo as estradas do Reino com o menor sacrificio possivel dos povos — o meio de fazer com que esse sacrificio seja applicado stricta e positivamente ao seu unico objecto, são os pontos que a Sociedade se occupa de resolver, para os levar opportunamente ao conhecimento do Governo, se acaso obtiverem as simpathias do publico.

A Sociedade conta com a coadjuvação sincera de todas as pessoas interessadas na prosperidade do seu paiz, e especialmente com a da Imprensa. »

Relação dos Membros da Sociedade Promotora das Communicações internas do Reino.

OS SENHORES

Prezidente .... Duque de Palmella.
Vice-Prezidente ... Marquez de Fayal.
Secretario .... José Joaquim Gomes de Castro.
Vice-Secretario ... José Antonio Maria de Souza e Azevedo.

SOCIOS.

Agostinho Albano da Silveira Pinto.
Antonio Bernardo da Costa Cabral.
Antonio de Gamboa e Liz.
Antonio Cezar de Vasconcellos Corrêa.
Antonio José d'Avila.

Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro.
Barão de Renduffe.
Barão do Tojal.
Conde de Farrobo.
Conde de Lavradio.
Conde de Linhares.
Conde da Taipa.
Conde de Villa Real.
Duque da Terceira.
Ernesto Biester.
Felippe Folque.
Felix Pereira de Magalhães.
Florido Rodrigues Pereira Ferraz.
Jeronimo de Almeida Brandão e Souza.
João Baptista de Almeida Garret.
João Maria de Abreu Castello Branco.
João de Souza Pinto de Magalhães.
Joaquim Antonio de Aguiar.
Joaquim Antonio de Magalhães.
Joaquim Felippe de Soure.
Joaquim Larcher.
José Alexandre de Campos.
José Augusto Braamcamp.
José Bento de Araujo.
José Dias Leite Sampaio.
José Estevão Coelho de Magalhães.
José Ferreira Pestana.
José Ferreira Pinto Basto.
José Ignacio Pereira Derramado.
José Jacintho Valente Farinho.
José Jorge Loureiro.
José Maria Eugenio.
José Maria Grande.
José Maria O'Neill.
José Pereira Palha.
José da Silva Carvalho.
José Street de Arriaga e Cunha.
Julio Gomes da Silva Sanches.
Luiz da Silva Mozinho de Albuquerque.
Manoel Gonçalves Ferreira.
Manoel José de Freitas Guimarães.
Marquez de Fronteira.
Marquez de Loulé.
Marquez de Vianna.
Polycarpo José Machado.
Rafael José da Cunha.
Rodrigo da Fonseca Magalhães.
Thomaz de Aquino Carvalho.
Venancio Pinto do Rego Cêa Trigueiros.
Visconde de Porto Covo.
Visconde de Sá da Bandeira.

Relação do Conselho Director da Sociedade Promotora das communicações internas do reino.

OS SENHORES

Duque de Palmella = Presidente.
Conde de Lavradio.
José Augusto Braamcamp.
Jeronimo de Almeida Brandão e Souza.
Luiz da Silva Mozinho de Albuquerque.
José Street d'Arriaga e Cunha.
Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro.
Joaquim Felippe de Soure.
Joaquim Larcher.
José Joaquim Gomes de Castro.
José Antonio Maria de Souza e Azevedo.

Galeria de historia natural.

RAÇAS HUMANAS.

PARIS.

267 A riquissima galeria de historia natural de Paris recebeu ha pouco uma preciosa collecção de bustos de differentes raças humanas, com a qual muito se pode esclarecer o estudo da phrenologia. Parecerá talvez estranho, que por tal meio se possa em alguma parte ajudar este estudo; mas não admirará que assim seja, attenta a perfeição, que se encontra nas cabeças, e feições dos bustos, de que damos noticia neste artigo: o que nelles ha de grandissimo valor, é o serem dos naturaes da quinta parte do Globo, que por ser nova, ainda neste ponto era desconhecida. As corvetas *Astrolabe*, e *Zélée*, que fizeram a circùmnavegação sob o commando do Capitão de Fragata *Dumont D'Urville*, trouxeram o riquissimo presente de cincoenta bustos dos selvagens da Oceania, e tirados tão ao natural, que nelles não ha, nem pode haver, differença dos originaes: a maneira por que tal conformidade se conseguio não é desprovida de curiosidade. O Dr. *Dumoulier*, encarregado dos estudos phenologicos desta viagem, teve tão bom acerto em ir tratando tão de sobremão, e com tal brandura, os naturaes daquelle novo mundo, que, com serem tão agrestes e barbaros, como a falta de trato, e pratica humana, os vai formando desde que nascem, conseguiu delles o consentirem, que lhes rapassem os cabellos, e as barbas, e de sobre a carne lhes tirassem os moldes de suas feições, applicando-lhes aos rostos, e cabeças bem escalvadas, certas pastas de gesso. Assim foi escolhendo em cada tribu d'aquellas gentes, tão desvairadas, os moços mais apessoados, e em quem via alguma vantagem de estatura, e gentileza de feições (se tal nome ahi pode caber). Depois de bem seccos estes moldes, extrahio os bustos, que já se vê quanto devião de conformar com os seus originaes; e para que tudo ahi representasse o natural, acudio logo

a dar-lhes as côres, que a cada um tocavão, descrevendo depois em suas memorias a terra, e a tribu, a que pertencião, o como foram encontrados, quaes suas maneiras, e regimento de vida, e costumes. Ha com tudo ahi dois bustos, que não vieram por esta via, senão pela ordinaria, por onde o artista, tendo presente o original, com os olhos, e com a fantazia lhe vai copiando, e afeiçoando os membros, e os gestos; pertencem ao Rei, e á Rainha, d'uma das ultimas tribus das terras de Van-Diemen: nem sabemos, se por cortezia, ou por não fazer força, não houve destes a mesma condescendencia em serem rapados, e mascarados com o gesso; pois que entre estes selvagens não ha jerarchias, nem magestades; senão que todos são iguaes, e apenas levados por um sentimento, commum a muitos animaes, que vivem em magotes, entre si escolhem um, que seja guia, e maioral, e já d'ahi fica esse mais authorizado entre todos. A' vista do que fica dito não é necessario mais, para se conhecer o valor, e merecimento, de modo tão engenhoso de representar fielmente as mais leves feições dos individuos destas raças desconhecidas; e que por esta fórma, sem sahir d'uma sala, se ficão conhecendo, e distinguindo, por suas differenças de cabeças, rostos, e d'outras notas, com que a natureza os extremou. Não mencionamos aqui (para que não cresça mais este artigo) varios outros productos, com que aquella galeria foi novamente enriquecida pelos trabalhos, e constantes estudos, do insigne naturalista, o Dr. *Dumoulier.*

F. M. P. S. N.

Paleontologia.

Ossos humanos fosseis descobertos no Brasil.

268 O Doutor Lund, em uma carta escrita de Lagoa Santa, em data de 20 de Agosto, expressa-se assim sobre este objecto.

« Apezar de todos os meus esforços, não tinha ainda podido encontrar signaes de homem, ou productos d'arte, entre os muitos restos de animaes fosseis que achei nas minhas excavações, e cujas especies já hoje não existem; mas n'uma excursão que acabo de fazer, descobri por fim, no fundo de uma caverna, ossos humanos misturados com os de animaes de especies que desappareceram; apezar d'isso, como podião ter sido levados para alí pela agua, que periodicamente entra na caverna, não se pode affirmar que fossem ahi collocados no mesmo tempo que os restos de animaes que se achavão com elles. O que é todavia certo é que aquelles ossos são de uma época muito remota, e talvez os mais antigos que até hoje se hajão descoberto; estão completamente petrificados, e n'um estado de conservação identico ao dos ossos dos animaes a cujo lado os achei. E' minha convicção que muito contribuirão para dar a conhecer a constituição phisica dos habitantes d'esta parte da America, em tempos muito anteriores aos nossos conhecimentos historicos d'este paiz. Ainda não pude miudamente examinal-os; mas julgando pelos craneos, que desgraçadamente estão todos quebrados, a fórma das cabeças devia de ser singular; a testa não fica no mesmo plano que a cara; antes faz com ella um angulo bastante agudo, o que se não observa em nenhuma das raças de homens actualmente existentes. Esta configuração da cabeça é tanto mais notavel quanto as que se achão desenhadas, ou gravadas, nos monumentos dos antigos Mexicanos, representão uma raça de homens quasi sem testa, o que lhes dá certa semelhança com os animaes.

A. N. M. L.

Sanguisuga Parasita.

POLONIA. PARIS.

269 M. de Waga, Professor de historia natural em Varsovia, escreveu a carta seguinte á *Revista Zoologica* de Paris. Publicamo-la por nos parecer bastante curiosa.

» Ha poucos dias trouxerão-me os meus discipulos uma gallinha d'agua (*fulia atra*), que havião morto na vespera; tive-a dois dias em casa; depois deitei-a fóra, ficando só com a cabeça, afim de mostrar aos meus discipulos os caracteres do bico d'aquelle genero aquatico. Pul'a em um vaso cheio d'agua, e poucas horas depois notei n'esta um pequeno movimento; affirmei-me, e distingui uma sanguisuga muito pequena, que acabava de sahir da cabeça da ave. Era de uma côr esverdinhada, que o espirito de vinho mudou depois para branca; peguei n'um microscopio, e vi-lhe no corpo, que era quasi transparente, uns pontinhos encarnados, de que estava todo salpicado. D'ahi a pouco, o espirito de vinho tirou-lhe a transparencia, e tornou quasi invisiveis aquelles pontos; mas o que perfeitamente distingui, antes e depois, foram oito olhinhos, dispostos aos pares. Não me ficou a mais pequena duvida de que aquella sanguisuga parasita occupava a parte interior das fossas nasaes da ave aquatica. Em quan-

to esta vivia, tinha o corpo coberto com uma capa transparente de muco, e sustentava-se provavelmente das secreções nasaes: o que me confirma n'esta opinião é que não me apresentou o mais pequeno signal de sangue em todo o canal digestivo, que se distinguia perfeitamente, em razão da grande transparencia de seu corpo.

Este facto não é o primeiro indicio da existencia de sanguisugas parasitas, pois já *Moquin-Tendon* na sua *Monographia das sanguisugas*, faz menção de uma especie, chamada garça real, observada nas fossas nasaes do *Ardea Virescens* de Linneo, na Martinica; mas como por haver sido mal descripta, foi considerada em o numero das especies duvidosas, julgo que será util estudar muito attentamente a que o acaso me deparou. »

Instrucção publica.

FRANÇA. HESPANHA.

270 O titulo deste artigo parecerá porventura estar pedindo uma dissertação bem discursada, onde não faltem os ornamentos, e enfeites da Rhetorica de envolta com a força dos raciocinios da Logica; onde se repitão esses argumentos muito usados, muito ouvidos, e sabidos, com que, mais ou menos engenhosamente, se mostra, e prova (o que não carece de ser mostrado, nem provado) a necessidade da instrucção, como o unico meio, por onde pode vir a qualquer paiz a civilisação, e a prosperidade. Se alguem julgou, que a um tal titulo tinha por força de responder um destes bons sermões, prégados tantas vezes no dezerto, e tantas a hereges; desta vez, no seu conceito, não conformou o discurso com o thema; pois que nós, dando por sabido, e bem provado, o que na verdade o é, não faremos mais do que mencionar, e aconselhar, um meio, que nos parece digno de ser imitado, e bem seguido, por nós outros portuguezes, e hoje praticado pela Hespanha.

Não consiste a perfeição do ensino publico em amontoar nas Universidades, Escolas, e Lycêos, disciplinas sobre disciplinas, sciencias sobre sciencias, artes, letras, e theorias, mestres, professores, doutores, e letrados; não ha aqui a perfeição do bom ensino (tornamos a dizel'o). Se o conhecimento do mais approvado methodo de ministrar com proveito, e com igualdade, a instrucção a todas as classes da sociedade; se o conhecimento e a pratica deste methodo, vem a faltar, tudo é perdido. Não fallamos aqui da necessidade de se estudarem os progressos de cada dia nas sciencias, e artes, que os vão tendo; e de os aprender nos paizes, onde se elles fazem, travando com elles uma alliança, e commercio scientifico, dando assim aos nossos talentos, porque d'elles não somos disprovidos, uma publicidade, e lustre, que muito os deve animar, e desenvolver; não fallaremos neste ponto, que nos parece estar aguardando outra geração, e outro século; mas o que o governo visinho está fazendo a respeito da instrucção publica, tambem nós o podiamos fazer; e isso nos daria boa direcção ás reformas dos estudos, em que tanto se tem fallado, como de coisa mui necessaria.

O Secretario da Instrucção publica, e da Rainha Izabel 2.ª, D. José Garcia de Villata, anda visitando as principaes universidades, e escolas da Europa; actualmente está em Paris, entendendo cuidadosamente em todos os meios, e sistemas praticados em os varios ramos do ensino publico da França, e estudando o methodo mais adequado ao progresso das sciencias. Concluida esta missão, regressará ao seu paiz, enriquecido de todos os conhecimentos necessarios para se nelle reformarem as Universidades, e Collegios; e para se estabelecerem por todo o reino as escolas publicas, segundo a necessidade, e os fins da instrucção o exigirem. Nós, tão attentos, e tão vigilantes sobre os interesses da nossa terra, não nos pareceu bem ficarmos calados com a noticia deste bom exemplo: e o mais que nesta materia poderíamos lembrar, é tanto, e de tal ordem, que não póde caber em um artigo, que deve ser breve, para dar logar a outros.

F. M. P. S. N.

Conservatorio Real da Arte Dramatica.

LISBOA.

271 CELEBROU-SE antes d'hontem, terça feira, 21 do corrente, na salla grande do extincto Collegio dos Nobres, a Sessão Real do Conservatorio, destinada a honrar a memoria dos socios fallecidos depois da sua instituição. Foi brilhante, e escolhido, o concurso de todas as classes; faltou porém a presença d'ElRei, e todos sentiram que a este acto nacional, e de verdadeira homenagem á sciencia, não podesse concorrer o monarcha illustrado, e presidente ao mesmo tempo do Conservatorio.

O Snr. Vice-presidente abrio a sessão, expondo o objecto para que fôra convocada: exe-

cutou-se depois uma symphonia, composta pelo Snr. Bomtempo para este objecto, e magnificamente executada por uma numerosa orchestra. Terminada ella, leu o Snr. F. A. Varnhagen o elogio do Snr. Vice-Almirante Quintella; o Snr. Silva Leal Junior o do Snr. Conde de Sabugal; e o Snr. José Estevão Coelho de Magalhães o do Snr. J. F. Pinto Basto. Os alumnos e alumnas do Conservatorio cantaram em seguida um trecho de musica analogo á funcção, e segui am-se os elogios, do Snr. Marquez de Valença pelo Snr. José Maria Grande; Sebastião Xavier Botelho, pelo Snr. Alexandre Herculano; Augusto Frederico de Castilho, por seu irmão Antonio Feliciano de Castilho (este discurso, por ausencia do orador, foi excellentemente repetido pelo Snr. José Augusto Corrêa Leal) e Barão da Ribeira de Sabrosa, pelo Snr. Almeida Garret; sendo todos elles recitados por ordem do fallecimento dos socios.

O Snr. Varnhagen, sem perder nunca de vista o seu heroe, fez uma ligeira digressão sobre a importancia da marinha para Portugal, e tocou alguns pontos ácerca da sua historia, e descobrimentos. O Snr. Silva Leal colheu na poesia quanto era possivel para enfeitar o seu assumpto. O Snr. José Estevão, com o talento que todos lhe reconhecem, arrebatou-se da politica para as vantagens da industria. O mesmo fez o Snr. Herculano para a historia da poesia portugueza entre o seiscentismo e a escola de Bocage, a que pertencera o Snr. Botelho. O Snr. Castilho desaffogou os seus affectos dolorosos pela perda de um dos entes mais caros que tinha na terra. O Snr. Garret emfim maravilhou quantos o ouviram pelas bellezas de seu discurso, magnificamente recitado.

B. R. L.

SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGOCIOS DO REINO.

272 Foi presente á Sua Magestade a Rainha o officio do conselheiro vice-reitor da universidade de Coimbra, participando o modo como no dia 8 do corrente mez de dezembro se havia feito na sala grande dos actos a publicação solemne dos premios, dos partidos, e das honras do *Accessit*, conferidos aos estudantes que mais se distinguiram por seu merecimento e superior aproveitamento nos cursos de todas as faculdades no anno lectivo proximo passado: E vendo a mesma Augusta Senhora, que aquella festividade nacional se effeituára com o devido apparato, com grando respeito e boa ordem, entre um numeroso e luzido concurso de espectadores, e que a mocidade estudiosa, por meio de seus progressos litterarios e procedimento moral, tem dignamente correspondido a tão nobres e honrados incentivos, e ao zeloso trabalho dos seus mestres: Manda, pela Secretaria d'Estado dos Negocios do Reino, significar ao dito prelado, que lhe fôra muito agradavel saber destes saudaveis resultados de obediencia ás leis, e de applicação ás sciencias, mostrando-se por elles que todo o corpo academico está identificado com as condições da sua existencia a bem dos interesses litterarios e moraes do estado. Paço das Necessidades, em 15 de Dezembro de 1841.=*Joaquim Antonio de Aguiar.*

Relação dos Premios, Partidos, e Accessit, que foram conferidos aos Estudantes da Universidade de Coimbra pelos Conselhos das respectivas Faculdades, e distribuidos na sala grande dos Actos, no dia 8 de Dezembro de 1841, com a solemnidade ordenada nos Estatutos.

THEOLOGIA.

1.º ANNO.

Accessit. — João Antonio de Oliveira e Silva. — Manoel de Sequeira Ferrão — José da Encarnação Coelho—João Cardoso d'Araujo.

DIREITO.

5.º ANNO:

Premios. — Antonio José Marques Corrêa Caldeira. — Sebastião Luiz da Silva Faria.
Accessit. — José Lopes Vieira da Fonseca. — Francisco Vieira da Silva Barradas. — João de Moura Coutinho d'Almeida d'Eça. — Casimiro de Castro Neves.

4.º ANNO.

Premios. — Antonio Teixeira de Brito. — Lourenço de Sousa Cabral.
Accessit. — Joaquim Marques Cordeiro.— Manoel José da Costa Macedo. — Ricardo Teixeira Duarte. — Hermenegildo Augusto de Faria Blanc.

3.º ANNO.

Premios. — Carlos Zeferino Pinto Coelho. — Victorino da Rocha Leite.

Accessit. — Luiz do Pilar Pereira de Castro. — Cassiano Sepulveda Gomes Teixeira. — Candido Albino de Freitas Lobo. — Joaquim Augusto Rodrigues Coimbra.

2.º ANNO.

Premios. — Francisco Maria da Guerra Bordalo. — João Maria Mergulhão Neves.

Accessit. — José Ignacio Homem de Gouvêa. — José Hypolito de Sousa Franco. — João José de Oliveira Gomes. — Antonio Augusto de Vasconcellos.

1.º ANNO.

Premios. — Joaquim Salvador Baptista. — Antonio Mendes de Almeida.

Accessit. — Pio Antonio Lobo. — Gonçalo Lobo Pereira Caldas de Barros. — Vicente José de Azevedo. — Joaquim José Xavier Coelho.

MEDICINA.

5.º ANNO.

Premios. — Francisco Diogo de Sá. — José Gomes Ribeiro.

Accessit. — Eduardo José de Freitas e Almeida. — João Antonio Baptista de Sousa. — Antonio Maria Rodrigues dos Santos.

4.º ANNO.

Partidos. — Francisco Diogo de Sá. — José Gomes Ribeiro. — Eduardo José de Freitas e Almeida. — João Antonio Baptista de Sousa. Antonio Maria Rodrigues dos Santos.

3.º ANNO.

Partidos. — Guilherme da Silva Abranches. — Simão José da Luz. — Francisco Maria da Silva Torres. — João Antonio de Sousa Doria. — João Henriques de Moraes Callado. — João das Neves Gomes Elizeu.

2.º ANNO.

Partidos. — José Ferreira de Macedo Pinto. — João Alberto de Vasconcellos. — Raymundo Venancio Rodrigues. — José Maximiliano Pires de Sousa. — Manoel Antonio Ferreira Tavares. — José Ferreira Lima.

1.º ANNO.

Partidos. — José Joaquim de Abreu Rego. — Francisco Antonio Rodrigues de Gusmão — Thomaz da Piedade Pinto de Figueiredo. — Domingos Pinto Ribeiro. — Zeferino José Pinto.

MATHEMATICA.

4.º ANNO.

Premio. — José Teixeira de Queiroz Almeida Moraes.

Accessit. — Joaquim da Rocha Pinto e Sousa. — José Joaquim da Silva Pereira.

3.º ANNO.

Partido. — Antonio Joaquim Ribeiro Gomes de Abreu.

Accessit. — D. Luiz de Azevedo Sá Coutinho. — Alexandre Theofilo de Carvalho Leal. — José Mamede Alves Ferreira.

2.º ANNO.

Partidos. — José Vicente Barbosa de Bocage. — Izidoro Emilio Baptista. — Luiz Albano de Andrade Moraes.

Premio. — José Osorio de Castro Cabral e Albuquerque.

1.º ANNO.

Premios. — João Antonio da Silva Bacellar. — Antonio Alves da Silva.

Accessit. — José Maria Corrêa da Silva. — Salvador de Oliveira Pinto de Fanga.

PHILOSOPHIA.

5.º ANNO.

Accessit. — Joaquim Augusto Simões de Carvalho.

3.º ANNO.

Premios. — Antonio Augusto de Almeida Pinto. — Antonio Soares da Silva e Moura.

Accessit. — Antonio Joaquim da Rocha Barbosa.

2.º ANNO.

Premios. — Izidoro Emilio Baptista. — Luiz Albano de Andrade Moraes.

Accessit. — José Vicente Barbosa de Bocage.

1.º ANNO.

Partido. — João Pereira.
Premios. — Antonio Alves da Silva. — Antonio Ferreira Moutinho.

Secretaria da Universidade, em 10 de Dezembro de 1841. = *Vicente José de Vasconcellos.*

TRIBUNAL DA RELAÇÃO DE LISBOA.

274 D. Maria de Pina, D. Christina Rosa Eugenia de Pina Fratel, e D. Maria José de Pina Fratel, naturaes de Portalegre, conceberam, e executaram o nefando projecto de envenenar seu marido, genro e cunhado, José Luiz de Carvalho Junior; manipulando combinadamente um bolo, que á desgraçada victima offereceram ao almoço, e que elle em boa fé comeu; porque não podia imaginar que na sua mesma casa, e entre sua familia, e por aquella mesma que, poucas horas antes, talvez sahisse do leito conjugal, lhe fosse dada a morte!!!.. O crime de taes monstros foi provado na primeira Instancia, aonde o Juiz de Direito, conformando-se com a decisão affirmativa do Jury, condemnou as rés á pena capital, porque assim lh'o determinava a Lei: esta pena porém foi commutada pelos Juizes da Relação, os Srs. Godinho — Pessoa — Fernandes Coelho — Miranda — Baptista Lisboa — e Alvarez da Silva (que votou pela insufficiencia do corpo de delicto) em dez annos de degredo para uma das Ilhas de Cabo Verde.

Tambem na mesma Relação, apezar da elegante, e improvisada defeza do engenhoso Advogado o Sr. Abel Maria Jordão, foi confirmada a sentença da primeira Instancia, que condemnou a pena de morte esse malfadado Mattos Lobo, tão sedento de sangue humano. Oxalá que semelhantes castigos sirvão de exemplo aos malvados, já que desgraçadamente estão quebrados os laços sociaes, e só por zombaria se olha para a publica moral.

A' ASSOCIAÇÃO DOS ADVOGADOS

275 Consultaram os Tabelliães de Notas de Lisboa, sobre os seguintes quesitos:

1.º

Os reconhecimentos dos signaes pelos Tabelliães, que prova fazem?

2.º

Como devem entender-se os que se fazem sem declaração alguma?

3.º

Qual a responsabilidade dos Tabelliães nos reconhecimentos dos signaes que depois se julgão falsos nas seguintes hypotheses.

1.º Havendo declaração explicita de ser o signal feito em sua presença, ou apresentado pelo proprio.

2.º Não havendo declaração, e conferindo com os que se achão no Cartorio.

3.º Não conferindo, e sendo inteiramente differente.

4.º

E' bastante o reconhecimento que não seja precedido de declaração, para ser havido por verdadeiro, e como tal acreditado?

5.º

Pode aquelle que negociou um documento, ou titulo reconhecido nos termos do antecedente quesito, ter direito ás acções civis, e criminaes contra o Tabellião, pelo simples facto de seu reconhecimento, ou era este negociador obrigado a assegurar-se por outro modo da veracidade do signal?

Resposta ao 1.º Quesito.

Se o Tabellião declarar que conhece o proprio, que na sua presença firma o signal, ou se duas testemunhas assignando o reconhecimento, declarão ser o proprio, que assigna, taes reconhecimentos fazem plena prova como se deduz da Ord. Liv. 1. T. 78. §. 6. Se porém os reconhecimentos são feitos por comparação, ou semelhança de letras, então fazem meia prova. Ord. L. 3. T. 25. princ.

2.º Quesito.

Na primeira hypothese incorre o Tabellião na pena de morte, e perdimento de bens, uma vez que dos reconhecimentos assim feitos, mas falsos, resulte perjuizo a terceiro, que exceda a marco de prata. D. de 16 de Julho de 1472. Ord. Liv. 1. T. 80 §. 17 e Liv. 5.º T. 35. princ.

Na segunda hypotheze não tem o Tabellião responsabilidade alguma, uma vez que o signal reconhecido tenha paridade, e semelhança, com o que existe no competente Livro.

(Continuar-se-ha) A. J. F. de C.

COSTUMES PORTUGUEZES.

276 Sahiram á luz as Estampas N.º 21 e 22 dos *Costumes Portuguezes*, lithografadas em bom papel velino, e ricamente coloridas, representando = Um estudante de Coim-

bra = e uma mulher de Valonzo, vendendo brôas de milho. = Continuarão a sahir duas cada mez, e com as N.os 23 e 24, que devem sahir ainda em Dezembro, finaliza a collecção deste anno. As pessoas que subscreverem para o de 1842, receberão gratis, um folheto com as explicações de todas as estampas, uma capa mui rica, e a lista de todos os assignantes. Subscreve-se com 2$000 reis por cada anno, e vende-se avulso a 120 reis, na loja do Editor Joaquim José Bordalo, rua dos Capellistas n.° 20.

N. B. As pessoas que não quizerem satisfazer adiantado o importe da assignatura annual, pagarão 100 reis por cada estampa, no acto da entrega. (Communicado.)

Vimos as duas ultimas estampas, que acabamos de annunciar, d'esta curiosa collecção, e confessamos que a execução d'ellas nada deixa a desejar. Lembrou-nos a 1.ª os tempos felizes em que trajámos tambem esse uniforme; tempos em que havia paz, socego de espirito, e o maximo bem de todos. a esperança, uma perspectiva de felicidade. Era em 1823!!!....

277 Bibliographia Portugueza.

N. B. Os seguintes prospectos e annuncios são textualmente copiados.

O PANORAMA.

Este periodico de instrucção popular continúa no proximo anno com o 6.° da sua publicação; mas que vai ser o 1.° da 2.ª serie; não só porque o Jornal mudou para typo novo, mais elegante, como tambem porque as pessoas que subscreverem agora, sem possuirem os volumes anteriores, obterão uma collecção sem interrupção numerica, como se o Jornal principiasse. Assigna-se no Escriptorio da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua Nova do Carmo N.° 39 D.; e nas Provincias, em casa dos correspondentes da mesma; por anno 1:200 reis; por Semestre 640 reis.

O Editor da Traducção das Metamorphoses de Ovidio, pelo Sr. Castilho, annuncia aos Srs. Subscriptores, que ainda não houverem recebido o 1.° volume, já impresso, e não poderem pela localidade de suas residencias, mandal-o buscar em Lisboa, calçada do Duque n.° 58, em Coimbra á loja do Sr. Antonio Lourenço Coelho, no Porto á do Sr. José Ribeiro de Novaes, e na Madeira a casa do Sr. Christovão José de Oliveira, se sirvão de lhe indicar, a elle Editor, pelo correio, o modo por que lhes agrada receber os seus respectivos exemplares; o subscripto deverá ser = Ao Editor das Metamorphoses, Lisboa, calçada do Duque n.° 58 =

Roga-se por especial favor aos Srs. Redactores dos Jornaes de Lisboa e Provincias a reproducção d'este aviso.

Historia criminosa do governo inglez desde os primeiros assassinios da Irlanda até o envenenamento dos chins, por Elias Regnault; vertida em Portuguez. A ambição, que não conhece outros crimes senão aquelles, que são contrarios a seus interesses, é na phrase de Miliot — « uma das mais perigosas paixões; porque é o fóco de todas ellas, e a origem dos vicios que perturbam a Sociedade. » — Quando ella, acompanhada do seu mais familiar cortêjo; da despeitosa insolencia; do infame egoismo; da vil doblez; da negra perfidia; e em fim da barbara sêde do dominio universal; quando ella, dizemos, sem respeito á moral, desattenta á equidade, surda mesmo ás vozes da consciencia, attaca temeraria os mais sagrados direitos, impia profana o Templo sacrosanto da Justiça; quando, acobertada com o manto da hypocrisia, animada pelos constantes triumphos, e ébria do vasto poderio, ameaça do alto do seu throno corromper tudo, tudo avassallar; o seu fiel retrato, exposto á geral contemplação, poderá talvez concorrer para, ao menos, lhe quebrar os vôos d'aguia. — Sem duvida penetrado de similhante pensamento emprehendeu o patriota, o philantropo Elias Regnault, a difficil e espinhosa tarefa de escrever a Historia criminosa do governo Inglez; verificando-se aqui a sentença de D'Epréméenil — « aquelles a quem a justiça é indifferente, fazem com que a justiça se occupe com elles. » — Nós que lhe não cedêmos em devoção, primeiro dever, como diz Napoleão, do homem civilizado, para com a nossa querida, a, proh! dolor! ultrajada Patria, entendemos fazer-lhe algum serviço, trasladando em vulgar, e publicando, se, como esperamos, a isso fôrmos ajudados, aquelle interessante Escripto, que, qual amigo pharol, sirva, quando não mais, para indicar a seus filhos os terriveis baixios e escôlhos que têem de fugir. — A versão, distribuida como o original em 14 quadernos de 32 paginas, que farão um volume em 8.° francez, será pura na linguagem; corrente no estylo; e fidelissima no texto; em typo escolhido; e no melhor papel portuguez. A publicação será semanal; fica porém aos Srs. Subscriptores a opção de receberem um a um, ou todos os quadernos juntos, o que declararão na respectiva columna; devendo a sua importancia, no primeiro caso — 60 réis — e no segundo — 720 réis — ser paga no acto da entrega.

N. B. Os Srs. Subscriptores, que não forem desta Capital, deverão dirigir as suas correspondencias, francas de porte, ao Traductor da Historia Criminosa do Governo Inglez, na Livraria de Silva Irmãos, Rua Augusta N.° 140 e 140 A, em Lisboa.

Esta-se imprimindo e publicando a traducção do muito lindo Romance, ou Novella, de Madame Elise Voiart, que ella sabiamente intitulou — *A mulher, ou os seis amores* — obra de reconhecido interesse pela sua instrucção, moralidade, e recreio; porque nos — Seis Amores —, Madame Voiart comprehendeu habilmente todos os deveres, e todas as virtudes; deveres que a illustre authora explicou por outros tantos amores, isto é, o amor filial, o amor fraternal, o amor, a amizade, o amor conjugal, e o amor maternal. — Todo o cuidado e esmero será empregado pelo traductor, para que esta bella planta do *Sena*, transplantada, como vai a ser, para os nossos campos do *Tejo*, não degenere, nem suas flores se alterem, de sorte que bem pareça planta indigena de nossa terra. — Será publicada esta obra em folhetos de 24 paginas, a preço de 30 rs. cada um, pagos á entrega. Os Srs. assignantes das provincias receberão por volumes, sendo o custo de cada um d'elles 240 rs., que pagarão no acto da recepção. Assigna-se na loja da viuva de João Henriques, rua Augusta n.° 1.

Vai publicar-se uma das Obras de Madame de Genlis traduzida do Francez por uma Senhora. Affonso ou o Filho Natural. — Todas as semanas sahirão separadamente duas ou tres folhas até se concluir a obra em um volume de 8.°, sendo o preço de cada uma folha 20 réis, recebidos no acto da entrega em suas moradas.

278 Ao nosso assignante que nos escreveu sobre o *Phormium tenax*, linho da Nova Zelandia, que em Portugal produz muito bem sem cultura, e que é excellente para cordas, respondemos que não possuimos os Jornaes de 1836 a que se refere, e por isso lhe rogamos o obsequio de communicar-nos quanto saiba a semelhante respeito.

TYPOGRAPHIA DE J. A. DA S. RODRIGUES.
Rua da Condeça n.° 19.

Scientifica, Litteraria, Agricola, Commercial,

Chronica Judicial, Artistica,

REVISTA UNIVERSAL.

e Economica de todo o mundo.

N.º 14.

PREÇO DAS ASSIGNATURAS.

POR 12 NUMEROS	....	480
POR 24 »	....	960
POR 52 »	....	1920

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, RUA DOS FANQUEIROS N.º 107, 1.º ANDAR.

Quinta feira 30 de Dezembro de 1841.

A redacção da REVISTA UNIVERSAL acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Roga-se aos Senhores Assignantes de Lisboa que não entreguem quantia alguma aos distribuidores senão contra o competente recibo.

Preservativo contra as molestias do trigo.

GALLIZA.

279 A *Revista de Galliza* falla, em o seu ultimo numero, de um methodo, que ali empregão quasi todos os lavradores, afim de preservar o trigo das diversas enfermidades a que está sugeito, principalmente quando se semeia em climas humidos; consiste em caia-lo: raras vezes porém este uso lhes surte bom effeito, em razão de não attenderem com a devida circumspecção a differentes circumstancias que muito contribuem para o bom exito da operação, e são as seguintes.

Mette-se dentro d'um caldeirão o trigo destinado para a sementeira, e cobre-se com uma barrela de cinza, como a que se faz para a roupa, juntando-lhe porém uma pouca de cal viva. Mexe-se bem, e deitão-se fora os grãos que boião á superficie, e que para nada servem. Tira-se depois o resto de dentro da barrela, e antes de secco, mas depois de bem escorrido, se lhe lança em cima cal em pó, e se mexe bem com uma pá, até que todo o trigo fique bem coberto, branco e secco, no qual estado pode semear-se.

Dombasle recommenda como cousa efficaz uma dissolução de sulphato de soda, na proporção de 1 para 20 de agua, em vez de barrella; empregando todavia a cal da mesma sorte que referimos, e na proporção de 8 para 200 de trigo.

Aos nossos lavradores recommendamos particularmente o methodo adoptado pelos nossos visinhos, e esperamos que algum nos confirme a utilidade da receita.

A. N. M. L.

Medida Policial.

FRANÇA — PORTUGAL.

280 A Prefeitura de Policia de Paris exigio com toda a instancia do Concelho de Saude um meio prompto para se conhecer qu-

quer falsificação, que os vendedores de leite possão fazer-lhe; tanto para engrossa-lo, e lhe darem boa apparencia, como para o acrescentarem por meio de confeições d'agua de farinha, de batatas, e d'outros ingredientes, que notoriamente são empregados, e não sem prejuizo publico, na adulteração deste precioso producto, tão necessario, e de tanto consumo. Outro mal, ainda maior, será, por este meio, e com a prompta applicação de penas rigorosas, impedido, e evitado; tal é a venda de certa mistura, a que daremos nome de leite artificial: é ella formada d'um cozimento de farelo, onde misturão certas porções de miólos d'animaes, bem desfeitos em agua, e outras drogas, que em certos casos, em que o leite é applicado, como medicamento, podem não só impedir as melhoras dos doentes, mas até causar-lhes a morte. Estas providencias policiaes, e muitas outras, são em tudo applicaveis ao nosso paiz; e principalmente á Capital, onde tudo se falsifica e arruina impunemente; carnes, vinhos, leite, pão, fructos, confeitos, pastelarias, e tantos outros comestiveis, que seria um não acabar, se os quizeramos nomeadamente declarar. Quanta razão não ha para punir estes falsificadores tão desalmados, que não duvidão entregar-nos a saude para lucrarem um vil interesse! Estes quizeramos nós ve-los castigados exemplarmente; porque a saude publica assim o está pedindo; e a boa moral os condemna como ladrões, e lentos assassinos. Bom será, que a Policia volte contra elles a sua maior attenção: nisto andará ella melhor (porque a materia é gravissima) do que em condemnar uma pobre padeira, porque no pão que vendeu faltavão duas oitavas; uma triste saloia, porque a medida não está aferida; e varias outras condemnações frivolas, pela parvidade da materia, e nas quaes sabemos que não falta actividade; em quanto são despresados pontos mais essenciaes do serviço, commodidade e saude publica.

F. M. P. S.

Preceitos de hygiene dictados pelo Dr. Orfila, Decano da Faculdade de Medicina de París, adoptados para as crianças, que frequentão as Escolas Publicas de França, e que se podem accommodar ao uso das Escolas Portuguezas, principalmente dos Asilos da Infancia.

281 Cumpre fazer conhecer desde muito cedo a estes alumnos uma serie de preceitos hygienicos, afim de conservar a saude, de os fortificar, de os preservar de muitas molestias, e de os prevenir contra preoccupações geralmente recebidas.

Estes preceitos são relativos:

1.º Aos fluidos que nos cercão, taes como o *ar*, o *calor*, a *luz*.

2.º A's materias, que se applicão ao corpo, como *vestidos*, e *banhos*.

3.º Aos *alimentos* e ás *bebidas*.

4.º A's *evacuações*.

5.º Ao estado de *vigilia*, e *somno*, e a diversos actos necessarios á vida; taes como *exercicio a pé e a cavallo*.

6.º A's impressões moraes.

I. *Fluidos, que nos cercão.*

1.º O *ar*, a *luz*, e o *calor*, são indispensaveis para a conservação da saude.

2.º O *ar* deve ser puro; e para o purificar é mister renova-lo muitas vezes, e afastar para longe as materias animaes, ou vegetaes, que se acharem em estado de putrefacção. Essas precauções devem ser tomadas principalmente nos logares de reunião publica, e nos quartos onde se dorme.

3.º O *ar*, que se respira, depois do pôr do sol, nos lugares humidos, e pantanosos, é causa muitas vezes de febres com accessos mui perigosos.

4.º A *luz* opéra sobre nós como estimulante; faz córar a pelle, e torna activas as funcções: por isso as crianças, que morão nas ruas, onde não dá o sol, ou ao rez da calçada, e em ruas estreitas, onde o sol raras vezes penetra, são fracas, descóradas, e sujeitas a molestias escrofulosas. Poderão remediar em parte os inconvenientes de similhantes habitações, passeando durante o dia nas praças, cáes, e outros logares bem alumiados.

5.º O *calor* da atmosfera vária incessantemente, e o homem póde, com o auxilio de certas precauções, supportar mudanças extremas de temperatura.

6.º Cumpre evitar com cuidado as subitas variações de temperatura, porque d'ahi vem muitas molestias; assim, quando nos expomos a um ar frio, estando o corpo suado, ou muito quente, podemos ser accomettidos de defluxo de cabeça, garganta, e peito, o que muitas vezes tambem procede de frialdade de pés. Nunca se deve andar com os pés descalços, nem expor ao ar frio depois da comida, principalmente se ella foi copiosa, porque d'ahi vem colicas, e diarrheas.

II. *Materias, que se applicão ao corpo.*

7.º Os vestidos destinados a resguardar-nos do calor, frio, e humidade, devem ser aceados, e variar segundo o clima, a idade, o sexo, &c.

8.º Nos climas frios os vestidos de inverno devem tomar-se cedo, e leixar-se tarde, e pouco a pouco. — As camisas de algodão são preferiveis ás de linho, ou canhamo. As crianças fracas, que facilmente se endefluxão, devem, quanto for possivel, trazer camisas de flanella, até de verão; e as que são dispostas a ter colicas e diarrheas, devem cingir o ventre com flanella.

9.º E' perigoso o uso das gravatas demasiadamente apertadas; bem como os espartilhos, que comprimem excessivamente o peito das meninas. Tambem importa muito evitar o calçado apertado.

10.º A pelle offerece na sua superficie uma materia engordurada, que se altera, e estorva a transpiração. Estas duas circumstancias tornão-se causa de molestias innumeraveis.

11.º Os banhos tépidos, ou frios, segundo a estação, são absolutamente necessarios para a conservação da saude. Durante o inverno convêm tomar um banho tépido cada mez. O banho nunca se deve tomar senão 3, ou 4 horas, depois das comidas. Os banhos demasiado quentes podem ser nocivos, e mesmo determinar a morte. Os banhos frios devem ser de mui pouca duração, quando não se pode nadar.

12.º As partes expostas ao contacto do ar, como o rosto, e as mãos, devem ser lavadas todos os dias, e até muitas vezes, segundo as circumstancias.

III. *Alimentos e bebidas.*

13.º O homem nutre-se de uma mistura de substancias vegetaes, e animaes, e isto em uma proporção quasi igual. Um regimen exclusivamente vegetal, ou animal, é quasi impossivel de seguir, e arriscaria até a saude.

14.º Os alimentos devem variar segundo os climas, as estações, as idades, os sexos, e o estado de saude dos individuos.

15.º O numero das comidas deve ser regulado segundo as mesmas circumstancias.

Nunca se deve comer antes de estar completa a digestão da comida antecedente, porque de outro modo corre-se o perigo de ter indigestões.

Deve haver um intervallo no menos de seis horas entre as comidas.

Ha inconvenientes graves em comer demasiadamente.

16.º Em qualquer caso de enfermidade, por mais leve que seja, é bom diminuir a quantidade dos alimentos, e até pôr de dieta.

17.º Na convalescença d'uma grave molestia é absolutamente necessario não comer, senão o que determina o Medico; muitas creanças tem morrido em poucas horas, por não terem seguido exactamente o regimen prescripto, e por haverem comido mais, do que devião.

18.º Na primavera é util preferir os alimentos magros, e beber durante as comidas, para facilitar a digestão; as bebidas mais simples são sempre as melhores, e por isso a agua merece ser preferida a todas as outras.

19.º O vinho puro, e os licores, devem ser considerados como bebidas fortes, cujo uso importa restringir. A embriaguez é causa de muitos males, e até póde ser seguida da morte. A agua pura pode ser substituida pela agua com vinho, sem d'ahi se seguir inconveniente.

20.º Nos intervallos das comidas deve-se evitar a bebida, quanto for possivel.

21.º O uso das bebidas mui frias, em quanto se está suado, póde causar accidentes graves, e até a morte.

22.º As limonadas, e em geral as bebidas acidas, tomadas logo depois das comidas, dão occasião muitas vezes a dores de estomago, e suspendem a digestão.

IV. *Evacuações.*

23.º No estado de saude ordinariamente tem lugar uma, ou duas evacuações alvinas por dia. Todo o obstaculo ás evacuações naturaes póde trazer graves inconvenientes.

24.º E' perigoso resistir á necessidade de *urinar*; muitas crianças tem passado pela operação da *pedra*, por terem deixado de satisfazer a esta precizão.

25.º Quando se está suado deve evitar-se o resfriamento. Pelo contrario é preciso enxugar-se logo, e mudar de camiza, ainda que seja de flanella. Importa muito, que a nova roupa, que se veste, seja bem sêcca, e levemente quente.

V. *Vigilia, somno, actos necessarios á conservação da vida.*

26.º O estado de *vigilia* tem uma duração variavel, segundo a idade, e o sexo; o mesmo acontece a respeito do *somno*, que deve

ser de *nove horas* para as *crianças*, e de *sete* para os *adultos*.

27.º Durante a *vigilia* o corpo completa muitos actos, que se designão com o nome geral de *exercicio* ou de *trabalho*.

28.º O *somno* é indispensavel á vida, e sem perigo não se póde estender o estado de *vigilia* além dos limites indicados pela idade, e constituição dos individuos.

29.º As camas demasiadamente brandas não são boas para a saude.

30.º E' perigoso criar animaes nos quartos de cama, enxugar ahi roupa, aquecer-se com brazeiros, ou conservar flores.

31.º O *exercicio* é necessario á conservação da saude; fortifica os orgãos, e torna a sua acção mais perfeita.

32.º E' mister proporcionar o *trabalho* ao sexo, e forças do individuo; porque todo o excesso deste genero fatiga promptamente os orgãos, e é causa de innumeraveis molestias.

33.º O *trabalho* não deve ser continuo; é preciso que haja tempo de descanço, afim de poupar as forças, e reparar as perdas, que faz o corpo.

O *exercicio* em carruagem, ou a cavallo, o balouçar-se, a navegação, a gymnastica, e mesmo o andar a pé, são muito convenientes á saude.

VI. *Impressões moraes.*

34.º Os accessos de colera podem ser seguidos de accidentes graves, e até da morte; elles são ainda mais perigosos depois das comidas.

35.º Deve-se evitar com todo o cuidado metter medo ás crianças, contando-lhes factos reaes ou imaginarios, que as possão intimidar. E' principalmente ao deitar, e depois das comidas, que taes narrações podem ser seguidas de perturbações nervosas momentaneas, e ás vezes dar occasião a molestias permanentes, taes como a gaguez, ou balbuciencia, o somnambulismo, &c.

(*Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas.*)

Cura da diabetes sacarina.

FRANÇA.

282 Com pão sem *fécula*, composto unicamente de gluten, e com o uso de opiados, ammoniacaes, e camisas de flanella, resolveu o celebre medico francez, *Bouchardat*, o difficil e importante problema da cura da diabetes.

Contagio do mormo.

PARIS.

283 O nobre officio de promover a utilidade, e o bem publico, traz comsigo dois deveres principaes, que marcão as duas unicas vias, por onde fim tão justo se pode conseguir, e fóra das quaes não ha caminho direito, nem seguro, que lá nos leve. O primeiro é conhecer, apontar, aconselhar, e persuadir, os bens, e todas as vantagens positivas; o segundo está em mostrar os males, que accommettem a humanidade, e o meio de os evitar cautelosamente, ou de os diminuir, mórmente aquelles, a que somos expostos pela ignorancia, descuido, ou falta de bom conselho. A obrigação de nos desempenharmos d'este ultimo dever logo nós a sentimos, ao ler um resumo da sessão de 22 de Novembro passado da Academia das Sciencias de Paris: ali encontrámos a noticia d'um contagio demonstrado pelo sabio Doutor Rayer, e sobre o qual zelosamente attentão os melhores medicos da França; e como elle, por ser ignorado, é ainda mais perigoso, é rasão, e grande força do nosso dever, o publical-o, para que fiquem todos sobre aviso, e possão evitar suas funestas consequencias.

E' muito sabido, e de ha muito, que certas molestias das bestas, e gados, são contagiosas, e convém separar logo os doentes, para que os sãos não sejão iscados do mal: uma destas molestias é o mormo (morve) no estado de agudo; mas o que se ignorava, ou era duvidoso, e agora demonstrado com tal evidencia, que fôra loucura negal-o, é que esta molestia, reputada sómente dos cavallos, e d'outros animaes domesticos, passa desgraçadamente ao homem pelo contacto, e deste a outro, e assim por diante, produzindo logo symptomas mortaes. Deixemos aos medicos as descripções, e observações, de sua arte, de que o mencionado resumo vem cheio; que a parte que nos toca está cumprida no que acabamos de dizer; porem, para que não fique entre nós incredulo que se ria da noticia, ou presumido, que se julgue tão fidalgo de sangue, e natureza, que se repute offendido, apontaremos algumas provas, e experiencias.

Um dos muito nomeados medicos de Paris, Berard, havendo applicado a grande força de seus talentos ao estudo desta enfermidade, provou perante a Academia, que ella se communicava ao homem pelo contacto do animal enfermo. Um doente, que por este modo a tinha contrahido, tratando

um cavallo, foi observado escrupulosamente pelo sabio facultativo, e por um seu ajudante, alumno interno do Hospital de Santo Antonio; não houve remedio, nem tringa, contra o veneno do mal, que já havia tomado grande corpo; morreu o doente; e perante o mesmo facultativo foi o cadaver observado, fazendo-lhe a autopsia o seu ajudante, Rocher, que é o mesmo de que já fallámos; e tudo ahi foi executado com limpeza, e habilidade, sem haver ferida, como acontece aos que são améstrados na pratica; havendo-se os dois facultativos munido de todos os meios preservativos usados em taes casos. Poucos dias passaram, e o infeliz ajudante cahio doente do mesmo mal, e morreu. Repetiram-se as observações, e a autopsia; fez-se a innoculação, com o humor das chagas encontradas neste cadaver em um cavallo inteiramente são, e dentro em poucos dias morreu com o mormo agudo.

Outros casos ommittimos, porque todos confirmão o que temos dito, fundados em testemunhos tão authenticos, que já não poderemos duvidar deste contagio, e do perigo da doença, que por elle se nos pode communicar: e é isto mais que bastante, para que em taes casos se guarde toda a precaução, que a prudencia dicta, e a humanidade prescreve como rigorosa obrigação.

F. M. P. S- N.

Lembrança á Camara Municipal.

LISBOA.

284 A' nova Camara Municipal de Lisboa, composta de cidadãos entendidos e patriotas, julgamos dever nosso lembrar alguns melhoramentos, para Lisboa e seu Termo.

Uma e mil vezes se deve repetir, que em quanto não possuirmos communicações faceis e rapidas, continuaremos a ser pobres e miseraveis. Estamos persuadidos de que a nova Camara, formada, em parte, da antiga, não perderá de vista este principio de eterna verdade, e se desvelará no desempenho de suas attribuições.

São dois principalmente os objectos em que ella póde fazer grande serviço á Cidade, e ás communicações internas. Primeiramente, ser-lhe-ha facil, e de menor despeza que as calçadas, continuar a macdamisar todo o caminho que vai do Terreiro do Paço até á Cruz quebrada, e Sacavem. Os dois pedaços feitos ás Janellas verdes, e em Xabregas, attestão á vantagem d'este methodo, que menos dispendioso se tornará se a Camara verificar que nas praias do Tejo existem materiaes mui proprios para fazer as estradas, sem que seja necessario quebrar a pedra. Na praia de Alcantara, e na da Junqueira, existem massas immensas de pedra miuda, já cortada em differentes tamanhos; bastará separar a mais grossa com engaços, e encinhos, para a lançar na primeira camada; a mais miuda servirá para a segunda; e assim ficarão as ruas em termos de serem perfeita, e rapidamente, macdamisadas. Não menor cuidado deve ter a Camara em fazer desapparecer quanto possivel as desigualdades de terreno, afim de que o transito seja mais facil, commodo, e rapido: assim o praticou já a sua predecessora, em Santa Apollonia, onde rebaixou a calçada, mas não quanto se havia de mister, pois deve aquella rua ser nivellada com a que fica para o Nascente; e se for alteada pelo poente, desapparecerá quasi de todo a elevação de Santa Apollonia. Mais atraz, e junto á caza do Snr. Verney, ha tambem uma pequena inclinação que deve tirar-se; quatro homens poderão fazel'o em um dia. O caminho desde aqui até Santa Apollonia póde já macdamisar-se, pois se lhe estão actualmente tirando todas as elevações.

Nas praias de Santa Apollonia existem materiaes de silex, granito, e pedra calcaria miuda, a mais propria para a macdamisação; não ha mais que tiral'os, e lançal'os na estrada.

Lembraremos tambem á Camara que é necessario fazer desapparecer a grande elevação que existe adiante das portas de Santa Apollonia até á Madre de Deos. Esta obra é de pequeno custo, porque a terra e materiaes que d'ali se extrahirem, poderão ser lançados para a banda da praia, ou mesmo servir para altear a estrada da Madre de Deos.

O trabalho de fazer desapparecer todas estas elevações, de transportar os materiaes em padiolas e cestos, de tirar pedra das praias, e de lança-la nas ruas, tudo póde ser feito pelos presos, que estão morrendo de fome e frio no Limoeiro e Cova da Moura. Em um mez farão 400 presos toda esta obra, por pouco que trabalhem; a Camara não gastará com o sustento d'elles mais de um conto e duzentos mil réis; o Governo ficará temporariamente alliviado d'esta despeza; a Cidade embellezada, e de mais commodo transito, tirando-se-lhe as subidas; a moral e a civilisação emfim lucrarão, desentulhando-se as Cadêas de tantos miseraveis, que entorpecendo-se, arruinando-se de saude, e desmoralisando-se, só pódem servirnos de opprobrio e vergonha.

Se a Camara conseguir tamanho resultado, será bemquista de seus administrados, e nos animará a recommendar-lhe novos melhoramentos, que não precisão de engenheiros, nem atilados mestres d'obras, para se fazerem com a devida perfeição.—

C. X. P. B.

Manilhas de vidro para aqueductos.

FRANÇA.

285 Os canos que levão as aguas para os chafarizes da cidade *de Rive de Gier*, Departamento de *Loire*, em França, são de vidro ordinario assoprado. Quem duvidará que devem ser estes preferidos aos de chumbo, como por toda a parte, desde o tempo dos Romanos, se tem usado! São isentos de oxygenação; feitos ao forte, podem durar eternidades; e por muita grossura que lhes dêem, sempre tem de ficar n'um terço menos de custo. Quem advertir no como o vidro das garrafas de vinho de Champagne, com ser tão delgado, resiste á pressão de quarenta atmospheras, admirar-se-ha se dentro em pouco, depois de publicada esta lembrança, todas as serventias d'agua, assim para o uso dos povoados, como para as régas das quintas, não forem unicamente de vidro. Quanto ao modo de ligar as differentes peças, e cimenta-las, recordamos o betume hydraulico, de que fallámos em o nosso artigo 124

J. D. S.

Conservação dos desenhos feitos com lapis.

286 Em o artigo 244 demos uma receita para fixar as pinturas de pastel, e os desenhos de lapis; acabamos de ve-la confirmada na *Revista de Galliza*, onde tambem se acha um novo methodo para chegar ao mesmo resultado. Consiste elle em dissolver, dentro d'uma vasilha de ferro, uma parte de potassa caustica em oito de agua, e em lançar uma parte de gomma laca branca em pó n'aquella dissolução, fervendo depois o mixto. Assim que a gomma laca está diluida, deixa-se esfriar e passa-se para um vaso de vidro; faz-se passar pelo liquido uma corrente de chloro gazoso, até que toda a gomma forme no fundo do vaso um deposito branco, que se dissolve no alcohol nas proporções indicadas.

Empregando este precipitado branco para os vernizes, ficão tão brancos e formosos como os de gomma copal.

R. L.

Piano impressor.

FRANÇA.

287 Todos os dias apparecem novas, e admiraveis, producções de industria, e do engenho, nos paizes, onde se animão, promovem, e estimão, engenho e industria. O terreno mais fertil não póde produzir fructos, que prestem, como não for cultivado; e se ahi acontece nascer planta mimosa, é logo afogada pelas silvestres, e estereis, que a cercão, e a matão. Como esta materia é bem trilhada, e sabida, um leve remoque basta, para se entender aonde o tiro vai apontado...

O Constitucional de Paris, em um artigo (Chronica Industrial), dá conta d'um invento singular, que promette ser estendido a muitos, e mui uteis, resultados. Um machinista, muito engenhoso, e emprehendedor, fabricou um piano de tal invenção, que vai escrevendo, ou imprimindo a musica, que nelle se executa, tão perfeita e rapidamente, como a peça é tocada. A traça d'esta machina deu origem a outra, que por igual fórma, e por meio d'um teclado, faz as vezes d'uma boa imprensa. Nós julgamos, que não são duas machinas differentes; senão a mesma applicada, e affeiçoada aos dois usos, que em si são muito similhantes. Com tudo esta ultima não no-la dá aquelle jornal, como já concluida, e armada; mas encarece o seu merecimento, e os grandissimos resultados, a que ella se destina; pois nos diz, que um só homem fará, por meio desta machina, dentro em poucas horas, tanto trabalho como o poderão fazer muitos compositores a bom trabalhar. Se tal machina apparece, terá, de per si só, de arrasar por terra as imprensas da Belgica; nem já haverá necessidade de mais convenções commerciaes com os impressores deste paiz. Os livros, que sahirem de França, serão ainda mais baratos, e assim acabará a pirataria da Belga.

F. M. P. S. N.

Congresso Scientifico.

FLORENÇA.

5.ª *Sessão.*

288 Na Secção d'Agronomia e Technologia continuou-se a discutir sobre a cultura do arroz.

Rampinelli leu alguns apontamentos sobre a innovação, recentemente ideada, por Poidebard, na fiação da seda, e sobre as vantagens

que d'ella devem resultar, sendo a principal o poupar que o fiado se entole nos fusos.

Na Secção de Zoologia, Anatomia comparada, e Physiologia, o Dr. *Scortegagna* mostrou uma gravura, representando um peixe fossil, que julga pertencer ao *Alopias Vulpes*, de Cuvier, contra a opinião de varios escriptores, e especialmente do Professor *Agassei*.

O Princepe de Canino communicou uma carta, que lhe dirigiu o Professor *J. G. de Saint-Hilaire*, contendo a exposição d'algumas idéas de Philosophia Zoológica.

O Professor *P. Savi* continuou as suas observações sobre o sistema nervoso da Tremelga, as quaes deram logar a varias interpellações, e participações do Principe de Canino.

Na Secção de Physica e Mathematica, o Professor *Majocchi* leu uma memoria sobre a acção chymica do calórico, na qual prova que este agente opéra como os raios luminosos chamados *contintuadores*; acção que o Professor *Carioli* buscou ellucidar.

O Professor *Arella* leu uma memoria, na qual expõe a hypótheze de estar o Sol carregado d'electricidade, com o que explica os phenomenos d'electricidade atmospherica.

O Professor *Orioli* propoz, que se creasse uma commissão d'entre os Physicos presentes no Congresso, a qual fosse encarregada da redacção de certo numero de problemas de meteorologia electrica, que deverão ser, ou resolvidos pelo Congresso presente, ou estudados pelo futuro. O Presidente annuiu a isso, que declarou ser conforme com uma resolução tomada pelo Congresso Geral.

O Professor *Orioli* fallou da necessidade de reformar os actuaes Tratados de Physica, bem como os actuaes museus, e machinas.

O Professor *Gonnella* apresentou um opusculo mathematico, em que tratava d'alguns aperfeiçoamentos do telescopio de Newton, e de uma machina para a quadratura das figuras planas. O Presidente nomeou uma commissão, para examinar estes dois instrumentos.

Na Secção de Chymica, o Dr. *Semola* fallou de um mineral vindo das immediações do Vesuvio, que contém cobre no maximo gráu d'oxydação, sobre o que se lhe pediram, e elle deu, bastántes explicações.

Manteri leu uma memoria sobre o acido bórico obtido pela perforação do terreno (lembrada pelo Professor *Gazzeri*) nos plainos de *Fonte-martine*, o qual acido tinha um aspecto bello e bastante branco.

Tratando-se de objectos de tanto interesse para aquelle paiz, que se póde dizer o unico da Europa, privilegiado com aquella producção, o Professor *Taddeu* pediu ao Congresso uma explicação sobre o modo por que o acido se fórma, assim como sobre o estado em que existe nas entranhas da terra: foram emittidas varias opiniões, umas em apoio, outras em opposição, da já conhecida, de *Payen*. O Professor *Orioli* fez opportunamente observar, que no estado actual dos conhecimentos, seria intempestiva uma explicação theorica, que sobre este objecto se arriscasse, com o que se acharam todos conformes.

Leu-se outra memoria de *Selmi*, de Modena, sobre a acção dos Chloruretos d'Ammonia e de Sodio sobre o de Mercurio, na qual o Author sustenta, apoiando-se em muitas experiencias, que na temperatura ordinaria os Chloratos alcalinos em estado de divisão convertem o Proto Chlorato de Mercurio (calomelanos) em Deuto (sublimado corrosivo). O Professor *Taddei* acrescentou, que em cousas de tão grande importancia, como esta, tanto para a pratica medica, como para a medicina legal, a maxima da *incompatibilidade* dos chloruretos alcalinos, misturados ou simultaneos, com o mercurio doce (Proto chlorureto de mercurio) na via digestiva, é máxima não só refutada racional e praticamente, mas excessivamente perniciosa em si mesma.

Na Secção de Mineralogia, Geologia, e Geographia, *Penthland*, referiu os descobrimentos feitos pelo Capitão Ross, n'uma recente viagem ao polo austral, na qual em um mar livre, dentro de um cinto quasi continuo de gelo, achou uma costa na direcção N. S. que se estende desde 71.° até 78.° de longitude, e que é formada de rochas volcanicas. Acrescentou que o dito navegante viu tambem na Lat. 77.° 32', e 167.° de Long. O de Greenwich, um Volcão acezo, cuja altura era de 12400 pés, e ao pé d'elle outro apagado. O Capitão Ross avisinhou-se muito ao polo magnético. — Decidiu-se na mesma secção que no dia 22 daquelle mez se faria uma excursão, ou viagem Geologica, a *Scandicci*, e seus contornos, para examinar a Calcarea nummulitica, e outras rochas, daquelles montes.

Na Secção de Botanica e Physiologia Vegetal, *J. Corinaldi* mostrou muitos exemplares seccos de plantas Egypcineas, desconhecidas da Flora daquelle paiz. O Professor P. *Savi* leu uma memoria de *P. Barbiere*, de Mantua, sobre a fructificação do *Stratiodes aloides* de Linneo, o que deu logar a muitas observações.

Na Secção das Sciencias Medicas continuou a discussão sobre a communicação entre o utero e a placenta.

Na Secção de Medicina, *Rossi* fez algumas observações sobre o instrumento do Professor *Cittadini* para a Cistonia e o Professor *Belli* propoz que se experimentasse em cadaveres, escolhendo os de rapazes, adultos, e velhos, afim de observar se, como tinha dito *Rossi*, era, ou não, offendido pelo intrumento cortante o bulbo da urethra.

* * *

Experiencias phisicas mui curiosas.

BREME.

289 TRADUZIMOS fielmente o que de Hamburgo nos escrevem em 7 do corrente.

» Espramos aqui anciosamente por um Physico habilissimo, por nome Christeinicke, que está para vir da cidade de Bréme, onde todos no presente acodem a ve-lo trabalhar, e de quem, por cartas, nos tem vindo as mais guapas informações. Todos os instrumentos e utensís de que se elle serve para as suas experiencias, de grande instrucção, e de grande recreio, são fabricados com perfeição, elegancia, e bom gosto, faceis no maneio, efficazes no trabalho, infalliveis no resultado; as suas explicações são claras, succintas, e a todos os entendimentos accomodadas. Qualquer pessoa, sem ter cursado os estudos, se acompanhar com attenção as exposições que elle vai fazendo dos factos, ficará com uma idéa mui clara dos principios geraes, e suas applicações, o que não deixa de ser de grande monta quando se quer seguir a analyse do galvanismo, a theoria do electro-magnetismo, etc.

Entre mil outras curiosidades tem-no visto operar, por meio dos seus instrumentos galvanicos, a combustão dos metaes, decompôr a substancia dos corpos fluidos, produzir o phenomeno do calorico propagado debaixo d'agua, mostrando dentro n'ella uma braza de carvão, sem se apagar, etc. etc.

A alguns apaixonados de physica deu-lhes uma idéa tão exacta da Galvanoplastica, isto é, da arte de multiplicar, por via do Galvanismo, chapas gravadas, medalhas, moedas, e figuras, que ficaram para logo em termos de poderem copiar para cobre alguns numismas muito antigos, reproduzindo perfeitamente o seu cunho, quasi sem nenhum trabalho.

Com um instrumentinho galvanico, do tamanho d'um copo dos de cerveja, communicou tal acção a um pedaço de ferro bruto, que este aguentou por largo espaço um peso, que a si attrahira, e não pequeno; e durante esta operação com facilidade se dirigia para a direita ou para a esquerda a agulha magnetizada, igualmente sujeita á acção electrica. Este mesmo instrumento transmitte tambem uma força pasmosa de rotação a uma machina electro-galvanica, d'onde procede o movimento para outro engenho, que n'um segundo dá mais de cincoenta giros. Esta machina é construida segundo o mesmo principio que outra, ja muito afamada, feita por Wagner em Francfort, a quem a Confederação Germanica decretou, pelo invento, a somma d'uns vinte e tres mil cruzados, que lhe serão entregues logo que apresente arranjada a sua machina em ponto grande.

O Telegrapho magnetico de Christeinicke deu espantos a toda a gente; por meio do fluido galvanico, expressa os caracteres de toda a casta de linguas, e por maior que seja a distancia, os leva n'um momento ao ouvido, por via d'um certo numero de campainhas acusticas. Isto só vendo-o se percebe, e se crê.

Desenvolvendo, e communicando alternativamente, a attracção e repulsão da faculdade electrica a ferro macio, obteve effeitos semelhantes ao electrico; esta combinação, que elle opéra com instrumentos engenhosos, póde exercer grande influencia sobre a constituição physica das pessoas, e está sendo de grande uso na medicina em Allemanha, onde a empregão para tratamento de diversas enfermidades, taes como privação das contracções musculares, ataques de paralysia, molestias nervosas, etc; até se diz que se tem assim curado doentes d'ophtalmia, ophtalgia, e lagophtalgia. Pode-se graduar a acção desde insensivel até o ponto de insupportavel, e augmentar ou diminuir os choques, em força e numero, segundo convier; assim se póde tambem electrisar um banho todo. Quantas vezes o professor descarregava o fluido contra uma agua povoada de peixes, tantas estes se reviravão de costas, como feridos de raio.

J. D. S.

Ossadas fosseis.

ARGEL.

290 CONSTANDO ao Presidente da Commissão scientifica d'Africa, (*Bory de Saint Vincent*) haverem-se desencantado alguns ossos na lapa d'onde se deriva a formosa fonte de *Birmandrays*, apartada da Cidade d'Ar-

gel obra de legua e meia, foi-se lá, alvoroçadamente, com os seus collegas, *Ravergie* e *Renou*, e deram, no interior da caverna, com verdadeira mina para naturalistas e disputadores. Era o pavimento de terra escura; jazião n'elle ossos misturados com cacos de olaria, que sem embargo de se ainda reconhecerem, denunciavão de sua parte uma descompassadissima antiguidade. Mandaram despejar tudo aquillo, o acharam por debaixo da terra uma cama de stalactites calcareo; parecia ser aquelle o verdadeiro fundamento da caverna; mas sobre aviso os tinhão já as bellas observações de Buckland e Cuvier, segundo as quaes está assentado que entre as ossadas antidiluvianas, e outros fragmentos mais modernos, costumão de se achar iguaes camadas de stalactites; mandaram por tanto arrancar aquelle pavimento natural, e ahi é que foi a safra d'antigalhas animaes; esqueletos, e muitos, de diversas especies de mammiferos, sendo em maior quantia a dos ruminantes, mas não faltando os carnivoros. De tudo quanto colligiram o mais curioso é uma especie de banca d'uns quatro pés por cada uma das quatro bandas, e que pela parte debaixo tem pegados um grande numero de bellos fragmentos, collados com a substancia do stalagmite. Tudo isto foi para Argel, onde a estas horas já estará dando pasto ás curiosidades no Museo de historia natural.

Que se não tem já dissertado, e que se não dissertará ainda, por esta occasião, ácerca da antiguidade da nossa especie! Em cada côvasinha d'estas que se descobre, funda-se logo para as sciencias uma nova Torre de Babel. Quanto a nós, que só fazemos Revista, contentamo-nos de consignar os factos; outros que lhes deduzão as consequencias, reedifiquem a natureza antiga a seu talante, e componhão, sobre alguns fragmentinhos desconnexos da grande historia do mundo, os seus romances.

A. N. M. L.

Manuscriptos.

EVORA.

291 Muito fôra para desejar que entre nós houvera *Instituto*, que á semelhança do de França, mandasse por essas Provincias alguns de seus socios a fazer colheita dos preciosos documentos, e monumentos, da nossa verdadeira historia, que por lá jazem cobertos de poeira, desprezados, e sempre em risco de passarem pela má ventura de tantos outros já sumidos, e o peor é, perdidos para sempre. Todos os bons portuguezes, que sabem o que letras sejão, e valhão, receberam com amor os desejos manifestados em o art. 228 d'este Jornal; voltamos hoje a aviva-los, e estamos em que acharemos écho em todos os amantes das letras, e mórmente da historia patria: daquella historia, dizemos, que sem se limitar ao estrondo das armas, e aos enredos de palacio, vai estudar o homem na sociedade, e em toda a parte aonde pode arrancar-lhe o segredo das suas cogitações e sentimentos. Sabemos, é verdade, e ninguem ignora, que aquelle nosso commum desejo não é susceptivel de realisar-se no dia de hoje; mas tambem sabemos que nem por isso todos desanimão neste triste desamparo. Algum, ou talvez alguns, a quem a sorte collocou em situação mais favoravel áquelle intento, lá tratam, não diremos de lançar suas pedrinhas no grande edificio; mas, ao menos, de chegar-lhe alguns materiaes, quanto lh'o permittem suas forças, álem de debeis, faltas de maquinas que as redobrem. Podemos afiançar que ha quem, de ha muito tempo a esta parte, trabalha n'um cathalogo, ou inventario miudo da grande collecção de manuscriptos da Bibliotheca Publica Eborense. Alli se guardam preciosos e ignorados manuscriptos, que illustram a nossa litteratura; alli se encontram interessantissimas noticias para a nossa historia; alli finalmente se acha tanta cousa boa, que prevemos seria de grandissima utilidade a publicação deste trabalho, quando concluido. — Assim fôra tão facil como concluil-o, o publical-o.

C. R.

Lingua Arabia.

Fr. Manoel Rebello.

PORTUGAL.

292 É a lingua arabia nobre, elegante, concisa, muito expressiva, e uma das mais bellas conhecidas, levando até vantagem á grega pela sua riqueza e abundancia; para assim se ajuizar basta saber-se, por exemplo, que tem quinhentos vocabulos para exprimir a espada; e pouco menos para designar o camelo: até hoje nada tem perdido da sua pureza, e é a que serve a quantos povos demorão desde a costa occidental d'Africa até á Persia, aonde, assim como na Turquia, é cultivada como lingua dos sabios. As nações mais cultas da Europa a aprecião hoje em alto grão, pelas razões de Commercio, Politica, e Litteratura.

Do nosso Portugal sabemos todos, que desde a fundação da monarquia, tivemos nos proprios mouros, que entre nós ficaram, um tyrocinio da sua lingua arabia, o qual se converteo em mais pratico ensino, desde o reinado do Snr. D. João 1.º, e seus successores, por occasião das nossas conquistas, e estabelecimentos na Africa Occidental: ninguem ignora quanto isso contribuio para o feliz successo dos nossos descobrimentos, tratados, commercio, e conquistas das partes d'Africa Oriental, e da India, desde o reinado do Snr. D. Manoel, aonde, começando pelo immortal Gama, os nossos descubridores, e almirantes, foram achar os mouros influindo, e a sua lingua servindo em toda a parte; e tivemos sempre, e em toda a occasião, portuguezes de todas as classes, versados na lingua arabia, para nossos negociadores, e interpretes.

Com o correr dos tempos, as nações cultas da Europa foram estabelecendo o ensino desta lingua, como lhes foi sendo possivel; mas permittio a providencia, que até nisso nos avantajassemos ás demais gentes, enviando a este reino um homem, natural de Damasco, de familia nobre, educado na religião christã, e na lingua arabia, o qual teve a vocação de entrar, e professar, na Congregação da Terceira Ordem da Penitencia; chamando-se Fr. João de Souza; a este nomeou a Snr.ª D. Maria 1.ª, Lente da lingua arabia, no Convento de Nossa Senhora de Jesus de Lisboa: foi desta lingua o primeiro professor em Portugal, e o mais abalizado da Europa; vieram ser seus discipulos alguns estrangeiros, mandados pelos seus Governos, mas os mais distinctos foram os portuguezes, e o mais extremado entre todos, o Snr. Padre Manoel Rebello da Silva, da mesma extincta Congregação, seu successor actual na Cadeira desde 1812.

Este sabio e virtuoso varão, depois de illustrar as corporações regulares, em que professára, sendo, desde chorista, mestre de Philosophia Racional e Moral, e de Theologia, e orador insigne, dedicou-se á lingua arabia; e tendo aprendido com o Fr. João de Sousa quanto lhe este podia ensinar, passou a residir em Africa, pelo espaço de nove annos successivos, na casa do Consul Geral Portuguez em Tanger, a instruir-se nos usos e costumes dos póvos e côrte do Imperio de Marrocos, e a aprender a fallar, escrever, e praticar a lingua arabia com o Talabi, que melhor a possuia; e tendo ali prestado relevantes serviços á corôa de Portugal, e ás nações nossas alliadas, recolheu-se a este reino em 1805, ficando pessoalmente considerado, acreditado, e estimado no Imperio, e Côrte de Marrocos, debaixo do nome do *Frade Manoel Portuguez*, havendo para isso contribuido notavelmente a occurrencia seguinte.

Manejára secretamente o Enviado de uma das Nações da Europa, perante o Imperador de Marrocos, tio, e antecessor, do actual, um enredo contra o seu famigerado Ministro, Cid Mahamed Salaui, por onde o Imperador resolveo mandar lhe cortar a cabeça; este Ministro, que então se achava junto a Tanger, sabendo a resolução do Imperador, e dispondo-se para morrer, chamou o Snr. Padre Rebello, communicou-lhe a fatal resolução, e confiou-lhe o seu thesouro, em dinheiro, e pedras preciosas, para o entregar a sua mulher, quando ella, depois de viuva, lh'o pedisse: o Snr. Padre Rebello, recebendo o thesouro confidencial, passou para logo a lançar por sua letra uma representação ao Imperador, em nome de todos os Consules Europêos, á excepção do enredador, a qual todos authenticaram com os sellos dos seus respectivos Consulados, abonando o Ministro, e desmanchando a trama; endereçou além disso, uma representação especial do nosso Consul ao Imperador, para o mesmo fim: o Imperador, não só conservou a vida ao seu Ministro, mas lhe acrescentou a sua confiança e amizade, encarregando-o de significar aos Consules o caso que fizera das suas representações, e dando-lhe os poderes para ser elle o que mandasse sahir dos estados marroquinos, em vinte e quatro horas, o Enviado embrulhador. D'esta occurrencia, e suas circumstancias, resultou ficar o Snr. Padre Rebello gozando publicamente do maior credito, conceito, e estimação do Ministro, e Côrte, do Marroquino, que aliás fazião delle singular apreço, como de sabio consummado na lingua arabia, e seus estilos; por onde entre elles se dizia que era o *Frade Manoel* o infiel mais sabio que jámais houvera, e assim veio communicado officialmente ao Governo de Portugal.

Com este profundo saber, e com singular fama na Europa, tem o Snr. Padre Rebello ensinado a lingua arabia aos estrangeiros de diversas nações, e cathegorias, que têem frequentado a sua aula; e entre os seus discipulos portuguezes dão honra e gloria ao Lente, e á nação, os Snrs. *Antonio Caetano Pereira*, e *Manuel Nunes Barboza*, que ainda frequentão; mas que nada têem já que invejar aos mestres, que ao presente professão nas outras nações.

Sabemos, que o Snr. Padre Rebello tem

composto, para publicar pela imprensa, uma excellente Grammatica da Lingua Arabia, e uma eruditissima collecção de vocabulos da nossa bella lingua portugueza, oriundos das linguas arabia, persica, e turca.

Esta breve noticia, que facilmente podéra crescer até volume, agradecer-no-la-hão todos os portuguezes instruidos, e amantes da gloria de sua patria, aos quaes, para maior satisfação sua, e credito de nossa terra, só diremos por derradeiro, que pessoa tal, nascida, criada, e vivendo em ninho de tão pouco agazalho como este, debaixo de céo tão esquivo para méritos, ainda provados e grandes, como o seu, tem sabido, por mais de uma vez, dar generosamente de mão a convites, rogos, instancias, e promessas de riquezas, commodos, e honras, com que de Governos estrangeiros tem sido sollicitado a ir derramar por lá as suas luzes: portuguez ás direitas, o Snr. Rebello antes quer, do que ir ser em Londres opulento e festejado, acabar obscura e saudosamente no fundo da sua cella, e em meio do seu convento despovoado, a sua longa existencia, toda empregada, n'estes mesmos logares, em estudos proveitosos para os seus, e na observancia de todas as virtudes humanas e christãas.

M. A. M.

Opera de Ignez de Castro.

LISBOA.

293 Tivemos finalmente em São Carlos Opera nova! intitula-se *Ignez de Castro*, é composição do insigne *maestro*, o Snr. Coppolla. Bem desejariamos dizer d'ella o mesmo que todos, e com muita razão, disseramos de *Nina*, *Joanna* 1.ª, e da *Filha do Espadeiro*; mas, quanto a nós, a *Ignez de Castro* em geral não correspondeu á publica expectativa; para o que muito nos parece haverá concorrido a má escolha que o Snr. *Coppolla* fez do folheto. A musica n'estes casos é uma industria, e a sua materia prima a poesia: por melhor vontade, e mais destras mãos que tivesse o fabricante, só por milagre, com tão ruim materia como aquella, poderia fazer obra que se visse; pelo que, aos que se queixão de que o Snr. *Coppolla* enterrou a *Castro*, por sua parte responderemos que, se a enterrou, é porque a achou morta, e que o *depois de ser morta ser rainha*, é milagre que se não pode repetir todos os dias. Fizemos diligencia por descobrir quem fosse o poeta, para cujo corpo pareciào haver transmigrado as almas de *Coelho* e *Pacheco*; soubemos que se chama *Camerano*, e reside em Italia. Nada mais a seu respeito podemos dizer, porque ácerca das suas outras obras — confessamo-lo francamente — vivemos em tão completa, e abençoada, ignorancia, como a em que elle vive ácerca da historia de *D. Ignez de Castro*. O desfigurar um dos mais célebres factos do mundo, e ao mesmo tempo um dos mais poeticos, é uma miseria sem nome; mas o apresenta-lo, depois de desfigurado, ao proprio povo conterraneo d'esse facto, e onde nem nos sotãos, nem nas cozinhas, se encontrará quem de cór o não saiba, é uma vocação para suicidio artistico, uma anciedade de martyrio tolo, verdadeiramente incomprehensivel; tal escripto, quasi mais absurdo do que a novellinha, que sobre o mesmo assumpto escreveu *Madame de Genlis*, não podia pois, em nenhum caso, produzir uma Opera que em Lisboa houvesse de viver. Mas porque, desde o principio, adoptámos por timbre o dizer a verdade em todas as cousas, e d'este proposito nenhuma força nos demoverá nunca, elogiaremos, como bem merece, o Adagio do final do 1.º acto, o Tercetto do 2.º, e a Aria de *D. Pedro* (assim os choros não desafinassem, e soubessem melhor as suas partes). O Rondó d'*Ignez*, ainda que inferior ao Tercetto, é comtudo bem escripto.

Este é o nosso juizo, tanto quanto se pode fazer em uma primeira representação.

* * *

294 Bibliographia Castelhana.

Encicl[o]pedia popular.

Compendio do tratado pratico das enfermidades venereas, escripto em francez, por Desruelles, e traduzida por Carrigolas e Ferreras. 1 vol. em 8.º

Sobre as debilidades do sistema da géração nos homens e nas mulheres, 1 vol.

Curso completo de geographia universal, antiga e moderna, ou descripção da terra considerada debaixo de suas relações, astronomica, physica, politica, e historica, por Letronne, traduzida em castelhano, por Luiz da Matta e Araujo. 1 vol. em 8.º

Tratado elementar de arithmetica, por Lourenço Alemany. Traz uma tabua com a reducção dos metros, grammas, e litros, ás medidas e pesos de Castella.

A Geometria ensinada aos meninos; obra util e necessaria aos que aprendem desenho, aos carpinteiros, marcineiros, etc., por Bento Cereceda. 1 cad. em 8.º

Principios de geometria analitica elementar, destinada para o ensino da academia especial do corpo de engenheiros do exercito, por Fernando Garcia de S. Pedro, tenente coronel do dito corpo.

Introducção ao estudo da architectura hydraulica, para uso da academia hespanhola de engenheiros, 1 vol. em 4.º

Manobras uteis para a Infanteria, ensinadas ao 1.º corpo do exercito por seu commandante geral Antonio Van-Halen, Conde de Peracamps. 1 vol. em 4.º com 34 estampas.

Lições de direito natural e das gentes, por um advogado. 2 vol. em 8.º

Elementos de direito civil e penal de Hespanha, pelos Doutores Pedro Gomes de Serna e João Manuel Montalvan, Professores de Direito na Universidade de Madrid. A obra hade ter 3 tomos; sahiu o 1.°

Compendio das instituições de direito canonico de Cavalario, pelo Licenciado M. F. 1 vol. em 8.°

Aphorismos legaes, ou diccionario das regras de direito, por Thomas Maria Vizmanle. 1 vol. em 8.°

Theoria das instituições judiciaes, por Manoel de Seijas Lozano. 1 vol. em 8.°

Historia das leis mais notaveis desde a fundação de Roma até Justiniano, por D. Antonio de Puente y Franco, y José Franco Dias. 1 vol. em 4.°

Livro dos alcaides, por Manoel Ortiz de Zuniga. 2 vol. em 8.°

Cathecismo politico-social, segundo os principios da Constituição de 1833, para uso das escholas, por Pedro Ignacio Cantero. 1 cad. em 8.°

Curso pratico de lingua latina, por J. E. Boulet. 2 vol. em 16.

As mulheres, sua condição e influxo na ordem social, em varios povos antigos e modernos, por um amante do bello sexo. 1 vol. em 8.°

Aviso da providencia nas calamidades publicas, por Affonso Liguori, traducção livre de Joaquim Roca Cornet. 1 vol. em 16.

Maximas moraes e politicas para os meninos, por Jos Maria Lopes e Aviles. 1 folha em 8.°

Resenha historica da vida militar e politica do General Mina, por G. Barcellona. 1 vol. em 8.°

Diccionario poetico hespanhol, ou de rimas, por D. A. L. Z. 1 vol. em 8.°

Sonetos de João de Arquijo. 1 vol. em 8.°

Poesias orientaes de D. J. Arolas. 1 vol. em 8.°

Recordações de familia, ou as duas irmans, por Carlota Bury. 1 vol. em 8.°

Themira no templo de Venus, opusculo poetico imitado de um manuscripto grego, que se achou nas ruinas de Herculano. 1 vol. em 16.

A honra castelhana, drama em 5 actos, por Ventura de la Vega. 1 cad. em 8.°

Os cães do Monte S. Bernardo, drama em 5 actos, accomodado ao theatro hespanhol, pelo mesmo. 1 cad. em 8.°

O ferrelão Bruno, comedia em 2 actos, accomodada ao theatro hespanhol, pelo mesmo. 1 cad. em 8.°

Affonso o casto, drama em 3 actos, e em verso, por João Eugenio Hartzenbusch. 1 cad. em 8.°

Mali ou a insurreição, drama original em 5 actos e em prosa, por V. D. Canteco. 1 cad. em 8.°

Gustavo Vasa, drama original, em 4 epochas, e em verso, por Eusebio Asquerino. 1 cad. em 8.°

O filho de todos, comedia original em 2 actos e em verso, por D. Ramon Campoamor. 1 cad. em 8.°

Brinquem lá com o lume, comedia em 1 acto, traduzida do francez, por João da Cruz Tirado. 1 vol. em 8.°

O Alfaiate de Londres, Comedia em 2 actos, traduzida do francez, por João Peral. 1 cad. em 8.°

O marido da viuva, de Alexandre Dumas, accomodado ao theatro hespanhol, por Piferrer e Figueroa. 1 cad. em 8.°

A sociedade dos 13, entremez em 1 acto, traduzido em hespanhol, por Ventura de la Vega. 1 cad. em 8.°

295 FRANCEZA.

Theoria de horticultura, ou tentativas descriptivas segundo os principios de phisiologia, sobre as principaes operações de horticultura, por João Lindley, traduzido do inglez, por Ch. Lemaire. 2 vol. em 8.°

Resumo das lições de botanica dadas na eschola polytechnica, por M. Navier. 1 vol. em 8.°

Morphologia vegetal explicada por meio de figuras, por Augusto de Saint-Hilaire. 1 vol. em 8.°

Trigonometria e Geometria analytica, por P. Leutherie 1 vol. em 8.°

Descripção dos novos daguerreotypos aperfeiçoados e portateis, com as instrucções de Daguerre, e o modo de tirar retratos com aquelle apparelho. 1 cad. em 8.°

Curso completo d'operações commerciaes, por Goujon e Sardou. 1.ª parte, principios; 2.ª applicações. 2 vol. em 8.°

Sciencia pratica dos caminhos de ferro. 1 vol. em 8.°

Tratado da legislação dos caminhos de ferro, por Nogent Saint-Laurent. 1 vol. em 8.°

Historia da conquista e fundação do imperio inglez na India, pelo Barão Barchon de Penhoen. 6 vol. em 8.°

A Condeça de Choiseul-Praslin, historia do tempo de Luiz XVI, pelo Bibliophilo Jacob. 2 vol. em 8.°

Recordações da época chamada do terror, de 1788 a 1792, por Jorge Duval, com uma introducção historica, por Carlos Nodier. Hade ter a obra 4 vol.; já sahiram 2.

Relação das operações do exercito commandado pelo Principe Poniatowski, em 1809, contra os Austriacos, por R. Solty, 1 vol. em 8.° com o retrato do Principe, e uma carta geographica.

Os cem dias, por Capefigue. 2 vol. em 8.°

Conversações religiosas de Napoleão, e documentos inéditos do maior valor, em que elle revela o seu pensar intimo ácerca do christianismo. 1 vol. em 8.°

Flores de eloquencia, ou recopilação dos mais bellos trechos, em prosa, da litteratura franceza, desde Joinville até hoje, pelo Abbade Renaud. 1 vol. em 8.°

Um anno em Florença, por Alexandre Dumas. 2 vol. em 8.°

Lucila de Beaumont, poema em 5 cantos, seguido das poesias christans de L. Dusand. 1 vol. em 18.

Miscellaneas poeticas, ou poesias diversas, seguidas de Jugurtha em Roma, Tragedia de Potier. 1 vol. em 18.

Cantilenas d'um preso, por Affonso Esquirros.

Paida, ou o amor desesperado, por Pachet Dassir. 1 vol. em 8.°

A feiticeira dos Vosges, por T. Dinocourt. 2 vol. em 8.°

ERRATA.

Em o nosso artigo 281, na pag. 134, columna 1.ª, depois das palavras = O Snr. José Estevão, com o talento que todos lhe reconhecem, arrebatou-se da politica para as vantagens da industria = acrescentem-se as seguintes, que por inadvertencia com am na composição. = O Snr. Grande sustentou na eloquencia o bom nome que já no magisterio scientifico tinha adquirido. =

TYPOGRAPHIA DE J. A. DA S. RODRIGUES.

Rua da Condeça n.° 19.

INDEX

DAS MATERIAS CONTIDAS NO 1.º VOLUME.

N. B. Os numeros, quando não são precedidos da palavra *pag.*, referem-se aos artigos.

REVISTA UNIVERSAL.

TOMO 2.º

N.º 1.

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, TRAVESSA DA VICTORIA N.º 29. POR 12 NUMEROS 480, POR 24.... 960, POR 52.... 1920 REIS.

Quinta feira 6 de Janeiro de 1842.

A redacção da REVISTA UNIVERSAL acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Roga-se aos Senhores Assignantes de Lisboa que não entreguem quantia alguma aos distribuidores senão contra o competente recibo.

PROLOGO.

1 De tudo ha, e se necessita, na républica litteraria: é um estado como outro qualquer estado; tem seus magnates, que brilhão, e devorão, mais do que valem e produzem; tem seus burguezes honrados, que dão, com boa consciencia, ordem á vida; tem populacho indomito, e daninho; tem agiotas, que engordão com o suor alheio; missionarios, que prégão no deserto; legisladores, de quem os legislados se riem; codigos de leis, de que ninguem faz caso; liberaes e servis, medicos e charlatães, arlequins e farçantes, tropas e bandoleiros; creadores e arrasadores, moços de recados, a que chamão traductores, lavradores, que semêão o bom grão, e provem ao sustento dos seus semelhantes, mas de quem poucos fazem o devido cabedal; cabouqueiros, que se matão a apparelhar os materiaes para um edificio, de que se não hão de gozar, nem vel'o feito; mendigos, a quem ninguem soccorre; engeitados, que ninguem reconhece; aposentados, de que ninguem se lembra; criminosos que ninguem castiga; etc. etc. etc. Mas quem acreditaria, que para de tudo haver n'esta républica, até galés se encontrão n'ella! galés!! exclamarão espantados os que ácerca de periodicos não fazem mais do que lel'os; sim, galés; e os seus forçados são os fazedores d'esses mesmos periodicos. Agrilhoados a dois e dois, a tres e tres, ou a muitos e muitos, os pobres redactores d'uma folha suão, e desesperão, n'uma lida continua, e obscura, sem alivio, nem consolo, nem esperança. Em quanto todos os outros membros da sociedade vão ajuntando gloria e cabedal, para si, e para os seus, o jornalista não grangêa haveres, desbarata em obras morredouras o talento que Deos lhe deu, serve talvez, providencialmente (se é homem honesto) ao vagaroso, e insensivel, progresso da felicidade commum; mas nenhuma outra cousa tem por si mais do que esse tacito testemunho da sua consciencia, para se consolar das penas innumeraveis, das amargurds, sempre recrescentes, de seu officio. Que é um periodico? uma meza redonda, onde podem, e vão, sentar-se convidados, ou não convidados, pagando ou não pagando, toda a qualidade de espiritos; uns famintos, outros saciados, outros enjoados, outros em dieta; uns de bom contento, outros incontentaveis; um vos pede alimento solido e simples; outro appetitoso, salgado, ou picante; outro só fofas golodices; e o que peor ha n'isto, é que o malfadado que tal meza põe, se procura cozinhar segundo sua consciencia, desagrada a quasi todos; se a todos procura satisfazer, a todos desagrada; porque a vista do prato substancial importuna aos melindrosos; a dos doces, aos desenfastiados; a da agua mais brilhante e saudavel, aos partidarios dos licores que accendem e transportão; e a d'estes aos abstemios, que, sobre não os amárem, se arrecêão

de seus perigos. Ainda o Jornalista politico tem um grande mal em seu favor; que só escreve para uma parcialidade; conhece os paladares e estomagos dos para quem trabalha; se tem murmuradores, e inimigos, são de fóra, e com elles se arrosta, porque lhe não faltão fréguezes, e interessados, que o esforção, e ajudão. Os jornaes de puro recreio ainda tambem, pouco mais ou menos, lá podem achar modo para descontentar o menos possivel aos do seu bando; quem só procura divertir-se, facilmente se diverte: até os jornaes d'uma só especialidade, e esses mais do que nenhuns outros, nos parecem, em comparação do nosso, bemfadados, porque não têem de ser julgados senão pelos seus pares; o medico pelos medicos, o pharmaceutico pelos phármacos, o juridico pelos juristas, o militar pelos militares, o maritimo pelos marinheiros; mas um jornal do genero d'este nosso, é de todas as galés, a mais pesada, e a mais galé, e por isso, ainda ninguem antes de nós, ousára commetter neste reino uma tal redacção. Um jornal só de interesses positivos; um jornal que só ensina e aconselha, mas não ri, não se assenta a contar novellas, ou envernizar, e dourar vaidades; que, se entretem, é só pela estranhesa, e variedade, dos inventos uteis que apresenta; que não desdenha, nem as minimas conveniencias do lavrador, do artifice, ou da mãi de familias boa ecónoma; que tem por dogma, que só pela transformação progressiva de todas as molleculas sociaes, e não pelas revoluções, se aperfeiçoão, e felicitão os povos; um jornal que antes quer aquecer do que luzir; crear e aviventar, do que divertir e entorpecer; um jornal em summa, que por todos incançavelmente se desvéla, é logo, por sua mesma natureza, um papel futil para a grande maioria dos que sabem ler, ou soletrar, e muito mais ainda nas cidades, do que nos campos, na capital do que nas provincias, nos palacios, do que nas cazas means. Isto, que a razão nos devèra ter logo do principio prophetisado, hoje nol'o tem já demonstrado a experiencia. Quanto mais a *Revista Universal* vai por essas provincias crescendo, louvada, e abençoada, pela humilde sinceridade, com que promove em todas as materias o bem do povo, tantas mais portas se lhe vão por cá fechando, em paços de senhores; tanto mais desprezo, e frieza, vai encontrando em pulidinhos de assembléas, como se estes pulidinhos e senhores, estes vaidosos de sua esterilidade, estes orgulhos, e gorgulhos sociaes, estes *fruges consumere nati*, não houvessem infallivelmente de lucrar com o crescimento da agricultura, da industria, e de todos os elementos da civilisação. Que não fecundem o solo, que não suem nas officinas, que não forcejem por pagar alguma parte de sua divida á terra que os traz mantidos, e regulados, bem está; que nem sequer desção a aprender por seus olhos, quanto as suas faceis delicias custão de suores, e miserias, a milhares de operarios, ainda está bem; a vista daquelles trabalhos lhes poderia desconcertar o sistema nervoso; mas que menoscabem, que espanquem, e escarneção, por galhardia palacianna, a um pobre papel, que na tenção, nas palavras, nas obras, por dentro e por fóra, mais portuguez n'um só dia, do que elles em cem annos, só diligencêa illustrar, e ajudar, essa classe immensa, e variadissima, que se mantem a si, e a todo o estado; e a elles, não só os mantem, se não que de tudo os abasta, e opulenta; que não tenhão se quer o instinto bruto do egoismo, eis ahi o que não é bem, nem perdoavel, nem comprehensivel.

Ao mal deste desamparo, posto que aliás muito honroso para a *Revista Universal*, outro acresce muito peor, e é o da publica inercia, achaque mui sabido, e velho, desta nossa gente portugueza, mas esperamos em Deos que não incuravel. Quando de espaço nos damos a considerar no que era a Belgica ainda ha poucos annos, e que, menos vasta, e muito menos favorecida da natureza do que Portugal, é hoje a porçãosinha do globo onde, proporcionalmente, ha mais vida, mais movimento, mais abundancia, mais prosperidade, mais luxo, e mais sobejo de luxo, temos fé que tambem nós outros, em se quebrando o encantamento, que nos traz metamorphoseados em annõesinhos madraços e impotentes, havemos de resurgir dignos, como nossos antepassados, de habitar no melhor canto d'esta Europa, hoje só invejado por seu céo, por seu torrão, e por seus mares, mas que então será tambem invejavel pela excellencia de seus filhos, pela abundancia de suas riquezas, pelas commodidades, e doçura da vida, que se n'elle hade viver; mas por quem, e quando, e como, se hade quebrar o encantamento? só quem o vir, e quando o vir, o saberá; poderá ser tarde, por culpa do mal de que nos queixamos — a inercia, a indolencia, a falta de uma vontade, forte e desenganada. — Assim nos fizeram, ou desfizeram, as riquezas antigas; e n'este mesmo estado nos conserva, e nos empoóra, a consciencia de nossa presente nullidade. Todo o desgraçado é superticioso, a

nisto, como em muitas cousas, são os povos como os individuos. Da nossa miseria nasceu uma tristissima superstição — que havemos o nosso mal por incuravel — e incuravel será realmente em quanto, por assim preoccupados, nos não resolvermos a applicar-lhe todos os remedios, que a experiencia de outras gentes traz abonados de mui saudaveis. E' este o erro que toda a Imprensa mais devia trabalhar, de dia e noute, por desarreigar, porque em civilisação, como em religião, só a fé opéra os milagres, e só d'ella se produz a esperança, o amor, e a felicidade. A falta de fé em um bom futuro, é quem principalmente nos está quebrando os brios, decepando os desejos, e affastando esse mesmo futuro cada vez para mais longe.

Não podemos desenvolver mais o nosso pensamento, com medo de nos deixarmos levar no impeto da excursão até ás fronteiras da politica; retrahimo-nos, e recolhemo-nos no facto de que nos queixavamos—a indolencia publica—Por mil e mil provas nos tem ella sido agora manifestada; e tão hedionda, e nojenta, que já pode ser houveramos largado por mão as fadigas d'esta empreza, se por nossa parte não tiveramos fé grande, e grandissima, nos resultados da perseverança, no poder do tempo, na efficacia da missão da Imprensa, e no dogma da perfectibilidade humana. Com isto só nos consolamos, e esforçamos, todas as vezes que lançando por esse reino, com um pregão de tres mil vozes, que tantas são as folhas que da *Revista Universal* se derramão, um conselho indubitavelmente prestadio, e evidentemente facil, ora aos agricultores, ora aos artifices, ora aos municipios, ora aos governantes, de nenhum coração ouvimos sahir um echo ao nosso brado; e se indagamos que effeito pratico produzio entre nós a novidade, que tão bem pegára, e prosperára, entre os estrangeiros, quasi sempre descobrimos, com lastima e vergonha, que o ramerão apenas lançára os seus olhos estupidos para a nova luz; surrira como parvo, e continuára, sem saber porque, pé ante pé, no seu carreiro.

Mais. Quatorze vezes tem sahido a *Revista Universal*, e quatorze vezes tem clamado altamente que *aceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidédigna e interessante, que lhe seja enviada, mormente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.* Em quarenta e duas mil folhas tem pois sahido este desafio do patriotismo ao patriotismo; e em quatro milhões de habitantes apenas seis ou oito almas tem acudido ao chamamento.

Mais. Não paga d'este geral convite, a Redacção da *Revista Universal* tem fallado, escripto, sollicitado, a muitas pessoas, e sociedades, de quem se podia, e devia, esperar coadjuvação; a maior parte nem sequer se demoveo a dar resposta; e dos que a derão, com boas promessas, quasi nenhuma outra cousa se tem ainda até hoje podido tirar.

Entretanto, repetimol'o, queremos ter fé — e temol'a; — esperamos que o tempo hade fazer seu officio, e por nossa parte, o nosso nós continuaremos a fazel'o. Teimaremos, como o semeador da parabola, a lançar a boa semente; muita cahirá para o caminho, e perecerá calcada dos pés; muita a devorarão os passaros daninhos; muita definhará á sombra dos espinheiros; muita se mirrará por cahir sobre pedras; mas alguma tambem (e isso nos basta para que a lancemos de boa mente) cahirá em terra agradecida, onde se aproveite: uma só familia de lavrador, uma só familia de artifice, que exhortada, e doutrinada, por este papel de amigos seus, veja melhorar-se os seus destinos, seria já para nós mui boa recompensa de tamanho trabalho; mas fiamos na providencia em que muitos, e muitos mais, hão de ser os bons resultados.

Quanto ao sistema que traçamos seguir no decurso do anno que se nos hoje abre, será, pouco mais ou menos, o mesmo que até aqui nos tem governado. Convencidos pela rasão, e pela experiencia, da impossibilidade de agradar a todos; mais cubiçosos da affeição dos sisudos, que dos applausos das turbas; e até mais empenhados em fazer verdadeiros beneficios, do que em receber louvores (pois que a approvação de nossa consciencia nos basta para estimulo) por nenhum respeito torceremos nunca um passo do nosso caminho, por mais que se nos repitão suggestões, e nos chovão cartas, como as que em Museu vamos enthesoirando. —»Snr. Redactor quando assignei para o seu periodico, cuidava que seria um papel de progresso, e V. da-nos um artigo de lamurias, por se deitarem abaixo uns poucos de monumentos velhos sem graça, e algumas hermidinhas e igrejas, quando a nossa desgraça é não serem ellas todas arrasadas» — Snr. Redactor, como V. não sabe d'essas semsaborias de trigos e cevadas, e não nos diz nada da politica, que é a verdadeira cevada, de que hoje precisamos, escusa de me contar d'aqui em diante no numero dos seus assignantes» — »Snr. Redactor, o seu jornal diz que é muito portuguez, mas o que eu vejo por cima de cada um dos seus artigos são nomes de terras estrangeiras; diixe lá as inglezas

ções estrangeiras, e falle das nossas» — »Snr. Redactor, »se não der mais a miudo alguma cousa juridica, não conte mais comigo» — » Snr. Redactor, que nos importa a nós se Maria Fagundes teve na sua demanda sentença a favor, ou sentença contra, e o que os Advogados decidem nas suas questões de direito?» — » Snr. Redactor, se V. continua a massacrar com termos carunchosos a bella linguagem portugueza, e progressiva, do nosso tempo, procure quem o léa» — Snr. Redactor, será bom não pôr tantos artigos compridos no seu periodico» — » Snr. Redactor, toda a gente aqui anda aborrecida de não achar na *Revista* senão artigos miudinhos» — etc. etc. etc.

Ora como é evidente que não é possivel que um artigo seja no mesmo tempo curto e comprido, de taes cartas nenhum outro uso se pode fazer, mais que o archival'as com os indeces dos nomes de seus auctores, quando os trazem; no que sempre se lucra o poder n'um relance ficar conhecendo a muita gente. Proseguiremos pois extrahindo dos melhores Jornaes estrangeiros, de que esperamos receber grande numero desde o principio d'este anno, tudo quanto n'elles se contiver mais accomodavel a nós, mais praticamente util, ou mais feito para nos accender proveitosas invejas. Entre nossa gente continuaremos a procurar, e a pedir, quantas noticias haja proveitosas, e interessantes, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes. O primeiro lugar, o daremos sempre aos artigos de mais intelligivel, de mais inquestionavel prestimo; aos que versão sobre o sustento e agricultura, o vestido, a habitação, e os caminhos de terra e mar, e todas as outras commodidades materiaes da vida. A creação, a moral, a religião, a historia, as artes, as sciencias, não cessarão de ser desvelo nosso; finalmente continuará a cerrar os nossos numeros a bibliographia, materia para todos os bons espiritos de summa importancia, e talvez d'entre nossos capitulos o mais fecundo em bons resultados, proximos e remotos. Assim, depois de alguns annos, se a Deos prouver que esta empreza, a mais nacional, vá adiante, todas as cousas productivas, illustradas, e nobres, confessarão ter devido alguma parte de seu crescimento ao empenho e esforços da *Revista Universal*.

E na collecção d'estes volumes se achará enthesourada, e massiça, quando algum dia os percorrerem, a chronica dos verdadeiros progressos que a sociedade humana em geral, e em particular a sociedade portugueza, houverem feito: será em ponto maior, e melhorado, o desempenho do mesmo pensamento, que tanta gloria tem de dar ao actual Prefeito de *Vesona*, em França; pensamento já por elle começado a pôr por obra, e que sem falta será adoptado em todo o reino, e em todos os reinos, onde a miseravel preguiça se não reputar o summo bem. E porque a noticia de exemplo de tanta monta, mas que seja em prologo, não será agora descabida, que no-la dê o Jornal da mesma cidade, intitulado o *Echo de Vesona*.

» Em nenhuma parte de França, diz elle, se fazem as ephemerides do nosso tempo; valiosas são logo as providencias que hoje dá o Prefeito d'este departamento. Determinou se abrisse um livro de registro, onde se hão de ir lançando por termos summarios, as relações de todas as cousas de que importe deixar memoria; cada relação será, para maior authenticidade, sellada com a chancella da Prefeitura. As destruições, ou construcções, de grandes monumentos, as calamidades publicas, as epidemias, as formosas acções, que ao diante poderem ser de gloria para as familias, emfim os feitos, quaesquer que sejão, por sua natureza concernentes á historia, permanecerão d'esta arte perpetuados; no que algum dia encontrarão os vindouros preciosos documentos »

Terminaremos annunciando a nossos leitores, que alguns — e não já poucos — dos mais distinctos e amados escriptores do nosso Portugal, generosamente, e movidos do amor da patria, cujos interesses em nenhuma parte, com mais zelo do que n'esta folha, se procurão, se promovem, e se defendem, honrarão frequentes vezes com seus escriptos estas paginas, que, bem que humildes na apparencia, por seu empenho todo portuguez, não ficão sendo indigno theatro a tamanhos engenhos. Outros virão sem duvida, apoz estes, auxiliar-nos; e chegará dia em que a *Revista*, hoje nascente, avulte como um monumento duradouro na nossa litteratura.

A Redacção.

LAGOAS ARTIFICIAES.

PORTUGAL — HESPANHA.

Advertencia.

O artigo que sob este titulo publicamos é extracto d'uma carta com que de Castello Branco nos honra o Snr. *José Soares da Costa*. A grande facilidade, e as vantagens grandissimas do alvitre, para muitas partes das

nossas differentes provincias, e para quasi toda a do Alemtejo, fazem-nos esperar que o adoptarão e talvez já este anno; o que para nós será de muita satisfação, de grande credito para seu auctor, de proveito para innumeraveis particulares, e conseguintemente um verdadeiro bem nacional.

A Redacção.

Na provincia do Alemtejo, e em grande parte da Beira, ha sitios, em que os creadores padecem todos os annos grandes prejuizos nos seus gados, pela falta d'agoas, o que é bem facil de evitar por meio das lagôas artificiaes; nem de tão grandes despezas se carece que sirvão ellas de estorvo. Ha poucos dias que observei uma, feita na Zarsa, que apenas custou 800$000 réis, da qual se colhem já os seguintes resultados:

1.º Agoa com abundancia para todos os gados.

2.º Excellente nateiro, com que adubão os campos immediatos.

3.º 62$400 rs. de renda annual pela pesca das tencas criadas na lagoa.

Iguaes vantagens se poderão obter em as nossas provincias d'Alemtejo, e Beira, e em alguns sitios da Estremadura.

As lagôas artificiaes não são necessarias nos Concelhos que abundão em fontes copiosas, e em rios, ou ribeiros que não séccão em todo o anno; porem onde a natureza não é tão próvida; onde, no estio, séccão as fontes, rios, e ribeiros, é mister que a arte supra esta falta: deve o homem, na estação das chuvas, fazer um deposito d'agoas sufficientes para as suas precisões no resto do anno. N'estes sitios não pode ser contestada a utilidade das lagôas artificiaes.

Não devem ficar junto ás povoações, nem muito distantes d'ellas; no primeiro caso porque a estagnação das aguas, e a decomposição das materias estranhas que se lhe juntão, podem infeccionar o ar, motivando um grande numero de molestias febris: no segundo, porque não offerecem commodo tão facil para os gados beberem — para se empregar o nateiro — para a pesca — lavage de roupa — rega dos terrenos; — etc.; porque para todos estes objectos podem ser uteis as referidas lagôas, segundo a sua capacidade, e a inclinação do terreno, fôr maior ou menor.

Uma planicie algum tanto inclinada, entre duas montanhas, que n'um ponto se dividão apenas por uma cortadura feita pelas correntes das chuvas, eis o terreno proprio para uma d'estas lagôas. Não é preciso fazer nenhuma excavação. No ponto mais baixo, e em que os dois montes lateraes mais se aproximão, uma parede forte d'alvenaria, de doze a quinze palmos de grossura na sua baze, e oito no cimo, bem rebocada de cal pelo lado da lagôa, é tudo o que se precisa, para suster, e conservar todo o anno, as aguas das chuvas que descem dos montes, que estão aos lados, e em frente da parede; ficando assim formada a lagôa. Para evitar que venha com o tempo a entupir-se a bacia que serve de reservatorio, ao fundo da lagôa, e ao meio da largura da parede, deixa-se um registro, que se abre quando é preciso, para sahir o lodo, o que se obtem só pelo peso e corrente da agoa, que lhe fica superior.

D'este modo se podem ter depositos d'agoa de 100, 200, e mais passos de circumferencia, tendo dez a quinze palmos d'altura no ponto mais elevado. Assim se evita um grande numero de doenças e mortandade nos gados, causada das sedes que padecem no verão. Por este modo se adquirem, em pontos onde o peixe é raro, e caro, abundantes e saborosas tencas; cria-se mais um sitio de reunião, onde os habitantes do campo se podem recrear no divertimento da pesca, e da caça d'arribação, etc.

São estes os unicos esclarecimentos que posso dar; e quando não sejão sufficientes, é mui facil ás Camaras, e aos Proprietarios abastados, que queirão emprehender uma obra d'estas, supprirem o que n'elles falte, mandando examinar per pessoas entendidas, as lagôas, que tem os nossos visinhos castelhanos, algumas das quaes estão situadas a bem pouca distancia da raia.

J. S. C.

MATERIA MEDICA INDIGENA.

(Correspondencia)

Snr. Redactor

3 Lendo o n.º 11 do seu Jornal, encontrei com um artigo, que tem por epigrafe — Materia Medica Indigena — no qual V. com rasão lastima a falta d'estudo, e observações, a respeito das plantas, que espontaneamente nascem na nossa patria, muitas das quaes podião sem duvida substituir outras exoticas, que nós estamos comprando por exorbitante preço, ainda adulteradas. Eu não acredito que sendo a natureza, que é quem tudo dispoz, tão providente, collocasse a febre na Europa, e a quina na America, separando desta sorte o mal do remedio; e quando assim fosse, desgraçada teria sido a humanidade antes dos

mares serem navegados, e do descobrimento de muitas terras. No referido artigo faz V. menção de muitas plantas indigenas, que podem substituir os purgantes exoticos, e promette apontar-lhes as differentes virtudes, o que sem duvida é um serviço que faz á humanidade.

Grande prazer é o meu ao ver principiada uma obra que ha muito tempo tinha emprehendido, e que, concluida ella, será uma lacuna de menos na litteraura nacional; mas para escrever com fructo, e para que não fique tudo em vans theorias, rogo a V. se sirva declarar no seu Jornal, quaes são os nomes botanicos, segundo o systema de Linneo, ou outro, que correspondem aos vulgares de = Ourival, e Craféta= porque folheando em diversos diccionarios, tanto antigos como modernos, technicos, e vulgares, não é possivel encontrar os ditos nomes. Ninguem duvida que a linguagem vulgar das plantas varia d'umas provincias para outras; assim será bom que V., na grande tarefa que tomou de melhorar a Materia Médica Indigena, vá apontando os termos technicos correspondentes aos vulgares, das especies que for descrevendo, para se irem pondo em pratica, e eu cooperarei para esta grande obra, quanto m'o permittirem minhas debeis forças.

F. C. D.

---

4 Em resposta ao Snr. F. C. D., de Vianna do Minho, temos que dizer o seguinte. Em primeiro logar folgamos muito que haja feito objecto das suas tarefas um assumpto de tanta utilidade para o reino, qual é o colligir materiaes para um tratado de materia médica indigena; porque a unica obra que possuimos, e que em tal materia se occupa com alguma extensão, é a Flora pharmaceutica e alimentar portugueza de Figueiredo, que ainda assim é bastante deficiente; não fallando na obra de João Vigier, publicada em 1778, e nas materias medicas de Jacob de Castro Sarmento, e outros, que bem pouco dizem a tal respeito; sendo muito para lamentar, que a promessa feita por Manuel Gomes de Lima, no 1.º numero do seu Diario universal de Medicina, Cirurgia, Pharmacia, etc., de publicar um cathalogo das plantas medicinaes indigenas, em que além da descripção botanica, mencionasse as suas virtudes e preparados, accrescentando a synonymia em sete linguas, não se haja verificado, pois não nos consta que similhante trabalho chegasse a vêr a luz publica. Pelo que diz respeito ás duas plantas *Ourival*, e *Crafêta*, de que deseja saber o nome scientifico, não podemos infelizmente satisfazer o nosso assignante, porque ha muito pouco tempo que no mundo médico se conhece o uso que d'ellas fazem os nossos camponezes; havendo sido por isso mui pouco ou nada estudadas, e faltando ainda a descripção botanica de qualquer d'ellas; trabalho que podia ter sido feito por pessoas entendidas na materia, que residissem nas respectivas localidades. Sobre o *ourival* ha apenas uma resumida noticia do cirurgião de Serpa, que se limita a descrever as propriedades physicas da raiz (por ser a parte da planta empregada como purgante), passando de salto pelas propriedades chimicas, e demorando-se algum tanto mais nas propriedades medicinaes, para comprovar as quaes cita varias observações por elle feitas; porém a respeito de caracteres botanicos, só diz que é uma planta herbacea, e que lhe consta dar em maio flores amarellas, que pela sua disposição collocarião a planta nas *umbelliferas*: prometteu fazer a descripção botanica d'ella, mas até agora não nos consta que tal descripção haja sahido a lume. Em 1838 vimos nós um exemplar da planta em florescencia, que foi enviado a um amigo nosso, o qual por descuido a deixou estragar sem procurar alguma pessoa habilitada com os conhecimentos botanicos precisos para a descrever e classificar; n'essa epocha, hospedes ainda em botanica, não lhe podémos dar a attenção devida; mas pela lembrança que d'ella nos resta, e pela comparação das propriedades physicas da raiz, pelo Snr. Couceiro descriptas (que tivemos occasião de observar nas amostras, que o dito Snr. mandou á Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, e que forão distribuidas a varios socios), com a descripção botanica das especies do genero *euphorbia*, desconfiamos que a elle pertencerá. A planta encontra-se pelos arredores de Serpa e Evora, e a pequena memoria do Snr. Couceiro sobre ella, acha-se a pag. 144 do tom. 8.º do Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa. Da *crafêta* não sabemos mais nada, do que ser um purgante usado pelos camponezes em alguns logares da Beira. Pela razão de serem mui pouco conhecidas estas e outras plantas de que fallámos nos artigos 223, e 248, d'este jornal, é que chamámos a attenção dos facultativos, e mais pessoas intelligentes, das respectivas localidades; pois são esses individuos que estão mais nas circumstancias de poderem allumiar-nos a tal respeito, ficando por nossa parte o obter os esclarecimentos

possiveis; para os conseguir já alguns passos havemos dado, e do exito daremos conta.

A. J. de S.

ESTRABISMO.

PORTUGAL, FRANÇA, ITALIA.

5 Em o nosso artigo 261 mencionámos uma cura felicissima de estrabismo, effectuada, por um Cirurgião da Martinica, em um menino de 12 annos, completamente vesgo. Então dissemos — e agora o confirmamos — que os ultimos jornaes estrangeiros não cessão de apregoar com o maior fervor as numerosas curas d'este defeito; estamos que tão poderoso incentivo fará com que os nossos médicos se desvelem para que d'entre nós desappareça uma deformidade, que ainda ha pouco se julgava sem remedio. O Snr. Barral, segundo nos affirmão, já principiou a dar o exemplo, e parece que, na primeira operação que fez, se houve com aquella pericia que todos lhe reconhecem, e obteve o resultado que d'ella se devia esperar. Não faltão enfermidades para as quaes é impotente a medecina; porque não trataremos de curar aquellas para que se nos apontão, e recommendão, facilimos remedios?

Lêmos nas ultimas folhas de Marselha que a Sociedade Real d'aquella cidade honrára com uma medalha de prata ao Dr. Carlos Philips, de Liége, pelos efficazes serviços, e importantes modificações, que fez na operação do estrabismo. Ja se vê pois que sendo o objecto de tanta monta, que uma illustre sociedade franceza não desdenha premiar serviços n'esta materia feitos por um estranjeiro a estranjeiros, por si mesmo se recommenda, e não exige o nosso brado para que os facultativos portuguezes o estudem, e propaguem.

M. P. R.

METEOROLOGIA.

6 A meteorologia é o ramo das sciencias fisicas que investiga com especialidade as apparencias, duração, revoluções, e effeitos dos meteoros atmosfericos, os quaes tem a mais intima relação com a nossa existencia fisica e moral; pois nada exerce uma influencia tão poderosa sobre os individuos como o estado da atmosfera na qual vivemos mergulhados. Desde a mais remota antiguidade notaram os medicos mais abalisados o poderoso influxo das variações atmosfericas sobre os corpos sãos ou enfermos, e já o celebre Hyppocrates recommendava o seu estudo como um dos mais importantes auxiliares da medicina. Se, pondo de parte estes interesses directos passarmos a considerar outros que muito de perto nos tocão, concluiremos que a meteorologia é uma sciencia extremamente importante a todos os respeitos, pois que a acção dos meteoros sobre a vegetação é tão poderosa que se pode considerar a base fundamental da agricultura, sendo innegavel que o andamento meteorologico do anno póde mais que os proprios trabalhos do lavrador.

Segue-se pois que a meteorologia é destinada a prestar grande auxilio áquellas duas sciencias ás quaes o homem é obrigado a tributar grande veneração, pois dellas depende a sua existencia e conservação, a saber, a medicina e a agricultura. Os immensos progressos feitos no ultimo seculo, e no presente, em todas as sciencias, despertaram um vivo interesse para este genero de observações, reconhecendo-se que os fenomenos meteorologicos do frio, calor, chuva, e ventos, que apparecem annualmente nos diversos paizes, apezar das suas vicissitudes eventuaes, comtudo quando se considerão em complexo no periodo de muitos annos, se apresentao com certa regularidade, deixando bem distinctas as qualidades predominantes que constituem climas tão diversos em cada paiz, e até em cada localidade. Não é pois de estranhar que se tenhão multiplicado por toda a parte este genero de observações, hoje seguidas com perseverança não só na maior parte das principaes cidades do continente europeo, mas até em numerosos pontos dos outros continentes; fazendo-se assaz notavel o impulso que S. M. o Imperador de todas as Russias deu no seu vastissimo imperio, mandando estabelecer observatorios em muitos pontos da Europa e Asia, para conhecer com exactidão os seus variados climas. Cumpre notar que em o nosso bello paiz tem sido quasi totalmente abandonado este ramo das sciencias fizicas, pelo que muito pouco se conhecem as diversas modificações que constituem os variados climas de Portugal, servindo de prova o que se acha impresso no acreditado Tratado de Phisica de Pouillet, o qual, mencionando as temperaturas medias annuaes de muitos sitios do globo, afim de traçar a direcção das linhas isothermas, ou de calor igual, dá a Lisboa uma temperatura inferior de 2 ½ gráos centigrados (4.º Fahrenheit) á verdadeira, deduzida de 18 annos de recentes observações, feitas com o maior esmero por um dos seus leitores. Estas observações têem sido publicadas mensalmente, há mais de um anno,

no interessante Jornal das sciencias medicas de Lisboa, aonde se transcreve a integra do diario mensal. Como porém à Revista Universal é essencialmente destinada aos curiosos que se interessão no progresso das sciencias, e principalmente das que têem connexão com a agricultura, julgamos fazer-lhe serviço agradavel enviando-lhe mensalmente o resumo daquellas observações, cuja parte historica a todos interessa. M. M. F.

POESIA NACIONAL.

(Continuado do art.º 229).

II.

7 Boileau disse em Paris:
Enfin Malherbe vint, et le premier en France D'un mot mis à sa place enseigna la puissance;
e d'ahi ficaram proscriptos todos os poetas anteriores a Malherbe, nem se contáram mais eras de poesia senão d'aquella data em deante. Os trovadores e os troveiros (*troubadours et trouvères*) que Boileau tractára por cima do hombro sem os conhecer, ninguem procurou conhecê-los; assentou-se que não valia a pena. Jurou-se nas palavras do mestre, e ficou-se piamente crendo que fòra Malherbe o fundador da poesia franceza.

Elle era-o sim da eschola romana, que outros dizem *classica*; e como ninguem mais quiz ser senão romano, sem questão ficou sendo o primeiro d'ssa eschola que usurpou o titulo de nacional, e cujas odes de raça grega, cujos sonetos sicilianos, elegias greco-latinas, e epistolas e satyras romanas expulsaram de sua casa os *loys*, as *sirventes*, os *fabliaux*, as canções e os romances dos proscriptos poetas verdadeiramente francezes, mas agora desnaturalizados e bannidos.

E todavia, apezar de Malherbe e da sua eschola, ainda se liam, ainda se estimavam em França as reliquias da verdadeira poesia nacional e primitiva. Depois da sentença de Boileau, que passou em julgado, era vergonha fazê-lo, era mau gôsto: apagaram-se-lhe até os vestigios.

O mesmo aconteceu em Portugal. Até principios do seculo passado ainda acreditavamos, ainda nos lembravamos que, antes de Camões e Ferreira, tinha havido outros cantores portuguezes, que outros *fortes tinham vivido antes de Agamemnon*. Mas desde que a Arcadia fixou a epocha de quinhentos como unica orthodoxa, e anathematizou tudo o que depois ou antes se fizera, tambem entre nós se apagou a memoria dos nossos trovadores e menestreis; suppoz-se a poesia portugueza sahida do cerebro de Camões armada e composta já como a antiga Palas do casco de Jupiter.

Mas tam falso era o rescripto de Boileau como o senatus consulto da Arcadia. Antes que fosse a magra e compassada *douairière* de Malherbe, antes de ser a florida e elegante donzella de Camões, a poesia do Sul da Europa, descendente por varonia dos Scaldos e Bardos do norte, cujo espirito herdára, mas por sua mãe (de quem mais feições conservou) das ultimas degeneradas, mas ainda graciosas, cantilenas latinas, ésta poesia, digo, tinha tido infancia, meninice, adolescencia e nubilidade. Casou em França com o secco do Malherbe, e em Portugal com o tôrto do Camões; e d'ahi, *casando e amansando*, tomou outros modos, outro ar, desprezou e esqueceu os seus antigos amantes. Desde o berço os tivera:— era doidinha de pequena: e não a dêmos por exemplo a matronas ainda depois de cazadas.

Ora coisa de cem annos depois d'aquella sentença começaram más linguas e gente curiosa da vida alheia a suscitar memorias dos antigos galanteios de Dona Poesia— e a duvidar-se da justiça de Boileau, e a querer-se examinar se com effeito eram os taes amantes tam feios e tão desprendados como elle dissera.

Publicaram-se algumas rhapsodias dos *troubadours* e dos *trouvères*. D'ahi appareceram tambem em Allemanha, na Dinamarca, na Suecia e em Inglaterra reliquias dos Scaldos e dos Bardos — começou-se a atar a historia da poesia; deu-se tambem preço aos cantores da que chamarei *renascença* por falta de outra palavra, isto é, dos que fizeram a transição do trovador ou menestrel da meia edade para o poeta do seculo XVI; e ainda os documentos não estavam todos junctos, nem o processo de rehabilitação formado de todo, e já a sentença de Boileau tinha sido revogada por toda a parte álem dos Pyreneos, menos em França onde, como eu já escrevi algures, o despotismo litterario do seculo de Luiz XIV custou muito mais a destruir que a sua monarchia e a sua bastilha.

Os poetas inglezes descendentes, no mesmo grau que os Francezes, dos trovadores da lingua *d'oc* e dos troveiros da lingua *d'oeil*, foram os primeiros que positiva e judicialmente revogaram a sentença do chanceller-mor Boileau, e rehabilitaram os seus aggravados e injuriados progenitores.

Seguiram-n'os os Francezes mais devagar e com um resto de viciosa vergonha.

Ha bons quarenta para cinquenta annos

que em toda a Europa, excepto a peninsula, se estudam e confrontam e publicam e codificam trovadores de Provença *trouvères* de França (Austrasia?) menestreis de Normandia e Inglaterra, Bardos de Scocia, de Bretanha e de Galles, Minnesingers da Allemanha, Scaldos de Dacia e Islandia. O Niebelungen saxonio, as Sagas hersas o runicas, liederbulchs, romanceiros e cancioneiros em todas as linguas, germanicas, romanas e mixtas, têem apparecido por toda a parte, uns reimpressos de algum raro exemplar em letra quadrada que o despréso geral em que tinham cahido por milagre deixou conservar; outros desinterrados dos antigos archivos e transcriptos dos codices manuscriptos, outros copiados da tradição oral dos povos que em outro livro não foram conservados nunca. Castella codificára muitos dos seus romances, Portugal bastantes das suas canções. Mas nem lá nem cá se liam.

Ralharam comnosco Boutervece e Sismondi, e tinham razão. A nós Portuguezes especialmente nos injuriou, com um favor que nos fez, Lord Stuart de Rothsay, (Sir Charles Stuart) publicando em Paris em 1823 o cancioneiro do Collegio dos Nobres.

E comtudo nem estes stimulos agudos nos chegaram ao animo. — Parece-me que em Hispanha só depois que o Sr. Duque de Frias me fez a honra de querer seguir (como elle diz) o caminho da *Adosinda* no seu *Moro expósito* é que despertou devéras o gôsto dos romances antigos.

Em Portugal despertou tambem já o gôsto, mas faltam os modelos, porque os cancioneiros são rarissimos, e os romanceiros nunca os houve, ou pelo menos não consta que nunca os houvesse.

E' mister colligi-los da tradição popular.

¿ E são elles portuguezes legitimos esses romances da *Bella-infanta*, do *Bernal-Francez*, de *Santa Iria*, da *Silvana*, e os outros mais, que o nosso povo tem conservado a despeito da incúria dos seus litteratos? — Será Portugal e Gallisa a lingua d'oc da peninsula em que só se fasiam canções, como dos Provençaes se acreditou muito tempo, e a Castelhana a nossa lingua d'oeil privilegiada para o romance historico ou quasi-historico?

Examinarei, quanto podér, estas dúvidas.

(*Continuar-se-ha.*) A. G.

NOTICIA JURIDICA DOS NOBRES DE PORTUGAL.

8 JULGAMOS curioso publicar a seguinte noticia sobre as circumstancias que deviam dar-se nas familias ou individuos, para conservarem ou obterem a nobresa. Hoje quasi todas essas leis que estabeleciam os diversos meios de ser nobre estão virtualmente abrogadas. A Constituição do Estado *garantindo* especialmente no §. 4.º do Art. 26 a nobresa hereditaria, parece excluir por isso mesmo as outras. E ainda esta é limitada ás regalias puramente honorificas. Reduzida assim a titulos vãos, a precedencias nos actos publicos, ás distincções das librés, ou brazões, sem prerogativa alguma positiva e material, a nobresa como nossos avós a entendiam pertence quasi exclusivamente á historia, e é como parte d'esta que julgâmos curioso o seguinte extracto da nossa legislação.

Na somma d'essas disposições legaes ha um grande facto social, ou antes uma idéa, que é o resumo ou philosophia de todas — Leis excepcionaes — qual é a regra geral que ellas limitam? Evidentemente as existencias industriaes, *os mechanicos*. A palavra mechanico representa por si o homem que trabalha, que emprega forças, o productor, o cidadão util. Não mechanico representa necessariamente o contrario disto. E, todavia, a lei lança sobre aquelle a ignominia; attribue a este o privilegio. Mais: a nação divide-se em dous campos, fóra dos quaes ninguem existe: se no dos homens da excepção se commette um crime torpe, que mereça supplicio infame, não ha lá patibulo: a deshonra só habita no outro campo. Arrola-se o criminoso no livro dos vís, para se haver de punir. O avental do obreiro é um ferrete de affronta. São os Naires e os Sudros da India, com uma unica differença. Na Asia divide o berço as duas castas: na Europa o berço ou um diploma. De que lado está a vantagem? Do lado das instituições Orientaes. Se ha absurdo que possa ser tolerado é aquelle que sanctificaram os seculos e a tradição.

Sendo o trabalho o fundamento da prosperidade publica, é claro que semelhante nobreza era a condemnação da industria, e por consequencia da solida felicidade publica. Assim entre nós, como em toda a parte, onde a não-nobresa significava vilipendio, o progresso das artes industriaes ou fabris seria impossivel. Era necessario que a ambição ou o desejo d'illustrar-se, no homem do povo, apagasse primeiro o signal de reprovação chamado condição mechanica: era necessario cruzar os braços e dizer: — » maldicto o que trabalha! — maldicto o que cumpre o preceito imposto por Deos a nossos primeiros paes! » era necessaria uma blasphemia.

D'ahi nascia que o popular, sentindo em si altos espiritos, não tinha outro caminho de distincção, outro meio de sair da sua classe de Pariá, senão ou a vida de soldado, ou a d'ecclesiastico, ou, emfim, a de magistrado: era nestas tres fontes de nobreza onde os homens do vulgo podiam receber o baptismo que lhes apagasse o peccado do berço. E o povo formulou em um adagio essa triste necessidade. *Ou armas ou letras* disseram em Portugal os paes aos filhos por alguns seculos; e mal sabiam elles que este adagio significava a impossibilidade do desenvolvimento industrial, e por consequencia de todo o verdadeiro progresso.

E depois as multidões atiraram-se ás cegas para o campo do privilegio, e como elle era diminuto e circumscripto, não havia logar para todos. Seguiram-se combates encarniçados; mas combates deshonrosos, porque as armas com que ahi se pelejava eram os enredos, as traições, as competencias d'abjecção, os crimes covardes perpetrados nas trevas, e toda a especie de corrupção. E o povo continuava a repetir *armas ou letras*, e a offerecer no altar d'instituições viciosas os sentimentos mais generosos e puros do coração humano.

Deixando subsistir esta legislação insensata, vigorando-a, ampliando-a, o Marquez de Pombal pensou, que em galvanisar o cadaver da industria estava a resurreição della. Santo homem era aquelle Marquez de Pombal!

A aristocracia é uma necessidade social. A desigualdade entre os homens é um abysmo sem fundo, que nenhumas revoluções poderão encher com todas as ruinas das instituições do passado. Mas a desigualdade humana escreve-se lá em cima, e não em diplomas de chancellaria. Nenhum pergaminho teve ainda, que nós saibamos, a virtude de transformar o ignorante em sabio, o sandeu em engenhoso, o timido em ousado, o de má indole em virtuoso. Os titulos com que o homem, intellectual ou moralmente pequenino, se acclama illustre, são a pelle do leão ás costas do onagro — são apenas ridiculos: mas os que pertendem legalisar o genio ou a virtude do que devem sua superioridade á providencia e a si, são a mosca empoleirada na lança do carro tirado por fogosos cavallos, e exclamando — *vede a poeirada que eu faço*: estes taes são ridiculos, e afora isso insolentes.

A aristocracia que vem de Deus está escripta no coração ou na intelligencia do que a possue; acompanha-o até a sepultura; e se lá o deixa, é para se estampar na memoria das gerações: a aristocracia que vem dos homens está escripta em um papel, e guarda-se em uma gaveta, onde não jaz sózinha, porque tambem lá estão guardadas com ella a humidade e a traça.

E a traça e a humidade são dous executores d'alta justiça — talvez os principaes — que a providencia poz neste mundo para o expurgar de muitas e mui atrozes sandices humanas.

O que temos dicto não é senão o resumo do pensar do nosso seculo, pensar que elle tem revelado em doutrinas e em obras, porque o caracter que o distingue de todos os outros é o ter ajuntado o reflectir ao obrar, o ser cogitador ao ser activo.

Hoje todas as profissões honestas nobilitam. A condição que pode distinguir o individuo nobre do individuo plebeu é uma só e está nelle: é o ser *eminente*. A materia não importa, o que importa é o obreiro.

Ajuntai a maior intelligencia empregada em qualquer genero de sciencia, d'arte, ou d'industria, ao melhor caracter moral, e á maxima actividade, e tereis a mais nobre existencia de todo o mundo, o vulto principal na fidalguia que representa a desigualdade social desta epocha.

Procuremos a profissão que sobre todas fosse despresada em tempos passados. A escolha é difficil: todavia parece-nos que nenhuma foi tão envilecida como a de um comico. Aos comicos chegou-se a negar a sepultura christan. Um memento, sete palmos de terra sagrada, e a sombra de cruz solitaria era luxo aristocratico demasiado, para que a elle tivesse direito o pobre e vilissimo histrião.

Quereis agora saber qual é a este respeito a crença de hoje? Dirvo-lo-hemos.

Ha seis mezes que vivia em Londres uma rapariga franceza chamada Rachel: ella, diziam os inglezes, honrara a Inglaterra, dignando-se passar algumas semanas na patria dos nevoeiros, do orgulho, e do carvão de pedra.

A rainha Victoria abria-lhe como a uma irmã as portas dos seus paços, e remettia avultadas sommas para França com o fim de obter por mais alguns dias a presença de Rachel na sua esplendida corte.

Um dia Rachel adoeceu levemente: d'ahi a algumas horas um velho chamado Lord Wellington, que ha poucos annos nos campos de Waterlo riscou das cartas geographicas o imperio de Napoleão, batia á porta de Rachel, e como um humilde cortesão de principes, ia cuidadoso indagar o estado de saude da rapariga franceza.

Rachel era simplesmente a primeira actriz da Europa, e a Inglaterra, Victoria, e Wellington só cumpriam com o que era devido á rainha da scena.

Esta historia exprime o pensamento da nossa epocha ácerca d'aristocracia.

A. H.

RTIGO 1.º Nobre é pessoa, que tem distincção politica procedente d'emprego, que confere nobreza, ou de alguma das Honras do Reino, *L. de 29 de Novembro de 1775. §. 3. A. de 16 de Março de 1757. L. de 3 de Janeiro de 1611. Regim. Nov. dos Dezemburg. do Paço. §. 118. Ord. l. 5. t. 92. pr.*

Art. 2. Os Empregos, que conferem nobreza, são:

§. 1. Os que por si só têem essa faculdade dada expressamente pela lei, *L. de 29 de Novembro de 1775. §. 3.*

§. 2. E os a que por lei ou estilo anda inherente mercê de alguma das Honras do Reino, *L. de 3 de Janeiro de 1611.*

Art. 3. Honras do Reino são vantagens na estimação creadas em o Reino, *D. de 10 de Junho de 1649.*

Art. 4. Debaixo da generica denominação de Honras do Reino comprehendem-se.

§. 1. O titulo de Principe, *C. de 27 de Outubro de 1645, A. de 9 de Janeiro de 1817. C. R. de 17 de Dezembro de 1734.*

§. 2. O titulo de Infante, *L. de 16 de Setembro de 1597.*

§. 3. A Grandeza, *L. de 29 de Janeiro de 1734.*

§. 4. Os Titulos, *Ord. l. 2 t. 45 §. 53. LL. de 16 de Setembro de 1597, e de 23 de Janeiro de 1739.*

§. 5. O titulo do Conselho, *Ord. l. 1. t. 1. §. 13.*

§. 6. O Senhorio de Terra, Regim. de d'ElRei, 11 *de Abril de* 1661.

§. 7. A Alcaidaria Mor de Castello Regim. de 11 *de Abril de* 1661.

§. 8. Os Foros de Filhamento, Regim. de 3 *de Junho de* 1572.

§. 9. A Fidalguia concedida por especial mercê regia, *Ord. l. 5 t. 92 §. 6.*

§. 10. A Fidalguia, *Ord. l. 5 t. 92 §. 6.*

§. 11. A Fidalguia de Linhagem, *Ord. l. 4 t. 104 §. 5.*

§. 12. A Cavallaria Confirmada, *Ord. l. 2. t. 60.*

§. 13. A Cavallaria de Linhagem, *Ord. l. 5. 138. pr.*

§. 14. O titulo d'Escudeiro dado por carta ou alvará regio, *Ord. l. 2. t. 45. §. 39.*

§. 15. A Escudeirice de Linhagem, *Ord. l. 1. t. 66. §. 42.*

§. 16. O Dom, *Ord. l. 5. t. 92. §. 7.*

§. 17. O Blazão d'Armas, *Ord. l. 5 t. 92. pr.*

§. 18. O Habito de Ordem Militar, *P. R. de 25 de Abril de 1641.*

§. 19. Os Tratamentos, *LL. de 16 de Setembro de 1597, e de 29 de Janeiro de 1739.*

§. 20. O titulo de Parente da Casa Real, *Regim. de 11 de Abril de 1661.*

§. 21. O titulo do Desembargo d'ElRei, *Ord. l. 2. t. 45. §. 4.*

§. 22. E os Gráos de Letras, *L. de 16 de Setembro de 1597.*

Art. 5. As Honras do Reino entrão em o numero dos bens denominados outr'ora da corôa, e hoje nacionaes, *Ord. l. 2. t. 26. §. 33.*

Art. 6. O fim de sua instituição é o nobilitar, *Ord. l. 5. t. 92. pr.*

Art. 7. Os Empregos, que só por si conferem nobreza, nobilitão:

§. 1. Ou somente a pessoa, que tem algum d'elles, como o de Negociante de grosso trato, *L. de 23 de Novembro de 1775. §. 3.*

§. 2. Ou não só a dita pessoa, senão tambem os seus filhos legitimos ou legitimados, como o de Sargento Mor ou Major de tropa de primeira linha, *A. de 16 de Março de 1757. e Regim. Nov. dos Dezemburg. do Paç. §. 118.*

Art. 8. As honras do Reino nobilitão:

§. 1. A pessoa, que tem alguma d'ellas, *Ord. l. 5. t. 92. pr.*

§. 2. Os filhos legitimos, ou legitimados, d'esta pessoa, *Regim. Nov. dos Dezemburg. do Paç. §. 118.*

§. 3.º E os netos legitimos ou legitimados, da dita pessoa, *A. de 24 de Janeiro de 1771. Regim. Nov. dos Dezemburg. do Paç. §. 118.* (a)

Art. 9. Os Empregos, que conferem nobreza, e as Honras do Reino, nobilitão as mulheres legitimas das pessoas referidas no paragrafo primeiro e segundo do artigo setimo, e no paragrafo primeiro, segundo, e terceiro do artigo oitavo, em quanto com ellas forem casadas, ou estiverem viuvas honestas, *Ord. l. 5. t. 120. pr.*

(a) O *Alvará de 24 de Janeiro de 1771,* dizendo, que, chegando as familias a alliarse com outras ja illustres, ainda que no seu principio fossem escuras, ficão gosando das mesmas *Honras*, declara que as Honras do Reino nobilitão os netos dos que as têem.

Art. 10. A qualidade de nobre adquire-se:

§. 1. Pela acquisição de qualquer dos ditos Empregos ou Honras, como se disse no paragrafo primeiro do artigo setimo, e no paragrafo primeiro do artigo oitavo.

§. 2. Pelo nascimento sendo legitimo, ou legitimado, com se expendeo no paragrafo segundo do artigo setimo, e no paragrafo segundo, e terceiro do artigo oitavo.

§. 3. E pela celebração de matrimonio legitimo com homem nobre, como se referio no artigo nono.

Art. 11. A qualidade de nobre perde-se.

§. 1. Pela falta do Emprego ou Honra do Reino, de que procedia a nobreza, que se tinha, *A. de 24 de Novembro de 1764, Ord. l. 5. t. 92. pr.*

§. 2. Pela imposição da pena d'infamia, *Ord. l. 5. t. 6. §. 13.*

§. 3. Pela perda da qualidade de nobre sofrida pela pessoa, de quem se houve por nascimento ou matrimonio, *Ord. l. 5. t. 6. §. 13.*

§. 4. Pela mudança d'estado de viuvez para o de casada, havendo-se adquirido pela celebração de matrimonio legitimo com homem nobre, *Ord. l. 5. t. 120. pr.*

§. 5. E pelo exercicio publico de fficio mechanico, *D. de 10 de Junho de 1649.*

(Communicado.)

COSTUMES PORTUGUEZES.

9 Sahiram as Estampas N.° 23 e 24 dos *Costumes Portuguezes*, as quaes representão. —— Um homem que vende pão na Cidade do Porto. —— Um Cego vendendo folhinhas pelas Provincias. —— Sahem duas estampas cada mez d'esta collecção, e com estes dois numeros se completa a deste anno, a qual se vende por 2$400 reis. Continuão-se a receber assignaturas para o futuro anno por 2$000 reis, e vender-se-ha avulso cada estampa por 120 reis, na loja de Bordallo, rua dos Capellistas N.° 20.

N. B. Estas estampas são lithographadas em papel velino, e ricamente coloridas.

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA.

10 Taboas de Botanica medica, e cirurgica, nas quaes se descrevem as plantas tanto indigenas como exoticas, as mais usadas na Medicina e Cirurgia, arranjadas segundo o Systema Sexual de *Linneo*, e o Methodo Natural de *Jussieu*, extrahidas das melhores obras de Botanica e materia medica, e compostas para uso dos Estudantes de Medicina, e Cirurgia, bem como dos Boticarios.

Do seu merecimento, e utilidade, será juiz o respeitavel publico, a quem seu A. as offerece como fructo de muitos annos de trabalho. —— Para tornar mais commoda a sua publicação serão distribuidos os dous tomos de que se compõe em 24 folhetos, cada um de 4 folhas de impressão, pouco mais ou menos, e ao preço de 120 reis cada folheto, pagos no acto da entrega: o 1.° numero será publicado no proximo mez de Janeiro, e todos os mais successivamente até o fim do mesmo anno.

N. B. As assignaturas deverão ser feitas ou remettidas á rua das Farinhas n.° 4, a S. Christovão, Lisboa.

A Memoria do Exm.° Sr. *Silvestre Pinheiro Ferreira* sobre a Administração da *Justiça Criminal*, traduzida do francez, publicou-se em o n.° 38 da Revista Litteraria com o erro de *tamar* em vez de *temor*, e como este erro venha inverter multissimo o sentido do auctor *sobre garantias individuaes*, inculcando uma doutrina indigna dos seus sentimentos e da sua penna, agora de novo se publica, corrigindo o dito erro, e produzindo o texto original francez relativo á dita passagem. Vende-se em Lisboa na loja da viuva de João Henriques, rua Augusta n.° 1, preço 60 reis.

O mundo em 1841, ou Breve noticia das principaes Nações da Europa — seus recursos — seus dinheiros em circulação — suas dividas nacionaes — annos precisos de suas rendas para amortizal'as — suas forças, e exercitos de mar e terra.

Obra muito interessante e curiosa, para todo aquelle que de um golpe de vista quizer saber o estado de qualquer Nação da Europa.

O DRAMATURGO.

Sahio o 1.° n.° do *Dramaturgo portuguez*, contendo — D. João 1.° — drama original, pelos Snrs. *Ornschy*, e *Silva Leal*. E' a sua primeira composição neste difficil ramo da litteratura, e tanto basta, se não sobeja, para contrabalançar algumas censuras que por ahi lhe temos ouvido fazer, e que, em geral, recahem sobre a pouca acção do drama; o que por ventura se poderá attribuir ao rigor historico, que seus auctores tanto tiveram a peito conservar. Quanto ao estilo, julgamol-o apropriado, e a linguagem, se não é exemplar, está pelo menos livre de gallicismos grosseiros.

NO PRÉLO.

Consta-nos que os sete Discursos recitados na sessão publica e solemne do Conservatorio Real da Arte Dramatica no dia 26 do preterito Dezembro, e de que em o nosso artigo 281 fizemos lembrança, vão sahir nitidamente impressos em um volume de oitavo grande.

Sabemos que o Snr. Francisco Antonio Martins Bastos, Director do Collegio de Nossa Senhora da Conceição, e no mesmo professor de lingua latina, bem conhecido pelas suas traducções e outras obras, tenciona publicar brevemente a Historia do progresso e decadencia da lingua latina, desde a sua origem até 1842, a qual deverá servir de continuação ao compendio historico da litteratura latina. Subscreve-se na Rua Augusta N.° 1.

TYP. DA VIUVA DE J. A. DA S. RODRIGUES.
Rua da Condeça n.° 19.

REVISTA UNIVERSAL.

N.° 2.

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, TRAVESSA DA VICTORIA N.° 29, ESQUINA DA RUA DOS DOURADORES POR 12 NUMEROS 480, POR 24.... 960, POR 52.... 1920 REIS.)

Quinta feira 13 de Janeiro de 1842.

A redacção da REVISTA UNIVERSAL acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Roga-se aos Senhores Assignantes de Lisboa que não entreguem quantia alguma aos distribuidores senão contra o competente recibo.

DIARIO METEOROLOGICO DESDE 1 ATE 11 DE JANEIRO DE 1842.

Dias do Mez.	Termom.° Exterior.		Barometro.		Pluvimetro.	Ventos dominantes esua força.	ESTADO DA ATMOSFERA.
	Minim.°	Max.°	9 h. m.	3 h. t.			
1	42°	53°	761,4	760,2		N. NE	Nevoeiro denso, e hum. de manh. — Claro e nuv. de tarde: muito frio e humido.
2	41	53	60,0	59,0		N. NE	Idem. Cl.° de tarde — Humido e frio.
3	41	55	61,5	61,0	1	B. V.	Coberto, chuvoso, e algum claro — Horisonte vaporoso e frio.
4	48	56	61,3	60,7	¼	N. NO	Idem e chuvisco, até ás 10 h. m. — Cl.° e nuveus.
5	48	54	60,0	60,0	1	NO	Idem até ás 9 h. m. — Cl.° e algumas nuvens e frio.
6	44	53	55,6	55,0	2¼	²O. ³NO	Chuva de aguaceiros muito frios, e clarões.
7	35	48	61,0	60,0		NE¹	Claro — Frio intenso e ar secco.
8	29	43	57,4	56,1		B. NE	Idem. Gelou durante a noute — Frio mui vivo.
9	26	43	59,5	59,0		B. NE	Idem idem da grossura de 1 pollegada — Frio vivissimo.
10	34	49	62,5	62,1		B. NE	Coberto, e claro.
11	30	45	63,5	61,7		B. NE	Gelo, geada densa e frio mui vivo — Cob.° de nuvens altas e transparentes. Sol muito fraco.

Em geral tem decorrido o mez frio e pouco chuvoso, sendo assáz extraordinario os intensos frios de 8, e principalmente o de 9, que fez descer o thermometro quasi 3 gráos de Reaumur abaixo do ponto da congelação, o que raras vezes acontece em Lisboa

Advirta-se que nas duas columnas das observações barometricas se omitte o algarismo 7 que representa as centenas de millimetros, pois que sendo constante, basta ser indicado nas duas primeiras observações.

ADVERTENCIA

A'cerca do Diario Meteorologico acima publicado.

As observações meteorologicas que tencionamos remetter semanalmente á Redacção da Revista Universal, são feitas no alto da Patriarchal Queimada, na elevação de 363 palmos sobre o nivel do Tejo. As temperaturas são indicadas por dois excellentes thermómetros, expostos ao norte, e ao ar livre, os quaes indicão, por meio de um cursor fluctuante, o maior frio, e calor do dia; o que

de ordinario tem logar meia hora antes do crepusculo da madrugada, e entre as 2 e 3 horas da tarde, conforme as estações: a escala da sua divisão é a de *Fahrenheit*, a qual divide em 180 gráos o espaço comprehendido entre os dois pontos constantes do frio que géla a agoa, e do calor que a faz ferver, marcando-se nesta escala o frio da congelação por 32 gráos, que corresponde ao zéro da escala de *Reaumur*; e por 212.º o calor da agoa fervendo, o qual, na divisão de *Reaumur*, corresponde a 80 gráos. A escala de *Fahrenheit*, adoptada pelos inglezes, offerece a vantagem de ter os gráos muito mais pequenos, pois que 2¼ equivalem a um de *Reaumur*, e por consequencia não é necessario indicar nas observações diarias as fracções do gráo, o que se não pode evitar usando da antiga escala de *Reaumur*, ou mesmo da moderna, *centigrada*, que divide o espaço entre os dois pontos constantes em 100 partes, ou gráos. Um excellente barómetro, de nivel constante, cuja escala é dividida em millimetros, da medida metrica franceza, é observado ás 9 horas da manhã, e 3 horas da tarde, indicando estas duas observações a maior e menor pressão, ou maré diaria, da atmosfera, que em Lisboa é assaz constante. Para facilitar a reducção da medida franceza á ingleza, convem notar que 30 pollegadas inglezas equivalem a 761,1 millimetros, e por consequencia uma pollegada equivale a 25,45 millimetros. Deve-se igualmente advertir que as alturas do barómetro transcriptas no Diario são as apparentes, e sem a correcção devida ás differentes temperaturas do mercurio do mesmo barometro; porém os resultados referidos no resumo mensal levão já essa correcção, e vão reduzidos á temperatura media annual do clima de Lisboa, que é de 61º Fahrenheit. Querendo reduzir as alterações indicadas no Diario ao nivel do Tejo, será necessario augmental'as com mais 7 millimetros, os quaes são devidos á altura de 363 palmos em que se acha o observatorio sobre o nivel do mar.

A' vista destas explicações é facil comprehender o mappa semanal que offerecemos, reflectindo que a 1.ª columna indica o dia do mez, a 2.ª e 3.ª as temperaturas extremas do dia; a 4.ª e 5.ª as alturas do barómetro ás horas indicadas; a 6.ª, com o titulo de Pluvimetro, mostra a altura que attingio a agua da chuva recolhida em um vaso metallico, e é avaliada em millimetros: um palmo portuguez contem 220 millimetros, e portanto um millimetro representa pouco mais de um terço de grossura de uma moeda de cobre de cinco réis de novo cunho. Um millimetro de altura de agoa fornece um pouco mais de tres canadas e meia por braça quadrada, e a enorme quantia de 75:000 pipas, de 25 almudes, por cada legua quadrada. A 7.ª columna mostra os ventos predominantes na manhã, e tarde, e os algarismos, ou expoentes, collocados no alto das letras iniciaes que se representão, indicão a sua força; a saber o numero 1, vento sensivel; n.º 2, vento forte; n.º 3, vento muito rijo; n.º 4 tempestade. A ultima columna indica o estado da atmosfera, e não carece explicação.

Devendo começar-se a publicação pelas observações deste mez de Janeiro, daremos uma idéa resumida das qualidades caracteristicas que o distinguem quando tem regular andamento, deduzidas das observações feitas no periodo de 18 annos.

O mez de Janeiro é em Portugal, assim como em todo o hemispherio boreal, o mais frio do anno. A sua temperatura media em Lisboa é de 49º F. (7.º ¼ R.); a das madrugadas 44.º (5 ¼ R), e a das horas meridianas, ou de maior calor, 55.º (10 ¼ R); sendo portanto a variação diurna de 11.º (5.º R). O maior frio, em um mez regular, não excede a 34.º (1.º R), pelo que não attinge o necessario para congular a agua, á excepção de casos extraordinarios, como aconteceo em 1820, em que houve quatro noites de gêlo, descendo o thermometro a 26.º (.º ¼ R. abaixo do gelo). No referido periodo de 18 annos aconteceu por oito vezes o phenomeno da congelação. E' tambem este mez o mais chuvoso do anno, fornecendo regularmente em 13 dias chuvosos, 91 millimetros de agua, que correspondem a 26 almudes por braça quadrada. A sua temperatura, ou calor medio, nesta cidade, é a mesma que em *Paris* no mez de Outubro, ou em *S. Petersburgo* no mez de Setembro. M. M. F.

PRESTIMO DO OURIÇO CACHEIRO.

INGLATERRA.

12 Curiosa a muitos respeitos é a historia natural do ouriço cacheiro; mas o que mais vem para assombros, é o não haver dar cabo d'elle com peçonhas, nem venenos: assim o affirmou Lenz em 1831, e ora acaba de o confirmar o professor Bukland. Já podeis presumir que uteis não serão os ouriços em uma quinta, ou fazenda, onde, impunemente, irão exterminando a praga dos reptís, e outras damninhas, e amaldiçoadas, creaturas. — Ti-

mha eu, diz o Lenz, um ouriço cacheiro em sua gaiola de páo; muitas vezes lhe metti em casa serpentes; investia com ellas, impavido, por invulneravel, como Achilles, e sem se lhe dar, pouco nem muito, de se ver por ellas enroscado; ora as tomava pela cauda, ora pela cabeça, ora pelo meio. Um dia o vi brigar com uma vibora: chegou-se a ella, cheirou-a, apanhou-a pela cabeça, e apertou-lh'a nos dentes, mas sem a esmagar; a assanhada da vibora aos silvos o accommette, esmordaça-o, e, sem lograr quebrantal-o, quebranta-se, e esmorece; o vencedor trincalhe a cabeça, come-lh'a, e após ella metade do corpo. Por muitas vezes, e perante muitas pessoas, o expuz a eguaes conflictos, e sempre o vi sair-se airoso: se acontecia ficar ferido com suas 6, 8, ou 10 mordeduras pelas orelhas e focinho, pouco se lhe dava, e promptamente guarecia: não inchava, não perdia o comer, não dava mostra alguma de empeçonhado, nem em si, nem tão pouco (era femea) nos filhinhos, que amamentava. Concorda esto caso com outro por Pallas referido, o qual escreve poder o ouriço comer o seu cento de cantharidas, e ficar mui fresco, sem se lhe notarem, nem por sombra, os effeitos que de tal droga se originão sempre nos homens, gatos, e cães.

Quiz ha pouco um medico allemão dissecar um ouriço: dá-lhe acido prussico para o matar; escusado: embute-lhe arsenico á mão tente; o mesmo: carrega-lhe com ópio, e sublimado corrosivo, já desenganadamente; e nem com tudo isto, e applicado por mão de medico, se resolve o brutinho a largar a saude, muito menos a vida. Por onde parece que se ha de acrescentar o rifão portuguez, que diz, — que se não matão ouriços ás punhadas; — pois que tambem com medico e botica se não matão.

Se o ouriço nas quintas come a fructa, é só quando lhe minguão animaes para mantimento; que o seu melhor prato forão sempre caracóes, rans, sapos, escaravelhos, ratos, cobras, lagartos, e outras que taes escorias da natureza: d'onde procede que os moradores das ribeiras do Tánais os crião, e trazem em suas casas, como nós outros aos gatos caçadores, para limpeza.

A este respeito fica pois fóra de duvida, que o ouriço cacheiro deve ser pelo lavrador procurado e favorecido como bom amigo, que no cazal e na fazenda lhe póde acudir por suas coisas.

Dos Hespanhoes se diz, que se valem d'elles para mantimento, e, guisados competentemente, os dão por iguaria mui saborosa; para isto lh'os não invejamos nós, como tambem lhes não cubiçamos as suas celebradas enguias de vallado, que um Ugolino portuguez não comeria no fundo da sua tôrre: mas para dar cabo destas mesmas enguias de vallado, a que nós chamamos simplesmente cobras, e livrar as hortas e pomares dos caracóes, e mil inimigos inexpugnaveis, recommendamos, ao menos como experiencia de nenhuma despeza, nem perigo, a criação do ouriço cacheiro.

X.

METHODO

De conservação dos cadaveres, e peças anathomicas, e das carnes de diversos animaes comestiveis.

FRANÇA — PORTUGAL.

13 DENTRE as modernas invenções que mais serviços hão prestado á sciencia, muito se extrema uma, que pela infallibilidade dos seus resultados, que um grande numero de observações comprovão, convida a fazer d'ella applicação, com a segurança que o cunho da experiencia costuma imprimir ás obras, que préviamente lhe hão sido submettidas. Essa invenção, por academias louvada e premiada, é nada menos do que preservar da putrefacção, por espaço de muitos mezes, não só peças d'anatomia normal, e pathologica, e de historia natural, mas até cadaveres inteiros, para uso dos anatomicos; e o que ainda é mais, embalsamar os cadaveres por um methodo com que, além de durarem por tempo infinito, ficão com a apparencia d'um somno tranquillo, reunindo esse methodo as circumstancias de ser pouco dispendioso, praticavel em presença das familias, rapido na applicação, e sem serem precisas mutilações, pois que a operação se reduz a um golpe d'uma pollegada d'extensão.

Gannal, pois tal é o nome do inventor, depois de numerosas tentativas com o intuito de resolver estes diversos problemas, já estudando o modo como chimicamente obravão differentes substancias, já aproveitando vagas indicações que certas artes lhe subministravão, notou que a carne muscular, perfeitamente isolada, seccava com facilidade; mas que misturada com a gelina, (*) experimentava

(*) Segundo o Snr. Gannal tem-se comprehendido debaixo do nome commum de *gelatina*, certas substancias animaes, que se hão considerado como identicas chimicamente, quando realmente o não são, a saber: 1.º a materia propria dos tecidos gelatinosos

em breve a fermentação putrida, em consequencia de ser essa gelina de todas as materias animaes a que, em igualdade de circumstancias, primeiro apodrece; além de que, entrando como parte constitutiva nos orgãos dos animaes, tanto mais promptamente se altera, quanto maior é a quantidade d'agua de sua composição: por este modo, de experiencia em experiencia, chegou a reduzir a questão ao seguinte problema — impedir a putrefacção da gelina — pois só assim se poderião dispor para a dissecação as outras partes animaes.

Entrou portanto Gannal a examinar differentes substancias que tivessem uma acção chimica immediata sobre as partes constitutivas das materias animaes, e que demais fossem faceis de haver por preço módico, e que o operador em manuseal'as não corresse risco. Depois de varias experiencias notou, que os saes só conservão as carnes quando são empregados a secco, ou em dissoluções mui concentradas, tornando-se porem indispensavel, que a sua affinidade seja mui grande, para que possão apoderar-se da agua que anda combinada com as materias animaes; factos estes de que deduzio, que os saes conservão as carnes, porque as desecção. Achou mais que os saes aluminosos são os que melhor conseguem aquelle fim, porque, demais a mais, a sua base (alumina) se combina com a gelina, formando um composto particular, deixando o acido livre; e d'estes saes dá a preferencia aos que são deliquescentes, pondo na cabeceira do rol o acetato de alumina, e o chloruretо d'aluminio, por serem d'entre os saes aluminosos os mais soluveis n'agua, e os mais ricos em alumina, que, pela sua combinação com a gelina, muito concorre para que a conservação se opere. O processo limita-se á injecção d'um sal aluminoso dissolvido n'agua, por uma das arterias carótidas, bastando para isso algumas canadas do liquido.

Vêem-se evidentemente as grandes vantagens que deste processo se hão de esperar para os estudos anatomicos, mórmente em certas estações do anno, e em *amphiteatros*, onde os cadaveres sejão em escaço numero, porque, além de poder aproveitar-se por muito tempo um cadaver, tira-se ao estudo da anatomia, em grande parte, o que elle tem de repugnante e insalubre; não devendo objectar-se com o augmento de despeza (que no caso de empregar-se o sulfato simples d'alumina não será mui grande), porque essa consideração é de pouco peso quando se trata de tornar os estudos anatomicos mais faceis e salubres, e até mais fructiferos, pois que além de cada cadaver poder servir a maior numero de estudantes, estes, trabalhando sem nojo, nem repugnancia, conservarão melhor o livre exercicio de suas faculdades.

Este methodo foi já experimentado no Hospital de S. José, pelo Snr. Clemente Bizarro, e com feliz exito; por consequencia podemos já argumentar tambem com a experiencia de nossa terra; o que junto aos attestados dos mais distinctos anatomicos de Paris, deve levar-nos a d'elle fazer uso mais amplo, mórmente na estação do calor, em que no nosso paiz os cadaveres se decompõem com muita facilidade, o que é um grande inconveniente; pois que n'esse prazo é que se fazem as lições mais delicadas d'anatomia, e se torna mister aos estudantes o prepararem-se para o exame final naquella disciplina, pelo que era indispensavel que os cadaveres durassem mais, e abundassem.

Aos que pertenderem saber as quantidades, e qualidades, dos ingredientes empregados no processo chamado Gannal, enviamol'os para o Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas, tomo 6.º, pag. 238, ou melhor, para a obra do mesmo Gannal, que tem por titulo = Histoire des embaumements, et de la préparation des pièces d'anatomie normale, etc.

O processo por este chimico empregado para embalsamar os cadaveres é ainda segredo, posto se declare que tem por base o emprego dos saes aluminosos, injectados por uma das carótidas.

Não pára aqui porém a actividade de Gannal, porquanto n'uma das sessões da Academia das Sciencias de Paris, do anno proximo findo, leu uma memoria, em que torna applicavel á conservação da carne dos animaes mortos para consumo, o uso de saes aluminosos como meio conservador. Propõe o substituir-se ao processo de Appert, em que as carnes são mettidas em vasilhas hermeticamente fechadas, para as livrar do contacto do ar, um meio que lhe é proprio, e consiste em injectar na carótida do animal, uma dissolução aquosa de chloruretо d'aluminio; kilogramma e meio deste sal, dissolvido em 9 a 11 canadas d'agua, é bastante para

---

ainda não decompostos; 2.º o producto que resulta da sua decomposição pela acção do calor e da agua; 3.º este mesmo producto secundario mas sêcco: á 1.ª, chama elle *gelina*, á 2.ª *geléa*, e reserva o nome de *gelatina* para a 3.ª, ou colla forte, qualquer que seja o seu gráo de pureza.

conservar um boi. Segundo este chimico, o chlorureto d'aluminio modifica a albumina, e a gelatina (gelina de Gannal), por tal fórma, que estas duas substancias perdem a susceptibilidade da fermentação putrida; a carne assim preparada, diz elle, não toma saibo particular, nem propriedade alguma que seja nociva. Gannal apresentou muitos quartos de carneiro conservados por este processo, ha mais de dois annos.

São de tal monta as vantagens que prevemos poderão seguir-se á adopção d'este alvitre, que o annunciamos com o maior alvoroço a nossos compatricios; e isto com tanta mais segurança, quanto é incontestavel a exactidão dos factos relativos á conservação dos cadaveres, pelo emprego do chlorureto d'aluminio, e bem assim a sisudez e probidade do Gannal.

A. J. de S.

EXTRAORDINARIA INDUSTRIA.

FRANÇA.

14 HA em França uma fabrica exclusivamente consagrada a aproveitar por todos os modos os animaes mortos, de qualquer especie que sejão.

São primeiro esquartejados; todas as partes gelatinosas servem para grude; as entranhas enterrão-se, e servem, depois de completamente decompostas, para adubio dos terrenos; o resto do animal é fervido por umas poucas de horas, afim de separar os ossos da carne: a gordura apanhada á superficie do liquido vende-se separadamente; as carnes cosidas vão para mantença de porcos, e de muita outra creação.

Dentro de um anno comprou este estabelecimento um milhão e quatrocentos mil ossos, pela insignificante quantia de um conto quatrocentos e quarenta mil réis, ganhos por um bando de mendigos que se occuparam em apanhal-os. Servem elles para differentes obras, e até, em ultima applicação, para carvão animal, vulgo pó de marfim queimado.

Aquella immensa quantidade de ossos produzio, depois de queimada, quatorze contos e quatrocentos mil réis de carvão animal, os quaes foram pela maior parte empregados em pagar a mão d'obra necessaria para quebrar os ossos, carbonisal-os e moêl-os. O numero dos animaes desmanchados por anno em aquella fabrica, anda por oitocentos, pagos, uns pelos outros, a treze tostões.

Tem tambem comprado sete a oito mil arrateis de materias corneas, cujo valor tem quintuplicado. Tem vendido tres mil libras de azeite, a oito vintens a libra, e mil e quinhentos arrateis de gordura, a quatro vintens o arratel. O sangue, a carne, e todos os mais despojos dos animaes, seccão-nos em fórnos, reduzem-nos depois a pó, e misturão-nos com terra, para fazer estrume negro (segundo lhe chamão), do qual se tem vendido cinco a sete mil hectolitros, a razão de oito tostões cada um.

Sessenta e oito operarios estão empregados neste estabelecimento, e ganha cada um quatorze vintens diarios.

Dar a corpos estruidos e perjudiciaes um valor que monta a trinta e dois contos de réis; espalhar esta quantia pela classe pobre e laboriosa; dar trabalho a oitenta operarios; enriquecer o reino, e dar á agricultura um fertilissimo estrume; taes são os resultados d'este estabelecimento, que muito é para desejar que por outras partes encontre imitadores.

F. A. M. P.

COLXÕES ECONOMICOS.

RUSSIA. SUECIA.

15 O alvitre de que vamos a fazer menção, parecerá por ventura ridiculo aos que têem a fortuna de dormir em fofos colxões de pennas, de lã, ou crina; fará surrir talvez aos que nunca, nem de longe, viram a face da miseria; mas poderá ser prestadio a alguem desgraçado, e tanto basta para que de boa mente o apresentemos.

Os colxões de que fallamos são de musgo, e muito usados na Suecia e na Russia, paizes tão frios que parece não ser possivel passar-se n'elles sem os colxões de lã ou pennas; todavia está provado que os de musgo são muito sadios, e até no sentir do corpo se assemelhão muito aos de lã.

Nos rochedos, nos campos, nas arvores, por quasi toda a parte emfim, se encontra com que enchel'os. O musgo mais comprido é o melhor: deve-se colher no verão quando está perfeitamente desenvolvido; sécca-se bem ao sol, sacodem-se-lhe todas as materias estranhas, e empréga-se depois como se fossem pedaços de lã. Quem isto escreve servio-se em todo o inverno de 1830 de um colxão de musgo, e deo-se tão bem com elle como se fosse de lã.

Na ilha da Madeira não falta quem nelles durma, e os prefira a quaesquer outros.

F. A. M. P.

RECEITA PARA A CONSERVAÇÃO DO CALÇADO.

INGLATERRA

16 Derretão-se juntas uma libra de cera, e meia de resina; aquéça-se depois o calçado, e applique-se-lhe, com um pincel, o mixto bem quente, tanto no cabedal como nas solas, o que lhes tapará os póros: para restituir o lustro perdido por esta operação, dissolva-se uma onça de cera em outra de óleo de therebentina juntando-se-lhe uma colher de pós de sapatos. Um ou dois dias depois de applicada a cera e resina no calçado, esfregue-se este com a dissolução de cera e therebentina, um pouco longe do fogo, e as botas ou sapatos ficarão impermeaveis, e lustrosos, e duradouros.

Para que as malquerenças dos mestres do officio, e o que d'ellas se poder seguir, não venhão recahir sobre innocentes, declaramos que o auctor da idéa é um inglez, o qual de mais a mais se gaba de que ha dez annos que só tem tido 3 pares de botas, e espera em deos, que ainda lhe hão de durar mais seis.

A. N. M. L.

METHODO PARA PRESERVAR OS LIVROS DA TRAÇA.

GUADELUPE.

(Veja-se o nosso artigo 193 do Tomo precedente.)

17 Apresentou ha pouco ao seu Governo um pharmaceutico francez do hospital de *Guadelupe* uma receita para obstar a que a traça arruine os livros: consiste em substituir, na encadernação, a massa do costume por outra composta dos seguintes ingredientes:

Farinha de trigo. . . . . . 500 unidades em pèso
Agua commum, quanta fôr necessaria.
Arsenito de potassa. . . . 4 ditas.
Deutochlorureto de mercurio. . . . . 4 ditas.
Strychnina . . . . ½ dita.

As tres ultimas substancias são reduzidas a pó, e deitadas na massa ou cóla, depois de feita e fria, mexendo bem com uma espátola de páo, e tendo ao mesmo tempo o cuidado de não respirar taes venenos. Encadernados os livros com esta massa, dá-se-lhes uma untura por fóra, com um pincel molhado na seguinte preparação:

Alkool, ou espirito de vinho 50 partes em pèso. Coloquintida pisada dissolvida no dito, 3 ditas.

A coloquintida deve estar por oito dias a macerar no alkool, que depois se filtra, e fica prompto.

Em Junho de 1838, na presença de uma Junta nomeada pela competente authoridade civil, compoz-se a referida massa, e encadernaram-se oito livros, os quaes se depositaram em uma bibliotheca, misturados com outros, muito furados, e cortados da traça. Em 1841 forão examinados e vio-se que estavão em perfeitissimo estado.

Recommendâmos esta receita nos directores das nossas bibliothecas publicas; recommendamol'a a quantos têem pequenas ou grandes livrarias; recommendamol'a emfim aos encadernadores, apezar de que isso lhes servirá talvez de pretexto para augmentar consideravelmente o preço, já excessivo, de suas encadernações.

O que sómente lamentamos é que tão efficaz preservativo possa tambem ser applicado a tantas e tantas obras, vergonha de quem as faz, vergonha de quem as lê, e para as quaes deveria haver, á falta de censura prévia, o recurso da traça.

A défaut du tonnerre un chevalier français.

F. A. M. P.

VENTOSAS METALLICAS.

FRANÇA. PORTUGAL.

18 Fazem-se actualmente, em Paris, ventosas de cobre, e de latão, que são mais leves que as de vidro.

Têem a vantagem de aquecer, e esfriar promptamente; e por esta ultima circumstancia, a contracção do ar contido n'ellas é mais rapida, e mais prompta a elevação da pelle no seu interior. Estas qualidades, juntas ao nenhum perigo de se quebrarem, devem fazêl-as preferir.

Convidamos pois os nossos artifices a fabricarem estes instrumentos, tão uteis, e tão usuaes, certos de que lhes não hão de perder o feitio.

N.

THEATRO DO TIMBRE.

LISBOA.

19 Acaba de representar-se em o theatro particular de Lisboa, denominado — *do Timbre* — uma das melhores operas de Donizetti; e que tantos applausos grangeára em S. Carlos — *Lucia de Lammermoor.* — Assistimos á representação, e cumpre-nos confessar que, se muito ajuizavamos de portuguezes, muito

mais ficámos ajuizando depois de façanha tão peregrina, que a todos maravilhára. A peça correu perfeitamente: por vezes julgámos ouvir *Regoli*, *Colleti*, e *Mathey*; havia porém uma differença, que muito nos lisongeava — a tróca daquelles nomes, em Torres, Figueiredo e Lima; todos portuguezes, e de portuguezes. Só faltava, para que o expectaculo fosse inteiramente nacional, que em vez de letra italiana se lhe houvera substituido a traducção portugueza, não menos digna, nem menos adequada ao canto; e ainda que alguem ha que julga o contrario, o seu julgar não passa de mero preconceito, que esperamos o mesmo theatro do Timbre ha de desvanecer. Sim; que já o Snr. Silva Leal Junior, e o Snr. Miró, se deram as mãos, para o levar a effeito; e então veremos se *pietá* italiana não vale tanto como *piedade* portugueza. Letra portugueza como a do immoral *Dominó preto*, não agrada, nem póde agradar; mas a culpa não é da lingua. — Continuando porém com *Lucia*, é dever nosso, o particularisarmos alguns trêchos de maior vulto, no aprimorado da execução — A cavatina de baixo no 1.º acto, pelo Sr. Figueiredo (*Asthon*) — A aria final de tenor, pelo Snr. Torres (*Edgardo*) — O dueto destes dois Snrs. no 3.º acto — O *rondó* da dama (a Snr.ª Lima) no 2.º acto — E o final do mesmo, executado por toda a companhia; onde é impossivel esquecer os chóros, que, se em toda a peça desbancaram os de S. Carlos, aqui sobre tudo os excederam na ultima nota que tão bem sustentaram. Não menos elogio pertence á orchestra, toda de curiosos portuguezes, e ao presidente da sociedade, o Snr. Justino Pinto, a cujo zelo incançavel se deve grande parte de tão bella e nacional representação, coroada pelo baile com que findou o divertimento, um dos mais lusidos que ha muito tempo presenciámos.

J. C. C.

GRANDEZA ACTUAL DE UMA NAÇÃO.

INGLATERRA.

20 O nascimento do duque de Cornouailles, diz por fanfarrice o *Liverpool Times*, será festejado com salvas de artilheria, na America, nas praias da bahia de Hudson, e sobre toda a linha do Canadá—em a Nova Brunswik, em a Nova Escocia, na Terra Nova, nas Bermudas, em cem pontos diversos —nas Indias occidentaes, nos bosques da Guiana, e na Ilha de Falkland—Na Europa, afóra as ilhas britannicas, em Gibraltar, em Malta, e nas ilhas Jonicas—Na Africa, na costa de Guiné, em Santa Helena, em a Ascenção, no Cabo de Boa Esperança, e na ilha Mauricia —Na Asia, da fortaleza de Adem, na Arabia, até Karrack no Golfo Persico — Por um exercito inglez no Afghanistan — em toda a cordilheira do Hymalaya—nas margens do Indo e do Ganges — na ilha de Ceilão — além do Ganges, no Arsam, e Harocan—nas ilhas do principe de Galles—nas costas da China em Honkong, e Chusan— finalmente nos quatro pontos cardeaes da Australia e Nova Zelandia.

E' na verdade esta uma scena grandiosa! Que força enfeixou, e que poder conserva reunidos, tantos sitios do mundo, ou tantos mundos, á sombra de uma só bandeira? E quanto tempo poderá subsistir este colosso, não inteiriço, mas composto de tão disparatados membros? E quaes hão de ser as causas que o precipitem, e o restituão aos elementos de que por força, e por arte, se foi compondo? que haverá de escrever a este respeito um futuro Montesquieu, philosopho politico e moralista? Que é feito dos monstruosos, e antigos, imperios orientaes? que é feito da universal potencia romana? que é feito do incomprehensivel senhorio portuguez? que será feito, em os destinos da humanidade continuando a revolver-se e a transformar-se, que será feito das pompas d'este artigo inglez, e quantos arrateis de polvora se queimarão pelo nascimento dos descendentes d'este hoje tão festejado duque de Cornouailles? Estes mesmos inglezes, a quem hoje podemos chamar o que aos seus chamava um poeta romano, *populum late regem*, erão os a que n'esse tempo disião, *penitus toto divisos orbe britannos*: e os britannos, affastados então de todo o orbe, por todo elle estão hoje dominando; e a Italia, que tão por cima do hombro os tratava, e por tão eterna se havia, é hoje em poderio comparada com elles . . . a Italia! . . *Sic transit gloria mundi*. São dictames de que as nações, bem como os individuos, se não devem esquecer nunca; porque se ha espelho do futuro, esse espelho é o passado.

X.

ESTATISTICA DO JORNALISMO EM DIFFERENTES PARTES DO MUNDO.

21 Um excellente jornal d'esta cidade, no seu prologo d'este anno, referindo-se ao mappa comparativo que em o nosso artigo 61 apresentáramos dos periodicos portuguezes, e castelhanos, diz, e com muita rasão, que muito seria para desejar que publicasse cada jornal com exactidão, qual é o numero dos exem-

plares, que tira, afim de por este modo se poder comparar precisamente a litteratura volante das differentes nações, e pela confrontação arithmetica das folhas com os habitantes de cada paiz se poder devidamente apreciar a sua civilisação, ou os esforços que para ella fazem. Não ha duvida que seria isso mui conveniente, posto que, para se tirarem com segurança, quaesquer resultados de estatistica intellectual, moral, industrial, politica, etc., ainda se carecesse de muitas outras, e mui difficeis, indagações, ácerca do contheudo de cada um d'esses papeis: mas infelizmente n'esta, como em quasi todas as outras estatisticas, não se póde senão olhar as coisas pela rama, em grosso, e a êsmo. O averiguar a tiragem de cada jornal é tão difficil, ou tão impossivel coisa, que até muitos editores haverá que ácerca dos seus, a não saibão bem ao certo, á conta das fraudes muito usuaes dos impressores. Contentemo-nos pois com o pouquissimo a que se póde chegar, que é saber pouco mais ou menos o numero dos jornaes, que sob differentes titulos se estampão entre cada povo. Para isso transcrevemos o que no *Pirata*, jornal de Milão, de 17 do preterito Dezembro, encontramos; posto que o não possamos dar por obra mui bem feita, e em muitas partes reconhecemos haver sido escripto com pouco escrupulo.

Começou em França o Jornalismo sob o reinado de Henrique 4.º, e o primeiro jornal foi o *Mercurio de França* que durou até 1789. Desde então foi crescendo o numero dos jornaes em modo que ao presente a França conta para cima de 780 jornaes, dos quaes 326 em Paris, e d'estes 27 quotidianos.

Em Inglaterra começou a haver em 1696, 9 jornaes. Em 1836 imprimiram-se em jornaes 36:766:096 folhas de papel. E depois da suppressão do sello cresceu o numero 64 por 100. O jornal mais antigo inglez é o *Chronicle*

Nos Estados-Unidos appareceu o primeiro jornal em 1704, e foi o *Boston News*. Consta que se tirão d'elle annualmente 100$000 exemplares. Ora os Estados-Unidos têem mais de 300 jornaes.

Na Allemanha começou o jornalismo pouco mais ou menos ao mesmo tempo que em França. A Austria em 1836 contava 76 jornaes, entre politicos, e litterarios: Vienna, tem 23, e entre elles o *Wiener-Zeitung*, que póde ter seus 7000 assignantes, começou em 1701. Os outros jornaes mais estimados em Vienna são, o jornal para a Historia e Estatistica, os Annaes do Instituto, e o jornal dietetico popular. A Hungria tem mais de 20 ornaes, e os principaes são 3; *Pesti-Hirlap* (gazeta de Pesth) *Gelenkes* (o tempo) *Hirnok* (o Correio) etc. Milão, segundo Balli, 29, Veneza 12, Trieste 5, Verona 5, todas as cidades provinciaes da Lombardia, umas por outras, e descontando os jornaes que morrem, pelos que nascem cada uma um. A Prussia em 1840 publicava 178. A Russia em 1839, 154. A Dinamarca 54, entre os quaes 30 mensaes. A Hollanda em 1836 80. A Belgica em 1840, 75, dos quaes 55 em francez. A Suissa 19, dos quaes dois terços protestantes.

Turim tem 11 jornaes; Genova 6; Nisa 1; Novara 2; Novi 1; Florença 7, entre os quaes tem o primeiro logar *la Guida dell' Educatore*; Pisa 3; Liorne 2; Siena 1; Modena 6; Parma 3; Placencia 2; Lucca 2; nos Estados Pontificios se imprimem 25 jornaes, dos quaes 14 em Bolonha; Lugano 5; 7 em Roma, que são, o Album, a Revista Theatral, o Tiberino, os Annaes das Sciencias religiosas, os de Archeologia, os de Medicina, e o jornal do Foro. Macerata 1; Fossembrone 1; Faenza 2.

O reino de Napoles 19, entre os quaes o Progresso, o Omnibus, o Poliorama, o Poligrafo, o jornal de medicina etc. *Il salvator Rosa*, e *l'Eco della religione* cessaram por meado 1841, mas n'esta cidade os jornaes nascem e morrem continuamente. Messina 4; Palermo 10; Catania 2.

Malta tem 11 jornaes, e são o *Portafoglio*, o *Mediterraneo*, o *Malta Chronicle*, o *Malta Times*, o *Lloyd Maltes*, o *Aristide*, o *Penny Magazine*, o *Filogemo*, o *Catholico*, e o *Filologo Maltêse*.

A Grecia tem 12, que pela maior parte são publicados em Athenas; o jornal oficial, e o *Corrier*, que se publica aos domingos, e quintas feiras. O primeiro jornal na Grecia foi *Les Chroniques Helleniques*, que julgo foi ideado por Lord Byron, e depois redigido pelo doutor Meyer, suisso. Smyrna tem 2, 1 francez, e 1 armenio. Constantinopla 3, um francez, de que era redactor o actual secretario do embaixador turco em Paris, 1 em arabe, e 1 em armenio. Na Valachia ha 3, na Moldavia 2.

A Hespanha em 1800 não tinha senão 2, e agora tem 14 (diz Zanelli auctor do artigo que vamos traduzindo, mas engana-se porque tem 52). Portugal 20 (no que tambem o auctor se engana, porque tem 36). Na Suecia ha 50; no Rio de Janeiro 8 (segundo o auctor, mas em realidade mais do dobro); Buenos Aires 8; Jamaica 9; Cabo de Boa Esperança 11; Argel 1 (segundo o auctor, mas dois conhecemos nós, e deverá haver mais).

em Gibraltar 1 (segundo o auctor, mas em verdade 4, ou 5); Calcuta 26.

Nenhum paiz tem mais jornaes que Malta em relação á população, aonde ha quasi um jornal por cada 10:000 habitantes: em Turquia um jornal por tres milhões d'elles: em França um jornal por 13000 hbbitantes; na Romania um por 100:000, etc.

P. S. R.

BOCAGE E O SEU LATIM.

N. B. Por falta de espaço não podêmos publicar em o nosso precedente numero as duas seguintes cartas. A Redacção.

CARTA.

Lisboa 3 de Janeiro de 1842. Sr. Redactor. Lançára eu no prólogo da minha versão de Ovidio estas palavras, fallando do seu incomparavel traductor, Bocage,... » este sim; que era digno de traduzir Ovi» dio. O seu e meu amigo, morgado de As» sentís, me tem affirmado que Bocage não » sabia o latim; que por conveniencias das » frazes patentes, rastreava, e desencantava » o sentido do auctor. Ha mais galhardo ta» lento, e perigrino adivinhar! O mais de seu » o tinha elle, e com que abundancia! Es» tilo terso e nobre, linguagem pura, e cla» ra, dicção concisa, e ornada, versificação » diliciosa como nenhuma, nem antes, nem » depois d'elle; ainda entre nós appareceo: » tencionára, segundo podemos conjecturar, » naturalisar portuguez ao poeta romano, » por tantos respeitos seu parente, e amigo: » alguns passos deo n'esta diligencia, ¡e ain» da mal que forão tão poucos! e se lhe hou» véra chegado a vida, ou na que teve, lhe » não houverão sobrado trabalhos, preguiça, » desconcêrtos, miseria, e desamparo, parti» cularmente de homens allumiados, nenhu» ma duvida ha, que as Metamorphoses ro» manas, já ha muito tempo, se poderão dizer » nossas. As fabulas, que traduzio, não era » possivel, a quem quer que fosse, dar-nol-as, » nem mais fieis, nem mais elegantes. Tomei» me pausadamente o pulso a mim mesmo, » e, reconhecendo que, para o igualar, me » fallecião, innegavelmente, as forças; as» sentei em tomar d'elle quanto era feito, e » dando um documento, não duvidoso, de » sincera humildade, encorporal-o na minha » obra; assim o fiz!.... Todo este periodo, Sr. Redactor, é a mais completa, livre, e sincera vassalagem, que a Bocage podia jámais ser tributada. Nada cerceei de quanto bem havia para dizer a seu respeito; e se alguma coisa d'esta vez dissimulei, eu, que nos defeitos de meus pobres escriptos não costumo perdoar, foi o que em sua fama, famaliás inferior a seu merecimento, podia pôr alguma nodoa, lançar alguma sombra de menoscabo; por que em fim um grande homem é tambem um homem. Houve entretanto quem nas minhas palavras encontrasse injustiça contra Bocage, ao qual ninguem, que eu saiba, a não ser elle proprio, tributou nunca maior admiração do que eu.

Em um artigo estampado no *Correio Porguez* de 29 do passado Dezembro, e reimpresso ao outro dia no *Diario do Governo*, se lêem estas palavras: — »Pessoas com quem tratámos por largo tempo intimamente, e que, » quasi todas, já de entre nós desappareceram » frequentes vezes nos repetiram: — » que lhes » era da maior admiração o como Bocage, » de mocidade tão estragada, achava tempo » que lhe proporcionasse entranhar-se tanto » ao fundo no conhecimento das linguas latina, franceza, e italiana, e com especiali» dade da latina, que, de menos facil accesso, » era por ventura a que Bocage possuia cu» balmente. » Este testemunho, em que nos » estribamos, é de pessoas a quem Bocage » deveu não só amisade singular, mas tam» bem favor constante, e de sobre modo va» lioso; faz-nos por tanto força irresistivel. »

— Temos pois em bem claros termos assentada uma questão de historia litteraria: mas entre quem? não certamente, pelo menos até agora, entre mim e o auctor d'este artigo, mas entre o nosso insigne latinista, litterato, poeta, amigo intimo, e admirador summo de Bocage, o Sr. Morgado de Assentis, que vivo está, e não renéga seu dicto, e outros, tambem amigos do poeta, que ao auctor do artigo fizeram encontrado depoimento. Tanto estes como o seu antagonista me parecem, neste caso, igualmente respeitaveis; elles, porque se persuadem, ainda que sem razão, que, o denegar-se a seu amigo Bocage a sciencia do latim, é destruir-lhe uma parte do seu credito; e o Sr. Morgado, porque entende, que o traduzir a Ovidio como Bocage o fez, sem ser mui cabal latinista, e supprindo o saber com o instincto do engenho, e do gosto, vem a ser gloria muito mais subida, e talvez unica. Elles pois que entre si averiguem essa questão, se val a pena, e lhes agrada fazel-o; e a final saberemos quem melhores documentos possue para a acabar. Por parte do Sr. Morgado de Assentis estou cu certo, que não recusará uma disputa, que, pois que é toda entre partidarios do seu

grande poeta, e ácerca delle, para qualquer parte que se resolva, por nenhum modo lhe ficará sendo deshonrosa.

Entretanto, Sr. Redactor, não pertendo eu declinar totalmente de mim esta questão: e posto que nada até áqui me obrigasse a entrar n'ella, pois que nem pró, nem contra, affirmei, nem disse coisa alguma no meu prologo; e por outra parte, já, ha alguns annos, imprimi, onde quer que fosse, que Bocage era em latim primoroso sabedor; devo, e quero dizer, n'esta materia a minha opinião actual, que é a mesma do Sr. Morgado, assentando-a em fundamentos, que me parecem mui seguros. Mas para isto oiçamos primeiro a contraria, que é tambem a do auctor do supracitado artigo, e seja pelos seus proprios termos: — » affigura-se-nos impossivel, diz elle, que » não sendo assim, nem Bocage, nem nin» guem que seja, podesse traduzir do latim, o que, e como, elle traduziu. — »

E' esta uma controversia quasi escholar; não lhe descabem os termos da eschola velha, e assim digo, que, *a priori* e *a posteriori* me parece, senão provado, ao menos provavel e probabilissimo, que realmente Bocage não sabia o Latim. Mas, para bem proceder, segundo os dialeticos, definamos primeiro: o latim, de que o Sr. Morgado e eu fallamos, não é o das classes, o dos exames, e approvações dos collegios, dos seminarios, ou da universidade; em summa, não é o latim das théses, das orações de sapiencia, de alguns jurisconsultos em *folio*, ou do Padre Almeno; é a latinidade dos Heinsius, e Pereiras de Figueiredo, dos Faciolatis e Ribeiros dos Santos. E' esta uma sciencia, e tal, que muitas vezes ouvi a meu mestre, o Sr. José Peixoto do Valle, latinista insigne, e professor, havia trinta annos, dizer, fallando de si — é o latim vasto como d'aqui á India, e eu com tanto andar por elle, ainda da porta d'esta sala não saí. — Esta lingua, esta sciencia, este latim, que tanta e tão constante aplicação requer, é que eu me persuado, que Bocage não podia possuir, e de feito não possuia.

Todos nós conhecemos, como se com elle houveramos convivido, o talento sempre em actividade de producção, a indole sempre saltitante, vagabunda, e indomita, de Bocage, e o como sua curta e mallograda existencia foi constantemente baldão das paixões, do infortunio, dos odios, das invejas, e até da fama: ¿ onde logo, e como, e com quem, e por que livros, estudou o latim? ¿ e porque, e para que, se o vate Elmano, segundo as turbas, e segundo elle mesmo, era já per si o maior homem do universo? Como era possivel que se arrostasse com o estudo de annos, quem nunca ao estudo de horas se poude resignar? Bocage, digamol'o desenganadamente, sem mêdo de prejudicar, nem levemente, a sua fama, Bocage era tanto mais assombroso poeta, quanto era, em todas as sciencias, artes, e disciplinas de o que mais quiserem, ignorante e ignorantissimo. Os documentos estão nas suas obras, onde, afóra o que a natureza póde dar como graça original, nada mais é possivel encontrar-se. Direi mais: a propria pureza, com que escreveu o portuguez, tão livre de francezias, como privado das riquezas e galas dos nossos mestres, isso mesmo póde ser de sua ignorancia um novo testemunho; pois nos descobre que nem jámais conversou os nossos classicos, nem tratou tantos livros estrangeiros, que n'elles se lhe podesse a frase contaminar.

Passemos ás provas posteriores ou de facto. Os que tiverem paciencia e ocio para confrontar bem de espaço as ovidianas traducções de Bocage, impressas em seus volumes com esses mesmos trêchos d'ahi trasladados para a minha versão completa; e em todos os versos, em que eu ousei de lhe fazer mudança, o compararem com o original, encontrarão não uma, senão muitas falhas de intelligencia do seu texto; não preciso de apontal-as, nem o devo, por não trasbordar por fóra de todas as margens esta carta. E' um exame que qualquer póde fazer per si mesmo, e que eu confesso não havia ainda devidamente miudeado, quando em outro tempo escrevia, que Bocage era da lingua latina primoroso sabedor.

Como porém póde ser, que, sem saber ampla e profundamente o latim, o nosso poeta nos expressasse quasi sempre com a mais minuciosa fidelidade os pensamentos, os conceitos, os affectos do mais fecundo, do mais engenhoso, do mais multiforme poeta dos romanos? Por conveniencias das frazes patentes, como mui bem diz o Sr. Morgado de Assentis, rastreava, e desencantava o sentido do auctor. Tão perfeita harmonia, tão absoluta germanidade havia a natureza posto nos entendimentos, e corações, d'aquelles dois maximos poetas, que por meia palavra se podião um ao outro entender. Bocage nascido na Corte de Augusto, e estudando, houvéra cantado como Ovidio: Ovidio, creado em Portugal, e vivendo em nossos dias, haveria poetado como Bocage: o cabedal intimo dos dois era o mesmo; as differenças, que apresentão, são a dos tempos, a dos lugares, as das circumstancias exteriores, e tambem um pouco a dos estudos,

dê que Bocage fugiu, o a que Ovidio se deu copiosamente. Esta explicação poderá ainda ficar sendo um enigma para muita gente; mas o auctor do artigo, com quem aqui tenho tido a honra de disputar, m'entenderá, pois que é litterato e poeta, e em poesia e na lingua, e em todas as coisas da antiguidade romana tão versado, que, se por ventura me não engana a sua linguagem toda portugueza, o seu estilo de cultor assiduo de bons estudos, e o visivel empenho, com que procura por via de seus louvores esforçar-me a proseguir na espinhosa carreira, que encetei, de traductor, não é outro senão o eloquente, e ainda não conhecido, interprete de Cornelio Tacito. Se porém acontecer que estas considerações o não convenção, e, dignando-se descer novamente ao campo, m'as destrua, do ser vencido por tal, e tamanho, adversario, tirarei eu com que facilmente me console.

Agora, Sr. Redactor, se depois de uma controversia sisuda com um litterato póde caber um pouco de ridiculo debique, rogo-lhe o obsequio de mandar imprimir textualmente, sem a mais leve mudança de orthographia, pontuação, e accentos, a inclusa carta do Sr. F. M. L. du Bocage, que eu não conheço nem provavelmente Vm.; ignoro se ha ahi um Bocage, que tal podesse escrever: sei de parentes do nosso grande poeta, mas todos elles têem entendimento, e mais que o necessario para conhecer, e confessar, que depois de sua morte ainda ninguem, que eu saiba, lhe deu mais irrefragavel testemunho, do que eu, de verdadeiro apreço de não fanatica admiração. Se é pseudonima a carta, elles que me perdoem a sua publicação; se é verdadeira, V. que lhe responda por mim, se souber: no caso de ter essa pachorra, queira para com elle desculpar-me da minha apparente desobediencia ás suas ordens, por eu lh'a não mandar publicar no *Diario do Governo*, porque nem eu nem elle podemos determinar coisa alguma ao *Diario do Governo*; nem a sua carta é parte official, cuido eu; nem certamente o redactor d'aquella folha, que é homem de muitas e mui boas letras, consentiria por caso algum, em que tal nas suas columnas se emplasmasse, e igual recusação se encontraria em qualquer outro redactor: assim, se não fôra a mui condescendente bondade de V., privado ficára para sempre o mundo litterato de tão incomparavel exemplar de decencia, de juizo, de erudição, de gosto, de grammatica, de orthographia, de pontuação etc.. Por derradeiro, Sr. Redactor, rogo-lhe me explique, se pode, a que vem os versos que do grande Bocage se transcrevem n'esta carta do seu parente. Confesso que a este respeito ando muito sollicito, e quasi finado de pavor, porque me parece ver alli uma ameaça mui formal de me arrancar os olhos, por eu ter dito que Elmano adivinhou Ovidio: se assim é, temos no mundo uma dialectica de nova especie, e em que o Han d'Islandia seria mais valente argumentador que trinta Aristoteles todos juntos: neste novo systema, que julgo ser o do meu amavel correspondente, cedo-lhe eu a palma antes do combate, e procurarei muito livrar-me de medir as minhas razões com as suas unhas.

Antonio Feliciano de Castilho.

Ill.mo Sr. Dr. Antonio Feliciánno de Castilho Calçada do Duque n.º 58 em Lisboa.

Vi a sua interessánte obra das metamorfóses de Ovidio, n'ella achei a melhor traducção possivel, digna do illestrádo patriotismo dé V. S.a, e das luzes, que tánto o carácterisa. Más depárei nélla o dizér V. S.a, que =Bocáge não sabia Látim= é fálso; porque em Setubál existio em 1776 o Professór Regio D. João de Médina, á quem Bocáge foise doutrinádo; é Bocáge sabia tánto Latim até que tráduzio o Canto de Páz de Trípoli de José Fráncisco Cardozo, Professór Régio de Grammática Latina na Bahia; Bocáge sabia Latim, até que no Tomo 3.º nas suas Obras a tráducção do L.º 13 das metamorfóses de Ovidio. »

Involat et digitos in perfida lumina condit
Expoliatque genus oculis (facit ira potentem)
Immergit manus: foe dita que sanguine sontis
Non lumen, neque enim super est, loca luminis haurit —

Tráducção de Bocáge

Arremétte ão perjúrio, ao feméntido
Pelos olhos cruéis lhe entérra os dédos,
Dá-lhe forças a raiva, e lhos arránca
As mãos ténta embebér pelas feridas,
E do perdido sanguë enxovalháda
Lacera mais e mais não céva a furia
Nos olhos (que os não ha) más onde os houve.

Paréce-me tér respondido aos insultósas, e recriminántes ideias ditas por V. S.a contra Bocáge meu parénte; esperándo que V. S.a dê uma satisfacção no Diário do Gôverno: no cazo contrário eu publicárei está carta, que lhe escrévo, áfim de desmascarár a invéja contra Bocágé, feita no Seculo XIX, das chamádas Luzes Superficiáes dos nossos dias!!!!!!!!

Em quánto não recéntes vãos amigos
Inuteis corações, voluvel turba
A' vérsos mais atténta que á suspiros
No Léthes mergulhou memorias minhas.
Séo Fr.

F. M. L. du Bocáge.

S C
31
18—41
12

Está conforme com o original.
A Redação.

23 BIBLIOGRAPHIA MODERNA FRANCEZA.

Sistema do universo, ou estudos sobre a astronomia, por M. Mutel.

Atlas dos phenomenos celestes, com o desenho dos movimentos apparentes dos planetas, por C. Dien.

Annaes agricolas, ou miscellanea de agricultura, economia rural, e legislação agricola, por C. Niviére.

Instrucção pratica sobre a cultura dos bosques nas terras argilosas do meio dia, por A. J. M. de S. Felix.

Elementos de comptabilidade rural, theorica e pratica, por Amand Maló, obra coroada pela sociedade Real e central de Agricultura do Sena em a sessão publica de 16 de Abril de 1841.

Manual agricola e domestico dos termos que se applicão ás cousas usuaes, por M. Poumaréde.

Observações sobre as sociedades de agricultura,

Sobre a feliz influencia que de exercer a agricultura na sociedade moderna, e meios proprios para assegural-o, por A. P. Lafite.

Historia natural dos passaros, dos reptis, e dos peixes, por J. J. Bourasse.

Tratado completo de anatomia dos animaes domesticos, por Rigot, professor d'anatomia e physiologia na eschola real veterinaria de Alfort.

Esboço de uma theoria sobre a luz.

Investigações sobre as causas physicas das nossas sensações, e erros dos physicos sobre o som e a luz, por C. D. Daurio.

Chimica organica applicada á physiologia vegetal e á agricultura, seguida de um Ensaio de toxicologia, traducção de Liebig, por Carlos Gerhard.

Resumo elementar de chymica, por Julio Garnier.

Novas investigações physiologicas sobre a vida, por Deschamps.

Arte de conservar e restabelecer a saude, ou preceitos de hygiene da eschola de Salerno. Traducção nova, com o texto defronte, e notas criticas; por Demommerol.

Atlas de anatomia descriptiva do corpo humano, por M. M. Bonamy e M. Emilio Beau.

Considerações geraes sobre a regeneração das partes molles do corpo humano, por G. Kuhnholtz.

Lições sobre as funcções do sistema nervoso, por Magendie.

Investigações medico-legaes e therapeuticas sobre o envenenamento por meio do acido arsenioso, precedidas de uma historia d'arsenico metallico, etc. por Orfila, e redigidas pelo Dr. Beaufort.

Estudos analyticos sobre os doidos tratados no asylo de S. João de Deos, junto a Lyão, por J. B. Cartier.

Lições theoricas e praticas sobre a causa, séde, natureza, mechanismo, e tratamento da gaguez, por Coralia Vernet, e seu pai Claudio Vernet.

Tratado do magnetismo animal, considerado por parte da hygiene, da medecina legal, e da therapeutica, por Lafont-Gouzi.

Tratado elementar sobre as machinas de vapor, com varios artigos de M. F. Arago.

Historia das linguas romanas e da sua litteratura desde a sua origem até o seculo XIV, por Bruce Whyte.

Historia da conquista da Lombardia por Carlos Magno, e das causas que transformaram, na Italia alta, o dominio francez em germanico, em o tempo de Othon, por T. de Partouneaux.

Séphora, ou Roma e Jerusalem, episodio da historia dos Judeos, por Adriano Lemercier.

Historia litteraria da França, pelos religiosos benedictinos de S. Mauro.

Historia da Virgem de Orleans, por J. J. E. Roy.

Historia dos Suissos, por Augusto Savagner.

Historia de Maria Stuart, rainha de Escocia; por M. de Marles.

Resumo de todas as viagens ao polo do Norte desde os Irmãos Zeni até Trehouard, por H. Lebrun.

Viagem á India nos annos 1828 a 1832 por Victor Jachemont.

Viagem dos Irmãos Lander á Africa.

Viagem do Marechal duque de Ragusa á Hungria, Transylvania, Russia meridional, Criméa, margens do mar de Azof, Constantinopla e varios pontos da Asia Menor, Palestina, e Egypto. 4 vol. em 8.°

Viagens e aventuras de Lapeyrouse, por F. Valentim. 2.ª edição.

Revoluções dos povos do Norte, por J. M. Chopin.

Sobre a politica e commercio dos povos da antiguidade, por Heeren, professor de historia na universidade de Goettingue; traducção do allemão por M. W. Suckau.

AVISO.

24 socio da Sociedade Escholastico-Philomatica que tem regido o curso de Physica applicado ás artes e officios, annuncia, que a ultima prelecção será no dia 8 do proximo mez de Fevereiro; e que a parte relativa á industria moderna não será desenvolvida, nem talvez tratada, porque este objecto hade mais tarde, e com mais meditação, ser desenvolvido, da maneira mais util, e simples, que a Sociedade entender.

Os dias das Prelecções de Physica applicada ás artes e officios, são todas as terças feiras até 8 de Fevereiro inclusivamente—a hora, das 7 ás 8 da noite—o local, Salla das sessões da Sociedade Escholastico—Philomatica, Rua de Santa Martha n.° 23.

ERRATA.

A pag. 8, 2.ª col. lin. 22 *casadas* lêa-se *casada*, erro tres vezes emendado nas provas.

TYP. DA VIUVA DE J. A. DA S. RODRIGUES.

Rua da Condeça n.° 19.

REVISTA UNIVERSAL.

N.° 3.

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, TRAVESSA DA VICTORIA N.º 29, ESQUINA DA RUA DOS DOURADORES POR 12 NUMEROS 480, POR 24.... 960, POR 52.... 1920 REIS.

Quinta feira 20 de Janeiro de 1842.

A redacção da REVISTA UNIVERSAL acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Roga-se aos Senhores Assignantes de Lisboa que não entreguem quantia alguma aos distribuidores senão contra o competente recibo.

DIARIO METEOROLOGICO DESDE 12 ATE 18 DE JANEIRO DE 1842.

Dias do Mez.	Termom.º Exterior.		Barometro.		Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	ESTADO DA ATMOSPHERA.
	Minm.º	Max.º	9 h. m.	3 h. t.			
12	32º	52º	761,0	758,9		NE. SO	Gelou de noite. — Cl.º e nuvens — Cob.º de tarde: muito frio de manh. e muito de t.
13	48	58	54,2	57,2	11	³O. ¹NO	Chuva abundante de manh. — Claro e algumas nuvens: tepido e muito humido.
14	48	57	56,2	60,0	15	⁴SO. O⁴	Chuva continua: tempestade, e tufões: extremamente humido.
15	50	55	57,4	59,4		⁴NO. N²	Tempestade na madrugada — Cob. e claro — Claro limpo: frio e muito seco.
16	44	56	64,4	65,1		O. ²NO	Cob.º e nevoeiro no horis. — Cl.º, frio, e vent.
17	39	53	70,3	69,0		²N	Claro, frio e muito seco.
18	43	53	67,0	63,5		²N	Id. Id.

Observações. Os frios rigorosos e insolitos que dominárão na 3.ª quadra do presente mez, terminárão na tarde de 12, passando o vento ao SO; seguindo-se dois dias chuvosos com forte tempestade e tufões de vento de travessia, de que resultárão algumas avarias no Tejo, e nos campos, principalmente em Cintra, aonde fizerão grande estrago nos edificios, e arvoredos.

M. M. F.

IMITAÇÃO DO VINHO DE MALAGA.

25 MUITOS meios ha de dar aos vinhos ordinarios certa apparencia por meio de tempêros, que os assêmelha aos de melhor qualidade, e de grande preço. Alguns destes meios estamos nós tão longe de os aconselhar, que antes, se podéramos, os fariamos esquecer, ou ignorar; pois que ha ahi confeições nocivas, e ingredientes muito ruins para a saude. Outros porém são innocentissimos; e porque sem prejuizo, nem risco, nos dão gosto e recreio ao paladar, havemos, que em os ensinarmos

não póde caber escrupulo; pois estamos seguros, que nunca a imitação será tanto ao vivo, que com ella possa alguem armar dólo em os contractos de venda cavilosa. O modo de confeiçoar um bom vinho, que arremede o de Malaga, é tomar uma porção de vinho branco ordinario, mas puro e são, e dissolver-lhe dentro assucar mascavado na razão de duas onças por canada: na mesma proporção se lhe deitão duas colheres d'agua ardente de vinte dous graus, e uma colher d'agua d'alcatrão. Sendo tudo bem misturado, se deve coar o vinho por panno muito tapado, ou por papel pardo; e depois se engarrafa com cuidado. Passados oito dias se póde usar d'este excellente vinho; nem faça duvida a pequena quantidade d'agua d'alcatrão, que, com ser ainda muito maior, não faria damno algum ao estomago; porque apenas leva um pequeno cheiro comsigo, que entra em combinação com o vinho, e não póde ser nocivo.

F. M. P. S. N.

PANNOS NOVOS FEITOS DE PANNOS VELHOS.

Chemillé.

26 O titulo d'este artigo bem claramente está mostrando que, se o seu contheudo não fôr uma fabula, deve ser assumpto de grande e geral interesse; mas não é uma fabula.

Quasi todas as materias que o homem emprega em seus diversos usos, têem, além do seu prestimo principal, outros prestimos secundarios. Os animaes, e vegetaes, de que nos nutrimos, primeiro fecundaram, e aformosearam a terra, á qual, depois de decompostos, vão restituir novas forças productivas; as madeiras que, transformadas em casas, nos abrigam, ou nos transportam rapidamente pelos caminhos de terra, e mar, primeiro foram galla, e saude, nos campos, e montes, depois ministram o fogo ás nossas precisões e regalos, depois ainda, com suas cinzas, lá voltam a enriquecer a mãe commum.

O linho, e algodão, depois de nos haverem amaciado o leito, e defendido as carnes contra os calores, e frios, das oppostas estações, lá se transformão em esplendidas laminas, destinadas a immortalisar o pensamento humano, e a sabedoria das edades. Só a lã, d'entre todas as materias proveitosas, parecia condemnada a não sobreviver a si mesma. Despida da ovelha, logo que a suavidade da primavera lh'a tornou superfluo, e convertida pela industria em vestidos preciosos para o homem, a lã passa do serviço dos ricos, e do lustre das assembléas, a perecer desprezadamente sobre o corpo dos domesticos, dos indigentes, dos mendigos, e ahi termina a sua curta odyssea; mas — e a que não chega a industria dos nossos dias! — hoje a lã, ainda depois de gasta, e dilacerada do uso dos vestidos, póde resuscitar—e resuscita—não sob um nome diverso, não para outros, e mais humildes empregos, mas para continuar, como d'antes, a cobrir, e ataviar o homem.

Chamamos toda a attenção dos nossos fabricantes de lãs, entre os quaes muitos ha poderosos, instruidos, e emprehendedores, para a seguinte noticia que do *Memorial Encyclopedico* de Novembro passado, trasladamos: Bernier foi deste methodo o industrioso inventor. Em Chemillé (Departamento do Maine-et-Loire) estabeleceo a primeira fabrica, aonde assim se começou a dar uma nova vida, um novo brilhor, um prestimo interminavel, á lãa. Os farrapos, que, de gastados, já não podem ser de uso nem para o mendigo mais lazarento; os trapos desprezados por todos, e condemnados á podridão, alli entrão como preciosa materia, e de toda a valia, para este novo genero de industria; depois de limpos tornão a ser macerados, desfiados, e inteiramente desfeitos por meio de engenhosas machinas; e reduzida toda a casta de lanificio a uma materia igual, fica disposta e apparelhada para qualquer obra, e passa a ser cardada, e fiáda, segundo o para que a destinão, resuscitando por esta fórma em nova vida, muitas vezes mais luzida, e brilhante, que a anterior, em que já era reputada consumida e morta. De tão util e nova industria correo logo fama, como era natural aonde qualquer, ainda de pouco valor, não morre ao desamparo; senão que é animada, para que cresça, e se desenvolva. Não tardou a Sociedade Industrial d'Angers em mandar alli uma junta, ou *commissão*, dos seus membros mais entendidos, e experimentados na materia: tudo foi miudamente examinado: correram rodas, trabalharam machinas, jogaram engenhos, desfiaram-se trapos, cardaram-se frócos, fiou-se a lã, urdiram-se e tramaram-se têas; e sem levantar mão do trabalho, tudo passava a um tempo com a maior velocidade e harmonia. Trinta e dois obreiros, pela maior parte rapazes, erão bastantes (tal era a ajuda das machinas!) para darem aviamento a tão aturado, e variado trabalhar. Passou depois a commissão a examinar os diversos productos desde a lã cardada até ao mais fino tecido; pannos de

differentes qualidades, cazemiras, baetilhas, e outras drogas de muito uzo; e quanto ahi havia mereceo grandes gabos, já pela perfeição, e qualidade, da fazenda; já pelo modico preço por que se ella vende; sendo por isso incalculavel o beneficio, que por tal industria vai principalmente nos pobres, que, do que já nem para elles tinha serventia, se podem novamente enroupar, e vestir com decencia, e louçania, com pouca despeza.

Conclue o relatorio da commissão sollicitando da Sociedade Industrial toda a protecção possivel a favor de Bernier, e dando todos os merecidos louvores a uma tal industria, que na verdade é digna do paiz aonde nasceo, e merece ser imitada em qualquer outro, aonde sua fama possa chegar. E pois que assim o entendemos, e muito o desejamos, não choraremos como perdido o tempo, que em taes assumptos despendemos.

F. M. P. S. N.

FELTRO OU PANNO NÃO TECIDO.

FRANÇA. PORTUGAL.

27 BEMAVENTURADO tem de ser o paiz, aonde a industria necessita envergar armas para se defender da crua guerra, com que a perseguem! Infeliz, e mil vezes infeliz, é o povo, de cuja simpleza se abusa a toda a hora, para o encantarem nas tristes illusões de sonhada ventura, de progressos phantasticos, e do falso luzir de loucas esperanças; em quanto seus verdadeiros interesses são menoscabados, sua creação represada pelo obstaculo das opiniões encontradas, suas vantagens reaes, seus unicos progressos, combattidos deslealmente! Uma sorte avessa, uma triste mofina, estão malfadando este paiz, e este povo, e o trazem de continuo fascinado, e com palavras tão feiticeiras, e de tão máo quebranto, que esse desgraçado povo fica cego, e aleijado: não ha verdade, que não padeça estudadas e acintosas duvidas; não ha industria que o mova, nem artes que o chamem ao trabalho: questionam-se como duvidosos os meios mais provados, mais evidentes, e os unicos da publica prosperidade; escogitam-se pretextos, embora sejam leves; publicam-se considerações inconsideradas; forjam-se semrasões para maldizer os mais avantajados productos da industria, que deveram ser abençoados, e protegidos. Desgraçado paiz (não cançaremos de repetil-o) aonde não ha encontrar a piedade civil, a religião social, para assim o dizermos, que levante altares á divindade conservadora, á industria, ao trabalho, e ás artes; nem se ouvem prégadores zelosos d'esta missão santa, justa, e que devêra reunir em um só corpo, em uma fé, em uma constante vontade, todos os individuos de qualquer classe, e de qualquer opinião politica! Um tal paiz será sempre dividido; as commodidades, o bem estar, os interesses são sentimentos particulares, e individuaes, desvairados em seus estimulos, oppostos em seus fins, e sempre repugnantes e encontrados em seus caminhos: deste sentir particular, deste querer cada qual para si só, deste trabalhar pelo sordido lucro d'um dia e d'um individuo, deste maldito interesse sem nexo, e sem relação, nem um apice se sacrifica ao mais evidente bem publico, ao melhoramento commum da sociedade; e bem ao revez, em logar de sacrificios se lhe fazem affrontas, dizem-lhe blasfemias, e lanção-lhe maldições.

Será difficil — e, apertando mais o nosso dizer, affirmamos, que será impossivel — encontrar alguma outra prova mais clara deste nosso máo fado, desta desventura, de que nos vamos lamentando, do que nos ditos, e (o que é ainda dobrada vergonha nossa) nos escriptos, que por ahi vão, contra os novos pannos fabricados de feltro, e que principiam a ser imitados por artifices portuguezes, segundo nos consta. E' este invento por toda a parte aonde tem chegado sua noticia, muito louvado, e encarecido por todas as fórmas: chegou a ser imitado em Portugal, e por ventura com tal estrêa, que já dava mostras da perfeição, a que deveria chegar; logo houve quem tomasse á sua conta levantar clamores para deprimir o seu merecimento; e tão céga, e obstinada guerra se lhe moveu, e com taes armas, que não haverá por ahi mendigo coberto de miseria, e trespassado de frio, que queira trocar os podres farrapos, que traja, por um luzido vestido de panno tão empestado, que somente vel'o impede a transpiração, e produz lepra mortal, e outras enfermidades mui perigosas; e tudo isto sobre ser elle, por sua qualidade, de nenhuma duração, e de tão falsa apparencia, que a mais leve humidade o disfaz. E' por certo uma grande recommendação, que não só affastará o Governo de toda a idéa de protecção a este novo producto da industria, senão que fará condemnar ao fogo, e a inteira destruição, as fabricas, e officinas, aonde tamanha peste se fabrica. E' isto o que se diz, e o que se escreve em Portugal, contra esta qualidade de pannos. Vejâmos agora o que dizem, e como pensam, os homens mais entendidos d'outros paizes, e particularmente da França, aonde, segundo noticias temos, não são mui-

to inferiores aos nossos os conhecimentos physicos, chymicos, artisticos, económicos, medicos, cirurgicos, e hygienicos, para que assim possa reinar illusão tão damnosa á vida, á saude, ás artes, e á fazenda. Não é pouco authorisado o jornal francez (o *Tempo*) donde vamos extrahir uma pequena parte (mas que vem ao pedir por bocca para o nosso caso), e que só chamamos pequena em relação ao artigo dedicado aos louvores deste descobrimento tão admiravel, e util.

Quando apparece um novo invento (diz o Tempo) capaz de produzir uma grande mudança no exercicio das artes industriaes, não deve maravilhar-nos o vel'o julgado por diversas, e encontradas fórmas, segundo o favor, e desvantagens, que nelle se antolham aos julgadores.... D'aqui nasce uma injusta guerra, que empece o desenvolvimento, e muitas vezes malogra ainda em flôr um precioso, e grandissimo descobrimento, que devêra ser animado. Porém se nelle ha uma utilidade tão evidente, que nem a lingua mais blasfemadora ousa maldizel'a; se os melhoramentos, e vantagens, que traz comsigo á industria, entram á viva força pelos olhos d'aquelles mesmos, que se dóem de seus interesses perdidos por essa via, e que levam grande pena em tal propagação; então não ha obstaculo possivel, que se opponha a esse feliz descobrimento, e sua adopção tem de ser facil, rapida, e geral. Eisaqui o que tem acontecido ao novo methodo de fabricar lanificios de feltro sem necessidade de fiar, e tecer a lã... Ainda antes que um jornal demonstrasse por meio de raciocinios, e calculos evidentes, as grandissimas vantagens deste methodo, e a perfeição de tal fabrico, eram já coisas tão conhecidas, e tão a olhos vistos, que nenhuns havia tão cegos, e tão serrados, aonde não penetrasse a luz de tamanha evidencia; nem espiritos tão perdidos pela opinião antecipada, que se atrevessem a negala... De toda a parte acudiu um sem numero de julgadores competentes; os sabios mais distinctos, os artifices mais experimentados, os economistas de maior nome, os fabricantes de pannos de toda a França; e posto que grande parte viria mordida da emulação, nem um só houve, que depois de ver a grande fabrica de Suresne, não ficasse encantado do novo prodigio de industria, e convencido das suas extraordinarias vantagens. As machinas alli empregadas são d'uma simplicidade admiravel; o numero dos operarios diminue na rasão de quinze por quarenta; o tempo necessario para obter uma quantidade igual de productos é cento e oitenta vezes menor do que o absolutamente empregado pela antiga maneira de fabricar a fio, e teia; o capital sufficientissimo para o maneio, e despezas desta fabrica, é vinte vezes menor... Um tão prodigioso invento seria hoje geralmente substituido em toda a França ás antigas fabricas, se delle não houvesse alcançado um privilegio exclusivo a Sociedade Geral deste paiz; não que d'elle queira fazer monopolio, e por sua conta fornecer de todos os necessarios productos a esta nação, como nós julgamos; mas para regrar as concessões particulares, que hão de ser feitas aos fabricantes. — Nem mais uma palavra ajuntariamos ao que nos diz um tal papel, e de tão illustrada Nação, se não entendêramos, que deveriamos terminar este longo artigo pedindo venia da prolixidade, que nelle houvemos, mórmente aos leitores, que se agastam com taes artigos; declarando-lhes, que se faltassemos com este fraco auxilio á industria do nosso paiz em tal aperto, em que a estamos vendo combatida, nós mesmos nos julgariamos criminosos, e nossos remorsos nos fariam calar para sempre, desamparando de corridos o honroso posto, que não souberamos defender, e no qual nem d'atalaia, e sobrerolda poderiamos permanecer de futuro. Foi nossa consciencia, e o apreço que fazemos de nosso dever, quem nos deo, e augmentou os animos; e se nelles ha calor demasiado, é devido á materia, que de demazias cria zelo, e amor.

F. M. P. S. N.

MODO DE ZINCAR O FERRO, E SUA UTILIDADE.

FRANÇA. INGLATERRA.

28 Os physicos e chymicos da Inglaterra, e da França, trabalham á porfia na maneira de preservar os metaes, especialmente o ferro, da oxidação, ou ferrugem; e para o conseguirem, lembrando-se do que viram nas pilhas galvanicas mergulhadas, têem tratado de pôr sempre dois metaes differentes em contacto, afim de separar por este meio os dois principios, em que se decompõe a electricidade, pois julgam que, separados elles, não será possivel a combinnação do oxygenio da agua, ou do ar, com os metaes, e se evitará por conseguinte a oxidação. *Sorel*, *Davy*, e os seus partidarios, têem sido os mais perseverantes seguidores desta doutrina, por elles chamada *galvanisação dos metaes*, a qual, posto que nem sempre tenha apresentado resultados completamente satisfactorios, tem dado todavia grandes passos no caminho dos melhoramen-

convicção no animo de quantos o escutassem, embora incrédulos. Diremos em que as suas experiencias consistem.

Depois de adormecer um somnambulo, tapa-lhe os olhos com uma faxa de tafetá inglez; põe-lhe barro por cima, desde as faces até os sobrolhos; por cima d'este barro applica outra faxa de fazenda preta, a que dá muitas voltas, e cobre-a com segunda camada de barro. Pois, apezar de tantas, e tão pueris precauções, o somnambulo vê, e dá conta de quanto se lhe apresenta.

Este é o facto que presenciámos, e a que não faremos commentarios; só diremos que entrámos incrédulos, e sahimos convencidos.

Não demos pois como impossivel o que não sabemos explicar; não chamemos absurdo ou pelotica, o que talvez tem de mudar um dia a face da medecina, e revelar-nos altos misterios. »

Quanto a nós, posto que filhos d'este seculo, o mais inventivo de todos, e o mais resplandecente de continuas e inesperadas estranhezas, confessamos que, talvez por isso mesmo, não podemos deixar de nos rir da conversão da *Revista scientifica e industrial*. Este *Mesmerismo* é o Antheo da physica animal; quantas vezes o Hercules do espirito analytico tem dado com elle em terra, tantas tem resurgido com forças novas para o combate. O crescimento das sciencias e artes lhe depara, de tempos a tempos, novos meios para embabir; e o embahir será sempre, como sempre foi, uma industria lucrativa, e, como tal, praticada até por homens superiores. Quaes são os meios por que o somnambulo dá noticia das cousas, de que está separado por uma parede de barro? Ignoramol'os, bem como ignoramos os meios por que um cão faz, perante uma platéa, contas de sommar, e diminuir; o que porem sabemos é que o poder fazer d'um cão um arithmetico, bem que difficil, e talvez impossivel coisa, não é todavia tão impossivel, e absurdo, como o pertender que uma coisa seja e não seja ao mesmo tempo; pois tanto vale o dizer-se que a luz, condição essencial para a visão, passa atravez de certo corpo, sem por elle poder passar. F. A. M. P.

ANALISE E COMPOSIÇÃO DO AR.

Curiosissimas Experiencias.

PARIS.

32 Dumas e *Bussingault*, Socios da Academia das Sciencias de Paris, fizeram ha pouco numerosas experiencias sobre a analyse do ar. Era com effeito de summo interesse examinar minuciosamente a densidade do oxygenio e do azote; provar que não contém essencialmente o ar senão estes dois gazes, e demonstrar que a sua composição, d'elle, é constante e uniforme. Tanto mais necessario se tornava estabelecer bem esta verdade, quanto alguns chimicos dos mais respeitaveis, entre os quaes *Thompson*, são de opinião que o ar é um composto chymico, em que o oxygenio está para o azote na proporção de 1 para 4. Por outro lado suppõem geralmente os physicos que a composição da atmosphera varia segundo a altura; era pois a analyse do ar da maior importancia para os progressos da sciencia, e foi esse um dos ultimos desejos de Laplace, que legou á Academia a solução do problema. *Dumas* e *Bussingault* empregaram nesta nova analyse methodos independentes dos antigos, cujos resultados houverão provavelmente sido os mesmos. Nada ha mais simples do que o theor que seguiram. Consistio elle em pesar o oxygenio e o azote, o que se obtém fazendo com que o ar passe por tubos em que perde a humidade, e o acido carbonico, e em que o oxygenio é absorvido por cobre oxidado por uma elevadissima temperatura; e introduzindo depois o azote só em um globo de vidro, onde se pesa, com menos de um millesimo de erro, na exactissima balança de *Fortin*.

Estas experiencias, feitas em ponto grande, e infinitas vezes repetidas, confirmaram sempre a seus auctores na opinião que havião formado, sobre a composição do ar, visto que as differenças dadas pelas diversas experiencias se comprehenderam sempre dentro dos limites dos erros a que taes observações devião de estar sujeitas. O seu definitivo resultado foi averiguar-se que o ar normal se compõe de 23 partes de oxygenio em peso, e 77 de azote, por cada 100 partes de ar.

Não pararam aqui *Dumas e Bussingault*. Julgaram que tambem convinha determinar de novo a densidade d'esses gazes, e depois de havel'o verificado, ficaram convencidos de que não podia adoptar-se a indicada por *Dulong*. A densidade do ar, achada por aquelles celebres physicos foi de 1,1056, o que muito se aproxima da de 1,1057 determinada por *Saussure*, em quanto a de *Thompson* é de 1,111. Procuraram tambem a densidade do azote e acharam-na de 972; *Berzelius* e *Dulong* elevam-na a 976, e *Arago* a 970. Segundo os resultados obtidos por *Dumas* e *Bussingault*, 80 partes de ar, em volume, compõem-se de 20,8 de oxygenio, e 79,2 de azote.

Tomou-se o ar analysado em um dos mais formosos dias do mez de Abril, no jardim botanico de Paris, e muito importava provar se a composição delle variava muito, como bastantes chymicos pensavão, em consequencia das chuvas, dos ventos, dos gelos, da influencia da respiração dos animaes e da vegetação das plantas, etc. Para esse fim repetiram-se as mesmas experiencias com ar tomado em um dia chuvoso do mez de maio; e achou-se que a quantidade de oxygenio não varia um millessimo, em consequencia da chuva.

O mesmo acontece pelo que toca a altura, e que já *Gay Lussac* havia determinado na sua célebre ascenção aerostatica a 50.0 metros de altura, e *Bussingault* em as numerosas experiencias que fez nos pontos mais elevados da América. *Dalton* havia não obstante emittido uma opinião contraria, isto é, que o ar, nas altas regiões da atmosphera, contém menos oxygenio; mas as analyses feitas por *Brune*, professor em Berne, de ar tomado por elle mesmo a 1950 metros de altura do nivel do mar, na montanha Faulhorne, demonstraram que o ar, n'aquelles sitios elevados, contém 23,010 de oxygenio em cada 100 partes de peso, resultado quasi igual ao que obtiveram *Dumas* e *Bussingault*, os quaes dão por provado, que é imperceptivel a differença de oxygenio nas diversas alturas.

Para em tudo serem emfim curiosas as experiencias d'estes distinctos naturalistas, examinaram tambem se poderião reconhecer-se as variações por que ha podido passar o ar atmospherico, desde as mais remotas épocas. As antigas experiencias não podião servir para provar a permanente composição do ar, mas determinou-se com bastante exactidão, haverá quatro annos, o peso de um litro delle, o que anda por tres quartilhos, e comparando-o com o actual, vê-se claramente que, se variou neste extenso periodo, tal variação foi pelo meno insensivel.

J. G. S. V.

PROFUNDIDADE DO OCEANO.

33 Tão util é conhecer a summa alteza das montanhas, como a infima profundidade do Oceano. Entendemos que physicos e geólogos lerão com prazer a noticia de duas bellissimas operações, ha pouco executadas pela fragata franceza *Venus*; uma nas immediações do Cabo de Horn, e outra junto á Linha, no Mar Pacifico.

No dia 5 de Abril, por 57° de latitude septentrional, e 85° 7' de longitude occidental de Paris, a 185 legoas maritimas a O. do Cabo de Horn, e 140 da mais proxima terra, com formosissimo tempo, e calmaria pôdre, se principiou, ás 9 horas da manhã, a lançar ao mar um cabo com o prumo ordinario das sondas, e um *Thermometrógrafo* de *Bunlen*, dentro de um estojo cilindrico de latão, de trinta e tres millimetros de diametro interior, e quinze millimetros e meio de grossura. A's 9 horas e 53 minutos da manhã tinham-se lançado cousa de duas mil e quinhentas braças de cabo. Reduzindo-as á linha vertical, calculando uma inclinação media de 15°, determinada pela parte do cabo que sobresahia ás aguas, e supondo este em uma direcção rectilinea averiguou-se haver o prumo descido 2411 braças. Quando chegou á superficie da agua, depois de executada a operação por sessenta marinheiros, o que levou passante de 2 horas, reconheceu-se que não havia chegado ao fundo; tem por consequencia o mar, n'aquella paragem, mais de 2411 braças de profundidade.

Fez-se com o mesmo escrupulo, e em circumstancias igualmente favoraveis, a segunda operação, a 27 de Junho, em o Mar Pacifico, pelos 4° 32' de latitude austral, e 136° 56' de longitude occidental, a 220 leguas maritimas ao Sul das Ilhas *Bunker*, e deu quasi o mesmo resultado.

Tudo nos authorisa pois a acreditar que se o mar seccasse, se encontrariam por lá immensas cavernas, e sumidos valles, tão inferiores á superficie geral dos continentes, quanta é a altura dos mais alterosos cims dos Alpes.

F. P. C.

ESTATISTICA DA ESPECIE HUMANA.

Notavel desproporção entre a materia de que é formada, e sua potencia intellectual.

34 Habituados desde a infancia a admirar o poder espantoso da nossa especie, a qual, espalhada sobre a vasta superficie do globo, della se apossou, fazendo-a servir em seu proveito, e quasi mudando a sua face, devemos suppor que a totalidade de semelhantes entes deve ser formada de uma avultada porção das moleculas materiaes de que se compõe essa mesma superficie; ou, em outros termos, que a massa que constitue a raça humana deve ser de algum vulto sobre a superficie do nosso planeta.

Os singelos calculos que se seguem prova-

tos sobre tal assumpto, ainda hoje controverso, e que reputamos de summa utilidade para as artes. Contentar-nos-hemos por emquanto com apresentar a applicação desta theoria a um processo, cuja efficacia, e utilidade, são já pela experiencia demonstradas; fallamos no contacto, ou união, entre o ferro e o zinco, cobrindo aquelle com este, como ha muito se costuma praticar com o estanho.

1.º — Limpa-se o ferro com muito cuidado, mergulhando-o para este effeito em acidos diluidos, ou aguas aciduladas. Cem partes, em peso, d'agua, e 9, d'acido sulfurico (oleo de vitriolo, a 66º do pesa-acidos) é uma boa preparação para limpar o ferro. O tempo que este deve estar no liquido, varia entre 12 e 24 horas, conforme a quantidade que tiver de ferrugem; deve-se-lhe tirar a mais insignificante porção.

2.º — Lava-se depois, e passa-se rapidamente por um banho d'acido hydrochlorico a 15º; e põe-se em uma estufa até seccar completamente.

3.º — Mergulham-se depois as peças de ferro que se querem zincar, dentro do zinco derretido; tendo primeiro cuidado de cobril'o no logar em que se vai fazer a immersão, com sal ammoniaco moido, e de polvilhar tambem com o mesmo sal as peças de ferro que se vão mergulhar.

O tempo que deve durar a immersão varia na rasão da grossura das peças de ferro. As folhas delgadas devem passar pelo banho com rapidez; os objectos grossos precisam de alguns minutos: em geral, é necessario deixal'os mergulhados em quanto produzirem vapor.

4.º — Esfregam-se os objectos arrefecidos em uma mistura de serradura e arêa, afim de os limpar da camada d'oxido de zinco, que se formou pela acção do oxygenio do ár, á saida do banho, com a ajuda do calor. Antigamente tirava-se este oxido, por meio de uma immersão dentro d'agua fria, logo que o objecto saia quente do zinco; mas esta têmpera fazia o ferro muito aspero, e susceptivel de quebrar-se, e oxigenava-se o zinco á custa do oxygenio da agua.

Tal é o processo para zincar o ferro. A vantagem que resulta desta operação é preserval-o contra a ferrugem, ou elle esteja em contacto com a agua, ou com o ár, e isto pelo espaço de muitos mezes; o que se comprovou por experiencias ultimamente feitas por varios chimicos dos mais acreditados.

F. A. M. P.

Nota. Não hesitámos em inventar a palavra *zincar*, por não haver nenhuma portugueza que exprima a idéa que pertendemos denotar. Se ao effeito produzido pela applicação do ouro ou prata sobre outro metal se dá o nome de dourado, ou prateado, pareceu-nos que, por analogia, se devia dar o de *zincado* á applicação do zinco sobre outro metal.

VERNIZ PARA FERRO.

FRANÇA

29 A côr natural do ferro, ainda do mais brunido, é sempre escura, e de pouca duração: muitas das peças que deste metal se fazem, perdem logo com o uso toda a graça, e se tornão desagradaveis á vista. Ha um meio de lhes dar certo verniz, muito barato, e de boa apparencia.

Limpa-se muito bem a peça, que se quer envernizar, e por fórma que fique enxuta. Está sobre um fogo de carvão, que não seja nem activo, nem demasiadamente lento, uma folha, ou chapa de ferro, sobre a qual se lança uma pequena quantidade de sal ammoniaco; tanto que principia a evaporação, levanta o sal grandes rolos de fumo claro: neste fumo está o verniz; para obtel'o, expõe-se a elle a peça, que tem de ser envernizada, e se vai virando para todos os lados, até que fique toda coberta de côr branca: aqui é necessario que haja todo o cuidado, em que esta côr appareça por igual, e que lhe não bulão ao menos por dois dias: passado este tempo, já a primeira côr está mudada em um castanho claro; toma-se então um panno encerado, e com elle se vai correndo a superficie envernizada; logo se faz o mesmo com um panno de lã secco, e até se póde brunir por algum outro meio, comtanto que não vá arêa, ou coisa, que possa raspar, e riscar. Um grande proveito vem d'este facilimo verniz, álem da graça, com que fica o ferro; porque emquanto dura a côr, que não é por poucos annos, não haja medo, que ahi entre ferrugem: pelo menos assim o affirmão os que o têem experimentado.

F. M. P. S. N.

PRECIOSIDADE

PARA INNUMERAVEIS PESSOAS.

Myotomia applicada ao tratamento da myopia (vista curta).

30 A TENETOMIA, e myotomia, como todos os descobrimentos uteis, encarniçadamente combattidas á nascença, chegou-lhes por seu

turno a epocha do enthusiasmo, e até do fanatismo; alternativas por que de ordinario costumão passar todas as idéas novas, que por suas brilhantes applicações dão na vista dos entendedores da materia. Assim, é raro o Jornal de Medicina moderno em cujas paginas se não encontrem factos demonstrativos das vantagens d'aquelles methodos operatorios; de modo que bem poucas são hoje as deformidades dependentes da retracção muscular convulsiva, em que não se hajão experimentado as novas operações, e por ellas conseguido magnificos resultados.

D'entre os numerosos defeitos do orgão da visão, não podia deixar de chamar a attenção um que, pela sua frequencia, e desvantagem que traz aos que o padecem, merecia a contemplação dos homens da arte, e tanto mais, quanto era um achaque, cujo tratamento se limitava a alguns cuidados hygienicos, e ao uso permanente de óculos de differentes grãos.

Ha tempo que Bonnet, de Lyão de França, se desvéla no tratamento d'esta enfermidade, havendo-lhe sido suggeridas as idéas a este respeito pela proposição de *Phillips, de cortar o musculo grande obliquo para curar a myopia*, e pela observação feita por elle, e por todos os que têem operado grande numero de estrabismos, a saber — *que a myopia, quando acompanha o desvio do olho, sara pelo córte dos musculos retrahidos.*

Depois de muitas experiencias praticadas em cadaveres, e em coelhos albinos, afim de verificar varios pontos da physiologia da visão, convenceu-se de que a myopia era um resultado da compressão exercida sobre o olho pelos musculos obliquos, e que para se fazer cessar, seria bastante cortar estes em qualquer ponto da sua extensão, preferindo comtudo para dár o córte, a inserção do musculo pequeno obliquo, porque além de póder ser dividida com facilidade pelo methodo subcutaneo, reune a circumstancia de não ser cingida por nervo ou arteria. Para operar a secção do musculo, dá-se uma picada no meio da palpebra inferior; atravez da picada introduz-se um tenótomo rombo, cuja extremidade se dirige para traz e para dentro, tendo a precaução de lhe fazer seguir a parede inferior da orbita; depois de haver chegado a 3 centimetros de profundidade dirige-se para diante, até que se perceba por debaixo da pelle; então necessariamente têm apanhado a inserção do musculo pequeno obliquo, que facilmente córta, mórmente se houver o cuidado de dirigir-lhe o gume para baixo, e por diante do osso maxillar superior.

Este processo, que primeiramente foi experimentado em grande numero de cadaveres, acaba de pratical'o Bonnet em alguns doentes, que em breve ficaram livres de tão incommoda molestia. Um d'elles, estudante de medicina, e com 22 annos de idade, era myope desde os 14 annos; fez-lhe Bonnet o córte dos dois musculos pequenos obliquos, e o resultado foi o que se segue: immediatamente depois da operação, o doente, que até ali só podia lêr a 15 centimetros de distancia, já lia á distancia de 27, e no dia seguinte á de 40 centimetros; antes de operar-se, não podia conhecer as pessoas sem pôr oculos (trazia-os habitualmente de n.º 6, e podia lêr com os de n.º 2); d'ahi a dois dias já as reconhecia sem elles, a mais de 20 metros; e podia lêr, a 7 ou 8 passos de distancia, letras de 5 centimetros de altura, quando d'antes as não distinguia, senão á distancia de 2 ou 3 passos.

Conclue por fim Bonnet, que a operação nunca é perjudicial, e deve aproveitar em todas as myopias não complicadas, mórmente naquellas que resultão da applicação da vista dos objectos mais pequenos muito proximos.

E nós concluiremos tambem exprimindo o desejo, de que tão simples e innocente operação seja tentada entre nós, onde infelizmente não faltão enfermos deste genero, e é de crer que esses trabalhos serão coroados dos mesmos felizes resultados que acompanharam as operações de estrabismo já em Portugal praticadas pelos Snrs. João Pedro Barral, e Francisco Martins Pulido.

Geny, e *Julio Guerin*, têem tambem empregado a myotomia para curar a myopia; mas emvez de cortarem os musculos pequenos obliquos, como faz Bonnet, cortão os musculos rectos internos e externos.

A. J. de S.

EXPERIENCIAS

De Frapart sobre o magnetismo animal.

PARIS.

31 A *Revista scientifica e industrial* traz o seguinte.

« Em os ultimos mezes do anno passado, continuava o célebre *Frapart* a demonstrar perante numerosos expectadores, em Paris, que os somnambulos vêem até atravez dos corpos opacos! *Frapart* é um dos mais exaltados apostolos do magnetismo; sustenta o sistema de Mesmer; e jurou que infundiria

rão o contrario, demonstrando que toda a raça humana que habita o globo é um atomo, comparada com o volume de qualquer pequeno espaço dessa mesma superficie, em que ella impéra; e se por uma parte esta indagação abate o nosso orgulho, por outra eleva nossa alma a sublimes considerações sobre o maravilhoso poder do author da natureza, a quem, com um atomo da materia de um dos mais pequenos globos do universo, approuve formar um ente capaz de obrar tantos prodigios sobre esse mesmo planeta, cuja superficie domina, revolve, e percorre em todas as direcções, com maravilhosa rapidez, cobrindo-a de formosas e vastissimas cidades, aplainando, ou escavando, as montanhas, dirigindo o curso das torrentes, impondo limites aos furores do oceano, ou transformando vastissimas selvas em deliciosas e productivas campinas, aformozeadas com os encantos da mais escolhida vegetação; e outras vezes, possuido de um vertiginoso frenezi, cifra toda a gloria da sua intelligencia em destruir e ensanguentar os fructos da sua mesma industria, accumulados por muitos séculos e gerações. Este mesmo ente, que umas vezes tanto brilha pelas suas virtudes, e saber, e outras tanto se escurece pela mais brutal ignorancia, e perversidade, dotado porém de uma intelligencia que a natureza negou á materia destituida da fórma humana, não satisfeito com o imperio da terra, ousa medir os incommensuraveis espaços celestes, em que voam com espantosa velocidade milhões de globos giganteos, e descobre o segredo das leis que os regem.

Vejamos pois qual é o espaço, ou cantinho da terra em que habitamos, sufficiente para alojar commodamente toda a especie humana que ora existe.

Ao nosso antigo amigo, o illustre geógrafo *Adriano Balbi*, devemos as mais exactas averiguações ácerca do numero total dos individuos que actualmente povôam a superficie da terra (*Veja-se o seu excellente Compendio de Geografia Universal*); dellas consta que a Europa contém 222 milhões de habitantes; a Asia 400; a Africa 80, a America 30, e a Oceania outros 30; fazendo o total de 762 milhões. Para maior segurança do nosso calculo fixaremos em 800 milhões o numero de individuos, que se acham diversamente distribuidos sobre 4,186,000 leguas quadradas de 20 no grão (2525 braças cada uma), que tanto contém a supeficie terrestre do globo, restando 12,316,000 leguas quadradas para o dominio dos mares.

O espaço que occupa um individuo adulto, de estatura ordinaria, estando em pé, tem de frente 2 palmos — largura de hombro a hombro — e palmo e meio de grossura do tronco, desde o peito até ás costas, ou 3 palmos quadrados de superficie; mas para maior folga, daremos tambem 2 palmos a esta dimensão, e será o total da superficie occupada por cada individuo adulto de 4 palmos.

Ora uma legua maritima, ou geográfica, de 20 ao grão, contém 25,250 palmos, e admitte portanto, postados em linha, 12,625 individuos. Supponde outras 12,625 linhas, ou fileiras, collocadas parallelas á primeira, teremos que uma legua quadrada conteria commodamente 159,390,625 individuos.

Se calcularmos porém segundo as verdadeiras dimensões, que são dois palmos de frente, e um e meio de fundo para cada individuo, o que ainda deixaria sufficiente folga á columna, pois nesta massa seriam comprehendidos todas as mulheres e menores que occupam muito menos espaço, segue-se que a mesma legua quadrada de 2,525 braças de lado, poderia conter os 12,625 individuos de frente, e 16,833 de fundo; ou na totalidade 212,516,625, que é com pouca differença a população total da Europa, que existe dividida em 65 governos, ou nações independentes.

Adoptada esta ultima hypothese, segue-se que a totalidade da especie humana se poderia reunir commodamente em uma columna, ou massiço quadrado, que tivesse 24,500 individuos de frente, e 32,666 de profundidade; ou em um quadrado que tivesse pouco mais de 4,900 braças de lado, o que não chega a 2 leguas; e rigorosamente fallando, a superficie necessaria para conter toda esta multidão seria de 3.4 leguas quadradas, ou um espaço sete vezes maior do que aquelle que occupa a cidade de Lisboa.

A praça do Rocio d'esta cidade tem 90 braças de comprimento sobre 45 de largura, ou 4,050 braças quadradas. — Na primeira hypothese, dando 4 palmos quadrados a cada individuo, poderia conter aquelle espaço muito á vontade, e sem aperto, 100,000 individuos; e por consequencia a população total de Portugal poderia collocar-se commodamente em um espaço equivalente a 32 praças semelhantes á do Rocio. A povoação da cidade de Lisboa póde ser mettida na Praça do Commercio, cuja superficie é dupla daquella.

Fica pois demonstrado que a materia terrestre, transformada em individuos da especie humana, apenas occuparia um espaço, que se pode qualificar de infinitamente pequeno a respeito da vasta superficie de qualquer reino, ou até de uma pequena provincia; e se reflectirmos que a elevação dessa massa apenas

chegaria a 7½ palmos de altura, que é a media de qualquer adulto, não poderemos deixar de reconhecer que um bosque mediano contém em seus densos e elevados arvoredos maior porção de moléculas terrestres do que toda a especie humana reunida!!!

Mas ainda subirá de ponto a nossa admiração se considerarmos o volume total dessa mesma materia humana; pois é sabido que o peso ordinario de um homem de mediana corpulencia não excede a 5 arrobas, ou 160 arrateis. Ora um palmo cubico de agua salgada pesa um pouco menos de 24 arrateis; e se a densidade média da materia solida e liquida de que é formado o corpo humano tivesse a gravidade especifica da agua salgada, seria o seu volume equivalente a 6,7 palmos cubicos; porém sendo a gravidade especifica da materia humana um pouco maior, e pertencendo metade da especie ao sexo feminino, e uma quarta parte aos menores com menos de 10 annos, não seremos exagerados suppondo que cada um dos individuos existentes contém 5 palmos cubicos de moleculas terrestres; e por consequencia a totalidade da especie quatro mil milhões de palmos cubicos.

Vejamos finalmente qual seria a excavação que poderia conter toda esta materia, e com assombro ficaremos convencidos ser tão diminuta, que bem poderá denominar-se uma pequena pôça!

A largura media do Téjo, desde *Cacilhas* até ao *Caes da pedra* é de 900 braças; e se mantem igual com pequenas differenças até á torre de Outão; a sua profundidade media é de 15 braças. Suppondo estas mesmas dimensões continuadas ao longo das duas margens na extensão de 300 braças, que é a distancia que medêa entre os sobreditos caes do *Terreiro do Paço*, e do *Sodré*, teremos que o vazio, ou fosso, circumscripto por estas tres dimensões, e occupado por uma tão diminuta porção das aguas do rio, terá uma capacidade de 4,050 milhões de palmos cubicos, ou mais do que é necessario para conter toda a materia terrestre que hoje fórma a totalidade da especie humana existente sobre a terra, e que, pela sua força intellectual, tem coberto o globo com as maravilhas da sua industria.

M. M. F.

TAMBEM EM PORTUGAL HA MACROBIOS.

35 Na fréguezia de Alfarellos, concelho de São Varão, districto de Coimbra, nasceu em 23 de Setembro de 1716 Maria Rodrigues de Oliveira, e morreu no dia 11 de Maio ultimo, ás 3 horas da tarde; havendo percorrido a longa carreira de 124 annos, 7 mezes, e 17 dias. Conservou sempre em bom uso as suas faculdades intellectuaes, e nunca deixou de ir á missa a pé até o extremo da sua vida. Afora alguns poucos annos, em que na sua mocidade serviu como criada no Louriçal, passou todo o mais tempo na sua terra natalicia, em uma casa terrea de telha vã, não assoalhada, situada n'um oiteiro, o mais elevado e frio do seu concelho. O seu vestuario usual era de baeta e estamenha; a sua comida pão de milho, simples, ou misturado com centeio, e papas adubadas com azeite, legumes, hortaliça e sardinha; bem raras vezes comeu carne, e bebeu vinho. Foi casada, teve alguns filhos, e sobreviveu a seu marido. Esta mulher talvez fosse a *decana* de todos os portuguezes da época presente.

Em Aguadalta, fréguezia de Teixeira, concelho de Fajão, do mesmo districto, logar montanhoso e muito frio, ainda vive, e trabalha na sua casa, Maria Nunes, que tem 110 annos de idade. Conserva em bom estado as suas faculdades intellectuaes. E' de um genio jovial, e bem poucas vezes se tem affligido. Foi casada, e teve filhos; hoje é viuva. Suas comidas são pão de milho, legumes, carne de porco, e sardinha; sempre bebeo, e ainda bebe, vinho em pequena quantidade.

A 6 de Janeiro ultimo falleceu na fréguezia de Lagarei, do concelho d'Oliveira do Hospital, do districto de Coimbra, Manoel José d'Unhão, com 109 annos de idade. Foi casado com duas mulheres, ás quaes sobreviveu, não deixando filhos. Passou os primeiros annos da sua vida nos trabalhos da lavoura. Com o seu primeiro casamento passou a poder viver sem trabalhar; e na sua segunda viuvez ficou reduzido a extrema pobresa, em que passou por bastantes privações. Os seus alimentos variaram segundo os seus haveres; bebia vinho em grande quantidade. Era muito direito de corpo, leu, e escreveu sempre sem óculos, e conservou os sentidos sem defeito algum, e as faculdades intellectuaes em bom estado, até o fim da vida. Uma sarna, a que resistiu durante seis annos, lhe abreviou uma existencia, a que o estado de vigor de suas forças, e natural robustez, promettião maior duração.

Existe outro macrobio na fréguezia de São Thiago da cidade de Coimbra, cujo nome por delicadeza omitto; tem 101 annos de idade, e, apezar d'uma vida estragada, e multas doenças siphyliticas, ainda se acha n'um estado de robustez, que inculca duração de largo

tempo. De todos estes Macrobios existem documentos curiosos na Secretaria da Administração Geral de Coimbra, que provam o que fica referido.

Alem destes ha outros individuos que se inculcam, e são geralmente havidos, por centenarios, porém que não vão aqui mencionados, por não havermos ainda documentos authenticos que irrefragavelmente o provem.

Se nos outros districtos de Portugal houvesse curiosidade de colligir com exactidão o numero, e a idade, dos Macrobios que por lá existem, talvez que se mudasse de conceito ácerca da duração da vida entre nós, pois tambem por cá temos vidas de milagrosa longevidade.

Coimbra 31 de Dezembro de 1841.

A. J. V. S. R.

Não é com o simples fim de satisfazer a curiosidade, que muito desejariamos ver multiplicar-se as observações sobre os nossos macrobios, insistindo essencialmente sobre o modo de vida, sustento, e mais particularidades de cada um d'elles em particular: de todos esses factos, e observações reunidas, se deduziria talvez uma importantissima consequencia, isto é, assentar sôbre uma base fixa, e demonstrada pela experiencia, o modo de prolongar a vida o mais possivel. O problema é de tal natureza que a todos importa; e se a imprensa periodica fôr progressivamente apresentando os exemplos de longevidade que occorrerem pelas nossas terras, demorando-se particularmente nas observações a que acima nos referimos, é possivel que reunindo-os todos, d'aqui a alguns annos se possa affoutamente estabelecer, sobre tal objeto, doutrina, que todos recebam com prazer e agradecimento.

Os Srs. Parochos e Curas grandemente poderião contribuir, cada um por sua parte, para esta boa obra, extrahindo da confrontação dos livros dos obitos com os dos baptisados de suas respectivas freguezias, a noticia dos principaes macrobios, que n'ellas houve, e ajuntando-lhe ácerca de cada um, todas as informações, que por si tivessem, ou pela tradição dos seus parochianos podessem alcançar; pelo menos ácerca da profissão e estudo do sujeito, da natureza especial do sitio de sua residencia, do seu modo de vestir, de comer, de beber etc. A Redacção.

INSTITUTO BENEFICO.

MADRID.

36 Com este mesmo titulo publicámos, em o nosso art. 139, do Tomo precedente, o louvavel empenho do governo hespanhol em estabelecer pela melhor forma, na capital d'aquelle reino, um azilo, onde fossem alimentados, e instruidos, os cégos: para este fim, tão cheio de caridade, sahio de Hespanha *Ballesteros*, Director do Collegio de surdos-mudos, e se passou á França e á Belgica, a visitar, e estudar os estabelecimentos deste genero. Hoje sabemos, que já é tornado a Madrid, e a *Revista de Galliza* nos informa do muito, que montou esta viagem, não só para *Ballesteros* adquirir os mais ajustados conhecimentos concernentes a este objecto, mas em muitos outros pontos de publica utilidade. Acompanhado de *Ramon de la Sagra* correu, e examinou, os melhores estabelecimentos da França, e alguns da Belgica; Institutos de mudos, e surdos; casas correccionaes; a colonia de moços criminosos junto de Tours; mercados publicos, e infinitas outras cousas, de cujo exame, e miudo conhecimento, colheram os dois viajantes um grandissimo cabedal de noticias, com que voltáram ricos ao seu paiz dentro de tão pouco tempo, como se está vendo. Por esta forma conseguirá a Hespanha organizar os seus estabelecimentos de cegos, surdos, mudos, e outros de publico interesse, e entabolar a melhor ordem administrativa, e economica, por modo que não haja ahi que invejar ás nações mais civilisadas. Por certo que é assim, e só assim, que as nações podem adquirir o verdadeiro adiantamento; estes progressos desejáramos nós ver em o nosso paiz; nem lhe citamos agora os exemplos de nações poderosas e opulentas; é a nossa visinha, como nós, e mais que nós, affligida pelo flagello das guerras civis, e descahida do antigo estado de sua grandeza, e opulencia; é a Hespanha, que nos está dizendo (e dando a maior prova do que nos diz), que mais faz quem quer, que quem póde. — Muitas coizas boas poderámos nós, se houvesse um querer bom, constante, e efficaz; porem se esta condição nos for faltando, iremos de mal a peor, por mais que pertendão doirar de palavras, e de sentenças agudisimas, a nossa miseria, e atrazamento.

F. M. P. S. N.

SCHELLING — ALLEMANHA.

37 Muitos de nossos leitores terão noticia, e não poucos talvez especial conhecimento das doutrinas philosophicas do allemão Kant. Não julgamos porém igualmente conhecidas as consequencias, que tiraram, e as applicações especiaes, que fizeram, de suas doutri-

nas alguns dos mais célebres discipulos do professor de Koenigsberg. — Fichte, Herder, e Schelling, cada um por seu modo, ou conforme a sua indole especial, modifica, e desenvolve os principios capitaes da *Critica da Razão pura*. — Schelling, de quem neste pequeno artigo promettemos dizer duas palavras, é hoje o Nestor dos philósophos de Allemanha; é professor de philosophia, e presidente da Academia das Sciencias de Munich, na Baviéra. Applicou os principios da philosophia Kantianna ao estudo das sciencias naturaes; e os cultores destas sciencias sabem a revolução, que isto nellas produziu, e quão parenta se torna a physica, assim tratada, da physica peripatética das *quididades* e *qualidades* occultas. — Não é porem Schelling homem de se contentar com tão pouco. Fraca lhe pareceu a victoria da sua razão, se sómente avassallasse a natureza physica: não descançou, em quanto não prendeu ao carro do seu triumpho nada menos do que a propria revelação! sim, a propria revelação! — Em Berlim, aonde com licença d'ElRei de Baviera foi o célebre Professor passar ultimamente o inverno, começou as suas lições sobre a *Philosophia da Revelação*. A philosophia da Revelação é a explicação dos mysterios revelados, sem outro auxilio mais, do que o da razão humana

Esta novidade, a maior por certo, que tem entrado em cabeça de philosopho, faz hoje grande bulha em Allemanha. Todavia quem tiver meditado um pouco na historia da philosophia, que é o mesmo que dizer, no costumado andar do entendimento humano, não será apanhado de subito com esta grande novidade — O *Tratado das sensações* do sensualista Condillac produziu os livros do materialista Helvecio; da mesma sorte que a *Critica da Rasão pura* de Kant foi a matriz da *Philosophia da Revelação* de Schelling — O nosso maior reparo é outro. Porque motivo não saiu Scheling com a sua nova doutrina em Munich, e a guardou muito de proposito para Berlim? Será Berlim ainda a mesma Berlim de Frederico e de Voltaire..?

J. H. da C. R.

38 BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA.

Commentarios á Lei de 19 de Maio de 1832 sobre a competencia do Supremo Tribunal de Justiça, com alguns additamentos sobre a sua organisação, e outros, que servem de continuação a este tratado, pelo Conselheiro J. D. M. Ferraz, Juiz da Relação: 1 vol. em 8.° broch. preço 200 rs. Vende-se aos Martyres n.° 45.

Sahio á luz — O Cathecismo da Doutrina Christã, contra os erros do tempo presente, no qual se prova com clareza e evidencia a divindade e a antiguidade da Religião Christã; se explicam diffusamente os seus dogmas e preceitos; e se refutam os erros dos incredulos e herejes contra os dogmas catholicos, os sacramentos, o culto divino, a Igreja, e os bons costumes. — Um Volume em 4.° — Vende-se na Rua do Ouro n.° 4, e Rua Augusta n.° 2 — Preço em brochura 600 reis, e encadernado 760 —

Chronica Juridica — tem-se publicado por assignatura até N.° 15. — Preços da Collecção de 1840, 600 réis; de 1841 por diante 480 réis por anno. — Assigna-se em Lisboa, rua Augusta N.° 1, Porto, Caldeireiros, N.° 11 e 12; Coimbra, Loja da Imprensa da Universidade; Braga, em casa do Sr. A. J. G. Costa Carvalho, rua do Anjo.

Repertorio annual de Legislação — assigna-se e vender-se-ha nas mesmas Lojas de Livros. — Preço da assignatura 360 réis; de venda 480 réis. — O 1.° vol. comprehende desd'onde termina o Repertorio do Sr. Alypio ate fim de 1841: publicar-se-ha com brevidade.

39 FRANCEZA.

Progresso social da Europa. Opiniões de um Grego sobre os acontecimentos do Oriente, por M. N. S. de Comméne.

Sobre a colonisação d'Africa por M. Lheman.

Sobre a Abolição da escravatura nas colonias inglezas.

Resumo da historia da Philosophia, publicado por Salinis e Scorbiac.

Ensaio sobre a historia da philosophia em França no seculo XIX, por Damiron, Professor na Faculdade de Letras de Paris.

Curso de historia da philosophia moral no seculo XIII, por V. Cousin.

Historia da philosophia allemã desde Leibnitz ate Hegel, pelo Barão Barchou de Penhoen.

Obras philosophicas de José Droz, Membro da Academia Franceza, e da Academia das Sciencia moraes e politicas.

Elementos geraes da historia comparada da philosophia, da litteratura, e dos acontecimentos publicos, desde os tempos mais remotos até hoje, por Arnoult.

Tratado da legislação dos trabalhos publicos em França.

A França litteraria, ou diccionario bibliographico dos sabios, historiadores, e homens de letras de França, bem como dos litteratos que em paizes estrangeiros tem escripto em francez desde 1700 até 1826 inclusive, acompanhada de noticias litterarias, historicas, e bibliographicas, por J. M. Querard.

Esbôço das harmonias da creação, ou as sciencias naturaes estudadas do ponto de vista philosophico e religioso, e na sua applicação ás artes e industria, por L. F. J. Chao.

Educação da humanidade, por Gotthold de Ephraim Lessing, por P. S. B. C.

Organisação geral, ou verdadeiras condições para o futuro felis de todos quantos trabalhão, por M. Canss.

TYP. DA VIUVA DE J. A. DA S. RODRIGUES.

Rua da Condeça n.° 19.

REVISTA UNIVERSAL.

N.º 4.

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, TRAVESSA DA VICTORIA N.º 29, ESQUINA DA RUA DOS DOURADORES POR 12 NUMEROS 480, POR 24.... 960, POR 52.... 1920 REIS.

Quinta feira 27 de Janeiro de 1842.

A redacção da REVISTA UNIVERSAL acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Roga-se aos Senhores Assignantes de Lisboa que não entreguem quantia alguma aos distribuidores senão contra o competente recibo impresso, e assignado pelo Editor.

DIARIO METEOROLOGICO DESDE 19 ATE 25 DE JANEIRO DE 1842.

Dias do Mez.	Termom.º Exterior.		Barometro.		Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	ESTADO DA ATMOSPHERA.
	Minim.º	Max.º	9 h. m.	3 h. t.			
19	41º	48º	762,0	759,3		NE^{2}	Claro, frio, e seco — Geada de madrugada.
20	34	55	60,4	59,0		B. V.	Id. Id., e forte geada de madrugada — Coberto, claros, e horisonte vaporoso.
21	41	54	63,5	63,1	1	N.	Cob.º, algum chuvisco, e claros — Claro e frio.
22	43	59	65,6	64,8		NO. O	Cob.º, e algum claro — Claro e alguma nuvem: humido.
23	50	58	65,7	63,0	4	^{1}SO^{2}	Cob.º, e tenues chuviscos — Tepido e mº. hum.
24	52	61	63,7	62,0	1	SO^{1}	Nevoeiro denso de m. — Cob.º e chuv. — Id.
25	52	59	62,4	61,1	3	SO. NO.	Chuva de madrugada — Cob.º e claros. — Id.

Os frios rigorosos deste mez cessaram a 22, dando logar a uma temperatura macia com o ar muito humido e pequenas chuvas. Continuão a mencionar-se os notaveis estragos feitos pela terrivel tempestade de 14, e 15, tanto nos arvoredos como nos edificios. Consta que nos pinhaes do Estado foram despedaçadas ou abatidas 3 a 4 mil arvores, sofrendo iguaes prejuizos os pomares e olivaes mais expostos á direcção dos tufões. A tripulação das embarcações arribadas com grandes avarias declára que a tormenta aguentada no alto mar fôra das mais violentas.

M. M. F.

REVOLUÇÃO AGRICOLA.

40 Recebemos de pessoa, que muito respeitamos, um excellente artigo trasladado da Phalange (jornal de Brest) riquissimo de novas, e bem fundadas observações geologicas, phisiologicas, e botanicas. Fôra um grande roubo feito ao publico, e aos naturalistas do nosso paiz, se fielmente lhes não entregassemos tão bom presente: mas vimo-nos forçados a cortar (e com dor o fizemos) a primeira parte deste artigo communicado, por versar toda sobre = a nova e estupenda creação do trigo = de

que já em o artigo 26 do 1.º volume deste jornal démos sufficiente noticia a nossos leitores; posto que então nos mostrassemos um pouco duvidosos ácerca dos grandes resultados, que se annunciavam, deste novo systema de cultivo, que nos pareceo apenas prestavel para alguma pequena experiencia; mormente em o nosso paiz, aonde ao presente não se colhem tão sobejamente palhas, fenos, e pastos seccos para os gados, que deste mister, em que são consumidos, e para que ainda não são bastantes, se possam distrahir para aquell'outro com a sufficiencia, que pede uma boa sementeira.

Lembramos a nossos leitores o que já dissemos, sobre este novo methodo de semear trigo sem terra, nem arado, cobrindo-o apenas sobre qualquer logar, aonde seja lançado (e até sobre uma chapa de vidro) com uma cama de palha de pollegada d'altura, e que a elle refiram esta parte do artigo communicado, que segue:

» Nós explicâmos (dizem os authores das experiencias, Paillard, e Bernard) a influencia do nosso processo, sobre a vegetação, da seguinte maneira:

Sendo a palha um muito mau conductor do calorico, e muito bom da electricidade, por este modo, conserva o pé da planta em um estado de temperatura media, e de *excitamento* electrico, circumstancias muito favoraveis ao desenvolvimento. — Sendo assim conservada a humidade no sólo, é por meio della mui facil á planta o absorver o gaz acido carbonico da athmosféra.

Por esta fórma, se acha o pé da planta bem supprido de hydrogenio, e de carbone, seus principaes elementos, os quaes passando pela raiz para a haste em combinação com o oxygenio, são convertidos em substancia, e apropriados pelo vegetal, que apenas exhala a final este ultimo pelas folhas. — A palha cede lentamente os seus principios, que são os mesmos que devem compor a nova planta; como por exemplo a silicia, que esmalta o exterior da canna; e a sua decomposição se desenvolve na rasão das precisões da nova planta, que ella abriga e nutre de tal modo, que as quatro phases da fermentação, isto é, a sacharina, alcoolica, acida, e putrida, correspondem ás quatro idades da planta — infancia, adolescencia, virilidade, e decrepidez.

Notámos que estes trigos apenas tinham algumas raizes, curtas e duras, á semelhança de pé d'ave, o que concorda com a observação de Raspail = que as mais vigorosas plantas são as que têm as raizes menos cabelludas; por isso que não sendo as forças divididas, todas se accumulam no corpo.

Debaixo da palha, toda a vegetação parasita desapparece, por ella suffocada.

Mais observações teriamos ainda que fazer; mas serião fastidiosas, e por ventura mal cabidas em um artigo de jornal; e por isso sómente acrescentaremos, que estamos dispostos a responder a todas as explicações, ou objecções que nos forem dirigidas ou pedidas.

Por ora basta que se prove que a cultura dos cereaes pelo nosso methodo, tão facil, e que por toda a gente, com incrivel economia de tempo, trabalho e cabedal, pode ser praticado, substituirá as enfadonhas lavouras e amanhos, estrumes, gradar, mondas, ceifas, debulhas, e em uma palavra, a longa serie de trabalhos excessivos, penosos e repugnantes, indispensaveis na cultura actual.

Pelo nosso methodo terão logar os trabalhos pela seguinte ordem:

1.º — A ceifa — que se fará em pé cortando as espigas o mais alto possivel, o que com facilidade se effeituará por meio de alguma especie de tesoura convenientemente ligada a um saco, aonde pela unica operação do córte, vão logo caindo as espigas — Este trabalho tão facil, e tão pouco fadigoso, póde ser feito por mulheres, seguidas de uma linha de creanças, que recolham as espigas, que estejam mais baixas, e que tenham escapado ao primeiro córte.

2.º — Deitar e acamar a palha, ou hastes (restolho) que ficaram em pé; trabalho que bem, e facilmente, se fará por meio de um rolo, tirado por homens ou animaes.

3.º — Debulhar — que se fará commodamente por meio de alguma das machinas conhecidas.

4.º — Escrivar para separar os melhores grãos, que servirão para semente.

5.º — Semear estes grãos, metendo-os debaixo da palha, — o que se conseguirá por meio de uma batida, como a do mangoal; ou então fazendo-os penetrar pela palha com o semeador de canudos, como o de Touboulic, engenheiro mechanico. — E deixar o resto ao cuidado da natureza. ¿ Será preciso depois disto, insistir ainda em demonstrar a immensa economia de tempo, força, e dinheiro, que deve resultar deste novo processo de cultura?

Se encararmos por outro lado este systema, será palpavel o resultado, que elle deve ter sobre o equilibrio da temperatura. — Não ha duvida, de que a devastação das mattas das montanhas é a causa dos rigorosos invernos que padecemos, da irregularidade da temperatura, e das inundações, que tão frequen-

temente se repetem. — E tambem não se póde duvidar, de que o modo de cultura actual, influa muito na successão periodica destes flagellos, que nos vexam. — ¿ Em que épocha têem mais particularmente logar as grandes chuvas, os granisos, as tempestades, que devastam a terra? Pelos equinocios. Do equinocio do outono ao da primavera immensas porções de terreno se acham inteiramente descubertas. O arado e a enchada por toda a parte revolvem a terra nessa épocha; e o menor resto de vegetação a mão do homem o faz desapparecer, enterrando, ou arrancando com o maior cuidado a minima herva, e o tenue restolho. — Então, a terra nada tem que a abrigue da activa acção do ar, que em seu incessante movimento lhe arrebata todo o calor, e toda a humidade. — Por seu turno ella tambem influe na atmosféra; o que nos traz as perturbações, e intempéries excessivas, que, mais do que se cuida, influem poderosamente sobre a nossa felicidade e existencia.»

(Relêde e estudai o nosso artigo 26 do 1.º volume.)

PRESERVATIVO CONTRA AS MOLESTIAS DO TRIGO.

SÃO PEDRO DO SUL.

41 O artigo 279, do 1.º volume deste jornal, terminou por pedir aos lavradores do nosso paiz nos informassem de como lhes provava o methodo de preparar o trigo para as sementeiras, por meio da infusão aconselhada pela Revista de Galliza, donde o tresladámos. Não foi em vão que fizemos tal supplica; porque logo foi attendida, como requer materia tão principal entre nós, que por ultimo desengano nos vamos tornando á agricultura, que, em tão abençoada terra, como esta nossa, devêra ser a primeira industria, ainda quando por outros meios podéramos grangear nossa subsistencia, e engrossar nossos cabedaes; quanto mais agora, que é tal nossa desventura, que tudo nos corre tão avêsso, que não ha ahi mais que ver, senão olhar pelo que em tal apuro nos resta; o nosso torrão, tão rico, e tão fertil.

Agradecendo pois a um dos nossos correspondentes de São Pedro do Sul, mais o bom serviço, que com sua informação faz ao nosso paiz em materia que tanto monta para a publica utilidade, do que a attençao, que prestou ao nosso peditorio, publicaremos a sua correspondencia.

—» O methodo de preparar o trigo, para ser semeado, e extrahido da Revista de Galliza, é já muito usual nesta Fréguezia de São Pedro do Sul, e por elle se têem conseguido os melhores resultados, e proveito tão visivel, que quem o experimenta pela primeira vez, o fica repetindo todos os annos. Muitos dos lavradores estavão por aqui desanimados com a diminuta producção, e sua má qualidade; mas, haverá seis annos, usando com pouca differença d'um igual methodo, cuja noticia foi encontrada em uma obra franceza sobre agricultura, têem sido tão animados com os bons resultados, que a actual producção do trigo é um dos artigos principaes da nossa agricultura. A pequena differença consiste em conservar apenas por meia hora o trigo na infusão, ou barrela de cinza, e alguma cal, quando está ainda morna, e no seguinte dia é semeado. — São Pedro do Sul 14 de Janeiro de 1842.»

Francisco Xavier de Moura Coutinho.

P. S. Fundados no que nos diz esta correspondencia, insistimos em recommendar a nossos lavradores o uso do facilimo methodo de medicar o trigo que tem de ser semeado; ou como o indicámos em o citado artigo, ou pela forma supra mencionada; pois de todas as infusões, e preparações, com que se costumão temperar as sementes, para serem lançadas á terra, este, segundo nos parece, é o mais prompto, facil, e economico meio.

A Redacção.

A MELHOR MANEIRA D'ESTRUMAR AS TERRAS.

FRANÇA.

42 Por longo não traduzimos por inteiro o interessante artigo da Revista Encyclopédica de Paris ácerca do méthodo mais proveitoso de adubar as terras com o estrume; porém delle iremos extrahindo em substancia o que nos parecer mais essencial. Gazzeri havia, ha poucos annos, demonstrado a utilidade, e a grande economia agricola, que se consegue em temperar as terras com o estrume, antes de começar nelle a fermentação. Suas rasões fundadas em principios chymicos, geológicos, e botanicos, prenderam a attenção de muitos sabios, que se dão ao importantissimo estudo da agricultura. O jornal d'agricultura prática publicou, e recommendou, as considerações daquelle instruido agrónomo. O congresso scientifico de Piza, Crud, e Ridolfi, deram o devido louvor em seus escritos a este demonstrado, e experimentado meio, de melhorar o mais precioso ramo de industria. A fermentação dos estrumes, por onde se esvaecem, e perdem de todo, os

principios, e substancias, mais uteis á producção vegetal, se deve evitar com toda a cautela, mórmente nos escrementos animaes, fazendo-os expôr immediatamente ao ar, e conservando-os espalhados em camadas pouco altas: nem é necessario augmentar-lhes o volume com a mistura de palha, feno, ou mato; porque estes ingredientes não se reduzem sem a fermentação, e putrefacção, a um estado, em que possam encorporar-se com aquelle adubío; porém com elles será conveniente formar uma cama, sobre a qual se vão estendendo os estrumes para melhor seccarem, e escaparem assim á fermentação. O estado mais conveniente de os empregar, é quando se acham inteiramente enxutos, e até reduzidos a pó. Uma pequena quantidade neste tempêro prova melhor do que grandes farturas d'estrumes fermentados, humidos, e recosidos, aonde já é inteiramente perdida toda a virtude fecundante, e sómente resta um volume, e enorme quantidade de substancias inuteis, e difficeis de serem transportadas. Uma arroba de pó d'estrume animal val muito mais, que muitos quintaes d'aquell'outro.

Segue depois destas considerações um calculo exactissimo das economias, e proveitos, que vem á agricultura por este modo de empregar os adubíos em seu estado mais proprio; já pelo que se poupa na quantidade, e nos transportes, já pelo muito que cresce a producção das sementeiras. E' isto em resumo quanto nos parece bastar, para que os nossos agricultores possam utilisar-se de experiencias, e estudos, que devemos julgar de muita auctoridade, e de grande beneficio a esta classe, a mais acrédora dos nossos desvelos; e para que, ao menos na parte em que lhes fôr possivel, façam alguma experimentação; pois que havemos observado frequentes vezes as difficuldades, e grandissimos apertos, com que se afadigam, e atormentam os nossos lavradores, em cata da immensa quantidade d'estrumes, de que suas terras carecem para serem temperadas pelo antigo methodo, ficando não poucas sem cultura, e sem producção, pela mingua de adubíos, apezar de serem acrescentados com fenos, palha, e outros pastos, que são roubados ao sustento dos animaes, e a outros usos indispensaveis; o que por ventura se poderá evitar pela fórma indicada, com tão boa prova, na Italia, e na França. F. M. P. S. N.

MODO DE ENDURECER AS VELAS DE CEBO NO VERÃO.

43 O uso da pedra hume, e o branquear o cebo em logares sombrios e humidos, são de todas as receitas as mais efficazes para alcançar este fim. Todavia uma pequena porção de sulphato de zinco (capa roxa branca) ou de acetato de chumbo (sal de chumbo, ou de Saturno) impede tambem que as velas se amolleção, e faz com que ardão por mais tempo sem se derreterem.

RECEITA PARA EVITAR A FERRUGEM NO AÇO.

INGLATERRA.

44 Os cutileiros inglezes empregão para este fim o méthodo mais simples que se póde imaginar: consiste em esfregar os objectos com cal virgem em pó, ou mergulhal'os em agua de cal.

METHODO

facil para distinguir o arsénico do antimónio por meio do nitrato de prata ammoniacal.

45 Publicou recentemente Marsh um artigo, em que affirma, que o apparelho por elle inventado, (e a que deu seu nome, *apparelho de Marsh*), empregado hoje com tanta vantagem para reconhecer a minima quantidade d'arsenico nos casos de envenenamento por esta substancia, pode servir para distinguir o arsenico do antimonio, pondo em execução o processo, indicado por Hume, para reconhecer o arsénico por meio do nitrato duplo de ammoniaco e prata; eil'o aqui.

Humedece-se um pedaço de vidro, de porcelana, ou de mica, com a dissolução do sal de prata ammoniacal, e põe-se horisontalmente a parte humedecida diante do jorro d'hydrogenio inflammado, que sahe do apparelho, conservando-a em cima da chamma, a meia pollegada de distancia; se houver arsénico na mistura, produz immediatamente uma côr amarella de limão, bem conhecida como caracteristica deste metal; mas se pelo contrario houver antimónio, formar-se-ha um precipitado branco, em fórma de coágulo: finalmente, se na mistura que se examinou não existir nenhum dos dois metaes, o hydrogenio reduz immediatamente a prata no estado metallico.

Affiança Marhs que esta prova, apezar de parecer delicada, dá resultados tão evidentes, e exactos, que pode satisfazer os experimentadores mais escrupulosos, e permitte denunciar as minimas porções de cada um

dos metaes venenosos, o que muito deve interessar á Medicina legal, e Toxicologia.

A. J. de S.

OUTRA LEMBRANÇA A' CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA, E A'S MAIS DO REINO.

46 Em o nosso artigo n.º 257, do tomo precedente, fallámos de uma sociedade organizada em Trancozo, para a plantação, e conservação das arvores, e ora nos apraz expôr algumas observações sobre o mesmo objecto, de summa importancia.

As arvores são da maior utilidade em cidades populosas como Lisboa; pois têem a propriedade de regenerar o ar que respiramos, absorvendo o gaz acido carbonico (que se exhala de todas as materias no estado de fermentação), e exhalando o oxygenio puro. Muitas das nossas terras do Douro, Beira Baixa, e Alemtejo — e principalmente das margens do nosso rio — são insalubres, e costumão ser invadidas na estação calmosa por mortiferas epidemias, e especialmente sezões; havendo-se observado que depois de ali se haverem cortado a maior parte das arvores é que tem grassado maior numero de similhantes molestias.

O clima da Beira Baixa, e Alta, torna-se em alguns sitios incomportavel no verão por falta de arvores. Um espirito, que bem se poderá chamar de barbaria, tem por ali feito cortar umas, queimar outras, o que, junto á extrema negligencia de fazer novas plantações, torna inhabitaveis bastantes villas e aldêas.

Em certas ruas e praças de Lisboa serião mui convenientes as arvores, pois, além de servirem de beneficio á saude publica, embellezarião os logares em que fossem plantadas: um d'estes seria o *Terreiro do Trigo*, onde uma carreira de arvores, junto aos frades de pedra que vão de nascente a poente, tornaria mais agradaveis os chafarizes, e tanques, que ficão ao pé do *Terreiro*; transformar-se-hia assim este sitio em um passeio publico dos mais agradaveis, por estar muito abrigado do Norte, que é o vento que mais incommodo causa no verão pelos passeios de Lisboa.

Bem pequena despeza seria necessaria para concluir estes trabalhos, empregando nelles os prezos do Limoeiro e Cova da Moura, que abririão covas grandes, e largas, para que as raizes se estendessem, e dilatassem á vontade, sem obstaculo de pedras, ou terra dura, que estorvasse á vegetação. Os entendidos n'esta materia dizem que estas covas devem ser iguaes em largura ao comprimento dos ramos quando as arvores estão crescidas: seja ou não exagerada esta asserção, certo é que os terrenos em que se plantão arvores devem ser bem revolvidos, e a terra bem roteada, tirando-se-lhe para esse fim as pedras, raizes velhas, tudo quanto emfim possa oppor-se ao desenvolvimento, e crescimento, das arvores. Ao plantarem-se estas devem as raizes ser bem divididas, e separadas em diversas direcções, pondo-se no fundo da cova terra vegetal e nutritiva. Tambem será conveniente regar primeiro o lugar em que assentarem as raizes, bem como a primeira camada de terra com que se cobrirem. Tão escrupulosas precauções na plantação têem dado por immediato resultado ao Snr. João Evangelista ver vingar, e florecer, as arvores da sua quinta de S. Pedro de Cintra, sem que uma só haja deixado de pegar e prosperar.

Para encher as covas, muito bem se pódem empregar os immensos entulhos, e lixos, que os carros da limpeza extrahem das ruas, o que muito convém para que as arvores em pouco tempo se desenvolvão e cresção; por isso é que as covas devem ter sufficiente profundidade para grandes porções de entulho e materias fecundantes.

Parece-nos que a Camara deveria mandar vir do seu viveiro do Campo Grande os plátanos, e demais arvores, que tiverem já oito ou dez annos, afim que em breve possamos colher os beneficios que de tal proposta devem necessariamente resultar; e a capital, tão embellezada de alguns annos para cá, nos offereça na primavera deliciosos aromas, e na canicula o abrigo de amenas sombras.

O terceiro tratado de *Raspail* sobre arvores, ha pouco traduzido, e augmentado com magnificas notas, pelo Snr. Dr. Antonio Joaquim de Figueiredo, deve ser consultado por todos os que fizerem plantações d'arvores; julgamos todavia haver apontado as principaes idéas que em semelhante objecto se devem ter presentes.

C. X. P. B.

PROJECTO

De uma ponte no caminho de Mafra a Cheleiros, a qual encurtaria uma legua na estrada de Mafra á Capital

PREAMBULO.

47 O torrão de Portugal, que aos melhores da Europa se avantaja em força productiva, manteria um dos mais ricos e civilisados povos do velho continente, se na sua cul-

túra se adoptassem os bons methodos, se suas producções, assim obtidas, circulassem facilmente de uns para outros districtos, e se o que sobrasse do consumo, fosse facil e livremente levado aos grandes mercados, aonde se extrahisse.

Com a cultura de que é susceptivel este sólo, com boas estradas seccas e fluidas, sem as quaes não ha melhoramento possivel, com a marinha mercante, que pedem os muitos e seguros portos de sua orla maritima, Portugal de 4½ milhões de habitantes actualmente, subiria a 8 e mais, se fôsse povoado, como a provincia do Douro.— Por falta de bons methodos de cultura, que, no passo de augmentarem a producção, encurtão a despeza, pouco mais do terço do terreno é hoje cultivado, podendo ir a dois terços; e o producto liquido, que no torrão ingrato da Inglaterra dá 10 por 1, no de França muito melhor desce para 6, e na Italia rende 5, em o nosso paiz produz apenas 4½, com um sólo muito mais fecundo, que o de qualquer dos tres paizes.— A falta d'estradas faz que na provincia d'Alemtejo (com rasão chamada o celeiro de Portugal) por vezes acontece deitar o lavrador o gado ás seáras, por não esperar da venda do grão com que inteirar-se da despeza da ceifa.

Sem marinha mercante, o que sóbra ao consumo do anno deixa de ir buscar valor nos mercados distantes, e reduz-se a vil preço no paiz, condemnando muitas terras fracas a ficar de pouzio por um ou mais annos.

De todos os caminhos de Portugal os de maior importancia são os que conduzem ás duas capitaes, Lisboa, e Porto: são os escoadouros para quanto sóbra ao consumo local, na distancia de muitas leguas em torno.— Do sul, vindo de Alcacer, e suburbios, pelo Sado; de leste, chegando de Thomar, Torres Novas, Golegã, e Barquinha, pelo Tejo; do norte, e noroeste, caminhando desde os bellos districtos de Alcobaça, e Caldas, toda a casta de fructas verdes e seccas, infinita quantidade d'aves domesticas, muita carne de fumo, carvão, immensa louça de barro, e mil outros productos, sem preço em localidades taes, vem buscal'o a Lisboa, aonde, cambiados por generos de extracção estrangeira, tornão a prover os lugares donde sahiram, levando um excelente em capital para os avanços.

Ao que vem a Lisboa do norte e noroeste, duas estradas se abrem de igual extensão — uma pelas Caldas até ao Carregado, aonde vem o Tejo; outra, por Obidos e Torres Vedras, encaminha a Lisboa.

A 1.ª, arruinada ha muitos annos, d'inverno é quasi impraticavel.

A 2.ª, sahindo das Caldas para Torres, corre seis leguas de um terreno de charneca muito igual até á ultima villa; mas dahi a Lisboa, a estrada é uma calçada arruinada até á Cabeça de Montachique, e tem de se cavalgar duas serras, que dão cabo de animaes, e conductores.

Afóra estas duas pessimas estradas ha uma terceira por Mafra, mais longe, que qualquer das duas, uma legua ordinaria, mas muito melhor conservada desde o Livramento, ou legua e meia depois de Torres.

Sendo possivel encurtar esta legua, o mais commodo caminho para os que transitão o norte, e noroeste, desde Alcobaça até Lisboa, seguiria por Mafra.

A legua para encurtar neste caminho é a que leva de Mafra a Cheleiros. Esta immensa legua de calçada corre, ao sahir de Mafra, toda a leste, buscando a reunião de duas montanhas, que, vindo d'oeste, parallelas, formão entre si um profundo valle, que separa Mafra do terreno fronteiro.

Poupava-se esta legua quasi inteira, por meio de uma ponte que passasse o valle. A disposição do terenno de uma e outra encosta convida a esta empreza. As pontes do Cuco, e Cudaoçal, na estrada ao norte de Mafra, reunem, cada uma, duas collinas, e em ambas o angulo da abertura é muito mais largo, que o das encostas da projectada ponte.

Ao sahir de Mafra, cara feita ao sul, vai dar-se a poucos passos a uma descida mui suave, que, alongando-se muito sobre o valle, termina em uma borda quasi vertical, e dando a mão a outra semelhante, na collina fronteira, segue o rumo do sul por uma garganta, e topa com um terreno muito facil, que leva mesmo junto de Cheleiros. Um observador situado no ponto dominante da garganta, vê passar por cima da cabeça o raio visual de Mafra a Cheleiros. Uma estrada por esta direcção reduzirá a um quarto a trabalhosa legua entre as duas villas.

A despeza com esta ponte, e abertura da estrada, de um e outro lado, pode, quando muito, subir a 16 contos de réis; e a barreira, calculada pela frequencia actual do caminho, nunca pode descer, mesmo muito pelo baixo, de 6 contos.

A frequencia calculada fracamente dá 35 mil viventes, homens, e animaes (sem fallar nos carros e carroças) indo, e voltando, além de Mafra, o que avulta em 70 mil passagens no anno; e 35 mil outros, vindo, e tornando, áquem de Mafra, annualmente, e ahi temos outras 70 mil passagens. Toman-

do um termo medio no diverso custo da barreira, em 40 rs., as 140 mil pagas darão 5:600$000 rs. Este termo medio é calculado pelo preço mais baixo da barreira, que deverem pagar os diversos serviços.

Não deve occultar-se que além da concurrencia habitual da estrada, faz-se na villa em todos os domingos do anno uma feira de trigo, que um mez antes, e seis depois da colheita, convida a muita gente: o paiz junto a Mafra, para o noroeste, produz cereaes em grande fártura; e com as arrotêas, que agora se fazem de muitos baldios, cresce a população com uma rapidez de não haver exemplo no paiz: a freguezia de Mafra, ha poucos annos de 800 fogos, vai passando de mil. Deve-se este beneficio á extincção dos fornos, das jugadas, e das milicias.

Resta tirar a duvida de que os passageiros acudão á ponte, pagando, e deixando a estrada do rodeio, que lhe continúa de graça. O que se andará de menos pela ponte serão 3 grandes quartos de legua, e esta economia todos quererão fazel'a. Uma experiencia existe do tempo em que se abrio a porta da Murgeira, e a da Vermelha da Tapada. Os que passavão de uma a outra, fazião uma economia de caminho, que não era a quinta parte da que se fará pela ponte; e todos quizeram pagal'a; e pagarão tambem a da ponte, que, fazendo abreviar tanto caminho, não custará o dobro da primeira.

Com a ponte, a distancia de Cintra a Mafra ficaria um salto, e de ambas as villas igual a distancia á Capital. Uma legua de menos no caminho de Lisboa a Mafra, traria multidões a gozar da vista do seu grande monumento na bella estação; porque é de declarar que nenhum dia enxuto e ameno se passa no anno que não concorrão hospedes a Mafra a admirar esta famosa construcção. E quando se tornar usual a carreira de tudo quanto ganhará em passar em Mafra para Lisboa, e por Mafra para o norte e noroeste, tornar-se-ha esta villa uma rica e florente cidade, mais bella que Versailles, que Potsdam, que Windsor.

Projecto.

1.º Reunir-se-hão 800 acções de vinte mil rs..

2.º Será seu deposito no Banco, ou em outra casa, onde se convencione sobre os juros durante o intervallo da reunião.

3.º Prehenchido o numero, escolher-se-ha uma meza de direcção. Nella serão recebidos os moradores de Mafra que possuirem até 10 acções, e os individuos de fóra que entrarem com 30 ou mais, tendo conta em preferir as pessoas mais capazes.

4.º Pedir-se-ha ás Cortes uma barreira.

5.º A meza administrará a renda da barreira, e será renovada a cada semestre. As mezas de maior duração offerecem inconvenientes.

Mafra 23 de Abril de 1841

O Membro da Commissão do reparo das calçadas.

Francisco d'Assiz de Castro.

FOGÕES PARA SALAS.

48 Em muitas das casas grandes de Portugal, e ainda em Lisboa, se encontram vestigios de vastas chaminés, destinadas a agasalhar as salas durante os rigores do inverno: mas aquelle bom uso, bom para a saude, e para os costumes bonissimo, insensivelmente se foi perdendo; chegou a desapparecer das cidades; e, em nossos dias, quasi que só nas villas e aldêas da Beira Alta, do Minho, e de Traz-os-Montes, se podem encontrar as familias alégremente reunidas em tôrno do fogo; em brazeiros portateis, nas salas dos mais ricos; nas casinhas e choupanas dos pobres, em volta da lareira da cosinha. ¿Quem não tem experimentado a indefinivel suavidade dos colloquios intimos, bordados a espaços daquellas memorias velhas, que de pais a filhos se vão, como relicarios, conservando, e matizados de mil aureos e resplandecentes castellos no ar, em que os desejos de cada um, e de cada uma das circumstantes, tão facilmente se convertem ao calor magico de um fogo domestico por uma geosa manhã de Janeiro, por uma tarde ventosa e inhospita, ou por um espaçoso serão, tão palrado e rido por dentro, como arrepiado, estrepitoso e turbulento lá por fóra! quem não presenciou, como n'essa estufa ócio e trabalho egualmente se copam de flôres de alegria; como reverdecem e se entrelaçam a amisade e o amor; como fructificam todos os affectos benevolos? Quem duvida, que jámais a essas portas não bateu mendigo encolhido da estação, e dos annos, que o velho o não mandasse entrar, como a irmão; ou criancinha nua e transida, que as criancinhas, as mãis, e as raparigas lhe não dessem alvoroçadamente o melhor logar; o não beijassem; lhe não aquecessem no seio as mãosinhas regeladas; e o não fizessem de repente rir e fallar alto como filho mais novo da

familia? Então a caridade, desenvolvendo-se com abundancia e luxo, vai condoer-se até da arvore solitaria, que ao longe se enxérga, despida de suas galas no cabeço açoitado dos ventos; do passaro, que atravessa os ares desertos, espavorido e sem rumo; da sentinella, que a imaginação vai descobrir immovel, e coberta de neve, como uma estatua, ás portas de um palacio; do correio, especie de ermitão ambulante, que passa a vida a sós comsigo, e, que pondo em mutuo commercio os corações auzentes, vive sequestrado de todas as delicias da sociabilidade; emfim, do marcante, que lá se vai sacudido pelas ondas, jogado pelos ventos, ameaçado pelas carrancas do céu, correndo por cima de um sepulchro sem fim, para uma terra estrangeira, e em cujo coração a cada balanço do lenho acordam e gritam mil saudades escondidas, como em ninho de arvore revolvida da viração, acordam e se debatem avesinhas, que se não podem valer, e não têem mãi.

Com rasão em sua ignorancia adoraram os Persas no fogo; com rasão o sagraram os Romanos perpetuo á Deusa Vesta, creadora de todas as coisas; com rasão, quasi sempre, e em toda a parte, o associaram ás festas, e em toda a parte, e sempre, ás cerimonias assim dos falsos, como do verdadeiro culto. Porque o fogo, de que Deus fabricou as estrellas para a noite, e o sol para o dia, para a primavera, e para o verão, o fogo, de que nos deixou a semente dentro nas pedras, e invisiveis e inexhaustos depositos nas arvores, que ataviam a terra, e nas minas de carvão, que a rechêam, o fogo, origem da luz, que alegrou no seu proprio Criador, e origem do calor, que mantem a vida, é uma coisa boa, santa, e indispensavel: e o mais terrivel pensamento do terrivel Byron foi aquelle sonho, em que o mundo se lhe representou privado do fogo, como um corpo despojado da alma. Mas cassemos as vélas á poesia, e tratemos do nosso assumpto, como bem cabe, chã e caseiramente; no estilo emfim, em que se costumam tecer as praticas ao canto do fogo.

Era aquelle uso dos fogões, bom para o coração, já o nós dissemos, e bem no entendiam os antigos, que o accendiam nas salas dos banquetes sobre a ara da hospitalidade; era bom para o espirito, que, por sua não sei que affinidade com o vivido, esplendido, e revoluvel das chammas, se reforça, e remonta na presença d'ellas: os auctores dos contos persicos, o Ariosto, o Ovidio, o Lafontaine, e os criadores daquellas risonhas fabulas dos gregos eram, indubitavelmente, grandes devotos e freguezes da lareira.

Mas a mais passam ainda suas excellencias, pois que até para a saude e conservação de nossos corpos, por summamente efficaz vol'o recommendarão todos os bons phisicos. Ora, se espirito e coração nem a todos os bipedes implumes os deu Deus, corpo, ao menos, todos o têem, ninguem o nega; e rarissimos deixarão de o apreciar devidamente.

Sendo pois coisa provada, como é, que de muitas molestias é o frio semeador, e aggravador de quasi todas, segue-se, por boas contas, que o fogão, que de nossas vivendas o affugenta, é um verdadeiro altar consagrado ao genio tutelar da saude; e que o pequeno sacrificio, que de nosso cabedal nos haja de custar a manutenção do seu culto, bem compensado ficará com os seus milagres sobre nós liberalisados. Aqui tomará na mão a penna algum velho avarento e rheumatico para calcular, como refutação ao nosso alvitre, a importancia de um fogo aturado, como as longas horas do inverno, e sem o qual tantas pessoas têem podido viver, e vivem largos annos; nós, que sobre a pedra bem tépida do nosso fogão, estamos rabiscando estas linhas, e talvez lhe devemos o não padecermos de rheumatismo, temos caridade para com todos, e até para com tal *Harpagão*; caridade, que se nos não enganamos, é este mesmo fogo, quem agora nol-a está alimentando: a essa preparada refutação não deixaremos pois de responder; a resposta é simples, e eil-a aqui: antes dar algum cobre mais ao lenhador indigente, que desenterra a cêpa, ou ao barqueiro semi-nu, que pelas manhãs nevosas nol'a vem lançar ás portas, do que pagar com oiro ao pharmaceutico as suas drogas de ambos os hemisphérios, tão pomposas nos titulos, e tantas vezes fallidas nas virtudes. Viva ou reviva pois o fogo. Tornem com as renascentes modas dos nossos avós, e tão abonadas da experiencia dos seculos, as chaminés, mananciaes de saude, de contentamento, de sociabilidade: e já que sem auctoridade de estrangeiros não ha suasória, que valha para a nossa boa gente, imitemos n'isto toda essa Europa desde os Pireneos até aos brancos e amaldiçoados desertos da Siberia. Sim temos, mercê de Deos, um clima, não barbaro, como o de tantos outros povos; mas n'este clima ha tambem inverno, e postoque não ladrilhado e esmagado de neve, nós, quasi só feitos ás primavéras e verões, que até por nosso inverno se entretecem, mais padecemos em um só dia delle, do que em um, ou muitos mezes o parisiense, o londrino, ou o moscovita, que só através de suas duplices vidraças o descortinam.

Se as grandes e pomposas chaminés não são para os haveres de toda a gente, os pequenos fogões de loiça, ainda porventura mais saudaveis, podem tornar-se um ornamento e regalo vulgar em todas as casas de não profundissima indigencia: nem nos assustem os prêços exorbitantes, que por uns moveis, tão faceis, nos virão pedindo mercadores francezes; tambem na nossa terra ha terra, tambem nos nossos braços ha mãos, e mãos e terra são tudo quanto é mister para tal industria: ¿haveria entre nossos fabricantes de loiça um só, tão decepado, ou tão parvo, que se lhe alguem encommendasse um disso, que os francezes chamam *poele*, e nos mandam pesado a prata, o não fizesse mui cabal e primoroso, e sobre tudo mui barato?

O inverno vai rijo; consultai hoje mesmo o vosso medico; ámanhã encommendai um *poele*; no dia seguinte, se nos encontrarmos, darnos-heis os agradecimentos.

X.

SOCIEDADE PROMOTORA DA INDUSTRIA.

FRANÇA.

49 PUBLICOU ha pouco a Sociedade promotora da industria nacional de França, uma especie de manifesto, em que resumidamente expõe os descobrimentos, e melhoramentos, que ha promovido, animado, e premiado, desde a sua fundação.

E' elle de tamanho interesse, que julgamos dever ser traduzido no idioma de todas as nações que prezão o progresso intellectual. Diz assim:

« Tendo-se formado em París, ha annos a esta parte, alguns estabelecimentos, cujo instituto é analogo ao da Sociedade Promotora da Industria Nacional, do que tem resultado confusão para o publico; a mesma sociedade julga dever fazer a seguinte exposição:

« A Sociedade Promotora da Industria Nacional foi fundada em 1802; foi seu programma o aperfeiçoamento de todos os ramos da industria franceza; eis os principaes meios de que até hoje se tem servido:

« 1.º — Distribuição de premios, e medalhas d'animação, por invenções e aperfeiçoamentos nas artes uteis.

« 2.º — Experiencias diversas para avaliar os methodos novos, ou para resolver os problemas das artes.

« 3.º — Publicação de um folheto mensal, distribuido exclusivamente aos membros da sociedade, com a narração dos descobrimentos uteis para a industria, feitos em França, e nos paizes estrangeiros.

« 4.º — A manutenção de alguns discipulos nas escholas veterinarias, na eschola central das artes e manufacturas, na do desenho e mathematica, na de agricultura, e em varios outros estabelecimentos.

« Distribue álem disto a sociedade, de quatro em quatro annos, medalhas aos officiaes de todos os estabelecimentos de industria, e de agricultura, que se distinguem por seu bom comportamento, e aptidão.

« Por meio de premios annuaes tem a sociedade conseguido juntar o seu nome a quasi todas as conquistas industriaes com que a França se tem enriquecido ha quarenta annos, taes como: o aperfeiçoamento do ferro, e das fundições de ferro; o fabrico da folha de Flandres, do aço fundido, do arame de ferro, e de aço, das agulhas, das limas, das ferramentas, dos parafusos de madeira, do alvaiade, da pedra pomes, das pedras preciosas artificiaes, das artes *ceramicas*, das argamassas hydraulicas, das almécegas, do grude, dos vernizes sobre metaes, do aperfeiçoamento das machinas de vapor, dos apparelhos para aquécer e allumiar, das armas de fogo, das serras, dos prélos typographicos, da encadernação, da gravura em madeira, da lythographia, dos pentes de tecelão, da tinturaria, etc. etc.

« Além destes aperfeiçoamentos, tem produzido os concursos propostos pela sociedade magnificos resultados; a elles se deve o bastidor de *Jacquart*, que produzio uma completa revolução nas fabricas de tecidos; o engenho de fiar, do mesmo author; o anil artificial, invenção tão importante quanto inesperada; a industria da casquinha de ouro, e de prata, de que a Inglaterra tinha o monopolio; a imitação do couro da Russia, etc. etc.

« Tambem se deve á sociedade a publicação d'algumas obras sobre os poços artesianos, que tanto se hão generalisado; a extracção do marmore do paiz, e seu emprego economico em pavimentos mosaicos; a applicação do chlorureto como desinfectador de materias organicas, bem como do ar atmospherico, de logares subterraneos, etc.

« E' tambem por meio de suas instigações, e publicações, que se tem propagado, e acreditado, o processo de *Appert* para a conservação das substancias alimentares, serviço consideravel feito á marinha, á economia domestica, á pharmacia, e á humanidade.

« Foi a sociedade quem promoveo e dirigio a importação em França das machinas necessarias para facilitar o fabrico dos pannos de lã, que tanto concorreram para a baixa de seu preço, e por consequencia para o augmento do consumo.

« A maior parte dos aperfeiçoamentos da lithographia, depois da sua introducção em França, são resultado dos premios que sobre este objecto prometteu.

« A industria da sêda tambem lhe deve o grande desenvolvimento que tem adquirido desde 1808 até hoje, especialmente a sèda branca da China, que sómente se obtinha em dois estabelecimentos.

« Tem por derradeiro a sociedade poderosamente contribuido para o bom resultado das machinas de fabricar papel, para as estamparias sobre tecidos, couros, etc., para a cultura do assucar de beterraba, para o fabrico dos vidros córados de duas camadas, á moda de Bohemia, para o fabrico das garrafas com a fortidão necessaria para conterem vinhos espumósos; e para muitos ramos da economia rural, taes como a creação dos carneiros merinos, a cultura dos prados artificiaes, a sementeira de pinhaes, e a propagação das multicaules.

ASSOCIAÇÃO DOS ADVOGADOS DE LISBOA.

50 Na conferencia de 19 do corrente mez foi unanimemente approvado socio correspondente d'aquella Associação o Snr. Sebastião d'Almeida e Brito, Advogado na Cidade do Porto, em consequencia de proposta feita pelo Snr. Beirão, e Abel Maria Jordão, Vice-Presidente. Deu motivo a esta proposta a impressão que fez o discurso proferido por aquelle illustre Advogado, na Audiencia do dia 10, perante a Relação do Porto, em defeza de D. Miquelina Adelaide Ferreira de Figueiredo, accusada, e convencida, do crime horrivel de ter assassinado cruelmente a amante de seu marido, e que já estava occupada de seis mezes. O Juiz de 1.ª Instancia havia condemnado a ré a degredo perpetuo para as Pedras Negras, porem a Relação do Porto commutou esta pena em 10 annos de prisão. O mesmo illustre Advogado se ha distinguido muito em outras causas célebres, o que levou a Associação dos Advogados de Lisboa a tributar-lhe a sua admiração, e a enviar-lhe o diploma de socio correspondente.

* * *

SOCIEDADE ESCHOLASTICO-PHILOMATICA DE LISBOA.

Curso Publico e Gratuito de Geographia.

PROGRAMA.

1.ª Parte.

51 Geographia Mathematica — Sphericidade da terra. — Sistemas (*em geral*). — Instrumentos (*Spheras* ou *globos*, e *cartas* ou *mappas*). — Pontos, linhas, e circulos considerados na sphera. — Posições da sphera. — Systema de Ptolomeu. — Systema de Copernico. — Phases da Lua. — Systema do Mundo.

Geographia Physica — Principios geraes. — Divisões physicas do globo. — Phenomenos, (*Equinocios e desigualdade dos dias. — Solsticios. — Eclipses. — Estações. — Climas. — Ventos. — Nuvens. — Trovões. — Chuvas. — Volcões. — Tremores de terra. — Fogos fatuos. — Exhalações. — Auroras boreaes — e Marés.*

Pontos relativos da sphera.

Problemas.

Geographia Politica, ou Historica — Principios Elementares.

2.ª Parte.

Europa.

3.ª Parte.

Asia.

4.ª Parte.

Africa.

5.ª Parte.

America.

6.ª Parte.

Oceania.

7.ª Parte.

Portugal.

8.ª Parte.

Geographia Antiga.

No começo de cada prelecção se fará uma recapitulação succinta da antecedente.

No dia 22 de Fevereiro (terça feira), haverá um discurso de inauguração, comprehendendo — a origem e progressos da Geographia — seu estado actual — vantagens do seu estudo — e methodo que se ha de seguir neste Curso.

As Prelecções serão impreterivelmente todas as terças feiras, excepto quando for dia santo, porque então terão logar no dia lectivo immediato; sendo a hora desde as 7 até ás 7 e 3 quartos da tarde.

UM LIVRO FRANCEZ PARA PORTUGUEZES.

52 Saíu á luz em Paris nos primeiros dias do presente anno um formoso volume de 230 paginas intitulado — *Au bord du Tage* — e composto por Mademoiselle Pauline Flaugergues. Do apreço, em que o terão os Francezes, bom argumento nos sejão os altos louvores, com que os seus jornaes, e nomeadamente o *Correio Francez*, e o *Monitor Parisiense* o saudáram. Esses louvores com razão os repetiu, entre nós, a *Abelha* no seu numero 33, confirmando-os com o seu suffragio.

Por nós, e para nós foi feito esse livrinho, que de toda a parte está recendendo tanto affecto para com Portugal e portuguezes, quanto nunca jámais em estranha lingua se exprimíra. Mademoiselle Flaugergues, com quem nós tivemos a fortuna de tratar amisade e letras nos ultimos tempos de sua estada em Lisboa, não podia deixar de pôr em seu alaúde as suavidades do nosso céu, as memorias saudosas, e as grandezas ainda vivas, que tanto amplificão o nosso pequeno torrão; e sobre tudo o affecto, com que a sua Musa foi entre nós devidamente recebida, apreciada, e festejada.

Mademoiselle Flaugergues, que hoje hombrêa com as principaes poetisas de sua patria, as quaes não são poucas, nem de pequeno vulto, d'entre ellas se estrema, segundo nos parece, por mais de um respeito. Não pretendemos estabelecer odiosas comparações, quasi sempre temerarias, e raras vezes desapaixonadas; registamos unicamente um facto, sem querermos inferir d'elle nenhuma consequencia, que possa ferir pessoaes melindres, e muito menos a justiça. Energica e muitas vezes sublime como Madame Emile Girardin; graciosa, e ao mesmo tempo sabia como Madame Amable Tastu; lirica e florida como Madame Desbordes Valmore; melancholica e apaixonada como Madame Dufresnoy, Mademoiselle Flaugergues, pelo rumo que sua propria indole, suas reflexões, ou suas penas hão dado ao seu poetar, entre ellas apparece como o auctor das *Meditações* entre os extraordinarios poetas seus contemporaneos; é ella o Lamartine do seu sexo.

Todos os pequenos trêchos dispersos, de que se compõe a collecção, que annunciamos, e todos quantos escriptos até hoje conhecemos de sua penna, são repassados de todos quantos nobres amores se podem sentir, excepto unicamente aquelle, a que o nome de amor se costuma dar por excellencia, e o que desde Sapho até nossos dias tem quasi sempre sido o exclusivo e inexgotavel assumpto das mulheres auctoras; porque o amor, como bem o advertiu a eloquente philosopha Madame de Stael, o amor, que na existencia dos homens não é mais do que um episodio, é a historia inteira da vida das mulheres: afóra este, que a nossa poetisa, ou nunca experimentou, ou nunca se dignou de cantar, mas que fosse entre lagrimas, como Dufresnoy, todos os outros vivem no seu coração, e conhecem perfeitamente as mais secretas passagens para virem de lá até os nossos; a piedade religiosa com todos seus arrojos, tão indubitavelmente liricos; a affeição indelevel áquella santa e indefinivel cousa da patria; o culto aos laços naturaes do sangue, e a essoutros, não menos naturaes e indissoluveis, os da amisade; emfim, a simpathia para quanto no Universo se contém de nobre, de grandioso, de bello, de saudoso, de melancholico, ou de aprasivel, eis ahi o que ella sente, o que ella sabe, o que ella respira, o que ella é; eis ahi, em summa, o que é o seu livro: n'elle se contém a poesia mais virginal, que uma boa mãi possa, e deva deixar ler a suas filhas; e uma das mais bem alumiadas de verdadeira inspiração christã, que em nossos tempos se têem levantado dentre os gelados e tempestuosos neveeiros da imprensa européa.

Sinceramente nos peza agora que o forçoso aperto destas paginas, e a sobriedade, com que nellas se têem de libar quantos objectos se não refirão directamente ás vantagens, que são para todos, (e de que tão poucos fazem caso) nos não permittão, para prova do que levamos dicto, copiar, vertidos em linguagem, alguns passos deste volume, onde o escolher é por ventura o mais difficil; contentemo-nos, ao menos por hoje, com apontar alguns dos titulos do seu contheudo, — *Le foyer eteint*; *L'alcyon au cap*, com traducção pelo Sr. Garret, *Les tribus exilées*; *Souvenirs de la patrie*, *Adieux à une amie*; *Consolation*; *Leila ou l'orpheline de Grenade*; *Palmina, ou la harpe magique*; *Prière d'un petit nègre nouvellement baptisé*; *A Mr. Almeida Garret sur son poème de Camões*; *Fragment écrit à Cintra*; *Le chateau des Maures, et le couvent de liege*; *Doux souvenir*; *Chant pour l'inauguration de N. D. de l'ile*; *Souvenez vous de moi*; *L'etoile du poete*; *L'antre de Viriate*; traduzido da Lirica de João Minimo do Sr Garret; *Sur deux oiseaux qu' on avait separés*; *Le soleil*, *fragment traduit du portugais*; *Grenade. fragment d'un ouvrage inédit sur l'Espagne et le Portugal* — este fragmento rico de discripção e de historia faz esperar com ancia pela obra,

a que pertenc — *Tu douce voix sèche mes larmes ou une orpheline; L'Etoile des Mers, hymne à la Vierge; Soufflez pour moi, vent du retour; Les inondations et la charité chrétienne; La cathédrale de Rodez; Une voix du ciel; Espoir;* etc. etc. etc.

Poucos exemplares d'esta collecção vieram remettidos para Lisboa, e se achão na loja do Sr. Langlet ao Fote das Almas: os curiosos, que desejarem possuil-a, deverão apressar-se.

A. F. de C.

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA.

53 Questão ácerca do agio da moeda papel no preço do contrato do tabaco. Peças principaes da acção de Manoel Joaquim Pimenta e Comp.ª, e Lino da Silveira e Comp.ª, contra o Conde de Farrobo, e por elle offerecidas ao respeitavel publico como um testemunho da justiça e boa fé com que se defendeu e continúa a defender-se, no recurso d'appellação que interpoz para a Relação de Lisboa.

Resumo das reflexões historicas e philologicas de João Pedro Ribeiro, por S. A. P. = Vai sahir á luz o resumo deste importante e rarissimo livro. Hade ser publicado em duas partes separadamente, e cada uma não conterá menos de dez folhas, e provavelmente mais. O preço de toda a obra é de 600 reis para os Snrs. Subscritores, pagos por duas vezes á entrega de cada uma das duas partes.

Sahio a 14.ª folha do Directorio Fundamental d'instrucção primaria; obra classica e de particular utilidade a todos os commerciantes, caixeiros, e pessoas addidas ao tracto mercantil. Subscreve-se por 50 reis, para esta obra que constará 20 folhas de impressão, e depois será vendida avulso a 800 reis na loja de Bordallo, rua dos capellistas n.º 20.

HESPANHOLA.

54 Tratado pratico das enfermidades siphyliticas, com os differentes modos de cural'as, e modificações que se lhes devem fazer, segundo a idade, sexo, temperamento, clima, e estação. Traduzido do Francez por D. L. F. de la Selva.

As leis illustradas pelas sciencias physicas, ou Tratado de Medicina legal e de Hygiene publica, por Fodéré, e traduzido em castelhano por J. D. R. C.

Compendio elementar de direito canonico, precedido de um resumo historico do mesmo, e augmentado com noventa noções de direito publico ecclesiastico, pelo Bacharel Miguel Maria Sanchez Ugarte.

Elementos de pratica forense, por D. Lucas Gomes y Negro, 4.ª Edição.

Lições de Direito publico constitucional para as escholas de Hespanha, por R. Salar, Doutor em Salamanca.

Elementos da Sciencia da estatistica, por Adrião Pereira Forjaz de Sampaio, Socio da Academia Real das sciencias de Lisboa, traduzidos em castelhano, por Vicente Diez Canseco.

Miscellanea de alguns folhetos já impressos, e escritos inéditos sobre instrucção publica, agricultura, commercio, portos francos na Peninsula, alfandegas, contrabando, fabricas, marinha, e outros objectos de geral interesse para a Hespanha e America, por S. Lobé. 1 vol. em 4.º

A minha segunda viagem á Europa nos annos de 1840 e 1841, por S. Lobé.

Cartas a meus filhos durante uma viagem aos Estados Unidos, França, e Inglaterra, nos ultimos 7 mezes de 1837. 1 vol. em 8.º

BIBLIOGRAPHIA MODERNA ALLEMÃA.

55 Supplemento ás obras de Goethe, por Boas.

Recordações de Goethe, por Riemer.

Poesias de Tiek.

Poesias de Geibel.

Poesias de Kopisch.

Obras completas de Tiedge.

Phonologia, ou grammatica natural, por Wocher.

Manual da historia das artes, por Kugler.

Memorias sobre o congresso de Vienna, por Varnhagen.

Historia do Texas, por Scherpf.

Viagens de Alexandre Humboldt á America e á Asia, publicadas por Lowenberg.

Tomo 3.º do Exame critico da historia da geographia do novo mundo, por Lowenberg.

Viagens pela Europa, Asia, e Africa, desde 1835 até 1841, por Russegger.

Viagens á Russia e Polonia, por Kohl.

Cartas de Moltke sobre a Turquia.

Viagem á Batavia, por Heinzen.

Viagens pela Algeria, por Wagner.

Historia dos vandalos na Africa, por Pappencordt.

Recordações de Marrocos, por Augustin.

Manual de historia universal christã moderna, tomo 1.º

Taboas chronologicas da historia de Florença, por Reumont.

Manual da historia da philosophia (tomo 2.º, historia da philosophia da idade media), por Marbach.

1.ª lição de Schelling, sobre a philosophia da revelação, dada em Berlim a 15 de Novembro de 1841 (veja-se o nosso artigo 37 d'este vol.)

Manual da historia litteraria de todos os povos conhecidos do mundo; tomo 2.º, contendo a historia litteraria dos mais famosos povos da idade media; por Graesse.

Bibliotheca dos auctores classicos romanos, por Bernhardy.

Epigrammas de Martial, traduzidos por Schneidewin.

Fragmentos das obras de Cezar Augusto, por Weichert.

Encyclopedia de philosophia, por Herbart.

Repertorio da litteratura historica da Allemanha, por Lederbier.

Swedenborg, e os seus antagonistas, por Tafel.

Historia critica da typographia, por Koch.

Taboas chronologicas da historia da litteratura allemã, por Guden.

Manual de litteratura do direito criminal, por Kappler.

Sobre o principio moral do Governo, por Krause.

Geologia de Leonhard.

Atlas geologico de Leonhard.

O Magnetismo animal, por Kirmse.

O somnambulismo, por Fischer.

Historia natural das plantas, por Reichenback.

Bulletim annual dos progressos da medicina em todos os paizes, por Canstadt.

Pathologia e therapeutica de Canstadt.

Sobre a relação que ha entre a medicina e a chirurgia, por Walther.

TYP. DA VIUVA DE J. A. DA S. RODRIGUES.

Rua da Condeça n.º 19.

REVISTA UNIVERSAL.

N.° 5.

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, TRAVESSA DA VICTORIA N.° 29, ESQUINA DA RUA DOS DOURADORES POR 12 NUMEROS 480, POR 24.... 960, POR 52.... 1920 REIS.

Quinta feira 3 de Fevereiro de 1842.

A redacção da **REVISTA UNIVERSAL** acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Roga-se aos Senhores Assignantes de Lisboa que não entreguem quantia alguma aos distribuidores senão contra o competente recibo impresso, e assignado pelo Editor.

DIARIO METEOROLOGICO DESDE 26 ATE 31 DE JANEIRO DE 1842.

Dias do Mez.	Termom.° Exterior.		Barometro.		Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	ESTADO DA ATMOSPHERA.
	Minim.°	Max.°	9 h. m.	3 h. t.			
26	46°	60°	763,5	763,0		B. NO	Claro e nuv.°—Cob.° denso—Tepido e hum.
27	51	56	64,0	62,0		NO. N.	Id. — Claro. — Fresco e seco.
28	42	61	62,0	60,0	[illegible]	O. SO.	Cob.°, nev.° no horis. e algum chuv.°—Cob.° chuviscos, e claros.
29	42	55	63,4	62,3		^{1}N. ^{1}NE	Claro — Frio e seco.
30	46	55	61,7	61,0		^{2}N	Id. e alguma nuvem — Claro — Frio e seco.
31	38	54	63,3	62,0		B. ^{1}N	Id.............................Id.

RESULTADOS DAS OBSERVAÇÕES DE JANEIRO.

Temperatura media das madrugadas — 42.° F. (4 ½ R) — D.° nas horas do maior calor 54. (10.°) D.° media do mez 48.° (7 ½) Variação media diurna 12.° (5.° ⅓) — Maior variação diurna a 20, 21.° (9 ⅓) — Maior frio a 9 — 26.° (3.° abaixo da congelação) — Maior calor a 20, e 28 — 61.° (13.) Alturas do barometro reduzidas á temperatura de 61.° — Menor a 14, 750,8 mill: — Maior a 17 771,1 mill: — Media do mez 762.9 — *Ventos dominantes* contados em meios dias N, 16 — NO, 11 — O, 6 — SO, 8 — NE, 11 — Varios 2 — Bonanças 8. — Dias claros 10 — Claros e nuvens 4 — Cobertos e algum claro 3 — Chuva e chuviscos 11 — Nevoeiros, e depois claros 3 — Nortes em que gelou 4 — Dias de tempestade 2 — Ventosos 6 — de frios rigorosos 10 — de frios notaveis 5, e na totalidade 15 dias frios.

As quadras dominantes foram sete; a 1.ª de 3 dias frios, muito humidos, com nevoeiros de manhã, e depois claros, com o horisonte vaporoso, e pequenos ventos: a 2.ª de outros 3 dias frios, muito humidos, ceo coberto com pequenas chuvas de aguaceiros muito frios, e ventos rijos do mar: a 3.ª de 6 dias extraordinariamente frios, gelo, e geadas densas, ceo claro, ar muito seco, e ventos brandos do norte: a 4.ª de 3 dias temperados, ar muito humido, chuvas abundantes, e tempestades de travessia: a 5.ª de 5 dias frios, ar muito seco, ceo claro, e ventos rijos do septentrião: a 6.ª de 8 dias tepidos, muito humidos, pequenas chuvas, alternadas com o ceo ora claro ora nublado, e ventos variaveis; e finalmente a 7.ª de 3 dias frios, ar seco e ceo claro.

Segue-se que o mez decorreo muito frio e seco, pois a sua temperatura media foi 2.° inferior á regular. A chuva recolhida não excedeo a 37 millimetres que equivalem a 11 almudes por braça quadrada, ou ainda menos de metade do que costuma cahir em mez regular.

M. M. F.

PLANTAÇÃO D'ARVORES.

PORTUGAL.

56 Por sua immensa utilidade persistimos em fallar neste objecto, agora que é tempo proprio para curar delle.

A principal sciencia da plantação d'arvores consiste em surribar, ou cavar muito fundo a terra, de sorte que fique bem rota, e sem pedras, cascalhos, raizes, troncos velhos, sem nada emfim de quanto possa estorvar que as raizes se estendam, e desenvolvam. Nos terrenos d'onde se tiram arvores velhas, para plantar novas, maior cuidado deve haver em fazer grandes surribas, e cavar muito profundamente a terra, segundo a natureza do terreno, abrindo-se covas, que deverão, antes da plantação, ficar expostas ao ar, por espaço d'um, dous, e mais annos, afim de que o terreno exhale, e evapore o azote, e os sucos das raizes, e troncos velhos, que prejudicam as novas plantações. Preparado assim o terreno, escolhem-se arvores já desenvolvidas, para cedo fructificarem, e produzirem; havendo o cuidado de as plantar viradas para o lado em que d'antes estavam, o que se consegue com signaes de papel, e letreiros de norte, sul, nascente, e poente; isto convém muitissimo ao desenvolvimento das arvores. E' igualmente necessario que o lastro em que assentarem as raizes seja de terra succolenta.

Depois de bem estendidas nas covas, e bem separadas umas das outras, se cobrirão com uma nova camada de terra succolenta, que se regará bem; lançar-se-lhe-ha por cima nova camada de terra, que se tornará a regar, e assim por diante até se encher a cova. Esta regra é observada pelo Snr. João Evangelista, na sua quinta de S. Pedro de Cintra, onde as plantações lhe hão grandemente prosperado, e sem que haja perecido uma unica arvore, o que elle atribue principalmente á réga, que manda fazer nas raizes antes de encher as covas de terra. — Um ponto importante é mandal'a vir de terrenos lodosos, e succolentos, da superficie d'elles, e de logares, em que as arvores, e raizes das plantas, lhe não hajam exhaurido os sucos. Nos terrenos em que houver já arvores deverão plantar-se outras de diversa especie, pois está provado que as da mesma qualidade não prosperam alli. Haja tambem cuidado em plantal'as a certa distancia umas das outras, porque uma arvore desaffrontada produz mais do que tres ou quatro juntas; e se ellas são para aformosear, e dar sombra, mais se consegue este fim pondo-as bem separadas. Por instruido em todos os pormenores da plantação, obteve o Snr. João Evangelista, que UMA laranjeira lhe produzisse, ha dous annos, quarenta e dous mil réis!

Mas se por um lado folgamos de apontar este exemplo, filho da industria e saber de um proprietario, lastimamos que em similhante objecto reine geralmente o maior desleixo e ignorancia. Confiamos porém em que estas ligeiras observações e mais do que ellas a leitura do 3.° Tratado de Raspail, traduzido, e publicado, pelo Snr. Dr. Antonio Joaquim de Figueiredo, mostrarão claramente a todos os nossos proprietarios as grandes vantagens da plantação das arvores, e o modo de haver por ella os mais favoraveis resultados. C. X. P. B.

AVISO AOS AGRICULTORES

Sobre os inconvenientes de espalhar o arsénico pelas terras.

PARIS.

57 Quasi que se acha fóra de duvida, que a maior parte das substancias inorganicas soluveis podem ser absorvidas pelos vegetaes, uma vez que estejam dissolvidas, e ir-se depositando no interior delles, em maior ou menor quantidade, depois da exhalação da agua que as ha acarretado para o tecido da planta. A experiencia tem demonstrado que, por este modo, substancias venenosas podem penetrar nos vegetaes com a mesma facilidade, que as assimilaveis e nutritivas; e parece que nos casos em que aquellas são absorvidas em mui pequena quantidade, as plantas não padecem muito por isso. E' pois de presumir que, todas as vezes que os venenos metallicos contidos no sólo penetrarem nos vegetaes conjunctamente com a seiva ascendente, mas em doses minimas, estes poderão continuar a vegetar como se tal não fosse; porém se o veneno fôr absorvido por decurso de tempo, afinal se depositará em alguma parte do vegetal, em quantidade sufficiente para que o uso habitual deste ultimo, como alimento, possa causar prejuiso.

Em algumas localidades usa-se de espalhar pelos campos, mórmente pelas terras de pão, porções muitas vezes consideraveis d'arsénico branco (acido arsenioso) com a mira de destruir os animaes damninhos; ora, á vista das considerações, que fizemos, é de suppôr, que tal pratica, e mais se fôr continuada, não deixa de ter seu risco, se reflectirmos que o oxido branco d'arsenico, sendo quasi inalteravel, póde pelo decorrer dos annos, accumu-

lar-se no solo em quantidade tal, que as plantas venham por fim a impregnar-se d'elle fortemente, e que a sua assimilação seja funesta.

Taes são em resumo as reflexões que faz o Jornal de Chimica Médica de Paris em um dos numeros do anno proximo passado.

A. J. de S.

ORGANISAÇÃO

Dos fundos de uma terra, baseada sobre o augmento progressivo da sua renda.

ALLEMANHA.

58 Com este titulo publicou ha pouco *Nebien*, na Allemanha, uma obra, que comprehende toda a pratica, e theoria, da economia agricola allemã; parece-nos que será bem aceito o seguinte resumo das idéas contidas neste magnifico livro.

Começa o auctor por definir a agricultura, chamando-lhe — *Industria da vegetação* — e diz que esta industria consiste na arte de fazer trabalhar muito a natureza, promovendo uma conveniente direcção ás forças naturaes do terreno, por modo que, com o mesmo trabalho, se fação augmentar as forças de producção, e fecundidade.

Quando se lavra muito, e se semeam grandes extensões de cereaes, ha muito trabalho e pouca vegetação, e por consequencia muita despeza que vai absorver a maior parte dos lucros da producção; disto resulta uma renda liquida mui diminuta: o que se pertende pois é fazer produzir mais, sendo a despeza a mesma. Para isto não recommenda o auctor augmento de trabalho, nem acrescimo de capitaes; porque o melhoramento das terras, e acrescimo na renda liquida, que é o seu grande problema, não se deve procurar por meio de uma cultura exagerada de colheitas bem escolhidas, nem por instrumentos industriaes necessarios para a cultura, nem por maquinas, ou animaes; mas sim por dar melhor acção á força vegetal do terreno, a qual conduza a um augmento gradual de fecundidade e, por consequencia, de productos: em summa, o systema de *Nebien* tem por objecto, como bem o declara o titulo da obra, basear a organisação de um casal, ou de uma herdade, em um constante progresso de fecundidade, e de renda, sem augmento de despeza.

A industria agricola não está no caso das outras industrias; é sobre o trabalho do homem que estas se fundão; mas aquella depende essencialmente do trabalho da natureza, e tem por agentes a vegetação diaria das plantas, e até a vida dos animaes: a terra trabalha produzindo hervas, que augmentão por si mesmas a cultura adubiando-a; e os animaes trabalham convertendo estas ervas em carnes, e fornecendo d'estrumes os prados e curraes; logo, em agricultura, é a natureza que trabalha, dirigida unicamente pelo homem; e como o trabalho da natureza nada custa em comparação com o do homem, que é muito dispendioso, é preciso procurar o meio de a fazer trabalhar muito, e sem descanço, poupando o mais que for possivel o trabalho humano.

Nos diversos meios que *Nebien* apresenta para melhorar physicamente o terreno, vê-se muita consideração para com o abrigo e encerramento das plantações; assevera elle que pagam bem a renda do logar que occupam, pois promovem a estagnação dos gazes humidos, e fertilisadores, que fluctuando na superficie do terreno se prestam a ser absorvidos pelas plantas no estado de verdura. Divide a cultura em cathegorias principaes, a saber: aquella em que o terreno é ordinariamente aberto e que serve para as cearas de toda a qualidade de grãos mondados; e a em que a plantação pode ser fechada, ou abrigada, ordinariamente, e que deve constar de forragens, prados, e pastos.

A base fundamental do seu systema consiste em estabelecer toda a qualidade de forragens, quer para colher em palha ou em verde; assevera elle que os seus cortes, ou ceifas periodicas, augmentam progressivamente a fecundidade do terreno com o adubio gratuito que resulta da decomposição da relva, e de suas raizes; sustenta como principio, que quanta mais herva produzir, tanto mais crescida será a renda, pois muito maior, e mais barata, sahirá a producção.

Não se deverá cultivar sómente o trevo, mas tambem a luzerna e o samfeno, escolhendo os terrenos que mais lhes convierem. Exaltado apologista dos prados artificiaes, chega a affiançar que até nos paizes que mais povoados forem, se alcançará uma renda muito avultada se se converterem os mais preciosos terrenos em prados, seguindo exactamente os meios por elle indicados.

O que tem impedido até hoje o progressivo desenvolvimento d'esta cultura é, segundo elle diz, a ignorancia dos verdadeiros principios sobre que deve ser estabelecida e da escolha das plantas que devem compor estes prados e pastagens.

Os prados, e seus cortes periodicos, occu-

pam o primeiro logar no systema de melhoramentos apresentado por *Nebien*; n'elles se funda para obter a forragem necessaria para o estio, dando toda a preferencia á economia dos prados sobre as despezas dos curraes ou estrebarias, cujo systema tem feito considerar os gados como *um mal necessario*.

Para se poder regular a conveniente proporção das forragens, *Nebien* considera como principio fundamental que os *rebanhos e gados devem ser considerados como objecto principal de todo o rendimento*; e por conseguinte se lhe devem destinar: 1.º todos os pastos, 2.º os dois terços das colheitas apanhadas á mão, bem como dos grãos; e que não se deve vender, nem consumir em casa, mais do que o terço que fica d'estas colheitas, o que equivale proximamente, diz elle, a um setimo de toda a colheita vegetal, devendo os outros seis setimos serem todos empregados em producções animaes.

Trata depois da fecundidade do terreno, da maneira de a medir, e do que a pode augmentar ou diminuir; da quantidade que é consumida pelas diversas colheitas, dos desperdicios etc.

Em logar de calcular a fecundidade de um terreno em grãos, calcula-a pelo pezo do estrume que os gados produzem; e diz que uma terra tem a fecundidade de 2,000, 2,600 ou 3,000 etc. quintaes d'estrume; e indica as causas de diminuição, como provimentos de *circumstancias locaes*, de *demasiada actividade do terreno*, de *evaporações*, de *inactividade da terra*, ou de *inercia*; o que faz com que esta parte da sua theoria precise ser estudada para evitar complicações.

Todos os seus calculos são em peso. Determina o do estrume que se pode obter, dobrando o da forragem consumida em palha.

Estabelece que 50 quintaes de cereaes no inverno dão 150 quintaes de palha, e que 50 de cereaes obtidos no verão não dão mais do que 100.

Todos os seus raciocinios, observações, e calculos, tendem a concluir que o meio seguro de augmentar gradualmente, e sem novas despezas, a fecundidade do terreno, e seu rendimento annual, consiste: 1.º — em ampliar a cultura das forragens. 2.º — Em restringir o menos possivel a dos cereaes. 3.º Em buscar o rendimento da propriedade *principalmente* sobre o producto dos animaes.

Examina depois os diversos systemas de cultura, e, applicando-lhes as suas formulas, consegue, por meio dellas, fazer uma avaliação exacta e mathematica de cada um.

Conclue finalmente que todos os systemas d'agricultura são muito diversos do seu, pois em todos elles se quer obter um valor das cearas e das plantas mondadas, o que tudo faz consideravel despeza de cultivo; que nestes systemas os gados são considerados como *um mal necessario*, pelo grande provimento que é preciso ministrar-lhes em todas as estações, especialmente no inverno, e que pelo seu systema os gados são toda a riqueza, e os prados pouca despeza fazem, tendo a natureza quazi toda a acção, e desenvolvendo uma progressiva fecundidade, nutrida pela grande abundancia d'estrumes que fornece o mesmo gado.

F. A. M. P.

EFFEITOS DA DIMINUIÇÃO

Da pressão atmospherica, ou da rarefacção do ar, no corpo do homem e dos animaes.

FRANÇA.

59 PELAS experiencias recentemente feitas por *Fourcault*, em presença de numerosos expectadores, em Paris, provou-se, que a falta d'ar, e até a sua rarefacção, no corpo do homem, e dos animaes, póde muito bem matar dentro em pouco tempo.

Os animaes em que aquelle célebre physico fez as suas experiencias, estavam mettidos dentro d'um apparelho, de tal arte construido, que só as ventas lhes ficavam de fóra, e communicavam com o ar exterior; o resto do corpo ficava mettido dentro do recipiente de uma machina, semelhante á pneumatica, de que progressivamente se extrahiao ar, por meio de uma bomba. Todos os animaes morreram, apesar de não se haver nunca inteiramente extrahido o ar contido no recipiente; um coelho de 3 mezes morreu em quatro minutos, e um cão, adulto e robusto, dentro de um quarto de hora. Em todos os animaes assim mortos se achavam o estomago, e os intestinos, mui dilatados pelos gazes que n'elles se continham; o figado havia adquirido um volume quasi quadruplo daquelle que tem no seu estado normal; os vasos capillares internos estavam mais cheios de sangue do que ordinariamente, e a veia cava, e a auricula direita do coração, summamente inchadas.

Compara *Fourcault* estes resultados com os mesmos, que obteve das experiencias, que anteriormente fizera cobrindo a pelle dos ani-

maes com um verniz impermeavel ao ar. N'este ultimo caso, diz elle, morrem os animais de uma verdadeira asphyxia cutanea, caracterisada pela liquefacção do sangue, e pela côr que apresenta nos vasos capillares da pelle, côr muito differente da que tem quando a pelle está em contacto com o ar. Em um e outro caso se engorgitam extremamente as veias.

Termina emfim *Fourcault* asseverando que nas suas experiencias produzio tambem a asphyxia cutanea por meio da immersão dos animaes no oleo de linhaça, ou de unturas muitas vezes repetidas do mesmo oleo sobre a pelle.

Uma importante consequencia se deve tirar de similhante investigação, e vem a ser, quanto convém vestirmo-nos e calçarmo-nos de modo tal, que o ar possa livremente ser absorvido pelos póros de todo o corpo. Já se vê que o uso de botas de borraxa, e de pelles d'animaes applicadas sobre o corpo, ou quando muito sobre a camisa, como usam differentes pessoas, póde occasionar, senão a morte, pelo menos gravissimos transtornos na economia animal.

P. H. S. C.

COMPOSITOR MECHANICO.

LONDRES.

60 Em os nossos artigos n.os 7, 53, e 126 do tomo precedente, fallámos nas diversas tentativas feitas em França, Inglaterra, e Portugal, para abreviar o trabalho da composição. Dissemos em o ultimo que mais cedo ou mais tarde se conseguiria tal fim, visto que diversos machinistas o julgavão possivel, e á porfia trabalhavão sobre este objecto.

Cumpriram-se os nossos desejos e esperanças, e boa nova vimos hoje dar a typographos auctores, e publico; a typographos, porque dando promptas em muito menos tempo as obras que se lhes encommendarem, de muito maior numero d'ellas poderão incumbir-se, augmentando assim o seu ganho, a auctores, porque não passarão d'ora em diante pelo supplicio de esperar séculos e séculos por uma prova, e trabalharão com mais fervor, vendo por um lado diminuida a despeza de suas obras, e por outro maior azáfama a ellas, por dever esta ser sempre proporcional aos gastos de impressão; ao publico, porque poderá, com menor sacrificio, recrear-se, e instruir-se. Quem não abençoará pois tão engenhosa e util invenção?

A. Young e Delambre, maquinistas inglezes, de quem fallámos no primeiro dos citados artigos, é que se deve a solução do problema, que vai fazer uma revolução na arte da typographia. Ainda hoje não podemos dar uma exacta idéa do em que consiste o mechanismo do seu compositor, e por isso nos limitaremos a traduzir o que a este respeito se nos depara nos jornaes inglezes, extrahido da *Phalange de Londres*. Diz ella assim:

» Annunciamos a nossos leitores que a parte principal do presente numero da *Phalange* foi composta com o novo compositor mechanico de *Young e Delambre*; é pois o nosso jornal o primeiro sobre que se ha tentado a applicação d'este processo á imprensa periodica. Uma nova era vai abrir-se para a typographia. Com uma pouca de pratica, e de experiencia, tornar-se-ha tão facil, e ainda divertida, a composição typographica, que até as senhoras se poderão sentar ao piano (tal é a fórma do instrumento), e fixar, por meio de caracteres metallicos, os seus pensamentos, com tanta facilidade como se ao papel os confiassem. Cada tecla corresponde a uma letra; pondo successivamense os dedos sobre umas poucas, vem as letras correspondentes collocar-se no seu logar, em tão pouco tempo quanto é necessario para soletrar as palavras. Este processo multiplicará o numero d'obras que têem de sahir dos prelos, sem todavia diminuir o numero de operarios, nem o salario d'elles, pois quanto mais barato se vende, tanto mais se compra, e quanto mais se compra, tanto mais necessario se torna trabalhar com efficacia »

R. L.

MODO DE *ZINCAR* OS METAES.

ALLEMANHA.

61 Acaba de descobrir um celebre chimico allemão, por nome *Bottger*, um modo simples, e economico, de cobrir o arame, e chapas de cobre e latão, alfinetes, e em geral todos os objectos metallicos, com uma brilhante capa de zinco. Diremos em que o processo consiste.

Põe-se uma porção de zinco, em grãos pequenos, dentro de um vaso de porcellana, ou outra qualquer materia, comtanto que não seja de metal; deita-se-lhe por cima uma solução saturada de sal ammoniaco; aquece-se este até o grão de ebullição, e mettem-se-lhe dentro os objectos que se querem *zincar*, depois de os haver bem limpado com acido hydrochlorico diluido em agua; d'ahi a poucos minutos estão cobertos com uma ca-

pa mui formosa de zinco, e que difficilmente se destroe, até esfregando-os.

C. H. M. C.

PURIFICAÇÃO DA AGUARDENTE.

Dissolvem-se 65 grammas de cholureto de cal em 225 canadas d'aguardente, e distilla-se no alambique. Vai-se recebendo o producto da distillação n'um refrigerador, no alto do qual se acha um crivo; basta que sobre este crivo se ponha uma camada de 10 centimetros de carvão animal bem purificado, atravez do qual tenha de passar o liquido, antes de cahir no fundo do refrigerador.

REMEDIO CONTRA A INSPIRAÇÃO DO CHLORO.

62 Nas officinas de branqueamentos, nas fabricas de productos chimicos, e nas experiencias dos laboratorios, acontece muitas vezes a inspiração dos vapores do chloro que resultados bem funestos: para escapar aos perigos inherentes a esse descuido, deve respirar-se o vapor do espirito de vinho, ou engolir torrões d'assucar molhados em alcool. Este remedio, posto em pratica ha dous annos a esta parte, tem sido sempre coroado com feliz exito.

A. J. de S.

DOURADURA LIQUIDA SEM AZOUGUE.

INGLATERRA. FRANÇA. PRUSSIA.

63 Acaba de obter em França o inglez *Elkington*, de Birmingham, privilegio de importação pelo seu processo de douradura; a Sociedade Promotora da Industria Nacional de França conferio-lhe tambem uma medalha de ouro, como recompensa de tão valioso serviço. Eis o em que consiste o dito processo.

Dissolvem se 155 grammas do melhor ouro em 1,472 kilogrammas d'acido nitro-muriatico, composto de 21 d'acido nitrico puro na densidade de 1,45, 21 d'acido nitrico puro na densidade de 1,15, e de 14 partes d'agua distillada, promovendo a dissolução por meio de um calor moderado. Decanta-se depois o liquido, por causa de um ligeiro precipitado de muriato de prata quando cessa o vapor vermelho, e deita-se em um vaso de vidro, ou antes de porcellana, acrescentando-lhe 320 partes de bicarbonato de potassa dissolvido em 18 litros d'agua, e faz-se ferver por espaço de duas horas. Conserva-se na fervura, em um vaso de barro, ou de porcellana bem limpo, a solução do ouro assim preparada. Os objectos que se querem dourar depois de bem limpos do oxido ou azinhavre, são mergulhados neste liquido, suspendidos por fios, ou arames de cobre. O tempo que deve durar o banho depende da maior ou menor quantidade de ouro que se lhe quer communicar, e tambem da proporção de ouro empregada.

Quando se trata de dourar objectos pequenos, como botões, anneis, pulseiras, etc., enfiam-se em um arame de latão, e mergulham-se no liquido fervendo; basta ordinariamente um minuto quando a dissolução é feita de novo; mas quando já está falta de ouro, por causa das precedentes operações, é necessario mais tempo. Depois de tirar os objectos da dentro do liquido, lavam-se com todo o cuidado em agua pura, e põem-se a córar; por este processo adquirem toda a apparencia da douradura feita ao fogo por meio do azougue.

Elkington prefere o bicarbonato de potassa ao de soda; mas *Schubarth*, de Berlim, emprega este ultimo, por existir mais puro no commercio. Recommenda elle, 1.º — que só pouco a pouco se deite esta substancia no liquido, afim de evitar a effervescencia, que póde levar algum ouro; 2.º — que se lavem os objectos dourados em agua distillada, a qual fica servindo para as subsequentes operações. *Schubarth* simplifica o processo inglez dissolvendo o ouro em sufficiente quantidade de agua regia, e evaporando-a até completa seccura afim de obter o chlorureto de ouro perfeitamente puro: dissolve-o depois em agua distillada, na proporção de 130 para um, e ajunta-lhe, por cada parte de ouro, sete de bicarbonato de soda, até que o liquido se vá fazendo turvo, e tome uma côr esverdinhada. No decurso da operação, toma a solução d'ouro um grão alcalino bastante sensivel, e fica suja pelos oxidos metallicos dos objectos que nella se mergulharam; neste caso é preciso neutralisar por meio do acido muriatico, e precipitar o ouro, pelo sulphato de ferro; este precipitado, depois de se ter deixado em agua pura, póde servir para uma nova operação.

F. A. P. M.

ACÇÃO CHYMICA DA CORRENTE VOLTAICA.

ITALIA.

64 Deduzem-se de uma serie de memorias ha pouco publicadas por *Matteuci*, sobre este objecto, e que formam um corpo de doutrina, as seguintes consequencias:

1.º Os productos que se obtêem pela decomposição electro-chymica dos saes dissolvidos na agua, provém directamente da corrente, sem dependencia alguma de acção chymica da agua, como até hoje se havia geralmente acreditado.

2.º Quando se decompõe um sal dissolvido na agua, se a acção da corrente galvanica se limita ao sal, obtem-se, por cada porção d'agua decomposta, um equivalente de metal no pólo negativo; e no positivo um equivalente de acido, e outro de oxygenio. O metal separado para a parte do polo negativo, encontra-se, ora no estado metallico, ora oxidado, segundo a sua natureza; mas n'este ultimo caso ha um equivalente de hydrogenio, que se separa ao mesmo tempo, em consequencia da decomposição chymica da agua.

3.º Se acontece que em uma dissolução salina a agua e o sal se decomponhâm ao mesmo tempo, e sempre directamente, o que parece verificar-se com os saes cuja baze é o alcali organico, obtem-se então, com a somma dos productos que a corrente decompõe (sal e agua) um equivalente d'agua decomposta no mesmo tempo em o galvanómetro.

P. S. C.

AURORAS BOREAES.

PARIS

65 Leu-se ha pouco na Sociedade central de Geografia de França, uma Memoria de Eugenio Petitou sobre as auroras boreaes, a qual foi unanimemente approvada por tão distincta Sociedade. Nella se apresentavão quasi completamente resolvidas as tres questões seguintes:

1.ª Existem as auroras boreaes na atmosphera?

2.ª Porque são as auroras boreaes frequentes na América do Norte, em latitudes em que nunca apparecem na Europa, nem mesmo no Sul da América?

3.ª Qual é a causa das auroras boreaes?

A' 1.ª pergunta respondem sem replica as numerosas observações de *Eugenio Petitou*; por ellas se prova que as auroras boreaes têem logar muitas vezes por baixo das nuvens.

A anomalia que apresenta a 1.ª desapparece se nos referirmos, não aos pólos do mundo, mas aos pólos magneticos; não ás latitudes do equador terrestre, mas sim ás do equador magnetico. Assim se estabelece uma relação directa entre as auroras boreaes e o magnetismo terrestre, e por consequencia entre aquellas e a electricidade, que deve ser considerada como a origem deste phenomeno. Ha já muito que se conseguia, por meio de uma descarga electrica, produzir as auroras boreaes.

Finalmente, com um apparelho adequado, conseguio *Eugenio Petitou* extrahir algumas centelhas electricas de grandes auroras boreaes, fazendo por este processo desapparecer toda a dúvida sobre a causa originaria de tão notavel phenomeno.

F. A. M. P.

SOBRE O MAGNETISMO ANIMAL.

PARIS.

66 D'entre as presuppostas maravilhas com que todos os dias nos aturdem os fanaticos sectarios do Mesmerismo, d'entre os factos milagrosos de que se acham prenhes os altinossos relatorios dos magnetisadores, e cuja mór parte não pódem classificar-se na esphera dos factos e phenomenos physiologicos até hoje admittidos, ou, para melhor dizer, que são inteiramente contradictorios aos factos physiologicos mais evidentes, e universalmente demonstrados; um dos que, com mais rasão, se hão de incluir nesta cathegoria, é indubitavelmente o da visão atravez de corpos opacos. Apesar de que quasi todas as vezes que os magnetisadores têem querido convencer nos seus incrédulos adversarios da veracidade de tão estranho portento, e que tanto contrasta as leis da physica e da physiologia, hajam sido infelizes nas suas tentativas, porque ou tal maravilha não se realisa, ou a realisar-se, manifestamente se conhece ser devida a combinações charlatans; alguns casos têem havido que de fórma nenhuma pódem ser explicados; d'este numero certamente é o que se lê na Revista Scientifica e Industrial de París, e que vem transcripto no artigo 31 do segundo volume deste jornal. Mas se o redactor daquelle periodico com tanta facilidade deu por exactas e verdadeiras as presumpções do magnetismo, e com a melhor fé entoou amen ás conclusões sustentadas pelos partidarios d'uma doutrina,

que, segundo a sua opinião, *talvez tem de mudar um dia a face da medicina, e revelar-nos altos mysterios*, se por um simples facto que presenciou, e de que não sabia dar a explicação, entrou incrédulo e sahio convencido, houve comtudo mirões que se não fiaram nas apparencias, e quizeram ver para crer o facto que vamos relatar provará, que na experiencia, que tanta impressão fez naquelle bom redactor, andou tanto a magica varinha do prestigiador como em outros muitos casos analogos.

Ha mezes a esta parte que uma célebre somnambula do Snr. Laurent, por nome Prudencia, captava a attenção pública pelas maravilhosas experiencias magnéticas, que pareciam provar a realidade da visão atravez de corpos opacos. Imagine o leitor uma mulher com os olhos tapados com grandes parches de tafetá engommado, por cima de uma cinta de terciopelo, e ainda sobre tudo isto uma grossa camada d'argilla; a occlusão dos olhos parece que devia ser perfeita; porém quem visse aquella senhora ler e jogar as cartas com prodigiosa facilidade, apesar de todo o apparelho, não podia deixar de sentir viva impressão de espanto e interesse. Sem embargo disso, Peisse, e Dechambre, quizeram ha pouco repetir por si proprios e estando bem acordados, as experienperiencias feitas com a Snr.ª Prudencia; applicaram um ao outro os mesmos meios d'occlusão, com identicas precauções, e o resultado ha sido tão estupendo como inesperado; a sua perspicacia foi tão perfeita como se houvessem adormecido com o mais profundo somno magnético. Em sete experiencias successivas sempre se manifestou o mesmo phenómeno, isto é, formarem-se cavidades e fendas em consequencia da desecação da argilla, atravez dellas passarem os raios luminosos, que chegavam até aos olhos, os quaes podiam abrir-se com muita facilidade debaixo do sobredito apparelho. Havendo elles publicado as suas experiencias, Frapart quiz repetil-as acompanhado de Latour, e os resultados foram exactamente os mesmos, por quanto sempre se produziram as taes fendas e cavidades em virtude da desecação da argilla, e por ellas poderam ver perfeitamente os objectos circumvisinhos. Frapart, o apostolo assanhado do magnetismo, como lhe chama a Revista Scientifica e Industrial, viu-se forçado a publicar os resultados destas experiencias, já se sabe com suas restricções, como era d'esperar d'um dos mais fanaticos magnetisadeiros, e o credito, e confiança, que até alli a somnambula havia sabido inspirar, padeceram não pequeno abalo.

Por aqui verão os nossos leitores o juiso que se póde fazer deste, e d'outros milagres magnéticos, que a cunha e a martello nos querem metter na cabeça os substitutos dos antigos adivinhões e védores.

A. J. de S.

NOVA LEMBRANÇA A' CAMARA MUNICIPAL.

LISBOA.

67 Em o artigo 284 lembrámos a esta respeitavel corporação que muito convinha fazer desapparecer tres elevações que ha desde o *Caes dos Soldados* até á *Madre de Deos*, obras que serião de pouca despeza, e aformoseariāo a Cidade, tornando-a mais transitavél por aquelles sitios.

Lembrar-lhe-hemos agora que muito conviria tambem nivelar todas quantas elevações ha até á ponte de Sacavem, e macadamisar a estrada até ahi, pois sendo consideravel o transito nesta direcção, muito mais facilmente correrião carros e seges, e omnibus; sendo resultado que a cidade se prolongaria até Sacavem, o que não poderia deixar de animar o commercio, e ser de grande interesse para diversos estabelecimentos.

Na parte do poente julgamos dever fazer-se o mesmo que aconselhámos para a do nascente.

E' na verdade grande desleixo continuar a calçar a rua de pedra grossa do Calvario para baixo. Quem viu o *Strand*, tão plano e liso, com seu excellente macadamiso, sem ter as faceis, e naturaes, escoantes que possue o terreno das margens do Tejo, vê com pena uma rua larga e espaçosa, calçada toda de pedra grossa. Dentro em pouco, e com pequeno gasto, se póde macadamisar desde o *Calvario* até á *Ponte de Argeis*, empregando neste serviço (não cessaremos de repetil'o) os 400 ou 500 presos do Limoeiro, e Cova da Moira, sem que para elle sejão precizos mestres d'obras, nem engenheiros.

O primeiro trabalho é escolher, e separar com alviões, encinhos de ferro, e enxadas, a pedra mais grossa da mais miuda, que ha por toda aquella praia, principalmente defronte da Caza Pia, ou antigo convento de Belem: aquella servirá para a primeira camada, e deitar-se-lhe-ha esta por cima. Em sitios onde a rua for larga, como na Junqueira, deverá ser um pouco inclinada para a parte do mar.

As estradas em o Norte, fazem-se convexas e abauladas, porque assentam sobre terrenos planos, e por isso convém escoar as aguas para um e outro lado; mas em terreno montanhoso, como o das ruas de Lisboa, que correm de nascente a poente, figura-se-nos erro grave fazer as ruas convexas, como a das Janellas Verdes, em cujo trabalho se gastou mais do que era necessario; e se não, perguntaremos para onde ha de escoar a agua que cahir para o norte da rua? Não póde ir para os altos e elevações que estão d'aquella parte, e por isso forçoso é que despejem para o mar, para onde tem faceis e proximas escoantes. Provado fica pois que o macadamiso que se continuar nas ruas visinhas do Tejo que correrem de nascente a poente, deve ter maior altura no terreno que ficar da parte do norte, o qual deve descer, em conveniente proporção, até á extremidade da rua para o sul, afim de que a agua das chuvas vá logo direita ao logar para onde deve escoar, poupando-se assim trabalho e dinheiro, e ficando as ruas mais bellas e perfeitas.

Tambem se deve nivelar a que fica para baixo da Cordoaria até o Palacio que foi do Marquez de Angeja, tirando-se-lhe os altos que tem aos lados, que tornão a rua de difficil transito para quem anda de noite. Além d'isso, fazendo-se o macadamiso, necessariamente deve este começar igual nas casas da parte do norte, e acabar n'um declive conveniente e igual nas da parte do Sul. Todo o trabalho consiste em cavar as elevações, tirar a terra em padiolas ou carros, descalçar as ruas, encher os carros dos materiaes que dissemos acharem-se nas praias, e ir lança-los no caminho que se pertende macadamisar, um pouco elevado de Norte a Sul: para as aguas escoarem rapidamente, e estar a rua sempre conservada, deve lançar-se por cima uma pequena camada de barro pegajoso, que ha em todos os bairros da capital, afim de unir as pedras sem produzir lama. Por cima se lançará outra camada de arêa preta, ou granito miudo, que ha principalmente defronte do convento de Belem, a qual fará uma argamassa com o barro, e será de todas a melhor para que se conserve por largo tempo sem o minimo estrago, e para não molestar os que transitam com seges, carros, e bestas, que despendem muito tempo e passam grandes incommodos antes de se alisarem as ruas. O systema de ser o macadamiso aplánado pelos carros e seges é só proprio dos paizes em que os terrenos estão cheios de agua quasi todo o anno, e em grandes plainos, onde as aguas escoam e vagarosamente, o que não póde acontecer nos terrenos da capital, que são rijos, e dão rapida escoante ás aguas.

Nada ha mais facil do que fazer excellentes ruas em Lisboa; muito convirá para isso ter em vista o que deixemos dito sobre esta materia.

C. X. P. B.

UM RICO PRESENTE.

68 O Snr. Conselheiro J. B. de Almeida Garrett recebeu, ha pouco, um riquissimo presente, que, além do seu grande valor intrinseco, tem o de lisongear as affeições mais queridas, e pelo modo com que foi feito, teve o de honrar as qualidades mais eminentes do nosso poeta, e do nosso Deputado. E' o presente um exemplar completo, e perfeitissimamente conservado, da primeira edição (a que foi revista pelo A.) das Lusiadas de 1572. — A offerta foi feita pelo Snr. J. P. Palha, mancebo das maiores esperanças, filho do antigo e honrado magistrado do mesmo nome, e foi feita de pura consideração e enthusiasmo pelos talentos e amabilidade do nosso admiravel escriptor, que, orando no parlamento, julgando no tribunal, conversando na sociedade, ou escrevendo no gabinete em tantos e tão diversos generos, tem sabido attrahir, com a estima e respeito geral, a affeição que sempre obtêem os raros caracteres que sabem conciliar a *independencia* do pensamento e a cortesia no trato, a elegancia das fórmas polidas, e a singelesa que sómente vem de um coração bom e leal.

Isolado de todas as influencias do valimento ou do poder, sem ligação de partido politico, este e outros testemunhos que ultimamente tem recebido o nosso sabio litterato, assim de muitos individuos distinctos, como de varias associações respeitaveis, tanto honram a quem os recebe como a quem os tributa.

C. M. S.

---

69 Recebemos o Projecto d'associação para o melhoramento da sorte das classes industriosas, pelo Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, 1 vol. em 8.º de 296 paginas impresso em Paris.

Obras de tal auctor como este não são para ser julgadas, nem ainda devidamente comprehendidas, sem mui grave e madurissimo estudo. E', em conceito mesmo de estrangeiros, um dos principaes escriptores philosophos d'este seculo; mas não querendo, nem devendo

do deixar a nossos leitores, sem alguma idéa sobre um livro de tanta monta, com gosto inserimos n'este nosso archivo de doutrinas uteis, e de glorias portuguezas, a introducção que o auctor faz da sua obra, offerecida ao Snr. Oborne Henrique de Sampaio.

classe industriosa, ou que vive do seu trabalho, bem que seja a mais numerosa e util da sociedade, tem sido infelizmente até agora, em toda a parte, menos contemplada, e favorecida, do que podia, e devia ser. Milhares de individuos perescem victimas da miseria e da enfermidade, ou jazem no desprezo e nullidade do vicio, ou da incapacidade, por falta de educação e d'adequadas providencias, com que poderiam tornar-se uteis a si mesmos e á sociedade. Occorrer pois aos graves damnos, que d'este abandono, e descuido, provém á humanidade, procurando a conservação, e aproveitamento, d'uma classe tão numerosa, é um objecto que, interessando ao mesmo tempo a virtude e o saber, excita a sympathia dos corações sensiveis e generosos, occupa a attenção dos governos, e a meditação dos homens d'estado; isto é, d'aquelles que, por vocação ou officio, se dedicam a promover o melhoramento ou a reforma do estado social.

Neste nobre e glorioso empenho quiz V. S. assignalar por mais um modo o seu patriotismo, e philantropia, dignando-se, não só de approvar, mas de publicar o meu parecer, sobre este assumpto.

Sensivel a tão honroso convite, de boamente consinto nesta publicação, não porque me lisongeie de ter achado a completa solução d'um problema tão importante como vasto, e complicado, mas porque julgo de meu dever contribuir, quanto em mim estiver, para o bem da humanidade e da patria.

A miséria que opprime a classe laboriosa em Portugal, está essencialmente connexa com as causas que nos trouxeram o estado politico, em que nos achamos; e tanto aquella, como esta desgraça, não podem achar verdadeira cura, senão em uma adequada e completa reforma da organisação social.

Pode-se affirmar que em toda a parte onde a industria não achar emprego ou trabalho, e este não fôr devidamente remunerado, esse funesto effeito procede de vicio na constituição do estado.

Por não haverem reconhecido estas verdades é que os escriptores, que emprehenderam resolver o problema de melhorar a sorte das classes laboriosas, ficaram tanto áquem da desejada solução.

E' verdade que alguns se lisongearam de chegar indirectamente a esse fim, offerecendo diversos planos de associação; mas os seus esforços apenas conseguiram formar algumas communidades de cenobitas, taes como os Herrn-hutas, ou os da Trappe, que ficaram inteiramente separados do resto da sociedade, pois era impossivel que a parte menor da sociedade civil influisse na massa geral, a ponto de fazer recuar o progresso da viciosa civilisação em que desde a restauração das letras, e das artes, se acham todas as nações.

Platão, Campanella, Thomaz Moro, Fenelon, Bodin, e alguns outros escriptores, imaginaram varias sociedades organizadas na maneira que lhes pareceu mais propria para evitar os defeitos que haviam notado nas nações cuja organisação lhes era conhecida.

Mas estes homens doutos nunca pertenderam que fosse possivel fazer passar nenhuma nação existente do seu estado actual áquelle que, segundo elles, seria exempto dos inconvenientes que n'elle se podessem encontrar.

Cada uma d'aquellas concepções nada mais era do que um ideal, que seus auctores offereciam aos legisladores, não para os adoptarem na sua totalidade, pois isso era evidentemente impossivel, mas para d'alli tomarem o mais que possivel fosse, para melhorar a sorte das nações que se tratasse de reformar.

Em nossos dias tres homens distinctos têem tentado o melhoramento das classes laboriosas, mediante a reforma da sociedade em geral: St. Simon, Fourier, e Owen.

O primeiro e seus discipulos, tendo traçado com vivas cores o quadro dos vicios e torpezas que desfiguram hoje a sociedade, apenas assentaram algumas balisas para a cura de tamanhos males, mas nem sequer tentaram apresentar o esbôço d'um plano de reforma; e nessas ideas soltas, que em seus discursos se abalançaram a proclamar, nada mais fizeram do que substituir erros a abusos. Por certo, grandes desgraças pezão sobre as nações, mas no meio da geral corrupção os principios de uma saã moral são geralmente conhecidos, e sinceramente confessados; em quanto os principios de moral e de politica professados por S. Simon, e seus discipulos, são de tal modo contrarios ao senso commum, que a consciencia publica se revoltou, aquella sociedade morreu quasi á nascença.

Igual sorte espera a associação, que Fourier se lisongeava de haver legado á posteridade. Este homem extraordinario, dotado de uma concepção mais vasta do que a de

St. Simon, mas fascinado por uma imaginação mais ardente, coordenou um plano de associação, digno de figurar entre os contos de *Mil e uma noites*; porem tão accommodado á tendencia romanesca do presente seculo que tem atrahido os applausos da mocidade e do vulgo, duas classes que mais facilmente se deixam levar pela phantasia.

Entretanto os principios em que este plano é fundado, são tão contrarios á natureza do coração humano, e aos habitos sociaes de todas as nações do universo, que a opinião da gente sensata logo reconheceu a impossibilidade da sua execução.

O terceiro plano de associação é o de M. Owen, outro homem não menos extraordinario, e cujo plano é mais conforme aos sentimentos e habitos da geração actual em Inglaterra, e nos Estados Unidos da America septentrional, onde elle tentou estabelecel'o.

Dois grandes defeitos porem, tornão impossivel, não digo a erecção, mas a conservação de similhantes estabelecimentos. O primeiro, e o mais essencial, é a falta absoluta de instituições, que dispensem a acção conservadora d'um chefe dotado das extraordinarias qualidades que distinguem M. Owen. E com effeito, logo que elle se ausentou dos que havia creado, e que julgava solidamente constituidos, não só se dissolveram, mas na sua decadencia mostraram o vicio radical da sua interna constituição; vicio que consiste em lhe faltarem muitos dos principios moraes indispensaveis a toda a sociedade humana, ou antes porque aquelle philantropo deixando-se arrebatar de certas falsas noções do bom e do honesto, tem adoptado um grande numero de principios immoraes.

E' certo que para se obterem todas as garantias de duração para quaesquer providencias que se houverem de tomar a bem das classes industriosas, seria necessario ligal'as ao systema geral da organisação politica do estado. Com tudo pareceu-me ser posivel coordenar um plano d'associação d'aquellas classes, que, prescindindo do principio politico, podesse ser adoptado por toda e qualquer nação; embora o seu governo seja absoluto ou representativo.

Tanto em uma, como em outra fórma de governo, as precisões das classes industriosas são as mesmas. Os principios donde devem sahir os meios de satisfazer áquellas precisões não podem ser outros senão os da justiça distributiva, e da moral universal, ambas independentes da organisação politica dos estados.

As precisões das classes industriosas podem reduzir-se ás seguintes rubricas, a saber: 1. Assegurar aos homens industriosos os meios de ganharem sua vida procurando proporcionar a producção ao consumo. 2. Emprestar aos emprezarios os capitaes de que carecerem para suas especulações, tomando-se as necessarias cautellas contra quaesquer sortes de abusos. 3 Adiantar os meios indispensaveis de subsistencia aos individuos que se acharem desoccupados por falta de saude, ou por não achar trabalho em que se occupem. 4. Prover a que os invalidos destituidos de bens proprios recebão da sociedade os soccorros correspondentes á consideração que lhes fôr devida, segundo o seu procedimento, e graduação. 5. Premiar a virtude, e punir o vicio. 6. Crear meios de recreação tendentes a desenvolver as faculdades physicas e moraes, em vez de divertimentos ineptos ou viciosos a que aquellas classes costumão entregar-se. 7. Prover á educação das creanças, principalmente dos orphãos, e expostos, começando da mais tenra idade que fôr possivel, até que cada um possa exercer a profissão para que fôr mais apto.

Eu não conheço plano algum de reforma social, que pareça destinado a satisfazer todos estes quisitos, senão o da sociedade dos Herrn-hutas, ou irmãos Moravos, existente na Allemanha, e nos Estados Unidos da America septentrional. Entretanto a organização d'esta sociedade, tomando por base um certo numero de principios tendentes a isolal'a de todas as outras associações humanas, torna impossivel que ella venha a formar um corpo de nação. Assim, por mais respeitavel que seja, e na verdade é, aquella instituição, o seu plano está mui longe de resolver o problema de reforma das classes industriosas, consideradas como parte integrante de qualquer nação civilisada.

Cumpre não perder de vista, que se tracta, não só de reformar a geração presente, mas de preparar uma melhor condição para as gerações futuras.

Para se conseguir o primeiro d'aquelles dois fins é forçoso contar com os defeitos, não menos que com as boas qualidades das classes que se intenta reformar. Bem longe de pretendermos contrariar os habitos adquiridos pelas pessoas de que ellas se compõem, é d'elles que havemos de partir; quer seja para os fortificar, se forem bons, quer seja para os modificar gradualmente, se forem viciosos.

Os vicios, quaesquer que elles sejão, devem ser considerados como abusos de alguns

d'aquelles instinctos, que o creador depositou no coração do homem.

E' pois no desenvolvimento d'essa propensão primitiva, mas desenvolvimento conforme aos principios da sã moral, que deve assentar o plano de reforma.

Falsas idéas ácerca dos direitos e deveres de paternidade constituem um dos maiores obstaculos á adopção d'um systema d'educação conforme aos verdadeiros interesses dos alumnos, e da sociedade. Aquellas falsas idéas porem derivam d'um inconsiderado amor dos paes para com os seus filhos. E' pois d'esse mesmo amor que o plano de organisação dos collegios deve partir para que os proprios paes entendão que exercem seus direitos, ao mesmo tempo que satisfazem a seus deveres, entregando a pessoas dignas da sua confiança a educação de seus filhos; na certeza de que por este modo, não só se desoneram d'um encargo que por si os não poderião desempenhar, mas asseguram aos seus mesmos filhos um futuro, a que não poderiam aspirar, se fossem educados na casa paterna.

Taes são as bases sobre que hei coordenado o *projecto d'associação das classes industriosas*, que offereço como o unico meio proprio na minha opinião, para levantar aquellas classes, do estado de abatimento em que actualmente jazem, e assegurar-lhes uma sorte futura proporcional ao merecimento de cada um de seus membros, sem favor nem privilegio.

Tive particularmente em vista tornar esta associação independente do auxilio do governo, quanto fosse possivel, por conhecer quão pouco tempo resta ás pessoas encarregadas de dirigir os complicados negocios d'um Estado para descerem aos pormenores, que exigiria uma semelhante assistencia a favor das classes industriosas. A associação que proponho não precisa senão do primeiro impulso pelo modo indicado no principio do projecto, afim de se reunir a primeira assembléa, como cumpre, com o assenso, e debaixo das vistas do governo do Estado. Uma vez dado este passo, de nenhuma outra protecção carece, do que aquella a que em todo o paiz bem organisado tem direito qualquer estabelecimento de commercio ou de industria.

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA.

70 Sahiu á luz —Portugal depois da Revolução de 1820— por Julio de Lasteyrie: artigo extrahido da Revista dos Dois Mundos = publicada em 15 de Julho de 1841 = vende-se por 240 réis na loja da viuva Henriques na rua Augusta n.° 1.

Mérope, tragedia de Voltaire, traduzida em verso portuguez; por José Augusto Cabral de Mello e Silva, natural da Ilha Terceira, com esta epigraphe de Ovidio.

Veniam pro laude peto: laudatus abunde
Non fastiditus si tibi, lector, ero.

Já em um dos numeros precedentes fizemos os devidos elogios ao auctor, e não podemos deixar de confirmal'os hoje pela sua traducção da Mérope, traducção fiel, elegante, e em que a harmonia da versificação anda quasi sempre a par da pureza do estilo.

A actual traducção avivou-nos o desejo de ver em breve publicada a promettida Merope original do Snr. Garrett.

Vai publicar-se com o titulo de *Archivo das Sciencias Médicas*, e debaixo da direcção de A. J. de Souza, um Periodico mensal, em que serão tratados todos os assumptos pertencentes aos diversos ramos da Sciencia de curar: constará d'artigos originaes portuguezes, observações clinicas, colhidas tanto nos hospitaes, como na prática particular, extractos fieis e succintos dos diversos jornaes estrangeiros, e noticias bibliográphicas; obrigando-se os Redactores a occupar-se com especialidade d'aquellas materias, que versarem sobre a Medicina, Cirurgia, e Pharmacia, como partes da mais immediata utilidade e importancia.

Cada n.° do *Jornal* publicar-se-ha até ao dia 15 de mez respectivo, e conterá 40 paginas d'impressão em 8.° grande, excellente papel, e typo novo *interdum*. O 1.° n.° sahirá por todo o mez de Março.

Subscreve-se em Lisboa, na Loja da Viuva Henriques, Rua Augusta, N.° 1, e na de Martin, Largo do Chafariz do Loreto.

O preço da assignatura é de 960 rs por 6 mezes, pagos no acto de subscrever, isto para os Snrs. Assignantes de Lisboa: em quanto aos Snrs. das *Provincias* que quizerem subscrever, devem remetter o importe da assignatura por cautella do seguro, em carta franca, dirigida a S. J. M. de Sequeira, Gerente da Redacção, Rua dos Prazeres (á Praça das Flores) N.° 19.

FRANCEZA.

71 Reflexões sobre o desarranjo organico occasionado em a nossa economia pelas penas da alma, por Domingos Troy.

Sobre a mania do Suicidio, e o espirito de rebelhão suas causas e remedios, por J. Tissot.

Sobre o enfraquecimento das idéas e estudos moraes, por M. Matter.

Archivos genealógicos e historicos da nobreza em França, por M. Lainé. Tomo 7.°

Refutação, ou exame de todos os escritos ou jornaes contra ou sobre os bens communs, por M. Cabet.

Discurso sobre o sentimento e a intelligencia nas mulheres, pelo Dr. Marchal.

Nova Rhétorica franceza, extrahida de Aristoteles, Luciano, Longino, Cicero, Quintilliano, Severiano, Fenelón, Colin, Jouvancy, Gibert, Rollin, Crevier, L. Racine, Montesquieu, Dumarsais, Voltaire, Marmontel, Batteux.

Estudos sobre Virgilio, por Tissot, membro da academia franceza, e professor de eloquencia latina em o collegio de França.

TYP. DA VIUVA DE J. A. DA S. RODRIGUES.
Rua da Condeça n.° 19.

REVISTA UNIVERSAL.

N.° 6.

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, TRAVESSA DA VICTORIA N.° 29, ESQUINA DA RUA DOS DOURADORES: POR 12 NUMEROS 480, POR 24.... 960, POR 52.... 1920 REIS.

Quinta feira 17 de Fevereiro de 1842.

Causas a todos notorias impediram a publicação da *Revista Universal* na semana anterior.

A redacção da REVISTA UNIVERSAL aceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Roga-se aos Senhores Assignantes de Lisboa que não entreguem quantia alguma aos distribuidores senão contra o competente recibo impresso, e assignado pelo Editor.

DIARIO METEOROLOGICO DESDE 1 ATE 8 DE FEVEREIRO DE 1842.

Dias do Mez.	Termom.° Exterior.		Barometro.		Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	ESTADO DA ATMOSPHERA.
	Minim.°	Max.°	9 h. m.	3 h. t.			
1	39°	57°	762,0	759,8		B.	Claro — Frio e seco.
2	39	57	59,4	58,0		[1]N	Id. Id.
3	40	57	60,0	58,8		NE, SO.	Id. Id.
4	40	58	53,0	56,3		NE. V.	Id. — Claro e nuvens.
5	45	60	54,0	52,5	1	B. O[1]	Cob.° e chuva de brandos aguaceiros.
6	50	56	46,9	45,5	19	[2]SO	Cob.° e chuva de aguaceiros abundantes.
7	44	56	50,2	49,0	2	[1]NO. [1]N.	Cob.°, pequenos aguaceiros, e alguns claros.
8	46	61	53,7	53,0	3	SO. S.	Id............ Id.

A primeira quadra deste mez permaneceu até 4, sendo frias as madrugadas e noites; porêm amenos os dias, com o ceo perfeitamente claro, ar sêco, e ventos do norte. Mudou a 5 para temperatura macia, ar muito humido, ceo coberto e chuvas de aguaceiros, que forão abundantes a 7, soprando ventos moderados do mar. M. M. F.

CONTABILIDADE AGRICOLA.

FRANÇA.

72 Um dos grandes males que ordinariamente acompanham aos agricultores é a completa ignorancia de contabilidade agricola; confião-se unicamente no rumerão, e será para a maior parte delles uma loucura, uma lembrança irrisoria, o querer reduzir a cifras de receita e despeza os trabalhos e productos de qualquer genero de cultura

as suas avaluações são sempre feitas a olho, e os seus calculos de receita e despeza, ou são mentaes, ou leva-los com tal imperfeição, que nem elles proprios lhes podem assignar um resultado verdadeiro. E quantas vezes se não esquecem elles de classificar como despeza certos trabalhos, certas fracções das despezas geraes, que pertencem exclusivamente á cultura de um genero, que era preciso avaluar rigorosamente? E então figurão-se-lhes lucros fantasticos nesta especie de cultura, mas lá vai o balanço geral empobrecel'os, desgraçal'os, ficando na absoluta ignorancia de donde lhes vem o mal, e attribuindo-o a bemfeitorias que não fizeram, ou a roubos que não existiram.

Pergunte-se a um lavrador pela sua receita e despeza; pelo preço por que lhe sahem os cereaes; e quanto espera, ou póde ganhar nelles, tendo em vista o preço do mercado; responderá que não sabe, e se alguma cousa se affoutar a dizer, será tão incerta para quem lh'o perguntar como para elle mesmo.

Mas a agricultura é uma industria; e qual será o fim do emprezario, do dono, ou administrador de uma fabrica, quando não souber calcular ao certo o preço por que sahiram fabricados todos os seus tecidos, ou estes e aquelles de certa natureza e qualidade? A sua perda será quasi inevitavel; e se o não fôr, ficará sempre ignorando qual é, entre os muitos em que se emprega, o genero de fabrico que mais lucros lhe póde deixar. A' imitação do fabricante, o lavrador, ainda quando se não arruine, ignorará quasi sempre qual é o genero de cultura de que mais lucro lhe provém.

Querer levar a contabilidade agricola a uma perfeição theorica, é uma chimera a que não aspiramos, nem sequer a julgamos compativel com os trabalhos praticos de um agricultor; mas ensinar-lhe um meio facil, e clamar-lhe pela necessidade de o adoptar, de o pôr em pratica, para evitar graves prejuisos, para preferir a cultura que mais lucro lhe der, e para conhecer finalmente o augmento ou decadencia da sua fortuna, é um dever que nos cumpre como amantes da industria agricola, como philantropos, e publicos escriptores.

Que custa ao agricultor que sabe ler, escrever, e contar, o ter um livro para cada um dos artigos que ordinariamente cultiva? no das vinhas, por exemplo, vai lançando as despezas annuaes de cavas, de podas, de mondas, de vendima, de feitoria do vinho etc.; nos dos outros artigos de cultura, o mesmo, e tudo o mais bem calculado possivel, fazendo especialmente uma bem distincta e exacta avaluação dos jornaes, que é o que mais confusão póde admittir. Que lhe custa ter outro livro em que lance todas as despezas geraes, de jornaes, estrumes, lavouras etc. etc., em cada anno, a que se póde chamar *agricola*, e que bom seria contar do primeiro de outubro até o ultimo de setembro do anno seguinte? tendo o cuidado de confrontar a miudo a somma destas despezas geraes com as differentes sommas das despezas parciaes dos diversos artigos que se cultivão? Que lhe custa o ter outro livro mais (só tres ao todo), em que methodicamente escreva toda a receita proveniente das vendas, do consumo caseiro, do alimento dos gados, das sementes, bem como dos remanescentes que ficarem por vender nos celleiros, nas adegas, palheiros, etc., avaluando tudo pelos preços do mercado, bem classificado e separado em os differentes generos de cultura, e calculado naquelle anno *agricola*.

Se se confrontar no fim d'elle á totalidade da receita de cada genero de cultura com o seu competente livro de despeza, encontrar-se-hão na differença das duas sommas, os lucros ou perdas que offereceo aquelle genero de cultura.

Se se confrontarem tambem entre si os outros dois livros, haver-se-hão, pela differença das sommas annuaes, os lucros ou perdas que houver na totalidade.

Tal é o methodo que ousámos inculcar; posto que não seja erriçado de theorias, é todavia sobejamente aproximado, se tudo se escrever em seu competente logar, e nada esquecer, nem ainda as avaluações do consumo caseiro, bem como as das sementes, as quaes devem ser lançadas pelo seu valor no livro competente de despeza daquelle genero de cultura, e no livro da despeza geral, logo que são deitadas á terra; e igualmente lançadas em receita, no livro unico de receita geral, pelo valor do mercado, quando são guardadas para o anno seguinte.

Aos cultivadores instruidos que mais quizerem ver sobre este assumpto, aconselhamos que comprem, se o acharem por cá, ou mandem vir de França, um livrinho em oitavo que acaba de obter para seu auctor um premio de cento e sessenta mil réis; é seu titulo « Comptabilité rurale, théorique et pratique, par M. Armand Maló, Professeur à l'Ecole royale des haras. »

F. A. M. P.

OLIVEIRAS.

A falta de humidade nas raizes será a causa de não vingar a azeitona?

FRANÇA. PORTUGAL.

73 Um agricultor, que bastante ha lidado com oliveiras, depois de haver lido attentamente o artigo 138 do n.º 7 do anno passado da Revista Universal, e haver combinado o seu contheudo com varias observações, suas, e alheias, reflectiu tambem maduramente sobre o objecto que forma o titulo do presente artigo.

Diz assim a *Revista* na parte a que alludimos.

» Todos os annos vemos muitas das nossas arvores fructiferas revestir-se d'um sem numero de flores, com que se alegrão os campos, e mais se alegrão seus donos; mas logo de após vem a tristeza de as ver cahidas, alastrando a terra, antes do fructo vingar; não que as arranque, e destróce o açoite dos ventos, ou das chuvas, mas por mingua das arvores, ou por fraqueza, e vicio, das mesmas flores. Bom, e facil remedio, dão os agricultores francezes a este transtorno das leis, e fins da natureza.! Oxalá que entre nós seja elle de tanto prol, como nos asseguráo ser por lá! Como as flores, ou fructos pequeninos comecem de cahir, alagai-me com bastante agua os troncos das arvores todos os dias ao pôr do sol, por fórma, que possão conservar a humidade pela noite, perseverando na diligencia até que o fructo arribe a gráo sufficiente de vigor, e saia salvo. Muitos *Sabios da escriptura* nos dão razão d'este segredo, com dizer, que a humidade, que pelos póros do tronco se entranha, vai como que amamentar a arvore; outros entendem, que esta humidade gera com o ar da noite uma fringem geral em toda ella, e que por uma especie de torpor se demora a seiba em os ramos mais altos, e sustenta a flor. Como quer que seja, se é corrente entre os pomareiros, que a réga á boca da noite é das mais prestadias, claro parece, que o amplial'a das raizes ao tronco não deixará de produzir boas vantagens.»

Esta doutrina dos agricultores francezes, demostra-se por factos da producção das nossas oliveiras.

Um proprietario nosso, indo em agosto de 1840 de Villa Nova da Rainha para as Caldas, fez diversas observações nas oliveiras que encontreu pela estrada, afim de se esclarecer sobre as variedades que se encontrão na producção, crescimento, estado de decadencia, ou molestias desta arvore importante.

Ao sahir de Villa Nova, e passada a ponte, encontrou umas poucas de oliveiras velhas com grandes montes de terra em roda dos troncos, e vio-lhes os ramos muito viçosos, e carregados d'azeitonas; ao mesmo tempo que outras que lhes ficavão proximas, mas com as quaes se não havia procedido de igual maneira, não appresentavão, nem igual viço nem igual porção de fructo.

Sem haver ainda então lido o artigo, ou doutrina, da *Revista Universal*, concebêu todavia que o viço, e a conservação da azeitona em poucas oliveiras, n'um logar em que havia immensas, era devido á conservação da humidade no tronco e raizes. Esta mesma opinião lhe foi confirmada por outra observação na Villa das Caldas, em um passeio que deu a um quintal onde havia uma copiosa fonte; junto á porta da primeira casa contigua á estrada que vai pelo poente, do passeio publico para Obidos, ha um vallado que divide aquella propriedade d'outra; neste vallado está uma oliveira com parte do tronco enterrada no logar mais baixo; pois esta oliveira dá muita azeitona, ao mesmo tempo que as que ficão mais altas, e junto á estrada, apezar de se acharem viçosas e bem conservadas, não dão fructo. Igual observação se fez em Torres Novas, em cujo concelho, apinhado de grandes e formosos olivaes, se averiguou que naquelles que ficavão em terrenos seccos e aridos não vingára a azeitona em 1841, por causa dos grandes calores que sobrevieram no principio do verão, em quanto os olivaes collocados em terrenos mais succolentos, e com a necessaria humidade para as raizes das oliveiras, produziram muita azeitona: foi só nestas ultimas que por aquelles sitios se fez a colheita, porque as dos terrenos seccos nada produziram.

Parece por tanto certo que as oliveiras (e ha quem diga tambem que as larangeiras) que estão plantadas em terrenos pouco succolentos, precisão ser regadas, e carregadas de montes de terra em roda do tronco, afim de que as suas raizes se provejão de humidade, e os fructos vinguem, se um calor maior extrahir da terra os succos necessarios á vegetação.

Haverá talvez quem redargúa que esta cultura se torna assim dispendiosa, e mais cara se tornará se os olivaes não produzirem proporcionalmente. Respondemos que este serviço pode ser feito por empreitada, e que os empreiteiros, ou por meio de carros, ou lavrando, com taboas nas grades, podem amon-

doar com promptidão junto das oliveiras a terra necessaria. Se esta prevenção e cultura não aproveitar em um anno, aproveitará em outro, e servirá de amanho ao terreno que pode produzir qualquer cereal, ou tremoços; estes lhe conservarão muito a humidade, se quando estiverem para lançar a flor, forem cortados e mettidos debaixo da terra, servindo ao mesmo tempo de estrume humido ás plantas que no mesmo olival se semearem. O tremoço nunca se deve deixar seccar na terra, porque em lugar de lhe dar succos, lh'os extrahe. Aos lavradores que não quizerem semeal'os em seus olivaes, convir-lhes-ha semear n'elles ervas, e fenos, de qualquer qualidade, que deverão cortar em verde, seccar, e guardar, para sustento dos animaes, na força do calor e do frio. A terra não fica muito cançada quando se lhe cortão os fenos em verde, antes pelo contrario fica disposta para receber nova sementeira no anno seguinte.

C. X. P. B.

INSTRUMENTO PARA SE AVERIGUAR A PUREZA DO LEITE.

PARIS.

74 Em o nosso artigo 280 do volume precedente disseramos que a Prefeitura de Paris pedira ao Conselho de Saude Publica algum meio prompto e efficaz para se conhecer, e graduar, a adulteração do leite. *Quevesne*, Boticario do Hospital da Caridade de Paris, acaba de resolver o problema.

O modo por que os vendedores de leite ordinariamente o falsificão, é deitando-lhe agua e farinha (o uso de miólos de animaes, e outros ingredientes, é muito raro): era logo necessario determinar exactamente a densidade do leite no seu estado natural, e ter maneira de provar se qualquer mudança que se apresenta dista d'esse tal estado, e quanto, e em que. A tudo isso responde o invento do Boticario; *lactodecimetro* é o nome que lhe poz; assemelha-se ao areómetro de que usão para pesar alcohol; mette-se no leite, e segundo n'elle se mergulha, mostra logo pelos numeros que no tubo tem marcados, a sua densidade ou peso especifico.

O leite puro, segundo o sistema do auctor, é indicado pelos numeros 33 até 36; em menor grão tem agua, e tanto mais agua quanto o grão é menor.

R. L.

NOVA LEMBRANÇA A' CAMARA MUNICIPAL.

LISBOA.

75 Houve em Portugal, e principalmente em Lisboa, nos tres ultimos seculos, epidemias, febres contagiosas, e até pestes, que mataram milhares de pessoas, e deram occasião a que se fizessem de noite procissões de penitencia á Senhora da Penha de França.

Todos sabem hoje que similhantes molestias erão devidas em parte aos despejos lançados de toda a parte no meio das ruas, que raras vezes se achavão limpas, á immundicie e porcaria das casas, pessoas, e roupas, á má construcção dos edificios, e falta de agua boa, que chegasse no verão para todos os usos e necessidades domesticas.

E' pois da maior utilidade que toda Lisboa seja abastecida de boa agua, não só para os usos que mencionámos, mas tambem para que se estabeleção banhos publicos, que são d'absoluta necessidade em terras como as nossas, em que tanto se transpira, o que produz certas côstras na pelle, que precisão de lavagem, afim de que os poros dêem logar ás exhalações do corpo, e se evitem graves molestias. E' pois necessario aproveitar todas as aguas das fontes de Lisboa, e não consentir que escoem ao Tejo senão quando forem inuteis.

A agua do chafariz da Praia, junto ao Terreiro do Trigo, é a melhor da capital para beber; seria pois conveniente que nem uma gotta se deixasse escorrer para o mar, fazendo para esse fim um encanamento em direitura ao chafariz d'ElRei, e distribuindo-a, depois de fornecidos os moradores d'aquelles sitios, por toda a extensão da cidade, desde o Terreiro do Trigo até o Terreiro do Paço, Largo do Pelourinho, Rua do Arsenal, Largo do Corpo Santo, Rua direita de S. Paulo, Boa vista, e Largo do Conde Barão.

Dos acquedutos deve passar para grandes pias de pedra, construidas em praças grandes ou ruas largas; devem estas pias ter tampas de páo para que de noite se fechem; as vasilhas que dentro se lhes metterem devem estar bem limpas, não deverão beber n'ellas animaes, nem fazer-se ahi lavagens algumas. Podem tambem estar altas, e cobertas com tampas de pedra, pondo-se-lhe torneiras grandes de bronze na parte inferior, assim se poderá ir buscar agua a qualquer hora. Depois de cheias as primeiras pias, lançarão a agua excedente para o encanamento

e assim se encherão successivamente todas as outras pias até á ultima, que deve ser collocada no Largo do Conde Barão.

Entendemos que a Camara pode ir pouco a pouco fazendo estas obras; collocando a agua junto das praças e ruas mais populosas fará com que um barril d'agua, que hoje custa 15, e 20 réis, não passe de 10; e até esta se torne gratuita para a gente pobre que se resolverá a ir buscal'a quando a distancia fôr pequena. Dir-se-ha que tal obra induzirá em grandes despezas, com que não podem as rendas do Municipio; pois imponhão o tributo de 5 réis sobre cada barril que se tirar dos depositos, e todos preferirão pagal'os a mandar buscar a agua ao chafariz d'El-Rei, ao Loreto, ou Largo do Carmo. Haverá até muita gente, que queira receber um deposito d'agua de certa dimensão, pagando á Camara uma somma, o que será de grande utilidade para as casas de banhos publicos, officinas, e outros estabelecimentos, aos quaes virá a sahir a agua muito mais em conta. A contribuição da Camara terá pois por immediato resultado pagar-se da obra que inculcamos, tornar a agua talvez mais barata, e evitar que bastante dinheiro se nos vá para Galliza.

A Camara em dous annos poderá tirar da contribuição de 5 réis por barril d'agua, a despeza que fizer com o aqueducto e depositos de pedra, pois que a fiscalisação da contribuição será feita de fórma que os recebedores d'ellas não possão distrahir nem 5 réis d'um barril d'agua. Lembramos para este effeito um engenho, que existe no Tunnel, ou ponte submarina de Londres, o qual deixa cahir uma pedrinha quando entra qualquer pessoa em uma róda que se acha no cimo da escada, o que dá a conhecer ao fiscal o numero de schelins, que deve pagar o guarda, pelo numero de pedras que encontra no deposito.

O aproveitamento da agua das duas fontes, impedindo que uma só gotta vá ao Tejo, abastecerá uma grande parte da Cidade, e dará lugar a que se possa dispensar das aguas livres a sufficiente para fazer um chafariz no alto do Rocio, ou dentro do Thesouro queimado, outro no largo que fica defronte da igreja de Santa Izabel, outro junto á igreja da Lapa, por serem estes lugares o centro de bairros muito habitados d'onde se vai buscar agua a grandes distancias, o que fará tornar-se esta mais barata, e menos custosa de levar ás casas. Estes projectos devem cessar se poder mostrar-se, que os poços artesianos dão agua boa para beber, o que será materia para outro artigo.

Persuadimo-nos que em alguns logares de Lisboa se encontrão a pequena profundidade grandes lençóes d'agua, e que será boa para beber; se a dos primeiros lençóes o não for, selo'-ha talvez a dos segundos ou terceiros; Mas poderá obter-se que o lençol d'agua melhor e mais pura, venha pelos tubos á superficie, sem se juntar com a dos outros lençoes d'agua menos pura? talvez; e muito convem que em similhante objecto se medite, sem que se desampare a resolução de abrir novos poços artesianos, pois sendo provavel que se ache agua boa com pouco trabalho e despeza, escusado é tentar por emquanto poços que induzão em grandes gastos.

Muitos bairros de Lisboa, distantes de chafarizes, precisão de poços artesianos, que devem abrir-se onde haja mais probabilidade de apparecer agua boa, e a pequena profundidade. Informão-nos que no Largo da igreja de Jesus, ou dentro da cerca, mais para a parte do Poço Novo, se achará com facilidade e pouca despeza, boa agua, que abasteça este bairro populoso, que a vai buscar bastante longe, ao arco de S. Bento, ou á Rua Formoza, o que é muito incommodo, e caro. Junto á Lapa ha grandes vertentes das immediações sobranceiras, e devem necessariamente existir por ali grandes lençoes d'agua, que, se estiverem pouco fundos, poderão multiplicar os poços por aquella encosta, até ás Necessidades. Na praça das Flores tambem pode achar-se agua com facilidade, e será de grande economia para aquelle bairro. Nos Largos do Convento de S. Vicente, e suas immediações, devem tambem fazer-se poços, que decerto custarão pouco, e fornecerão de boa agua um bairro que tanto d'ella precisa. Um poço artesiano emfim com boa agua é barato ainda quando custe muito dinheiro. No bairro de S. Germano, em Paris, abrio-se um, que custou trèze contos de réis, em rasão da grande profundidade a que estavão os lençoes d'agua; mas deu-se a despeza por bem empregada, ficando aquelle bairro abastecido de excellente agua.

Lembraremos por fim outro alvitre, o das associações nos bairros em que for necessaria a abertura de poços artesianos. Ainda quando esta importe em dez, vinte, ou trinta moedas, caberá tão pequena somma a cada morador, que não excederá talvez o custo da agua que paga em uma semana, ou n'um mez. As differentes associações que se formarem para este fim deverão pedir a ElRei que se digne emprestar a machina, ou machinas, que mandou vir, e procurar homens que saibão trabalhar, e abrir sem demora, pelo

menos, um poço em algum dos lugares indicados.

Recommendamos este assumpto aos nossos Camaristas, e de sua reconhecida philantropia esperamos activas providencias sobre elle.

C. X. P. B.

HYGIENE.

76 Muitos são os meios publicados para conservar a saude, e prevenir a doença.

Todos convém que estes meios devem variar segundo as circumstancias de cada individuo, e segundo as estações do anno.

Com muita rasão se aconselha que no inverno andemos mais abafados que no verão; e todos que podem assim o praticam, pela propria experiencia que cada um possue, sem que para isso consulte os médicos. Os corpos tendem constantemente a equilibrar-se em temperatura; ora, sendo o ar no inverno incomparavelmente mais frio que o nosso corpo, aquelle continuamente rouba a este o seu calor, o qual de todo, e em breve, se extinguiria, se por meio de vestidos appropriados nos não precavessemos de seus rigores.

Cabe aqui, bem a talho de fouce, o grande despreso em que deve ser havida a miseravel critica feita ao excellente *panno feltro*, que nenhum póde igualar, em effeito, e economia, na estação actual. (1)

Do bom agazalho da pelle resulta conservação do calor n'ella, e actividade da circulação capillar, que regula as suas funcções, e cuja diminuição e estagnação produzem as mais graves molestias, que na presente estação accomettem a humanidade.

Todos dizem, e com rasão, que as constipações são a causa ordinaria de mui perigosas doenças; e que é uma constipação? um esfriamento que rompe o equilibrio entre as funcções exteriores e interiores: logo que a pelle esfria consideravelmente, cessa a transpiração insensivel; contrahem-se, ou fechão-se, os poros, por onde são eliminados do corpo os fluidos que já lhe não servem para ajudar a sustental'o, que antes lhe são nocivos, e por isso entrão na classe dos excrementicios; o sangue, que nos vasos capillares entretinha o calor á superficie, é repellido para o interior; e d'ahi vem as congestões nas visceras, as inflammações, etc. etc., para cujo tratamento a principal medicina (e a mais efficaz) consiste em promover a transpiração; isto é, restituir á pelle a acção ou a porção de vida que o frio lhe fez perder. Por isso as fricções, ou esfregações seccas, por toda a superficie do corpo, a cobertura, o calor introduzido na cama, por meio de vasos appropriados contendo agua bem quente, as bebidas aquosas abundantes e quentes, são, em geral, os melhores remedios, para curar uma constipação. Outro remedio ha superior a todos estes — os *banhos de vapor*. — Com elles promptamente se chama á pelle o sangue que o frio repellio para o interior; se desobstruem, pela transpiração, os vasos exhalantes, cujas funcções se achavam suspensas; e restabelecendo o equilibrio entre a circulação interior e a capillar cutanea, fica esta em exercicio, e como de sentinella avançada contra o frio.

Por tão uteis effeitos phisiologicos é que os banhos de vapor prestam um grande soccorro como meio hygienico, dispondo a pelle, pelo augmento de vida e de força que lhe dão, a resistir com efficacia á temperatura do ar; e por isso mesmo, longe de se constipar o corpo com mais facilidade, como acredita o vulgo, muito menos sujeito fica a isso depois do banho de vapor. E quando todas estas rasões não bastassem para convencer os espiritos obtusos, bastaria a experiencia confirmada por mim, e por todas as pessoas que no meu estabelecimento têem tomado banhos de vapor, e que d'elles andam fazendo uso, cujas observações são diariamente por mim colligidas, para demonstrar a efficacia de similhante remedio. Contra factos não se argumenta; só ha direito a pedir a rasão d'elles, e essa fica expendida com a clareza que um pequeno artigo póde admittir.

Muitas são as doenças que pelo methodo fumigatorio, e vaporatorio, se pódem curar; entre ellas farei menção das seguintes: rheumatismo, gota, molestias de pelle, escrophulas, paralysia, asthma, tosse convulsa, e outras, constipações, suppressão de menstruação, etc. etc. Nilo. (2)

SERÃO CONVENIENTES AS LEIS QUE PROHIBEM A EXPORTAÇÃO DE DINHEIRO DE PORTUGAL?

INGLATERRA. PORTUGAL.

77 Não julgamos necessario entrar em grande discussão, nem revolver os escriptos

(1) Veja-se o nosso artigo 27 do presente volume.

(2) Os acreditados banhos de vapor do Snr. Dr. Nilo, são na Rua do Principe n.º 32. Veja-se a respeito d'elles o nosso artigo 50 do primeiro volume.

de economistas antigos e modernos, para resolver uma questão, que peremptoriamente decidem o bom senso, as conveniencias do nosso paiz, e o que n'outros se pratica. Todos n'ella são interessados, pois he o dinheiro o primeiro elemento das transacções, e indispensavel para fomentar a agricultura, as artes, e o commercio.

Nenhuma lei, d'entre as innumeraveis que desde 1834 têem sido promulgadas, tocou ainda nas que prohibem a exportação da moeda, o que se deve sem duvida ao preconceito e apego a velhas e caducas maximas, e á intima persuasão de que o dinheiro não sahirá em quanto for prohibido exportal'o. Assim será; mas o resultado immediato, e o que de ha muitos annos a esta parte se vê é que a moeda d'ouro e prata se reduz a barras pelos especuladores, e assim vem igualmente a desapparecer o numerario d'entre nós. Os entendidos em commercio e economia politica sustentão que, se não fosse a prohibição, muita da moeda exportada tornaria a entrar quando os estrangeiros regressassem a nossas terras, ou mandassem comprar nossas mercadorias, o que não acontece levando-se o ouro ou prata em barra, que não torna a apparecer. Assim se vê o Thesouro frequentemente obrigado a cunhar dinheiro, o que induz em despeza, e trabalho, em parte superfluos. Não falta quem haja observado que muitos duros hespanhoes que andavão na circulação em Portugal, e a que se pozera um signal particular (que presumimos ser as nossas armas reaes em ponto pequeno), passaram a Hespanha, e voltaram para cá, o que presuppõe diversas transacções lucrativas.

Se as idéas de conveniencia nacional que acabamos de expender, carecessem de exemplos, nas ultimas folhas inglezas do mez passado achariamos um. Dellas consta que só do porto de Londres excedeu a exportação de metaes preciosos em 1841, 6,544 onças de moeda d'ouro, 7:373,303 onças de moeda de prata, e 1:903,726 onças de prata em barra. Assim pois, de todas as nações do mundo aquella em que mais prospéra talvez a agricultura, o commercio, e as artes, não recêa que lhe exportem o dinheiro, porque sabe que muito d'elle alli tem de regressar. Portugal e Hespanha são talvez os unicos paizes em que vigorem essas velhas e improvidentes leis que prohibem a exportação do dinheiro.

C. X. P. B.

PROCESSO ELECTRO-CHIMICO PARA DOURAR A PRATA E O LATÃO.

FRANÇA.

78 Sabido é de todos, que para dourar latão ou prata serve de intermedio o mercurio: depois de perfeitamente limpa a superficie da peça que se pertende dourar, estende-se sobre ella a amalgama d'ouro, e aquece-se a peça afim de evaporar o mercurio, e ficar o ouro fortemente agarrado á dita superficie; em seguida trata-se de dar-lhe a côr e brilho necessarios por meio d'operações chimicas, ou mechanicas.

Os gravissimos inconvenientes que nos douradores resultão do emprego de similhante processo, obrigaram varios sujeitos, em quem se não achava amortecida a beneficencia e philantropia, a curar dos meios de remediar, e prevenir, os funestos resultados da atmosphera de vapores de mercurio; em que aquelles artifices se viam constantemente mergulhados; d'entre elles, se avantajou um rico dourador de bronze, por nome Ravrio, que por sua morte legou á Academia Real das Sciencias de París 3,000 francos, para serem dados em premio a quem descobrisse um meio de livrar os douradores da insalubridade das emanações mercuriaes: D'Arcet, chymico distincto, foi o afortunado a quem tocou a gloria de prestar tão relevante serviço, inventando uma fornalha, com sua chaminé construida d'um modo particular, afim d'estabelecer uma fortissima corrente d'ar, alem d'outros muitos conselhos e lembranças proveitosissimas.

Por muitas vezes se ha experimentado com o mesmo intuito — dispensar o emprego do mercurio — já fazendo a applicação directa do ouro em pó, ou em folhas mui delgadas, por meios mechanicos, já usando de soluções ethéreas d'ouro, que se estendem sobre os metaes (é assim que se doura o ferro e aço), já finalmente mergulhando o metal em soluções d'ouro o mais neutras possivel; porém infelizmente por estes processos não se conseguem os fins propostos, e só se empregão mais vezes, quando (como no ferro) se não póde usar da amalgama.

O conhecimento das propriedades das correntes electricas fez lembrar a alguns chymicos a possibilidade de fazer applicação d'ellas a um novo processo de dourar; e d'estes o que mais assiduamente se ha dado a similhante tarefa é indubitavelmente De la Rive, que, depois de muitas tentativas, fundado em alguns factos interessantes, descobertos por Bec-

querel, achou um methodo para dourar os metaes, livre dos riscos que o emprego do mercurio trazia comsigo: d'esses factos, uns consistião na acção das correntes electricas fracas para obter decomposições, e mesmo formação de novos compostos, outros no uso de diaphragmas de bexiga ou de tripa, para separar as dissoluções que devem ser atravessadas successivamente pela corrente, sem que se misturem. Pelos primeiros reconheceu que, para fazer chegar o ouro, molecula por molecula, á superficie que se pertendia dourar, era melhor valer-se de correntes fracas; pelos segundos conseguiu evitar um inconveniente que, em tentativas anteriormente feitas, havia já notado como obstaculo desanimador; consistia em alterar-se o objecto que se queria dourar, e em impedir a adherencia do ouro a elle.

O novo processo que actualmente emprega, e que na prática tem sido seguido de bellissimos resultados, é o seguinte. Mette-se a peça de latão, ou de prata, n'uma dissolução de ouro mui diluida, que deve estar dentro d'uma especie de saco feito de bexiga, ou de tripa de boi; este saco é preciso que tenha estado cheio d'agua antes de servir, afim de lhe dar flexibilidade, e ver-se que não está rôto. Depois de lhe ter deitado dentro a dissolução d'ouro, colloca se n'um vaso, ou capsula de vidro, que contenha agua acidulada com algumas gottas d'acido sulfurico ou hydrochlorico, e mergulha-se n'esta uma lamina de zinco, á qual se póde dar o feitio de cylindro, que se põe por fóra da bexiga; esta lamina de zinco communica, por meio d'um fio metallico, com a peça que se pertende dourar, e assim obtem um elemento voltaico, em que a dita peça faz o papel de polo negativo; a corrente electrica a que este par de metaes dá logar, é bastante para decompôr a dissolução d'ouro, e para que este se deposite sobre a superficie do metal que está mettido nessa dissolução, vindo o zinco a dissolver-se na agua acidulada, sem que haja mistura entre dois liquidos, o que é devido ao diaphragma da bexiga. Em muitos casos a agua acidulada é que se deita dentro da bexiga, ficando a dissolução d'ouro no vaso; mette-se então um cylindro de zinco na agua, e a peça na dissolução; o resultado é o mesmo que no caso antecedente. Por este ultimo meio consegue-se dourar por dentro um copo de prata, que neste caso faz as vezes do vaso de cristal, com a differença de que é preciso pôr o copo de prata em communicação com o zinco por meio d'um fio metallico.

Pelo processo que deixamos mencionado, tem De la Rive conseguido dourar com facilidade, e perfeição, e livre de perigo, peças de latão e de prata; tão feliz porem não tem sido com o ferro, pois que todas as tentativas feitas para esse fim hão sido infructiferas, vendo-nos por isso na precisão de continuar a doural'o pelo methodo das soluções ethereas d'ouro, emquanto os esforços deste illustrado chimico nos não abrem outra via, pela qual mais facilmente possamos attingir o alvo a que nos propomos.

Consta-nos que este processo fôra já experimentado pelo Snr. Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, Lente de Chymica na Eschola Polytechnica de Lisboa, e que por elle obtivera resultados analogos aos preconisados por De la Rive.

A. J. de S.

ACÇÃO DO COBRE SOBRE A TINTA D'ESCREVER ORDINARIA.

BENGALA. CALCUTA. PARIS.

79 Ha pouco succedeu em Bengala um caso bastante notavel e curioso, relativo aos effeitos das misturas salinas do cobre com a tinta d'escrever ordinaria. O banco de Bengala remetteu ao Secretario da Sociedade Asiatica de Calcuta tres bilhetes, por via de um Indio; chegão os bilhetes sem numeros nem firmas; protesta o homem que não póde comprehender como tal se fizesse, pois quando partiu para uma fazenda sua, os havia deixado dentro d'uma caixinha de cobre, tendo antes tomado nota dos numeros e valores, e depois que voltou é que os achou alterados por aquella fórma. O secretario do banco não queria dar credito a esta historia maravilhosa, pois que os endossos estavam perfeitamente conservados. Pensou que seria facil fazer apparecer de novo os traços da tinta, acidando levemente o papel, e tocando o sitio onde devião existir as firmas, com uma dissolução de prussiato de potassa, a qual reproduziria as letras com côr azul. O unico effeito d'este reagente foi dar ao papel uma côr de pardo acastanhado, e que indicava até que ponto o papel se havia impregnado de cobre em dissolução; e apesar de que n'um dos bilhetes se vio uma tenue côr azulada no sitio em que devião estar as firmas, assim mesmo não foi possivel perceber vestigio algum nem de letras, nem de numeros. Era pois evidente que uma dissolução de cobre levára o ferro que entra na composição da tinta ordinaria, ao passo que o cobre se depositava substituin-

do aquell'outro metal, por modo que não deixou vestigios do ferro, sobre que podesse actuar o prussiato de potassa. Para demonstrar isto com todo o rigor, tomou o Secretario uma folha de papel escripta com tinta mui preta, havia já muitos annos, e metteu-a entre duas laminas de cobre bem limpas e desoxydadas, e fez passar por ellas uma corrente d'agua acidulada; passados dois minutos, já toda a tinta havia desapparecido, e não se produzia mancha azul alguma com o prussiato de potassa. Em experiencias identicas feitas com a tinta dos Indios (que é formada de certos vegetaes carbonisados), ficou esta intacta, bastando misturar certa porção d'ella com a tinta ingleza, para impedir a destruição dos caracteres que se traçassem. Este methodo é mui simples, e analogo ao que se emprega para escrever os rótulos chimicos.

O acontecimento que deu logar a estas investigações, não parece ser o primeiro no seu genero. Ha annos que um pobre peregrino Indio teve a precaução de metter n'uma caixa de cobre os bilhetes do banco, que para maior segurança costumava levar sempre comsigo; foi a Djaggernat tomar banhos de mar, e quando voltou achou os bilhetes todos borrados, de fórma que o banco lh'os não quiz aceitar.

Sabe-se que na Europa a facilidade d'alterar as escripturas publicas por meio de reagentes chimicos tem dado serios cuidados. Havendo o governo francez consultado a Academia das Sciencias de París sobre este importante assumpto, indicou esta como meio d'impedir simillhante fraude, o emprego d'uma tinta indelevel para todos os documentos publicos, e uma das receitas que deu, parece-se muito com a que havemos apontado mais acima: consiste em misturar uma porção de tinta da China com a tinta ordinaria. Outra composição muito melhor é a suspensão da tinta da China no acido hydrochlorico diluido n'agua.

A. J. de S.

O PASSATEMPO DE UM BARQUEIRO.

PORTUGAL.

80 Quereis ver o delicado trabalho, que executa a mão adusta de um pobre barqueiro, nas horas vagas de seu penôso mistér? Procurai no Largo do Pelourinho, na loja de um barbeiro, se nos não deram errado o nome, Christovão, o fazedor de leques de páu. A Redacção da *Revista Universal* fica de posse de um exemplar deste trabalho. E' uma hastilha de madeira de pinho, transformada, a processo de agua, e de ponta de canivete, ou navalha, em um leque de mui engraçado feitio.

Parte da hastilha é com todo o esmero reduzida á figura de um leque fechado; depois partida em varetas delgadinhas, que se abrem obliquamente sobre o seu eixo inteiriço e chato, e ficão coroando o resto sólido, que lhes serve de cabo. Este é ainda mui tôsco: dando-se-lhe a perfeição de que é susceptivel, e submettendo-se estes objectos á acção de um colorido que lhes fosse proprio, talvez se não julgassem de todo indignos de apparecer nos passeios das nossas elegantes; ao menos por homenagem á industria Nacional, que tão desprezada vai.

O rude artista vende os seus leques pelo módico preço de 60 a 80 réis. Que habil professor perdeu a esculptura! Quantos engenhos não deixa a má fortuna desconhecidos! Bem sabe o mesquinho barqueiro, se alguem que sente o coração repassado de mágoas, o aponta no meio das turbas, com indizivel affeição! . . . Elle sim! . . .

Em quanto a torrente das ambições se despenha, e rola com todo o seu aggregado de males, pelo grande mundo, como rolão as ondas furibundas no largo occeano, por uma noite de tempestade, elle invulneravel ás aguilhoadas do orgulho, humilde remador do bonançoso Tejo, desfructa a paz da innocencia, na sua posição obscura. Quantas vezes, ao fadigoso menear dos rêmos, se cravaram seus olhos em melindrosa mão, que agita defronte delle o fragil modêlo de suas obras?! Conhecemos enthusiasmo de artistas, porque tambem o somos; e professâmos decidido amor por tudo o que de bom dá a nossa terra.

Maria J. S. C.

MAGNETISMO ANIMAL.

INGLATERRA, FRANÇA, PORTUGAL.

31 No ultimo numero da *Revista Litteraria*, do Porto, se nos depára um artigo sobre este objecto, de que extrahimos a maior parte, referindo-nos ao que sobre o mesmo assumpto dissemos em os artigos 31 e 66 d'este volume.

» Este seculo XIX é um seculo d'apostasia e de renegados. A philosophia do seculo passado, livre e arrogante, chamou ao tribunal da discussão e do exame todas as idéas ve-

lhas; e condemnou-as uma por uma: foi pyrrhonica, incrédula e intolerante, em vez de ser eclectica, como lhe cumpria. Pouco importava porém que isso acontecesse, se o mundo intellectual, o mundo dos Lyceus, das Academias, e dos Gabinetes, não fosse como um planeta maior, que arrasta o seu satellite, — o mundo material: effectivamente a obra abstracta dos philosophos reflectiu-se sobre as massas populares, e estas a traduziram em pratica. A revolução franceza foi o resultado da lucta de morte que havia travado a nova com a velha philosophia; os combustiveis já havia muito que ardião solapadamente, e agora a compressão não faria mais do que accelerar a crise; era inevitavel que essa cratéra abrisse as suas cem bocas para vomitar a lava negra, que lá tinha fermentado por tanto tempo. Esta revolução é, como aquella torre de caveiras dos 1:600 Servios, um marco que divide duas epochas, as quaes, sendo tão proximas para o chronologo, offerecem, pelo contrario, ao historiador philosopho, caracteres e feições muito diversas e oppostas; porque foi então que os homens fizeram voto de abjurar todas as idéas, tradições, e costumes, que herdaram de seus avós. De certo o que nós hoje vemos, e fazemos, a muitos respeitos, é o avêsso do que viram e fizeram os homens das eras que já lá vão. O madeiro da cruz era d'antes o arrimo dos fracos, e os desconsolados iam sentar-se á sombra desta arvore, e achavão lá refrigerio e conforto; a religião era a arca santa e o asylo aonde se iam abrigar do tumultuoso diluvio das paixões os *puros e impuros*: hoje nem a cruz é symbolo de consolação e d'esperança, nem a religião é invocada em horas aziagas e de desventura. Os homens d'outro tempo, imitadores de Salomão, erigião templos sumptuosos para ahi offerecerem a Deus fervorosos sacrificios d'oração e incenso; hoje póde dizer-se com o mavioso Jeremias *« Viæ Sion lugent, eo quod non sint qui veniant ad solemnitatem....... Dispersi sunt lapides sanctuarii in capite omnium platearum. »* Antigamente havia homens *d'antes quebrar que torcer*: hoje os homens especulam, e commerceiam, com as suas consciencias e opiniões; e não se lhes dá de venderem este dote inalienavel a troco de preço vil e infame. D'antes, nós, os Portuguezes, sulcámos mares tormentosos, dobrámos cabos que ninguem ainda tinha transposto; fomos hastear a cruz e as quinas nos coruchéus das mesquitas, rasgámos o Alcorão, e o substituimos pelo Evangelho, fomos temidos, respeitados, e admirados; hoje, *proh dolor*!! somos o ludibrio, e objecto de motejos e de baldões daquelles mesmos que já experimentaram a força do nosso potente braço; as quinas lusitanas, esse talisman que fazia render praças, castellos, e exercitos, hoje estão esmigalhadas; nações, ora mais felizes do que nós, as derrubaram; a nação portugueza é uma Niobe solitaria vestida de dó; já trajou manto recamado d'ouro e diamantes; hoje apenas tem uns esfarrapados andrajos, que mal a abrigão do frio, e, o que mais é, falta-lhe um véo para encobrir ao mundo a sua vergonhosa prostituição......

Mas aonde nos leva a nossa phantasia? é verdade, ainda agora reparamos que nos tinhamos desviado do assumpto; assim mesmo o que fica dito não é fóra do nosso proposito: nós queríamos provar com factos que a epocha actual desdiz muito da passada; muito de certo: a religião deu a sua vez á politica, o patriotismo ao egoismo, a credulidade ao scepticismo; sumiram-se as idéas romanticas e briosas da cavallaria; houve em fim um turbilhão que arrastou e desfez tudo quanto era venerando e velho. Mas qual seria essa idéa primordial e géradora de tamanha revolução? era esta: os homens pertendião, segundo a phrase do illustre Bacon, reconstruir tudo *ab imis fundamentis*; e então principiaram por derribar tudo; tudo, dizemos nós, porque a demolição não se circumscreve só ás sciencias moraes e metaphisicas; as naturaes tambem a experimentaram; e para estas nada influio tanto como o descobrimento do celebre Volta. Este insigne italiano achou que a electricidade explicava muitos dos phenómenos até então reputados sobrenaturaes, ou pelo menos fóra do alcance da rasão e do poder humano: parecia pois que estava chegado o tempo de os *mesmerianos* serem cridos; todavia não succedeu assim; ácerca do *magnetismo animal* reinão ainda, como d'antes, a incerteza, a duvida, e a preplexidade; tinham-se mettido a ridiculo *os magos*, *as bruxas*, *as feiticeiras*, *o sortilegio*, *as adivinhas*, *as provas de fogo*, *e o mão olhado*, *os philtros*, *e os encantos*; já se não consultavão os *aruspices*, nem os *astros*, nem as *pythonisas*; a philosophia moderna tinha repudiado todas essas crenças, para desposar o principio de que o *tangi* e o *tangere* era o meio exclusivo dos corpos se influenciarem; e então, para não ser contradictoria, cumpria-lhe repudiar tambem o *magnetismo*; mas, por uma inexplicavel, e, por ventura, não cuidada contradicção, pairou incerta e fluctuante sobre este ponto, que resumia em si

tantos segredos e tantas maravilhas; pois, segundo a tendencia que levavam as idéas, havia sobrados motivos para o anathematisar, porque o *magnetismo* tinha resaibos de espiritualidade; e, de mais a mais, tinha sido annunciado por um jezuita.

Mas fosse lá pelo que fosse, talvez pela influencia mesmo do magnetismo, trátou-se d'averiguar este problema: nomearam-se commissões; multiplicaram-se ensaios; e no fim de tudo a questão ficou obscura como d'antes; ha panegyristas, e reprovadores; e assim estes como aquelles prevalecem-se de rasões especulativas, e de factos, que se respondem e destróem mutuamente; ambos os partidos contão em suas fileiras alguns nomes respeitaveis: Mr. Rostan é hoje um dos defensores do magnetismo, e note-se que n'outro tempo este homem foi tambem dos incrédulos; mas rendeu-se, diz elle, á força dos factos, e das experiencias, suas e alheias: foi como S. Thomé. Se todos imitarem este enthuziasta da medicina organica, se as experiencias se forem multiplicando, e nellas houver criterio, despreoccupação, e boa fé, a questão hade, senão resolver-se, pelo menos elucidar-se muito.

Nós cá, os Portuguezes, já se sabe, não nos daremos a essas experiencias; estamos á espera do que virá lá de fóra, porque temos a mania d'andar ao socairo dos estrangeiros: .... — *O nada estrangeiro estima; O muito dos seus despresa.* — (S. Machado). Pois esperem que lá por fóra alguma cousa se vai trabalhando nesta obra. Poderiamos citar os nomes d'alguns operarios, mas apenas noticiaremos o d'um, Mr. Lafontaine: este magnetisador esteve o inverno passado em París, onde foi muito admirado; depois trasladou-se a Londres, para alli repetir as experiencias nas pessoas que a ellas se quizessem sujeitar; foram muitos os concorrentes; e no dia 29 de Julho é que elle mais brilhou; muitos dos espectadores, até alli incredulos, declararam, que á vista do que tinham presenciado, ficavam perplexos; e alguns, entre elles, homens de conhecimentos, manifestaram a sua confiança no *magnetismo* applicado á medicina. Mr. Lafontaine não fez as experiencias clandestinamente; foi n'um grande salão, que estava aberto aos concorrentes, os quaes foram tantos, que muitos não poderam entrar.

Oxalá que Mr. Lafontaine se dignasse de fazer-nos uma visita; estimavamo-lo cá mais do que esses pelotiqueiros, e *signores Pulcinellos* que por ahi andam; seriamos dos curiosos a ir vê-lo, só com o toque dos seus dedos pollegares, fazer dormir um somno mysterioso a qualquer pessoa; inspirar-lhe o dom da prophecia; e fazê-la vêr e ouvir pelo epigastrio. Nós, que, por ora, somos *indifferentistas* nesta questão, porque não temos bases para opinar, depois, testemunhas oculares, alguma cousa poderiamos pensar ácerca do que vissemos: entretanto sobreestamos em ajuizar; permanecendo no justo meio, porque d'um lado o magnetismo parece-nos synonimo d'arte diabolica; mas depois, lembroã-nos as palavras do illustre Rostan: « *Lorsqu' une verité nouvelle est proclamée, bien que d'abord elle paraisse hors de créance, ce n'est pas celui qui la met en lumière qu'on doit plaindre, mais bien ceux qui s'obstinent a ne pas y croire, et qui ferment les yeux pour ne pas la voir* ! !

Desejavamos que se fizessem algumas diligencias por levantar o véo que encobre este segredo: porque não o julgamos questão esteril; muito pelo contrario está ella identificada com assumptos da maior transcendencia, de historia tanto sagrada como profana, de physiologia, e de medicina.

J. S.

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA.

O CORREIO DAS DAMAS.

Jornal de litteratura e de modas pelo Snr. J. S. Mengo.

82 O gôsto á leitura das publicações periodicas é hoje por toda a Europa uma prova de civilisação. Procurai quantos jornaes se escrevem em tal ou tal paiz, investigai-lhes os assumptos, e tereis um documento seguro da actividade do espirito dos habitantes, e das suas tendencias e vocações litterarias. — Se encontrardes jornaes para as damas, conclui que tambem nesse paiz ellas prézam satisfazer o seu instincto de variedade, largando das occupações domesticas, para entreter o ocio com leituras uteis e amenas.

As bellas portuguezas não poderião deixar de ter um jornal seu. Ha seis annos que o Snr. J. S. Mengo lhes offereceu o — Correio das Damas, — e ha seis annos que este jornal é lido com gosto, e mantido por quem se présa de ser do *bom tom* em todo o Reino. Por este *Correio*, tem logo noticia das modas mais recentes, e vestuários de melhor gosto, tanto de senhoras como de homens, por meio de duas ou mais estampas coloridas, que acom-

panhão cada numero do jornal que se publica mensalmente. — Para senhoras arranjadas, chega a ser de grande economia o assignar para este jornal. Pelo modico preço de 2$000 réis por anno, forram a entregar ás modistas francezas muito dinheiro, em cousas que tão bem como ellas, poderão fazer á vista das boas estampas; e além disso ganham o satisfazerem a sua curiosidade de andarem sempre em dia com as modas dos homens, e de terem umas poucas de paginas para as divertir instruindo-as.

O Correio das Damas entrou no setimo anno da sua publicação. Graças ao bom gosto e desvelos do Snr. Mengo, o seu jornal, tendo successivamente melhorado, apparece agora como nunca. Typo miudo, novissimo, e formoso, substituiu o antigo já cançado. As tres estampas vem magnificas; é uma para as damas; outra para crianças, e outra para os cavalheiros; esta principalmente não se póde exceder em perfeição, e propriedade de colorido, e leva a dianteira ás francezas deste genero. — São lythografadas no Largo do Quintella.

Muito louvamos ao Snr. Mengo a idéa de substituir a vinheta do rosto pela que actualmente tem; Cupido não póde estar melhor do que a cavallo n'uma borboleta, levando ás bellas assignantes o Correio das Damas.

Esta gravura em madeira não deixa de ser das que acreditam os Snrs. Bordallo e Coelho, que tão boas estampas tem publicado no Panorama.

A' redacção da folha não teceremos encomios exagerados, porque não foramos disso capazes, e nem ella, nem o illustre redactor, delles carecem. Os assumptos são proprios, e identicos aos de similhante natureza n'outros paizes; — a linguagem é pura e limpa, que nisso, como em tudo mais, se esmera o Snr. Mengo.

Prosiga elle com a sua tarefa tão bem executada, e gratifiquem o seu trabalho muitas leitoras amaveis e bellas, ás quaes o recommendamos.

V.

Sahiu á luz o 1.° volume do Supplemento á Collecção de Legislação Portugueza do Desembargador A. Delgado, pelo mesmo: comprehende os annos de 1750 a 1762. Seu preço 5$500 réis nas lojas do costume, e para os Assignantes 4$000 réis em a residencia do Redactor.

— Acaba de se publicar a interessantissima obra que tem por titulo — Compendio Pratico de Manobra, que ensina as principaes evoluções maritimas, e tracta das construcções mais importantes para salvação das guarnições, e effeitos de qualquer navio em perigo. — Composta por Faustino José Marques, mestre de apparelho e manobra, da companhia dos guardas marinhas; o qual se offerece tambem, para construir em ponto pequeno, tanto o modêlo d'hum Leme que governe de Cana e Roda, sem os perigos de se lhe cortarem as Arridas, como o d'uma Esparrella que governe com a Roda do Leme, tudo do modo que explica o citado Compendio, e por pequenas gratificações. Para este fim, o Auctor se acha na sala do Risco do Arsenal da Marinha, em todos os dias uteis, desde as 9 horas da manhã até ás 2 da tarde, e nos feriados, em sua casa na Rua da Saudade n.° 11 A, 1.° andar.

A empreza da traducção da Administração do Marquez de Pombal, de que já se tem publicado quatro folhetos julga dever prevenir os senhores assignantes, que inesperadas circumstancias são a causa de que se suspenda momentaneamente a publicação da dita traducção.

Adverte comtudo aos ditos srs. de que não será longa a interrupção, e que cessando as causas que para isso contribuem sahirá semanualmente como nos prospectus se prometteu. As pessoas que pertenderem assignar o podem fazer no escriptorio da rua de St.ª Martha n.° 23 na, sobre-loja, pessoalmente, ou por carta franca de porte.

FRANCEZA.

83 Phisiologia do Caçador, por Deyeux.

Phisiologia do deputado, por Bernad.

Escolha dos melhores idyllios de Theocrito, etc.

Collecção das obras de Silvio Pellico.

Contos d'um viajante, por M. Delatre.

Poesias fugitivas de Carlos Letellier, ou fac-simile de pessoas notaveis do departamento de *Dordogne*.

Au bord du Tage, por Paulina Flaugergues.

O meio dia da alma, poesias de Hermance Lesguillon.

As mulheres da Regencia, por Paulo de Musset.

INGLEZA.

84 Manual de antiguidades christans, por J. E. Riddle. 1 vol. em 8.°

Manual de Chimica, com as descobertas novas, nacionaes e estrangeiras, nesta sciencia, por W. Thomaz Brande. 5.ª edição. 1 vol. em 8.° de 1500 paginas.

Molestias das crianças, seus symptomas, e tratamento, por A. Reel. 1 vol. em 12.

Investigações sobre a causa, natureza, e tratamento da gota. 1 vol. em 8.°

A phrenolozia concorde com a sciencia e revelação, por C. Cowan. 1 vol. em 12.

Sobre a navegação por vapor, por J. S. Russell. 1 vol. em 8.°

Influencia moral das cidades, por J. Todd. 1 vol. em 18.

Historia de Ricardo coração de lião, por James, 2 vol. em 8.°

Historia constitucional de Inglaterra desde o reinado de Henrique 7.° até á morte de Jorge 2.°, por Henrique Hallam. 5.ª edição. 2 vol. em 8.°

Victorias dos exercitos inglezes, por W. H. Maxwel 2 vol. em 8.°

Usos e costumes da Sociedade na India, por Clemons, 1 vol. em 8.°

16 annos no Chili e Peru, pelo Governador, que alli foi, João Fernandes. 1 vol. em 8.°

TYP. DA VIUVA DE J. A. DA S. RODRIGUES.
Rua da Condessa n.° 19.

REVISTA UNIVERSAL.

N.° 7.

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, TRAVESSA DA VICTORIA N.° 29, ESQUINA DA RUA DOS DOURADORES POR 12 NUMEROS 480, POR 24.... 960, POR 52.... 1920 REIS.

Quinta feira 24 de Fevereiro de 1842.

A redacção da REVISTA UNIVERSAL acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Roga-se aos Senhores Assignantes de Lisboa que não entreguem quantia alguma aos distribuidores senão contra o competente recibo impresso, e assignado pelo Editor. — e aos que ainda não satisfizeram o importe do 1.° ou 2.°, ou de um e de outro, o favor de remettel-o ao Estriptorio d'este Jornal.

DIARIO METEOROLOGICO DESDE 9 ATE 22 DE FEVEREIRO DE 1842.

Dias do Mez.	Termom.° Exterior.		Barometro.		Pluviometro.	Ventos dominantes e sua força.	ESTADO DA ATMOSPHERA.
	Minm.°	Max.°	9 h. m.	3 h. t.			
9	46°	57°	752,6	752,0	10	B.	Cob.° denso e nevoeiro — Chuva abund. ao anoitecer.
10	43	58	66,2	57,0		N. NE.	Nevoeiro até ás 8 h. manhã — Cl.° e Nuv. — Claro.
11	47	60	63,0	62,2		NE.	Claro.
12	46	58	67,1	66,0		B. NE.	Cob.° — Cl.° e alg. nuv. — Atmosfera vaporosa.
13	45	68	69,0	68,5		NE. NO.	Nevoeiro denso e humido até ás 10 h. Cl.° e nuvens.
14	44	60	69,0	68,0		NE. NO.	Id. até ás 9 h. m. — Claro.
15	45	60	67,0	65,0		NE. NO.	Claro — Cl.° e nuvens.
16	44	57	62,0	59,8		NE.	Cl.° e alg. nuv. — Claro.
17	41	60	59,0	57,0	1	N. NE.	Cob. e claros. — Nevoeiro e peqs aguaceiros no fim da tarde. frio.
18	41	58	59,3	59,3		NE.	Claro — Frio e secco.
19	44	59	61,8	59,3		NE.	Id. — Id.
20	42	58	59,5	57,0		NE. V.	Coberto e alg. claro — Chuvisco ao anoitecer
21	44	61	58,5	58,0	6	E. SO.	Cl.° — Cob.°, claros, e chuva abund. á noite
22	47	62	58,2	55,0	4	B. SO.	Chuva de madrugada. — Cob.° e algum [illegible]

Observações. A segunda quadra predominante deste mez, que começou a 5, com a temperatura macia, ar muito humido, céo coberto, alguns nevoeiros alternados com ch[illegible]s abundantes em 2 dias, e escassas nos outros tres, com ventos mareiros brandos, terminou a 9, dando logar á 3.ª quadra, fresca nas madrugadas e noites; porém com os dias [illegible]

e alguns nevoeiros de manhã, que se dissipávão, deixando o céo claro, ou com poucas nuvens; pequenos ventos variaveis do NE ao NO, o barometro muito alto, e abundantes orvalhos nocturnos. A 4.ª começou a 17 resfriando consideravelmente as madrugadas e noites, e como o ar adquirio muita secura por isso foi mais viva a sensação do frio. Cessaram os nevoeiros matutinos e appareceram mais nuvens, porém os ventos continuaram do mesmo rumo. A 21 appareceu a 5.ª, que ora predomina com apparencia de ser chuvosa, e por isso muito util aos campos, já sequiosos de humidade.

FENOMENOS OCCORRIDOS NO MEZ DE JANEIRO.

EUROPA.

95 Foi assaz notavel, e insólito, o andamento meteorologico deste mez em quasi toda a Europa, pelo contraste de uma suave temperatura nas regiões mais septentrionaes, com os rigorosos frios experimentados na parte meridional. Em Petersburgo, nos primeiros dias do mez, apparecião ainda os jardins viçosos, e muitas plantas com flores, e pelo contrario na Allemanha, França, Italia, Hespanha, e Portugal, se desenvolvião frios de uma intensidade raras vezes observada. Neste ultimo reino teve logar a sua apparição no dia 7, e continuou rigoroso até 12, congelando a agua em quatro noites; terminou o seu periodo dando lugar á terrivel tempestade de 14 e 15, de que já demos noticia. O estrago causado nos arvoredos foi muito maior do que annunciámos, pois consta que no pinhal de Leiria se abateram dez mil arvores, o que, comparado com o numero total das que se presumem existir naquelle precioso bosque, se póde reputar de uma por quatrocentas. Não nos consta que os periodicos annunciassem o naufragio que houve na noite de 14 para 15, na costa fronteira á pequena povoação de Azenhas do mar, um pouco ao norte de Collares. Pelos indicios julga-se que fora a victima um bergantim Francez, sendo bem extraordinaria a funesta circumstancia de se não encontrar a seu bordo pessoa alguma, e apenas um gato vivo. Os bahus que se recolheram continhão alfaias e vestidos de senhora, e menino, o que induz a crer que tinha passageiros. Toda a mobilia, e aprestes do navio, foram barbaramente saqueados, e só depois de alguns dias é que as authoridades locaes começaram a fazer as devidas pesquizas; e ainda que já tarde, parece que acharam indicios de horrorosos crimes. Esta tempestade foi geral em todo o reino, desde o Minho até o Algarve, causando grandes prejuisos nos pomares expostos á direcção do tufão. Em Cintra os estragos foram avultados nos telhados dos edificios, e nos arvoredos frondosos daquelle delicioso sitio.

Foi igualmente notavel o meteoro luminoso observado em Leiria no dia 13 pelas 3½ horas da tarde, o qual se dirigio com grande rapidez do oriente para o occidente, sendo precedido por uma detonação similhante á do trovão em remota distancia, e apparecendo repentinamente um grande clarão de luz avermelhada tão viva, que chegou a alterar as côres naturaes dos objectos no interior das casas. Este meteoro foi visto com terror por um grande numero de moradores daquelles sitios, porém não consta que apparecessem as pedras, ou aéreolithes, que de ordinario costumão lançar aquelles meteoros.

Na Italia já no dia 3 tinhão as neves atalhado as communicações com a Allemanha, e em Roma, no dia 9, cahio neve em tanta abundancia, e permaneceu de tal fórma accumulada, que ainda no dia 15 cobria as collinas de Albano e Tusculum: o thermometro de Reaumur desceu mais de 5 gráos abaixo do gelo, o que poucas vezes acontece naquelle clima.

Em Paris, no mesmo dia 9, em que se sentiu o maior frio em Lisboa, desceu o thermometro 9 gráos abaixo do gelo, no mesmo tempo que a atmosfera, serena e bonançosa, favorecia a congelação. — E' digno de notar-se que no mencionado dia 9 foi igualmente invadida toda a Hespanha por aquelle intenso frio. Junto a Saragossa gelaram os rios Ebro, e Huerva, assim como os vinhos nas adegas. A chuva de neve foi abundantissima em quasi todas as provincias daquelle reino visinho, gelando em muitos sitios a agoa em grossura de 2 e 3 pollegadas. — Em Madrid, na Catalunha, e até no fertil e tépido reino de Valencia, desceu o thermometro 3 gráos abaixo da congelação, gelando-se muitos ribeiros, e cessando por consequencia o movimento das azenhas. Em alguns sitios pereceram geladas as sentinellas, e outros individuos. Em Segovia ainda o frio attingio maior intensidade, pois fez descer o thermometro 7 gráos abaixo de zero; a serra de Guadarrama, e os seus desfiladeiros, ficaram cobertos de neve, e a agua gelada com assaz de grossura.

Na noite de 25 para 26, um montão de neve, despegando-se da montanha de S. Paulo, junto a Clermont, demolio, e sepultou, uma

casa com todos os seus moradores. — Nessa mesma noite naufragaram, por effeito de uma rija tempestade, 25 navios sobre as costas de Inglaterra.

Observações agronomicas do Algarve. — De Moncarapaxo se nos partecipa que a falta de chuvas não permittiu que as plantas leguminosas, e cereaes, medrassem, para o que tambem contribuiram as geadas, e rigorosos frios. — As pastagens continuaram a faltar, e o solo offerece um aspecto esteril. Têem-se feito as podas das vinhas com todo o vagar, e observa-se que estão faltas de seiva por carencia da necessaria humidade. As amendoeiras estão cobertas de flores, que vingarão se as chuvas de fevereiro, aliás tão necessarias para a vegetação não forem abundantes. Os rijos ventos que tem soprado abateram grande copia de laranjas, a ponto que os proprietarios foram obrigados a vendel'as a 60 e 80 réis o cento.

Se os proprietarios das vinhas não empregassem agora crescido numero de braços, terrivel seria a fome que pelos campos se padecêra, porque a colheita de todos os fructos naquelle districto, á excepção das uvas, e azeite, até certo ponto, foi escassissima, e o preço dos cereaes e legumes muito subido. — O que fica dito póde considerar-se extensivo ao terreno comprehendido entre Castro-marim e Faro.

M. M. F.

PLANTAÇÃO D'ARVORES.

LISBOA.

86 No artigo 46 do n.º 4 d'este volume, dissemos que ao plantarem-se as arvores devião as raizes ser divididas, e separadas em diversas direcções, pondo-se no fundo das covas para isso abertas terra vegetal e nutritiva: confirmamol'o. Dissemos tambem que seria conveniente regar primeiro o logar em que assentarem as raizes, referindo-nos aos resultados que de tal sistema ha tirado o Snr. João Evangelista, na sua quinta de S. Pedro de Cintra. Este ponto deve comtudo ser rectificado, seguindo-se exactamente o que escrevemos no artigo 56 do n.º 5 d'este anno — isto é — depois de estendidas as raizes cobrem-se com terra que se réga; lança-se-lhe por cima outra camada, que se torna a regar, e assim por diante, até que se encha a cova. A réga junto ás raizes tem por fim unir todos os vãos e fofos que a terra tiver junto das mesmas raizes, e que as farião apodrecer; mas se fosse regada a superficie em que ellas assentão, ficarião pegadas, e difficilmente se desenvolverião. Esta explicação nos é dada pelo proprio Snr. João Evangelista, agricultor entendido em quanto diz respeito a similhantes materias, e com prazer a inserimos, sem que nos corramos de haver avançado uma proposição inexacta, pois somos homens, e como elles erramos, mas pelo amor da verdade fariamos até maior sacrificio do nosso amor proprio.

C. X. P. B.

PROCESSO PARA CORRIGIR O ENGORDURAMENTO DOS VINHOS.

FRANÇA. PORTUGAL.

87 É o engorduramento dos vinhos uma especie de decomposição espontanea, que lhes dá uma consistencia similhante á do oleo. O vinho assim alterado torna-se semsabor, de uma côr pallida, perde a natural fluidez, difficilmente faz escuma quando o agitão, e incommoda a quem o bebe.

Estas alterações que soffrem os vinhos no tempo da sua fermentação, são tanto mais nocivas, quanto o alcohol já formado se destroe, e por esta causa os vinhos *gordos* submettidos á distillação, dão pequena porção d'aguardente, de pessima qualidade, tendo tanto mais gosto e sabor de ardida, quanto mais mucilaginoso é o vinho de que resulta.

O engorduramento nos vinhos brancos manifesta-se por depositos brancos, ou amarellados, os quaes, por pouco que se mecha o liquido, se levantão, ou em massa espessa, ou em frocos, e mais commummente em fibras engorduradas.

Nenhum dos muitos processos até hoje tentados contra este mal obteve o desejado fim, até que a Sociedade de Animação de Paris, offereceu um premio a quem descubrisse para isto algum remedio efficaz.

Resolveu *Herpin* o problema, e apresentou um que mereceu a approvação daquella distincta sociedade; consiste em dissolver 6 a 12 onças de cremor de tartaro, e igual porção d'assucar bruto em 3 canadas de vinho fervido; lança-se depois este mixto no vinho que se pertende melhorar; tapa-se a vasilha, chocalha-se por espaço de cinco ou seis minutos, e torna-se a pôr no seu lugar com o batoque para baixo.

Passados um ou dous dias de repouso, volta-se a vasilha, e clarifica-se o vinho pelo

modo ordinario; tapa-se outra vez, e torna-se a agitar por espaço de cinco ou seis minutos, pondo-o de novo no seu lugar com o batoque para cima. Quatro ou cinco dias depois achar-se-ha o vinho claro, limpo, absolutamente *desengordurado*, com a côr muito mais clara, e de melhor qualidade; mas como depois de todas estas operações não poderia, sem inconveniente, conservar-se na mesma vasilha com as fezes, convem trasfegal'o, sem que d'ahi por diante haja risco de tornar-se a engordurar. Se o vinho se engordura depois de engarrafado, como acontece muitas vezes, principalmente aos vinhos brancos, [illegible] em [illegible] barril, e applica-se-lhe o mesmo processo.

[illegible] de que fazemos um serviço aos nossos lavradores de vinhos, lhes communicamos esta importante receita, pedindo-lhes que a experimentem, e nos participem o resultado que houverem.

A. F. S. B.

COMPANHIA DE FIAÇÃO E TECIDOS LISBONENSE.

PORTUGAL.

87 Posto que este estabelecimento se ache ainda em sua infancia, tal é o desenvolvimento que em despeito de mil obstaculos tem ido assumindo, que já não é profeta quem lhe vaticina um futuro brilhante e proximo.

A companhia de fiação e tecidos Lisbonense estabeleceu em Xabregas uma fabrica exemplar, que merece a approvação de estrangeiros e admiração de nacionaes. Ordem, regularidade, e progresso, são as qualidades por que se ella distingue, e para darmos uma rapida idéa do estabelecimento, aqui mencionaremos o que nelle achamos mais digno de nota.

O motor de todo aquelle mechanismo immenso, variado, e multiforme, é uma machina movida por vapor, composta de 3 caldeiras, e representando a força de 20 cavallos. Massas mal preparadas de algodão em rama são submettidas ao trabalhar da machina, que as recebe informes, e restitue transformadas, por uma serie de processos, nas bellas fazendas de que geralmente usamos.

O primeiro trabalho, o de bater e limpar, é feito por 2 machinas; por 12 o segundo, de o cardar; emfim 3 bancas com 20 cabeças d'indroitos bastam para o terceiro, de passar o algodão.

E' mui curioso ver as machinas em acção. A principio figuram-se largas e alvissimas fitas compondo-se e decompondo-se, e afinal pendendo em latas; 3 maicens lhes dão a fórma conveniente; e a materia prima fica prompta para a fiação.

A fiação tem lugar do seguinte modo: n'um pavimento superior, onde ajusta o movimento da matriz, estão dispostos 8 engenhos, que fião ao todo mais de 2840 maçarocas, umas de fio fino, outras de grosso, o que constitue as diversas qualidades, designadas por numeros: esta parte é completada por uma machina de torcer.

Cento e dois são os teares, cuja disposição regular e elegante produz um effeito pittoresco; a estes se deve a diversidade das manufacturas, os cobertores de todas as dimensões, os riscados de colxões, e de enxadrez, os brins, as estamanhas, a grosseria, as baetilhas de varias côres e pellos, as camisas, os challes, as gangas etc., fazendas de que a Companhia já tem em Lisboa um armazem bem surtido.

Diremos antes de terminar, que no mesmo edificio de Xabregas se estabeleceram muitas outras officinas, sem as quaes a de Fiação ficaria incompleta; — uma carpintaria, — serralheria — abegoaria — tinturaria, ao nivel dos progressos desta arte — e emfim uma escola aonde a infancia desvalida encontra, além do ensino, um asylo, e meios para um dia se tornarem membros uteis da sociedade e proverem ás necessidades de suas familias; até a propria cerca do extincto Convento se acha primorosamente cultivada. Occupa hoje a Companhia 400 operarios, que alimentão para cima de 1000 pessoas de familia.

Aconselhamos um passeio até Xabregas; voltar-se-ha conhecendo mais uma empreza realmente util e portugueza, e abençoando a perseverança de seus benemeritos Directores.

J. E.

TECIDOS E MADEIRA INCOMBUSTIVEIS.

INGLATERRA.

88 No nosso artigo 241 do 1.º volume fizemos menção de uma excellente idea para tornar incombustiveis os pannos, papel, e madeiras. Como o assumpto é de summo interesse, n'elle insistiremos, apresentando o processo por palavras de outro author, que se explica com mais miudeza, sobre este meio de acudir nos fogos com pannos que não ardam, e de livrar papeis de maior importancia do primeiro rigor das chammas. — Dissolve-se uma canada d'agua quente a 190.º do thermometro de Fahrenheit (87.º centigrados,)

uma onça de pedra hume, onça e meia de sulphato de ammoniaco, meia onça d'acido bórico, uma oitava de cólla animal bem purificada, e uma oitava de amido ou gomma em uma pouca d'agua.

Cada um destes ingredientes é dissolvido separadamente pela ordem indicada, e antes de ajuntar o amido eleva-se o calor ao gráo de ebullição. Pega-se então nos tecidos que ainda não foram lavados, e mergulhão-se com vagar nesta dissolução; quando estão bem ensopados, tirão-se, torcem-se, e põem-se a enxugar á sombra.

Os tecidos que tiverem sido tintos, ou imprensados, estendem-se sobre uma mêsa com o avêsso para cima, e com uma esponja ensopão-se no liquido. Se porem as côres do tecido forem fixas, mergulha-se este no liquido, como primeiramente se disse.

O papel e cartão podem se fazer incombustiveis pelo mesmo processo, só com a differença de serem duplicadas as dóses de pedra hume e de acido bórico, e só meia a de sulphato de ammoniaco.

A seguinte composição é muito recommendada como efficaz para tornar incombustiveis os pannos de bocca dos theatros: vinte canadas d'agua, duas onças de pedra hume, duas onças de sulphato de amoniaco, uma onça d'acido bórico, meia onça de cólla, e quatro oitavas de amido, tudo preparado como fica dito.

Toda a qualidade de madeira se pode tambem tornar incombustivel, ensopando-a bem na mencionada dissolução; para o que é perciso que esteja no liquido, pelo menos, vinte e quatro horas segundo a maior ou menor porosidade da madeira.

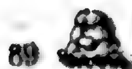
Quanto mais esta se ensopa, tanto mais incombustivel fica; o melhor meio pois para obter um resultado de tamanha vantagem é o de absorpção ou infiltração pelo methodo de *Boucherie*, de que trataremos em outro artigo.

Parece que ja em França, na exposição nacional de 1839, e na da Academia da industria de 1838, apparecêram alguns tecidos preparados por *Durois*, os quaes, se não erão absolutamente incombustiveis, pelo menos ardião difficilmente, e quasi sem labareda.

F. A. M. P.

REVOLUÇÃO NO MODO DE CORTIR AS PELLES.

FRANÇA.

89  Sociedade Promotora da industria franceza, premiou com uma medalha de ouro, na sua ultima sessão do anno passado, o novo processo de Vauquelin para cortimento de pelles.

Alem do cortimento propriamente chamado, compunha-se a preparação das pelles de uma immensidade de operações longas e custosas, cuja enumeração seria por extremo fastidiosa; muitas d'ellas perjudicavão essencialmente a boa qualidade da pelle, e faziam com que ficasse impropria para o mais precioso uso que d'ella se faz, isto é para o calçado.

Em todas as fabricas de cortumes até hoje estabelecidas se tem sempre empregado banhos continuados de cal, para acabar de limpar as pelles, quer dos restos do cabello, quer de algumas porções de carne; assim como tambem para as reduzir a um estado de inchação capaz de receberem os banhos do cortimento de casca de carvalho; mas estes banhos continuados alterão consideravelmente os tecidos da pelle uma vez que a esta se não dêem muitas e continuadas lavagens. Bastantes processos se hão imaginado nestes ultimos tempos para substituir os banhos de cal; tem-se recorrido á cevada, aos acidos hydrochloricos e sulfuricos etc., mas a muita brevidade que comportão estes methodos, tem sido infelizmente contrapesada por uma consideravel alteração no tecidos das pelles.

Vauquelin mudou absolutamente não só o modo de fazer inchar as pelles, mas tambem o aggregado de differentes manipulações por que passavão, para ficarem limpas do que era inutil, e para adquirirem aquelle gráo de elasticidade e grossura necessario para os seus differentes usos. A descripção de todos os processos imaginados por este habil cortidor, foi consignada na sua patente de invenção.

Depois de ter posto de môlho as pelles, como ordinariamente se pratica; mas por muito menos tempo, expoem-nas Vauquelin á acção do vapor em uma estufa, ou a uma corrente de agua morna, para obter uma completa inchação; neste estado é facil arrancar-lhes o pello grosso; quanto ao fino, e restos de carne, tirão-se estendendo as pelles em cima de um cilindro, e servindo-se de uma faca de surrador que leve todas as partes da pelle que não servem para serem utilmente empregadas, e que seria por conseguinte escusado submetter ao cortume, isto é, á acção dos banhos de casca de carvalho.

Por este modo de trabalho praticado nas pelles frescas, ou em tripa, não se sente o cheiro pestifero que caracterisa o antigo methodo; evita-se o contacto sempre nocivo da

cal, e reduz-se a dois mezes e meio todo o tempo do cortimento.

Como, passado o amollecimento, seria facil corromperem-se as pellas abandonadas por algum tempo, por ser impossivel submettel'as todas ao mesmo tempo ás operações subsequentes, mergulha-as Vauquelin, ao sahir da estufa, em um banho de cal muito fraco, posto que ordinariamente sejão estes muito carregados.

As pelles são depois submettidas á acção de umas mãos de gral de madeira, movidas por varas; havendo sempre cuidado em que fiquem sujeitas a uma corrente de agua mórna ou de vapor.

Depois de battidas por este modo as pelles, mettem se em um banho fraco de cortume de casca de carvalho, onde umas varas fixas em uma haste horisontal as agitão e levantão continuamente.

Algumas immersões nos banhos mais carregados de casca de carvalho, e a acção dos pilões trabalhando sobre as pelles até dentro d'aquelle succo adstringente, completão totalmente o methodo Vauquelin.

Facilmente se comprehende que o processo indicado para fazer inchar as pelles, e preparal'as bem para receberem os banhos de cortume, é muito mais rapido e energico do que o antigo sistema.

Vauquelin conseguio tambem aproveitar para calçado da tropa a porção da pelle do cavallo que fica para a parte inferior dos rins, a qual só podia ser empregada em obras de celoiro. Resolveo tambem outro problema, que foi cortir com facilidade o refugo das pelles sêcas aos soes ardentes d'Africa.

F. A. M. P.

FILTROS CONTINUOS DE NIVEL CONSTANTE.

90 Os pharmaceuticos, e em geral todas as pessoas que se empregão em manipulações chimicas, sabem quão incommodas são as operações de filtração, todas as vezes que a massa liquida que se pertende filtrar é em grande quantidade, e o filtro tem dimensões comparativamente mui pequenas, como ordinariamente acontece. Para remover pois os inconvenientes annexos ao methodo ordinario de filtrar, imaginaram-se ha pouco varias disposições que permittem deixar a filtração entregue a si mesma.

O principio d'estas disposições está em regular o corrimento do liquido d'um deposito superior para o filtro collocado por baixo d'elle, por meio do nivel do liquido no proprio filtro.

Primeira disposição. — O liquido que se pertende filtrar deve deitar-se n'um deposito, em que o ar não possa entrar, senão por um orificio ou tubo, que vá abrir-se no interior do liquido, como nos vasos chamados de *Mariotte*, ou como nos depositos dos candieiros de nivel constante, e com especialidade nas bombas d'alguns d'estes candieiros. O orificio ja dito, e pelo qual o ar entra para dentro do deposito, só se abre, quando o nivel do liquido, no vaso da filtrar, desce abaixo do tal orificio, que por esta fórma se abre e fecha alternativamente. D'estas disposições a mais simples consiste n'um frasco ou balão com a bôcca virada para baixo, cujo gargalo mergulha no vaso de filtrar, e que por qualquer meio se conserva n'uma altura invariavel.

Segunda disposição. — Em logar d'um deposito fechado por cima, emprega-se um deposito aberto, e com sua torneira na parte inferior. A chave d'esta torneira é aberta ou fechada, por uma especie de boia que é sustentada pelo liquido, que é recebido no vaso de filtrar, collocado por baixo da torneira.

E' evidente que estas mesmas disposições poderão egualmente servir, quando houver materias para lavar sobre o filtro. A lavagem se effectuará com regularidade, e por um espaço qualquer, sem que seja mister pôr mão no apparelho.

A. J. de S.

COMPRESSÃO DO AR,

afim de estabelecer uma communicação atravez de um terreno encharcado.

FRANÇA.

91 Acha-se uma grande mina de carvão de pedra, que se explora actualmente em França, no *departamento* do *Loire Inferior*, coberta por um terreno d'alluvião, com dez toezas d'altura, o qual se julgava formado pelo rio *Loire*; apresentava um obstaculo, que parecia invencivel, aos trabalhos da mineração; as machinas de que se fazia uso não tinhão acção bastantemente forte contra as arêas movediças em constante communicação com o rio.

Não podendo o architeto *Triger* conseguir esgotar as aguas, procurou meio para as fazer sahir para fóra do poço formando dentro

do mesmo uma compressão com a densidade de duas ou tres atmospheras. A machina de que se servio para este effeito foi apresentada á Academia das Sciencias de París, e d'ella faremos menção em outro artigo, começando por patentear os fenómenos de tão delicada operação.

Se *Triger* se lembrasse do que acontece com os sinos hydraulicos, onde os trabalhadores vivem, e trabalhão, dentro de um ambiente que não tem algumas vezes menos densidade de quatro atmospheras, escusaria de fazer, como effectivamente fez, arriscadas experiencias em si mesmo, e no seu collaborador *Las-Casas*. Estas experiencias, que fizeram desapparecer todos os escrupulos, patentearam uma immensidade de circumstancias curiosas; daremos noticia de algumas.

Todas as vezes que se passava do ar exterior para ar comprimido, sentia-se nos ouvidos uma dôr aguda, que pouco a pouco se desvanecia á proporção que se ia restabelecendo o equilibrio entre as pressões que obravão nas duas faces da membrana do timpano. Já por experiencia sabião os obreiros que se apressava este momento fazendo um movimento como quem engole a saliva. Um obreiro que era surdo achou, dentro do ar comprimido, a faculdade de ouvir os sons por mais fracos que fossem.

Quando a pressão chegava a tres atmospheras, verificou-se que todas as pessoas fallavão fanhoso, e que era impraticavel o assobiar.

Notaram mais os mineiros que no ar comprimido se cançavão menos no subir escadas do que no ar livre. Todas as vezes que se passava do ar comprimido para a atmosphera, sentia-se um frio intenso produzido pela repentina dilatação do ar, o que produzia tambem uma formação de vapores que, por algum tempo, fazião uma completa escuridão. A rapidez da combustão dentro dos poços era tal que, na compressão de tres atmospheras, uma véla de cebo gastava-se em menos de um quarto de hora; inconveniente que se remediou usando nas velas de pavios de linha, em vez de algodão.

Os effeitos mechanicos não foram menos singulares. Prevendo *Triger*, que as aguas recalcadas não encontrarião sufficiente sahida por entre as fendas do terreno, mergulhou um tubo no fundo do poço, pelo qual se podessem as aguas elevar até o orificio superior. Subio effectivamente a agua por este tubo, e notou-se que felizmente se elevava a uma altura que excedia muito a pressão interior; esta anomalia custou a explicar, mas conheceo-se que, de envolta com a agua, ião bolhas d'ar que muito diminuião a sua gravidade especifica. Isto foi completamente confirmado por uma occurrencia que teve logar quasi no fim dos trabalhos, e foi a seguinte: houve um momento em que a agua não chegava a sahir pela parte superior do tubo; um caboqueiro, com a sua picareta, batteo-lhe inadvertidamente, fazendo-lhe um buraco; o ar, introduzido por este orificio, separou em muitas partes a columna d'agua ascendente, e fez derramar pela parte superior do tubo uma copiosa porção, sem que fosse necessario augmentar a pressão interior.

O poço que era formado por um tubo grosso de ferro, esgotou-se emfim; tiraram-se todas as machinas e apparelhos, e hoje estão os mineiros completamente senhores da mina de carvão de pedra, explorando-a bem a sêco, tendo comtudo por cima das cabeças uma enorme quantidade d'agua, que não lhes offerece o mais pequeno obstaculo ou risco.

Em o proximo numero daremos uma idea da machina, por meio da qual se obteve similhante resultado.

F. A. M. P.

MAIS LEMBRANÇAS A' CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Em continuação ás do artigo 67 do numero 8 deste anno da Revista Universal.

LISBOA.

90. JA' por vezes havemos observado, e não deixaremos de continuar a lembral'o á Camara, que muito convém que desappareção quanto possivel as elevações que ha em Lisboa, tanto do Caes dos Soldados até Sacavem, como da Boa Vista até Oeiras, por toda a beira-mar.

Indicámos no artigo a que acima nos referimos o que devia fazer-se, desde o Calvario até á Junqueira, junto ao palacio que foi do Marquez de Angeja; não ha mais do que tirar duas pequenas elevações, uma em Santo Amaro, junto á casa dos Snrs. Ferreiras Pintos, e outra junto ao Palacio de que acabamos de fallar. E' grave desleixo nao macadamisar todo o caminho que vai até Pedrouços, e que é do maior transito no verão. Do Calvario até alli ha nas praias pedra miuda preta, calcarea, granito, e silex, as quaes são todas excellentes para o macadamiso; as pretas, principalmente, são tão proprias que não fazem a poeira produzida pelas pedras

Digitized by Google

brancas, que algum tempo se empregaram no macadamiso em Santos; assim ficará remediado o unico inconveniente que se notava contra as estradas de tal sorte construidas. Em a nossa terra, e nos logares apontados, toda a sciencia para se fazer excellentes estradas consiste em mandar tirar pedras miudas das margens do Téjo, e lançal'as nas ruas, depois de se lhes haver tirado a pedra grossa, deixando sempre um declive de norte a sul, afim de que as aguas vão rapidamente aos desaguadouros, que devem ser numerosos para que aquellas se não demorem na estrada. Como de março por diante são as chuvas menos copiosas, figura-se-nos esse o melhor tempo para fazer similhantes obras; e até para que o transito se torne em poucos dias facil, se póde lançar por cima da pedra alguma argamassa, ou barro pegajoso, que fará unir e alisar o macadamiso, tornando-o indestructivel. Bem sabemos que os professores e mestres d'obras dizem á Camara que não convém adoptar este methodo, sujeito a graves inconvenientes; mas como poderemos saber se tal asserção é exacta, ou gratuita, sem fazer alguma pequena experiencia, que poderá custar, quando muito, duas ou tres moedas, despeza insignificantissima para o municipio, que despende annualmente cem e duzentos contos? o negocio é tão transcendente que valle bem a pena de ser attentamente estudado. Se na França e na Inglaterra se fazem continuas experiencias sobre os diversos modos de construir estradas, e todos os dias se introduzem neste ramo novos aperfeiçoamentos, formando-se já de pedra, já de madeira, já de argamassa, já de outros materiaes, por que rasão ficaremos nós eternamente estacionarios com as nossas ruas de calhau grosso, faceis d'arruinar, incommodas de transitar, dispendiosas de concertar, e documento perenne do nosso atrazamento e desleixo?! Esta incuria seria ainda desculpavel se precisassemos mandar vir de longe os materiaes, como acontece na França e na Inglaterra; mas nós, que os havemos por toda essa praia da Boa Vista e Alcantara, continuarmos ainda no mesmo ramerão, é o que na verdade se torna escandaloso, pois não concebemos que possa fazer-se observação alguma contra as estradas, construidas da maneira por nós recommendada, que não seja ridicula e futil.

C. X. P. B.

MAIS MACADAMISO.

93 Por mais de uma vez havemos demonstrado n'este jornal a preferencia que se deve dar ao macadamiso, deixando de uma vez para sempre o antigo sistema de calçar com pedra grossa as praças ou ruas que têem bastante largura, e desaguadoiros faceis. Agora que se manda tirar a pedra quadrada da rua de S. Paulo, lembraremos á Camara que faça extrahir pedra miuda da praia do Terreiro do Paço, e da Boa Vista, que formará um excellente macadamiso, sem ser preciso quebral'a, e provará que aquella rua, assim como o *Strand* de Londres, póde ter facilmente um macadamiso do mais commodo transito. Não se diga que similhante maneira de calçar causa grande poeira, e origina ophthalmias; ainda quando assim fosse, a pedra negra, e a silex, que ha principalmente á Boa Vista, no logar chamado o *Duro*, não produzirão certamente um tal resultado: por este modo os moradores d'aquelle sitio ficarão livres do estrondo incommodo causado por carros, seges, e carroças. Se a Camara fez ali uma despeza consideravel calçando a rua com pedra branca e quadrada, que se tira quasi sempre estragada, porque não fará uma experiencia, macadamisando a rua com a pedra que lhe recommendamos! Esta obra durará dez vezes mais, e custará cem vezes menos.

Os entendidos em tal materia, e que viajaram por paizes estrangeiros, admirão-se de ver que, possuindo nós os melhores materiaes para fazer optimas ruas e estradas, e os terrenos mais seccos, e com facilimas escoantes, nos achemos ainda no maior atrazo em similhante objecto! esperamos todavia que a Camara tomará em conta as nossas repetidas observações, e se desvelará no cumprimento das esperanças que todos concebem de seu zelo pelos aperfeiçoamentos da capital.

C. X. P. B.

Os tributos modicos em cartas e jornaes poderão dar maior rendimento ao estado?

INGLATERRA, PORTUGAL.

94 Escuzado é recorrer a theorias quando os factos demonstrão incontestavelmente a utilidade de um projecto. Para resolver a questão que propozemos como epigraphe bastará trazer á lembrança a estatistica das cartas conduzidas pelo correio da Grã-Bretanha no anno anterior áquelle em que se procedeu á

reducção da tarifa; em 1839; o numero de taes cartas foi de 74,400,910; em 1840, primeiro anno da reducção, passaram de 160,400,900 — e em 1841 de 196 milhões.

Alguem haverá que se opponha a que se adopte igual providencia em a nossa terra, allegando para isso serem muito razoaveis os preços marcados para as cartas e jornaes; outros dirão que se não devem desfalcar as rendas do thesouro em circumstancias de tanto apuro, como as nossas; e muitos se persuadirão que similhante reforma, em vez de augmentar, diminuirá a receita. Queremos suppor que podem ter razão; o objecto é comtudo de tal magnitude que deve ser considerado e discutido por economistas e legisladores. Quanto a nós desempenhámos a missão que nos cumpria; e julgamos fazer um serviço de publica utilidade quando vamos registando em nosso jornal os dados estatisticos que em similhantes materias é forçoso haver presentes: este é o meio mais certo e seguro de avaliar os interesses materiaes de um paiz, e de lhe promover reformas uteis e convenientes.

C. X. P. B.

CURA DA GAGUEZ.

Nova applicação de myotomia.

35 Já no artigo n.º 30 d'este volume démos noticia da applicação que se havia feito da myotomia ao tratamento da *myopia*; hoje fallaremos d'uma nova applicação daquelle methodo operatorio, que em França vai começando a ter muita voga, e consiste em usar da myotomia no tratamento d'uma enfermidade, para cuja cura muitos esforços havião feito varios practicos, e em que, desde *Demosthenes* até hoje, quasi todos infelizmente havião trabalhado debalde; essa molestia é a gaguez.

Ainda se ignora quem fosse o auctor de similhante curativo, e as opiniões se achão divididas entre *Dieffenbach* de Berlin, *Phillips* de Liege, e *Velpeau*. Seja como fôr, o que é certo, é que já tem sido experimentada a myotomia no tratamento da gaguez por multos practicos, e com bons resultados; só *Amussat*, á sua parte, tem feito mais de 80 operações. Apezar porém de pouco tempo ter ainda decorrido desde que tal operação principiou a usar-se, já se contão uns poucos de processos differentes; não obstante quasi todos se reduzem ao córte dos musculos genio-glossos.

Esta operação, álem dos doentes ficarem curados dentro de poucos dias, tem de mais a vantagem de estar sujeita a poucos riscos e destes o maior e mais frequente é a hemorrhagia, que *Amussat* diz ter feito parar com facilidade, ou por meio da torsão das arterias, ou melhor ainda, pelo emprego da agua gelada, havendo tirado tão bons resultados deste ultimo meio, que deu immediatamente de mão a todos os stypticos, de que até alli se valia.

Como porém entre nós talvez custe a resolver os gagos, que a cada passo encontramos, a sujeitar-se a uma tal operação, apezar da sua facilidade, e do pouco perigo a que se põem, pelo invencivel medo que grassa em Portugal sobre tudo o que toca a ferro de cirurgia, diremos duas palavras sobre um methodo simples, livre de todo o perigo e susto, e ao qual com o tempo facilmente se poderão avezar.

O Dr. *Voisin*, que era gago, havia já experimentado todos os processos aconselhados desde *Demosthenes* até *Leich*, e *Serre*, e pouco ou nenhum resultado tinha tirado de todos elles, pois que até estes ultimos que mais algumas vantagens offerecião, erão de bastante sujeição: um dia estando a ler um periodico em voz alta, e querendo-o fazer com presteza, olhando por casualidade para um espelho que se achava defronte, e vio que apoiava o rebordo da mão direita sobre a ponta da barba, a ponto de abaixar o queixo inferior, e conservar a bôcca um pouco aberta; occorreu-lhe logo a idéa d'examinar se este movimento, machinal e instinctivo, contribuiria para que elle lêsse com mais promptidão e facilidade. Effectivamente notou, que deixando de exercer aquella pressão, immediatamente reapparecia a difficuldade e impossibilidade de fallar, e pondo a mão no sitio já dito, de novo se manifestava a liberdade da pronuncia.

Procurando dar a explicação deste mechanismo, observou o seguinte: 1.º que a bôcca na posição já descripta se conserva meia fechada, isto é, um pouco aberta entre os dentes, uma linha até linha e meia; 2.º que a lingua abandonada a si mesma no estado de repouso, fica ao pé do rebordo dentario inferior, prolonga-se para diante e para cima, em quanto pronuncia as palavras, mas quasi no mesmo instante se encurta por detraz da arcada alveolar; 3.º que uma pressão mediana é sufficiente para resistir aos musculos que movem a maxilla inferior, sem impedir o sea

movimento d'elevação; deve comtudo ter o grão de força bastante para se oppôr a uma approximação completa. Para effectuar esta pressão, e ao mesmo tempo disfarçal'a, é mister fazel'a com certa destreza, de fórma que esta manobra não pareça forçada, mas sim quasi natural. Assim far-se-ha uma tal pressão indistinctamente com o rebordo externo da mão direita ou esquerda, apoiando o pollegar na parte debaixo do mento, ou ponta da barba, e os outros dedos por diante, ou pondo em execução a pantomima d'um homem, que estivesse affagando a ponta da barba.

Depois desta descoberta, recordou-se *Voisin*, que tomava muitas vezes sem reparar, aquella posição quando fallava e que outro tanto tinha visto acontecer a individuos que padecião da mesma molestia que elle. Esta posição de segurar o mento quando se falla não é só propria dos gagos, mas tambem se nota nas pessoas timidas quando fallão em publico, e por ella conseguem desfazer-se do embaraço na pronuncia, resultante das commoções que experimentão.

Voisin ensaiou tambem este methodo em alguns gagos, e passados poucos dias começou a diminuir a difficuldade da pronuncia d'um modo que o deixou summamente satisfeito.

A. J. de S.

TUNNEL DE LONDRES.

Ponte submarina.

INGLATERRA.

96 Póde emfim dizer-se que está concluida esta obra, que tantos milhões ha custado, e tem de ser havida em todos os tempos por um documento, senão perenne, ao menos incontestavel, da gloria de uma nação célebre.

Em uma visita que ali fez o rei de Prussia, na sua recente excursão á Inglaterra, lançou por sua propria mão o ultimo tijolo da ultima pollegada da abobada do lado de Middlesex. Os trabalhadores têem já passado n'estes ultimos tempos da margem esquerda para a direita do rio, por dentro do *Tunnel*. Vão fazer-se agora umas escadas de caracol para os viandantes, e uma entrada particular para seges e carros, e espera-se que d'aqui a dois mezes, pouco mais ou menos, seja a ponte subterranea franqueada ao publico. Anda por 3,000 o numero dos passageiros que atravessão diariamente o rio nos dois pontos em que ella termina, mas é provavel que este numero augmente em se abrindo a communicação por baixo d'agua. A navegação em botes é incommoda, e perigosa, n'aquella altura do Tamisa, em razão do extraordinario numero de barcos de vapor que transitão entre os diversos pontos da costa, e da nevoa que de continuo reina em Londres; é além d'isso bastante dispendiosa, e por todos estes motivos preferião muitas pessoas dar uma grande volta, e passar para o lado opposto pela ponte de Londres, o que se evitará com a célebre ponte submarina.

R. L.

A ESPADA DO ALFAGEME.

97 No nosso artigo 152 do 1.° volume, isto é, no dia 11 de Novembro preterito, e por consequencia ha hoje mais de tres mezes, annunciavamos como proxima a representação da ESPADA DO ALFAGEME, drama do Sr. GARRETT, no theatro da Rua dos Condes. Era prometter um acontecimento de monta, não só para a classe illustrada, mas para todo o Publico, porque o talento do Sr. GARRET é uma d'aquellas illustrações nacionaes, que já passaram em julgado, e que doutos e indoutos egualmente reconhecem. Accendeu-se por tanto com o nosso annuncio um desejo, uma ancia, uma impaciencia de o ver realisar; impaciencia que tres mezes de expectação têm ainda augmentado em logar de amortecer. Mas; quem o creria! agora quando já todas as difficuldades estavão vencidas; os papeis aprendidos; o drama inteiro ensaiado e correcto; o vestuario escrupulosamente estudado, talhado, e talvez prompto; o scenario trasladado do natural, e por ventura concluido; quando, para satisfazer a justissima avidez de toda a Capital, não faltava mais do que pregar os cartazes, accender as lanternas e o lustre, e correr o panno; lança-se no publico uma voz, de que já não vai á scena a ESPADA DO ALFAGEME; que não póde, que não deve ir á scena, a ESPADA DO ALFAGEME; — e esta voz obtem credito, porque é official: saiu do *director* do theatro. A sentença contra a ESPADA DO ALFAGEME, sentença, em que tanto somos lesados, nós, e a gloria litteraria nacional, deu-a elle mesmo: elle, ainda hontem.... e hoje rico homem de cal-

déira e pendão na nossa Litteratura: deu-a, mas ao menos teve a generosidade de a fundamentar: os fundamentos eil-os aqui; se a comedia se mallograr, valhão ao menos elles por comedia." A ESPADA DO ALFAGEMA, Sr. Empresario, disse elle, não deve ser representada, porque é uma satira aos ultimos acontecimentos politicos de Portugal; e o *partido*, a quem n'ella se faz affronta, virá com toda a razão pateal-a, e punir o auctor, que a escreveu, os actores, que a executão, e o empresario, que o permittiu." Diz-se, que esta representação tivera no animo do empresario effeito de ordem, e que a Peça fora completamente retirada. Mas eis-ahi o que nós não podemos, não devemos, não queremos acreditar, porque o tomar-se por satira contra acontecimentos de Fevereiro, o que já a 15 de Novembro estava decorado; e escripto e lido perante muitas e mui respeitaveis pessoas, ha mais de um anno; e que de mais a mais, nem por coincidencia fortuita, aliás possivel, tem relação ou semelhança alguma com as realidades politicas e pessoas do presente, é um absurdo tal, que nem para calumnia serve; é um artificio tão grosseiro, que nem a vontade mais hostil, póde com elle fazer obra; é uma invenção, tão ridicula, que atiral-a ao publico com esperança de que elle a acceite, é injurial-o atrozmente; é, finalmente, uma tontice estupida, e nojenta.

A ESPADA DO ALFAGEME felizmente está impressa; e nós a vimos, e hão de vel-a quantos quizerem. A ESPADA DO ALFAGEME pertence á Litteratura patria, e não póde a mão de um pobre estrangeiro arrancar-lha, porque NUNO ALVARES PEREIRA e JOÃO BAPTISTA GARRET, o heroe e o cantor, são duas glorias tão robustas, e neste caso tão abraçadas uma com outra, que as invejas ou odios particulares não têem remedio senão fechar os olhos e deixal-as passar, porque pertencem á posteridade, e lá têem de ir infallivelmente. O theatro, estamos certissimos, ha de representar, e cem vezes, a ESPADA DO ALFAGEME. E a unica indignação manifestada pelos Expectadores será contra quem, por *maçonarias* de bastidores e camarins, procurou ennegrecer nos odios politicos uma obra pura, historica, e litteraria, que se alguma coisa tem com parcialidades, é o pertencer toda á parcialidade portugueza. Eis-ahi talvez o grande segredo da perseguição!....

J. S. da Cunha e Silva.

COSTUMES PORTUGUEZES.

98 Sahiram as Estampas n.° 1 e 2 da collecção deste anno dos *Costumes Portuguezes*, as quaes representão = *Um preto caiador da Cidade de Lisboa — e Uma rapariga camponeza do Alemtejo.* — Sahem duas estampas d'esta collecção, todos os mezes, lithographadas em papel velino, e ricamente coloridas pelo habil artista, *Zeuaglio*. Subscreve-se para este anno, em que se publicarão 24 Estampas, por 2$000 rs., e vende-se cada uma avulsa a 120, na loja de Bordallo rua dos Capellistas n.° 20.

N. B. A collecção de 1841, contendo igualmente 24 Estampas, custa 2$400.

(*Communicado*)

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA.

99 Sahio a 15.ª folha do *Directorio Fundamental d'instrucção primaria*, obra classica, e de particular interesse para todos os Commerciantes, caixeiros, e pessoas addidas ao trato mercantil. Subscreve-se para esta obra, que dentará 20 folhas de impressão, por 560 rs., e depois será vendida por 800 rs., na loja de Bordallo, rua dos Capelistas n.° 20.

(*Communicado*)

LAVATER. — A Arte de conhecer os homens, pelas attitudes, gestos, e andar, conforme o sistema de Lavater. 1 volume ornado de 32 estampas lithografadas, e illuminadas; acha-se no prélo, e sahirá á luz até fim do corrente mez: as assignaturas somente se recebem até dia 25, 360 reis por toda a obra, o seu preço avulso será depois 600 reis. Recebem-se as assignaturas na loja do Editor, Bordallo, rua dos Capellistas N.° 20.

Cartas e outras Obras selectas, escriptas pelo Marquez de Pombal. 3 tomos com duas estampas. Vende-se na rua do Jardim do Regedor N.° 13, e na Travessa do Forno N.° 12 = Preço 2400 réis, encadernados.

HESPANHOLA.

100 Por comprazer aos Redactores do *Semanario de Medecina*, jornal perfeitamente redigido, e publicado em Madrid, transcreveremos o seguinte prospecto. As pessoas que quizerem subscrever para este periodico poderão fazel-o no Escriptorio da *Revista Universal*, pelo mesmo preço de Madrid, isto é, 600 reis por trimestre, e 250 por mez. Não o traduzimos em portuguez, pois só para o Jornal assignará em nossas terras quem souber traduzir o castelhano.

Semanario de Medicina, periodico de la Academia de Emulacion de ciencias médicas — La Academia de Emulacion de ciencias médicas, que al acordar la publicacion del Semanario ninguna mira especulativa tuvo presente, proponiéndose tan solo con su edicion ya el dar publicidad á sus actos, facilitando de este modo su comunicacion

con todos los profesores y en particular con sus socios y corporaciones corresponsales, como tambien el contribuir en cuanto le fuese posible á la propagacion de los conocimientos y adelantos de la ciencia, al mismo tiempo que á las necesarias reformas de la profesion, presentando un medio mas de defensa á sus inviolables derechos, dirige nuevamente sus voz en este segundo año de su vida pública á todos los profesores españoles, ofreciéndoles su periódico, en cuyas mejoras ha determinado invertir las utilidades que las suscriciones del año que termina le proporcionára. Todas las empresas, y con especialidad las que no se hallan sostenidas por el interés material y especulacion de unos cuantos, sino por los buenos deseos y filantrópicos sentimientos de una corporacion que, como la Academia, á espensas esclusivamente de los socios que la constituyen, despliega los mayores esfuerzos solo con el noble fin de ser útil á su patria y á su noble profesion, han de arrostrar precisamente obstáculos considerables en los primeiros tiempos de su existencia, los cuales no se ocultarán por cierto en todo su valor á la penetracion del ilustrado público á quien se dirige. Asi en efecto ha sucedido; pero vencidas ya todas las dificultades que se han presentado á costa de la asidua laboriosidad de los individuos encargados por la corporacion unida cal [illegible] celo que esta siempre ha manifestado, y organizada la parte administrativa de un modo ventajoso para el público, espera con fundamento esta sociedad que al emprender el *Semanario* el segundo año de su vida, lo hará con todo el vigor y lozania que ha ya tiempo deseaba. Al efecto, continuando del modo que hasta aqui, saliendo todos los jueves, constará *de dos pliegos de impresion en* 4.° español, con lo cual se consigue no solo que ganen los suscritores en material, sino que la redaccion cuente siempre con el mismo papel que ofrece por ser de fábrica española, presentando al mismo tiempo mayor comodidad para encuadernar sus colecciones. Se estrenará nueva fundicion que siendo de un regular tamaño ofrece toda la claridad posible, como puede observarse en el presente prospecto; la correccion será escrupulosa, y en cuanto al órden de las materias, ha parecido tambien útil y conveniente introducir alguna variacion. Se dividirá el periódico en cuatro partes: 1.ª *Seccion teórica*: 2.ª *Medicina práctica*: 3.ª *Sociedades médicas*: 4.ª *Variedades*.

En la 1.ª alternarán los artículos sobre puntos teóricos en la ciencia con los trabajos de interes que se presenten en la Academia y en alguna otra corporacion análoga, y con otros relativos á la reorganizacion de la noble clase médica, tan apetecida como necesaria; pues es preciso que todas las sociedades y los profesores tomen en ella la parte que les sea posible para que se verifique de un modo conforme á las necesidades que la profesion ofrece, y con tanta mas razon cuanto que abierto ya el santuario de las leyes, la instruccion pública formará un preferente objeto de las graves ocupaciones que á los legisladores se encomienden.

En la 2.ª seccion se colocarán los casos prácticos, observaciones y todo lo relativo á la práctica de la ciencia tanto médica como quirúrgica, ora sea producto de los ingenios de nuestros apreciables compatriotas, ó resultado de las investigaciones de los profesores estrangeros, con el objeto de que los suscritores puedan tener á la mano una coleccion de hechos que bien analizados y comparados entre sí, puedan servirles de guia en el diagnóstico y tratamiento de muchas enfermedades. A esta parte se la dará en proporcion de las otras en que se divide el periódico una estension mas considerable, por ser su objeto el mayor interes para el profesor.

En la 3.ª se incluirá el estracto de las sesiones de la Academia y de alguna otra corporacion análoga, dándose tambien un lugar preferente á la filantrópica *Sociedad médica general de socorros mútuos*, cuyos acuerdos y disposiciones se publicarán íntegras á la mayor prontitud posible.

En la 4.ª se dará cavida á los siguientes artículos:

Disposiciones del Gobierno; en que se colocarán las reales órdenes y disposiciones emanadas de aquel relativamente á la facultad.

Noticias; de todo cuanto en ella ocurra que merezca ponerse en conocimiento de los profesores y llegue al de la redaccion.

Bibliografia; en donde se incluirán los anuncios de las obras interesantes de la ciencia que se publiquen tanto en nuestro pais como en los estrangeros, analizando las que puedan tenerse á la mano, ó dando por lo ménos una exacta idea de su contenido.

Vacantes; en cuyo artículo irán comprendidos los anuncios de los *partidos* que busquen médico ó cirujano, y las demas vacantes que ocurran de las plazas destinadas á estos profesores, en la adquisicion de cuyas noticias pondrá la redaccion el esmero que hasta el presente ha manifestado.

Las afecciones atmosféricas y efemérides epidémicas no se presentarán como hasta aqui por septenarios, porque teniendo la Academia una comision permanente que se ocupa con toda la detencion necesaria y los datos que todos sus medios puedan facilitar para espresado objeto, se publicará un estado completo cada mes de las observaciones verificadas en el anterior.

Tales son las mejoras que sin variar el precio de la suscricion ha tenido á bien aprobar la Academia para el próximo año de 1842, esperando que los señores suscritores quedarán con ellas complacidos, y que la generalidad de los profesores procurará corresponder al celo que despliega esta científica corporacion en provecho de la ciencia y de la noble clase que á su ejercicio se dedica, contribuyendo por su parte al sostenimiento de tan util y ventajoso medio de instruccion.

Aunque el periódico cuenta con los trabajos de la Academia y de todos sus individuos, han sido especialmente nombrados por esta para la redaccion, los socios D. Francisco de Paula Garcia, director editor; y los socios D. Juan Fourquet, D. Tomas Santero, D. Francisco Alonso y D. Ramon Felix Capdevila, redactores.

---

101 Declaramos ao Snr. J. M. P. da Cunha que publicariamos com a maior satisfação o importante artigo que se dignou remetter-nos sobre communicações no interior do reino, se não fossem as considerações estranhas ao objecto que n'elle se consagra, e as allusões, por em quanto infundadas, que em todo elle reinão. Tão prompto l'has extraia, e imparcialmente se occupe da questão, inseriremos a sua doutrina sobre objecto de tanta monta.

A. Redacção.

TYP. DA VIUVA DE J. A. DA S. RODRIGUES.

Rua da Cancella n.° 19.

REVISTA UNIVERSAL.

N.º 8.

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, TRAVESSA DA VICTORIA N.º 29, ESQUINA DA RUA DOS DOURADORES POR 12 NUMEROS 480, POR 24.... 960, POR 52.... 1920 REIS.

Quinta feira 3 de Março de 1842.

A redacção da REVISTA UNIVERSAL acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Roga-se aos Senhores Assignantes de Lisboa que não entreguem quantia alguma aos distribuidores senão contra o competente recibo impresso, e assignado pelo Editor — e aos das provincias que ainda não satisfizeram o importe do 1.º ou 2.º, ou de um e de outro trimestre, o favor de remettel'o ao Escriptorio d'este Jornal.

DIARIO METEOROLOGICO DESDE 23 ATE 28 DE FEVEREIRO DE 1842.

Dias do Mez.	Termom.º Exterior.		Barometro.		Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	ESTADO DA ATMOSPHERA.
	Minim.º	Max.º	9 h. m.	3 h. t.			
23	50º	57º	746,6	748,3	23	SO.^{4} ^{3}NO.	Tempestade e chuva abundante desde a mad. até ao meio dia, — Cob.º, e Cl.º de tarde, resfriando o ar.
24	50	60	54,5	55,7	1	^{3}SO. ^{1}O.	Cob.º denso e chuvisco. — Cl.º e nuvens — Nevoeiro á noite.
25	54	64	59,6	59,0		SO.^{2}	Cob.º denso, ar m.º hum.º, com o horisonte córado.
26	55	64	60,0	60,1	½	^{1}SO. ^{1}O.	Id., com nevoeiros e chuviscos alternados; tepido e m.º humid.
27	54	65	62,1	61,8	½	SO. O.	Cob.º e algum Cl.º — Cob., nevoeiros, e chuviscos — tepido e muito humido.
28	50½	70	56,0	52,8	3	NE. SO.^{3}	Claro de manh. — Cob.º denso, e chuva á noite. — tepido e muito humido.

A quinta quadra, começada a 21, terminou a 24, decorrendo temperada, ar pouco humido, chuva abundante, e tempestade de SO a 23, transformando-se a 25 na sexta e ultima quadra do mez, com a temperatura tepida, ar muito humido, céo coberto, horisonte cerrado, nevoeiros e tenues chuviscos; terminando a 28 com a manhã clara, e sol ardente,

cobrindo-se o horisonte de nuvens pela tarde, com chuva e vento rijo de SO. Esta ultima transição foi annunciada pela descida do barometro, logo na manhã.

No seguinte numero daremos os resultados geraes das observações de Fevereiro, e como vai começar o mez de Março não será improprio expor neste logar o andamento meteorologico que costuma predominar quando decorre regular, o qual é deduzido das anteriores observações, feitas no longo periodo de 18 annos.

A sua temperatura media em Lisboa é de 55°,5 F. (10 $\frac{1}{2}$ R), e semelhante á que se experimenta em Paris no principio de Maio: a temperatura das madrugadas é de 48°,3 (7 $\frac{3}{4}$) e a das horas meridianas, ou de maior calor 63°,1 (14°), sendo portanto a variação diurna da temperatura, de 15° (7°). O maior frio que se experimenta no mez regular é de 41° (4), e o maior calor de 71° (17$\frac{1}{2}$); comtudo nos mezes excepcionaes já vimos descer o termometro até 35° (1$\frac{1}{2}$), como aconteceo em 1837, e o calor attingir a 85° (23$\frac{1}{2}$), o que teve logar em 1822. Este mez, e o de Setembro, são os menos chuvosos do anno (não comprehendendo os do estio, porque esses são quasi totalmente seccos), não excedendo a altura da chuva a 38 millimetros, ou 11$\frac{1}{2}$ almudes por braça quadrada, distribuida em 7 dias chuvosos; o numero dos dias notavelmente frios não passa de 9, e o dos dias ventosos de 8.

M. M. F.

AGRICULTURA.

Analise chymica dos differentes estrumes.

FRANÇA.

102 No Jornal dos trabalhos da Academia da Industria franceza, do fim do anno passado, se lê uma ampla e preciosa memoria, escripta por *Madden*, a qual tem por titulo: *Sobre as causas da inferioridade da lama das ruas applicado como estrume na cultura das batatas.*

Não sendo possivel transcrever por extenso a dita memoria nas curtas paginas deste jornal, trataremos de extractar o que nos parece util para illustração dos nossos agricultores instruidos, e para lhes mostrar o quanto as sciencias, especialmente a chymica, á porfia trabalhão em coadjuvar a mais util, natural, e nobre de todas as industrias, divulgando, por meio de bem entendidas theorias, os mais escondidos segredos da producção agricola; e posto que o auctor da memoria se propozesse unicamente a um fim designado, como bem se colhe do titulo da mesma, nós, todavia, aproveitar-nos-hemos das suas mais genericas considerações, que mui cuidadosamente iremos extrahindo do processo que elle segue para chegar ás suas finaes conclusões.

Propondo-se pois o auctor a começar pela analyse chymica das tres principaes qualidades d'estrumes, a saber, — o de curral, o de cavalhariça, e o de lama das ruas, — faz primeiro uma extensa e curiosa narração dos meios e agentes chymicos que poz em acção para realisar taes analyses, narração que ommittiremos em razão de pertencer mais á chymica do que á agricultura, e passaremos aos resultados das operações, começando pelo

Estrume de curral.

Tomou 5 partes deste estrume, que pela analyse deu os seguintes elementos:

Agua, contendo carbonato e hydrosulfato d'ammoniaco	2,285
Materia organica soluvel	0,450
——— soluvel na potassa caustica	0,630
——— destructivel pelo calor	1,090
Silice, aluminia, peroxido de ferro, carbonato de cal, muriatos de soda, de potassa, de ammoniaco, sulphato de potassa, phosphato de cal, sulphato de cal	0,545
	5,000

Estrume de cavalhariça.

Igual numero de partes.

Agua, contendo carbonato e hydrosulphato d'ammoniaco	0,675
Materia organica soluvel na agua	0,575
——— soluvel na potassa caustica	0,795
——— destructivel pelo calor	0,666
Silice, aluminia, peroxido de ferro, *em pequenas quantidades*: sulphatos de potassa, d'ammoniaco e de cal, carbonato de cal, muriato de soda, phosphato de cal	2,289
	5,000

Estrume de lama das ruas.

Igual quantidade.

Agua, contendo mostras de carbonato de ammoniaco	1,320

Materia organica soluvel na agua...	0,070
——— soluvel na potassa caustica.	0,050
——— destructivel pelo calor (especialmente pelo do carvão).........	0,560
Peroxido de ferro, protoxido de ferro, silice, carbonato de cal, aluminia, sulphato de cal, hydrogenio sulfuretado, vestigios de muriato de soda.	3,000
	5,000

Foram obtidos estes resultados por meio das mais delicadas operações, que só podião ser emprehendidas por quem, como *Madden*, possue um apurado conhecimento da sciencia.

Inverteremos a ordem seguida pelo Auctor da Memoria, indo buscar o exame e conclusões que tira da analyse destes estrumes, e veremos que tem o *estrume de cavalhariça* pelo mais rico, e efficaz; diz que, argumentando pelos resultados da analyse chymica, este estrume tem um grande valor pelas seguintes rasões:

1.ª Por que contem uma grande quantidade de materia organica já no estado soluvel.

2.ª Porque é abundante tanto em materia animal como vegetal.

3.ª Porque as partes soluveis têem uma tendencia consideravel para a decomposição, visto que a potassa caustica lhe tornou soluvel em 15 minutos mais de metade.

4.ª Porque contém certos saes de uma natureza propria para prover ás precisões de toda a qualidade de sementeira. E quando, pelo lado mechanico, este estrume é bem preparado, tem tambem a vantagem de se encorporar facilmente com todo o genero de terrenos.

Destes factos tira o auctor as seguintes conclusões.

1.ª Que este estrume é excellente para todas as sementeiras, porque em si contém as materias essenciaes que a todas convém.

2.ª Que não exige uma fermentação adiantada, porque em si contém uma quantidade essencial de materias soluveis.

3.ª Que dá em abundancia estas materias soluveis, porque tem grande tendencia para a decomposição.

4.ª Que se encorpora bem com o terreno, e reparte uniformemente os seus effeitos, em consequencia de possuir uma fórma mechanica, que permitte uma combinação immediata com todos os corpos pulverulentos.

5.ª Que é mais economico nas terras fortes do que nas terras ligeiras, em rasão da sua facil tendencia para a decomposição, etc. etc.

Estrume de curral. — Este estrume tem uma grande similhança com o de cavalhariça pelas seguintes rasões.

1.ª Porque contém uma quantidade consideravel, ainda que menor, de materias soluveis.

2.ª Porque é composto de materia animal e vegetal.

3.ª Porque a materia insoluvel tambem nelle possue uma grande tendencia para a putrefacção, ainda que em grão menor, do que o estrume de cavallo, visto que a potassa caustica só dissolve pouco mais de um terço da sua materia organica em 15 minutos d'ebullição.

4.ª Porque as suas partes salinas e terreas se conchegão igualmente bem com todas as sementeiras.

5.ª Porque possue exactamente a mesma fórma mechanica, e reparte por consequencia os seus effeitos com a mesma facilidade e regularidade.

Pelo lado das considerações praticas, pódem-se tirar as seguintes conclusões:

1.ª Que aproveitará igualmente bem em todas as circumstancias em que fôr applicavel o estrume de cavallo, excepto quando houver precisão de applicar-se um estrume quente.

2.ª Que será mais vantajoso nos terrenos soltos, porque se não decomporá tão facilmente como o estrume de cavallo.

3.ª Que por esta mesma circumstancia será mais economico no uso ordinario de qualquer casal ou herdade, porque os seus effeitos durarão mais, isto é, que a sua dissolução, sendo mais graduada, ministrará ás plantas por mais tempo o alimento necessario para seu uso.

« Porque em geral, quando se trata d'estrumes, é preciso sempre advertir que as mudanças que os fazem uteis ás plantas só têem o melhor aproveitamento no primeiro periodo da sua putrefacção; de modo que, completamente fermentados ou decompostos, podem até ficar quasi totalmente inertes. »

Estrume de lama das ruas. — Da sua analyse chymica se conclue:

1.º Que o estrume das ruas das cidades contém uma pequena quantidade de materia organica soluvel.

2.º Que esta materia é uma mistura de substancias animaes e vegetaes.

3.º Que a sua materia organica soluvel só possue uma fraca tendencia para se decompôr, visto que a potassa caustica só pôde dissolver pequena quantidade; mas a experiencia tem demonstrado que com a continuação

do tempo se dissolvem quantidades mais consideraveis.

4.º Que o seu residuo salino contém um ou dois elementos nocivos, a saber: o ferro e o enxofre; os quaes (especialmente o ferro, uma vez submettido á acção simultanea da agua e do ar, e sendo soluvel por existir no estado de peroxido) constituem um veneno activo para as plantas; cousa que só poderá ser neutralisada pela presença de uma quantidade consideravel de carbonato de cal; sendo, todavia, um estrume perigoso quando faltem estas circumstancias, ou quando o carbonato de cal tiver outros misteres que desempenhar.

Diz o auctor que o estrume de cavalhariça é o mais quente e precioso, mas não é o mais duradoiro e economico; que o estrume dos animaes cornigeros é mais frio, mas muito mais duradoiro e economico; e que a lama das ruas é muito inferior aos dois primeiros por todos os motivos, e pouco superior seria á terra ordinaria, se não fosse a quantidade d'azote que possue nos seus elementos, bem como a abundancia de materia calcaria.

Tal é, em extracto, a analyse dos estrumes da memoria de *Madden*; mas será este sómente o grande thesouro analytico que descobrimos na dita memoria? Certamente que não; porque o auctor, depois de analysar os estrumes, passa a fazer o mesmo a alguns productos de agricultura mais communmente cultivados, e pelos principios elementares contidos nestes productos vai procurar os estrumes mais adequados que lhe podem convir.

F. A. M. P.

PANNO-FELTRO.

PORTUGAL.

103 No ultimo numero d'este jornal aconselhámos com rasão um passeio até Xabregas para admirar a fabrica de fiação e tecidos de algodão ali estabelecida; aconselharemos tambem hoje outro passeio por mar, ao sitio chamado *fonte da pipa*, e ao edificio que servia de armazem dos vinhos de Satár, onde se acha uma opulenta e bem collocada fabrica de pannos de feltro, pertencente á familia dos Srs. Van Zellers.

Não é isto por certo novidade para a maior parte dos habitantes de Lisboa; mas o que é provavelmente para quasi todos, é que tambem no anno passado em que esta fabrica foi fundada defronte de Lisboa, se levantou outra nos arrabaldes de París; e que na Inglaterra e na Belgica, ha só tres annos que similhante modo de fabricar panno começou a ser praticado.

Mas deixando a parte historica desta maravilhosa industria, a qual nos levaria mui longe, trataremos de dar aos nossos leitores uma resumida descripção dos engenhos empregados para levar a lã em bruto ao estado de *panno-feltro*; engenhos todos movidos pela matriz, e pelo vapor de uma machina d'alta pressão, da força de doze a vinte cavallos, segundo suppomos.

O primeiro engenho em que era lançada a lã bruta, depois de lavada e limpa, o que essencialmente se consegue deitando-a em tanques cheios de ourina, que se faz ferver por meio de tubos de vapor mergulhados na mesma, é o de cardar (*carding machine*), composto de differentes cilindros guarnecidos em toda a sua circumferencia de carda ou escova d'arame: em uma especie d'aparador, feito de um brim bem esticado, vai um rapaz deitando lã; e como o tal aparador, ou mesa de brim, tem um movimento moderado que chama constantemente a lã para baixo do primeiro cilindro cardador, é por esta agarrada, cardada, e communicada a outros que milhor a vão cardando, até que no ultimo, por meio de um pente, que continuamente bate em uma linha de toda a sua superficie, a lã é separada em um véo continuo, transparente como uma têa d'aranha, o qual já leva a largura aproximada que deve ter o panno-feltro. Este véo passa depois, no mesmo engenho, a ser enrolado em outros cilindros grossos de páo guarnecidos de um panno sem fim, que o conduz até o ir depôr em zigzagues assás numerosos que possão constituir o comprimento necessario a uma peça de panno. O mesmo véo é depois coberto de um segundo, terceiro, etc., conforme a grossura que se pertende dar ao feltro.

Estes veos assim sobreposto são depois levados á mão para o engenho de *feltrar*.

O engenho de *feltrar* (*harding-machine*); é composto de uma grande mêsa coberta de um panno sem fim (assim chamado por ter as pontas cosidas), sobre a qual repassão uns trinta cilindros de folha de ferro, animados todos de um pequeno movimento de vai-vem, no sentido do seu comprimento, e de um movimento de rotação muito lento. Deve saber-se que todos os cilindros em que temos fallado estão colocados horisontalmente.

Os véos de lã estendidos sobre o panno, e

submettidos á acção mechanica destes cilindros factores do feltro, recebem incessantemente repetidas baforadas de vapôr, as quaes, mais do que nenhum outro agente, dispõem os vêos de lã a serem reduzidos a feltro, pois fazendo encaracolar pelo calor os pellos da lã, os entretecem uns pelos outros; e mesmo tambem porque a agoa, ou vapor muito quente, tem a propriedade de amollecer e ligar as materias corneas.

A peça de feltro, passada e enrolada em outro envolucro, é depois levada e applicada a outro engenho, que o entija e finalisa a formação do estofo (*planking-machine*). Para isto é introduzida entre dois pannos, que costumão ser de brim, e trabalhada por outros trinta cilindros, pouco mais ou menos, todos de ferro fundido, agitados por um movimento ora para a direita, ora para a esquerda, e dominados por um artificio totalmente novo em mechanica, e que nos pareceo imitar o andar de certos peregrinos que davão dois passos para diante e um para tras. Durante esta operação, a peça de feltro está coberta d'agoa de sabão, e recebe tambem, como na precedente operação, repetidas baforadas do vapor.

O panno, ao sahir deste engenho, pode ser considerado como acabado, faltando-lhe sómente o ser arrepiado, tosquiado, tinto, e apurado; o que tudo se pratica pelos meios ordinarios que pouco differentemente costumão ser empregados com os pannos tecidos.

Maravilha o bem acabado, a perfeição, e o mechanismo de todos estes engenhos; bem como a sua boa collocação, e em geral a optima localidade fabril que escolheram os Srs. Van-Zellers. Bom edificio, abundancia d'agua, facilidade de conducções maritimas, probabilidade de modicos jornaes, tudo isto são combinações que devem prognosticar um bello futuro a qualquer estabelecimento deste genero.

E que diremos nós do *panno feltro*? imparcialmente diremos o que tem de bom e de mão. E' elastico, mas não tanto como o panno de fio. Algumas vezes rasga na proximidade das costuras, mas para se romper por gasto será preciso muito tempo. A apparencia superficial pode ser tão fina como a do melhor panno, mas tem muito mais corpo, e é muito menos flexivel. Finalmente o *panno feltro* deverá ser preferido quando for vendido por menos 25 a 30 por cento do custo do de fio com igual apparencia.

F. A. M. P.

CHAPEOS DE LÃ A' PROVA D'AGUA.

FRANÇA. PORTUGAL.

104 Conhecidos são em todo o reino os chapéos de lã fabricados em Braga, pois não ha feira alguma em Portugal, Galliza, e Leão de Hespanha, onde não appareção; ainda não ha muitos annos que se exportavão muitos, pela barra do Porto, para diversos mercados estrangeiros, e principalmente para o Brazil, onde tinhão muito consumo: actualmente está decahida esta industria pela concurrencia dos estrangeiros que os vendem por menor preço; mas apezar d'esse obstaculo, prosperaria ainda este commercio, se não fosse o luxo, que lhes tirou a estimação em que d'antes erão havidos; são todavia preferiveis aos de coiro envernizado, tanto para o campo, como para jornadas, e para estas principalmente, tornando-os impenetraveis á agua, usando para este fim do processo adoptado por *Blachs*, fabricante de chapéos em Paris; processo tão simples que todo e qualquer sombreiro o poderá pôr em pratica; eil'o ahi.

Tomão-se 18 libras de gomma lacca, libra e meia de subcarbonato de potassa, e 18 canadas d'agua; deita-se a gomma, e o subcarbonato de potassa, com metade da agua, em uma caldeira de ferro, e põe-se o mixto ao lume, até ferver, reservando o resto da agua para se ir deitando á proporção que a gomma se vai dissolvendo, e a agua evaporando, havendo cuidado de ir sempre mechendo; quando o liquido está claro, e não contem escuma, tira-se do lume, e deixa-se esfriar; dentro em pouco se cobre com uma côdea delgada que se deita fóra.

Quando o liquido está frio, mergulhão-se n'elle os chapeos, deixando-os impregnar bem; depois tirão-se, e passão-se por uma prensa, mais ou menos apertada; enxugão-se, e esfregão-se com uma escova grossa, mergulhando-os segunda vez em agua acidulada com acido sulfurico (uma canada d'acido em 16 de agua) onde se consertão 5 a 7 minutos, tempo sufficiente para que a gomma se fixe.

Estamos persuadidos que procedendo assim com os chapéos de lã, muito maior partido se poderá tirar d'elles nos mercados do Brazil, e Africa, para onde continuamente se exportão. Este commercio ha grangeado consideraveis fortunas a muitos que d'elle se occupão no Porto e em Braga, fabricando-os n'esta industriosa cidade, e exportan-

do-os d'aquella, e não são para desdenhar os processos que tendem a dar-lhe desenvolvimento e credito. A. F. S. B.

OUTRA LEMBRANÇA A' CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA.

105 No artigo 75 do n.º 6 do presente anno lembrámos, que uma grande parte dos habitantes da cidade, desde o Terreiro do Trigo até á Boa Vista, se podia abastecer das aguas da Fonte do chafariz da Praia, e d'ElRei, se não se deixasse escorrer ao Tejo, nem uma gota das aguas destas fontes, que podião ser distribuidas por um aqueducto, em depositos geraes, desde o Terreiro até á Boa, Vista ou largo do Conde Barão.

Pensamos porém, que este projecto deve ser posto de parte, se continuar a empreza dos poços artezianos, e d'elles se extrahir agua, que seja boa para beber, e cozinhar.

Não deve desanimar a Camara com a idéa de que o poço aberto na praça de S. Paulo não tem produzido agua capaz de se beber, porque este poço foi aberto em logar onde existião grandes camadas d'agua sulfurea na superficie da terra, o que, junto ás grandes massas de pedra, que impediram a sua abertura, fez desamparar o trabalho, ou por impossivel, ou porque seria muito dispendioso tirar agua potavel.

Profundar hoje esta questão seria inutil, porque sempre restarião duvidas, depois de grandes dissertações; entretanto julgamos que não é inutil, que com os mesmos instrumentos, e homens peritos, que julgamos estarem ainda ao serviço d'ElRei, que mandou começar o poço de S. Paulo, se emprehendão outras aberturas em logares affastados do Tejo, onde nem haja ruinas de casas, nem signaes de aguas sulphureas.

Sabemos que os poços artezianos custão nos paizes do Norte 20, 30, 40, 100, 200, 300, até mil ou dous mil francos, porque estando os lençoes d'agua muito á superficie da terra, pouco trabalho é necessario para obter o resultado que se deseja.

C. X. P. B.

APPLICAÇÃO DO METHODO PNEUMATICO

no curativo de certos casos de surdez accidental.

106 O Secretario perpetuo da Academia das Sciencias de Paris, o celebre Flourens, acaba de communicar a esta respeitavel sociedade o extracto de uma carta que recebeu do cirurgião *Robison*, sobre o emprego do methodo pneumatico para restituir ao estado normal as funcções de certas partes do apparelho auditivo.

« Fallando ha tempos, escreve *Robison*, com o Doutor *Turnbull*, medico afamado em molestias de ouvidos, disse-me elle que a maior parte dos casos de surdez accidental, que diariamente observava, tinhão por causa o entupimento da trompa d'Eustachio por um muco muito espesso, e que não conhecia meio para o expulsar convenientemente, e sem perigo, visto haver muito a dizer-se contra o processo de Kramer, e suas modificações; processo que consiste, como todos sabem, em desembaraçar o canal auditivo com injecções de liquido, ou de ar condensado, mettendo o instrumento pelas fossas nasaes: perguntei-lhe se já havia tentado a acção sobre o orificio interno da trompa por via da bocca; respondeu-me que fizera sem resultado algumas tentativas n'essa direcção; propuz-lhe então o emprego de um apparelho que me parecia dever conduzir ao fim proposto, e fizemos ambos algumas experiencias com elle.

« Compõe-se este apparelho de um tubo de vidro de quatro linhas, pouco mais ou menos, de diametro, e de cinco pollegadas de comprimento; é curvo em uma de suas extremidades, que é um pouco mais larga; na outra ajusta um tubo flexivel, o qual communica com o recipiente de uma machina pneumatica, mas esta communicação póde ser interrompida por meio de uma especie de torneira: quando se quer fazer uso do apparelho, fecha-se a torneira, e rarefaz-se o ar no recipiente; introduz-se depois o tubo de vidro na bocca do doente, applica-se a extremidade mais larga ao orificio da trompa, e põe-se em communicação o recipiente e o tubo; por este modo vem a produzir-se dentro do tubo um movimento d'aspiração, que faz desentupir a trompa.

« Havia muitos annos que erão surdas as primeiras pessoas em quem se fez esta experiencia, e foram immediatamente curadas, em consequencia da expulsão d'uma expecie de tampa mucosa, que entulhava as trompas. Empreguei depois o mesmo tratamento em varias outras pessoas; é verdade que algumas ficaram imperfeitamente curadas, mas a cura foi completa no maior numero, de sorte que o Doutor *Turnbull*, cujo voto é do maior peso em similhantes materias, con-

sidera hoje o methodo pneumatico como applicavel a quasi todos os casos de surdez accidental, e como o mais efficaz remedio para esta molestia.

« Fez-se depois outra applicação do mesmo methodo, e com igual resultado, para remediar a seccura do canal auditivo externo, causado pela suppressão da secreção habitual do cerumen.

« Em casos destes empregava já o Doutor *Turnbull* a rarefacção do ar para chamar o sangue á superficie do canal auditivo, e favorecia esta acção estimulando as partes visinhas com a applicação do extracto de *capsicum*, (*) até que se desenvolvesse um grande calor; este methodo tinha comtudo um grande inconveniente, e vinha a ser que sendo produzida a rarefacção do ar no canal auditivo pela acção de uma seringa, não podia ser exactamente graduada; mas hoje, graças ao meu processo, desappareceo este inconveniente, e opera-se em todo o ouvido externo, por meio de uma ventosa cujas bordas são guarnecidas de cera, e que facilmente se accommoda com as irregularidades da região temporal; tem na extremidade um tubo flexivel, que serve para estabelecer a communicação com o recipiente de uma machina pneumatica, cujo manómetro indica o gráo da rarefacção do ar: achámos que uma depressão de quatro pollegadas na columna de mercurio é sufficiente para despertar a acção dos vasos, e restabelecer a secreção do cerumen; e que no primeiro caso, isto é, quando é mister extrahir as porções de muco que obstruem as trompas, a depressão do mercurio deve ser de umas oito pollegadas.

M. S. L.

COMPRESSÃO DO AR,

afim de estabelecer uma communicação atravez de um terreno encharcado.

FRANÇA.

107 Em o nosso ultimo numero, artigo 91, promettemos dar uma idéa da machina por meio da qual conseguio o architecto *Triger* aquelle resultado. Eil'a. Mandou construir um tubo de folha de ferro de meia pollegada de grossura, e 4 palmos e meio de diametro; tinha ao todo 90 palmos de comprido, e foi construido em París, e mandado em porções de 22 a 27 palmos de comprimento para o Departamento do Loire Inferior, onde se achava a mina que se pertendia explorar: reunidas estas porções foram-se enterrando successivamente nas arêas ás marteladas, como nos poços artesianos se pratica; e extrahiram-se as arêas com bomba apropriada ao intento, de maneira que a introducção deste tubo na profundidade de 85 palmos até encontrar o terreno solido, pode ser considerada como a operação que se costuma praticar nos mesmos poços artesianos, mas de um genero absolutamente novo em rasão do seu enorme diametro.

Supposto o tubo introduzido até esbarrar na camada de terreno duro em que estava a mina de carvão de pedra, enfiou-se dentro d'elle uma machina chamada *peneira d'ar*, a qual se compunha de um cilindro ôco tendo na sua circumferencia inferior uma caixa d'estopas comprimidas, que o fazia ajustar perfeitamente ao tubo, sem que podesse passar a menor porção d'ar; em cada um dos circulos, inferior e superior, havia um buraco por onde passava um homem, com suas competentes valvulas fechando debaixo para cima; além disto o cilindro era atravessado d'alto abaixo por dois tubos, um que servia para introduzir o ar comprimido dentro do poço formado pelo tubo grosso, e outro que dava passagem á agua que sahia de dentro comprimida pela dilatação do ar recalcado.

Uma machina de vapor ali collocada, mas que não fora construida para tal objecto accumulava o ar por meio deste tubo delgado, fazendo trabalhar uma bomba similhante ás que servem na machina pneumatica.

Uma torneira no tampo superior, e outra no inferior acabavão de completar o cilindro chamado *peneira d'ar*.

Supposta a bomba da machina de vapor a trabalhar, começava o ar a ser comprimido e condensado dentro do poço, por quanto a valvula da parte inferior do cilindro *peneira d'ar* fechava-se, e não tendo por onde sahir recalcava a agua, e obrigava-a a sahir pelas fendas do poço, e pelo tubo de despejo, formando um espaço sem agua dentro do mesmo poço, occupado sómente pelo ar comprimido com a densidade de duas ou tres atmospheras. Para descerem os trabalhadores que ião limpar o poço, introduzião-se primeiro pela valvula superior, que estava aberta, dentro do cilindro *peneira d'ar*, e abrião a torneira do tampo de baixo, que communicava com o poço, empurrando com a mão a valvula superior; então o ar comprimido passava tambem a occupar o cilin-

(*) Provavelmente é o *capsicum annuum*, que em portuguez se chama *pimentão*.

dro, e acabava de fechar pela compressão a valvula do tampo superior; e quando o equilibrio estava completo nos dois espaços, cahia pelo seu proprio peso a valvula do tampo inferior do cilindro, e os obreiros passavão a introduzir-se dentro do poço.

Facilmente se pode concluir que para sahirem, e pôr fora o entulho, terião que operar no sentido inverso, isto é, passarião para o cilindro *peneira d'ar*, levantarião a valvula do tampo inferior, e abririão a torneira do tampo superior; o ar comprimido do cilindro passaria para a atmosphera; o do poço apertaria a valvula inferior e a do tampo superior cahiria pelo seu proprio peso, e então os obreiros sahirião ou darião para fora o entulho.

F. A. M. P.

NOVOS PERFORADORES PARA A CARIA DOS DENTES.

108 A arte de dentista tambem tem participado do movimento geral que, ha alguns annos a esta parte, todos os ramos da arte de curar têem recebido. A mechanica, a physica, e até a chymica, hão fornecido seus contingentes para o progresso d'aquella arte, que vai começando a tirar-se d'esse estado d'inferioridade, a que por muito tempo esteve condemnada.

Blanc enriqueceu recentemente a collecção, nimiamente pobre e incompleta, de utensilios mechanicos pelos dentistas empregados, com um novo instrumento destinado para perforar os dentes, e tirar as porções cariadas. Este instrumento, bem como alguns outros que servem para o mesmo fim, opéra na parte doente por meio d'uma especie de broca pequenina, guarnecida de dentes mui finos e rijos, e que se acha segura á extremidade d'huma haste comprida e delgada, que se faz girar por meio d'uma cordinha que se enrola a uma roldana, e vindo as pontas d'esta cordinha prender a uma lamina de barba de baleia, que neste caso forma como uma especie d'arco usado no officio de relojoeiro, para fazer girar o punção que deve abrir algum buraco em qualquer peça. O que distingue porém o novo instrumento de todos os que se lhe assemelhão, é que a broca não está invariavelmente fixada á haste principal em que fica a roldana, e que o operador segura com a mão; pois que uma tal disposição não póde deixar de ser muitissimo incommoda em certos casos, mórmente nas carias que existem na face interna dos dentes de diante, ou nos dentes que ficarem no fundo da bôcca, as quaes são ou completamente inaccessiveis, ou pelo menos mui difficeis de se lhe chegar com a broca simples.

No instrumento do *Blanc*, a broca colloca-se á vontade; ou na extremidade da haste principal, ou n'uma direcção obliqua á da dita haste, e n'esta segunda posição, a broca recebe da haste principal o movimento de rotação, por meio de duas rodas dentadas em angulo que encaixão uma na outra; uma d'ellas está encavada na haste principal, e a outra serve para n'ella se implantar uma haste secundaria que sustenta a broca; mettendo pois esta haste, ora d'um, ora d'outro lado da segunda roda dentada, conseguio *Blanc* duas combinações differentes, cada uma das quaes era appropriada para diversas posições das carias: n'uma das posições, a broca opera, alem das rodas dentadas, como quando se encaixa directamente na extremidade da haste principal; na outra, a broca fica virada para a roldana, ou para a mão do operador, de fórma que se pode atacar as carias internas, até as dos dentes caninos, na direcção que mais conveniente fôr.

Não deixaremos de mencionar o aperfeiçoamento que o mesmo artifice fez na construção dos arcos que servem para mover a roldana; aos meios até hoje usados para dar á corda do arco o grão de tesura conveniente, substitue elle uma roda pequena com um gancho, o que produz um effeito rapido e seguro.

Apezar do que deixamos dito, parece que a *Du Charrière* é que somos devedores da invenção de perforadores de direcção multiplice, porquanto nos perforadores que este celebre cutelleiro fez para um dentista americano, e tempo antes de *Blanc* fallar n'isso, o eixo da broca tomou todas as direcções possiveis, em consequencia do dito eixo se implantar n'uma roda dentada, que póde collocar-se em infinitas posições, sem que por isso deixe de encaixar na roda dentada que se acha fixada na haste principal em que está a roldana.

A. J. de S.

NOVA MODIFICAÇÃO NOS BISTURIS DE MOLA ORDINARIOS.

109 GRANDE numero d'operações cirurgicas requerem bisturis, cujas folhas estejam seguras ao cabo com tanta solidez, como se n'elle se achassem encravadas; mas ao mesmo

tempo os operadores, quer seja para os tornar mais portateis, quer seja para lhes conservar o fio, exigem que elles possam abrir e fechar, como as navalhas d'algibeira. Para satisfazer a todas estas indicações, começaram a usar de molas; porém, como estas mólas logo á primeira operação se sujam com sangue, pus, e tudo o mais que costuma sahir das feridas, e a limpeza das duas laminas do cabo, e da mola que entre ellas se ache alojada, é mui difficil, esta ultima enferruja-se dentro de pouco tempo, de fórma que ao nojo accresce a pouca dura do instrumento.

Os cutelleiros muito bem sabem, quão difficultoso é o fazer desapparecer completamente estas nodoas de ferrugem, provenientes da sanie; uma simples amolação parece tiral-as de todo, mas logo no outro dia reçumam, de modo que, para aniquilar este germen d'oxydação, é mister atacar o metal mui profundamente, e por isso gastal'o muito de cada vez.

Blanc resolveu este problema, que á primeira vista parecia ser um paradoxo, supprimindo a grande mola que occupa a largura do cabo, e o tapa por um dos lados, isto é, construindo um bisturi aberto, e sem que a folha deixe d'articular-se solidamente no cabo do instrumento. Para isto bastou a *Blanc* substituir a grande mola dos bisturis ordinarios, por uma mola duplicada, mais delicada, mas não menos segura do que aquella, e que em vez de estar alojada entre as duas laminas do cabo, fica mettida mesmo na espessura de cada uma das ditas laminas, de modo que não pode ser manchada pelas materias que correm das feridas.

Dois grandes proveitos resultam pois d'esta invenção: 1.º poderem limpar-se os bisturis com summa facilidade; 2.º, e que nada mais é que uma consequencia do 1.º, livral'os da ferrugem, e por isso virem a durar muito mais tempo. Por esta fórma os bisturis com a modificação de *Blanc* reunem ás vantagens dos bisturis de mola ordinarios, o não estarem sujeitos aos inconvenientes d'estes, pois que todos se acham remediados pela nova collocação das molas.

A. J. de S.

TRANSFORMAÇÃO DO ACIDO URICO EM HIPPURICO;

Applicação d'este facto á therapeutica.

110 AINDA não tem decorrido muitos mezes, depois que o Dr. *Ure* chamou a attenção dos facultativos para a modificação importante, que na constituição chimica da ourina se operava, todas as vezes que no estomago se introduzia certa quantidade d'acido benzoico, ou de qualquer benzoato soluvel. Notou aquelle medico que, passadas duas horas depois de se haver introduzido no estomago alguma das substancias já citadas, a unica excretada dava, pela mistura com a duodecima parte do seu peso d'acido chlorhydico, um precipitado abundante formado por bellos cristaes de côr vermelha carregada, os quaes, observados com o microscopio, apresentavão os caracteres proprios do acido chamado hippurico, que existe em grande quantidade na ourina do cavallo, da vacca, e de varios outros animaes herbivoros. Passando em seguida a examinar a ourina, não lhe achou o mais leve rasto, nem de acido urico, nem dos saes a que elle pela sua combinação com as bases, dá origem; pois que o acido urico havia sido completamente substituido pelo acido hippurico.

Este facto torna-se de muito valor para a therapeutica, por os saes, que resultão da combinação deste novo acido com as bases que d'ordinario se encontram nos fluidos organicos, serem todos facilmente soluveis, ao passo que mais difficilmente o são os uratos em geral; assim, o hippurato de soda dissolve-se em duas partes d'agua á temperatura de 60.º de Fahrenheit, em quanto o urato de soda, que constitue as concreções arthriticas, quasi que é tão insoluvel como o proprio acido urico, pois precisa de quatro mil partes d'agua pelo menos para dissolver-se; o hippurato d'ammoniaco pouco menos soluvel é do que o de soda; o hippurato de cal, que de todos os hippuratos é o menos soluvel, bastão-lhe mesmo assim dezoito partes d'agua para se dissolver.

Faceis são de vêr as grandes vantagens que se podem obter da applicação pratica d'estes factos ao tratamento de certos estados morbidos da ourina, que se observão nos individuos que padecem de gôtta, de calculos, e mui especialmente de areias; (*) e tanto mais, que em alguns d'estes casos já se ha tirado bastante proveito da administração do acido ben-

(*) Grande numero de calculos ourinarios são formados ou d'acido urico, ou de uratos de differentes bases, unidos a outras substancias, mas predominando aquellas; as concreções arthriticas que tão frequentemente apparecem nos que padecem de gôtta, e as areias, são formadas em grande parte por uratos, especialmente o de soda: ora como estas substancias são muito pouco soluveis, ou quasi insoluveis n'agua, vê-se o grande

zoico, ou de qualquer benzoato soluvel, uma vez que similhante administração seja feita em occasião opportuna. Para isso é mister em todos os casos, reconhecer por via da analyse o estado da secreção renal, afim de poder proporcionar convenientemente a dose do medicamento, e attingir com exactidão o alvo a que nos propomos, sem nos expormos a irritar as vias urinarias, ou a prejudicar a saude geral dos individuos; demais, como o acido benzoico póde irritar a garganta, se fôr administrado em substancia, e por outro lado, não póde dissolver se senão em grande porção d'agua, é mui proveitoso ajuntal-o com o phosphato, ou o bi-borato de soda, que o tornão mais soluvel, sem alterar por fórma nenhuma as suas propriedades: assim quatro partes em peso do phosphato de soda, ou parte e meia do bi-borato da mesma base, são bastantes para tornar soluvel n'uma pequena quantidade d'agua distillada, uma parte d'acido benzoico. Estas difficuldades, que havemos notado, não se dão nos benzoatos d'ammonia, e de potassa. E' preciso não perder da lembrança, que o emprego d'esta medicina de modo nenhum exclue o de todos os outros meios que em taes casos são indicados, mórmente os meios hygienicos.

Voltando ao phosphato de soda, U'e nota que este sal conserva dissolvido, não só o acido benzoico, mas até o acido hippurico, o que não deixa de ser de muita importancia; porque todo o excesso d'este ultimo acido que se achar na urina, conservar-se-ha dissolvido a beneficio do phosphato neutro de soda, ou do tri-phosphato de soda e d'ammonia que esta dissolução naturalmente contém. Apezar d'isso, convem observar, que estes phosphatos produzem mui diverso effeito sobre o acido urico, porque o transformavão rapidamente em urato de soda, abandonando-lhe metade da sua base, e passando a bi-phoshatos; por consequencia todas as vezes que os rins deram ao mesmo tempo grande quantidade d'acido urico, e d'um phosphato soluvel, deve ter logar a formação d'um excesso d'urato de soda. Este facto que até aqui não havia sido especificado, parece dar uma explicação racional da formação deste ultimo sal.

A. J. de S.

---

proveito que se póde tirar do emprego do acido benzoico, ou de qualquer benzoato soluvel, nestas doenças; por quanto por via delle se transformão o acido urico, e os uratos, em acido hippurico e hippuratos, que são muito mais soluveis, e por consequencia muito mais faceis de sahir dissolvidos nas ourinas.

O ALFAGEME DE SANTAREM

ou a Espada do Condestavel.

111 Com prazer annunciamos, que depois de amanhã, sabado, se representará pela primeira vez no Theatro da Rua dos Condes o tão esperado, e tão retardado drama do Sr. Garrett, intitulado O ALFAGEME.

Felizmente, não para o auctor, mas para o Publico, abortaram os mal tecidos enrêdos, de que em o nosso artigo 97, fizemos querella por parte da Litteratura e honra nacional. Todos os que assistirem á representação d'esta mui portugueza, mui formosa, e mui innocente peça, admirarão a delicadeza, com que em tempos de tantos e tão encontrados melindres politicos, o engenho do auctor, correndo sempre á vella cheia, soube maravilhosamente evitar todos os cachopos e baixios, a ponto de que nem o mais destro forçador de textos poderá encontrar em todos os cinco actos uma só fraze, de que faça allusão offensiva para quem quer que seja.

Nada mais por hoje: o resto para o numero seguinte, quando podermos dar conta do como os actores comprehenderam o poeta, e o Publico o soube apreciar.

DA CONTRAFACÇÃO.

112 De todas as propriedades a mais propria, e a mais sagrada, é incontestavelmente a da intelligencia. A minha descoberta, a minha invenção, o meu livro são mais meus, do que a minha casa, as minhas fazendas, os meus bens. A minha intelligencia é o eu.— Os seus productos não houveram existido se eu não existisse, em quanto para toda essa propriedade material, obra da natureza, para que nada concorri, sempre teria havido dono, ainda quando eu jamais tivesse visto a luz do dia.

Como se explica pois que tanto se conteste a applicação de tão incontestaveis principios? Leis, usos, tratados protegeram sempre em todos os tempos e logares a propriedade material. Leis, usos, e tratados têem sempre pelo menos tolerado, senão escudado, uma vergonhosa rapina dos frutos da intelligencia. Um facto servirá de exemplo.

Ha junto a essa França, sentinella avançada de toda a especie de progressos, um paiz, pequeno em extensão, mas grande em recursos, paiz onde a industria collocou seu throno, onde a agricultura se estende admiravel, onde as distancias desappareceram unidas entre si por uma immensa rede de ferro, pais

opulento de tal fórma, que o seu unico mal é a superabundancia. Não bastou porém á Belgica tanta riqueza legitimamente adquirida; consentiu tambem em manchar tal gloria com o roubo atroz feito a tudo quanto na França escreve, pensa, falla, descobre, ou inventa. O Author e o Editor de uma obra util arruinam-se por terem prestado um serviço á humanidade. O roubador desvergonhado vai ali locupletar-se sem outro merito mais que um rapto infame, e talvez a desanimação de um homem util, que vê as suas vigilias tão mal recompensadas.

A contrafacção (ou reproducção de obras sem consentimento de seu author) tem-se na Belgica estendido a toda a litteratura antiga e moderna, e produziu a crise em que ha tantos annos se acham envolvidos tambem todos os livreiros francezes. Frequentemente acontece que o livreiro de Paris, depois de ter pago ao author uma somma consideravel, de ter despendido com edições nitidas, de ter retribuido a mão de obra por um preço alto, vê, passados 3 dias, entregue á circulação pelo impressor Belga o mesmo livro que este vende a vil preço, porque a mão de obra lhe é diminuta, porque a edição é inferior, e por que zomba dos direitos sagrados do author. Graves não são as consequencias pelo que toca á circulação na propria França, onde é prohibida a importação de taes livros, mas no estrangeiro, onde a sua leitura é tão espalhada, destroem necessariamente o mercado para os seus antagonistas.

Ha mais de seis annos, que os interessados sollicitam do governo francez, que entre n'uma negociação com a Belgica, com o fim de pôr termo a abuso tão odioso; porém infructiferos têem sido todos os esforços feitos até hoje; e em quanto varias convenções especiaes de alguns pequenos Estados da Allemanha entre si, e modernas disposições da Confederação Germanica, bem como de outros Estados septentrionaes, vão de dia em dia estabelecendo um direito publico favoravel aos interesses de auctor, parece que um poder invisivel contraría sempre a fixação de estipulações razoaveis entre os dois paizes que dellas mais carecem.

Vendo por tanto os auctores e editores francezes, que tempo longo padeceriam se tivessem que esperar pelo promettido Tratado, acabão de reunir-se, e de formar uma barreira contra a invasão dos barbaros. Resolveram reimprimir as obras contrafeitas na Belgica, fazendo-as rever, e frequentemente enriquecer, por seus proprios auctores. Todos os volumes desta nova bibliotheca, impressos com types novos, papel velino, formato em 8.º, e brochura linda, serão dados ao publico por um preço mesmo inferior ao dos Belgas.

Tal vai sendo o successo desta empreza, que o seu representante, o livreiro Charpentier, recebeu vantajosissimas propostas de outro opulento editor de París, Gosselin, ao qual se uniu para lhe dar toda a extensão que comporta.

Esta bella collecção, que todas as semanas se enriquece, já hoje apresenta uma reunião de obras escolhidas, as quaes se vendem separadamente. Entre as modernas já andão reproduzidas as de Victor Hugo, Alfredo de Vigny, Alfredo de Musset, Sainte Beuve, Charles Nodier, Joseph e Xavier de Maistre, de Senancour, de Balzac, de Madame de Stael, de Sousa etc. etc.; entre os antigos classicos, os mais importantes, e emfim traducções francezas de grego, allemão, italiano, inglez, portuguez, etc. etc. Chamâmos a attenção dos leitores para o cathalogo de livros desta collecção, que na bibliografia estrangeira publicâmos.

Consta-nos que o Snr. Plantier, livreiro na Rua do Ouro, fôra directa e illimitadamente encarregado pelos editores de propagar a sua bibliotheca escolhida, e suppômos, que em nossas terras, onde tão geral é a leitura franceza, não receberá esta empreza menos animação. Tal é pelo menos o voto que fórma quem deseja ao mesmo tempo proteger boas letras e moral publica. J. F. C.

BIBLIOGRAPHIA FRANCEZA.

Obras de Victor Hugo.

Nossa Senhora de Paris, 2 vol. a..............fr.	3.50
O ultimo dia d'um condemnado, e Bug Jargal, 1 vol..............................	3.50
Han d'Islandia, 1 vol............................	3.50
Odes e chacaras, 1 vol............................	3.50
As Orientaes, 1 vol............................	3.50
As folhas do outono e canticos do crepusculo, 1 vol.	3.50
As vozes interiores, e os Raios de luz e as sombras, 1 vol............................	3.50
Theatro, 2 vol............................	3.50
Cromwell, 1 vol............................	3.50
Litteratura e Philosophia, 1 vol.............	3.50

Obras d'Alfredo de Vigny.

Cinq Mars, 1 vol............................	3.50
Stello, 1 vol............................	3.50
Servidão e grandeza militares, 1 vol.............	3.50
Theatro completo, 1 vol............................	3.50
Poesias completas, 1 vol............................	3.50

Obras de Balzac.

Physiologia do casamento, 1 vol.............	3.50
Scenas da vida privada, 2 vol. a.............	3.50
Scenas da vida de provincia a	3.50
Scenas da vida de Paris.............	3.50
O medico do campo, 1 vol.............	3.50
O papá Goriot, 1 vol.............	3.50
O lirio no valle, 1 vol.............	3.50
A lixa, 1 vol.............	3.50

A pesquisa do absoluto, 1 vol.......... 3.50
Eugenia Grandet, 1 vol.......... 3.50
Cesar Birotteau, 1 vol.......... 3.50
Historia dos treze, 1 vol.......... 3.50

Obras de Alfredo de Musset.

Poesias completas (contos hespanhoes, italianos, etc., 1 vol.).......... 3.50
Comedias e Proverbios (André del Sarto, etc.,) 1 vol.......... 3.50
Confissão de um filho deste século, 1 vol.......... 3.50
Novellas (as duas amadas, etc.) 1 vol.......... 3.50

Obras de Carlos Nodier.

Contos (Trilby, a Fada das migalhas, etc), 1 vol. 3.50
Romances (João Sbogar, Thereza, etc.) 1 vol... 3.50
Novellas (Recordações da mocidade, Madame de Marsan), 1 vol.......... 3.50
Recordações e retratos da revolução, 1 vol.... 3.50

Obras de Sainte Beuve.

Poesias completas (José Delorme, etc.) 1 vol.... 3.50
Voluptuosidade, 1 vol.......... 3.50

Obras de Madame de Stael.

Delphina, com um prologo de Sainte Beuve, 1 vol. 3.50
Corinna, com um prologo, 1 vol.......... 3.50
Sobre a Allemanha, com um prologo de M. X. Marmier, 1 vol.......... 3.50

Obras de Goethe.

Fausto completo, traduzido por Henrique Blaze, 1 vol.......... 3.50
Werther, e Hermann, traducção de Leroux, 1 vol. 3.50
Theatro, traduzido por X. Marmier, 1 vol...... 3.50

Obras de Casimiro Delavigne.

Missenias e poesias diversas, 1 vol.......... 3.50
Theatro completo, 3 vol. a 3.50

Classicos francezes.

Theatro de Racine, 1 vol.......... 3.50
Caractéres de la Bruyere, 1 vol.......... 3.50
Pensamentos de Paszal, 1 vol.......... 3.50
Fabulas de Lafontaine, 1 vol.......... 3.50
Século de Luiz XIV, por Voltaire, 1 vol........ 3.50
Discurso sobre a historia universal de Bossuelo, 1 vol.......... 3.50
Confissões de J. J. Rousseau, 1 vol.......... 3.50
Gil Braz, 1 vol.......... 3.50
Obras de Rabelais, 1 vol.......... 3.50

Classicos estrangeiros traduzidos em francez.

Dante, divina comedia, traduzida por A. Brizeux — A vida nova, traduzida por Delécluze, 1 vol. 3.50
O paraiso perdido, traducção de Pongerville—Viagem sentimental de Sterne — 1 vol. 3.50
Theatro de Schiller, traduzido por X. Marmier, 1 vol.......... 3.50
Guerra de 30 annos, por Schiller, 1 vol...... 3.50
Jérusalem libertada, traduzida por A. Desplaces 1 vol.......... 3.50
Poesias e canticos do norte, traduzidos por X. Marmier, 1 vol.......... 3.50
Lord Byron, traducção de Benjamin Laroche, 4 vol. a.......... 3.50
Obras de Silvio Pellico, traducção de De Latour, 1 vol.......... 3.50
O Alcorão, traducção moderna de Kasimirsky, 1 vol.......... 3.50
Memorias de Alfieri, traduzidas por Delatour, 1 vol.......... 3.50
Messiade de Klopstock, 1 vol.......... 3.50
O Cura de Wakefeld, traducção de Madame Belloc, 1 vol.......... 3.50
Moral de Jesus Christo e dos Apostolos, 1 vol.... 3.50
Historia geral das viagens, 3 vol. a.......... 3.50
Tom Jones, traduzido por Leon de Wailly 2 vol. a 3.50
Confucio, traduzido por M. Panthier, 1 vol.... 3.50
Confissões de Santo Agostinho, traduzidas por São Victor, 1 vol.......... 3.50
Lusiadas de Camões, nova traducção, 1 vol.... 3.50
Os noivos, de Manzoni, traduzidos por R. Dussemil, 1 vol.......... 3.50
Theatro e poesias de Manzoni, traduzidos por Delatour, 1 vol.......... 3.50
Tristão Shandy de Sterne, traduzido por Wailly, 1 vol.......... 3.50
Simples historia, traduzido pelo mesmo, 1 vol.... 3.50

Obras d' Aimé Martin.

Sobre a educação das mães de familia, 1 vol..... 3.50
Cartas a Sophia sobre a physica, etc. 1 vol...... 3.50

Obras escolhidas.

Obras completas de Xavier Demaistre, 1 vol.... 3.50
Adolpho, etc. etc. por Benjamin Constant, 1 vol. 3.50
Sobre o Papa, por José Demaistre, 1 vol...... 3.50
Estudos sobre a historia de França, por Guizot, 1 vol.......... 3.50
Satira Menippea, por C. Labitte, 1 vol.......... 3.50
Obras da Condessa de Souza, 1 vol.......... 3.50
Physiologia do gosto, por Brillat-Savarin-A Gastronomia, poema por Berchoux, 1 vol.......... 3.50
Obermann, por Senancour, 1 vol.......... 3.50
Manon Lescaut, pelo Abbade Prevost, 1 vol.... 3.50
Poesias completas de André Chenier, 1 vol.... 3.50
Valeria, por Madame de Kruduer, 1 vol....... 3.50
Poesias de Millevoie, 1 vol.......... 3.50
Novellas genovezas, por Topffer, 1 vol.......... 3.50
Poesias de Antonio de Latour, 1 vol.......... 3.50
Obras de Beranger, 1 vol.......... 3.50

Classicos gregos traduzidos em francez.

Comedias de Aristophanes, traduzidas por Artaud 1 vol.......... 3.50
Theatro de Sophocles, traduzido por Artaud, 1 vol.......... 3.50
Theatro de Eschylo, traduzido por Alexandre Pierron, 1 vol.......... 3.50
Republica de Platão, traducção moderna, 1 vol.. 3.50
Novellas gregas, traducção moderna, 1 vol 3.50
Historia de Herodoto, 2 vol. a.......... 3.50
Moralistas antigos (Socrates, Epicteto, etc) 1 vol. 3.50
Historia de Thucydides, 1 vol.......... 3.50
Diogenes Laercio (Vida dos Philosophos) 1 vol.. 3.50
Luciano (Dialogos philosophicos etc) 1 vol...... 3.50
Poemetos de Hesiodo, etc. 1 vol.......... 3.50
Iliada de Homero, traducção moderna, 1 vol.... 3.50
Odyssea de Homero, nova traducção, 1 vol...... 3.50
Poesias lyricas de Orpheo e Anacreonte, 1 vol... 3.50

Obras no prelo.

Descartes, 1 vol.......... 3.50
Leibnitz, 2 vol.......... 3.50
Bacon, 2 vol. a.......... 3.50
Malebranche, 2 vol. a.......... 3.50
Spinosa, 2 vol. a.......... 3.50
Romanceiro hespanhol, traduzido por F. Denis, 2 vol.......... 3.50
Poesias de Madame de Girardin, 1 vol.......... 3.50
Novellas parisienses, pela mesma, 1 vol........ 3.50
Poesias de Goethe, traduzidas por Henrique Blaze, 1 vol.......... 3.50
Poesias de Henrique Blaze, 1 vol.......... 3.50
Quadro de litteratura, por Barante, 1 vol...... 3.50
Educação das mulheres, por Madame de Remusat, 1 vol.......... 3.50
Historia de Philippo Augusto, por Capefigue, 2 vol. a.......... 3.50
Diccionario da conversação para uso das senhoras e meninas solteiras, 10 volumes á 3 fr. 50 com 1200 vinhetas, e 24 cartas geographicas coloridas.

TYP. DA VIUVA DE J. A. DA S. RODRIGUES.
Rua da Condeça n.º 19.

REVISTA UNIVERSAL.

N.° 9.

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NAS LOJAS DO COSTUME, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, TRAVESSA DA VICTORIA N.° 29, ESQUINA DA RUA DOS DOURADORES POR 12 NUMEROS 480, POR 24.... 960, POR 52.... 1920 REIS.

Quinta feira 10 de Março de 1842.

A redacção da REVISTA UNIVERSAL accita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Roga-se aos Senhores Assignantes de Lisboa que não entreguem quantia alguma aos distribuidores senão contra o competente recibo impresso, e assignado pelo Editor — e aos das provincias que ainda não satisfizeram o importe do 1.° ou 2.°, ou de um e de outro trimestre, o favor de remettel'o ao Escriptorio d'este Jornal.

DIARIO METEOROLOGICO DESDE 1 ATE 7 DE MARÇO DE 1842.

Dias do Mez.	Termom.° Exterior.		Barometro.		Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	ESTADO DA ATMOSPHERA.
	Min.°	Max.°	9 h. m.	3 h. t.			
1	56°	59°	749,0	754,0	10	^{3}SO. ^{3}NO.	Chuva abund. até ás 9 h. m.—Cob. e alg. cl.° — frio e seco de tarde.
2	47	60	60,0	59,5		^{3}N. NO^1	Cob.° e alg. cl.° de sol fraco — Cl.° e nev.°— frio e seco de manh.
3	50	67	60,5	58,5		NE.	Cl.°: sol muito quente, e ar seco.
4	50	68	59,0	58,0		NE. B.	Cl.° — Id.
5	47	65	59,3	58,0		B. SO.	Cob.° de nuvens diafanas, e sol muito fraco.
6	49	64	56,5	55,2		B. SO.	Cob.° e nev.° no horisonte.— Cob.° e poucos claros de sol descorado.
7	52	66	56,8	56,8		B. SO.	Cob. e nev.° no horis.—Cob.° e alguns claros.

A primeira quadra deste mez começou no dia 2, e continua até o presente sem notavel mudança, pois que o estado atmosferico do primeiro dia de Março deve reputar-se uma continuação da 6.ª quadra de Fevereiro descripta no antecedente numero deste jornal. Decorre pois a quadra actual com a temperatura macia e uniforme, ar medianamente seco,

ventos brandos ou bonanças, com o ceo alternadamente coberto, ou deixando apparecer o sol algumas vezes assás quente. O andamento desta quadra, em seguimento das duas ultimas do antecedente mez, assás chuvosas, tem sido propicio aos trabalhos campestres e desenvolvimento da vegetação das plantas, e arvorêdos.

RESULTADOS DAS OBSERVAÇÕES DE FEVEREIRO.

Temperatura media das madrugadas, 45°, 6 F. (6.° R) — Dita nas horas de maior calor 59,°6 ($12\frac{1}{2}$) — Dita media do mez 52,°6 (9.°). Variação media da temperatura diurna 14.° ($6\frac{1}{4}$) — Maior variação diurna a 17 e 28 do mez, 20.° (9.°) — Maior frio a 1, e 2, 39.° (3.°) — Maior calor a 28, 7 .° (17.) — Alturas do barometro redusidas á temperatura de 61.° F. — Menor a 6, 746,1 millim. — Maior a 14,769,6. m. — Media do mez 758,8 m — *Ventos dominantes*, contados em meios dias. — N,5 — NO,5 — O, 4 — SO, 13 — S, 1 NE, 17 — E, 1 — V, 3 — B, 7. — Dias claros 11 — Claros e nuvens 2 — Cobertos 2 — Chuva e chuviscos 13 — de Nevoeiro 9 — Ventosos 5 — Tempestades 1 — de frios notaveis 5. — As quadras predominantes do mez foram seis, e se achum descriptas nos antecedentes numeros deste jornal; seguindo se do que fica referido, que o mez decorreo com uma temperatura assás regular, chuvoso e medianamente humido. A chuva recolhida em todo o mez subio a 76 millimetros, equivalentes a quasi 23 almudes por braça quadrada. Em um mez de regular andamento não excede a 56 millimetros, Em *Cintra*, na quinta da Trindade, se recolheram, em todo o mez, 121 millimetros de agua de chuva. M. M. F.

PROGRAMMA.

Reformação da Revista Universal.

113 Com o favor que n'este reino encontrou a *Revista Universal* logo no seu principio, duas cousas sahiram provadas; — que a nossa gente já era capaz de leituras massiças e substanciaes, — e que o novo programma que se lhe apresentava era n'este sentido perfeitamente calculado. Se desde então até hoje o desempenhámos a contento do natural juiz destas cousas, que é o publico, digão-no, e decidão-no por nós, dois factos notorios e incontrastaveis; — tem a *Revista*, de numero para numero, medrado em subscriptores, e quasi todos os jornaes portuguezes têem frequentemente copiado os seus artigos. E' em coisas d'estas o louvor mais perfeito e sem suspeita.

No prologo d'este anno haviamos por tanto promettido perseverar pouco mais ou menos no mesmo sistema que até ahi nos governára; isso fizemos com satisfação geral, e nossa, em todo o 1.° trimestre, e a *Revista* continuou a prosperar — confessal'o-hemos — muito para além das nossas esperanças. O credito e estabilidade a que já finalmente arribou, hoje nos consente emendar os promettimentos de tal prologo, não diminuindo os, senão accrescentando-os, e, o que melhor é, com certeza de nos desempenhar d'elles.

Eisaqui pois o nosso novo contracto, cujas vantagens todas serão por parte do publico, não ficando outra alguma para nós senão o testemunho intimo de havermos assim merecido muito melhor d'esta boa terra que todos somos obrigados a servir.

A *Revista Universal* conterá desde o dia 17 de Março em diante para mais do dobro de materia: para isso está destinada á sua impressão uma fundição nova de formoso typo miudo (pandecta); as linhas terão todo o comprimento que o tamanho da pagina comportar, e os artigos serão cerrados entre si, não se despendendo em titulos d'elles mais do que o espaço rigorosamente necessario: nitidez, e escrupulosissima correcção distinguirão sempre as suas paginas. Quanto ao contheudo de cada numero, agora que já nos vemos soltos da primitiva estreiteza, e no mesmo espaço de impressão se nos depára mais de dobrada capacidade, procuraremos condescender com os varios gostos, e ministrar iguarias para todos os paladares. Em 3 partes geraes se dividirá cada numero; 1.ª parte noticias; 2.ª melhoramentos; 3.ª variedades.

1.ª Parte. *Noticias* Comprehender-se-hão na 1.ª parte os acontecimentos politicos, moraes, physicos, etc. etc. conhecidos em Lisboa no decurso da semana. Este panorama tem de ser subdividido em tantas rubricas quantos forem os paizes de que houvermos de fazer menção. Diligenciaremos que a de Portugal seja a mais completa possivel; para isto convidamos todos os nossos leitores das provincias a communicar-nos quaesquer acontecimentos merecedores de attenção; do que não esperamos somenos resultados que das parti-

cipações dos nossos amigos de todos os pontos do reino. Dado que seja esta parte principalmente politica, n'este quadro só entram factos, e quando muito reflexões sobranceiras ás mesquinhezes das parcialidades

2.ª Parte. *Melhoramentos materiaes.* Sob este titulo, por evitar explicações diffusas, e insufficientes, se comprehendem os varios assumptos de reconhecida utilidade, de que principal, e quasi exclusivamente, só curavamos até hoje. Aqui a utilidade pratica será sempre o nosso norte; pelo que, para podermos chegar a maior numero de resultados prestadios, cercearemos quanto for possivel as theorias, as explicações dos meios, o historico dos descobrimentos ou inventos, e mil outras circumstancias mui ponderosas para a historia das sciencias, mui bem cabidas como taes em jornaes amplissimos, mas perdidas para o commum dos nossos leitores, —por perdidas fastidiosas, — e por fastidiosas perjudiciaes. A agricultura continuará a ser para nós objecto principalissimo, mas na sua cola virão conhecimentos praticos em medicina, cirurgia, pharmacia, chymica, physica, mechanica, industria, geologia, commercio, fazenda, economia politica, direito patrio, direito internacional, diplomacia, arte militar, etc. etc. etc.

3.ª Parte. *Variedades.* Esta servirá como de postres no banquete; encerrar-se-hão n'ella todos os generos de cousas agradaveis, preferindo sempre as que ao agrado reunirem o proveito. Será o Capitulo lido por todos e por todas. Tambem aqui não procuraremos definir; comprehende-se pouco mais ou menos o de que fallamos; cumpriremos em logar de prometter.

Já se vê pois que o Jornal dobra em materia — triplica no interesse — completa a instrucção apresentando em todos os sentidos uma encyclopedia da semana — suppre todas as folhas, sem poder ser supprido por nenhuma. — A isto accresce que no tocante á linguagem, de que tanta mingua hoje em dia se padece, e cuja necessidade já todos ao presente vão conhecendo, e confessando, será sempre, quanto cabe em obra de improviso, desenxovalhado; e não assentamos a promessa em leves fundamentos, pois que temos por collaboradores perpetuos, amantes apaixonados da nossa formosa lingua, e por auxiliares tudo quanto ha ahi de mais illustre nas letras patrias.

E entretanto, e apezar de tudo, continuará este papel a ser dado por vil preço. Cada um dos tres mil assignantes que o são até o numero 10 deste volume, isto é, até o dia 17 de Março de 1842, e que a Revista considera como seus fundadores, continuarão a pagar a mesma quantia de

12 numeros	por	480 réis.
24 »	»	960
48 »	»	1$920

Entende-se que tal assignante deve primeiro pagar a sua antiga assignatura, no caso em que ainda o não tenha feito.

Para os novos assignantes haverá uma mui pequena differença, a saber

12 numeros	por	600 réis.
24 »	»	1$200
52 »	»	2$400

O importe das assignaturas deve ser remettido com a declaração do nome e direcção do subscriptor, pelo seguro do correio, ou em letra sobre Lisboa.

A Redacção publica qualquer noticia, ou artigo interessante, e decentemente escripto, com, ou sem, nome de author, segundo se desejar. Opusculos de reconhecido merito, uteis e inéditos, poderão ser pagos conforme se convencionar. Todas as pennas habeis que se queirão offerecer a coadjuvar-nos, serão bem vindas, e até remuneradas, se assim convier.

Todos os inventores, authores, ou outros, que desejarem fazer conhecer ao publico machinas, livros, sementes, plantas, objectos de arte, medicamentos, etc., poderão mandal'os para o Escriptorio da *Revista Universal* (se o merecerem), annunciando-se, e descrevendo-se gratuitamente no jornal.

No mesmo escriptorio está patente uma salla, onde se acham todos os jornaes portuguezes, e grande numero de inglezes, francezes, hespanhoes, e allemães, entre os quaes muitos litterarios e scientificos. As pessoas que tómam duas assignaturas de anno têem n'este Gabinete entrada gratuita, conforme o respectivo regulamento.

Muitos outros melhoramentos se irão realisando, á proporção que as circumstancias o permittirem. O credito que a empresa já tem ganho é o melhor fiador do mais, e muito mais, que ella tem de grangear de dia para dia.

PROCESSO PARA QUE A CERVEJA NÃO AZEDE.

AMERICA DO NORTE.

114 Deu-se patente de invenção em Boston a *Storwel*, pelo seu processo para impedir que azede a cerveja, por maior que seja

o calor. E' da maior simplicidade: mette-se um arratel de passas, por cada 174 galões de liquido, dentro de um saquinho de panno de linho, antes da fermentação; deve ficar na cuba até que esta haja chegado ao ponto de apparecer uma espuma esbranquiçada por toda a superficie, o que acontece passadas vinte e quatro horas. Tira-se então o sacco, e deixa-se acabar a fermentação.

C. R. V. J.

PROCESSO

para endurecer o cebo, e outras substancias gordas.

FRANÇA.

115 Há muito que os nossos negociantes, e fabricantes de vellas de cebo, perdem consideraveis quantias com a exportação d'este genero para o Brazil, em consequencia dos grandes calôres da viagem; attribue-se isto á pouca pureza do cebo, e a ser encaixotado, e embarcado fresco de mais. Em o numero 4 do segundo tomo d'este jornal, artigo 43, publicámos um methodo para purifical'o; apresentaremos hoje outro fundado na experiencia de nações mais adiantadas em industria; na esperança de que será adoptado, evitando assim a decadencia de um fabrico que por cá vai a definhar.

Consiste este processo em tratar o cebo pelo acido nitrico, nitroso, ou nitro-muriatico; o acido nitrico puro, reduzido a 1.º 5 de concentração, é todavia o mais proprio para o fim que se deseja conseguir. Cada libra de cebo, ou gordura, requer, segundo a qualidade, duas onças e meia a tres d'acido nitrico; para o mais duro basta menor quantidade.

Derrete-se o cebo a um calor mui brando, junta-se-lhe o acido, e vai-se mechendo até que o mixto apresente uma côr de laranja; tira-se então do lume, deixa-se esfriar, e mette-se em uma prensa, para lhe extrahir a materia oleosa que se havia combinado com o acido. Para lhe fazer perder a côr amarellada, basta expôl'o por algum tempo ao ar e á luz. Com o cebo assim preparado ficão as vellas muito superiores ás ordinarias.

A. F. S. B.

PROCESSO PARA DAR A'S AGATAS UM VALOR INCOMPARAVELMENTE MAIOR.

ESTADOS UNIDOS.

116 PERGUNTANDO um lapidario ao chymico *Lukins* se não era possivel augmentar o brilho das agatas communs afim de lhes dar maior valor, e assemelhal'as a varias amostras, que lhe apresentou, lembrou-se *Lukins* de que ha certas pedras, que podem absorver o azeite e outros fluidos, e tentou a seguinte experiencia.

Metteu umas poucas d'agatas communs da Allemanha em azeite, onde se conservaram algumas horas; limpou-lhes depois muito bem a superficie, e mergulhou-as em acido sulphurico, que aqueceu até que se evaporasse todo o acido sulphuroso. As agatas, tiradas d'este liquido, e limpas com agua, adquiriram um brilho extraordinario; os veios mais escuros tornaram-se mais visiveis; e o valor das pedras assim preparadas dobrou pelo menos.

Experimentem os ourives, se quiserem.

A. B.

NOVO CARMIM.

FRANÇA. PORTUGAL.

117 O *peganum harmala*, ou arruda brava, é planta que em Portugal e na Hespanha espontaneamente se dá; não arriba a mais de pé de altura; tem folhas oblongas e grossas, recortadas e verde escuras, viscosas e amargas; têem suas flores doze estames para mais, e se compõem de cinco pétalas redondas, e côr de rosa; as sementes, que acabão em ponta aguda, e estão fechadas n'uma capsula, só vem a servir passados dois annos, e no mez de Outubro.

Pelas sementes se multiplica a harmala, havendo cuidado de as esparzir raras, e em terra leve.

Ora achou um chimico moderno maneira de sacar d'estas sementes uma tinta vermelha muito fixa, que bem pode substituir a cochonilha, ou carmim, que muitas vezes se pesa a ouro. Recogitem n'isto os entendidos na materia, pois sendo entre nós vulgar uma planta de tamanho prestimo, boa avença poderemos ter em nos valer d'ella, assim para as nossas tinturarias, como principalmente para o commercio.

F. A. M. P.

INDEX

DAS MATERIAS CONTIDAS NAS PRIMEIRAS 100 PAGINAS D'ESTE VOLUME.

GALVANOGRAPHIA.

DINAMARCA.

118 Um amigo nosso de Copenhague nos menciona uma descoberta, que parece destinada a produzir nas artes de gravura, desenho, relêvo, e typographia, uma revolução não menos importante do que aquella que prepara a invenção de Daguerre.

O Capitão Hoffmann, inventor da Galvanographia, sollicitou do governo dinamarquez um privilegio exclusivo; porém tal foi o relatorio, que sobre este assumpto submetteu ao Governo a Academia das Sciencias, que El-Rei ordenou que se negociasse com o inventor a compra do seu segredo, afim de se lhe dar a publicidade que merece. Esse ajuste acaba de concluir-se. O Capitão recebeu coisa de 800$000 réis, e arbitrou-se-lhe uma renda vitalicia de 200$000 annuaes, 150$000 dos quaes reverterão depois da sua morte para sua mulher e seus filhos.

O processo d'esta extraordinaria invenção é resumidamente o seguinte:

Por via de uma particular composição escreve-se, ou desenha-se n'uma folha de prata, que depois se cobre com uma mui tenue pellicula de gordura. Terminada esta operação preliminar lança-se cobre fundido sobre a folha de prata, na qual se descarrega ao mesmo tempo uma corrente galvanica. Fórma-se desde logo uma folha de cobre, na qual, separada que seja da folha de prata, apparecem esculpidos, com a maior delicadeza e exactidão, até os mais imperceptiveis lineamentos, escritos ou desenhados na folha de prata; podendo usar-se desta primeira copia como se fôra de gravura.

Repete-se este curioso processo exactamente da mesma fórma, porém substituindo-se a folha de prata pela nova de cobre: o resultado é, que o que na primeira apparecia como gravura sobresahe na segunda como relêvo, e o producto subdividido e sobreposto em cabos de madeira, póde substituir typos.

A folha de prata não só consente com a maior facilidade qualquer emenda de escrita ou de desenho, mas até póde ser empregada mil vezes para diversos usos, porquanto, apenas se obtêm o resultado que se deseja, póde apagar-se o desenho ou escrita completamente.

Não fica a folha de prata inhabilitada por uma primeira tiragem para se extrahirem novas copias, antes podem estas multiplicar-se indeterminadamente.

J. F. de C.

NOVA MACHINA LITHOGRAPHICA

FRANÇA.

119 Deu-se em París privilegio de invenção por uma machina lithographica de maravilhoso effeito, inventada por *Perrot* de Roão, o qual já a traz a trabalhar nas suas officinas.

Este engenho é aliás simplicissimo; põe-se-lhe no competente logar a pedra lithographica, e dado que seja o movimento á machina, esta, por si só, mólha, dá a tinta, põe o papel sobre a pedra, imprime-o, e levanta as provas, sem concurso de pessoa alguma, e de um modo continuo, em toda a extensão da palavra.

Todas as differentes peças da machina estão em tal harmonia entre si, e tão convenientemente dispostas, que trabalhão regular e rapidamente, impellidas por um só motor: é tudo de ferro fundido, é de grande solidez; e tal é a uniformidade, e regularidade do movimento de todos os cilindros, que as provas que vão successivamente sahindo não differem nada das que se tirão á mão. Da sua agilidade agora se fará idéa. Até hoje um impressor expedito, e a bom trabalhar, só tirava 500 ou 600 provas em 10 horas, sendo obra de pouco melindre; a machina de *Perrot*, até com pouca pratica, póde tirar 8 provas por minuto, isto é, 4,800 em 10 horas. Com uma força motriz igual á de dois homens obter-se-hão, pelo menos, 10 provas por minuto. A força de um cavallo, ou de seis homens, é bastante para fazer mover tres machinas ao mesmo tempo, as quaes dando cada uma 10 provas por minuto, produzirão 18,000 provas em 10 horas: para olhar por estas tres machuinas bastará um homem só.

A' vista destas, e outras considerações, a *Perrotina-lithographica* (é o nome que dão a esta machina) parece que vai occupar logar distincto não sómente na impressão de signaes, traços, caracteres, ou desenhos de qualquer natureza, mas tambem nas reimpressões typographicas, assim que se achar o methodo facil de as tornar a passar para a pedra. Esta innovação mudará essencialmente a publicação dos jornaes, ou folhas avulsas, e abrirá talvez um vasto campo a este ramo d'industria.

Aquelle de nossos lithographos que mandasse vir um tal engenho absorveria o trabalho de todos os seus confrades, e enriquecendo-se a si poderia ao mesmo tempo ás

artes, e em particular ao jornalismo, fazer entre nós serviços inauditos.

F. P. A. M.

NOVA MACHINA MOTRIZ.

120 Lemos no *Courrier Belge* de 5 do passado o seguinte artigo:

« — Vimos ha dias com muita satisfação, funccionar um novo motor, que parece dever dar uma economia importante no emprego do combustivel, e fazer desapparecer o perigo das explosões: — é uma machina de ar, inventada e construida por M. Frauchet, engenheiro francez, e importada por M. Gustave Considérent, professor de mathematica.

« Eis-aqui a sua funcção principal.

« — Duas massas de ar comprimido, separadas por um pedaço de bomba, dentro do qual se move um cylindro motor, são alternativamente aquecidas e esfriadas. A dilatação de uma correspondendo á contracção da outra, o cylindro é empurrado até que o volume de cada uma das ditas massas de ar esteja em relação com a sua temperatura; então a massa de ar frio aquece, e a massa de ar quente esfria; — estabelece-se uma pressão do cylindro em sentido inverso, e este torna para a sua primeira posição.

« Tudo isto se passa n'um momento, porque a machina deu em nossa presença 120 movimentos de cylindro por minuto, phenomeno assaz notavel, reflectindo-se que é sempre o mesmo ar que trabalha alternativamente quente e frio, e que este fluido, bem como todos os gazes, é máu conductor do calorico, e por conseguinte bastantemente difficil de aquécer nas circumstancias ordinarias.

« Este aquécimento, e este esfriamento, tão rapidos, se operão pela deslocação das massas de ar que passão successivamente de uma camara quente para uma camara fria, e *vice versa*, por um canal, cujas superficies interiores são proporcionadas á massa de gaz que está em movimento.

« Parece, segundo diz o inventor, que o ar muito dividido neste canal, toma instantaneamente a sua temperatura; que elle ali depõe successivamente o seu calórico na passagem da camara quente para a camara fria, para o tornar a tomar em grande parte quando volta para aquella, de sorte que basta restituir-lhe de cada vez uma pequenissima quantidade de calor, comparativamente com a que seria preciso gastar para o aquécer directamente.

» Tal é a razão muito plausivel dada pelo inventor para explicar um gasto de combustivel, que, segundo os seus calculos, é quando muito, a quarta parte do gasto de uma machina de vapor da mesma força. E demais, a machina que vimos é de fraca dimensão, pois que as duas massas de ar juntas chegam apenas a tres litros debaixo da pressão media de quatro atmospheras.

« As fricções do mechanismo (ainda construido grosseiramente) parecem-nos consideraveis; e com tudo o *freio* (frein) mostrava demais uma força de cousa de 20 arrateis levantados a 1 metro (cousa de 4 palmos e meio) por segundo. Ao mesmo tempo mettia-se n'uma pequena fornalha, d'hora em hora, um arratel de carvão de lenha que ardia lentamente.

« As perdas de calorico devião ser bastantemente grandes, e seria difficil estimal'as comparativamente com as das fornalhas de grande dimensão, que estão debaixo das caldeiras; e por isso não podemos tirar conclusões definitivas d'esta experiencia em ponto pequeno.

« Sabemos por outro lado que o inventor se occupa ha dous annos em fazer experiencias sobre machinas maiores, e consideravelmente modificadas quanto á disposição e transmissão dos movimentos. Desejamos vivamente que elle possa achar sufficientes auxilios para completar as suas experiencias, e conduzir a bom fim a creação d'este novo motor.

« Em indagações deste genero, sobre um terreno tão novo, alguns annos de demora não são perdidos, sendo elles empregados em aperfeiçoar os processos. E seria muito mais penoso ter mettido na industria machinas imperfeitas, e proprias para desacreditarem os inventores, e os inventos.

(*D. do Governo*)

NOTA AO ARTIGO 106, QUE TEM POR TITULO:

Applicação do methodo pneumatico ao curativo de certos casos de surdez accidental.

FRANÇA. PORTUGAL.

121 São tão evidentes as vantagens que em certos casos se tem tirado do emprego do methodo chamado *pneumatico*, que não podemos esquivar-nos a delle fazer alguma conta, sem comtudo participarmos do enthusiasmo frenetico dos seus sectarios, que, pela generalisação que de tal methodo pertendem fa-

zer, não podem deixar d'incorrer no defeito dos partidarios d'uma doutrina exclusiva. Para não nos estendermos demasiado, apenas citaremos as grandes ventosas, ou botas pneumaticas, de que *Junod* manda fazer uso, quando pertende restabelecer as regras supprimidas, etc., e os ensaios feitos por um facultativo inglez (cujo nome nos não acode), para combater as prisões de ventre rebeldes a todos os meios, de que tirou muito proveito n'esses poucos casos que se offerecerum á sua observação, e um dos quaes era um volvo, practicando a aspiração por meio d'uma seringa, cujo pipo se introduzia no anus, tendo o cuidado em que os bordos deste ficassem chegados ao pipo o mais possivel.

A nova applicação que *Robison* delle pertende fazer no curativo da surdez accidental, com quanto deva ser muito util, mormente admittindo se com *Turnbull*, que as mais das vezes a surdez accidental é devida no entupimento da trompa d'Eustachio por um muco muito espesso, não póde com tudo generalisar-se tanto como elle quer; porque nem sempre esse entupimento é devido áquella causa; varias vezes existem phlegmasias chronicas que da pharynge se tem propagado á trompa, e das quaes resulta ás vezes o obstruir-se esta, ou porque a membrana que a fórra tem augmentado de volume simplesmente, ou porque com isto coincide a secreção de quantidade de muco, que espessando-se, vem a entulhar o dito canal; além destas, outras muitas causas existem, que o processo de *Robison* não póde fazer desapparecer, e por isso ficão ainda em pé os methodos curativos aconselhados por *Deleau junior*, e *Kramer*, distinctos auriculistas, os quaes se achão desenvolvidos nas monographias que sobre doenças d'ouvidos hão publicado, e que apezar dos inconvenientes que lhe são inherentes, na falta d'outros melhores, não podem ser abandonados de todo; cumprindo dizer-se, que em alguns casos o methodo de *Robison* deve ter a preferencia, especialmente naquelles em que este cirurgião o empregou, e muito mais porque se pode graduar a força do apparelho por meio da depressão observada na columna de mercurio do manómetro da machina pneumatica.

Por occasião de fallar neste assumpto, não devemos deixar passar em silencio um facto, que muito interessa á gloria nacional.

Os francezes considerão como inventor do methodo d'ensinar a fallar os surdos-mudos, o *Abbade de l'Epée*. Não é para admirar que a Portugal se pertenda roubar a gloria d'um tal invento, quando isso lhe tem acontecido já por mais d'uma vez; e sirva d'exemplo, o nonio, o sino mergulhador, os balões aerostaticos, etc.; o que é para estranhar, é que os proprios portuguezes ajudem a similhante roubo, pois em vez de reivindicarem a gloria nacional por esta fórma ultrajada, contentão-se em repetir com os francezes, que o *Abbade de l'Epée* foi o inventor, quando realmente o verdadeiro author é *Jacob Rodrigues Pereira*, natural de Peniche, que havendo posto por obra o seu methodo em Cadix, Rochelle, e Paris, foi premiado e elogiado pela Academia Real das Sciencias desta ultima cidade, e recebeu de Luiz XV em 1751, uma pensão annual de 128$000 réis, além d'outras honras com que depois foi agraciado. O seu alphabeto manual, a que chamou *dactylologia*, que compoz para se fallar aos surdos-mudos, que ainda não entendião o que se lhes dizia, pelo simples movimento dos labios, e a mui engenhosa machina que inventou para ensinar arithmetica a seus discipulos, erão materia bastante para lhe grangear o reconhecimento de todos os homens philanthropos; porém succedeu-lhe o mesmo, que acontece á maior parte dos homens de merito, e inventores. Emquanto, animado pelos desejos d'aperfeiçoar a sua obra, e a que havia até sido estimulado pela mencionada Academia (que tinha reconhecido já a bondade do seu methodo, pelas próvas publicas que em algumas das suas sessões havião dado varios discipulos do nosso *Pereira*), trabalhava no melhoramento deste tão engenhoso methodo, um tal *Ernault*, quiz arrogar a si a honra d'auctor d'uma tão preciosa descoberta, apresentando á mesma Academia um opusculo sobre este assumpto, do que se seguiu grande emulação entre os dois rivaes; mas este não póde lograr as honras de inventor, porque documentos irrefragaveis comprovão a prioridade da descoberta do nosso portuguez, como se póde ver na Historia da Academia Real das Sciencias de Paris, annos de 1749, e 1750, — no Journal des Sçavans, Dezembro de 1777, — Biographie universelle ancienne et moderne, Paris 1823, — Buffon, na parte das suas obras que trata da historia natural do homem, — etc. Foi depois disto que o *Abbade de l'Epée* imaginou os signaes methodicos para ensinar os surdos-mudos, contra cujos principios o nosso patricio escreveu uma carta, que se imprimiu em Paris em 1777 na folha intitulada *Avis divers*, de 22 e 26 de Julho.

A pag. 32 do tomo 20 da *Histoire Naturelle, générale et particulière*, por Buffon (edição por Sonnini), quando aquelle eximio pintor da natureza, e que tantes encantos

soube espalhar no estudo da Historia Natural, falla do sentido do ouvido, por occasião do contar a historia d'um surdo-mudo de nascença, por nome *Azy d'Etavigny*, a quem o nosso Pereira havia ensinado a fallar, lêr, escrever, etc., exprime-se a respeito do nosso portuguez, pelas seguintes palavras: « Rodrigues Pereira, portuguez, havendo diligenciado achar meios faceis de « fazer fallar os surdos-mudos de nascença, « tem-se dado de ha muito ao exercicio d'esta « arte singular, a fim de a levar no maximo « gráo de perfeição. »

Na historia da Academia Real das Sciencias de Paris do anno de 1749, a paginas 184, tratando-se das machinas e invenções approvadas pela Academia n'esse anno, depois de se mencionarem os resultados espantosos que pelo seu methodo havia Pereira conseguido em dois surdos-mudos de nascença, que foram apresentados áquella respeitavel corporação, e que muitos gabos lhe mereceram, remata-se o curto artigo, que a este respeito ali vem, com o seguinte trecho » . . . como « os progressos dos discipulos de Pereira de« monstrão a bondade do seu methodo (cujo « segredo elle tem reservado para si), a Aca« demia julgou do seu dever animal'o com « todas as suas forças a cultivar uma arte, « que póde restituir á Sociedade consideravel numero d'individuos, que sem o seu « soccorro, lhe serião inuteis; pois d'algum « modo os tira, por uma feliz metamorphose, do estado de simples animaes para os « fazer homens. »

Na mesma obra do anno de 1750, a paginas 169, se encontra uma pequena noticia sobre a machina que o nosso Pereira inventou para ensinar arithmetica aos surdos-mudos, e que é do theor seguinte. « Uma machina arithmetica de Pereira, já « conhecido pelo seu methodo d'ensinar a « fallar os surdos-mudos de nascença, que « não fallão por não ouvirem. Esta machina « pareceu reunir á simplicidade do Abaco« rabdologico de Perrault, a facilidade d'o« perar das de L'Epine, e Boistissandeau; « e ter demais sobre uma e outra a vanta« gem de ser mui pouco volumosa. Sobretudo « a maneira de fazer com que cada roda d'u« ma divisão se adiante, quando a prece« dente tem corrido dez das suas, pareceu « simples e engenhosa, e julgou-se que esta « machina poderia ser d'uso facil e commo« do. »

Quando o Snr. Antonio Joaquim Gomes da Oliveira, Official Maior da Secretaria dos Negocios Estrangeiros, esteve em Pariz, conversando uma vez com o Abbade de L'Epée sobre surdosmudos, este lhe disse, que era a um portuguez que se devia o ensino dos surdos-mudos; que esse portuguez residira algum tempo n'aquella cidade, e se chamava Pereira, rendendo-lhe por essa occasião muitos encomios.

Apezar de que já alguma cousa se haja dito a este respeito n'um jornal medico portuguez, como jornaes d'estes são quasi que exclusivamente lidos pelas pessoas que exercem alguns dos ramos da arte de curar, e assim mesmo nem pela metade d'essas, julgámos d'algum interesse apresentar aqui esta resumida noticia, que não deixará por certo de ser lida com gosto, mórmente por quem tiver a peito a gloria do pobre e espezinhado Portugal.

A. J. de S.

BENEFICA INFLUENCIA DAS SOCIEDADES DE TEMPERANÇA.

AMERICA DO NORTE.

122 Com este titulo acaba de publicar o Dr. *Warren*, professor d'anatomia em Boston, os resultados immediatos, e palpaveis, de tão philantropica instituição em o Novo Mundo: tantos, e tamanhos, são elles, que oxalá entre nós despertem o desejo da formação de igual instituto.

Em 1813 se creou em Boston a primeira d'estas sociedades; todos os seus membros pertencião ás mais distinctas e respeitaveis classes. O primeiro meio de que lançaram mão, foi a distribuição annual de brochuras, em que se demonstravão com toda a evidencia os funestos effeitos da intemperança. Não faltou quem a principio mettesse a bulha tão louvaveis esforços; mas pouco a pouco foram penetrando no espirito do vulgo as maximas que de continuo procuravão insinuar-se lhe, e em 1835 se havião colhido os mais importantes resultados. E para que o exemplo aproveite, (posto que entre nós não seja a embriaguez tão geral vicio como n'outras partes) apontal'os-hemos.

Dois milhões de individuos renunciaram para sempre, dentro em poucos annos, e na vasta superficie de todos os Estados da União, a toda a qualidade de bebida espirituosa.

Oito mil sociedades de temperança, compostas de um milhão e quinhentos mil membros, se havião organisado a cada canto da America do Norte.

Quatro mil fabricas de distillar, por falta de freguezia, se havião fechado.

Mais de 1200 navios se havião despachado sem levar bebidas espirituosas, o que fez baixar sensivelmente o premio das companhias de seguro.

Doze mil bebados, reconhecidos por taes, havião feito o solemne protesto de não tornar a embriagar-se.

De 1835 por diante não só augmentaram consideravelmente os mesmos resultados, mas obtiveram-se outros, que talvez se não esperavam.

A mortalidade diminuiu extraordinariamente nos sitios em que pegou a reforma.

Os asylos de mendicidade foram-se despovoando, apezar de crescer a população.

Os crimes tornaram-se menos frequentes, e muitas vezes se lê nos jornaes que se achão vazias as prisões de algumas provincias.

As alienações de propriedades nas familias cujos chefes se embriagavão, tornaram-se muito mais raras na maior parte das cidades.

O uso dos vinhos diminuio nas classes ricas, e substituiram-se aos fortes de Hespanha e Portugal os dôces e fracos de Allemanha e França.

A affecção chronica do estomago, conhecida pelo nome de dyspepsia, e que era tão vulgar, quasi que desappareceu. Os attaques de gotta são hoje muito menos frequentes.

A força phisica do homem augmentou uma sexta parte; suppondo pois a população dos Estados Unidos de cinco milhões de habitantes, vê-se que adquirio uma força equivalente a uns seis milhões de individuos, ao mesmo tempo que a despeza necessaria para a manutenção d'estes cinco milhões de havitantes, emvez de haver augmentado, diminuio consideravelmente, por se empregarem em alimentos os cereaes que servião para distillar.

De tal modo se ha declarado a opinião publica, de alguns annos a esta parte, em toda a America do Norte, a favor das reformas requeridas pelas numerosas sociedades de temperança, que o corpo legislativo de *Massachussets* prohibiu a venda, aos domingos, de bebidas espirituosas; foram tão felizes os resultados d'esta lei, que no seguinte anno prohibio a mesma Camara, que o vinho se vendesse por miudo em porções inferiores a quinze galões, o que deu em terra com todas as tabernas d'aquella provincia. A de *Tenessea*, que dista d'aquella mais de 300 leguas, adoptou igual providencia, e é de crer que todas as outras sigão o mesmo exemplo.

A. M. de C.

ACÇÃO DAS PLANTAS SOBRE A ATMOSPHERA.

INGLATERRA.

123 Publicou ha pouco *Dalton* uma breve noticia sobre a decomposição do acido carbonico pelas plantas.

Calculou este celebre physico que em 5,000 annos não podem os animaes que vivem á superficie da terra produzir mais de 0,001 d'acido carbonico, donde se segue que são desnecessarias as plantas para purificar a atmosphera. Contende elle tambem que as estufas não contêem mais acido carbonico, nem de dia nem de noite, do que o ar exterior, o que parece ser hoje confirmado por centenares d'observações.

Não dissimularemos, que o nome de tamanho physico nos faz força; todavia, não é ella por ora tanta que, entendamos dever-se para logo dar por falsa a antiquissima opinião de todo o mundo, de que ás plantas deve o ar muita salubridade. Todos os naturalistas confirmaram com seu assenso este dictame, sempre corrente, até entre a gente rustica e idiota. Tal conformidade de pareceres de doutos e indoutos faz pelo menos que se deva pôr pé atraz antes de abrir os braços a tal novidade. O que é certo, e innegavel, ao menos até hoje, é que a vegetação (salvas algumas poucas especies tidas e havidas por venenosas ou maleficas), nenhum damno com sua convivencia causa ao homem; e por outra parte, com sua verdura, com suas sombras, com seu susurro, com suas flores, com sua fragrancia, com seus fructos, e innumeraveis outras partes e prendas, serve ao mesmo tempo de recreação e utilidade, e que ainda quando se chegue a demonstrar que as arvores, dentro nas cidades, não ajudão a saude, como ninguem dirá que a arruinão, se devem afincadamente plantar, multiplicar, e manter com o maior desvélo. O que n'esta parte havemos pedido continuaremos a supplica-lo ás Camaras Municipaes com a maior instancia.

A. M. de C.

LEMBRANÇA A' CAMARA DE ALMADA.

124 Ao mesmo tempo que se notão na Capital continuos melhoramentos nas ruas, nas praças, e nos estabelecimentos publicos, passa-se o Téjo, e entrando-se em Cacilhas, Mottelã, e Almada, dá-se com montões de lixo, despejos, e immundicies, que talvez se não

achem nas mais insignificantes e miseraveis aldeias da Berberia.

Por varias vezes havemos demonstrado os funestos effeitos de tal negligencia para a saude publica, e esperamos que a Camara de Almada algum partido tirará destas ligeiras observações.

Em Cacilhas, Motella, e Almada, logares proximos ao mar, ha dois meios de fazer desapparecer os lixos das ruas.

O primeiro, e o mais proveitoso, é fazer covas nas visinhanças, e logares desviados das povoações, em que se lancem os lixos de madrugada, ou de noite, fazendo a Camara, que por uma arrematação sejão tirados todos os mezes dos depositos, afim de servirem para estrumar as hortas, e fazendas das povoações, que não produzem sem estrume. E' desta sorte que a formosa povoação da Foz, na cidade do Porto, está sempre tão limpa, e aceada, como os mais limpos e aceados logares de Lisboa.

O segundo meio é fazer encanamentos nas casas, que levem as immundicies aos quintaes, ou ás praias; convirá para esse fim fazer andar pelas ruas alguns carros em certos dias, para receberem os lixos que se tiverem juntado nas casas, prohibindo que se lancem na rua os depositos, sob pena de multas consideraveis.

Se nenhum destes meios agrada á Camara d'Almada, porque se faz despeza com elles, obriguem pelo menos toda a gente a que não despeje nada para as ruas, o que facilmente se póde conseguir, obrigando uns a despejar e enterrar em seus quintaes os lixos e immundicies; outros nos quintaes, ou terras da visinhança, por convenção com os proprietarios, que bastante ganharão com o adubio gratuito de suas terras. Nos logares visinhos das praças poderão fazer-se covas, em que os povos sejão obrigados a lançar as immundicies e despejos, os quaes sem duvida, em tempos competentes, servirão aos fazendeiros de inexgotavel manancial para que as suas terras fertilizem.

C. X. P. B.

AGRICULTURA PELAS MÃOS DOS RELIGIOSOS.

FRANÇA.

125 Todos sabem o que aos veneraveis Religiosos da Trapa succedeu por occasião da Revolução de Julho em França: mundanos houve (destes que tudo julgão por si mesmos, e não dão licença para haver uma razão, gostos, e habitos differentes dos seus) os quaes affirmaram, que no abrirem-se as portas do convento de *Meilleraye* apar de *Laval*, se déra aos religiosos, seus moradores, uma verdadeira paschoa florida. Se taes dizedores não mentiram á sua consciencia, está pelo menos averiguado, que mentiram ao céu e á terra; os bons fradinhos da reformação de *Rancé*, não emparedados, senão sepultados tantos annos havia, deixando as cellas, onde velavam, e estudavão; o torrão, onde suavão, como filhos de Adão, para manter a existencia sem pesar ao mundo; e o templo, onde agonisavão toda a vida, e morrião tão contentes; despedindo se daquellas ricas pobresas, só delles entendidas, não se foram para Páris recomeçar as delicias do viver profano, fazer ou desfazer politicas, escrever romances; e dar materia a outros, ou rabiscar folhetins satiricos a tanto por pollegada, como os que delles havião fallado sem os conhecerem: não; elles derão costas, sem mágoa, aos santos e terriveis logares, tão seus costumados; um sitio para orar, e uma sepultura, onde quer se recuperão: limparam os pés á terra de França; porque a sua patria, não é das que se riscão, e escrevem nos mappas geograficos: atravessaram as ondas com a confiança de quem nunca arreda lá de cima os olhos da alma; e nas serranias bravas da Irlanda foram, como aves do Paraiso, reconstruir entre canticos, e repovoar de innocente felicidade, o ninho, que o furacão n'outra parte lhes destruíra.

Arrendaram, por cem annos, assaz de terra, que os mantivesse; não devia de ser muita: desbravaram-na, e fizeram-na palmito (sempre em mãos bentas houve benção de fertilidade). Levantaram no meio uma casa para Deus e para si, saindo no material do edificio retratado, muito pelo natural, o seu convento da *Meilleraye*; e com tal furia andou a obra, que sendo grande a fabrica, segundo o numero dos que havião de morar nella, em sós tres annos se completou. E' mosteiro, se o podemos dizer, magnifico; e em cellas e officinas mui concertadamente repartido. Fica ao pé de *Cappoquin*, no declivio dos montes *Knockmeledown*, no meio de uma região silvestre; dá a lembrar os hospicios fundados da caridade christã lá por essas cumiadas tempestuosas dos Alpes. Assentada que foi a vivenda, todas as terras bravas, e maninhas, que em derredor se lhe estendião, se transformaram em uma vistosa fazenda de admiravel feracidade. Alli ondêão ao vento largas searas de arroz, e de todo o genero de cereaes; alli verdejão opulentos, e á porfia, todos os generos de legumes

mais de cento e vinte mil pés d'arvores recémplantados alli estão promettendo toda a abastança de fructos, todos os regallos e religiosas inspirações, que os moradores do ermo encontrão a cada passo por de baixo das abobadas dos bosques. Terra tão sáfara, e muda, como desde o principio do mundo o fôra toda aquella, a poucos annos andados, já por toda a parte, e até mui longe, ria e vicejava; attrahia povoadores; brotava casaes e predios; coroava-se de povoados e aldêas; allegrava-se com os sons de vozes humanas e balidos de rebanhos; e o que mais é (tanto póde a visinhança dos bons!) sobredoirava-se de certa allegria serena, que o trabalho e bons costumes, onde os ha, commummente, derramão por entre a classe dos cultivadores. Dentro em pouco, se tão bem estreada benção vai por diante, se verão transformadas aquellas, ainda hontem solidões, em uma das mais ricas e cobiçadas comarcas de toda a Irlanda.

No tocante á regra e costumes da ordem nada alteraram aquelles penitentissimos varões. Perseveram no seu antigo silencio; mudez lhe chamarieis; só com o Prelado podem os de fóra trocar algumas palavras, como para isso tenhão grande e apertada necessidade. Não fazem differença d'estações; quer o sol madrugue, quer se atraze, levantão-se, e começão o seu dia, antecipando-se-lhe sempre na diligencia, ás duas horas depois da meia noute — coisa agra, ainda para terras de benignidade, quanto mais debaixo do céo ferrenho daquella ilha — levão no côro até ás 6 da manhã. Vestem habito com capuz, tudo de lã grosseira e mordente. Mantêem-se de hortalices com pão negro e duro; o mesmo peixe é regalo, que nem por festas se permitte; vinho não o provão; revezão ordenadamente todas as horas do dia na oração e mais exercicios religiosos, no cultivo e amanho das terras, nos misteres e officios mais humildes da casa, varrendo, peneirando e padejando, cosinhando, entendendo na lavanderia e concêrto dos habitos; linho só em molestias graves, e só ás portas da morte se lhes consente; e só então se lhes dá um pouco uso de carne, como não seja de ave, nem outra alguma das havidas por mimosas. Dormem vestidos sobre uma enxêrga desamoravel, e mal cobertos de uma manta: para agazalho dos enfermos têem enxêrgas sem bastas: vivem cercados de emblemas e sentenças de morte; e de dia a dia dão por sua mão algumas enxadadas na propria sepultura. Taes são estes despegados da terra; estes rivaes dos antigos ermitães e anachorêtas, em tôrno de quem parece estar chovendo do seio do Criador a fertilidade; e cujas existencias, entre tantas asperezas, como que se calção de aço, para entrar a largos passos pela velhice.

A. F. de C.

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA.

126 Sahirão á luz: Diccionario da maior parte dos termos homónymos e equivocos da lingua portugueza; augmentado com uma grande cópia de vocabulos technicos, e sua etymologia; e enriquecendo com os adagios da lingoa, e muitos trechos de historia critica, e antiguidades, por Antonio Maria do Couto, professor de grammatica de lingua greza, &c. Lisboa 1842, fol. 1 vol. 3$600 encadernado. — Motim litterario em forma de soliloquios, por José Agostinho de Macedo; 3.ª edição emendada, e acrescentada com a biographia do author, um catalogo das suas obras, e o juizo critico dellas, por Antonio Maria do Couto, professor de grego &c. Lisboa 1841, 8.º 4 vol. 2$160 encadernado: e se achão á venda no armazem de livros de Borel, & C.ª quasi defronte da igreja dos Martyres n.º 14.

Acha-se á venda no Escriptorio da Revolução de Setembro, na Rua do Carvalho N.º 95, a Novissima Reforma Judiciaria de 21 de Maio de 1841, em bom papel, optimo typo, e mui correcta, com grandes margens para os que della usarem poderem lançar suas notas; acompanhadas de um excellente Repertorio da dita Novissima Reforma mui copioso, e que della faz parte integrante, tudo pelo diminuto preço de 480 rs.

Sahiram á luz as ultimas folhas do Formulario geral Medico Cirurgico, ou guia pratica do Medico, do Cirurgião, e do Pharmaceutico, por J. G. Cardoso Klerk, Cirurgião approvado em Medecina pela novissima escola Medico-Cirurgica de Lisboa, membro effectivo da Sociedade das Sciencias medicas da mesma cidade, e socio correspondente da Academia de medecina de Cadix.

Roga-se-nos a publicação do seguinte artigo; do bom mente o fazemos por entendermos ser o seu assumpto de importancia, e havermos as mãos, que o tomaram por capazes de o tratar.

— Portugal desde 1826 até 1834. — Portugal, pequeno entre as nações da Europa, é grande e magestoso nas paginas da Historia de todas as épochas, que tem decorrido a parte do mundo civilisado, a que pertence, desde a fundação da sua monarchia. Todos os periodos de sua existencia offerecem uma lembrança do passado, e uma lição para a posteridade; mas o tempo, que decorre de 1826 a 1834, tem de certo a este respeito preferencia entre todas as epochas. Certos n'esta convicção emprehendemos a publicação desta obra, que esperamos será acolhida, como o assumpto merece — Preço 300 rs., pagos no acto da entrega. Assigna-se, na loja de Bertrand, ao Chiado; Viuva Henriques, rua Augusta; Escriptorio do Gratis, rua dos Douradores.

FRANCEZA.

127 Hermeneutica Sagrada, ou introducção á sagrada escriptura, por Hermann Janssens, traduzido do latim por Pacaud, 1 vol. de 40 folhas preço, 4 fr. 50.

Os padres da igreja traduzidos em francez, obra publicada por M. de Genoude, tomo 7.º, 1 vol. de 32 folhas, preço 7 francos.

O genio das religiões, por E. Quinet. 1 vol. de 33 folhas, preç 7 fr. 50.

Jesus Christo fallando ao coração de uma devota, ou-

ditações para todos os dias do mez, pelo Abbade de Palomico, 5.ª edição, 1 vol. de 10 folhas.

A conversão motivada de um Israelita, por Laveruéa, ex-Israelita, capitão reformado, Cavalleiro de São Luiz, e membro da Legião d'Honra, com um resumo historico da sua vida, 1 vol. pr. 2 fr.

A sombra de São Pedro, dedicada à Lamennais, broch. d'uma folha.

O Padre Nosso de Fenelon, por S. Henrique Berthoud, broch. de 5 folhas, preço 1 fr. 50.

Obras francezas de J. Calvino, colligidas pela primeira vez, e precedidas da sua vida por Theodoro de Beze, e de uma noticia bibliographica pelo Bibliofilo Jacob. 1 vol. de 15 folhas, preço 3 fr. e 50.

Arte de cultivar os jardins em 1842, por um jardineiro agrónomo, 1 vol. de 16 folhas, com 5 estampas, preço 3 fr. 50.

Lições theoricas e praticas de arithmetica elementar, por H. Henseck. 1 vol. de 7 folhas.

Geometria ensinada aos meninos, por Lamé Fleury, 3.ª edição, 1 broch. de 3 folhas.

A' ULTIMA HORA.

A espada do Condestavel.

128 ACABAMOS de assistir no theatro dos Condes a primeira representação da *Espada do Condestavel.* Nem na platéa, nem nos camarotes, cabia mais uma pessoa; enchente mais completa não é possivel imaginal'a. Muitas causas havia para tamanha expectação: os antecedentes litterarios e dramaticos do auctor — o genero, todo nacional, da sua composição — os mesquinhos enredos com que a havião pertendido matar antes da nascença — as balelas encontradas que a seu respeito grassavão — e até um zumzum que talvez adrede se havia feito correr, de que tal representação não podia chegar ao fim — tudo isto erão causas para encher um theatro dez vezes mais vasto.

Ignoramos se havia inimigos, ou sequer dissidentes, entre os expectadores; o que sabemos é que uma ovação theatral mais completa, nunca dramaturgo algum a conseguiu: e se attendermos a que a peça é daquellas que não cabem em tablados tão pequenos como o dos *Condes*; a que alguns dos actores não chegavão á altura do seu papel, e grande numero das bellezas mais mimosas do escrito se perdião na recitação; se considerarmos que a parte cantada, quasi toda, por culpa, aliás mui desculpavel em quem não é cantor de profissão, era mal cantada, e o genero e estilo da musica, se bem que pela maior parte accommodados a todas as relações de pessoas, logar, e tempo, erão entretanto pouco proprios para namorar ouvidos costumados a Donizetti e Bellini, — Donizetti e Bellini, expressos por vozes de quem não tem outro officio senão esse — se emfim reflectirmos em que, posto não haja em todos os cinco actos uma unica sátira politica, os fanaticos das differentes parcialidades poderião, por suggestões de sua consciencia, sonhar offensas, não em palavras do auctor, mas em alguns corollarios de circumstancias indispensaveis no andamento do drama, e não escurecermos quanto é mais facil escandelisar as multidões sem o querer, do que lisongeal'as ainda com a maior vontade; confessaremos forçosamente que tal ovação antes mereceu nome de triumpho incomparavel.

Tempo e espaço, tudo hoje nos falta, para fallar devidamente da peça, e da sua execução; fal'o-hemos com toda a imparcialidade e justiça com que se deve tratar das obras do engenho e das artes; o favor desmerecido deshonra a quem o dá sem aproveitar a quem o recebe; e julgar falsamente os productos do talento, desfigurando, por odios ou affeições, o testemunho intimo, é corromper o juizo da multidão, e tornar por ahi impossivel toda a gloria litteraria de um povo. Por hoje só dizemos que o *Alfageme*, como escripto, e como drama, era crédor, em nosso entender, da boa estrêa que logrou; os applausos que recebeu pelo decurso da representação, não foram de palmas e bravos; — d'esses palmas indómitas, d'esses bravos bravíos, que interrompem e quebrão a attenção onde mais se carece d'ella, e que muitas vezes assassinão aquillo mesmo que mais pertendem exaltar — foram d'aquelles susurros que espontaneamente se levantão, e nos quaes o louvor se está sentindo sem o ouvir; foram daquelles estremeções geraes que electricamente se apossão de uma assembléa inteira; foram de lagrimas destilladas no meio do mais profundo silencio, e que ninguem se lembrava de esconder, nem disfarçar: nos entreactos sim rompeu o enthusiasmo nas suas mostras mais estrepitosas; e o auctor, que já em alguns d'elles havia sido victoreado pelas publicas acclamações, depois de corrido pela ultima vez o panno, foi por mais de um quarto de hora clamorosamente chamado entre palmas, para receber presencialmente os agradecimentos de todos, por quatro horas que tão enfeitiçadas lhes fizera passar. O publico pagou pois ao poeta a sua obra na unica moeda digna d'elle; mas pagou o Poeta ao Publico o amor que lhe elle testemunhava? O Snr. Garrett não appareceu!...

TYP. DA VIUVA DE J. A. DA S. RODRIGUES.

Rua da Condeça n.º 19.

REVISTA UNIVERSAL.

N.° 10.

ESTE JORNAL SAHE TODAS AS QUINTAS FEIRAS. ASSIGNA-SE PARA ELLE NA LOJA DA VIUVA HENRIQUES, E NO ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO, RUA DA HORTA SECCA N.° 20, 1.° ANDAR.

Quinta feira 17 de Março de 1842.

A redacção da **REVISTA UNIVERSAL** acceita, agradece, e publica toda e qualquer noticia fidedigna e interessante, que lhe seja enviada, mórmente as de que possa resultar credito, instrucção, ou outro qualquer aproveitamento para Portuguezes.

Roga-se aos Senhores Assignantes de Lisboa que não entreguem quantia alguma aos distribuidores senão contra o competente recibo impresso, e assignado pelo Editor — e aos das provincias que ainda não satisfizeram o importe do 1.° ou 2.°, ou de um e de outro trimestre, o favor de remettel'o ao Escriptorio d'este Jornal.

DIARIO METEOROLOGICO DESDE 8 ATE 15 DE MARÇO DE 1842.

Dias do Mez.	Termom.° Exterior.		Barometro.		Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	ESTADO DA ATMOSPHERA.
	Minm.°	Max.°	9 h. m.	3 h. t.			
8	54	61	757,3	757,0	2	°S. SO.	Cob.°, denso nevoeiro, e chuvisco: tepido e muito humido.
9	53	67	63,0	63,2		B. SO.	Claro e nuvens: horizonte fusco, sol quente, e ar secco de tarde.
10	50	67	68,0	66,5		SO. NO.	Id. Id. —
11	50	67	67,0	65,0		B. NO.	Nevoeiro denso até ás 8, e depois claro puro: ar secco e sol quente.
12	47	66	65,4	64,8		NE. N.	Claro puro; dia ameno; orvalho nocturno; Id.
13	48	66	66,2	65,0		NE. N.	Id. Id. Id. Id.
14	47	72	65,0	63,5		NE. B.	Nevoeiro denso até ás 8 h., e depois claro puro: Id. Id.
15	50	75	61,0	59,8		B. N.	Claro, sol ardente, e muito calor.

Terminou a influencia da 1.ª quadra a 7, dando logar á 2.ª que durou sómente no dia seguinte com a mesma temperatura branda da antecedente; porém com a atmosfera coberta, denso nevoeiro e perene chuvisco, ar muito humido e vento rijo do sul. Logo no dia immediato começou a influencia da 3.ª com a mesma temperatura, céo ora claro ora nu-

blado, horisonte fusco, e o ar muito humido, em cujo estado permaneceo a 9 e 10, seguindo-se nos dias immediatos alguns nevoeiros densos, que se dissipavão pelas 8 horas da manhã, deixando o céo muito claro, ar secco, e os dias amenos; apparecêram abundantes orvalhos nocturnos nos ultimos tres dias; e assim permanece com o barometro bastante elevado. Foram assaz notaveis os dois ultimos dias desta quadra pelo repentino calor que appareceo nas horas meridianas, variando a temperatura em um mesmo dia 25° F. (11° R). Desde os principios do mez que a maior parte das arvores silvestres e de fruta, vão desenvolvendo a mais bella e viçosa vegetação. M. M. F.

AOS NOSSOS LEITORES.

129 Em consequencia das numerosas modificações, que se vão realisar no plano d'este Jornal, e se acham indicadas no programma do numero precedente, algumas observações temos que addicionar summariamente.

A *Revista Universal Lisbonense* continúa a sahir ás quintas feiras.

O seu Escriptorio é na Rua da Horta Secca n.º 20, e toda a correspondencia para ali deve ser dirigida = *Ao Redactor da Revista Universal Lisbonense.*

As assignaturas só se fazem no Escriptorio, e na loja da viuva de João Henriques, rua Augusta n.º 1.

Preço para os assignantes fundadores: 12 números 480 rs. — 24, 960 — 48, 1920. Para os novos: 12 numeros 600 rs. — 24, 1200 — 48, 2400 — avulso 80.

O pagamento deve ser feito com a assignatura, nos logares supra-mencionados, e por caso nenhum aos distribuidores.

Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias.

Aos assignantes, cujas subscripções findão com este numero, só será remettido o seguinte, caso não façam renovar as suas assignaturas.

Todos os assignantes (e só elles) têem entrada franca n'um gabinete de leitura do estabelecimento (segundo o respectivo regulamento); ahi se acham muitos jornaes e escriptos politicos, litterarios ou scientificos, em portuguez, francez, hespanhol, inglez, e allemão.

Os subscriptores das provincias devem remetter as suas assignaturas pelo Seguro ou como lhes convier.

Roga-se aos leitores das provincias communiquem os acontecimentos dignos de publicidade.

Qualquer artigo interessante será acolhido com gratidão e publicado.

A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova, de que se lhe remetter um exemplar.

Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fora, machinas, plantas, livros etc. por conta de quem o desejar.

Tambem no seu escriptorio se patentearão ao publico identicos objectos que para ali sejão mandados, os quaes serão descriptos no jornal.

A disposição typographica da Revista Universal será, como já se disse, diversa. A materia será mais de dobrada da que até hoje continha.

Tambem alteramos a numeração da folha, por assim convir á boa ordem.

Chamamos *serie* a uma collecção de 12 numeros. A 1.ª serie entender-se ha ter começado a 1 de Outubro, a 2.ª a 23 de Dezembro de 1841, a 3.ª a 25 de Março de 1842, e assim progressivamente, de 12 em 12 numeros.

Portanto no alto do jornal poremos no meio a numeração geral, isto é, o seguinte será numero 25. Ao lado esquerdo marcar-se-ha o numero ordinal da respectiva serie; ao direito a data da publicação.

Por ultimo, recordando que só haviamos promettido franquear o gabinete de leitura aos subscriptores de 2 assignaturas annuaes, hoje estendemos esta offerta a todos os assignantes. Aos não assignantes será inteiramente vedado o gabinete de leitura.

Este gabinete já se acha aberto. Abaixo notamos os jornaes que desde já alli se acham; além d'elles alli se encontra grande numero das publicações modernas.

CATALOGO

Dos Jornaes politicos, scientificos, litterarios, e commerciaes, que actualmente se acham no gabinete de leitura da Redacção da Revista Universal Lisbonense.

PORTUGUEZES.

Lisboa.
- Diario do Governo.
- Constitucional.
- Correio Portuguez.
- Jornal de Utilidade Publica (Dez reis).
- Periodico dos Pobres.

Lisboa.

Portugal Velho.
Revolução de Setembro.
Abeille (francez).
Annaes de Marinha.
Annaes da Sociedade Promotora da Industria Nacional.
Archivo Popular.
Bibliotheca Familiar e Recreativa.
Catholico.
Correio das Damas.
Folha do Commercio.
Gazeta dos Tribunaes.
Gratis.
Jornal Militar.
Jornal das Sciencias Medicas.
Jornal da Sociedade Pharmaceutica.
Museo.
Panorama.
Ramalhete.
Recreio.
Revista Universal Lisbonense.
Semanario Harmonico.
Universo Pittoresco.

Porto.

Athleta.
Commercio.
Noticiador
Periodico dos Pobres.
Revista Litteraria.

Coimbra. — Antiquario.

Madeira. — Defensor.

Terceira. — Angrense.

S. Miguel. Açoriano. Monitor.

ESTRANGEIROS.

HESPANHOES.

Madrid.

Boletin de las Leyes.
Boletin de Medecina.
Castellano.
Conservador.
Fr. Gerundio.
Grito del Ejercito.
Periodico sem titulo (continuação do Foracão.)
Revista de Madrid.
Revista de Teatros.
Semanario de Medecina.

Cadiz — Globo.
Sevilha — Diario de Literatura, Artes, y Comercio.
Barcelona — La Ley.
Santiago — Revista de Galicia.
Granada. — Alhambra.

FRANCEZES.

Paris.

Annales d'agriculture française.
Buletin d'histoire naturelle de France.
Buletin de la Societé de Géographie.
Cultivateur, Journal des progrès agricoles.
L'Investigateur, Journal de l'Institut Historique.
Journal des Beaux Arts et de la litterature.
Journal des connaissances nécessaires et indispensables aux industriels.
Journal des sciences militaires.
Journal de la Société des sciences physiques, chimiques, et arts agricoles, et industriels de France.
Outremer, Journal de la Navigation et des Colonies.
Revue encyclopédique des connaissances humaines.
Revue des sciences physiques et naturelles.
Revue scientifique et industrielle.

INGLEZES.

Londres.

The Child's Bethel Flag.
The Foreign Quarterly Review.
The Morning Chronicle.
The Penny Magazine.
The Times.
The Veterinarian.
The Youths' Magazine.
Sailors' Magazine.

ALLEMÃO.

Hamburgo — Nachrichten.

MATERIA MEDICA BRAZILEIRA.

130 D'ENTRE os naturalistas que namorados da original formosura, e imcomprehensiveis riquezas das terras americanas, se derão a estudar-lhes, e descrever-lhes as producções, muito vantajosamente se extremão Bernardino Antonio Gomes (pai), Fr José da Conceição Velloso, Fr. Leandro do Sacramento, Marcgrave, Pison, Saint Hilaire, e outros muitos que por brevidade omittimos.

Apezar porem de tantos desvelos e fadigas, que aliás mui proveitosos hão sido á sciencia, se bastante se tem descoberto e achado,

mais é talvez o que ainda resta para achar e descobrir; bastando para comprovar o nosso dito apenas uma pequena parte do que a tal respeito se poderia dizer.

No Brazil (pois é d'este paiz que fallamos), só de plantas medicinaes é immensa a quantidade de que ha noticia; e posto que, no numero summamente prodigioso de taes plantas algum abattimento se deve fazer, em consequencia de que muitas vezes o mesmo vegetal leva differentes nomes conforme as provincias em que se cria, não obstante isso, grande copia d'ellas fica ainda subsistindo; parte d'essas são usadas na medicina caseira; por falta de dados sufficientes, não tem sido possivel por ora aventuar uma opinião segura em tão importante assumpto; a outra parte, experimentada já por praticos illustres, acha-se presentemente incluida na lista, por ventura demasiado longa, dos agentes therapeuticos, que a Materia Medica recommenda, ou simplesmente indica.

Graças ao zelo da sciencia, e ao patriotismo do Dr. Emilio Joaquim da Silva Maia, e outros, nestes ultimos annos a Materia Medica Brazileira tem-se enriquecido consideravelmente; a collecção de drogas medicinaes do Brazil, que a Academia Imperial do Rio de Janeiro incumbiu aquelle medico de fazer, vai em augmento, e os interessantes artigos que sobre tal assumpto o Snr. Maia tem publicado, e continua a publicar na *Revista Medica Fluminense*, cujo é redactor, são, em nosso entender, dos mais interessantes que n'este jornal tem apparecido.

Tres plantas avultão pela sua incontestavel utilidade no já crescido numero das que vão sendo usadas pelos facultativos d'aquelle imperio: 1.ª o *pão pereira*, que, pela sua virtude anti-febril, em nada cede á quina, havendo-se já chegado a extrahir da casca d'esta arvore um alcali a que se deu o nome de *pereirina*, e que muito bem, senão melhor, faz as vezes do sulfato de quinina, pois que tem acontecido já que febres intermittentes que se mostraram rebeldes a este ultimo medicamento, cederam ao uso d'aquell'outro; 2.ª a casca do *gorunhem*, que actualmente é havida no Brazil por um dos mais energicos adstringentes; 3.ª a casca de *pão terra*, que é particular assumpto, d'este artigo.

O *pão terra* (qualea cerulea de Riedel) é uma arvore da familia das guttiferas, que existe com abundancia em *Matto Grosso*, e não sabemos se em alguma outra provincia do Imperio do Brazil; o Dr. Maia, e varios outros facultativos brazileiros, já ha muito havião empregado a casca desta preciosa arvore, contra as feridas cancerosas, fungosas, e em geral contra todas as feridas de máo caracter, (palavras d'elle), e os mais felizes resultados havião coroado as suas tentativas; hoje alguns praticos estrangeiros vem confirmar tão satisfactorias noticias: ouçamos pois as suas proprias expressões.

Diz o Dr. *Cohen*, de Baltimore, em resposta a José Silvestre Rebello, que lhe enviou uma pouca de casca de *pão terra*, para com ella fazer algumas experiencias. » Recebi a casca de pão terra; empreguei-a em » dois doentes affectados de feridas cancerosas, e em 15 dias d'applicação d'aquelle » remedio, estas apresentão já melhor aspecto, achando-se os enfermos quasi sem dores; como está a acabar a pequena porção » que recebi, espero que me mande quanto » antes maior quantidade, para poder então » melhor estudar e analisar esta casca, que » julgo ser bom medicamento. »

Idem o Dr. *C. Astone Key*, de Londres. » Estou summamente satisfeito com os resultados das experiencias que fiz com a » casca, que teve a bondade d'enviar-me; a » pequena quantidade recebida não me habilita para experimentar os seus effeitos em » muitas feridas cancerosas; porém o resultado, que tirei d'essas poucas experiencias » que pude fazer n'esta classe de feridas, foi » pôr em mais saudavel condição a superficie das mesmas feridas, e produzir a sua » applicação agradaveis sensações nos pacientes. Os beneficos effeitos da mesma casca » foram mais evidentes em feridas de diversa » natureza, que tinhão resistido a differentes methodos de tratamento; em ulceras » não cancerosas, o effeito della, em pouco » tempo diminuio a sensibilidade, e tomou » a superficie um aspecto salutar. Por ora » não me acho habilitado para decidir-me » com precisão sobre o poder curativo da » mesma casca contra as ulceras verdadeiramente cancerosas, e a este respeito estou á » espera de mais tempo, e de mais factos. Desejo que me mande mais alguma porção » d'este remedio, para poder continuar com » as minhas experiencias. »

Em presença pois de tantos factos, cuja authenticidade se não póde facilmente contraditar, poderemos a grata esperança de haver-se achado remedio para uma enfermidade, que as mais das vezes zomba dos esforços da arte, e contra a qual numerosas substancias têem sido experimentadas, e quasi sempre com máo resultado! aguardemos ulteriores noticias sobre esta importante ma-

pois algumas por onde se conhecesse a derrota do navio, ou a que nação pertencia, e quando alli chegaram os empregados da Alfandega da Ericeira já lá encontraram dois cabos de policia, enviados pelo Administrador do Concelho de Cintra, os quaes asseveraram que não viram mais do que fica referido. Os habitantes daquelles sitios, que desgraçadamente consideram estes desastres como uma fortuna, pareciño tranquillos, mas não obstante atiraram com pedras nos empregados, apezar de que o navio já não apresentava mais do que tres fragmentos, os quaes se iam desfazendo, e erão levados pela resaca. Da villa de Cintra tambem se nos participou que nos bahus que foram saqueados, se encontraram roupas de uso feminino, e de crianças, o que inculca terem existido passageiros; acrescentando-se que foram vistos em varios individuos sedas, que parecião ter pertencido ao navio naufragado; os mastros foram vendidos em hasta publica por vinte mil réis.

Consta igualmente pelas noticias da Ericeira, que naquella mesma noite naufragaram mais dois navios de maior lote na costa de Peniche debaixo, e de cima, sendo a carga de um, azeite, e caffé, e a do outro tabaco; ignora-se de que nação erão, mas sabe-se que se não salvou pessoa alguma das suas tripulações. Se podermos alcançar noticias mais circusmtanciadas a semelhante respeito, as transmittiremos á redacção da Revista, pois nos parece que não foram annunciados aquelles naufragios nos jornaes politicos d'esta capital.

M. M. F.

ASSOCIAÇÃO DOS ADVOGADOS DE LISBOA.

Consulta.

1.º Quesito.

136 É permittido pela nossa legislação ás Mizericordias, Hospitaes, e a quaesquer outras corporações de mão-morta, o poderem vender medicamentos preparados, e compostos, ao publico?

2.º Quesito.

Ainda é lei vigente o disposto no §. 1.º do Alv. de 5 de Novembro de 1808?

3.º Quesito.

O regimento dos preços dos medicamentos mandado observar pelo D. de 30 de Dezembro de 1833 póde considerar-se ainda em vigor, apesar de não haver outro posterior?

Resposta ao 1.º Quesito.

Uma vez que á venda d'esses medicamentos presida pharmaceutico responsavel, e habilitado na conformidade das leis: porquanto pela nossa legislação pharmaceutica, desde o regimento do Fisico Mór, de 21 de Fevereiro de 1321, até hoje, só os boticarios approvados podem fazer, e vender, medicamentos; e não obstante sempre os venderam ás corporações de mão-morta, cujos estabelecimentos estavão sujeitos a todas as obrigações legislativas, e expressamente ás visitas, pelo plano provisional da extincta Junta do Proto-Medicato de 15 de Julho de 1800, e Alv. de 22 de Janeiro de 1810 §. 9, ainda não revogado. Ninguem é obrigado a deixar de fazer senão o que a lei prohibe (Const. Polit. da Mon. Art. 9) e sendo o fim da lei achar idoneidade, e responsabilidade, no administrador da botica, sem lhe importar o proprietario, ella fica satisfeita quando o garante responsavel do estabelecimento comprova aquellas qualidades, embora seja corporação de mão-morta.

2.º Quesito.

O Alv. de 5 de Novembro de 1808 levando ao Brazil as disposições do D. de 3 de Março de 1795, o copiou fielmente, mutatis mutandis, por cuja razão, e porque ao mesmo se refere ainda o D. de 30 de Dezembro de 1832, se não pode duvidar de que elle tem vigor entre nós.

3.º Quesito.

Como a Port. de 11 de Outubro de 1836 manda vigorar a legislação existente relativa ás boticas e medicamentos, e o Alv. de 3 de Março de 1795 §. 3. quer que — cada um dos boticarios tenha um exemplar do regimento dos preços dos medicamentos — que pelo §. 6 são obrigados a mostrar a todos, que os queirão vêr; e na visita se indaga se elles effectivamente o têem (§. 6 do Alv. de 22 de Janeiro de 1810) é consequencia necessaria que para satisfazer ao preceito das leis se deve guardar o regimento que o D. de 30 de Dezembro de 1838 approvou em quanto outro não existe.

A. J. F. C.

Cauza civel entre o Marquez de Campo Maior, e o Conde da Ega, sobre a doação feita áquelle do palacio denominado — Pateo do Saldanha. —

Ao Marquez de Campo Maior, e seus successores, fez o Snr. D. João 6.º doação do palacio do Pateo do Saldanha, e das avultadas bemfeitorias n'elle feitas pela fazenda; e isto por D. de 3 de Agosto de 1820 — Os fundamentos da Doação forão, 1.º haver cahido no fisco, o palacio dado; 2.º que uma vez demonstrado que elle pertencia a vinculo, e não ao fisco, então se indemnizaria o administrador subrogando-lhe quantia igual ao valor do palacio.

O curador da administração da casa do conde da Ega oppoz embargos de ob e subrepção ao D. da doação, os quaes embargos fundou, 1.º na Ord. Liv. 2 Tit. 43: 2.º em que o palacio foi confiscado em cumprimento de sentença que julgou o Conde réo de lesa Magestade: e 3.º em que aquella sentença foi revogada pela outra posterior de 1823, que julgou innocente o mesmo Conde, e o restituio a seus direitos civis, honras, e dignidades. — Os embargos foram julgados por sentença de primeira instancia, confirmada na segunda, na relação de Lisboa, e no Supremo Tribunal de Justiça; e por isso o palacio restituido a seus legitimos Senhores.

A. J. F. C.

O ALFAGEME DE SANTAREM

ou

A Espada do Condestavel.

137 Já vimos, como, desmentindo todos os sinistros agoiros, o drama do Snr. Garrett foi esplendidamente inaugurado no Theatro Portuguez. Essas boas fadas lhe haviamos nós prognosticado; e nem por isso requeremos honras de propheta. Naquelle escripto, que já impresso tinhamos lido, superabundantemente se contém, quanto póde concorrer para a satisfação de quaesquer ouvintes, por de pessimo contento que os supponhamos; verdade, clareza, caracteres, enredo, variedade, moral, poesia, estilo, e linguagem.

E' obra, que tanto mais irá sendo gostada, quanto mais for sendo entendida; e tanto mais entendida irá sendo, quanto mais for escutada; e escutada tem ella de o ser, até que todos a saibam tão de cór, como os actores; porque é uma peça inteiramente da nossa terra, inteiramente para nós, e para o nosso tempo. ¿Esta nova rama de loiro, que o nosso tão popular, e tão justamente presado, litterato acaba de entretecer na sua opulenta corôa, e que lhe não custou mais, do que alguns poucos dias de ocio e retiro no campo em setembro do anno passado, como a poderia elle com todo o seu talento haver colhido, se nascendo nos abençoados tempos de pacifica ignorancia de nossos paes, não tivesse presenciado, o que nem as lições da historia, nem as operações do entendimento, nem o instincto do genio, ou da poesia, poderão nunca fazer entender com clareza, a quem o não viu? os movimentos intestinos da sociedade, os vicios e as virtudes das differentes parcialidades, os modos, as circumstancias e os effeitos do mutuo fuzilar das ambições de esphera para esphera dentro no immenso e variadissimo sistema dos destinos humanos. As edades, que nada disto viram, que acharam, e deixaram o mundo em calmaria, não podiam nem produzir, nem avaliar devidamente este genero de obras: a nós a desgraça nos fez mestres, e como taes, podemos á justa apreciar (oxalá que já outro tanto não digam nossos netos) o que é, e o que val, a *Espada do Condestavel*, e reconhecer, que só quem reunisse como o Snr. Garrett a uma grande penetração, e a uma dóse, não commum, de philosophia social a triste vantagem de ter atravessado tantas revoluções, a poderia com igual primor desempenhar. Mas não está ainda aqui tudo; se vendo-o pintar tanto pelo natural os pensamentos, as palavras, e os feitos das diversas classes manifestamente se reconhece, que o auctor tem vivido, e lidado com ellas a levantadas; e entre ellas e com ellas padecido, e sofrido; por outra parte a imparcialidade, com que as trata, a plena justiça, que faz a todos, e a tudo, parecem inexplicaveis: dir-se-hia que a alma do escriptor, em quanto os seus sentidos estavam recebendo de perto as mil impressões das realidades presentes, lá de cima, de uma altura inaccessivel ás paixões e interesses, de uma esphera desanuviada e luminosa, contemplava impassivel o redemoinhar do mundo, como os deuses de Epicuro, a quem nenhum movimento do universo podia alterar a quietação. Tomado por este lado, como é forçoso, que tambem o tomemos, o drama, de que hoje tratamos, é de um merecimento, que nenhum auctor poderia exceder, e muito poucos, ainda com a melhor vontade, chegariam a egualar.

Das tres joias, com que o Snr. Garrett tem opulentado a nossa musa scenica, é esta, em

teria, podendo desde já os facultativos portuguezes mandar vir do Brasil uma porção da dita casca, para por seus proprios olhos reconhecer se será ou não exacto o que se nos conta da propriedade anti-cancerosa do *pao-terra*.

A. I. de S.

PRAÇAS PUBLICAS.

LISBOA.

131 De grandes melhoramentos precisam todas as nossas praças publicas. Parece-nos que tem sido erro grave calçar algumas, como o *Pelourinho*, e *Terreiro do Paço*: estas praças, e todas as de Lisboa, tem escoantes faceis para as aguas, não só pela visinhança do mar, e pelos declivios naturaes, mas tambem pelos grandes canos que por debaixo lh'as recebem. Se o *Caes do Sodré* se conserva excellentemente sem calçada, porque não aconteceria o mesmo ás outras praças? dir-se-ha talvez que ha ali menos transito de carros e seges; responderemos que em terrenos tão escuados como são as nossas praças, não se demora a agua, e por isso nenhum estrago lhes podem fazer seges e carros; e senão haja vista á *praça da Alegria*, *largo do Passeio*, e outros que ha na cidade, que se conservão perfeitamente sem se lhes vêr uma só pedra.

As praças, e largos da capital, podem conservar-se optimamente dando-lhes alguma elevação no meio, e lançando-lhes por igual em toda a parte camadas pequenas de pedra calcarea, como a que tem o *Caes do Sodré*, ou d'essa pedrita miuda que em abundancia se encontra nas margens do Tejo. Depois de espalhada com igualdade, deve ser batida com maços de ferro, ou páo, afim de adherir: uma duzia de carretas, e duas duzias de prezos pódem dentro de um mez alizar, aplanar, e macadamisar, as principaes praças de Lisboa, em muitas das quaes se achão pedras mais altas umas do que outras, as quaes devem ser batidas a maço, afim de que fiquem as praças bem planas; no *Caes do Sodré*, *Rocio*, *largo de S. Paulo*, e do *Passeio*, encontram-se tantas pedras resahidas que incommodão; e é para desejar que a Camara Municipal remova similhante obstaculo, o que é de insignificante despeza.

Tambem conviria muito varrer e limpar as praças de oito em oito dias pelo menos, para que não sejão intransitaveis em certas occasiões, como frequentemente acontece, sobretudo no inverno. Se a Camara difficilmente encontrar quem ficalize estes trabalhos, esteja certa que achará muitos cidadãos, nas visinhanças das praças, que os dirijão e fiscalizem.

C. X. P. B.

ESCOLA PUBLICA DE CEGOS.

MADRID.

132 Lembrados serão nossos leitores do que no artigo 133 do 1.º tomo d'este jornal escrevemos, por occasião de darmos conta da actividade, com que o governo hespanhol curava do estabelecimento d'uma casa de educação para cegos, e de como pâra este fim havia encarregado D. Juan Manoel Ballesteros de visitar pela França e Belgica os estabelecimentos d'este genero, e de se prover dos meios necessarios para pôr por obra este caridoso plano. Hoje damos a boa nova de ser já estabelecida a escola publica de cegos capital do reino visinho. Foi a inauguração celebrada e festejada (como era razão) em um domingo; nem com acto de mais religião e piedade podia tal dia ser sanctificado. O mesmo D. Juan Ballesteros fez um discurso, que devia de ser analogo á festividade, e nelle dava os parabens á sua patria, e aos seus trabalhos, por haverem vencido todos os revezes, e contras, que por quasi seis annos empeceram a execução desta obra. Terão por tanto os cegos daquelle paiz d'aqui a poucos annos mais luz, e melhor instrucção, que muitos a quem a natureza debalde concedeo grande perfeição de sentidos corporaes. Eis aqui um exemplo, que muito desejamos vêr imitado em o nosso paiz; nem cançaremos de manifestar taes dezejos, e de aconselhar a imitação, todas as vezes que publicarmos tão dignos exemplos.

F. M. P. S. N.

MELOPHONO.

PARIS. LISBOA.

133 Por duas veses temos fallado d'este melodioso instrumento. A primeira, quando d'elle demos noticia o anno passado, em o artigo 83 do primeiro tomo d'este jornal, pouco depois da sua invenção, e apparecimento em Paris. A segunda, quando, sendo já chegado a Lisboa um d'estes engenhosos instrumentos, e depois de o havermos visto, e examinado, fizemos a sua descripção em o artigo 204 do mesmo tomo. Agora em tãopu-

queno discurso de tempo já annunciámos um professor d'este instrumanto; é o Snr. Cosroul, que na sua escola de musica na rua da Atalaia n.º 176, e nas casas onde o requerem, dá lições de melophono. O mais que podéramos dizer ácerca d'este instrumento, e o que por ventura importa saber aos curiosos, o podem ler em o artigo 204 já citado.

F. M. P. S. N.

INDUSTRIA E INSTRUCÇÃO PUBLICA.

RUSSIA.

134 É hoje a Russia um dos paizes mais civilisados. Se no principio do seculo passado se não vião senão terras aridas, incultas, e desertas, nas cercanias do Neva, déve-se ao génio de Pedro 1.º, a transformação da humilde capital da Russia em soberba e populosa cidade; n'ella tem, passo a passo, ido penetrando todos os melhoramentos materiaes e intellectuaes. A par dos monumentos collossaes que alli vos revelão a riqueza e industria russia, encontrareis todas as fóntes de instrucção publica; e depois de haverdes admirado entre infinitos outros, o palacio de Arnitschkou, o palacio de Taurida, o palacio de marmore, o palacio do Grão-Duque Miguel, as igrejas de Santo Alexandre Newski, de Nossa Senhora de Kasan, de São Pedro e São Paulo, a Casa do Commercio, o Almirantado, a fortaleza, a Administração Geral; depois de haverdes saciado a vista nas formosas praças do Theatro, do Senado, e do Almirantado; depois de haverdes calculado com assombro as enormes quantias despendidas em seus caes de granito, e de haverdes visto a orgulhosa capital estreitamente cingida pelos diversos braços do Neva e do Newka, cortada, por innumeraveis canaes, em ilhas amenas, que entre si communicão por meio de barcas e pontes movediças; procurai pelos estabelecimentos de publica instrucção, e lá vos dirão que o Governo, apesar de severo, e severissimo, em sua politica, é todavia sollicito pela prosperidade da Russia; afim de confirmal'o, e para que em vosso espirito não fique a mais pequena duvida de que não é na ignorancia do povo que procura basear o seu poder e authoridade, tanto vos mostrarão que ficareis convencido das absurdas accusações de homens parciaes, que nada reconhecem de bom nos que não professão o mesmo sistema de politica, e só querem que em suas phalanges se encontre quem saiba dirigir, promover, e animar toda a qualidade de progresso. Nessa capital em que suppunheis talvez encontrar com todos os vestigios da barbaridade, e não achar um só instituto destinado a instruir e civilisar o povo, achareis uma *Universidade* de recente fundação uma *Academia Medico-chirurgica*, um *Instituto central pedagogico*, uma *Escola Superior*, uma *Academia Ecclesiastica*, um *Collegio Militar*, uma *Academia de Guardas Marinhas*, uma *Escola d'Artilheria*, uma *Sociedade de communicações internas*, uma *Academia de Bellas Artes*, uma *Escola de Minas*, uma *Aula de Commercio*, um *Instituto Technologico*, uma *Escola Veterinaria*, outra de *Marinha Mercante*, outra de *Agricultura*, sem fallar em um numero prodigioso de escolas publicas, e particulares de instrucção primaria, muitas das quaes se achão debaixo da especial protecção do governo.

R. S.

NAUFRAGIOS.

PORTUGAL.

135 Tendo sido unicamente annunciado em um dos nossos artigos meteorologicos o naufragio de uma embarcação, na noite de 14 para 15 de Janeiro passado, em um ponto da costa comprehendido entre as povoações de *Fontanellas*, e de *Azenhas do mar*, do termo de *Collares*, pareceu-nos conveniente fazer mais algumas indagações sobre aquelle funesto acontecimento, cujo resultado, transmittido por pessoa fidédigna, residente na villa da *Ericeira*, vamos transcrever.

Tinhão já decorrido dois dias depois do naufragio quando delle houve conhecimento nesta villa; e como o logar aonde acconteceo pertence a este districto, partio d'aqui uma delegação da Alfandega para verificar o facto. Quando lá chegou já se achava o navio partido em tres pedaços espalhados em mais ou menos distancia da praia: um sujeito que é piloto, e reside em Cintra, disse, que pela construcção do casco lhe parecia ser uma Escuna hespanhola, o que se confirma pela qualidade do massame, no qual se usão alguns cabos de esparto, de que elles fazem muito uso; tambem se encontrou uma bandeira hespanhola. Quanto á tripulação julga-se que toda pereceo, pois que nem a bordo do navio, nem em terra, se vio pessoa alguma, e só se encontrou vivo um gato preto: a respeito da carga nada havia que a indicasse, pois só se encontraram achas de lenha dispersas pela praia: não se viram pa-

nosso entender, a mais notavel. *O Catão*, com toda a grandiosidade do seu romanismo, com todo o explendor da sua linguagem, e com tantos versos invejaveis, até para mestres, é uma obra classica, toda concebida na leitura dos antigos, toda vasada na fôrma aristotélica e horaciana; a maior parte do seu mérito preexistiu á sua feitura: pertence mais ao genero, do que ao auctor. *Um Auto de Gil Vicente* foi já obra de costa muito mais acima: o ter ousado concebel-a, denunciava um poeta; e o executal-a por tal arte, abonou um poeta grandissimo: tal genero de drama não tinha ainda antecedente na nossa litteratura; mas como obra scenica, para o povo, que não é letrado, nem poeta, nem o póde ser, *Um Auto de Gil Vicente* devia parecer falto de interesse: fôra nelle o principal empenho representar a côrte memoravel, e o feliz reinado do Snr. D. Manuel; este é o quadro principal; a acção, postoque recommendavel pelos nomes e qualidades dos personagens, não occupa senão um logar inferior, e por mais engenho que o auctor despendesse com ella, não era possivel que tal desfêcho satisfisesse: é pois, repetimol-o, mais uma tentativa litteraria de um genero especial, e por ventura novo, um delicioso painel historico representando uma grande épocha, do que não uma péça theatral, segundo as idéas acceitas; ¿e todavia que riquezas não semeou por toda ella ás mãos cheias o poeta! ¿ que recursos podia haver na historia, na phantasia, no coração, ou na linguagem que o auctor não empregasse com admiravel felicidade! O grande rei e os seus grandes homens; a gloria e o poderio portuguez; o mar e as difusas armadas; o oriente assoberbado de trophéus; por outra parte, os saráus, as festas, e os autos, dirigidos por aquelle nunca assás estimado Gil Vicente, (o rei dos liricos da nossa terra, se em outra edade houvéra nascido) enfeitiçados pela presença da formosa infante namorada, poetisados pelos amores, tão amores, e tão saudades, de Bernardim Ribeiro, perfumados e floridos pela circumvisinhança de Cintra. *Um Auto de Gil Vicente* será em todo o tempo delicias para quantos forem dignos de o ler; mas ahi, no gabinete, é que elle tem o seu logar, e não no tablado.

A *Espada do Condestavel*, sim é, verdadeiro drama; e como tal sobreleva logo ao *Auto de Gil Vicente*; assim como, por marcado com todo o apuro do gosto moderno, deixa o *Catão* muitos passos após si.

Dizer a que litteraria familia pertence, difficil empenho seria, se o tentassemos: a gente horaciana poderia recusal-o apesar da sua rigorosa unidade de logar, por falta da unidade de tempo, como elles a entendem; e talvez tambem por não verem ahi rigorosamente obedecido o *simplex et unum*. O povo muito mais numeroso dos hypermodernistas taxal'a-hia de pouco enredo, poucos espantes, poucos terrores, carencia absoluta de carceres, venenos, e cadafalsos, adulterios, cemiterios, incestos, e mais gentilezas havidas hoje pela principal mola dramatica, posto sejam de todas a mais pobre. Os partidarios de *Dumas* não adoptarão um drama, onde o amor não é um phrenesí todo phisico; onde as paixões não são todas sensuaes. Os amoucos de *Victor Hugo* reprovarão caracteres, que agradam por sua verdade, mas não espantam por contrastes repugnantes em cada individuo: chamarão desalinhado a um estilo, que se contenta de ser natural, e não refulge pespontado todo de lentejoulas e palhetas liricas; finalmente se offenderão de que em vez de scenario de sumptuosa architectura, e de opulentas alfaias, que muitas vezes disfarçam, e muitas mais, agravam com seu brilho as humildades da dicção, e as vilezas dos affectos, aqui se não divise, desde o principio até ao fim, mais do que uma pobre officina de ferreiro, e uma casa de nobres, meio arruinada. O pequeno numero dos eleitos de *de Vigny* estranhará, que a corda elegiaca não resoasse mais até encobrir com a maviosa lugubridade das suas toadas o concerto de todos os outros tons. Não: a *Espada do Condestavel* não se ha de classificar em nenhum dos generos *a la moda*: é o drama mixto e moderado, nacional e verdadeiro, litterario, moral; e, pelo maior numero de pontos possivel, conchegado com a nossa indole portugueza, com as nossas recordações e gostos, com o nosso geito peculiar, privado, e publico, com os nossos costumes, assim da casa como da cidade; é o drama, como o havemos de mister, resgatado da escandalosa e absurda servidão estrangeira; é um balsão de rico-homem arvorado em defensa da nossa já tardia independencia litteraria, em volta do qual esperemos em Deus, que alguns pelejadores acudirão a reunir-se: quando dizemos, que em Deus se espere tal milagre, exprimimos antes um desejo entranhado e immutavel, do que uma esperança forte assentada em bons fundamentos: porque por muito boa vontade, que supponhamos em alguns engenhos portuguezes para proseguir no theatro este caminho, por onde o Snr. Garrett, ha já annos, nos está com grande dianteira, acenando e convidando;

por muitos e muito bons proselitos, que elle haja feito, já com os seus romances de Camões, D. Branca e Adosinda; já com os seus dramas do *Auto de Gil Vicente*, e da *Espada do Condestavel*; os montes de estorvos, que diante do theatro se levantam, e multiplicam, são bastantes para quebrantar as vontades mais energicas, as tenções mais apostadas. Não ha ainda muito, que as portas da scena se fechavam inexoravelmente, a quanto não fosse francez, ou antes a quanto fosse portuguez: que aphorismaticamente se dizia, repetia, e teimava, na conversação e na imprensa, que para fóra de França, e especialmente em Portugal não havia salvação dramatica. Este erro acintosamente propagado, e estupidamente recebido, ía passando em julgado, até que a indignação de alguns poucos bons appellou da sentença, e fez recomeçar o processo: conseguiu-se, a poder de perseverancia e obstinação, de contrariedades e desgostos, e quasi á força de armas, fazer entrar talentos portuguezes em tablado portuguez; e viu-se, pelo agigantado de seus primeiros passos em campo tão escabroso e desfavorecido, o muito para que era, tambem nisto, esta nossa sempre desconhecida, e sempre apesinhada gente. Uma das melhores obras do Snr. Garrett — *O Conservatorio* — fez apparecer de improviso um cardume, não de obras todas primas, porém quasi todas ricas de esperanças. A's difficuldades do palco, dos bastidôres, e dos camarins accresciam as da platéa corrompida no seu natural juizo e instincto pela força incontrastavel do habito de estrangeirices nojentas e repugnantes; e pelos elogios, que, sob alcunha de juizos, quotidianamente desbaratava com essas mesmas estrangeirices a imprensa periodica, nem sempre independente, e quasi nunca imparcial. De tudo isto resultava, que esses mesmos, chamados dramas originaes portuguezes, afim de poderem tomar pé e manter-se por algum tempo, eram obrigados a trajar á franceza, assim nos costumes, como no estilo, como na linguagem. A Racine o arguem os seus, e com razão, de haver nas tragedias afrancezado os gregos e romanos; mau era, porque era desnaturalisar a historia; mas uma desculpa se lhe devia, e era, a de a naturalisar para a sua terra: os nossos fizeram peior, porque desnaturalisavam os heroes e sujeitos da nossa terra para os converter em afrancezados e franchinotes. Este abuso, se não estragou para sempre a muitos engenhos, muitos fructos delles, não ha duvida, que os ensoou, e perdeu. Desta arte a reacção nacional, que havia de mister forças de gigante, se fez, de dia a dia, mais impotente: a nossa provada originalidade tornou a caír; resurgiu, mais insolente a gallo-mania dramatica, e postoque alguns mancebos, ainda de tempo a tempo, fossem bater as portas do espetaculo, para offerecer a obra de suas lucubrações, o genio da traducção porca, que já na casa tinha posse velha, constantemente lhes respondeu, que não: e vendo-os retirar-se envergonhados, lhes lançou triumphalmente olhos de lastima e desprezo.

Nesta completa abstinencia de nacionalidade e normalidade se achava o theatro nacional e normal, quando o Snr. Garrett, tomando sobre si os peccados de todos, querendo pagar e sacrificar-se por todos, conseguiu (todos hoje sabem que foi façanha) fazer representar o seu ALFAGEME. ¡Oxalá, repetimol'o, que este rebate de alarma abale animos generosos para encetar contra desportuguezes e anti-portuguezes segunda cruzada; e oxalá que mais bem succedida do que a primeira!

Tempo ha de vir; nisso temos fé; a Deus praza que não seja tarde, mas receamol'o: ha de vir tempo, em que muitos bons espiritos, que hoje não ousam de abalançar-se á feitura de um drama pelo justo pavor, que lhes infunde a idéa de o ver passar por tantas mãos inimigas ou ineptas, antes de poder chegar regelado, rachitico e desfigurado, á presença do Publico, affoitamente os escreverão, podendo contar com emprezarios, directores, e actores portuguezes, que se prezem de o ser, e com uma platéa sinceramente convertida e apaixonada das coisas patrias; mas, repetimol'o, essa edade de Astréa ainda a reputamos affastada: e eis-ahi o porque mais julgamos de agradecer esta generosa, esta heroica abnegação do Snr. Garrett. Elle anteviu, sem duvida, toda a extensão e acerbidade do seu martirio; e não esmoreceu: atravessou pacientemente com a sua cruz ás costas todas as ruas da amargura, que um auctor *in partibus infidelium* tem infallivelmente de regar de suor, antes que chegue ao seu calvario do tablado, *locus ignominiae*, para ahi, sob o titulo de rei, ser crucificado entre não sei quem.

Uma analise circumstanciada do ALFAGEME, na qual se houvessem de registar todos os seus meritos, tomaria um livro; não cabe nos espaços acanhados de um jornal; apontaremos todavia algumas coisas, deixando aos leitores o desenvolvel'as, e o atinar por si mesmos com as demais.

Os caracteres são em geral, quanto a nós,

mui correctamente desenhados. Em cada um dos principaes ha, quanto baste, de ideal para o podermos haver por legitimamente dramatico, sem com tudo disparatar dos typos usuaes da natureza humana. *Fernão Vaz* é um heroe da popularidade, um liberal, um tribuno do seu tempo, mas não é um Graccho, um Virginio, ou um Bruto: a heroicidade não mascára nelle a humanidade; o grandioso de seus feitos prende em grande parte a interesses privados, que elle não dissimula, em motivos de amor e de ciume. *Nuno Alvares Pereira* é tambem um homem e não uma aventêsma moral. A moça *Alda* é uma namorada, mas que falla como gente, e nem no que diz, nem no modo como o diz, desbarata hyperboles pictorescas repugnadas do bom gosto; e no que faz, como no que deixa de fazer, observa sempre aquella justa mediania, sem a qual não ha verisimilhança, que é em rigor a verdade dramatica. *Mendo Paes* é um malvado, um covarde, um traidor, espia, e denunciante: em mãos de um romantico seria um excellente cabide para nelle se pendurarem e alardearem quantos horrores a imaginação podesse delirar: *Mendo Paes*, aqui é um homem pessimo, porém natural e reconhecivel. *Froilão* tambem todos nós o conhecemos, todos nós algures o encontrámos, e o amámos, e o havemos de amar se de novo o tornarmos a ver. As raparigas, e o povo são aquillo: ellas trabalhando e cantando não pensam senão em cazar; elle trocando o trabalho pelos alvorotos, deixa-se contraditoriamente revolver para onde o impelle a primeira voz, que se levanta.

Unidade de acção: alguem tem reprehendido ao drama por falta della, mas havemos a reprehensão por pouco justa. A verdadeira acção aqui não é a amorosa, senão a politica: *Alda* com *D. Nuno Alvares*, e o *Alfageme* com *Alda* são apenas incidentes necessarios para o enlace das differentes partes em um todo, mas não são o fim, que desde o levantar do panno se annuncia, e se tem o direito de esperar. O espectaculo verdadeiro e dominante é a lucta das ambições na terrivel arena da successão a um throno; e essa lucta no meio dos episodios, que a rodêam, lá se vê constantemente sobrepujar como figura primaria do quadro. Tal é pelo menos o effeito que em nosso senso intimo produziu a primeira representação: e pois que viemos aqui, não omittamos uma comparação para nós de muita honra. *Ruy Blas* é tambem um conflito entre os interesses de differentes classes; mas em *Ruy Blas* não vemos, como na *Espada do Condestavel*, a poesia transformando-se em philosophia, e a mais severa imparcialidade apresentando lealmente o bem e o mal de cada classe, confrontando-as sem paixão umas com outras, e abstendo-se de sentencear ou de canonisar alguma dellas. De boa mente copiaremos palavras do proprio auctor no prologo da sua obra.

» Quiz-se pintar n'este quadro a face da sociedade em um dos grandes cataclysmos porque ella tem passado em Portugal. O pintor isolou-se de todo o sentimento e sympathia — paixões politicas não as tem — para ver e representar, como elles foram, são e hão de sempre ser, os dois grandes elementos sociaes, o popular e aristocratico. Tomou para primeira luz do quadro as principaes figuras da interessante anecdota da espada de Nun'alvares Pereira e da prophecia do alfageme de Santarem, tão sinceramente contada naquelle ingenuo stylo patriarchal da primeira » chronica do Condestabre » d'onde passou depois para os historiadores e poetas que a repetiram.

» O fundo e accessorios do quadro teem o mesmo character de desenho e cores.

» Em Fernão Vaz, o alfageme, e na sua gente, Gil Serrão, Braz Fogaça etc. estão os populares com todos os sabidos defeitos, e com todas as inquestionaveis virtudes da classe. Nun'alvares Pereira é o bello ideal da nobreza, Mendo Paes o do seu abastardeamento. No ultimo está a prosa torpe das revoluções, nos outros a poesia d'ellas.

» Froilão Dias é o homem sincero do passado, o ministro da paz e da verdade, porque é verdadeiro ministro de Deus. Risonho com os pequenos, austero com os grandes, a sua voz clama sempre no deserto; — que não ha deserto mais surdo nem mais cego tambem, do que a tumultuaria praça da revolta. »

Duas feições caracteristicas desta peça, que não podem passar sem muito louvor, são a familiaridade e conchego de muitas de suas scenas, abundante mina, que os dramaturgos de nosso tempo demasiadamente se esquecem de explorar; e o acertado emprego da musica. Sabemos que nesta parte nem todos são do nosso parecer; mas nem por isso esconderemos a verdade. O trazer o canto para o theatro de declamação, ou é um grande acerto, ou um grande disparate: grande disparate, quando, como no *Dominó*, e em outras muitas peças francezas não vem o canto accessoriamente, e como canto, mas como acção, ou parte do seu andamento: 1.° porque então a declamação, que precede, e segue, lhe está desmentindo

toda a verisimilhança; o que na opera não acontece, porque lá, como desde o principio até ao fim nada se ouve, que não seja musica, o espectador aceita a ficção de ser aquella a linguagem de taes personagens: 2.º porque a parte da acção, que só foi expressa pelo canto, ficará perdida todas as vezes que as palavras deste se não perceberem, o que assim é por via de regra: resultando a final que de taes dramas hybridos não ha, quem depois de os ter seguido com toda a attenção possa relatar precisamente todos os incidentes; do que seja prova o mesmo *Dominó*. E' porem grande acerto quando, como no Alfageme, o canto vem trazido como tal, e com tanta industria solto que em o dimitir da acção a não mutilem. Mas aqui, para o aprêço que d'elle fazemos, accresce a conformidade em que se elle acha com os nossos principios, já expendidos em o artigo 134 do 1.º Volume sobre os progressos da musica italiana. O Snr. Pinto ousou pôr de parte o seu riquissimo cabedal musico estrangeiro; não quiz rivalisar Bellini ou Meyerbeer; contentou-se de escrever conforme ás palavras do poeta, que eram populares, humildes, singelas e graciosas, em summa, chácara e romance: ouvindo os seus córos, a sua canção do alfageme, a sua rainha Ginebra, e a sua bella infante, não é possivel que nos lembrem Bellini ou Donizetti; mas tambem não é possivel, que deixem de nos acudir á memoria, entre milhões de saudades, as nossas avós, a nossa infancia, os nossos serões, as nossas romarias e as nossas aldêas; e tudo isto val, pelo menos tanto, como as coisas, que mais valem. Não somos nós musicos, mas nesta terra nos criámos, e mais temos vivido nella do que em S. Carlos; como taes podemos affiançar ao Snr. Pinto, não palmas e lauréis, que a nós nos não compete adjudicar, porém corôas mais formosas, e muito mais para appetecer, se elle continuar a provar a mão neste genero, em que tão agradavelmente se estreou. Pena é que a falta de vozes dignas de o interpretar mallograsse algumas partes da sua linda obra; grande pena que a chácara das duas moças no 5.º acto, bello ornamento de uma das mais bellas scenas, a cortassem nas ultimas representações; e pena grandissima, e grandissima vergonha, que sendo notorio haver ahi melhores vozes, que bem a poderam cantar, por não sei que enredos ou mesquinhezes, se não quizessem valer dellas. ¡Ruas da amargura, corôas de espinhos tambem para o musico: para todos ha disso onde ha theatro!

Tanto bem, como do escripto dissemos, quizeramos dizel'o da representação; mas nesta, afora o vestuario, estudado com a mais escrupulosa erudição, quasi nada achámos, que não fosse ou mediocre, ou d'ahi para baixo: mediocre na primeira noite; e d'ahi para baixo com progresso sempre crescente, em quantas se lhe têem seguido. ¡ Drama, que tão completamente desentendido por quasi todos, os que o recitam, ainda assim grangêa tão continuados applausos dos espectadores, grande realidade de merecimento deve possuir! Os seus fados julgamos poder desde já prophetisal-os com segurança: — no theatro morrerá, — *mataram-te, alfageme, pois mataram um homem!* na litteratura portugueza occupará sempre um logar distincto; será sempre lido com satisfação; e quando a Deus prouver, que tenhamos um theatro, uma eschola de declamação, uma companhia; e em tudo isso, e em nossas almas, nacionalidade; então resurgirá na scena para nunca mais saír della.

X.

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA.

138 O Alfageme de Santarem, Drama em 5 actos por A. Garrett, 1 Vol. em 4.º, papel superfino — 480 rs. — vende-se na Livraria de Plantier rua do Ouro n.º 62 e 63.

DRAMATURGO PORTUGUEZ.

Sahio á luz o 3.º n.º contendo o Intrigante drama original do Sr. José Maria da Silva Leal. Vende-se nas lojas da Viuva Henriques, e nas mais do costume.

FRANCEZA.

139 Tratado de geometria descriptiva, por C. F. A. Leroy, 2.ª edição, 2 vol. com 56 folhas, e 69 estampas, preço 20 fr.

Resumo de geometria pratica, por L. C. e F. P. B. 1 vol. de 7 folhas e meia, e 60 estampas.

Resumo de geographia em perguntas e respostas, por J. D. Baad, 1 vol. de 3. folhas.

Elementos de geographia historica de França e suas colonias, por M. P. Delpierre, 6.º edição, broch. de 5 folhas.

Sobre a prostituição, e as molestias siphyliticas nas cidades grandes, suas causas, influencia na saude, habitos e commodo da população, e maneira de remediar este flagello, por A. Potton, 1 vol. de 20 folhas, preço 6 fr.

Congresso scientifico de França, 9.ª Sessão em Setembro de 1841, na cidade de Lyão, relatorio dos trabalhos da 3.ª secção (Sciencias medicas), por Paulo Brun, 1 vol. de 5 folhas.

Arithmographia musica, methodo de musica simplificada pelo emprego dos algarismos, por Miquel Junior, 1 broch. de 3 folhas, e 26 paginas de musica.

Mythologia explicada, por J. George, 1 vol. de 6 folhas.

TYP. DA VIUVA DE J. A. DA S. RODRIGUES.
Rua da Condeça n.º 19.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

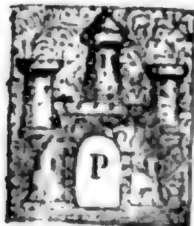
Sahe ás quintas feiras — Escriptorio, rua da Horta Secca n.º 20 — Assigna-se no Escriptorio e na Loja da Viuva de João Henriques, n.º 1, rua Augusta — Avulso 80 réis: 12 numeros 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis — O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados, e por caso nenhum aos distribuidores — Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Tem todos, e só elles entrada gratuita n'um Gabinete de Leitura do Estabelecimento (segundo o respectivo regulamento), aonde se acham muitos jornaes e escriptos politicos, litterarios e scientificos, em portuguez, francez, hespanhol, inglez, e allemão — Os subscriptores das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes convier — Subrescripto da Correspondencia: «Ao Redactor da Revista Universal, rua da Horta Secca n.º 20» — Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade — Qualquer artigo interessante será acolhido com gratidão e publicado — A Redacção annunciará, e convidado analysará, qualquer publicação nova de que se lhe remetta um exemplar — Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o desejar — Tambem no seu Escriptorio se patentearão ao publico objectos de semelhante natureza, que para ali sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal. — Esta Folha aceita a troca com todos os jornaes portuguezes. — A distribuição na Capital faz-se em 3 horas — Este numero sahe ás 8 da manhã e será entregue, o mais tarde, até ás 11.

☞ *Renova-se a declaração que — só o presente numero d'este Jornal será remettido aos subscriptores que não tiverem satisfeito, ou devidamente renovado as suas assignaturas. — Numeramos as paginas d'este Jornal como se o houvessemos feito seguidamente desde o principio.*

CONHECIMENTOS UTEIS.

DESENGORDURAMENTO DOS VINHOS.

140 *Processo do Sr. Bento Pereira do Carmo.*



Publicámos no N.º 7 da Revista Universal (24 de Fevereiro de 1842) um processo inventado por Mr. Herpin para o desengorduramento dos vinhos; e por essa occasião recommendámos aos nossos vinhateiros, que o experimentassem, e do resultado nos dessem parte. Foi a recommendação mais bem acceita, e retribuida do que nós o-podiamos esperar: porque foi despertar a attenção de um de nossos mais illustrados proprietarios, o Sr. Bento Pereira do Carmo, que se dignou dar-nos parte de suas proprias observações sobre a materia; como melhor se-póde vêr na carta que abaixo transcrevemos.

Duas cousas são principalmente para notar neste *communicado.* Primeira, a noticia que seu author nos dá de um methodo por elle inventado, que se lá fóra não é inteiramente novo, pois que já no Tractado de Economia Rural de Raspail o-vemos indicado, certamente o-é para os lavradores portuguezes; methodo que por seus excellentes resultados, e pela facilidade da execução, se-faz digno de ser vulgarisado e imitado.

Segunda observação, ou antes segunda lição, que nesta mesma carta se vos depara, e que tambem desejavamos, que fôsse justamente apreciada por aquelles a quem toca, é o esmero com que o Sr. Bento Pereira do Carmo tem formado o seu *diario agricola*, e nelle vai lançando tudo quanto em sua lavoura se lhe-offerece digno de ser apontado. Só assim é que se póde seguir um systema sustentado de observações, só assim se-podem comparar e avaliar os resultados, só assim é que elles podem tornar-se uteis para o geral dos lavradores.

O exemplo ahi lhes-está bradando mais alto que nós o podéramos fazer; apressemo-nos em lh'o apresentar diante dos olhos. *A. J. de F.*

Sr. Redactor da Revista Universal.

Vejo no artigo 87 do numero 7.º (21) do seu Jornal, que Mr. *Herpin* acaba de resolver o problema de desengordurar os vinhos, muito a contento da Sociedade de Animação de París. Esta leitura espertou minha lembrança: passei os olhos pelos meus diarios agricolas; e com effeito encontrei, que o problema estava já resolvido por mim, desde o começo de 1837, e por maneira mais singella, mais economica, e mais ao alcance de todas as intelligencias, do que a praticada por Mr. *Herpin*, como vem estendida no citado artigo. Narrar miudamente os factos, é escrever a historia do meu processo, acompanhado de todas as suas particularidades.

Em 28 de Outubro de 1836 enchi, de um jacto, vasilha, que deu em limpo, dezesete pipas e quatro almudes de vinho tinto, feito da variedade de uvas, a que n'este districto dão o nome de — *Comvedro* —, algumas tocadas de podre; a maior parte sãas, porém muito aveladas; colhidas umas, e outras nos bellos dias 20, 21, e 22 do referido mez. Contra o meu costume, que é curtir em balceiros tapados, e de grande capacidade, fiz estas uvas *de feitoría* no lagar, cortadas, e trabalhadas por doze homens, no espaço de vinte e quatro horas; e dei-lhes *de levante* oitenta e duas. Depois de envasilhado, provei este vinho a 12 de Dezembro do referido anno; estava cahido, espelhento, e de côr para si; mas como o visse delgado, determinei-me a queima-lo, começando de o tirar da vasilha a 9 de Janeiro de 1837. Observei então, que fôra acommettido da molestia do engorduramento, nos ultimos vinte e oito dias: e em tanta maneira, e tão rapidamente cresceu o mal nos tres da tirada, que no ultimo d'elles (11 de Janeiro) fazia fio como azeite, não se sentia correr na celha: côr suja, cheiro e sabor desagradaveis. Em tal estado de cousas, que parecia desesperado, neste mesmo dia fiz o seguinte — Preparei seis cascos, que de tanto carecia para estancar a vasilha: deitei em cada um delles duas mechas de tonel; enchi-os do vinho doente: rolei-os repetidas vezes; e deixei-os em repouso até 15 do mez. Nesse dia provei o vinho, e o achei completamente restabelecido, com a só differença de mais desbotado na côr. Se houvesse de o aproveitar como vinho, trasfega-lo-hia dos cascos para nova cuba: tinha-o destinado á caldeira; para lá o mandei, e de lá voltou convertido em agua-ardente da primeira qualidade, com 31 gráos *(Beaumé.)*

A olhos vistos ficava conhecida a bondade do meu processo, tão singello, como economico, e praticavel. Restava determinar por quanto tempo se-conservaria o vinho livre do perigo da recahida. Nesse mesmo dia 15 de Janeiro de 1837, enchi d'elle uma garrafa, rolhei-a bem e guardei-a cuidadosamente. Passados dous annos, e quasi sete mezes, isto é, a 9 de Agosto de 1839, abri a garrafa na presença do Juiz de Direito da Comarca de *Torres-Vedras*, (e hoje de *Estremoz*) o Sr. *Francisco Botto Pimentel*, e de seu Escrivão, o Sr. *Miguel Vasques*; e todos observámos, que o vinho estava perfeitamente conservado, muito espelhento, porém aberto de côr.

Ainda me não dei por satisfeito, passei adiante. Do vinho d'esta garrafa, enchi, rolhei, e guardei outra de quartilho, que abri na presença do Administrador d'este Concelho, o Sr. *Gabriel Pereira Ferraz e Abreu* a 23 de Janeiro de 1840, cinco mezes e quatorze dias depois da ultima prova. Achámos o vinho tão perfeito como da ultima vez, sem que enchergassemos n'elle o mais leve symptoma da molestia de que fôra atacado, havia mais de tres annos; nem de qualquer outra de que os vinhos costumam adoecer.

Na presença d'estes factos, que puz em memoria com a mais escrupulosa fidelidade, no meu diario de vindima, e feitura de vinho do respectivo anno; parece-me, que tenho direito a concluir, que o problema havia já sido resolvido por mim, empregando uma formula mais singella, mais economica, e mais ao alcance de todas as capacidades, do que aquella de que lançou mão em França Mr. *Herpin*.

Não me negava a entrar agora na explicação do fenomeno; se não receasse fazer em vez de um artigo de jornal, uma dissertação que não tem cabimento n'esta sorte de publicações. Observarei com tudo, que me parece pouco exacto aquelle artigo, quando falla *das alterações* (do engorduramento) *que soffrem os vinhos no tempo da sua fermentação, etc.* O que a experiencia me tem ensinado é, que os vinhos não engordam no tempo da sua fermentação, mas tão sómente depois d'ella acabada.

Se achar que estas linhas merecem a honra de ser publicadas no seu interessante jornal; tenho para mim que fará algum serviço aos Lavradores de vinho em geral; e em particular aos do nosso Paiz; mormente quando a descommunal vendima do anno passado, ha de ser parte, no anno que vai correndo, para se lhes offerecerem muitas occasiões de pôr em obra o meu processo, e verificarem o seu feliz resultado. — Alemquer 15 de Março de 1842. — Seu constante leitor, e assignante — *B. P. do C.*

AGUA DO MAR POTAVEL.

141 Um dos maiores inconvenientes a que se-acham sujeitos quasi todos os methodos até hoje inventados para evaporar e distillar a agua do mar consiste na enorme perda de calorico.

Um apparelho, de nova arte, acaba de ser apresentado á Academia das Sciencias de Paris, por meio do qual conseguiu seu author, *M. Brandents*, 40 a 50 litros d'agua distillada com 8 arrateis apenas de carvão; e parece que o resultado houvera sido muito maior se se-houvesse podido dispôr d'um local mais espaçoso. O mais notavel n'este novo engenho é que serve ao mesmo tempo para se coserem os alimentos. Uma commissão foi nomeada pela Academia para devidamente o examinar. *A. M. de C.*

METEOROLOGIA — VAPÔR — CAMINHOS DE FERRO.

142 Lemos na acta de uma das sessões da *Sociedade Geographica* de Paris, publicada no seu Bulletim, o seguinte:

O astronomo *Quetelet*, em *Francfort*, observa, e faz observar os instrumentos de meteorologia e os apparelhos magneticos seis vezes por dia, e algumas vezes d'hora em hora.

Nota-se hoje uma infinidade de mudanças artificiaes operadas no curso do Rheno, e que imperiosamente foram requeridas pela navegação dos cincoenta barcos de vapôr, que navegam regularmente por este rio, cujas margens attrahem tão consideravel numero de viajantes de todos os paizes.

Numerosos caminhos de ferro unem hoje em dia o Rheno a diversas Cidades importantes, taes como *Heidelberg*, *Biberich*, *Wisbaden*, *Francfort*, *Elberfeld*, e *Aix-la-Chapelle*, e tornam as communicações rapidas, seguras, faceis, e economicas.

Continúa a trabalhar-se activamente na *Hollanda* em seccar o mar de *Harlem*, e bastante adiantado vai já o canal que deve substituil'o.

Um caminho de ferro fez já desapparecer a distancia que havia entre *Harlem* e *Amsterdam*.

Tres caminhos de ferro mais se-encetaram na Belgica, e dentro em seis mezes ir-se-ha de *Colonia* a *Londres*, só com o auxilio do vapôr. *A. M. de C.*

MAPPAS GEOGRAPHICOS.

143 Communica-nos o nosso correspondente de Francfort que ali se apresentára á Sociedade Geographica o grande mappa de *relevo* do curso do Rheno, feito pelo Sr. *Ravenstein*, e sobre o qual publicou elle tres cadernos d'observações.

Entre as numerosas cartas geographicas que no archivo daquella Sociedade estão depositadas, acha-se uma com a applicação do processo de *Collas* á gravura dos mappas, recentemente posto em pratica na Inglaterra. O relevo do terreno é perfeitamente expresso, supprindo-se assim, até certo ponto, os mappas de *relevo*. Esta applicação exige um mappa d'estes, mas gosa da vantagem de reproduzir as copias economica e indefinidamente. *A. M. de C.*

UMA LEGUA N'UM QUARTO DE HORA.

144 O nosso correspondente em *Hamburgo* acaba de dar-nos noticia de um importante invento que muito facilitará, caso venha a adoptar-se, os meios de transporte.

Em *Neuenburgo*, sobre o *Danubio*, construiu o mechanico *Maidinger* uma sege, do tamanho dos carrinhos ordinarios, para um cavallo, a qual tem duas rodas trazeiras e uma dianteira. No interior da sege vai uma tal machina que, sem auxilio de vapôr ou de electro-magnetismo, tamanha fôrça desenvolve que n'um quarto de hora percorrem duas ou tres pessoas uma boa legua, tanto por caminhos planos como por ingremes. Dizem mais que uma criança basta para dirigir a machina.

Parece que as experiencias até hoje feitas tem produzido resultados taes, que o mesmo constructor está trabalhando n'outra grande machina, com a qual es-

pera alcançar o effeito de uma *locomotiva*, tanto em fôrça como em rapidez. *J. F. de C.*

ÁCERCA DO PORTUGUEZ, INVENTOR DO ENSINO AOS SURDOS-MUDOS.

145 No numero 9, (aliás 23) artigo 121, inserimos uma nota ao artigo 106, a respeito de um particular tratamento de surdez accidental. Ali tivémos occasião de falar do nosso famoso *Jacob Rodrigues Pereira*, e um esquecimento pelo qual se-deu só depois da impressão, isto é, a suppressão de duas linhas do manuscripto, fez-nos cahir n'um anachronismo, que cumpre rectificar.

Refere-se uma conversação que houvera tido lugar entre o Sr. *Antonio Joaquim Gomes d'Oliveira*, antigo Ministro de Portugal em França, hoje Official Maior da Secretaría de Estado dos Negocios Estrangeiros, e o *Abbade de L'Epée*, falecido em 1789, isto é, antes do nascimento do Sr. Oliveira.

Foi o *Abbade Sicard* quem relatou o que n'aquelle artigo exposémos ao Major *Manuel Izidro da Paz*, Governador que foi da Praça de Palmella, como tendo frequentemente ouvido ao Abbade de *L'Epée* tecer os maiores elogios ao nosso *Pereira*, e attribuir-lhe a invenção da arte que elle tanto aperfeiçoou.

Tratando d'esta rectificação, mencionaremos uma circumstancia curiosa. *Jacquelin e Noel*, no Manual Biografico, dado á luz em 1825, trazem o seguinte artigo:

« *Pareires*, fidalgo portuguez, teve occasião, du-« rante uma viagem que fez pela Italia, cerca do anno « 1375, de instruir-se na arte de dar a palavra aos « surdos-mudos, e depois a-fez conhecer na França; « bem se-vê portanto que esta arte não é nova, e que a « gloria da sua invenção pertence a *Pareires*. »

Registamos esta confissão, por corroborar a convicção de que é toda portugueza a gloria de tão celebre invento, segundo affirmam os proprios patricios d'aquelles a favor de quem no-la queriam usurpar. Todavia; quem é verdadeiramente o homem de que se falla n'esta biografia?

Será outro que *Jacob Pereira*? Não é provavel, — porque não apparecem vestigios de que tal arte fosse conhecida no Seculo XIV — porque seria mui singular que logo fossem 2 portuguezes, e de nomes parecidos, que com intervalo de 400 annos se occupassem do mesmo assumpto e em grão tão eminente — porque o *Abbade de L'Epée* acima mencionado houvera tido conhecimento d'esses antigos trabalhos, e attribuido a honra a quem melhor houvesse cabido.

Será *Jacob Pereira*? N'esse caso ha graves inexactidões em tão poucas linhas. — A data 1375 deverá talvez ser 1735 — Não consta que este nosso patricio houvesse viajado pela Italia, mas sim pela Espanha — Emvez de se instruir em suas viagens na admiravel arte, foi elle que a professou em varias cidades espanholas e francezas — Nada diremos do imprescriptivel direito francez de estropiar os nomes; quem transformou *Magalhães* em *Magellan* pode sem risco fazer *Pareires* de *Pereira*.

E já que dissecamos éstas linhas do *Manual Biographico*, outra reflexão faremos: — Se a gloria do *invento* pertence a *Pareires*, como é que elle tinha aprendido a arte na Italia? — Se elle aprendeu a arte na Italia, como lhe-confere o escriptor a gloria exclusiva do descobrimento? — *Et voilà comme on écrit l'histoire.*

Sim, foi portuguez o homem que primeiro, com traça maravilhosa, restituíu a intelligencia a irmãos para quem fôra madrasta a natureza. E com pregão de bronze apregoemos estas verdades de passadas glorias, já que até essas riquezas nossas tentam arrebatar-nos.

De um francez diz outro francez, (mas eminente e cujas asserções são echo de uma opinião mui geral,) *Aimé Martin*:

Son art enfanta des merveilles,
Du sourd il ouvrit les oreilles;
Le muet se fit admirer,
O méchant! cesse ton murmure,
Vois! tous les torts de la nature
Un homme a su les réparer.

Esse homem, quanto os indicios no-lo revelam, foi *Pereira*.

Ha porém n'este portentoso descobrimento uma grande singularidade. Foi *Massieu*, Decano dos surdos-mudos em França, o autor da definição celebre de gratidão, áqual chamou — *memoria do coração* —, e assumpto não existe em que mais desmemoriado, e por conseguinte mais ingrato, se tenha sido do que n'este. E com os proprios francezes o provaremos.

Pereira inventou a arte no começo do seculo passado, e adiantou-a consideravelmente como exposemos no artigo 121. Veio depois o *Abbade de L'Epeé*, virtuoso, opulento, que sem auxilios materiaes estranhos fez um estabelecimento exemplar: honra lhe seja, porém a *memoria do coração* houvera devido insinuar-lhe a necessidade de publicar com veneração o nome de quem lhe-abríra o caminho.

Sicard tendo aprendido em Paris com *de L'Epeé*, veio professar a arte n'uma escola fundada pelo Arcebispo de Bordeos, e succedeu depois a seu mestre, para com quem desde logo o seu *coração* se tornou *desmemoriado*. Aos olhos de *Sicard*, *de L'Epeé* era um empirico, os resultados do seu methodo insignificantes; só a elle reverte a gloria de um systema de ensino racional.

Para não citarmos nomes de vivos, diremos que os successores de *Sicard* applicaram ao delinquente a lei do talião, foi ingratidão que semeou, colheu ingratidão. Esses successores abandonaram totalmente o seu methodo.

D'entre os mestres actuaes são os mais notaveis *Massieu* em *Lille*; *Clerc*, na *America do Norte*; e *Paulmier* em *Paris*. Este ultimo, por exemplo, tão mavioso e tão brilhante; este a quem o reconhecimento pelo beneficio devêra ligar tanto mais quanto mais transcendente foi o resultado d'esse beneficio; esse em fim a quem não é dado ignorar a historia da sua arte, confessa « a obrigação sagrada e doce contrahi-« da para com *de L'Epeé* e *Sicard* » e no momento em que devia tratar de *Pereira*, recorda-se de que é francez, fala com a cabeça sómente, e o *coração* só lhe serve para ir apagar-lhe a *memoria*. *J. F. de C.*

VARIEDADES.

AS COMMEMORAÇÕES.

146 É o principal instituto da Revista — noticiar — mas as cousas do passado já esquecidas, ou por qual-

quer maneira transcuradas, são quasi tão novidades, quando perante o publico se reproduzem, como os acontecimentos que de hora a hora está brotando a nossa idade. Eis-aqui o porque em cada uma d'estas nossas folhas, se-encontrarão emparceiradas com os successos presentes de todo genero, que são as sementes da civilisação porvir, as recordações muitas vezes saudosas e sempre instructivas das idades que a esta nossa precederam, e, tal qual é, inquestionavelmente a prepararam. Sim, nós pediremos á Historia da nossa terra todos os thesouros de Memorias relativas a cada um dos dias do glorioso anno Portuguez: não as tocaremos todas nem a maior parte; fôra processo infinito. As que mais uteis nos-parecerem, essas escolheremos, e d'ellas faremos em cada uma quinta feira, um succinto quadro para os seis dias seguintes, onde em pôr os olhos, quem n'alma se sentir Portuguez, cobre alentos, para não esmorecer, e onde os pais possam ir creando em seus filhos por via de grandes exemplos uma raça regenerada, e mais conforme a nossos Avós, do que a nós-outros. Será este *um banquete* commum como o dos Lacedemonios, onde as narrações dos velhos silenciosamente escutadas pelos mancebos, se tornavam incentivo e penhor das virtudes do povo, do lustre e permanencia do estado.

A Semana.

É a Semana que se nos hoje abre, aquella que a Igreja Universal, condecorou com o titulo de *maior* e de *Santa* — força é logo que dêmos de mão a toda outra historia que não seja a mais Santa e a maior.

Cerraremos n'esta hora todos os livros de profanidades embora nobres, embora moralissimas, e abrirêmos a Biblia, — a Biblia, o primeiro Livro do mundo assim na antiguidade dos tempos, como na altesa insondavel das materias, — a Biblia, não obra de um homem consumado, mas de muitos homens inspirados, ou antes, não obra de homens, senão Escriptura de Deos, historia completa de todo o passado e de todo o futuro, arca de Fé, que tem sobrenadado a todos os diluvios de pseudo-philosophias, — estandarte, a cuja sombra caminham os povos para a civilisação, e ante o qual se não envergonham de curvar joelho os maiores Sabios, Agostinho, La Bruyére, Bossuetto, Rousseau, (*) Newton, Chateaubriand (**). Abrâmo-la pois, que já não póde haver pejo com tão boa companhia. Não na abriremos para a commentar, que não ha metter o Oceano em pequena concha. Não na abriremos se-quer para a lêr, que até das doçuras do maná, quando no seu deserto lhe chove, se-escandalisa, e murmura o povo; mas só para notar por alto as origens millenarias e sublimes das solemnidades que por estes dias se-representam por entre o silencio e assombro dos espectaculos profanos, no indestructivel theatro da salvação — na Igreja.

Por largos dias de abstinencia e oração, em memoria do jejum com que o Filho do Homem se apparelhou no êrmo para entrar em batalha com as tentações da vangloria, da ambição, e da avareza, a christandade se preparou para a semana dos terriveis misterios. Um triumpho illusorio, como todos os do mundo, lhe serve de introito. O que tem de expirar n'um madeiro entre facinorosos e blasphemos, entre os espantos do Céu, da Terra, e do Inferno, é recebido em Jerusalem por cima de um tapête de pacifica oliveira, á sombra de victoriosas palmas, cercado de saudações de *Hosanna, Hosanna ao filho de David*. Eis-ahi o dia de poetico e formoso nome, o Domingo de Ramos. E bem que já então Matheus, o summo dos historiadores evangelicos, no seu estilo tão rico de singeleza, nos annuncie todas as scenas do Pretorio, da Rua da Amargura, e do Calvario, bem que o drama eterno da Paixão nos-passe por diante dos olhos, representado em maravilhoso canto pelas fallas alternas dos interlocutores levitas, a impressão todavia que mais funda se gravou nos animos carnaes e grosseiros de nós outros, a plebe dos fieis, foi aquella do triumpho; e com effeito o nome de Ramos em estação que já começa de ser primavera, — esse nome e o aspecto das palmas que nos-recordam a festa das cabanas desde a passagem do deserto, e de pais a filhos até hoje celebrada pelos Hebreus, — essas palmas e o incenso em que se-perfumam como descendentes misticas e voluptuarias que ainda são lá dessas tão patriarchaes e preciosas terras do oriente — estas palmas tão scismadoras de bellas e grandiosas coisas, vindo em nossas mãos, para debaixo dos nossos tectos, expirando de si muita bençam, até possantes no conceito do vulgo supersticioso para exconjurar as tempestades e os raios, — ¿não ha em tudo isto mais do que basta para senhorear a quaesquer animos, quanto mais áquelles que por sua natureza generosa tendem sempre como ramos superiores em demanda do céu e do sol?

Mas eis que todo o horisonte espiritual se-escurece: são os tres dias das Trevas. Jesus, e os seus tormentos, a Igreja e as suas perseguições, a alma e as suas penas, são, em resumo, a poesia altissima e incomparavel destes tres dias. Para todos se abre, e a todos convida neste praso o Templo, salvo aos que, sobre completamente impios, forem completamente nescios, porque, se não tendes fé, mas possuis todavia um entendimento, sob as abobadas sagradas, no revesar dos canticos, supporeis assistir á mais profunda academia que nunca se congregou. Ahi ouvireis fallar por suas proprias palavras os Doutores profundissimos, os chronistás de Deus, os Homéros, os Pindaros, e os Alcêos das antigas eras; os prophetas de candalosa eloquencia; e o Horacio da piedade e da virtude, o coroado com tres diademas, de propheta, de cantor, e de monarcha, David. A cada um delles só ouvireis as maravilhas do passado ou do futuro, as doutrinas da paz e do perdão, os dictames do amor, não daquelle amor cego e inconstante festejado por Anacreonte e Sapho, que entre murtas nasceu em Chipre, e com o primeiro beijo se-fenece, mas de outro amor de mais excelsa origem, Seraphim ardentissimo, que prende o homem

(*) Confesso-vos, que a magestade das Escripturas me espanta: a santidade do Evangelho falla-me ao coração. Vede os Livros dos Philosophos com toda sua pompa; — que pequenos que são á vista d'este! — *Rousseau no Emilio.*

(**) Acham-se na Sagrada Escriptura: a origem do mundo, e o annuncio do seu fim: — a base das sciencias humanas: — as doutrinas politicas, desde o regimen do pai de familias, até o governo absoluto; da idade pastoril, até o seculo da corrupção: — os preceitos de moral, applicaveis á prosperidade e á adversidade; assim ás mais altas como ás mais baixas classes da sociedade: — e por ultimo, toda sorte de estylos, que formando um só corpo, de cem pedaços diversos, não têem comtudo similhança com estylo algum dos homens.

Chateaubriand no Gen. du Christ.

beis medicos da Capital, o Sr. Gomes, acudiu como amigo e parente, com os soccorros da sciencia; mas cancro que mina as entranhas da alma, não valem remedios terrestres a estirpal-o; e para quem assentou em morrer, os proprios balsamos se-lhe-podem transformar em venenos. Receitára o medico o uso de uma poção, em que se-haviam de lançar a grande tento algumas gotas, poucas e contadas, de um liquido heroico; Maria acceita, e agradece o remedio preparado pelas mãos de suas irmãs, toma-o, o lhes restitue o copo surrindo; entretanto nota onde fica a redoma do veneno, destinado a salval-a; aproveita a primeira aberta, cega as vigias, corre á redoma, esgota-a de um trago. Dá-se no furto; espalha-se o terror; chama-se, e acode novamente o medico; receita, e ministra por sua mão o antidoto; o veneno havia já produzido muita parte do seu effeito; pozeram-se embargos á morte, mas a doença, que a final lá havia de ir ter, aggravou-se a olhos vista. Consternavam-se os circumstantes com a rapidez dos progressos: consternava-se a victima voluntaria com o vagaroso delles; e por mais de uma vez deixou vislumbrar em palavras alguns longes de uma d'aquellas tenções funestas, que alguem n'um relance de delirio realisa, mas que antes d'isso ninguem ousa confessar — De que posso eu já servir neste mundo, dizia ella, senão fôr para accrescentar penas, e trabalhos a todos os que mais amo? — Então se punha, mui socegadamente, a explicar e repetir a seu Pai e suas irmãs a repartição, que haviam de fazer, de suas roupas e alfaias depois de sua morte: essas disposições, ouvidas entre amorosas reprehensões e lagrimas, eram outras tantas provas de sua bondade: ninguem lhe-esquecia de quem houvesse recebido serviço, ou signal de affecto; a sua ama, como aquella que ainda de algum modo lhe representava sua Mãe, era a preferida para os effeitos da sua liberalidade.

Assim corriam desconsoladamente as cousas em casa do Sr. Valle, á esquina do largo do Carmo para a rua da Oliveira: a enferma era vigiada de dia e de noite; e postoque entre o desarranjo de suas idéas, já se não manifestasse o pensamento do suicidio, nem por isso a declinação de sua saude inspirava cuidados menos serios. A 18 do corrente Março, que foi o terceiro dia das festas publicas pelo nascimento do novo infante, á hora do recolher, quando a sua casa e toda a praça ainda resplandecia com as luminarias, e a musica e povo animavam as ruas, queixa-se de uma pontada; requer para ella um remedio simples, que immediatamente lhe-applicam: mette-se na cama; e pouco depois, entrando suas irmãs a vêl-a, encontram-na profundamente adormecida, ou, o que é mais provavel, simulando aquelle somno afim de as quietar; voltam ainda repetidas vezes até perto das tres horas da noite; o somno continua, tão bom e sereno, que cedendo ao cançasso de corpo e espirito em fim se-recolhem ao seu aposento contiguo com o da enferma; deitam-se e adormecem, se por ventura se-pode chamar somno a um estado, em que a alma fica toda no ouvido, como uma sentinella em tempo de guerra, para dar rebate de qualquer novidade; o silencio mais profundo reinava em toda a casa.

Pelas 4 horas da madrugada uma patrulha, que por ahi passava, sente uns gemidos frouxos e curtos, — approxima-se — encontra, estendida na calçada uma mulher banhada no seu sangue, sem sentidos, moribunda. Das janellas do edificio, a cujo rez ella jaz, uma unica se-devisa aberta; é na varanda do terceiro andar, e é precisamente por debaixo desta varanda, que se acha a victima: corre-se ao visinho quartel da guarda municipal; dá-se parte ao Capitão Barrote, (é o mesmo official, a cujo zêlo se devem o descobrimento da miseravel tragedia da *rua do Arco do Marquez*, e a prisão do seu monstruoso auctor, *Mattos Lobo*). O Sr. Barrote vôa ao logar; faz abrir a porta, e conduzir a infeliz pelas escadas acima com o maior cuidado: logo nos primeiros degráus cessaram os gemidos: Maria tinha acabado de padecer! Sua bella alma, esperamol'o em Deus, já estava abraçada com a de sua mãe. Batem á porta do terceiro andar, perguntam — se não falta ahi na casa algum de seus moradores. — A familia acorda em sobresalto; e antes que possa responder á pergunta ou comprehendel-a, dá com os olhos em tão inesperado, em tão incrivel espectaculo: o que não cabe em descripção, não o descreveremos; corramos um véu sobre os tratos e martirios de tantos corações, de repente, e para sempre, orphãos; e prosigamos singelamente o restante da historia da pobre louca, tão moça, tão formosa, tão amavel, e boa em tanto extremo, que não foi precisa a morte para a-canonisar: não, os bens, que hoje a seu respeito se pregôam, são a continuação do que sempre a seu respeito se dissera.

Assim que logrou enganar e adormecer as suas queridas guardas, deveu de se-levantar com toda a subtileza de quem teme ser presentido, e ver escapar d'entre as mãos uma ventura longa, e anciosamente suspirada: envergou, por cima de uma camiza affogada, um roupão de noite; calçou meias, que atou com ligas de fita mui bem laçadas; vestiu calças, que apertou com o maior cuidado; metteu nos pés uns çapatos e concluiu os seus aprestos de toucador para a tremenda festa da morte, cobrindo os seus bellos cabellos com uma touca.

Encaminhou-se, necessariamente nas pontas dos pés, e evitando o som até da propria respiração, (sem o que, forçosamente, houvéra sido sentida) contra uma janella, que dava para a varanda; com igual cuidado a-abriu, e seguindo a mesma varanda até ao fim, d'onde para a queda se offerecia maior a profundidade, — precipitou-se. —

A autopsia, que no cadaver fizéram facultativos dos mais acreditados, não patenteou, que a doença houvesse feito algum estrago nas partes essenciaes para a vida: o sello physico da virtude feminil existia em toda a sua puresa: tudo nella era, como o seu coração, como os seus pensamentos, como toda a sua vida, virgem e irreprehensivel. Foi conduzida com os emblemas de corôa e palma, que tão devidos lhe eram, para a companhia de sua pobre mãe no Cemiterio de *N. S. dos Prazeres*. As janellas da sua afflicta pousada ainda se não tornaram a abrir; as lanternas, que celebravam a alegria de um nascimento de principe, em quanto por detraz dellas se-preparava silenciosamente uma horrenda desgraça, ainda lá pendem no dia de hoje 21; por diante d'ellas talvez agonisantes passou a moribunda.

A Igreja entoou sobre ella as preces dos finados, que a sua alma provavelmente escutou lá de cima

d'entre os córos das virgens e dos martires; porque a sua existencia fóra um modelo de christans, e o crime, com que a rematou, o só crime, que em toda ella commetteu, effeito de um delirio, e obra de um amor filial incomparavel. Tremendas são as justiças de Deus, mas as suas misericordias são igualmente sem limites; e o Redemptor da terra, que fez dos affectos para com pai e mãe um dos preceitos da sua Lei, e que até á Magdalena peccadora disse — perdoar-se-te-ha muito, porque muito amaste; — o Redemptor quiz nascer elle mesmo da mulher, quiz tambem ser filho, e experimentar em si e provar a todo o mundo o que são, e o que valem tães affectos. Alguem lhe-porá um tumulo e um cipreste; nós tributemos veneração ás suas virtudes, saudades ás suas prendas, lagrimas ao seu fim, suffragios pelo repouso de sua alma. *A. F. de C.*

ORIGINAL TENTATIVA DE SUICIDIO.

154 Um sugeito, de notavel probidade, e apesar dos seus poucos haveres geralmente estimado pelos que o conheciam, enlouquece de pena pela morte de um parente: a sua loucura não é furiosa, e quasi que toda se-reduz a uma melancholia inconsolavel; não dá a mais leve mostra de querer attentar contra a existencia de quemquer que seja, nem contra a propria: a sua familia o lamenta, mas deixa-lhe o uso pleno de sua liberdade. No dia 18 sae de sua casa em um dos arrabaldes da cidade, chega ao caes do Tojo, e dispõe-se a subir a escada do patibulo; da proxima estação municipal acodem a detel-o: — aquella escada é uma escada *privilegiada*: — perguntam-lhe — que pretende dalli? responde — *que unicamente gozar daquella altura a vista do mar;* insistem para que desça; mas o cidadão, a quem nenhuma lei prohibe contemplar o mar do alto da fórca, teima, sobe, ; e quem n'o creria? procura desembaraçadamente ser ao mesmo tempo *padecente e seu algoz*: vêem a sustel-o; quer precipitar-se; seguram-n'o: e por uma ordem inversa da da justiça o conduzem da fórca ao magistrado. O vivo contra sua vontade, depois de reconhecida a sua residencia, é remettido ao administrador do seu Julgado; ahi para se-provar a sua loucura, e obter-se que o-restituam á sua familia, fóra de cuja casa passara toda a noite e o resto do precedente dia, foi mister uma certidão de um dos medicos mais respeitaveis desta cidade, de quem era conhecido: este infeliz entrou no dia seguinte para um dos quartos do Hospital de S. José, onde recebe todos os possiveis soccorros da familia, graças aos quaes e á delicadeza e acerto com que é tratado, vai a melhor, e dá esperanças de proximo restabelecimento. *T.*

UMA AFFOGADA.

155 Uma velha de humilde trato e extrema penuria, porque toda a sua agencia se-reduzia a vender por essas ruas *fava torradinha*, lançou-se no dia 19 ás 7 horas e 3 quartos, do caes da Moita, ao nascente do Terreiro do Paço, ao fundo do Tejo, donde foi tirada já defuncta. Ignoramos o que determinasse esta desgraçada a tão criminoso delirio; mas a miseria, a velhice, e o desamparo são conselheiros pessimos, ainda de per si, quanto mais reunidos. *T.*

EPIDEMIA NO BARREIRO.

156 Ha 2 mezes que reina naquella povoação uma epidemia, a que tem succumbido varios habitantes, e ultimamente o Administrador do Concelho. O seu verdadeiro caracter não está ainda bem determinado, porém até agora não se-tem propagado para fóra do logar, o que faz suppor a alguns ser antes uma molestia endemica, resultante de falta de aceio, má qualidade de alimentos ou algum vicio ephemero e local do ar. *Z.*

HORROROSA INUNDAÇÃO.

157 Merecendo-Me a maior solicitude o desastroso accidente occorrido ha pouco em o Districto Administrativo de Vianna, no logar de S. João, Freguezia de Faiães, Concelho de Melgaço, onde, por effeito de uma impetuosa torrente de chuva que por longo espaço de tempo caira sobre o monte denominado Anteira, sobranceiro ao logar de Porto Carreiro, abrindo parte do mesmo monte, vieram a deslocar-se delle enormissimos penhascos que, despedidos violentamente sobre o dito logar de S. João, o-deixaram quasi de todo arrasado, ficando demolidas quinze casas, seis pequenas pontes, e cinco moinhos, e sepultadas sob as ruinas 15 pessoas, além da perda de mais de duzentas cabeças de gado: Hei por bem, Attendendo ao excellente serviço que têem prestado as Commissões incumbidas por Decretos de 5 de Julho do anno proximo passado nas capitaes dos Districtos Administrativos do Reino, e das Ilhas adjacentes, de promoverem subscripções por donativos voluntarios a favor dos infelizes habitantes da Villa da Praia da Victoria, e mais povoações da Ilha Terceira, que foram victimas do terremoto alli occorrido no dia 15 de Junho do dito anno, encarregar as mesmas Commissões de promoverem similhantemente nos seus respectivos Districtos, pelos meios que nelles têem estabelecido, a subscripção de novos soccorros por donativos a beneficio das familias indigentes, e que mais soffreram com a mencionada catastrofe succedida no referido logar de S. João; devendo as sobreditas Commissões arrecadar o producto dos donativos que obtiverem, pelo mesmo modo e com as mesmas formalidades já adoptadas em outras occasiões, e dar-Me conta do resultado, pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, a fim de Ordenar o que tiver por conveniente. O Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios do Reino o tenha assim entendido, e faça executar. Paço das Necessidades, em cinco de Março de mil oitocentos quarenta e dous. — RAINHA. — *Antonio Bernardo da Costa Cabral.*

NOTAS FALSAS.

158 A Direcção do Banco de Lisboa, desejando prevenir que o Publico não seja illudido com a recepção de alguma Ordem de Cobre falsa, do valor de 4$800 réis, tem resolvido retirar da circulação todas as Ordens de Cobre de 4$800 réis, das duas chapas mencionadas no *Diario do Governo N.° 56*, e em outros periodicos, *e conservar unicamente em circulação as Ordens de Cobre de 4$800 réis da chapa que tem uma cercadura em roda da mesma Ordem, e no alto uma vinheta com dous meninos*: por tanto roga a todos os Senhores, que possuirem Ordens de Cobre de 4$800 réis, que não tiverem a dita cercadura e vinheta, quei-

-ram manda-las entregar no Banco para receberem em effectivo o valor das que forem verdadeiras, ou serem trocadas por aquellas que por ora ficam em circulação. — Lisboa 11 de Março de 1842. — *José Silvestre d'Andrade*, Secretario.

TENTATIVA DE ARROMBAMENTO.

159 No dia 13 de Março, Domingo de Lazaro, receberam todos os presos da Relação pela Misericordia desta Cidade 240 réis cada um; e Carcereiro combinou com o Commandante da Guarda para não deixar entrar pelas grades vinho (o que exactamente se-executou), mas sim pela porta principal, para o referido Carcereiro entrar no conhecimento da quantidade. Durante o dia por differentes vezes entrou algum, e ultimamente, proximo á noite pertendeu-se a entrada de cousa de meio almude; o Commandante da Guarda recusou, não deixando entrar mais nenhum.

Finalmente das 8 para as 9 da noite, pela parte dada por uma Sentinella, houve desconfiança na prisão de Matosinhos de um arrombamento na janella e grades que ficam logo por cima da porta das latrinas na Travessa de S. Bento, entre os dois pateos. Chamou-se o Carcereiro, e esta desconfiança verificou-se, tanto pelo Commandante da Guarda, como pelo referido Carcereiro, por se-ouvir estar dentro serrando com velocidade; um Soldado subiu acima e disse vêr a janella aberta, o Carcereiro mandou pôr uma escada por onde subio, e disse ser verdade, pois que víra os presos fumar, para com o clarão descobrirem se estava alguem da parte de fóra (que julgo o realisaram): em summa o mesmo disse, esperava isto, mas não naquella noite: neste momento ouviu-se dentro pelo espaço de tres quartos de hora na referida prisão (que tem 87 presos façanhudos) um grande motim provocado em desordem, com estrondo de pancadas, jogando-se com fogareiros, garrafas, louças, &c., e logo em seguida tambem pancadas e motim na prisão do Salão; o Commandante da Guarda desconfiando ser este motim geral em todas as prisões e para chamarem a Guarda á attenção de uma e realisar-se em outra o arrombamento, prevenindo-se, mandou carregar armas, e depois de soccegar mais o grande motim, percebeu-se continuarem a serrar por algum tempo no mesmo local, aonde o Carcereiro e o Commandante da Guarda, com parte da mesma, se-conservaram até á meia noite (consta que um Guarda da Relação com dois presos indo a revistar por dentro a dita prisão, na occasião de se abrir o alçapão aquelle com susto caíra desmaiado).

Finalmente pela manhã do dia seguinte o Carcereiro disse que a serração era em cabos para abanos (porém custa accreditar por ser áquella hora e no local da latrina), e vendo-se o loquete daquella mesma grade quebrado, e pousado em cima da pedra, o mencionado Carcereiro diz ser antigo e por desleixo alli se conservar.

O Commandante da Guarda declara que viu titubiar os dois presos que foram á revista; que o Official Subalterno da ronda de visita tambem presenciou parte dos acontecimentos, pois que se demorára alli nesta occasião mais de uma hora; que o Carcereiro é activo, mas que consta que o não deixam exercer as suas funcções com aquella actividade que o-caracterisa, para poder castigar, e mudar os presos de prisões, resultado destes não terem medo nem respeito.

(*Periodico dos Pobres no Porto.*)

FEIRA DE S. LAZARO. — *Porto 13 de Março.*

160 Hontem teve logar a feira annual que se costuma fazer no sitio de S. Lazaro. O dia esteve lindo, e por isso a concorrencia tanto de pessoas da Cidade como de fóra, foi extraordinaria: o passeio esteve incommodamente cheio de gente; sendo muitos os ranchos de Senhoras que alli appareceram. Igual concorrencia se tinha notado na vespera. Apezar de reunião tão numerosa, houve perfeito socêgo. (*Dito.*)

O SANGUE MYSTERIOSO.

161 No dia vinte e dois de fevereiro preterito indo de manhã os pedreiros para trabalharem nas obras da igreja da Santissima Trindade, um que chegou primeiro, seriam seis horas da manhã, viu um capote de panno azul fino, com a golla ou cabeção de pêllos, no chão, perto da grade de ferro da porta da igreja, e pouco distante um chapéo fino, reparando que ao pé estava algum sangue, que igualmente se devisava na dita grade de ferro; pegou no capote, no qual tambem lhe conheceu bastante sangue na golla e bandas, arrecadando-o com o chapéo: foram chegando seus companheiros, e igualmente viram estes objectos e sangue; e tiveram o capote e chapeo todo o dia pendurados á vista a ver se alguem se hia queixar, porem ninguem appareceu, e chegando a noite, o primeiro que tinha encontrado os objectos os levou para sua casa mas contra a vontade dos companheiros, que queriam que fossem de todos, e por isso o denunciaram no juizo do crime; sendo obrigado a apresentar o capote e chapeo em juizo, assim o fez, e então se viu que o capote effectivamente tem bastante sangue, e que é de pessoa de baixa estatura; e no chapeo além do distico do fabricante, em um bilhete impresso, Joaquim José Pereira Braga, rua de Santo Antonio n.° 163 a 165; tem no mesmo manuscripto o seguinte — pertence ao sr. Oliveira. — Tem-se procurado saber a quem isto pertença e quem seja a pessoa aggredida, mas por mais deligencias que se tem feito, não se sabe nada. Tambem se diz que na manhã um rapaz achara perto daquelle sitio seis crusados novos em prata: mas este rapaz não se sabe quem fosse. Suspeita-se ser negocio de namoro. (*Dito.*)

NOTICIAS DA MADEIRA.

162 Recebemos o *Defensor* até 5 do corrente. — Nada ha de interessante. — A Municipalidade adoptou um novo systema de escripturação da contabilidade. — G. Stoddart offereceu o plano de um molhe fluctuante, inventado pelo capitão Taylor — e na Sessão de 2 de Março votou a Camara a seguinte deliberação: = Sendo de absoluta necessidade, na presente conjunctura, requerer ao Governo de S. M. quaesquer medidas de salvação, que tirem o Commercio d'esta Ilha do estado de decadencia e ruina em que se acha; sendo outrosim da maior conveniencia, que a Representação que a tal respeito haja de fazer-se, seja a expressão dos votos e a conciliação geral dos interesses de todas as classes dos Cidadãos, assim d'este, como dos outros Municipios; e sendo certo finalmente que o principal dos deveres

das Camaras é promover os interesses de seus respectivos Conselhos, requerendo a bem d'elles tudo quanto ultrapasse a esphera das suas attribuições: apoz madura consideração de todos estes motivos, acordou a Camara no seguinte:

Art. 1.° A Camara com o Conselho de Municipio reunirá uma Assembléa de Inquerito, na qual se liquidará, mediante a discussão, quaes as medidas que mais convenha requererem-se ao Governo de S. M. para o fim supramencionado.

§ 1.° Esta Assembléa compôr-se-ha de 6 proprietarios, 6 negociantes de grosso trato, 6 ditos de trato miudo, 6 lavradores, 6 homens de letras e 6 officiaes mecanicos.

§ 2.° N'uma acta lavrada pelo Escrivão da Camara, consignar-se-hão em summa todas as Resoluções que a tal respeito se adoptarem.

Art. 2.° Com copia da acta d'esta sessão esta Camara officiará a todas as outras da ilha pedindo-lhes

1.° Que n'este sentido façam dirigir representações ao Governo de S. Magestade, requerendo-lhe a immediata adopção das medidas propostas.

2.° Que em ajuntamentos populares, que em dia fixo hão de reunir nas Cabeças de seus Conselhos, façam lêr e assignar do maior numero de Cidadãos as respectivas representações.

3.° Que ahi mesmo nomeiem dous deputados, aos quaes commettam os encargos de virem em certo dia apresentar á esta Camara os authographos das referidas representações.

Art. 3.° Quinze dias depois d'aquelles ajuntamentos fará esta Camara o seu no logar em que mais convenha, e ahi: 1.° Depois de lida será assignada por todos os Cidadãos presentes a representação que se houver redigido em harmonia com as resoluções da 1.ª Assembléa.

2.° Receber-se-hão as representações que forem apresentadas pelos Deputados das outras Camaras, os quaes assignarão acta de tudo o que ahi se passar.

3.° Nomear-se-ha um Procurador que á custa das rendas do Concelho vá a Lisboa apresentar ao Governo de S. Magestade representações de todas as Camaras da ilha.

Está conforme. — *Antonio Pio Fernandes*, Escrivão da Camara. Z.

SENTENÇAS MILITARES.

163 Pelo supremo conselho de justiça militar em sessão de 12 de Março foram julgados 4 processos, da maneira seguinte: um de 3 officiaes estrangeiros da 3.ª secção, accusados de duplicação de recibos pertencentes ao mez de Agosto; o conselho de guerra os absolveu por se não provar dolo; o supremo conselho absolveu um, e condemnou os dois em 3 mezes de rigorosa prisão; outro processo d'um dos mesmos 3 officiaes estrangeiros, accusado de tirar lucro do seu emprego; o conselho de guerra o condemnou a ser expulso do serviço; o supremo conselho confirmou a sentença: outro processo d'um soldado invalido de Runa, cego, accusado de — estando preso fugir do calabouço, lançando o fogo á enxerga, dando logo parte do que tinha praticado — o conselho de guerra o condemnou em 6 mezes de prisão, levando-se-lhe em conta o que já soffreu, attentas as suas circumstancias; o supremo conselho o condemnou em 4 mezes de prisão no castello de S. Jorge: e o 4.° processo era d'um soldado de cavallaria n.° 6, accusado de ferimentos graves de que resultou a morte; o conselho de guerra o condemnou a morrer; o supremo conselho confirmou a sentença mandando que depois de exautorado das honras e insignias militares, seja levado ao sitio do delicto, e ahi soffra a referida pena em força. *(Revol. de Setembro.)*

BIBLIOGRAPHIA PORTUGUEZA.

164 Obras de *José Liberato Freire de Carvalho.* O editor d'ellas vai publicar brevemente, com o consentimento de seu Author, o 2.° volume das Memorias com o titulo de *Annaes da Usurpação do Infante D. Miguel.* — Comprehende os annos 1829 e 30, e deverá conter perto de 200 pag. Assigna-se para elle com a quantia de 360 reis, pagos no acto da recepção, em Lisboa na loja da Sr.ª Viuva Henriques, rua Augusta, n.° 1; em Coimbra na loja do Sr. Orcel; no Porto na loja do Sr. Guimarães, rua dos Caldeireiros, n.° 6; e em Villa-Real em casa do Sr. José Gomes Carneiro Junior. A venda avulsa será mais cara. Os Srs. que subscreverem para este volume, e ainda não tiverem o *Ensaio Politico*, que é considerado como um Prologo a estes *Annaes*, nem o 1.° vol., e desejarem possuir toda a obra, terão a bondade de odeclarar, afim de lhes serem cedidos pelo preço por que se publicaram por assignatura — o *Ensaio* por 400 reis, e o 1.° vol. por 240 reis. Os poucos exemplares que restam, tanto do *Ensaio* como do 1.° vol. dos *Annaes*, provam de sobejo o bom acolhimento que esta Publicação tem obtido do illustrado Publico.

Em Coimbra na loja de Livros de A. Lourenço Coelho, defronte da Igreja de S. Christovão, se pagam tambem as assignaturas d'este Jornal; e se entregam (e vendem a 600 reis) as assignaturas do 1.° vol. das Metamorphoses de Ovidio trad. do Sr. A. F. de Castilho a 480 reis, e outras obras do mesmo Author, entre ellas os Quadros Historicos de Portugal, numeros em grande folio com Estampas, e por assignaturas a 480 rs. Na mesma loja se vendem; além de Livros em todas as Sciencias e em diversas linguas = Elementos da Historia Natural dos Animaes, com um Vocabulario Franco-Lusitano 1 vol. de 4.° 1840, a 480 reis, broxado, e do mesmo Author = Revista Historica de Portugal, desde a morte de D. João 6.° até o fallecimento do Imperador D. Pedro, 1840, 8.° de 385 pag. a 600 rs. brox.

Diccionario de Therapeutica: ou Promptuario dos meios empregados, no tratamento de todas as doenças, pelos praticos mais conspicuos da França, Allemanha, Inglaterra, e Italia; por *Lod. A. Szerlecki*, Medico-Cirurgião, Polaco. Traduzido e accrescentado por *João Ferreira da Silva Oliveira*, Cirurgião formado pela Escola Medico-Cirurgica do Porto. Esta obra constará de dez quadernos de 5 folhas em quarto de 2 columnas; vindo a ser, no formato, igual ao Diccionario de Nysten. Começará a publicar-se no principio do anno proximo. Os Srs. Subscriptores darão 160 reis ao receber cada um dos quadernos. Em Lisboa assigna-se em casa de Henriques, na rua Augusta.

As Taboas de Botanica, Medica, e Cirurgica, nas quaes se descrevem as plantas tanto Indigenas como Exoticas, as mais usadas na Medecina e Cirurgia, arranjadas segundo o Systema Sexual de *Linneo*, e o Methodo Natural de *Jussieu*, extrahidas das melhores obras de Botanica e materia medica, e compostas para uso dos Estudantes de Medecina, e Cirurgia, bem como dos Boticarios. Serão distribuidos os dous tomos de que se compõe em 24 folhetos, cada um de 4 folhas de impressão, e ao preço de 120 reis cada folheto pagos no acto da entrega: o 1.° numero será publicado no proximo mez de Janeiro, e todos os mais successivamente até o fim do mesmo anno.

N. B. As assignaturas deverão ser feitas ou remettidas á rua das Farinhas n.° 4, a S. Christovão, Lisboa.

O Intrigante de Veneza — Drama em 5 actos e 8 quadros por *José Maria da Silva Leal.*

Na Imprensa Nacional.

com a humanidade, a humanidade com a paciencia, e a paciencia com o céu; eis-ahi formosuras, grandezas, e excellencias para ser procuradas e saboreadas até de incredulos; ¡mas para o homem de fé e de esperança, que de ternuras intimas o não aguardam dos religiosos umbraes a dentro! Não vai ahi cerimonia, que ou não recorde, ou não pregue coisas maximas: não ha simpathia, quer em nossa natureza terrestre, quer em nossa natureza immortal, que ahi não seja efficazmente provocada: todos os simbolos são esplendidos mas transparentes; por de traz de todos elles se-divisa junto á dôr, nossa partilha hereditaria, o balsamo, que a-suavisa; e por cima do sepulchro, para onde todos concorremos, a immortalidade. Andados estes tres dias das Trevas, mas em que tantas luzes sobrenaturaes por olhos e ouvidos nos vem disparadas até ás entranhas da alma — accezo no sabado o lume novo e simbolico — recobertos de gala os altares — despidas de seus véus funerarios as imagens radiosas dos celestes convivas — recebido de toda a parte no templo o rir do dia ao som das alleluias — alvorece emfim a Paschoa. Ahi com o seu Criador todas as criaturas parecem resurgir; é um donoso dia aquelle, em que toda a christandade, desde as salas do Vaticano até á mais derrotada residencia de cura em aldêa de serra; desde os paços dos reis até á choupaninha da mais desamparada ovelheira tudo vai arrebatado na mesma onda de alvoróço: não ha mesquinho fogão ou baixella de barro em cosinha terrea que de loiro se não coróe; não ha pobre que não alardêe suas galas; não ha caza que ás portas abertas se não banquetêe: os emboras, as boas festas, os folares, e o mutuo ir e vir de graciosos, e já esperados presentes são um vinculo de geral fraternidade, um caminho facil ao esquecimento ou perdão de injurias, um desabrochar dos corações para a festa commum do amor; sim, o Mandato novo, o Mandato verdadeiramente divino dado pelo Mestre a seus Discipulos na Cêa de Quinta feira, na Paschoa se-realisa.

Assim entendeu a sabedoria da igreja dever coroar por um modo digno della a grande semana das suas angustias. Por um vão triumpho a-começára, para nos lembrar como após as alegrias vem sempre na vida as lamentações, as lagrimas, a morte, e a soledade; mas para de tudo isto nos-consolar e mostrar-nos como por tudo isso vai caminho bom e seguro para as felicidades que não fenecerão, em quanto Deus for Deus, nos-poz como emblema sensivel e presente a festa da Ressurreição, a festa do amor, a Paschoa, a mais poetica e florida coisa, que nunca veio a este Mundo.

A. F. de C.

O SANTO MILAGRE DE SANTAREM.

147 Era esta a reliquia mais venerada e mais popular de todo o Portugal. Ainda vive muita gente que presenciou a ultima procissão do Santo Milagre, cuja solemne pompa religiosa excedia a do proprio Corpus Christi. Não se apagou nos povos de Santarem a antiga devoção; mas tem-se confundido, n'esta confusão geral das nossas cousas, a memoria das notaveis circumstancias e da epoca tão remota *mas tão conhecida*, em que succedeu e começou a ser venerado o Santo Milagre. O Padre Ignacio da Piedade, que é o mais authorisado historiador de Santarem, assigna a data daquelle prodigio no anno de 1247 — Mariz e Cardozo em 1266. Mas todos a collocam no meado do seculo 13.°

A apparição do *Alfageme de Santarem* renovou as memorias daquella villa tão importante nos nossos fastos, e a cujos monumentos e tradições se referem tantas das nossas crenças e saudades nacionaes.

O *Alfageme* é uma historia do tempo da acclamação de D. João 1.°, isto é de 1385; por tanto posterior á data de Mariz e Cardozo, 119 annos, e á mais assentada do Padre Ignacio, 138. — Estavam pois ainda mais frescas no animo dos Santarenos as portentosas recordações do seu venerado palladio e mais amiudadas deviam andar na bocca dos seus as invocações solemnes e devotas, com que por elle protestavam, como ainda hoje fazem. Todos os que tem alguma idéa das nossas coisas acharam por tanto legitima côr santarena e legitima côr da epoca o ouvirem a Fernão Vaz, o Alfageme, e aos seus officiaes, invocar nas afflições e appelar nos aggravos patrioticos para aquelle Santo Milagre que desde o seculo treze até hoje é o symbolo de todas as suas crenças — o *Labarum* da sua fé e do seu patriotismo.

No Liv. 2.° cap. 2.° pag. 236 da *Historia de Santarem* se lê o seguinte:

Supposto que muitos dos escriptores, com elegantes rethoricas, tem relatado o estupendo prodigio do milagre, que deu o segundo titulo a esta Igreja, proprio é d'esta nossa escriptura referir a authentica historia que está no seu cartorio, lançada em pergaminho na lingoa latina, em um livro enquadernado com pasta de veludo verde, de cujas letras as verbas essenciaes são as seguintes: — Depois do nascimento de Christo Senhor nosso, no anno de 1247, e não como mal informado escreveu Mariz, que supponho mandar ver e não examinou per si proprio, na historia dos dous milagres de Santarem a folhas 34, aonde diz que este caso succedeu no anno de 1266, em cujo erro cahiu tambem o author dos Agiologios Lusitanos (Georg. Cardoso 16 de Fevereiro) no primeiro tomo, letra A no Commentario folhas 451, que o devia de seguir; e para a nossa opinião ser mais certa, é mais verdadeira testemunha aquelle antigo pergaminho escripto no mesmo tempo em que Deos quiz fazer manifesto este seu milagre.

F. A. V.

ARVORE QUE DÁ LEITE.

148 Com assucar, oleo, albumina, e um menstruo acido ou alcalino, phosphatos e acetatos terreos, e agua em mais ou menos quantidade, obtem-se o melhor leite, que ha. Todas estas substancias existem em tanta abundancia nos vegetaes, como nos animaes: o vegetal está tão habilitado para elaborar em suas cellulas bom leite como o animal nas cellulas que lhe-são proprias. No vegetal é necessaria uma incisão para o extrahir, não corre senão por uma solução de continuidade; e quem sabe se a cria o-obtem por outro modo dos uberes de sua mãe? — Não nos-faltam plantas lacteas, que deitem por uma incisão um succo com todo o aspecto, e mesmo com certos caracteres do leite das femeas dos animaes. — Ha comtudo uma arvore, cujo leite offerece, a este respeito, quasi uma completa identidade. — É a *arvore do leite, palo de leche, palo de vaca (arbre à vache; galactodendron de Humboldt. Segundo W. Arnolt,* ha um *tabernœmontana,*

que tambem dá leite.) — Cresce na provincia de *Caracas* (America Meridional) a dez gráos ao Norte do Equador, a mil, e mil e duzentos pés acima do nivel do mar; e eleva-se a 100 pés d'altura, sobre 7 pés de diametro. Ainda não tem seu lugar determinado no systema botanico. Os habitantes consagram o succo notavel d'esta arvore aos mesmos usos que o leite de vacca, de que tem as propriedades essenciaes.

É um liquido branco, viscoso, em que se acha ametade cêra, assucar, e fibrina dos auctores, ou gluten (segundo *Raspail*) dissolvido no liquido por meio d'um alcali, e do qual uma parte, abandonada por este menstruo, fica suspensa em fórma de globulos, e torna assim o liquido opalino; em fim acha-se-lhe silica, e uma quantidade fraca de magnesia, e de cal, combinada com um acido, cuja natureza resta para determinar. — Vê-se pois que este producto, que tem o nome d'uma substancia, que poderia ter-se acreditado exclusiva da animalisação, se compõe definitivamente de elementos, que se acham isoladamente, ou mais, ou menos misturados, no maior numero de vegetaes.

Os habitantes vão todos os dias pela manhã, e á tarde metter-se debaixo d'esta arvore, e tomar á sombra sua chavana deste leite, ou simples, ou migando-lhe mandioca, ou *arepas*, bollo de milho (maïs). (*Boussingault et Rivero, Ann. de chim. et de phys.*, t. 23, 1823).

O menstruo deste leite parece ser antes acido do que ammoniacal, ou mesmo um sal ammoniacal. — Póde-se misturar neste leite uma forte proporção de acido sem o coalhar. A addição d'algumas gôtas retarda por muito tempo a decomposição deste leite, ainda que se deixe ao ar livre. O ammoniaco não causa nenhum precipitado no leite vegetal. Posto ao fogo decompõe-se quasi inteiramente, como o leite de vacca; á sua superficie se formam pelliculas, que se oppõem á evaporação, e fazem subir o liquido acima do vaso. — Conservando-o a um doce calôr obtem-se uma especie de nata. — Continuando a aquecel'o vêem-se apparecer á sua superficie gotinhas oleosas, augmentando em numero, e no meio um coalho, que progressivamente endurece, e diminue de volume; e desde então se começa a sentir um cheiro muito semelhante ao de costellinhas quando se tiram do lume. — O liquido oleoso, esfriando, torna-se em uma massa branca, translucida, absolutamente semelhante, á vista, á cêra d'abelhas branqueada. — O coalho é insoluvel no alcool; mas este deitado no leite puro turva-o, e coalha-o. — Este succo lacteo é muito aquoso, contém assucar, um sal de magnesia, e um principio colorante. — Abandonado ao ar dá um *caseum*, que azéda facilmente, e com que os habitantes preparam um queijo d'um cheiro semelhante a certos queijos de nossos climas. — Esta analyse, posto que incompleta, permitte comtudo estabelecer que, o leite vegetal não differe do leite animal senão por uma proporção d'agua mais consideravel.

Depois de verificadas as condições naturaes convenientes á vegetação desta muito curiosa, e não menos interessante *arvore do leite*, facil empreza parece o transportal-a ás nossas possessões d'Africa, Asia, e talvez da Europa, onde se achassem condições analogas naturaes, ou se lhe proporcionassem pela arte. Sobejam exemplos muito conhecidos geralmente de bom successo de semelhantes acquisições; tantas são as plantas, e mesmo os animaes, que indigenos das regiões equatoriaes, se tem acclimatado nas zonas temperadas!

J. L. do A. F.

NOTICIAS.

ESBOÇO POLITICO DO MUNDO.

149 Antes de descermos aos feitos e successos de cada Estado em particular, seja-nos licito alongar olhos por sobre o mundo, e descrever rapidamente as grandes questões que o-agitam. Mais facil será depois para nossos leitores seguir os acontecimentos, quando primeiro houvermos demarcado o ponto da partida.

Pacifica não corre a idade em que vivemos. Só attende á superficie da Sociedade quem não escuta o rugir do volcão. Assaz grandes miserias vão por todo esse mundo; já das nossas nos podemos em parte consolar. Revoluções, guerras, cataclismos, são partilha da especie humana; e quando, tendo dado a volta do Globo, nos recolhermos a este torrão, tão rico de formosura, tão abençoado do Creador, com elle nos reconciliaremos, que vão lá fóra mais e maiores inclemencias.

Se a este papel for dado atravessar os tempos, nelle apparecerão os fastos do progresso, mormente da nossa terra; pelo passado prepararemos ou corrigiremos o futuro; a historia é a experiencia do mundo e a razão dos seculos. E só isso será ella para nós que em politica não giramos satellites de planeta algum, pois de ponto mais alto que o das parcialidades olhamos os homens. Nem aplausos de inconstante multidão, nem injustiça de preoccupações nos farão elevar altares a Mario ou Sylla; só a virtude respeitaremos como cimento do poderío das nações, de quem a corrupção é morte.

N'um seculo tão arrebatado que ainda não vai em meio e já tem devorado a muitos seculos; em tempo cuja é divisa a reacção, embora extrema e illimitada; no dia do combate de todas as idéas, de todos os interesses, a apparente tranquillidade do mundo só pode ser fascinação, ou aquelle silencio lúgubre que precede ás tempestades: por toda essa terra vai longo trabalhar, precursor de phases novas na historia da Sociedade.

Continuam na *Europa* as batalhas de principios que o seculo passado nos legou: se com espadas se não dão, dão-se com os ardís, com as traças, com os exforços. O Occidente representa as idéas democraticas; o Oriente as do poder absoluto; o centro da Europa tempera as extremas pertenções. Hoje porém que de tantas familias se constituiu só uma, essas divergencias se tornarão ao cabo impossiveis, e um ou outro de taes systemas tem necessariamente de ser sacrificado.

A *America*, de tão heterogeneos elementos composta, apresenta tambem uma situação anormal cuja duração não póde ser longa. Aqui um Imperio fraco por sua grandeza, ameaçado em suas instituições pelas de todos seus visinhos. Alli um colosso com os pés da estatua de Nabucho, uma republica onde tem cada membro um interesse diverso do interesse commum. Acolá todos esses magestosos despojos de uma

grande corôa, desfeita em mil parcellas compondo cada uma um Estado, mas enfraquecidos por sempiternas dissensões, por sede inextinguivel de mudanças, por uma degeneração, por uma velhice precoz.

Para a *Africa* se-tem nestes ultimos tempos voltado as attenções dos Europeos, que já não cabem em seus estreitos limites. O Francez funda e consolida um Imperio civilisado onde se debatiam barbaros e piratas. O Egypcio tenta restaurar gloria de ha muito perdida. O Inglez semeia sangue e ouro, esperançado em abundante colheita. O Portuguez tenta em Angola, Benguella, Mossamedes, Moçambique a civilisação pelo seu grande movel, o commercio. Essa parte do mundo, tão bella e tão incognita, promette pois notaveis mudanças.

Resta emfim a *Asia*. Essa é o campo da grande batalha, para que se medem com os olhos as modernas Roma e Carthago. Lá se elaboraram em tempos velhos os destinos do mundo; lá se preparam de novo e para futuro proximo. A inevitavel collisão que fará pedaços da Russia ou Gram-Bretanha terá logar naquella parte do mundo, onde tambem se abrirá cedo mina preciosissima, a China.

Toda a Terra está portanto sendo theatro de grandes acontecimentos, que immensamente se-complicam quando attendemos ás mil circumstancias locaes que vem ainda difficultar a solução de um grande problema social.

———

Na *Asia* ha duas questões grandes; em ambas a *Inglaterra* é parte, e em ambas a não tem protegido, tão illimitadamente como costuma, a fortuna das armas. Combate na *China*, sendo pretexto da guerra violencias commettidas para com os inglezes, que traficavam em opio, artigo prohibido no Celeste Imperio; porém o verdadeiro fim é abrir um mercado novo, immenso, ás manufacturas britannicas, que já não cabem no resto do mundo. A paciencia proverbial dos Chins não se-tem fatigado; a guerra já corre demorada; varios pontos tem sido submettidos ás armas Europeas; prepara-se actualmente uma grande expedição destinada a operar sobre Pekim, porém é de presumir que o desfeixo de tão atrevida empresa tarde ainda por muito tempo. No Reino do Affghanistan, o verdadeiro inimigo dos inglezes é o Russo, que tem alimentado uma guerra destruidora: as ultimas noticias são desastrosas para os Inglezes, cujas tropas, depois de uma capitulação durissima, se acham na posição mais violenta e arriscada.

Na *Africa* Oriental tinha Mehemet-Ali lançado as linhas de uma Potencia de primeira ordem; mas apesar d'isso, senão por isso mesmo, encontrou em frente uma confederação que lhe prendeu os braços: hoje sujeitou-se a uma obscura obediencia até que as circumstancias lhe permittam rearvorar o estandarte da revolta. Para o Norte acham-se as possessões francezas: 12 annos de quotidiano batalhar ainda não subjugaram todas aquellas indomitas tribus, porém o General *Bugeaud* soube em fim rebater até as fronteiras de Marrocos o Emir *Abd el Kader*, varrendo assim todo o Oeste da Algeria. Duas grandes tentativas de commercio e civilisação na Costa Occidental merecem mencionar-se aqui; uma promovida por inglezes em 3 navios, que deviam remontar o Rio Negro e descobrir novas terras; outra executada e pessoalmente dirigida por um portuguez, o Sr. Conselheiro Santos, que á testa de 7 navios e sem auxilio de governo algum, se dirigiu ás nossas possessões africanas com o fim de introduzir n'aquelles povos silvestres o gosto dos productos Europeos, e com este o amor do trabalho que tão interessante poderia tornar a mais fertil parte do Globo.

America. No Brasil manifesta-se uma reacção contra o espirito democratico e fraccionario que em 1834 deu origem ao Republicano *Acto Addicional*; recentes providencias tem anniquilado o espirito d'aquelle importante documento, e as prerogativas do throno estenderam-se. Falla-se de negociações entaboladas com a Côrte de Sardenha para o casamento das princezas Januaria e Francisca. — Todas as Republicas Hespanholas, excepto Venezuela, são devoradas pela guerra civil. — O novo Estado do Texas, desmembrado do Mexico, e receoso de tentativas d'esta Republica, parece querer federar-se com os Estados-Unidos. — Estes padecem de uma terrivel molestia, financeira; ha muitos annos que pesa sobre a Republica uma crise, de que as outras Nações tem mais ou menos participado. Das questões interiores a mais grave é a do possivel desfasimento da União, em consequencia dos interesses oppostos das provincias do Norte e Sul em mil assumptos, de que não é o menor a questão da escravatura: esta tendencia vai-se pronunciando de tal fórma que já a dissolução foi objecto de uma proposta do celebre *Adams*, sem que se deva dar ao voto de censura que por esta occasião o Congresso fulminou mais peso do que em realidade tem. Avulta entre as questões externas a com a Gram Bretanha: hoje o incendio de um navio em aguas estrangeiras — ámanhã a captura e julgamento de um subdito britannico — depois a demarcação de possessões — logo o contestado direito de visita das embarcações no alto mar — tudo isso são pretextos que manifestamente denunciam o desejo que ha de ambas as partes de recorrer á *ultima rasão*. Por occasião do negocio do navio *Creoula* e de outras reclamações, mandou-se á America Lord Ashburton, de cuja habilidade e influencia muito se espera.

Pela *Europa* vão grandes e muitas questões, de que algumas mencionaremos.

A *Russia* continúa sem estrepito a obra de Pedro Grande, e sagaz e imperceptivelmente vai a sua aguia estendendo as asas pela Europa e Asia: na India tem cravados os olhos, e ainda não chegou a hora de remessar-se ás portas de Constantinopla. O progresso material n'aquelle imperio é rapido, e a industria se desenvolve gigante.

A *Prussia*, aonde se manifesta uma grande antipathia contra os Russos, mormente desde que se diminuiram as pêas da imprensa e desde que se tornou mais severo o cordão de bronze que separa as duas fronteiras, a Prussia amadurece uma obra maravilhosa, a Liga das Alfandegas allemans, estabelecimento insignificante na sua origem, como o da celebre Liga Anseatica, porém hoje immenso nos resultados. Foi condão que n'um ponto — fez nascer industria — desenvolver commercio — espalhar os commodos — multiplicar as communicações — destruir as barreiras — confundir os interesses — concentrar as populações — fortificar os fracos — e em fim preparar o caminho a uma nacionalidade allemã, de que já eram elementos lingua, costumes, tradições, religião.

A *Inglaterra* mais vive fóra que dentro em si. O debate interior que mais grave parecia é o da Importação de cereaes estrangeiros; porem uma maioria de 212 votos acaba de consagrar a modificação de direitos com a tabella respectiva, que o actual Governo apresentou.

Na *França* a esta hora nenhuma questão social se agita. A attenção publica concentra-se na recusação do Governo de ratificar o Tratado Quintuple para visita de navios suspeitos. Disputa-se tambem se é conveniente que a Imprensa receba estorvos onde os não devera encontrar, e se os responsaveis por seus desvios devem ser outros que aquelles que os commetteram.

Os *Espanhoes* falam de uma alliança Carlo-Christina que outros negam; não obstante o Governo mandou concentrar tropas nas fronteiras do Norte e Sul, e tão rigorosas são as instrucções, que o Commandante em Chefe do Exercito do Norte, *Rodil*, publicou um bando, mandando fusilar quem da fronteira franceza viesse *armado e sem passaporte.*

Em *Portugal*, mandaram-se convocar as Cortes para o dia 10 de Julho — promulgou-se um decreto administrativo — outro para reorganisação da Guarda Nacional — e restabeleceu-se o Tribunal do Thesouro Publico.

Eis-ahi em rapido esboço o que por esse mundo occorre. Que fazem as grandes nações? ja outros o responderam.

Que faz a Inglaterra n'este momento? Essa está na India, na China, na Nova-Zelandia, na Espanha, na Belgica. O mundo inunda-se das suas mercadorias. Essa reina em todos os mares do globo. Essa tenta penetrar na Africa. Essa está em toda a parte, no Mar Roxo, no Euphrates.

Que faz a Russia? Essa está na India, na Persia, na Polonia; as suas frotas surjem em Sebastopol, em frente de Constantinopla. Essa estende os braços sobre a Asia e sobre a Europa.

Que faz a Prussia? Torna-se centro do commercio na Allemanha, cuja unidade politica prepara.

Que faz a Austria? Essa vai aperfeiçoando os vinculos das suas innumeraveis provincias, a Italia, a Hungria, a Bohemia, a Servia, a Bosnia. Essa procura, por meio de estradas de ferro, fazer o Danubio communicar com todas as suas possessões.

Que faz a França? Essa civilisa selvagens, e empunha não disputado sceptro de soberania intellectual.

Cumpra cada Estado sua missão. Oxalá que a nossa seja a da paz, da fraternidade, do progresso, e que não envergonhemos a Providencia de ter-nos liberalisado os seus mais mimosos dons. *J. F. de C.*

NASCIMENTO DO INFANTE.

150 Aos 16 do corrente ás 9 horas da manhã deu S. M. á luz com o mais feliz successo um Infante; por cujo fausto motivo salvaram no mesmo dia o Castello de S. Jorge, e as Embarcações de guerra surtas no Tejo, e no seguinte teve logar um *Te Deum* na Real Capella das Necessidades. *Z.*

INFANTICIDIOS. — *Porto 10 de Março.*

151 Na terça 9 appareceu na travessa do Caramujo o cadaver de uma creança recemnascida, dizem, que embrulhada em uma baeta vermelha! Consta que outra creança apparecera quasi morta no buraco de uma escada da rua Escura. *(P. dos P. no Porto.)*

152 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 16 ATÉ 22 DE MARÇO DE 1842.

Dias do mez.	*Termometro exterior*		*Barometro*		*Pluvimetro.*	*Ventos dominantes e sua força.*	*Estado da Atmosfera.*
	Max.°	*Min.°*	*9 h. m.*	*3 h. t.*			
16	55	69	763,8	763,5		B. NO.	Claro puro, e sêco.
17	50	69	65,0	64,7		B. N.	Id. — id.
18	50	74	65,0	64,0		B. N.	Id. — Sol ardente e sêco; Noite tepida, e amena.
19	50	67	62,0	61,0		^{1} N. ^{2}	Id. — fresco, ventoso, e muito sêco.
20	48	59	60,0	59,0		^{2} N. ^{3}	Id. — frio, ventoso, e extremamente sêco.
21	43	61	61,0	59,0		^{3} NE. ^{2} N.	Id. — id.
22	44	59	58,8	56,5		^{2} NE. ^{2} N.	Id. — id.

Terminou a influencia da 3.ª quadra no dia 18, resfriando subitamente a atmosfera por effeito dos rijos ventos septentrionaes, que appareceram a 19, e ainda permanecem, continuando o ceo mui claro, e o ar extremamente sêco. Foi ainda mais sensivel a diminuição do calor nas horas meridianas, em que costuma ser mais elevado, chegando em alguns dias esta differença até 15.° F. (7.° R.) comparado com o da antecedente quadra nas mesmas horas. — Segue-se pois que o mez vai decorrendo extremamente sêco, e por tanto pouco favoravel á vegetação das plantas.

M. M. F.

LAMENTAVEL SUICIDIO.

Lisboa 21 de Março.

153 Ha mez e meio que a joven Maria era objecto dos mais sollicitos disvélos para a sua excellente familia, e para quantos logravam a fortuna de a conhecer. Com sós 27 annos de idade, desmentidos pelo frescor da sua formosura, e muito mais pela candura e innocencia de sua indole, já a palidez da morte se-via luctar no seu rosto com as rosas da mocidade, que de dia a dia, e folha a folha se-desvaneciam. O mundo perdêra para ella os seus feitiços uns após outros; o seu espirito parecia que já na terra não cobiçava mais nada senão a propria terra, e o seu coração exhausto e quebrado por um grande infortunio, como que já pertencia adiantado á morte, alvo unico das suas meditações, dos seus sonhos, e, dil-o-hemos, dos seus desejos mais activos. O infortunio que assim a transformára sem remedio, fôra a morte de sua Mãe, em Outubro de 1840; debalde o mui retribuido amor, que nella perdêra se-multiplicou para a-indemnisar em tantos amores ardentissimos, quantas eram as pessoas que a-tratavam; debalde os affectos paternos, e os carinhos de suas irmãas e irmãos assumiram para com ella uma natureza quasi maternal. Sua Mãe pousava no sepulchro, a pobre filha não podia, não queria ser consolada.

Para logo a doença da alma se-estendeu tambem ao corpo, e os receios se-agravaram. Um dos mais ha-

2.° DA 3.ª SERIE. N.° 26. 31 MARÇO 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sahe ás quintas feiras — Escriptorio, rua da Horta Secca n.° 20 — Assigna-se no Escriptorio e na Loja da Viuva de João Henriques, n.° 1, rua Augusta — Avulso 80 réis: 12 numeros 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis — O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados, e por caso nenhum aos distribuidores — Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Tem todos, e só elles entrada gratuita n'um Gabinete de Leitura do Estabelecimento (segundo o respectivo regulamento), aonde se acham muitos jornaes e escriptos politicos, litterarios e scientificos, em portuguez, francez, hespanhol, inglez, e allemão — Os subscriptores das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes convier — Sobrescripto da Correspondencia: « Ao Redactor da Revista Universal, rua da Horta Secca n.° 20 » — Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade — Qualquer artigo interessante será acolhido com gratidão e publicado — A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se lhe remetta um exemplar — Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o desejar — Tambem no seu Escriptorio se patentearão ao publico objectos de semelhante natureza, que para alli sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal. — Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes. — A distribuição na Capital faz-se em 5 horas — Este numero sahe ás 9 da manhã e será entregue, o mais tarde, até ás 12.

☞ *Um engano deu motivo a que se reclamasse com o n.° 9 (aliás 23) o pagamento de assignaturas, a pessoas que já as tinham satisfeito: a essas pessoas se-pede desculpa — A quem tomasse a liberdade de escrever no estylo de um Sr. J. G. B., de S. Combadão, o nosso silencio desprezador servirá de resposta — Roga-se a todos os Senhores, que têem sido agentes desta Folha na Provincia o favor de fecharem logo as suas contas, remettendo pelo seguro do correio a importancia das assignaturas que houverem recebido.*

CONHECIMENTOS UTEIS.

QUE DEVEMOS ENTENDER POR MEDICINA HOMŒOPATHICA?

165 Sempre estivemos convencidos de que não mereciam uma séria refutação os principios paradoxos, estabelecidos em a impropriamente chamada *doutrina homœopathica*; porque nunca foi *doutrina* uma bizarra e extravagante collecção de falsas asserções, tão absurdas como ridiculas. Os miseraveis sonhos dos homœopathistas, suas chimeras, e illusões, se por elles são pronunciadas de boa fé, mettem dó, ou fazem rir. Está isto mais que demonstrado. Depois que o Allemão *Hahnemann* publicou suas extravagancias homœopathicas em 1810 no seu *Organon* da arte de curar, foi-lhe logo provada a futilidade desses principios, e com despreso rejeitada uma theoria visionaria, que só da mesma especie achou mui raros proselytos, dispersos por alguns pontos da Europa, e mui distantes uns dos outros; e ainda bem que entre nós não teve cabimento. Eu nenhum conheço destes visionarios.

É entretanto para espantar, que tendo merecido um silencioso, e perpetuo esquecimento as theorias deste Allemão, e não devendo já existir nenhum desses extravagantes, e quasi incorrigiveis sectarios, agora se venham ellas ensinar publicamente na Eschola de *Montpellier* (como se diz na *Gazette de Santé* de 20 de Janeiro ultimo); naquella famosa Eschola, que conta quatro seculos de uma brilhante duração, e que tantas *notabilidades* medicas tem encerrado em seu seio nos differentes tempos!

Este notavel acontecimento nos-despertou a lembrança de fazermos algumas poucas reflexões sobre este systema medico, que não merece, nem para ser refutado, occupar as columnas da *Revista Universal Lisbonense*.

Homœopathia quer dizer *molestia similhante*: do estandarte desta seita de mandriões é a divisa o — *similia similibus curantur*: todo o verdadeiro remedio deve produzir no homem são uma molestia análoga áquella, que elle deve curar: pertendem-se destruir as molestias com agentes, que produzem no homem são simptomas similhantes aos que se pertendem combater: tal a sua linguagem!

Os Medicos homœopathicos são os Medicos dieteticos; prescripta a dieta ao doente, elles abandonam as enfermidades ás forças da natureza; se a dieta não cura, elles *esperam* até ao ultimo momento da vida, sem que combatam a molestia pelos meios proprios, ou ajudem a natureza a debellar quem a-pertende destruir; porque é *esperar*, ou nada fazer, dar remedios infinitamente pequenos, ou o *dx* dos mathematicos: estes não são os *Expectantes*, não tem o conceito de que estes então gosaram.

Não desenvolveremos, nem mesmo exporemos aqui, senão muito em resumo, as theorias deste celebre Allemão; esses livros infelizmente por ahi grassam; uma das suas maiores miserias consiste no modo de preparar os remedios; isto é, cousas, a que chamam remedios, as quaes não dão elles aos grãos, ás oitavas, ás onças, como todos os Medicos as-deram até hoje; são sim os mesmos remedios, dados porém n'uma centesima, millesima, decima millesima, millionesima, etc. etc. parte de um grão; é um átomo, que digo eu? nem um átomo: mas toda a virtude desta exhibição consiste em pizar bem o remedio, e em vascolejar bem a garrafa, em que se deita o tal *dx* do remedio em grande quantidade de liquido; devendo tambem haver compassos no tempo, em que isto se faz; v. g. uma hora é dividida em 6 vezes 6 minutos para pizar, que faz 36; e 6 vezes 4 minutos para vascolejar, que dá 24, eis-aqui os 60, ou a hora. E então que se diz a isto? não é uma charlatanaria? não é abusar da paciencia publica?

Outro documento da ridicula impostura do Allemão *Hahnemann* é a reducção, que elle faz, de todas as molestias, a *agudas* e *chronicas*, applicando como lá entende a formação d'ambas as classes, dizendo porém, que as doenças chronicas são sempre filhas do *virus venereo*, *sycose* ou *sarna*! É com effeito a maior de todas as miserias o querer por força que um pobre doente accommettido de uma hydropisia, de uma phthysica pulmonar, d'uma epilepsia, d'um cancro, gôta, hemorroidas, etc. etc. seja por força curado de *virus*

venereo, ou da *tinha*, sendo esta o que talvez de *milhões* de *organismos humanos* e durante alguns *centenares de gerações* se-modifica a ponto de produzir aquellas, e muitas outras, enfermidades chronicas! *risum teneatis amici*!

Esta simplicidade de cousas a respeito da Eschola de *Hahnemann* nos conduz a dizer mais no que toca ao seu axioma — *similia similibus curantur* — que, dizem elles, duas molestias similhantes por suas manifestações, e effeitos se extinguem sempre mutuamente; por exemplo, a ophtalmia, a cegueira, a surdez, etc. etc. são accidentes communs das bexigas; e a historia medica apresenta dois outros casos de cura perfeita destes accidentes pelas bexigas. — É com effeito má cousa, que a natureza seja tão avarenta em seus milagres, e que ella não regule a dóse do remedio melhor do que o faz ordinariamente, que leva mais vezes o doente do que arrebata o mal!

Além de uma serie d'absurdos, que se deduz de taes theorias, basta dizer-se, que para o homœopathico de nada valem a Anatomia, a Physiologia, e, o que mais é, a sciencia do diagnostico, e prognostico, a Pathologia; elle não quer saber nada disto; para elle estas sciencias não prestam; quer só saber os simptomas apparentes que ha, sejam elles filhos do que forem, e esteja a molestia aonde estiver; para depois applicar os seus millionesimos de grão a fim de extinguir os simptomas morbidos, similhantes aos simptomas medicinaes; sem se lembrar, que os mesmos simptomas são muitas vezes produzidos por molestias differentes!

Devemos dizer francamente, que a Eschola de *Hahnemann* é de vadíos, e de mandriões: a experiencia, a observação, e o estudo nada são para elles; e parece que deve adquirir muitos sectarios, pois que basta notar os simptomas apparentes em cada caso particular, e ir depois ao armazem da Materia Medica escolher o medicamento, que produz effeitos analogos; escolhido elle, v. g. o carbonato calcareo, pegar de um grão, dividi-lo em milhões de partes, e uma dellas mettê-la em um almude, ou n'uma pipa de liquido, sendo previamente muito bem pizado, e depois bem vascolejado, e tudo por compassos binarios, ternarios etc.: por conseguinte basta saber ler para ser um optimo Medico *Homœopathico*: entretanto elles se ufanam com suas curas; e na verdade os curativos do *Medecin malgré lui* não eram mais maravilhosos!

Finalmente, em quanto ás doses infinitamente pequenas dos medicamentos, seria bom talvez perguntar aos *Homœopathicos*, porque nas grandes cidades sendo o ar habitualmente inquinado destes corpusculos da mesma natureza do que os agentes *Homœopathicos*, não produzem elles em nós os mesmos effeitos, que produzem no homem são as substancias preparadas homœopathicamente? porque razão a residencia mesmo passageira nas officinas dos pharmaceuticos, nas drogarias, nas perfumarias, etc. não produz em nós doenças medicinaes as mais graves? porque a agoa dos rios, e mesmo a das fontes, que tem certa quantidade de silica, sáes calcareos, etc. não é seguida de terriveis accidentes? assim devia acontecer segundo os principios do nosso *Homœopathico* Allemão: responder porém a isto — que tudo está no modo de pizar, e de vascolejar, — é o maior de todos os disparates. Mas *ad quid perditio tanta*? já dissemos de mais do que merecem chimeras.

De tudo isto resulta o tractar-se de uma questão importante, que é: — se a authoridade competente em qualquer Nação deve, ou não consentir curar os povos homœopathicamente? é possivel, que no seguinte numero da Revista Universal, digamos duas palavras a este respeito. *F. I. S. C.* (*)

PARALLELO DA COMPOSIÇÃO DO CONSELHO DE SAUDE NAVAL, COM A DO CONSELHO DE SAUDE DO EXERCITO, E DA LEGISLAÇÃO RESPECTIVA A CADA UMA DELLAS.

166 Tomarei destas legislações somente os pontos capitaes, sem entrar pelo modo de sua confecção, nem pelo estado anterior destes serviços.

No Conselho de Saude Naval existem igualmente representados, segundo o Decreto com fôrça de Lei de 24 de Novembro de 1836, os dois ramos essenciaes da arte de curar, a Medicina e a Cirurgia, por dois Membros Medicos, e dois Membros Cirurgiões. Esta disposição funda-se na natureza dupla dos soccorros exigidos pelas duas grandes e mui distinctas series das doenças: em uma destas series, o tratamento essencial depende do sapiente, destro e immediato uso das mãos e dos instrumentos sobre as mesmas doenças, sendo accessoria nellas, e isso poucas vezes, uma ou outra simples combinação de exhibições internas: na outra serie, o tratamento essencial depende do sapiente, destro e mediato uso de agentes inconstantes que, por variadas, fugitivas e muita vez arriscadas refracções, são dirigidos contra doenças residentes fóra do alcance dos sentidos, e de que o prático se-limita a julgar, na grande maioria dos casos, por inducções mais ou menos rigorosas, sendolhe accessorio, e isso nem sempre, um ou outro facil soccorro de mãos ou de instrumentos. O Medico e o Cirurgião tem, cada um delles, uma habilidade privativa, mas diversissima uma da outra.

Dispõe a Lei que o Presidente do Conselho seja um dos Medicos a que dá uma graduação maior, sendo igual a graduação dos outros Membros do Conselho, quer Medicos quer Cirurgiões. Fôra muito melhor que tal Presidente alli não houvesse, como succede em França; e que não parecesse assim dar-se preeminencia a um dos ramos da arte de curar sobre o outro, sendo ambos igualmente importantes, igualmente difficeis cada qual no seu genero, quando estudados e sabidos com igual esmero e perfeição: o Ministro da Marinha fôra então o Presidente nato deste Conselho, aonde com a sua presença ou com o seu nome manteria a ordem e a actividade. Porém, querendo a Lei que o Presidente do Conselho seja um dos Facultativos Membros delle, dispoz o melhor quando para este cargo preferiu um Medico.

Esta questão de preferencia deve olhar-se em relação á sciencia em si, e em relação ás peculiares circumstancias do nosso paiz.

1.° A Medicina interna, toda intellectual, jogando com todos os conhecimentos humanos, habitua mais o

(*) Agradecendo ao illustre Vice-Presidente do Conselho de Saude, o Sr. Dr. *Francisco Ignacio dos Santos Cruz*, a obsequiosa promtidão com que annuiu ao nosso pelitorio, mimoseando-nos com o precedente artigo sobre assumpto hoje tão curioso. Promettemos outro sobre *Hydropathia* pelo Sr. Dr. *Lima Leitão*. E' evidente que em materias taes o Jornal não pôde assumir a responsabilidade de todas as proposições, a qual a seus authores deve sempre reverter.

bem disposto espirito a vastas concepções de todo o genero, e mais o habilita para abranger em grande as attracções e repulsões dos diversos objectos e consequentemente para dirigil-os. A Medicina externa, essencialmente manual, applicando todos os relativos conhecimentos a este fim unico, posto que variadissimo e difficilimo, não póde habilitar tanto o espirito para aquellas vastas concepções em grande, que sempre se querem achar n'um chefe, e que são o natural apanagio da outra irmã; e por isso é menos apta do que esta para dirigir os objectos de taes concepções. Mas não diga a ignorancia ou a má fé que eu, pelo que deixo exposto, dou mais apreço e importancia á Medicina do que á Cirurgia: o Cirurgião, manejando destramente um instrumento sobre um ponto circumscripto do organismo, é tão importante e respeitavel como, por exemplo, um habil Chymico analysando uma substancia dentro de seu laboratorio: o Medico, conjecturando sagazmente o plano de debellar uma doença que entende com todas ou quasi todas as funcções da economia, é tão importante e respeitavel como, por exemplo, um Astronomo calculando a grandes distancias os movimentos dos astros. E como ninguem diz hoje que a Astronomia é mais importante e respeitavel que a Chymica; assim tambem hoje ninguem dirá que a Medicina é mais importante e respeitavel que a Cirurgia: cada qual destes e de todos os mais ramos scientificos tem uma importancia e respeitabilidade iguaes, posto que referidas á natureza, acção, meios e usos de cada um delles.

2.° O curso de estudos para os Cirurgiões no nosso Paiz (com magoa o digo) era, até ha poucos annos, o mais deficiente em todo o sentido: se alguns dos nossos Cirurgiões feitos anteriormente ao estabelecimento das Escólas regulares de Cirurgia em 1825, appareciam ou apparecem distinctos, devem-no a seu genio e não a proporções fornecidas pelo ensino professional. Estas mesmas Escólas Medico-Cirurgicas de hoje ainda estão, em conhecimentos accessorios indispensaveis, muito áquem das Faculdades de Medicina, e ainda não tem gráos academicos. Assim, as considerações de maior instrucção, e de maior representação legal no nosso Paiz, não permittem que o Medico fique subordinado ao Cirurgião, e constituem a indisputavel razão daquella disposição legislativa. Sempre foi entre nós um Medico o chefe da Cirurgia, exceptuando os dois ultimos que nós todos conhecemos.

A respeito do Conselho de Saude do Exercito, as cousas não estão lançadas tão accordemente. O Decreto com força de Lei de 13 de Janeiro de 1837 dispõe um só Medico para este Conselho, e dous Cirurgiões, não ficando assim n'elle representados por igual os dous ramos da Arte de curar, como o estão no Conselho de Saude Naval: esta composição dá aqui decididamente a preponderancia á Cirurgia que tem dous votos no Conselho, ao passo que a Medecina só tem um. Porém, para em parte minorar esta disformidade, e pelos outros motivos já ditos, a Lei quiz que o Medico fosse o Presidente do Conselho porque lhe deu uma graduação maior, posto que por um lapso, que não pode ter effeito á vista d'aquella maior graduação estabelecida na Lei, se diga alli que será Presidente o Membro que o Governo escolher; escolha que não pode recahir se não no Medico que a Lei gradua mais e effectivamente, e nunca em nenhum dos Cirurgiões, mesmo quando o Governo, officiosamente ou em recompensa de algum extraordinario serviço, lhe dê uma igual graduação á que por Lei tem o Medico; visto que esta graduação é no Medico um legal e indispensavel attributo de sua effectividade, ao passo que uma igual graduação dada pelo Governo a qualquer dos Cirurgiões Membros do Conselho, não lhe confere a effectividade da Lei. Um official graduado nunca commanda um official effectivo na mesma patente.

O Conselho de Saude do Exercito tem mais defeitos em sua composição que o Conselho de Saude Naval; mas nem por isso deixa de ter ou pode deixar de ter como Presidente o Medico, em face da Lei e das rasões em que essa Lei se funda. — De outra vez farei o parallelo das funcções de um e de outro Conselho.

Lima Leitão.

SAUDE PUBLICA NAS VISINHANÇAS DE LISBOA.

167 Ja neste Jornal pedimos á Camara d'*Almada*, cuidasse por differentes meios, que lhe lembrámos, de aceiar as ruas d'*Almada*, *Cacilhas*, e *Mutela*, não só para evitar os grandes incommodos, e tedioso aspecto a quem transita, mas para prevenir as molestias, e epidemias, que as fermentações putridas desenvolvem. Não sabemos se a Camara d'*Almada* tomou em consideração as nossas lembranças, mas se as tiver esquecido, nós lhe recordamos agora o que se está passando no Concelho do *Barreiro*, onde têem apparecido molestias epidemicas, que moveram o Governo a mandar facultativos para tratar os doentes, auctorisando o Conselho de saude, na Portaria de 21 de Março, para conceder uma gratificação aos que se empregarem naquelle serviço. Segundo o parecer de alguns professores, as molestias dos moradores do *Barreiro* provêm principalmente do desleixo, em que se conservam, sem lavarem os corpos, nem as casas, assim como de usarem de roupas immundas por muitos dias nos vestidos e camas; circumstancias aggravadas pelas immundicies que despejam para as ruas, onde o sol faz desenvolver miasmas. Se continuar a negligencia das Camaras, sem adoptarem as medidas, que indicamos á d'*Almada*, poderemos ver na estação calmosa maior progresso das epidemias, que serão as chamadas pestes, que nos seculos passados se desenvolviam em *Lisboa* e visinhanças, por causa da immundicie das ruas, das casas, dos corpos e roupas dos habitantes. Os meios que apontámos á Camara d'*Almada*, e que insinuamos a todas as das visinhanças de *Lisboa*, são faceis e de pouca despeza.

Se perguntarem aos doentes de febres pela causa de suas molestias, dirão uns, que é por terem pouco dinheiro, outros por lhes ser adversa a fortuna, outros por má estrella ou bruxarias, mas ninguem dirá, que as molestias lhes provêm da falta de juiso, boa criação, e aceio! Entretanto se o povo está atrazado em costumes, e polidez, forçado é que os Governadores Civis instruam, correndo os Districtos, as Camaras e Administradores de Concelhos nos seus principaes deveres, e entre estes, o primeiro será o de desenvolver os conhecimentos, e determinações sobre limpeza, e saude publica. Esta tarefa custa menos dinheiro, do que perseverança e boa vontade, que em todos, e em toda a parte pode haver, para nos livrarmos da aspera censura do nosso Camões no fim do Canto 5.° =

Mas o peor de tudo é que a ventura
Tão asperos os fez, e tão austeros,
Tão duros, e de engenho tão remisso,
Que a muitos lhe dá pouco, ou nada disso.

C. X. Pereira Brandão.

OUTRA LEMBRANÇA Á CAMARA MUNICIPAL.

167 Em Dezembro do anno passado, e Janeiro deste anno, lembrámos á Camara que muito convinha fazer desapparecer todas, ou a maior parte das elevações, e desigualdades de terreno, que ha desde a casa do Sr. *Verney* até á Madre de Deos, e d'ahi por diante até á ponte de Sacavem. Não ha razão nenhu-

ma para que se-continuem a construir calçadas em sitios tão elevados, quando a-agua do Téjo apenas toca na base das rampas em que se-acham algumas das ruas, que vão de nascente a poente. Para que se-conserva, por exemplo, a elevação da Cruz da Pedra, que produz uma subida vinda de Santa Apolonia, e uma descida junto á Madre de Deos? foi um erro fazer a estrada nessa elevação, quando custaria pouco cortal-a, inclinando-a para o sul, até que o terreno ficasse todo plano. — A elevação que vai do Caes do Tojo para Santa Apolonia ainda póde cortar-se mais na volta para o nascente, nivelando-se a estrada com o largo do Laboratorio, o que não custará muito: doze presos o-farão em dois, ou em tres dias. Não é isto indifferente em uma rua por onde transitam tantos carros, seges e omnibus, pois desapparecendo similhantes elevações ficarão estes menos expostos a continuos reparos, e haverá economia de tempo, e menos fadiga para os animaes. Qual é a razão porque a gente passeia nas provincias e percorre todos os dias consideraveis distancias? é porque as estradas e caminhos não molestam como as ruas de *Lisboa*, as quaes sendo calçadas com pedra grossa, se não podem conservar em bom estado, nem se-póde passear por ellas sem incommodo: esta é a causa principal, porque tão pouca gente passa nas differentes estradas e sitios aprasiveis, nas cercanias da Capital, as quaes exigem todas consideraveis melhoramentos, sendo o principal o macadamisal-as: disto nos occuparemos mais circumstanciadamente, indicando quanto convenha a cada uma das estradas que levam fóra de *Lisboa*. Instamos hoje com preferencia pela commoda e facil communicação entre o Terreiro do Trigo e a Madre de Deos; 1.° porque é central, e d'ella deve resultar vantagem a metade talvez dos Cidadãos do municipio; 2.° por ser um sitio muito frequentado aos Domingos e Dias Santos; 3.° porque faltam quintas, habitações amenas, palacios, e fabricas por todo esse sitio; 4.° finalmente porque o bairro que fica ao nascente das portas de Santa Apolonia deve ser declarado por lei manufactureiro e fabril, adoptando-se para este fim providencias legislativas de grande conveniencia, não só para *Lisboa*, mas para todo o Reino, principalmente para os povos do litoral, e Ilhas dos *Açôres* e *Madeira*.

É nosso dever agradecer á illustre Camara Municipal, a consideração em que tem havido as nossas lembranças, pois vemos com satisfação concluidos e bem feitos bocados de *macadamiso* nas rampas de Santa Catharina, na da Fundição, ao Paraiso, e na do Caes do Tojo para Santa Apolonia. Tanto desvelo, mandando fazer esta qualidade de caminhos nas rampas, em que ha mais difficuldade de se-constituirem e conservarem, autorisa-nos a pedir-lhe, que attente no lamentavel estado, em que se-acha a rua da Junqueira, e a da ponte d'Alcantara até ao Calvario; pois agora que tem de se-concertar é o-tempo proprio; além disso aquelle sitio é o mais conveniente para o *macadamiso* em razão da proximidade da praia d'Alcantara e da Cordoaria, onde com tanta abundancia se-acha a pedra silex, vulgarmente chamada pederneira, tão dura, sêca e lisa, que nenhuma a-excede em qualidade para similhante fim: nem se-diga que esta pedra, ou a negra, de que tambem ha tanta abundancia por aquellas praias, produz poeira e ophtalmias, pois se assim fosse todo o *macadamiso* ao Beato Antonio feito com pedra preta, e não calcaria, teria produzido aquelle resultado. Lamentamos que sem fundamento attendivel deixe de se-macadamisar a rua de S. Paulo, quando nas praias da Ribeira Nova ha optimos materiaes para formar o-macadamiso; e que se-prefira fazer sem necessidade grande despeza com a calçada.

C. X. P. B.

PROMOÇÕES MILITARES.

168 Regular d'um modo justo e positivo as promoções militares, sem que o dedo da arbitrariedade lhes-possa tocar, é cousa, senão impossivel, ao menos difficilima. Para circumstancias ordinarias, ainda uma lei profundamente meditada poderá servir: fóra dellas, o difficil se torna quasi em impossivel, porque, se a acção que se-quer premiar sáe do quadro commum, falta para isso o meio seguro de a podermos avaliar — a comparação. Daqui nasce o arbitrio: e tudo depende muitas vezes dos bons ou máus olhos daquelle, a quem compete commemorar a acção, para que o individuo que a praticára alcance coroa de loiro, ou d'espinhos — umas vezes promovido sem lhe competir, outras preterido sem causa, e algumas gosando o que só lhe-cabe. Em Portugal existem leis, que regulam o accesso militar; porém, de tal modo deficientes que para uma preterição, basta a simples passagem d'uma para outra secção do exercito, cousa sempre possivel, e até legal. Quaes devem logo ser os desejos de todos os militares? Cremos que serão os nossos — o possuirmos uma boa lei de promoções — sólida base, onde se estriba a moral e disciplina dos exercitos; porque, se d'esperanças se-alimenta a vida, não sabemos d'outra mais esperançosa, do que a militar! É por isso que julgamos conveniente apresentar as seguintes bases, com que nos conformamos, e sobre as quaes, em nosso sentir, deverá assentar essa lei suspirada.

1.° Dar a cada posto a sua parte constitucional de consideração, d'acção, e de *expectativa* d'accesso.

2.° Dar bem a conhecer, que os differentes postos compoem uma cadêa, cujos anneis são reciprocamente indispensaveis: que a obediencia e o commando se protegem: que ninguem commanda, senão em virtude d'um poder, que lhe fôra conferido, sob a condição d'obedecer; e que não desgosta o fazel-o, porque lá virá um dia, em que possamos exercer a authoridade a que hoje nos-submettemos.

3.° Não prodigalisar os postos, e sobre tudo os superiores: porque esta prodigalidade lhes-diminue a consideração, e obsta ao accesso, e á emulação desta arte paralisados.

4.° Fundar as promoções sobre principios fixos, e combinal-os de tal sorte, que assegurem recompensa ás acções, esperança ao talento e ao zêlo, sem comtudo desanimar a antiguidade em bons serviços.

5.° Conservar a ordem d'antiguidades, aonde não fôr prejudicial; mas estabelecer, ou confirmar o methodo d'escolha quando necessario, livrando-o, quanto fôr possivel, de erros e interpretações.

6.° Estabelecer entre os militares, e as mercês e recompensas, de que o governo póde dispor, uma proporção tal, que umas e outras bastem para animar o exercito, sem demasiado onus para a nação.

7.° Finalmente, alimentar a emulação, fundada sobre principios d'ordem e de justiça; acalmar, ou re-

primir essa fermentação universal de pertenções, que a falta de regras produz, e o abuso anima, e nunca satisfaz. *Joaquim da Costa Cascaes.*

N. B. Estas condições julgamos nós que serão desempenhadas por um Projecto de Lei existente na Secretaria de Estado dos Negocios da Guerra, mandado fazer ha muito pelo Governo de S. M., para ser apresentado ás Côrtes. A intelligencia e o zêlo dos Officiaes, que o redigiram, deixam-nos a bem fundada esperança de que, convertido esse Projecto em Lei, ficará para sempre fechada a porta ao arbitrio, e segura a recompensa a toda a qualidade de merito; objectos em que não são menos interessados os Officiaes do Exercito, do que o Ministro da Guerra; porque a Lei o escudará então poderosamente, contra as numerosas e impertinentes exigencias de alguns dos homens mais influentes nos negocios publicos, que em logar de procurarem zelar a economia da Fazenda Publica, só tratam de se-prevalecerem do seu valimento, para adiantarem afilhados á custa do Thesouro.

NOVOS CARTUXOS PARA ESPINGARDA.

169 Estão-se experimentando actualmente em Woolwich (Inglaterra) uns novos cartuxos para espingarda, inventados pelo Capitão *Norton*. São feitos com grande facilidade dentro de uma fôrma, de que resulta sahirem todos muito regulares. A bala fica envolvida em uma capa delgada de panno de linho ou de algodão, sem a minima ruga.

As vantagens d'estes cartuxos derivam-se do menor vento com que fica a bala, consistindo na minima perda possivel dos gases da carga, e em menos se-desviar o projectil da direcção da linha do eixo, em quanto percorre o cano da arma; devendo por tanto dar maior alcance, e mais certeza de tiros, do que os cartuxos de que usâmos. *F. J. B.*

FEIJÃO DA CHINA.

170 *Sociedade real, e central d'Agricultura. Agronome manufacturier*, n.° 20, pg. 73. (No fim de Fevereiro de 1835). M. Pisard fez conhecer que o feijão, chamado da China, reconhecido pela Associação pelo — *phaseolus coccineus* — que os membros da Sociedade d'agricultura de Nancy tinham já cultivado, deu um producto notavel, quanto á sua abundancia, e á qualidade de suas sementes, que tem sido reconhecidas por superiores aos feijões de *Soissons*. — Esta observação recommenda-se por seu interesse aos nossos cultivadores curiosos das bellas variedades dos legumes, producção alimentar das mais substanciaes, e das mais agradaveis e communs, especialmente para as classes industriosas, e para a marinha de guerra, e mercantil, etc. Será facil mandar vir de França a semente d'este precioso *feijão da China*; e muito aconselhamos a sua propagação. *J. L. A. F.*

DAMASCO MOSCATEL.

171 Ha poucos annos se-introduziu em França esta preciosa, e singular variedade de damascos, trazida novamente das fronteiras da Persia. O fructo é arredondado, amarello carregado, polpa fina, e mui agradavel, mas tão transparente que atraver d'elle se-lhe-vê o caroço. — Não podemos deixar de recommendar muito aos nossos cultores, esta preciosa variedade, para o que poderão facilmente mandar vir de França, ou talvez mesmo das fronteiras da Persia, os caroços, para os-semearem convenientemente, isto é, nas mesmas, ou melhores condições dos já naturalisados. *J. L. A. F.*

PARMESÃO DAS ILHAS.

172 Ha poucos annos que nossos compatriotas tem tido o gosto, não sem admiração, de verem em nossos mercados um novo fabrico de excellentes queijos feitos na industriosa Ilha de S. *Jorge*, no Archipelago dos *Açôres*, que por sua novidade, bom gosto, e alguma semelhança, tiveram as honras do nome de — *Parmesão das Ilhas*. E tal credito tem justamente adquirido, que seu consummo se-tem estendido a todo o Archipelago, á Madeira, e ao Reino; consta que são já conhecidos em Inglaterra com acceitação. — É para dezejar que imitem pela sua industria os queijos mais acreditados no commercio, Parmesão, e Londino, na côr, e massa, e assim os mais; tambem na forma exterior. — Fazem manteiga, mas inferior. — O Governo deverá premiar, e animar tal industria. *J. L. A. F.*

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

Abril 1 de 1574.

GASPAR BARREIROS — *O Ptolomeo Portuguez.*

173 Neste dia, falleceu no Convento de Santo Antonio de *Viseu*, *Fr. Francisco da Madre de Deos*, Religioso de S. Francisco, conhecido neste Reino e nos Estrangeiros, pelo seu famoso nome de *Gaspar Barreiros*. Foi natural de *Viseu*, e sobrinho do nosso grande Historiador *João de Barros*.

Fez seus estudos em casa do Cardeal Infante *D. Henrique*, cujo foi Capellão: e de mandado do mesmo Principe foi a *Roma*, segundo elle mesmo declara « a dar os agradecimentos ao Santo Padre *Paulo* 3.°, da sua creação em Cardeal, e a visitar os que nella foram presentes, e assi sobre alguns negocios que então com Sua Santidade tinha. »

Pio 4.° lhe encarregou a emenda dos Mappas cosmographicos, conforme as Taboas de *Ptolomeo*. E por essa occasião fez um Tractado de annotações ao mesmo *Ptolomeo*, e um Opusculo de observações cosmographicas.

Heitor Pinto, que discordava delle quanto ao seu livro das censuras, reconhece todavia o Autor por *muito douto* e *de varia erudição e grande eloquencia*. *Garcia d'Orta*, lhe chama *Escriptor muito lido*, douto, curioso e homem de muito bom juiso. *João Pinto Ribeiro*, o põe no numero, dos que *mais gostaram a suavidade da nossa lingoa*. *Jorge Cardoso* o nomeia — outro *Ptolomeo*.

Escreveu: Origem das linhagens e brazões d'armas dos Nobres destes Reinos de Portugal e de Castella. Existe em manuscripto.

Publicou: Censuras sobre 4 livros intitulados em M. P. Catam de Originibus, em Beroso Chaldeo, em Manethon Egyptio, e em Q. Fabio Pictor Romano.

Nesta e outras obras (diz *Severim de Faria*) mereceu bem *Gaspar Barreiros*, o nome de sobrinho e discipulo de *João de Barros*.

Chorographia de alguns lugares que estão em um caminho, que fez G. B. no anno de 1546. Começam na cidade de *Badajoz* em *Castella*, até á de *Milão* em *Italia*, com algumas outras obras.

Obra excellente (diz o mencionado *Severim*), e volume tão erudito, que é tido de todos universalmente em grande estima.

**

D. TERESA SOARES, OU A PROVA DE FOGO.

Abril 3 de 1216.

174 Sabido é, como em todos os Codigos do mundo, desde o *Penthateuco de Moysés*, até o da mais libérrima Republica dos nossos dias, se-pune severamente a violação do mais sagrado laço da Sociedade — *a fé conjugal*.

Pela lei *Judaica*, eram os adulteros apedrejados: Para tal nos conta o Evangelho, que levaram *capciosamente os Doutores e Fariseus* a Christo, uma mulher colhida em flagrante.

Strabão — refere que os *Assyrios* tinham tres Tribunaes Crimes, e que o primeiro era exclusivo para punir os adulterios.

Os Egypcios — o mais policiado povo dos antigos, tinham lei, que condemnava o adultero a *mil* açoutes, e á mulher ser-lhe amputado o nariz.

Nas leis de *Minos* — se mandava que fossem coroados de *lãa* e vendidos.

Em *Athenas* — se puniam de morte.

Os *Lócrios* — arrancavam os olhos ao condemnado por adulterio.

As leis de *Roma* — não eram menos severas. A ultima das *doze Taboas*, era privativamente dos negocios matrimoniaes.

Sylla — na sua lei *Cornelia* — ordenou que ao adulterio, se-comminasse morte civil, confisco em todos os bens, e deportação perpetua.

Cesar porém, na lei *Julia*, renovou todas as penas antigas.

O Imperador *Justinianno* — que compilou e reformou o Direito civil, no meiado Seculo 6.° — minorou o rigor da lei *Julia* (diz-se que por conselho de sua esposa), mas ainda assim, ordenou que a mulher fosse açoutada, e reclusa por dous annos, em Convento, — e se no entanto o marido a não reclamava, ou se-negava a recebe-la, ahi jazia por toda a vida.

Os antigos *Saxonios* — queimavam a mulher adultera, e sobre as suas cinzas, erigiam o cadafalso, em que estrangulavam o complice.

Ainda no Seculo X, em *Inglaterra* era punido o adulterio, como o homicidio, e á mulher se-cortava o nariz e orelhas.

Nas *Hespanhas* regeu por largos annos o Direito Visigothico, composto em grande parte do Romano, tirado do Codigo Theodosiano.

D'esse Direito, é filha a lei das Partidas de *Affonso X de Castella*. Nos primeiros Seculos da Monarchia Portugueza, nos *Foraes* dados nas Cortes de *Lamego*, d'elle se-consignaram varias disposições sobre os delictos e penas. E desde ElRei *D. Affonso 2.°* que em 1211, nas Cortes de Coimbra, começou de fazer algumas leis geraes — e nas muitas do Sr. Rei *D. Diniz*, até á Ordenação — Affonsina — o adulterio era castigado com *pena de fogo*.

E parece que a este crime rebatiam sempre com mais violencia e publicidade todos os nossos antigos Reis. *Camões* — fallando de *D. Pedro* o Justiceiro — diz:

> Este, castigador foi rigoroso
> De latrocinios, mortes, e *adulterios*.

Todos estes apontamentos quizemos addusir, para resvalar, na commemoração de uma estupenda prova justificativa de adulterio, que a nossa historia nos conta se-dera n'este dia, no meiado Seculo 13, na cidade de *Braga*, com grandissima admiração de todas as Nações.

D. Gonçalo Mendes de Sousa, nobilissimo Cavalleiro Portuguez, achegado á casa real, por ser esposo de *D. Teresa Soares*, neta de uma irmã do Sr. Rei *D. Affonso Henriques*; serviu com grande honra, aos nossos primeiros Monarchas, assim nos principaes cargos da Republica, na paz, como tambem em todas as façanhas militares d'aquelles bellicosos tempos, em que se-elle assignalou sobrepujadamente.

Este homem de tão nobres partes, e altas qualidades, deixou-se arrastar por fallases suspeitas contra sua mulher, (que é fama, fóra tão casta como formosa) e a accusou d'adulterio, perante o juizo publico. E convem a saber, que para tal, não havia fórma alguma de processo escripto: Se o réo negava, as provas se-exhibiam pelo juramento judicial ou purgatorio, e pela prova d'agoa, de fogo, ou em duelo, fóro que então denominavam — *Juizo de Deos* — Chamada pois a elle, a nobre Dona *Teresa Soares*, — auto que por então se fazia com grande apparato e concurso, — ahi se-resignou á prova fatal do *ferro em braza*: e travando d'elle resolutamente, o manuseou sem lesão, qualificando assim a sua innocencia e castidade.

Divulgou-se este successo, com grande admiração, por toda a Christandade; e diz o Auctor do *Anno Historico* — que fóra causa de o *Papa Honorio III* prohibir aquelle uso, por um rescripto que anda incorporado nas Decretaes.

Corrido, assim da sua inprudencia, como de haver affrontado um membro da real familia — quiz *D. Gonçalo* restituir-se á graça de sua mulher, — mas já ella tinha feito voto de se-retirar para o Mosteiro de *Arouca*, onde coroou a innocencia da vida, com morte santa.

Grande gloria nos cabe logo, de sermos os que assim honrosamente, affugentámos d'entre os homens, uma pratica tão absurda, gentilica, e cruel. Este successo, contribuiu não menos, para assentar a boa reputação, em que sempre foram tidas e havidas, as Donas Portuguezas.

— Nas Leis modernas, estão as penas do adulterio muito minoradas. Na Inglaterra e França, é punido com prisão temporaria e mulcta, — mas o marido perde o direito d'accusar sua mulher, se elle mantem concubina; — mas concedem ao marido o direito de matar sua mulher e o complice, colhidos em flagrante delicto.

A nossa *Ordenação do Reino*, cujo Livro 5.°, composto das doutrinas do Direito barbaro dos *Romanos e Visigodos*, e que com grande pasmo, é ainda hoje o nosso unico *Codigo Penal*, — condemna a adultera á morte, e auctorisa o marido, a matar a mulher e o adultero, não só em flagrante, mas em todo tempo e logar, podendo até, para isso, convocar os amigos e parentes a seu salvo, — resquicios da *lei das revindictas* dos primeiros tempos da Monarchia, que era cadaum poder *encoimar*, isto é, vingar per si a sua deshonra ou de seus parentes.

A mesma *Ordenação*, commina degredo para Africa, e mulcta, ao marido que quebrar a fé conjugal, com ter *barregãa teúda e manteúda*.

E cabe observar, a quem menos attento fór, que todas as leis infligem pena, a qualquer dos conjuges que infringir o juramento, que mutuamente prestaram: E grande cruêsa fóra, que só á mulher se fizesse elle ob-

servar. E se, em verdade, muito mais severas são as leis para com esta, entre as rasões que para tal se-apontam, avulta sobre modo, a do respeito devido ao marido, como chefe natural de familias.

E certo, que é este o unico delicto, em que pelas leis penaes de todos os povos, a mulher fica de peior condicção do que o homem.

Em um livrinho classico, mui pouco lido, — e que temos á vista, dedicado á prudentissima Rainha *D. Catharina*, mulher do Sr. Rei *D. João* 3.° — em 1557 — pelo Doctor *Ruy Gonçalves*, Lente de Instituta e dos Digestos na Universidade de *Coimbra* — com o titulo de — *Privilegios e Prerogativas que o genero feminino tem, por Direito commum e Ordenações do Reino, mais que o genero masculino.* — obra mui curiosa e auctorisada, com citação e apontamentos, de todas as leis e disposições de Direito civil, ácerca do assumpto, se evidencia cabalmente o que levamos dito, sobre esta excepção. E é de reparar, que o Auctor nada diga sobre o *adulterio*. Apenas no capitulo da *Castidade* — fallando do Tribuno Romano, *Virginio*, matar publicamente sua filha, para a subtrair á violencia do Decemviro *Appio Claudio*, diz « estimando mais ser parrecida de sua filha casta, que pay de filha deshonesta. D'alli nasceu a rasão, porque ho direito permitte ao pay matar sua filha junctamente com o adultero, quando os acha commettendo adulterio em sua propria casa ou do genro, marido da mesma filha, e não em outra. »

E na prerogativa LXXXII:

« A Mulher conforme a direito ha de obedecer a seu marido, e ter cuydado do que he necessario nas cousas de casa, e que são para bom tratamento do marido, conforme aa qualidade de sua pessoa. Por este cuydado e trabalho, e pelo grande perigo que passam nos partos e procreação dos filhos, dispõe ho emperador *Justinianno* que se ha de usar misericordia com ellas. »

Não menos digno de reparo é, que fazendo o mesmo auctor, por todo o livro, copiosa menção das virtuosas Matronas de todos os tempos e seus nobres feitos, nada nos diga ácerca de *Dona Teresa Soares* — que acabamos de referir.

Havemo-nos detido mais do que nos é dado, por ser esta materia de grande momento, e cumprir que façamos vêr, como as leis arribavam até a crueldade, para manutenção dos nossos bons costumes. Faça Deos, que estas linhas não movam a riso, — que o haveremos por a maior prova de quão pouco se respeita já ahi um vinculo tão sagrado, como é o matrimonial, que sobre ser o mais seguro esteio das Republicas, é de mais a mais, sacramentado pela Igreja.

Mal se poderá manter e guardar o decôro das familias, onde os chefes forem os primeiros quebrantadores. Deste sentimento, que não é só religioso, ou politico, senão moral e pessoal, vai este nosso seculo em grande mingoa, ou antes desprezo.

Já nos começos do passado, dizia um auctor portuguez, tão venerado por suas virtudes, como conhecido por suas letras, *o Padre Manoel Bernardez*: « Tempos houve (ó bons tempos) em que das portuguesas casadas, se não conhecia fóra de casa o nome. Era necessario para explicação discrem: A mulher de fulano. Hoje conhece-se o nome, conhece-se o rôstro, conhece-se o *leito*! » — Outro escriptor nosso contemporaneo, grande honrador deste, e que muito ao perto o segue, — o qual tomou a si a *religiosa* missão de anathematisar essa praga infinda de *Romances* e *Dramas* desmoralisados e desmoralisadores, que a *França* para cá nos *enxóta* — esse tal, quando no nosso Theatro assomaram as mais infimas peças de V. Hugo — escreveu fatidicamente (e ainda mal que em folhas que passam com o dia em que apparecem.) « Se tua mulher já hesita perplexa, entre a fidelidade que te deve, e o sorriso de um praser novo que a convida, — leva-a a vêr a *Torre de Nesle*: mas antes de se levantar o panno, dá-lhe o ultimo abraço e o ultimo beijo que lhe podes dar *sem vergonha*. Entraste para o espectaculo com uma mulher fraca, mas ainda mulher, mas ainda possivel de converter, mas ainda tua, — saiste do espectaculo com uma prostituta; — larga-a ao primeiro que lhe lançar o braço. » — Oxalá que tão *graves* e severos exemplares, e admoestações, como aqui trasladamos, nos façam olhar melhor pelo que tanto nos cumpre e interessa — *A nossa honra, e o exemplo a nossos filhos.*

Abril 5 *de* 1385.

175 UMA MENINA, AINDA INFANTE, VATICINA A ACCLAMAÇÃO DE D. JOÃO 1.°

. . . .

Joanne sempre illustre alevantando
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,
(Ainda que bastardo) verdadeiro.

Ser isto ordenação dos Ceos divina
Por signaes muito claros se mostrou,
Quando em Evora a voz de uma menina,
Ante tempo fallando, o nomeou,
E, como cousa em fim que o Ceo destina,
No berço o corpo e a voz alevantou:
Portugal! Portugal! alçando a mão,
Disse, pelo Rei novo Dom João.

(Camões, Lus. Cant. IV.)

A. Tullio.

PRECIOSIDADES PARA VELHAS E MOÇAS.

176 Os gregos, que fabularam todas as cousas, disseram, e os romanos, que fabularam *todas as cousas e outras muitas mais*, repetiram, que despeitosa Juno contra o tonante do marido por este haver per si só produzido uma filha, emprendêra a mais extraordinaria peregrinação, que nem deusas nem mulheres jámais fizeram; ía-se por esse mundo a cabo, em cata, de aventuras não, que não era ella femea para leviandades, mas de algum segredo natural, possante para a-tornar mãi sem a mercê de seu marido; não admira que em demanda tal chegasse a cançar e esmorecer. Viu ás portas de um templo de Flora, não sei eu agora em que paragem, mas lá devia de ser por essa Grecia, uns poiaes mui preguiceiros, que, menos quebrantada que ella fôra, bem n'a houveram convidado a repousar-se; era pela volta do sol posto, de primavera não fallemos, que sempre n'aquelle sitio devia ella de reinar; reclinou-se no musgo fofo dos poiaes, e fantasiando em seu empenho; quasi se-ía deixando adormecer ao derradeiro raio do sol, quando Flora, que, já sabeis, tambem tem que fazer com a noite, saíu a espairecer-se pela fresquidão temperada do crepusculo; dá com os olhos em Juno; maravilha-se; e mais subiu a maravilha de ponto quando soube a diligencia com que de porta em porta mendi-

gava sem achar remedio. — A boa vieste bater, lhe-disse por fim, que tenho eu nos meus hortos uma flôr de tão peregrina condição, que fio satisfará todos teus desejos: — então lh'a foi mui aguçosamente colher, e lhe-explicou o como della se-havia de servir. Lástima é que d'essas explicações não ficasse lembrança registada, e que da flôr, nem Theofrasto nem Plinio, nos mandasse descripção: é especie provavelmente perdida, e tão perdida, que nem saudades cá deixou: em summa que, Juno tão bem se-deu com a droga, que passados nove mezes fez uma figa a Jupiter, produzindo em suas barbas um filho; e não, qual o-promettia a-sua origem, floridinho e engoiado, senão reforçado, e tal que veio a ser o Deus da guerra.

Na França, onde tambem se-fabúla muita cousa, saíu, não ha ainda agora muito tempo, um livro de um Doutor, em que se-tratava do como sem casar, e só per si, podia qualquer moça saír com prole: o editor não foi apedrejado e enriqueceu.

Até aqui mercê de Deos não ha senão fabulas gregas, romanas, e francezas; o que porém agora relataremos, posto que mui parecido com ellas, e pouco menos maravilhoso, em taes fundamentos se abona que para crido lhe não faltam foros. Não se-trata de ter filhos, senão de ter leite por fora do theor usual da natureza; é tambem n'uma planta, que se enthesoura esta singular virtude, mas d'esta vez a Flora que a offerece, não é a da Grecia, sim a da Africa; e não em segredo a uma deusa, senão a quantas mulheres ha ahi, velhas ou moças, donas ou donzellas; ser femea e usar da planta são os unicos requisitos para poder amamentar. Tomemos mais alguma luz para entrarmos affoitos n'este misterio: de boa parte e por boa mão nos-vem ella deparada. Lemos no excellente *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa* um capitulo do Sr. Doutor *Bernardino Antonio Gomes* ácerca da materia; d'ahi colhemos, o que ora vereis. — De *Cabo Verde* se-mandaram sementes do que lá chamam *Bafureira*; lançou-as o auctor á terra; nasceram-lhe; póde logo estudar a planta pelos seus olhos.

« A separação dos sexos em flores monoicas; o numero, forma, collocação de seus estames, pistilos, ovario e fructo; a forma finalmente e divisões dos calices das duas ordens de flores denunciam claramente a familia, *euphorbiaceas*, o genero, *ricinus*.

« N'este genero menciona *Brotero* como existente em nosso paiz unicamente a especie *ricinus communis*, bem conhecida. Apparece cultivada em alguns terrenos da capital (e hoje o jardim do Hospital da Marinha é um d'elles) outra especie, que differe da primeira pela maior proporção de seus fructos, folhas e em geral todas as partes da planta: pela falta de lustre e coloração roxa das folhas e caule, proprios do *ricinus communis;* e finalmente pela auzencia de aculeos moles; que na maior parte das especies d'este genero costumam revestir a superficie exterior de seus fructos, a qual superficie na presente especie é perfeitamente liza. E' provavelmente esta planta a especie ou talvez simples variedade — *ricinus communis de Jacquin.*

« A *bafureira* parece ser tambem uma variedade do *ricinus communis;* com effeito differe do nosso carrapateiro unicamente pela menor proporção das diversas partes, que a compõe, pela falta de lustre e coloração roxa de suas folhas e caule, substituidos n'esta planta por um inducto como pulverulento, esbranquiçado, e que facilmente separado com os dedos deixa ver inferiormente uma superficie verde clara. No mais é esta planta perfeitamente similhante ao nosso carrapateiro.

« Os caracteres distinctivos, que referimos, sendo daquelles, que a cultura, variedade de terreno, clima ou exposição facilmente modificam, e podem mesmo mudar, não são por isso sufficientes para fazer olhar esta planta como especie particular; que o póde ser todavia se todas aquellas condições diversas não são capazes de produzir uma similhante modificação. Sobre este objecto porém a observação e experiencia só podem sentenciar.

« A *bafureira*, além do interesse que dá pelo oleo de suas sementes, similhante em tudo ao dos outros carrapateiros, e que ó por isso empregado nas Ilhas de *Cabo Verde* não só na qualidade de meio medicinal, mas como um util combustivel para illuminação, offerece aos habitantes daquelle paiz um recurso farmaceutico de outra ordem; sobre o qual julgamos dever chamar a attenção dos Praticos, e tanto mais quanto não vemos que um só auctor de materia medica faça menção de similhante propriedade.

« Tem-nos sido dito por pessoas que tem vivido nas Ilhas de *Cabo Verde* ou na Costa de Africa, que é usual pratica mui antiga entre o povo o servirem-se as mulheres daquelle paiz das folhas de *bafureira*, com o fim de activar a secreção lactea. Affirmam-nos algumas destas pessoas, que pela sua educação julgamos superiores a prejuizos grosseiros, que é tal uma similhante virtude que não só nas mulheres recémparidas ella se opera, mas chega mesmo a produzir-se nas virgens ou de avançada idade; acontecendo ter-se visto por este modo alimentarem por muito tempo crianças, mulheres, a quem por sua idade e demais circumstancias nenhuns estimulos naturaes seriam capazes de desafiar uma similhante secreção. »

Nada affiança por si o nosso auctor ácêrca do assumpto, mas pondera que nas tradicções e praticas populares muita coisa tem a Medicina lucrado; pelo que dar logo de mão a uma grande novidade, só pelo motivo de o ser; não é de animos prudentes; no que nesta sciencia ha de racional, diz elle, não podemos por ora confiar tanto, que sem exame reprovemos tudo, que parece sahir da esfera de nossas explicações.

« O modo de emprego costuma ser em cataplasmas das mesmas folhas verdes applicadas aos seios ou em repetidas lavagens dos mesmos seios e orgãos exteriores da geração feitas com cosimentos concentrados das referidas folhas. Algumas vezes tomam em bebida conjunctamente porções destes cosimentos. Recommenda-se evitar o dar ás crianças o primeiro leite obtido por este modo por ser nimiamente impregnado de principios cujos effeitos podem ser mais ou menos nocivos ás crianças. »

São tantos os exemplos que nos tem vindo relatados de criações feitas e perfeitas em *Cabo Verde* com estes leites virginaes, que á nossa crença a seu respeito já nos não parece poder caber o nome de credulidade: falta agora averiguar se passadas para os nossos ares, mormente a súbitas, e sem virem por competente escala de climas onde se lhe quebrem as esquivanças e estranhezas, estas plantas conservarão a virtude; — que valem a pena da experiencia, coisa é, em que ninguem porá duvida, como sejam os facultativos, que nisso entendam, discretos e prudentes: as vantagens

de tal achado, por si mesmas estão ferindo nos olhos: ¿a quantas mãis não fallece inteiramente o leite? ¿a quantas outras por causas fisicas ou moraes se não diminue ou refoge totalmente? ¿ quantos expostos não definham e morrem á mingua delle, por todas essas misericordias, muitas vezes, e quasi sempre forçadamente deshumanas? Soccorremo-nos em similhantes apertos ao leite dos animaes, mas esse em bondade cede tanto ao das amas, como o das amas ao das mãis. Cultive-se, tente-se, e retente-se pois a *bafureira*: muitos centenares de existencias lhe poderão ainda vir a ser devidas; por ella a mulher, já despojada dos deleites da maternidade, poderá experimentar de novo a doçura ineffavel, de ter fontes de vida para labios innocentes; por ella, a moça poderá anticipar sem perder, ou a sua liberdade ou a sua virtude, o mais agradavel officio do seu sexo; á sombra em fim desta planta abençoada, e tão poetisadora, poderá a mulher reunir ao mesmo tempo em si, os dois extremos da graça, do feitiço, da amabilidade, e da perfeição do seu sexo, a virgindade e a maternidade. *A. F. de Castilho.*

———

Memoria sobre a exploração da Costa ao sul de Benguella na Africa Occidental, e fundação do primeiro estabelecimento Commercial na Bahia de Mossâmedes, pelo emprehendedor Antonio Joaquim Guimarães Junior.

177 Tivemos occasião de vêr esta memoria, que acaba de sair á luz, e que é composta pelo Sr. *Guimarães Junior*: lemol-a com prazer e com saudade, e taes e tantas lembranças nos suscitou a sua leitura, que não podemos resistir, nós familiares com quasi todas as pessoas e com alguns dos logares e successos, de que ahi se-trata, ao desejo de por este motivo occupar a attenção, principalmente d'aquelles, para quem ainda causa algum interesse ouvir fallar de cousas, que dizem de mui perto respeito a esta nossa terra. Além de que tão escassas hão sido as noticias, que a imprensa nos tem dado da Africa occidental portugueza ao sul da *linha*, para a qual parecem estar voltadas de ha tempos a esta parte todas as vistas, e que tem occupado uma boa parte da nossa politica externa, que não póde deixar de ser agradavel o chamar por qualquer modo a attenção do publico a este objecto.

Neste opusculo, cuja leitura recommendamos da maneira a mais efficaz, o seu auctor é, como em algumas das producções dos tempos mais felizes do nosso antigo Portugal, ao mesmo tempo o heroe da sua obra. Diz-nos o que viu, e conta-nos os successos em que infelizmente foi a parte principal; e lamentamos assaz, que o empenho talvez, com que nos deu conta destes, o fizesse ser tão minguado no mais. No entanto todas as informações, que nos dá, ainda que poucas, são a muitos respeitos preciosas. E com effeito ao sul de Benguella, toda a beiramar com a unica excepção do ponto das salinas, na proximidade desta cidade, era para nós desconhecida; até muitos duvidavam se essas costas, que correm até Cabo Negro, eram ou não habitadas. D'aqui se vê o interesse que devem ter as noções, que nos dá dos povos de vida pastoral, que as habitam. Sendo o nosso fim principal chamar a attenção sobre esta memoria, e aguçar o appetite de a-lêr áquelles, a quem se ella deparar, não é nossa intenção analisal-a, nem mesmo dar o extracto della, que o não comportam os estreitos limites de um artigo para um jornal, mas dizer quanto basta somente para desafiar a curiosidade. Accrescentaremos com tudo que tendo conversado algumas vezes em Loanda com o Doutor *Lange*, de que na dita Memoria se-faz menção, depois do seu regresso da bahia de Mossâmedes, e tendo visto o officio do commandante da Corveta, em que deu conta ao Governo da Provincia da expedição exploratoria á dita bahia, podemos affirmar, se a memoria nos não falha, que é exacto quanto o Sr. *Guimarães* nos diz na parte descriptivaa da sua obra. Não diremos que a linguagem é eloquente nem a dicção castigada, mas sendo escripta debaixo da influencia de um despeito assaz declarado, e que nos não atrevemos a taxar de injusto, mister é desculpal-o neste ponto. Que o máu fado das nossas cousas foi lançar o germen da intriga em começos, que promettiam um tão bello resultado, temos nós por sem duvida; porém, qual foi a mão que o lançou, nem o sabemos ao certo, nem ousamos conjectural-o, e muito menos dize-lo, e só sim que merece toda a desculpa a parcialidade daquelle, que falla de si, ou queixando-se ou defendendo-se. Seja como fôr; sem ajuizarmos dos factos, que passaram com o Sr. *Guimarães*, de que tão amargamente se-queixa, nem do modo porque os-encara, o certo é que a maior parte das suas reflexões em these são verdadeiras; e concordamos perfeitamente com ellas. Eis-aqui talvez o logar proprio de dizer muita cousa, que observámos, e o que pensâmos mesmo relativo ao estabelecimento de Mossâmedes, mas nem o espaço da escriptura nem a occasião do tempo o soffre; além de que suspeitando-se quem fôsse o auctor do artigo poderiam attribuir a resentimento, ou a outra causa o que não seria mais do que a expressão verdadeira do intimo convencimento: com tudo muito agradecemos ao Sr. *Guimarães* o que nos-dá sobre a bahia de *Alexandre* ou *Porto Pinda* e bahia de Mossâmedes, se bem que involto no desafogo de suas máguas. Endereçamos-lhe nossos sinceros elogios, e sirvam elles de incitamento a outros que mais razão tenham para o-fazer. Encontrados têem sido os juizos sobre o futuro d'aquelle estabelecimento. — Já dissemos que a discordia presidiu ao seu começo, não sabemos porém com certeza se a abominação, que contaminou os do norte, tenha infeccionado já este, como alguns pretendem; e fazemos votos para que tão grande mal não aconteça. Fomos informados, e a Memoria de que tratamos nol'o dá tambem a entender, que estes povos ao sul de *Benguella* não conhecem escravos. E estarão elles ainda agora nessa feliz ignorancia, depois da communicação com os europeos? Duvidamol'o muito, e antes é muito provavel que o estabelecimento se-perverta, como é fado de quasi tudo, que se-emprehende de bom n'aquelles paizes. Presumimos pelas impressões que nos-ficaram da presente Memoria, que na primeira occasião de vagar, voltaremos a este assumpto. *G. I. L.*

NOTICIAS.

ESTADOS-UNIDOS.

178 O Senado tratava de levantar os direitos das mercadorias estrangeiras, com mais 20 por cento para cobrir o *deficit* do thesouro.

RUSSIA.

179 Pelas folhas de Hamburgo, se sabe d'uma insurreição militar, a qual, segundo parece, fôra suffocada no mesmo dia. É para notar, que estas tentativas de levantamento, se-repetem naquelle Imperio com grande frequencia; porém taes são as disposições severas tomadas pelo Governo, para que noticias desta natureza sejam logo suffocadas, que rarissimas transpiram na Europa.

BELGICA.

180 Continuam os debates, sobre o processo dos implicados na ultima conspiração de Bruxellas.

GRÃ-BRETANHA.

181 *Sir R. Peel*, apresentou um novo e vasto plano de providencias fiscaes, precedido d'um brilhante discurso, cujo fim era provar que a necessidade de supprir o *deficit* exigia novos impostos. Entre outras disposições, propõe elle a revisão e consolidação da Pauta commercial, e um tributo de perto de 3 lib. sobre quaesquer rendimentos, que ultrapassem 150 lib. só esta ultima clausula, tem dado logar a uma vehemente opposição, principalmente fundada na natureza do tributo, que tendia a devassar os negocios privados.

A Rainha declarou que os seus proprios redditos, ficariam tambem sujeitos á deducção de 3 por cento; caso o parlamento julgasse, aquelle tributo indispensavel.

A Camara, entre outros assumptos, tratou do lançamento do imposto de rendas do *bill* sobre propriede litteraria; do que trata da validade dos casamentos dos viuvos, e do dos negocios da Igreja Escoceza.

Na Sessão de 14 do passado, fallou-se em ambas as Camaras, da questão da apresentação das credenciaes do Embaixador de *França* em *Hespanha*, em cuja pendencia tinha officiosamente entrado o Gabinete inglez.

O desastre acontecido ao Exercito inglez no *Affghanistan* foi gravissimo: um novo reforço de 10:000 homens vai ser enviado. Eis-aqui o modo, porque sobre este acontecimento, se exprime o *Morning-Herald*.

Bombaim 1.º de Fevereiro.

« A valente guarnição ingleza de Cabul, composta de 6:000 homens, foi passada á espada. Dezeseis mulheres dos officiaes mortos estão prisioneiras, e destinadas a soffrer uma sorte peior que a morte. Não podendo o exercito já soportar o frio e a fome, poz-se em marcha a 29 de Janeiro, decidido a abrir passagem ou morrer. Quando estes valorosos desfillavam por entre duas montanhas, foram accommettidos por turbas formidaveis. O combate durou tres dias, e foi terrivel. Os inglezes foram accommettidos por um inimigo mil vezes supperior em número, e ajudado da aspereza das montanhas. Do regimento 44 ficou um homem. Antes de se-pôrem em marcha, só tinha cada soldado 20 cartuxos: gastas estas poucas munições, foi preciso carregar á bayoneta o inimigo, que se-occultava por detraz de rochedos. quasi inaccessiveis. Tudo ficou morto. A cabeça do desgraçado sir MacNagten, foi pregada sobre as portas de Cabul, e pozeram-lhe por irrisão os occulos verdes, de que costumava uzar. O official portador d'estas noticias diz, ter visto um terrivel sacrificio de sete officiaes.

Segundo as noticias da *China*, o plenipotenciario *Sir Henrique Pottinger* tinha voltado de *Chusan*, e feito com que outra vez começassem as hostilidades contra *Cantão*. »

FRANÇA.

182 Approvou-se na Camara dos Deputados, em sessão do dia 10 do passado, a Lei relativa aos fundos secretos por uma maioria de 77 votos, que foi levada aos Pares a 16. Nesse dia o Ministro da Guerra, lhes apresentou tambem o projecto relativo aos 80 mil homens da classe de 1843.

Lemos na *Ley* de *Barcellona* de 16 de Março, que naquelle dia chegára alli a noticia de que o Governo francez, descobrira uma nova conspiração, contra a vida de *Luiz Filippe* e de sua familia; em consequencia do que se-adoptaram nas Tulherias providencias extraordinarias.

O Governo authorisou os refugiados hespanhoes para se-transportarem a *Argel*, pagando-lhes a viagem, e ministrando-lhes os mesmos soccorros que em *França*.

Houve no Canal, bem como no Mediterraneo, um temporal medonho, que causam uma grande quantidade de naufragios.

É para notar, que os periodicos francezes, mencionam uma conferencia de duas horas, no dia 14, entre o Rei e o Conde *Molé*, e outra no dia 15 com o Sr. *Thier*: alguns acreditam em mudança de Ministerio.

Falla-se novamente, de que se entregaram a D. *Carlos* e sua familia, passaportes para a *Allemanha*.

HESPANHA.

183 Os assumptos de que as Córtes se tem occupado, são de importancia secundaria. Devia tratar-se em breve, da Lei de organisação e attribuições das Municipalidades.

Tinha-se lido a 17 na Camara dos Deputados o parecer, modificado pela commissão, ácerca da authorisação pedida pelo Governo, para mobilisar 50$000 homens da milicia nacional.

Em *Valencia*, um facto escandaloso e atroz havia de novo causado geral excitação. Alguns soldados nacionaes, ao meio dia, entrando em uma casa se-apoderaram de dous individuos, e sem preceder exame, e sem intervenção de authoridade alguma, os-fuzilaram, a pouca distancia do logar em que foram apprehendidos.

A *Atalaya do Norte, de S. Sebastião*, diz a 18 « Annunciam-nos como provavel, a dissolução immediata do exercito do Norte.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

Diario do Governo de 26 de Março.

184 Serão abonados aos beneficiados, que tem effectivamente servido, os rendimentos respectivos a seus beneficios, segundo as condições na Portaria especificadas.

28 de Março.

O baptismo de S. A. não terá logar no 15.º dia do seu nascimento, mas sim n'outro que será designado. — O Conservatorio estabelece as condições da matricula do presente anno lectivo.

BAPTISMO DO INFANTE.

185 No dia 26 foi baptisado o 3.º filho de S. M. F. com o nome de João. Parece que o anticipar-se este acto, ao dia que primitivamente lhe-tinha sido marcado, fôra devido a rogos da Madrinha, a Senhora Infanta Dona *Isabel Maria*, cujo coração religioso lhe não soffria, vêr espaçar-se mais longamente esta regeneração espiritual. SS. MM. accederam de boamente, deixando, para o dia anteriormente fixado para o baptismo, a cerimonia da imposição solemne dos Santos Oleos.

NAUFRAGIOS PERTO DE PENICHE.

186 No n.º 10 (aliás 24) d'esta Folha démos noticia de um naufragio, cujas circumstancias, parecem não ter sido exactamente, taes quaes as descrevemos, por informações que julgámos fidedignas.

O nosso correspondente de *Peniche* fez-nos o obsequio de rectificar aquella noticia, em carta de 22 do corrente, do seguinte modo:

Eis-aqui os naufragios acontecidos ao Norte e Sul de *Peniche*.

Na noite do dia 15 de Janeiro de 1842, naufragou na praia de *Peniche de cima*, o Brigue Hespanhol *Santo Agostinho*, Capitão *D. Juan Garcia Ronduelles*, vindo de *Cadiz* para *Gigon*, com carga de tabaco (folha para charutos) sal, e vassouras, com cinco pessoas de tripulação, incluido o Capitão, os quaes todos se-salvaram sem perigo algum. Da carga, á excepção do sal, salvou-se tudo o que se póde salvar, em quanto o mar não partio o Navio pelo meio, o qual era de 48 toneladas.

Na tarde do dia 23 de Fevereiro de 1842, naufragou na praia do Sul de *Peniche*, a Escuna Hespanhola *Santa Anna*, Capitão *D. Juan Manoel Rodrigues* indo de *Villa Garcia* para *Cadiz* com carga de bezerros, caffé, presuntos, ovos, e outras miudezas, com seis pessoas de tripulação, incluido o Capitão, os quaes todos se-salvaram, assim como vinte cinco passageiros que trazia. Era de 28 tonelladas. O mar em breve fez o Navio pedaços; e por isso da carga, a maior parte pereceu, o a que se-salvou ficou muito avariada.

Cada um d'estes naufragios, apenas acontecido, foi logo participado á Alfandega Grande de *Lisboa*, e ao respectivo Consul Geral.

Creio, que a pessoa que da *Ericeira*, deu a noticia para a Redacção da Revista Universal, não a-quiz enganar; mas é certo, que se deixou enganar por boatos.

Attenta pois a proximidade dos portos, da procedencia e destino dos Navios naufragados, é de presumir, que a Imprensa periodica, leve a muitas familias aquellas noticias funestas, que o Artigo rectificado contém; e por isso nos damos preça, a vêr se as-prevenimos com esta boa nova quanto ao salvamento das vidas, já que não póde ser mais.

UM OFFICIAL ENVENENADO POR UMA RAPARIGA.

Quesitos — Sentença.

Comarca de Valença.

Autos Crimes em que é Autor o Ministerio Publico, e Ré Maria José, accusada de propinar veneno ao Alferes José Pedro Ferraz.

(Conclusão.)

187 1.º Quesito. O crime de dar veneno ao Alferes José Pedro Ferraz para o-matar, de que a R. Maria José é accusada no Libello, está ou não provado?

Por unanimidade, o crime de que a R. Maria José é accusada, está provado.

2.º Quesito. A R. commetteu aquelle crime com circumstancia aggravante de roubo feito ao mesmo fallecido José Pedro Ferraz?

Por maioria não está provada a circumstancia do quesito.

3.º Quesito. A R. commetteu aquelle crime com circumstancia aggravante, de ser praticado aleivosamente, ministrando-se o veneno na occasião da molestia do fallecido Alferes Ferraz, no caldo destinado para o seu alimento?

Por unanimidade está provado que a R. administrou o veneno ao fallecido no estado de molestia deste, não estando provado se foi no caldo, ou em outra bebida.

4.º Quesito. A R. commetteu aquelle crime com a circumstancia aggravante de viver na casa e companhia do mesmo fallecido Alferes.

Por unanimidade está provada a circumstancia do quesito.

5.º Quesito. A circumstancia attenuante, de ter a R. commettido o delicto, quando tinha menos de vinte annos de idade, está ou não provada?

Por unanimidade está provada a circumstancia do quesito.

6.º Quesito. A circumstancia attenuante, de ter a R. commettido o delicto, quando tinha menos de dezesete annos de idade, está ou não provada?

Por unanimidade está provado que a R. tinha dezesete annos completos; quando perpetrou o crime.

7.º Quesito. A R. commetteu o crime com tanta malicia pelo modo e circumstancia delle, que se possa entender que em malicia se-supprisse, o que lhe fallasse por idade?

Por unanimidade está provado que a R. commetteu o crime com aquelle grâu de malicia, que é natural n'aquella idade de dezesete annos completos.

Sentença.

Pelas respostas dadas pelo Jury, aos quesitos primeiros, terceiro e quarto, mostra-se que a R. accusada Maria José, solteira, natural de Odmira, Comarca de Ourique, Districto de Béja, commettêra o crime de que é accusada, de haver dado veneno ao Alferes José Pedro Ferraz para o-matar, verificando-se este facto criminoso com as circumstancias aggravantes de ter sido administrado o veneno, achando-se o dito Alferes no estado de molestia, e quando a perpetradora do crime vivia com elle na sua mesma casa e companhia: A ord. liv. 5.º tit. 35 § 2.º pune a simples propinação do veneno, ainda que de o tomar se não siga a morte, com a pena de morte natural; e a ord. do mesmo liv. tit. 37 princ. e §§ 1.º e 2.º manda exacerbar as penas comminadas pelas leis aos factos criminosos, quando elles são commettidos com circumstancias tão aggravantes, como as de traição e aleivosia mencionadas nos quesitos terceiro e quarto, e acima referidos. Todavia a ord. liv. 5.º tit. 135 concede ao Julgador a faculdade de minorar as penas, em que incorrem os menores de vinte annos, ainda que maiores de dezesete, quando na perpetração dos crimes pelos quaes lhes-sejam impostas, não mostram malicia tal, que seja superior á idade em que os-commettam; e como da resposta dada ao quinto quesito

se-mostra provado, ter a R. menos de vinte annos de idade ao tempo da perpetração do crime; e pela resposta dada ao quesito ultimo, me não foi inhibido o sobredito arbitrio, de que tanto mais convém usar, quanto pela applicação da pena ordinaria, só accresceria sobre um mal irremediavel, o desamparo do innocente filho, que neste momento accusa de origem de suas desgraças, sem poder deixar de ama-lo. Por tanto, condemno a R. Maria José na pena de prisão por toda a vida e nas custas. Valença 1.º de Fevereiro de 1842. — *Manoel Francisco Pereira de Sousa.*

(Jornal de Utilidade Publica.)

D'ONDE SE NÃO ESPERAM, D'AHI VEM.

188 Mal conhece este seculo, quem lhe-negar as honras de inventivo: a originalidade é o cunho de todas suas obras. — Fazer dos logares sagrados asylo para criminosos era uma idéa já velha e quasi de todo passada; cobrir-se com as vestes santas, para sob ellas apascentar o remorso que salva, em todos os tempos se-tinha visto; mas tomal-as para capa dos crimes, eis-ahi o que, se não é inteiramente novo, não carece todavia do merito da raridade.

Na noite de 18 do passado março, recolhia-se á sua igreja do Carmo, na cidade do *Porto*, a procissão, que em tal sexta feira de quaresma se-costuma. Entram os andores, esplendidos, meneando por entre as orações e louvores do pôvo, apinhado ás imagens triumphaes, dos celestes hospedes, e vão honradamente collocar-se, nos diversos postos que na Casa de Deos, lhes-estavam destinados. Os devotos, depois de se-lhes-encomendarem de joelhos, e pôrem piedosamente sob a sua protecção, todos os seus bens espirituaes e temporaes, retiram-se; as luzes se-vão apagando umas após outras; a noite do templo, se-torna de minuto para minuto mais profunda, mais solitaria, e mais silenciosa: pouco faltava para se as portas fecharem; estremece um dos Santos, alguns dos poucos expectadores que ahi eram, recuam aterrados; um mais atrevido investe com o andor, e por debaixo d'elle, sob as plantas do bemaventurado... encontra agachado, como o diabo aos pés de *S. Miguel*, um ladrão! a policia se-apoderou d'elle, foi conduzido ao quartel da Municipal, onde ficou detido em segredo até novas providencias. D'esta arte se-preveniu um roubo, que podéra ter sido consideravel, vistas as alfayas e joyas, que por esta occasião se-achavam na igreja reunidas, e talvez se-atalhou, algum ainda mais desastrado sacrilegio.

Um cavallo de madeira introduzíra em *Troya* os seus destruidores; outro similhante em *Paris*, ha dois dias, uma carregação de charutos de contrabando; mas tudo isso é nada, em comparação de um Santo, forçado a ser capa de um velhaco, ladrão de sua propria casa.

ASSASSINIO ATROZ.

189 Atravessando um pinhal, lá para os arredores de Penafiel, uma pobre rapariga de 17 annos, caminhava desassombrada e leve, como quem assim tem a consciencia; — eis que lhe sae *ao encontro* um Pedreiro, seu visinho. Levava a desventurada um bom cordão d'ouro, que lhe ornava o collo, e quebrava os olhos das invejosas. O ladrão, antes que lhe sacasse o cordão, alçou aquelle mesmo braço, que já talvez n'outras occasiões, á voz de alguns *Vereadores Philosophos*, houvesse descarregado, sobre obras preciosas da arte e monumentos da historia, e mais desalmadamente agora o desfechou sobre a cabeça desta sua victima, fazendo-lhe saltar com o sangue os miolos. Por denuncia, acaso do Ceo, lá está o assassino nos ferros da justiça dos homens, e já talvez condemnado na de Deos.

DUELO POLITICO.

190 Em Campo Maior, dous Sargentos, por cousas de parcialidades, bateram-se como homens *politicos*, que julgavam ser, um soçobrou — e lá irá mais este para o *Martyrologio politico*. T.

191 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 23 ATÉ 29 DE MARÇO DE 1842.

Dias do mez.	Termometro exterior		Barometro		Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	Estado da Atmosfera.
	Max.º	Min.º	9 h. m.	3 h. t.			
23	58	44	753,5	751,0		^{3}N.^{4}	Cl.º até ás 10 horas, cob.º e cl.ºs: muito frio, sêco, e ventoso.
24	54	40	55,0	54,5		^{3}N.^{4}	Cl.º e alg. nuv. — Id.
25	54	34	59,5	58,0		^{3}N.	Claro — Id.
26	59	40	60,1	59,8		^{1}N.	Id.
27	62	46	61,0	60,3		NO.	Coberto, claro e nuv.
28	65	48	62,0	61,3		SO. S	Cob. e claro. Noite coberta, tepido.
29	65	52	62,4	63,0	4	^{1}SO.	Chuva de mad.; dia claro e nuvens, Id.

Continuou até 26 a rigorosa quadra que começou a 19, fazendo-se notavel pela intensidade dos frios e excessiva secura do ar, conservando-se a athmosfera mui clara com ventos assaz rijos do norte. Na madrugada de 25 baixou o termometro a 34 F. ou somente um grão de Reaumur acima da congelação, o que é insolito para época tão adiantada do mez. Em Cintra gelou a agua, e appareceram geadas; porém julga-se não terem causado notavel prejuizo ás arvores, que pela maior parte se-acham ainda com a flôr abotoada; com tudo a excessiva secura do mez, e a violencia dos ventos, deve ter sido prejudicial aos vegetaes, que segundo as apparencias indicam um anno fertil.

Observando-se o diario se reconhecerá que no curto intervalo de 7 dias soffreu a athmosfera uma variação de temperatura, entre as madrugadas e as horas meridianas, de 40 F., ou 18.º R.

Em o nosso clima apparecem repetidas vezes estas irregularidades sem relação ás estações, principalmente no fim do inverno, e na primavera, pelo que amiudadamente são frustradas as esperanças do agricultor. O mez de Março de 1840 offereceu um fenomeno igual, apparecendo excessivamente frios os ultimos 7 dias daquelle mez, baixando o termometro 37.º; porém em Cintra e Collares gelou a agoa, e houver muitas geadas. Foi igualmente rigoroso o mez de Março de 1837, decorrendo na sua totalidade excessivamente frio e ventoso, descendo o termometro a 35.º nos primeiros dias. De taes observações se-collige que este ultimo mez do inverno apparece algumas vezes assaz frio, sêco e ventoso; e por isso se o antecedente decorre tepido e ameno, o que muitas vezes succede, resultam gravissimos prejuizos á vegetação das plantas, que traiçoeiramente é surprehendida no seu desenvolvimento, o que não acontece nos climas frios aonde a regularidade das estações segue uma lei mais constante.

No dia 27 começou a influencia da 5.ª quadra, amaciando a temperatura, toldando-se a athmosfera e passando o vento para o sul e sudoeste; porém o ar ainda se manteve sêco, e só na madrugada de 29 caiu escassa chuva que não tem apparencia de continuar, e de cujo beneficio muito carecem os campos. *M. M. F.*

Na Imprensa Nacional.

3.º DA 3.ª SERIE. N.º 27. 7 ABRIL 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sahe ás quintas feiras — Escriptorio, rua da Horta Secca n.º 20 — Assigna-se no Escriptorio e na Loja da Viuva de João Henriques, n.º 1, rua Augusta — Avulso 80 réis: 12 numeros 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis — O pagamento devê ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados, e por caso nenhum aos distribuidores — Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Tem todos, e só elles entrada gratuita n'um Gabinete de Leitura do Estabelecimento (segundo o respectivo regulamento), aonde se acham muitos jornaes e escriptos politicos, litterarios e scientificos, em portuguez, francez, hespanhol, inglez, e allemão — Os subscriptores das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes convier — Sobrescripto da Correspondencia: «Ao Redactor da Revista Universal, rua da Horta Secca n.º 20» — Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade — Qualquer artigo interessante será acolhido com gratidão e publicado — A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se lhe remetta um exemplar — Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o desejar — Tambem no seu Escriptorio se patentearão ao publico objectos de semelhante natureza, que para alli sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal. — Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes. — A distribuição na Capital faz-se em 3 horas — Este numero sahe ás 10 da manhã e será entregue, o mais tarde, até á 1.

☞ *A Direcção d'este Jornal terá o maior escrupulo em que pelo correio sejam remettidos os exemplares para todos os assignantes fóra de Lisboa; porém não poderá para o futuro assumir a responsabilidade da restituição de numeros extraviados pelo correio. — Inserindo um artigo, com assignatura ou iniciaes, a Redacção não responde pela sua doutrina.*

CONHECIMENTOS UTEIS.

INDICAÇÃO DE ALGUMAS DAS MINAS DE PORTUGAL.

Minas d'Ouro.

192 As Minas d'Ouro mais remotamente conhecidas em Portugal são as da antiga *Adiça*, Termo da Villa de *Almada*, perto do Cabo d'*Espichel*. ElRei *D. Diniz* lhes-deu privilegios, e os mais Reis seus Successores até ElRei *D. Manoel*: cessaram estes trabalhos no anno de 1506, e quando continuaram foi em 1814, abrindo-se em differentes logares. O seu Inspector *José Bonifacio d'Andrade* fez muitos ensaios por toda aquella Costa, e de todos elles tirou resultados interessantes, como mostrou em uma Memoria que dirigiu á Academia das Sciencias de Lisboa, á qual juntou uma conta da receita e despeza que fez nas suas operações.

Os Montes de Góes, e Serra da Estrella tem muito ouro, o que comprovam as arêas que sahem d'esses sitios. Junto da Villa do Resmoninhal na Comarca de Castello-Branco, ha uma terra, a que chamam os moradores *Folha d'ouro*, a qual jámais se-agricultа sem que appareçam algumas folhetas d'este metal. Ha poucos annos um Pastor de Monforte descobriu uma, que *João de Macedo Pereira Forjaz* viu que pezava uma oitava, passando por certo que tem apparecido de muito mais pezo: o ouro é purissimo, o que tornaria a sua extracção summamente vantajosa.

Muitas são as Minas d'Ouro e Prata por todo o Reino, como se tem observado na Villa de *Borba*, *Béja*, *Evora*, *Barcellos*, *Thomar*, e outras partes conhecidas, as quaes não se exploravam até agora, por certas razões d'Estado que apontam *Duarte Nunes*, *e as Memorias Instructivas de um viajante em Portugal T. 1.º Pag.* 210.

Minas de Prata.

No Logar de *Paramio*, tres legoas da Cidade de *Bragança*, descobriu-se uma rica Mina de Prata no anno de 1628: contêm por quintal de materia mineral tres arrobas de Prata fina: o Superintendente promettia livres para ElRei oito arrobas por dia.

A Mina de *S. Miguel d'Axa*, tão conhecida, contêm prata, zinco, e chumbo; muitas mais são as Minas que se-conhecem no Reino.

Minas d'Estanho.

Temos Minas d'Estanho em *Vizeu*, e em *Monforte*, seis legoas de Portalegre, e outras em *Amarante*, *Bouzella*, *S. Pedro do Sul*, *Belmonte*, descobertas pelas diligencias de Mr. *Damy* no anno de 1736.

Minas de Cobre.

Na Serra de Grandola descobriu-se em 1620 uma Mina de Cobre muito boa. Junto da Cidade d'*Elvas*, apparece outra, da qual *Domingos Vandelli* extrahiu, por ensaio, trinta e dous arrateis e uma quarta, por quintal de materia mineral. Em *Botoens*, perto de Coimbra, apparecem signaes de Mina de Cobre, além de outras, descobertas pelo Bacharel *Joaquim Pedro Fragozo* em *Portalegre*.

Minas de Chumbo.

Em *Monforte* ha Minas riquissimas de Chumbo, como se vê pelo ensaio que se-fez na do *Pereiral*, que contêm um quintal de materia mineral, quazi oitenta arrateis de metal purissimo, e tem em pouca distancia muitas lenhas para a fundição.

Nas margens do rio *Pisco*, perto da Villa de *Marialva*, no sitio de *Marvão*, descobriu-se uma Mina de Chumbo no anno de 1740, donde se extrahiu por alguns annos; e no de 1770 fez-se d'elle um ensaio no Laboratorio da Universidade, onde se-conheceu que correspondia a noventa e dous arrateis por quintal de mineral que se-fundia, e duas onças, e dous grãos de prata. Em *Lamego* temos uma boa Mina de Chumbo, que rende sessenta arrateis por quintal, além da prata, como observou *Domingos Vandelli*. A mina de *Cója*, acima da Cidade de *Coimbra*, rende quarenta e oito arrateis por quintal: apparecem outras em *Aramenha e Vimeiro*.

Minas de Ferro.

Junto da Villa de *Figueiró*, acham-se duas Fabricas em que se-purificou ferro por muitos annos, extrahido das Minas dos seus contornos: nellas se-fundiam peças d'Artilheria, e faziam prégos e ferragens para o commercio, e para os navios. A conducção era dispendiosa por *Tancos*, nove legoas distante, d'onde as vinham embarcar no Tejo: temos outras Minas d'este metal em *Coimbra*, *Costa de Cão*, *Bussaco*, *Carvalhos*, *Pernes*, *Cintra*, e Termo de *Moura* no Alemtejo. Junto da Mina de carvão de pedra em *Buarcos*, acha-se descoberto um banco d'arêa de ferro conglutinado,

de que *Domingos Vandelli* extrahiu optimo ferro. Em *Penella*, e *Thomar*, acham-se tambem boas Minas d'este metal; e muitas mais por quazi todo o Reino.

Minas de Carvão de Pedra.

A Mina de Carvão de Pedra de *Buarcos*, quanto mais se profunda, mais bituminosa é, e por consequencia melhor. Por toda a Cósta que se segue até á *Figueira* apparece em grande quantidade este mineral. Junto de *Leiria* encontram-se tambem algumas vêas.

As Minas de *S. Pedro de Cóva*, estão actualmente em grande laboração; o seu carvão é preferivel a todo quanto se conhece para o uso das cozinhas; pela sua grande duração e simplicidade de materia.

Em *Porto de Mós* temos uma rica vêa descoberta pelo Doutor *Joaquim Velloso*, d'excellente carvão de pedra: na Serra da Estrella foi descoberta outra pelo Bacharel *José Alves Maciel*: temos mais Minas no Cabo d'*Espichel*, *Setubal*, *Carvoeira*, *Cintra*, *Cartacho*, *Cascaes*, e outras, assim como os Páos bituminosos da Louzã, Aveiro, Carapinheira, e Ourem. Temos a Turfa da *Comporta*, e outros logares paludosos do Reino, que nos offerece um combustivel muito barato, do qual os Hollandezes e Allemães se servem em logar de lenha e de carvão.

J. A. Silva Lisboa.

NOVO MODO DE UNIR AS CAPSULAS FULMINANTES AOS CARTUXOS DESTINADOS PARA AS ESPINGARDAS DA INFANTARIA.

193 Os inconvenientes até agora offerecidos pelos differentes modos propostos para unir a capsula fulminante ao cartuxo destinado para as armas de guerra, tem demorado na maior parte das Potencias a substituição definitiva das espingardas de percussão ás espingardas de silex — Mas uma idéa felicissima, que ha pouco occorreu a *João Gilardini*, Sargento de Artilheria do Reino de Sardenha, parece desvanecer todas as difficuldades, e resolver completamente este importante problema; ei-la aqui.

Rolado o papel com a bala, e mettida a polvora da carga pelo modo ordinario, corta-se parte do papel restante, deixando-lhe apenas o comprimento de polegada e meia, além do que occupa a polvora. Achata-se então a porção do papel que ficou vasio, e a quatro linhas de distancia da sua extremidade, abre-se-lhe um orificio, de diametro igual ao da capsula de escorva que nelle se-deve introduzir. — A capsula empregada tem um rebordo plano, dividido em quatro orelhas, formando cruz, de linha e meia até duas linhas de comprimento, e igual largura. — Para a collocar, conservam-se no plano em que se-acham, duas das orelhas fronteiras, e obrigam-se as outras duas a tomarem uma direcção perpendicular ao plano das precedentes, introduzindo-as nesta posição atravez do orificio aberto no papel do cartuxo, e rebatendo-as sobre o mesmo papel: daqui resulta ficarem essas duas de um lado, e as outras duas do outro, segurando assim a capsula ao cartuxo, e impedindo que aquella se destaque delle, sem que as orelhas se quebrem, ou rompam o papel. — Fixa a capsula, enrola-se-lhe de roda, e á maneira de pelota, o papel vasio de polvora; e empacotam-se os cartuxos em maços de dez cada um, alterando as suas extremidades, como está em pratica.

Este simplicissimo methodo de unir a capsula ao cartuxo, merece ser ensaiado no nosso Arsenal do Exercito; porque da sua combinação com os aperfeiçoamentos já abi feitos aos fechos de percussão adoptados na Belgica, deve resultar o systema mais vantajoso a todos os respeitos. — *F. J. Barreiros.*

MELHORAMENTO DOS CONDUCTORES.

194 De todos os meios, por onde os homens têem procurado defender-se dos terriveis estragos dos raios, o mais seguro e efficaz (em nosso entender) é o dos conductores, se em construil-os e collocal-os ha o cuidado, e acerto necessario para que elles possam responder ao seu fim. Não cabe na estreiteza d'um artigo mencionar, e commentar os antigos aparelhos, que já foram usados: e assim mencionarei somente um methodo da minha invenção, com o qual poderão ser melhorados os conductores, e conservarão (como espero) o credito de seu grandissimo prestimo sem embargo das duvidas, com que alguns modernos se-vão esfriando a respeito de tão util invento.

É constante, que a attracção do conductor consiste, não só na tendencia, que a electricidade tem para com os metaes, principalmente com o ferro; mas tambem na virtude magnetica, de que este metal, mais do que os outros, é possuido, e do qual são feitas as barbas do conductor. A virtude magnetica existe constantemente no ferro em pequena acção, mas esta se-desperta, quando a superficie do mesmo é magnetisada; é então que mais vigorosamente attrae; e esta virtude attractiva chega a maior distancia; por esta razão o conductor attrairá o raio a maior distancia, e será mais senhor d'elle.

As barbas do conductor serão magnetisadas; porque, como o raio consta de materia magnetico-electrica, e esta sendo filha do Globo tem particulas homogeneas, e heterogeneas, e as homogeneas do fluido magnetico mutuamente se-repellem, é por isso que as barbas do conductor conterão magnetismo dos dois polos do iman, afim de attraírem o raio pelas particulas componentes d'um, e outro genero. Para se magnetisarem as ditas barbas, serão primeiro limpas, ficando com superficie bem regular, e lisa; depois se-magnetisarão; cada uma por seu pólo, e por essa mesma ordem se-collocarão no devido logar. Attendendo que as d'um pólo serão douradas por cima da magnetisação já feita, e a mesma douradura se-tornará a magnetisar pelo mesmo pólo. Digo que sejam douradas algumas, para que, tendo a ferrugem demasiada diminuido o vigor magnetico da superficie, quando o raio cair, não esteja o conductor muito diminuido da sua virtude. Tambem não mando dourar todos, para que haja no conductor mais força; porque as barbas novas, sem douradura, attraem mais; e as douradas menos, porém mais constantemente. O conductor deve existir no logar mais elevado do edificio, e subir muito mais alto do que era uso até agora. Quando o raio chegar ás barbas do conductor achará por baixo umas correntes, que serão ao menos quatro, presas n'um arco de ferro, e este sustido n'uma cruz do mesmo metal atravessada na verga. As cadêas irão todas morrer n'uma, com direcção obliqua, de sorte que o ponto da união das duas vergas, ou cavilhas, fique na parte de dentro da curva das cadêas; isto é, pela parte de cima das correntes devem ficar as cavilhas afim de o raio não achar mais ferro d'ahi para baixo.

É preciso ter o cuidado de limpar a demasiada ferrugem das barbas não douradas, e magnetisadas de novo; para o que cada uma terá a letra N. ou S., indicando o pólo com que foi magnetisada, e se-magnetisará pelo mesmo. Afinal deve haver todo o cuidado de limpar, e magnetisar o conductor; o aperfeiçoado, como tenho dito, elle será utilissimo. Todas as cidades os-devem ter nos mais preciosos edificios.

P. M. E. S. Almeida.

Não nos-atrevemos a alterar o texto deste artigo na parte scientifica, por guardarmos o respeito devido ás opiniões do seu author, como é razão, e dever nosso em taes pontos: e publicando-o satisfizemos nossos bons desejos de vermos por alguma fórma melhorado, e mais usado entre nós invento tão necessario. Quando pois tão fiel e francamente nos-havemos com as opiniões alheias, não que ellas conformem inteiramente com as nossas, mas por descargo de nossa consciencia, entendemos, que com igual franqueza podemos apontar nosso parecer. — Não julgamos, que a virtude dos conductores consista em attrairem, e fazerem-se senhores dos raios: mas sim em que, sendo a electricidade dos edificios decomposta pela influencia da nuvem, o fluido do nome opposto se-accumula nas pontas do conductor pela virtude, que lhes-é propria; e este fluido, vencendo por sua espessura a pressão athmosferica, vai successivamente combinando-se com aquell'outro, que sáe da nuvem, até que ella fica descarregada: e ainda no caso d'uma descarga repentina, o edificio ficará livre de commoção violenta, por se-achar sua electricidade em equilibrio. — Nem tambem nos-parece provavel, que as barbas do conductor possam conservar seus pólos; não só porque a influencia constantemente os-inverte, produzindo por uma serie de inversões a recomposição dos fluidos, mas particularmente porque a electricidade da nuvem opéra uma revolução completa em todos os phenomenos magneticos, decompondo a electricidade natural do edificio. — O essencial é (e nisto concordamos nós) que no conductor se-conserve a continuidade; pois sem ella o fluido attraído pela nuvem não póde ser esgotado pelas pontas; e neste caso o conductor, longe de servir de defensa, causaria a ruina do edificio.

INDUSTRIA EM PORTUGAL.

194 É este o nosso assumpto escolhido, e privilegiado: e postoque no presente artigo não nos seja possivel discursar largamente por elle, apontando as boas amostras de industria, que já vão pelo nosso paiz, em os diversos ramos, por onde ella tem melhorado; tomaremos com tudo como prova do seu progresso, e fundamento de nossas grandes esperanças, o que passarmos a publicar, mais para accender brios e animar industriosos, do que por darmos noticia de cousa nova; e já de grande valia; bem ao contrario é pela pobreza, e pequenhez do logar que mais fôrça faz o nosso argumento, que prasa a Deos sirva de exemplo. — No pequeno Concelho de Paiva ha presentemente quatro fabricas: uma é de cera; e as outras de papel: vai aquella prosperando muito consideravelmente, e já se-podem esperar d'ella grandes resultados. Duas das de papel vão crescendo assás em melhoramentos, e principalmente uma d'ellas está muito acreditada pelo bom fabrico, e bella qualidade dos seus productos: a terceira com tudo vai em decadencia, por causas talvez remediaveis; porém que com o descuido e despreso se-tornam difficeis de obviar. Taes são as noticias do progresso da industria neste Concelho, que nos-dá o nosso correspondente de Paiva, o que nós muito folgamos em publicar, como quem por officio só trata de animar, persuadir, e aconselhar os interesses reaes deste paiz.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

ANTONIO DA SILVEIRA E MENEZES, O HEITOR PORTUGUEZ.

Abril 7 de 1547.

195 Foi a Africa a nossa eschola militar, — e a Asia o theatro das nossas façanhas.

N'este dia, desceu á terra que elle tanto sublimára, um dos nossos maiores *Lidadóres* do Oriente — *Antonio da Silveira e Menezes.*

Na flôr de seus annos, passara á India, em companhia de *Vasco da Gama.* Foi Governador das principaes Praças d'aquelle Estado — *Góa* — *Chaul* — e *Dio.* Entendia em acabar o Castello d'esta ultima Cidade, quando o *Grão-Senhor*, se-propoz lançar os Portuguezes da India: e commetteu esta empresa a *Solimão, Bachá do Egypto*, velho de 80 annos, mui experimentado e ardiloso em cousas de guerra, sobre ter uma catadura e corpulencia *Sansónica* — e afamado pela *recente* conquista de *Rhodes.*

Aprestou-lhe o *Sultão* uma armada de 80 velas, d'alto porte, bem artilhada e apercebida com sete mil homens de guerra, dous mil dos quaes eram dos *terriveis Janisaros*, escolhidos em Constantinopla.

Partiu do *Cairo* esta soberba armada a 22 de Junho de 1538 — e surgiu á vista de *Dio*, em 3 de Setembro seguinte. Alliou-se com as dos Reis de *Cambaya*, e *Bandur.*

Dispôsto o ataque, deram rijo sobre *Rumes*, e romperam até *Dio*, cuja *Ilha* e *Cidade* expugnaram, recolhendo-se os Portuguezes ao Castello. Por sessenta dias e noites, foi este combatido, por mar e terra. *Antonio da Silveira* com sós seis-centos peleijadores, lhes-teve rôsto incrivelmente. Por ultimo, houve um combate de *vinte* dias; até que ao derradeiro, quando o Castello era já rôto por toda parte, e apenas com *cento e quarenta* defensores, — os Turcos, dispostos todos os apetrechos, lhe-deram um assalto desesperado, com *quatorze mil homens*, e *cento e trinta mil boccas de fogo*, muitas das quaes, lançavam balas de *noventa livras!*

Falta-nos téla, para dar completo, quadro tão grandioso e terrivel! Só diremos, — que foi peleija a todo o trance. Acudiu tudo aos muros e baluartes: — velhos — Donas — Donzellas — e meninos. Passa ainda em proverbio, a intrepidez das — *mulheres de Dio*, nomeadamente *D. Izabel da Veiga* — e *Anna Fernandes* — que tambem capitanearam.

Referia o Turco por cem pontos a um tempo, e em todos topava com uma lança portugueza! Todos os doentes se-arrastaram até aos muros, a com seus corpos moribundos lhes-taparem as brechas!... Os feridos abalavam dentre as mãos dos Cirurgiões. Solda-

do houve, que á falta de balas, arrancou os *dentes da bocca*, para com elles carregar a arma. *Antonio da Silveira*, era em toda a parte, — commandava, — combatia, e esforçava, com a voz e mais com o exemplo.

Mas porque no Castello ainda fluctuavam hasteadas as *Quinas sagradas de Portugal*, — o poder musulmano succumbiu debaixo dos muros de *Dio*, e o *Bachá* retirou-se *chéo* de ignominia, e *baldo* de mais de cinco mil homens, e muitos Galeões.

Não o-podiam os nossos acabar de crer; e porque se arreceiassem de algum *rebate falso* do inimigo, — dos que escaparam á morte, *apuraram uns quarenta*, que ainda tinham algum sangue e alento para ter-se em armas, — e com as dos mortos, armaram a todas as *mulheres*, — e encostando aos muros, *em pé*, os corpos dos defuntos — para com sua presença atterrarem *ainda* o inimigo, — assim se mantiveram toda a noite a póstos, concorrendo, para os acabar de *finar*, o clarão do incendio da Cidade, a que o Turco pozera covardemente fogo, e aonde estavam vendo arder os seus pobres têres!

Não volveu o inimigo, — mas era pavoroso de ver, como os do Castello todos cobertos de seu sangue e do alheio, — e inteiramente *tisnados* do pó, e fumaça da polvora, — se não podiam conhecer uns a outros, nem pelo rósto, nem pelo trajo, e apenas alguns pela falla!

Supplicâmos ardentemente a todos os que estas *poucas* e *apoucadas* linhas virem, que hajam de lêr tal façanha, não já em *João de Barros*, *Faria e Sousa*, ou outro Escriptor Portuguez, que possam dar de suspeito, — mas em *Maffei*, historiador latino da India: e especialmente na — *Historia Geral das Viagens* — obra feita por os Inglezes, que quando escrevem, só do *pessimo, que elles tem feito, fazem*, e estão para *fazer*, nos dão *bom mercado*. Ahi dizem elles (tão maravilhosa é a façanha!) muito mais do que deixamos apontado: e declaram, terem-no havido d'um *Venesiano*, *seu amigo*, que serviu na armada dos Turcos.

E isto lhe-havemos por mui rogado, para acabarem comnosco de crer, que nas historias não ha igual maravilha, nem ainda nas de *Troya* — *Sagunto* — e *Numancia*, porque estas succumbiram.

Tal echo deu pelo mundo esta defensão, que *Antonio da Silveira*, foi chamado a *Lisboa*, onde o receberam em triumfo ElRei, toda a casa real, o clero, e povo. Todos os Soberanos da Europa o-mandaram felicitar, por seus Embaixadores, — e singularmente ElRei de *França*, *Francisco* 1.°, o qual pediu o seu retrato, para o-collocar na famosa galeria de seu Palacio, como em — *Templo de Gloria* — a par de outros grandes capitães.

Portuguezes de hoje! olhai de quem sois netos!

OS MAUS AGOUROS.

Abril 8 de 1605.

196 Neste dia, nasceu em Valladolid, Filippe IV de Castella, terceiro e *ultimo* dos que dominaram em Portugal — « *terra nunca d'outrem sojugada*. »

Foi de todos o que mais avexou, e desbaratou estes Reinos, por influxo de seu *feroz* Valido — o Conde-Duque de *Olivares* — grande *invejoso* e contrario da Fidalguia Portugueza.

No seu reinado, se fez, a drede, a escandalosa e barbara *tregoa* com os *Hollandezes*, sob condição de ficarem excluidos os *Dominios de Portugal*: — pelo que, toda *Hollanda em pêso* arremetteu com os nossos riquissimos *Estados do Brazil* e *da India*, que, posto se-defendessem com terriveis peleijas, e espantoso denodo, foram todavia desbaratados completamente, á mingoa de soccorros do Reino.

A este Filippe, foi que os Portuguezes arrancámos o usurpado sceptro, para o-entregar a cujo era — o Sr. D. João IV — acclamado Rei legitimamente.

Notamos, que este Principe Castelhano, nasceu em *Sexta feira de paixão, e lagrimas* — e á hora, que se-celebrava o officio das *trevas*. Se os *horóscopos* valem ou não, digam-no, as com que elle depois offuscou o *lustre* de Portugal d'aquelles tempos, — e as *lagrimas e morte*, que causou a tantos de nossos Avós!...

A. da Sylva Tullio.

ESTUDOS DE HISTORIA PORTUGUEZA.

197 Temos em nosso poder a preciosa serie de *Cartas*, cuja primeira publicâmos hoje.

Nellas descobre o nosso infatigavel e eloquentissimo Antiquario, o Sr. *Alexandre Herculano*, um grande numero de importantes verdades, ácerca dos principios de Portugal, — da constituição — natureza e relações mútuas das classes, nesses tempos tão obscuros e tão pouco averiguados.

Nestes escriptos, que não são mais do que o prelúdio de uma *Obra* que sem falta sairá cabal, sobre tal materia, faz o Sr. *Herculano*, á sua Patria, e geralmente á Sciencia um presente de altissima valia, de que a *Revista Universal* devidamente apprecia a honra de ser mensageira. Outra boa nova trazemos a nossos leitores, e é, a de termos igualmente já em nossas mãos um formoso — *Romance historico* — do mesmo Auctor, cuja publicação, aos capitulos, brevemente começaremos neste Jornal.

CARTA 1.ª SOBRE A HISTORIA DE PORTUGAL.

Srs. Redactores da Revista Universal Lisbonense. A reforma ha pouco feita no seu estimado jornal; o agasalhado que nelle se-concede a tudo quanto se-chama fructo de sciencia humana; a maior extensão de escriptura, que nas suas paginas se-póde hoje encerrar; e sobretudo a ambição, que desperta nos entendimentos ainda humildes, de se-acharem á meza da sciencia em tão honrada companhia litteraria como a dos collaboradores da Revista; tudo isso me-excitou a dirigir-lhes esta carta, que folgarei mereça a honra da publicação, e que se o merecer será seguida por outras sobre o mesmo objecto, porque traçando e alevantando a Revista um formoso edificio de civilisação nesta pobre terra de Portugal, posto que eu saiba serem as pedras que posso cortar e carrear para o monumento toscas e mal desbastadas, sei tambem que até estas tem sua cabida e serventia, quando para mais não seja, ao menos para sumir lá nos alicerces e na grossura dos muros, em quanto os artifices de primor vão aperfeiçoando as portadas, columnas, cimalhas, remates, e mais exterioridades de desenho, em que os architectos da obra põem as suas complacencias d'artistas.

Entendi eu, que o entreter alguns momentos os leitores da Revista com diversos estudos sobre a nossa antiga historia, não seria fazer-lhes mau serviço. Ha neste fallar das recordações de avós o quer que é saudoso e sancto, porque a historia patria é como uma destas conversações d'ao pé do lar em que a familia, quando se acha só, recorda as memorias de pai e mãe que já não são, de antepassados e parentes que mal conheceu. Mais saboroso pasto d'espirito que esse não ha talvez, porque em taes lembranças alarga-se o ambito dos nossos affectos: com ellas povoamos a casa de mais entes para amarmos; explicamos pelos caracteres e inclinações dos mortos os caracteres e inclinações dos que vivem; os habitos actuaes pelos habitos e costumes dos nossos velhos. Se, abastados e engrandecidos, viemos de humildes e pobres, pertendemos muitas vezes fazer esquecer ao mundo o nosso berço; mas no abrigo familiar, deixada tão viciosa vergonha, abrimos o larario domestico e tiramos delle os deuses da meninice, grosseiros symulachros da imagens paternas, e folgamos

de os contemplar, e de recontar ou de ouvir a sua historia, que temos recontado e ouvido mil vezes, que todos os da casa bem sabem, mas que sempre narramos ou escutamos com attenção, e deleite, e talvez com enthusiasmo. As recordações da terra da patria não são, porém, mais que as memorias de uma numerosa familia.

Ha muito que para ellas voltei as minhas predilecções. E não sei, até, quem possa deixar de o fazer em tempos como os que ora correm. Se o rico e poderoso que nasceu dos minguados e chãos vai pedir ao passado, frescor e regalo para o espirito, como deixará o que se-vê abatido e em amarguras de lembrar-se de opulentos e nobres avós? Qual será a nação que amarrada ao poste do padecer, ludibriada e apupada por todos e por tudo, despida, coberta de lodo, cheia de pisaduras e feridas, se não volte para os tempos que passaram, quando esses tempos foram feracissimos de muitos generos de grandezas e de glorias, e como o Salvador no Calvario lhes não diga: *Tenho sêde?* Quem, vendo diante de si desfolharem-se-lhe uma a uma todas as esperanças, se não retrahe do presente, e não vai pelo campo sancto dos seculos buscar e colher saudades de consolação?

Separado, e não de poucos dias, desse tumulto e ruido da sociedade actual, que Deus louvado não entendo nem desejo entender, e em cujas opiniões e idéas, ou por demasiado grandiosas, ou por vergonhosamente pequeninas, não acho medida pela qual affira e concerte as minhas, que não passam de triviaes, e means; ajuramentado com a propria consciencia para deixarmos seguir o mundo seu caminho, bom ou mau, com tanto que não nos embargue o nosso, tenho procurado estudar algumas epochas da tão poetica e formosa historia da gente portugueza. É para varios desses estudos imperfeitissimos que eu peço algumas columnas da Revista Universal, não porque elles preencham completamente os fins da instituição deste Jornal, a instrucção; mas porque poderão mover os que valem e sabem muito, a que, pertendendo corrigir erros sobejos, em que por certo cairei, instruam verdadeiramente o commum dos leitores da Revista, e os-chamem a contemplar o espectaculo da nossa sociedade antiga.

Estes estudos feitos por um systema d'historia, como me pareceu que elles deviam ser feitos, apparecerão na Revista soltos, em quanto de mais perfeito modo os não posso trazer á luz da imprensa. Fragmentos são os que unicamente se-hão de e devem lançar nas columnas de uma folha volante, entre cujos meritos a variedade é talvez o que mais se-busca. Trabalhos completos são para livros, e livros d'historia estou eu (sem humildade hypocrita o-digo) bem longe ainda de os-poder fazer. Todavia darei a estas Cartas, quanto em mim couber, um certo nexo, que a natureza da materia requer. Um dos principaes defeitos dos trabalhos historicos do nosso paiz parece-me ser a *insulação* de cada um dos aspectos sociaes de qualquer epocha, que nunca se conhecerá, nem entenderá, em quanto a sociedade se não estudar em todas as suas formas d'existir, em quanto se não contemplar em todos os seus caracteres.

Estas Cartas, se merecerem a approvação de V. V. poderão algum dia servir, no que tiverem bom, se o tiverem, de esclarecimento e notas a uma parte da Historia Portugueza, como eu concebo que ella se-deveria escrever — historia não tanto dos individuos como da Nação — historia que não ponha á luz do presente o que se deve ver á luz do passado — historia, emfim, que ligue os elementos diversos que constituem a existencia de um povo, em qualquer epocha, em vez de ligar um ou dous desses elementos, não com os outros que com elle coexistem, mas com os seus affins na successão dos tempos, grudados pelos tópos chronologicos com massa de papel, feita das folhas da *Arte de Verificar as Datas.*

1 d'Abril de 1842. *A. Herculano.*

UMA CORRIDA DE TOUROS.

198 Celebrou-se no dia 4, anniversario da Rainha, uma d'essas festas a que chamam nacionaes: as circumstancias que ordinariamente as acompanham, acompanharam-na. Houve concurso numerosissimo, em despeito da inclemencia do dia — 14 animaes atormentados — um dos homens *de forcado* morto, ou pouco menos — um cavalleiro despejado da sella — dez homens maltratados e escorrendo em sangue — e por sobre isto tudo as gritas de uma multidão selvagem. O expectaculo de morte era presidido e dirigido pela authoridade publica, cuja missão devêra ser a de tutelar os mais preciosos thesouros, moral, costumes, sentimentos, civilisação.

Bem haja a alta personagem, cuja visita se annunciára, e que não quiz authorisar com a sua presença o mais infame dos entretenimentos infames. Mas não basta esse exemplo; o mal gangrenou a raiz, é a raiz que importa extirpar. Em nome do *progresso* que abrandou nossos habitos, da *Constituição* cujo espirito supprime os escusados padecimentos corporaes, da *lei* que apagou em nossos Codigos as manchas de sangue; appareça de novo uma lei de bronze declarando o *divertimento nacional dos Touros* impolitico, immoral, impossivel. E em quanto essa lei não existir, se é que no armazem das vigentes se não póde já encontrar, ao Poder sobejam meios; e por Deos que sobre a cabeça de quem direito é, lá vai recaír o sangue.

Precisais divertir o publico? Mais *panem*, menos *Circenses*. E miseravel imaginativa é a vossa se não encontrais melhor meio do que este. Facilitai-lhe as reuniões com ordem e prazer — os theatros — os passeios — as feiras — as romarias — as festas de arraial — a convivencia; dai-lhe o que quizerdes, menos lições d'anthropophagos.

Oh, a que formoso expectaculo assistimos! Milhares de *homens*, olhos cravados n'um só ponto, suspensa a respiração, para rebentar uma explosão frenetica no momento em que o pobre animal furioso, alevantando com as pontas um semelhante nosso, se já o não é seu, o-arroja a vinte pés de altura, e ainda na queda o-rola e calca. *Crianças* que apenas balbuciam o nome de suas mãis, e a quem por segundo leite levam a tragar este fel. *Mulheres*, o mimo da natureza, o symbolo da bondade, a imagem da doçura e do amor, pascendo os olhos e as vontades no desamor, dureza e maldade!

Vinde, partidarios das *sensações fortes*, e esclarecei-me. Quaes são os resultados proveitosos que de taes vistas esperais?

Desenvolvimento de coragem? Lembrai-vos que esses homens que ahi vos-sacrificam a vida, tem mulheres, filhos e fome; que falta por tanto ao acto que praticam a espontaneidade, a liberdade, e a utilidade, partes sem as quaes não ha coragem, mas demencia.

Agilidade? Embora, mas tendes os exercicios gimnasticos que a-desenvolvam sem risco, e muito mais extensamente.

Desprezo da vida? Essa these é destruidora; é crime desprezar a vida ou expol-a inutilmente: o homem não é senhor dos seus dias, e taes doutrinas santificariam o homicidio e o suicidio.

Distracção das turbas? Bem sei que o recreio é a valvula de segurança das sociedades, mas esse recreio, para que ellas o-tolerem, deve ser innocente e honesto; e um seculo de prazeres de cem milhões de homens não paga a vida d'esse desgraçado que ahi vi caír morto. Com que direito stygmatisamos nós os antigos tyrannos? não se apascenta este povo soberano e

silvestre na morte dos gladiadores? não bate as palmas ao — *ave imperator, morituri te salutant?*

Ignoro se esses homens, a quem damos a profissão de matar com graça, de atormentar com elegancia, de esfaquear com agilidade, são effectivamente o que a logica os-obriga a ser. Quem, por uns poucos crusados, já em frente já á traição, a adversario que nem o-provocou, nem lhe-fez mal, e vinte vezes mais poderoso, espanca, esfaqueia e mata — por outros tantos crusados ou por vingança espancará, esfaqueará e matará, em frente ou á falsa fé, a um homem, adversario igual, ou, por desprevenido, inferior. Instituição magnifica para a sociedade é pois esse viveiro de assassinos!

Mas nem são só os capinhas, os homens de forcado, os pretos de pasta, os cavalleiros, os campinos, esses actores do melodrama, que assim se-vão transformando em feras. *Por imitação*, muitos homens do povo pediram, em quanto lhes durava a excitação da febre, e alcançaram, a graça de voltearem nas pontas de um touro; — por *imitação*, pessoas de outra classe julgaram que se-tornariam celebres em taes entretenimentos; — por *imitação* em fim, se-costumam aquellas turbas a vêr sem sobresalto derramar o sangue, *vesperas solemnes* do dia em que sem sobresalto o-derramarão. Preparar-se-ha assim uma nação de toureiros, de barbaros, de matadores, mas não é assim por certo que uma nação se-civilisa.

Tanto nos-aturdem os ouvidos com o que vai lá fóra! Pois lembrem-se que só nós e os nossos visinhos nos-enxovalhamos com taes monstruosidades; que na Inglaterra, na America, na Allemanha, na vanguarda da verdadeira civilisação, não ha sociedades mais respeitadas e numerosas do que as destinadas á *protecção dos animaes*; que de todo esse mundo desappareceram os pugilatos, as esporas dos galos, os leões e cães de fila, e quantas selvajarias toleraram os tempos em que os Touros talvez não seriam anachronismo.

O proprio regimen sob que vivemos impõe a necessidade de tal suppressão. O absolutismo, imperio de um sobre muitos, carece do terror, que sujeita as forças physicas e moraes desses muitos á vontade desse um; ahi concebo ainda os expectaculos que semeiam disposições terrificas. O liberal só póde sel-o quando a sua alma fôr toda amor para com seus semelhantes; ahi o imperio é dos muitos sobre muitos, e os expectaculos que a sam politica prescreve só são os que desenvolvem tendencias de brandura e fraternidade.

É arca santa, dizem alguns, é uso nacional. Porque? por que ha longos annos se repete esta infamia? Mais longa vida tiveram os autos da fé, o ferro em braza, os tratos, e passaram: uso é successão de actos; supprima-os a authoridade, e o uso acabará. Será porque o nosso clima exija prazeres de fogo, porque as nossas arterias queiram lava em vez de sangue? Não blasfemeis, contentai-vos com o mal que produzis, sem que a calumnia o venha ainda envenenar; não, o coração dos Portuguezes não é a escoria da humanidade: o povo é essencialmente bom, e prova é que, apezar de tanto procurar pervertel-o, ainda não está pervertido.

Para coroar dignamente este anthropophago banquete, eu, que nelle me sentei pela primeira e ultima vez, vi insultar quanto o universo encerra mais veneravel. — Vi insultar a *religião*, espesinhando-se o seu mais bello dogma, o do amor e da humanidade. — Vi insultar a *liberdade*, preparando germes que só podem anniquilal-a. — Vi insultar a *caridade*, tornando a primeira instituição pia do Estado, em cujo beneficio rolava o ouro, cúmplice de scenas taes. — Vi insultar o *throno*, escolhendo o seu dia para encher de sangue um copo do real festim.

Nada mais. A nós a palavra, a quem cumpre a obra. *José Feliciano de Castilho.*

---

199 O CASTELLO DE COIMBRA (1).

Alli o berço foi da lusa gloria:
Creral-o hoje sepulcral moimento
D'essa gloria defunta. Ruinas tristes,
Esbroados pardieiros — oh, vergonha!
São as torres......

Garrett. — D. Branca.

Não é somente aos homens d'este seculo destruidor, carregados já de maldições dos contemporaneos, e ameaçados das dos vindouros, que o ferrete da ignominia deve marcar as testas, como roubadores sacrilegos dos brasões da patria; de mais longe vem o nefando empenho de apagar memorias do que fomos, arrasando os mais famosos monumentos de nossas glorias; julgamos por isso mais execraveis os antigos demolidores, que são os patriarchas d'essa abominavel seita, cujo compromisso cifra todos os seus preceitos no unico: «*Anniquillar tudo que recorde façanhas portuguezas.*»

O Castello do Coimbra, outr'ora vasto e forte, está hoje reduzido a quatro paredes, firmes como rochedos no meio do mar, que se a arbitrio do tempo sedeixára a destruição, mui longa fileira de seculos houvera de passar pelas suas ameias, e elle em pé, inteiro, e robusto, como em dia de sua criação. Um politico célebre (mas não guerreiro, que os guerreiros présam os monumentos de victorias) mandou demolir o que ainda restava do poderoso baluarte contra os inimigos da Cruz, e da Corôa Portugueza; assassinou-se o gigante devorador de mouros, e castelhanos, e a ossada desconjunta testifica ainda sua corpulencia, e valentia. Ninguem poderá comprehender a sublimidade do pensamento, que presidíra á factura do Decreto de demolição! Foi para dar logar á construcção d'um Observatorio Astronomico, que pouco mais passou dos fundamentos! (2)

---

(1) «Está este Castello situado no mais alto da Cidade, sobre pedra viva, mui fortalecido de altas torres, e altas muralhas, inda que hoje algum tanto arruinadas. Tem em seu circuito uma antiquissima torre, fabricada de cinco cantos, que foi edificada por Hercules, a quem deixou seu nome, não somente a esses fertiles prados do Mondego, por ella chamados Herculeos, mas a mesma Cidade, e bem declara em sua velhice as centenas dos muitos annos que tem de sua fundação. Junto della se-alevanta uma formosissima, e sumptuosa torre, não tão antiga, mas mais nobre por seu edificio, na qual se-descobrem alegres montes, e campos: é inexpugnavel, por lhe nascer dentro agua em muita quantidade.»

Conquista, Antiguidade, e Nobreza da mui insigne e inclita Cidade de Coimbra, escriptas por Antonio Coelho Gasco — Cap 2.° pag. 16.

(2) Ha pouco tempo se escreveu (*Panorama*, 1.° de Janeiro 1842), que se abrira mão deste projectado Observatorio, *por não estar livre de abalos occasionados pelo rodar dos carros*

Ácerca da fundação do Castello nada ha que dizer ao certo: fallando da da cidade expozemos as várias opiniões, as quaes tem intima relação com a historia do Castello, parte integrante da povoação primitiva. Se valesse a auctoridade d'alguns AA. (3) á *Torre de Hercules*, por ventura o nucleo da fortaleza, dariamos por fundador esse fabuloso Rei da Lusitania. Uma inscripção achada na torre assim denominada, deu alma á crença (4), que a juizo d'outros é sandia (5). O que não soffre dúvida é o ter El-Rei D. *Sancho* 1.º construido uma das torres (6), na qual depositava seus thesouros: os estragos causados no Castello pelo maior, e mais glorioso cêrco, posto pelos mouros, no Reinado de seu Pai (7), deveriam chamar sua attenção, mormente sendo então *Coimbra* cabeça de seus Estados.

Ácerca da extensão que tivera o Castello tambem só se-podem rastejar probabilidades, porque as novas edificações tem quasi de todo apagado os vestigios; existe porém ainda coroada d'ameias uma boa parte da muralha, que prendia no Castello, e ía ter ao *arco da traição*, formando hoje as costas dos modernos edificios (8). O Marquez de Pombal mandou demolir a celebrada Torre quinaria d'Hercules, que confinava com a porta do Castello, e outra torre com que aquella emparelhava; da ultima são as actuaes ruinas: nota-se o sitio da cisterna atulhada, uma porta que conduzia ao seu interior, além das quatro valentes paredes que fecham o recinto.

Se porém em tão escuras sombras se-esconde a historia da origem do Castello, ao contrario mui fresca se-conserva ainda, após de tantos seculos, a memoria gloriosa das gentilezas nelle obradas. Quem ha ahi que não conheça o illustre nome do valeroso Alcaide, *Martim de Freitas*, do Varão fiel ao desthronado, e proscripto Monarcha D. *Sancho* 2.º? Imitador dos brios, e lealdade de tão nobre Cavalheiro, um Principe excellente veio tambem a occupar os aposentos do Castello: foi o amigo extremoso do Conde *d'Arranches*, D. *Alvaro Vaz d'Almeida*, o Infante D. *Pedro*, Duque de *Coimbra*. Aos memoraveis nomes de tão egregios varões anda associado o de outro nobre fidalgo, mais zelloso da independencia de sua patria, que cubiçoso dos favores d'uma irmã Rainha, o qual a despeito de ameaças soube guardar seu juramento de pleito e homenagem, recusando a entrega do Castello ao Principe castelhano, que á frente d'um poderoso exercito a-exigia. Grave documento de lealdade nos-deixou o Conde de *Barcellos* em tão heroica acção.

E como houve homem, que mandasse destruir monumento de tantos e tão primorosos feitos? Como attentou a tanto o Gram Ministro?!

Restos venerandos do alcaçar coimbrão, testemunha das nobres proezas de nossos maiores, poupe-vos a colera dos homens d'hoje a anniquillação! O pó dos seculos, em que jazeis involtos, cegue os olhos incuriosos dos que ousarem desbaptisar-vos do sólo em que vos encravaram homens d'outras eras. —*R. de Gusmão.*

---

nas calçadas, condição essencial a que deve satisfazer todo o local destinado para observações. Não cremos que esse fôsse o motivo; porque acha-se a consideravel distancia do logar de transito mais frequentado, e a vastidão do edificio, e a mole immensa de cantaria, que o-deveria constituir (a julgar-se pela da base), o-tornariam inabalavel. Em nosso entender foram as despezas consideraveis, que demandava a fabrica, pelo grandioso risco porque se-começára, que o-fez abandonar. É esse tambem o motivo de se não achar ainda acabado o *Jardim Botanico*, o *Laboratorio Chymico*, *etc.*

(3) *Gasco*, *Mariz*, *Botelho*, *Cardoso*, *Leitão d'Andrade*, *D. Nicoláo de Santa Maria*, *etc.*

(4) *Quinaria turris Herculea fundata manu.* —Vem transcripta na *Historia Breve de Coimbra* pelo Licenceado *Bernardo de Brito Botelho*, e no Diccionario Geografico do P. *Luiz Cardoso*.

(5) «Na Cidade de *Coimbra* se-acha celebrada, tambem por obra de Hercules, a Torre Quinaria, que uma e outra (est'outra é a Torre de Hercules, meia legua apartada da Corunha) segundo as mais verisimiles observações da antiguidade, foram obra de Romanos, em tempo de *Julio*, e *Augusto Cesar*. É por ventura, destes Monarchas, ou de seus Ministros, ou Artifices, consagrados a Hercules, de quem tomaram o nome, em beneficio, e obsequio de sua fortaleza e duração. —*Epanapheras de varia Historia portugueza* por D. *Francisco Manoel*, pag. 211. —*Vide Bellezas de Coimbra* por *Antonio Moniz Barreto Côrte-Real*.

(6) A Benedictina Lusitana transcreve uma inscripção, da qual consta o que dizemos; copial-a-hemos tambem aqui. —Era 1232. *Regnante apud Portugalliam Rege Sancio incliti Regis Alfonsi, et Reginae Mafaldæ filio, et illustris comitis Henrici, et nobilissimae Tarasiae Reginae nepote, ipso jubente cóstructa est hæc turris anno Regni ipsius et uxoris ejus Reginae Dulciae tertio, à captione venerabilis civitatis Colimbriae per Regem Fernandum ex Sarracenis 130.* Era: *Præsidente tunc in eadẽ civitate Episcopo D. Petro.*

Ferreira no seu Catalogo dos Bispos de *Coimbra* diz, que Fr. *Leão de S. Thomás* viciára esta inscripção; e por isso alli a-transcreve com o *fac-simile* dos caracteres gravados na pedra, mandado tirar por ordem da Real Academia d'Historia Portugueza. —Este monumento serviu de muita utilidade ao diligente A. para averiguar pontos duvidosos de Chronologia. E nem se quer ao menos se-salvaria esta preciosa pedra?! Finaram-se os *Rezendes*, os *Severins*, e os *Gascos*, já não ha quem prese nossas antigualhas!

(7) Veja-se a Chronica de *Rui de Pina*.

(8) Este arco, assim como o do Castello com suas grossas portas chapeadas e cravadas de ferro, foram arrasados por ordem da Camara Municipal em Novembro de 1836.

FENOMENOS NOTAVEIS ACONTECIDOS EM FEVEREIRO PASSADO.

200 A 17 pelas 8 horas da manhã uma oscillação de tremor de terra acompanhada de rumor subterraneo se-sentiu em *Falmouth*, e em outras povoações das costas maritimas de Inglaterra: o abalo foi tão forte que muitas portas e janellas se-abriram subitamente, causando vivos temores. — A tempestade de 23 produsiu gravissimos prejuisos em *Cintra*, tanto nos arvoredos como nos telhados dos edificios: muitas arvores seculares foram partidas ou derrubadas. Na cidade do Porto foi igualmente violenta, cahindo alguns raios que felizmente não offenderam. — A 26, por causa do denso nevoeiro, naufragou em uma praia ao sul de Aveiro, o brigue hespanhol *Ginulo*, perecendo metade da tripulação e toda a carga. — Em *Nova York* se tem experimentado um inverno assaz benigno, attendendo á natural aspereza e irregularidade daquelle clima. No dia 5 observou-se alli um salto de temperatura bem extraordinario: no curto intervalo de 24 horas passou de 11.º abaixo da congelação a 38.º acima do gelo.

Neste mez, e no antecedente, soffreu o reino de Napoles repetidos tremores de terra, que muito assustaram os seus habitantes. *Rossano* na *Calabria*, *Patti* na *Sicilia*, onde o movimento ondulatorio so

sentiu desde 19 até 22 de Janeiro; *Terrano*, *Città S. Angelo*, *Vicali*, *Torre dei Passeri*, e outras povoações, experimentaram este flagello, que constantemente persegue aquelle paiz, e que é um effeito dos volcões de que abunda.

Observações *agronomicas* feitas no Algarve, no termo de Moncarapaxo. — As agoas tão desejadas, que appareceram a 7 do mez, produziram o melhor effeito nas cearas: os campos cobriram-se de ervas tão necessarias para as pastagens dos gados; os favaes se-reanimaram com a chuva, e restabelecidos do açoute dos ventos dão esperança de boa producção. Como as aguas não foram de longa duração, os terrenos destinados para os milhos vão sendo facilmente lavrados; e todos se-apressam na sementeira daquelle cereal, e na do grão de bico. — As amendoeiras temporãs tinham já a maior parte do fructo vingado quando vieram as chuvas; as serôdias porém ficaram privadas das flores, que já tinham completamente abertas, mas continuam ainda a sua florescencia, e por isso se-espera que ainda dêem fructo. Se não sobrevierem ventos violentos, a novidade da amendoa não será escassa. Causa porém sérios receios a escacez das chuvas, pelo que respeita aos arvoredos, e mais ainda aos poços e fontes: os moinhos das ribeiras ainda não tem moido senão de *represadas*; as agoas tem corrido apenas 6 dias depois das chuvas, limitando-se a mingoadas quantidades, que pouco differem das que apresentam no verão. Tem havido muita escacez de peixe por não permittirem os temporaes que os barcos larguem para o alto mar. Em *Martimlongo*, no mesmo districto, as chuvas produziram iguaes beneficios nos vegetaes, fazendo renascer tão lisonjeiras esperanças que logo o trigo baixou 50 reis por alqueire. Cessou igualmente a mortandade nos gados miúdos, cujos rebanhos, pela escacez das pastagens ficaram reduzidos ao terço, e outros a metade do que eram: as creações foram mui diminutas, e por consequencia o leite, e seus productos. *M. M. Franzini.*

NOTICIAS.

RUSSIA.

201 As cartas de *Riga* e *Liebau* recebidas na *Franconia* a 18 do passado, declaram que as tropas que em *Petersburgo* se-sublevaram, pediam, além da reparação de varios aggravos, que o Czár desse ordem, para que o exercito marchasse sobre a *Sclavonia* e soccorresse os christãos maltratados pelos infieis. Tendo o Imperador recusado, os soldados, entoando o *Eco do Balkão*, proclamaram o Grão-Duque *Alexandre*. (Outras cartas dizem que se-deram vivas á Republica). Póz-se o Czar á testa dos regimentos fieis; a resistencia foi desesperada, mas a morte de muitos officiaes precedeu a *desmoralisação*, e a fuga, durante a qual quasi todos cahiram exânimes.

ALLEMANHA.

202 O Grão-Duque Reinante de *Schwerin* tendo morrido, de 41 annos, quasi repentinamente, seu filho, de 19, subiu ao throno; e chamamos a attenção para uma circumstancia importante desta exaltação: o novo Governo, convencido da, pelo menos, inutilidade dos *juramentos politicos*, dispensou todas as authoridades da prestação do de fidelidade ao Soberano. — Falla-se de novo na abdicação do Rei do *Hannovre*.

HOLLANDA.

203 Prepara-se a toda a pressa uma esquadra mui potente, mas cujo destino é mysterioso. Julgam que se-destinará á *India*, ou a impedir a sublevação, que se-receia, dos indigenas de *Java* e *Sumatra*.

GRAM-BRETANHA

204 O parlamento continúa a occupar-se das questões de fazenda, e suppõe-se que *Sir Peel* terá a maioria, apesar dos mil obstaculos que encontra. — Não ha da India noticias mais modernas. — O ministro das Colonias propoz aos Deputados que se investigasse o estado das possessões inglezas na Costa Occidental da Africa, do que foi encarregada uma commissão.

FRANÇA.

205 Renasceu a questão dos direitos do assucar colonial e indigena, a respeito da qual por *insufficientemente estudada*, o Governo recusa apresentar a promettida lei. — Continúa a altercação com *Hayti*, onde se achavam a 28 de Fevereiro 8 navios de guerra francezes — Afiançam que o *Principe de Joinville* se-embarcará immediatamente para os mares da India ou China. —

Corre por Lisboa que o celebre *Victor Hugo* enlouquecera. Por esta occasião ouvimos disputar entre litteratos: 1.° a possibilidade de tal facto: 2.° se pressuppondo-o acontecido, e continuando elle a escrever, a poesia ganhará ou perderá. São questões em que não queremos entrar. O que todavia nos-parece, é que se *Victor Hugo* se-acha doido confirmado, foi pena de talião que a Providencia quiz applicar ao autor de *Lucrecia Borgia*, — *d'Hernani*, — e de *Notre Dame de Paris*.

HESPANHA.

206 Levantou-se o sequestro dos bens dos Carlistas que não estiverem sem licença em paiz estrangeiro. — Em *Valença* continuam o terror e os assassinios. — Falla-se de um tratado de commercio com a *Gram-Bretanha*, e de um ajuste com a *França* sobre correios. — O Ministro do Reino apresentou um projecto para que a todas as publicações, com ou sem titulo, fosse applicavel a lei da imprensa. — O 2.° filho do infante *D. Francisco de Paula*, segundo se diz, vai abraçar a carreira da Marinha.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

207 *Diar. do Gov. de* 31 *de Março.* — Exoneração dos Administradores Geraes da Guarda e Portalegre. Transferencia dos de Evora para Beja, e de Coimbra para Juiz de Direito em Ponta Delgada. Nomeação para Governadores Civis; dos Srs. Francisco Manoel da Costa, para Guarda, Antonio Maria Couceiro para Evora, Carlos Antonio de Mascarenhas Pimenta para Portalegre, Visconde da Graciosa para Coimbra. Substituição no cargo de Guarda Mór da Torre do Tombo, do Sr. Vieira de Castro pelo Sr. Visconde de Santarem.

Do 1.º de Abril. — Instrucções aos Governadores Civis ácerca da reorganisação da Guarda Nacional no Reino. Pauta dos generos importados de Portugal na Suecia, segundo o novo aranzel que vigora desde o 1.º de Janeiro 1842.

Do 2.º de Abril. — Demissão do Sr. J. B. da Rocha, de Chronista do Reino. Nomeação de uma Commissão encarregada de suggerir providencias para consumo do vinho do Douro.

De 4 de Abril. — Providencias para evitar descaminhos nos processos crimes.

De 6 de Abril. — Suppressão de alguns Circulos das Comarcas de Lisboa, por falta de sufficiente numero de Jurados com o censo da lei. Pagamento de Janeiro ás classes inactivas.

NECROLOGIA.

208 Um dos nossos Pares — Fidalgo d'antiquissima linhagem — Brigadeiro dos nossos Exercitos — Vereador da Casa Real — Homem de rara probidade — caritativo — religioso — Portuguez velho — o Sr. Conde de Sampayo Antonio — falleceu no dia 1.º do corrente — Sepultou-se no Cemiterio de S. João — com todas as honras correspondentes, ás suas Dignidades Civis e Militares. —

ESTADO SANITARIO DO BARREIRO.

209 A molestia que grassou n'aquelle ponto tendo inspirado alguns receios na Capital, suppozemos dever dirigir-nos á melhor fonte, e com satisfação publicamos hoje o resultado de nossas investigações.

A epidemia começou por principios de Janeiro, com febres gastricas, as quaes em alguns casos passaram a ataxicas ou adynamicas; rarissimas vezes appareceu o typho, e poucos doentes succumbiram.

O Conselho de Saude deu as providencias devidas, e hoje tanto abrandou a força da molestia que em todo o mez de Março parece ter apenas occorrido um caso fatal.

TRAIDOR ATÉ DEPOIS DE MORTO.

210 Sabbado de alleluia, no Largo do Chafariz da Bolla, junto a Belem, uma grande quantia de populacho, conformando-se com o tradicional e antiquissimo costume de muitas partes da Christandade, entendia no supplicio do apostolo traidor, representado por um madraço de um boneco mal ageitado, mas não falto de sua apparencia humana. É o Terreiro vasto; não havia passar corda de lado a lado; no meio lhe-arvoram uma especie de mastro, uma das pontas d'ella se-lhe-amarra ao tope, a outra a uma janella; no meio se-pende o condemnado por pública sentença dada ha 1842 annos, e sempre e em mil sitios desde então repetida e executada.

Contra elle se-tiravam pedras e choviam pauladas, ao som das injurias classicas, dos alaridos rituaes. Ondeava e volteava nos ares o padecente; — ia e vinha a corda sacudida; — estremecia e vacillava o poste; mas todos os olhos e vontades estavam embebidos no alvo da execução: a ninguem occorria a idéa de um perigo, — senão quando o madeiro mal hasteado, cedendo aos violentos empuxões, desaba para o lado da turba, na queda apanha debaixo de si a uma pobre criança, e a-despedaça: derramou Judas pela segunda vez o sangue do innocente.

Por occasião de narrarmos este facto, seja-nos licito subir com a consideração a uma idéa moral: contentar-nos-hemos com apontal-a, porque é d'aquellas que apenas se-apresentam em juiso, dos que o tem, por si mesmas se-explicam e se-demonstram.

O supplicio de Judas é a expressão de um sentimento natural e universal de justiça. N'esse acto ha por ventura, confessamo-l'o, uma parabola doutrinal de não leve momento; mas perguntamos se tal execução, por mais bem processada e sentenciada que a-presupponhamos, feita, como sempre o é, festivalmente, não contém uma tremenda licção de crueza, um documento de ferocidade, e muito e muito germen efficaz de malfeitorías. Este povo, que por gosto se-torna algoz, — e, o que peor é, este povosinho infantil, para quem a vida na sua aurora devia ser toda doçura, toda amor, toda bejos, — estas faces ainda virgineas, rindo em quanto o reflexo da fogueira em que arde um simulachro humano lhes-está retingindo o nativo rubor — estes labios puros e sem fel d'onde saem por vozes que ainda não são de homens, e que se a algumas se-assemelham não é senão ás de suas mãis, palavras de perseguição e de improperio — ¿tudo isto não será uma grande immoralidade, um grande perigo, que no dia da festa semeamos para o-vermos fructificar em desgraças, em outras circumstancias da vida e particularmente nas horas dos tumultuarios levantamentos?

Partidarios somos nós das antigualhas e costumes hereditarios, joyas, e muitas vezes pergaminhos dos povos. Frequentemente os-havemos defendido, frequentemente os-defenderemos; mas se o ser antigo é, quanto a nós e só per si, uma recommendação para respeito e um motivo para duração, nenhuma razão de posse velha e tradição immemorial, e consenso de gentes, e apologias de eloquencia, nos fará jámais força para que perdoemos ao que nos parecer essencialmente ruinoso. Por isso temos o açoite perpetuamente levantado e o-descarregaremos até ao sangue e aos ossos contra os exemplos ferozes com que do theatro e da litteratura se tem feito duas escolas de barbaridade, duas verdadeiras covas de Salamanca, onde os diabos são os mestres, e discipulos os parvos (*).

Eis-aqui verdades importantes; lançal-as no público é o nosso dever — convertel-as em praticas proveitosas pertence aos outros, ao tempo e á providencia.

NOVA RODA D'ENGEITADOS, DO SECULO XIX.

211 Lêmos, com assombro, nos Jornaes do Porto, que em Guimarães, no monte de Gonça, cerca d'elle, ou onde quer que o *diabo* o tentava, — um homem bem vestido, e armado de clavina, forçara outro, que acaso passava, para o acompanhar. Que a poucos passos, chegaram á margem d'um ribeiro, na qual jazia deitada uma rapariga — com um recem-nascido, e presos a uma arvore um cavallo arreado e um cão de fila. E logo o homem da clavina, pediu o chapeo, ao que o acompanhára, e tomando n'elle agoa do ribeiro, lhe ordenou que baptisasse aquella criança. O homem talvez por mêdo ou ignorancia, não o sabe fazer, mas o outro lho-ensina.

Concluida a ceremonia — o da clavina, impassivel como um *carrasco* — trava do infantesinho — faz signal ao cão de fila — arremeça-lho á bôca — e n'um instante foi tragado! Nada nos dizem do como a pobre Mãe, sobre as dôres do parto, tomou as da morte do filho!

Cahe-nos a penna de magoa e confusão, quando temos de noticiar taes atrocidades, perpetradas por homens de Nação que *outr'ora* humanisou Hotentotes, Cafres, e Canibaes!

O homem forçado, apenas viu isto, abalou sem olhar para traz, e não se sabe o caminho que os dous levaram. Veremos o que faz a justiça.

NAUFRAGIO.

212 Um navio americano, de que não se sabe o nome, carregado de ferro da Suecia, e que se dirigia a Boston, soçobrou a 80 milhas ao Oeste do Fayal. O cap. e a equipagem salvaram-se nas lanchas, e chegaram ao Fayal.

(*) Ácerca dos perigos dos expectaculos inhumanos leia-se o Prologo da Traducção Portugueza das *Metamorphoses de Ovidio*, a pag. 32 e 33.

UM PADECENTE.

213 Incompatibilidade de humores tinha decidido *Manoel Joaquim de Magalhães*, 6 annos ha, a abandonar sua mulher e seus 6 filhos, e mudar para *Mattozinhos* a sua residencia. Ciume, diz elle, o-levou novamente a *Penafiel*, onde resolveu sua mulher a que esquecessem as mútuas injustiças. Tanto ella cedeu, que já não só se-aprestava para accompanhal-o, mas tambem pedia que não deixassem a filha, o que elle recusou. Caminhavam alegremente, a pé, como bons amigos, quando ao chegar a um sitio deserto, no *Padrão da Legoa*, proximo ao termo da jornada, arremessa-se o traidor á victima desprevenida, lança-lhe uma mordaça, e atravessa-lhe o coração. Ignorava-se quem fosse o author de tal attentado, e tanto contava o monstro com a impunidade, que se-preparava já para receber-se com uma meretriz no mesmo dia e á mesma hora em que a justiça humana começou a sua obra. Foi preso, julgado e sentenciado á morte de força, no proprio sitio onde perpetrara o delicto: a mais nobre prerogativa da Coróa não podia para com elle ser exercida.

No dia 30 do passado entrou o criminoso no Oratorio. É nesse acto costume chamarem-se acima os presos da enxovia um a um, sendo o ultimo o padecente. Apenas *Manoel Joaquim* subiu e viu tapar-se o alçapão, achando-se só sem seus companheiros, em presença do empregado que o conduzira a *Bouças* para ser sentenciado, e do guarda da cadeia, arremessou-se com frenezi a este, que só com precipitada fuga poude escapar á morte. Tornou-se então a si mesmo alvo de seus furores, e cortou o pescoço, sem que o golpe fosse todavia fatal. Desarmado e levado de rojo para o Oratorio, blasfemou e esforçou-se para com as unhas abrir a ferida, de sorte que se-tornou indispensavel amarrarem-se-lhe as mãos.

Sabbado, 2 do corrente, ás 9 horas e um quarto da manhã, sahiu emfim o malvado das Cadeias da Relação. As consolações da Religião ministradas pelo veneravel Abbade da Victoria, tinham-lhe abrandado a ferocidade; ia com o Christo nas mãos, vestido com a tunica branca, de andilhas sobre uma pequena cavalgadura; ainda do pescoço lhe escorria o sangue. Dous Sacerdotes e alguns irmãos da Misericordia o-seguiam. O carrasco o-accompanhava a cavallo. Era infinito o concurso que na Cordoaria, do Porto, assistia á partida do infeliz perverso, que chegado a uma legua da cidade, dentro em alguns minutos cessou de existir.

VAPOR QUE SE REFUGIOU JUNTO A PENICHE.

214 No dia 24 de Março passado, ás 5 horas da tarde, ancorou na costa do Sul d'este promontorio, defronte da Cidadella o *Rhadamantho*, barco de vapor de S. M. Britannica, commandante *Thomaz Laen*, vindo de *Corfú* para *Londres*, tendo aportado a Lisboa a tomar carvão de pedra; e seguiu sua viagem ás 8 horas da manhã do dia 26, logo que foi a menos a furiosa nortia que o-obrigou a procurar aquelle remanso e estação segurissima. Na tarde do dia 25 vieram a terra alguns officiaes e entre elles um com sua senhora, natural de *Corfú*; e procurando o Vice-Consul Britannico pediram-lhe o obsequio de os accompanhar a varias compras que queriam fazer. O Vice-Consul os-recebeu e tratou obsequiosamente.

(Extracto de uma carta de Peniche de 3 d'Abril.)

MILLIONESSIMO SUICIDIO NOS ARCOS.

215 Os arcos das aguas-livres são dos mais bellos monumentos de Portugal; mas, deputados por um grandioso Rei para preencherem, por todos os tempos, para com uma grandiosa cidade, uma das Obras de Misericordia, a de dar de beber a quem tem sede, os arcos das aguas-livres não lhe-tem sido menos pessimos visinhos do pé da porta. São elles a Rocha Tarpêa, cuja imagem primeiro convida as imaginações enfermas dos cançados de viver: os homicidios e suicidios, que ahi se tem consumado, prefariam um catalogo de medonho volume; não valeria a pena de que as authoridades policiaes mandassem postar uma sentinella, de cada lado daquella infamada, e já classica ponte da morte?

Quinta feira passada, um homem de meia idade, official de çapateiro, morador na travessa de S. José, junto á rua da Oliveira, encaminhava-se, de manhã cêdo, para o sitio fatal. Seguia, já por cima dos arcos, o passeio que olha para a Ribeira d'Alcantara; dous mulleiros o-seguiam a curta distancia: em seu rosto, em seu andar, em seus modos haviam notado, o que quer que fôsse de extraordinario. Chegado á maior altura do caminho, vem-no parar, arremessar para traz o capote e chapéo, lançar as mãos ao parapeito, subir..... accorrem, detem-no, constrangem-no a descer-se, e, parte por fôrça, parte por brandura e conselhos, o-reconduzem para a cidade. No largo do Rato, despede-se delles, agradecendo-lhes o haverem-nos alvado de si mesmo; e dizendo-lhes que em fim voltaria para sua casa, e faria por ir levando até ao cabo com paciencia o pêso da sua cruz, cujo lenho principal era a pobreza, e os braços, o genio violento e zeloso da mulher com quem vivia: deixaram-no ir, na direcção do Salitre onde lhes-dissera que assistia, e continuaram descançadamente a sua derrota.

Entre as 8 e 9 horas da manhã, uma pobre môça lavadeira, que na Ribeira d'Alcantara entendia em seu officio, viu vir de cima do arco maior, volteando, um homem, que dando logo em baixo sobre os penêdos, se espedaçou, tinjindo-os largamente d'espadanas de sangue. Foi conduzido em uma macca para sua casa, e de lá pobremente para o Cemiterio dos Prazeres onde jaz. Este homem era o mesmo, que os mulleiros uma hora antes haviam julgado converter. *Manoel de Jesus* era o seu nome.

Os visinhos não tinham d'elle queixa alguma, salvo nos Domingos e Festas, em que o vinho, mais copiosamente despejado por sua companheira, e por elle mesmo, produzia em casa rixas e altercações muitas vezes violentas. Não diremos se a cruz de que o mestre se queixava, não teria por principal calvario a pipa.

HOMICIDIO.

216 Por carta que recebemos de *Villa Viçosa* somos informados de que, no dia 27 de Março, no caminho que d'aquella Villa conduz ao logar das *Quintas de S. André*, se assassinára um homem que alli residia. Formou-se o corpo de delicto, mas nenhum indicio fixou ainda as suspeitas sobre pessoa alguma. Uma circumstancia notavel é, que o morto ia a cavallo n'um jumento, que não só não foi roubado, mas se-encontrou, depois do crime, amarrado á porta de seu dono por mão invisivel.

ASSASSINIO.

217 No dia 27 de Março quatro francezes de bordo da Náo em estação no Téjo, desembarcando no sitio de Porto Brandão, maltrataram de pancadas o catraeiro do Bote que alli os-conduzia, de tal modo que pouco depois falleceu. A authoridade local procedeu immediatamente á captura dos criminosos, e conseguiu prender tres, evadindo-se o quarto. Entraram na Cadêa d'Almada, á ordem do respectivo Magistrado.

ASSASSINIO, E ROUBO.

218 Na noite do dia 16 para 17 do mez proximo passado foi roubada a casa de *Antonio Alves Doce*, no Logar de Calvão, Concelho de *Errededo*, havendo sido confiada sua guarda, e governo unicamente a uma criada, na ausencia do dono, e d'um seu filho, que ahi vivia. Não passou o roubo de poucos generos, e d'alguma carne de porco: e por tão vil preço, que sempre é vil o de taes crimes, os malvados, ou malvado, em tal acommettimento assassinaram barbaramente a infeliz criada, que era só, sem armas, e fraca, como costumam ser mulheres, em taes conflictos: despiedadamente lhe-descarregaram na cabeça tres grandes golpes de machado, com que a-deixaram morta. Apezar das activissimas diligencias, e processos judiciaes não tem sido possivel descobrir os desalmados assassinos. Esta noticia nos é transmittida pelo Sr. *Francisco Xavier de Marques Soares*, Administrador do Concelho.

MAIS SUICIDIO.

219 No dia 1 d'Abril pelas 8 horas da manhã lançou-se a um poço na escarpa do Forte das Picôas um individuo que havia sido boleeiro: o Regedor e Juiz Eleito de S. Sebastião da Pedreira, concorreram immediatamente ao sitio do desastre, mas apezar das suas diligencias não conseguiram salvar a vida deste desgraçado. O cadaver foi depositado na Igreja da Freguezia.

A MORTE ESTA' NA TINTA.

220 A *tinta* — que tem assassinado tantas reputações — tantas honras — e tambem muitas vaidades antes da imprensa e pela imprensa; — acaba de matar corporalmente um operario da fabrica de chitas — em Alcantara — por nome *Francisco de Paula*, que por embriaguez cahiu em uma caldeira onde se ella manufacturava, da qual *saio de rôxo*, defuncto. Esta catastrofe aconteceu na fabrica do Sr. *Beker* em Alcantara, pelas 10 horas da manhã, do dia 25 do passado.

UM ALMOÇO.

221 A bordo da Não ingleza se-deu, hontem 5, uma explendida festa, a que se-achava presente toda a Côrte, os Srs. Duque e Duqueza da Terceira, Marquez e Marqueza de Fronteira, Barão do Tojal, Costa Cabral, Conde e Condeça da Cunha, etc., etc., talvez para cima de 500 convidados. As Senhoras continuaram a concorrer até á noite, e em quanto ellas entravam, a tropa estava postada em armas. O almoço foi magnifico, e as mesas continham para cima de 100 pessoas. Começou ás 4 horas, seguiu-se-lhe a dança, que durou até á madrugada. Fóra difficil em funcções taes, vêr reinar tanta ordem, e tão delicada cordialidade.

UM ACTOR QUE VALE POR DOUS.

222 Parece que pende entre as Emprezas dos dous Theatros portuguezes de *Lisboa* uma questão, que por sua natureza original poderia ser materia para uma rica Farça. Um actor que se-achava na cidade do *Porto*, acceitou escripturar-se com a Empreza do Salitre, assignou os ajustes, segundo parece, recebeu até a parte que para o Roberto do Diabo lhe-distribuiram. Chegado a *Lisboa*, e fallado pela Empreza dos Condes, este homem, cuja principal virtude parece ser a condescendencia, acceita igualmente, e assigna 2.ª Escriptura que o-vai a obrigar pelo mesmo tempo que a 1.ª Ignoramos como tal duvida se-desfará: é um caso em que só Santo Antonio poderia valer, ensinando-lhe a fazer o milagre de estar ao mesmo tempo em duas partes.

PARTO MONSTRUOSO.

223 Em Figueiró da Serra, Concelho de Linhares no Districto da Guarda, uma mulher casada, por nome *Rezália Lopes*, deu á luz um monstro, que pela imperfeita descripção, que d'elle ha pouco nos chegou, entendemos, que deve ser apontado entre as grandes raridades da natureza, e devêra de ser conservado a todo o custo em sua inteireza, e a bom recado como nova maravilha da historia natural. — Passou o caso em o dia vinte do mez de Março do anno, em que vamos. Começaram de apertar rijamente as dores; foi chamada a parteira, que não tardou em acudir, e ministrar os soccorros de sua arte: mas qual não foi sua admiração e terror, quando em vez de criatura humana, se-viu com um horrendo monstro nos braços! Larga-o precepitadamente cheia de susto, e quer fugir: instam com ella para que continue a dar ajuda á inferma, que entra em novos trabalhos: benzia-se a mulher, e fazia pasmos do que estava vendo. Poucos minutos depois nasceu uma menina, que logo morreu. — O monstro em nascendo vinha ainda com vida; mas já em breve era morto: a cabeça não mostrava novidade no tamanho, senão na figura e talhe brutal, que a-tornavam medonha: as orelhas eram pontagudas: o rosto (se tal nome lhe-podemos dar) em todas suas feições formava um focinho de cão; e para que nada ahi faltasse de sobrenatural, os queixos estavam já cheios de dentes tão agudos, como os de pescada: o tronco era a unica parte menos monstruosa, e que parecia conformar com a figura humana; porém, acompanhado de braços, e pernas mui desconformes no geito, e grande tamanho, dava a feia apparencia d'um quadrupede descommunal, e medonho. Prodigio tão singular, e que não póde acontecer sem grande desconcerto das leis naturaes, não seria publicado neste jornal, se não nos-viesse authorisado por pessoa, que para nós, e por ventura para o publico, merece toda a fé, e cujo testemunho em suas formaes palavras fechará este artigo. Fizemos todas as diligencias, como recebemos tão estupenda noticia, para que senão perdesse de todo uma raridade tão digna de ser examinada, e estudada pelos naturalistas; e esperamos colher algum resultado, apezar das difficuldades, e falta de meios, que no logar onde o caso aconteceu, haverá para conservar, e ainda para avaliar devidamente um phenomeno de tal natureza. — Afiança a verdade do exposto o Administrador do Concelho de Gouvêa — *José Maria de Brja.*

NOVA SOCIEDADE DRAMATICA PORTUGUEZA.

224 Sob a presidencia do *Sr. P. Midosi* se installou em *Lisboa* uma Sociedade Dramatica denominada — de *Gil Vicente* — o seu fim, segundo parece, é nacionalisar o Theatro: o do Salitre foi por ella tomado sob a sua immediata direcção; o empenho é nobre, mas os obstaculos com que haverá de lutar, são agros e innumeraveis. Consta-nos que a Mesa desta Sociedade tem escripto aos nossos primeiros Litteratos convidando-os a coadjuval-a.

Sabado 9 do corrente terá logar n'aquelle Theatro Nacional, a 1.ª Representação — *Roberto do Diabo* —, Misterio em 5 actos, ornado de Coros e Bailados. O scenario e vestuario são novos.

NOVA COMPANHIA DE S. CARLOS.

225 Chegou a esta Capital aos 3 do corrente. Compõe-se das seguintes partes: — *Primeiras Damas* · *Perelli* (vem do Theatro de Madrid), e *Boldrini* — *Primeira Dama in genere*: *Fasciotti* — *Primeiro Baixo Serio*: *Constantini* — *Primeiro Baixo Jocoso*: *Galli* — *Primeiro Tenor*: (ainda não chegou) — *Primeira Bailarina*: *Filippina*.

HISTORIA DE PORTUGAL DE SCHAEFFER.

226 Está-se publicando a 30 réis a folha uma traducção portugueza, de uma traducção franceza da Historia de Portugal escripta em allemão por *Schaeffer*. Da grande valia do original e da miseria da primeira traducção, já em o artigo 45 do 1.º volume deixámos nota lançada com a maior

sinceridade. Da segunda, que hoje apparece, nada sabemos dizer; mas para que nossos leitores por si mesmos a-julguem, aqui lhes-offerecemos, como amostra do estylo e linguagem, em que vai feita, os seguintes trechos fielmente copiados. — « Antes de penetrarmos com a tosca rêlha de mal aparada penna na fertil varzea, que a Historia, fagueira, ainda ás mais humildes culturas, de todos os lados franquea ao pesquisamento dos laboradores eximios, que até agora tem buscado rasgar suas entranhas, e d'ellas extrair os feitos assim heroicos, como inconsequentes, que á luz do dia patenteam nossa decadencia, exaltação, gloria, e triumpho, julguei conveniente, proficuo, e até mesmo necessario endereçar-vos, ainda que em mal acabado quadro uma mesquinha resenha ácerca da primitiva origem do Solo Portuguez. »

« No meio da alluvião de versões Romanticas que ondulam sobre o horisonte de nossos dias, vai despontar uma mais nobre, e summamente util — *Historia de Portugal* — surgida do miseravel saber de um portuguez dedicado, mas mesquinho, abundante em desejos, e falido de recursos; ardente e vigilante no estudar, e assim mesmo, joven na sciencia, e encanecido na impericia. »

Neste ou similhante estylo vai crescendo esta obra, que, se chegar ao fim, figurará como monumento unico no seu genero. — *M. L. Nunes Mascarenhas.*

N. B. Aproveitamo-nos d'este ensejo, para annunciar uma nova traducção que do proprio original *allemão*, nos consta estar-se concluindo.

227 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 30 DE MARÇO ATÉ 5 DE ABRIL DE 1842.

Dias do mez	Termometro exterior		Barometro		Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	Estado da Atmosfera.
	Min.°	Max.°	9 h. m.	3 h. t.			
30	48°	65°	767,5	767,5		B.SO.	Cob.°, tenue chuvs.°, e nevor.° no horisonte — Cob.°
31	47	68	70,0	68,8		B. N.	Cob. e claro.
1	52	64	67,6	65,6		N.O.[1]	Id. e alg. cl.° — Cob.° denso: fresco e seco.
2	46	57	62,9	62,0		[2] N. NO[2]	Id. — Cl.° e nuvens: fresco e m.° seco.
3	44	59	59,8	58,0		[1] N. [1] NO.[2]	Cl.° e nuvens: frio e m.° seco
4	43	58	57,0	57,0	1	N.[2]	Id. e alg. nuv. com um peq.° aguas.° de mad.ª — Cl.°, frio e m.° seco.
5	42	59	58,8	56,5		[1] NE. N.[2]	Id. e nuvens todo o dia: frio e m.° seco.

A ultima quadra de Março predominou até ao fim do mez, resfriando notavelmente a temperatura no principio do corrente Abril, com ventos rijos do NO, e N. Este resfriamento tem continuado em progressivo augmento, acompanhado de excessiva secura no ar, o que é muito prejudicial a todos os vegetaes, já assáz sequiosos de humidade, assim como aos campos, que difficilmente podem ser revolvidos para a sementeira dos milhos.

Resultados das observações de Março.

Temperatura media das madrugadas 48.° F ($7\frac{1}{2}$R) — Dita nas horas de mais calor 64°,3 ($14\frac{1}{3}$) — Dita media do mez 56,°1 (11°.). Variação media da temperatura diaria 16.° ($7\frac{1}{2}$). Maior variação diurna, a 15 do mez, 25,°(11.°). Maior frio a 25 do mez, 34.° (1). Maior calor a 17 do mez, 75.°(19). Menor altura do Barometro no 1.° do mez, 749,1 millim., maior a 31 dito, 770,1. — Media do mez 761,2. — *Ventos dominantes*, contados em mais dias. — N. 20, — NO,7 — SO,10 — S,2 — NE,8 — B,15 — Dias claros 15 — Claros e nuvens 6 — Cobertos e alguns claros 7 — Chuva 3 — Nevoeiros matutinos 4 — Dias ventosos 10 — de frios notaveis 7 — de calor notavel 3. — A escassa chuva recolhida em todo o mez foi de 16 millims. ou menos de 5 almudes por braça quadrada, o que não chega a metade da que costuma cahir em um mez de regular andamento. Em Cintra se-recolheram 45 millims. — Segue-se pois que a temperatura media do mez foi regular, ainda que terminou muito frio; porém decorreu com o ar extremamente seco, e muito falto de chuvas. *M. M. Franzini.*

BIBLIOGRAPHIA.

228 Vai publicar-se o Drama original historico Portuguez, em verso heroico, intitulado — *D. João 4.° ou a Independencia de Portugal* — Preço 300 reis.

Na loja da Viuva Henriques, rua Augusta N.° 1, se acham á venda *Collecções dos sete annos do Recreio.*

Classificação Geral da Legislação Portugueza desde o Codigo Philippino, dividida em reinados, ramos legislativos, materias e artigos, com varias observações; 1 vol. de 4.°, preço 480.

Archivo Theatral — Publicou-se o N.° 54, e contêm — *Os Mineiros Suecos* — Drama em 5 actos.

Acaba de publicar-se o bello Romance de *Alexandre Dumas* — *Izabel de Baviera* — 3 vol. em 8.° br. 1$200 reis.

O Alfageme de Santarem, Drama representado pela primeira vez no Theatro da rua dos Condes, em 9 do corrente mez de Março.

Memoria sobre a prioridade dos descobrimentos portuguezes na costa occidental d'Africa, em que especialmente se dá conta da *Chronica da Conquista de Guiné*, por G. E. Azurara, e da Memoria do *Visconde de Santarem;* com dous mappas lithographados, um dos quaes é um fragmento do celebre mappa de *Vaz Dourado;* pelos Redactores da Revista Litteraria. Preço 300 reis.

O Recopilador — constará de Romances (alguns originaes), Historia Portugueza, Biographias, Poesia, Anecdotas, Maximas, e Pensamentos Moraes, etc. etc. Sahirão duas folhas de quarto todos os Domingos, bom typo, e optimo papel, pelo modico preço de 40 reis, pagos no acto da entrega. Constará cada volume de 48 folhas, sendo as ultimas duas destinadas sómente a Poesia, Anecdotas, Maximas, e Pensamentos Moraes. Dar-se-ha no fim de cada volume uma capa no melhor gosto. As pessoas que quizerem subscrever para esta obra o poderão fazer nas lojas de Livros de Carvalho, aos Paulistas, e na de Pedro Antonio Borges, ao Chiado. Nas mesmas lojas se recebem as assignaturas para as Provincias, não podendo subscrever-se por menos de um volume que será igualmente pago no acto da entrega.

Publicou-se a 6.ª e 7.ª Caderneta da = *Historia de Portugal* = vertida do Francez; em 8.° grande, bom typo e bom papel; preço 30 reis cada Caderneta. Vende-se nas lojas do costume.

Publicou-se a Caderneta 7.ª do romance — *O Conde de Toloza.* — Vende-se por 40 reis em todas as lojas.

Vai a publicar-se no Porto a — *Encyclopedia Industrial, ou a Arte de Ganhar a Vida.* — Tratado para todos os recursos, indicando todos os meios para fazer, conservar, ou augmentar a fortuna. Escripta em Francez por Mr. Mossé, e traduzida em Portuguez por Manoel Joaquim da Silva Porto. Um volume de 8.° grande, com 250 paginas em bom papel. Preço da assignatura pago á entrega da obra, 600 reis. Subscreve-se na Imprensa do Constitucional, rua do Almada n.° 1, e na Casa de Fazendas do Negociante Barros, rua da Prata n.° 208, 1.° andar.

Na Imprensa Nacional.

4.º DA 3.ª SERIE. N.º 28. 14 ABRIL 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

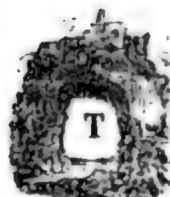
Sahe ás quintas feiras — Escriptorio, rua da Horta Secca n.º 20 — Assigna-se no Escriptorio e na Loja da Viuva de João Henriques, n.º 1, rua Augusta — Avulso 80 réis: 12 numeros 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis — O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados, e por caso nenhum aos distribuidores — Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Tem todos, e só elles entrada gratuita n'um Gabinete de Leitura do Estabelecimento (segundo o respectivo regulamento), aonde se acham muitos jornaes e escriptos politicos, litterarios e scientificos, em portuguez, francez, hespanhol, inglez, e allemão — Os subscriptores das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes convier — Sobrescripto da Correspondencia: « Ao Redactor da Revista Universal, rua da Horta Secca n.º 20 » — Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade — Qualquer artigo interessante será acolhido com gratidão e publicado — A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicução nova de que se lhe remetta um exemplar — Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o desejar — Tambem no seu Escriptorio se patentearão ao publico objectos de semelhante natureza, que para ali sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal. — Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes. — A distribuição na Capital faz-se em 3 horas — Este numero sahe ás 8 da manhã e será entregue, o mais tarde, até ás 11.

A REVISTA UNIVERSAL — Á IMPRENSA PERIODICA.

A propriedade litteraria, como já por outras vezes o-temos dito, e como o-entendem todas as nações illustradas, é uma das mais incontestaveis; nenhuma ha a que, até pelo interesse do público, se-deva guardar mais escrupuloso respeito. Inabalaveis n'este principio, todas as vezes que de qualquer jornal julgarmos conviniente copiar para o nosso uma só linha, teremos todo o cuidado em declarar franca, leal e estendidamente o d'onde a houvémos; e até d'essas mesmas transcripções nos-absteremos para com aquellas Folhas, cujos Redactores nos-insinuarem por qualquer via, que tal reproducção lhes-desagrada. Temos logo direito para pedir *a todos e a cada um d'elles*, que usem para comnosco de reciprocidade. O tomarem *textual e virtualmente* artigos nossos é uma prova de apreço que nos elles dão, e nós lhes-agradecemos; mas da sua lealdade esperamos que, n'uma ou n'outra hypothese, não permittam aos seus compositores o esquecimento, que já frequentes vezes tem havido, de exprimir claramente e no fim de cada um artigo, integral ou substancialmente extractado da *Revista Universal Lisbonense*, o titulo da Folha cujo é.

CONHECIMENTOS UTEIS.

229 ESTRADAS.



endo-se em fim principiado em Portugal a dar a consideração devida á necessidade que temos de estradas; tratarei de expender neste, e successivamente em alguns artigos mais, alguns apontamentos estatisticos sobre esta materia, não somente de paizes estrangeiros, mas tambem do nosso, interpendo ahi aquellas observações, que na minha fraca opinião podem ministrar algumas luzes para se-levar a effeito a sua construcção no nosso reino.

INGLATERRA.

Começaremos por esta nação, por ser aquella que mais desenvolvimento lhe tem dado e de onde são mais conhecidas, por ser nella que modernamente mais se-tem popularisado a sua execução, sendo raro e quasi um phenomeno ha muitos annos a esta parte, que o Governo se-encarregue alli de administrar a bolsa dos contribuintes para objectos, taes como este, que em geral digam respeito á commodidade unicamente ou aos interesses dos particulares.

Pelo Jornal da Sociedade de Estatistica de Londres, consta que a extensão das Estradas Reaes de Inglaterra e Gales em 1836, era de 22,788 milhas, sendo o rendimento percebido nas suas barreiras, livre das despezas da cobrança, 1,646,238 lib. — ou, a 4$000 réis por lib., 6.584.952$000 réis, os quaes eram cobrados em 1,129 secções locaes *(trusts)* comprehendendo estas na sua administração ao todo, segundo Mac Culloch Dict. Verb. Roads, 4871 barreiras, ou 1 por cada 4,67 milhas, com o rendimento, termo medio, de 1.351$868 réis cada uma. Além das 22,788 milhas de estradas reaes, ha mais, segundo o mesmo author, 72,212 milhas de estradas de 2.ª ordem e caminhos vicinaes, mantidos pelos Concelhos.

O custo primeiro das estradas reaes na sua antiga origem, não o-poderei eu dizer, nem ninguem mais, por pertencer a uma epocha em que estes objectos pouca attenção mereciam, e por tanto não se-conservou estatistica nenhuma delles. Verdadeiramente ellas eram feitas por *Statute labour* (corvées — jornaes de trabalho forçado) de 4 dias cada anno (Philip & Mary, 28.º do seu reinado). Passando ao nosso seculo, M.c Adam, 4.ª 5.ª 6.ª Ed. Enc. Brit. 6.º vol. 1824. Verb. Road-making, diz que a despeza de surribar e formar de novo com cascalho, na altura de 4 polegadas, que elle julga sufficiente, uma estrada arruinada, andava geralmente desde 1.d a 2.d por vara quadrada (16 a 32 reis). Muito longe deste calculo está porém a Junta de Parochia de Marylebone de Londres, que ainda o anno passado, tratando de substituir por mais barato, uma calçada de madeira ao *macadamiso* da rua de Oxford, declarou que essa mesma vara quadrada lhe-custava 2.s 4.d ou 466 reis. Já se-vê pois, como é obvio, que o maior e menor preço, o-determinam as circumstancias, quando mesmo o tempo nenhuma influencia tivesse para o-determinar. Em quanto ao reparo e conservação das que são reaes, conforme a um Relatorio apresentado ha dois annos ao Governo pelos Commissarios das mesmas, se-acha que importa por um termo medio lib. 36 — ou reis 144$000 por milha de comprimento, cada anno.

Se eu não tivesse a intenção de apresentar algumas noções sobre a *viação* em geral com applicação ao nosso paiz, deixaria de abranger as communicações por agua em canaes, e não fallaria dos caminhos de ferro, mas tendo este intento tocarei ao mesmo tempo neste objecto.

Comprehendem os canaes de Inglaterra, excluindo os que são de menos de 5 milhas, o numero de 103, com uma extensão (Huerne de Pommeuse, canaux navigables, L 4 p 145) de 2671 milhas, 2329 das quaes custaram reis 80.666.400$000 ou 34.635$637 reis por milha. O seu rendimento liquido, variando os dividendos que sobre todos elles se-cobram, desde 1 até 124 por cento ao anno (Mac Culloch Dict. Verb. Canals) foi calculado por Sir Robert Peel, Parl. Deb. 11 Março 1842 em m. ou m. lib. 1,200,000 — ou reis 4.800.000$000, ou 5 por cento sobre o capital.

Os caminhos de ferro que já hoje existem nesta nação medem uma extensão de 1750 milhas (parl. deb. 4 de março 1842) importando em 1840. lib. 62,786,931 — ou reis 251.147.724$000, saindo cada milha por 143.512$928 reis. O seu rendimento bruto, calculado pelo do mez de Setembro do anno passado era de lib. 5,002,200.8.4 — ou reis 20.008.801$666, e o liquido foi orçado por Sir Robert Peel em m. ou m. lib. 3,200,000 — ou reis 12.800.000$000, ou 5 por cento sobre o capital.

Tendo feito o resumo da viação interna que possuem a Inglaterra e Galles, devida á arte, convém fazer algumas ope-

rações pelas quaes se mostre a sua razão para com a superficie do territorio que ella intersecta; quantos habitantes tocam a cada milha, e vice-versa; e finalmente qual é o rendimento que cada um delles tira dellas. Mais tarde trataremos do custo do transporte dos passageiros e das fazendas, e da velocidade da locomoção, em cada uma das tres especies que tem sido descriptas.

Sendo a área quadrada da Inglaterra e Galles 58,335 milhas, a raiz deste numero, ommittindo quebrados é 242 milhas. Dividindo 22,788 por ella, temos 94 por quociente, e por conseguinte, por cada uma das milhas quadradas da sua superficie, se-prolonga linearmente n'alguma parte della 0.38 de estrada real ou mais de $\frac{4}{11}$ de milha.

Fazendo a mesma operação para os caminhos de 2.ª ordem e vicinaes, teremos que cada milha quadrada será tocada por elles na sua periferia por (72,212÷242=298$\frac{1}{4}$) 1.23 ou 1 milha e quasi um quarto.

Os canaes, pela mesma regra (2,671÷242=11$\frac{1}{2}$) dão 0.04 centessimos, ou sómente a cada 25 milhas toca 1 milha de canal.

É ainda mais diminuta a quota dos caminhos de ferro, por que ahi são (1750÷242=7 $\frac{1}{4}$) 0.02 centessimos, ou são precisas 50 milhas, para por intervallos ter 1 milha de caminho de ferro. Resumindo as 22,788 milhas de estradas reaes, as 72,212 de estradas vicinaes, as 2,761 de canaes, e 1,750 de caminhos de ferro, formando ao todo 99511 milhas, temos que cada milha quadrada é tocada linearmente por (99,511÷242=411$\frac{1}{2}$) 1.69 ou 1 milha e mais de ametade de outra de estrada real, caminho vicinal, canal, ou estrada de ferro.

Tendo concluido a primeira operação da amplitude das communicações, vamos a ver a segunda dos habitantes por milha de estrada. Contando a Inglaterra e Galles, pelo ultimo censo de 1841, o numero de 15,906,829 habitantes, tocarão a cada milha de estrada real 698 individuos, vicinal 220, canaes 5761, e estrada de ferro 9089; termo medio geral 159. E vice-versa terá cada habitante 0.001=5 pés de estrada real; 0.004=20 pés de estrada vicinal; 0.0001=$\frac{1}{2}$ pé de canal; e 0.000 $\frac{1}{2}$ pé tambem de estrada de ferro; termo medio geral 0.006=30 pés. Parecerá caprixosa com escrupulo esta divisão, mas ha de ter uma applicação preciosa.

O rendimento por cada milha de estrada real é de 282$965 reis, de cada milha de canal 1.738$500 reis, e de cada milha de caminho de ferro é de 7.314$285 reis; termo medio 889$153 reis, e incluindo os caminhos vicinaes 243$055 reis. Toca a cada individuo neste rendimento, pela estrada real, 411 reis; pelo canal 300 reis; e pela estrada de ferro 800 reis: somma de todos, 1511 reis: mas como são 5 pés de estrada real para 411 reis, e $\frac{1}{2}$ pé só para canal por 300 reis, e $\frac{1}{2}$ pé tambem so para estrada de ferro por 800 reis, temos, na proporção relativa á estrada real, que o canal vale 750 reis, ($\frac{1}{2}$.300:5.) e a estrada de ferro 2000 reis; e invertendo, acharemos que a factura de canaes veio dar um valor 18 vezes maior ao seu rendimento, e a dos caminhos de ferro 48 vezes (5.411:$\frac{1}{2}$. 41÷750=18. 5.411:$\frac{1}{2}$. 41÷2000=48) maior, do que se não se-tivessem verificado aquellas duas felizes invenções, que tanto acceleram o movimento dos passageiros e das mercadorias.

Disse que era precisa a minuciosidade destes calculos em que entrei, e agora se-provará a sua verdade. Vê-se pelo que antecede que 1.°, unicamente por que cada inglez aliza o piso de 30 pés na testada da sua propriedade, e promove a sua propria circulação, e a dos seus generos, elle deriva dahi 1511 reis, que é quasi 3 vezes o que rendem por individuo todas as nossas contribuições directas, que não passam de 547 reis por cabeça ao anno (Exame do Orçamento pelo A. p 18); 2.° que, porque aperfeiçoa essas mesmas communicações, vem a tornar o seu rendimento equivalente a (750+2000=2750÷41=68+(411 reis) 1) 69 vezes o que elle seria sobre a antiga estrada ordinaria. Parecem-me pois attendiveis os motivos do desenvolvimento que tenho feito, e que tem por alvo mostrar o interesse que ha, 1.°, em promover as estradas de um paiz, e 2.° em as-aperfeiçoar com intelligencia e em relação á economia dos meios, para que não faltem antes da sua conclusão. Estes quezitos com relação a Portugal serão no seu logar competente tão amplamente esclarecidos, quanto o permittir o espaço desta folha.

(Continuar-se-ha).

Claudio Adriano da Costa.

MAIS UMA ESPECIE DE MILHO.

230 A Revista Universal, a pedido nosso, presenteou-nos largamente com todas as especies de trigo, milho, cevada, que no seu Escriptorio se-distribuiram o anno passado. Confiámos estas sementes (com bastante pesar nosso) a mãos extranhas, que nol-as levaram para longe; e expressámos desejo de retribuirmos, de alguma maneira, o recebido favor.

Com effeito, de *Sobral do Parelhão*, Concelho de *Cadaval*, nos-remettem uma amostra de milho, que julgamos digna do proposto intento.

Não diremos nós se este milho é oriundo da Asia, ou da Africa; as denominações locaes assentam, muitas vezes, em idéas erradas, que é necessario corrigir.

Procurando obter informações sobre a qualidade, e naturalidade desta especie de graminea, escreveram-nos que se-cultiva actualmente em uma Quinta chamada — da Granja — situada no mesmo Concelho; e que lhe-chamam alli — milho da India. — A sua folhagem é pomposa, e igual á do milho ordinario: a canna eleva-se, vigorosa, a mais de 63 pollegadas de altura; estéril de maçarocas: somente no seu cume brota uma panícula, mui farta de sementes, pouco maiores que alpista, e similhantes, no feitio, a pivides de maçã. Compoem-se de um só lóbulo, que na rijeza, e alvura interior, não differe dos das outras especies de milho conhecidas, e cobre-as um tegumento coriaceo, ligeiramente felpudo, e de uma côr de amarello-tostado.

Semeando este milho em redor da vossa horta, poreis frondente abrigo ás plantas cruciferas, leguminosas, e cucurbitáceas, que ahi criardes: e, completo o curso da vegetação, regalareis com a folha o vosso boi, fareis do colmo o uso que vos-approuver, e banqueteareis com a semente a perdiz, ou rôla, que tiverdes engaioladas.

Esboçando estas linhas, não imaginâmos merecer alviçaras por cousa achada de novo: bem conhecida será ella de muitos; mas de certo o não é de todos. Vulgarisal-a é o nosso intento. — *Maria I. S. C.*

N. B. A Senhora Dona Maria I. S. C. fez-nos o obsequio de presentear-nos com a amostra de milho, tão bem descripta no artigo que precede; o público a póde vêr no Escriptorio deste Jornal.

SINGULAR REMEDIO CONTRA A TINHA.

231 Não nos-cabe a nós o fazer reflexões sobre a natureza desta grande, e asquerosa enfermidade: aos que na arte de curar são professos deixaremos seu direito sem lezão, e uzando do nosso daremos ao público conhecimento d'um remedio, com que se ella cura radicalmente: e se o não ser elle authorisado com o titulo d'algum jornal estrangeiro ou com o nome d'algum Doutor, é para muitos falta imperdoavel, onde prendem escrúpulos, e donde nascem despresos; o ser visivel sua virtude, e bem provados seus effeitos foi para nós razão fortissima para lhe-darmos publicidade, annuindo aos caridosos desejos de quem isso nos-encommendava: nem seremos embaraçados nestes casos com a pouca conta, em que hoje são tidas as receitas cazeiras, e mezinhas de velhas: O certo é que esta especie de lepra, que particularmente ataca a cabeça dos rapazes, e de muitas creanças, conhecida com o nome de tinha, produz defor-

midades por toda a vida, e é muito má de curar-se: muitos, depois de gastarem largamente com cirurgiões, e boticas, têem ficado com a molestia, como d'antes era, e julgados sem cura: pois a estes, e aos que não quizerem ser enganados, applicaremos a receita da Velha, que anda por esse mundo curando tinhosos, e ultimamente sarou dois no Concelho de Barcos, já desesperados d'outra medicina: e ella nos-perdôe o damno, que lhe-vai na publicação do roubo, que lhe-fizeram, do segredo, em que tinha seu privilegio exclusivo. — Facil é o remedio, e de pouca despeza; assim não fôra elle doloroso para o enfermo! Vão-se estendendo pelos logares, por onde a molestia tiver lavrado, uns emplastos de pez ainda quentes, e que fiquem bem pegados; passadas vinte quatro horas, tira-se o emplasto, ou melhor diremos, que se arranca levando couro e cabello: applica-se outro em logar onde seja necessaria a mesma operação: assim se-vai arrancando todo o cabello, e lavando a cabeça com aguardente uma, ou duas vezes no dia: começa logo a melhora desapparecendo a escára; e toda má apparencia, que d'antes havia, se-torna em um estado natural: não tarda de nascer novo, e basto cabello, com que termina o curativo. — Se olharmos á ruindade do mal, não nos-parecerá o remedio muito agro; e sendo tal seu effeito, como quem o-observou no-lo participa, já qualquer tinhoso não desejará ver outro, senão para lh'o ensinar, e encarecer sua virtude. — *N.*

Não tendo querido arriscar-nos a publicar o artigo que precede sem beneplacito de homem da arte, consultámos um dos mais eminentes da capital, cuja opinião será lida com respeitosa attenção, e é a seguinte:

« É muito interessante a noticia que V. V. colheram relativamente ao tratamento da tinha, e digna de occupar a attenção publica, e dos medicos em particular. Estas observações não revelam um meio therapeutico novo, pois que ha muito se-acha mencionado nos tractados especiaes de doenças de pelle, começando por *Turner*, *Astruc*, e modernamente *Boitt*, *Alibert*, *William* e *Batemann*; mas, torno a dizer, o objecto é interessante, porque os medicos têem mais vezes condemnado que approvado o remedio, por violento e sujeito mesmo aos inconvenientes das repercussões sobre orgãos internos, e não obstante o dito tratamento tem evidentemente sido proveitoso para muitos casos nas mãos de empiricos, ou em quanto no dominio da medicina popular, e direi tambem nas mãos de facultativos. É tambem mais que verdade que esta medicina popular, de instincto, tradicional, muita vez tem ensinado aos medicos coisas muito uteis; devem-se-lhe acquisições importantissimas.

« Por isso reputo de todo o interesse chamar a attenção sobre um objecto que póde não estar, e não está de certo, esgotado.

« No hospital de S. José, no serviço dos tinhosos, (que por uma celebre extravagancia daquelle estabelecimento é commum com o dos alienados) sei que se-tem experimentado o tratamento pelos emplastros d'arrancamento. »

GRANDE INIMIGO DA INDUSTRIA — CONTRABANDO.

232 A Villa da *Covilhã*, hoje insigne por ser o berço da nossa industria no grande ramo de lanificios, apezar dos ricos dons, com que a natureza a-enriqueceu, era até os tempos do Marquez de Pombal quasi sem nome, sem artes, e sem commercio. Com ser tão rica, e abundante de bellas aguas, situada nas abas da Serra da Estrella, servida de duas excellentes ribeiras, assim mesmo não tinha mais que uma fabrica (talvez a primeira de lanificios, que teve Portugal) imperfeita, e mal administrada, como naquelle tempo corria tudo, que pertencia á fazenda real: mas o Ministro Pombal não era homem que deixasse o abandono seguir seu curso estragador; ou que desconhecesse as vantagens naturaes, que alli deviam de ser aproveitadas, em utilidade da nação. Uma grande, e sumptuosa fabrica se-edifica alli sob sua direcção com o nome de Real; e para que o proveito fôsse maior, e os productos mais perfeitos, mandou vir de fóra mestres, e bons entendedores do fabrico dos melhores pannos de lã, a quem não só commetteu o serviço das diversas officinas, mas o ensino dos artistas, e obreiros portuguezes. Nada alli faltava para a animação da industria, e segurança do bom credito. Inspectores, Juizes, Vedores, Medidores, e Selladores, tudo alli havia, e todos trabalhavam, cada qual no seu mister, para que se-guardasse a fé commercial, nem houvesse a menor sombra de ser quebrantada ou na qualidade, ou na medida: o que a marca de cada peça cifrava a este respeito era um Evangelho. — Com este exemplo se-animou desde então a industria: e foram apparecendo novas fabricas de lanificios de senhores particulares, levados uns pela idéa do lucro, que sempre é a alma do negocio; outros pelo desejo de agradarem ao Ministro, que nunca faltam aos poderosos aduladores tão destros em seu officio, que bem se-sabem embuçar nas apparencias de serviço público, e amor da patria. Em os nossos dias, é verdade, que não tem descaído, senão augmentado este ramo de industria; porque a natureza o-favorece, e ampara por todos os lados; mas se a peste do contrabando de *Hespanha* continúa tão desenfreada como atégora, em breve o-veremos de todo acabado: peste lhe-chamamos nós, e peste é, que matará, senão nos-acodem, nossa fazenda, e vidas. Um sem numero de operarios, suas mulheres, e filhos; muitos artistas, e negociantes, e quasi todos os senhores de gados do Alemtejo d'aqui vivem; e todos estão ameaçados mais, ou menos. Não ha feira, nem mercado no reino onde não appareçam contrabandos tanto de lã, como de seda. Nas Provincias do Norte, muito rara será a casa do Mercador, que não tenha surtimento destas fazendas. Aqui está em que parou a grande esperança, o assoalhado beneficio das reformas das pautas! Sem uma rigorosa fiscalisação, o augmento dos direitos das fazendas estrangeiras não é remedio, é morte para este ramo da nossa industria; porque o contrabando se-anima, e augmenta, como por desgraça o-estamos vendo. No Minho, Tras-os-Montes, e por quasi todas as Provincias andam os contrabandistas introduzindo suas fazendas á mão-tenente. Nas feiras de *Vizeu*, e *Gollegã* se-fizeram muitas vendas destes generos tão abertamente, como se foram de nossa casa. Em *Coimbra* têem entrado ás cargas a olhos vistos. Em fim seria um nunca acabar se foramos apontando todos os logares, e mercados por onde o contrabando se-tem espalhado. O que nós dizemos agora, e o que repetiremos muitas vezes, é que nada nos-aproveita, nem póde luzir-

nos o augmento das nossas fabricas, a perfeição dos nossos productos, e o progresso da industria, em quanto tivermos nossas portas abertas a estes ladrões, e nossa casa tão devassada. A perda toca a todos: porém uns a-sentem primeiro. A Villa da *Covilhã* e seus contornos, que toda se-póde dizer uma fabrica, porque não ha alli outra lavoura, soffrerá mais, e perderá tudo; e porque o mal já se-sente, e vem com força, delle nos queixamos, e clamaremos sem cessar.

N.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

BIZARRIA PORTUGUEZA.

Abril 14 de 1588.

233 *Romanos fomos um tempo* « — disse um dos maiores Sabedores da nossa Historia, e no-lo vai provando maravilhosamente.

Nós, que já d'antes assim o presuppunhamos — arrimados hoje a tal auctoridade, crêmo-lo firmemente. E como quer que n'este honrado Papel se-dá agasalho, não só a todo assumpto *portuguez*, e para *portuguezes* — senão que se-doutrinam e favorecem todos quantos, de animo resoluto, e apostado, derem de mão ás — *puerilidades do dia*, — para seguirem as vias, que na traça d'esta nobre Empresa, apontou a Redacção — nós, que nos gloriamos de ser d'estes ultimos, e a quem por isso foi dado este logar (e á fé, que bem desarrasoado com a nossa debilidade) para n'elle *trasladar* o que extrahissemos das fecundissimas minas da nossa historia, a servir d'exemplares e incentivo á esperançosa juventude Portugueza de nossos dias — cá iremos humildemente carreando *feitos sobre feitos*, com que fique monumental o fundamento da grão Sentença, que ao começar addusimos. Missão honrosissima, mais que quanta ambição de homem pode anhelar, — mas que todavia não ousára eu d'acceitar, se um respeito, ou antes — *dever* —, não houvera, e tal, que outro não vejo n'este mundo, capaz de me-fazer quebrar o *proposito feito de não affrontar a luz publica*.... Tanto pode a alçada dos *Mestres*, quando são taes! —

La ficam no precedente numero commemoradas proesas de nossas armas, com as quaes não tem que vêr as dos Romanos: — hoje irá um exemplo dos bons costumes de nossos antigos Capitães.

Disse um Santo e Doutor, e de tão alevantado espirito, que é tido por *Aguia* dos da Igreja — *que a causa porque Deos dilatou o Imperio Romano, foi porque com algumas boas obras tractou d'alcançar honra e nome* » — ¿ que não diria elle do *Portuguez*, se vivesse no tempo em que começou de crescer, e arribou a ponto de chegarmos com a *espada*, onde elle — *S. Agostinho* — não chegou com o *entendimento*, como agudamente disse o *P. Vieira* fallando ácerca dos *antipodas?*

Vamos pois á *Historia Romana* buscar uma *boa obra*. Conta ella, que quando *Scipião Africano* viera fazer guerra á Hespanha, terminada a seu favor uma batalha, lhe-trouxeram os seus soldados prisioneira, uma Donzella de tão rara formosura (como ainda *por cá* as temos e muitas) que levava os olhos a todos quantos n'ella os-punham. Que maravilhado *Scipião* de a-ver, se-informára de seu nascimento e familia; que sabendo ser das principaes da Provincia, e que estava em vesperas de casar com *Allucio*, principe dos *Celtiberos*, lh'a foi propriamente entregar, assegurando-o de que fôra tão respeitada dos seus, como se não saíra da casa paterna. Que offerecidas pelos pais e noivo, com os mais signaes de reconhecimento, grandes sommas, o General tudo engeitara a troco de lhes-pedir amizade para o *Povo Romano*. *Allucio* para perpetuar a memoria de sua gratidão, fez gravar tudo o succedido, em um *escudo de prata*, maravilhosamente obrado, com que brindou o generoso *Scipião* — que o-recebeu como o maior trophеo de todas as suas victorias.

Grande devêra de ser o pesar que teve este famoso heroe, quando o-viu submergir d'envolta com a sua bagagem, ao atravessar o *Rhódano*. E ahi jazeu — *por 18 seculos!* — até que em 1665 foi achado por uns pescadores, — e é hoje uma das mais celebres preciosidades do — *Gabinete historico do Rei de França*.

Memoravel acção é esta, na verdade, e de um mancebo de 25 annos, que tantos tinha *Scipião* por esses tempos.

Venha agora a *Historia de Portugal* — e vejamos como tambem tivemos *Scipiões* que sabiam *vencer*, *e vencer-se*.

Ceylão — a mais avantajada *Ilha* dos mares da *India* — a *Taprobana* celebrada pelo *Camões* — rica madre de *perolas* e *rubins*, com que outr'ora nos adereçámos — porque foi nossa, em quanto a *dominação Castelhana* não entregou grande parte á voracidade da *Hollanda*, e de todo não caiu no poder dos *Inglezes* — que são — *os adéllos* — das joias e alfaias de Portugal... — esta *Ilha* dizemos, apesar de perdida ha muitos annos, lembra-nos ainda que foi um dos notáveis theatros das façanhas dos nossos antigos Capitães. Ardia em furiosas guerras, pelos annos de 1588 — sopradas pelo tyrano *Rajão* — bem fallado nas historias desses tempos: — quando foi mandado discorrer por aquelles mares. *Thomé de Sousa* — Capitão-mór d'uma armada, de pouco porte no numero e corpo das velas, mas d'alta monta, pelo esforço dos soldados. E em quanto o inimigo nos-apertava a Fortaleza de *Colambo* — capital da Ilha — *Thomé de Sousa* — para o descoroçoar, fez desembarcação na cósta, e foi-se até *Tanaver* — onde os Malabares tinham um *Pagode* mui celebre, e de tal reputação entre elles, que haviam por dogma de sua crença não poderem alli chegar Christãos. Sabemos que os *pagodes da India* são subterraneos, — e rasão têem elles de não patentear á luz do sol as praticas absurdas, abjectas e vís da sua religião. Copiosa noticia nos dá d'elles o nosso *Diogo do Couto*.

O de que fallâmos, occupava *mais d'uma legoa* de circumferencia, era de estupenda fábrica, todo cuberto com abobadas de marmore, e estas, de cobre dourado, e em volta, passante de mil idolos de exquisitissimas figuras, todos mettidos em nichos — e o mais do grandioso edificio, apartado em claustros, officinas, e casas para os gentios que o-guardavam, e mantinham o culto. Investiu *Thomé de Sousa* com os de *Tanaver*, a quem, depois de grande resistencia, levou de rota batida até ao *Pagode*, que desbaratou completamente, derribando os idolos que não poude trazer. — E assim desenganou aquelles *cegos* da falsa immunidade da sua *Area*. Isto feito, recolheram-se os nossos a seus na-

vios, com grande quantia de prisioneiros que fizeram. Tinham ja levantado ferro, para se-partirem, quando atracou á *Capitaina* um mancebo *Chingalá* (que é a terceira raça indigena do *Ceylão*) que pelo gesto, e trajo, mostrava ser pessoa principal; e como subiu, lançou-se nos braços de uma *formosa moça* que entre as prisioneiras vinha, ricamente vestida, e acompanhada ao uso *pérsico* — e começaram ambos de se-lastimar, com taes clamores e signaes de ternura, todos debulhados em lagrimas, — que attrairam a attenção de toda a gente do navio. E sabido que eram casados havia pouco, e que o mancebo largando pai e mãe — como se conhecera o *preceito Evangelico*, — vinha entregar-se ao captiveiro, por não desamparar sua mulher (destes vão por ahi bem poucos), não tardou o nobre *Thomé de Sousa* em usar da sua fé e bisarria de cavalleiro christão — ordenando que fossem postos em terra, *livres*: — do que elles maravilhados, commetteram ao generoso capitão Portuguez diversos partidos e offertas, que tudo refusou á conta de se elles fazerem *Christãos*, o que conseguiu, vindo no mesmo navio para *Colombo*, onde foram sempre grandes amigos dos nossos, e os-serviram em tudo com grão fidelidade.

Eis como os nossos passados se-irmanavam com os Romanos. *A. da Sylva Tullio.*

OBRAS COMPLETAS DE FILINTO ELYSIO.
Nova edição, *Lisboa* 1836 — 1840.

234 A laboriosa *Officina Rollandiana*, que tanto tem merecido das letras portuguezas, renovando as edições extinctas dos nossos melhores auctores, dando-as por preços tão commodos que as-tem posto ao alcance de todas as posses, prestou ultimamente um grande e novo serviço á litteratura patria publicando, em 22 volumes em 16, a collecção completa das volumosas obras de *Francisco Manoel do Nascimento*.

Desde o ultimo terço do seculo passado, a immensa reputação do poeta *Filinto* se-tinha estendido por toda a parte onde é conhecida a lingua portugueza. As suas odes admiraveis, as suas traducções dos classicos latinos, francezes, inglezes, nem sempre modêlos da optima traducção, mas sempre thesouros de pasmosa riqueza de linguagem, corriam por todas as mãos em differentes volumes de mui desvairado feitio e tamanho, impressos uns em França, outros em Hollanda, e alguns em Lisboa tambem. Desterrado da patria, e na longa perigrinação da sua vida que durou até os 80 e tantos annos, *Francisco Manoel* andou sempre escrevendo e imprimindo. O seu nome tinha chegado ja ao mais alto gráu de reputação litteraria entre nacionaes e estrangeiros, quando um livreiro do Porto, o Sr. *França*, ajudado e favorecido de alguns zelosos patriotas, e especialmente do Sr. *Viamonte*, negociante portuguez no *Havre-de-Graça*, emprehendeu em 1816 (vindo a completar-se em 1819) a grande e uniforme edição de 11 volumes em oitavo, que se fez em Pariz na Officina de *A. Bobrée*. Esta edição, não exempta de faltas, e cujo systema, posto que approvado pelo auctor, me não parece o mais acertado, era a unica, de todas as obras do nosso poeta, e, pela fórma e preço, nunca podia chegar senão ao alcance de poucas pessoas.

Ninguem hoje duvida de que *Filinto* fosse o verdadeiro restaurador da lingua portugueza. Levantou e firmou esse estandarte de reacção contra os gallicismos invazores e as estrangeirices de toda a especie que tinham corrompido, deturpado, perdido de todo a lingua. Acudiram ao seu brado imitadores, auxiliadores e proselytos; a reacção foi talvez mais longe do que o justo — se ella era reacção! mas foi precisa e util: o tempo a-corrigirá do excessivo. Os escriptos porém de *Francisco Manoel* foram e são os mais poderosos instrumentos desta importante revolução; e infelizmente não têem circulado bastante para se-lhes-conhecer todo o preço, para se-lhes-avaliarem os proprios defeitos.

A edição portugueza dos Srs. *Rollands* junta ao merito de uma grande correcção o da extrema modicidade do preço e o de incluir algumas obras ineditas, que na edição franceza se não acham. Entre estas, são as duas tragedias de *Mithridates* de *Racine* e a *Medéa*, que lamentavam perdidas os curiosos da nossa lingua e os apaixonados de *Francisco Manoel*.

Almeida Garrett.

CONSERVATORIO REAL DE LISBOA.

235 Com satisfação publicamos o Relatorio presentado por uma commissão especial ao Conservatorio Real, ácerca da final adjudicação dos premios aos nossos authores dramaticos, Relatorio que por essa illustre assembléa foi devidamente approvado. A carta que o seu digno Secretario, o Sr. *F. A. Varnhagen* nos dirigiu, accompanhando este documento, e que tambem publicamos, completa este curioso ponto para a nossa historia litteraria; pelo que, e por a delicadeza com que n'ella somos tratados, cordialmente lhe-tributamos os nossos agradecimentos.

Não perderemos esta occasião de recommendar uma instituição que, apesar de tão recente, e até agora tão desfavorecida, ou antes contrariada, tão bons fructos tem dado e tantos outros ainda nos-promette, como lhe não falte o agasalho do Governo, ou pelo menos a não persigam, que seria barbaro!

Srs. Redactores da Revista Universal.

Com authorisação do Conservatorio Real, passo ás mãos de V.V. o parecer, que ácerca das peças premiadas foi approvado em sua ultima Sessão Plena, e que aos dezejos e generosa offerta de V. V. vai dever o sair já a luz, — se é que V. V., conhecendo agora a sua extensão, se não resolverem a occupar mais vantajosamente para o Jornal e para os seus assignantes as paginas que elle demandar. Temo, *repito-o*, que o assumpto seja menos agradavel; — se bem que por outro lado espero que nos eruditos lhe não faltará o favor que nos membros do Conservatorio primeiramente, e depois em VV. encontrou. Um merecimento possue elle certamente, e é o ser uma compilação fiel dos juizos, que dispersamente se-haviam feito e se-fazem no Publico ácerca de cada um dos dramas de que se-trata. Nada mais se-commettêra a nós outros, os dous Relatores; essa foi e é pelo menos a nossa persuasão.

Ora se bem que esta missão findou, e a obra já é do tribunal que confirmou a sentença, não nos queremos nós valer de tal, a fim de para com algum interessado nos-subtrahirmos a dar todas as explicações que hajam de ser exigidas ácerca da construcção de alguma ou algumas de suas partes. Tão socegada temos a consciencia de que nada asseveramos sem fundamen-

to da verdade ou convicção!... A lembrança de que V. V. quererão publicar estas linhas acompanhando o Relatorio, já de si extenso para o Jornal, não permitte mais extensão. Terminarei pois: todavia não deixarei de mencionar que o Conservatorio decidiu se declarasse que, approvando elle a adjudicação de alguns premios iguaes, estava bem longe de reconhecer nas peças premiadas igualdade.

A abertura das cedulas de que se-trata no Relatorio confirmou serem authores dos dramas premiados os seguintes: — Dos *Dous Renegados* o Sr. *Silva Leal Junior*; — do *Camões* o Sr. *Feijó*; — dos *Dous Campeões* o Sr. *Costa de Macedo* — e do *Captivo de Fez* o Sr. *Abranches*.

Lisboa 12 de Abril de 1842.

F. A. de Varnhagen.

RELATORIO.

Senhores: — Encarregados de reconsiderar escrupulosamente as composições dramaticas apresentadas n'este Conservatorio no primeiro e segundo anno de sua existencia, de relatar o effeito que na execução fizeram quando submettidas ás provas públicas, e de expôr o conceito geral que grangearam; não deixámos de reconhecer quão ardua tarefa nos-era incumbida — a nós que, no meio do renascimento da litteratura dramatica n'este paiz, pouco mais temos feito do que acompanhar com os nossos votos e applausos o súbito desenvolvimento que tem recebido essa divina arte, restaurada na patria de *Gil Vicente* com as auspiciosas recordações da memoria d'este poeta — a nós, cujo nome o theatro e seus espectadores nem se quer conhecem de ouvida, — a nós que, se conhecemos os auctores, é apenas para os-estimar como amigos — a nós... sim, a nós é que, ainda mal, confiastes um trabalho tão difficil e quem sabe se perigoso!...

Apreciâmos de quanta difficuldade deve, ainda para engenhos nascidos para o theatro, ser a composição de um drama que tem de satisfazer a tantas conveniencias, sem regras fixas que as-guiem. Sabemos quanto é duro a qualquer auctor vêr em algumas linhas avaliar, segundo a consciencia de outrem, — e por isso nem sempre favoravelmente — o seu trabalho de tantos desvellos; a obra a que, tão de coração se consagrára... É custoso, sem duvida: pois a nós não o é menos a posição em que nos-collocastes, impondo-nos preceitos de crítica, no innocente encargo de relatores. Obedecemos ao vosso mandado, confiados no auxilio do juizo publico, geralmente favoravel, manifestado pela platéa e pela imprensa, nas opiniões dos censores especiaes e nas de alguns de vós outros, — e sobre tudo na bem fundada persuasão de que todos sois benignos e os auctores doceis. Bem sabeis que, pelo artigo 52 dos nossos Estatutos, este trabalho era da competencia das nossas Secções no fim de cada anno; e que o Conservatorio, por uma resolução excepcional, tomada com intenção de pôr em dia trabalhos tão atrazados, antes de aquelles se decretarem, fez carregar sobre nós dobrado pêso de responsabilidade. Relevai por tanto, se a obra não corresponder aos vossos desejos.

Abster-nos-hemos, Senhores, de historiar os successos por vós bem conhecidos que nos ultimos annos produziram n'este paiz tão grande impulso dramatico. N'elles teve a maxima parte o Conservatorio, e antes da sua existencia o seu benemerito instituidor. Appareceram quasi a um tempo um poder de genios dramaticos que vieram enriquecer a scena portugueza, e augmentar o seu repertorio com muitissimas composições de mais ou menos valor. Em algumas notareis por vezes defeitos maiores, apontareis imitações de scenas e pensamentos das peças mais conhecidas, especialmente francezas; porém em todas as que o Conservatorio relaxou ao tribunal das provas publicas, ha merito digno de galardão e recompensa. Dez são as que hoje vão ser de novo submettidas á vossa consideração. Não vos-repetiremos, Senhores, os entrechos e desenvolvimento dos dramas que já vistes representar, nem tão pouco desceremos a miudas analyses dos principaes caracteres e personagens: ouvireis um relatorio resumido e laconico; — despido de erudições — sem graças nem atavios d'estylo: — discorde por ventura alguma vez de vossas opiniões; — mas sempre leal, ingenuo e consciencioso sempre.

Entremos porém em assumpto — que já fatigado de esperar por nós deve estar o primogenito do Conservatorio — o primeiro que ousou romper o silencio, e dar a todos os seus irmãos mais novos digno exemplo de submissão á vossa illustrada censura litteraria. É um titulo de recommendação que se associará para sempre ao *Emparedado*. Funda-se todo este drama em um dos mais sublimes, e felizes pensamentos de que temos conhecimento: é uma grande e justa vingança misteriosamente dirigida por quem só no fim se-descobre. Muito modificado foi elle pela vossa illuminada censura, que todavia não conseguiu fazel-o acolher do publico com aplauso. Notaram alguns o mal atado da fabula, outros a pouca ligação do progresso; porém o conceito mais geral attribuiu o seu frouxo recebimento á pouca energia do dialogo, á menor fôrça das peripecias e á debilidade, e ás vezes menos propriedade, de alguns caracteres. Consta-nos, e com satisfação o dizemos, que seu illustrado auctor tem amadurecido no gabinete este primeiro fructo do seu engenho dramatico, em que agora esperâmos, serão aproveitados os conselhos do publico, quasi sempre attendiveis e sempre uteis.

Seguiu-se o apparecimento dos *Dous Renegados*, com que seu auctor, que já a vós e ao publico denunciou o seu nome, estreou tão moço a sua carreira litteraria, — sob os auspicios das mais promettedoras esperanças. O applauso unanime, com que o publico acolheu este drama, as numerosas enchentes que elle deu, não só ao theatro da rua dos Condes n'esta cidade, como ao de S. Pedro d'Alcantara no Rio de Janeiro, os artigos que publicaram em seu abono os jornaes do tempo, nada mais fizeram do que repetir o juizo já d'ante-mão por vós formado. Admiraram todos a agigantada invenção do drama, sua disposição e progresso, seus caracteres exaltados e constantes, suas situações dramaticas bem calculadas, — e principalmente suas engenhosas peripécias e seus excellentes desfechos. — E com tudo isso se-deram os espectadores por bem pagos para relevarem de bom grado pequenas incoherencias e impropriedades. O mesmo estylo todo, por assim dizer fantasmagorico e cheio de expressões coruscantes, ajudou a fascinal-os completamente. Vós sabeis como este drama, depois de vos-ser apresentado pela primeira vez, recebeu varios decotes em sobejidões de máu effeito, e os mais necessarios retoques de linguagem a que o auctor se-sujeitou com a louvavel docilidade, que é o mais decidido caracteristico do verdadeiro talento. O que talvez se-possa ainda exigir nos *Dous Renegados*, para a perfeição, dar-lhe-ha de certo seu imaginoso auctor com a reflexão da experiencia, dos annos e do progresso dos seus estudos, que já nas ulteriores publicações tem manifestado.

A restauração do gosto e paixão pela arte dramatica, não se limitára ao recinto da Capital. No *Porto*, a nossa Commissão filial, junta á Delegação da Inspecção Geral dos Theatros naquella cidade, tem obtido os grandes resultados que em separado vos-serão presentes. Em *Coimbra* — na terceira cidade do Reino — tambem se-formou uma Associação Theatral, e as honras de poeta da scena competiram a um joven Conimbricense, que já se-tem feito conhecido por variadas producções litterarias. Referimo-nos ao talentoso auctor do *D. Sisnando*. Esta tragedia, depois de impressa, e, segundo cremos, representada em *Coimbra*, foi submettida ao Conservatorio com renúncia ao beneficio do incognito, e por elle julgada digna de correr a sorte das provas publicas, soffrendo varias modificações, com as quaes amplamente se-conformou o auctor. Louvada foi por todos a original lembrança do assumpto, que, tão pouco familiar ainda aos mais entendidos, foi tractado na tenra juventude com tal fidelidade e tanta riqueza poetica. Com tudo veio esta tragedia achar o publico de *Lisboa* tão demasiado cavalheiro, e tão pouco disposto, que não tolerou expressões que, dictadas embora com propriedade pela paixão, eram todavia offensivas ao sexo formoso: desapprovou-a. Segunda vez foi retocada: mas, ou porque o publico quiz sustentar capricho, ou porque não estavam os actores muito habituados a calçar o cothurno, é certo que ainda não foi applaudida. Viram-se somente os defeitos; não se-apreciou a incontestavel belleza de muitas scenas, a elegancia e energia da fraze e a finura que por vezes offerece o dialogo.

Quasi pelo mesmo tempo apparecêra no Conservatorio a *Actriz*. Foi devolvida a seu auctor para lhe-fazer muitas modificações, que foram causa de ser muito mais tarde levada a scena. Esta composição, deduzida de um pensamento nobre e sublime apresentado em estylo vigoroso, e cheio de colorido poetico, com linguagem pura e castigada, dialogo interessante e bem sustentado, mui excellente para ser lida, nem por isso teve boas acolhenças, quando ouvida entre os illusorios bastidores. Seria por ventura que as pégadas giganteas da monstruosa eschola ultra-romantica, apagassem e fizessem desvanecer tantas bellezas?.. O auctor mostrou-se decididamente engenhoso; mas inclinâmo-nos a crer que não tinha ainda adquirido bastante d'aquella prática, que diremos — mechanica da scena.

Vamos á comedia classica de costumes, intitulada o *Camões do Rocio* — O merito desta composição, de um genero seguramente mais difficil na litteratura do que ess'outro todo de paixões violentas e sanguinarias, deveu muito a este Conservatorio, que na fabula, no estylo, na conducção das scenas, na ordem total do drama, — em summa no desenho e no colorido d'este bonito quadro, concorreu tanto para que seu applicado e docil auctor recebesse a primeira e nova palma que se-cortou para taes composições. Hoje é opinião quasi geral que o *Camões é*, de quantas peças tendes a julgar, a que menos defeitos encerra, e está mais bem acabada. O juizo do publico manifestou-se decididamente n'esta peça: tantas vezes a-tem applaudido em scena que não falta quem a saiba de cór, e seja capaz de reproduzir o manuscripto. Não dissimularemos todavia que, tanto na linguagem como principalmente na ligação das scenas, a comedia poderá ainda ganhar, recebendo retoques que não serão muitos, nem difficeis.

Ao *Camões* seguiu-se — O *Marquez de Pombal* — Já com este nome subíra á scena dos nossos dias uma composição cheia de situações dramaticas de muito effeito, a par de não poucas impropriedades. O primeiro auctor levou a mira em patentear as distinctas acções sabidas, e animo grandioso do primeiro Ministro do Senhor Rei D. *José*: o segundo com maior estudo de factos especiaes e de circumstancias melindrosas da epocha do renascimento litterario, e administrativo em Portugal, parece propôr-se a apresentar os fracos d'essa nomeada administração: ambos desprezaram as regras de acção e unidades: não teve porém o segundo, como o seu predecessor, a lembrança de lisongear o amor proprio nacional, ou de fascinar os espectadores com algum outro feitiço, que lhe obtivesse o cubiçado premio das palmas. — Não podemos occultar que houve quem achasse pouco satisfeitas algumas conveniencias sociaes: o auctor introduziu ás vezes côres suas tão vivas e carregadas, em caracteres tão nossos conhecidos pelos contos de nossos pais e avós, contemporaneos a essa epocha recente — que a maior parte dos espectadores acharam-se pelo drama desagradavelmente surprehendidos. Temos modernamente levado, talvez longe de mais, a idéa de que ao escriptor dramatico é concedida amplissima liberdade de inventar, e de transtornar os factos. Sabemos que *Gil Vicente* não é *João de Barros*, mas tambem tivemos agora uma prova da conveniencia de que estejam em paz um com o outro; ou, pelo menos, que não se-declarem guerra aberta. Tambem na fabula se requer verdade, segundo a elegante e conceituosa expressão de um critico francez. O público — juiz que não perdoa — é quem ás vezes decide melhor certas questões. Apresentando-se-lhe uma successão de quadros que elle, bem informado, reconhece por falsos, offende-se no seu amor proprio de que o-quizessem illudir, e muito faz em se-retirar calado e cortez. — « O *Marquez de Pombal* — (diz um nosso illustre consocio) apparece sempre sedento de sangue, profundamente vingativo e nunca revellando o grande homem que foi: a severidade que ostenta parece quasi sempre um fim, raras vezes um meio. » E com effeito os espectadores não desapprovariam de todo alguma das duras severidades do Marquez, — analoga á da condemnação dos fidalgos puritanos; mas desejariam vêr logo a par, ou as ordens dictadas pela politica d'então, tambem duras e despoticas, mas nascidas de espirito de patriotismo, chamando á côrte algum colono mais abastado, afim de attrair á metropole a maior somma de riquezas; ou os rasgos de magnanimidade do reformador de toda a Monarchia, — do architecto da nova *Lisboa*. O Conservatorio conseguiu aperfeiçoar o estylo e organisação singular e extremamente romantica do drama: e este não podia nem devia soffrer outras correcções, sem que fôsse transfigurado o pensamento do auctor.

E' chegada a vez de darmos conta de outro drama, manifestamente escripto por um joven cujas boas disposições muito nos cumpre auxiliar: — *Os Dous Campeões ou a Côrte d'El-Rei D. João I.* Não se cançou pouco o auctor em estudar e folhear os chronistas e historiadores de melhor nota, a fim de, com tanta fidelidade, levar á scena a Côrte portugueza de ha perto de cinco seculos. — O público tem sempre applaudido o drama nas suas representações. Não podémos encobrir quanto o Conservatorio deve apprazer-se desse applauso dado a uma obra, que foi por elle em muitos logares alterada e transmudada: — se bem que ainda podéra ser mais, quando não houvesse por ventura a intenção premeditada de deixar ao auctor a prerogativa de ultimar e aprimorar uma obra sua. E' quasi unanime a opinião de que este interessante drama alcançará futuro duradouro, se o auctor, proseguindo em dar desapiedados cortes em tudo quanto fôr alheio ao nexo e enredo, fizer sobresahir o incontestavel valor deste. As bellezas de mero ornamento são, no dizer de Pope, as roupas doradas e de brocado com que os pintores occultam a falta d'arte; e certo que bem longe está o auctor de precisar de taes recursos. Se este drama fosse vertido em outra lingua, os dourados sem o brilho do original pareceriam nodoas, ou quando muito, ouropeis. Convencido deverá o auctor estar, que não é pelas erudições que se-ostenta um drama: despegue-se pois do amor a certas expressões e pensamentos mais queridos ou menos vulgares: exclua as personagens inuteis á verdadeira acção: atenúe os excessos pouco criveis do patriotismo tão exaltado: e livre-se de todas as affectações forçadas, que lhe-agouramos aos seus *Campeões* uma victoria completa. O drama em scena pede mais acção do que requintes estudados de conceito, os quaes só fazem apparecer de continuo o vulto do auctor na maior parte das scenas, — e adeus illusão scenica! D'aqui nasce o fundamento com que alguns dramaturgos modernos, quando imprimem suas obras, assignalam, para serem cortados na representação, pensamentos e expressões que ás vezes tanto agradam na leitura. Appropriada é, em nosso entender, a comparação das imagens do drama ás pinturas do scenario. Os toques rapidos e fortes, mas onde precisos, fazem maior effeito do que os mais delicados apuros da trabalhosa miniatura. Porém, Senhores, os = Campeões = ainda se-estão, por assim dizer, a criar: não sabemos se fomos mais sinceros do que convinha; sabemos *só* que as intenções eram e são puras, que levámos unicamente a mira em animar os seus primeiros *passos d'armas*.

Como este drama, depois de submettido ao Conservatorio, teve que demorar-se por via dos retoques, adiantou-se a apparecer a *Auzenda* perante o público. Não são poucas as lindezas poeticas deste drama da *Auzenda*, nome que alguem desejára antes ver substituido pelo do *Trovador* que desempenha o caracter de protogonista. Appresentar um poeta d'outras eras no contraste dos dous extremos da fortuna — já no desamparo de tudo, excepto do amor; — já illustre e rodeado de todas as affeições, é na verdade um pensamento philosofico eminentemente dramatico. — Com tudo, ou por que desagradassem alguns archaismos, com que o auctor quiz dar ao seu quadro as côres do tempo, ou porque os espectadores reconheceram um como desleixo na acção e estiramento no dialogo, ou porque preferiam ouvir certas declarações amorosas afinadas por outro gosto, ou porque achassem dureza n'alguns desfechos, ou talvez por um pouco de tudo isto, a *Auzenda* apresenta-se neste concurso menos favorecida de maior numero de representações.

Veio por fim o — *Captivo de Fez* — drama cuja fabula é mui bem atada e engenhoso o enredo. As peripecias fizeram grande impressão e os fechos dos actos foram julgados de mão de mestre. O seu effeito em scena foi decididamente grande; porém seria talvez ainda maior, se o estylo que se-acompanha de tanta naturalidade fôra sempre mais dialogal e menos narrativo. Neste sentido, bem como na reducção a cinco actos, de seis que tinha o drama, e no apurado de algumas scenas e feições de caracteres, muito serviço fez ao drama a penna do juiz intendido á qual é já impossivel deixar de attribuir o estado prospero do theatro portuguez. Assim ella houvera

sido ainda mais rigida tanto neste drama como nos outros todos!...

Diremos a final duas palavras da engraçada composição = *Um noivado em Friellas* = O pensamento foi sem duvida feliz, e a pequena acção desta farça engraçada é conduzida com muita naturalidade. Os seus picantes adubos de sal a-tem feito acolher com risadas e palmas dos espectadores, que nella vêem retratados caracteres muito seus conhecidos. Bem haja o Conservatorio pelos seus desejos de animar este genero de composições, que chamam faceis; por que o parecem; mas em cuja mesma facilidade encontra o difficil quem as-quer acompanhar de gosto e graça, e de utilidade para a correcção dos costumes.

Tal é, Senhores, o mais franco juizo que vos-soubemos expôr, em desempenho das obrigações que nos-confiastes: corrigi-o como vos approuver: desejáramos ter sido antes panegyristas; porém isso valêra o mesmo que atraiçoar a vossa confiança. Cabe porém, desde já, prevenir-vos que estes juizos se-referem aos dramas como elles foram postos em scena. — E' possivel que para o futuro venham a ser retocados tanto, que conservando o mesmo nome variem até na essencia; e pareçam austeros alguns de nossos dictames. — Outro tanto já talvez succeda a alguns dos pareceres das commissões que primordialmente os-censuraram, taes como elles eram antes de aperfeiçoados para se-poderem representar. Vós tereis em conta estas modificações successivas, para firmardes com circumspecção o vosso conceito.

Igualmente nos-cabe patentear que poderá acaso no decurso deste relatorio apparecer alguma expressão que indique termos nós conhecimento dos nomes dos auctores, cujas obras se-tracta de julgar. A tal respeito, o Conservatorio prometteu, e tem religiosamente guardado o sigillo, conservando intactas, como vos-serão apresentadas, as cedulas que acompanharam as peças e que devem encerrar esses nomes. Não vos é desconhecido porém, que os proprios auctores têem espontanea e voluntariamente rompido o segredo — circumstancias que hoje augmentam as nossas difficuldades e as vossas tambem. Reste-nos porém, ao menos, a consciencia de não termos tido parte nessa revelação.

Tambem não podêmos, Senhores, deixar de preconisar devidamente o methodo de julgar composições dramaticas novo e até agora não praticado em paiz algum, adoptado pelo Conservatorio. A experiencia o tem mostrado o menos imperfeito dos possiveis: julga-se dest'arte primeiro, se uma composição dramatica merece ser apresentada ao seu principal juiz — o público — e aguarda-se reflectidamente pelo veredicto deste grande Jury, antes de proferir a sentença cabal de que ora vos-ides occupar. Na segunda cidade do reino já os nossos consocios no Conservatorio que ahi formam a sua Commissão filial cumpriram esse dever, como vereis de seus eruditos e elegantes relatorios, que tanto honram aquella illustrada parte do nosso Instituto.

Felizmente para nós, só temos que registar as suas sentenças. Porém cumpre proferir as que immediatamente competem a esta associação, e duro foi o transe que nos impozestes, obrigando-nos a extremar as composições que julgamos no caso de receber o ultimo laurel academico, e de sermos os primeiros a votar. O nosso voto, Senhores, pelas observações deduzidas e ponderadas no presente relatorio é que merecem a adjudicação do premio definitivo:

= *Os Dous Renegados.* =
= *O Camões do Rocio.* =
= *O Captivo de Fez.* =
= *Os Dous Campeões.* =

Vós resolvereis o que mais justo vos-parecer.

Sala da Commissão no Conservatorio Real de Lisboa, em 19 de Novembro de 1841.

— *Francisco Adolfo de Varnhagen.*

— *Francisco Simões Margiochi.*

NOTICIAS.

RUSSIA.

236 O nosso *Correspondende de Petersburgo* escreveu-nos, com a cautella com que sempre n'aquelle Imperio se-redigem as correspondencias, mas aqui extractamos a parte mais curiosa:

« Publicou-se um Ukase, concedendo grandes privilegios aos Russos que se-transportarem para a Polonia, á fim de se ali empregarem em negocio ou officios.

« Nós mesmos aqui não sabemos quaes foram a origem, os meios, ou o fim da conspiração abortada. O que sei é que o Imperador, assim que teve noticia dos primeiros gritos no quartel de um regimento, montou á cavallo com o seu Estado Maior e partiu á testa das tropas fieis. Chegado ao quartel, entrou sosinho, e avançando para os soldados, dirigiu-lhes um discurso cheio de fogo, que começou a abalar. Um dos Officiaes, vendo tal, arremessa-se e dá voz de preso ao Czar, que lhe-responde, traspassando-o com a espada. O perigo era imminente, saiu, e commandou logo o assalto, que durou algumas horas, ficando mortos quasi todos os sublevados; o resto partiu no mesmo dia para a Siberia. «

ALLEMANHA.

237 Todos conhecem a questão religiosa dos casamentos mixtos, que hoje se-agita na Allemanha Protestante, e que tão notavel se-tornou pelo debate entre o Papa e a Prussia, a que deu motivo o Arcebispo de *Colonia*. O nosso *Correspondente particular* de *Stuttgard*, escreveu-nos a 17 do passado que na Sessão da vespera se-terminara a discussão desse negocio quanto ao *Wurtemberg*. « Corrido o escrutinio, junta elle, declarou o Ministro do Reino que no caso em que o Bispo continuasse a negar ao successor de um padre, dimittido por ter-se opposto aos matrimonios mixtos, a consagração canonica, elle Bispo por desobediencia á lei seria submettido a um processo ante a competente authoridade judicial. Erguendo-se solemnemente o Bispo, exclamou: — Á lei humana, respeito quando possivel; á lei divina, obediencia sempre. Desobedecerei! — «

Outro *Correspondente de Hamburgo* nos-dá numerosas noticias que a falta de espaço nos-veda trasladar. Aquella cidade, informa elle, vai fazer em *Harvstehude* um novo e magnifico passeio; achava-se ali o célebre *Ole Bulle*; a Faculdade de Philosophia de *Konigsberg* nomeou *Doutor em Música* ao famoso pianista *Franz Liszt*; na Dinamarca acaba de se-cunhar uma nova moeda, com outras divisões do Rigsbankdaller; a *Prussia* quiz alcançar que a Dieta Germanica prohibisse os *Annaes Allemães* que se-publicam em *Leipsic*, porem o Governo da Saxonia liberalmente se-negou, etc. etc.

FRANÇA.

238 Numerosas reuniões de Deputados para tratar de eleições, e nunca os legitimistas trabalharam tanto. — O *Nacional* foi novamente condemnado pelo Jury. — Fazem-se em Tunis preparativos de guerra: 2 Officiaes francezes, ao serviço do Bey, organisam as tropas.

HESPANHA.

239 Começou a debater-se o projecto sobre liquidação de creditos contra o Estado. Houve na Sessão de 6 um debate animado; foi origem uma interpellação ácerca da promessa, a que o Governo faltára, de apresentar leis sobre cereaes e algodões, e do tão fallado Tratado com a Grã-Bretanha; as respostas do Ministro foram amphibologicas. — Uma serie de circumstancias faz recear aos Hespanhoes que os inglezes se-preparem para realisar um plano, com o fim de tomarem a *Havana*.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

240 *Diario do Governo de 7 de Abril* — Creação e nomeação de mais um officio de Escrivão em cada Juizo de Direito das Comarcas de *Béja*, *Elvas*, *Evora*, *Faro*, *Portalegre*, *Ribeira Grande* e *Santarem*, e mais dous em *Ponta-Delgada* — Descripção de um farol na ponta de *Aguada*, á entrada da Barra de *Góa*, e de outro na Ilha de *Hallo*, na *Suecia*.

De 8 Abril — Fezes de carvão de pedra pagarão nas Alfandegas dez réis por quintal — Nas Comarcas onde não se-apurarém em cada Circulo 80 Jurados com o censo da lei, as pautas dos Jurados de Sentença serão completadas com os cidadãos que pagarem a quota immediatamente inferior; decidindo a sorte, em caso de empate.

De 9 Abril — Nomeação de nova Commissão para propôr meios de pôr termo á decadencia dos vinhos do Douro — Lucto de 15 dias pela morte da Archiduqueza d'Austria, Herminia.

De 11 Abril — Os navios, com parte da carga para a *Madeira*, descarregando essa parte e legalisando-se, poderão ainda, sob certas condições, descarregar o resto. Gosarão da mesma regalia, debaixo de analogos principios, os navios que alli forem buscar vinhos, postoque levando carga para outro porto; os que forem refrescar ou a ordens; e os que se destinarem a negocio, mas com prévia declaração á Alfandega. Circumstancias em que os navios poderão fazer sobre a vella embarque dos vinhos ou desembarque de generos — Creação e attribuições de uma Junta na *Madeira* authorisada a solver provisoriamente quaesquer questões fiscaes que occorram entre a Alfandega e o corpo de commercio — No *Funchal* não se-imporá a mulcta de dobrados direitos do porto nos casos previstos no artigo 7.° do Decreto de 10 de Julho 1834; os Capitães que não trouxerem os manifestos regulares pagarão porém o dobro das despezas e emolumentos de porto antigamente estabelecidos; e nenhuma mulcta será imposta aos navios em franquia.

De 12 Abril — Dissolução da Camara da *Guarda* — Nomeado o Sr. *Domingos Manoel Pereira de Carvalho e Abreu*, Juiz de Direito de *Mangualde*; e o Sr. *Francisco José Vanini de Castro*, *de Castro d'Aire*. — Transferido o Sr. *Luiz Antonio Corrêa de Moraes Amaral*, de Juiz de Direito de *Castro d'Aire* para *Celorico de Basto*; e o Sr. *José Bernardo Gonçalves Ferreira*, de *Mangualde* para *Monção*. — Farol na Ilha de *Ré*.

De 13 Abril — Contracto feito com a Sociedade *Brandão*, *Sampayo*, *Freitas*, *Roma*, *e C.ª* para adiantamento de Rs. 1,060:000$000 em dinheiro, e Rs. 200:000$000 em titulos de divida posterior a Julho de 1833.

THEATRO DE S. CARLOS.

241 Acaba de subir novamente á scena a bella Opera *Capuletos e Montecchios*, cuja execução não desagradou. Sabido é que, por uma extravagancia, com cuja origem não podemos atinar, das Operas actuaes desappareceu totalmente a parte de *contralto*, e tanto que os Emprezarios já a-consideram como um encherto desnecessario. A Empreza de S. Carlos, não tendo pois um contralto, viu-se obrigada a confiar á Sr.ª *Schironi* um papel que não fôra feito para voz de soprano; as notas baixas saíram fracas e como que afogadas, sem que contra tal resultado valesse a perfeita mímica e o talento que a actriz patenteou.

A Sr.ª *Boccabadati filha* cantou bem, e o tempo modificará a inexperiencia, que assim torna incompleta a sua pantomima. Das outras partes basta dizer que se-houveram regularmente. O primeiro acto foi accolhido de tal fórma que todos os cantores vieram fóra no fim; n'elle se-distinguiu a aria de contralto, o dueto de contralto e soprano, e o quarteto. Recommendamos aos machinistas que mandem para o hospital a cama que de lá tiraram, e deitem a Julietta em alguma cousa que se-pareça com um túmulo.

Temos recebido duas cartas ácerca do Sr. ***, e confessamos que as accusações que contra elle se nos dirigiram, as achámos, depois de exame, fundadas. Aquelle actor, que aos portuguezes deve a reputação de que se-gosa, parece que, não contente com ludibriar em todas suas práticas a nação que o-accolhe, passa a zombar d'ella em face, agora que a sua escriptura se-acha proxima a findar. Na ultima noite em que se-deu a *Gemma*, todos os expectadores notaram a negligencia com que executou a sua parte, cantando a meia voz e como por desfastio. Tambem lhe-declaramos que o público portuguez poderá não soffrer impunemente insultos de *certa natureza*; por exemplo, no final, quando *Gemma* interrogando-o, exclama: — Chi te seducci? — e que a sua resposta deve ser — Il tuo e il mio *furor* — ouviu-se perfeitamente o modo porque este Sr. adulterava as palavras, *e nem só n'essa occasião*. Elle bem entenderá este portuguez como nós entendemos o seu italiano. Cumpre que em cousas taes haja n'este Theatro mais vigilancia; até as coristas riem, conversam, e se-escondem umas atraz das outras; valerem geralmente cadauma por dous não justifica taes liberdades.

Dizem que a Empreza protestára a escriptura da Sr.ª *Boccabadati*, pelo estado da sua saude, e que esta Sr.ª protesta contra o protesto.

A nova Companhia estreia-se na *Beatriz* que já representou, e terá que luctar contra as saudosas recordações que nos deixaram *Coletti e Galvi* tão difficeis de igualar. Entram n'ella as 1.ªs Damas *Boldrini* e *Fasciotti*, o Baxo *Constantini* e o Tenor *Ferreli*.

THEATRO DOS CONDES.

242 Assistimos, na 5.ª feira passada, á primeira representação da opera comica — *O Campo dos Desafios* — musica do já conhecido e acreditado compositor *Herold*. O entrecho da peça é de mui pequeno vulto — um accessorio indispensavel, para que o espectador ouça, de melhor vontade, a enfiada de córos, cavatinas, duetos, e tercetos etc.

O elogio da musica está, no muito que agradára, apesar de não ser executada por primeiras partes. —

Pareceu-nos, comtudo, menos original, que a do *Domino* — talvez mais scientifica. — O vestuario é bom: o scenario bello — se a peça é traduzida!... A vista do 3.º acto é de grande effeito. O palacio do Louvre, inteiramente illuminado, apparece no fundo; e a perspectiva, por mui *fugitiva*, prolonga-o, a ponto de completar a illusão. — Os córos foram soffrivelmente: como curiosos, merecem desculpa. — A nova dama, *Radicci*, recebida até meado da peça com indifferença, grangeou applausos no alegro do terceto do 2.º acto: tem voz clara e igual; pouca agilidade: a figura e mímica, não são para rainha de Navarra. Espera-se que a peça dê dinheiro, e com rasão. Muita musica, e quasi nenhuma declamação — *c'est le bon ton* — assim o-dizem os ultimos figurinos theatraes. O nosso póvo está no berço, e quer que lhe-cantem — *Fiat voluntas sua.*

P. S. Dá agora n'este theatro exercicios gymnasticos uma companhia de 4 inglezes, que principia a dizer que partirá na semana que vem para Cadis e Gibraltar. Melhor o permittirá Deos!

THEATRO DO SALITRE.

243 Sabbado 9 representou-se pela primeira vez, no Theatro do Salitre, sob os auspicios da Sociedade, sua protectora, denominada de *Gil Vicente*, o Drama *Roberto do Diabo*. Havia enchente; o titulo da peça, e o nome do Classico poeta d'El-Rei *D. Manuel*, não eram para menos; e o público apezar do esplendor, com que, não ha ainda muito, víra aquella mesma ficção executada em S. Carlos, não saíu descontente. É esta composição uma daquellas que se não podem julgar n'um artiguinho passageiro, porque envolvendo em si muitos generos, e quasi todos os generos, a declamação tragica, a declamação comica, a poesia propriamente dita, a musica vocal, a musica instrumental, a mimica e dança, a architectura, etc. etc. etc., e carecendo por isso de ser diversamente apreciada por cada um dos seus diversos aspectos, só depois de descontados entre si, e uns por outros, todos os seus meritos e demeritos, se-poderia chegar a determinar-se-lhe de algum modo o valôr; renunciamos por tanto esse empenho. Obrigados da estreiteza do espaço, de que para taes materias podemos dispôr, limitar-nos-hemos por agora a dous conselhos, tão sinceros como amigaveis; um d'elles ao público em relação ao Theatro do *Salitre*, o outro á empreza do *Salitre* em relação ao público. Ao público e aos jornalistas, que são, ou devem ser, ora os seus interpretes, ora os seus conselheiros e guias, pertence favorecer e animar os esforços desta Sociedade de *Gil Vicente*; e tanto — quanto se fôr vendo, que tendem, como o seu nome promette, para nos-começar o que ainda não tivemos, nem temos, um *Theatro Nacional*. Á Sociedade incumbe o extremar sempre a sua empreza por provas constantes, claras e positivas, de boa e sincera vontade: prefira em igualdade ou quasi igualdade de circumstancias — o nacional ao estrangeiro, e d'entre dous escriptos nacionaes o mais nacional; — a moral pura que aproveita, ás indecencias e grosserias que pervertem; — o juizo, a verdade e bom gosto, aos desatinos, que aturdem, e fascinam os parvos; — e por ultimo, a declamação ao canto. Esta derradeira recommendação é de muito maior monta do que á primeira vista poderia parecer: dos dous Theatros subsidiados pelo Estado, um o-fôra para por elle se manter a musica, o outro para servir de norma, tanto aos fazedores como aos representadores do drama portuguez; mas o para este fim subsidiado converteu-se a si mesmo em opera, e por signal que muito má, nem outra cousa era possivel; é logo indispensavel que a obrigação que elle não cumpre, e não quer cumprir, alguem menos melomaníaco, porém mais portuguez, a procure desempenhar. Se a tanto chegasse a Sociedade de *Gil Vicente*, mereceria e alcançaria as nossas benções, e uma honrosa menção na nossa historia litteraria.

ASSOLAÇÕES DE UM LOBO.

244 Temos á vista uma carta escripta para esta cidade a uma illustre dama, por pessoa, que havemos por mui fidedigna, e moradora junto a *Castello-Branco*, na Freguezia da *Zibreira*; della extrahimos em substancia o seguinte: — «Os ventos, que por aqui têem cursado, parece que trazem peste para os vegetaes, particularmente para as searas: com elles tambem arribou para estas paragens uma féra, cujos estragos já não são de pouca monta. É um lobo preto, grande e temeroso, que, não sem fundamento, se-julga damnado; o qual anda exercendo as suas tyrannias pelas abas da Aldêa de *Toulões*, arredada daqui uma legua, mas pertencente a esta mesma Freguezia: apparece como um raio nos pastos, por onde os moradores da terra se-andam derramadamente guardando as suas vaquinhas; rompe por entre os gados, sem n'os accommetter, nem se-lhe-dar dos cães, e vai descarregar os impetos de suas furias nos pastores. Já matou a duas raparigas; e á segunda, que era uma formosa moça de 17 annos, devorou-a. De dous rapazes, com quem investiu, deixou um em lastimoso estado, o outro morto.

A sorte deste tem de excitar dobrada compaixão nos corações feminís; — porque, ou foi uma resolução heroica e mui superior á baixeza de sua condição, a que o-levou áquelle transe, cubiçoso de vingar no monstro o desastre daquellas duas raparigas; ou, — segundo parece mais verosimil, os seus amores, despojados repentinamente de esperanças, e até de objecto, o-arremessaram a uma vingança, que não podia deixar de lhe-ser fatal. A vingança não n'a-conseguiu, mas gosa-se de repouso, que já sobre a terra póde ser que nunca mais encontraria.

Outro camponez topou ultimamente com a féra em sitio, onde era inevitavel o recontro: saca fôrças do terror — e da desesperação, esperanças: joga-lhe um bote ao pescoço; travam-se na mais horrenda lucta: o bruto parte poucos momentos depois voando, e arrastando o gavão, que arrancára ao seu adversario, e que na sua cegueira suppõe ser o seu adversario proprio: este recolheu ao povoado com vida, mas não isento de feridas graves.

INCENDIARIOS.

245 Escrevem-nos, que na villa de Vagos nas cazas da quinta denominada da *Monica*, pertencentes ao Bacharel Casimiro de Almeida Barreto na noite de 7 para 8 do mesmo preterito Março, fôra posto acintemente fogo por mãos desconhecidas. O povo boquêja em dous individuos — tanto valem reputaçõesbem assentadas! A justiça procede nas diligencias doseu officio.

CRIA O CORVO, TIRAR-TE-HA O OLHO.

246 Na noite de 10 de Março ultimo derrotaram ao Sr. Pedro Bernardino Pimentel da Villa de Vagos um pomar de pevide e caróço na sua quinta, chamada das *Poisadas*, no arrabalde da mesma villa: quando veio a manhã era lastima ver tantas e tão formosas arvores, que já todas trajavam Primavera, e promettiam, rindo, uma abastada colheita, estropeadas, desfiguradas e mortas — umas cortadas pelo pé, outras despidas de sua casca, outras esgalhadas. Procuraram-se os rastos dos auctores de tal bruteza; só os de dous homens se-encontraram. Tem para si o Sr. Pimentel, e assim se-acredita, — que este estúpido maleficio lhe-fôra feito por dous sugeitos, a quem elle á força de generosos beneficios fizera ingratos. Em sua caza os-hospedára por largo tempo, convertendo-lhes a miseria em abastança, e vestindo até de suas roupas a um d'elles, e ao que se-julga primeiro cabeça na maldade: por suas diligencias e valimento ambos conseguiram empregos. Monta o prejuizo para mais de 200$ reis — as arvores sacrificadas passaram de cem, e eram as melhores d'aquelle curioso pomar em que seu dôno se desvelava havia sete annos. Se os perpetradores d'esta obra se chegarem a descobrir, e a justiça os colher ás mãos, ainda que não sejam os mesmos dous, em quem se põe a bôca, certamente que lhes-deve um castigo exemplar; porque um tal feito é immoral e pessimo por todas as suas circumstancias.

NADA SE FAZ QUE SE NÃO SAIBA.

247 O mesmo *Periodico dos Pobres do Porto*, d'onde tirámos o successo referido no artigo 211 do n.° passado, diz hoje, que a diligencias do Administrador do Concelho de Guimarães, se descobriu — *o reputado criminoso* — que é Marchante. Que o facto não *tem apparencia de criminoso, mas antes de prestigio, etc.* E continúa de fórma, que não comprehendemos, e deixa ficar o negocio ainda em mysterio. Promettemos seguir o fio *desta meiada* e annunciar o que averiguarmos.

N. B. — O Jornal a que alludimos, declara que extrahe de uma carta do referido Administrador: e conclue assim: — *Os nossos leitores ajuisarão o que lhes parecer.*

---

248 *Os Jornaes das Ilhas*, até 30 do mez passado, que recebemos, não deparam noticia alguma *que devamos referir*.

ENSINO GRATUITO.

249 Sabbado, 16 do corrente, pelas 7 horas e meia da tarde, na sala das sessões da Sociedade *Escholastico-Philomatica*, rua de S. Martha n.° 23 — se abre um curso publico e gratuito de Mathematicas elementares — regido pelo Socio da mesma o Sr. *Camarate*.

As disciplinas serão expendidas pela *Arith.* do Sr. *Albino de Figueiredo*: Composição d'equações: *Geom.* até *linhas proporcionaes* do mesmo Sr. *Albino*, tudo mais do Sr. *Villela*: *Trignom.* do Sr. *Feyo*.

Os nomes assim de taes Auctores, como do habil Professor que a este serviço se-presta, e a hora em que todos estão já livres de seus mistéres — tudo nos-fia, que muitos dos que algumas noções tenham já destas materias — correrão a se-elucidarem por tão vantajoso meio. . . . . T.

PASMOSA PERVERSIDADE.

250 Era pelos fins de Março, que lá vai; um homem do logar de Bustos, Freguezia da Mamarrosa; Concelho de *Mira*, andava cavando em um bacêlo perto do caminho público; chegadas as horas vê assumar sua mulher, a Mãi de seus cinco filhos, que lhe-vem trazer o almoço preparado por suas mãos; apressa-a com um acêno; recebe-lhe a comida; sentam-se, almoça, — despejada que foi a pobre baixela, já a mulher a-recolhia, e se-dispunha a tornar-se a casa, onde tinha os filhinhos, cuidar nas obrigações da sua cançada vida, e aprestar para elles e para seu marido a segunda refeição, quando este lançando-lhe rijamente as mãos, a-detem; e lhe-diz, — que se apparelhe para morrer: — pessoas, que pelo caminho passavam, foram testemunhas desta scena; de joelhos, com as mãos erguidas, e o terror no semblante, a desaventurada parecia alternar as mais ardentes preces entre o céo e o seu verdugo: o céo estava sereno, o sol descoberto, a natureza contente, tudo convidava a viver e a amar: — o monstro via-se andar vacillando entre a horrenda lucta do seu bom com o seu máu anjo — com a enxada apertada no punho, ora se-dirigia contra a victima inerme e supplicante, ora tornava rapidamente ao trabalho; por algum espaço se-andou desatinado n'este vaivem; — alguns passageiros, que no caminho se-haviam detido, espantados do que viam, e temendo já aquillo mesmo que não julgariam possivel, acodem correndo, mas o ferro, destinado a fecundar a terra, desceu como um raio sobre a cabeça da mulher e Mãi — o cérebro, povoado certamente das imagens de seus filhos, saltou disperso entre ondas de sangue sobre os torrões: — o furioso, mais furioso pela barbaridade já consumada, continuou ainda a cavar a golpes redobrados — ¿ na terra para sepultura? não — no corpo estendido e ainda quente da companheira do seu leito. Grita-se a soccorro; acode o povo do logar; querem prendel-o, mas elle, brandindo uma foice roçadoira, girando em roda do cadaver, e escoicinhando-o brutalmente, ameaça morte infallivel a quem quer que se-aproximar. Tambem as féras se-caçam; foi a final tomado, e conduzido ás Cadêas do Concelho. Dizem que este perverso andava amancebado, e que já por vezes havia meditado, romper por sua mão os vinculos conjugaes. Os cinco innocentinhos, que todos são ainda menores, e formosos, segundo nos-affirmam, lá se andam depois da falta de sua Mãi dispersos e perdidos como cinco aljofares desenfiados do cordão de seda, que os-unia. Louvor á mão caritativa, que os-levantar da terra para aproveital-os. Temos uma Casa Pia que não cederá a outrem essa gloria! Que maiores recommendações para benevolencia? Pequenos, filhos da pobre assassinada; filhos do homem por quem já está esperando no ultimo degráu do patibulo o pensamento do algoz.

¡ Maldita seja a impunidade! ¡ Maldita seja a falta de instrucção religiosa e litteraria!

AURORA BOREAL.

251 Nesta noite de 13 d'Abril, ás 7 horas e 50 minutos, foi vista percorrendo rapidamente o horisonte na direcção d'O. a E. — durante o espaço de 8 a 12 segundos, uma soberba *aurora boreal*, que logo desappareceu, deixando uma fugitiva tintura rubra.

252 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 6 ATÉ 12 DE ABRIL DE 1842.

Dias do mez	*Termometro exterior*		*Barometro*		*Pluvimetro.*	*Ventos dominantes e sua força.*	*Estado da Almosfera.*
	Min.°	*Max.°*	*9 h. m.*	*3 h. t.*			
6	46°	57°	755,1	755,1	2	N.O.	Peq. aguac.° com graniso, e cl.os — Trovoada remota de 8. Frio e m.° seco.
7	42	60	59,4	58,0	3	O^2 NO^2	Cl.° e nuv.s — Aguac.° com graniso á noite. Frio e muito seco.
8	50	59	56,8	55,5	8	^1O NO^2	Cob.° e clr.° — Id.m abund.° á noite. — Frio e m.° seco.
9	43	56	53,3	51,6	2	^1NO	Cob.° e chuvisco m.° frio. — Cl.° e nuv.s — Frio e m.° seco.
10	44	61	51,2	50,8		N. NO.	Cl.° e alg.s nuv.s — Claro. — Frio e m.° seco.
11	45	64	52,5	50,0		NE. $SO.^2$	Cl.° — Cob.° e alg.m claro. — Frio e m.° seco.
12	52	61	44,2	44,3	26	B	Chuva serena e copiosa até ás 10 h. m. — Cob. — Ar seco.

Continuou até 11 a funesta influencia da primeira quadra deste mez, permanecendo a mesma frigida temperatura acompanhada com grande secura no ar, e pequenas chuvas de aguaceiros de mistura com graniso meudo, as quaes na totalidade igualaram as que cahiram em todo o antecedente mez, e não deixaram de ser proveitosas aos ressequidos campos, cujas plantas exhaustas de humidade, e crestadas, ameaçavam total ruina. As noticias das provincias confirmam os grandes estragos causados pelo intempestivo rigor da estação, que teve principio no meado do mez passado. Os favaes temporãos em torno da capital foram quasi todos destruidos, e já se-ceifam para pastagens, mas ainda restam esperanças nos serodios. No Alemtejo tem gelado a agua repetidas vezes, e tem apparecido continuas geadas, as quaes crestaram os arrebentos das arvores e vinhas: os centeios foram queimados, e o mesmo aconteceu ás pastagens, que se-mirraram, deixando os gados sem alimento. Os mesmos prejuisos se-repetiram nas provincias do norte, nas quaes tem nevado amiudadas vezes. Segundo as nossas observações a temperatura media dos primeiros dez dias deste mez, não subio a mais de 52.° F., o que representa o calor de Dezembro ou Fevereiro em Lisboa, fenomeno assáz funesto, e que já presenciámos em Abril de 1837, em cujo mez tambem nevou abundantemente na Beira-Alta; sendo acompanhados aquelles frios com a mesma secura do ar, a qual excitando grande evaporação nas folhas dos vegetaes, as-secca e queima. É tanto mais para lastimar este acontecimento, por isso mesmo que o anno indicava grande fertilidade em todas as producções da terra. O dia 12 em que estamos escrevendo estas notas, amanheceu com a temperatura menos aspera, e uma copiosa e serena chuva, que até ás 3 h. da tarde subio a 26 mill.as, parece indicar que terminou a funesta quadra dos frios, fornecendo abundante rega aos campos, que ainda poderá reanimar a amortecida vegetação, mui principalmente a dos trigos, já tão definhados.

Á semelhança do que expozemos a respeito do mez de Março, daremos uma idéa das qualidades que caracterisam um mez de Abril de regular andamento, deduzidas como termo medio das observações dos annos antecedentes. — Temperatura das madrugadas 51.° F. ($8\frac{1}{2}$ R.) Dita nas horas meridianas 66.° ($15\frac{1}{4}$,) sendo por tanto a variação media diurna do calor de 15° (7.) — A temperatura media do mez é de 58.°$\frac{1}{2}$ (12.°,) a qual ainda excede 2.° F. á que se-experimenta em Pariz no mez de Maio, e apenas mais fresca de outros dois gráus, á de S. Petersbourgo em Junho. O maior frio que apparece regularmente é de 44.° ($5\frac{1}{2}$,) e o maior calor de 76.° ($19\frac{1}{2}$:) comtudo nos mezes excepcionaes já vimos descer o termom.° a 37.° ($2\frac{1}{2}$,) e o calor atingir 84.° (23.) A chuva regular sóbe a 52 millimetros, ou $15\frac{1}{2}$ almudes por braça quadrada, distribuida em 10 dias chuvosos, e é relativamente a este metéoro que se observam as maiores desigualdades, tendo já acontecido cahirem 138 millim. em 1819, e um só millim.° em 1836: o numero dos dias de frio sensivel não excede regularmente a 9, e os de calor a 4: o numero dos dias ventosos é de 9.

Pela respectiva posição do Sol e Lua, no corrente mez, serão mui pouco elevadas as suas duas marés de aguas vivas, e sempre inferiores á maré media. A do novilunio do dia 10 devia ser mais fraca que a do plenilunio de 24, o qual representará, com pequena differença, a maré media ou regular.

M. M. Franzini.

UMA CALAMIDADE ATALHADA A TEMPO.

253 Na risonha aldêa de *Linda a Velha*, não longe de *Oeiras*, *Alexandrina*, mulher de *Roberto*, pobre hortelão, deu á luz, não ha agora muitos dias, uma menina gorda e perfeita em todas as mostras de fóra, porém mais que perfeita, segundo logo se-viu. Procedia a parteira, segundo as regras de seu officio, áquella operação, de que tanto depende a falla, e a que chamam o *córte do freio*; mas; qual não foi o seu pasmo, quando, abrindo a bóca da criança, não achou n'ella uma lingua, senão duas! benzeu-se a boa da comadre, como era de rasão; e calculando, como experimentada nas cousas d'este mundo, — que duas linguas n'uma só mulher viriam a ser infalivelmente um impedimento dirimentissimo para o matrimonio, pega de umas thesouras, trava-lhe da inferior, e lha-corta cércea: — a hemorrhagia, que seguiu ao golpe, estancou-se; e a pobresinha vai ás mil maravilhas.

UM... CANICIDIO.

254 Um *brutinho* — o mais domestico, o mais prestadío, e serviçal, de quantos em nossas casas agasalhâmos, o typo da fidelidade — *o cão* — é ha tempos por ahi *acossado* inhumanamente. Um destes, rojando-se no pó, todo ensanguentado, e nos ultimos arrancos da morte, circulado de mais de cem pessoas, em espectaculo barbaro, vimos nós em um dos sitios mais transitados da nossa capital — *o Largo das duas Igrejas*. — Ouvimos que começando o pobre animal a estorcer-se com grandes uivos e signaes de envenenamento, o-sangraram ou o que quer que fosse, para o-salvar — mas alfim morreu. Não reprovâmos as disposições Municipaes que a tal respeito existam, mas o modo de extinguir assim — *a raça canina* — fazendo uma — *raça ferina* — como ficará sendo a das turbas da infancia vadia, que por essas ruas os-ajuda a *matar* — achamos ser cousa para que se-devem voltar todas as vistas da nossa boa Policia.

FALSO BOATO.

255 Inexactamente se-espalha desde hontem que o réo *Mattos Lobo* soffrerá a pena ultima, sexta feira 15; porém é provavel que assim aconteça na proxima sexta, 22 de Abril.

Na Imprensa Nacional.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sabe ás quintas feiras — Escriptorio, rua da Horta Secca n.º 20 — Assigna-se no Escriptorio e na Loja da Viuva de João Henriques, n.º 1, rua Augusta — Avulso 80 reis: 12 numeros 600 reis: 24, 1200 reis: 48, 2400 reis — O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados, e por caso nenhum aos distribuidores — Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Tem todos, e só elles entrada gratuita n'um Gabinete de Leitura do Estabelecimento (segundo o respectivo regulamento), aonde se acham muitos jornaes e escriptos politicos, litterarios e scientificos, em portuguez, francez, hespanhol, inglez, e allemão — Os subscriptores das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes convier — Sobrescripto da Correspondencia: « Ao Redactor da Revista Universal, rua da Horta Secca n.º 20 » — Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade — Qualquer artigo interessante será acolhido com gratidão e publicado — A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se lhe remetta um exemplar — Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o desejar — Tambem no seu Escriptorio se patentearão ao publico objectos de semelhante natureza, que para ali sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal. — Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes — A distribuição na Capital faz-se em 3 horas — Este numero sabe ás 10 da manhã e será entregue, o mais tarde, até ás 1.

Agradecendo aos Jornaes, que se-serviram prestar lealmente ouvidos á recommendação á *Imprensa Periodica*, por onde começa o nosso precedente numero, sentimos vêr que os compositores de outros lhe não deram importancia. Repetimos pois *mui formalmente*, que todos os artigos de que esta Folha se-compõe são *propriedade particular*; e que nem seus authores nem a Redacção consentem em que sejam transcriptos, sem que se-especifique *no fim de todos e cada um* o titulo *Revista Universal Lisbonense* — Os nossos collaboradores, que nos-têem remettido numeros e importantes escriptos ainda não publicados, devem attribuir esta omissão á multiplicidade de assumptos, que por sua natureza não podiam esperar. — Outros artigos temos recebido, de incontestavel merecimento, porém que não entram no plano do Jornal, e ficam á disposição de seus authores.

CONHECIMENTOS UTEIS.

256 MULTICAULES EM PORTUGAL.

Grande crescimento nos-está promettendo á nossa industria a facil plantação das multicaules n'este abençoado torrão de Portugal. A cultura, e fabríco da seda é fonte tão rica no commercio, que seria por demais, se quizeramos fallar do seu grandissimo valor. O que nós tornamos a recommendar n'este artigo, bem que já o-tenhamos aconselhado em o n.º 10 da 1.ª serie, é o cuidado e actividade em plantar as multicaules. Com este pasto se-criam e cevam os bichos de seda com toda a perfeição; e por consequencia o cazúlo, que formam, é muito farto e bem refeito; e a qualidade da seda tão excellente, que pode igualar em mimo a mais gabada da Europa. Não dizemos com isto, que a folha das amoreiras brancas não seja propria, antes a-julgamos muito boa para este fim: mas aquell'outra planta reune a vantagem, como já dissemos, de ministrar pasto aos gados, e de medrar com facilidade por toda a parte. O Sr. Sales continua a fazer n'este ramo um grande serviço ao nosso paiz. O anno passado, a sua plantação d'amoreiras subiu a mais de sete mil pés: e presentemente os viveiros estão no melhor estado, a que poderiam chegar em tão pouco tempo: tem alem disto fornecido de grandes porções de sementes aos Administradores Geraes de Vizeu, Aveiro, e Beja, e a muitos particulares, que tão louvavelmente se-empenham em promover este precioso ramo da nossa industria, e cujo exemplo esperamos ver seguido geralmente por todo o reino, como é razão em cousa tão facil, e de tamanha utilidade. — Tambem o Sr. *Sales* se-encarrega de mandar fiar os cazúlos com perfeição, e economia por conta dos seus donos; ou os-compra a quem desejar antes vendel-os assim.

Reservaremos para outro artigo o darmos algumas instrucções sobre a melhor maneira de tractar os bichos; que posto seja couza tão commum o cria-los, que até crianças, e rapazes o-fazem; com tudo alguma cautela se-deve pôr nisso, para que o producto possa fundir maior proveito, tanto em quantidade, como em qualidade.

Concluiremos, pedindo á Camara Municipal de Lisboa as providencias, que julgar mais acertadas para evitar os estragos, que os rapazes costumam fazer nas arvores, trepando por ellas, e cavalgando nos ramos, com que as-desgalham e arruinam muito, alem do desperdicio que fazem nas folhas, que arrancam, e fingem estimar por disfarce, do engodo das amoras, que lá os-leva. *N.*

N. B. Julgamos que a Camara acaba de providenciar sobre este ultimo assumpto.

ESTRADAS.

(Continuação da pag. 326.)

INGLATERRA.

257 O custo do transporte dos passageiros e das fazendas é o seguinte:

Por passageiro, por milha:

Estradas communs em diligencias, termo medio		54 reis.
Canaes em vapores	«	21
Estradas de ferro	«	56

Por fazendas, por milha:

Recovagem ordinaria em estrada commum	4 rs.	por arroba	por 5 milhas.
« accelerada dito	7	«	«
« ao tróte dito	20	«	«
Barcos á sirga em canal	1	«	4
Estrada, ferro, carga geral	3	«	10
Cal	1	2	1
Carvão de pedra	1	2	1
Manufacturas	1	1	1
Carneiro vivo	28	um	1

E a velocidade em cada uma destas especies de transporte vem a ser tambem a que se segue

Diligencias em estrada commum	7 a 10 milhas	por hora
Recovagem ordinaria dito	$2\frac{1}{2}$	«
accelerada	50	dia

Barcos de carga em canaes	$1\frac{1}{2}$	hora
Dito vapor d.° para passag.os	$5\ 7\frac{1}{2}\ 10\ 12\frac{1}{2}$	«
Caminhos ferro para carga geral	10	«
Dito passageiros	15.20.30	«

Posto que, comparando o custo nas diligencias para os passageiros, este seja de 54 réis, e na estrada de ferro de 56 réis de que se paga 2 réis de direito ao Estado, devemo-nos lembrar que se-vai por esta em uma terça parte do tempo que se-vai por aquellas; e que esta economia em tempo, se em Portugal não vale, em Inglaterra é muitissimo de apreciada. Na carga porém, economisa-se pela estrada de ferro, tanto em tempo como preço, com summa vantagem, porque se-dá o mesmo frete por tres vezes o caminho andado. E sendo a conducção dos canaes a mais barata que se-conhece, comtudo ainda a estrada, custando o mesmo, transporta quatro vezes mais depressa.

Calcula-se, por orçamentos recolhidos de algumas partes, para servirem de texto e base ás leis passadas a favor de differentes caminhos de ferro, que viajaram pelas *diligencias* entre

	Passageiros por dia	E depois pelos caminhos de ferro.	
Manchester e Liverpool	400	1620 ou + 300	por cento
Stockton e Darlington	130	630 ou + 380	
Newcastle e Carlisle	90	500 ou + 455	
Abreath e Forfar	20	200 ou + 900	Rel.° B. Dupin 1840

O computo total de viajantes que se-servem hoje do novo vehiculo inventado para o seu transporte, presume-se ser de não menos de 15,000,000 por anno, não passando a sua circulação anteriormente pelas estradas antigas de mais de 3,250,000. As fazendas ainda tiveram muito maior incremento. Essas decuplaram logo.

O aperfeiçoamento da invenção do vapor applicado á navegação dos canaes, tambem elevou o seu movimento consideravelmente, porque receando-se que os seus alvéos só se-poderiam aproveitar para caminhos de ferro, o seu valor se-depreciou temporariamente muito, mas agora está outra vez ao par do dos caminhos de ferro. O canal de Paisley que não transportava em 1831 mais de 258 passageiros, hoje tem dias em que ha de transportar acima de 3000.

As estradas velhas, como era de esperar, soffreram bastante com estas innovações, mas não tanto como se-suppunha, porque posto que as reaes, que corriam parallelas com os caminhos de ferro e os canaes, soffressem, as que eram transversaes augmentaram de transito, porque por ellas deviam ir buscar-se e levar as mercadorias e os passageiros aos pontos respectivos da sua introducção nas linhas dos grandes troncos. (Mackinnon. parl. deb. 5 Março 1839.)

Não tendo nós por ora os meios de canalisar o paiz e menos ainda de fazer nelle caminhos de ferro, convém destruir algumas prevenções, tanto mais perigosas, quanto tem sido enunciadas por pessoas de pêso e por tanto que dão cunho de authoridade a tudo o que dizem. Nas camaras legislativas e especialmente na dos Senadores, quando se tem fallado neste objecto, tem-se argumentado notavelmente com o exemplo da Inglaterra, que não é possivel fazer-se estrada alguma pelo systema de barreiras. Contestando esta asserção; primeiramente a Inglaterra não é o paiz aonde se-faça mais carriagem por terra: havia, antes dos caminhos de ferro, os canaes que levavam todas as fazendas. Quem tiver observado, viajando por Inglaterra, ha de ter tambem reparado que eram somente de certa classe para cima, as pessoas que usualmente occupavam as diligencias e malas do correio. Esta mesma especie de aristocracia passou para os caminhos de ferro, como eu hei de mostrar mais tarde quando fallar da Belgica e da França. Deve-se pois já vêr, como consequencia, que aquelle paiz não era o mais asado para assentar nelle a exemplificação. Em segundo logar, Mac-Adam com ter feito, ou refeito, todas as estradas quasi da Inglaterra, nunca fez nenhuma para si; eram todas por conta de quem de direito, que nunca foram emprezarios; eram os condados e outras competencias territoriaes, os quaes depois de fazerem por lei a despeza dellas, foram pondo as barreiras para aliviar o *rate* (contribuição local) a que são obrigados para a sua conservação; pouco importa a amortisação e menos ainda o beneficio, a que ninguem tem direito por ellas. Se essas barreiras dão para todo o costeio e para amortisar o seu custo, excellente achado vem a ser esse, mas senão, continúa uma e outra cousa a pesar sobre a instituição, sem attenção á origem. A causa do erro que assoalharam algumas pessoas, quando foi esta discussão, provavelmente nasce de ellas ignorarem que os fundos para ellas se fazerem desde 1767 alli, foram alevantados sobre hypotheca dessas barreiras, e que não rendendo ellas bastante agora para solver os juros delles, os hypothecarios que os-mutuaram, se-acham por conseguinte prejudicados em 80 milhões de crusados, do que com toda a razão se-queixam, e pedem remedio ao Parlamento. Elles comtudo não foram os constructores, nem são os administradores das suas rendas. Eu não insistirei em que me-acreditem sob palavra e trarei um testemunho abonado para minha desobrigação, que é Mac Culloch Dict. Com. Verb. Roads, o qual traz, que do rendimento de libras 646,238 — que já assignalei para as estradas reaes, saíram para

Juros da divida sobre hypotheca:	libras	236,629. —
Expropriações, etc.		56,263. —
Pagamento por conta de capital		243,757. —
Juros sobre dito		65,271. —
	lib.	601,920 —

Aqui temos que 36 por cento se-vão para expropriações, amortisação, e juros de capitaes, que sabe Deos como foram empregados, visto a sua administração correr por mãos irresponsaveis quasi na gerencia delles, o que não succederia a um emprezario particular.

(Continuar-se-ha).

Claudio Adriano da Costa.

O seguinte interessante artigo do nosso illustre collaborador, o Sr. *Barreiros*, acha-se em nosso poder ha 20 dias, sem que a falta de espaço nos-tenha permittido publical-o. No *Diario do Governo* de 19 do corrente, apparece sobre o mesmo assumpto um notavel officio do Sr. *Barão de Monte Pedral*, porém devemos á verdade declarar que, por culpa nossa, não viu primeiro a luz a memoria do Sr. *Barreiros*.

ESPINGARDA DE PERCUSSÃO — SYSTEMA PORTUGUEZ.

258 Tivemos occasião de vêr a espingarda de percussão, a que podemos chamar portugueza, porque o seu inventor é um Capitão de Artilheria, nosso conterraneo, o Sr. *José Marcellino da Costa Monteiro*; e jul-

gamos dever chamar a attenção pública para este objecto, que é de maior importancia do que geralmente se-pensa: aos militares principalmente convidámos, para que examinem aquella espingarda, e communiquem a seu author quaesquer reflexões tendentes a melhoral-a, persuadidos como estamos de que elle as-adoptará com gosto, apenas se-convença da sua utilidade.

Ninguem ha, que não tenha visto alguma das muitas espingardas de caça com fechos de percussão, que andam espalhadas por todo o Reino, e bem assim as capsulas fulminantes, com que se-escorvam, e o modo de as-applicar: esta consideração nos-dispensa de descrever a espingarda de percussão adoptada na *Belgica* para uso da Infanteria, a qual tendo sido mandada vir daquelle paiz, e sendo submettida á experiencia no nosso Arsenal do Exercito, suscitou o novo systema proposto pelo Sr. *Monteiro.*

Convém advertir, que no systema belga, um arame de latão recosido, ou destemperado, prende a capsula ao cartuxo; de modo que o soldado, depois de tirado o mesmo cartuxo da patrona, reveste com a capsula o alto da chaminé, na qual existe o ouvido da arma, e puxando depois pelo cartuxo, sáe de dentro delle, com um pedaço de papel que se-rasga, a porção do arame que ahi se-achava, passando então o soldado a arma ao lado esquerdo para a-carregar, como está em uso.

Ora eis-aqui os inconvenientes deste systema:

1.° As continuadas percussões do cão-martello vão successivamente fazendo esbeiçar a superficie superior da chaminé, ou formando uma especie de rebarba, que lhe-augmenta o diametro. Passado certo numero de tiros, já as capsulas de escorva, todas de dimensões constantes, guarnecem mal a chaminé, ficando o fundo daquellas muito distante do alto desta, e os respectivos planos mais ou menos inclinados entre si, e d'ahi resulta, ou cahirem as capsulas, quando os soldados passam a arma ao lado esquerdo, havendo perda de tempo em apanhal-a, ou substituil-a, e deixando em duvida se existem no seu logar, se fôr de noite; — ou quando não cáia, fica situada de modo, que é ferida de esguelha pelo cão-martello, o que algumas vezes faz falhar o tiro. — Quer se-lime a rebarba, quer não (o que de certo não se-póde praticar na presença do inimigo), continuando as pancadas, a chaminé fende-se, ou racha-se, e a arma torna-se dahi em diante, até que se-lhe-articule nova chaminé. — A experiencia mostrou que a chaminé Belga não atura, termo medio, mais de 44 tiros. — O augmento do seu diametro, com quanto a-fizesse mais resistente contra os choques do cão-martello, traria comsigo o augmento de dimensões, e por conseguinte de despezas das capsulas, tornando tambem maior o inconveniente que se-segue.

2.° Algum dos fragmentos em que a percussão do cão-martello divide a capsula, sendo impellido pelos gazes da polvora fulminante, póde ir ferir um olho, ou a cara do atirador. — Ora se a cuspidura dos grãos comburentes da escorva das armas de silex, excita naturalmente os soldados a afastarem a cabeça no acto de darem ao gatilho, de que resultam tão más pontarias, que não será, quando em vez do receio de ser offendido pela percussão de alguns grãos de polvora, o soldado tiver o de ser ferido por um fragmento metalico da capsula? É de crer que perderá toda a confiança em uma arma, que por este simples facto se-lhe-mostra inferior ás actuaes armas de silex.

Vejamos como se-evitaram estes inconvenientes no systema portuguez.

Deu-se quasi o duplo de diametro á chaminé, conservando da mesma grossura a rósca com que se-atarracha no cano. — Em logar de vestir ou guarnecer com a capsula o alto da chaminé, introduziu-se a mesma capsula no chanfro que o cão-martello tem na base da sua pena ou batente, fixando-a ahi do modo que logo diremos; do que procede que a chaminé, por isso que recebe a pancada em uma superficie quasi tres vezes maior, ha de resistir por muito mais tempo, e que a capsula (que é dez vezes mais leve do que a Belga, e está igualmente prêsa ao cartuxo) embora se desfaça em estilhaços, todos elles ficam dentro do chanfro do cão-martello, entalados contra a chaminé, sem que possam ser expellidos pelos gazes da polvora, nem extrahidos desse logar antes de se levar o cão-martello á posição do descanço.

O cão-martello é semelhante ao da espingarda belga, tendo mais do que elle, um grampo ou gancho, aonde engata a azêlha, pela qual termina exteriormente o arame a que está prêza a capsula; e um botão, a que se-prende, dando-lhe duas voltas, a outra extremidade do mesmo arame. — Dois entalhes feitos em pontos diametralmente oppostos da coróa que rodeia o chanfro do martello, servem para por elles passar o arame de que ha pouco fallámos, ficando bem esticado, e deixando a capsula no seu logar. — Ambos os entalhes correspondem ao plano que dividiria o grampo em duas partes iguaes e symetricas, e o botão fica a um quarto de circumferencia do grampo, para o lado exterior.

A configuração da capsula é a de uma calota esferica, com duas orelhas, por onde passa o arame que a-prende. No fundo della existe um furo de 5 pontos de diametro destinado, não só para segurar a polvora fulminante, e tirar todo o receio de que a capsula se-divida em estilhaços, mas tambem para communicar sempre a flamma á carga, qualquer que seja a maneira pela qual fique collocada no chanfro do cão-martello, isto é, com a concavidade voltada para a chaminé, ou vice-versa.

Pelo que deixamos expendido se-vê, que o Sr. Capitão *Monteiro* conseguiu evitar na sua espingarda os defeitos da espingarda Belga, merecendo por isso muitos louvores, e os sincéros agradecimentos de todos aquelles, que não estão tocados do fatal indifferentismo pelas nossas cousas.

¿Mas será só o tempo necessario para estudar o modo de aperfeiçoar o systema percutente, que tem demorado até agora a sua applicação definitiva ás armas de guerra, nas diversas Nações que se-occupam deste objecto, ou terá grande parte nessa especie de hesitação, nessa demora, a passagem de um systema, defeituoso sim, mas simples, para outro mais perfeito, porém ao mesmo tempo mais complicado? — E com effeito, nada ha mais facil do que a feitura e o uso do actual cartuxame, aonde a carga e a escorva, por serem da mesma polvora, vão juntas, e se-conservam sem risco nem damno em poder do Soldado; em quanto que, além de cartuxos iguaes a estes (só com menos uma pequena porção de polvora)

o systema percutente exige capsulas de cobre para escorvas, arame para as-prender, e outra especie de polvora, a fulminante, para fazer a qual é necessaria aptidão especial, e que só se-deve fabricar na occasião de a-applicar ás capsulas. Exige mais, em quasi todos os systemas percutentes, uma nova peça, a chaminé, articulada ao cano por meio de rósca, que as contínuas percussões do cão-martello fazem a final alluir, dando por ahi sahida a uma porção dos tenuissimos gazes da carga; o que torna cada vez menor a força do tiro, e gasta o vivo dos passos de rósca.

É verdade que com os fechos de silex, não obstante picar-se a pederneira de vez em quando, a arma erra fogo com frequencia, e a quantidade arbitraria de polvora, que o Soldado deita na cassolèta para escorva, torna variavel a carga, e por conseguinte o alcance e a justeza de um para outro tiro; mas haverá toda a certeza de que o novo systema de fechos de percussão, posto que erre fogo muito menos vezes, tem sufficiente solidez para o serviço? As capsulas, contendo a escorva fulminante, não correrão risco de se-arruinarem, ou mesmo de se-incendiarem nos choques e fricções a que estão sujeitas, quer transportadas pelo Soldado, quer em carga, ou em carro? Será sempre facil e expedito, de noite como de dia, e nas mais baixas temperaturas da athmosféra, collocar a capsula no logar conveniente dos fechos, não obstante a commum falta de destreza do Soldado, e mórmente quando tiver as mãos entorpecidas? — São estes os quesitos que convém decidir experimentalmente, assim em particular, como em publico, de modo que a todos se-torne evidente a superioridade do novo sobre o antigo systema. Quando as cousas chegarem a este ponto, e nós assim o-esperamos, a espingarda de Infanteria terá recebido um verdadeiro aperfeiçoamento, que por ora, e até então, se-póde considerar problematico. *F. J. Barreiros.*

NOVO E EXCELLENTE SYSTEMA DE ILLUMINAÇÃO.

259 Grande é a nossa satisfação, todas as vezes que se-apresenta uma opportunidade de noticiar melhoramentos da industria, mórmente quando offerecem, como o de que vamos occupar-nos, o cunho da verdadeira utilidade.

Acaba de descobrir-se em Paris um composto liquido, a que lá dão o extravagante nome de *Gás hydrogeneo liquido portatil*, de que algumas garrafas foram trazidas a esta Capital, aonde por seu delegado sollicita a Companhia Franceza um privilegio, que lhe-disputa o Sr. *Carlos Gomes Barreto*, habil pharmaceutico, ao qual se-deve a analyse da substancia e a descoberta do segredo.

Não queremos por agora descer a particularidades. Todavia julgamos poder afiançar que este liquido sobreleva muito ao azeite, entre outras, pelas seguintes vantagens:

1.° Suppre perfeitamente, e sem difficuldade o azeite de oliveira.

2.° É applicavel á illuminação de todas as especies, da casa, da rua, da loja, do theatro, da sala.

3.° A luz produzida por elle é mais intensa e clara.

4.° Não gera fumo, nem incommoda o olfacto.

5.° Pode servirem quaesquer lanternas usuaes, só com uma leve alteração nas grisetas.

6.° Ainda quando qualquer recipiente caia, e se espedace, o liquido não deixa nodoa.

7.° E em fim (este é em nossas terras o cúmulo do bello), as substancias de que se-compõe são tão communs na natureza, e especialmente em Portugal, que o custo do liquido é consideravelmente inferior ao do azeite, que substitue.

O Sr. *Barreto* tem, desde a noute de hontem, alumiado a sua Botica, rua direita do Loureto n.° 65, com este liquido por elle mesmo preparado, e alli poderá o público observar os resultados de um invento, que vai desde já mudar o systema de illuminação.

José Feliciano de Castilho.

A NECESSIDADE DOS POÇOS ARTERIANOS EM *LISBOA*, E DE UM MELHOR METHODO DE DISTRIBUIR AS AGUAS PELAS CASAS. — NOVAS LEMBRANÇAS Á CAMARA MUNICIPAL.

260 Não cessa o nosso digno correspondente, o Sr. *C. X. Pereira Brandão* (tanto é seu zêlo pelo bem público) de nos-dirigir bellos artigos sobre varias materias: mas ao público, e a elle é força que manifestemos nosso pezar de não podermos offerecer-lhes neste jornal a íntegra destes escriptos; pois que sua diffusão, qual muitas vezes o objecto a-requer, tresbordaria com excessiva sobejidão os limites, a que têem de ser amoldadas as diversas materias, que aqui podem caber. Nem o merecimento dellas, nem outros respeitos nos-poderiam dar por absolvidos de culpa e pena de havermos violado o nosso programma em parte tão substancial, como é a distribuição dos assumptos: elle para nós é uma lei, é escriptura de um contracto solemne, a que devemos responder; e ao público toca o direito de reclamar qualquer violação. Em tal aperto julgámos acertado meio de nosso desempenho extrahir para aqui o que entendemos ser de maior tomo, resumindo á brevidade de um só artigo, o que déra largo volume para muitos.

Na parte que toca á necessidade dos poços arterianos discorre o Sr. *Brandão* sobre o grande valor da agua, e das vantagens, que resultam a qualquer cidade da sua abundancia e fartura, fazendo sobre este thema muitas considerações economico-politicas, e hygienicas... Mostra que em *Lisboa*, e seus suburbios não ha a abundancia e fartura, que é necessaria para os differentes usos de uma capital; e até prova pelas synopse dos actos administrativos da Camara Municipal de 1837, que pelos redores do jardim do tabaco, e Fundição de Baixo ha falta d'agua no verão; e que dando-se no mesmo documento noticia de se-haver achado um encanamento de chumbo, que vai dar a um poço de muita, e mui boa agua no sitio de Pena-Boquel, claro fica que por essas partes seria muito facil abrirem-se poços artesianos. — D'outro poço muito copioso na Porcalhota, em o quintal das casas do Sr. *Antonio José Gonsalves*, nos-dá noticia o Sr. *Brandão*, e mostra a utilidade que aquelles logares haveriam de um poço artesiano, que além dos mais usos da vida poderia dar rega ás arvores da estrada..... Por ultimo expõe a opinião de pessoa intelligente, que affirma ser facil conhecer os logares, onde com melhor acerto se deveriam abrir estes poços, explorando as vertentes, que correm para o Téjo, cuja direcção, quantidade, e qualidades de suas aguas fôra facil observar..... O outro meio nos-aponta de augmentar a quantidade da agua na capital, qual é o de

fazer muitos mais encanamentos, e aproveitar toda a que se-derperdiça .. No artigo, que se-refere á distribuição das aguas pelas casas, além de muitissimas considerações proprias, expõe a doutrina do habil economista francez Mr. J. B. Say, para onde nós encaminhamos os nossos leitores, que desejem estudar a materia. O que por certo é muito curioso neste artigo, é o computo, que o Sr. *Brandão* faz da despeza feita em *Lisboa* e arrabaldes com a agua: e supponde a sua população de trezentos mil habitantes, que vem a ser um terço da de París, calcúla, servindo-se das hypotheses daquelle economista, e guardada a justa proporção, em dous milhões de francos, ou trezentos e quarenta contos, o cabedal, que todos os annos nos levam os gallegos unicamente com a venda da agua. — Esta boa somma, e a idéa de pôr em melhor segurança a fazenda, e honra de muitas casas devassadas por estes estrangeiros, e constantemente expostas a grandissimos damnos, são consideradas pelo Sr. *Brandão* com todo o zêlo de um bom portuguez, e lembra o plano de se formar uma companhia que tome sobre si o fornecimento da agua necessaria aos habitantes de *Lisboa*; e depois de dar largo desenvolvimento a esta bella idéa, pede á Camara Municipal, que, pois não póde tomar por sua conta esta empreza, como o fez a *Municipalidade* de París, ao menos anime, e promova a execução de tão util plano. Passa depois a inculcar novamente os logares onde esta companhia poderá abrir poços artesianos... e por fim termina recommendando que se-consultem os homens entendidos nesta materia, e particularmente algum membro da companhia de Londres, para que com todo o acerto, e bom cálculo possa prosperar entre nós uma tal empreza, que nos-augmentará a saude, fazenda, civilisação, e aceio. *N.*

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

UM IMPERIO QUE DEOS NOS DEU A CREAR.

Abril 24 de 1500.

261 Era já por esses tempos o nosso Portugal senhor de meia *Africa*, e grão parte da *Asia* — quando partindo a continuar os descobrimentos do *Gama* — o não somenos esforçado e nobre cavalheiro — *Pedr' Alvares* — capitaneando uma poderosa Armada, apoz um mez de tormentosa navegação, deu neste dia em uma grandissima costa de terra firme, em paragem onde jámais viera ao pensamento de homem que a-podia haver: estavam na *America!* — Deputou *Pedr' Alvares*, alguns dos seus para a-explorar — e com tão boas novas se-recolheram, — que todos saíram em terra, a dar graças a Deos por meio de Missa e pregação, feito o que antes de se partirem, cravaram sobre uma arvore em alto monte uma *Cruz*, cujo santo nome deram a tão vasta Provincia, que ao depois se-trocou pelo de *Brasil*, do páu que a terra dá.

O nosso *João de Barros*, lamentando tal arbitrio, diz com todo fogo christão d'aquellas boas eras — «*Como que importava mais o nome de um páo que tinge pannos, que d'aquelle Divino páo que deu tinta e virtude a todos os sacramentos porque fomos salvos.*» Tambem pela bondade do clima, fermosura e fortilidade da terra, de que tão incriveis como verdadeiras descripções se têem feito, se lhe chamou — *a nova Lusitania.*

Esta Provincia, que foi o mais precioso achado de todos quantos esses mares nos-depararam, — este Imperio — que nós baptisámos — que aleitámos com as nossas doutrinas — a quem ensinámos a nossa lingua — a nossa Religião — as nossas artes — sciencias — e commercio — que defendemos com as nossas armas e frotas — e com muito sangue nosso — depois de assim tão bem prendado, o-vimos saír-se ao mundo — já sobre si — com muita honra e gloria nossa — e aonde prospera hoje como uma das mais florecentes, ricas, e poderosas Potencias do globo.

Se no passado se-póde achar por onde duas Nações devam estreitar, cada vez mais e para sempre, laços de concordia e fraternidade, não ha dous povos que tanto como — *Brasil e Portugal* — apezar de separados pelo seu Oceano de duas mil legoas, devam manter inabalavel, e mútua amisade de Pai e filho, ou de irmão, e irmão. *A. da Sylva Tullio.*

CARTA 2.ª SOBRE A HISTORIA DE PORTUGAL.

262 Quando, volvendo os olhos para os tempos remotos, indagamos a historia de nossos antepassados, e da terra em que nascemos, a primeira pergunta que nos occorre para fazermos ás tradições e monumentos, é naturalmente a seguinte: onde, quando, e como nasceu este individuo moral chamado a Nação? O berço da sociedade deve ser, com effeito, a primeira pagina da sua historia.

Quem, examinando uma carta topographica da Peninsula hespanhola, vê esta faixa de terra chamada Portugal, estreitada entre o oceano e o vulto enorme da Hespanha, sem divisões nascidas da natureza do solo, e fundadas na geographia physica, que a separem naturalmente della, e quando depois disto sabe que por sete seculos, com a curta interrupção de sessenta annos, os habitadores deste cantinho do mundo conservaram intacta a sua independencia e individualidade nacional, prevê desde logo nesses homens, que assim souberam conservar-se livres d'estranho jugo, grandes virtudes e generoso esforço, e na organisação social do paiz uma extraordinaria robustez, e uma harmonia notavel com as suas necessidades e indole; porque as instituições e costumes de qualquer povo são a sua physiologia, pela qual se lhe explica principalmente o curto ou o dilatado da vida. A curiosidade então volta-se para a primeira infancia desse povo, para a epocha em que disse a si mesmo — *eu existo.* Na disposição daquelles tenros annos devem-se-lhe achar já os annuncios do vigor da juventude e da idade viril.

Tanto que o imperio visigodo desabou em ruinas ao embate violento do enthusiasmo e pericia militar dos arabes, e a policia e civilisação destes substituiu nas Hespanhas a muito mais viciosa e incompleta civilisação dos godos, a reacção christã e europea contra a violencia mahometana e asiatico-africana começou immediatamente. Desde a batalha do Chrissus ou Guadalete em que expirou o imperio fundado por *Theoderick* (1) e estabelecido em toda a Peninsula por *Leud-*

(1) É costume recebido em Portugal e Hespanha estropear os nomes dos barbaros do Norte que conquistaram a Peninsu-

vi-ghild (2) até o recontro de *Canicas* ou *Cangas*, em que se póde dizer nasceu o reino de Asturias, bem curto espaço mediou. Restituido pela desgraça a esse punhado de godos o antigo valôr e energia, em quanto os arabes perdiam o primeiro nos ocios do triumpho, nos deleites de uma civilisação immensa, e malbaratavam a segunda nas luctas intestinas, os territorios e o poderio christão cresceram e prosperaram até o tempo d'Affonso 3.° Rei d'Oviedo, ao passo que o imperio arabe se achava já decadente no reinado de Abdallah, antecessor e avô do celebre Abderrahhman 3.° (Annassir). Mas Abderrahhman o maior dos ommaijadas, restabelecendo a unidade do governo na Hespanha arabe, regendo os povos com justiça e sabedoria, resistindo aos valentes reis de Leão e Asturias Ordonho 2.° e Ramiro 2.°, e aproveitando habilmente, depois da morte destes, as dissenções dos christãos para exercitar sobre elles uma especie de patronato, segurou para largos annos na Peninsula o dominio do Islam. Seguiram-se as variadas e terriveis guerras de mais de dous Seculos entre as duas raças inimigas que disputavam o dominio das Hespanhas, e a representação dos dramas ensanguentados que mancham torpemente tanto as paginas dos annaes christãos como as dos mosselemanos. Ora os arabes levam de vencida os netos dos godos, ora estes os arabes: de dia para dia as fronteiras indecisas das duas nações inimigas circumscrevem-se, ou alargam-se prodigiosamente: as divisões intestinas de um dos campos são por via de regra o signal de victoria para o campo contrario; grandes capitães sobem aos thronos, e d'ahi a pouco os thronos se derrocam debaixo dos pés de reis inhabeis, viciosos, ou crueis.

Durante mais de cinco seculos a Peninsula foi um cahos, e a sua historia é um mixto confuso e monstruoso de todas as virtudes e de todas as atrocidades. Entre os arabes, apezar da cultura intellectual, predominava a barbaria moral: as letras e as sciencias levadas a um alto gráu d'esplendor não suavisaram jámais os costumes ferozes dos mahometanos, porque a civilisação moral nunca existiu na terra senão por beneficio do christianismo. Nos estados christãos, pelo contrario, era a rudeza intellectual que destruia as influencias moraes do evangelho. As paixões desenfreadas no meio do estrondo de uma lucta de morte entre homens diversos por origem, lingua, instituições e religião, corriam despeadas, e os fratricidios, os homicidios, os roubos, as violações, os incendios, os sacrilegios multiplicavam-se por toda a parte. As leis callavam-se, a espada imperava, e a bruteza do povo era tal, que o proprio clero, classe distincta no tempo dos visigodos por sua cultura, tinha caído na extrema barbaridade. Ainda nos fins do Seculo 11.° os conegos de Compostela eram comparados por um escriptor que vivia entre elles, a animaes brutos e indomados (3) comparação que justificam milhares de successos conservados nos documentos e memorias desses tempos.

Da somma, porém, dos acontecimentos daquella epocha vêem-se resultar dous factos geraes: a decadencia da sociedade arabe, e os progressos de organisação na sociedade christã. Tendia a dissolver a primeira a grande variedade de tribus e nações africanas, asiaticas e europeas, que estanceavam pelas diversas Provincias da Hespanha, umas vezes sujeitas ao khalifado de Cordova, outras rebelladas contra elle. (4) Estas tribus e nações, unidas unicamente pela crença commum, guerreavam-se atrozmente a todos os instantes, e para maior desordem, por entre ellas vivia a raça gothico-romana, conhecida pelo nome pouco proprio de mosarabes, (5) que sujeitando-se aos arabes na occasião da conquista, forçosamente devia desejar o triumpho e predominio dos seus correligionarios. Por outro lado a civilisação dos arabes, assentando sobre a falsa base do Islamismo, brevemente envelheceu e tornou-se em corrupção de costumes, enfraquecendo e envilecendo os animos. O quadro da decadencia moral da Hespanha mahometana no meado do Seculo 12.°, que no livro intitulado Regimento de Principes e capitães faz Ben Abdelvahed, é espantoso, e quanto ao estado politico a situação dos arabes não era melhor. Não havia paz, nem segurança em parte alguma, e o imperio caía em pedaços no meio das dissenções civis. (6) Accrescentavam o mal as estreitas relações e unidade politica do imperio de Cordova com as Provincias da Mauritania, cujas revoluções estendiam os seus effeitos até a Peninsula, e as repetidas mudanças de predominio das tribus e dinastias por via de regra, procediam das alterações e guerras que se alevantavam na Africa.

Pelo contrario os reinos christãos da Hespanha eram mais homogeneos; havia ahi muitas dissidencias de ambição; porém as incompatibilidades de raça quasi que não existiam; porque só no reinado de Affonso 6.° os francezes vieram influir na Peninsula, mas como individuos e não como nação, e esta influencia foi ainda mais ecclesiastica do que politica. Não houve uma colonisação franceza nos dominios de Affonso 6.°, houve sim a collocação de bispos daquelle paiz em muitas dioceses, o chamamento de muitos Principes e cavalleiros da França aos cargos politicos e mi-

---

la, latinisando-os. Tomo a liberdade de os restituir á sua verdadeira ortographia. Theode-rik significa no antigo idioma tudesco, *poderoso entre o povo.*

(2) Romanisado em Leovigildo. — Por ventura seria Leovi-ghild. No primeiro presupposto este nome significaria *fiel guerreiro nos combates:* no segundo haveria nelle uma mistura dos idiomas latino e teutonico, a qual não fôra de admirar tendo pouco a pouco os west-goths (visigodos) trocado a sua linguagem nativa pela dos romano-hispanos. Nesta hypothese significaria *Leão-guerreiro nos combates.*

(3) Hist. Compostellana L. 1 c. 20 § 7.—Masdeu (Hist. Crit. d'España T. 13. p. 173 e segg. e T. 20 p. 5 e segg.) pretende que isto não seja exacto, mas o defeito de Masdeu, aliàs um dos melhores historiadores d'Hespanha, é a parcilialidade desmesurada pelas cousas do seu paiz.

(4) Veja-se na Historia de Granada de Ebn Alkhathib, em Casiri Bibl. Arabico-Hespanica T. 2 p. 252. O mesmo Casiri em diversas partes da Bibliotheca faz muitas vezes menção dos Egypcios (estes habitavam Lisboa) dos Esclavonios, Syros, Persas, Nubienses ou negros, etc., e segundo elle daqui proveio a denominação geral de Sarracenos *(misturados)* que se deu aos arabes. Consulte-se tambem *Conde-Dom. de los Arabes* C. 30 *Paquis T.* 1 *L.* 4 *C.* 1.

(5) Esta denominação *(Almostáreba*, adscriptos) era generica entre os arabes, para indicar todos os povos que tomavam o seu modo de viver, lingua, etc., sujeitando-se-lhes, e não especial para os hespanhoes, que tinham ficado debaixo do seu dominio. É por isso que nos parece pouco conveniente. Os arabes denominavam-se a si proprios por contraposição — Arab-aláraba, *puros e genuinos.*

(6) Abu-Baker — *Vestis Serica* — em Casiri T. 2 p. 53.

litares. Estes estrangeiros traziam as idéas e as instituições da sua terra natal, traziam ás vezes a oppressão, mas incorporavam-se na raça goda. Se impunham habitos e costumes estranhos, acceitavam tambem muitos usos e idéas da nova patria, os seus filhos eram inteiramente hespanhoes, e este elemento aduenticio de povoação em vez de contribuir para o enfraquecimento da força social, servia realmente para a fortalecer.

Os resultados das invasões e conquistas, que de continuo arabes e christãos faziam mutuamente nos territorios dos seu adversarios, eram tambem diversos. Ainda rebaixando no que dizem os escriptores arabes sobre a excessiva povoação das Hespanhas, é indubitavel que nas provincias dominadas pelos Sarracenos ella foi muito mais numerosa que hoje é. Esta povoação, porém, era em grande parte romano-gothica ou musarabe, e, como já disse para ella as invasões feitas pelos homens da mesma creuça não podiam ser consideradas como destinadas a subjuga-la mas a quebrar-lhe o jugo dos infieis. Esta circumstancia tornava-se tanto mais importante, quanto é certo que os visigodos que acceitaram o dominio arabe, ficaram na mesma situação civil (7) em que se-achavam no momento da conquista, e por consequencia possuidores de riquezas, senhores de servos, superiores por isso forçosamente a uma parte da população arabe, e iguaes da mais abastada. Assim não só eram um poderoso auxilio para os christãos no meio dos inimigos, mas por muitas vezes bastaram por si sós para expulsar d'algumas povoações os conquistadores sarracenos. (8).

Desde os meados do undecimo seculo apparece na Hespanha um systema regular d'organisação. O concilio, ou cortes, de *Leão* convocado em 1020 por *Affonso* 5.° constitue uma data importante na historia social da Peninsula. N'este concilio, ou cortes, se estabeleceram leis politicas e civis geraes para todas as provincias do reino Leonez, que eram Leão, Galliza, Asturias e Castella. Fernando 1.° celebrou igualmente cortes em 1046, 1050, e 1058.

O caracter principal das resoluções d'estes parlamentos (á excepção do ultimo que elle convocou para dar validade á divisão do reino entre seus tres filhos) é o de regular e fixar o direito de propriedade. A par d'estas leis geraes, os *fueros* propriamente dictos (foraes) tendiam a augmentar a povoação, estabelecendo as communas, e ligando-as por muitos modos ao corpo politico. Alguns d'estes foraes conhecidos remontam ao tempo de Affonso 5.°, mas multiplicam-se cada vez mais com o correr dos tempos. Isto é, o pensamento de organisação vigora e cresce cada vez mais. A sociedade christã da Hespanha revela no seculo 11 um progresso constante de vida, de ordem, e de energia.

E a sociedade arabe? — A queda do imperio dos Ommayadas (1037) o qual durara perto de tres seculos, foi o resultado das dissenções civis. Tirado este centro d'unidade, que nos seus ultimos tempos era apenas um nome, os diversos bandos travaram luctas duradouras e sanguinolentas. A Hespanha arabe retalhou-se em tantos principiados, quantos eram os cabeças de partido. A guerra civil prolongou-se por quasi todo o seculo 11.° e bem que nos estados christãos as houvesse tambem entre os tres filhos de Fernando Magno, estas tinham passado rapidamente, e Affonso 6.°, vencidos seus irmãos, reinava por fim tranquillo nas Asturias, Galliza, Leão e Castella, e rei de uma nação energica e unida conquistava, ou fazia tributarias da sua coroa, as principaes cidades e provincias dos Sarracenos da Peninsula.

Para as suas guerras brilhantes muitos nobres cavalleiros francezes attravessaram os Pyreneus. Foi entre estes que Henrique de Borgonha veio á Hespanha, para ser o fundador da independencia dos Portuguezes.

A. Herculano.

CORRIDA DE TOUROS.

Cruz do Taboado, 14 *d'Abril de* 1842.

263 Sr. — Li com particular satisfação o artigo sobre *Corridas de Touros*, que no seu n.° 27 traz a Revista. Elle fez-me recordar d'uns versos de Parini sobre os combates de Gladiadores: como é possivel que V. os não tenha á mão, tenho o gosto de lh'os enviar.

Parini fallando das Damas Romanas que assistiam aos Combates de Gladiadores, em que uma Vestal dava o signal da matança, diz:

Poté all' alte patrizie
Come alla plebe oscura
Giocoso dar sollecito
La soffrente natura.

E da i gradi e da i circoli
Co' moti e con le voci
Di già maschili, applausero
A i duellanti atroci.

Che più? Baccanti cupide
D'abbominando aspeto
Sol dall'uman pericolo
Acuto ebber diletto,

Creando à se delizia
E de le membra sparte,
E degli estremi aneliti,
E del morir con arte.

Espero que a Revista, tendo corajosamente começado o ataque contra um uso barbaro, que deleita muita da gente portugueza, como o outro deleitava o povo romano, não desistirá do combate, que terá de ser prolongado e renhido.

Que a imprensa se-empenhe com perseverança e força contra uma pratica, que, se bem popular, é cruel e impropria d'um povo civilisado, e esta pratica desapparecerá, como tem acontecido a tantos usos barbaros que desde remotos seculos existiam nos povos da Europa, e que a progressiva illustração tem feito abolir.

De que seria mui facil a suppressão do uso das corridas de Touros temos a prova no que aconteceu du-

---

(7) Pelo tractado entre Muza e Theode-mir (Todmirus Ben Godos — *Theode-mir o filho dos Godos)* feito depois da conquista no anno da Egira 94 (712-3) os arabes se obrigaram a respeitar a honra, a fazenda, e a religião dos vencidos, pagando cada nobre um aureo e certas medidas de generos, e cada peão metade disso. O tractado vem por extenso nas vidas dos Hespanhoes illustres de Ahmed-ben-Amir, e transcripto por Casiri T. 2 pag. 105. Que este tractado se-cumpria á risca deduz-se das Actas dos martyres Voto e Felix, na España Sag. T. 30 pag. 400 e segg.

Por uma resolução do Governador Ambesah a contribuição dos christãos foi fixada na decima dos rendimentos de cada um para os que se tinham sugeitado voluntariamente aos arabes, e no quinto para os submettidos pela *força*. Veja-se Rodericus Tolet. Hist. Arab. c. 11 em Paquis Hist. d'Espagne et de Port. L. 4 c. 3 — e a isto parece referir-se Isidoro Pacense (pag. 16 da edição de Sandoval) quando diz Ambiza.... *vectigalia christianis duplicata exagitans.*

(8) Parece-me que este facto, a que se não tem dado toda a attenção devida, servirá para explicar a existencia das Behetrias, de que fallarei n'outra parte.

rante o tempo em que o Principal Souza formou parte do Governo de Portugal, porque então ellas foram prohibidas; e mesmo o-estiveram em tempo posterior a esse.

É porém mais para dezejar que, antes d'este expectaculo ser prohibido pela authoridade publica, elle o-seja pela razão: e é por isso que muito conviria que a imprensa o-tomasse á sua conta, que o-stygmatisasse, que mostrasse a justiça e a necessidade de se-applicarem penas severas áquelles que permittem ou promovem um expectaculo, onde muitas vezes nas pontas dos touros enfurecidos são mortos ou estropeados alguns dos actores, taes como os cavalleiros, capinhas, homens de forcado, ou os miseros Pretos, angariados por alguns tostões, e com vinho e aguardente.

Dir-se-ha que os nossos visinhos tambem assistem a corridas de Touros; é certo, e ellas ali são mais barbaras do que em Portugal, e ainda mais horriveis; e é com sentimento de dor e espanto que o estrangeiro observa damas formosas assistirem á matança de cavallos e de touros, verem o sangue d'estes rojar pela praça, e aquelles varias vezes percorrerem-na, depois de feridos pelos touros levando de rastos os intestinos. — E será isto digno d'imitação? — Tambem os nossos visinhos abriram em 1830 ou 1831 em Sevilha a sua famosa eschola de Tauromaquia, com professores bem pagos, onde se-ensina a theoria e a pratica da arte de tourear: é verdade porém que no mesmo anno fechou-se na Ilha de Leão a Real Eschola de Marinha que alí havia.

A' Revista cabe a gloria de ser a primeira a entrar na lide, sob o estandarte da civilisação; que não desista, irá successivamente adquirindo auxiliares, e em tempo mais ou menos distante triumphará a causa da razão.

De V. venerador e attento criado
Visconde de Sá da Bandeira.

FENOMENOS NOTAVEIS ACONTECIDOS EM MARÇO.

264 Na noite de 9 para 10 soffreu-se nas costas occidentaes da *França* um terrivel furacão de oestenoroeste, que causou avultadissimas perdas de navios e homens, tanto no alto mar como nos ancoradouros. Em *Granville* desenvolveu o maior furor, fazendo naufragar muitos navios e 25 barcos de pescaria, dos quaes pereceram uma parte de suas equipagens, avaliando-se a perda em mais de um milhão de cruzados. O mesmo furacão causou em Paris grande destroço nos telhados, e nos arvoredos que aformosêam os jardins e passeios daquella capital. É de notar que naquelles mesmos dias decorria em Lisboa um tempo assaz bonançoso e tepido, com o barometro elevado, fazendo singular contraste com a tempestade que exercia o seu furor na distancia de 250 legoas. Em 23 e 24 soffremos nesta cidade, fortissimas rajadas do norte, e a 25 um frio vivissimo, tal que em muitos sitios gelou a agua.

Observações agronomicas do Algarve.

Foi fatal este mez aos favacs, e ás cearas de centeio pela força dos ventos, grande secura e frialdade do ar, privando os habitantes de um legume que fórma a sua principal subsistencia no mez de Abril. — As amendoeiras estão carregadas de fruto, e as videiras bem lançadas: as oliveiras observam-se limpas de ferrugem e viçosas, mas promettem pouco fruto, o que sem duvida deve em grande parte proceder do barbaro varejo que soffreram na ultima apanha. As alfarrobeiras tem sido muito mal tratadas pelo tempo, e á semelhança do anno passado, teme-se que será mui escassa a producção do seu fruto, tão necessario para a manutenção dos gados, contrastando a sua apparencia com a das laranjeiras que estão cobertas de flores.

Tal era o aspecto dos campos em Moncarapaxo, e com pouca differença em Martimlongo, de cuja Freguezia se nos participa que os calores intensos que appareceram no meado do mez, juntos com os ventos rijos que se-lhes-seguiram, causaram o maior prejuizo aos favacs e ás cearas: os frios intensos da semana santa foram acompanhados de grandes geadas, que fizeram gelar as aguas nos pegos das ribeiras, e queimaram as plantes recemnascidas. Em um daquelles dias choveu neve que secou os gomos das figueiras, e de outras arvores mimosas. Muitas pessoam foram atacadas de frieiras, como acontece no mais rigoroso inverno, sendo assaz notavel a apparição de semelhantes frios em estação tão adiantada, e no clima mais quente do reino. *M. M. Franzini.*

265 Publicamos o seguinte artigo que pela doutrina, e muito mais pela graça do estylo, achamos digno do seu tão moço, e já tão conhecido, e tão estimado auctor.

UMA LENDA DE MONTROSE.

Romance de Sir Walter Scott (versão do Sr. M. A. da Silva.)

Havia n'outro tempo — ha muito tempo — uma velha muito velha, que morava n'um casalinho mui alvo, posto no cimo d'um oiteiro mui verde. Mas bem que velha fosse, e andasse arrimada ao seu bordão, nem por isso deixava de trazer o rosto alto — um rosto sereno que sorria para o ceo — como se não tivera annos que a-fizessem curvar para a terra.

Ora esta velha tinham-na por aquelles arredores na conta de uma sancta mulher — e era-o — oh! de certo que o-era! Porém como por toda a parte ha invejosos, havia-os tambem naquelle tempo — e muitos. Não podendo estes levar á paciencia que a boa da velhinha trouxesse no rosto aquella paz e alegria d'alma, que é o reflexo d'uma sã consciencia, entraram a ver como podiam deita-la a perder aos olhos dos seus visinhos do campo, que a-veneravam muito; e tanto fizeram, tanto fizeram, aquelles negros invejosos, que por fim de contas — e é como sempre acontece — os seus enredos foram ouvidos e fructificaram — mais ainda, muito mais que as boas palavras e os bons exemplos da sancta velha. Todo o mal que se-fazia era logo attribuido á bruxa velha. Se sobrevinha uma doença nos gados, ou uma calamidade em qualquer familia, quem era que tinha a culpa? — a feiticeira do casal, a bruxa velha. — E ella — coitadinha da triste velha! — a moirejar-se para acudir e remediar a muitos dos que mais a-abocanhavam. Pouco a pouco os dictos que haviam começado em voz baixa foram-se tornando injurias pronunciadas em voz alta. Ja os visinhos que d'antes a-acatavam tanto, lhe não tiravam o seu barrete, nem lhe-diziam, *salve-a Deos, Tia*.... Nada: bem pelo contrario. Apenas a-viam, principiavam a dirigir-lhe insultos grosseiros e a maltratal-a de palavras que era uma lastima ouvil-os.... até os rapazes lhe-atiravam sua pedrada. E tanto cresceu isto, tanto cresceu que a boa da velhinha, cançada de tamanha ingratidão, tomou um dia o seu bordão, e enxugando duas lagrimas que como punhos, que lhe-saltavam dos olhos, deixou o seu lindo casalinho branco, mais as relvas do seu oiteiro e foi-se por esse mundo a perigrinar.... a perigrinar.....

Deus sabe o que foi feito da pobre velha.

Ora o meu conto tem applicação. Esta velha é a moral. Tem-na invejosos maltratado, e tanto que a

triste, se assim continua, abandonará em pouco para sempre, esses mal reconhecidos que lhe-pagam com injurias e despresos os seus beneficios. Tem-na posto pelo pó das ruas — tem-na crucificado... Sim: tem... E fizeram da imprensa o seu calvario. Como não hade ella sentir-se? E como não havemos nós bem-dizer o ceo quando entre tantos invejosos ou mal intencionados, que assim a-escarnecem ou a-calumniam, apparece quem lhe-dê a mão e creia nella — que tanta fé merece? Na imprensa a-têem crucificado, dissemos nós, e é verdade — é verdade. A imprensa cinge o mundo. D'antes reinava a espada — hoje governa a penna. Os direitos das Nações discutiam-se d'antes nos campos de batalha, e a justiça era a força do vencedor rubricada com o sangue do vencido. Hoje o logar da discussão é mais pequeno, mas o seu poder é mais amplo — as armas do argumento substituiram o argumento das armas. — A antiga civilisação estava nas guerras, a nova está na imprensa. A imprensa pois se-devem pedir contas de todo o bem e de todo o mal. Que ha ahi mais perigoso do que um livro mau escripto com talento? — A apotheosis do crime repugnará — sem duvida. — Mas quem defenderá uma alma nova das impressões do livro? O brilhante do colorido desfarçará a torpesa do painel. — Offuscar-se-ha a imaginação — a imaginação arrastará o sentimento — o sentimento o coração. O que ao principio parecer estranho, pouco a pouco se-tornará familiar .... e quantas, quantas boas almas ficarão manchadas, contaminadas, perdidas! E para que será esta moda de hoje, de nos-apresentarem a vida cá do mundo, núa, descomposta, cadaver lívido, immundo e quasi podre, rochedo calvo, deserto, sem fontes, prado sem verduras? — para que será o tirarem-lhe as suas gallas, as unicas que a-podem fazer formosa, amena e agradavel — as crenças? Todas as nobres dedicações e sanctas generosidades, em vão as-buscareis nesses livros que se-dizem pintura da vida; em balde procurareis uma doce consolação para a alma, um affecto brando, puro, em que vos reponseis. — Esterilidade — por toda a parte a esterilidade. — Que ha crimes e vicios quem o não sabe? É inutil ensinal-o. Mas por que os-ha, segue-se que não haja ainda virtudes? Se estas são raras, nova razão para que as-tomemos por norma, por assumpto e modelo do livro. Concluiremos com uma unica reflexão — o talento que se-affadiga por embelezar o que é mau, não se-embelesaria a si mesmo empregando-se no que é bom? Lá virá tempo em que o bom livro, o livro são e crente que nesta nossa épocha apparecer, será levado em boa conta pelos que vierem depois, porque será um testimunho e um protesto contra o geral desvario, que assim nos-vai levando a um precipicio de que só Deus sabe o fundo.

E por que tal livro tão raro se-tem tornado sobre tudo no meio d'essa inundação de versões estranhas — estranhas na algarvia e na moral — mais bastas e damninhas que os gafanhotos do Egypto, tomamos nós a penna para fazermos honrosa menção de uma versão, mas tambem em tudo excepção das outras. Quem ha ahi que não conheça o honesto Escossez, Sir Walter Scott, o puro e generoso escriptor, que tão bem fallou a linguagem de todos os affectos, e tanto nome deu á Historia da sua nobre Patria! Possuimos d'elle algumas versões soltas, mas uma Sociedade entendeu, e entendeu bem, que deviamos ter collecção inteira dos seus Romances, como ahi a-tem já quasi todas as linguas da Europa, e tenta a empresa, estreando-se com — uma Lenda de Montrose. — Este, sim, este é um livro casto e nobre que nos-dá uma licção do passado occupando-se em retratar um seculo, em vez de desmundar o presente e deixa-lo patente com todas as suas insignificancias ou iniquidades. — Commetteu a Sociedade a versão dos Romances ao Sr. *M. A. da Silva* e acertou na escolha. — Todos conhecem as difficuldades de tal versão, pois o digno traductor venceu-as e habilmente. — Linguagem facil e corrente e muita vez chistosa, escrùpulo e naturalidade de phrase, taes são as principaes qualidades da versão do Sr. *M. A. da Silva*, juntas a severa exactidão no transvasar os pensamentos d'uma para outra lingua. Não insistimos no seu elogio, porque estamos mais que saciados d'essas trivialidades do costume. — O voto dos leitores intelligentes deve de ser-lhe mais completo encomio. Sahiu já o primeiro volume da — Lenda de Montrose — e é uma bonita e mui maneira edição. Bem esperamos da empresa, e bom fado lhe-agouramos, se assim continúa.

E agora já que encetamos o assumpto, dando a merecida animação a um livro bom, prostestaremos contra outro mau e muito mau de que estamos ameaçados. — Pedimos instantemente ao Sr. Nero que substitua a promettida traducção das — Memorias do Diabo — de *Frederico Soulié* por outro livro mais são, mais crente e mais util — Se elle julgar dever levar por diante o seu projecto, desde já o prevenimos de que lhe-faremos toda a possivel, mas leal, opposição. O livro que promette é o mais monstruoso aggregado de iniquidades de que tenhamos noticia. — Ha tantos ainda preciosos e amenos tambem!

O Cinq-Mars, por exemplo, de Alfedro de Vigny, tão bom, tão cheio de licção. . . . e tão pouco visto! Consulte o Sr. Nery a sua consciencia e calcule os males que pode causar a sua versão — Conhece o livro, e estamos certos que dará peso ás nossas reflexões.

J. M. da Silva Leal Junior.

Concordamos com o auctor do precedente artigo no tocante ao merecimento da *Lenda de Montrose*, e com elle, ainda que não inteiramente como elle, damos sinceramente louvores ao traductor. Quanto a nós — é esta versão assás natural, e d'entre as cem mil, com que anda gafa a nossa litteratura, desatinada aquella parte do juizo, que se-chama gosto, e ameaçada a nossa pobre lingua de miseravel e total perdimento, estrema-se com grandissima excellencia. Tanto d'isto estamos convencidos, que desejando que tal empresa vá por diante, se o traductor for sempre o mesmo, e por nenhum modo inferior, temos por dever nosso aconselha-lo. — Pedir-lhe-hemos por tanto, que d'ora ávante trabalhe sobre o original inglez, e não sobre a versão franceza de *Defauconpret* ou outra: que procure, nos casos em que os termos inglezes não tenham correspondencia legitima e castiça em portuguez, defini-los, ou explica-los: que onde encontrar com rifões ou anexins no texto, no-l'os dê dos nossos se os-houver, — que para quasi tudo os-ha — remettendo para notas os do auctor: finalmente, assim como logrou dar, em geral, modo portuguez á contextura e feição dos seus periodos, procure melhorar-se ainda nesta virtude, que entre a de traductores se-ha-de haver por capital, e diligencêe pacientemente expurgar o seu

escripto de gallicismos de palavras, que ainda em verdade se-encontram no seu livrinho.

KENILWORTH.

Do mesmo auctor (traducção do Sr. Ramalho.)

266 Publicou-se a esperada traducção de *Kenilworth* de Walter Scott, pelo Sr. *Ramalho e Sousa* — 4 volumes em oitavo. As outras duas novellas do mesmo auctor, vertidas pelo mesmo traductor, *Ivanhoé* em 1838, e *Quintino Durward* em 1839, são já tão conhecidas do público, e tão estimadas dos litteratos, que o annunciar agora esta, é quasi pedir alvíçaras de uma boa nova. Não ha probidade litteraria mais inteira, nem consciencia mais escrupulosa e delicada, que a deste nosso benemerito escriptor. Toma-se com o seu auctor na *propria lingua*, em que é excellente sabedor; estuda-o, anatomisa-o até á intima fibra, até á minima molecula; apodera-se de toda a sua individualidade ingleza; e tão rico em o nosso idioma, como Walter Scott no seu, procura, e encontra com que nos-dê, sem nunca deslisar de purista rigoroso, a expressão fiel, a physionomia, os geitos, as circumstancias mais imperceptiveis daquelle fundador e principe do romance historico.

Sabemos que o Sr. *Ramalho* tem proposito firme e assentado de levar a diante esta *empreza* ardua, e gloriosa, de transplantar para a nossa terra os mais que ser possa da numerosa familia dos romances do illustre Escossez, e que já Anna de Geierstein é objecto dos seus cuidados. Muito seria para desejar, que havendo uma sociedade para as mesmas traducções, e que tão bem se-estreou já com a Lenda de Montrose, que a esse traductor, pelo menos, o julgámos merecedor de animação e bons conselhos, entre tal sociedade e o Sr. *Ramalho* se-fizesse, á boamente, a partilha dos romances por traduzir, para que não venha a acontecer, que fiquemos com alguns duplicados com mútuo prejuizo para ámbas as partes, e talvez privados de alguns outros. Uma só cousa requereramos nós ao Sr. *Ramalho*, era o provar agora a mão n'um diverso systema de traduzir; experimentando na sua Anna de Geierstein um pouco mais de liberdade nas fórmas da elocução. Bem possue elle, segundo nol'o tem mostrado, sobejo cabedal da patria lingua para nos-involver toda aquella substancia ingleza nos nossos modos de exprimir e pensar, que são verdadeiramente os que a uma qualquer leitura dão o maior sabor e conchego: se isto lhe-supplicamos é só por estarmos intimamente convencidos, de que dando-nos Walter Scott, se nos-póde dar a si mesmo, e juntar ao classico dos romances outro classico de estylo nosso, como já de linguagem nol'o dá. Todavia não dissimulamos que o seu methodo de absoluta fidelidade tem vantagens, e summamente ponderosas: estes seus livros assim feitos são impagaveis auxiliares, tanto para os inglezes, que desejem per si aprender o portuguez, como para os portuguezes, que desejem aprender o inglez: se o nosso alvitre comtudo fôsse acceito, parece-nos que, por via de notas, não seria impossivel restituir aos estudiosos o que no texto se-houvesse discretamente variado; em summa que aos nossos dous traductores pediriamos quanto a isto duas cousas mui diversas: ao Sr. *Silva* menos infidelidade, mas ao Sr. *Ramalho* menos sujeição.

Quanto ao Sr. *Ramalho*, sabemos que para tão experimentadas e déstras mãos, nem impossibilidades nem difficuldades póde haver em tal materia: — quanto ao Sr. *Silva*, que suppomos novel ainda no officio, esperamos que seja assás desejoso do seu proprio aperfeiçoamento para consultar e seguir docilmente a um guia e prático tal como o Sr. *Ramalho*.

NOTICIAS.

BRAZIL.

267 Ordem aos agentes diplomaticos na Europa para facilitarem a emigração de obreiros e artifices, adiantando-lhes a passagem, e afiançando-lhes trabalho.

ALLEMANHA.

268 O nosso correspondente de Hamburgo communica-nos importantes noticias, que os limites desta Folha nos não permittem transcrever. Houve n'aquelle porto um grande incendio n'um vapor de Hull. A Prussia confiscou a obra = *De la Prusse et de sa domination, par un inconnu.* = O Ministro dos Estrangeiros em *Berlin*, *Maltzan*, foi substituido pelo *Barão de Búlow*. Na *Dinamarca*, tambem foi substituido no mesmo logar o Conde de *Krabe-Carisius* pelo Conde *Reventlow-Criminil*.

BELGICA.

269 Dos accusados politicos quatro foram condemnados á morte: appellaram da sentença: affiança-se que o rei perdoará.

INGLATERRA.

270 A Commissão apresentou a 5 o parecer sobre o projecto ácerca de importação de cereaes. Um Canadense, Hogan, tendo sido preso e libertado pelos Americanos, esta circumstancia parece dar logar a novas desintelligencias, e o Presidente pede uma lei que regule a administração da justiça nos casos que complica o direito das gentes. As noticias da *China* chegam a 18 de Janeiro; os inglezes dispunham-se a atacar Cantão.

HESPANHA.

271 Incidentes desagradaveis nas Camaras Hespanhola e Franceza fazem recear pela conservação das boas relações entre os dous paizes. Uma secca terrivel assola a Andaluzia.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

272 *Diario do Governo de* 14 *Abril* — Esclarecimentos pedidos para estabelecimento de uma nova Comarca, de que seja Capital *S. Thiago de Cacem*.

De 15 *Abril* — Decreto sobre organisação dos Governos das Provincias Ultramarinas — Requisitos de qualquer contractador ou fiador de contractos com a fazenda — Freguezias de que falta lançamento de decimas e impostos annexos.

De 16 *Abril* — O Sr. Manoel José Maria da Costa e Sá é encarregado de escrever a historia portugueza, dos ultimos tempos — Sobre alvarás de licença para hypotheca de bens dotaes — Estado da Barra do Douro, a 23 Março-

De 18 *Abril* — O Infante recem-nascido, Duque de Béja.

De 19 *Abril* — Adopção da nova espingarda de percussão (de que fallamos no artigo 258) e dous officios do Sr. *Barão de Monte Pedral* sobre este assumpto.

De 20 *Abril* — Regulamento do Tribunal do Thesouro — Os commandantes dos Corpos prestarão aos delegados fiscaes os necessarios esclarecimentos — Seguir-se-ha no Exercito o regulamento de 1841 sobre Tactica Elementar, com leves alterações.

BAPTISMO DO INFANTE. — RETRATO DE S. S.

273 No domingo, 17 do corrente, teve logar aquella ceremonia religiosa com toda a solemnidade e pompa; e repetiram-se as usuaes manifestações de jubilo, salvas, illuminações etc. etc.

Cumpre por esta occasião fazer menção particular de uma nova producção do talentoso Professor de Pintura, na Academia de Bellas Artes, o Sr. *Antonio Manoel da Fonseca*, a quem entre outras obras de vulto, devemos a excellente cópia da *Transfiguração*, de *Rafael*. O retrato de *Sua Santidade*, inaugurado n'aquella occasião, com ser um modêlo de primor e delicadeza de pincel, foi trabalho de sós seis dias, que tantos decorreram entre o encargo e o complemento da execução.

Muito folgaremos de ter ensejos de dirigir iguaes louvores aos outros Membros da Academia; assumpto sobre que nos-reservamos para fallar mais extensamente.

SUICIDIO.

274 No dia 19 ás dez horas e meia da manhã, das casas novas, á praça da Figueira, por detraz de S. Domingos, se-precipitou de um 4.° andar uma menina de 22 annos, chamada *Francisca Candida Pinto*, filha do Sr. *João Antonio Pinto*, que fôra fanqueiro. Pessoas a-viram, da praça da Figueira, aproximar-se á varanda, examinar a profundez, pôr um banco, acima do qual subiu, fazer uma cruz na parede, curvar-se ante ella como em oração, balançar-se tres vezes, e precipitar-se. Uma circumstancia extraordinaria é que nem uma gota de sangue deixou no logar da queda! Foi conduzida para sua casa, deu alguns gemidos..... e morreu ás 2 horas da tarde: eram 4, ainda o corpo estava quente, e não parecia o semblante mortal; os facultativos ordenaram que a não desamparassem: deslocou o pé esquerdo, e nada mais se lhe observou notavel. Sangraram-na, mas apenas deitou sangue. A familia attribue a irascibilidade, esta funesta resolução; outros lhe-dão por causa contrariedades em objectos de coração.

FATAL ACONTECIMENTO.

275 No dia 19, ás duas horas da tarde, foi á Secretaria da Guerra o ex-Commandante de Infantaria 10 (o Sr. *Osorio*) pedir licença por algum tempo, a qual o Ministro lhe-concedeu, e tendo-se dirigido á repartição competente (na mesma Secretaria) ahi esteve placidamente fallando com os empregados; sente-se de repente agoniado, queixa-se, e em poucos instantes a afflição diminuiu. No momento em que dizia achar-se mais aliviado, cahe morto com uma apoplexia fulminante: acudiram a sangra-lo, porém a sangria não produziu effeito algum. Foi conduzido ao Hospital da Estrella.

OS TRES ULTIMOS DIAS DE UM SENTENCIADO.

276 Quasi tinham passado nove mezes, depois que uma *familia inteira* amanhecêra assassinada. O unico auctor, e unico perpetrador do crime, por uma serie de circumstancias Providenciaes caíra logo nas mãos da *Justiça*, e jazia sob a mais austera vigilancia na *casa forte* da prisão do *Limoeiro* d'esta Cidade. Corrêra o processo por todos seus termos legaes até á Sentença. A consciencia pública, representada pela dos *jurados*, á grande luz das provas reaes e pessoaes reconhecêra claramente a mão do matador e roubador nocturno e solitario: na Sala do *Jury* até ao alto das janellas apinhada de povo, que trasbordava até ao meio da praça, na Sala do *Jury*, após um dia inteiro consumido na accusação, e na defensa, e em acarear o réo com as testemunhas, com os instrumentos do malificio, com o sangue e despojos das victimas, e comsigo mesmo, o Juiz, era *meia noite*, lia a Sentença, em que *Francisco de Mattos Lobo* era condemnado ao *patibulo*: esta Sentença desde logo confirmada pela *pública opinião*, igualmente o foi pela suprema instancia do fôro. A prerogativa real, invocada para o indulto, não deveu, nem quiz interpôr-se entre a palavra do magistrado e a obra do *executor*: mas a forçada ausencia d'este, que por longe se andava no exercicio de seu terrivel ministerio, tinha de lhe protrahir ainda por largos dias o cumprimento.

Durante estes nove mezes, que para o réo abrangeram seculos, que entendimento poderia sondar toda a profundidade de sua miseria? Imaginai a lucta do seu passado com o seu presente, e do seu futuro certo com o seu tão diverso futuro possivel, as horas do somno povoadas já de phantasmas sanguinolentos que o appellidavam algoz; já da imagem do verdugo que lhe acenava para partir; já de um povo innumeravel sabedor de sua obra e testemunha ávido do seu castigo; já do mundo espiritual cujas escuras portas diante se-lhe abriam estrondosamente; as horas da vigilia penadas no fundo de uma masmorra, sem o consôlo da luz plena do sol, debaixo de chaves incorruptiveis, entregue á vigilancia sempre presente de companheiros tambem criminosos e perdidos — imaginai (se vos não falta o animo) tudo isto — ¡ Quem dirá que não fosse uma organisação valente e uma forte alma aquella, em que a vida e a razão a tanto resistiram até ao fim! e ainda não é tudo. Por uma fatalidade incomprehensivel estava escripto que nenhum genero de penas lhe faltaria, e entre tantas cousas ferozes o seu coração devia ter ainda logar para amarguras de uma natureza mais humana e mais nobre. Tinha um Pai, amigos, amante: seu Pai á primeira nova do crime caíra no leito, d'onde se não devia levantar; e seis mezes depois na sepultura, onde o aguardava sua espôsa já tambem victima de penas procedidas, segundo contam, do mesmo filho: seus amigos, quasi todos, o haviam desamparado, ou medrosos do contagio da infamia ou repellidos pelo horror, ou desenganados da impossibilidade de lhe valer: a sua noiva........ já as grades, que um do outro os estremavam, eram para a separação mais que sepulchro: e o sepulchro tambem, no cabo logo para fóra d'ellas o esperava.

Por mais de uma vez, e de modos varios, commetteu arrancar-se a vida: — Ninguem d'esse crime o defenderá — alguns lhe chamarão fraqueza; — loucura, ninguem que soubesse o que são penas, lhe chamaria: — mas a Providencia o havia destinado para dois grandes exemplos, que ambos se haviam de realisar — um exemplo das suas justiças, e um xemplo das suas misericordias.

A 14 do corrente Abril entre onze e meio dia um dos Escrivães da Relação presenta-se no *Limoeiro*. É chamado o prêso *Francisco de Mattos Lobo*: acabava de jantar: vinha inteiramente fóra da noticia, que o aguardava: o Escrivão, portador da Sentença, entende que deve captar a attenção do seu ouvinte, ou talvez preparal-o para não sucumbir: ordenou um preambulo accommodado ao lance, começando por lhe encarecer a mágoa, que sentia em ser correio de uma terrivel nova: o réo a estas palavras cáe sem sentidos, a leitura, já aliás superflua da Sentença, não é ouvida: tomam-n'o em braços: introduzem-n'o para a *casa do Oratorio*. — É um corredor comprido e largo, á maneira de dormitorio, ladeado de pequenos quartos sem janellas, e tendo em vez de portas umas cortinas, que n'estas occasiões para evitar meios de

suicidio desapparecem: estes quartos, povoados de prêsos no mais do tempo, são agora êrmos, e corredor silencioso só recebe a luz por uma janella alta e quadrada em um de seus tôpos. N'uma das cellas, fronteira á jazida do *sentenceado*, se levanta um altar em fórma de urna, e sobre elle um crucifixo entre duas luzes, que em todos os tres dias e noites se não apagam. Tres guardas mantêem o socego e segurança de todo o recinto. Dois mordomos e um Procurador da Misericordia prestam attentamente ao *infeliz* todos os soccorros para a vida, (1) em quanto dois Ecclesiasticos da mesma Santa Casa escolhidos por sua sciencia e zêlo religioso, e o Parocho da Freguezia lhe liberalisam incessantemente os confortos espirituaes.

Estendido sobre uma enxêrga, *Mattos Lobo*, até volta das quatro horas da tarde, parece affectar uma completa alienação: gira os olhos espantados: canta em voz baixa: ri, e duas ou tres vezes responde com arrogancia, repellindo os carinhos e engeitando os soccorros, que lhe offerecem: ás quatro o Sr. Padre *Sales*, (2) distincto ornamento do pulpito, conhecido pela sua felicidade em triumphar das impenitencias finaes, e a quem a experiencia fez mestre no penoso officio de encaminhar para os pés de Deos os condemnados pelos homens, deitado no chão, junto ao grabato, rompendo em fim o silencio começa a fallar da *misericordia de Deos, da brevidade da vida, e duração da eternidade:* — Tudo isso sei, responde o desaventurado; aprendi para Padre: — Ainda que saibâmos, replicou o Sacerdote, que existe Deos, muito conviria que a toda a hora nol'o recordassem: Santo Agostinho, antes de convertido seguiu a seita dos *Manicheus*, e depois de convertido, dizia: Ai de nós, pois se levantam os ignorantes, e roubam o céo, e nós com toda a nossa sabedoria, talvez nos percamos, o que a muitos tem acontecido, pois de nada val a sabedoria sem o temor de Deos. — Sobre isto retira-se, deixando, como pratico, tempo á reflexão para desenvolver a rica semente, que ahi lançára. Poucos minutos se passam, a alienação ou fingimento d'ella, desappareceu.

Lobo pergunta humildemente, se o Carcereiro (3) porá duvida em vir fallar-lhe — Nenhuma, responde o Ecclesiastico, e a rogo seu desce elle proprio a procura-lo. Entram: n'este momento, o que até alli parecêra immovel, cobra repentinamente energia, ergue-se, ajoêlha, alevanta as mãos, e lavado em lagrimas, pede ao Carcereiro perdão; este commovido, e com os olhos tambem lacrimosos, igualmente lh'o implora pelos rigores, a que o seu dever para com elle o obrigára. — Retirado o Carcereiro, o Sacerdote, correndo alegre para o réo, e abraçando-o — Parabens, lhe-disse, já que assim recebe as graças que Deos lhe-está concedendo. — D'aqui em diante, não houve mais, de que uma serie não interrompida de consolações para o padecente, e de edificação para os circumstantes. O Prior de *Marvão*, que por tres vezes ouviu os seus segredos no tribunal da penitencia, dizia: — agora não ha mais que fazer senão conservar o ganhado. — E tal foi a impressão que no venerando Sacerdote produziu aquella resignação christianissima, e inesperada, que por vezes o foram encontrar em seu quarto, desfeito em lagrimas, affogado em soluços, e rendendo graças ao Altissimo pela enchente das suas misericordias. Entra o Thesoureiro de N. S. dos Martyres o Padre *José dos Santos e Silva*. *Mattos Lobo* havia manifestado um vivo desejo de tractar com este amigo da sua familia, e de quem desde a infancia, em todas as occasiões, recebêra provas de sincera affeição: alegra-se ao vê-lo, fa-lo sentar junto a si, e conversam a sós por mais de hora.

Não foi aquella uma confissão, mas um simples desafogo, que elle não quiz deixar obrigado a nenhum sigillo. Alli disse o mesmo que pouco depois mandou escrever, emendou, e assignou no ultimo dia, e logo ouviremos textualmente. Uma unica circumstancia ponderosissima houve nessa conversação, de que não apparece memoria n'aquella especie de testamento moral: disse — que não só não roubára, nem premedittára algum dos assassinios, se não que a propria *D. Adelaide Pereira da Costa* o provocára, — arrancando primeiro um ferro contra elle: — abster-nos-hemos de decidir em tal materia; abster-nos-hemos até de pensar n'ella: é um segredo que já ninguem póde descobrir, porque pela bôca de todos, os que o sabiam, já passou a mão da morte.

Na sexta feira 15 communga, mas só o seu espirito mostra energia n'este acto, todos os seus membros estão desfallecidos, — é o velho Prior, quasi tão quebrantado como elle, quem sustenta a cabeça do mancebo. Volta em braços para a cama, onde em igual prostração se conserva todo o dia.

Pelo fim da tarde, fallando com o Carcereiro, encommenda-lhe, que reparta pelos tristes presos — que lhe-serviram de guardas na casa forte, *dez tostões*, unico dinheiro que lhe-resta, — e cae n'um profundo accesso de hipocondria: estado perigoso em taes lances. O Padre *Sales* recorre a um remedio, que a sua experiencia lhe tem abonado de eficaz em taes apertos, — é o gracejar: ¡ Sublime exforço da piedade, que se é preciso, suffoca até os sentimentos do proprio coração, e pede á sua angustia, que surria! Tornava o Carcereiro já desempenhado de seu encargo, quando voltando-se o Ecclesiastico para o padecente lhe diz: — Não se fie na palavra do Sr. Carcereiro, peça-lhe os 3 recibos dos seus *dez tostões*, assignados, e reconhecidos por Tabellião; — riu-se o condemnado; era passada a nuvem ameaçadora e desfez-se.

Pelo serão estando todos calados, levantou a voz e disse: — Orá queira Deos que com a minha morte, se acabem os crimes do mundo. — E depois d'alguma pausa accrescentou — Quantos ámanhã não irão ver-me por curiosidade? — Filho, acudiu de repente o Padre *Sales*, vingue-se de todos elles, que bem o póde sem perigo, antes com muito aproveito para sua alma; quando for pelo caminho, não os queira ver, leve os olhos fechados, e se os abrir seja só para os empregar na imagem de Jesus Christo. —

Das 11 para a meia noite, adormeceu; Coisa admiravel, todos n'aquelle trance dormem! Entretanto o somno d'esta noite não foi tão largo e continuo, como o da primeira; todas as vezes que o relogio dava horas, accordava, contava-as, e dizia sentidamente — ¡ Já me faltam, só tantas! — Das quâ-

---

(1) Muito haveria que dizer a respeito do comportamento da Misericordia n'estas occasiões, de proposito o-omittimos por agora, por confiarmos que dentro em pouco só encontraremos razões por onde a louvemos.

(2) A sciencia de ajudar a bem morrer, sciencia, que ninguem, ao menos uma vez, deixará de achar importantissima, contou sempre poucos professores distinctos, e menos ainda conta hoje. D'entre estes foram sempre rarissimos os a quem se podesse com afoutesa cometter o agonisar sentenciados. Que difficil complexo de qualidades extraordinarias, umas naturaes, outras religiosas, outras fructo do estudo, outras da experiencia, não é necessario possuir para um tal desempenho? Eis-aqui, o porque para guia de ecclesiasticos noveis n'este exercicio procurámos desveladamente colligir, quanto nos foi possivel, das acções e palavras do Reverendo e respeitavel Sr. Padre *Sales* em todo este drama. E' já o oitavo, em que o seu zelo, e sabedoria, a sua piedade e a sua prudencia se tem gloriosamente assignalado; nenhum de tantos criminosos lhe-morreu impenitente. — Intimamente convencida da utilidade e necessidade de offerecer aos ecclesiasticos uma especie de roteiro para casos similhantes, a Redacção da Revista Universal Lisbonense tem escripto ao sobredito Sr. convidando-o a que lance em papel e permitta publicar-se o resultado da sua pratica; temos esperanças de alcançar esse opusculo precioso, em que até os profanos, a philosophia, a litteratura, e a poesia poderão achar interesse.

(3) O Sr. *Antonio Ribeiro Cerqueira*, actual carcereiro da Cadêa da Cidade, merece que o citemos como exemplo aos do seu emprego. Humano para com os presos; quanto lh'o permitte a sua obrigação, de os ter seguros; amado e respeitado em geral por todos elles, só estuda de dia e noite em merecer cada vez mais a approvação de sua propria consciencia. O *Oratorio*, que antes d'elle era um sitio de confusão, acha-se hoje pelos progressivos melhoramentos, que lhe-tem introduzido, transformado em um logar de silencio e recolhimento inteiramente proprio e favoravel para o seu destino. Bem hajam os que a Sociedade tomou para agentes de seus rigores, quando se desvelam em os suavisar sem na trahir.

tro da manhã em diante, não tornou a dormir senão o seu somno ultimo. Pela madrugada, apesar do desfallecimento voltou por si mesmo a exercicios espirituaes e interiores; pediu e abraçou o Santo Christo, e proferiu em voz *intelligivel* preces e colloquios bellissimos sobre o texto = *Memento homo quia pulvis es, et in pulverem reverteris.* =

Entre as 8 e 9 da manhã tomou uma porção minima de marmellada. (Conservou-se todo o tempo do Oratorio em quasi absoluta e voluntaria abstinencia).

Pelas dez horas e meia sente-se a campainha da Misericordia; aproxima-se, sobe as escadas; o condemnado ouve, mas não se-altera; o seu abatimento é profundissimo; abrem-se as portas; entra o *painel*, representando de um lado a Mãe de Misericordia, cobrindo com seu manto a toda a especie de peccadores, e pousando sobre uma prisão, por cujas grades se-descobre lá dentro um infeliz: — no reverso, a Senhora da Piedade com o Filho morto nos braços: a este pendão symbolo d'esperanças, seguem os Irmãos da Misericordia, e alguns dos *servientes da tumba*: — um, com alguns confortos de bebidas e dôce, e dous, com as *alcôfas* com que logo precederão o préstito pedindo em voz alta para missas por alma d'aquelle irmão. Um Sacerdote, acompanhado de quatro acolitos com tochas accêsas, traz arvorada a *Sacro-Santa Imagem do Crucificado*: inspira devoção a quantos poem n'ella os olhos; e por suas recordações e historia accrescenta ainda o terror do acto: ¿ a quantos criminosos conduzidos ao supplicio não terá ella aberto a estrada da bemaventurança? Doada á Santa Casa por um de seus Irmãos, para substituir outra menos perfeita, de que em taes procissões se serviam, consta e é certo, que fôra esse mesmo Irmão o primeiro que a estreou. — Segue-se a Justiça que remata o cortejo funebre. — O *criminoso* vê tudo, e não se aballa; o seu prostramento, nem já para isso lhe deixa forças. — Reina o silencio mais profundo. — Entram os *dois algozes*: *um*, não indica mais de quarenta annos, *o outro*, cincoenta; são altos, sêcos de carnes, carregados de gesto, principalmente o mais velho, *Ramos*: *Simões*, o mais môço, não deixou ainda coar até ao coração a crueza do seu ministerio; a expressão de sua physionomia mais é resultado das penas, remorsos, e vergonha, que o-devoram, do que petrificação dos sentimentos generosos e humanos; mil provas o-attestam; da sua pobre bolsa tem saído a esmola para missas por alma dos seus executados, e dos seus olhos têem corrido lagrimas sobre a obra forçada de suas mãos — se é um demonio, é como aquelle sublime demonio da *Messiada de Klopstock* — a condemnação o-obriga a fazer o mal, que a sua propria indole benéfica lhe repugna — é esse o seu *inferno*.

Tomam a *alva* das mãos da *Misericordia*; a *corda*, mandada na vespera pela *Relação*, já elles comsigo a-traziam; — o experimental-a e preparal-a para que não arrebente, a elles toca; n'isso haviam seroado: — dirigem-se á sua prêsa: está insensivel, mortal; apparelham-n'o para o espectaculo, como quem amortalha um cadaver. Vestida a *alva*, enfiam-lhe a cabeça no *laço*, passam-lhe o restante da *corda* em volta da cintura; atam-lhe as mãos; descalçam-no de sapatos e meias conforme o uso; assentam-n'o em cadeira de espaldar e braços, a que se-ligam dois varaes; nem aqui se-podia o corpo suster, que não descaisse inanimado; prendem-lhe portanto as pernas por baixo dos joelhos aos pés da cadeira, e o corpo ao espaldar; desta sorte o-conduzem para a Missa. O prior de Marvão firme a seu lado lhe-assiste segurando-lhe a cabeça: a pallidez de ambos era já extrema.

Findo o Santo Sacrificio, começa a sair o préstito; — são quasi onze horas da manhã — o *largo* da *Cadêa* está cheio de povo: todas as janellas ao longo das ruas do transito apinhadas, o aspecto geral não é já o mesmo que nas scenas da prizão e do Jury: — é de recolhimento e compaixão. — Abrem a marcha a *campainha*, tocando compassadamente, e as *alcôfas*, que giram pedindo e recebendo as esmolas: após a *Misericordia* com o seu *Painel* arvorado, vai o *Crucifixo*, em grande altura, e voltado para traz, como que olhando e chamando a si o arrependido, que sempre na mesma immobilidade, e ligado á sua cadeira, vem conduzido por dois pares de *forçados*, que rojam tristemente os seus grilhões; levam calças de riscado azul, jaquetas brancas, e na mão os seus bonés á caçadora. Seguem-se os *algozes*, de calças e sobrecasacas pretas, colleirinhos derrubados, cabeças descobertas, e nas mãos as suas gorras pretas agaloadas de amarello; aos *algozes* segue a Justiça; (4) a infanteria, marchando sem musica, nem tambores, fecha a procissão, a que tambem acompanha com alas por ambos os lados, em quanto a cavallaria vai abrindo e facilitando a passagem. Ao descer as escadas, e atravessando o pateo do *Limoeiro*, o *réo* nada proferiu; vinha convulso, e como assombrado; ao sair a *porta* cessou o *tremor*; leva os olhos baixos, e quasi fechados; não faz o menor movimento, nem demonstração de coisa alguma: — teme-se que em meio caminho a vida o-desampare: — o Padre *Sales* o-exhorta e interroga incessantemente; nenhum signal dá de si mais do que abrir e fechar os olhos de continuo. — Ás onze horas chega defronte do *Aljube*: pára-se a descançar; abre os olhos; mostra alguma afflicção; sáe-lhe pela bôca espuma; um irmão da *Misericordia* lh'a limpa com a *alva*. — No *largo de Santo Antonio* parece reflectir por um momento; lança repentinamente a vista para os edificios da direita, d'onde muita gente o-contempla; percebe-se que vai balbuciando.... orações, ou quaesquer outras phrases, que ninguem entende; outra vez nos labios espumas: um dos irmãos da *Misericordia* lhe-aguenta a cabeça que por si pendêra para um e outro lado; o semblante sempre triste e meditativo; os olhos entre-abertos; as palpebras subindo e descendo convulsivamente. — Chega á esquina da *Magdalena*; mostra um vehemente desassocêgo, e afflicção; nova paragem para repouso; perguntam-lhe — que sente ou que deseja? — nem ás instancias do Sacerdote dá resposta; aproximam-lhe aos labios uma pouca de marmellada; repelle-a com força voltando o rosto para o outro lado; presentam-lhe um copo de folha com vinho, regeita-o; cerra os olhos; teme-se que seja aquelle já o transe do passamento, mas vê-se que ainda não é chegado; prosegue-se. — Em face da *Magdalena* pára; o Padre o-exhorta e encommenda; insensivel; não responde com movimento algum ao que se-lhe-diz; aspecto contemplativo; o mesmo continuo movimento de palpebras; raras vezes lança os olhos para alguma parte e só por momentos. — *Largo do Pelourinho*: observa instantaneamente a praça ou o proprio *Pelourinho*; torna a fechar os olhos; o Padre sente-lhe já morte na corrupção do hálito. — *Rua do Arsenal*; outra vez se-recêa que cesse de existir. — *Largo do Corpo Santo*; sustem muito menos a cabeça; quasi não inculca vitalidade. — Meio dia; chega ao *largo onde commettêra o crime*; é immensa a multidão; ruas, portas, janellas, e os caminhos por cima dos dois arcos, tudo está apinhado. Em cumprimento de uma clausula da sentença dá as voltas á *casa*; e pára no *largo* em frente e a distancia de dez ou doze passos do tôpo d'ella: impõe-se silencio á turba: lê-se-lhe a sentença, o Padre José dos Santos e Silva, da sacada desse tôpo, faz uma breve prática analoga ás circumstancias, e lê a seguinte *declaração*, que já vimos ter sido mandada fazer e approvada e assignada no *Oratorio* pelo proprio *Mattos Lobo*.

---

(4) Não ha ainda muitos annos, que a justiça compunha uma boa parte da procissão: Quarenta e oito, entre Alcaides e Escrivães dos doze Bairros d'esta Cidade, seguiam a Irmandade da Misericordia, trajados de Capa e vólta, calção e meia; levando os Alcaides as suas varas. — Após os Algozes ía o Meirinho das Cadêas, seu Escrivão, e homens da Vara: — e a estes seguia uma lustrosa cavalgada em cavallos soberbamente ajaezados e ornados de fitas e plumas; eram Juizes do Crime, e Corregedores com suas capas de gala, colête e meia branca, chapeo de plumas da mesma cor, e vara na mão.

Hoje basta um Juiz com tres Escrivães bem sumidos, e como que envergonhados, no fundo de duas seges de Praça...

....

Entendemos, que se é (ao menos por ora) necessaria a *pena capital*, a publicidade, e ao mesmo tempo, sem cerimonia, com que hoje a applicam é summamente censuravel; supliciem o *criminoso* longe dos olhos do povo, se quizerem; n'esse caso poupar-se-lhe-ha, o que no expectaculo de um homicidio pode haver de máu, e a imaginação obrigada a criar ó que os olhos não viram, acompanhará a execução de terrores ainda maiores, um misterio lhe-dobrará a energia; se porem se-julga que o expectaculo real pode ser mais eficaz pa-

Eu, *Francisco de Mattos Lobo*, achando-me no Oratorio da Cadêa do Limoeiro da Cidade de Lisboa, proximo a satisfazer á Justiça Divina e Humana os crimes por mim perpetrados, depois de ter posto em pratica, como christão, os deveres, que me prescreve a Santa Religião de Nosso Senhor Jesus Christo, que professo, e em cuja Fé, e Misterios sempre acreditei, tenho vivido, e quero morrer, julgo do meu dever antes de exhalar o ultimo suspiro da minha vida declarar, — que o crime de assassinio, perpetrado na noite de 25 para 26 de Julho do anno preterito de 1841 na rua de S. Paulo N.° 5 primeiro andar nas pessoas de *D. Adelaide Pereira da Costa*, *Julia Pereira da Costa*, *Emigdio Pereira da Costa*, *e Narcisa de Je*[illegible] foi por mim tão somente perpetrado sem que remota, ou proximamente fosse aconselhado, ou coadjuvado por pessoa al[illegible] — Que a este acto tão horroroso, e execrando, de que me acho pela Misericordia Divina inteiramente arrependido, [illegible] que agora mesmo é o meu maior verdugo, fui repentina e inevitavelmente arrebatado por circumstancias graves de momento, e por força de uma cega e louca paixão, originada de muito antes, mas que tocára então o seu termo. Idéas de roubo nunca em mim houveram: innumeraveis seriam as occasiões de o fazer sem attentados, quem pelos vinculos de parentesco, e antigas relações tinha toda a entrada n'aquella casa, e bem sabia onde se achavam guardados dinheiro, e os mais objectos de valor, que todos lá ficaram. Se me foram encontradas as tres acções do Banco do Porto, foi por as ter levado envolvidas com outros papeis, que me diziam respeito, e que por saber a gavêta, em que se achavam, os extrahi d'ella; e tudo haveria queimado se as Authoridades Civis, e Militares tivessem vindo um pouco depois. Que se até aqui, e em todo o processo da minha defesa, não fiz similhante declaração foi por julgar — que na negação absoluta de ter eu sido author de taes crimes estaria a minha principal defeza. E que se agora n'este momento terrivel, em que Deos me chama a contas, declaro esta verdade, não é por me desculpar; porque inevitavel é já, e mui necessario, para satisfação da Justiça Divina e Humana, que eu soffra a pena; mas tão somente porque ella deve desaffrontar a memoria de meus honrados Paes, que a melhor educação me deram; de meus Mestres, que tanto se desvellaram, por mim, e de meus verdadeiros amigos, de quem nunca recebi máus exemplos. — Desejando pois que a esta minha declaração se dê a maior publicidade possivel, mandei chamar o Reverendo Senhor Padre *José dos Santos e Silva*, Thesoureiro da Freguezia de Nossa Senhora dos Martyres d'esta Cidade, antigo amigo, e depositario dos mais reconditos segredos de meus adorados Paes, e de toda a minha familia, para que faça publicar por todos os meios mais opportunos, e convinientemente esta declaração por mim mandada escrever, e assignada. — Lisboa, Cadêa do Limoeiro 16 de Abril de 1842.

Francisco de Mattos Lobo. (5)

Á leitura seguiu uma breve exhortação do Sacerdote aos pais e mães de familias: tudo esteve o *condemnado* escutando attentamente e com os olhos baixos, que uma só vez a principio os levantou para a janella: via-se, que entendia; e em todo esse prazo manifestou um pouco mais animo. Quando no decurso da declaração se-fallou nas victimas, fez com as palpebras um movimento; o mesmo quando o orador tocou em a boa criação, que na casa paterna recebêra — ¿quem dirá as duas scenas diversas porque o seu espirito então passaria? Primeiro, vendo-se rodeado de cadaveres (6) de mulheres e crianças na mesma sala, onde, pouco havia, a harpa, o canto, a dança, e a alegria resoavam: — depois, revendo na imaginação as casas, os campos, as pessoas, os objectos mesmo sem nome, da saudosa villa, onde, acariciado de sua mãe, tão ligeiros passou os annos da meninice. — De novo se-abala a procissão: toma pelo *Arco pequeno* direito a *S. Paulo*; aqui recresce a desanimação; faz alguns movimentos com o corpo; indica afflicção e ancias mortaes. — Até ao *largo do Conde Barão* vai immovel: logo adiante ergue a vista como para reconhecer o caminho, torna a abaixal-a.

Entram no *Caes do Tojo da Boa Vista*: para aqui se-transferiu a execução, por ser este dia sanctificado na freguezia de Santa Engracia, districto a que pertence o outro Caes do mesmo nome, em que a *forca* tem posse de largos annos. — Volta os olhos para o mar e por algum tempo se-dilata em contemplal-o; — o mar é um irmão do céo; um emblema e pregão da grandeza e formosura de Deus: — o patibulo..... não o viu; nem tornou por então a lançar olhos a objecto algum. — Uma vasta corôa de tropa abrange a área destinada á execução, e contém, não sem custo, as ondas tumultuosas do povo: as embarcações ao longe cobrem-se até ao alto dos mastros de um enxâme de cabeças: um sol brilhante allumia este quadro magestoso e terrivel. — É uma hora e um quarto da tarde — os Ecclesiasticos desatam das ligaduras o *réo*, que já não parece dar tino delles, e o-levam em braços até aos pés da escada fatal, onde os *verdugos* o-tomam, e o-vão subindo em pêso e insensivel; em quanto chegados aos ultimos degráus um dos *dois* segura a meio corpo o *padecente*, encostado na escada com o rosto para o povo, e o *outro* prende na trave superior o *baraço*, o Prior de Marvão em pé a pequena distancia profere com os olhos levantados para o infeliz e para o céo palavras de esforço, orações inspiradas, em que a fé, a esperança, o amor pareciam estar-se vendo scintillar: no impeto sempre crescente do seu zelo — Filho, exclama, filho anima-te e dize nas véras do teu coração, *Jesus*, *valei-me*, *amparai-me: Virgem Maria encaminhai a minha alma* — Se era uma supplica, foi de repente despachada; apenas a articulára, caiu redondamente fulminado de um accidente mortal: acodem-lhe ao pulso, apenas dá tempo para a absolvição; expira. — Ao susurro causado nos assistentes por este acontecimento imprevisto, o *réo* abre os olhos, contempla o seu confessor, que ainda o-foi esperar no outro mundo, e pela derradeira vez os-fecha. O Padre *Salles*, bem que já tambem abalado por tantas commoções violentas, e sobre tudo por esta ultima, toma o pôsto, onde o seu irmão de armas acaba de cair, e sem curar de seu proprio perigo, todo fé, todo caridade, e todo esperança como elle, continúa, e remata a sublime obra. Em quanto elle ora, e exhorta, em quanto o povo falla, e se agita, e o pobre *Simões*, que da escada saltou fazendo o signal da cruz, contempla com piedade o Sacerdote ancião, que sentaram já morto na cadeira, onde viera o condemnado, o velho *algoz* conclue desajudado a sua tarefa: — o longo capuz branco pendente das costas da *alva* já por sua mão desceu a cobrir o rosto da victima, — já emfim se-precipitou com ella e pendem oscillando nos ares — mas porque tudo nos destinos de *Mattos Lobo* tinha de ser insolito — as pernas do *verdugo* resvalaram dos hombros do *padecente*, e viram-se por um largo espaço pendurados ambos da *corda*, *um* pelo pescoço, o *outro* pelas mãos — *um* debatendo-se contra a agonia, o *outro* procurando laboriosamente

ra os bons costumes então em vez de lhe-diminuir augmentem-lhe quanto possivel o aparato: este meio termo não fundado em razão alguma de humanidade, nunca poderá passar d'um absurdo.

(5) Esta assignatura é perfeito — *fac simile* — da autographa. Reproduzimol-a para que todos como nós a-admirem. — ¡Como foi possivel, que em tal estado de corpo e espirito por similhante modo se escrevesse!

(6) Duas unicas vidas escaparam, á destruição d'aquella funesta noite, o cão primeiro denunciante da desgraça de suas donas, e sem o qual talvez o crime ficasse impune, e um papagaio, que inda agora grita desatinadamente por os nomes d'ellas. O Doutor *Resende* conserva o primeiro a quem restituiu a saude, o segundo está na hospedaria por cima das casas onde foi commettido o attentado.

vingar a altura, d'onde a seu salvo o-assoberbasse, — e por largo espaço voltearam encorporados estes dois vultos *alvo* e *negro*, com geral espanto e horror da multidão. — O *negro* alcançou emfim o seu logar, o *branco* proseguiu ainda sob elle a estrebuchar. — O supplicio ¡ coisa horrenda! durou mais de um quarto de hora. (7)

. . . .

O corpo do *justiçado* foi conduzido na tumba pelos *serventias da Misericordia*, acompanhado de um Padre, vinte soldados de infanteria, e quatro de cavallaria para o cemiterio de NOSSA SENHORA DOS PRAZERES, e ahi depositado: — para o Prior de *Marvão* não chegou a *Misericordia*; foi levado em *maca* por quatro gallegos obrigados pelos soldados para a sua residencia; de lá para a Igreja de *Santiago*; e della, depois dos officios de corpo presente, onde concorreu numerosa cleresia, para o cemiterio do Alto de S. JOÃO. (8)

O Padre *Salles*, que pelo fim da execução tambem caíra desfallecido, foi trasladado em braços para uma casa, d'onde após alguns soccorros acertadamente ministrados, voltou de sege para o centro de sua familia, que pelas novas, que já na Cidade corriam, o-esperava com anciedade misturada de terror.

As tropas postadas em diversos pontos do transito, antes, e depois da execução, tocavam alegremente as suas musicas. O theatro da Rua dos Condes n'essa mesma noite cantava a sua linda opera em prosa do *Campo dos Desafios*. (9)

Pelas seis horas da tarde d'esse mesmo d[illegible] corpo de *Francisco de Mattos Lobo*, requerido para exames phrenologicos por dous medicos os Srs. *Pulido e Simas*, veiu do Cemiterio para o theatro anatomico da *Eschola Medico-Cirurgica*. A'cerca das circumstancias d'esta concessão, e do uso que se d'ella tem feito são diversos e inverisimeis os boatos, que á nossa noticia teem chegado. — Relataremos e moralisaremos a verdade quando a soubermos. — O que só até esta hora havemos podido alcançar de mais positivo no assumpto, é — que o exame do cadaver provou evidentemente que o desgraçado morrêra peior morte do que lhe a sentença comminára — asphixiado ou suffocado — pois que nem sequer deslocação de vertebras se lhe-encontrou.

Não importa — em recompensa d'isso os *algozes* iam mui aceados, com as suas gôrras agaloadas, calças e sobrecasacas de lã preta. — Não era trajo como o requer o *officio*, cujo uniforme não passava antigamente de calça e jaquêta verde e coifa na cabeça: estas abas de sobrecasaca foram grandes culpadas na demora do *acto*, mas os *algozes* iam mais elegantes, mais á *móda*, mais parecidos com gente....... O crâneo ainda não está acabado de estudar pelos Srs. *Pulido e Simas*, mas em geral acham n'elle as regiões *intellectual* e *moral* mui rasas, emquanto a *instinctiva* e *animal* attrae logo a attenção pelo vulto dos seus orgãos — o do homicidio ou *destructividade*, segundo a linguagem da arte, sobreleva a todos os outros. O habil artista, Sr. *Legrand*, antes da dissecção apressou-se em tirar o retrato do defuncto até meio corpo, que apparece nú.

Eis-aqui á pressa e diminutamente narrado o que podémos colher ácerca de um assumpto que se por horrivel nos repellia, por *importantissimo* para a sociedade nos impunha a obrigação de lhe não fugirmos. — Tracta-se de um systema penal: tracta-se da vida: — é preciso fazer conhecer a fundo a quem o não sabe (que são quasi todos), *o que é, e como é a pena de morte:* ao povo, para que a tema; aos julgadores, para que a pesem; aos legisladores para que, se não podem aboli-la, a rarêem, e a decotem, quanto possivel, do luxo de seus espinhos. Para a fidelidade do nosso quadro nenhumas diligencias nos poupámos; — respondemos por ella. — A scena do *Oratorio* colhemo-la ponto por ponto de testimunhas ahi presentes, e de cuja fé não duvidamos; tudo o mais desde a saída da prisão até o desfêcho ultimo da tragedia houve quem, a rogos nossos, sem nenhuma especie de interesse particular e só movido do dessejo de nos coadjuvar para o santo fim, que tinhamos a peito, acompanhou desde o primeiro até ao ultimo momento os Sacerdotes e a Irmandade, lançando fielmente por escripto quantas particularidades apontámos: — nós lhe-damos aqui por nós, e no interesse da moral publica um publico testimunho do nosso agradecimento.

Este capitulo, que ahi fica, poderá ainda produzir saudaveis fructos; sobre tudo, porque attentamente meditado em todas suas partes ensinará como as certezas, e até evidencias humanas, não estão isentas de ser tambem entradas e minadas de muitas duvidas. (10)

---

(7) Se cumpre ou não abolir a pena de morte, ponto é summamente controverso. As nações mais adiantadas ainda não chegaram a resolvel-o, que nós tão faltos da instrucção popular, que civilisa e moralisa, e tão distantes ainda da possibilidade de um systema penitenciario, quizessemos destruir para já este castigo, seria a mais grave, a mais perigosa de todas as imprudencias. Se taes utopias se fizessem realidade não tardariam em morrer ellas proprias sob o punhal dos assassinos. Que temos pois que fazer quanto á pena de morte? O mesmo que ha ja muito, ensinou a França, o que provavelmente a Inglaterra, que ainda tambem enforca, não tardará em adoptar. — Substituir o ferro á corda, o momento ao quarto de hora, e a machina ao braço humano.

(8) *João Estacio Morato*, Prior de *Marvão*, era pessoa, segundo nos affirmam, de grandes letras e virtudes. Ignorâmos, e pouco nos importa saber, até que ponto foi partidario de um diverso systema de governo: sabemos unicamente que o seu comportamento n'esta Cidade, não só era bom, senão exemplar: a sua caridade não tinha limites — quanto lhe rendiam a sua *Capelania do Limoeiro*, as lições que dava, de *Latim*, *Rethorica*, *Philosophia*, *Francez*, *Inglez* e *Italiano* — e os seus *Sermões* na Cidade e no campo, tudo era despendido em beneficio dos pobres, enfermos e encarcerados — não reservando para si mais do que o indispensavel para parcamente se manter; e ainda para isso se via muitas vezes obrigado a soccorrer-se á meza de algum de seus muitos amigos.

Deixou copiosos additamentos e emendas ao — Diccionario Portuguez, de *Moraes*. — De seus *Sermões*, considerados como eloquencia, nada sabemos dizer, que os não ouvimos; mas consta que eram quasi sempre no severo e grandioso genero das *Missões*; e muitas vezes, no fim delles, era requerido por alguns dos ouvintes para confissões geraes; pessoa que o tractou de perto, as conta por mais de duzentas no discurso destes ultimos tres annos. Quando isto não bastára para louvor e respeito, a morte, e tal morte, como a sua, devêra de sobrar para a indulgencia. Mas, quem n'o crerá? no trabalhoso momento, em que o pobre velho acabava de cair nas mãos de Deus, vozes houve que ressuscitando, inventando, ou encarecendo não sei que erros, delictos ou crimes politicos, applaudiram, rindo, o que a todos cortava de terror; e festejaram o vêl-o acabar pelo menos aos pés da *forca*. — E porque dentro, e misturado com cada povo, anda outro povo, que não é, nem póde ser liberal; que não é, nem sabe ser christão; que não é, nem aspira a ser gente: — differem dos selvagens em trajarem á européa. — ¿ E que outro nome quereis que demos, por exemplo, a-quem, porque no largo do patibulo e á hora da execução um dos espectadores cae de cima da méda de pinho, onde trepára para vêr, levanta, e repete gargalhadas estrondosas? — E isso foi tambem neste mesmo memoravel sabbado 17 do corrente Abril. — Selvagens á européa, lhes chamámos, relevem-nos o termo; foi mal, — tamanha injuria não a mereciam os pobres selvagens!

(9) No dia em que a Cidade é forçada a derramar o sangue do cidadão é mister, sob pena de infamia, que a não vejam por festins e expectaculos. Se houve ahi justiça foi para que n'ella se meditasse: se um crime se expiou, foi por meio de uma desgraça, — não ha que tomar o lucto mas ha que orar por um infeliz. Ao meio dia os verdugos, e ás sete e meia os comediantes! — vê-se mas não se acredita.

(10) Se é verdadeira a sciencia dos phrenologos, se pelo menos é certo que o amor physico vem representado pelo orgão, que lhe elles attribuem, parece-nos que ha ahi por onde o nosso antigo conceito ácerca da classificação moral de *Mattos*

¿ Quem ousará hoje com uma das mãos sobre o sepulchro, e a outra sobre a consciencia, affirmar que este homem, que do mundo partiu carregado de abominação, era tão intensamente criminoso, e tão monstro, como todos ha nove mezes o reputavamos? — Não serei eu. —

Antonio Feliciano de Castilho.

HOMICIDIO.

277 Na rua das *Atafonas* deram uma facada a um chamado *Mathias*, *Capinha*, em consequencia de questões de jogo, (chinquilho.) Parece que o matador se dirigia a outro; o delinquente foi preso, e o ferido morreu.

ASSASSINIOS.

278 A *Revolução de Setembro* annuncia que um sapateiro, das visinhanças da Sé, matara sua mulher com um instrumento do seu officio; e traz mais o seguinte:

De Thomar nos escrevem: — No dia 3 do corrente Abril, foi assassinado José Corrêa de Sá, moço de 18 annos, no logar de Perucha, Concelho de Villa Nova de Ourém, Julgado de Thomar, pelas dez horas da noute, vindo recolher-se mansa e pacificamente para sua casa, e junto á sua porta: sendo esperado de proposito pelo assassino, que era seu visinho, lhe deu tres punhaladas, e evadiu-se com o auxilio da mãi do mesmo, que o mandou vir de proposito da Villa de Ferreira (onde se achava) para fazer aquella morte.

PUBLICAÇÃO LITHOGRAFICA.

279 À Direcção do Museu Pittoresco tem resolvido publicar por subscripção o Retrato de S. M. a Rainha.

O desenho é feito pelo habil retratista = *Mr. Guglielmi* = tirado do natural com o maior esmero, sendo o seu formato o dobro do das *Estampas do Jornal* = Museu Pittoresco. =

As assignaturas para o Retrato de S. M. serão pagas *somente no acto em que forem entregues os respectivos exemplares*, e os Srs. Assignantes podem recusar o recebimento destes, se o Retrato não fôr parecido com o original, em ponto grande, e o melhor que até ao presente se-tem publicado em Portugal.

Os Srs. Assignantes das Provincias, e Ilhas, que ainda enviarem sua assignatura, e a dos seus amigos, do dia 1.° até 25 de Abril, escrevendo neste prazo directamente aos Editores, tem jús a receber as Estampas = *porte gratis* = em casa dos Srs. Agentes da Sociedade do Museu, a quem estas serão enviadas bem acondicionadas, sem dobras, nem manchas.

A Subscripção fica aberta até 30 de Abril do corrente anno, e nesse mesmo dia, se-ha-de realisar a distribuição do Retrato em Lisboa, seguindo-se logo a remessa para todas as Cidades e Villas do Reino, e Ilhas.

A Correspondencia será dirigida = aos Editores do Museu = rua do Loureiro (aos Caetanos) n.° 11, 1.° andar = Lisboa.

Preços, cada exemplar em Lisboa 600 réis, Provincias e Ilhas 640 réis, avulsamente 720 réis.

A Direcção do Museu tem agentes em todas as Cidades e principaes Villas do Reino, e Ilhas Ultramarinas, que ha tempo promovem a subscripção, e em qualquer das agencias que se convencionar serão os exemplares entregues = *porte gratis* = não só aos Srs. Assignantes que já prestaram seu nome, como áquelles que ainda subscreverem na fórma declarada neste Prospecto. *(Communicado.)*

Lobo, se deva modificar. Vemos por uma parte uma tendencia vehemente para os prazeres amorosos, por outra uma confusão de sombras e luzes; que mal permitte determinar affirmativamente a origem daquella noute de sangue. Que perpetrou os assassinios, as provas e a sua confissão o demonstraram; mas que houvesse premeditação já quasi não é verosimil; e o roubo fica pelo menos problematico.

ENVENENAMENTO.

280 O *Correio Portuguez* affirma que se-tentou envenenar toda ou parte da Guarda de Segurança Pública d'Aveiro; que se-propinou o veneno em tamanha dose que por isso mesmo se-descobriu antes de ter produzido mais funestas consequencias; e que tres Sargentos estiveram em grave perigo de vida, e houveram perecido se se-lhes não tivesse acudido a tempo.

A MORTE EM CASA ALEGRE.

281 No dia 1 do corrente foi encontrado morto dentro d'uma adega na Villa de Torres-Vedras um cazeiro por nome José Agostinho. Pelas diligencias e exames a que se procedeu ficou averiguado ter fallecido d'ataque apopletico.

222 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 13 ATÉ 19 DE ABRIL DE 1842.

Dias do mez	*Termometro exterior*		*Barometro*		*Pluvimetro.*	*Ventos dominantes e sua força.*	*Estado da Atmosfera.*
	Min.°	*Max.°*	*9 h. m.*	*3 h. t.*			
13	45	60	748,3	748,6		^{2}N. ^{2}NO	Cob.° e cl.°—Cl.° e alg. nuv.°: frio e seco; aurora boreal.
14	45	57	49,3	49,2		^{2}NO ^{2}N	Id. pequeno aguaceiro de tarde — Id.
15	42	58	50,2	50,2	5	^{2}O	Cob.° e aguac.°, m.^{es} frios com graniso, e poucos claros — Id.
16	42	59	53,5	53,2	4½	^{1}O ^{1}NO	Cl.° e nuvens com pequeno aguaceiro —Id.
17	45	60	51,5	50,8	½	^{2}SO O^{2}	Cob.° e chuva branda, com alg. graniso m.° miudo — Id.
18	44	56	50,0	50,2	5	E. ^{1}NE	Cob.°, e chuva de ag.^{os} mui frios: muito frio, e ar um pouco humido.
19	45	64	52,2	52,5		B ^{1}NO	Cl.° e nuv.^{es} — trovoada, e grossa saraiva ao N. da cid.° — temperado, e ar mais humido.

Tem continuado com tenaz permanencia o predominio da 1.ª quadra deste mez, sempre fria e chuvosa, mantendo uma temperatura tão aspera como a de Janeiro: o calor médio tem-se conservado em 51 ½, ou 7.° inferior ao calor normal do mez, pelo que são quasi geraes os fortes defluxos, calharros, e até as frieiras se-renovaram em todas as pessoas sujeitas a semelhante incommodo. As chuvas, ainda que repetidas, não tem sido demasiadas em sua quantidade, pois que até hoje não excedem a 57 millimetros, que é com pequena differença a que compete a um mez regular; e por isso muito tem vigorado as plantas, que sem este auxilio teriam perecido exhaustas de humidade, e crestadas pelo frio, utilisando-se especialmente os frutos serodios, pois que os temporães em grande parte pereceram. O graniso que tem cabido misturado com a chuva tem causado algum prejuizo nas arvores de fruta, porém sendo em geral assaz miudo, foi por isso menos avultado o damno.

M. M. Franzini.

Na Imprensa Nacional.

6.° DA 3.ª SERIE. N.° 30. 28 ABRIL 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sahe ás quintas feiras — Escriptorio, rua da Horta Secca n.° 20 — Assigna-se no Escriptorio e na Loja da Viuva de João Henriques, n.° 1, rua Augusta — Avulso 80 réis: 12 numeros 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis — O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados, e por caso nenhum aos distribuidores — Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Tem todos, e só elles entrada gratuita n'um Gabinete de Leitura do Estabelecimento (segundo o respectivo regulamento), aonde se acham muitos jornaes e escriptos politicos, litterarios e scientificos, em portuguez, francez, hespanhol, inglez, e allemão — Os subscriptores das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes convier — Sobrescripto da Correspondencia: « Ao Redactor da Revista Universal, rua da Horta Secca n.° 20 » — Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade — Qualquer artigo interessante será acolhido com gratidão e publicado — A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se lhe remet a um exemplar — Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o desejar — Tambem no seu Escriptorio se patentearão ao publico objectos de semelhante natureza, que para ali sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal. — Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes. — A distribuição na Capital faz-se em 3 horas — Este numero sahe ás 7 da manhã e será entregue, o mais tarde, até ás 10.

A REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE Á IMPRENSA E AO PUBLICO.

Postoque a indispensavel *lei*, que tem de regular *a propriedade litteraria*, se não ache ainda promulgada, é todavia evidente — que a *propriedade litteraria* é um direito, que por interesse dos individuos e da Sociedade se-deve zelar, e defender. — Firme n'esta doutrina, que será sempre a de todos os homens honestos, justos, e instruidos, a *Redacção da Revista Universal Lisbonense*, que já por vezes, e nomeadamente a paginas 81 e 82 do 1.° volume, a-tem expendido, está decidida, não só a respeitar *sempre* nos outros o seu direito de escriptor, mas a fazer por todos os modos que — o dos seus collaboradores seja igualmente por todos respeitado.

Assim declara, formal e solemnemente: — 1.° Que todo e qualquer artigo por ella publicado até hoje, ou que d'aqui para o diante o-haja de ser, — *ou é propriedade d'ella só*, — *ou d'ella e conjunctamente do auctor*, com cujo nome sair assignado: — 2.° Que não permitte a reproducção de qualquer de taes artigos senão *quatro* dias depois de por ella publicado; e somente aos seguintes jornaes, que em tomarem d'ella as coisas de publico interesse para as-derramarem ainda mais, longe de a offenderem, pelo contrario a-lisongearão —

Em Lisboa: Constitucional. — Correio Portuguez. — Diario do Governo. — Jornal de Utilidade Publica. — Periodico dos Pobres. — Portugal Velho. — Revolução de Setembro. — Abeille. — Annaes de Marinha. — Annaes da Sociedade Promotora da Industria Nacional. — Archivo Popular. — Bibliotheca Familiar e Recreativa. — Catholico. — Correio das Damas. — Folha do Commercio. — Gazeta dos Tribunaes. — Jornal Militar. — Jornal das Sciencias Medicas. — Jornal da Sociedade Pharmaceutica. — Museo. — Panorama. — Ramalhete. — Recreio. — Universo Pittoresco.

No Porto: Athleta. — Commercio. — Noticiador. — Periodico dos Pobres. — Revista Litteraria.

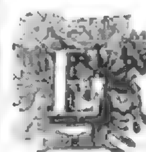
Em Coimbra: Antiquario. *Na Madeira*: Defensor. *Na Terceira*: Angrense, Iris. *Em S. Miguel*: Açoriano. — Monitor.

— 3.° Que toda a transcripção de artigo seu, que por algum jornal for feita, sem a designação expressa, e por extenso, do titulo de *Revista Universal Lisbonense* e do nome do auctor, por quem for assignado, no caso de o-ter, *será denunciada como deslealdade e perseguida como roubo*: — 4.° Que toda e qualquer alteração no espirito ou na letra, que em artigo seu se-lhe-haja de fazer, será igualmente perseguida: — 5.° Que por nenhum caso permittirá, que pessoa alguma, afora os jornaes acima nomeados, sem expressa auctorisação sua, reimprima de qualquer modo, sob qualquer titulo, ou em qualquer formato, que seja, nenhuns dos seus artigos.

A *Redacção da Revista Universal Lisbonense*, a quem impudentes roubos de *impressores traficantes* constrangeram a recorrer finalmente a estas, e a outras ainda mais activas providencias, de que já agora não abrirá mão, convida aos Srs. REDACTORES DE TODOS OS OUTROS JORNAES para a-ajudarem n'esta honrada conjuração contra *piratas litterarios*, que a todos, mais ou menos, os-têem expoliado; e fia — que nos *Jurisconsultos*, *Jurados*, e *Julgadores* não faltará boa vontade, e efficacia de meios para os-auxiliarem. . . .

CONHECIMENTOS UTEIS.

283 DEVE CONSENTIR-SE O EXERCICIO DA MEDICINA HOMŒOPATHICA?



Em o n.° 2.° da 3.ª Serie (aliás 26) da *Revista Universal*, deu-se uma idéa muito em geral, do que era *Medicina Homœopathica*: agora perguntarei eu, se o exercicio de tal industria se-deve tolerar? Julgo ser bem facil a resposta, á vista do que é tal Medicina.

Muitos tempos ha, que se-nota uma universal tendencia dos espiritos para olhar a Medicina como um systema de principios geraes, quando ella é uma sciencia filha da observação, e que se não amolda aos caprichos dos homens. Entre *Brown* e os tempos actuaes ha muitos documentos para provar o que se-enuncia: affrontando todos estes systemas medicos, a razão, esclarecida pela experiencia, tirou para a sciencia certas verdades fundamentaes; e as theorias caíram. Assim se têem dirigido respeitaveis Medicos, usando do *ecclectismo*, ou da escolha da Medicina fundada em factos, sobre cujo maior numero alguns Medicos de hoje (como fez Hippocrates) têem fundado um juizo sobre as relações do organismo doente com o são; mas o estado pathologico é o desvio do physiologico, portanto sem os conhecimentos deste não se-adquirem os daquelle; servem-lhe por isso de fundamento e de base os physiologicos. Como pois o estado de saude é o termo de comparação para o estado de molestia, é evidente que offerecem menos segurança para a pratica da Medicina as theorias homœopathicas, que repellem inteiramente a physiologia. Pois que a Homœopathia não examina senão os symptomas, sem lhe-importar o em que, — e de que modo — o estado physiologico é perturbado, a sua Therapeutica mesmo não se-funda senão sobre os symptomas. Debaixo de taes principios não é possivel, que o Estado possa submetter um candidato, que sáe d'uma Eschola Homœopathica, áquellas provas severas, porque deve passar para dar á sociedade os devidos abonos. A Homœopathia não é uma sciencia; porque rejeita o que lhe-é indispensavel para elevar a Medicina á classe de sciencia; tem porém ella invadido o terreno da pratica com espantoso abuso; porque é estrondoso abuso a pratica de uma arte, sem se-terem aprendido os seus

fundamentos; os quaes em medicina se-devem procurar primeiramente no organismo normal, ou na physiologia. Limitando-se porém a Homœopathia á mesquinha consideração dos symptomas, além de dar uma marcha retrograda, e anti-scientifica á Medicina, cáe em um puro charlatanismo, que se não póde, nem deve tolerar.

A Medicina Homœopathica é completamente arbitraria; porque nem mesmo fixa as regras, segundo as quaes se-devem administrar os remedios contra os symptomas observados: além disto a sua pathologia, e therapeutica se-reduzem a uma simples pharmacologia. É com effeito necessario ser muito ambicioso de novidades, para adoptar as theorias Homœopathicas, quando ellas attribuem virtudes medicamentosas a substancias infinitamente pequenas, e que escapam a nossos sentidos physicos; dependendo infallivelmente os successos, que por ventura possam ter apparecido, simplesmente da dieta, que foi tida sempre em grande conta por todos os Medicos, e em todos os tempos; de maneira que o tratamento medicinal Homœopathico é puramente de segredo, que os seus sectarios querem impôr em quanto ás doses, e em quanto á preparação dos medicamentos; que se apparece algum resultado util, é somente pela acção moral, que produzem, além da dieta, como dissemos.

Para occasionar effeitos ainda mais magicos, os Medicos Homœopathistas têem deliberado preparar em segredo os seus mais efficazes remedios, e mesmo em segredo vendel-os; mas é seguramente com o fim de impossibilitar toda e qualquer verificação. Por conseguinte, medicamentos dados em doses millesimas, centessimas millesimas, millionesimas, sendo puramente misterioso o modo de as-preparar por compassos em quanto á trituração, e vascolejação, além das absurdas theorias já expostas, dão uma prova mais que evidente, de que tal systema é um puro — *charlatanismo* — que as authoridades não podem, nem devem tolerar, sem que abandonem suas attribuições, em quanto á fiscalisação dos importantes objectos de saude pública.

Tambem se-conclue do que fica acima exposto, que grandes seriam os prejuisos para os interesses públicos, se se-tentasse propagar a Medicina Homœopathica, o que senão tem conseguido, nem se-devia consentir; pois que resulta da prática de taes Medicos, que o seu systema não é uma sciencia, não tem algum dos caracteres de sciencia, e não deve mesmo ser contado entre os systemas em Medicina; e por consequencia *nem consentido o exercicio* da chamada *Medicina Homœopathica*.

F. I. dos Santos Cruz.

ESTRADAS.

(Continuação da pag. 338.)

FRANÇA.	Milhas.
284 As suas estradas reaes em 1837 somavam em	22,500
Ditas departamentaes	25,000
Caminhos vicinaes	25,000
(*Mich. Chevalier*, *Trav. publ. France* 1838 Part. 1. p. 33) somma total	72,500

Em harmonia com o principio da centralisação, que predomina nesta nação, infeliz quando exercido em paizes livres, as estradas têem sido feitas e são mantidas, pelo Thesouro Público, por *centimes* addicionados á contribuição directa, e por emprestimos parciaes de 160 a 400 contos de réis, alevantados pelos Departamentos para esse fim.

Este systema é muito censurado por *Dupin*, Voies pub. T. 1. p. 33. não podendo deixar de lamentar que o Directorio, depois de ter imitado o systema das barreiras de *Inglaterra*, não tivesse a coragem para persistir nessa util innovação, que, na sua opinião, deveria ser adoptada. As barreiras em *Inglaterra*, segundo o testimunho deste A., tambem na sua introducção alli ha 200 annos, foram repellidas pelo povo, porém á sua adopção se-deve a economia da factura, e depois a perfeição de conservação com que se-cuida naquella Ilha nas estradas, com as quaes as francezas estão mui longe de poder hombrear.

A sua construcção em França pela corporação das pontes e calçadas, faz com que, 1.° se-lhes-dê uma largura que origina diversos planos sobre o plano geral, o qual assim vem a estragar-se pelas aguas que correm dos superiores para os inferiores; 2.° que com o mesmo dinheiro se-faça ametade da estrada em comprimento que se-poderia e deveria fazer; 3.° que seja quadruplicada a despeza da sua conservação, duas vezes pela sua largura, e outras duas porque nesta largura vem a haver dois estragos, o do uso, e o das aguas pelo defeito notado.

Quem tiver entrado em *Paris*, pela banda de *São Diniz*, não me-ha-de desmentir. Em 1837—1838, tal era o seu estado de ruina, que será difficil achar mais que taxar ás nossas, de roda da capital.

Sem outro empenho, senão o de relatar factos, e prescindindo do que observei pessoalmente, *Mic. Chevalier*, já citado, é a authoridade por quem me-guio. Diz elle, a pag. 39. da sua obra, que para tornar as reaes soffriveis, seria preciso ainda gastar nellas, 32.000.000$000 réis e isto além do producto da venda da ametade do seu terreno por superfluo. E em quanto ás departamentaes, independente da sua conservação annual, tambem assevera elle não se-poder gastar com ellas menos de 24.000.000$000 réis para as-pôr em um estado de transito perenne, tanto para inverno, como para verão. Ainda é muito mais elevada a quantia que designa para os caminhos vicinaes; porque para estes indica elle que são precisos pelo menos 64.000.000$000 réis. A somma total são 120.000.000$000 réis, devendo o seu dispendio ser derramado por um decennio.

O estado das communicações em França, pelo que se-acaba de transcrever, não se-póde considerar favoravel; todavia sabendo-se que no apogeo do Imperio, em 1811 as estradas reaes não passavam de 7500 milhas em extensão, e que as departamentaes, o maximo que teriam, seria 5000 milhas, não poderá a convicção universal deixar de resonhecer que mais do que os grandes homens vale a liberdade. A curatela da minoridade, em que os francezes, nos seus interesses materiaes, se-deixam viver, faz com que entre outras cidades não tenha estradas, *Marselha*, por exemplo, o emporio do commercio francez no Mediterraneo, e com que a *Haute Marne*, e *Ardennes*, dois departamentos ricos de officinas de ferro, tambem permaneçam sem ellas. *Notes p.* 361. *M. Chevr. France.*

Vindo agora ao custo de cada uma das estradas,

segundo a classificação apresentada desde o principio, para as reaes, sendo de calçada de que ainda ha bastantes, o seu termo medio é de 11.264$000 réis por milha, e sendo á *Mac-Adam* é de 4.648$000 réis. Em ambos estes preços vão incluidas todas as obras d'arte, e particularmente algumas grandes pontes de muita despeza.

As departamentaes importam muito menos; calcula-se que custam ametade do que custam as reaes.

Sobre as vicinaes não tenho dados.

As despezas da conservação são como se segue: para a

Estrada real, no geral, são	a 140$800 r.ˢ p.ʳ milha	p. anno.	
Dito á roda de París, de calçada	832$000	»	»
D.° se fôsse de casc.° sabiria por	1.440$000	»	»

Para as estradas departamentaes, sendo visinhas de París, regulou em 3 departamentos a 256$000 rs. p. milha p. anno

7	192$000	»	»
Outras 19	76$800	»	»
Termo medio geral	80$128	»	»

Em todos os departamentos aonde os costeios das estradas são minimos, é observação confirmada, que tambem as contribuições são deploraveis para o Thesouro (*Mig. Chevalier. Notes pag.* 358.)

Antes de passar adiante, devendo servir de algum esclarecimento estas resenhas, não posso deixar de mostrar, como sobresáe a funesta influencia do systema francez, em contraposição ao inglez. Todos os que tiverem viajado em Inglaterra hão de ter sentido, que com pequena variação as estradas por barreiras são de uniforme bondade por toda a parte. O seu termo medio de conservação por conseguinte é tambem de 144$000 réis por milha para todas. Se em França fôssem pôr as estradas no estado das que circundam París, seria o seu costeio, sendo de calçada, de 832$000 réis, ou perto de 6 vezes mais do que em Inglaterra, e se fôssem macadamisadas, como alli são todas, seria 10 vezes mais. Esta disparidade demonstra toda a superiodidade de um methodo sobre o outro.

Canaes.

O numero total, pequenos e grandes, e extensão dos canaes, que ha em França, segundo a *Estatistica Official*, publicada pelo seu governo em 1837, *Tomo* 1. *p.* 31. é de 70, medindo 2312 milhas, e reputam-se terem custado 112.000.000$000 réis, ou 48.442$000 réis por milha, ou perto de 40 por cento mais do que os inglezes; o que não admira attentas as maiores difficuldades do terreno, a demora, e a magnificencia com que alguns delles foram construidos no tempo de Luiz 14.° e do Imperio. Feitos á custa do Estado, não tem rendimento, e tambem parece que não tem tido o desenvolvimento mais commercial que convinha á posição geografica da França, porque a cabotagem ainda poem 3 mezes em ir de *Marselha* ao *Havre*, derrota que se-evitaria, se a navegação interior por canaes, estivesse estabelecida entre estas duas cidades.

Caminhos de ferro.

É a França infelizmente, das nações civilisadas que tem emprehendido estas novas communicações, a que está mais atrazada no seu acabamento. O seu Parlamento mesmo se-queixa deste atrazo, para remover o qual Mr. *Teste* em 7 Fev.° p. p. veio á Camara dos Deputados propôr o plano geral dellas para toda a França, que assim mesmo ha de encontrar grandes difficuldades na execução, por ser emprehendido pelo mesmo governo, segundo escrevem os seus melhores technicos. (*Emile Pereire, Director dos caminhos de ferro, Saint Germain e Versailles, rive droite. Courrier Français* Fev. 1842.)

Os caminhos de ferro que se-acham feitos e que estão em progresso de formação em França sommam 392 milhas, dos quaes duas terças partes já estão acabados, e se-anda por elles, e tanto quanto eu posso julgar por experiencia, não me-parece que a commodidade e a velocidade que offerecem seja sensivelmente inferior ás dos inglezes. Á imitação destes, tambem até agora tem sido todos feitos por companhias particulares, posto que *commanditarias*, e auxiliadas com fundos do governo, emprestados a 4 por cento ao anno.

O seu custo tem regulado por metade dos de Inglaterra, o que se-deve attribuir aos nenhuns gastos judiciaes preparatorios nas Camaras, mais barateza de preços nas expropriações, que em Inglaterra regulam a 40 contos por milha, e a que a mão d'obra tambem é mais acommodada, e têem sido feitos com menos luxo. Assim mesmo grandes tem sido tambem os seus enganos a este respeito. O caminho de ferro de *Saint Germain* foi estimado em 3,900,000 francos, e só o seu alpendre, peristilos, e telheiros em París custaram 8,000,000 francos ou réis 1.280.000$000.

Todos elles em geral, em França, tem sido até agora ruins especulações, com a unica excepção deste mesmo de *Saint Germain*, que tem chegado a dar dividendos annuaes de 20 por cento.

(Continuar-se-ha).

Claudio Adriano da Costa.

UMA IGUARIA GRATUITA.

285 Valha-nos Deos com a aristocracia: desigualdades entre os homens, desigualdades entre os animaes, e até desigualdades entre as plantas — desigualdades em todas as cousas, e até nos vocabulos desigualdades. ¿Quem metterá, por exemplo, em poesia, em eloquencia, ou ainda em papel, que haja de ser lido diante de gente, o nome de *favas*? E mais são as favas tão antigas no mundo, e tão filhas de Deos como os loiros, e as flores dos jardins, — e muito mais do que ellas o do que elles prestadías e amigas da pobreza: como taes, quando mais não fôsse, já d'ellas se-poderia fallar n'uma folha consagrada á utilidade: mas antes que as-ponhamos a servir, bom será que para lhes-evitar alguns desdemzinhos de soberbos, puxemos por suas nobrezas, que não são nobrezas os prestimos, senão os pergaminhos. Sim, senhores, tambem as favas têem a sua historia, e muito mais antiga que a de muitas prosápias; se hoje se-acham plebéas são voltas do mundo, são phantasias da fortuna; já em melhor conta se-viram entre povos bem grandes e bem politicos. Se houvera um conde *D. Pedro* dos legumes, mui para vêr seria no seu nobiliario o capitulo das favas. Diz um auctor, que foram favas o primeiro sustento da nossa especie. *Catão* e *Plinio* referem que as primeiras idades quizeram fazer d'ellas o seu pão. Entre os Egypcios havia-se por fé — que as almas dos finados se-íam metter nas favas; apertado paraizo lhes-concediam! E por isso tanto as acatavam, que as não comiam. De *Pythagoras*, ácerca das favas, que a seus discipulos prohibia, disseram uns, que as antojava, pelas ter na conta de ruins influidoras de ruins desejos; outros que, porque muito lhe-sabiam, como exercicio de temperança se-abstinha d'ellas. Terras ha ainda agora por esse oriente, onde igual abstinencia vai observada: e na costa de *Coremandel* e em *Surrate* lemos — que alguns de seus moradores antes se-deixariam matar do que levar á bôca uma só fava. Nos sacrificios aos deuses infernaes, e para affugentar os mánes espiritos, derramavam favas os romanos. Com favas se-votava em Athenas para a eleição dos magistrados: e ainda agora na Athenas desta nossa Europa, que é *Paris*, vêr o que vai em *dia de Reis*: cortam em tantos pedaços, quantas são

as pessoas da casa e mais convidados á festa, um bolo grande, que lá tem dentro escondido um grão de fava: fervem enrêdos no dividir dos quinhões, porque onde a fava fôr caír, levará para todo esse dia titulo e authoridade de rei ou de rainha; se rainha saíu, novas ambições, que tem ella para eleger o seu consorte; — se é rei, novas brigas de ciumes, que vai escolher d'entre as súbditas uma espoza; e esta rainha, e este rei, e estes vassallos, até bater a fatal meia noite, que destruirá o throno para renascer sob novos possuidores d'ahi a um anno, gosam-se de uma risonha idade de ouro de poucas horas: e este reino feliz com seus monarchas, e estes monarchas ainda mais felizes com o seu povo, tudo isto foi devido á virtude de uma fava.

Já temos pois as favas illustres, apezar de sua vulgaridade, apezar de sua humildade, que nunca á mesa de principes se-veriam, mas sempre por arribanas de hortelões, por quarteis de soldados, gamellas de marinheiros ou refeitorios de penitentes; apezar em fim de não só animaes com ellas se-nutrirem, mas serem em muitas partes despresivel adubo da terra as suas plantas: — nobres são sem embargo de humildes, e ainda que não ociosas, fidalguissimas.

Mas eis-nos aqui, depois de tão laboriosas e fecundas investigações historicas, para darmos decentemente á luz o nome das favas, eis-nos aqui entrados a novas difficuldades para atracar o verdadeiro fim do nosso artigo. Facil e agradavel nos-foi o exaltal-as; mas como escriptor nos-custa o havermos com ellas de descer das altezas historicas ás afumadas profundidades das cosinhas dos pobres: fal-o-hemos entretanto, e sem preambulos, que não requerem portas destas grandes ceremonias para se-abrirem: os opulentos que se-retirem para os seus banquetes e nos não ouçam, e todos assim ficaremos bem.

Sabei pois que ha nas favas dobrado e melhor sustento, do que suppondes. Cozei-lhes os grãos, e lançai-lhes fóra as cascas; — ora recolhei as cascas, — de que já não fazieis conta, e que por isso, como no titulo propuzemos, vos-vem de graça, — cozei-as, refugai a vossa cebola, e guizai-as como vages de feijão: sentai-vos com vossos filhinhos á mesa — tereis dobrada abundancia — e em logar de um, dois pratos, e melhor o segundo que o primeiro. Novidade não é essa, dirá alguem, — á fé que não — mas nem ainda tambem por ella vos-requeremos nós alviçaras; — mas porque muitos ou quasi todos a-desconhecem, e por isso esperdiçam n'este genero ametade de sua fazenda; nem nos-corremos, nem nos-pesa de lhes ensinar tão boa receita. Tambem nós, ainda ha dois dias, a-ignoravamos; por um acaso a-descobrimos entrando a descançar de um largo passeio pelo campo n'uma quasi choupana, onde a sêde nos-attrahira, onde o cheiro de tão saboroso guizado e o cordeal convite da dona da casa para nos d'elle aproveitarmos, nos-determinou a jantar. — Em recompensa da sua hospitalidade, promettemos-lhe a gloria de a fazer figurar n'um artigo de jornal, offerecimento que nos ella agradeceu como boa, sem n'o entender — era tão abençoada aquella choupana que nem ainda jornaes lá tinham chegado! — hoje nos-desempenhamos da nossa palavra, o que ella de certo nunca saberá! Esta mulher chamava-se *Maria*, — merecia o nome, que era boa e amavel, — e tinha as melhores mãos do mundo, assim para cosinhar um guizado, como para o servir, — mas onde a sua choupana fica, eis-ahi o que vos não diremos.

Antonio Feliciano de Castilho.

EXAME PHRENOLOGICO DE *MATTOS LOBO*.

286 Com o fim de completarmos a exposição, que no precedente numero publicámos, ácerca do Justiçado *Francisco de Mattos Lobo*, nos-dirigimos ao illustre Secretario da Eschola Medico-Cirurgica, o Sr. Dr. *José Pereira Mendes*, que juntamente com os Srs. *Pulido e Simas*, havia procedido ao exame phrenologico. Com a deferencia propria do talento, aquelle senhor, prestando-se ao nosso pedido, nos-remetteu a memoria que se-segue.

Com o intento particular de examinar a organisação cerebral de *Francisco de Mattos Lobo*, e procurar nella a verificação dos principios da sciencia phrenologica, foi pedido o cadaver por dois jovens Facultativos portuguezes, os Srs. *Francisco Martins Pulido* e *João José de Simas*, afim de ser transportado á Eschola Medico-Cirurgica de *Lisboa*, aonde devia ter logar o seu exame. O Governo, annuindo a esta pertenção, immediatamente expediu as ordens para este fim. Foi nos dias 17 e 18 do corrente, que se-procedeu ás averiguações convenientes.

Não é este o logar de entrar no desenvolvimento e exame da doutrina phrenologica, nem de averiguar, se são ou não admissiveis todas as suas pertenções, e muito menos de tratar da sua applicação á educação do homem; mas, com quanto se-achem ainda litigiosos varios pontos desta doutrina, existem nella algumas verdades, as quaes são hoje geralmente reconhecidas. Assim não se-duvida hoje, de que os resultados tão variados, que apresentam as propensões e os actos intellectuaes e moraes, são correlativos ás modificações, que existem na organisação do cerebro; é este um ponto, que *Gall* pôz fóra de toda a dúvida. Todos sabem que este celebre Filosofo assignou um determinado numero de faculdades intellectuaes, de sentimentos moraes, e de instinctos ou propensões, marcando a cada uma dellas seu logar correspondente no cerebro, e indicou igualmente os meios de reconhecer na superficie do craneo o maior ou menor desenvolvimento dos orgãos, e por conseguinte a maior ou menor extensão das faculdades a que presidem. Entre os instinctos ou propensões admitte elle o instincto de destruição; e as circumvoluções cerebraes que o-constituem, estão situadas acima do meato auditivo, devendo por este motivo a conformação do craneo apresentar uma modificação correspondente ao desenvolvimento desta parte.

Postos estes principios, restava vêr, se a organisação da cabeça de *Mattos Lobo* offerecia os caracteres proprios dos facinorosos, e que os Phrenologistas, tanto pela observação na especie humana como nos animaes, têem assignado. A cabeça de *Mattos Lobo* apresenta effectivamente os caracteres phrenologicos da *destructividade*. No seu exame procurámos primeiramente reconhecer, qual das tres regiões predominava, se a dos instinctos, sentimentos moraes, ou faculdades intellectuaes. Para este fim empregámos o methodo prescripto por *Broussais* no seu curso de Phrenologia; traçámos com a possivel exactidão no craneo as tres linhas sobre todos os pontos por elle especificados, e logo foi facil conhecer, que a parte dos instinctos ou propensões era a predominante, notando-se serem comparativamente muito mais diminutas as duas outras secções, correspondentes ás faculdades intellectuaes e moraes; donde se-vê, que a intelligencia e as mais bellas faculdades do homem, deviam ter neste individuo pequeno desenvolvimento, o que é confirmado pelo que mostrou a observação durante a vida, em referencia aos resultados de seus trabalhos intellectuaes. Depois de nos-termos certificado de semelhante disposição, procurámos verifical-a por outro methodo, indicado pelo mesmo *Broussais* como contra-prova do primeiro, servindo-nos para isso dos seus tres semi-circulos, e então se-viu, que o semi-circulo correspondente aos instinctos apresentava

uma dimensão quasi dupla de cada um dos outros dois que respeitavam ás faculdades intellectuaes e moraes. Procurando depois apreciar os instinctos, que naquella região mais prevaleciam, reconhecemos um grande desenvolvimento nos orgãos da *destructividade* e da *amatividade*, conjunctamente com uma grande depressão na região superior da cabeça, na parte correspondente ao sentimento moral da *bondade*.

Não nos-limitámos porém aos methodos de *Broussais*; recorremos igualmente aos processos recommendados pelos Phrenologistas inglezes, *Cox*, e *George Combe*, para a appreciação da parte cerebral. Pelo methodo de *Cox* reconhecemos uma consideravel projecção formada pelas circumvoluções cerebraes, pertencentes aos instinctos, e particularmente ao da *destructividade*, cujo resultado foi novamente corroborado pelo methodo das linhas, que emprega *George Combe*, de que igualmente nós nos-servimos. Finalmente procedemos a observações comparativas com os diversos craneos, que tinhamos presentes, e em nenhum achámos proeminencias tão pronunciadas, nem dimensões tão notaveis, relativas á determinação dos mencionados instinctos.

Taes são os factos, que o exame mais obvio da cabeça de *Mattos Lobo* offereceu. Como a resolução dos problemas phrenologicos só possa fazer-se na actualidade da sciencia, por factos e inducções, e não por meio de raciocinios *á priori*, a presente observação contém grande interesse, que muito augmentará com o conhecimento mais detalhado da vida e costumes deste individuo. *Dr. José Pereira Mendes.*

GAS LUCIFERO.

287 No artigo 259 falámos da importantissima descoberta de uma composição que produz uma luz magnifica, e sobreleva ao azeite por numerosas vantagens que ali expozémos. Impacientes de ver espalhar-se sem demora este melhoramento de um artigo de primeira e geral necessidade, escrevemos ao seu habil introductor e aperfeiçoador, o Sr. *Carlos Gomes Barreto*, 65, *rua do Loureto*, para que nos-informasse dos obstaculos que se-oppunham a que o público se-utilisasse do resultado de seus trabalhos.

Damos em seguida a sua resposta, e sollicitamos das competentes authoridades que apressem os tramites por que tem de correr a concessão do pedido privilegio. Não se-pode exigir do Sr. *Barreto*, ou da sociedade que elle tenciona organisar para este fim, que divulguem o seu segredo antes de se-lhes-afiançar o privilegio, ou que entrem em avultadas despezas indispensaveis, sem certeza de que não serão perdidas.

Por esta occasião, confirmando quanto sobre o *gas lucifero* escrevemos no citado artigo, diremos que os novos trabalhos e experiencias tem já diminuido os ténues defeitos que na luz se-notavam; por exemplo, a luz, perfeitamente fixa, é hoje clara, brilhante, e não amarellada e tristonha, como nos primeiros dias da exposição.

Sr. Redactor da Revista Universal.

288 Sou summamente grato á obsequiosa attenção que lhe-tenho merecido, e nenhuma recompensa de desvelado zelo me-poderia ser mais lisonjeira do que a opinião de juizes taes.

Respondendo á carta que V. V. se-dignam dirigir-me, direi que o motivo unico da demora, tanto na manipulação como na exposição do *gas lucifero* é o achar-se ainda pendente a adjudicação do privilegio de introducção e melhoramento, que peço e espero alcançar.

O que V. V. expenderam no seu artigo 259 é da mais escrupulosa exactidão, e todas as vantagens que mencionam são incontestaveis. Innumeraveis pessoas visitaram o meu estabelecimento, e notaram que o *lucifero* dava uma luz brilhante, e fixa, que era inodoro, não produzia fumo, circumstancias ás quaes se-junta a da economia.

Pessoa intelligente, tendo procedido a minuciosas experiencias, achou que um tubo de *lucifero*, de 9 orificios, dá tanta luz como 25 velas de sebo, ao passo que o consumo do *gas* não ultrapassa 12 a 14 oitavas por hora, sendo o seu preço inferior ao do azeite, ainda que este podesse no mesmo tempo consumir quantidade igual e dar a mesma claridade, o que não é.

Reservo-me para, dentro em pouco, quando houver obtido o privilegio, descrever todas as vantagens do novo invento, e mostrar com exactidão mathematica a superioridade do *lucifero*, comparado com cadauma das substancias de que habitualmente nos-serviamos, e a sua applicação a todos os usos públicos e domesticos, desde o elegante lustre e candieiro de salla até á humilde lamparina.

Sirva o que acabo de expôr de satisfação, pelo que toca ás encommendas sem número que ainda não tenho podido executar, o que farei assim que o-permittirem os tramites legaes de que me-occupo.

Renovando os protestos do meu reconhecimento etc.

Lisboa, 27 de Abril de 1842.

Carlos Gomes Barreto.

ESPINGARDAS DE PERCUSSÃO.

289 Recebemos uma reivindicação do Sr. *Barão de Monte Pedral* ácerca do que a redacção prepuzera ao artigo n.° 258 — *sobre espingardas de percussão do Sr. Monteiro.* — Por essa occasião elogiavamos um *notavel officio* do Sr. *Barão*, — elogio que repetimos e confirmamos.

Igualmente diziamos então — que a memoria do Sr. *Barreiros* sobre o mesmo assumpto, *por culpa nossa*, não víra a *luz publica* antes do *officio do Sr. Barão*; não se póde de similhante asserção, nem por sombras, concluir, que houvesse em nosso conceito entre os dois escriptos comparação, usurpação, ou superioridade.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

CABO VERDE.

1.° de Maio de 1460.

290 Grande deveu de ser o alvoroço d'aquelles bons servos do immortal *Infante D. Henrique*, quando nas suas explorações da *Costa d'Africa*, amarando-se para o poente de *Cabo Verde* — *no dia de Maio* — avistaram terras bordadas de mui espessa e formo-

sa verdura, que certo, grandes saudades lhes-devêra avivar, dos prados e campinas do seu Portugal, que n'esse dia, seriam despojados de muita parte das gallas, e louçainhas da primavera — para adorno e brinquedo de seus moradores, como em tal dia pede a usança. Eram as terras de que fallámos, as tres primeiras Ilhas de Cabo Verde. — Para perpetua memoria do dia de seu descobrimento, lhes pôz *Antonio de Nolle*, Commandante das Caravellas — por nome — a 1.ª de *Maio* — a 2.ª de *S. Filippe* — e a ultima de *Santlágo*. — Logo depois descobriram os enviados do *Infante D. Fernando*, as demais que hoje compoem o Archipelago de Cabo Verde. — Todas estas Ilhas são fertilissimas, e mui azadas para as producções que de fóra lhes vão. Todavia parece que pouca differença fazem ainda hoje, do tempo que as descobrímos, ha 400 annos! É dever porém declarar, que durante o Ministerio do Sr. *Visconde de Sá da Bandeira*, foi esta rica porção das nossas Colonias grandemente favorecida e melhorada: — mormente com a concessão de terrenos baldios para agricultarar que a varios Negociantes desta Côrte se fez.

Nos fins do anno passado publicou-se uma obra, muito de agradecer, feito pelos Srs. *José Conrado Carlos de Chelminski* — e *Francisco Adolpho de Varnhagen*, onde miudamente se-descreve o estado d'aquella Provincia, e bem assim de Guiné — e os melhoramentos de que são susceptiveis com grande proveito e lucros. Recommendamo-la a quem o conhecimento d'aquellas partes interessar, e esperamos vêl-o continuado, pois que só conhecemos o 1.º tomo: e se intitula — *Corographia Cabo-Verdiana*, — ou *Descripção Geographico-Historica da Provincia das Ilhas de Cabo Verde e Guiné*. — *Lisboa* 1841.

Confiamos tambem muito no desvelo com que a *Associação Maritima e Colonial* de *Lisboa* cura das nossas Possessões do Ultramar. *A. da Sylva Tullio.*

(Continuação de pag. 318)

291 FUNDAÇÃO DE COIMBRA.

A Collimbriga, honrada então de Entenas
Passou (1), *Condeixa a velha* hoje chamada,
Cuja ruina de mui doutas pennas
É, quanto veneranda, accreditada:
De sua nobre cinza, ó Lusa Athenas,
Foste muito depois edificada;
Porque não mui distante donde Athaces
Sua pompa abrasou, Fenis renasce.
Viriato Tragico. — Canto 5.º

A historia da *fundação de Coimbra* está involvida em tão densa nuvem de obscuridades, que não é menos difficil assignar a epocha de seu politico nascimento, que o determinar um nome indisputavel ao fundador (2). — Em uma só cousa concorda a maior parte dos Historiadores (3), a saber: que *Athaces*, rei dos Alanos, depois de ter arrasado Collimbriga (4), hoje *Condeixa a velha*, fizera trasladar as reliquias do que por ventura não podéra aniquillar para junto do Mondego, e com ellas ahi construira uma nova cidade, *Coimbra*, onde, como capital dos seus dominios, fixou a séde da Côrte. — Convidou-o á edificação o alteroso do logar, apto para fortificações, que então eram as chaves da guerra, a bondade do clima, a fertilidade do terreno, e sobre tudo a amenidade dos campos do placido Mondego. — Existia porém n'este logar, antes que o rei Alano o-escolhesse e accommodasse para morada, alguma povoação memoravel? ou florestas povoavam a colina, que depois corearam palacios? Estava o sitio virgem, ou alguma raça d'homens o investigára? Não ha para dize-lo ao certo. Alguem crê, que antes d'*Athaces* edificar *Coimbra*, *Hercules* lhe-puzera os fundamentos, e munira de torres. — *Mariz*, *Botelho*, e *Gasco* o-asseveram; e o A. da Ulysséa seguiu a velha tradição, quando, cantando a guerra que soffrera *Ulysses* ao edificar *Lisboa*, nos-diz:

Traz Gorgoris comsigo a Valinferno,
Grão Capitão de muita gente armada,
Que tem o famosissimo governo
Da *Cidade por Hercules* fundada:
Onde o *Mondego* com licor eterno
Os fortes muros beija, e a dourada
Margem regando com saudosa vêa,
Cerca de cristal puro ilhas de arêa. (5)

Um documento venerando parece tambem provar, que a desmantelada *Collimbria*, e a nova *Coimbra* figuraram ao mesmo tempo, regidas por differentes Bispos (6). *R. de Gusmão.*

---

(1) *A dignidade episcopal.*

(2) *Pedro de Mariz*, levado por ventura do amor de natural, para sublimar a sua patria com um fundador *antigo e de larga nomeada*, remonta aos tempos fabulosos de nossa historia, e apresenta Hercules presidindo á fundação de Coimbra. — *D. de varia H. cap.* 1.º — *Fonseca* affirma que *os seus Eborenses* a-edificaram. — *Evora Gloriosa*, 1.ª Parte, §. 15. — *Botelho* assigna-lhe por fundadores os povos Collimbrios, que vieram em companhia dos Turdulos, Gallos, e Andaluzes, 308 annos antes de Christo. — *Hist. breve de Coimbra.* — Cordeiro, no seu Diccionario Geografico, tambem segue esta opinião. — *Leitão d'Andrade* refere ainda outra origem. *Miscel. Dial.* 15. — Veja-se tambem Rodrigo Mendes Silva, *Poblacion General de España*, pag. 118; *Histoire Générale de Portugal* par Mr. Lequien de la Neufville — Tom. I. pag. 31; et cœt.

(3) Mariz, Gasco, *Ant. de Coimbra*, Botelho, D. Fr. Amador Arraes, Dial. 4.º, cap. 5.º — Duarte Nunes de Lião, Descr. de Port., cap. 4.º — Castro, Mappa de Port. Tom. 2.º, cap. 4.º

(4) Era esta *Collimbria* uma das mais fortes, e inexpugnaveis cidades, e praça de armas na Lusitania; e bem o-justificam ainda hoje seus fortissimos muros, e vestigios de Castellos, que defendiam os canos de agua, que vinham de Alcabedeque; e junto ao penhasco deste rio, ainda hoje (o Autor escreve em 1733) está uma torre, que era onde estava a guarda, para que os inimigos não rompessem os aqueductos, e junto aonde foi a Cidade, se-vê outra torre, que defendia os navios, que lançavam fundo, e ancoravam junto á Fortaleza, e as mais embarcações se-amarraram ás argolas do Castello. =

Historia Breve de Coimbra pelo Licenciado Bernardo de Brito, pag. 3.

Antonio Coelho Gasco, *Conquista, antiguidade, e nobreza da mui insigne e inclita cidade de Coimbra*, cap. 3.º pag. 21, Arraes, e Leitão d'Andrada, transcrevem algumas inscripções notaveis encontradas entre as ruinas desta famosa cidade.

(5) Canto 8.º, Estancia 57.

(6) Este documento é o 8.º Concilio Toledano, a que assistiram *Celidonius Collibriensis*, ou *Calibriensis episcopus*, e *Sisebertus Conimbricensis episcopus*. André de Resende julga ser o primeiro, bispo de *Condeixa a Velha*, e o segundo

292 ESTATISTICA DOS ESTUDANTES NAS DIVERSAS UNIVERSIDADES D'ALLEMANHA NO 1.º SEMESTRE DE 1841.

	Theologia	Direito	Medicina	Philosophia	Total.
Berlim......	363	514	408	393	1,678
Bonn........	176	198	106	114	594
Breslau......	290	196	125	100	631
Erlangen.....	145	86	57	23	311
Friburgo.....	95	100	94	12	301
Giessen......	407	«	«	«	407
Gottinga.....	167	268	195	74	704
Halle.......	420	90	110	62	682
Heidelberg...	20	373	140	22	614
Jena........	134	157	78	91	460
Koenisberg...	114	81	78	117	390
Leipsick.....	254	366	221	94	935
Marburgo....	67	110	41	13	285
Munich......	190	392	140	462	1,371
Tubingen....	208	104	120	182	739
Wurtzburgo..	182	107	95	60	444
Greuipsnald..	57	52	49	31	189
	3,050	3,035	1,914	1,759	10,734

Vê-se por este pequeno mappa, que as duas Universidades mais importantes, e mais frequentadas de toda a Allemanha, são as de Berlim e Munich: isto mesmo se-prova pelo grande numero de obras publicadas todos os annos n'estas duas cidades, pela grande reputação dos jornaes e mais obras que ahi apparecem, e pelo avultado numero de sociedades scientificas e litterarias. Segue-se depois Leipsick, mercado vastissimo para o commercio de livros; depois Tubingen, e Gottinga, que tanto decaíu com a demissão de sete de seus mais celebres professores. Halle, Breslau, Heidelberg, e Bonn, são ainda Universidades de 1.ª ordem. Vem depois em 2.ª linha Jena, Wurtzburgo, Giessen, Koenigsberg, Erlangen, Friburgo, e Marburgo, e em ultima Greipwald, nas margens do Baltico. Em Munich é que a Philosophia tem maior numero de alumnos; em Berlim, Heidelberg, Gottinga e Leipsick a Jurisprudencia; em Berlim, Leipsick e Gottinga a Medicina; em Halle, Breslau, Tubingen, Jena e Erlangen a Theologia. Tão grande é o numero dos estudantes, que todos os annos sahem das Universidades, que pela maior parte ficam sem emprego por muitos tempos! Daqui procede que progressivamente se-diminue a concorrencia para os estudos superiores; e se-augmenta consideravelmente o numero dos que se-dedicam aos conhecimentos especiaes das artes, e dos diversos ramos da industria. Assim se-vão limitando na Allemanha as sciencias a uma pequena classe de individuos: em quanto a instrucção geral é prompta e facilmente ministrada nas Escólas primarias, e secundarias a todas as classes da sociedade. — Não levantaremos mão desta materia, sem reconhecermos o bom acerto nesta distribuição dos estudos, e ensino público. Que fará o nosso pobre, e pequeno Portugal de tantos Mathematicos: de tantos Naturalistas; de tantos Medicos; de tantos Jurisconsultos, e desse sem numero de Cirurgiões, e Medico-Cirurgiões, de que se-vai enchendo prodigiosamente? Como, e de que haverão elles os meios de decencia, e do publico apparato, que seu estado, e profissão já se-lhes-afigura estar por força requerendo? Além desta desproporção, que é grande mal para tão pequeno paiz; as artes, e a industria levam nella grande perda, e ahi terão sua morte, se lhes-atura a falta de talentos, e d'ensino.

Alexandre Magno de Castilho.

da nossa *Coimbra.* — Mariz, *Dial.* cap. 2.º Nicoláo de San ta Maria, *Chronica dos Conegos de Santo Agostinho*, Liv. 5.º, cap. 5.º — O Beneficiado Francisco Leitão Ferreira, protestando respeito á opinião de tão douto antiquario, mostra no seu *Catalogo Chronologico-Critico dos Bispos de Coimbra*, que não é segura esta opinião, expondo argumentos de bastante peso, em nosso entender.

DA ULTIMA OBRA DO SR. SILVESTRE PINHEIRO.

293 Em o nosso n.º 19 do corrente anno, se-deu noticia d'um *Projecto d'associação para o melhoramento da sorte das classes industriaes*, — do nosso illustre compatriota, o Sr. Silvestre Pinheiro Ferreira, um dos principaes escriptores philosophos, no conceito mesmo dos estrangeiros, como ali se-disse então. — Nós o-conceitoamos um dos poucos, senão o unico, que tem abrangido, em um systema completo, todos os ramos d'uma *organisação social*, capaz de satisfazer plenamente a todas as exigencias do *Pacto social*, comprehendido tão philosophicamente em todas as suas partes, como elle teve a fortuna (rara por certo) de o-contemplar; fructo de 40 annos de estudos, e meditações, bem profundas, sobre a sorte da humanidade, sobre as causas de seus males, e sobre os meios de prover de remedio a tudo systematicamente. — Até aqui sua voz parece clamar no deserto, mesmo para nós: mas, como é portuguez, não admira tanto; porque — *do nosso natural nada nos-parece bem!* Os mystificadores, *conservadores* por interesse, e por commodo de sua mediania, preferem, como Arão, a adoração do *Bezerro*, emquanto acharem no povo o ouro, que possa converter-se em seus idolos. Oh! se Deos lhe-armara o braço, terrivel, como o de Moisés! — Não: sua missão é pacifica, augusta, é o *Messias da razão, da philosophia, e da Ordem social.* — Por um sublime esforço de seu saber, e philanthropia destacou do seu systema geral, o novo *Projecto*, acima indicado, em que, sem dependencia dos *Poderes do Estado*, organisou os Gremios das profissões dos productores, por tal modo, que parecem satisfazer conveniente, e completamente a todas as necessidades do consumo dos mesmos agentes da producção, proporcionando trabalho a todos os braços, e emprego productivo a todos os capitaes accumulados, tanto materiaes, como intellectuaes. — Talvez só elle seria capaz de pôr em andamento, de dar o primeiro impulso a este seu mechanismo. — Seria para desejar, que elle fosse convidado, com o mais efficaz empenho, a fazer este sacrificio (se o-é para elle, e não grande gosto, e gloria). — Sentimos, e comnosco muitas pessoas, que se não ache á venda este folheto, para poder por todos ser estudado, e devidamente apreciado, afim de se-identificarem os animos dos leitores com o espirito, que o-dictou.

Parece-nos muito mais facil o ensaio d'este Projecto n'alguma das nossas ilhas adjacentes. Que fortuna para seus habitantes! — Appareça o primeiro exemplo pratico, que a rotina o- seguirá. *J. L. A. Frazão.*

SCIENCIAS NATURAES EM PORTUGAL. — UMA GRUTA SINGULAR

294 Custa a acreditar, que sendo o estudo das Sciencias Naturaes tão interessante e aprazivel, tão desprezado tenha andado até estes ultimos tempos: mas para isso muito concorreu de certo, além d'outras causas, o serem ensinadas quasi exclusivamente na Universidade de Coimbra. D'aqui provêm a mingua de collecções, e d'obras que sobre taes assumptos possuimos, e por conseguinte a deficiencia de linguagem technica, a ponto de muitissimas vezes se-tornar difficillima a traducção d'escriptos que versam sobre alguns d'aquelles ramos, mormente sobre Mineralogia, Geologia, e Metallurgia.

Não é desconhecida a grande vantagem que do estudo d'estes ultimos ramos nos-pode vir; o conhecimento da natureza do sólo que habitamos, e das riquezas mineraes, de que abunda, não só pode prestar serviços á agricultura, mas tambem á mineração, e outras industrias: á agricultura, ensinando as qualidades e propriedades dos diversos terrenos, e por consequencia as culturas que n'elles convirá mais fazer, e bem assim fornecendo-lhe adubos em abundancia, etc.; á mineração, para a exploração das minas de metaes, e outros productos mineralogicos, em que, segundo as relações de *Vandelli*, e de varios outros, parece não ser escaço o nosso *Portugal*, o que demais é comprovado pelos documentos que ainda restam, e que põem fóra de duvida, que no tempo dos Romanos, e dos nossos antigos Reis, a mineração em *Portugal* não se-achava entregue ao abandono como actualmente, e pelo contrario muito concorria para a riqueza d'aquelles antigos tempos, antes do ouro e preciosidades das conquistas e colonias virem empobrecer a mãi-patria: ainda a tudo isto accrescentaremos as incalculaveis vantagens de se-adquirirem os dados necessarios para se-effeituar com fructo a abertura dos poços artesianos.

Infelizmente é sobre taes assumptos, que menos se-ha escripto em portuguez; pois que além das *Taboas Mineralogicas de Barjona*, da traducção da *Mineralogia de Bergmann* por Fr. *José Marianno Velloso*, apenas encontramos algumas Memorias de *Monteiro*, *José Bonifacio d'Andrade*, *Vandelli*, *Barão d'Eschwege*, e alguns poucos mais, faltando inteiramente obras que formem um corpo de doutrina sobre aquellas materias; pois taes não se-podem considerar as de *Barjona*, e muito menos a traducção de *Velloso*. Por conseguinte muito conviria que se-fizessem traducções d'algumas das obras mais acreditadas sobre Mineralogia, Geologia, e Metallurgia; ou melhor ainda, compilações das obras dos authores de melhor nota sobre cada um d'estes ramos; porque d'esta forma se-reuniriam os differentes termos technicos, que por ventura temos sobre estas materias, que não são muitos, e se-creariam outros novos, mas moldados por cunho portuguez; á vista dos rapidos progressos, que n'estes ultimos annos aquellas sciencias têem feito, se-torna d'extrema necessidade a sua creação.

Poderemos com tudo nutrir a lisongeira esperança de que em pouco tempo começará a generalisar-se o estudo das Sciencias Naturaes; pois que segundo as ultimas reformas, não só se-poderão estudar em Lisboa, Porto, e Coimbra, onde existem cadeiras destinadas ao ensino de cada um dos ramos, em que se-acham divididas; mas até em todas as capitaes dos Districtos Administrativos, quando os projectados Lyceus se-acharem organisados, e providas as cadeiras de — *Principios de Physica, Chimica, e Mechanica,* — e a de — *Principios de Historia Natural dos tres Reinos* — donde muito proveito tirará a agricultura nas Provincias.

Quantas riquezas, e maravilhas da natureza em Portugal não serão ignoradas, quando em resultado das poucas indagações, que se-tem feito, tantas maravilhas e riquezas se-hão encontrado? O que pássamos a referir é uma d'essas maravilhas que até aqui jaziam encobertas, e que, se não pode ser considerada como outra gruta d'Antiparos, pelo menos o-deve ser como uma miniatura d'esse brinco da natureza, que tanta celebridade dá a uma das mais insignificantes ilhas das chamadas Cyclades.

« Na quinta denominada do *Minhoto*, a tres legoas « de Lisboa, na estrada que vai da Tala para Malha- « pão, e perto de Melessas, ha uma gruta com gran- « de numero d'estalactites, dividida por elles em tres « pequenas salas, cada uma das quaes tem uma com- « municação exterior, e todas uma interior, que pas- « sa pelo fundo; a do meio tem uma pequena escada « que vai para o pavimento superior, e mais uma cla- « raboia. A communicação exterior, ou entrada para « cada uma das salas, deita para uma varanda ou pe- « queno terrasso, sobranceiro a um lago, pois que tu- « do fica no meio d'um jardim. A quinta mostra-se a « qualquer pessoa, sem nenhuma difficuldade. «

Tal é a resumida noticia que nos-foi dada por pessoa que visitou esta gruta, e que fielmente transmittimos ao publico, tal qual nos-foi communicada, por serem objectos taes, que só podem ser descriptos por quem os-examina, convidando desde já as pessoas da visinhança a nos-darem mais circumstanciadas noticias sobre este interessante assumpto. *A. J. de Sousa.*

NOTICIAS.

HOLLANDA.

295 O Governo contrahíu um emprestimo de 7 milhões. O Principe Alexandre vai casar com a Princesa Clementina d'Orleans.

HAMBURGO.

296 No dia 9 do corrente chegou a *Cuxhaven* e Escuna Portugueza — *Alliança* — vinda da Madeira. E é o primeiro navio d'esta bandeira, que no porto entrou este anno.

INGLATERRA.

297 Peel soffreu a 11 uma pequena derrota, nos Communs, por occasião de uma petição contra a contribuição sobre as rendas.

O nosso Correspondente particular de Londres; — annuncia-nos que entre os *tropheos* que os Inglezes trouxeram da China, admira-se um *Extracto* de 450 volumes, d'uma Encyclopedia de 6000 volumes! Bem mostra ser coisa do *imperio Celeste.*

FRANÇA.

298 Varias folhas se-queixam da Inglaterra, por se-terem encontrado em poder dos Arabes d'Argel,

caixas d'armas e munições Inglezas — Continuam as conferencias Ministeriaes e Diplomaticas nas Tulherias. A Camara dos Deputados discute um projecto de modificação d'alguns artigos do Codigo Criminal. Falla-se n'uma amnistia para o dia do nome do Rei.

HESPANHA.

299 Artigos importantes do *Morning Post*, e da *Gazetta d'Augsburgo* sobre o casamento da Rainha, tem dado lugar em todas as Folhas Hespanholas a uma polémica mui animada, cujo termo não é dado prever: Os pretensores são: — Um Principe de Baviera — O Duque d'Aumale — Um Archiduque d'Austria — O Duque de Cambridge — Um filho do Infante D. Francisco de Paula.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

300 *Diario do Governo de* 21 *de Abril*. — Relação dos dias que serão de gala. — Sobre os Juizes de Direito que se-ausentam das Comarcas.

De 22 *Abril*. — Começa a 4 Maio o pagamento dos juros das inscripções de 5 por cento vencidos no segundo semestre de 1841.

De 23 *Abril*. — Lucto de 8 dias pela morte do G. Duque de Schwerin. — Transferencia do Sr. *J. J. d'Almeida Moura Coutinho* da Relação dos *Açores* para a de *Lisboa*. — Methodo que deve seguir-se na arrecadação dos juros dos capitaes mutuados pelas extinctas corporações religiosas. — Discripção do baptismo do Duque de Beja.

De 25 *Abril*. — Felicitação da Universidade pelo nascimento do Infante. — Quando os importadores de vinhos do Reino declararem que o vinho que pertendem recolher nos seus armazens de retem é para reexportação, não se-lhes-exigirá os 100 reis de differença de direito de consumo, debaixo de certas condições.

De 26 *Abril*. — Postura da Camara sobre vendas a retalho feitas por nacionaes ou estrangeiros. — (Na parte não official. — Considerações sobre o commercio dos vinhos do Douro, e modo de o melhorar.)

De 27 *Abril*. — Beija-mão para o dia 29. — Juiz de Direito de *Mangualde* o Sr. *Antonio José de Moraes Pimentel*. — Abre-se por 40 dias o concurso ás duas Empresas do Theatro Nacional Normal de Lisboa, e de S. João do Porto, mediante certas condições. — Sobre distribuição e adjudicação dos premios dramaticos.

UMA ERRATA IMPORTANTE.

301 No nosso artigo — *os tres ultimos dias de um sentenciado* — escapou em alguns exemplares, além de outros erros typographicos de menos monta, taes como, na pag. 348, col. 1.ª, lin. 3.ª — *quadrada* — em vez de — *gradada* — o seguinte, que importa rectificar. — A pag. 351, col. 2.ª, lin. 30, onde se lê — ...... *orgãos — o do homicidio ou destructividade, segundo a linguagem da arte, sobreleva a todos os outros*. — Lêa-se — ...... *orgãos — o do amor physico, e o do homicidio, ou destructividade, segundo a liguagem da arte, sobrelevam etc.* — Esta emenda é indispensavel para intelligencia da nota 10.ª, que sem ella ficaria sem sentido.

A ROSA D'OURO.

302 No dia 24 do corrente teve logar, com grande solemnidade, no Paço das Necessidades, a apresentação da *Rosa d'Ouro*, remettida por Sua Santidade á nossa Rainha, com um Breve onde se-lê que « esta flôr representa Jesus Christo e Sua Mãi, que « á maneira de rosa enche o ceo e a terra do cheiro « de angelica suavidade, para que tal Rosa seja para « estes Reinos precursora de toda a prosperidade, e « que nelles floreça e se-estenda a Religião. » Toda a Corte esteve presente a esta ceremonia que ha mais de tres seculos se não tinha repetido, e o Delegado do Summo Pontifice deve ter ficado satisfeito pelo acolhimento que lhe foi feito. A *Rosa d'Ouro* será collocada no Altar-mór da Real Capella, nos dias de grande solemnidade.

O POVO AINDA TEM FÉ, E MORAL.

303 A religião é o primeiro vinculo, que liga os homens entre si, é o unico fundamento solido, e estavel da sociedade, é a fonte de todas as virtudes reaes: cabe logo a um jornal, como a Revista Universal, que só olha para o bem publico da nação, o dar publicidade a um facto, que bem prova, que este povo ainda conserva os sentimentos religiosos, a piedade, a devoção; que é ainda bem inclinado para a santidade, e boa moral da religião christã, e que só lhe-falta quem o-instrua, e doutrine — faltam pastores, e mestres com a devida sciencia, e missão, que o seu ministerio requer. Este povo portuguez no meio dos conflitos, e desmanchos da triste epocha, que vai passando, em geral o-podemos affirmar, não tem perdido a fé, e a moral, antes parece n'ella mais firme, e aferrado: e se um, ou outro caso apparece do contagio da pseudo *philosophia*, e de immoralidade, não é prova de que vá esfriando a religião, mas sim da falta de doutrina, e do repetido ensino, que é mister para persuadir, e fundamentar as virtudes em almas rudes, e corações duros. Exemplos d'esta boa inclinação temos nós todos os dias, em todas as classes, e em quasi todos os individuos: todos acodem ao brado dos seus pastores, e a ouvir suas praticas. O facto, que nos-suggerio estas considerações, bem o-está mostrando. Corria o Bispo de Bragança algumas terras do Bispado de Leiria visitando as freguezias, e chrismando n'ellas os fieis, que para esse fim concorriam de varias partes: como se-ia espalhando a noticia do quando, e aonde havia de chegar, era tão grande o concurso, que acudia, enchendo as estradas, e as ruas que fazia lembrar as antigas romarias, e peregrinações. Não tinha o bom prelado descanço: por onde caminhava ahi começava a carregar uma multidão infinita. Foi particularmente na freguezia de Nossa Senhora dos Milagres, que todos se-viram pasmados á vista do grandissimo numero dos concurrentes, vindo uns para serem confirmados na fé por meio do Sacramento da chrisma, que pediam com edificante piedade, e grande desejo; outros para verem, e ouvirem o seu pastor, e todos tão cheios de santa alegria, que lhes-tresbordava pelos rostos, e pelos olhos em lagrimas de consolação. Não houve ahi mãos a medir: todos os dias chegavam, e de muito longe por caminhos agros, e detençosos, cortados de frio, e de fadiga, um sem numero de pessoas de todas as idades e condições: apinhavam-se á porta do templo, que com ser largo, e magestoso, estava sempre cheio: em fim foi coisa nunca vista, e que não se-pode explicar. — Daqui bem se-está conhecendo a necessidade de acudir a um povo tão bem disposto para ser doutrinado. Estas impressões religiosas são, e dizem mais, do que muitos philosophos e politicos julgam; e valem na formação dos costumes, e na civilisação em geral infinitamente mais que os seus discursos, e theorias. Nós esperamos, que, tiradas certas difficuldades sem quebra da dignidade nacional, o governo desembaraçadamente fará repetir estas visitações tão importantes para a criação moral dos povos, por todos os logares do reino, e muito confiamos no bom resultado.

Felix Baptista Pereira

CARRAPATOS.

304 Do *Constitucional* trasladamos o seguinte. — Na maré da tarde de sexta feira appareceu na borda d'agua, em Belem, uma grande porção de carrapatos (dos de que se-extrahe o oleo de mamona) e andando umas poucas de creanças pequenas pela dita praia, começaram a apanha-los, e a comer, e logo passaram a dar novas a uma immensidade de creanças (filhos dos varinos, ou ilhavos) que logo vieram ao reclamo, e apanhanharam, e começaram a comer, do que resultou acharem-se inda hoje 16 de cama com grandes agonias, vomitos e desenteria, receando-se-lhes a morte em consequencia dos pais pela maior parte serem pobres.

INCRIVEL ATROCIDADE.

305 Nos arrabaldes da villa da Covilhã vivia um moleiro, chamado Antonio Corrêa, com sua mulher e tres filhinhos, sendo o mais velho apenas de cinco annos. A infeliz, e santa mulher, que esta era a reputação, de que sempre gozou em sua penitente e trabalhada vida, não só acudia com o desvelo de mãi ao trato, e educação de seus innocentes filhinhos, no governo, e lida de sua casa; mas ainda ao pesado trafegar, e a quasi todo trabalho do moinho; que não havia de portas a dentro quem desse alguma ajuda a tão aturada e laboriosa vida, que a infeliz levava com toda a paciencia e fortaleza; senão que o proprio marido a isso se-recusava fugindo ao trabalho, e lançando tudo por assinte e perversidade d'alma ás costas da mulher, como quem a-desejava ver morta com tanto trabalhar: mas parecia que a mão de Deos a-confortava dobrando-lhe os animos, e as forças para que a tudo chegassem, e não desfalecessem com tão consumidora lida, em que noite e dia se-afadigava sem descanço. Sentia o malvado não lograr já o seu intento: tardava-lhe o ver morta sua companheira; e em redor os illudidos meninos abraçados com um cadaver em vez de mãi, beijando-o ainda entre os acostumados requebros e respirando o vapor da morte, e da corrupção, em vez do bafo materno, que lhes-déra vida. Pôde o monstro conceber plano tão perverso, para que não ha instincto brutal, nem atroz que seja bastante — e para mais ainda tem coração o feroz bruto — vai pratical-o! Entra de noite em casa; cerra a porta: toma a tranca, arremette contra a virtuosa mulher, que ainda velava, ainda trabalhava lavando a pobre louça, em que concertára; e repartira a cêa dos filhinhos, descarrega-lhe sobre a cabeça terriveis golpes, com que a-mata barbara, e cruelmente: toma-a depois pelos cabellos, e arrastando-a pelo chão, a-conduz até á alcova: lança o corpo na cama, e junto delle põe os filhos, ameaçando de iguaes tormentos o mais velho, para que diga, quando seja inquerido, que tudo procedêra d'uma queda. — Como os-sente dormidos, abala d'alli, torna a serrar a porta, larga a casa, e como féra se-lança a monte. Era já alto dia, e não se-sentia no moinho o trabalho do costume: assustam-se os visinhos, aproximam-se delle, e ouvem os chores das innocentes creaturas, que debalde bradam por sua mãi; levam d'encontro a porta, e entram em casa — enchem-se de horror á vista do lastimoso espectaculo: dão parte á Justiça, que logo vem tomar fé, e conhecer do delicto. É interrogado o mais velho dos meninos; e dá miuda conta de tudo que passou naquella noite; de como o scelerado monstro matára sua mulher, a-levara para a alcova, que era casa assobradada, a-mettera na cama, e em redor fizera deitar, e adormecera os tres filhinhos. — Na vistoria em que a justiça procedeu, se-conheceu, que estava gravida; é chamado facultativo, e extrahe uma menina de cinco mezes. — Quem poderá descrever o horror de tamanha atrocidade? Faltam por certo as expressões, e as negras côres, com que possa ser representado; porque taes attentados, e tão repetidos, como os-estamos vendo enlutar de continuo as paginas dos nossos jornaes, passam muito além do alcance da comprehensão, do coração, e da imaginativa humana. Não nos-faltarão, se nos Deos ajudar, as forças para clamar, e clamar muito alto contra a immoralidade, e falta d'instrucção religiosa, que por ahi vai. Pregue-se por toda a parte o Evangelho, ensine-se a doutrina christã a moços e velhos, que aprendam uns, e não a-esqueçam outros: ministre-se a instrucção necessaria ao clero, e não se-commetta a educação, o pasto espiritual dos povos a quem não tem nem sciencia, nem espirito; a esses leigos dos extinctos conventos, a esses idiotas, que se-vão ordenando contra os canones da Igreja: estes e outros que taes, que por nossa desgraça não nos-faltam por todo o reino, não são os que podem desempenhar tão alta, e tão necessaria missão. O mal é grande e requer outros medicos, e outros remedios.

PAPEL DE FOLHAS DE MILHO.

306 M. Ho. de Pariz inventou o meio de fabricar papel de escrever e imprimir de folhas de milheiros. Já contractou com o Jornal dos Debates para lhe-fazer 40,000 resmas por anno, a 800 reis por arroba de folhas.

EM BOTÃO!

307 No dia 21 do corrente á esquina da rua da Horta Sêcca para a das Flores, amanheceu morta, deitada n'uma cova aberta junto á parede pela falta de algumas pedras da calçada, uma recem-nascidinha, gorda, forte, e com lindo cabello. Parece haverem-na affogado mettendo-lhe na boca uma rolha de trapos, que ainda conservava; o seu envoltorio era um pano de cosinha, roto, negro, immundo: o pano tinha n'uma das pontas a marca — J. M.: — esta circumstancia, e o sitio do achado, poderão talvez encaminhar a justiça nas rigorosas investigações, que sobre tão horrivel attentado lhe-cumpre fazer.

OUTRA CRIANÇA MORTA.

308 Este dia foi fatal para as crianças. Encontrou-se igualmente outra morta na igreja do Sacramento, porém, ainda que se não possa conceber como alli foi depositada, reconheceu-se que não havia sido morta violentamente.

SUICIDIO.

309 Os suicidios repetem-se com deploravel frequencia, e mal haja o espirito de imitação que até praga tal enxertou em nossas terras. Esta epidemia grassa por todas as classes da sociedade, e carece do prompto remedio que esperam tantos outros resultados negros da nossa organisação actual, no que toca a moral, religião, e noções do legitimo e do justo.

Na rua nova do Almada n.º 97, 3.º andar, tendo no dia 24 do corrente os donos da casa dado pela prolongada falta de um creado, mandaram ver se dormiria. Acha-se a porta do quarto fexada — a chave por dentro — batem, silencio — redobram as pancadas, e nenhuma voz responde! Arrombada a porta, um lastimoso quadro se-apresenta: junto ao quasi inanimado corpo jaz a navalha de barba com que o desgraçado attentara contra si, sem que apesar da funesta resolução, das dores agudissimas, nem da proximidade da morte, soltasse um gemido que houvesse denunciado aquelle acto de alienação. Suppõe-se que succumbiria no hospital, para onde logo foi transferido.

OUTRO ASSASSINIO.

310 Um nosso correspondente da Covilhã nos-diz, que constava haver sido morto a pedradas um homem no dia 13 deste mez na povoação do Barco, limite daquella villa. Lamenta-se da immoralidade, que vai lavrando por toda a parte, e discorre ácerca da impossibilidade, em que os Jurados se-acham para julgarem acertada, e livremente dos malfeitores, que de continuo se-lhes-apresentam; chegando a ponto de darem por absolvidos criminosos de mortes sem embargo das testemunhas de vista, que os-condemnam. Não haverá remedio contra tão grande mal?

MASCARADA HORRIVEL.

311 Transcrevemos litteralmente a seguinte carta do nosso correspondente particular de Vagos, de 19 de Abril: — Seriam 9 horas da noite do dia 9 do corrente: *Luiz Rodrigues*, do logar dos *Moutinhos*, da freguezia *d'Ilhavo*, estava ceando com sua mulher, 2 filhos ainda menores, e uma criada, para depois ir descançar dos trabalhos da lavoura, quando abrindo a sua porta para lançar para o pateo o seu vigia (um cão) é accomettido por um bando de ladrões: mesmo á porta

é lançado por terra e emquanto 4 malvados atacam na lareira a familia indefesa, o seu Chefe é esmagado, moido com pancadas e deixado por morto. Está cercada a casa pelo resto da quadrilha, e os 6 mascarados (mas que foram conhecidos) entram no espolio: requerem da mulher todo o dinheiro, pois tinha fama de o-ter: desculpa-se ella com o marido, porém este já não fallava. Cavam toda a casa, mas nada encontram. Emquanto andam n'esta diligencia, a criada, vendo uns botões d'ouro no colar da filha de sua ama, lh'os-tira a furto e os-esconde na prateleira; mas a innocente não tirava os olhos do sitio aonde estavam os seus botões, o que visto pelos ladrões, julgando estar no forro da cozinha o que anciosos buscavam, entram com uma foice a demoli-lo. Com effeito não se-enganaram; á segunda taboa cae abaixo uma infusa cheia de cruzados novos e de patacas hespanholas, uma lata cheia de peças em ouro, e outra com cordões, gargantilhas, e outros enfeites d'ouro, tudo na importancia de 700$ a 800$000 rs. Em um instante perde este lavrador a herança de seus Paes, e o que com tanto suor tinha agenciado, faltando ao preciso para a sua familia, só para o-poupar. Retiraram-se depois os malfeitores, ameaçando morte se os-descobrissem. A justiça prendeu a roubada para os-delatar; veremos o que acontece.

P. S. O roubado não morreu, mas está mui mal tratado.

LAMENTAVEL DESCUIDO.

312 Na villa de *Loulé* no *Algarve* em as logeas das casas do proprietario *Francisco de Paula Drago* morava uma mulher chamada *Antonia*; e notando os visinhos, que eram já passadas muitas horas do dia, sem que se-abrisse a porta, nem se desse fé de coisa viva em casa, deram disto parte á competente authoridade; a qual sendo logo vinda, e conhecendo, que a porta era fechada por dentro; mas que não havia alli quem acudisse ao bom bater, e muito brador; assentou que algum mau acontecimento destes do tempo fôra causa da novidade. Mandou que fosse a porta arrombada: entra, e encontra morta a dona da casa, e dois hospedes, a quem dera gasalhado n'aquella noute, *José do Outeiro*, casado, e *Vicente*, moço de quinze annos. Já se-julgavam mortos de veneno, quando examinando bem a caza encontraram tambem mortos um cão, e um gato, e restos, ou as cinzas de grande porção de carvão d'urze, que havendo ardido por algum descuido causára aquelle desastre, abafando tudo que alli era vivo. Veio logo o Dr. *Luciano Lopes Pereira*: porém era tarde para que podessem valer diligencias, e esforços da medicina. Não houve maior incendio, por ser a casa abobadada, e não haver nella por onde as chammas se communicassem. Ainda alli se sentia um excessivo calor, e tal destempero no ar, que não se-podia soffrer. *J. J. J.*

UM TUMULO.

313 Do *Portugal Velho* de 22 do corrente trasladamos o seguinte — *Um tumulo portuguez na China.* — Onde irão os degenerados portuguezes de hoje que não achem provas das fadigas de seus maiores?! Que mal perdidos exemplos!... De que deixaremos nós provas aos nossos vindouros?!...

Em um papel inglez de Cantão faz-se menção d'uma correspondencia da Ilha de Koolongsoo que refere que no lado da Ilha opposta a Amoy, se achou uma pedra sepulcral, levantada, e com tres cruzes na parte superior; promette mandar a inscripção na Carta seguinte, porque é trabalhoso o entendel-a, por estar a pedra coberta de musgo.

AS DUAS LINGUAS.

314 Desejosos de espalhar a verdade, e só a verdade, rectificaremos sem repugnancia uma inexactidão, em que involuntariamente nos-fizeram caír em o nosso artigo 253. A *menina*, que se dizia haver nascido com duas linguas, não tinha em realidade mais do que uma pequena excrescencia carnosa por debaixo da sua lingua natural: a parteira não lh'a cortou; applicaram-lhe remedio para lh'a consumir, e produziu seu effeito. Não admira que em *Lisboa* corresse acreditada mais esta mentira, quando na propria aldêa, que mal contará meio cento de *fogos*, foi unanimemente recebida, e de lá nos-veio em primeira mão. Ainda bem que foi fábula. Deos prospere e multiplique na terra todas as producções, menos as d'aquelle genero.

NOTICIAS DA ILHA TERCEIRA.

315 Recebemos o *Angrense* e o *Iris da Terceira* até 9 do corrente; este ultimo jornal finda com o n.° 201. Do *Angrense* colhemos o seguinte:

O caes da cidade, destruido pela tempestade de 5 Dezembro 1839, resurgiu mais elegante e bello: o digno Governador civil, Sr. *José Silvestre Ribeiro*, o-inaugurou no dia dos annos da Rainha, com grande pompa.

Aquella Folha menciona os seguintes abusos que requerem providencias — 1.° Ha na villa da Praia um hospital de Lazaros, com regimento approvado por El-Rei, e em que manda separar os homens das mulheres. Ha annos porém que alli existiam uns e outros enfermos, em casa propria, que se acha devoluta, e os doentes vivem nas lojas da Misericordia — 2.° Os leprosos andam pela cidade esmolando, sem que as authoridades os-façam recolher ao respectivo hospital — 3.° Algumas Mesas da Misericordia d'aquelle Districto fecham as portas aos pobres que não são dos seus Concelhos, o que é prohibido por lèi — 4.° Os barbeiros das freguezias ruraes arvoraram-se em Medicos, e vão dando cabo da população, o que chamará sem dúvida a attenção do Conselho de Saude.

NOTICIAS DA MADEIRA.

316 Recebemos o *Defensor* até 16 do corrente, e eis-aqui o que traz mais importante:

Tinha-se receado muito que as sêccas matassem as searas, mas afinal foram salvadas pela chuva. — Trabalha-se com ardor no cemiterio de S. Gonçalo — Achara-se morto ha mais de um anno, no fundo da Ribeira do Torreão um rapaz que haviam lançado do muro abaixo: um soldado d'Infanteria 11 fôra accusado d'este crime, julgado e sentenciado a degredo para a India, para onde partiu. Ha dias morreu um homem que, na hora extrema, confessou ter elle commettido o acto porque um innocente foi castigado — Já tem tocado no Funchal os Vapôres das Antilhas, que de Falmouth sáem a 3 e 17 de cada mez para Antigua, Bar-

bados, Honduras, Bermuda, Hayti, Carthagena, Pacifico, Charleston, Demerara, Fayal, Guadalupa, Halifax, Havana, Jamaica, La Guayra, Madeira, Martinica, Nova Orleans, Nova Yorck, Porto Rico, Puerto Cabello, Santiago de Cuba, S. Thomás, Surinam, Tampico, Trinidad, Vera Cruz, etc. O *Trent*, o primeiro d'estes Vapôres, chegou á Madeira a 13 do passado, demorou-se algumas horas e dispendeu mais de 300$ réis em refrescos. — Tal tem sido a mortandade que tem tido logar entre os Madeirenses em Demerara e entre os Europeos que tem ido para Jamaica e outras Ilhas inglezas, que os proprios habitantes d'aquelles logares confessão: que não só não faz conta fazer as despezas da importação dos emigrados, mas que mandal-os ir é crime de assassinamento!!

OS PURITANOS DA AMERICA.

Romance de M. J. Fenimore Cooper.

317 Corre já impresso o 1.° tomo da traducção portugueza deste Romance, e brevemente sairá o 2.° — Em um paiz, e neste seculo tão romantico não é necessario recommendar, senão inculcar, taes escriptos. O que nós louvamos, e agradecemos ao modesto Traductor é o bom acerto, com que escolheu este decente meio de entreter, e por ventura de instruir os seus leitores: por certo que ha nesta escolha uma probidade, e um pensar, que desejáramos persuadir e ensinar a esses traficantes de Novellas, e Romances, (se de bom pensar, e de tal ensino elles ainda são capazes.) Contra este infame trafico de immundicias; contra tal peçonha, com que nos-matam a innocencia, e a moral, é mister formar Conselho de Saude Publica, que declare empestadas as mercadorias immoraes e impias, que despejadamente nos-estão mettendo em nossa terra, e em nossas casas estes *traduzidores:* nem fique só na fazenda a sentença, sejam elles tambem condemnados no desprezo, e na infamia de corruptores dos bons costumes. *C. M. F. J.*

---

318 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 20 ATÉ 26 DE ABRIL DE 1842.

Dias do mez	Termometro exterior		Barometro		Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	Estado da Almosfera.
	Min.°	Max.°	9 h. m.	3 h. t.			
20	49	64	756,2	756,3		O ^{1}NO	Claro e nuvens —: fresco.
21	45	68	57,1	54,3		V O	Id. Id.
22	50	69	50,5	51,7		SO ^{1}NO	Id. — Claro — Norte cl.° e sereno.
23	46	65	55,7	56,0		SO ^{1}O	Cl.° e alg.^{s} nuv.^{ns} — Cl.° — Id.
24	48	69	58,5	58,5		O ^{2}SO	Cob.° e cl.^{os} — Cob.°, e ar humido.
25	55	69	58,5	58,3	2	^{1}SO^2	Nevoeiro de mad. e chovisco — Cob.°, poucos cl.^{os}, e chuviscos.
26	56	71	58,0	57,6		^{1}SO^2	Cob.° e claros — Coberto —: Tepido e humido.

Terminou a 19 do corrente a rigorosa e prolongada influencia da primeira quadra deste mez, com a trovoada que se formou ao norte da cidade, a qual fez a sua explosão sobre a Porcalhota e suas visinhanças, lançando copiosa saraiva. — Seguiu-se a segunda, de quatro dias frios nas madrugadas e noutes, porém temperados na presença do sol, com o ar um pouco humido, e o ceo claro alternando com nuvens, e ventos variaveis, que de tarde sopravam do mar. A 24 cessou a sua influencia, transformando-se na terceira quadra, que ora predomina, tépida e humida com alguns chuviscos, e nevoeiros matutinos, soprando vento de sudoeste.

M. M. Franzini.

CORREIO DAS DAMAS.

319 Publicou-se o n.° 4 do tomo 5.° deste lindo jornal de toucador: — mez de Abril: — além das modas actuaes para ambos os sexos, graciosamente, segundo seu costume, desenhadas e pintadas, traz os seguintes artigos. — Scena nocturna n'um convento — O finado supposto — Rogativa singular — Kenilworth, Novella de W. Scott, traduzida pelo Sr. *A. J. Ramalho e Sousa* — A rosa de ouro — Charadas — Aviso.

BIBLIOGRAPHIA ALLEMÃ.

320 Poesias de Smets.
Poesias de Lenau.
Os Vibelungos (poema heroico antigo), commentados por Pfizer.
Demosthenes, drama de Messenhauser.
Historia da musica moderna, por Schilling.
Dom Fernando (VII) Rei d'Hespanha, por Belani.
Dom Carlos, pretendente d'Hespanha, por Belani.
Obras completas de Spinosa, traduzidas do latim por Accerbach.
Encyclopedia de Aesthetica por Hebenstreit.
Fragmentos sobre o conhecimento da philosophia moderna, por Fichte (filho do philosopho bem conhecido.)
Taboas synchronicas da historia da litteratura allemã, por Eitner.
Chronica do seculo decimo-nono, por Benicken.
Diario da sociedade dos antiquarios de Zurich.
Archivos da historia de Livland, Esthland e Curland, por Bunge.
Historia de Roma, por Drumann.
Manual da estatistica geral da Europa, por Schubert.
Historia da guerra de trinta annos, por Mevold.
Descripção da cidade de Roma por Platner, Bunsen, Gerhasd, Rostele e Wrichs — tomo 3.°
Almanach historico-genealogico do anno 1842.
Sobre as guerras da Europa desde 1792 até 1815 por Kausler e Woesl.
Christina, rainha de Suecia, por Grauert.
Historia do reino de Wurtemberg, por Haelin.
Recordações d'Hespanha, por Lichnowsky.
Historia dos allemães, por Menzel, edicção 3.ª
Commentarios sobre a lei Salica etc. por Muller.
Viagem á Guiana e ao Orinoco por Schomburgk. (esta obra é acompanhada d'uma dissertação de Alexandre de Humboldt sobre a geographia da Guiana.)
Viagens á America, por Beyer e Koch.
Diario da geographia comparativa, por Ludde.
Bibliotheca da cosmologia novissima, por Maltens.
Cancioneiro de Ali de Ispahan, com notas de Kosegarten.

Na Imprensa Nacional.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sale ás quintas feiras — Escriptorio, rua da Horta Secca n.º 20 — Assigna-se no Escriptorio e na Loja da Viuva de João Henriques, n.º 5, rua Augusta — Avulso 80 réis: 12 numeros 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis — O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente aos locaes supra-mencionados, e por caso nenhum aos distribuidores — Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Tem todos, e só elles entrada gratuita n'um Gabinete de Leitura do Estabelecimento (segundo o respectivo regulamento), aonde se acham muitos jornaes e escriptos politicos, litterarios e scientificos, em portuguez, francez, hespanhol, inglez, e allemão — Os subscriptores das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes convier — Sobrescripto da Correspondencia: «Ao Redactor da Revista Universal, rua da Horta Secca n.º 20» — Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade — Qualquer artigo interessante será acolhido com gratidão e publicado — A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se lhe remetta um exemplar — Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o desejar — Tambem no seu Escriptorio se patentearão ao publico objectos de semelhante natureza, que para ali sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal. — Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes. — A distribuição na Capital faz-se em 3 horas — Este numero sahe ás 8 da manhã e será entregue, o mais tarde, até ás 11.

EXPEDIENTE.

Numerosas queixas hão sido feitas por antigos assignantes d'esta Folha, que a não tinham continuado a receber desde n.º 25. A culpa só é d'esses senhores, pois tal interrupção cessará de ter logar desde que mandarem renovar as suas assignaturas ao Escriptorio da Redacção, 20, Horta Sêcca, ou a casa da viuva Henriques, 1, rua Augusta.

A Redacção só se-obriga a não alterar preços ou condições, para com os assignantes que hoje o-são, ou subscreverem até ao fim do proximo Maio, e isso mesmo durante o prazo porque assignar cada um d'esses senhores. Os novos subscriptores desde o 1.º de Junho, e os antigos (acabado que seja para cada um o prazo da sua assignatura) terão de sujeitar-se ás condições que necessarias forem, e á sua uniformidade.

Todo o assignante antigo, que cessou de o-ser por algum tempo, é hoje considerado como novo.

Poucas collecções completas restam do Jornal; em quanto não fôr necessario reimprimir algum numero, o seu preço será de 600 réis por Serie, porém mais tarde subirá, como justo fôr.

Aquelles de nossos Collaboradores, cujos artigos em nosso poder não têem visto ainda a luz pública, nos-desculparão benignamente, pois nos-temos visto obrigados a encher a Folha com materias de immediato interesse, unica razão de prioridade.

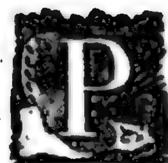
Á Lista dos Jornaes de *Lisboa* mencionados na 1.ª col. do n.º 30, junte-se o *Nacional* e o *Beja-Flôr*, que foram esquecidos, por ter a sua publicação começado depois de haver sido redigida aquella antiga lista.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ESTRADAS.

(Continuação da pag. 355.)

321 FRANÇA.



rocederei a fazer as mesmas operações com os caminhos da *França* que fiz com os de *Inglaterra*, para de todas, no fim, fazer comparação com os ténues vestigios que na materia podér achar em *Portugal*, e deduzir de tudo, como já disse, aquellas suggestões que mais convenientes me-parecem.

A área quadrada da *França* é de 211,736 milhas, e a sua raiz, despresando quebrados, 460 milhas. Dividindo as estradas reaes, que medem 22,500 milhas, por 460 milhas, temos 49 milhas; e repartidas estas por 460, teremos 0.10 ou $\frac{1}{10}$ de milha, ou 528 pés, ou 792 palmos, ou 79 braças. Tanta é a quota de estrada real que toca a cada milha quadrada. As mesmas reducções darão em estradas departamentaes (54;0.12) $\frac{1}{8}$ de milha de estrada a cada milha quadrada. E as vicinaes segundo o mesmo theor, darão o mesmo $\frac{1}{8}$ que deram as departamentaes. Pelas mesmas formulas arithmeticas, os canaes darão 1 centessimo de milha por cada milha quadrada, e as estradas de ferro 2 millessimos de milha por cada milha quadrada. Recopilando as tres especies de estradas, os canaes, e as estradas de ferro, a quota viavel total da *França* será (168;0.36) $\frac{9}{25}$ de milha por cada milha quadrada de terreno, e comparada com a da *Inglaterra* tem esta (36:1.69) quasi cinco vezes mais viação do que a *França*.

A população da *França* deve-se estimar em 34,500,000 almas para o tempo em que a maior parte destes dados foram colligidos, porque, posto que hoje seja maior, tambem as communicações têem progredido ainda mais do que ella, de maneira que não seria exacta a divisão a que vou proceder, fazendo-se pela actual, que passará de 35,000,000 almas. Adoptando esta restricção, tocam 1533 individuos a cada milha de estrada real; 1380 a cada milha de estrada departamental; dito, dito, vicinal; 14921 a cada milha de canal; e 88,010 a cada milha de ferro: termo medio geral 458. As porções que tocam a cada individuo vem a ser — de estrada real 0.0006 de milha, — de departamental 0.0007, — de vicinal 0.0007, — de canal 0.00007 — e de caminho de ferro 0.00001. — Somma total 0.00218 ou 11 pés. — A differença não sobresáe tanto aqui, entre a *Inglaterra* e a *França*, porque a população desta é menos densa do que a d'aquella nação. Se fôsse igual, apenas tocaria ametade desta viação a cada francez.

A acção pecuniaria que o feitio destas estradas póde ter sobre a industria do povo francez não se-póde apreciar, visto que o thesouro público é quem faz a despeza, e por tanto não ha rendimento visivel d'ellas para os particulares. Eu aqui só notarei que as rendas do thesouro foram, no tempo do Imperio, termo medio, de 850 milhões de francos por anno; e que desde que reina Luiz Filippe, que é quando se-tem

dado maior desenvolvimento ás communicações, têem andado termo medio, por 1113 milhões de francos, ou tem tido um augmento de 30 por cento, o qual, sem receio de errar, se-deve em parte attribuir ao melhoramento dessas communicações.

O costeio ordinario de estradas e canaes regúla de 6 a 8000 contos annualmente.

CUSTO DO TRANSPORTE.

Passageiros.

	Rs. por milha	Milhas por hora
Barcos de vapôr	20	$7\frac{1}{2}$
Diligencias	32	$6\frac{1}{4}$
Mala-posta	48	$8\frac{4}{10}$
Caminho de ferro	16	20

Fazendas.

	Rs. por arroba		por Milha	Milhas por dia
Por agua	1	«	$3\frac{1}{2}$	$12\frac{1}{3}$
Recovagem ordinaria	1	«	$1\frac{1}{3}$	20
accelerada	1.4	«	1	50
Diligencias	4	«	1	$6\frac{1}{4}$ p. hora
Caminhos ferro	1	«	$1\frac{9}{10}$	$12\frac{1}{2}$ dito

Póde-se ter toda a confiança nesta tabella, porque acaba de ser feita por dois dos Engenheiros, *Sagey*, e *Morandiere*, mais preconisados, no *Corps Royal des Mines*, e *Corps Royal des Ponts et Chaussées*, 1842. O movimento praticado em *França*, por qualquer das vias de que tenho feito menção, não me-é conhecido. É preciso porém que eu resolva pelos factos a proposição que avancei sobre a democracia dos passageiros pelos caminhos de ferro em *França*, em opposição á aristocracia que elles affectam na *Inglaterra*.

Em Setembro de 1841, andaram nos caminhos de ferro proximos das suas respectivas capitaes.

Versailles r. d.	182,700	Viajantes
Dito r. g.	108,700	
Saint Germain.	125,300	
Corbeil.	98,500	
	515,200	

Blackwall	239,400	Viajantes
Greenwich.	127,000	
North & Eastern	55,000	
Croydon.	47,000	
	468,400	

A differença absoluta entre *Londres* e *París* já é de 10 por cento mais a favor desta, mas se se-considera que *Londres* tem dobrada população, e que sendo porto de mar deve ter um movimento igual pelo menos a um terço mais do que *París*, vem a vantagem dos caminhos de ferro desta, a ser de 300 por cento sobre os de *Londres*.

Esta disparidade a favor de *París* deriva-se dos preços francezes serem relativamente aos inglezes, termo medio geral, de 16 réis para 56 réis. (Vide as respectivas tabellas.)

Eu devia entrar em varios calculos mais sobre movimentos de população, e rendimento sobre estes caminhos, proporções, e outros termos, mas o espaço não m'o-permitte.

(Continuar-se-ha).

Claudio Adriano da Costa.

O artigo que segue encerra verdades interessantissimas, cujo conhecimento importa igualmente a todos os paizes. Nós o-recebemos como um dos que muito honram este jornal, não só em sua propria substancia, mas ainda por ser obra d'um distincto escriptor; cuja reputação é já tão geral, e tão assentada no merecimento real de suas producções, que o seu nome nos-basta para nos-assegurar toda a acceitação, e respeito dos nossos leitores. E quando alguem nos-dissera, que mal nos-podem caber os exemplos das nações poderosas; ha com tudo ahi um pensamento geral, que a todas toca, e a nós nos-exhorta tanto, que sobrada fôra essa, se outra razão nos-faltára para darmos noticia do que passa lá por fóra. Larga, e sem fim é a estrada da civilisação: nem todos podem, é verdade, caminhar nella a passo cheio, e de gigante; mas todos devem seguir por ella seu caminho sem desvio, nem mudar de rumo. Eis o que nos-aconselha o Sr. Barão d'Eschwege no presente artigo.

CAMINHOS DE FERRO.

322 É verdade geralmente reconhecida — que a civilisação de qualquer paiz marcha sempre na razão directa do seu tracto, e communicação, — e que por consequencia são mais ou menos adiantadas as nações, onde ha maior ou menor facilidade em se-communicarem, e conviverem os homens: e mais atrazadas aquellas, onde inteiramente faltam estradas, caminhos, rios, e canaes navegaveis; e não só o-são no commercio, na industria, e em todo o tracto material; mas igualmente na vida scientifica, no commercio intellectual, e em todos os ramos dos conhecimentos humanos. Nos paizes, onde já havia estes meios de communicação, e cuja civilisação muito avultava, tem ella arribado a tão alto ponto — com a introducção dos caminhos de ferro, que não podemos seguir os passos de seu rápido progresso: tem d'aqui nascido uma espantosa revolução em todos os negocios humanos, tanto materiaes como politicos, e intellectuaes. A Allemanha é a terra, que nos-dá a maior prova disto. Este paiz tão retalhado, e tão dividido, onde influiam n'outro tempo tantos interesses diversos, e encontrados, quantos eram os seus estados, é hoje uma grande familia bem unida. Bavaros, Austriacos, Prussianos, Hanoverianos, Hesseses já não se-olham como differentes estados, já não ha entre elles essas invejas, essas diversões de povos separados, e que não se-tratavam, nem se-viam; hoje são todos irmãos, todos formam um só corpo admiravelmente organisado, todos são allemães, e caminham em harmonia para o mesmo fim; para a grandeza e prosperidade nacional. Tão maravilhosa revolução no sentir, no pensar, e no trabalhar destes estados, quem a-produziu foi a introducção dos caminhos de ferro, e a liga das Alfandegas. Não diremos, que é esta a primeira epocha, senão a mais florecente das sciencias, das artes, e do commercio desta grande nação: já os inglezes, esses que costumam tratar de resto todas as outras nações, a-olham com inveja; e nesse olhar já se-lhes-conhece o receio futuro, e o sentimento presente de verem seus productos estagnados na Allemanha, e os desta irem-se exportando para os outros paizes. Com esta prova tão visivel, todos os estados allemães, ainda os mais tenazes em seus antigos habitos, têem cedido ao im-

pulso da civilisação. Já se não contentam com as suas bellas estradas á Mac-Adam: um caminho de ferro é o seu desejo; não como luxo, mas como necessidade, e prompto meio de maior civilisação: estes estados se-ligam, e se-combinam para levarem a effeito este grande projecto: dentro de poucos annos se-poderá atravessar toda a Allemanha desde os limites da Russia até aos da França, desde o mar do Norte até ao Adriatico: em poucas horas poderão ser transportados grandes exercitos a pontos aonde não poderiam por outro meio chegar senão em muitos dias, e com muito custo, e estrago de forças e munições, tanto na Infanteria como na Cavallaria.

Os caminhos de ferro que já ahi se-acham concluidos e frequentados pelo público, têem o comprimento de 175 $\frac{1}{3}$ milhas allemãs (15 por grão, que fazem 239 $\frac{2}{3}$ legoas portuguezas de 18 ao grão) que custaram 63:277.500 cruzados, o que vem a ser por cada milha 360 mil cruzados, e foram frequentadas no decurso de todo o anno de 1841 por perto de 4 milhões de pessoas.

Em trabalho se-acham actualmente 166 $\frac{1}{3}$ milhas de comprimento, que deverão estar concluidas no fim do anno de 1843. Sua despeza está orçada em 70:455.120 cruzados.

Por conta de companhias vai a começar no presente anno a extensão de 124 $\frac{1}{2}$ milhas destes caminhos, calculados em 44:265.000 cruzados.

Além destes, estão ainda projectadas 363 milhas de comprimento, com uma despeza de 155:952.250 cruzados, aos quaes accrescerão mais 193 milhas de caminhos lateraes, orçados em 69:624.750 cruzados.

Todos estes caminhos juntos, que terão uma extensão de 1021 $\frac{1}{3}$ ou 1362 $\frac{1}{3}$ legoas portuguezas, e em cuja construcção se-gastaram 378:577.125 cruzados, julga-se estarão acabados e frequentados pelo público no fim de 10 annos.

Construem-se os caminhos de ferro na Allemanha, ora á custa dos respectivos Governos e estados em que se-acham; ora á custa de companhias privilegiadas, com superintendencia dos mesmos governos, não só para evitar especulações fraudulentas de emprehendedores, como tem acontecido nos Estados-Unidos d'America, na Inglaterra e na França, como tambem para prevenir os desastres tão frequentes nos caminhos administrados só por companhias, prevalecendo o principio fundado na boa moral, que todos os caminhos nos quaes não ha uma certeza mathematica de ganho do juro de 5 por cento do cabedal gasto, são empreza pública dos governos á custa do estado, sendo injusto sacrificar os bens de particulares e causar-lhes prejuizos, quando pelo estado só resultam os lucros. Todos os mais caminhos, nos quaes se-póde contar com a renda certa dos juros, se-concedem a companhias de Accionistas; e para animal-as tomam os respectivos governos as garantias dos juros de 3 ou 4 por cento, se o rendimento não chegar a tanto; e por este meio, com a certeza que nenhum governo faltará ás suas promessas, se-achám sem difficuldade as sommas mais avultadas para a execução de similhantes trabalhos; basta que, com uma população de quasi 40 milhões de habitantes que tem a Allemanha, cada um contribua por anno com um cruzado, e por tempo de 10 annos, para ser sufficiente para a execução de todos os caminhos feitos e por fazer.

Na Inglaterra se-acham até agora acabadas, e em trabalho, 382 milhas allemãs de caminhos de ferro, que estão orçadas em 646:500.000 cruzados, importando cada milha em 1:666.230 cruzados, o que vem a ser 4 vezes mais caro que na Allemanha; e tendo a Inglaterra uma população de 18:665.000 almas, deveria cada um contribuir com quasi 4 cruzados, e por tempo de 10 annos, para o pagamento das 382 milhas.

Nos Estados-Unidos se-acham acabadas 745 milhas allemãs, e estão ainda projectadas 1300 milhas; seu custo não foi publicado.

Tanto neste paiz como na Inglaterra, onde não ha inspecção do governo, senão que todas estas obras são confiadas a emprezas particulares, têem acontecido muitas desgraças por descuidos. Mais de mil mortes nos Estados-Unidos, e não poucos centos na Inglaterra. Na Allemanha nem um só destes casos tem occorrido desde que se-estabeleceu o primeiro caminho de ferro até hoje, que já são passados 4 annos.

Avista desta breve exposição, e das grandissimas vantagens, que resultam da facilidade das communicações, é para admirar, que por toda a parte, menos em Portugal, se-creia esta verdade como dogma politico, e principal fundamento da prosperidade e civilisação. Não dizemos já, que se-introduzam os caminhos de ferro, que fôra isso cousa impossivel: mas que devéras se-metta mãos á urgentissima obra das estradas, e ao melhoramento de transportes, para que se-possa transitar por este bello paiz, e não nos-custe uma pequena jornada tanto, como se vieramos de S. Petersburgo. *Barão d'Eschwege.*

ESTRADAS NO MINHO.

323 Alguma cousa-se tem dito a respeito das estradas d'esta Provincia, mas nem tudo ainda para bem descrever o seu deploravel estado, pois, tal é elle, que já mal lhes-quadra o nome d'estradas, que só o braço do homem, com o soccorro da arte costuma construir. O trilho dos carros, as patas dos quadrúpedes, e o contínuo andar dos passageiros são os unicos instrumentos que hoje sulcam e conservam nossas denominadas estradas; ou antes labirinto encaracolado d'estreitas azinhagas; alcantiladas aqui, despenhadas além; ora servindo de reservatorios d'aguas, muitas vezes d'alveo d'um arroio; quasi sempre entulhadas de calhaos que as torrentes para alli arrojaram; descarnadas em sitios, por tal modo, que se-torna forçoso ao viandante desmontar a cada passo para evitar precipicios: muitas vezes tão affrontadas de silvas e carrascos que incommodam d'um modo importuno; na sua direcção tão tortuosas que já mais se-adianta uma legoa sem que se-tenham andado duas, pelo menos. N'uma parte vem a cubiça do lavrador fazer um alargamento, confiado na infallivel indifferença das Camaras Municipaes, e lá fica a estrada com uma garganta apertadissima, n'outra uma conveniencia particular faz que ella vá rodear por cima de rochedos escarpados e barrancos. Finalmente as estradas nesta bella Provincia estão votadas ao ultimo abandono: ella vai em breve eleger dezenove Procuradores seus ás Côrtes futuras, veremos se d'entre estes apparecem ao menos dois, que pugnem sinceramente pela reforma das estradas abandonadas do Minho.

Povoa de Lanhoso, 24 Abril 1842. *Mello.*

A BAFUREIRA EM PENICHE.

324 Descrevemos em o artigo 176 do nosso n.º 26, 3.ª Serie — a *Bafureira* — e sua prodigiosa virtude: e ahi dissemos que talvez transportada a nosso clima, — tão subita mudança lhe-damnasse os bons effeitos. Agora nos-damos por livres de tal receio, — por quanto de *Peniche* nos-escreve um nosso correspondente, participando-nos que já n'aquella villa é conhecida a *Bafureira*. Que em 1838 — vieram sementes de *Cabo-Verde*, que logo se-lançaram á terra, e vingaram, sem dar mostras de extranheza. Que o Sr. *Paulino da Rocha*, Cirurgião do partido da Camara da dita villa, que possue esta valiosa planta, e a-tem propagado — fizéra já muitas experiencias da virtude que ella tem, de activar a secreção lactea, e sempre com bom resultado, — ainda que só em mulheres casadas e viuvas d'aquella villa, que já bemdizem tal planta.

Esperamos que á vista d'esta prova, se-prosiga em a-aclimatar entre nós, para disfructarmos tão precioso dom, o que ás Misericordias muito mais cumpre averiguar.

Depois de escripto o que precede, recebemos uma carta do Sr. Dr. *Villela*, Medico do partido dos *Arcos de Val de Vez*, e ex-Physico Mór de *Cabo Verde*, na qual este Senhor assevera que tendo feito experimentar a bafureira com todo o cuidado, em pessoa idonea e desejosa de amamentar um afilhado seu, nenhum resultado colhera; que então experimentou na propria mãe da creança, a quem faltava o leite, e nem ás cataplasmas nem aos banhos de infusão da planta (que internamente não foi tomada) attribue a activação da secreção lactea, só devida ao uso de substancias analepticas. Em questão *prática* não debateremos nós: cumprindo-nos somente registar os factos que sobre tão curioso assumpto vem chegando ao nosso conhecimento.

Lealmente reconheceremos que este nosso Correspondente parece ser pessoa amante da sciencia e prompta a sacrificar-se por ella. Por exemplo, relata-nos que ouvindo que os Medicos Chins conheciam as molestias só pelo pulso, o que em Macáo passa em proverbio, se-transportara á China em 1815, ahi se-demorara 9 mezes, e se-convencera de que era esse mais um erro popular, digno de figurar entre os que *Richerand* denuncia.

OUTRA PROVA DO AUGMENTO DA NOSSA INDUSTRIA.

325 Continuamos a receber, e publicar novas de muito gosto para nós ácerca do augmento, em que por todas as povoações da Serra da Estrella vai a nossa industria. Segundo o calculo do nosso correspondente da *Covilhã*, o numero dos que se-occupam por aquelles contornos nos trabalhos de lanificios arriba a quinze mil, sem embargo de com as machinas se-ir cortando muito por a grande multidão de operarios, que d'antes era por fôrça empregada em qualquer fabrica; mas o que por uma parte se-poupa, é logo por outra requerido; e como a industria cresce, ninguem fica peiorado, e todos têem em que se-occupem — Nas fabricas de Gouvêa já começaram a trabalhar as novas machinas de cardar, e fiar: em *Manteigas* estão quasi armadas, e em breve serão promptas: por varias partes igualmente se vão introduzindo. Na *Covilhã* não faltam novas emprezas: tudo está em grandissima actividade, e animação: merecem com tudo particular menção os Srs. *Gomes*: não se-poupam a despezas para que as suas fabricas e officinas sejam em tudo perfeitas. Começaram por mandar cortar parte d'uma Serra, e aplainar morros, e outeiros; edificaram depois uma excellente casa a todo o custo, e n'ella formaram duas grandes fabricas, sendo uma de papel, e outra de lanificios: mandaram vir para esta de Inglaterra as machinas necessarias para o melhoramento do trabalho, e perfeição da obra, e com ellas dois artistas bem amestrados, que possam ensinar aos que por cá temos, o que lhes-falta para chegarem á perfeição no fiar da lã. Com tão louvavel empenho dos Srs. *Gomes* irá a sua fabrica adquirindo grande conceito, e não terá que invejar na boa qualidade dos productos, senão que igualará os que nos-trazem de fóra, para nos-levarem o dinheiro para tão longe, que nunca torna.

P. S. Anda-se assignando na *Covilhã*, e suas immediações, uma Representação á Rainha ácerca de industria portugueza: assevera-se que já a subscreveram para mais de 4000 pessoas.

F. M. P. Silva Negrão.

SOBRE NOVOS LOGARES NO MERCADO DA RIBEIRA NOVA.

326 O Sr. *A. S. Ressurgido*, n'uma longa carta que só podemos extractar, suggere á Camara Municipal uma lembrança, que elle declara ser de grande importancia. Eis-aqui em resumo como se-exprime:

«Com muita razão determinou a Camara que na Praça da Figueira, além dos logares para a venda de aves e animaes domesticos e bravios, fructas e hortaliças, outros houvesse para venda de carne de porco, peixe e marisco, ficando assim um soberbo e completissimo mercado, que se-aformoseou com arvores e enriqueceu com um poço utilissimo para a Praça. Igual melhoramento deveria fazer-se no Mercado da Ribeira Nova, estabelecendo alli logares para venda de carne de porco, aves e outros animaes.

«Esta innovação seria mui vantajosa ao populoso bairro de que a Ribeira Nova é centro. Demais, ficando esta no desembarque ordinario do Téjo, é frequentada por nacionaes e estrangeiros, que alli viriam facilmente bastecer-se de comestiveis para os navios de guerra e mercantes.»

O mesmo correspondente propõe o estabelecimento de outros pequenos mercados em varios pontos da cidade, como Campos de Santa Clara e Santa Anna, Patriarcal Queimada, Praça das Flores, Largo do Convento do Coração de Jesus, etc., etc.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

FR. LUIZ DE SOUSA.

Maio 5 de 1632.

327 O nosso mui erudito Escriptor *Manoel de Faria e Sousa* — põe no numero dos Poetas que fazem companhia a *Camões* pelo nome de *Luiz* — o melifluissimo Chronista de S. Domingos. E com effeito quem quizer exemplares da boa falla portugueza — to-

me *Luiz de Camões* — para verso — e *Luiz de Sousa* — para prosa. — Tão assentado está este arbitrio, que nada mais ha que dizer. Foi este bom Frade — filho do esforçado Fidalgo oriundo de *Santorem* — *Manoel de Sousa Coutinho* — que tantos serviços fez em ambas as *Indias* — como largamente contam — *Barros* e *Couto*. — Foi tambem grande humanista — e philosopho — e nomeado por *Catão* do seu tempo — e bem no mostra nas *Memorias* que escreveu do *Cerco de Dio*. — Tal era o progenitor de Fr. *Luiz de Sousa*. Tambem este militou na celebre cavallaria de *Malta* — foi prisioneiro do Turco — no cativeiro teve por companheiro o notavel *Miguel de Cervantes* — depois de resgatado casou — passou á *India* — voltou á patria — e já homem de idade (de 58 ou 60 annos) tomou o habito no Convento de S. Domingos de Bemfica, nos suburbios de *Lisboa*, e deixou o nome do seculo. Ahi escreveu entre outras obras latinas — em portuguez a Vida do Arcebispo D. Fr. *Bartholomeu dos Martyres* — e depois a Historia de S. Domingos. São singulares os conceitos — que de sua pessoa e obras fazem os Censores dellas, e os demais Escriptores que delle fallam. — O Padre *Antonio da Costa* lhe chama — o *segundo Cicero da Lingua Portugueza* — o Padre *Aranha* acha-lhe todas as propriedades dos antigos Historiadores — no breve e succinto do relatar vê outro *Sallustio* — no peso e grave das ponderações outro *Livio* — no politico e picante das sentenças e aforismos outro *Tacito* — e na liberdade do dizer outro *Suetonio*. E em fim o Padre *Antonio Vieira*, fallando da referida Historia de S. Domingos diz — Toda a Historia é mestra da vida: esta é mestra da vida e da Historia. A nossa Academia das Sciencias julga que — os seus escriptos formam o melhor panegyrico da sua eloquencia, e da suavidade, policia, cópia, e puresa de seu estylo. Além destas obras que todos nós conhecemos, lamentava-se desde a expulsão dos *Filippes* — a perda da Chronica de El-Rei D. João 3.° — que elle composera supprindo (como diz D. *Francisco Manoel*) os defeitos e descuidos de *Francisco de Andrade*.

Penalisa ver como o Bispo de Vizeu, na — *Memoria historica e critica ácerca de Fr. Luiz de Sousa e das suas obras* — que anda inserta nas da nossa Academia (para a qual enviâmos os que delle quizerem haver noticias, por ser insufficiente a vida que Fr. *Antonio da Encarnação* estampou no principio da 2.ª parte da H. de S. D.) descreve a importancia desta Chronica, de reinado tão célebre e critico, a qual segundo os apontamentos que havia maior interesse excitava. — Pois saiba-se que esse precioso Codice, já no-lo Deos deparou! — e por mãos que tão dignas se têem tornado deste, e d'outros mais favores de Deos. E digam lá que Elle não paga a quem no-serve! — É ao incansavel explorador das nossas velhas minas litterarias — o *Sr. A. Herculano* que devemos este grandissimo achado. Já, por sua mercê, o vimos; é todo escripto pelo proprio punho de Fr. *Luiz* — não lhe falta nada — apenas alguns capitulos têem só os *apontamentos* — sem estarem extendidos e vestidos — mas a substancia (a Historia) alli está. Ninguem lhe tinha atinado com o titulo porque o verdadeiro é — *Annaes da vida feitos e reynado do Sr. Rey D. João III.*

Queria o Padre Fr. *Agostinho de Sousa* que houvesse um Compendio das obras de Fr. *Luiz de Sousa* para modello de bem escrever nas Escholas — pois agora será cumprido tão util desejo, — do que seremos devedores ao Sr. *A. Herculano*.

Faz hoje 210 annos, (ha quem diga que foi no dia 11) que o cobriram aos olhos do mundo as lageas do coro do seu Convento de Bemfica, e ainda não passou um só dia, sem que algum Portuguez deixasse de se-lembrar de tão grande bemfeitor da nossa lingoa.

A. da Sylva Tullio.

CARTA 3.ª — SEPARAÇÃO DE PORTUGAL DO REINO DE LEÃO.

(Continuação de pag. 341).

328 A origem da independencia de Portugal, e a sua separação do reino Leonez, tem sido uniformemente attribuida pelos nossos historiadores ao casamento do principe borgonhez *Henrique* com *D. Theresa*, filha de *Affonso* 6.° É cousa assentada, que o rei leonez casando sua filha lhe-dera *em dote* a terra de Portugal, que tendo estado já separada da Galliza, então o-foi de novo, ficando-lhe servindo de limite o Minho. Esta opinião que até hoje tem passado inconcussa, sendo ainda recebida por um sabio dos nossos dias, respeitavel por todos os titulos, parece-me todavia involver difficuldades insuperaveis.

Até a invasão dos arabes, os Godos conservaram nas Hespanhas tenazmente as instituições germanicas ácerca dos dotes. Pelas suas leis, contrarias ao que estatuiam as leis romanas, era o noivo quem dotava a mulher. Similhante costume dos barbaros, porventura mais nobre que o romano, foi regulado por uma lei de *Chindaswintho*, inserida no codigo *Wisigothico* (1). Esta lei, assim como as mais disposições d'aquelle codigo, atravessando o dominio dos arabes, que deixaram aos vencidos o governarem-se civilmente pela sua legislação e pelos seus magistrados, continuou a vigorar, não só até o tempo de *Affonso* 6.°, mas porventura até a publicação da lei das Partidas (2). Não havia pois na legislação d'Hespanha, nem nos usos nacionaes, n'esta parte perfeitamente accordes com ella, causa alguma para o rei de Leão se-lembrar de pôr em pratica, no casamento de sua filha, um costume romano, provavelmente até ignorado por elle.

Seria este acto insolito uma imitação de costumes francezes? Fica dicto que foi no reinado de *Affonso* 6.° principalmente, que as idéas e instituições francezas se-introduziram na Peninsula. Nas suas vastas empresas contra os arabes, este rei ajudou-se grandemente de cavalleiros francezes, a quem enriquecia e honrava, ao mesmo passo que enchia as cadeiras episcopaes de bispos d'aquella nação.

A predilecção que elle sempre mostrou pelas cousas de França, e que tanto contribuiu para alterar os costumes wisigodos, podiam tê-lo movido a seguir, casando suas filhas com os principes borgonhezes *Raimundo e Henrique*, e outra com o conde de Tolosa, os costumes d'aquelle paiz, se elles n'esta parte fossem contrarios aos das Hespanhas.

Mas não acontecia assim. Ainda n'aquelle seculo era commum por toda a Europa a instituição germanica ácerca dos dotes. Em Ducange, á palavra *Dos*, se-acham

(1) Liv. 3 tit. 1. lei 5.ª

(2) Vejam-se no Ensaio de *Martinez Marina* sobre a legislação d'Hespanha, no § 249 e seguintes, as provas indubitaveis disto.

Digitized by Google

colligidas as disposições dos diversos codigos europeus a este respeito, bem como documentos de que os factos não eram contrarios á legislação, o que sempre é necessario examinar na historia da idade-media, na qual a confusão social, e a ignorancia em que jaziam todas as nações, faziam que a pratica das relações civis contrastasse ás vezes com os preceitos legaes.

A difficuldade de acceitar a tradição de um facto, incomprehensivel para os individuos por quem se-diz praticado seria bastante para o-tornar mais que suspeito. Mas ainda occorrem contra elle outras considerações.

É incontestavel que *Raimundo*, o marido de *D. Urraca*, senhoreou a Galliza e Portugal, antes de *Henrique;* e que a porção do territorio hespanhol dado a este para governar como conde, ou consul, foi desmembrada do territorio governado pelo conde *Raimundo* antes do fallecimento d'este. Se Portugal foi dado em dote a *D. Theresa* com direito hereditario, segundo affirma a chronica latina do imperador *Affonso Raimundez*, provindo d'essa circumstancia o Governo de *Henrique*, como se-ha-de suppor que *D. Urraca*, filha mais velha e incontestavelmente legitima, não recebesse em dote tambem, *jure hæreditario*, as terras que seu marido governou? E se assim foi, como e porque se-destruiu em parte este direito, dando em dote de outra filha uma porção do que já era dote de *D. Urraca*, e isto sem que *Raimundo* se-queixasse, antes fazendo pactos de concordia e mútua alliança, como o que fez com o conde *Henrique?*

Além d'isso, *D. Elvira* irmã de *D. Theresa* e casada com o conde de Tolosa, não recebeu em dote terras algumas: diz-se que fóra a causa d'isto o possuir *Raimundo de S. Gil* estados em França. Mas que lei, ou costume d'Hespanha obstava a que elle possuisse um condado em outro paiz, conjunctamente com os estados que tivesse em Leão? E se não havia legislação ou uso em contrario, porque consentiu este principe, mais poderoso que os outros dois, que fossem para elles estas liberalidades, ao passo que ficava sem quinhão na monarchia hespanhola, que assim se-faz retalhar loucamente pelo habil *Affonso* 6.º? (3).

Mas admittindo que isto acontecesse, ainda resta outra difficuldade maior. Além de *Urraca*, *Theresa* e *Elvira*, *Affonso* 6.º teve uma filha chamada *Sancha* e outra *Elvira* (4) nascidas da rainha Isabel, a primeira das quaes casou com o conde *Rodrigo Gonçalves* e a segunda com *Rogerio*, duque de Sicilia. Quanto a este, nada accrescentarei ao que já disse ácerca do conde de Tolosa, *Raimundo de S. Gil*. Mas no conde *Rodrigo Gonçalves* não se-dava por certo a circumstancia de ser principe estrangeiro, com estados fóra d'Hespanha, e todavia não consta que el-rei dotasse a infanta *D. Sancha* com terras ou provincias que elle devesse possuir *hereditariamente*, antes pelo contrario, possuindo o conde *Rodrigo* as honras de Asturias de Santillana, lhe-foram estas tiradas por suas turbulencias, e reconciliado depois com *Affonso* 6.º lhe-deu el-rei o governo de Segovia, e a alcaidaria de Toledo, que tornou a tirar-lhe passados tempos, ao que parece, por seu genio inquieto (5). Porque seria excluido, porém, o conde *Rodrigo*, nobre, natural, e poderoso, do beneficio que recebera um estrangeiro pobre, embora illustre e valente? É na verdade inexplicavel similhante contradicção.

A estes raciocinios, fundados em factos incontroversos, nenhum argumento, nenhuma auctoridade se-póde oppor senão uma phrase do chronista anonymo de *Affonso Raimundez*, que, fallando de *D. Theresa*, não directamente mas por occasião da guerra de *Affonso* 7.º com seu primo *Affonso Henriques*, diz — que *Affonso* 6.º a-casara com o conde *Henrique*, e a-dotara magnificamente, dando-lhe a terra portugalense com *dominio hereditario*. Este testimunho singular, porque todas as outras memorias coevas guardam silencio a similhante respeito, será porêm de tal peso que nos-faça accreditar um facto contrario á legislação, e aos costumes da epocha e laborando nas difficuldades que apontei? Não o-creio. A chronica latina é proxima, porêm não contemporanea do reinado de *Affonso* 7.º, segundo o-diz seu auctor, *que ouviu contar os successos d'aquelle reinado aos que os-tinham presenciado* (6), o que por certo não poderia dizer do reinado de *Affonso* 6.º, começado, pela segunda vez, 54 annos antes do de seu neto. E sendo d'aquelle reinado o casamento de *D. Theresa*, deve-se confessar que para o A. da chronica eram as circumstancias d'elle tradições um pouco remotas.

Ajunte-se a isso que d'esta historia apenas restavam copias incorrectas e incompletas quando, depois de *Berganza*, a-publicou *Flores*, e que ella passou pelas mãos do celebre falsario, consocio de *Fr. Bernardo de Brito*, o padre *Higuera* (7). Será portanto bastante por si só para dissolver as dúvidas apontadas? Aconselha-lo-ha a boa critica? Parece-me que não.

Mas supponho que a chronica d'*Affonso* 7.º esteja correcta e sem interpollação, e que a sua auctoridade se-deva acceitar como a de um testimunho contemporaneo, ainda assim ella provaria quando muito que *D. Affonso* 6.º dera a seu genro, em attenção a *D. Theresa*, o governo de Portugal para si e seus filhos perpetuamente, visto que o hereditario se-ía introduzindo nos cargos administrativos como na corôa. Tal seria pois n'esse caso a significação da palavra *dote*, que então era mui diversa da que hoje lhe-demos, e corres-

(3) Se attendermos a uma passagem do Chronicon Floriacense, quando falla do conde *Raimundo*, veremos o nenhum fundamento da explicação que se-pertende dar á exclusão do conde de Tolosa das generosidades extra-legaes de *Affonso* 6.º —Tractando dos cazamentos de *Raimundo* e de *Henrique* diz » *Quam (D. Urraca) in matrimonium dedit Raimundo comiti, qui comitatum trans Ararim tenebat.* Alteram filiam..... *Ainrico* uni filiorum filii Ducis Roberti. » Eis, pois, Raimundo com o mesmo impedimento para receber dote, que tinha o conde de Tolosa; visto que Raimundo era já conde de Borgonha, *tendo o condado álem de Arar* (Saône), o que se-prova, não só do testimunho do Floriacense, mas dos documentos e testimunhos irrefragaveis que colligiu *Mondejar Orig. y Ascend. del Princ D. Ramon.*

(4) A existencia de *D. Elvira e D. Sancha* prova-se da chronica de *Pelaio*, em Flores e Sandoval, e do documento de Sahagun citado pelo ultimo (*Reyes de Castilla e Leon* f. 124 v.) onde accrescenta, achara feita menção de *D. Sancha* em outras escripturas destes annos. Veja-se tambem *Mondejar, Succession d'el-rei D. Alonso* 6.º § 17.

(5) Veja-se Sota Princ. das Astu. Appendice d'escript. Colmenares Hist. de Segov. c. 14 § 10 — Mondejar Success. d'Al. 6.º § 25.

(6) Chron. Adefonsi Imper. Præfatio, em Flores Esp. Sagr. T. 21 p. 320.

(7) Flores Esp. Sagr. T. 21 p. 307 e segg.

pondia a *donatio*, como se-vê claramente dos diplomas que vão indicados em nota (8).

Mas o conde *Henrique* governou Portugal em quanto viveu. *D. Theresa* o-governou igualmente depois da morte d'elle em 1112, até seu filho a-desapossar da suprema auctoridade em 1128. Este finalmente, tomando o titulo de rei, firmou para sempre a separação e independencia de Portugal dos reinos de Leão e Castella. Como se consumou similhante facto? Qual foi a historia d'este successo, verdadeira ou pelo menos provavel?

A. Herculano.

(Continuar-se-ha.)

PÃO PARTIDO EM PEQUENINOS.

A Historia, que ha de andar entre as mãos sempre,
E que principalmente ha de ser lida,
É a Historia de Deos tão verdadeira,
Que abre as portas do Ceo, cerra as do inferno,
Que as grandes maravilhas de Deos conta,
E a liberalidade com que tracta
Esta desconhecida e ingrata gente.

Diogo de Teive.

329 Da *Historia* tira este Jornal — e para a *Historia* trabalha. A conta e veneração em que havemos a *Sagrada* (por excellencia — *Biblia* —) bem clara e auctorisadamente o-expressámos em o n.º 25. Agora depara-se-nos occasião de annunciar um meio facillimo de generalisar a sua edificante leitura. Dizemos *generalisar*, porque na verdade é das mais raras ainda hoje, que tanto se-lê. E todavia é elle — o *livro dos livros* — não só por sua Divina auctoridade e doutrina, senão tambem porque se-acha alli o *regimento* para todas as classes e condicções que no mundo póde haver, como extensamente o-provou o sabio *Rollin* no Tractado dos Estudos que compoz para o Collegio, cujo era Reitor. Visitem-se os Lyceus — Atheneus — e mais Institutos d'instrucção que por ahi estão patentes, e vejam se por as polidas estantes apparece nem meia *Biblia!* La vão com o *Cathecismo* — bem *decorado* e mais nada. A *Biblia* — além de, pelo lado litterario, ministrar muita abundancia de linguagem, de bellas comparações, magestosas parabolas, grandes acções, etc. etc. etc. — serve tambem de inspirar á tenra mocidade, o amor e respeito aos fundamentos da sua Religião, para assim a-escudar contra os assaltos da audaciosa incredulidade. Temos que é esta uma das grandes faltas do systema de educação actual. Podem dizer-nos que, mormente — o *Novo Testamento* — é imperceptivel ás primeiras idades: haja por tanto selecção e explicação. Mas isso dá muito trabalho..... Não para só aqui: lastima é, e grande, haver ahi gente que ostenta de muito *lida* e *polida* — e nunca em tal Livro pegou. Perguntai-lhe o que é a Paschoa — quantos e quaes são os Evangelistas — não vol-o saberão dizer ao certo. Ha dias ouvimos nós affirmar que a Cêa da instituição da Eucharistia — *fóra de peixe!* etc. Cousas de que com tão pouco trabalho podiam todos ser sabedores — e que nenhum homem (que não só Christãos) deve ignorar.

Uma razão (se o-é) se-podia oppor a tal desconhecimento — o grande vulto e preço da *Biblia* — não só as versões dos PP. *A. Pereira* — e *Sarmento* — mas ainda das edições de *Londres*, posto que houvesse separado — o novo do velho Testamento. — Pois bem: agora não haverá desculpa. Já temos este verdadeiro *pão mistico* — partido em pequeninos — para que chegue a todos.

Houvemos ha pouco uns mui formosos *Livrinhos* — contendo cada qual seu assumpto da *Biblia*. Em um os Psalmos — n'outro o Evangelho de S. João — n'outro o de S. Marcos etc. assim distribuidos todos os de que se ella compõe. E isto pelo infimo preço de cem reis cadaum — elegantemente impressos — encadernados — e douradinhos — que são cousas estas a que hoje muito se-attende.

Aqui temos pois ricas prendas para premios das Escholas — para dadivas de Mães e Avós a seus filhos e netos — para lembranças de amisade — e tambem para mimos de namorados — que ainda ha muitos amores honestos. Para resalvar escrupulos, démo-nos ao suavissimo trabalho de confrontar a traducção, e a-achámos ser conforme á que o nosso Padre *Almeida* — fez do texto grego — a respeito da qual, veja-se o juizo feito pelo Doutissimo Antonio R. dos Santos, que anda inserto no T. VII das Memorias da nossa Academia das Sciencias onde se lê: — A sua interpretação é em tudo muy Christã e Catholica etc. — A sua linguagem, sobre ser muito propria e simples, qual convinha a tal obra, é muy abastada de termos e muy rica de expressões, encerrando em si hum bom thesouro do vocabulario da Lingoa Portugueza.

Muito nos-comprazêmos de annunciar e recommendar tão urgente publicação. E pois que a mofina da nossa época, quiz que por ahi andem já impressas — *as memorias do Diabo* — opponhamos-lhes nós — *as memorias de Deos* — e veremos de novo baquear esse inimigo d'alma. É a maior cruz que lhe-podemos fazer: — fique á auctoridade Ecclesiastica o cargo de punir os desacatos da Religião — e aos Magistrados os da Moral (1).

O livro a que alludimos não *é* atroz, senão atrocissimo — sobrepuja a todos quantos ahi andam *damnados e damnificadores* — é o estandarte da mysantropia — a satyra do genero humano, — em summa — é cousa do Diabo — que não ha mais dizer. Não são isto declamações vãs, são verdades averiguadas pela leitura, que não só nós — mas juizes mui competentes hão feito. Bastantes *diabos baptisados* temos nós por cá — não era mister i-los buscar á França. Deixa-los. Como elles *já se dão ao Diabo* — signal é do ultimo recurso.

Nós iremos caminhando por via opposta — dando-nos ao serviço de Deos — annunciando e louvando-lhe o seu livrinho. O que nos-pêsa é que se elle vá encontrar com taes *cadernetas*. Que bem verdade não fallou um dos nossos bons Autores — dizendo que qualquer livro dos antigos entre os de *Balzac* — *Sand* — *Soulié* — *Kock* — etc. parecia uma creancinha mui alegre e desmaliciosa, n'um alcouce, onde, á luz de uma candêa fumosa, dançam e cantam, meretrizes e ladrões, desfarçados em fidalgas, e Cavalheiros, em noite ébria

---

(8) Na fundação do mosteiro de Nájera e foros da Povoação do anno de 1052. » Igitur cum hujus rei voluntate, tum in ædificandæ ecclesiæ constructione, quam *in dotis* astipulari donatione.....» Na doação de Jubera á igreja de S. André, feita no anno de 1057 — Hæc est carta *de dote* quæ dederunt vicinos de Jubera ad S. Andreæ. — Collecc. de Privileg. de la corona de Castilla T. 6 p. 58 e 61 (Madrid 1833).

(1) Pêsa-nos que a gravidade d'este Jornal nos vêde responder á audacia do *publicador*.

do carnaval! Protesto não desamparar este litigio em que periga — não só a lingoa — mas tambem a alma.
Antonio Joaquim da Sylva Tullio.

CINTRA PINTORESCA.

330 Quem ao ouvir, ao recordar o nome de *Cintra*, não sente, nascerem-lhe n'alma, doces afeições, para com esse quadro, onde o Creador resumíra, tudo quanto ha de bello e admiravel? Memorias para uns do muito que lá gosaram; esperanças para outros de verem o que só lhe disseram; desejos de avivar idéas esquecidas, sensações que a todos captivam, não sensações de prazer tumultuario que não é prazer, mas d'um agro-doce, desse equilibrio entre o alegre e o triste, a que não sabemos dar nome, se lhe não cabe o de *melancolia;* eis o que desperta em nós a palavra *Cintra*. Que será visital-a, sentir de perto o que já de longe nos arrebatára? Um goso intimo e universal; mas, goso era esse, de difficultosa realisação, a querel-o completo; sim, era facil colher uma ou outra inspiração; mas, encadeal-as, descubrir o que a natureza occultára, o que a arte conserva a bom recado, o que a tradicção diz, o que os livros e archivos enthesouram; só um guia fiel e instruidissimo o podéra; um guia que mostrasse a gruta recondita, e nos ensinasse a contemplal-a; que subisse comnosco á torre, para alli recontar a historia do castello a que pertencêra; as tradicções do povo com seus medos e encantos; que decifrasse as inscripções meio gastas; determinasse as épocas de fundação, das igrejas, mosteiros, e palacios; que nos apontasse os quadros e nomeasse seus authores; que soubesse os vestidos d'outros tempos, as origens, datas, productos; em fim que tudo desencantasse e explicasse; que satisfizesse a curiosidade e a sciencia; um verdadeiro *guia do viajante* sem distincção de classe; guia de todos e para tudo. Um tal livro de que tanto careciamos, se acaba finalmente de publicar *Cintra Pinturesca, ou Memoria descriptiva da villa de Cintra, Collares e seus arredores.* Parabens a todos, louvores a seu author, o Sr. *Visconde de Juromenha*, (segundo nos affirmam) que este seu trabalho decididamente os merece: nem lhe falta a exacção descrevendo os differentes logares que devagar os visitára; nem erudicção patente nos documentos que apresenta. Não recommendamos a obra que o não precisa: mas ao seu author ousaremos presentar uma lembrança por ventura importuna, e tardia, mas filha e expressão de boa vontade: — quizeramos no fim do livro um index, onde se achassem notados com methodo, os nomes dos principaes objectos que o viajante deve, naturalmente procurar em visitando *Cintra*, por modo que, olhando por elle, se lhe deparasse no livro a explicação que desejava: é advertencia, não é censura. *J. da C. Cascaes.*

Como parece que, em assumpto de incontestavel e incontestada evidencia, clamamos no deserto, e a authoridade continúa a consentir o estúpido, immoral, impolítico, indecente e descivilisador *divertimento* dos touros, de que se nos-vão dar novos expectaculos, não abriremos mão de tal assumpto, até que a voz de todos os homens que em Portugal, pensam, sentem, amam e escrevem, haja unanime expurgado de nossos usos o mais vergonhoso. O seguinte é extracto de um longo artigo, cujas dimensões nos não permittem publical-o integralmente.

CORRIDAS DE TOUROS.

331 Se, depois do que sobre esta materia appareceu na *Revista Universal*, alguma cousa resta que addicionar, fal-o-hei, quando não seja senão para apresentar novos factos.

Pessoa da Provincia, que ha annos não vinha a *Lisboa*, foi no dia 4 do passado vêr os touros do Campo de Santa Anna; espantou-se de observar a progressiva barbaridade d'este divertimento, desde os ultimos annos, em que esteve em *Lisboa*. É o circo dos antigos gladiadores romanos, porque espantosas quedas e pancadas produziram a morte de um homem e outros se acham com a saude arruinada. Um cavallo encheu o curro de sangue com a chavelhada d'um boi. Era um cavallo insignificante e indefeso, exposto á furia d'um animal aggredido.

Os Juizes do *Condado de Valois* fizeram em 1313 o processo a um touro, que havia morto d'uma cornada a um rapaz: provado o crime por tres testimunhas, condemnaram o bruto a ser enforcado. Foi confirmada esta sentença, por accordão do Parlamento de París de 1314. = Este acto de justiça cruel, e extravagante (diz o Historiador) só prova a barbaridade e estupidez d'aquelles tempos. — E que nome daremos aos homens, que deixam continuar taes divertimentos, e á época presente em que se vê a authoridade publica de *Lisboa*, mandar (como expectaculo) que homens se-exponham á morte? Em vez da reflexão do Historiador, direi eu; se um Tribunal, em época menos civilisada, mandou enforcar um touro por ter quebrado a perna a uma creança, que pena reservaria para quem tolera ou ordena que touros matem homens e animaes?

E não haverá n'estes desgraçados tempos outros divertimentos, com que entretenham o povo, sem o-tornarem estúpido, e cruel, vendo sangue e atrocidades? Ainda que este povo estivesse desterrado nos certões d'Africa, não se-lhe-deveriam conceder divertimentos de carniceria e sangue...

Diz-se: os lucros do divertimento sustentam os infelizes da Misericordia e Casa-Pia. Não ha infamia, e desleixo, como o de querer sustentar desgraçados, com o sangue de homens, e animaes, e causar penas e flagicios, para espremer dinheiro......

Ora pois, se a authoridade julga não ser ainda tempo de supprimir para sempre o expectaculo dos touros, forme-se uma associação, cujos membros, directamente e por sua influencia não consintam ás suas familias que a tal expectaculo concorram, e contribuam para que os seus amigos façam outro tanto. Em *Bruxellas* organisou-se ha annos uma sociedade para acabar com o uso das boas-festas; imitemol-a, para um fim mais nobre, para a suppressão de um uso que não é só estúpido, mas immoral.
C. X. Pereira Brandão.

Nos *Pobres do Porto* vem um muito engraçado artigo, do qual, apezar de desviar-se do estylo que temos adoptado para esta Folha, não podemos resistir ao desejo de transcrever o seguinte trecho. É mais um campião para a boa causa, e a arma do rediculo não é ás vezes a menos efficaz. Aproveitemos esta occasião para declarar que transcrevemos gostosamente qual-

quer escripto bem redigido, seja em que estylo fôr, que concorra para a suppressão definitiva do *divertimento* dos touros. No Domingo 8, haverá este *admiravel* expectaculo, e affiançam que os animaes serão bravissimos, e darão cabo de quantos Toureiros e cavallos se-lhes-pozerem em frente.

. . . .

332 O *José Feliciano de Castilho* acaba de soltar um brado de reprovação contra o divertimento selvagem da corrida dos touros: são memoraveis estas palavras do seu artigo — « O despreso da vida é uma these destruidora: é crime despresar a vida ou expola inutilmente: o homem não é senhor de seus dias, e taes doutrinas santificam o homicidio e o suicidio. » — Isto, mestre, está muito bem dito, e muito bom seria que este brado fôsse apoiado pelo Governo, e que este pozesse termo por uma vez a este cruel divertimento, que não tem por onde se-lhe-pegue, a não ser pelo gosto depravado de vêr matar bois por dinheiro! Este divertimento é barbaro, anti-constitucional, e indigno de um povo que, por essas ruas, praças e botequins não cessa de gritar civilisação e mais civilisação! Que diabo de civilisação é essa, de vêr martyrisar um animal, feril-o, assassinal-o! Que gostinho tão depravado vêr voar por esses ares, nas pontas de um touro da *Chamusca* um homem que podia ser um soffrivel Eleitor de Parochia, ou um digno par do Reino!

Mestre, foram-se as Côrtes de *Lamego*, as Ordenanças, as Milicias, os Foraes, os Dizimos, os Frades, as peças de 7:500, o ouro miudo, os edificios historicos, as Ave Marias: em fim foram-se todas as antigualhas dos nossos ginjas, e só nos-ficou o divertimento brutal de agarrar á unha, e de pôr as tripas ao sol para sustentar *impiamente* a Casa-Pia, ou festejar a Senhora da Nazareth! O nobre *Visconde de Sá da Bandeira* acaba de unir o seu voto ao do *Castilho*, e é este o meio de acabar com tal divertimento, que é uma mania, e as manias curam-se ridiculisando-as. Ora que o bicho-homem vá á tal brincadeira, ainda lhe eu dou um passe; mas que o sexo feminino, tão fragil, tão meiguinho, tão terno, goste de vêr scenas de sangue, e saborêe os urros de um touro agonisante, como as melhores arias da Boccabadati, é realmente insupportavel! Em fim, mestre, voto contra o tal divertimento, e não consentirei que a minha futura metade vá á Praça do Campo de Santa Anna, nem para a parte do sol nem para a parte da sombra. . . . .

. . . .

Deixemos porém esta materia aos Vates Dramaticos, laureados e por laurear, e passemos a cousas alegres. No dia 5 tivemos uma grande funcção a bordo da Náo ingleza: assistiu toda a Côrte, o Duque e Duqueza da Terceira, Marquez e Marqueza de Fronteira, Barão do Tojal, Conde e Condessa da Cunha, Costa Cabral, etc. Parece que passariam de 500 convidados. As senhoras concorreram até á noite, e quando entravam, a tropa corria ás armas. O almoço foi cousa grande; as mesas continham 100 pessoas; principiou ás 4 horas, e de madrugada ainda se-dançava! Ora não será melhor dançar que deitar-se dos arcos das agoas livres abaixo! Comer bons petiscos, que vêr matar os bichinhos do Riba-Téjo! Mestre, abandonemos as politicas, como diz a minha futura, e tratemos de cousas sérias: trabalhemos na reforma dos nossos costumes, e deixemos em paz os que já comeram e os que querem comer.

(Periodico dos Pobres do Porto.)

NOTICIAS.

HAMBURGO.

333 Tencionára o Senado d'esta Republica comprar a deshabitada e inculta ilha de Chatham na Australia para alli estabelecer colonias de allemães: — o fim era philantropico e utilissimo. Estava a ponto de se-realisar a compra; a Inglaterra intervém e diz — que vista a proximidade d'esta ilha com a Nova Zelandia, ella lhe pertence; e que os contractos, que se-effectuarem, devem ficar sujeitos ao que determinam as leis na Nova Zelandia. — Entre ellas ha uma, que prohibe a venda de mais de 2500 braças quadradas. — Manda mais aquelle governo que os allemães, que n'ella se-estabelecerem, sejam tratados como estrangeiros. *(Extracto de carta de um correspondente nosso.)*

INGLATERRA.

334 Os jornaes inglezes discursam sobre uma pequena victoria que alcançaram em Caboul; e sobre a deserção do Shah Soudjah, que os-atraiçoou apezar dos grossos interesses com que os inglezes o peitavam. O ministerio tinha alcançado maioria no bill sobre impostos.

FRANÇA.

335 Passaram nas Camaras diversos projectos de lei; uns dando subsidios ao governo; e outros sobre construcções de estradas. As conferencias ministeriaes continuam. Diz-se que o governo retirára as modificações que tinha feito ao *tratado de visita*.

HESPANHA.

336 Publicou-se a lei que manda organisar as deputações provinciaes em Alava, Guipuscoa e Biscaia. Continúa a fallar-se no casamento da rainha; fazendo muita bulha a missão de M.r Pageot.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

337 *Diario do Governo 28 Abril.* — Beijamão para o dia 29.

De 29 Abril. — Ordem aos Juizes para que as authoridades encarregadas de fazer diligencias no Hospital de S. José, previnam primeiro a respectiva administração.

De 30 Abril. — Officio do Director da Escola Medica remettendo o exame phrenologico de Mattos Lobo (que apparece no precedente numero d'este Jornal).

De 3 Maio. — Instrucções sobre os estudos de medecina e cirurgia ministrantes.

MILLIONESIMO SEGUNDO SUICIDIO NOS ARCOS.

338 *Ignacio Candido de Oliveira*, cabo de infanteria n.º 16, vivia em companhia de sua mãi. Alguma extravagancia de mocidade e violencia de genio não o tornavam grande exemplo de filhos, sem comtudo se poder dizer que desamasse a de quem rece-

bèra a vida, Ha já dias, que elle lhe começára a fallar de tenções funestas contra si mesmo: — sobresaltára-se a principio o amor materno, mas considerando por uma parte, em que nenhum motivo para tal lhe conhecia; e por outra, no ar superficial e estouvado de que acompanhava taes palavras, entendeu dever attribuil-as só ao malicioso desejo de a atormentar; e socegou. — A 28 de Abril chega de manhã cedo a boa velha á cama, onde o filho ainda jazia, e lhe pergunta — se quer roupa lavada, — para quê, responde este, se eu me vou matar. — Reprehende-o a mãi, ainda incredula: elle porém lhe repete — ha de ser hoje e dos *arcos* abaixo: — esta insistencia causou sua apprehenção na infeliz, que saindo a consultar o negocio com um visinho, e concordando com elle, em que era prudente empregar nesse dia alguma vigilancia, procura um soldado do mesmo batalhão a quem, relatando os seus temores, encommenda, que todo esse dia lhe não perca o seu cabo de vista. Cumpriu fielmente o soldado o seu encargo, — seguiu-o em alguns giros, que deu pela cidade: viu-o encaminhar-se para os *arcos*, seguiu-o mais de perto; entrou após elle no caminho já infamado por um milhão e um suicidios, e que ainda o tem de ser por outro milhão delles, se a *autoridade* teimar em não prohibir á desesperação este seu paradeiro tão sabido: — a dianteira que *Ignacio Candido* lhe levava o encheu de terror quando ao dobrar o angulo daquella ponte se lhe furtou dos olhos, — lançou-se á carreira contra elle gritando — pára, pára: — mas os gritos só valeram para apressar o acto da demencia; — quando o tornou a descobrir viu-o estar acabando de amarrar um lenço na cabeça, subir ao parapeito, e despenhar-se.

JÁ CHEGOU O ROMANTISMO ATÉ Á ALFAMA.

339 No bairro de Alfama foi pela auctoridade competente preso um tal *João Rodrigues* por estar maltratando com pancadas *sua mãe*.

MAIS UM ANJO FEITO POR UM DEMONIO.

340 Na *rua dos Capelistas*, na primeira escada do lado direito para quem vem do *Largo do Pelourinho* se encontrou, Segunda feira 2 do corrente, uma menina morta e envolta em pobres panos. A cabeça para a parte esquerda estava fortemente contusa: parecia ter já alguns mezes; se é verdadeira esta clausula de não ser recémnascida, enormemente accrescenta ella á *enormidade* de tal crime. Pessoas, que a essa hora, duas da tarde, acertaram de estar em algumas das lojas fronteiras, dizem haver reparado que para aquella escada entrára, um bom espaço antes de se-fazer o achado, uma mulher de capa e lenço, pobremente vestida; o seu todo não excitou tantas desconfianças que entendessem dever seguil-a, nem tão poucas tambem, que hoje não desconfiem haver podido ser ella, senão a assassina pelo menos a portadora: ninguem alli a-conheceu. A justiça procede nas diligencias do seu officio.

MATTOS LOBO.

341 Sexta feira passada, no Pateo do Hospital de S. José, trasladou-se para *chapa de cobre*, segundo o methodo de *Daguerre* — a imagem do craneo de *Mattos Lobo* — saiu perfeitissima. Se os estudos *phrenologicos* são d'alguma importancia, muitos bons serviços poderá n'este uso prestar o *Daguerreotypo*. Por via d'elle se-poderão multiplicar infinitamente os gabinetes phrenologicos — enriquecendo-se cada um d'elles com as preciosidades de todos os outros.

EPIDEMIA.

242 Ha algumas semanas que as correspondencias da Beira-Alta nos-communicam a apparição de uma epidemia (á qual não dão nome) que começou a fazer estragos sensiveis, principalmente em *Cima-Côa*. Soubemos que na pequena cidade de *Pinhel* morreram d'aquella enfermidade mais de 100 pessoas, no curto espaço de 30 dias.

A sobredita epidemia tem lavrado muito, principalmente para o Oeste, e já em 20 Abril passado haviam sido d'ella atacadas varias pessoas de ambos os sexos, e de todas as condições, nas villas de *Trovões*, e da *Pesqueira*, e suas visinhanças. Nesta ultima villa o joven Cirurgião *Teixeira*, alumno mui distincto da Eschola Medico-Cirurgica do *Porto*, tem applicado com fructo aos enfermos banhos muito quentes, bixas e sangrias, com o que conseguiu, que nenhum d'elles morresse até o dia 25 Abril, data das nossas ultimas cartas; nas quaes com tudo nos asseveram, que a mortandade progride em varias outras com terrivel fôrça; e que em *Pinhel* o número das mortes excede já a 170.

(Revolução de Setembro.)

UM ENIGMA PARA ANTIQUARIOS.

343 No largo, e á esquerda de S. Roque de Lisboa, defronte da porta da Misericordia, e não distante muitos pés d'onde fora a capella dos Passos, encontraram os obreiros, que ahi andam despejando e anediando terreiro para praça, uma casa, que ainda se não acabou de desentulhar; mas cujo conthendo já descoberto não deixa de suscitar curiosidade: do espaço d'esta casa não se-pode por ora fazer conta, conhecendo-se com tudo que era ampla: a sua face externa, isto é, a que olhava para o que hoje é rua pública, era guarnecida de boa cantaria lisa; a interna ainda a partes se-conhece haver sido rebocada e caiada; o pavimento, mais baixo uns dez ou onze palmos que o piso actual da rua, está calçado de pedra ordinaria; porta ou janella ainda se-lhe não descobriram: mas telhas, caliças e fragmentos de madeira completam a demonstração de haver sido casa.

Eis-aqui agora o principal que d'ella tem saído, e por onde alguma conjectura se-póde aventurar ácerca da profissão do seu morador: 76 ferraduras de diversos tamanhos, algumas das quaes inculcam seu uso: varias porções de corrente de ferro, e uma que, apesar de não ter mais de tres fusís, deita dois palmos avantajados; um martello, um puchavante, uma torquez, um ponteiro, uma chapa de ferro do comprimento de cinco palmos e largura de mão travessa, com duas grandes argolas nas extremidades, o que presumem, faria parte de manjadoura, mais duas argolas ainda com o chumbo que as ligava á pedra, uma bigorna com parte do cepo. Até aqui nada ha que pareça extraordinario, mas o simples aspecto de algumas d'aquellas ferraduras cria de repente aos olhos da imaginativa mais fria e preguiçosa um romance historico do mundo velho, digno de figurar distinctamente na archeologia zoologica de Mr. *Boitard*: é officiosa amisa-

de do Sr. *Francisco José Caldas Aulete*, curioso collector, e proprietario d'estes achados, devemos o tê-los hoje em nosso poder.

E na verdade ferraduras, algumas das quaes têem enorme comprimento e largura, e ainda depois de tão carcomidas da ferrugem pesam arrateis, suppõem uma dimensão de casco; e proporcionalmente uma corpulencia de animal, que excedem prodigiosamente a todas as medidas de que em tal materia havemos noticia. Alguns ossos de cavallo, taes como canellas e dentes, que se-encontraram n'aquelle sitio, e por ignorante descuriosidade dos trabalhadores se-desbarataram, e perderam, pessoa que os-viu nos-affirma, que eram de marca descommunal; alguns dos trabalhadores os-compararam na grossura com os cabos das suas enchadas. Houve pois, segundo parece, em antigas eras aqui, onde hoje se-levantam um templo e casarias soberbas, um homem provavelmente gigante, ferrador de cavallos gigantes para cavalleiros tambem gigantes: o *retintim* da sua bigorna atroava as então selvaticas solidões dos sete montes, onde mais tarde se-veio assentar a nossa Lisboa. Moiros, godos, romanos, carthaginezes e phenicios são modernices, são coisas de hontem, comparadas com as da idade em que elle viveu. As arvores, que davam sombra diante de sua poisada, e cuja casta já tambem lá vai, deveriam, se ainda agora existissem, olhar para baixo e com lastima para o cume da torre de S. Roque, e uma só d'ellas cobrir ao meio dia com sua sombra desde o *Rato* até ao *Caes do Sodré*, e desde a *Estrella* até ao *Castello*. Mas em que lingua fallava este singular personagem com os freguezes que á sua tenda vinham? E para que jornadas ou guerras e com que trajes e armas cavalgavam estes? a que visavô do Deus *Endovellico* adorava? que ensino dava aos seus filhinhos, mais altos que os nossos homens altos de hoje? e em que historias, ou esperanças praticava, ao vasto lume dos espaçosos serões de inverno, com a descompassada companheira de sua trabalhosa e enfarruscada vida? eis-ahi o que ninguem saberá nunca. É o mundo um livro em que pouco mais se-conhece do que a pagina aberta: das innumeraveis que já lá ficam para traz, só por alguma ruptura que em suas folhas fazem o tempo ou o acaso se-chega a enxergar, e bem confusamente, alguma sillaba. Com uma desconsolação nos-consolemos d'isto, e seja o cuidar que tambem algum dia as coisas, que de nós resurgirem á flor da terra, poderão ser igualmente indecifravel enigma para os que então existirem, como hoje o-são para nós as dos tempos antediluvianos, e muitas menos apartadas.

Taes eram as nossas profundas phantasias, depois de manusearmos todos estes objectos, depois de havermos com pena sabido que alguns outros foram pelos trabalhadores sonegados e vendidos a curiosos, como certas moedas cunhadas, de que nem uma podémos haver á mão; depois, finalmente de havermos ido no dia 2 deste Maio á meia noite com as nossas lanternas na mão visitar devotamente aquelle jazigo do mundo velho; e meditar muitas tristezas no fundo daquelle fojo, sentados sobre algumas peças de silharia desmantellada.

O pobre fidalgo *Tressilian*, se já lestes o *Kenilworth* de Sir *Walter Scott*, e do Sr. *Ramalho*, não deveu de estar mais do que nós absorto e maravilhado, em quanto ao pé do espinheiro, no meio de um deserto, ouvia estar-se ferrando o seu cavallo pela mão do ferreiro misterioso e invisivel.

Aqui havia de findar o nosso artigo para que todos os jornaes da Europa á porfia o-transcrevessem, todos os sabios o-commentassem, e todas as academias propuzessem como assumpto de premio dobrado a sua explicação; mas o que logo depois descobrimos veio desfazer em grande parte as nossas visões poeticas. Entre as coisas encontradas nestas ruinas appareceram além de outras moedas, que já dissemos nos-foi impossivel conseguir, umas trinta das portuguezas de tres réis, que em sua antiguidade não excediam de seculo. Então nos-occorreu o grande terremoto de 1755, e o nome que ainda ao terreno proximo se-conserva de *pateo do patriarcha*. Esta casa podia portanto haver pertencido á vasta residencia do prelado da provincia: alguma bem lavrada cantaria que da terra tem saido, e por lá está arrimada contra a parede da Misericordia, confirma, ou pelo menos ajuda, esta presumpção: as grandes ferraduras seriam pois dos urcos que arrastavam o pesado e eminentissimo côche, ora ao paço ora á cathedral: entretanto, se é licito chicanar um poucochinho a probabilidade em favor da poesia, sempre diremos, que tão desmesurada grandeza de patas de urco ninguem até agora, por mais viajante que fosse, e por mais amplamente que do seu direito de viajante se-servisse, se-atreveu a affirmar-nos havêl-a encontrado em parte alguma.

Terça feira ao meio-dia. — Continuam de apparecer instrumentos de ferrador: mais uma bigorna; alguns centos de cravos encrustados uns com os outros; quatro pouteiros de atarracar ferraduras; duas torquezes; quatro puchavantés; uma grosa; outro martello; longos pedaços de cadêa grossa e forte, alguns dos quaes ainda se-alongam pela terra dentro contra a Misericordia, e um chumbado na calçada do pavimento; e um farpão de ferro com tres dentes, dos que se-usam para arrastar estrume...........

Uma hora e um quarto. — Neste momento acaba de morrer o nosso romance do mundo velho; appareceram quatro crâneos com as suas competentes ossadas; e no devido logar restos de solas de calçado: nada sáe das medidas ordinarias: — estas quatro pessoas, assim como a casa foram pois certamente victimas do terremoto: — nos fragmentos de vestido, que se-encontram juncto aos ossos, não ha já adivinhar a côr, nem conhecer a materia: — apparece uma pequena fivella redonda de calção; não se-distingue o metal, de que é feita; ao examinarem-n'a, desfaz-se...........

Uma hora e cincoenta minutos. — Pedaços de caveiras e alguns ossos cavallares, tudo de marca avultadissima.

Seis e meia — Para o lado da Misericordia uma serie de telhas enfileiradas: deve de ser telhado abatido por juncto e sem grande desconcerto: está apenas cinco para seis palmos superior ao pavimento.

Quarta feira ás nove horas da manhã. — Continuam a apparecer argolas chumbadas na calçada, e presas a algumas dellas pedaços de correntes; estas argolas são em duas fileiras, que distam uma da outra obra de tres passos; não sabemos se ainda hoje cá se usa de taes prisões para cavalgaduras; mas consta-nos que assim as têem nas admiraveis cavalhariças reaes do Hanover.

Onze e meia. — Arrancam algumas pedras da calçada, e excavam para baixo; apparece entulho: — estas ruinas já assentam provavelmente sobre outras ruinas. *Antonio Feliciano de Castilho.*

UM MAO ENCONTRO.

344 Caminhavam dois sujeitos do Concelho de Sanfins para o de Paiva demandando a freguezia de Fornos, aonde os-levava certo negocio de cobrança de dinheiro concertada para aquelle mesmo dia entre elles e os compradores d'uma porção de cortiça, que lhes-haviam vendido. Saltam-lhes ao encontro dois homens armados de grandes varapaos, e a tal ponto os-maltrataram de pancadas, que não poderam seguir mais seu caminho, e tiveram de pedir a alguem, que lhes-valesse em lance tão apertado. —

Parecerá talvez, que ávista do que todos os dias estamos vendo, e ouvindo, é este successo bem insignificante, e desprovido de novidade, para que nos-embaracemos em o-publicar: mas para nós em similhantes attentados não ha parvidade de materia, que nos-desobrigue de clamar com quanta força havemos. — Foi a aggressão feita bem de dia; eram tres horas da tarde; foram conhecidos os malfeitores; são informadas as authoridades; e já lá vão vinte dias, e tudo ficou em palavras — os criminosos andam soltos, livres, talvez ajustando nova empreitada, e passeando, como diz o nosso correspondente, nas barbas do Juiz Ordinario do Concelho. Se as authoridades assim continuam, iremos de mal a peior! Não se creiam com tudo seguros no favor que dão aos maos, imaginando que nada sáe do segredo dos seus Concelhos: por lá lhes-passa tambem a Revista, que por isso é Universal; nem esperem, que fará costas á sua negligencia, quando nella vai tamanho escandalo das leis, e tal desserviço á moral publica.

RESULTADOS DAS OBSERVAÇÕES DE ABRIL.

345 Temperatura media das madrugadas 47,°7. Fah. (7°.$\frac{1}{4}$R) — Dita nas horas de maior calor 62,6. ($13\frac{1}{2}$) Dita media do mez, 55°,1 ($10\frac{1}{4}$) — Variação media da temperatura diaria, 15° (7.°) — Maior variação diaria, no dia 21, 23.° (10°.) — Maior frio a 5 do mez, 42.° ($4\frac{1}{2}$) — Maior calor a 28 do mez, 72.° (18.°) — Menor altura do Barometro a 12 do mez, 744,4 millimetros; maior no 1.°, 767,3 — Media do mez 755. — *Ventos dominantes* contados em meios dias, N,8 — NO,18 — O,10 — SO,13 — S,2 — NE,3 — E,1 — B,3 — V,2. — Dias claros, 1 — Claros e nuvens 9 — Cobertos e alguns claros 4 — Chuva ou chuviscos 13 — Nevoeiros matutinos 1 — Trovoada 1 — Dias ventosos 15 — de frio notavel 15 — A chuva recolhida em Lisboa, no decurso do mez, foi de 70 mill., equivalente a 21 almudes por braça quadrada, e por consequencia excedeu mais uma terça parte á que costuma cahir em um mez. — Em *Cintra*, no sitio da Trindade, avultou a 126 millim., ou quasi o duplo. — Decorreu por consequencia este mez, assás frio até 19, e com a temperatura igual á que se-experimenta n'este clima em um mez de Janeiro regular, conservando-se o ar extremamente seco, e por isso excitando sobre a pelle, uma sensação de frio mais viva. — Felizmente abrandou o seu rigor na 2.ª quadra, e só na 3.ª o ar humedeceu notavelmente, tornando-se tepido. Não obstante estas modificações, a sua temperatura media foi quasi quatro gráos inferior á normal, sendo sómente excedida pelo rigor de Abril de 1837, que ainda foi $2\frac{1}{3}$° mais frio.

Qualidades caracteristicas de um mez de Maio de regular andamento, deduzidas das antecedentes observações — Temperatura das madrugadas 54°,7 F. (10.°R). Dita nas horas quentes 70,5 (17.°$\frac{1}{2}$), sendo por consequencia a variação diaria do calor de quasi 16.° ($7\frac{1}{2}$). A temperatura media do mez é de 62°,6 ($13\frac{1}{2}$), e apenas um gráo inferior á que se-experimenta em Paris no mez de Junho, e ainda superior de um gráo á themperatura de Agosto em S. Petersburgo. — O maior frio que apparece regularmente é de 48.° ($7\frac{1}{2}$), e o maior calor de 81.° (22.°); com tudo nos mezes excepcionaes, já vimos descer o termometro a 43.° (5.°), e o calor atingir 89.° ($25\frac{1}{2}$), extremos que appareceram reunidos em Maio de 1840. — A chuva regular sobe a 41 millim., ou 12 almudes por braça quadrada distribuida em 9 dias chuvosos. O numero dos dias de frio notavel não excede a 5, sendo igual o numero dos que apparecem de calor intenso.

As duas marés de aguas vivas, d'este mez, serão fracas, e assás inferiores á maré media regular.

M. M. Franzini.

346 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 27 ABRIL ATÉ 3 MAIO 1842.

Dias do mez	*Termometro exterior*		*Barometro*		*Pluvimetro.*	*Ventos dominantes e sua força.*	*Estado da Atmosfera.*
	Min.°	*Max.°*	*9 h. m.*	*3 h. t.*			
27	59	70	759,0	759,1		¹SO	Cob.° e poucos claros — Cob.° denso: tepido e humido.
28	59	72	59,0	56,9	4	¹S²	Id. — Claro e depois coberto — Id.
29	55	68	55,6	55,6	7	SO ¹O	Chuva branda até ás 10 m. — Cob.° — Id.
30	53	63	53,9	56,0		SO ²NO	Chuva serena até ás 8 m. — Cob.° e nuvens — Fresco de tarde.
1	50	63	59,5	59,5		NO²	Cl.° e nuv.° — Fresco.
2	52	64	60 0	60,0		¹NO N	Cob.°, e curtos clarões — Id.
3	52	66	60,2	60,2		¹NO²	Cl.° e alg.as nuvens — claro — muito fresco.

Terminou com o fim do mez a 3.ª quadra predominante, cahindo nos ultimos dois dias chuva serena e abundante, muito proveitosa aos campos, que em torno da capital offerecem bella vegetação, e dão fundadas esperanças aos lavradores: as searas estão prosperas, e já se-gosam abundantes colheitas das plantas leguminosas serôdias. As vinhas estão em bom desenvolvimento, assim como as arvores de fructa, cuja florescencia mais demorada não tinha tido tempo de se-desenvolver, e que por isso escapou aos estragos do insolito rigor do mez passado. *M. M. Franzini.*

Na Imprensa Nacional.

Digitized by Google

8.° DA 3.ª SERIE. N.° 32. 12 MAIO 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sale ás quintas feiras — Escriptorio, rua da Horta Secca n.° 20 — Assigna-se no Escriptorio e na Loja da Viuva de João Henriques, n.° 1, rua Augusta — Avulso 80 réis: 12 numeros 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis — O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados, e por caso nenhum aos distribuidores — Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Tem todos, e só elles entrada gratuita n'um Gabinete de Leitura do Estabelecimento (segundo o respectivo regulamento), aonde se acham muitos jornaes e escriptos politicos, litterarios e scientificos, em portuguez, francez, hespanhol, inglez, e allemão — Os subscriptores das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes convier — Sobrescripto da Correspondencia: « Ao Redactor da Revista Universal, rua da Horta Secca n.° 20 » — Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade — Qualquer artigo interessante será acolhido com gratidão e publicado — A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se lhe remeta um exemplar — Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o desejar — Tambem no seu Escriptorio se patentearão ao publico objectos de semelhante natureza, que para ali sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal. — Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes. — A distribuição na Capital faz-se em 3 horas — Este numero sahe ás 7 da manhã e será entregue, o mais tarde, até ás 10.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ESTRADAS.

(Continuação da pag. 366.)

347 BELGICA.

Esta pequena nação, que não mede maior superficie do que o nosso Alemtéjo e Beira, (14,459 milhas contra (7,740 e 6480) 14,220) com uma população de 4,242,600 almas, em quanto aquellas duas nossas provincias não têem mais de (264,111 × 1,067,120) 1,331,231, é talvez o paiz aonde, guardadas as proporções, se-tem desenvolvido maior somma de industria humana. O que é certo é, que só Liege per si fabríca mais armas que toda a França, e mais do que *Birmingham*. E no geral, de 17 partes em que *Heuschling*, segundo a estatistica official, divide todo o territorio belga, 15 estão aproveitadas, incluindo nas duas outras as estradas, caminhos, canaes, lagôas, etc., que tambem são de proveito.

Uma tão alta civilisação não podia deixar de influir na viação deste povo; por isso, depois da Inglaterra, na Belgica, é aonde ha melhores estradas, e aonde são mais bem conservadas, de toda a Europa. As reaes contam 1,475 milhas de comprimento, as provinciaes 475, das vicinaes ignoro o computo. Em 1831 o rendimento das barreiras foi de 2,390,882 francos, e em 1839, não obstante o estabelecimento dos caminhos de ferro, de 2,749,391 francos ou 439.902$560 réis, de maneira que veio aqui a confirmar-se o já provado acima, que é o augmento das communicações que faz o augmento do seu rendimento.

O custo das estradas na Belgica é de 9.600$000 réis por milha. O seu reparo e concerto entra no orçamento geral do Estado, aonde figuram em 1838 por 348.080$000 réis.

Passando aos canaes, tem aquelle reino 22, medindo 288 milhas de comprimento, importando em 1838 o seu costeio, e o de 602 milhas de rios navegaveis, a somma annual de 41.265$600 réis, carregados no orçamento do Estado. Existiam mais 9 em 1838 em construcção, cuja extensão era de 405 milhas, sendo um delles o d'entre Meuse e Moselle, maior do que o maximo da Inglaterra, e tambem do que o de Languedoc, que tem 140 milhas de comprido, ou 46 legoas, ou tanta distancia como de *Lisboa* ao *Porto* menos 6 legoas, e que o projectado na Belgica excede em mais 11 legoas, e por tanto ainda é mais comprido do que d'aqui ao *Porto*.

O rendimento dos canaes já em transito é de 116.897$440 reis.

A Belgica é igualmente a primeira nação na Europa que estabeleceu um systema completo de caminhos de ferro. No tempo em que escrevo estes apontamentos ella possue já 350 milhas d'elles, que lhe-tem custado 20.000.000$000 reis ou 57.142$857 reis por milha, ou pouco mais de uma terça parte do que elles custam em Inglaterra. O rendimento que o Governo belga retira delles é 5% sobre o capital, que poderia elevar ao dobro se o quizesse converter em uma especulação mercantil.

A exemplo do que tenho praticado com a Inglaterra e a França, na Belgica ha 0.71 milha de estrada por cada milha quadrada da sua superficie (Heuschling Stat. p. 259).

As vias aquaticas, tanto fluviaes, como artificiaes, executadas e por executar em 1838, não baixarão hoje talvez de 0.08 milha por cada milha quadrada.

Os caminhos de ferro, de 0.025 de milha por cada milha quadrada. A somma total da viação será 0.815, ou 4 milhas de viação por 5 milhas quadradas, ou ametade da que possue a Inglaterra.

Operando sobre a população, as quotas partes são as seguintes

Estradas communs (1475 + 475)	2175	almas por milha
Por agua................	3276	d.°
Caminhos de ferro........	12121	d.°
Termo medio geral	1,180	d.°

E por alma será, estrada,	0.0004	= 2 pés
agua,	0.0003	= $1\frac{1}{2}$ «
Caminho de ferro,	0.0008	= $\frac{3}{4}$ «
Termo medio geral	0.0008	= 4 «

Por esta reducção vê-se, que em communicações por agua os Belgas estão tres vezes mais dotados do que os Inglezes: têem mais estrada de ferro tambem do que elles, e no que lhes-são inferiores é em quantidade de estradas de pedra.

Transportes.

Passageiro em diligencia	28 rs.	por milha
d.° caminho ferro	25 «	d.°
Carga d.°	$\frac{9}{16}$	d.° por arroba

Faltam-me os dados para poder ser mais extenso nesta parte da estatistica das communicações na Belgica; só poderei accrescentar, pelo Relatorio do Ministro Nothomb que a economia em tempo é de ametade, e em recovagem de um terço, pelos caminhos de ferro, para o que era pelas outras conducções anteriores a elles. O governo belga, sollicito nos *conchegos* das classes humildes, por isso que é illuminado, tem distribuido o beneficio da locomoção com mão muito mais larga a favor dos pobres do que dos abastados. As carruagens de 1.ª classe só gozam de 15% de rebaixa sobre as diligencias, em quanto as da 2.ª têem 30% e os wagons 60 por cento. As consequencias daqui provenientes são quasi incriveis, porque ao tempo que pelas berlindas viajavam 5,540 passageiros; diligencias 28,830; carros 121,104; pelos wagons, que é aonde se paga o minimo preço, viajaram 407,736 individuos (Heuschling p 273).

A circulação na Belgica já era grande antes da invenção dos caminhos de ferro, por que os estabelecimentos de diligencias subiam a 197, e os de recovagem a 481, chegando a 80,000 os individuos que se-moviam entre Anvers e Bruxellas por anno em diligencias, não contendo estas duas cidades mais de 180 mil almas e distando 25 milhas. Assim mesmo, isto é nada para o que foi depois. Os passageiros que eram de 200 por dia passaram a ser de 3000 no mesmo espaço de tempo, ou 1400 por cento mais, e as fazendas, 22,909 toneladas, tambem chegaram em 1839 a 274,808 dito. (Dupin Rel.º á Cam.ª dos Pares 1840). Estes factos são corroborados ainda por outra authoridade não menos respeitavel, que vem a ser o Relatorio sobre os caminhos de Irlanda, (Ed. Review, Abril 1839) em que se-demonstra que em consequencia da commodidade do preço para o povo, a população belga viaja nos seus caminhos 5 vezes, em quanto o povo inglez só viaja uma. *(Continuar-se-ha.)*

Claudio Adriano da Costa,

CRIAÇÃO DOS BICHOS DE SEDA.

348. Obriga-nos nossa palavra, e o valor da materia a entendermos outra vez neste objecto; e por tão util o-havemos nós, que não nos-pezará, antes folgaremos muito em o-repetir, e encarecer muitas vezes. Tem este jornal annunciado o meio de alcançar, com facilidade e fartura, o bom pasto para os bichos de seda, tributando ao Sr. *Salles* os merecidos louvores pelo zelo, e bom conselho, com que promove um artigo tão interessante, como este pode vir a ser em o nosso paiz. É a natureza do nosso terreno, e o tempero do nosso clima em tudo tão a favor desta industria, que com qualquer animação, que lhe-deram os que o-podem fazer, a-teriamos mui crescida e proveitosa em poucos annos. Conseguida a plantação das multicaules, e das amoreiras brancas, o mais não é trabalho, que moleste, e antes se-pode tomar por desenfado: nelle quizeramos nós ver entretidas muitas pessoas, que para outro de maior pezo ou ainda não têem, ou já perderam forças. Na *Caza Pia* de *Belem*, na *Misericordia*, no *Asylo da Mendicidade*, nos *Recolhimentos* se-poderia tractar sem despeza, nem incommodo, e em grande ponto, da criação dos bichos de seda; e nisso iria grandissimo proveito, tanto a esses estabelecimentos, como em geral á industria, que carece d'exemplos para ser desenvolvida e imitada. E pois que esperamos que á força de repetidas instancias, alguem irá tentando a experiencia; assentámos que deveramos ajudar e facilitar o resultado, expondo o methodo, com que elle se-consegue mais avantajado. — Não approvamos a escolha, que se-costuma fazer, dos casulos pequenos para semente; antes aconselhamos, que se-reservem os melhores, e mais atochados, e que haja em os-escolher o bom acerto de tomar um numero igual de machos e femeas, e de os-conservar separados até que vão saindo as borboletas, para que se-possam juntar em casaes, afim de não ser interrompida confusamente a geração: o signal que os-differença não está somente no tamanho, posto que ordinariamente sejam maiores os machos; mas particularmente em um vinco, que nestes se-nota, como se-foram cingidos pelo meio. Não convem demorar os casaes mais de doze horas; porque logo começa o desovamento, e é mister deixar a femea só sobre um papel, ou panno onde os ovos vão ficando pegados, e ahi se-devem conservar até Janeiro, guardando-os em logar, que não seja nem quente nem humido em demasia. Como chegar este mez, é coisa muito proveitosa ensopar os pannos em agua, e despegar delles os ovos por modo, que não sejam offendidos, e laval-os duas ou tres vezes, estendendo depois em taboas para enxugarem ao ar unicamente os que assentam no fundo do vaso; por que os mais leves, que vem acima da agua, não geram, e são inuteis. Esta operação facilita muito o desenvolvimento dos bichos, limpando os ovos d'uma especie de gomma, que os-cobre, e engrossa tanto, que muitas vezes, não os-podendo romper, morrem dentro os insectos. Tornam-se a guardar, como forem bem enxutos, até Março: e então começa o cuidado da criação devendo ser o primeiro ácerca do melhor alimento, que deve estar prestes com antecipação para ir logo acudindo com elle aos que vem saindo a lume: deve este alimento ser o mais tenro, e dos gomos mais mimosos das multicaules; porque assim se-economisam as folhas das amoreiras, deixando-as crescer, e os bichos se-acostumam de principio áquelle pasto. Importa muito tel-os separados segundo as idades; não só porque os pequenos não sejam magoados pelos maiores; mas porque já se-vê dever ser differente o tratamento, e haver nisso muita utilidade. — É coisa muito certa, que o tamanho, e ainda mesmo a boa qualidade do cazulo respondem ao tamanho, e vigor do bicho: cabe pois conhecer o modo de o-fazer demorar neste estado de lagarta, quanto seja possivel; pois que mais cresce, e mais substancia vai cobrando: o meio, porque se isto consegue, está no regimento da comida, que deve ser ministrada com tal regra, que possa o bicho descançar outro tanto tempo, quanto nella se-demorou, não mettendo nesta conta os intervallos da *muda*, durante os quaes não se-lhe-dá alimento nenhum, nem se-toca nos taboleiros, que convem estarem limpos nesta occasião; e outra razão é esta para se-observar o que levamos dito, a respeito da separação segundo as idades. Tres ou quatro vezes ao dia se-deve dar a folha, regrando-a como dissemos, e pondo todo o cuidado em que seja sã, viçosa, e enxuta. — Os mais proprios taboleiros, que conhecemos, são os de canna, e se-fazem com toda a facilidade e economia; limpam-se e maneiam-se com maior commodidade, duram muitos an-

nos, e são bem arejados, no que preferem a todos os outros. — Quando se-chega o tempo da formação do casulo, o que se-conhece pelo desenvolvimento dos bichos, e pela voracidade, com que comem por cinco ou seis dias aturados, (nos quaes não lhes-deve faltar nunca a folha mais substancial) estendem-se uns ramos de giesta, de louro, ou de urze, bem seccos, sobre os taboleiros, para que ahi possam prender, e ageitar os casulos. Escolhem-se destes os que devem ficar para semente; e os mais se-põem ao sol, ou se-mettem em forno mal quente; e muitos costumam expol-os em joeiras ao vapor d'agua fervendo, limpando-os d'uma especie de têa que os-cobre, a que dão o nome de *baba*, ou *borras de seda*. Notaremos por fim, que este é o melhor methodo para aperfeiçoar esta industria: mas que tanto as recommendações de maior desvelo, que aqui fazemos, como o que poderamos dizer ácerca da temperatura e purificação do ar nos logares onde se-fizer a criação, são coisas que a natureza do nosso clima muitas vezes as-está dispensando; pois por ahi se-fazem algumas criações tão descuidadamente, que andam os bichos pelo chão, e não ha mais cuidados que no pasto: e muitos vemos nós serem criados pelas ruas em canistreis por mãos de moços, e expostos a toda a intemperança dos dias humidos, e chuvosos. E poderá dar-se maior prova do incalculavel proveito, que nos-daria este ramo, se nos-chegasse o desengano de olharmos por nossa caza? Hoje ainda compramos na Italia o refugo, que lá deixam os inglezes, e por maior preço, que o da melhor seda, que elles escolhem, e levam. Caro nos-sae o descuido! *F. M. P. Silva Negrão.*

FERRUGEM DAS OLIVEIRAS.

349 Recebemos uma longa carta do Sr. *José de Freitas Amorim Barbosa*, *de Santarem*, ácerca d'este importante assumpto, e não podendo transcreve-la inteiramente, aqui a-daremos em extracto.

Sobre materia tão vital para portuguezes, consultámos pessoa eminentemente idónea, o Sr. *Visconde de Villarinho*, o qual se-dignou redigir uma extensa e sabia memoria, cuja publicação promettemos:

Tocou-me a cultura d'olivaes muito velhos, muito encharnecados, muito perdidos, e n'um solo bastante ingrato. — Rossei e limpei a terra de todo o mato, porque entendi que o mato diminuia a vegetação ás oliveiras: lavrei essa terra de charrúa aberta para a tornar mais permeavel, e susceptivel de receber, e de transmittir ás arvores os sucos atmosfericos: arreei a mais de meio as oliveiras, limpando-lhes os troncos, e braços de todas as borbulhas, de todos os arrebentões, musgo, e lenha velha: seguiu-se um anno sêco ao em que isto fazia, e então encaldeei as arvores para que a chuva d'inverno ahi ficasse toda; e fi-lo assim porque a observação já me-tinha feito ver que a oliveira é das arvores quentes do paiz talvez a mais quente.

D'este simples emprego de trabalhos, e diligencias colhi bom proveito ao segundo anno (1836): os meus olivaes que d'antes não fructificavam, muito tempo havia, vestiram-se de roupas novas, e elegantes, e carregaram d'azeitonas. O varejo mandei-o fazer por um methodo novo, ripando, e não batendo, com pequenas varas (que tambem com ellas se-pode isso fazer sabendo-se) e as oliveiras continuaram successivamente a fructificar, e eu a tractar de seu alimpo, e cultura.

Um mal bem velho no paiz veio porém accometter as oliveiras em 1839; a *ferrugem;* vi desta geral epidemia isentas as arvores dos montes, e das charnecas.

Tinha eu notado que a ferrugem começara pelos olivaes mais bastos, e de sitios abrigados; e que quando as oliveiras floreciam suavam suor viscoso similhante a agua russa. Tinham precedido invernos sêcos, e persuadi-me que a ferrugem se-engendra pelos mesmos principios porque se-engendram, e desenvolvem as grandes epidemias nos lugares onde se-accumula muita gente, e por muito tempo. Calculando a distancia, e espaço necessario á inspiração, e expiração livre de uma arvore tal, como a oliveira, a que nunca a folha cahe, entendí que todas as que tinha estavam demasiadamente proximas umas das outras, pelo que careciam de succos atmosfericos na proporção dada para a vida, e para a fructificação. Comecei logo de as-desbastar, arrancando-as, deixando-lhes de intervallo trinta passos; e com este ensaio, e mais algum alimpo a podão vi parar a ferrugem, e inteiramente desapparecer de minhas oliveiras no principio do inverno de 1840.

Será pois a ferrugem molestia que se-engendre por corrupção do ar atmosferico de que as oliveiras se-alimentam?..

Ou provirá da falta de succos atmosfericos em relação ás arvores, que precisam de uma maior quantidade desses succos?

E qual é o meio de evitar este mal, dada uma destas causas?

E como se-ha-de curar, quando elle se-tenha estabelecido, e desenvolvido?

A discussão, e solução destas theses deve occupar todas as attenções dos nossos sabios, e das nossas Academias; por ser a ferrugem um mal damninho, que priva a sociedade de um dos mais preciosos fructos que a terra lhe-ministra para a saude, para a doença, para a vida, e para a morte. N'esta discussão é essencialissimo attender, pesar, e conhecer bem os argumentos d'excepção com que muita gente tem até hoje procurado estabelecer o mal em uma origem desconhecida, e por ventura extravagante.

A muitos desses temos nós ouvido que se a ferrugem se-originasse da falta de succos, e corrupção atmosferica, primeiro se-enferrujariam as oliveiras de pouzio e charneca, a que nenhum tractamento se dá. Respondemos a estes — que essas oliveiras não padecem primeiro o mal pelas seguintes rasões — 1.ª — porque não vivem vida tão activa, e regalada, e raro, e pouco renovam, e fructificam — 2.ª — porque tendo o solo mais compacto por falta de cava, ou lavoura, conservam a humidade nas raizes por mais tempo; — 3.ª — porque esse solo a poucos outros filhos alimenta; e essa atmosfera não tem de repartir-se pelos cereaes que ordinariamente se-cultivam nos olivaes etc.

Outros perguntam a rasão porque não são tão depressa, e tanto afectadas as oliveiras das estradas, e das encostas? É talvez porque as das Estradas gosam além das vantagens das de terrenos incultos, da grandissima de disfructar a terra calcinada pelo pizo continuado de homens, e animaes: e que as d'encostas vivendo uma vida mais inerte porque se-renovam pou-

co e pouco fructificam, recebem o ar mais purificado pela exposição, e pelos ventos etc.

Não tem finalmente faltado quem tenha querido affirmar — que a ferrugem se-gera de certo insecto que nasce nas oliveiras: e da poeira e agua que se-accumula, e permanece em suas folhas, troncos, e lugares proprios — Esse bicho é effeito, e não causa da ferrugem: e a poeira e agua, em vez de originar a ferrugem, seriam talvez remedio para cura-la etc. etc.

Não permitte o lugar espraiar-me. Aos sabios Redactores da Revista Universal Lisbonense dirijo estas poucas, e apressadamente escriptas linhas, empenhando-os em nome da Humanidade a que entrem na discussão das theses que ahi lhes-apresento, e para a qual concorrerei com todo o meu pouco cabedal.

Santarem 12 de Abril 1842.

José de Freitas Amorim Barbosa.

LEMBRANÇA DO SR. FRAZÃO.

350 O Sr. *J. L. A. Frazão* nos-escreve, communicando que a empreza britannica de uma linha telegraphica até á India lhe-fizera nascer a idéa de uma similhante linha entre as nossas Africas Oriental e Occidental, estabelecendo presidios nos pontos telegraphicos, linha que deveria continuar para o Norte, de accordo com os respectivos Governos, até Marrocos, d'onde se-communicaria com o Algarve, e d'alli com Lisboa. Aquelle Sr. diz ter já ha 7 annos proposto este projecto ao Sr. *Domingos Saldanha*.

GAZ LUCÍFERO.

351 Por satisfazer ás perguntas que todos os dias nos-dirigem os desejosos de usar do *gaz lucífero*, de que viram menção neste Jornal, podemos declarar que a pertenção de seu introductor e aperfeiçoador, o Sr. *Barreto*, para obter o privilegio, percorre os tramites legaes, e actualmente está sendo ouvido o Procurador Geral da Corôa. O resultado não é duvidoso, nem deve tardar, que assim é elle junto e de notoria vantagem. Á concessão do privilegio seguir-se-ha logo a venda publica do genero.

INTOLERAVEL ABUSO DO DIREITO DE PROPRIEDADE.

352 É muito antiga a grande fama da fertilidade do nosso paiz; e parecerá por ventura exagerada a quem hoje houver de comparar o seu estado, e o seu tamanho com o que de suas producções, e commercio nos-deixaram escrito os historiadores d'outro tempo: na verdade é incrivel o que nas descripções, e historias de Portugal se-diz sair deste pequeno canto da Europa para todas as nações, tanto dos fructos da terra, como das pescarias de seus mares e rios; das manufacturas, e das riquissimas drogas, de cuja maior parte apenas nos-resta a noticia: porém é ainda mais incrivel, que este mesmo paiz, sem grande desconcerto da natureza, senão dos homens, chegasse por muitos annos a sustentar-se com o pão alheio; e que muitas familias ahi se-finassem de fome. Mas, graças a Deos, já lá vai essa triste epocha! melhorada ao menos nesta parte é a em que vivemos! — Dá-nos a terra, e só a terra o de que nos-sustentamos; e já começamos a levar para fóra, o que nos ella dá de sobrado. Se os que nos-governam continuarem a favorecer a classe agricola (já não fallamos em sociedades que a-animem): se lhe-assegurarem os seus interesses, que são os de todos; se mesmo obrigarem os donos das grandes herdades mal cultivadas, dos morgados, e dos baldios a os-cultivarem por si, ou por outros, com justas condições; grande fartura nos-está para vir! e só ella nos-poderá valer nos apertos, em que laboramos. E não é um escandaloso abuso do direito de propriedade, que as leis devem condemnar, o que vai por muitas partes em todas as provincias do Reino com as quintas, e grandissimos terrenos, que por ahi ficam sem cultura? Por certo que tal abuso brada ao ceo, e é um crime, que nenhuma nação deve tolerar: e mais escandaloso ainda é para nós, e para os nossos dias; em que estamos vendo crescer tanto a agricultura; e com tão boas esperanças prosperar em muitos logares sáfaros e agrestes, por cima, e nas fraldas de serras aonde ninguem julgava possivel levar-se arado! De muitos destes desperdicios temos nós largas noticias; e em quanto não os-apontamos nomeadamente, basta-nos tocar de leve na materia, para satisfazermos aos nossos zelosos correspondentes, e movermos por-ventura os que podem remediar taes abusos. Na freguezia d'*Alte*, no *Algarve*, nos-dizem existir um bello terreno inculto, que levará vinte moios de semeadura; e por mais que tenham apertado com o dono, não se-resolve, nem a manda-lo cultivar, nem a vir a um contracto razoavel com algum lavrador, que o-tome por sua conta. Quem poderá dar-nos explicação de tamanha renitencia? Muito se-podia fazer neste importantissimo ramo: nem é materia que precise ser estudada: se imitarmos o que se-pratica em outros paizes, teremos tudo feito, e veremos desenvolver-se a nossa agricultura, desafrontada de similhantes caprichos. Na *Sardenha* (não citaremos outros exemplos) é este objecto tratado, não como de mera especulação, e de curiosidade particular; mas como o de maior necessidade, e interesse público. O governo ahi tem organisado o *Censurato Geral*, as *Juntas locaes*, os *Communs*, os *bancos ruraes*, ou *montes de soccorro*, tanto de generos, como de dinheiro; e sem embargo de lhes-haver commettido o cuidado geral de toda agricultura do paiz, lhes-recommenda, quando o caso o-pede, quaesquer novas providencias, decretando a sua prompta execução. Sirva de prova o Decreto de 22 de Novembro passado, posto em vigor desde o começo do presente anno. = « Carlos Alberto, por graça de Deos, Rei de Sardenha.... Com o fim de cada vez mais animar a agricultura, que d'alguns annos a esta parte tem adquirido notavel augmento neste Reino; e de proteger a sementeira do milho da Turquia, batatas, e d'outros productos ainda pouco conhecidos pelos agricultores sardos.... Mandamos em virtude do presente.... que os Bancos de soccorro, assim de generos, como de dinheiro, onde haja fundos, que tenham sobejado das necessidades ordinarias da agricultura.... sejam obrigados, os primeiros a prover-se (empregando o excedente dos generos) das sementes do milho da Turquia, batatas, e outros fructos, que lhes-serão indicados pelo *Censurato Geral*, para que as-possam distribuir pelos agricultores: e os segundos a fazer emprestimos de dinheiro aos lavradores, que se-dedicarem a esta cultura.... observando-se em um e outro caso as disposições do Decreto de 30 de Setembro de 1821. » = Determina mais este Decreto, que os *Communs* dividam pe-

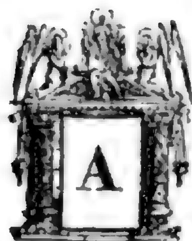
los lavradores alguma parte das terras de restolho *(paberili)* que por elles seja requerida ás Juntas locaes para a sementeira dos referidos generos.... Se por cá houvesse alguma sombra destas providencias, não haveria quem assim abusasse do seu direito de propriedade. *F. M. P. Silva Negrão.*

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

MARTYRES DE LISBOA.

353 *Maio* 13 *de* 1147.



A onde hoje está erguida a mais rica e bem dotada Igreja Parochial d'esta Côrte — a de N. S. dos Martyres — cercada de soberbissimos edificios e casarias, no coração d'esta grande cidade — era ha 700 annos — um Cemiterio! Era *os Prazeres* — d'aquelle tempo: e em tanta conformidade, que ahi se-via uma pobre Ermida, riquissima pela milagrosa Imagem da Senhora que encerrava; erecta n'um êrmo todo cravado de cruzes, como se hoje vê, o em que jazem — *os pobres, ou esquecidos pelos seus* — no Cemiterio dos Prazeres. E todavia era aquelle um Cemiterio de campanha.

Estava ainda esta *joia* tão cobiçada — tão invejada — e tão abocanhada da Europa — *Lisboa* — no poder d'aquelles filhos de *Mafoma* que tanto nos-custaram a sacudir d'estes Reinos; quando o nosso primeiro Rei D. *Affonso*, que tinha já limpado a Provincia do Além-Téjo e grão parte da Extremadura, d'aquella raça descrente — a-accommetteu. Ajudou-se para tão formidavel assalto, dos *Cruzados* que acaso surgiram no Téjo. Disposto o cêrco, assentaram o arraial, e estabeleceram Cemiterio para os que n'elle perecessem n'essas paragens, que por então eram arrabaldes da *Lisboa* moura. E desde a dedicação — a 13 de Maio — até 25 de Outubro — que a cidade caíu em nosso poder, alli foi a jazida dos que no assedio morreram martyres da Patria, que foram muitissimos, e todos de Christo. Como taes os-conta o Martyrologio Lusitano, e foram acatadas suas reliquias até hoje. D'elles se-deu nome ao Templo que depois se-lhes-levantou, e que tendo passado por tres reformas, é um dos magnificos que tem *Lisboa*.

Eis-aqui um grande documento, de como nossos christianissimos Avós faziam perduravel o galardão dos serviços feitos ao Rei e á Patria.

A todos os que menos instruidos forem em tão grande successo da infancia d'esta Monarchia, pedimos nós a leitura do 5.° *Quadro Historico de Portugal* — em cujo riquissimo texto e copiosissimas notas acharão cabalmente, tudo que por nossas e alhêas Chronicas ha sobre o assumpto. E se é possivel que haja alguem portuguez, que haja mister de lhe-aguçarmos o desejo de tal lição — ahi vai o derradeiro paragrafo do referido Quadro, com que grandemente nos-honramos e comprazemos de coroar esta commemoração.

«Leitor, se alguma vez passares em 13 de Maio, por diante dos Martyres, ou em 25 de Outubro pelo terreiro da Sé, e ouvires lá dentro as toadas dos orgãos e canticos, e vires logo pelas portas patentes ir saindo uma cruz, brandões, sobrepellizes, dalmaticas, rezas, incensos; abstem-te do sorriso da moda, descobre nobremente a fronte portugueza, lembre-te que são acções de graças pelo principio e fim do assedio; que desde o anno 1147 se-têem sem interrupção até ao presente renovado. Se impellido de um pensamento antigo, acompanhares tambem essas procissões ao recolher, nos Martyres mostrar-te-hão ainda as reliquias dos soldados santos; na Igreja Matriz, ao passar pelo vestibulo, saúda a pedra veneranda que te-falla do lado direito.» *A. J. da Sylva Tullio.*

Cumpre-nos agradecer humilde e cordealmente as felicitações que nos têem sido enviadas, pela maneira com que nos-expressámos ácerca da leitura da *Biblia* e contra os máus livros de que estamos inçados — no artigo 329 do n.° passado. E porque especialmente o muito Reverendo e Doutissimo Sr. P. *Ilsley* se-dignou honrar-nos com observações tão chêas de saber e auctoridade, — brevemente daremos prova de quanto respeitámos os seus conselhos.

Antonio Joaquim da Sylva Tullio.

THEATRO DE J. B. DE ALMEIDA GARRETT.

354 Da officina de Morando acaba de saír o suspirado terceiro volume das obras completas do Sr. *Garrett*, segundo do seu Theatro: contém *Merope*, tragedia em cinco actos e em verso precedida de um prologo: e um *Auto de Gil Vicente*, drama em presa, e em tres actos, com um prologo do auctor, um prefacio dos editores, e dois artigos ácerca do mesmo drama extrahidos do *Diario do Governo, e da Chronica litteraria de Coimbra.*

Sobre o *Auto de Gil Vicente* confirmamos quantos sinceros elogios em o nosso artigo 137 do *segundo volume* lhe-haviamos dado, concordes com todos os letrados, e não letrados que o viram em scena. É peça que ha-de viver em quanto durar Cintra, e a Memoria de *Gil Vicente*, de *Bernardim Ribeiro*, e de D. *Manuel*, ou pelo menos em quanto persistir um vestigio de litteratura e lingua portugueza. Porém a *Merope*, fructo de annos ainda mui verdes, temol-a por inferior a quanto do Sr. *Garrett* havemos lido. Entre a numerosa familia das *Meropes*, é esta em nosso entender uma das menos bellas: — pequena acção — caracteres imperfeitamente desenhados e pouco verdadeiros — posições e lances inquestionavelmente falsos — pouco escrupulo no estudo dos costumes gregos — estylo desacurado — versificação fria e prosaica. — Não mereceriamos nós louvar tantos outros escriptos admiraveis do Sr. *Garrett* se fossemos capazes de o-lisongear; e intimamente estamos convencidos de que o seu juizo a este respeito não discordará muito do nosso. Não foi aqui empenho seu provar-nos que nascêra logo poeta maximo, porém mostrar, afim de dar brios e esforço a principiantes, que tambem elle principiára engatinhando, e que de mui baixo, com perseverança e estudo, em o talento não fallecendo, se-póde arribar ás maiores alturas: encarada d'este modo a *Merope* é ainda um opusculo valioso, e não inutil para se-completar o capitulo brilhante que ao nosso poeta se-reserva na historia litteraria.

**

Dos dois prologos do auctor nada diremos; — leam-n'os, que são ambos elles modêlos bem perfeitos de muitos e mui diversos generos de escrever.

Antonio Feliciano de Castilho.

DESCRIPÇÃO DAS MAQUINAS A VAPOR E SUA APPLICAÇÃO Á NAVEGAÇÃO PARA USO DOS ALUMNOS DA MARINHA POR J. J. M. C., PRIMEIRO TENENTE DA ARMADA, MEMBRO CORRESPONDENTE DO INSTITUTO HISTORICO, E GEOGRAFICO BRAZILEIRO.

355 Não é por nos-julgarmos competentes juizes na materia, sobre que versa esta obra; mas para darmos mais publica noticia do juizo, que de seu merecimento fazem os que por todos os titulos o são, que entendemos ser nosso dever annuncia-la n'este Jornal, sempre desejoso de taes producções, com que vai subindo o credito de nossas letras.

Offereceu-a seu author á Associação Maritima e Colonial de Lisboa: e já daqui se-vê que teria esta obra de passar por grandes provas, como é pratica sempre seguida em taes sociedades, que nada decidem sem que seja escrupulosamente examinado, ventilado, e discutido: e se de mãos tão apertadas, que em taes pontos fiam sempre mui delgado; e de olhos tão de lince, que tudo alcançam, saíu ella não só tão inteira como viera do seu author, mas ainda laureada de louvores, e elogios em vez de notas, e emendas; por certo grande é o seu merecimento; e para nós passou elle já em julgado. Encostados pois á sentença tão direita, e imparcial, como deve ser a de uma sociedade tão opulenta de talentos, e zelosa de sua reputação; e movidos ainda por nossa propria consciencia não diremos sómente — que o author mui versado na pratica e theoria deste ramo das sciencias physico-mathematicas, desempenhou com acerto o fim proposto; e que a leitura da sua Memoria será de grande utilidade aos alumnos, que desejarem conhecer a construcção desta maravilhosa maquina, e portanto o author digno de merecidos elogios — mas accrescentaremos ainda, que com esta obra acudiu o author á necessidade, em que por ventura estariam os alumnos de Marinha de mendigar por escritos estrangeiros os conhecimentos, que aqui lhes-offerece com claresa, e desembaraçados das difficuldades, que poderiam encontrar n'aquelles escritos; por serem mais diffusos: e se de julgar o merecimento desta obra de incompetentes nos-escusámos; tambem nos-accusamos de suspeitos em tributar louvores a seu author, que com merece-los elle tanto não nos-prende a affeição, que nos-tornaria escaços, de receio de parecermos obzequiosos.

N.

CORRIDA DE TOUROS.

356 Os dictos efeitos memoraveis do Sr. D. Pedro IV pediam só per si um *Valerio Maximo*, — e lástima é, que alguma habil penna os não vá colligindo em quanto o tempo os não consome ou altera, como em taes cousas o-costuma. De um seu dicto, que tanto lhe-honra o juizo como o coração, faremos nós lembrança pela julgarmos proveitosa na actual conjunctura. Convidou-o certo lavrador, proprietario rico do Ribatéjo, e dono de grandes manadas para assistir em *Villa Franca* a uma *corrida* de novilhos, que se-preparava apparatosa. — Meu amigo, lhe-respondeu o principe philosopho e humano, «convide-me para ir vêr «os seus novilhos lavrar as suas terras, e esteja certo «de que lhe não hei-de lá faltar como agora faço.» — O lavrador, farpeado ao vivo por tão destra mão, nunca mais voltou ao ataque.

NOTICIAS.

357 AUSTRIA.

A rainha de Hespanha segundo se diz na alta sociedade, casará com principe da casa de Baviera; projecto que parecia ter o consenso da Prussia, Russia, e Inglaterra.

TURQUIA.

358 Temia-se que a guerra rebentasse entre a Porta e o Shah da Persia por causa de demarcação de territorio.

PRUSSIA.

359 A Academia das Sciencias admittiu em seu seio um sabio israelita por proposição de M. de Humboldt. Nobre exemplo de tolerancia.

HOLLANDA.

360 O Grão ducado do Luxemburgo acaba de adherir ao systema das alfandegas da Allemanha. Havia isto influido muito no gabinete da Tulheria.

INGLATERRA.

361 Eram assumpto geral dos jornaes as noticias vindas da India; haverem os Affghans sitiado Jellalabad; o imperador dos Birmans declarado a guerra á Inglaterra; engenheiros russos e allemães dirigirem o exercito chinez, e uma derrota total de 5000 mil inglezes na India. Tambem se teme rompimento com os Estados-Unidos.

FRANÇA.

362 Os animos acham-se todos occupados nas eleições; e presume-se que os legitimistas poderão levar á Camara, uns sessenta dos seus; se se-der este caso a opposição dinastica se unirá ao governo para resistir aos republicanos, napoleonistas, e legitimistas.

Havia fallecido o ministro da fazenda Mr. Humann que foi substituido por Mr. Lacave Laplagne. Tinha-se enviado para a Algeria uma esquadra com grandes reforços para perseguir a Abdel-Kader ainda no territorio marroquino.

HESPANHA.

363 Os jornaes discursam sobre as desordens occorridas em Barcelona; porém pelo ultimo correio vê-se, que similhante acontecimento não passou de uma effervescencia de poucos, e no theatro.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

364 *Diario do Governo de 5 de Maio.* — Uma amnistia militar.

De 7 de Maio. — Providencias relativas á circulação legal de dinheiro estrangeiro na Madeira (reimpressas e corrigidas no Diario de 9.) — Permitte-se na

Madeira a importação do arroz da Asia para consumo, vindo indirectamente de qual quer parte, e sob qual quer bandeira, pagando os direitos da pauta e os differenciaes. (Na parte não official, projecto de lei para extensão do commercio dos vinhos do Douro.

De 10 *de Maio.* — Os Facultativos militares usarão de banda.

De 11 *de Maio.* — Os Grão-Cruzes, Commendadores, Officiaes e Cavalleiros das diversas Ordens acompanharão a procissão de Corpus-Cristi.

SOBRE A APREGOADA EPIDEMÍA NA BEIRA-ALTA.

365 No precedente número transcrévemos da *Revolução de Setembro* uma notícia que tem feito sensação na capital; muito folgamos porém de vêr que, segundo todas as probabilidades, andou grande exaggeração nas communicações recebidas pelos nossos collegas. A seguinte carta do Sr. Vice-Presidente do Conselho de Saude Pública do Reino, não é só uma prova da honrosa benevolencia que lhe-devemos, mas tambem de quanto aquelle respeitavel corpo toma a peito tudo o que se-refere aos importantes assumptos que a lei lhe-commette.

Vi annunciada na *Revista Universal Lisbonense* de hoje, em referencia á *Revolução de Setembro*, a existencia d'uma epidemía em *Cima-Côa*, parte da Provincia da Beira-Alta, e limitrofe de Hespanha; deve ella ser notavel em attenção á mortalidade que se-diz ter tido logar na pequena cidade de *Pinhel*.

Posso asseverar a V. que o *Conselho de Saude Pública* ignora até hoje officialmente a existencia dessa epidemía; d'onde concluo, que serão talvez mui exaggeradas taes notícias, como na verdade foram as que se-deram por occasião da epidemía do *Barreiro*, que hoje se-póde reputar extincta.

A lei ordena mui cathegoricamente (Decreto de 3 de Janeiro de 1837 artigo 31) — que no caso d'epidemías, sejam ou não contagiosas, os facultativos territoriaes darão immediatamente parte aos Delegados, e estes ao Conselho de Saude, para se-prover de prompto, como o caso exigir. — O Delegado no Districto da Guarda desempenha dignamente as suas funcções, os facultativos territoriaes porém mui raros cumpram o que a lei ordena, no que toca aos differentes assumptos relativos á Saude Pública. Eis o que sei a tal respeito, as ordens foram immediatamente expedidas; do que se-souber darei notícia a V.

Permitta-me V. que eu lhe-diga por esta occasião, que o regulamento que faz parte do Decreto de 3 de Janeiro de 1837, e que organisou a repartição de Saude Pública em Portugal, como nunca o-estivera, foi optimamente concebido, mas que apezar de se esperarem d'elle os melhores resultados, a violenta e forçada introducção dos Administradores territoriaes para subdelegados do Conselho de Saude Pública, entorpeceu, e até quasi paralisou todos os beneficios, que se deveriam colher de tão brilhante e util Instituição. Que farão homens leigos, e estranhos a todos os ramos da arte de curar, em assumptos da competencia da Hygiene Pública?...... Faltam-lhes os conhecimentos e falta-lhes até a vontade de dar cumprimento á lei. Quantas vezes se-tem levado estas verdades á presença do Governo, e das Côrtes? Entretanto um máu fado nos-persegue em quasi todos os assumptos da competencia do Conselho de Saude Pública do Reino, em cujos Annaes se-tem clamado, alto e bom som, sobre todos estes objectos.

Aproveito tambem esta occasião para, etc.

Lisboa aos 5 de Maio 1842.

Francisco Ignacio dos Santos Cruz.

THEATRO NACIONAL E NORMAL DA RUA DOS CONDES.

366 Domingo 8 assistimos em fim, pela primeira vez, á *façanhosa comedia* das *Primeiras Proezas de Richilieu.* Não conheciamos o original francez d'esta peça, e apezar do muito, que pessoas de credito contra ella nos-haviam dito — apezar de sabermos que as censuras do *Conservatorio* a-tinham reprovado; e que a licença para a representação se não conseguira senão tarde, e um pouco por fóra das vias ordinarias — (*) não imaginavamos com tudo que podesse ella ser tal como a-achámos em realidade. Não fazemos exposição, nem do seu enredo, aliàs bem traçado, e engenhoso, nem de suas sentenças moraes, gracejos, e finuras; — essa relação por mais que a nós disfarcassemos com tresdobrados véos, nunca seria possivel presental-a em um papel, que póde ir parar a muitas mãos honestas.

Crêmos firmemente que a *Inspecção Geral dos Theatros e Espectaculos do Reino*, magistratura litteraria, e moral de summa importancia, dará providencias para que tal escandalo, que ainda em casas professas do devassidão o-seria, para sempre se-desterre de um theatro que se-obrigou a ser *normal*; e como *normal* recebe da Nação, talvez muito mais, do que ella póde despender. Ácerca da prostituição respeitaveis philosophos têem escripto — que é esse um mal que os estados devem tolerar: — mas nenhum philosopho ainda se atreveu a dizer — que devam os estados pagar uma eschola pública de prostituição. — Chamamos para este ponto, que ó gravissimo, toda a attenção das *auctoridades, da imprensa, e do governo.* Não temos nós a respeito dos espectaculos scenicos tão austera opinião como o rigido moralista *Felice*: conhecemos o seculo, em que vivemos; e obrigados a condescender

(*) Sabemos que o drama estava nas mãos de um censor para ser licenciado, quando baixaram approvados por S. M. os novos estatutos que regulam, que só depois do voto de tres censores possa qualquer peça ser licenciada. A Inspecção dos Theatros, não só por julgar dever subordinar ás disposições dos novos estatutos todos os negocios pendentes, mas porque estava informada das immundices do Drama, enviou-o a uma commissão de que foi parte o Sr. Visconde de Villarinho de S. Romão. Esta commissão — bem haja — desapprovou decididamente o Drama; e a Inspecção declarou que não dava licença para tal representação. — Constando isto ao emprezario, foi com as suas muitas relações atravessar-se na Secretaria do Reino, d'onde resultou baixar uma Portaria fulminando o empregado, que servia de Inspector. — Por outro lado o emprezario declarou que não poria em scena uma peça original portugueza se lhe não deixassem representar o seu Richelieu.

Não sabemos porque meios a peça appareceu a primeira vez em scena e na quaresma, o que foi causa de se despedir do Conservatorio o honrado Sr. Visconde de Villarinho. Dizem-nos que o actual Inspector, julgando não poder domar senão ás boas o emprezario — se-decidira a ir ter com elle pedindo-lhe que retirasse a peça; e ponderando-lhe que se lembrasse ao menos de que era quaresma, etc.

A peça retirou-se; e julgava-se que não voltaria: porém foi resuscitada Sabbado no beneficio da Sr.ª Emilia: voltou no Domingo, e grandes enchentes lhe-dará a ociosidade immoral de uma boa porção do *público*, se continua.

algum tanto com os vicios incuraveis confessamos com o philosopho de Genebra, — que taes espectaculos em cidades corrompidas são necessarios : — entretanto não é menos necessario sujeital-os ás regras geraes e invariaveis dos costumes ; prohibir-lhes inexoravelmente o que na sua liberdade, já de si arriscada, se-quizer enxertar de licença ; em summa fazer com que ahi se não vá vêr e ouvir com a maxima publicidade o que nenhum pae de familias sisudo consentiria que no secreto de sua casa se-praticasse, ou se-dissesse : — isto basta e sobra para os partidarios dos bons principios ; mas aos sectarios apaixonados e absolutos do theatro, aos que, ou por sua idade ainda verde, ou por não ligados, ou por só ligados imperfeitamente com os vinculos naturaes da familia, ou por já pervertidos como falsas theorias philosophicas, defendem o theatro de qualquer modo, que lh'o dêem, a esses dizemos, — que, se os naturaes tutores da pública moralidade continuarem de consentir em torpezas d'este genero, o theatro, em vez de caminhar para a perfeição, continuará a pender cada vez mais para uma total ruina. A infamia que todos os povos, todos os seculos, e todas as religiões gravaram sempre nas frontes dos comediantes, a ninguem poderá parecer uma preoccupação, quando, em vez de louvaveis exemplos e doutrinas, elles forem, como n'esta peça, os oradores, mestres e exemplares das mais ignobeis e immundas obscenidades. — Tende no vosso archivo de empreza dois ou tres d'estes manuscriptos e procurai d'entre cem mil donzellas de meia educação e de meia honestidade, d'entre quatrocentos mil homens que não sejam das galés, nem dos pinhaes d'Azambuja, uma ou um, que se lhes-propuzerdes de os-escripturar pela mais avultada somma, vos não rasgue na cara a infame escriptura, e vos não feche a porta para sempre ; e então, clamando contra o fanatismo, forçados a pescar, d'entre o lodo dos bairros mais infectos, dez ou doze vadios de ambos os sexos, dareis admiraveis representações, cujos cartazes não os deixará a *policia* affixar senão em certos arruamentos. — Temos cumprido o nosso dever ; — se agora as *Proezas de Richelieu* e outras mil similhantes proezas continuam a representar-se, d'ahi lavamos as nossas mãos : — se, representando-se, o theatro se-continua a encher, — se os Pais ahi levam filhas e filhos na idade ainda d'uma feliz innocencia, para que se-lhes-ensine ao vivo, e antes de tempo a metter debaixo dos pés todo o sentimento de honra, essas contas a Deos, á sociedade e ao porvir já as não daremos nós ; — uma só cousa advertiremos por derradeiro ás Mãis, que ainda talvez o não saibam, e é, — que em quanto ellas assistem imprudentemente a taes espectaculos, muitas pessoas da platéa se-estão gosando de outro muito mais curioso, qual é o notar nos seus rostos, e nos das innocentes, commettidas á sua vigilancia, as impressões, que progressivamente lhes-vão produzindo os ditos, e feitos, demasiadamente bem representados, do devasso de *quinze annos*, do duque de *Richelieu*. São dois espectaculos ao mesmo tempo ; ambos igualmente *moraes e edificantes* ; mas o segundo, o de cá de fóra, para certa gente, ainda de muito mais proximo fructo, muito mais prático, muito mais agradavel do que o do palco.

Reprehender-nos-hão alguns prudentes pela sinceridade d'estas declarações ; bem sabemos que, para animos altanados e perdidos, o dizer-se-lhes que é immoral a comedia é aguçar-lhes o gosto de a-irem vêr ; mas nem esses nos-lêem, nem têem elles que perder. Escrevemos para os homens de bem, para as mulheres não perdidas, se a nossa penna podesse lavrar ordens, certamente que a não cançariamos em estender artigos.

Terminou-se a noite com o *Campo dos dezofios*, de que já em outro logar fallámos, curioso amphigouri dramatico, marchetado de linda musica : ou se antes quereis assim, linda opera em prósa embutida de bocadinhos de prósa resada. Tal está o theatro de *declamação*, o theatro *portuguez*, o theatro *normal* : a *norma* foram as *Proezas*, a *declamação portugueza* foi *musica franceza*. O subsidio ha-de ser requerido e ¿será pago?

Antonio Feliciano de Castilho.

THEATRO DO SALITRE.

Empreza de Gil Vicente.

367 Já fallámos neste Theatro, e sempre delle com gosto fallaremos, porque Portugueza é sua empreza, Portuguezes seus actores, e Portuguezes seus fins. Theatro em Portugal não o-ha, actores é tambem fazenda que pouco se-aprecia em nossa terra, e são elles tão poucos, tão imperfeitos, que apenas por ahi podemos estremar dois ou tres. É pois forçoso pôr peito a este trabalho, é forçoso, repetimol'o, animar os que principiam a trilhar esta senda escabrosa.

Temos sido constantes no Theatro do Salitre, e temos visto tirar partido do pouco ou nada que ahi havia. O *Peão Fidalgo* agradou-nos ; era obra de *Moliere* e traducção do Capitão *Manoel de Sousa*. Satisfez-nos o desempenho, não individuaremos actores por não offender melindres ; todos fizeram quanto podiam, e se alguns defeitos se-lhes-notaram, merecem desculpa porque são apenas entrados n'uma carreira que demanda tempo, estudo, pratica e bons mestres.

Bem haja, bem haja a Empreza de Gil Vicente, que não poupou cousa alguma para realçar a producção do eximio author do *Tartufo*. Vestuario rico, um baile mais que soffrivel, e coros de gosto aprimorado e assaz bem executados. O que nos-doe n'alma é vêr a minguada concorrencia ; o publico deve por uma vez desenganar-se ; as *insulsas desharmonias* podem lisongear os ouvidos dos que não entendem da musica, mas assim estragam o gosto ; sejamos tambem amigos da declamação ; protejamos o que é nosso, e tão nosso, e poderemos ter esperança de que a arte Dramatica não haja morrido em Portugal. A Empreza de *Gil Vicente* quer alevantar um edificio formosissimo ; mas ha mister de materiaes, levemos-lhe nós mesmos o de que necessita para a sua obra, e veremos em breve com orgulho esse edificio erguido por nossos proprios braços, que na frente não terá mais que uma expressão curta no tamanho, mas immensa na significação — *Theatro Portuguez !* —

José Feliciano de Castilho.

HOMICIDIOS.

368 Tarefa triste nos-coube no relatar os acontecimentos extraordinarios que constituem a physionomia d'esta nossa Sociedade. Suppozemos, ao emprehender este trabalho, que ao passo que houvessemos de denunciar crimes, os-poderiamos tambem contrabalançar com virtudes, — que nem só roubos, violencias, homicidios constituiriam os fastos da nossa era, — que alguma acção de beneficencia, de amor de pa-

tria, de devoção viria matisar o quadro. Enganámo-nos.

De todos os pontos do Reino continuam a communicar-se-nos attentados, frequentemente tanto mais negros, quanto particulares circumstancias os-aggravam. ¿Será a sua publicação em nossas columnas resultado d'uma romantica preferencia, ou da reprehensivel ambição de alimentar essa depravada tendencia para as fortes *sensações*? não por certo: ardente fôra o nosso desejo de substituir noticias que comprimem, por outras que dilatem o coração; — a violencia pela beneficencia, — o hediondo pelo bello. — Com igual e maior empenho solicitamos estas, mas — ou porque a mão virtuosa timbra sempre em esconder-se, — ou porque a miude a acção boa se-torna tal pelas circumstancias que a-cercam, pelo impulso que a-dictou, — o certo é, que pela publicidade dada a um só acto de bondade se-póde naturalmente contar a publicidade dada a mil actos ferozes.

Alguem nos-aconselhou pois, que supprimissemos o espectaculo de tamanhas miserias como as de que rezam as columnas d'este Jornal, que evitassemos dar provas da gangrena que rala o nosso estado social; recusámos. De cada delicto verdadeiro temos nós que se-tirarão importantes lições, quando os medicos d'esta Sociedade a-tiverem bem conhecido no corpo são e doente. Alto e bom som clamaremos pelo remedio a males tamanhos, mas é necessario que esses males firam pela sua magnitude os olhos de quem, repousando-se em ignorante desleixo, os não enxerga ou desvia a vista. Os crimes são amiudados e feios — perpetrados geralmente pelas camadas infimas do povo — originados da immoralidade a que têem dado logar as consequencias exaggeradas dos salutares, mas não entendidos principios liberaes — aggravados pela irreligião arvorada em dogma politico — e encadeados todos na falta de instrucção, que não permitte discernir os limites do justo, e que depois de ultrapassados transforma o homem em fera que só de sangue e horrores se-apascenta.

Esperando que os nossos correspondentes nos-transmittam mais lisongeiras noticias, aqui transcrevemos algumas das que recebemos.

No 1.° do corrente, no sitio da *Atalaya*, achavam-se reunidos varios dos chamados *maltezes*, entre os quaes já tinha havido altercações motivadas por pequeninas rivalidades de officio; novamente se-debateram e com mais encarniçamento do que nunca, porque a rixa começára por copiosas libações; das palavras passaram logo ás injurias, das injurias ás facadas, e tal foi a que traspassou ao chamado *Joaquim Francisco* que no dia seguinte cessou de existir.

Sorte igual teve em a noite 2 do corrente seguinte, um pobre guardador d'ovelhas, no sitio do *Carregueiro*, a quem o caseiro d'uma quinta espancou tão brutalmente que nunca mais deu accôrdo de si; parece que fôra motivo de tão barbaro assassinio uma miseravel tentativa de furto n'um pomar da dita quinta.

No dia 3, no sitio do *Paúl de cima*, Concelho da *Ericeira*, um individuo a quem nenhuma circumstancia fazia crêr que tivesse inimigos, no momento em que mais desprevenido se-achava, recebeu um tiro d'espingarda, sentindo sómente a bala, sem que pudesse conhecer-se nem a direcção d'onde partira, nem a mão que a-lançára.

Passamos em silencio algumas outras participações analogas, porém que nos-são tão vagamente contadas que não suppomos dever com ellas occupar o público.

J. F. de Castilho.

O INFANTECIDIO EM GONÇA.

369 Em o n.° 28 promettemos nós averiguar este successo, que se-nos-apresentava envolvido em capa *mysteriosa* — Eis-aqui o que nos-remette pessoa de toda a fé, que foi tomar o depoimento do proprio individuo violentado para baptisar a recem-nascida.

No dia 28 de Março p. p. pelas 9 horas da manhã, — *João Baptista* — do Logar da *Cruz do Requeixo*, freguezia de *Travassos*, Julgado de Guimarães, indo para a freguezia de S. Lourenço de *Lande* do mesmo Julgado, no monte chamado as *Pelicias* ou *Foio*, limites da freguezia de *Souto*, proximo á de *Gonça*, em um atalho da estrada d'aquelle monte, vio um homem com uma arma caçadeira traçada no braço, que saíra d'entre uns penêdos e se-dirigia para elle, e a poucos passos de distancia lhe-disse — faça alto senão morre — Elle pára, julgando ser algum ladrão, pelo sitio ser proprio para o intento. Mas o homem armado lhe-pede por favor que o-acompanhe. *João Baptista* assusta-se, e lhe-responde que não é necessario ir com elle, sendo para lhe-tirar o que leva, por que alli mesmo lh'o dava. Não quero nada do que leva, quero que venha comigo, replica o aggressor — e depois d'alguma porfia o-obrigou a acompanha-lo. Caminham ambos para os penêdos d'onde o primeiro saíra. Chegam: entre elles... está uma mulher deitada, coberta com um capote azul: — um cão de fila grande com uma corrente de ferro ao pescoço — mais distante uma cavalgadura aparelhada, e sobre o albardão uma pelle branca. Chegados que foram disse o *conductor ao conduzido* — que lhe-havia de baptisar uma creança: — e logo foi buscar agoa que alli havia perto, na copa do *seu* chapeo, e voltando, mandou-lhe que tirasse a creança que estava debaixo do capote, — e pegando *João Baptista*, diz que vira ser uma menina muito pequenina nascida ha pouco, apesar de não ver vestigio algum de ter sido alli o seu nascimento. Que então lhe-dissera o *desconhecido* — baptise essa creança e ponha-lhe o nome de Joaquina; a tudo satisfez: acabado o acto, disse-lhe *João Baptista*, que de boa vontade levaria a creança e a-daria a criar, mas o outro lhe-respondeu que não, *que havia d'alli acabar o seu mundo, e que escusava de andar a passar fados*. Ditas estas palavras, toma-lhe a menina, lança-a ao cão de fila, que estava proximo a elle: *João Baptista* diz que vira a creança na boca do cão, mas que não pode affirmar se elle a-tragou, *porem crê que sim*. Que elle continuára logo a sua jornada apesar de muito assustado; que voltando, das duas para as 3 da tarde, e chegando proximo á Igreja de *Gonça*, com tenção de ir participar ao Abbade o succedido, *sómente* para saber se aquella alma ficára christã, do que estava em duvida, o Abbade lhe-respondeu que sim. Que apparecendo alli o Regedor da freguezia lhe-contara o caso, o qual logo mandara reunir os seus Cabos, e com elles e mais o mesmo *João Baptista* — foram ao sitio do acontecido, já proximo á noite quando lá chegaram, e nada encontraram, nem vestigio nenhum do successo, e só trilho de alli ter estado *gente*.

E conclue dizendo que as Authoridades foram logo

sabedoras do facto, que mandaram fazer as inquirições do costume o que até hoje se não deu com o malfeitor.

PINHAL DA AZAMBUJA.

370 Caminhavam sosinhos de Aveiro, sua terra, para Lisboa, logar de sua residencia ha annos, *Francisco Rodrigues*, e *Maria Roque*, sua mulher: — elle cego e idoso, ella fraca, indefesa, e pejada: — todos os seus haveres se limitavam a uma pouca de roupa, que o velho trazia ás costas em um alforge, e n'uma cinta á raiz da carne tres moedas, fructo da venda de uma courella, derradeiro bem de que se-acabava de desapossar.

A 22 do mez passado ao meio dia atravessando o *pinhal da Azambuja*, saem-lhes tres homens, mal encarados; detêem-nos; de quanto lhes-acham, só lhes-deixam a parte do vestido, que por gasta e rôta nenhuma conveniencia lhes-podia fazer; e largam-nos, recommendando-lhes, que nem gritem nem chorem alto se-desejam conservar a sua miseravel existencia.

No mesmo *Pinhal* contam estes dous infelizes, a quem fallámos, que oito dias antes se-encontrára amarrado a uma arvore, e com mordaça na boca, um homem inteiramente roubado, e já nas ultimas: e não havia muito, segundo depois lhes-affirmaram, que no mesmo sitio tinham sido assaltados e despojados por uma quadrilha, uns vinte e tantos passageiros, que junctos procediam para esta cidade.

OUTRA TENTATIVA DE SUICIDIO.

371 No dia 10 do corrente, ás 6 e meia da tarde, na Rua da Cruz de Santa Elena, a S. Vicente de Fóra, se-precipitou d'um segundo andar uma rapariga de 18 annos, ficou da queda muito mal tratada, principalmente n'um braço, e na cabeça por onde os fragmentos do pente se-enterraram. Ignora-se o que a determinasse áquelle acto de criminosa insania.

MAIS TENTATIVA DE SUICIDIO.

372 Ás 7 horas da tarde, do dia 5 deste mez, precipitou-se, do muro, que diz para o caracol da Graça, e pertence á cerca do quartel d'Infanteria 10, um furriel do mesmo batalhão. — Houvesse ou não, antecedencias entre elle e um sargento do seu corpo, o certo é que nesse dia se-travaram de razões, pelo que o sargento lhe deu voz de prizão: e que o furriel, depois de se-recolher prezo para o quartel, não fez mais, do que mudar as calças brancas, que trazia, por outras escuras, e caminhar á morte. Já estava sobre o muro, quando um seu camarada o avista, corre, e chega a tempo...... não de o salvar, que, mal consegue lançar-lhe os braços, já elle se-precipitou, exclamando — *deixem-me* — *quero morrer*. Deitava sangue pelos ouvidos, quando o levaram para o hospital, onde se-conserva, porém com pouca esperança de vida. — A mania do suicidio vai-se derramando com profusão pela classe militar: outro dia um cabo de 16, hoje um furriel de 10, ámanhã deve naturalmente passar d'ahi até general. — Notamos tambem que a mania está mais desenvolvida entre os infantes, — as armas scientificas parecem por ora extranhas a ella.

UM PHANTASMA.

373 Triste é o sair do mundo, porém mais triste o voltar a elle; é vir ser objecto de terror e horror a conhecidos e desconhecidos, a inimigos, e até aos de quem mais se-foi, e se-deveu ser amado: — eis-aqui o porquê d'entre tantos, que deixam a vida, tão poucos reapparecem, e nenhum delles sem fortissima razão. Para provar esta derradeira clausula, ahi estão quantas historias de phantasmas andam armazenadas pelas memorias das velhas de todas as terras grandes e pequenas, sendo muito para notar — que d'entre quantos motivos imaginaveis — poderam obrigar espiritos a tornar cá, sempre o mais commum tem sido o dinheiro: — aqui vinha caindo uma dissertação sobre a omnipotencia do dinheiro, a qual eu por muitas razões não quero hoje fazer: deixemos o nosso dinheiro lá onde jaz, e não tornemos a fallar delle, que por ser defunto que não ha de cá voltar, não tem que fazer com a nossa historia.

Ora pela nossa historia, que não será longa, ides ver que ainda apparecem *defunctos;* e bem como antigamente, obrigados, não por conjuros de feiticeiras, mas pela magia do dinheiro.

Havia dois dias, que o prior de Marvão, fallecido entre risadas aos pés da forca, e *Mattos Lobo*, laboriosamente estrangulado no alto della, jaziam, o primeiro no Cemiterio de S. João, o segundo sobre a meza phrenologica do Hospital de S. José: era chegada a hora da meia noite de 16 para 17 de Abril; não havia lua; as estrellas estavam quasi todas empanadas de um véu orvalhoso; as ruas desertas; os solitarios lampiões desconfiados; as sentinellas aborridas. Se havia alegrias deviam ellas de estar pelas cazas fechadas hermeticamente. Alguns passos que de longe em longe resoavam pelas calçadas, acordavam os impacientes ladridos dos cães, que então pareciam os unicos senhores da cidade desamparada; esses passos distantes e apressados affirmarieis que os não guiava, nem o amor nem a amisade, nem o prazer, nem coisa alguma das que enfeitiçam a vida, mas que iam á porta ou do boticario, ou do medico, ou da parteira, ou do prior, implorar soccorro; em summa que era uma daquellas noites aziagas, que moem a alma, como á esperançosa flôr das vinhas o-fazem os nevoeiros; e em que, de qualquer objecto com que se-encare, a natureza, (para me servir da expressão de um poeta) nos caretêa uma fealdade; nestas horas que todos nós os filhos de Adão havemos amargado, o mundo se nos desfigura como um grande panno de Arrás visto pelo avesso; o desenho geral lá está, mas as côres, a graça e a vida desappareceram: as raias entre o sêr e o nada, entre a existencia e a morte, como que se-apagam; o scepticismo côa parte do seu gelo pela razão; o demonio do suicidio baila perante os olhos da vontade como um trasgo ao luar; e as cancellas que separam este do outro mundo parecem arrombadas, e por ellas franca a passagem assim para ir como para vir. — Foi pois em tal noite e hora; — á hora duodecima quando os gallos, como ermitães em costas de serra, ou como os pensamentos dos namorados, se-provocam, e se-respondem; — que passavam pelo *Caes do Tojo* da *Boa Vista*, logar do patibulo, dois algarves, um rapaz e um velho; tinham seroado n'uma taberna da Alfama, e recolhiam-se

a pernoitar no seu barco, um dos muitos que negrejavam enfileirados contra a praia (é ideal aquelle viver, aquelle velar e dormir de um barqueiro; — havemos de fazer delle um dia um conto phantastico á moda de *Hoffmann*). Chegados perto d'onde a forca fôra substituida por uma alta e escarpada méda de pinho, não poderam abster-se de alçar os olhos para aquelle gigante vegetal, fadado a sustentar com pão cosido as turbas, ahi posto no proprio sitio, em que tres madeiros seus parentes, haviam dado ás mesmas turbas o pasto de carne humana. *Panem et circenses!* não o-disseram elles, mas talvez pensaram alguma coisa similhante (porque ninguem adivinha, o que Deus póde pôr de pensamento em cada cabeça) quando, d'entre o negro das ramas, no cimo da méda viram despontar e crescer um *phantasma branco* de mui descompassada altura; benzem-se, esconjuram-se, e procurando baldadamente arrancar da voz — para da parte de Deus lhe-requererem quem seja, e a que venha — a visão lhes-acena imperiosamente que se-aproximem; — vendo que o terror os-detinha immoveis, alça um longo braço contra o Céu, como quem para os-render attesta poderío, e começa a descer com passo cheio e firme do seu escuro throno para encontral-os; o pavor que lh'as-tolhêra lhes-desata as forças para fugir; e fugindo, e gritando, cada um para sua parte, desapparecem; deixam ao *spectro* senhorear sósinho o seu campo, d'onde áquelle subito alarido duas ou tres pessoas mais, que por ahi perto, á mesma hora, passavam, arrebataram igualmente a fuga para espalharem depois com suas relações por entre o povo esta noticia, correcta e augmentada, segundo o estylo.

Por mil modos incompativeis nos-tem ella já vindo ao conhecimento; — segundo uns, o *phantasma* era o *prior de Marvão* e estava ajoelhado de mãos postas e cabeça baixa; segundo outros era o *padecente* que volteava n'uma imagem de forca com grandes movimentos, como affrontado sob o peso de um carrasco invisivel; qual affirma que os olhos da sombra resplandeciam como brazas, e um grande circulo de fogo azul a-abrangia; qual teima que estava mettida em um nicho ou brutesco de nuvem negra; este, encarece o dolorido e affogado de seus gemidos, aquelle, o profundo do seu silencio. — Narrar os delirios da plebe credula é escrever um capitulo da historia, e um capitulo precioso. Do que temos dito nenhuma outra satisfação daremos aos citadores do *Citador*; e aos philosophos do *Diccionario philosophico*.

¿Mas quem era em realidade e a que vinha alli aquella *phantasma?* — Era, segundo se-crê, não sem verosimilhança, algum contrabandista; e só tinha por fim despejar dos *guardas da Alfandega* aquella praia; — não para orar ou pedir suffragios, — mas para nos-regalar ao outro dia com alguns *arrateis de rapé bom por um preço inferior ao de 1$040 reis.*

Antonio Feliciano de Castilho.

CONTINUAÇÃO DO ENIGMA PARA ANTIQUARIOS.

Vide pag. 374.

374 Prosegue a escavação em S. Roque sendo objecto da curiosidade e visitas de muitas pessoas: todas ellas, umas pelo proprio testemunho de seus olhos, outras, pela relação que os trabalhadores lhes-têem feito, conhecem já a escrupulosa verdade, com que nesta parte vamos historiando. Hoje, Terça feira, pelas onze horas da manhã, por debaixo do alicerce da frontaria da caza destruida, isto é, uns treze para quatorze palmos abaixo do nivel actual da rua; appareceram duas sepulturas abertas em terreno virgem, cada uma com tres palmos de largura, e oito de comprimento: em cada uma destas sepulturas, havia, ao de cima, obra de tres cestos de cal em pó, assente, humida, facil de desfazer, posta como de ha pouco, e ainda em estado de servir: n'uma, jazia um esqueleto mui gasto e um boião: na outra um esqueleto, segundo parece, de mulher, com todos os dentes mui inteiros e alvos, e com elle um panellão de barro. Do calçado e vestido d'ambos estes individuos nada se-póde dizer nem presumir porque os fragmentos, que apparecem, ao minimo toque se-desfazem: em cada uma destas covas havia de mais alguns poucos vasos, uns de louça, outros de vidro; uma especie de covilhête de barro vidrado e pintado, uma como bacia funda, uma tigella ou malga, um prato, que parece da India, mas grosseiro, um copo de calix de vidro, mui tenue e leve, e com o pé vasado: ¿Não deixarão estas particularidades presuppôr alguma costumeira hoje abolida? Povos ha gentios por essa Africa, onde com o morto se-dão á sepultura os utensís de caça o de comida, de que em vida se-servia. Possivel é tambem, e até mais verosimil, que fossem aquellas sepulturas de apestados ou gente morta d'alguma outra enfermidade, cujo contagio se-temesse, e que assim enterrassem juntamente com o cadaver a sua louça. Esta presumpção adquire alguma força, quando se-adverte, em que assim na panella como no boião se-acharam restos de um pó negro, que não era terra, e que se o houvessem aproveitado para o submetter a uma analyse chimica, talvez se-conhecesse que poderia ter sido destinado a combater a infecção. Para confirmar o que dizemos, não é fóra de proposito um resumo do que ácerca deste Largo, onde se fundou a Ermida (depois Igreja) de S. Roque, escreveu o *Padre Telles* na sua Chronica da Companhia de Jesu.

— «O sitio que se escolheu foi um monte que está fóra das portas da cidade, o cae para a parte d'Oeste: estava naquelle tempo todo coroado de formosas oliveiras.... Neste grande campo havia um logar mais junto á porta da cidade (que hoje chamamos a porta de S. Roque) no qual estava o adro e cemiterio, em que se-enterravam os que morriam de peste: éra o logar, por este respeito temeroso, porque a contagião da peste ainda em caveiras seccas, e em ossos mirrados se-conserva como aqui mesmo succedeu com uma trabalhosa experiencia; porque abrindo-se os alicerces para umas mui nobres casas, que alli fundou em nossos dias D. *Henrique de Noronha*, bem defronte da portaria de S. Roque, se-acharam os ossos de um corpo morto; e subitamente se-pegou uma febre maligna nos officiaes da obra, que em breve morreram; e o mesmo mal abrangeo ao fidalgo, que fazia as casas, o qual posto que por então escapou da malignidade da febre que lhe-deu, sempre ficou sujeito a grandes achaques, com os quaes finalmente acabou: e acho por mui bem fundado o discurso, dos que ajuisavam, que aquelles ossos eram d'algum empestado, nos quaes depois da morte ainda vivia tão perigosa contagião.» —

Antonio Feliciano de Castilho.

FENOMENOS NOTAVEIS ACONTECIDOS NO MEZ D'ABRIL.

375 Nos antecedentes numeros d'este Jornal se-acham descriptos os principaes fenomenos que tiveram lugar neste reino, no decurso do mez findo, e por is-

so nos-limitaremos a transcrever os que chegaram ao nosso conhecimento acontecidos em outros paizes.

Os frios excessivos, geadas e chuvas de neve, acompanhadas de impetuosos ventos do norte e noroeste, foram quasi geraes na França, Espanha e Portugal, causando grandes prejuizos ás arvores, e ás plantas temporãs. No dia 4 se-sentiu em Pariz um frio vivissimo que fez descer o termometro uns poucos de gráos abaixo do zero, e gelou a agua em todos os tanques. Neste mesmo dia cahiu copiosa neve em Madrid. — Os impetuosos ventos do septentrião, que sopraram nos primeiros dias deste mez sobre as costas da Africa no mediterraneo, e especialmente no litoral de Oran, causaram o naufragio de 40 embarcações. — Na noute de 9 para 10 foi sentido um violento tremor de terra no territorio de Algeria. — Em Clermont, na França, ainda no dia 12 cahiu grande quantidade de neve, e em Bordeos o frio crestou a maior parte das vinhas. — Em Genebra na noite de 15 para 16 desceu o termometro 4.° R, abaixo do zero, que fez gelar a agua com avultada grossura em todos os tanques e reservatorios. A violencia dos ventos do norte tem sido excessiva e prolongada em todas as montanhas da Suissa, e do Jura, causando consideraveis prejuizos aos bosques, chegando a sua violencia a lançar por terra muitos viajantes que por ellas transitavam. Os dias 14 e 15, e principalmente 16, foram fataes aos campos da Galliza pelo excessivo frio, força do vento, geadas, e copiosa chuva de saraiva, que queimaram uma grande parte das sementeiras, crestando os arrebentos e folhas das arvores e videiras, não escapando os mesmos carvalhos. — A seca prolongada de Março, que continuou ainda alguns dias do mez de Abril, ameaçou grande esterilidade no visinho reino de Hespanha principalmente nas provincias de Murcia e Andaluzia, chegando até a haver grande escacez de agua potavel na cidade de Cadiz; porém as chuvas que appareceram no dia 6, remediaram o mal em grande parte, ainda que contrariado o seu benefico effeito pelo rigor dos frios e máos effeitos do granizo.

Destes factos se-collige que uma enorme columna de ar impelida nos fins de Março, com grande violencia, desde as remotas e geladas regiões do pólo boreal, contra o lado occidental da Europa, percorreu successivamente esta parte do nosso continente, resfriando a sua atmosfera e dando origem aos fenomenos que presenciamos, invadindo no progresso da sua marcha as costas septentrionaes da Africa, e escorregando ao longo da Europa central, pois não consta que os insolitos rigores de Abril se-manifestassem na Allemanha, Italia, ou na Russia, em cujo vasto imperio parece ter sido mui benigno o inverno deste anno.

Segundo as averiguações estatisticas a que procedemos, relativamente á mortandade em Lisboa, parece-nos que a intemperie de Abril nada alterou o curso ordinario da inflexivel lei com que a natureza anniquilla periodicamente a nossa especie. Segundo os mappas dos obitos acontecidos nesta cidade nos annos de 1839, 40, e 41, excluindo o bairro de Belem e as freguezias *extra-muros*, consta que a mortalidade média annual fora de 6144 individuos, dos quaes 3248 pertenceram ao sexo masculino, e 2896 ao feminino, o que estabelece a relação dos finados de um ao outro sexo na rasão de quasi 53 a 47. Igualmente se-deduz daquelles mappas, que o numero dos menores equivale a um terço do total; porém esta classificação é vaga pois que não fixa as idades que se-comprehendem debaixo de tal designação. — Segue-se pois que a mortalidade mensal é de 512 individuos: ora pelos mappas que consultamos existentes na Camara Municipal, consta que no mez de Abril foram sepultados nos cemiterios de S. João e Prazeres, 516 cadaveres, sendo maiores 335, e menores 181, dos quaes pertenceram ao sexo masculino 289, e ao feminino 227, do que se-conclue não ter havido alteração devida ás intemperies do mez.

Noticias agronomicas — Covilhã. — Em 14 de Abril nevou alli; as geadas têem sido continuadas, queimando as vinhas, e as arvores de fructa. Em Cantanhede e na Bairrada se-experimentavam a 7 do mez, as mesmas intemperies, não cessando as geadas de causar graves prejuizos nos campos.

De Mafra se-nos-participa que os fortes ventos, granizos, e copiosas chuvas de Abril prejudicaram notavelmente a florescencia das arvores e plantas, desenvolvendo tambem a mella nos favaes: os centeios, e outros cereaes já semeados, foram atacados de morilhão, e demoradas as sementeiras do milho, feijão, grãos de bico, etc. Cahiu muita laranja nos pomares pouco abrigados, mas nem por isso deixam ainda de ostentar bastante flor nos sitios mais abrigados. Os damasqueiros e pecegueiros mostram pouco fruto, e as cearas de trigo e cevada crearam muito herva, e por isso se-fez necessaria a dispendiosa operação da monda. As oliveiras têem poucas cadeias, cançadas talvez da fertilidade do anno passado, e da cruel fustigação da apanha.

M. M. Franzini.

---

376 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 4 ATÉ 10 MAIO 1842.

Dias do mez	*Termometro exterior*		*Barometro*		*Pluviometro.*	*Ventos dominantes e sua força.*	*Estado da Atmosfera.*
	Min.°	*Max.°*	*9 h. m.*	*3 h. t.*			
4	51	69	763,0	762,0		N	Claro; sol quente: frescas as madrugadas e noites.
5	54	64	762,0	761,5		^{2}No	Id. — fresco e secco.
6	54	67	763,0	761,5		SO N^{1}	Cob. até ás 10 h. — Cl.° — Id.
7	56	72	761,0	760,0		^{1}N	Id. até ás 8 h. — Id. — Sol quente. — Tarde fresca.
8	54	68	758,3	757,5		$^{3}N^{4}$	Claro; vento tempestuoso, e ar muito secco.
9	51	67	758,0	757,5		$^{3}N^{1}$	Cob.° de nuvens diafanas; sol descorado.
10	56	74	758,3	757,1		B SO	Cob.° — Cl.° e nuvens — tepido.

Continuou a influencia da 1.ª quadra do mes até 7 do corrente com a temperatura fresca, ceo ora claro, ora nublado, ar um pouco humido e ventos do norte, e noroeste; porém naquelle dia baixou alguma cousa o barometro, e no seguinte se desenvolveu um vento tempestuoso do norte, que muito seccou o ar e o resfriou, cuja tempestade sómente abrandou na tarde do dia immediato.

M. M. Franzini.

Na Imprensa Nacional.

9.º DA 3.ª SERIE. N.º 33. 19 MAIO 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sabe ás quintas feiras — Escriptorio, rua da Horta Secca n.º 20 — Assigna-se no Escriptorio e na Loja da Viuva de João Henriques, n.º 1, rua Augusta — Avulso 30 réis: 12 numeros 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis — O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados, e por caso nenhum aos distribuidores — Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Tem todos, e só elles entrada gratuita n'um Gabinete de Leitura do Estabelecimento (segundo o respectivo regulamento), aonde se acham muitos jornaes e escriptos politicos, litterarios e scientificos, em portuguez, francez, hespanhol, inglez, e allemão — Os subscriptores das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes convier — Sobrescripto da Correspondencia: « Ao Redactor da Revista Universal, rua da Horta Secca n.º 20 » — Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade — Qualquer artigo interessante será accolhido com gratidão e publicado — A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se lhe remetta um exemplar — Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o desejar — Tambem no seu Escriptorio se patentearão ao publico objectos de semelhante natureza, que para ali sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal. — Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes. — A distribuição na Capital faz-se em 3 horas — Este numero sabe ás 7 da manhã e será entregue, o mais tarde, até ás 10.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ESTRADAS.

(Continuação da pag. 378.)

377 ESTADOS-UNIDOS DA AMERICA INGLEZA.

A America Ingleza não póde dar elementos adoptaveis para o nosso quadro. Se eu aqui a-apresento é para se-conhecerem os phenomenos que o trabalho do homem é capaz de produzir, quando bem dirigido e com intenção. Este povo, cujo caracteristico é o furor do jogo na industria, afim de favorecer melhor a especulação, trabalha sem cessar para formar um redenho completo de communicações por terra, por mar, e por caminhos de ferro, e fa-lo com afinco tal que um anno já não serve de criterio para o outro. É o governo central, quando o exigem as circumstancias; são os estados da federação cada um sobre si, e são os particulares por empreza, que simultaneamente concorrem, ou por obrigação ou por interesse, para este bem geral, donde tem resultado que aquellas vastas regiões se-têem homologado e fundido em nação, indicando menos *provincialismo*, do que nós no nosso pequeno Portugal, não obstante a nossa superficie ser 75 vezes mais pequena do que a anglo-americana.

Em 3 de Março de 1842, durante o debate na Camara dos Communs para o governo inglez mandar construir por conta do estado os caminhos de ferro na Irlanda, a que *Sir Robert Peel* não quiz annuir, disse o author da proposição, e merito na materia, que a America tinha já construidas 3,430 milhas de caminhos de ferro mediante a somma de 200 milhões de cruzados; tinha mais 2,000 para construir, que haviam de custar 150 milhões dito, e projectava mais ainda 5,948 dito, ao todo 11,378 milhas. Animados todos do mesmo desejo, despidos de egoismo nas expropriações, e procurando mais um vehiculo prompto do que a magnificencia delle, tem custado cada milha da estructura destes caminhos a 23.824$000, preço que vem a ser pouco mais da metade do que custa uma milha de calçada em França, advertindo que no preço do caminho de ferro americano vão incluidas as machinas, carros, etc., que anda por um terço do total da despeza, o qual abatido, deixa o custo só em 15 contos p. m. ou m.

Em 1817, que foi quando a União se deu seriamente ao programma das communicações estreou-se, construindo o canal *Erie*. Abrange elle 687 milhas, e custou 10.400 contos. Foi feito á custa do estado. A *Pensiloania*, desde 1824 quando não tinha mais de 1.200,000 almas, tem votado annualmente 2400 contos para viação. A totalidade dos canaes de toda a Republica andará até agora por 4000 milhas, ao custo de 96,000 contos ou 24 contos por milha.

Por um Relatorio official, apresentado ao Congresso americano em 1836, que eu tenho, as estradas de posta sómente, que serviam para o correio, sommavam já algumas 140,000 milhas. Infatigaveis nos seus melhoramentos, é natural que estejam hoje muito mais augmentadas.

Eu não poderei assignalar os rendimentos que produzem todas estas especies de viação. O estado de *New-York* tira dos seus canaes 1280 contos annuaes. E o de *Pensiloania*, dos caminhos de ferro e canaes, 5 por cento sobre o capital desembolsado.

Em 1835 a passagem sobre o canal *Erie* era de 650 viajantes por dia, hoje será do dobro, ou talvez mais, tal é o incremento que tem tido a locomoção naquellas paragens. Não poderei dizer qual é o movimento sobre as estradas de ferro, e de pedra, mas é notorio a todos, que é muito grande.

A America ingleza tem mais riqueza do que população, por isso não nos-deve admirar que n'um ponto dado não apresente o termo medio belga. A America é uma praça, a Belgica um alegrete.

CUSTO DO TRANSPORTE.

Passageiros.

	Rs. por milha.	Milhas por hora.
Diligencias	38, 41, 44, 51, 64, 73, 89.	5
Caminhos ferro	25, 28, 41, 42	15
Canaes, *Erie*	26, 13, 8.	100 por dia
Dito diversos	3, 1, 6	{ 52 dito / 25, 30 dito / 8, 15 hora

Fazendas.

	Rs. por arroba		por milha.	Milhas por hora.
Recovagem	2	«	1	Ignoro
Canal	$1\frac{1}{2}$	«	1	{ 150, 200 por dia descida
« B.^l Farinha	$1\frac{1}{2}$	«	1	
« Pregos	$1\frac{1}{6}$	«	1	{ 100, 112 por dia subida
Rio Hudson Farinha	$\frac{1}{10}$	«	1	
Carga volumosa	$\frac{1}{10}$	«	1	
Caminho ferro	$\frac{1}{4}$ $\frac{2}{3}$ $\frac{1}{2}$		1	15 por hora

Não pode deixar de haver grande variedade nos preços anotados supra, por causa das extensissimas regiões a que pertencem, e porque em quanto aos das passagens dos viajantes, uns incluem comida e outros são a sêco. O mesmo se-pratica em Inglaterra em algumas partes, posto que mais sobre os vapores costeiros do que em qualquer outra parte.

Caminhos de ferro em Allemanha.

Sendo hoje do consenso universal das gentes os caminhos de ferro, todas as nações cuidam delles. A Austria tem 410 milhas delles que lhe-custaram 25 milhões de cruzados. Sobre elles acaba de transportar 1.600.000 passageiros e 195,000 toneladas de fazendas. Os seus preços de conducção são inferiores aos da Inglaterra, França, e America, iguaes aos da Allemanha, e superiores aos da Belgica. N'este momento mesmo está cuidando em os-desenvolver por mais 80 milhões de cruzados. A Prussia tem 300 milhas dos mesmos por 20 milhões de cruzados. A Saxonia 80 por 9 milhões. Em geral em toda a confederação existem feitas 765 milhas, por 23.040.000$000 réis, estão em construcção 725 ditas por 25.600 contos, e projetam-se 2967 ditas que se se-effectuarem poderão custar 87.680 contos. Pospondo todas estas maravilhas que mais parecem illusões da imaginação, do que realidades, é admiravel a attenção que se-tem em geral, naquelles que estão feitos, com as faculdades das classes pobres. Tenho á vista o movimento em 1841 do caminho de ferro estabelecido entre Francfort e Mayence em que os numeros são os que se-seguem.

1.ª Classe	8,210	Viajantes.
2.ª «	83,865	
3.ª «	204,202	
4.ª «	472,274	
	769,551	

Nesta tabella pertencem á ultima classe mais de ametade dos passageiros..... que these esta para nós outros.... aonde os caminhantes, pela sua esqualidez e desgraça, mais parecem feras do que creaturas humanas, tanto cuidamos em Portugal em melhorar a sorte dos pequenos! Fóra da Allemanha, igualmente a Russia trata de abrir um caminho de ferro entre *S. Petersburgo* e *Moscow*. O reino de Napoles tambem os-tem. E não sei mesmo se para as bandas de *Cadiz* e *Xerez* existe um que foi feito de pequena extensão ha poucos annos. *(Continuar-se-ha).*

Claudio Adriano da Costa.

Em o artigo numero 349 do n.º passado, em que tractámos da — ferrugem das oliveiras — dissémos que ácerca de tão grave ponto consultáramos o Sr. *Visconde de Villarinho de S. Romão*, e que logo se-dignára prometter-nos uma Memoria sobre o assumpto. Hoje temos a distincção de a-publicar, com o pezar de a não podermos já levar ao fim, por falta de espaço, como merecia obra de tanto mérito, e que foi feita incessantemente a nosso rogo.

FERRUGEM DAS OLIVEIRAS.

378 A oliveira (Olea sativa, Tourn.) (Olea europæa, Linn.) é oriunda da *Asia*, vegeta muito bem na *Palestina*; (1) *Cecrops* (2) a-trouxe de *Sais* (Villa do Baixo *Egypto*) para a *Grecia*, e de *Athenas* veiu para a *Lusitania* durante o dominio dos *Romanos*. Existe ha muitos annos em nosso territorio; porque no Codigo dos *Wisigodos* se-estabelecem penas pecuniarias para evitar a sua destruição. *(Lei 1.ª do tit. 3.º do L. VIII. — (Vide Memorias da Acad. R. das Sc. Tomo 4.º das Mem. Economicas pag.* 236.) A molestia denominada — *ferrugem* — já se-conhecia antes da era de 1500, como me-affirmou, varias vezes, o Reitor da minha Freguezia, nos annos de 1816 a 1820, um dos habilitados legalmente no Arcebispado de Braga para traduzirem os escriptos de letra gothica, e me-disse ter visto um emprasamento muito antigo, no qual havia um additamento declaratorio, em que se-isentava o emprasado de pagar ao Senhorio um almude de azeite nos annos em que viesse a *negra*. E que poderia ser a *negra* senão a ferrugem das oliveiras? Com tudo, parece que esta molestia tinha desapparecido, por muitos annos, perdendo-se a lembrança della; e que tornou a invadir as oliveiras na era de 1780, como se-póde ver na Memoria de *Mr. Bernard*, publicada em 1782, em que elle diz, estarem atacadas todas as que existiam desde a costa de *Marselha* até *Antibas*: — neste mesmo tempo já se-achavam enfermas as do nosso Portugal, como affirma *Antonio Soares Barbosa na sua Memoria inserta no L.* 3.º *das Mem. Economicas da Ac. das Sc. pag.* 157 *§ V.*

Desde o supradito anno de 1780, até ao presente têem sido invadidos da ferrugem todos os olivaes de sitios ardentes, desde o Sul até ao Norte deste Reino, exceptuando-se porém aquelles que se-acham plantados em terrenos húmidos e frescos, de uma certa elevação sobre o nivel do mar; terrenos em que já não vegeta a larangeira, mas ainda prosperam as videiras e produzem fructos doces e bem maduros; terrenos, em fim, que todos os annos são visitados pelas neves; mas que não soffrem (3) os grandes rigores dellas. É certo porém, que a azeitona colhida em sitios quentes das ribeiras, como são as margens do *Douro*, os campos de *Coimbra*, e todos, ou quasi todos os terrenos baixos do Sul do Reino, produz muito mais azeite,

(1) Gen. XV. 17.

(2) Herodoto liv. 2, 59 e 62.

(3) As oliveiras chegam a soffrer um grande frio sem gelarem; o Leitor curioso talvez goste de ver aqui um extracto das minhas observações meteorologicas e geoponicas do anno de 1819. — Em a noite do Natal de 1819, estando o vento de Nordeste, agudo e frigidissimo, e marcando o Thermometro 4 graos abaixo de zero, pela escalla de *Reaumur*, dentro do meu escriptorio, que tinha janellas envidraçadas para a parte do meio dia, era sobradado e elevado do terreno 16 palmos, sem portas nem janellas para o Norte, observei que principiou a cair neve miuda e muito secca pelas 11 horas e meia e continuou seguidamente 48 horas. Esta neve permaneceu até ao dia 6 de Janeiro de 1820, e derreteu-se com um tempo macio e ar brando; mas sem chuva.

O pêso que ella tinha por causa de se-elevar muito e formar uma grossa camada sobre os ramos das arvores fez quebrar muitos pinheiros grossos, e curvar os pinhaes novos espessos, causando-lhes gravissimos prejuizos; da mesma forma fez quebrar muitas oliveiras; mas nenhuma seccou nos meus olivaes, nem mesmo naquelles que ainda estão plantados em terrenos mais elevados e mais proximos das serras, como por exemplo os de *Formentões*. Este anno foi abundante em azeite nos sitios altos; mas pelas margens do rio *Douro e Pinhão* foi escaço por causa de estarem as oliveiras atacadas da *ferrugem*.

se por accaso não está doente com a ferrugem, ou com a gafeira; mas são mui raros os annos em que isto deixa de accontecer. A azeitona colbida em terrenos altos, mas de clima ameno e fresco, produz menos azeite, porém mui fino, mui sápido, e não é atacada da ferrugem nem da gafeira; aquella em fim que se-cria em terrenos mais frios e já da serra, rende pouco em azeite; este é mais verde e menos saboroso. Em razão de ter eu os meus olivaes em terrenos mui proprios para a vegetação das oliveiras, terrenos de uma mediana frescura e mediana elevação relativamente ás serras de *Vilella* e de N. S.ª da *Azinheira*, bem como ás margens profundas do rio *Douro* na emboccadura do rio *Pinhão*, posso affirmar que nunca entrou nelles a ferrugem, pelo espaço de 50 annos que os-conheço, nem havia memoria de tal lhes-haver acontecido. Pela mesma forma é alli desconhecida a *gafeira*, e quasi todas as molestias que destroem mais ou menos as oliveiras: — cuja causa não posso atribuir senão ao clima; porque em pequena distancia delles, junto do ribeiro dos *Levados*, já a ferrugem faz estragos; porém muito menos e com menor effeito do que no *Pinhão*.

Estas observações são importantissimas para o que tenho a dizer mais adiante; — accrescentando agora que outros muitos olivaes conheço isentos da ferrugem por se-acharem em circumstancias identicas: tal é por exemplo o de *Salzedas*, pertencente ao extincto Mosteiro de *S. Bernardo*, e que foi plantado por ordem de *Frei Filippe de Albuquerque*. — O viajante que da provincia de *Traz-os-Montes* vem passar na barca da *Folgoza*, e vê alli todas as oliveiras enlutadas, á proporção que vai subindo a ingreme costa da *Lampreia* vai vendo diminuir aquella enfermidade, vai sentindo no interior do peito um ar mais puro, e menos pesado, até que, emfim, respira livremente nos terrenos elevados, e passa junto do bello olival acima dito, aonde vê as oliveiras sadias, viçosas e verdes.

Tendo referido as observações que tenho feito ácerca da molestia denominada *ferrugem das oliveiras*, direi agora que muitos homens sabios, tanto nacionaes como estrangeiros, a-têem attribuido á picada de um insecto do genero *Coccus* de Linnêo, (*Coccus Hesperidum*); nem falta quem diga ser o dito insecto de um genero particular, proprio das oliveiras, larangeiras, limoeiros etc., e que deve ser chamado *Coccus oleæ* (*Soares Barbosa. Mem. da Ac. das Sc.*)

Mas é certo que o dicto insecto vai procurar sobre as folhas da oliveira enferma o seu alimento, e não é causa da molestia: — Quando se-lhe-apresenta um ramo são, corre inquieto e apressado pelas ditas folhas e não se-fixa em nenhuma; o contrario pratica se o dito ramo está enferrujado; pois então logo se-apéga á primeira pasta de humor viscoso que nellas acha adherente.

Têem-se visto oliveiras, fora do contacto das doentes, adoecerem em poucas horas e cobrirem-se de uma especie de verniz que lhes-empasta as folhas, e as-torna luzentes e por modo de prateadas, sem que nellas andasse o *Coccus* nem se visse um só individuo deste genero. As observações desta natureza são mui raras, e por isso referirei o que me-contou um Lavrador abastado, das immediações de Lisboa, que tem propriedades na ribeira de *Caneças*, e se-chama *Manoel Rodrigues*: ó homem de 70 annos de idade, muito verdadeiro e digno de todo o credito. Estava elle pelas horas da sésta em dia de muito calor debaixo de uma das oliveiras, da sua fazenda; eis-que, tirando o seu chapeo, sente cair-lhe na cabeça umas gotas de um liquido gommóso; e como continuasse, se-levantou e olhando para as folhas das referidas oliveiras, viu que estavam a modo de envernizadas, que pelo meio de cada folha corria uma estria da seiva, a qual formava gota na ponta e depois caía. Quando elle se-tinha assentado debaixo, ainda a dita seiva não corria, nem tinha visto envernizadas as folhas das suas oliveiras; pouco depois recolheu-se a sua casa e voltando no outro dia achou-as cobertas de ferrugem: este caso aconteceu ha cousa de 5 annos, e foi-me por elle contado pouco depois de ter acontecido.

Mr. *Du-Hamel* diz que vira os salgueiros de Carcassona destilarem pelas suas folhas uma especie do manná similhante ao da *Calábria*, estando o tempo muito quente, e marcando o Thermometro centigrado 30 — 31 — e 32 gráos (*Trait. des Arb. T.* 1.° *cap.* 5.° *art.* 1.° *num.* 4.°) No anno de 1824 no mez de Junho vi eu as estevas dos montes immediatos a *Sagres*, no Algarve, destilarem pelas folhas tanto humor viscoso, que ninguem podia andar por entre ellas, sem trazer os vestidos estragados como se viessem untados de pez, e até os cães de coelho sabiam de entre o mato com o pello tão empastado como se lhes-tivesse corrido por cima um rodilhão de breu derretido. Ora, aquelle estio foi ardentissimo, e as estevas têem propensão e natureza para destilarem uma especie de manná; — todavia em tanta quantidade nunca o-tinha visto, e muitas vezes andei por ellas em *Traz-os-Montes* sem que as folhas manchassem os vestidos por similhante forma. Notei mais naquelle anno, nos matos de *Sagres*, que as ditas estevas estavam tão negras como as oliveiras, igualmente cobertas de um pó negro similhante ao carvão.

O nosso Academico, acima referido, *Antonio Soares Barbosa*, attribue a uma carbonisação espontanea este pó negro que se-vê nas oliveiras, larangeiras, figueiras, pereiras etc., e diz que o succo seivoso depois de extravasado se-decompõe com a luz e ar, e se-reduz a carvão. Sem contrariar inteiramente esta opinião, parece-me que elle talvez tenha outra origem, e que seja o mesmo pó negro do murrão dos trigos e dos folliculos das canas de milho grosso, isto é que seja um cogumello do genero *uredo*. Pelo menos ha muita analogia entre um e outro; porque tem o mesmo aspecto e a mesma qualidade contagiosa. O murrão, ou ferrugem do trigo, não sómente contagia os bagos da mesma espiga, mas tambem das visinhas, contagia a sevada, o milho miudo, e até as espigas das *milhãs* (erva que nasce por entre as searas). Nem se-diga que elle procede das más estações, das nevoas, humidades etc. Estas são favoraveis ao seu desenvolvimento; mas não são as causas principaes; porque as sementes de trigo enferrujado produzem searas enferrujadas, seja qualquer que for a estação, secca ou húmida. E se as sementes forem emergidas em dissoluções alcalinas purificam-se e a molestia desapparece; porque a tenuissima e quasi imperceptivel planta do genero *uredo* que forma esse pó negro morre com a causticidade do alcali: em fim não me-cansarei em provar uma cousa já muito sabida por todos os botanicos. (*Vide Compendio de Botanica, por A. Albino da*

Fonseca Benevides (4) *Socio da Ac. R. das Sc. publicado por ordem da mesma Academia no anno de* 1837 *pag.* 273). *(Continuar-se-ha.)*

Visconde de Villarinho de S. Romão.

SOBRE A EPIDEMIA DA BEIRA-ALTA.

(Veja os Artigos n.º 342 *e* 365*)*

379 Até este momento nenhuma communicação official sobre tal assumpto recebeu o Concelho de Saude Pública do Reino, circumstancia que serve de texto ás judiciosissimas reflexões do seu benemérito Vice-Presidente; pesa-nos que a falta de espaço nos-force a addiar a publicação da memoria que recebemos.

Todavia, para aplacar a impaciente curiosidade do público, aqui transcrevemos uma carta recebida do proprio médico da *Pesqueira*, que estudou e tratou a molestia desde a sua invasão; supprimindo sómente da sua participação extensa, provas de louvavel modestia, e limitando-nos á enumeração de factos.

Tivemos tambem o gosto de receber uma carta do Sr. *José Maria Villafanha Coutinho*, administrador do Concelho de *Pinhel*, afiançando-nos o seguinte:

Os centos de pessoas, que se-diziam haver morrido reduzem-se em realidade á cifra de vinte e duas, das quaes dez pereceram por molestias chronicas, que padeciam, e puramente da enfermidade só doze, e ainda estas quasi todas por desmanchos; porque o Medico d'aquella cidade o Sr. *Manoel Feliciano da Costa Almeida*, não só pela sua sciencia e pericia, senão tambem por sua caridade e zêlo extremosissimo, tem curado a todos aquelles que se-têem devidamente sugeitado ao tratamento, chegando a pagar os remedios, e alimentando os necessitados. A molestia era uma febre gastrica; e já a 11 do corrente se-achava extincta.

A epidemia do Concelho da *Pesqueira* não é contagiosa: ataca sem distincção ambos os sexos, e exclusivamente as pessoas a quem profissão ou posição social expõe ás destemperanças athmosfericas: — assim tem ella respeitado todas as que por sua fortuna não carecem de sair dos seus limiares para procurar os necessarios da vida. As idades e temperamentos parecem não ter influencia alguma no seu desenvolvimento.

Os primeiros symptomas que se-manifestam são os d'uma irritação gastro-intestinal que invade sem precursores, e quasi de chofre: e secundariamente se-desenvolvem os d'uma irritação cerebral e cutanea. Alguns com tudo cáem logo com perda de sentidos e como fulminados.

Dor de ventre — extrema anciedade — vomitos ou diarrhea — calafrios fortissimos — suor frio — concentração de pulso — lividez e erupção urticarea de pelle — taes são os symptomas que na maioria dos casos abrem a scena morbida: algumas horas depois cephalalgia violenta, frequencia e dureza de pulso ou rapida perda de sentidos. Então a respiração é difficultosa e o doente prêsa da mais viva afflição: — faz movimentos desordenados — geme sem nada pronunciar — não se-demora um instante na mesma posição — arroja para longe as coberturas e não dá signal de perceber o que se-passa em redor.

Depois sobrevem uma extrema prostração de forças e insensibilidade de pulso — o doente fica immovel.

Com estes ultimos symptomas só ainda vi um doente que meia hora depois da minha visita expirou (*unica victima que a molestia tem feito neste Concelho*, apesar de ter acommettido para cima de cem pessoas — com mais ou menos violencia).

Um banho d'agua morna geral, ou simplesmente de assento ficando o ventre mergulhado no liquido, por espaço de meia ou uma hora — decoctos de substancias emolientes, sedantes e d'essas que se-diz terem uma acção sistente — clisteres da mesma natureza — sangrias epigastricas ou a phlebotomia e revulsivos aos extremos inferiores, taes são os meios de que triumphantemente me-tenho servido para combater a molestia: fazendo mais especial ou exclusivo uso d'este ou d'aquelle segundo as indicações. Ao fim de oito dias — o mais — tem os meus doentes entrado em perfeita convalescença!!! Os mais perigosos que tenho visitado estavam sem séntidos ha menos de hora: — um pediluvio irritante, e logo a sangria, são os meios por onde encéto o tratamento.

O que morreu era prêsa deste estado havia seis horas, tendo-lhe principiado o padecimento dôze horas antes de cair nelle. Nenhuns soccorros se-lhe-haviam ministrado. Mandei-lhe applicar os pediluvios synapisados e um clyster de folhas frescas de tabaco afim de reanima-lo para o-sangrar: não o-consegui — meia hora depois morreu.

A epidemia ainda continúa, mas já tem afrouxado. Na *Pesqueira* é onde principiou, e onde tem insistido mais; no entanto não foi aqui que o inimigo achou a sua victima.

Pesqueira 10 de Maio de 1842.

Antonio José Teixeira Junior.

ALGARVE. — TERRAS INCULTAS. — BICHOS DE SEDA.

380 Um correspondente nosso de *Loulé* queixa-se amargamente da negligencia de muitos proprietarios de ferteis terrenos por aquellas immediações, os quaes com manifesto detrimento público deixam de agricultar espaços immensos. Não podendo transcrever integralmente o seu artigo, aqui extractaremos parte, sem que por sua doutrina nos-responsabilisemos:

— «Grande infelicidade é para esta Provincia o seu avultado numero de morgados, os quaes nenhum caso fazem, por via de regra, da cultura das suas terras, em quanto os pobres montanhezes suam, dia e noute, para fazer bocados de barrocal que nunca lhes-pagam o juro de 2 por 100! O contraste nesta freguezia, por exemplo, é espantoso; as terras de morgados são pousíos; nas outras a agricultura está levada ao seu maior auge, e não é culpa da natureza nem dos lavradores se não rende mais. Foi talvez por ignorar esta circumstancia, que o Sr. *João Baptista da Silva Lopes*, na sua *Corographia do Algarve* affirmou que os Louletanos não são laboriosos, em quanto ha grande extensão, na proximidade desta Villa, onde se-vê a mão do homem em qualquer direcção que se-lancem os olhos, e junto a ella mui boas quintas, porque o chão é fertil, a agua abundante e boa. A do *Rosal*,

---

(4) O meu illustre Collega e Amigo, acima referido, diz que a molestia do trigo e de outras plantas gramineas, denominada carvão *(ferrugem ou murrão)* é essencialmente produzida pelas chuvas continuadas e athmosfera nebulosa; mas eu sou de outra opinião e digo que é *essencialmente desenvolvida*; porque a humidade faz amollecer a farinha do grão, alarga-lhe a casca, abre os poros e desta sorte facilita o desenvolvimento do cogumélo do genero uredo.

por exemplo, rende, só pelo pomar de espinho, perto de cinco mil cruzados; e tem além disso 5 asenhas que dão, livres, ao senhorio, de 25 a 30 moios por anno. Junto a estas asenhas ha mais de 200 pés d'amoreira branca, que seu primeiro dono mandou plantar para criação de bixos de seda, e até do Minho mandou vir gente para a-tecer aqui mesmo; é porém para notar que, hoje que a cultura das amoreiras está aperfeiçoadissima, não ha em *Loulé* quem se-dê ao trabalho de criar, nem mesmo quem entenda de similhante materia; será o clima improprio? tão pouco o-é, que abandonando-se os ovos n'uma gaveta, começam logo a desenvolver-se, ainda antes de brotarem as amoreiras, e até os rapazes sustentam os bixos com folhas d'alface. »

STRABISMO.

381 O D.or Kessler, Medico de S. M. o Senhor D. Fernando, fez ultimamente a um homem em ambos os olhos, e com a maior rapidez e perfeição, a operação do Strabismo. Já por vezes neste Jornal temos fallado da altissima importancia d'este invento cirurgico, tão moderno e já tão geral por toda a parte illustrada da Europa.

Na capital da França, não ha já uma pessoa com os olhos tortos, outro tanto poderá entre nós acontecer: o Sr. Kessler não é o unico, nem já o primeiro, que em *Lisboa* tem operado do Strabismo.

O CAVALLO NO AÇOUGUE É VACCA.

382 Em uma grande cidade de *Wurtemberg*, ha uma sociedade de *Hippophagos*, encarregada de fazer adoptar *o gosto* de cosinhar a carne de cavallo. —Em *Stuttgard*, capital do Ducado, houve ha pouco um jantar de 101 pessoas — onde foi servido *cavallo* cosido — assado — espetado — lardeado — e albardado, — e tambem excellente caldo d'elle. Muitos dos convidados declararam que nenhuma differença havia da carne de vacca. Será isto ensaio para algum aperto de guerra — ou para que se-veja que este seculo engole tudo? — Mas seriamente fallando, o manter-se o homem de um animal tão limpo; elle que tem (e com razão) o porco por tamanho regallo, só a preoccupação filha do desuso o-poderia reprovar. A adopção deste novo prato, aproveitando muitos cavallos sem prestimo, poderá augmentar os meios de subsistencia.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

A FEIRA DA TRINDADE.

Maio 22 de 1563.

383 Levantada que fosse — a feira das Amoreiras — que ora está armada, tinhamos — a da Trindade — instituida por motivo d'uma festa dada na erecção de uma irmandade de Terceiros. — Mas isso era no tempo que ahi na larga rua de S. Roque havia um Convento, que por esmolas dos fieis e com donativos da nossa Rainha Santa, se-alevantou em 1289 — no sitio da Ermida que ElRei D. Affonso 2.º doára em 1218 — com todo o Bairro-alto a *uns homens* de habito branco com uma cruz sobre o peito, cujo instituto era ir resgatar os christãos captivos nas guerras de Mouros. Eram estes os frades da Trindade, que a tão perigoso serviço se-obrigavam. Povoavam elles este Convento, primeiro que houve em Lisboa depois do de S. Vicente, e dos mais sumptuosos que nella existiram. Santa Izabel queria alli ser sepultada antes de erigir Santa Clara em Coimbra, por isso curára tanto delle; e onde dedicou uma capella a N. S. da Conceição, que foi a primeira desta invocação que houve em Portugal. Ao Convento pertencia o campo de S. Roque, que constava de terras de pão, e olival, que tudo *lhe-aforaram* os Jesuitas para fazer o Collegio de S. Roque, onde hoje está a Santa Casa da Misericordia — assim como a herdade do olival que os frades *aforaram* a diversos para se-fazerem as ruas que desembocam na calçada do Duque, n'aquelle tempo — calçada do postigo de S. Roque. — Pelo terremoto tinha este Convento ficado um montão de ruinas, e ahi se-perderam entre muitas preciosidades dous famosos orgãos — valor de cincoenta mil cruzados — e a mais rica livraria conventual que houve, avaliada em duzentos mil cruzados. Em quanto ElRei D. João 3.º se não resolveu a dar os Paços dos Estáos no Rocio para o estabelecimento da Inquisição, na Trindade se-esteve aquelle Tribunal.

Se algum estranho quizer saber onde foi o *berço* e o *tumulo* da Inquisição em Portugal — como atinará, vendo na Trindade muita casaria moderna — e no Rocio o theatro normal?

Defenda-nos Deos de reprovar a substituição: mas porque entendemos que toda a memoria historica, de qualquer vulto, natureza e moralidade que seja, é sempre preciosa — como curiosidade, e como lição, não nos péza de substituir assim aos monumentos edificados que *se-destroem*, uma pequena lembrança impressa que — *sempre dura*.

A. da Sylva Tullio.

CARTA 3.ª — SEPARAÇÃO DE PORTUGAL DO REINO DE LEÃO.

(Continuação de pag. 371).

384 Como seu primo *Raimundo* Conde de *Borgonha*; como os demais cavalleiros francezes que n'aquella epocha vinham exercitar nas Hespanhas a maxima virtude do seculo — o guerrear o Islamismo, *Henrique* 4.º, filho de outro *Henrique* senhor de *Borgonha* ducado, serviu ao que parece por muito tempo nos exercitos de *Affonso* 6.º As conquistas de *Fernando Magno* tinham alargado os ambitos do imperio leonez; *Affonso* 6.º seguiu a carreira gloriosa de seu Pai, e *Toledo*, a antiga capital dos Godos, caiu em suas mãos. Pelo lado de Portugal os dominios de *Fernando Magno* tinham-se estendido até *Coimbra*. Seu filho continuou a guerra por esta parte, e chegou a apossar-se temporariamente de *Santarem*, *Lisboa* e *Cintra*, mas empregou principalmente as fôrças para o lado de *Toledo*. O conde *Raimundo de Borgonha*, marido de sua filha D. *Urraca*, foi por elle encarregado do governo da Galliza, incluindo nesse territorio tudo o que corre desde o *Minho* até o *Mondego*, e depois até o Téjo, o que nesse tempo ora se-considerava como parte da Galliza, ora como um ou mais condados distinctos d'ella (1), constituindo no todo, talvez, a mais vasta provincia do reino de *Leão e Castella*.

Mas esta mesma grandeza tornava necessaria a divisão do territorio, porque estabelecida a authoridade militar, civil, e

(1) Póde vêr-se esta materia resumida e claramente tractada na Memoria de S. Ex.ª o actual Patriarcha Eleito no T. 12 parte 2.ª das Mem. da Acad. Real.

**

Digitized by Google

politica no centro da actual Galliza, não era facil nem administrar bem os logares mais remotos para o sul, nem proseguir com energia e actividade a guerra na frontaria dos mouros. Este pensamento deu provavelmente origem á escolha de *Henrique* para governar as terras que se-estendiam desde o *Minho* até as raias da provincia conhecida entre os arabes pelo nome generico d'*Algarb*; (2) e por ventura a derrota que padeceu o conde *Raimundo* n'uma entrada que fizera até *Lisboa* (3) pelos annos de 1094 serviu para apressar a realisação deste pensamento. Ou *Henrique* fôsse já conde e genro d'el-rei, ou nesta occasião casasse, e recebesse esse titulo (4) pelo governo que se-lhe-encarregava, o que é certo é que no principio de 1095 elle governava *Coimbra*, em 1096 o territorio de *Braga*, incontestavelmente desde o *Minho* até o Téjo em 1097. (5) Se ao principio esteve subordinado a *Raimundo* na administração parcial de *Coimbra* e de *Braga*; se logo governou independente d'elle toda do Portugal moderno, conquistada já então aos mouros, é cousa que me-parece não se-poder affirmar nem negar, e que talvez algum dia se-haja de resolver, quando venha a ser conhecido maior numero de documentos d'aquella epocha.

O novo conde deu provavelmente então toda a actividade á guerra com os sarracenos; ainda que as noticias dos primeiros annos do seu governo sejam bastante escaças. A viagem, porêm, que emprehendeu á Terra-Santa nos primeiros annos do 12.° seculo retardou por certo as suas conquistas. Esta viagem intentada depois de 1100 estava indubitavelmente concluida em 1106, em que *Henrique* apparece fazendo uma doação a dous presbyteros de uma herdade em *Céa*. (6) Desde então até á sua morte em 1112 elle proseguiu na administração do territorio que lhe-fora confiado por *Affonso* 6.°, e foi no periodo que decorre de 1109, epocha da morte do rei de *Leão*, que elle se-preparou para tornar estado independente o condado que lhe-fora dado para reger como simples consul ou governador. É a este tempo que me-parece pertencer o pacto successorio entre *Henrique* e *Raimundo*, isto é, aos fins de 1106 ou principios de 1107, anno do fallecimento de *Raimundo* (7). *Henrique* foi mais feliz sobrevivendo ao sogro, e recusando depois da morte deste reconhecer a supremacia de *D. Urraca*, que succedera a seu pae por falta d'herdeiro varão, tendo morrido na batalha d'Uclés o infante *D. Sancho*, para quem, parece, elle procurava a eleição dos hespanhoes, por seu fallecimento.

Affonso 6.° foi incontestavelmente um habil e valoroso rei: a morte porêm de *Sancho* destruiu todos os seus intentos, e abbreviou-lhe por ventura a vida. Proximo a morrer, viu que a Hespanha Leonesa se-dividiria em facções, e a experiencia do passado lhe-ensinava que isto seria a causa da sua ruina. Assim tendo já dado dous annos antes a investidura da Gallisa a seu neto *Affonso Raimundez* (8), cuja mãe e sua filha mais velha, a viuva *D. Urraca* ficava, na falta de filho varão successora do reino, ordenou a esta casasse com *Affonso* o batalhador, rei d'*Aragão*, rude e grosseiro soldado, mas por isso mesmo capaz de conservar a integridade do estado Leonez (9). Por morte de *D. Urraca* a coroa devia passar para *Affonso Raimundez*, que entretanto possuiria a Gallisa. Estas disposições de *Affonso* 6.° cumpriram-se; mas não produziram todo o effeito salutar, que elle d'ahi esperava, pelo caracter das personagens a quem respeitavam, ou que deviam contribuir para o seu cumprimento.

A dissolução dos costumes naquelles seculos era geral, e *D. Urraca* não escapou a ella. Naturalmente d'ahi nasceram as suas dissenções com o rei aragonez, que com a brutalidade propria dos tempos chegou a espanca-la. (10) A separação dos dous conjuges deu aso á guerra civil, e ás suas terriveis consequencias n'uma epocha em que o vicio, a perversidade, e a cubiça se-apresentavam em todo o seu vigor barbaro, e sem o veu hypocrita com que nestes tempos mais politicos se-costumam esconder. Os nobres e cavalleiros, a titulo de pertencerem a este ou áquelle bando, apossavam-se dos castellos de que eram alcaides, ou construiam-nos de novo, e d'alli faziam guerra por sua conta, ou os-convertiam em covis de salteadores, d'onde sahiam a roubar ou matar os viandantes e mercadores. Tal é pelo menos o quadro que do estado da Galliza faz a Historia Compostellana, e que era provavelmente similhante no resto do imperio leonez. Tal pelo menos no-lo devem fazer suppor as palavras de *Pelaio de Oviedo*, quando assevera que por morte d'*Affonso* 6.° o lucto e as tribulações cubriram o solo da Peninsula.

Foi no meio destas perturbações que o conde *Henrique* póde assegurar, senão de direito, ao menos de facto, a independencia das terras que governava. Ora mostrando-se favoravel ao moço *Affonso Raymundez* contra a mãe e padrasto, (que se-tinham temporariamente congraçado) e incitando *Pedro Froylaz* conde de *Trava*, aio do infante, a sustentar animosamente a causa do seu pupillo, quando o-veio (11) sobre isso consultar; ora colligando-se com o rei d'*Aragão* contra *D. Urraca*, divorciada de novo do marido no anno seguinte de 1111, (12), *Henri-*

(2) « Os escriptores arabes costumam dar o nome d'*Al garb*, isto é occidente, á Lusitania. É menos vulgar darem o mesmo nome á *Africa* ou *Mauritania*, a que chamam Almagreb, para a distinguir d'aquella. » *Casiri* T. 2 pag. 143.

(3) *Historia Compostel* L. 2 C. 53. Comparada esta passagem com os chronicões de Pelaio, Conimbricense, e Complutense, que referem a conquista de *Coria*, *Lisboa*, *Cintra* e *Santarem* por *Affonso* 6.° em 1093, póde-se crer que as perdeu em todo ou em parte logo no anno seguinte.

(4) Havia então condes apenas titulares, que serviam junto ao Rei, e condes que alcançavam este titulo por governarem districtos ou condados. Consulte-se Masdeu T. 13 pag. 37 e 38.

(5) *J. P. Ribeiro* Dissert. Chronol. e Crit. T. 3.° pag. 33 e 34.

(6) De nenhum dos documentos, não suspeitos, colligidos por J. P. Ribeiro (Dissert. Chr. e Crit. T. 3 P. 1 pag. 39 a 43) relativos ao conde *Henrique*, e pertencentes a esta epocha se-pode concluir a sua assistencia nas Hespanhas desde o anno de 1101 até os principios de 1106.

(7) Este pacto secreto, pelo qual os dous condes repartiam entre si os dominios d'*Affonso* 6.°, ficando *Raimundo* com o principal como mais poderoso, póde ver-se em *J. P. Ribeiro* Diss. Chron. T. 3 P. 1. pag. 45,

(8) H. Compost. L. 1. c. 46, e 47. in princip.

(9) Outros dizem que os nobres resolveram em cortes este casamento.

(10) Sobre esta narração consulte-se o discurso de *D. Urraca* perante os nobres da Galliza (H. Compost. L. 1. c. 64) em que se-queixa d'elrei a haver coberto de injurias, murros, bofetadas, pontapés etc.

(11) O illustre sabio a que já alludi, diz (Mem. da Acad. T. 12 P. 2 para 19) que nesta occasião Henrique estava em Galliza, fundando-se no Capitulo 48 Liv. 1.° da *Hist. Compostel*. Eu entendo exactamente o contrario, por me parecer que Flores leu mal *acersentes* em vez d'*accedentes*, á vista do que segue abaixo. Eis a passagem: « Undè vehementi moerore affecti, Consulem Enricum, praefati pueri avunculum, celeriter *acersentes* quid ex hoc rei eventu acturi essent, diligenti cura consuluerunt: *cujus prudenti consilio fortiter excitatus Consul Petrus* quosdam ex illis, qui jusjurandum filio Comitis *(Raimundo;)* mentiebantur juxta Castrum Soricis *in itinere* cepit, et cum eis *in Gallaeciam* celeri curso *regreditur*. » O que vae em italico mostra bem que não foi o Conde Henrique *chamado* á Galliza, mas que *vieram* fallar com elle a Portugal. E até pouco de crer é que sendo os fidalgos de Gallisa quem pedia conselho, Henrique, muito mais poderoso que elles, *fosse chamado* a dar-lho em vez de o-virem procurar para esse fim. Todavia a questão é de bem pouco momento, e não tocaria nella se me não parecesse poder servir para emendar aquelle logar da , para os primeiros tempos da Monarchia, tão importante, Historia Compostelana.

(12) Os Annaes Complutenses á era 1149 dizem: *Rex Adefonsus Aragonensis et comes Henricus occiderunt comitem Domno Gomez in campo de Spina*. Os Annaes Compostellanos fallam da morte do Conde *Gomez*, mas não dizem, como parece da-lo a entender *J. P. Ribeiro* (Diss. Chron. T. 3 P. 1 pag. 57) e o Exm.° Sr. Patriarcha Eleito (Mem. do Conde D. *Henrique*) que fosse em campo de Spina ou que ahi estivesse o Conde *Henrique*, e talvez até alludam á morte de outro Conde *Gomez*, porque as suas palavras são unicamente: = *Era 1149 occiderunt Comitem Gometium*.

que evidentemente procurava aproveitar nas dissenções civis a occasião de constituir independente o seu condado, e com effeito, procrastinadas as perturbações da Hespanha quasi até 1126, elle faleceu em 1112, deixando o governo a sua mulher *D. Theresa*, sem nunca submetter o collo ao jugo de *D. Urraca*.

É resumidamente nisto que me-parece encerrar-se a historia da separação de Portugal da monarchia leoneza. Sobre a origem deste facto tem-se discursado muito, porque com a legitimidade delle quizeram legitimar a nossa independencia os escriptores portuguezes, e com a sua illegitimidade impugnal-a os escriptores castelhanos. Ha um ou dous seculos tal materia poderia ainda parecer grave á luz politica; hoje, porém, não sei eu se tocaria, a similhante luz, as raias de ridicula. Qual é a nação que não vae achar no seu berço uma violencia, ou uma illegalidade? E que tem com isso o presente? *Somos independentes porque o queremos ser:* eis a razão absoluta, cabal, incontrastavel, da nossa individualidade nacional. E se essa não bastasse, ahi estão escriptos com sangue, desde Valdevez até Montes-Claros, por toda esta nobre e livre terra de Portugal, os titulos da nossa alforria. Com subtilisar ou torcer a historia não é que se-defende a patria: a sua defensão está em saberem seus filhos pelejar por ella, quando o soldado estrangeiro ousar accommetter a terra que nos-herdaram nossos paes, e onde elles morreram livres, como nós havemos de morrer.

(Continuar-se-ha.)

A. Herculano.

VISTA EXTERIOR DE COIMBRA.

385 Mas já vejo a branca fronte
Da alta *Coimbra*, fundada
Nos hombros de erguido monte;
Já sobre a arêa doirada
Vejo ao longe a antiga ponte.

N. Tolentino.

As estradas, que do *Porto* ou de *Lisboa* conduzem a *Coimbra*, cortando commummente por brenhas serradas, descampados inferteis, pinhaes extensissimos mas sem magestade, e povoações pobres e derramadissimas, preparam o caminhante com disposições de tristeza, para contemplar a scena de *Coimbra*, que, similhante a uma piramide esculpida, se-alevanta dominadora dos seus fresquissimos e saudosissimos arredores, e do tranquillo Mondego, que se-revolve mansamente a seus pés, como uma fita branca lançada por meio de um tapete de verdura.

Quanto é bella a apparencia desta multidão de casas, differentes na fabrica, nas côres, e na altura, entresachadas de gothicos palacios, mostrando ainda pela fórma acastellada os longos seculos de sua existencia? (*) Quanto se-deleita a vista na gradação variada, com que se-vão apinhando os edificios, apparecendo crista do monte, como patriarcha e rei de todos, o *Paço das Escólas*, com a sua *torre quadrangular?*

Ou se-aviste *Coimbra* quando o astro do dia surgindo no horisonte espalha seus raios sobre a cidade, ou quando já vai a submergir-se no oceano para renascer mais brilhante e luminoso, ou em fim quando o pálido clarão d'uma lua desmaiada apenas deixa vêr indistinctamente os objectos, sempre a *Rainha da Beira* apparece magestosa e com gracioso donaire; porém em quadra nenhuma ostenta mais *solemne* perspectiva que olhada do *monte da Esperança* em noite bem escura.

Nos confins de um horisonte nebuloso e melancolico, no meio de um silencio profundo, enxerga-se a cidade, qual montanha longinqua: espesso véo de negras sombras a-envolve desde o viso até ás raizes do outeiro; nem homens, nem animaes, nem habitações se-avistam; atravez porém do escuro manto reverbera o fulgor de numerosos lumes. —É que, lampejando milhares de luzes por entre as vidraças das janellas, vem formar um contraste maravilhoso com a escuridão da noite; e o vulto enorme da cidade, negrejando por entre a claridade destas luzes, amostra-se como fantasma gigante cercado de estrellas. — E que idéas não affluem ao pensamento, ao contemplar tão primoroso quadro?! Lembram esses palacios encantados, tão ricos de ouro e pedraria, de que nos bellos dias da infancia ouvimos embevecidos a mui longa e mui curiosa historia.

Em verdade *Coimbra*, a mais bem situada de todas as nossas cidades (embora *Braga* lhe-dispute a preeminencia que a não beija um *Mondego placido e cristallino*), e edificada em fórma de amphitheatro, offerece o mais magestoso aspecto. *R. de Gusmão.*

(*) O de D. *Maria Telles de Menezes*, irmã da Rainha D. *Leonor*, é o que mais especialmente fere os olhos de quem contempla a cidade.

AGRICULTURA, TRADUCÇÃO DE RASPAIL.

386 A agricultura da Peninsula, que tanto progredia no tempo dos Arabes, parece, que estafada de andar tão rapida, parou; e quasi parada tem estado, em quanto nos outros paizes prospéra auxiliada pelo aperfeiçoamento e vulgarisação das sciencias.

Deixa o lavrador as terras de pousio para virem as sementes bravias cançal-as, e fazer por si o enfolhamento, que elle poderia ter feito a seu gosto, alternando a cultura: ainda neste uso andam idéas do tempo dos Mouros. — Açoitam-se e castigam-se as oliveiras em recompensa do fructo que deram: bem parece isto obra de Mouros. — Derrotam-se as matas, e cortam-se as arvores, que tantos beneficios dispendem: tambem não parece de christãos. — Para se-ir da *Moita* a *Setubal* subiam os Mouros ao alto de *Palmella* (talvez a pagar a *alcavala* ao alcaide), hoje não ha já nem alcaide, nem alcavala, e ainda se não fez pelo valle em baixo uma estrada muito mais curta e plana: não parece europeu. — E que diremos dos carros de grossos eixos moveis, com chapas de trilho aguçadas, e pregos de rasto de cabeça? Será portuguez, mas na Torre de Londres mostrava-se (por dinheiro já se-sabe) um carro igual a estes em tudo, e dava-se como carro dos Mouros. Mal sabiam os amigos bretões, que lhes-poderiamos inculcar muitas destas raridades — principalmente agora que é natural se-lhes-queimasse o antigo. — Já houve quem dissesse que se fosse incumbido de dar o plano para uma machina de matar bois e descalçar calçadas, inculcaria o carro portuguez.

Mas que ha de ser onde não ha uma escóla de agricultura? Havendo-a, os discipulos iriam pouco e pouco insistindo nas suas terras em substituir á cultura habitual (ás vezes quasi barbara ou selvagem) a scientifica, e mais rasoavel; o exemplo seria o melhor incentivo; e em uma ou duas gerações se-veriam maravilhas.

Para de algum modo ir supprindo a falta de uma tal escóla, e propagar os conhecimentos que nella deveriam ser miudamente explicados, e desenvolvidos, tomou o Sr. Dr. *Figueiredo* a resolução de consagrar

parte do seu tempo ao arranjo e publicação de um curso elementar de Agricultura. Escolheu a obra de *Raspail* — e publicou della uma traducção portugueza. — Consta de cinco tractados: os tres primeiros comprehendendo o que diz respeito ao lavrador, ao hortelão e ao cultivador de arvores e matas; — já correm públicos com a merecida acceitação: — o quarto que tracta das plantas de mimo e recreio acaba de sair á luz; e breve esperamos ver completa a traducção com a ultima parte, que envolve a economia rural. A linguagem que emprega o Sr. Dr. *Figueiredo* é pura e castigada: bem póde servir de envergonhar os que cultivando as sciencias menosprezam a lingua, só porque a não sabem; não a-conhecem porque a não estudam. As excellentes notas que adornam os differentes tractados concorrem sobre tudo para fazer a traducção muito estimavel.

Não aspira o Sr. Dr. *Figueiredo* a com esta sua publicação formar lavradores instruidos n'uma ou n'outra cultura especial; mas ao fim primario, e não menos essencial, de os-ir instruindo no que abrange a sua profissão; fazer arreigar o amor á sciencia agricola, e contribuir para que algum dia venha a haver algum tractado de mais pratica, e applicações, já experimentadas no paiz, e porque tantos almejam.

Quanto ao reparo de alguns, de ser livro originariamente escripto para o clima de *Paris*, que fica obra de 10 gráos ou 180 leguas ao norte de *Lisboa*, e parecer ás vezes demasiado friorento, ou antes muito embuçado contra os frios, ventos e geadas, não vemos que disso resulte mal algum. Não falta quem o-defenda com os ditados que dizem — cautela não faz mal ao doente; — e antes suar que tremer. — O tempo irá melhor ensinando (ou terá já ensinado) quaes dessas cautelas se-devem dispensar, e virá de todo provar que os paizes em que a vinha, a oliveira, a romeira, a larangeira crescem quasi em toda a parte ao ar livre, e em que as regas são indispensaveis hão de ter uma agricultura propria, que deve começar por ensinar a obter aguas e a empregal-as nas regas.

Porém isso só com o tempo e com a vulgarisação dos conhecimentos se-poderá vir a conseguir: a obra do Sr. Dr. *Figueiredo* irá entretanto abrindo os olhos a muitos lavradores; a modicidade do preço concorrerá para que se-divulgue, e em todas as partes do Reino achará quem testimunhe os beneficios que da sua leitura colheu. *F. A. de V.*

SOBRE O KENILWORTH.

387 Lemos e relemos no Diario do Governo de 11 do corrente um artigo, cuja fórma toda graciosa, litteraria e decentissima para logo nos-revelou a habil e amestrada mão, que o-escrevêra. Honramo-nos, ha já largos annos, com a amisade intima do seu auctor; e cada vez perdoamos menos á fortuna, ou antes á *politica*, o haverem n'elle arrancado da religião litteraria quem tinha de ser, sem nenhum custo, um dos seus ministros mais illustres: entretanto, ainda secularisado, a sua primitiva e verdadeira vocação lá resumbra sempre por um modo explendido todas as vezes, que fallando ou escrevendo acerta de passar pelos dominios da poesia, da litteratura, ou das artes.

Seja-nos porém licito, com venia e boa paz da amisade e sem quebra no respeito, dissentir em dois pontos doutrinaes e graves do que n'esse artigo se-estabelece. Mas porque ambos elles estão requerendo mais estendida discussão, do que nos hoje consentiria n'este jornal o afogo das materias; só os-assentaremos por agora; reservando para melhor conjunctura o averigual-os.

1.° *Ponto* — Linguagem portugueza. 2.° *Ponto* — Methodo, que se-ha-de seguir no verter para portuguez. — Quanto ao *primeiro* quer o auctor — que seja contraria á *ordem natural das coisas*, e como tal impossivel de prosperar a moda, — que alguns principiam a introduzir de repôr na *hodierna* lingua portugueza (se porventura a-ha) algumas palavras e construcções patrias dos nossos antigos. — Quanto ao *segundo* entende, — que vertendo obras, que versam sobre costumes estrangeiros, não fica liberdade para desviar um ápice das expressões e fraseado do original. — E de cada uma d'estas suas opiniões deduz contra a versão do *Kenilworth* do Sr. *Ramalho* uma sentença opposta ao que a respeito da mesma traducção sinceramente, como o temos de uso, escrevêramos em o nosso artigo 266. Provaremos como, philosophicamente avaliadas, estas duas opiniões do auctor se-combatem e se-neutralisam; e mostraremos, como de qualquer d'ellas, que se adoptasse, resultariam para a já *desgraçadissima* Litteratura Patria inconvenientes ponderosos.

Antonio Feliciano de Castilho.

ANTHROPOLOGIA.

388 Este é o titulo d'um artigo, que tivemos o gosto de receber do Sr. *S. J. Ribeiro de Sá*, o qual não publicamos neste jornal, por ser já nelle dada em substancia a noticia, sobre que faz suas judiciosas, e philosophicas considerações ácerca da anthropologia. — Em o n.° 13, art. 267 — Galeria de Historia Natural — Raças Humanas — Pariz — se-dá conta dos trabalhos do Dr. *Dumontier*, e de como elle os-dirigiu com todo o acerto, e perfeição. Ficamos portanto esperando os novos artigos, que nos-promette o Sr. *Ribeiro de Sá*.

CORRIDAS DE TOUROS.

389 Recommendamos, como dignissimo de ser lido pelo grande número que encerra de verdades uteis expressas com valentia e lucidez, o artigo que sob a rúbrica — *Deixem continuar os touros* — se-encontra no Nacional n.° 2043 — de 13 do corrente. Agradecemos ao illustre Redactor o generoso brio com que expontaneamente vem ajudar-nos nesta, vergonhosamente ardua, contenda da civilisação contra a barbarie.

Esperamos que os outros Jornaes não faltarão com seu esforço nesta cruzada contra Turcos, infieis e alarves da Peninsula.

Pésa-nos que a extenção do artigo a que nos-referimos nos-prohiba o transcrevel-o.

Este (passatempo) de touros tão usado em toda Hespanha, que sem elles não ha festa de gosto para todo estado de gente, é mal recebido de todas as outras nações: e nem os barbaros que folgam de ter em suas casas tigres, e leões, e outros animaes ferozes, e sempre temerosos, o-admittem. E na verdade é um passatempo de cujo exercicio nenhum proveito resulta, e o risco é muito grande e sem nenhuma disculpa. O jogo da pella faz o corpo agil, a luta endurece os membros, a justa que para briga

tem pouco risco, e para festa demasiado, com tudo o ser exercicio militar a-defende. Só nos touros nenhuma cousa boa ha: se são mansos é cousa fria, aborrecem: se são bravos, poucos se-correm que não façam voar corpos ao ceo, e almas ao inferno. E que então alegrem, então sejam materia de gosto, e lhe-chamem bons touros, como na verdade assim passa, é cousa indigna do que devemos ao ser humano, quanto mais de christãos: é um renovarmos as effusões de sangue dos Amphitheatros gentílicos. Não ignoro que perdemos tempo neste aviso, como o-perderam muitas pessoas gravissimas que por vezes o-deram. Mas obriga-nos o zêlo do bem commum, e o officio de historiador, que é dar parecer nas materias, e sobre tudo sabermos que um tão grande Santo como foi o Papa Pio V., Religioso da nossa sagrada Ordem, trabalhou muito pelo tirar do mundo: e fiquem advertidos os autores de tal espectaculo, se algum houver que passe os olhos por estes escriptos, que em boa Theologia levam sobre si grande parte do sangue humano que estes touros derramam.

Fr. Luiz de Sousa, na vid. do Arceb., liv. VI. cap. XIX. da 1.ª edic.

NOTICIAS.

ESTADOS-UNIDOS.

390 Em consequencia de insultos da parte do imperador de Marrocos ao consul da Republica, se mandava uma forte esquadra ao Mediterraneo a pedir uma satisfação: receava-se guerra.

PRUSSIA.

391 Pela nossa correspondencia particular sabemos que tinha feito grande rumor na côrte, o haver o imperador da Russia mandado o seu genro, o duque de Leuchtenberg, para uma governança militar no interior do imperio. — Não se-aventava se era desterro ou politica: mas presumia-se que seria politica; por vir chegando o tempo em que o imperador da Russia tem de ir viajar pelo interior.

INGLATERRA.

392 Continuavam de chegar notícias desagradaveis da India; tendo ultimamente caído em poder dos indios a cidade de Ghuznee. — Os jornaes sustentam uma polemica mui aturada com as folhas francezas a respeito do casamento da rainha de Hespanha. — Na sessão de 2 do corrente apresentou-se na camara dos Communs uma petição por parte das classes trabalhadoras com mais de tres milhões de assignaturas.

FRANÇA.

393 O discurso do arcebispo de Pariz ao rei no dia do seu anniversario tem causado grande sensação, tanto na imprensa como no corpo diplomatico, pelas pertenções que o arcebispo ousa de conceber. — Na imprensa e na alta sociedade se discorre mui seriamente sobre o casamento da rainha de Hespanha; entendem que não deve esposar um principe de algum pequeno estado da Allemanha ou Italia, porque assim ficaria a Hespanha sob o influxo da Inglaterra.

HESPANHA.

394 Discorrem os jornaes sobre o casamento da rainha; — e referem casos acontecidos nas provincias com diversas partidas de guerrilhas, algumas politicas.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

395 *Diario do Governo* 12 *de Maio.* — Portarias ordenando que os que tiverem incapacidade phisica, ou não tiverem censo não pertencem á guarda nacional. Tabella da receita effectuada no mez de Outubro.

De 13 *Maio.* — Officio dizendo-se que S. M. C. tinha ordenado um Lazareto nas ilhas de S. Simão. Aviso aos despachados para as provincias Ultramarinas para se apresentarem na Secretaria d'Estado no dia 12. Mappa de documentos de tributos directos. Venda de bens nacionaes.

De 14 *dito.* — Portaria concedendo á povoação do Torrão a cathegoria de Villa de Louzada. Providencias á Junta do Credito Público. — Ordem do Exercito n.º 24. Venda de bens nacionaes.

De 16 *dito.* — Edital ordenando o modo que se ha-de ter na procissão de *Corpus Christi*. Ordem de pagamento de uma quinzena de pret na 1.ª e 6.ª Divisões Militares. Estatistica do expediente do Thesouro Público. Venda de bens nacionaes.

De 17 *dito.* — Relações dos devedores á fazenda pública. Venda de bens nacionaes.

De 18 *Maio.* — Relação de devedores á fazenda pública.

THEATRO NACIONAL E NORMAL.

396 Ainda voltaram no Sabbado as Proezas de Richelieu; houve quasi enchente; era beneficio d'um actor. Setenta e cinco senhoras compunham o espectaculo dos camarotes; vinte e duas idosas, o restante moças e meninas. D'estes camarotes tres se-despejaram no fim da primeira peça, *Carlos ou a familia do avarento*, engraçada semi opera do senhor Feijó: todos os mais perseveraram com uma bella constancia até ao fim da noite (*). O Inspector Geral dos Theatros presenceou a representação: póde por seus ouvidos e olhos convencer-se do que seja este saturnal, contra que por toda a parte clamam os homens de bem. Consentirá que ainda se-repita? mal o-podemos temer: o senhor Larcher é um pai de familias respeitavel, um cidadão honesto, um caracter por muitas vezes honrado com importantes cargos na republica: agora mesmo tem elle na sua mão, confiados pelo Governo, o pão e os circenses da capital. Não sabemos quaes dos dois officios seja de mais urgente responsabilidade: se o pão é para a vida, indispensavel, não só de pão vive o homem: a moral do povo é tambem uma precisão. Que se-diria da inspecção do Terreiro se ahi se-vendera trigo envenenado? que se-diria da Inspecção Geral dos Theatros e espectaculos do reino, se as mais obscenas obscenidades se-representassem?

Antonio Feliciano de Castilho.

(*) A platea que applaudio no fim da primeira peça, no fim da segunda absteve-se de manifestar approvação e suffocou briosamente as palmas com que dois ou tres espectadores se-pertenderam distinguir.

NAUFRAGIO.

397 No dia 4 deste Maio, pela ante-manhã, deu á costa nas pedras de Lenxões contra o castello de Lessa o brigue hespanhol — Cenife; — vinha de Torrevieja com sal para a Galliza. Salvaram-se 10 pessoas e os principaes pertences do casco. Serração grossa, nortada rija, e a proximidade dos penedos, foram os causadores do perdimento.

O escapar a gente, deveu-se ao providencial soccorro, que tres lanchas de pescadores, ás cegas levadas pelo mesmo temporal contra o brigue, promptamente lhe-liberalisaram.

MAIS NAUFRAGIO.

398 No dia 11 ao saír a barra o hiate Santa Anna e Almas, Cap. José Gomes Louro, bateu na pedra — Folga manadas — por causa d'um restolho d'agua, e d'alli foi conduzido para a ponta do Cabedello aonde ficou submergido.

Salvou-se a tripulação. Hia para Caminha com encommendas. *(Periodico dos Pobres do Porto.)*

PASSADOR DE NOTAS FALSAS.

399 Mathias Fagalde, curtidor de pelles, natural do Urcurray, departamento dos Baixos Pyrineos, reino de França — foi condemnado pela relação do *Porto* em 20 annos de degredo por ter preparado e passado uma porção de notas falsas do Banco do *Porto.* A Sentença é de 20 d'Abril proximo passado.

(Revolução de Septembro).

UM PADRE FEITO Á PRESSA.

400 Por escrupulosa prudencia deixámos de publicar no passado número o que na vespera acontecêra com o façanhoso Padre Mathias (Matheus lhe-chamam erradamente os impressos e o povo) e de que já hoje vai cheia tôda a cidade. O nosso artigo que já estava composto era em todas suas partes exactissimo: como porém grave, e de escandalo, fôsse o seu assumpto e as provas, hoje superabundantemente accumuladas, ainda então não existissem, entendemos que se no callar totalmente o facto desfalcavamos a nossa folha, no amadurecel-o para a publicidade nos-desempenhavamos de um dos principaes deveres de jornalistas. Sahi nos tardios com a notícia, compensaremos esse desar com a brevidade da narração.

Na manhã de 11 d'este Maio, aparelhava-se, para dizer missa na freguezia da Encarnação o Padre Mathias Antonio. Havia quatro mezes que elle ahi exercitava essa e outras funcções do sacerdocio com venia e boa paz do Reverendo Prior, a quem para esse fim exhibira uma licença assignada pelo Em.^{mo} Patriarcha D. Patricio. Alguns Padres d'aquella e das visinhas Parochias o-tractavam como a bom collega; e os fieis o-haviam em conta de mui digno do officio, que muito curiosamente preenchia, de prégador e confessor. Testimunhas porém, em segredo convocadas por uma denúncia dada contra elle, entram com o Regedor da Parochia pela Sacristia, e affirmam em sua presença reconhecerem-n'o por leigo. Mathias os-combate, primeiro com o escarneo, depois com as injurias; mas o contradictorio de algumas de suas coarctadas, e sobre tudo a perturbação de animo, que vislumbra por todas suas feições e gestos, corroboram a accusação. O Regedor requer do accusado a apresentação de titulos, que o-abonem de sacerdote; elle lhe-responde que os-tem em sua casa: partem ambos para lá, mas quasi chegados á porta lhe-diz — que esses papeis de repente lhe-lembra que param na Secretaria d'Estado com um requerimento em que anda para certa Igreja: — o Regedor lhe-dá a voz de prêso. — Levado perante o Administrador do 4.° Julgado presiste denodadamente na sua affirmativa: chega até como quer que seja a proval-a com testimunhos, um vocal, outro escripto, de pessoas respeitaveis. Confuso o magistrado com a promptidão e naturalidade com que o accusado solve dúvidas e rebate argumentos; mas não ainda interiormente convencido, remette-o prêso para o chefe espiritual do districto; afim de que pela camara ecclesiastica se-possam haver as necessarias informações. — Mathias se-dissera religioso dos eremitas descalços do convento da Sobrêda; . . . nos assentos do archivo lá se encontra Mathias religioso dos eremitas descalços do convento da Sobrêda. Dissera haver sido cura na freguezia da Gollegãa; . . . o registo da carta, em que se lhe esse beneficio conferia, não menos apparece. — O Prelado receando, como varão prudente e virtuoso, o vêr exposto um innocente á vergonha, e um presbitero á prisão e rigores da justiça, intercede com a auctoridade, para que sem prejuizo de ulteriores indagações, deixe pernoitar, solto, em sua casa o accusado, que prometêra provar no dia seguinte por confrades seus da Sobrêda a veracidade da sua, em apparencia mui ingenua, deposição.

N'essa noite o administrador, que promptamente se-rendeu aos desejos do Sr. Patriarcha, manda a casa do enigmatico personagem: — encontram-n'o serenamente adormecido: — este somno acaba quasi de completar a prova de sua innocencia.

No dia seguinte Mathias e os seus poucos teres haviam desapparecido. — No Campo de Santa Anna foi visto vender a um adello alguns objectos: — de tarde atravessar o Paço do Lumiar em companhia de uma mulher e dirigir-se pelo caminho de Carnide. Para toda a parte se-expediram de repente ordens contra elle de prisão com os signaes da pessoa declarados. — Idade uns 44 annos; altura ordinaria; rosto comprido e secco; olhos grandes e azues; nariz regular; cabello preto ondeado; barba preta e cerrada; e todo elle de proporções seccas.

Emquanto viaja; e algum dos mil braços da justiça o não empolga; digamos a nossos leitores o que a seu respeito se-tem podido averiguar. — Mathias Antonio, de obscura geração e filho de um pedreiro, foi pedreiro; miliciano; soldado de cavallaria um; de infanteria um; de provisorios; pintor; ferro-velho; e sombreireiro! — de tudo ha documentos. — Não contento com esta encyclopedia profana de artes e officios, ordenou-se a si mesmo: — foi cura; capellão em varias casas e freguezias, no que se-houve com tanta actividade, que muitos dias passavam de tres as suas missas — uma na estrada da Charneca — outra na Encarnação — outra na rua Formosa — outra em Santa Izabel etc. Foi prégador e de fama; confessor e bem afreguezado; acompanhador de enterros etc. Finalmente, desejoso de que nenhuma cousa lhe-ficasse por experimentar; e cubiçando reunir em si o mais possivel de sacramentos — casou — enviuvou; — tornou a casar: e tornou ainda a casar com terceira mulher, tendo viva a segunda: — deixou as duas

por uma quarta, com quem não casou: — e parece, que já não foi com a mesma quarta que desappareceu.

Ouvimos que a um dos soldados, que o-escoltaram nos seus trabalhos do dia 11, dissera elle; — sou padre e hei-de proval-o; mas que o não fosse, que tinha ninguem com isso? — ou temos liberdade, ou a não temos; se a-temos, deixem exercer a cada um a industria que bem lhe-parece!

Assim se-abusa das duas mais sanctas cousas do mundo — da Liberdade, que humanisa a Religião — da Religião, que sanctifica a Liberdade!!

MORTE DE MULHER E MARIDO.

Maia, 10 *de Maio.*

401 Em a noite d'hontem para hoje um moleiro da Freguezia de Nogueira, foi atacado por cinco individuos e um rapaz, estando na cama: sua velha mulher foi morta por uma pancada que lhe-partiu o craneo, e elle com differentes pancadas ficou em estado que pouco depois de sacramentado expirou.

O moleiro havia tempos tinha sido já roubado; tinha em casa nesta occasião umas dez moedas em prata e alguma porção de milho, mas nada levaram: era bemquisto porque fiava as fornadas á pobreza daquelles arredores. Conheceu alguns dos malfeitores, e declarou-os; sendo tambem conhecidos por um neto, que se-havia escondido debaixo da cama. As declarações estão em segredo, e ignora-se se é verdade o que se-diz, que os assassinos eram do Porto. As pancadas foram dadas com ferramenta que acharam na mesma casa do moleiro. *(Periodico dos Pobres do Porto.)*

CONJUGICIDIO POR LOUCURA.

402 De *Guimarães* nos-escrevem, que no dia 10 do corrente na Freguezia d'Oliveira, Concelho de Villa Nova de Famelicão, saíra de sua casa um homem, já de algum tempo conhecido por maníaco. Sua mulher, por alguma desconfiança que tivesse de más tenções que o-levavam, seguiu-o, por cautella; mas apenas percebida do insensato, cáe apedrejada por elle, e entre suas mãos acaba de largar a vida. Os olhos e cerebro lhe-foram vasados á faca.

Outra mulher que procurou acudir-lhe ficou maltractada. O desgraçado foi conduzido á Cadêa.

JÁ A INFANCIA É VICTIMA DA PUERICIA.

403 No dia 12 do corrente, por meia tarde, em uma Aldeola apellidada os Cazaes do Bombarral, Concelho de Cadaval, Porfirio, rapazinho de 11 annos, tomou para brinquedo uma espingarda, que na casa paterna achou á mão, e com ella se-foi para a poisada de um visinho a folgar com outras creanças. Alguem, segundo se-diz, lhe-ponderou o perigo que naquella arma havia: grande prudencia a de quem gasta palavras onde o que importa são obras! despresou Porfirio o aviso, — que admiração! Averigua se a espingarda está carregada; achando-a tal, volta a casa do pai onde a-escorva, e tornando para o ranchinho dos innocentes, mette-a á cara, aponta, dispara. Uma pequenina, de dois annos e meio, caíu logo sem vida, crivada a cabeça de chumbo como um pobre passarinho — chamava-se Vicencia. Outra recebeu por um lado parte da munição, mas não morreu. A justiça, accrescenta o nosso correspondente o Sr. P. R. Fonseca, já foi syndicar, mas é de crer que de suas investigações não resulte consequencia alguma *correctiva*, porque é essa a marcha seguida neste Concelho.

O abuso do porte de armas é assumpto, mormente em tempos tão altanados e immoraes como este nosso, merecedor de muito maior vigilancia do que parece lhe-consagram as respectivas auctoridades policiaes.

BELLA ACÇÃO.

404 *José Domingues Bicho*, com padaria na rua das Pretas, e um tendeiro, que junto delle habitava, ficaram gravemente prejudicados por causa de um incendio que na noite de 13 do corrente devorou as suas velhas e abarracadas casas. Uma candeia deixada a descuido ao pé de carqueja em casa do tendeiro originou este desastre.

Consta-nos que um mancebo, amigo intimo, que fôra d'um filho do padeiro, mas com elle andava desavindo, havia tempos, o-procurára na seguinte manhã, — offerecendo-lhe a sua casa, e soccorros. — Não foi acceito o generoso offerecimento; mas para exemplo não iqueremos que fique perdido. A amizade, que no dia do infortunio se-restaura, é formosa amisade que não tem de acabar.

AVISO AOS VIANDANTES DE LISBOA.

405 Na manhã de 8 de Março, caminhavam ajoujados quatro gallegos transportando uma pipa, pela rua dos Capellistas; um individuo que ia a seu passo e passo, ouve um grito atraz si, e logo lhe-dão um encontrão, cáe, pisam-no a ponto de ficar contuso na cabeça, e com uma perna quebrada pelo *femur*. Acodem-lhe, e prendem os quatro *brutos*. Na cadêa jazeram os da parelha dianteira, a quem competia o *arréda*; até que em Juizo Correccional foram hontem, além dos sesenta dias de prisão, condemnados na multa de 2$000 réis, e os da de traz em 3$000 réis, não obstante desculparem-se uns com os outros. Parece-nos conveniente dar esta noticia para que nos precatêmos de muitos destes riscos a que em Cidade tão populosa, estamos continuamente expostos.

RIXA VELHA.

406 No dia 15, á noite, perto da feira das Amoreiras, foi achado um individuo em perigo de vida, com tres facadas. Não quer denunciar quem lh'as deu, e só diz que fôra resultado de rixa velha.

PARRICIDIO.

407 Na noite de 23 para 24 do corrente se-perpetrou nos Arcos de Val de Vez um parricidio!! morreu envenenado com arsenico o ex-Capitão *Manoel Caetano de Sousa e Castro!* Todas as suspeitas recaíram sobre seu filho, que foi preso, e se-acha em processo!! Parece que o desejo de ser senhor da casa fôra o motivo deste attentado!

(Periodico dos Pobres do Porto.)

EXPORTAÇÃO DE VINHOS DO DOURO.

408 Resumimos do Periodico dos Pobres do Porto o mappa da exportação dos vinhos do Douro.

Desde o 1.º de Janeiro até o fim de Março de 1842 saíram 8574 pipas e 12 almudes

	Pip.	Alm.	Can.
Para a Grã-Bretanha	7,024	10	4
« Estados-Unidos da America..	671	5	3
« Brazil	322	5	8
« Outros portos.............	556	11	2
Pipas	8574	12	0

UMA QUADRILHA.

409 De *Elvas* nos-escrevem que havia dois mezes vagueavam pelo contorno 4 ou 6 malfeitores, a quem se-attribuiam roubos e maus tractos a varios habitantes da cidade, e de *Villa-Boim*. Um dia um dos roubados, encarando á entrada de *Olivença* com um dos ladrões, e vendo-o tomar para umas hortas visinhas, pediu soccorro: tres soldados e um cabo acodem ao sitio, os bandidos lhes-dão uma descarga, a tropa lhes-responde com outra, fogem; e em vão alguns cavalleiros lhes-sahem no alcance. Eram os moradores de *S. Vicente*, *Barbacena*, *Santa Eulalia*, *Monforte etc.* que traziam noticia, ora do roubo feito ao lavrador Fulano, ora do espancamento de um passageiro, ora de haverem os facinorosos sido vistos no *Monte das Esquillas* e outras paragens; por ultimo foram tambem correios de uma boa nova; dois delles cahiram mortos por um guarda do *Mato de Font'Alva*, a quem a circumvisinhança acoimava de cúmplice, um no Povo de *Santa Eulalia*, outro no Casal da *Casa Branca*, e ambos no dia 12 do corrente.

CONTINUAÇÃO DAS NOTICIAS AGRONOMICAS DE ABRIL.

410 Por um singular contraste decorreu bem diverso o andamento da estação na amena provincia do *Algarve*, o que é devido á favoravel posição da grande serra de *Monchique* e *Caldeirão*, a qual cingindo a fronteira septentrional daquelle districto, lhe-serve de poderoso abrigo contra as invasões dos ventos boreaes, e os-força a mudar de direcção, seguindo as linhas diagonaes resultantes dos variados contornos da cordilheira, ou resvalando pelas suas summidades correm afastados e em grande altura sobre a cinta cultivada que vai parallela ao littoral, em um plano inferior em mais de 400 braças áquellas summidades. Esta favoravel circumstancia, devida inteiramente á configuração topographica do terreno, é a principal causa da brandura do seu clima, por isso tão apropriado a manter a vegetação de um grande número de preciosas arvores africanas, e da zona torrida, as quaes poderiam acclimatar-se se alli se-creasse um amplo viveiro em que se-reunissem e cultivassem para depois se-espalharem nas localidades do reino apropriadas ao seu desenvolvimento.

Voltando porém ao nosso assumpto, notaremos que ao mesmo tempo em que a maior parte do reino soffria consideraveis prejuisos pelos insolitos rigores de Abril, aquelle districto gosava de mais favoravel tempo para o desenvolvimento da vegetação dos seus campos, como se-prova pelas noticias que o nosso intelligente e respeitavel correspondente de Moncarapaxo nos-envia, e que com satisfação passamos a transcrever.

Os cereaes reanimaram-se admiravelmente com as chuvas do principio do mez, e as que continuaram por todo elle lhes-fizeram grande beneficio. Desde *Faro* até *Castromarim*, nos terrenos baixos, as searas encantam pela belleza da sua espiga, e pelo seu portamento magestoso. Os milhos tiveram optimo nascimento, e vão medrando viçosos: o grão de bico até agora promette copioso fructo, e as vinhas têem grande abundancia de uva, e não consta, que tenham sido atacadas por algum dos inimigos que todos os annos lhes-fazem estragos. As amendoeiras têem boa novidade de fructo, que não tem caido com as chuvas e ventos de Abril como aconteceu por effeito das rajadas de Março. As oliveiras em partes se-encontram algumas bem providas de flores, mas em geral espera-se uma novidade menor que a ordinaria: quanto ás alfarrobeiras muito pouco fructo lhes-ficou, e neste anno continuará a carestia deste genero, como no passado. As laranjeiras tomaram muita flôr, e o tempo lhes-tem servido para fructificar com abundancia: os pomares de caroço apesar dos ventos de Março, promettem uma copiosa colheita. Finalmente os gados começam a refazer-se das fomes que soffreram, pois que os campos tem brotado abundantes pastos; infelizmente havia já perecido uma parte por effeito daquella calamidade.

Em *Cintra* os rigores desta primavera têem causado notaveis prejuisos em quasi todos os limoaes situados na encosta daquelle ameno e frondoso sitio, e se-acham despidos da sua viçosa folha, apresentando no fim da primavera o lúgubre aspecto das arvores silvestres no coração do inverno: quasi metade do seu precioso fructo se-tem perdido. — Muitos loureiros, que servem de graciosos abrigos nas quintas de *Rio de Mouros*, têem continuado a seccar. *M. M. Franzini.*

411 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 11 ATÉ 17 MAIO 1842.

Dias do mez	*Termometro exterior*		*Barometro*		*Pluviometro.*	*Ventos dominantes e sua força.*	*Estado da Atmosfera.*
	Min.º	*Max.º*	*9 h. m.*	*3 h. t.*			
11	58	67	758,1	757,4		^{1}NO N^1	Cob.º até ás 10 h. e depois cl.º e nuveos — tarde fria.
12	46	67	759,5	759,0		N^2	Cl.º e nuv.s horisonte fusco.
13	47	75	757,2	755.0		B ^{1}N	Cl.º — sol quente.
14	52	82	756,0	755.0		B N	Cl.º — muito calôr.
15	58	81	757,1	757,5		B ^{1}SO	Cob.º de nuv.s diafanas — sol descorado: muito quente.
16	56	76	757,7	757.7		B ^{1}SO	Id. — Nev.º denso, alto, e humido: sol palido — tempo fresco.
17	54	70	756,2	755,5		SO^1	Nev.º denso e humido até ás 9 h. — cob.º — cl.º de tarde e fresco.

A pequena descida do barometro, do dia 7, annunciou a transição da 1.ª á 2.ª quadra do mez, a qual se-manteve até 12 com a temperatura fria nas madrugadas e noites, ar sêcco, ceo em geral nublado, e ventos rijos do norte, especialmente a 8 que soprou tempestuoso. Em Cintra resfriou a tal ponto a athmosfera, que na madrugada do dia 9, nos pontos menos abrigados na serra, appareceu gelado o orvalho, ou humidade da noite.

A 13 teve logar a 3.ª quadra, que permaneceu tres dias quentes e o ar muito sêcco; porém mantendo-se sempre frescas madrugadas, observando-se a 14 um grande salto na temperatura dos dois extremos do dia, a qual variou 30.° F. ($15\frac{1}{2}$ R) no curto intervalo de 10 horas. — A 4.ª quadra manifestava-se a 16, condensando-se os vapores accumulados nos dias antecedentes, que baixaram em nevoeiros, resfriando e humedecendo a athmosfera, sendo acompanhados de ventos mareiros, e assim permanece. *M. M. Franzini.*

Na Imprensa Nacional.

10.º DA 3.ª SERIE. N.º 34. 26 MAIO 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sabe ás quintas feiras — Escriptorio, rua da Horta Secca n.º 20 — Assigna-se no Escriptorio e na Loja da Viuva de João Henriques, n.º 1, rua Augusta — Avulso 80 réis: 12 numeros 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis — O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados, e por caso nenhum aos distribuidores — Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Tem todos, e só elles entrada gratuita n'um Gabinete de Leitura do Estabelecimento (segundo o respectivo regulamento), aonde se acham muitos jornaes e escriptos politicos, litterarios e scientificos, em portuguez, francez, hespanhol, inglez, e allemão — Os subscriptores das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes convier — Sobrescripto da Correspondencia: « Ao Redactor da Revista Universal, rua da Horta Secca n.º 20 » — Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade — Qualquer artigo interessante será acceito com gratidão e publicado — A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se lhe remetta um exemplar — Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fora machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o desejar — Tambem no seu Escriptorio se patentearão ao publico objectos de semelhante natureza, que para ali sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal. — Esta Folha aceita a troca com todos os jornaes portuguezes. — A distribuição na Capital faz-se em 3 horas — Este numero sahe ás 7 da manhã e será entregue, o mais tarde, até ás 10.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ESTRADAS.

(Continuação da pag. 390.)

412 PORTUGAL.

Estamos chegados ao destino a que me-propuz. Já nos números anteriores procurei popularisar varios termos numericos que eu suppunha não serem vulgares, e poderem servir para formar alguns dos juizos necessarios para a tarefa de que se-trata n'este momento: a dotação de estradas para este paiz. *José Bonifacio de Andrada*, a quem se não póde negar saber, e tanto mais precioso quanto era pratico, qualidade de que tanto precisamos, em um tempo em que tudo se-quer supprir em Portugal com o especulativo, mas um especulativo mestiço e pseudo, nascido da preguiça e presumpçoso, por não ter por base a licção, nem essa mesma pratica que se-invoca, mas que se-despreza porque se-ignora; — na sua *Memoria sobre o Plantio de novos bosques em Portugal*, diz que a estrada nova se-arruinou antes de se-acabar, pela nossa habitual soffreguidão de acabar tudo em um dia, mas que logo acalma súbito. Esta mesma propensão, receio muito, que ainda nos-persiga. Ha tambem um luxo e falsa ostentação que em nada se-compadece com os nossos meios; assim como um contemplativo optimismo inconciliavel com o nosso atraso, mas que serve para encobrir e disfarçar a nossa indolencia, as nossas pertenções, e a nossa insciencia.

Em 1788, ha 54 annos, determinou-se que se-fizessem operações geodesicas em Portugal, para servirem de base á topographia e cadastro do paiz, suspenderam-se depois em 1803, e os cadernos das observações até então feitas, sumiram-se. Passados 24 annos, em 1827, acorda o Sr. *Candido José Xavier*, mandando acautelar as pyramides da triangulação do esqueleto da Geographia do nosso Reino, por uma Portaria na Gazeta, que nunca chegou a quem era endereçada. Veio a gloriosa Restauração, e uma nova Portaria é lavrada, mas em termos tão indefinidos, mandando continuar o seu progresso, allegando a sua utilidade, que foi mister segundal-a no anno seguinte. Desde então mais nada houve de publicado senão uma Memoria em que estes factos que acabo de expender, são relatados mais por extenso, e ahi está que nem mal nem bem, sabemos, nós, o público, nem o governo, a natureza, nem as disposições do terreno que nos-pertence e aonde vivemos. Mais sabem a este respeito os almocreves que, para que assim digamos, são os unicos mestres da nossa Geographia. Os outros que não andam em sua companhia, ficam condemnados a jámais verem uma Carta Geral do Reino, pois que a não podem ter com uma perfeição astronomica absoluta, que piamente cremos só a França tem, podendo aventurar a asserção, com uma quasi certeza, de que a Inglaterra todavia a não logra, revestida de todos os apices da sciencia como nós a-ambicionamos, posto que tenha milhares d'ellas de todas as especies.

Eu não pertendo inculcar a mediocridade para norma, mas, antes valera copiar a nação ingleza, do que ter ainda de lêr n'um *Duarte Nunes de Leão*, na sua *descripção de Portugal*, que uma das utilidades dos montes é os caminhantes não receberem nojo e fastio de caminharem por terras iguaes, acharem balisas aonde os olhos façam pausa, e o corpo possa mudar de postura, etc. E tambem desejára a imitação que indico, para não estarmos reduzidos ao roteiro de *João Baptista de Castro*, para todo o nosso itinerario.

Infelizmente não é este o unico caso em que não largamos o nonio e a alidade da mão, sem comtudo fazermos uso delles. Em 1802, ha 40 annos, não nos-esqueceu tão pouco a exemplo da França, e porque os dictames da razão e da necessidade assim o-prescreviam, tentarmos a reforma e uniformação dos nossos pêsos e medidas. Vieram a Lisboa os almudes, e os alqueires de todos os Concelhos do Reino, e por ahi andam na Fundição do Exercito, e na Academia Real das Sciencias, aonde pelos seus esdruxulos feitios compoem uma das poucas curiosidades do seu Museu. Dado este passo, tudo ficou em mortorio até 1821. N'este tempo as Constituintes tornaram a fallar na materia com o mesmo exito com que se-tinha fallado n'ella das anteriores vezes. Raiou o astro da liberdade e de novo se-nomeou uma Commissão que apresentou um Relatorio em 1840 ás Côrtes, mas ainda d'ahi a nada mais se-procedeu. A necessidade que ha de se-considerar o assumpto, não podia entretanto ser mais urgente. A Comarca de *Arganil*, que não comprehende mais de 10,074 fogos ou menos de 40,000 almas, e sómente 23 Concelhos, tem 57 medidas diversas com tanto disparate quanto vai, em azeite de 167.9 para 59.6, e em vinho de 243.0 para 107.3, e para sêcos quanto vai desde 137.8 a 955.5. Um specimen de bar-

variedade tal como este, é para se-duvidar que exista, não digo já na Europa civilisada, mas no povo mais selvagem; que bella feira não está offerecendo um tal cahos a toda a qualidade de fraudes! ¿Como ha-de o Governo calcular o custo e a manutenção do exercito, como hão-de depois verificar as suas contas as Côrtes? Que Babel igualmente para o commercio! Toda a mnemonica será pouca para ter presente, os termos medios, maximos, e minimos que tanta variedade deve adduzir, e para reduzir os preços apparentes aos reaes, attentas as quantidades.

Tornando aqui a reproduzir outro exemplo da Inglaterra, por ser aonde a realisação das providencias segue mais de perto a demonstração da sua necessidade, ha bem poucos annos, entendeu ella que se-deveriam reduzir a uma unica, as varias medidas dos seus liquidos; logo tratou disso, por um padrão que adoptou. Não affectou como nós uma subtileza inappreciavel, cujo typo se-ha-de ir buscar no ceo, donde a França deriva o seu metro, e que *Raspail* assim mesmo accusa formalmente de estar errado. Talvez este facto não seja muito conhecido, mas quem o-quizer saber, consulte a chimica organica deste A. que lá o-ha-de achar em uma exprobração que dirige a *Arago*.

Se eu tenho sido mais prolixo do que devêra, antes de entrar na questão propria, espero que me-seja relevada a demora. Eu não o-teria sido tanto se não presentisse no plano que se-premedita, ou agita actualmente, as mesmas tendencias para o grandioso, que teem assistido a todas as nossas concepções públicas; direi mais, se eu não tivesse já passado pelas provas d'esse vicio, e não lhe-conhecesse os effeitos. Este luxo, esta ostentação de acabamento que para tudo exigimos, sem considerarmos a incapacidade commum do paiz, ha-de fazer com que se-gaste muito cabedal, para talvez se-construirem lanços de caminho com summo apparato, e logo ao pé delles, ficarem lacunas absolutamente intransitaveis. Não me-aventuraria eu a expressar-me assim, se n'esses traços imperceptiveis que por ahi se-giram ainda, tanto quanto o-permitte o mesquinho subsidio que lhes-é consignado, não deprehendesse a escala de grandeza facticia com que se-ha-de pertender delinear o plano geral das nossas communicações, se vier a ter logar.

As estradas são indispensaveis por mais de um motivo; são indispensaveis para que as producções, e os homens possam circular. É preciso que a população rural venha á cidade, e a urbana vá ao campo. Sem esta fusão, Portugal, não obstante ser tão pequeno, não ha-de ser nação, nem o seu governo será senão Lisboa, e alguma cousa do Porto; o resto do paiz não ha-de ter a consciencia necessaria do que se-entende por esse vocabulo, nem lhe-ha-de importar muito adquiril-o. Hão-de continuar a fallar nas provincias tanto de Lisboa, como em Lisboa se-falla d'ellas, que não póde ser menos. Cada povoação subsistirá, por assim dizer, como um membro disperso e rude na pequena republica portugueza, e de facto, apenas nos-poderemos contar por mais do que uma federação.

Deve-se por tanto cuidar neste fulcro, se querem fôrça nacional — nesta potencia, se querem civilisação, — mas limite-se o feitio da alavanca ás faculdades do povo, e ás suas actuaes precisões; estude-se bem a economia, que não está só no quantitativo do sacrificio — está na intelligencia da contribuição — e sobre tudo na sua applicação geral, e em que obranja a maior extensão possivel de uma vez. *(Continuar-se-ha.)*

Claudio Adriano da Costa.

FERRUGEM DAS OLIVEIRAS.

(Continuação de pag. 390).

413 Este pó negro do murrão é de tal maneira contagioso que, misturando o trigo enferrujado dentro de um sacco com trigo limpo e são, colhido em terrenos mui distantes, apega-lhe a molestia e torna-o enferrujado, convertendo a farinha em murrão.

O pó negro das oliveiras contagía todas as arvores e arbustos que estiverem nas visinhanças d'ellas, cousa esta que varias vezes tenho visto em muitas partes, principalmente viajando pela estrada de *Villa Franca* na estação do estio: alli vi com as folhas denegridas e cobertas de ferrugem os pecegueiros, pereiras, figueiras, ameixoeiras etc.; a madre-silva, os murtinhos, a rapa-lingua, os sargaços etc.

Mas além d'isto, tive occasião de observar um curiosissimo contagio da ferrugem de um ramo de larangeira sobre 12 vasos de mangericão.

Residindo no palacio do Marquez do Pombal na rua Formosa, tinha os ditos 12 vasos sobre a balaustrada da cascata; um ramo da latada de larangeiras, que revestia a parede inferior tocava os dous mangericões do centro, estando as folhas do dito ramo cobertas de ferrugem: um dia appareceu um dos mangericões atacado da mesma molestia, e todo negro da parte do contacto. O meu jardineiro retirou logo o vaso e pertendeu cortar o ramo; mas eu me-oppuz a uma e outra cousa, dizendo-lhe que tornasse a pôr o vaso como estava; pois queria fazer uma experiencia, e ver o que d'alli resultava.

De um para outro dia foi a ferrugem cobrindo todos os mangericões, e depois de terem as folhas totalmente negras, murchavam, caíam para o lado, e os caules e raizes se-achavam podres. Foi a primeira vez que vi tão terriveis effeitos daquella molestia. Todavia, a *ferrugem*, *o murrão*, *ou carvão*, pode existir em diversos estados sobre as arvores, arbustos e plantas. Umas vezes, o cogumello penetra para o interior, introduzindo, talvez, as suas tenuissimas sementes a travez dos poros da casca e do parenchyma das folhas, bem como das capsulas e involucros das sementes, e n'este caso, decompondo a parte amilacea das farinhas, e a saccarina da seiva, destroe e mata as arvores, se lhe-ataca as raizes, e os grãos das gramineas quando se-desenvolve dentro d'elles.

Tambem destroe da mesma forma os caules e raizes de algumas plantas, como fez aos mangericões. Pode ás vezes existir o dito *carvão ou ferrugem* sobre as folhas de varias arvores e arbustos sem lhes-causar grande prejuizo, nutrindo-se unicamente da transpiração natural das folhas e ramusculos, o que se-vê na larangeira e na espirradeira. Igualmente pode existir sobre arvores e arbustos já doentes da *chymidrose* ou transsudação excessiva da seiva, como se-observa nas oliveiras e nas estevas. Mas o ponto essencial da questão é saber em que consiste a molestia das oliveiras denominada *ferrugem*, quaes são as causas, e que remedios se-lhes-devem applicar? Respondo a isto, que a dita molestia é uma *chymidrose*, ou excessiva transsudação dos succos seivosos; que parece ter por causa

remota o grande calor da estação, e por causa proxima a obstrucção dos canaes da seiva descendente pelo entrecasco ou alburno: — provarei o que affirmo.

A dissecção anatomica da oliveira doente mostra que a medulla e lenho estão livres de toda e qualquer lesão desde as raizes até os mais tenues ramúsculos; que o alburno, livrinho e casca padecem alguma cousa, estando contrahidos e seccos, e apresentando ás vezes umas fendas longitudinaes de alto a baixo, pelas quaes se-distilla uma gomma translúcida em pequenas lagrimas; que no entrecasco, principalmente nas anastomoses das raizes ou nascimento do tronco, junto da terra, existem muitos grumos de uma seiva espessa e gommosa, que parece não poder circular; que estes mesmos grumos apparecem no entrecasco em diversos sitios, formando até uma especie de abscéssos que muitas vezes fazem arrebentar a casca, e apresenta-se depois uma cavidade cheia de gomma. (Esta molestia tambem apparece nas ameixoeiras e pecegueiros). Que, finalmente, as folhas depois de bem lavadas, não apresentam a mais pequena lesão exterior nem interior.

Agora chamarei para auxilio as minhas e as alhêas observações ácerca das oliveiras. *Plinio e Theophrasto* fallam da extravasação do succo das oliveiras da *Arabia*; mas não é claro se era a verdadeira *chymidrose*; antes parece ser das lagrimas gommosas que sahem das fendas da casca, quando o calor a-sécca e faz contrahir; porém a causa é sempre a mesma = é o demasiado calor; porque os terrenos da *Arabia* são adustos e seccos. Com estas lagrimas se-compunha um balsamo excellente para estancar o sangue das feridas. A gomma *elemi* que vem da *Ethiopia* em paens de dous até tres arrateis, nada mais é que as mesmas lagrimas amassadas, as quaes se-colhem em grande abundancia pelos troncos das oliveiras silvestres; porque, não obstante serem muito mais robustas todas as arvores desta qualidade, assim mesmo o clima ardente, secco e adusto daquelle paiz causa-lhes a enfermidade. A *chymidrose* foi observada por *Du-Hamel* nos salgueiros de *Carcassona* por causa do grande calor, e se uma arvore de seiva tão liquida adquire esta molestia, que muito é que o mesmo aconteça ás oliveiras cuja seiva é gommosa? As estevas dos matos de *Sagres* tinham a mesma doença no maior auge, porque a estação era ardentissima e o terreno muito adusto e secco. A mesma molestia apparece nas folhas das favas e das papoulas, quando estão semeadas em terrenos barrentos e seccos, e acontece haver dias de sol ardente no mez de Março. Apparece a referida transsudação em maior quantidade sobre as folhas pela madrugada; porque n'essa hora do dia é quando todas as plantas transpiram mais; o vulgo lhe-chama orvalho quando no estado normal de saude essa transpiração se-mostra em forma de gottas de agua, e lhe-dá o nome de manná se apparece em consistencia de mel no estado de enfermidade: são idéas erroneas; pois n'um e n'outro caso é sempre a transpiração das mesmas plantas.

Ajuncte-se a tudo isto a singular observação do Lavrador *Manoel Rodrigues*, acima referida, e não ficará dúvida nenhuma de que o intenso calor e seccura causam a *chymidrose* das *arvores*, *arbustos* e *plantas*.

Não tem apparecido esta enfermidade nos meus olivaes de *Villarinho*, nem nos visinhos, nem tambem no olival das *Salzedas*, como já disse, porque o clima é fresco e o terreno húmido e fresco tambem. Não se-pense que eu entendo pelas palavras *terreno húmido* aquelle que tem agua encharcada; nada d'isso: — taes terrenos são improprios da oliveira; mas eu quero designar por terreno húmido e fresco aquelle que sempre conserva alguma frescura e humidade sensivel, a qual se-observa em pequena profundidade quando se-cava ou lavra com o arado, ainda que seja no estio. A athmosphera de taes terrenos é tambem húmida e fresca, e por isso a oliveira alli vegeta bem.

Quando o sol ardente, e a luz muito forte estimulam as folhas da oliveira, os succos seivosos absorvidos pelas raizes correm para os pontos estimulados com grande força, e mais ainda do que poderia produzir o peso athmospherico, quer isto proceda da força ou da acção capillar dos mesmos vasos absorventes, ou d'esta reunida com a do vácuo formado nas mesmas folhas, por causa da excessiva evaporação causada pelo calor. Estes succos, depois de elaborados nos pulmões vegetaes, que são as folhas, deviam voltar para a raiz, descendo pelo alburno e entrecasco; mas elles se-tornam muito espessos por essa mesma causa da grande evaporação, e no seu descenso acham a passagem contrahida e apertada pela seccura e aperto da casca; então se-formam em grumos e pouco a pouco obstruem a circulação. Segue-se infallivelmente *a chymidrose*; porque sendo os succos seivosos attrahidos ás summidades dos ramúsculos, e não podendo depois circular (descendo pelo entre-casco), nem retrogradar, segue-se a extravasação pelos poros da epiderme das folhas e todos os mais phenomenos sabidos; esse verniz gomoso que as-cobre; a sua decomposição, o pó negro e os insectos: mas tudo isto são effeitos necessarios, e não são causa da molestia. Esta não é mortal nem muito perigosa; porque a arvore perde somente aquelles succos que se-deveriam empregar na creação dos fructos, e logo que entra o inverno recupera a saude, umas vezes inteiramente, outras em grande parte. A natureza nenhum misterio faz dos remedios proprios para curar esta enfermidade, patenteia-os aos nossos olhos; mas nós lhe-prestamos pouca attenção. Estes remedios são a geada, a neve e a humidade; sendo porém a neve o melhor de todos. Quando ella se-demora sobre as folhas tira-lhe o estimulo da luz, e retarda a circulação por causa do frio, ao mesmo tempo que se-derrete lentamente e ministra humidade aos grumos gomosos da seiva espessa para os-ir desfazendo e attenuando pouco a pouco. A casca e alburno se-relaxam com a humidade bebida pelas folhas e recebida por intuscepção no banho húmido da athmosphera do inverno; então volta o estado normal da vida vegetal, e de certo continuaria se não sobreviessem outra vez os calores do estio; mas vindo a causa tornam os effeitos.

Vê-se pelo que deixo escripto, que não temos a nosso alcance os remedios proprios para curar as nossas oliveiras doentes plantadas em sitios ardentes e seccos; mas devem attender muito a isto os proprietarios de predios ruraes e todos aquelles que plantarem oliveiras novas; devem escolher terreno e clima proprio para ellas com as qualidades já ditas acima, de ser elevado, fresco, e visitado das neves todos os annos; mas em benigno clima, aonde se não sintam os grandes rigores do inverno, aonde vegetem bem as videiras e produzam fructos sazonados, e onde as laranjeiras e limoeiros já não possam vegetar ao ar livre.

Digitized by Google

A maior parte dos lavradores aggravam mais o estado morbifico das suas oliveiras, semeando trigo e cevada por baixo dellas: não ha nada que lhes-faça mais damno, e taes sementeiras as-fariam adoecer ainda que ellas não tivessem disposição para isso; porque augmentam o calor e a seccura, e roubam a pouca humidade que tem a terra. Eu tive um anno perdido o meu olival por causa de lhe-semear centeio; mas vendo as oliveiras *murchas* com a folha amarelada, e já a principiar de cahir fóra de tempo, acudi-lhe logo, sacrificando a ceara, que fiz segar immediatamente; mandei regar o rastolho, e cavar o terreno, então as oliveiras recuperaram o seu vigor e tornaram ao seu estado normal. É justo approveitar a terra quanto seja possivel, e póde-se approveitar a dos olivaes semeando-lhe batatas, prados artificiaes, milho grosso e alguns legumes, com tanto que se-estrumem bem e todos os annos. As batatas podem ser semeadas 11 annos a fio no mesmo terreno sem elle as-recusar; mas depois degeneram. Em fim a terra dos olivaes ou ha de estar de *pousio*, dando-lhe só duas lavouras no anno, ou ser coberta de producções virentes e viçosas que geram frescura; porque as oliveiras não deitam raizes profundas, nutrem-se muito á flôr de terra por meio de radiculas tenues, que se-lhes-devem conservar com o maior cuidado.

(Continuar-se-ha.)

Visconde de Villarinho de S. Romão.

SAUDE PÚBLICA.

414 Sr. — Como na minha carta, que V. teve a bondade de publicar, eu disse — que os facultativos territoriaes mui raros cumpriam o que a lei ordena, no que toca aos differentes assumptos, relativos á Saude Pública, — justo é, que eu declare, em que se-tem dado essa ommissão; para que alguns espiritos fiquem socegados, e outros talvez se-emendem de taes abusos.

Em primeiro logar — a repartição de Saude Pública do Reino deve apresentar annualmente a statistica medica dos differentes pontos do nosso paiz; ha molestias endémicas em differentes logares do reino, que devastam seus habitantes; alli existem as causas, que se-devem remover, e é a Repartição de Saude a que propõe a quem compete os seus melhoramentos para obviar a despovoação por essas causas locaes motivada. O artigo 30 do Decreto de 3 de Janeiro de 1837 obriga todos os facultativos a-remetterem mensalmente aos Delegados nas Provincias, e ao Concelho de Lisboa, e seu Districto, circumstanciadas relações das molestias que tratarem: o que tambem cumpre a todos os Directores dos hospitaes civis, facultativos das casas d'expostos, asylos, recolhimentos d'orphãos, etc., etc.

Ora todos os Delegados dizem, que é impossivel executar esta disposição da lei; porque raro é o facultativo, que a-tem cumprido; e emquanto a Lisboa não a-tem seguramente cumprido uma vigesima parte dos que aqui existem, e mesmo nenhum dos Directores e facultativos referidos. Este assumpto dá occasião a mui importantes reflexões que desinvolverei, se alguem as-exigir; e tambem direi a V. que esta ommissão deu logar a que o Concelho de Saude soubesse da epidemia do Barreiro, alguns mezes depois do seu começo, e participada pela Administração Geral; e a que o Concelho, muitos tempos depois do começo tivesse noticia de uma epizoocia, que em 1839 grassou n'um ponto do Districto de Bragança, limitrophe d'Hespanha, e d'aquelle reino propagada; e finalmente, que ainda hoje o Concelho ignore officialmente a epidemia de *Cima-Côa*. — Em segundo logar, o apparecimento de qualquer epidemia, seja ou não contagiosa, e de qualquer epizoocia, deve ser logo communicado competentemente pelos facultativos territoriaes (artigo 31 da lei citada); posso asseverar a V., eu o-sei, e todo o mundo medico o-sabe, que ha em Portugal, aonde annualmente se-desinvolvem epidemias, ou endemias, filhas de causas locaes, que estão por melhorar, e ainda nenhum facultativo propoz os meios de melhoramento, nem até participou a sua existencia.

Cumpre-lhes tambem (pelo artigo 30) dar parte da salubridade, e da policia sanitaria das terras, em que residem: e quem tem cumprido com regularidade este importante dever? Seria aqui o logar de expôr a V. a grande defficiencia das nossas leis, e regulamentos sanitarios, e como este interessante objecto da Policia Medica existe entre nós abandonado: o Concelho de Saude Pública tem proposto alguns projectos de lei, e de regulamentos, a tal respeito, ao governo, mas até agora não tiveram decisão alguma; e se V. quizer, eu direi quaes foram. O Concelho de Saude tem feito quanto tem cabido em suas forças para collocar a Policia Medica entre nós ao nivel dos conhecimentos actuaes em muitas nações cultas, como a França, Allemanha, etc., e poderia d'isto dar um documento público. Outra reflexão sobre este objecto. — Quiz-se ligar a Saude Pública com os empregados administrativos, (e para maior erro com os da Fazenda), errou-se entre nós: os Administradores dos Concelhos, os Regedores de Parochia, etc., não cuidam d'isto, nem podem, nem sabem cuidar; se os facultativos territoriaes não forem nomeados (alterando-se a lei) subdelegados do Concelho de Saude Pública sanitaria urbana em Portugal, é um phantasma este nome, e chimericos são os interesses resultantes da applicação d'essas medidas.

Em terceiro logar (e ultimo por agora) — cumpre ao Concelho de Saude (artigo 20 da citada lei) apresentar annualmente ao Governo o mappa necrologico do reino com as precisas observações. A necessidade d'esta providencia é obvia a toda a gente, mesmo sem ser medica. É preciso que o Governo saiba, qual é a mortalidade do paiz, é preciso que elle saiba, quaes as causas, que a-produzem para as-remediar.

Como ha-de porém o Governo saber a mortalidade do paiz, e as devidas observações a seu respeito, se o Concelho de Saude lhe não apresentar o mappa necrologico? e como ha-de o Concelho apresentar este mappa, e as convenientes observações? não será possivel senão quando se-apresentem no Concelho tantos documentos nos devidos termos, quantas forem as mortes no paiz; e terá o Concelho estes documentos todos? nunca os-teve ha mais de cinco annos que conta de sua existencia; e posso até asseverar a V. que nem o mappa necrologico simplesmente de Lisboa e seu termo, elle póde apresentar com as observações que a sciencia ordena, nem apresentará emquanto se não alterar a legislação; pois que uma serie de números isolada de nada serve.

Este objecto mereceria amplo desenvolvimento, mas

não lh'o-dou agora: permitta-me porém V. que eu só lhe-diga — que em rarissimas partes de Portugal está estabelecida a disposição legal, de se-passarem certidões de obito a todos os fallecidos segundo o modêlo dado por este Concelho — que em muitas partes não está estabelecida a disposição legal da existencia dos cemiterios públicos — e finalmente que em Lisboa e seu termo, aonde este objecto tem menos irregularidades, muitas das certidões de obito não satisfazem ao seu fim, e são por isso inuteis, e que não obstante ter o Concelho de Saude publicado, e feito competentemente distribuir por todos os facultativos um *Quadro Nosographico das molestias, etc.*, para por elle se-regularem os mesmos, tal *Quadro* nem chegou ainda ao seu destino (apezar de mandado ha mezes), nem a muitos tem servido de norma. Como póde pois o Concelho apresentar tal mappa?

A respeito da matrícula, que a lei ordena, (artigo 16 § 23), e cousa bem simples, só direi, que até hoje so a-ha dos Directores de Vianna e de Portalegre, e mesmo a de Lisboa não está completa, a despeito das diligencias, e instancias do Concelho. — Julgo ter desinvolvido a proposição, que enunciei, e sou, etc.

Lisboa em 16 de Maio de 1842.

Francisco Ignacio dos Santos Cruz.

FEIJÃO-MAINDONA.

415 Já em o nosso numero 26, 2.° da 3.ª serie, de 31 de Março, recommendámos o *feijão da China*. Insistimos em chamar a attenção dos nossos cultivadores para similhantes producções, por intendermos que as substancias alimentares formam o principal artigo dos tão recommendados *interesses materiaes*; e as leguminosas foram sempre, como um *sustento patriarchal*. E d'esta familia é o feijão a mais preciosa especie.

No fertilissimo sólo de precioso nateiro das margens inundadas dos rios de nossa Africa Occidental, *Coanza*, *Bengo*, *e Dande*, se-produz em abundancia, e quasi sem trabalho (porque estes rios são ahi quasi os unicos lavradores, como os antigos diziam das inundações do Nilo no velho Egypto). Este feijão é privativo d'aquelle paiz; e não nos-consta se-tenham mandado vir suas preciosas sementes para cá se-cultivarem: facil nos-parece isto, e aqui o-recommendamos muito encarecidamente aos nossos leitores. — De caminho lembramos igualmente outra leguminosa, não menos prestadia, como alimento, que ha tambem em Angola; é uma ervilha de optima qualidade, que se-pode utilmente mandar vir para semear por cá. — Não fallaremos por ora do *mandubí*, com que alli até cévam os porcos, e com o que ficam as carnes saborosissimas; producto; que temos em abundancia em ambas as Africas. Reservamo-nos para outro artigo.

J. L. A. Frazão.

ENVENENAMENTO PELO OPIO, CURADO PELA ELECTRICIDADE.

416 Na Gazeta medica de Londres se-lê um caso muito singular, de uma Senhora de 34 annos, constituição robusta, e temperamento nervoso, a qual tomou uma onça de láudano liquido de Rousseau com o intento de suicídio. Pouco tempo depois de tomado o veneno, sabendo-o seus parentes, mandaram a doente para o hospital do Collegio da Universidade: alli a-fizeram vomitar, e 4 horas depois se-descubriu uma insensibilidade completa, que persistiu, apesar de lhe-terem administrado fortes dozes de infusão de café, misturada com aguardente, e ammoniaco, affusões de agua fria á cara, á cabeça, e axílas, e ventosas, e sinapismos ás pernas, e pés. Tres horas depois, longe de diminuir, augmentava mais e mais este estado de insensibilidade tão aterrador, que simulava uma verdadeira apoplegia nervosa. N'esta extremidade o Doutor *Erischne* aconselhou recorrer ao uso d'um forte apparelho electro-magnetico, applicando um dos polos sobre a frente da paciente, e o outro sobre a parte superior da espinha dorsal. Depois de 3 ou 4 descargas, começou a doente a sair de seu estado comatoso, e tratou de remover os fios conductores, e em meia hora recobrou completamente os sentidos, sem o-tornar a perder mais Em seguida principiou a sentir a doente differentes accidentes fortissimos da acção do opio sobre o systema nervoso, e o apparelho digestivo; porém em pouco tempo se-curou delles, e saíu do hospital completamente restabelecida.

Segundo o mesmo auctor, no hospital do norte de Liverpool, se-apresentou outro caso egual (posteriormente á referida observação), o qual, depois de resistir a quantos meios se-empregaram, cedeu, ficando o doente completamente curado, seguindo-se o methodo acima indicado do Doutor *Erischne*, igualmente aconselhado por *Edward Parker*.

J. L. A. Frazão.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

A PROCISSÃO DE CORPUS CHRISTI.

417 Celebra hoje a Igreja Universal a mais augusta e pomposa de todas suas solemnidades. N'este Reino, que em duas coisas levou sempre vantagem a todos os da terra — em ser muito religioso e muito bellicoso — foi sempre a procissão do CORPO DE DEUS, a mais esplendida das tres que no anno sobresahiam a todas as demais: hoje é a unica que se-póde chamar da Cidade.

Quando ella fôsse instituida pelo Papa (não é incontestavel ser Urbano IV em 1264) e admittida em Portugal, não está averiguado.

O certo é que El-Rei Dom João I determinára que S. Jorge (invocado nas nossas batalhas como Defensor do Reino) a-acompanhasse, armado de Cavalleiro ao uso do seu tempo, seguido de um pagem, e um alferes com a bandeira (vulgò o homem de ferro) e de todo o estado da sua Real Casa, o que até hoje se-tem cumprido.

A este acto concorriam d'antes todos os officios embandeirados — irmandades — communidades de frades — toda a clerezia — o Patriarcha — o Senado — o Concelho d'Estado — a Magistratura — todos os Tribunaes — Ordens Militares — o Rei — a Real Familia e toda a Côrte, e tropa que n'ella estava. Ainda hoje a-acompanham algumas destas corporações, mas muito em miniatura. Havia tambem grandes festas, folias e *oiteiros*, ao arearem-se as ruas do transito, na véspera á noite — o que já acabou. As janellas ainda se-ar-

mam, para o que sae todos os annos bando da Camara.

Boa vontade tinhamos de apontar aqui a origem d'alguns usos que n'esta Procissão, assim em Lisboa, como nas Provincias houve, e dos que subsistem, mas são pouco conhecidas as fontes onde talvez se-ache; e tanto assim, que tendo o laborioso e eruditissimo Doutor Barbosa Machado escripto a — Historia Critico-Chronologica d'esta Festividade, nada adianta.

Havia na rua dos Fanqueiros, uma Igreja Conventual, denominada de Corpus-Christi — voto de El-Rei D. João IV — por haver n'aquelle sitio sido salvo dos tiros d'um assalariado de Filippe de Castella, quando ia acompanhando a Procissão, faz agora 195 annos.

Onde foi a Igreja, está hoje uma fabrica d'estôpa — e por cima — a Sociedade das Sciencias Medicas.

O Senado de Lisboa ordenou quando Philippe 2.° de Castella entrou em Lisboa, que — *nenhum homem visse o préstito de janella, que eram só para as Donas e Donzellas*: — boa ordenação era esta para o dia da Procissão do Corpo de Deus? — *A. da Sylva Tullio.*

CORRIDA DE TOUROS.

Srs. Redactores da Revista Universal Lisbonense.

418 Acabo de lêr o artigo do Sr. *J. F. de Castilho* ácerca — *dos Touros* — inserto em o n.° 27 do seu Jornal, e ainda não tinha concluido a leitura, quando me-resolvi a coadjuvar tão bom intento. — Debil será o apoio, por certo, porém mais fragil seria sem duvida a irresolução de expressar a minha convicção, de que tal *divertimento* — (se por este vocábulo o-podem, sem grave offensa de nossa lingua, denominar), — é um *tropeço* vergonhoso, que impéce o complemento da civilisação Peninsular. — É um *Edital*, um *pregão*, levantado no meio das praças, convidando as turbas a fartarem-se de sangue, e a cevarem os olhos, e as almas — se por ventura não é desalmado, quem alli concorre — n'um espectaculo de barbaridade, e crueza que procuram com tamanha avidez! Ainda mais: — é um espelho que recebe aquelle quadro traçado com os pinceis da estupidez, e da fereza, e o-transmitte aos olhos da Europa, para testimunho da nossa irreflexão e atrasamento.

Tenho presenceado este espectaculo brutal por duas vezes: — em ambas me-avexei de ser spectador. — Senti uma inquietação espantosa.... — era a consciencia que rejeitava similhante distracção. — Todavia recebi nos taes dous *festins* uma licção bem diversa, da dos demais spectadores. — Todo o coração se-mecontristava a cada successo, que na arena se-applaudia com vozerias e risadas d'envolta com os bramidos dos pobres animaes, e quedas de seus officiosos assassinos. — Um boi vi eu, caído no chão depois de haver maltratado perigosamente a um *capinha*, o qual, luctando com as dores que o-tolhiam, se-ergueu dissimuladamente para ainda ir de novo acossar o boi, e talvez receber *maior aleijão*: mal posso crêr que essa *gente*, que em tal officio se-emprega, conserve a mais pequena funcção de raciocinio. — E tudo isto se-applaude com fervor, e enthusiasmo, e por todo o circulo da praça resoam os gritos tumultuosos de um povo que quer ser da communhão Européa. Depravado folguêdo!...

Mais longe me-levaria a minha imaginação, mas cumpre não abusar das columnas da — *Revista Universal Lisbonense.* — O artigo do Sr. *Castilho*, é sobradamente cabal e irrespondivel, e oxalá que os que teem nas mãos os destinos do reino, e tantas coisas dos estranhos adoptam, se-lembrem de que só cá por entre nós, e os nossos visinhos, se-consentem estes spectaculos.... — E pois que assim consentimos este anachronismo, e com elle folgâmos, anojar-nos-hemos de lá por fóra nos chamarem Hottentotes?

Sanguinhal, 4 de Maio 1842.

P. Romeyro da Fonseca.

THEATRO — MORAL — CENSURA.

419 Quando, depois de vencidas difficuldades, que pareciam insuperaveis, o theatro vai renascendo entre nós na sua parte litteraria; quando, até se-dão todas as probabilidades de vermos alevantar um edificio consagrado ás representações scenicas, o qual sirva para desempégar o drama dessa hedionda pocilga de taboas velhas, chamada Theatro Normal, especie de Gerião carunchoso em cuja face carcomida se-reunem os tres aspectos de taberna, de cloaca, e de lupanar: quando todos os homens de letras, e todos os que as-amam forcejam, para que n'esta formosa arte vamos algum dia emparelhar com as outras nações, qualquer questão que venha a suscitar-se ácerca de similhante materia, será uma questão grave, porque tem por objecto um negocio público, um interesse nacional. Mas quando tal questão, além d'importar ao drama, importa egualmente ao summo negocio da republica, a sua moralidade; o consideral-a e dar um voto sobre ella é obrigação restricta de todos aquelles a quem a Providencia concedeu intelligencia para a-comprehender, razão para a-avaliar.

Esta materia gravissima foi tractada na *Revista Universal.* Um artigo do meu illustre amigo *Antonio Feliciano de Castilho* a-trouxe á discussão da imprensa: é a questão moral do drama. Com espantosa verdade n'aquelle artigo o poeta poz o dedo sobre o cancro, que vai corroendo o theatro no seu berço, e o-converte em uma casa de immunda prostituição. N'essas palavras eloquentes do escriptor, cujas crenças são firmes, cujo intendimento é perspicaz, ressumbra a indignação contra os invenenadores do espirito humano; vibra-se a maldição do homem honesto contra os bufurinheiros da dissolução; appella-se emfim para as auctoridades, para a imprensa, para o governo, para tudo quanto deve oppôr-se a estas orgias da arte, se arte se-póde dar em quadros, onde ha, não o sublime da perversidade humana, o sublime do horrivel, mas o torpe, o immundo, o asqueroso dos vicios mais vís, e, permitta-se-me a expressão — mais covardes. Se este bradar será ouvido pelos magistrados, ou pelo governo, não o-sei eu; mas que uma convocação feita em nome da moralidade, deve ser escutada pela imprensa, é indubitavel. A principal missão d'esta é o civilisar as sociedades; e civilisação sem moral pública é absolutamente impossivel.

Mas como desempenhará a imprensa seu mister? Como se-opporá a que o theatro seja uma eschola de corrupção, devendo ser um logar de puro e innocente deleite? Como fará rasgar por uma vez esses cartazes, que, affixados nos logares públicos, só trazem á memoria pelos títulos dos dramas, que annunciam, as taboletas dos alcoices romanos desinterrados em Pompeia? Fulminará os desgraçados histriões, machinas

de aleijar as verdadeiras obras d'arte, e de peiorar semsaborias; títeres de carne e osso, incapazes de comprehenderem a sua nobre arte, e de resistirem ao estragado gosto de quem os-dirige, e não sei se diga, ao mais estragado da plateia? (*) Não: deixai-os; porque são existencias inertes, impalpaveis para a imprensa, traça do drama, da linguagem, do senso commum; pagos para roer as concepções da intelligencia sobre quatro taboas velhas, ao passo que o caruncho os-vai imitando na substancia d'estas. Deixai-os, pelo amor de Deus! Punirá com o açoite do epigramma os emprezarios e directores dos theatros? Ainda menos. Um emprezario é um individuo inexplicavel e inclassificavel: é uma abstracção de todas as idéas, de todas as crenças, de todos os affectos: a sua éthica é o *livro de razão*, o seu evangelho o da *caixa*, o seu culto o da *cruz*, mas da cruz dos cruzados novos: o seu destino, além do sepulchro, o *limbo*. Não acrediteis na possibilidade de os-constranger a despregarem os olhos d'estes tres objectos, que juntos aos farrapos dos bastidores, e ao oleo fétido das lanternas do proscenio, constituem o seu universo. Deixai-os tambem; que para elles, que não querem, nem sabem, nem podem lêr, a imprensa é como se não existisse, e as suas reprehensões mais amargas, as suas ironias mais pungentes não os-distrairão um momento da contemplação beatifica das moedas, que rende em cada noite um estabelecimento industrial de prostituição para familias honestas. Seja quem for o emprezario de qualquer theatro, — não se-abalance a imprensa ao louco empenho de convertel-o. Que pessoa tentou jámais educar e instruir um surdo-mudo-cego de nascimento?

Contra quem pois alevantará a imprensa a sua voz de bronze? Contra as auctoridades prepostas aos spectaculos dramaticos? Não; porque, posto que revestidas de um poder arbitrario, acima dellas ha tambem o arbitrio, que lhes-inutilisa a energia moral, quando tentam usar d'ella a bem da decencia pública; e porque impossibilitadas de julgar por si essa alluvião de asquerosidades que diariamente sobem á scena, e além d'isso obrigadas por lei a ouvir sobre cada uma d'ellas o parecer de tres censores, que podem julgar bem ou mal, não se-lhes-ha-de lançar em conta uma culpa que não é sua. Nenhum homem de alguma gravidade se-quizera submetter a passar dias, mezes e annos inteiros, quasi asphixiado n'uma athmosphera de sandices, pelos mais avultados proveitos do mundo, e muito menos gratuitamente, como servem os inspectores do theatro.

Quem resta por tanto para accusar? Os censores? —Parece-me ouvir a muitos daquelles que acham mais commodo invectivar individuos do que avaliar instituições, dizerem que sim. Eu todavia respondo —Não; mil vezes não! Brevemente se-verão os fundamentos da minha negativa.

Não sendo, porém, culpados nem os histriões, nem os bufurinheiros de rosalgar moral chamados emprezarios, nem os inspectores, nem os censores, onde estará a causa de um mal de que todos se-queixam, e a que ninguem busca o remedio nos thesouros inexgotaveis da reflexão e do raciocinio?

(*) Fallo em geral. Ha n'isto talvez alguma rara excepção. Honra e louvor a quem merecer entrar nella.

Essa causa está n'uma instituição anachronica, absurda, insensata, attentatoria da liberdade intellectual do engenho humano, e além disso perfeitissimamente inutil.

O mal não vem dos homens: vem das cousas: vem de uma parvoice legal: vem da *censura previa*.

O remedio só lh'o póde dar um parlamento que queira pensar cinco minutos n'esta materia.

Á luz política a *censura* prévia applicada ao theatro é um attentado tão flagrante como applicada á imprensa. Todas as constituições existentes e possiveis consagram a liberdade do pensamento, e a livre communicação das idéas: o theatro é como a imprensa, como as artes plásticas, um meio de communicação. Uma representação scenica é um livro impresso em tantos exemplares quantos são os spectadores, com a unica differença de que estes exemplares se-apagam acabada a sua leitura. O principio da liberdade do espirito é tanto ou mais sancto que o da liberdade da terra: não soffre excepções, porque se as-soffresse desceria da cathegoria de principio para a classe das regras transitorias da vida civil. Onde quer que appareça a *censura*, onde quer que se-aninhe esta irmã gémea da *inquisição*, ha uma quebra nos foros da independencia do homem, ha uma insolencia do passado contra a dignidade social da geração presente. Seja para o que for, a *censura* é um impossivel político.

Contra o impossivel não ha razões de utilidade. As mais evidentes considerações de conveniencia deveriam cair diante da immutabilidade dos principios; porque não ha meio termo entre o renegar do progresso humano, e o respeitar sempre e em toda a parte os elementos fundamentaes das sociedades modernas.

Mas existem porventura taes conveniencias? A censura do theatro — dizem os defensores d'essa cópula sacrilega e bestial de uma instituição-cadaver, com as instituições vivas e actuaes — é uma necessidade: — melhor é prevenir que castigar: — o castigo dos que abusarem deste modo de publicação não impedirá que elle tenha já produzido a corrupção: — sem censura póde-se até attentar contra a segurança do estado: — no anno de tal em *Paris*, em *Bruxellas*, na *Haya*, emfim não sei onde, um drama recheado de maximas subversivas produziu tal assuada, tal motim, tal revolta. — Eis as excellentes razões, pouco mais ou menos, com que se-defende a existencia de um absurdo.

Estes argumentos são a apologia, não da censura do theatro, mas de toda a censura; da censura do drama, como do livro; e ainda mais d'este, porque o exemplar da publicação scenica deixa de existir apenas cae o panno; mas do livro impresso, embora sequestreis os volumes não vendidos, os exemplares derramados do primeiro golpe lá ficam no dominio do publico; milhares d'individuos os-lerão, e com tanto maior avidez quanto mais severa houver sido contra elles a condemnação dos tribunaes.

A desculpa da prevenção nos attentados legaes contra os principios vai mais longe: vai até a inquisição se quizermos ser logicos. Um homem é conhecido por suas opiniões anti-religiosas, este homem é imprudente, voluntarioso, ousado: nada mais facil, mais provavel que o vermol-o cair na culpa de não respeitar a crença do estado, de a-insultar publicamente. Á cautella creai-me uma inquisiçãosinha illustrada:

uma inquisição progressiva, arejada, sem polés, nem potros, mas preventiva e paternal, onde o incredulo, entre sermões, e pão negro arraçoado, e agua-benta, seja inhibido de commetter um crime, previsto na lei politica do mesmo modo que o abuso da liberdade de escrever e fallar. Apóstolos da censura prévia, em nome da logica, dai-me a sancta inquisição.

Deixemos todavia as duas bagatellas dos principios e da logica. Venhamos ao campo da experiencia. A censura ahi está. Que tem ella feito, não digo já entre nós, que palpamos todos os dias os bellos effeitos da instituição; mas na *França*, na *Belgica*, na *Hespanha?* Onde tem impedido a prevaricação do theatro? Respondei-me.

É um dos argumentos mais triviaes e mais lastimosos que se-fazem a favor desta monstruosidade inutilissima o exemplo da *França*. D'antes em *Portugal* para fazer uma lei, o que se-indagava, era se ella convinha ao paiz. Ha annos a esta parte intendemos que era mais judicioso ver se convinha aos outros povos. Esta abnegação completa da intelligencia nacional poderá conduzir-nos ao ceu pelo caminho da humildade; mas tem-nos arrastado cá na terra a muita parvoice legal.

Em *França* os lampiões das ruas penduram-se em cordas atravessadas de um edificio para o edificio fronteiro: quebrai os simples, commodos, e ingenhosos ferros dos nossos lampiões. Em *França* os poços não tem noras: quebrai as noras dos nossos poços, e comereis feno em vez d'hortaliça. Em *França* restabeleceu-se a Cartuxa de *Grenoble*, e admittiram-se não sei que mais frades: restabelecei as ordens monasticas. Miseria!

A verdade é que em *França* os homens independentes e illustrados clamam tambem contra a censura prévia do theatro porque é attentatoria e inutil. Quereis a prova da sua inutilidade no vosso paiz modello? — Ahi a-tendes á mão. D'onde nos-vieram as *Torres de Nesle*, as *Proesas de Richelieu*, e todas as mais prostituições litterarias da nossa pocilga dramatica, vulgò theatro normal? — Vieram-nos dos repertorios dos theatros de *Paris*: — atravessaram pela censura de Mr. *Taylor* ou dos seus delegados, como em *Portugal* passaram sãas e escorreitas pela censura do Conservatorio. Lá como cá a censura é um phantasma de que todos se-riem, e que só serve para descarregar os hombros dos empresarios, auctores, e traductores dramaticos da responsabilidade moral e legal dos seus invenenamentos litterarios.

É realmente uma das pequices mais desmarcadas o fallarem-nos das commoções populares excitadas n'uma plateia. Quando a revolução vai assentar-se nos bancos do theatro, não busqueis a sua origem nas palavras energicas do poeta; buscai-a na frouxidão ou na maldade do podêr. Sob um governo forte e justo uma revolução no theatro não passaria de comedia representada áquem do proscenio. Mas, além d'isso, onde achais os exemplos de similhantes factos? Justamente em algum dos paizes onde existe censura prévia. Como o capitão de *Luiz de Camões*, que não caia em nada, sancta gente, vós não caís em que esse argumento é uma punhalada na vossa querida censura?

D'onde vem a impotencia da censura? — De ser uma coisa anachronica, morta, fétida, inintelligivel. — Ao censor que respeita a inviolabilidade dos principios, repugna o impedir a representação de um drama; porque não crê que o seu arbitrio possa substituir os jurados, que se-possa executar uma lei evidentemente contraria á lei fundamental do estado. Ao que não crê n'essas coisas, o aborrecimento inevitavel que traz o desempenho de um dever tedioso, de que não tira nem honra nem proveito, ou o receio de attrahir odios de homens mais ou menos poderosos, para o que não é trivial entre nós o valor e a consciencia, faz que ou deixe de ler, ou lêa essas miserias e as-approve. Se algum ha que não reflectisse no absurdo da instituição e que tenha energia bastante para lhes-pôr o seu veto censorio, lá ficam os empenhos e os respeitos humanos para fazerem escrever no rótulo do boião immundo de peçonha litteraria: *passe e venda-se por dôzes de 480 reis.*

É este o fado de todas as leis, de todas as instituições contradictorias com as idéas e principios capitaes de qualquer seculo. São cadaveres, em que a força legal opera os phenomenos, que produz no corpo morto a pilha voltáica — visagens de terror para os circumstantes, — falsos movimentos de vida — mas que todos sabem não passarem de juguetes de physica.

Fazei uma lei para o theatro, em harmonia com a lei politica da nação, com os principios eternos da liberdade intellectual, e salvareis a moral e a decencia pública, que a vossa ridicula censura deixa todos os dias impunemente affrontar.

Constitui um jurado especial composto dos membros das corporações litterarias, homens que teem uma intelligencia para pensar, uma reputação de probidade, de litteratura, e de decencia que perder. Ahi tendes um avultado número de individuos respeitaveis na Academia das Sciencias, na Eschola Polytechnica, na Eschola Medico-Cirurgica, na Eschola do Exercito, no Conservatorio e em todos os mais estabelecimentos litterarios. Confiai-lhe a defensão da moralidade. Os espiritos fracos, mas honestos, ahi julgarão sem temor; porque a sua sentença será collectivamente pública, mas individualmente secreta. Ahi, quando a occasião do julgamento legal chegar, a causa já estará julgada e sentenceada pela opinião pública, e esta opinião fará tremer os juizes se porventura entre elles houver algum de mais larga consciencia, ou que seja capaz de esquecer-se por affeição ou odio da sua grave e importante missão.

Fazei que o processo seja rápido: — haja um procurador especial contra os delictos dramaticos em offensa da moral publica. — Seja o inspector dos theatros; seja quem vos-parecer. Se fallar á sua obrigação, puni-o.

A penalidade da lei seja severa. Por mais severa que a-imaginemos, será sempre branda em comparação da que cabe ao ladrão matador, e eu não sei resolver qual besta-fera é mais damninha, se um assassino do corpo, se um invenenador do espirito: que assassina as almas inexpertas das mulheres e da mocidade, surripiando-lhes ainda em cima alguns cruzados novos.

Desenganai-vos — de que as formulas constitucionaes são mais efficazes que as machinas carunchosas do absolutismo. —

Ficai certos de que os jurados não terão de vibrar o golpe da punição mais do que uma vez. O primeiro

empresario que, sem remedio, tiver de ir dormir por um anno aos Paços de S. Martinho, e de practicar a generosidade de mandar algumas dezenas de moedas para o Asylo da Mendicidade, ou para a Casa dos Expostos, tirará a todos os empresarios, presentes e futuros, o fino gosto de offerecerem no theatro ao público indignado espectaculos, que affrontariam um alcoice.

Que a censura prévia é inutil; os factos o-teem sobejamente provado. Se-lo-ha uma lei constitucional? Não o-creio. Se assim acontecesse a nação portugueza não fôra uma sociedade corrompida: — fôra uma nação prostituta. — N'esse caso cumpriria deixar á Providencia de Deus o converte-la, ou anniquilla-la.

A. Herculano.

NOTICIAS.

ESTADOS-UNIDOS.

420 O congresso auctorisou ao governo para contrair um emprestimo de 25 milhões de cruzados. — Em eleições para cargos municipaes prevaleciam os whigs.

HAMBURGO.

421 Esta florescente cidade foi victima de um terrivel incendio, que principiando no dia 4 do corrente durou até ao dia 7; pereceram obra de duas mil casas, o banco, tres egrejas, etc., o bairro queimado era o mais populoso, e rico.

HOLLANDA.

422 Preparava-se uma expedição para o Mediterraneo; julga-se que será para obter, á fôrça, uma satisfação do rei de Napoles.

AUSTRIA.

423 Mandaram a Londres o principe de Esterhazy ajustar as bases de um tractado de commercio.

INGLATERRA.

424 Da India continuavam a chegar notícias de derrotas nos inglezes.

FRANÇA.

425 Proseguia nas camaras a discussão do projecto de lei para a construcção de tres caminhos de ferro. Tinha a policia descoberto uma especie de conspiração, em que se-tramava contra a vida do rei.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

426 *Diario do Governo* 19 *Maio*. — Discurso recitado pelo Conde de Raczinski, ministro da Prussia, e a resposta de S. M. — Decreto concedendo ao Barão de Leiria mais uma vida no seu titulo. — Venda de bens nacionaes.

De 20 *dito*. — Decreto nomeando Claudio Adriano da Costa vogal da commissão permanente das pautas. — Estado da barra do Porto — venda de bens nacionaes.

De 23 *dito*. — Ordem de pagamento ás classes effectivas de Março e Abril. — Venda de bens nacionaes.

De 23 *dito*. — Portaria agradecendo aos habitantes do Porto o modo como solemnisaram o dia 29 d'Abril. — Outra agradecendo ao Procurador Regio o seu projecto de lei sobre *hypothecas*. — Ordem do exercito n.° 25. — Aviso annunciando que até ao fim d'este ha de partir a nau de viagem, fragata D. Maria 2.ª. — Rendimento de diversas alfandegas. — Venda de bens nacionaes.

De 24 *dito*. — Ordem da armada de 30 de Abril. — Venda de bens nacionaes.

NECROLOGIA.

427 Por Londres e Hamburgo nos-vem a triste notícia do fallecimento do nosso distincto conterraneo o Sr. *José Ribeiro dos Santos*. — Falta de espaço e do necessario remanso de animo nos-tolhe dar, já hoje, a este chorado amigo nosso e da patria, o tributo de louvores, que todos a seus méritos devemos: tel-os-ha, máu grado á inveja e á malevolencia; — não se-dirá — que por ter d'entre nós desapparecido, e jazer, para não voltar nas costas barbaras d'essa Africa, a memoria, do que elle foi, se-apagou no coração dos que lograram a fortuna de o-conhecer tão íntima, tão perfeitamente como nós. *José Feliciano de Castilho*

HOSPEDES DINAMARQUEZES.

428 Sexta feira 20, entraram n'este porto duas formosas embarcações dinamarquezas — a fragata *Thétis* e a corveta *Flora;* veem directamente de Copenhague, e depois de se-gosarem oito dias d'esta, para estrangeiros boreaes, tão formosa cidade do sol, proseguirão sua alegre viagem. Traz a fragata á seu bordo o principe *Frederico*, filho da princeza *Carlota*, irmã d'el-rei de Dinamarca, esposa do Landgrave de Hesse. É mancebo gentil de sua pessoa e modos, e capitão de húsares; viaja com o seu preceptor para se-instruír divertindo-se. Foi devidamente recebido e festejado pela nossa Côrte e pelo corpo diplomatico; mas a hospedágem régia, que SS. MM. lhe-offereceram nos paços de Belem, não a-acceitou, preferindo a esses commodos a camara de seu navio. — A corveta não é mais nem menos que uma eschola prática de marinha; toda a sua officialidade e tripulação se-compoem de mancebos, e quasi meninos, acompanhados de bons mestres na sciencia náutica; — e todos os annos costuma aquelle reino mandar para uma similhante expedição de exercicio um navio com alumnos de marinha. — A sua derrota é para o Mediterraneo; ahi visitarão todos os portos até ao Levante; e de Napoles á volta levarão para sua terra as obras primas, que lá ficaram, do Miguel Angelo do norte, do insigne e inexgotavel Thorwaldsen. — O pouquissimo, que havemos tratado com estes amaveis viajantes, nos-deixa a mais vantajosa idéa da civilisação do seu paiz; paiz tambem pequeno; tambem pobre, e não como o nosso favorecido da natureza; mas pacifico, moralisado, e tendendo com ancia e perseverança para o bom e para o bello.

AS PROEZAS DE RICHELIEU.

429 Registamos com prazer para os fastos das glorias feminís a seguinte. — Segunda feira 16 de Maio representava-se ainda, no *theatro normal*, *Richelieu* seguido do *Dominó*: — uma alta personagem, não menos respeitavel por virtudes e talentos do que pelas gloriosas recordações, de que é representante, viera, como de longe a longe o-costuma, procurar no specta-

culo um pouco de honesta recreação — ¿ mas em que momento gosou o público o gosto de a-vêr assomar? todos facilmente o-adivinham. — As cortinas da tribuna real abriram-se quando sobre as infames *proezas* acabava de descer pela ultima vez o panno.

As *Proezas de Richelieu* sem embargo continuam, e, — já damos o nosso braço a torcer — continuarão. Sentimos que a gravidade d'este papel nos não permitta publicar a engraçadissima carta que o assignado *um estudante de Coimbra* em tal materia nos-escreve, censurando as nossas censuras, e dando-nos parte de uma boa fortuna, pouco esperada, que já o *duque de Richelieu* lhe-grangeou. — Chama-se isto um aviso á *leitora*.

DESCARO, GENEROSIDADE, OU LOUCURA DE UM HOMICIDA.

430 No logar de *Coira*, Concelho de *Armamar*, tres sugeitos batem á porta de Joaquim Pedro, mestre alfaiate, pobre homem carregado com uma familia de seis filhos. Acudindo este a abrir. . . disparam-lhe um tiro á queima-roupa, que dá com elle em terra morto. O nosso correspondente nos-diz, — que tomando no caso informações, — achára — que tendo-se tapado uma via pública, cêrca da casa do alfaiate, o caminho novo o-lançaram por dentro de uma quintan, que á mesma casa pertencia: para isto abriram uma porta na quintán, que era fechada, a qual o dono tornou a tapar: d'onde resultou que por despique o-assassinaram. Sobrevindo a justiça a fazer exame e auto de corpo de delicto, — não culpem a ninguem, que fui eu o matador — diz um dos circumstantes, apresentando-se. Foi este acontecimento em 5 do preterito Abril.

MORTE ADMIRAVEL.

432 São 8 horas da noite: na aldêa de Camarate, do concelho de Azeitão, entra em casa de Maria da Graça um visinho a pedir-lhe emprestada uma espingarda — ei-la aqui . . . . vem carregada? — não, mesmo assim é capaz de dar um tiro — aponta pela janella para o escuro da rua, e desfecha: — ouve-se um grito, um só grito e feminil: — corre-se á rua: a imprudente acabava de derrubar a uma prima sua, Margarida, que n'este momento ía passando: o rosto, a cabeça, o pescoço, o peito, e todo o tronco estão illesos; só a curva de uma das pernas apparece ferida, mas aquelle grito, que se-ouvíra, havia fugido a alma da infeliz. A sua morte só ao terror da morte se-póde attribuir.

ROUBOS DE MATOSINHOS.

433 Seis ladrões que a 17 de Maio foram prêsos pelos escandalosos roubos, feitos na Romaria de Matosinhos, chamam-se José Antonio de Azevedo, que ha pouco saíu da calceta, onde esteve por ladrão e ferimento no roubado: Antonio Joaquim, da rua do Miradouro: José Joaquim, da rua da Alegria: Manoel Antonio, da rua do Sol: Joaquim Ferreira da Silva, da rua de Sancto Ildefonso: e Joaquim Moreira, desertor de 18. Todos estes, e os oito que fugiram, são conhecidos por ladrões, e a maior parte tem já sido processados por diversos crimes. Nos roubos que ultimamente fizeram na estrada de Matosinhos, na noite de 16 para 17 do corrente, deixaram em camisa dois roubados, e a outro o-deixaram prêso de pés e mãos, e com a bocca tapada! ! ! (*Periodico dos Pobres do Porto.*)

ROUBO E ASSASSINIO.

434 Escrevem-nos de Vinhaes que no dia 6 do corrente, recolhendo-se da feira da Torre de D. Chama, um contractador de bois, natural do logar d'Abedela, concelho de Monforte de Rio-livre, foi roubado por quatro salteadores no alto da estrada, juncto ao logar de Rebordello d'este concelho; os malvados não satisfeitos com o roubo, deram-lhe um tiro que o-passou de banda a banda: minutos depois foi encontrado por uns lavradores, que tambem voltavam da feira, e o-conduziram ao Logar de S. Gomil, concelho de Santalha, aonde no dia seguinte pela manhã expirou.

MAIS UM SUICIDIO FEMININO.

435 No dia 8 em S. Thiago de Cacém deu violentamente fim á sua existencia, e dentro na propria casa a mulher do lavrador Francisco Manuel: não chegaram ao nosso conhecimento as causas, nem as circumstancias d'este crime.

ASSASSINIO DE MULHER.

436 Na Freguezia de Avidos, concelho de Villa Nova de Famalicão, um vagamundo, que lia buenas dichas, natural de Santa Maria de Oliveira, assassinou sua mulher, mutilando-a horrivelmente: deixou-se ficar sem fugir do logar, e por uma disputa que travou com outra mulher, á quem ameaçou tambem matar, se-veiu a descobrir a morte: o povo levantou-se para o prender, e se-acha na cadêa de Villa Nova de Famalicão. Se podermos averiguar mais circumstancias, as-daremos.

(*Periodico dos Pobres do Porto.*

ROUBO DE CORREIO.

437 Repetem-nos cartas do Algarve, que não chega lá a Revista pelos continuos roubos do Correio. Que as guerrilhas da Serra têem engrossado muito, e assolam tudo. Isto é com o Governo.

FOGO.

438 Hontem (24) da uma para as duas horas da manhã, incendiou-se uma grande loja de mercearia e aguas-ardentes, na quina da rua do Monte Olivéte, bem defronte da Eschola Polytechnica.

Ardeu tudo, e até que d'alli partimos, não havia noticia dos dous caixeiros que lá dormiam. — Agora diz-se que se-evadiram em pelle, pela parte dos quintaes; e que se-perdera uma carteira com 88 moedas em notas, 8 em prata, e 1 em cobre. Ignora-se o como pegou o fogo.

PROBIDADE DE UNS ESTALAJADEIROS.

439 Vindo de Peniche por terra para Lisboa o dono e o capitão do bergantim Euphemia, n'aquellas costas naufragado, Eduardo Snook e Samuel Marygram, foram pernoitar á Villa de Torres Vedras na estalagem de Maria Thereza casada com Antonio Faustino. — É poisada, não grandiosa, que as não consente o sitio, mas aceada, commoda, bem servida, barata, e sobretudo procurada dos viandantes pelo agasalho, que a todos prestam os dous hospedeiros, velhos mas ageis, cortezes e alegres.

Recomeçando na madrugada seguinte a sua jornada, já os nossos naufragos iam longe; sentem-se chamar; —

olham para traz; e descobrem a sua patrôa, que mais ligeira, do que sua edade consentia, vinha contra elles correndo esbaforida, e lhes-acenava, que parassem. Era o caso que na cama de um d'elles ficára esquecida uma bolsa, não á portugueza mas recheada e impando; a criada achando-a corrêra aterrada a dar parte á ama; e esta benzendo-se de tal vista; apressada pelas vozes de sua consciencia e de seu marido lançára-se á carreira para a-restituir: os inglezes despediram-se, mui contentes com o que recobravam, e a estalajadeira muito mais contente ainda de voltar leve e alliviada para sua casa.

CORREIO DAS DAMAS.

440 O número de Maio traz, além de quatro figurinos de modas, graciosamente pintados e com a competente descripção, os seguintes artigos, — Processo e morte de Carlos 1.° de Inglaterra — Album — Baile da Rainha de Inglaterra — Modas e bailes — *Toilette* — diversas charadas — Aviso.

SUPPLICIO.

411 A 4 de Setembro de 1831, um moço por nome *José Ribeiro* no logar da *Enxára do Bispo* morre traspassado de um tiro. — A 11 de Abril de 1835 na *Azueira* um fazendeiro chamado *Manoel Ignacio* expira ás punhaladas. — Na madrugada de 25 de Julho de 1840 apparece na estrada de *Cintra* morto de pauladas, roubado, e nú, o joven *Augusto Monteiro Torres*. — Uma unica mão commetteu os tres crimes.

No dia seguinte a justiça divina a-descobre e entrega ás justiças dos homens. — Na feira de *Loires* foi preso *Ambrosio da Costa*: — o processo rasga parte do veu, que por tanto tempo encobrira aos olhos do mundo uma existencia infame e horrorosa: n'aquelle complexo de tres facinorosos em um só individuo, se-patentêam com tediosa superabundancia crimes sobre crimes; a deserção, os furtos, os roubos, as aleivosias, miserias de todo o genero.

A 18 de Outubro de 1840, e aos 35 annos de edade, entra o réu na prisão do *Castello de S. Jorge*. — A 18 de Março de 1841 o Concelho de Guerra o-condemna á forca depois de exhautorado das honras militares. — A 16 de Outubro seguinte baixa a sentença confirmada pelo Supremo Concelho Militar. — O Governador do *Castello*, sabendo no dia 10 do corrente que a exhautoração se-effectuará dois dias depois, põe o condemnado em carcere á parte, commettido á vigilancia e responsabilidade de tres outros presos, todos grandes criminosos. — Ahi na noite de 10 para 11, emquanto seus companheiros dormem, medita e resolve o desgraçado um novo e derradeiro crime. — Faltam-lhe instrumentos para se-assassinar; porem restam-lhe as mãos já affeitas a barbarias: arremessa-se com ellas furiosamente contra a sua propria virilidade; — um grito involuntario extorquido pela dôr estruge a prisão, e accorda os guardas. Forçado a viver — espera estupidamente pelo supplicio.

Ao meio-dia do 12, na praça do mesmo *Castello*, achava-se formado um quadrado com soldados de todos os corpos da guarnição da capital; os mais numerosos eram os de infanteria 17, a cujo regimento pertencia *Ambrosio*. — Este, conduzido por uma escolta, e sustentado em braços por dois presos, entra no quadrado: os olhos dos militares e do povo circumstante n'elle se-fitam — a sua estatura é ordinaria; o corpo bem fornido; as pernas grossas e firmes; cabello castanho e corredio; testa acanhada; rosto largo e cheio; olhos pequenos, e olhar sinistro; a expressão da sua physionomia desabrida e sobranceira; o total de sua pessoa, como dizem, patibular: nas feições se-lhe-lêem alternadamente o espanto, o terror e a desanimação; ao vêl-o de relance quem ignorasse o para que alli se-achavam reunidos, o porquê e o para quê simultaneamente os-adivinhára. — Um official lhe-lê em alta voz a sentença, e logo após a declaração de que o throno se lhe não oppõe ao cumprimento: — então um tambor-mór lhe-arranca insignias, que os seus crimes aviltaram; — o número do boné, a gola, e a carcella da farda; esta lhe-é rasgada pelo meio das costas, e cada uma das suas metades atirada para diante por cima dos hombros: — é acto, que nunca a intrepidez militar póde vêr sem assombro; a honra na profissão das armas é mais que a vida. — Á voz do Commandante dá a tropa *meia volta á direita*, virando costas ao assassino, o qual ao som de um rufo é expulso do quadrado e entregue á auctoridade civil.

Depois de sete dias na prisão do *Limoeiro*, ás 11 horas e meia da manhã de 19 do corrente, é introduzido no *oratorio*. Está desfallecido. Um sacerdote ahi preso o-acompanha, e exhorta; o réo só lhe-responde — ainda que viessem quantos padres ha no mundo não me-havia de confessar. — Convencido da inefficacia de seus esforços, o ecclesiastico se-retira consternado. O prior de S. Thiago, que lhe-succede, não logra melhor fortuna. — São tres horas; chega um padre da Misericordia, enviado por outro da mesma casa; nada obtem. O prior de S. Thiago, e os mordomos da Misericordia na maior afflicção com o desamparo de um christão ás portas da eternidade, officiam, requerendo á mesma Misericordia outros padres, visto que os nomeados não apparecem.

Ás cinco da tarde apresenta-se outro, enviado por um capellão da Misericordia; este (nem todos são para tudo) em tres vezes, que assistiu a sentenceados, nem uma palavra ainda proferiu. — Já o carcereiro, eram 5 da tarde, se-preparava para escrever dois officios, um para a Relação, e outro para a Secretaria das Justiças, a clamar por providencias; quando, mandado pelo official maior da *Santa Casa da Misericordia*, entra emfim pelo *oratorio* o Padre *Salles*. Advertido do que passa e da renitencia do condemnado, após uma breve oração, que á sua vista faz ajoelhado perante o altar e em voz baixa, alevanta-se, volta-se para os sacerdotes e guardas, começa com prudente artificio a exhortal-os, como se foram elles os padecentes; depois, approximando-se da enxêrga do réo, por uns termos humanos e cortezes lhe-offerece o refrigerio da confissão: — não me confesso.... estou innocente.... — parabens se o-está; não ha para o céu mais seguro caminho! — e reclinando-se no chão a par com o criminoso, prosegue fallando mui espiritualmente da eternidade, até que passado um quarto de hora emfim lhe-ouve sair dos labios estas palavras — ás 10 horas.... com o prior de S. Thiago.... confessar-me-hei: — sobre o quê se-ficou jazendo em perfeito socêgo: — silencio profundo, adormeceu; — são Ave Marias. — Accorda á meia noite; acha o prior de S. Thiago a seu lado — confessa-se. — Dorme a noite:

Digitized by Google

na manhã seguinte communga. — Nada mais temos que apontar destes pavorosos tres dias: o seu entendimento naturalmente grosseiro parecia como que de todo anniquillado; nem voz nem rosto diziam n'elle coisa alguma; permanecia estendido, inerte; se era necessario alevantar-se ou mover-se, forças alheias o-levantavam e o-moviam: ao vestir da *alva* viu e percebeu tudo; não ajudou, não resistiu, não proferiu coisa alguma.

Sentado e ligado em uma cadeira de espaldar, assim foi levado para o sitio da *execução* por quatro *serventias* da tumba. — Ao voltar da *Rua da Prata* para o *Terreiro do Paço*, logar já assignalado pela súbita conversão de dois réos impenitentes, o Padre *Salles* em uma breve prática ponděra aos circumstantes a impenitencia, em que a principio se-achára aquelle christão; dá muitas graças a Deus, que emfim lhe-tocou a alma; e conclue recordando as temerosas palavras do Evangelho — *estai de véla que não sabeis o dia nem a hora*. — Em todo o caminho só duas vezes abriu o padecente os olhos; na *fundição*, presumindo talvez ser já o termo de sua viagem, e no *caes do tojo* contemplando o *patibulo*: — ahi reconciliado e exhortado pelo Padre *Salles*, sobe em braços dos *verdugos* a escada fatal: sentado n'um de seus degráos acompanha com palavras as ultimas *jaculatorias*, que debaixo se-lhe-dirigem: (*) recommenda aos *executores*, que *o-acabem depressa*: — e poucos momentos depois pende sem vida!

Andaram d'esta vez mestres em seu *officio* os carrascos: — a corda, que na véspera, contra seu costume, ensebaram, correu prompta; e, graças ao acaso, as longas abas, ainda não cortadas de seus elegantes casacões, não lhes-embaraçaram os movimentos.

O cadaver, ouvimos, que fôra na tumba conduzido para o *theatro anatomico do Hospital de S. José*. Veremos o que diz a *phrenologia*.

O desgraçado pai do mancebo, assassinado na *estrada de Cintra*, folhas públicas d'esta cidade referem, que desde as portas da prisão seguíra o matador até ao ultimo instante. Se assim foi, nenhum pai ousará de o-condemnar, mulher nenhuma deixará de o-carpir.

A justiça da terra preencheu o seu dever; *preencheu*...... mas consterna-se a natureza pensando que á mesma hora quasi em que da *cadéa* saia um homicida para o supplicio, entrava n'ella outro homicida!!....... ¿Será um argumento contra a pena de morte?....... Não para nós. — Contam-se os crimes que a seu despeito se-commettem; mas os que por seu respeito se-deixam de commetter, só o que descobre o fundo de todos os corações os-poderia numerar!!

MILLIONESSIMO QUARTO SUICIDIO NOS ARCOS.

442 Segunda feira ultima pelas 8 horas da manhã mais um insensato, que se-despenhou do Arco Grande. Já nos-cança a mão de descrever taes crimes, ¿e para que? O unico fim, que poderia auctorisar-nos a contristar o público por similhantes narrações, sería a esperança de conseguir que a força pública acudisse com algum génerp de remedio ou pelo menos esforços ou tentativas contra os effeitos da miseravel loucura suicida. Já depois que, alto e bom som, pedimos e supplicámos se-vigiassem os Arcos das Aguas Livres, a falta de tal vigia tem custado tres vidas. D'esse sangue, e do mais que ahi houver de correr, lavamos nós as nossas mãos. Já outro Jornal d'esta Cidade clamou igualmente, e propôz providencias: em nome da humanidade e da Religião lh'o agradecemos; porém, Grande Deus, ¿ será preciso ser Legislador como Lycurgo ou poderoso como Napoleão para impedir que um miseravel Passeio, causa muitas vezes occasional das mais tremendas catastrophes, seja franco ao inimigo de sua propria existencia? Duas guardas, uma no principio, outra no fim, que vedassem a entrada a qualquer passageiro solitario, sem excepção, bastariam para pôr ponto nesta perenne teia de vergonhas. Mas essas guardas, haverá quem pára lá as mande? Queremos ainda espera-lo.

(*) Inexactamente dizem jornaes de Lisboa que o *padecente* declarára nos ultimos momentos — não ter sido o matador de Torres, confessando aliàs outros tres assassinamentos. — Nem o padre, nem os verdugos, que eram ali os unicos visinhos, lhe-ouviram mais do que no texto relatamos.

OBRAS DO SR. GARRETT.

443 Publicou-se o 3.º tomo da collecção das obras do Sr. *Almeida Garrett* (contém: Merope tragedia, e um Auto de Gil Vicente). — Os Srs. assignantes que ainda não tiverem recebido os seus respectivos exemplares, os poderão haver, em Lisboa, na loja de livros da Viuva Bertrand e Filhos, aos Martyres n.º 45; — Porto, na de Mr. Moré, rua de Santo Antonio n.º 42; — e em Coimbra na de A. L. Coelho, na rua de S. Christovão.

444 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 18 ATÉ 24 MAIO 1842.

Dias do mez	*Thermometro exterior* *Min.º*	*Max.º*	*Barometro* *9 h. m.*	*3 h. t.*	*Pluvimetro.*	*Ventos dominantes e sua força.*	*Estado da Athmosfera.*
18	51	71	755 0	752 1		O ^{1}SO	Nevoeiro denso até ás 8 h. — Cob.º — Cl.º
19	54	75	751,3	751,0		SO^1 NO	Cl.º e Nuvens. — Nevoeiro alto, horisonte fusco. — Cl.º
20	54	75	754,1	754,0		V NO	Cl.º — Id. — Id. — Ar secco.
21	53	66	756.8	757,1		^{1}N ^{2}NO	Id. — Cob.º e cl.º — Muito fresco e secco.
22	52	67	756,6	756,6		^{1}N ^{1}NO	Cl.º e alguns nevoeiros. — Id.
23	51	66	755,1	755,3		NO^2	Cob.º e tenue borrifo. — Cob.º e cl.º — Id.
24	51	66	757,3	757,5		NO^2	Cob.º e claros. — Cl.º e alg.ª nuv.ᵉˢ — Id.

Terminou a 20 a quarta quadra, em que predominaram os nevoeiros, e ventos moderados do NO a SO, com o ar secco e temperatura fresca, baixando successivamente o barómetro. — A 21 appareceu a quinta quadra com a temperatura fria nas madrugadas e noites, athmosfera variavel, e ventos rijos do N e NO, com o ar muito secco, e até agora continúa a sua influencia, que começa a ser prejudicial aos campos pela sua excessiva seccura, apesar de que as cearas, em torno da capital continuam a offerecer a mais bella apparencia, resistindo aos effeitos da tão prolongada seccura. — *M. M. Franzini*.

Na Imprensa Nacional.

Digitized by Google

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sahe ás quintas feiras — Escriptorio, rua da Horta Secca n.º 20 — Assigna-se no Escriptorio e na Loja da Viuva de João Henriques, n.º 1, rua Augusta — Avulso 80 réis: 12 numeros 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis — O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos logares supra-mencionados, e por caso nenhum aos distribuidores — Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Tem todos, e só elles entrada gratuita n'um Gabinete de Leitura do Estabelecimento (segundo o respectivo regulamento), aonde se acham muitos jornaes e escriptos politicos, litterarios e scientificos, em portuguez, francez, hespanhol, inglez, e allemão — Os subscriptores das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes convier — Sobrescripto da Correspondencia: « Ao Redactor da Revista Universal, rua da Horta Secca n.º 20 » — Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade — Qualquer artigo interessante será accolhido com gratidão e publicado — A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se lhe remetta um exemplar — Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o desejar — Tambem no seu Escriptorio se patentearão ao publico objectos de semelhante natureza, que para ali sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal. — Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes. — A distribuição na Capital faz-se em 3 horas — Este numero sahe ás 10 da manhã e será entregue, o mais tarde, até á 1.

EXPEDIENTE.

☞ Os assignantes, cujas subscripções findam com o n.º 36, queiram renoval-as para não soffrer interrupção na remessa, e os devedores saldar quanto antes as suas contas.

O preço da assignatura é agora invariavelmente de 600 réis por serie, 1200 por duas, 2400 por quatro.

A correspondencia deve vir franca.

Fica suspensa a entrada gratuita no Gabinete de Leitura, excepto para as pessoas que já tem assignado para a Folha até hoje, e isso mesmo só durante o prazo porque até hoje teem assignado.

Tendo o Conservatorio Real de Lisboa resolvido publicar um Jornal Mensal de duas folhas de impressão, cujo primeiro número sairá já este mez, tencionamos offerecer gratuitamente um exemplar a todos os nossos subscriptores, sem todavia nos-obrigarmos de tal donativo. Nos dias em que se-annexar a esta *Revista* a *do Conservatorio*, o assignante receberá tres folhas de impressão em vez de folha e meia.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ESTRADAS.

(Continuação da pag. 402.)

445 PORTUGAL.

Em um Relatorio que tenho á vista, e que foi mandado imprimir em 27 Novembro 1841 pela *Sociedade Promotora do melhoramento das communicações interiores*, propõe-se para a factura das estradas a contribuição annual pelos

Proletarios de................	400.000$000 réis
Proprietarios	250.000$000
	650.000$000

Suppondo que haja 1,000,000 de habitantes para contribuir com 4 dias de trabalho em cada anno (base que tomou a *Sociedade)* não se-póde estabelecer a paga d'elles em 100 réis por dia (como faz a *Sociedade)*, é preciso estabelecel-a pelo menos em 160 réis. Por esta computação, são 640 contos com que esses homens vão contribuir, e não 400. Mas o trabalho do povo que parece não ter tanto valor como o dinheiro, por isso que dispoem d'elle com tanta facilidade, já foi avaliado por *Turgot*, auctoridade não suspeita, quando elle lhe-é-exigido em fórma de *corvées* pelos vexames, que causam, em 4 vezes mais do que elle representa. Deve-se portanto elevar, para sermos justos, aquella equivalencia que os pobres dão, a 2560 contos, se o presente plano da *Sociedade* fôr ávante. D'este arbitrio vem a seguir-se que elles, sendo *adscriptos* pela força das suas circumstancias, e portanto não tendo nada que transportar, serão carregados dez vezes mais de tributos para as estradas do que os proprietarios, que tendo toda a propriedade não pagarão mais da decima parte do beneficio que é para elles de todo. Ainda não ha muito — a todos está presente — querendo *Sir Robert Peel* taxar a propriedade geralmente, excluiu do seu *income tax* todos os individuos que não gosavam mais de 600$000 réis de renda. A differença a favor das pequenas fortunas que este homem de estado, canonisado tal por toda Europa e mundo civilisado, offerece n'este exemplo, contrasta com o que se-quer praticar entre nós agora, terrivelmente.

Felizmente que é inexequivel o pagamento da *Sociedade*. A hypothese, em que assenta a proposta, não tem os factos por si. Suppoz-se em Portugal 1,000,000 de homens de 12 annos, para sobre elles se-fixar a contribuição de 4 dias de trabalho por anno, avaliado em 100 réis por dia. Similhante número de homens não ha cá, com os predicados que a *Sociedade* lhe-attribue, ainda reputando a nossa população em 3,300,000, porque é a que ha-de ser, e não 3,000,000 como a suppõe a *Sociedade*. A população de um paiz não separte tão pouco ao meio como ella o-fez, porque o sexo feminino é mais forte de 5 a 6 por cento do que o outro. Admittindo esta correcção os 3,300,000 sedividirão proximamente em 1,740,750 mulheres, e 1,559,250 homens; d'estes abatendo a terça parte, de conformidade com a *Sociedade*, pagando acima de 1600 réis, restarão 1,039,500; mas n'estes, para ficarem só os que são acima de 12 annos, edade marcada pela *Sociedade*, ha que fazer o abatimento de 0.251 por cento o qual depois de feito, deixará os 1,039,500 em 778,586, mas estes mesmos devem ainda soffrer uma nova reducção porque eu não supponho que ha-

Digitized by Google

verá tanta barbaridade que se-pertenda que homem nenhum, passados os 60 annos, vá trabalhar para o bem público de graça. Considerando a população que existe d'essa edade por diante até aos 80 annos como 0.080 por cento, ficarão os homens habeis para trabalhar em 695,426, digo habeis, se-d'aqui não houver que distrair ninguem mais para doenças, para falta de ubiquidade, para mendicidade absoluta, etc.

Esta ultima diminuição não me-atrevo eu a conjectural-a, e seria longa a deduzir; com tudo eu não aconselharia a ninguem que a-orçasse em menos de 10 por cento, attenta a míngua de havêres, em que se-acha a nossa população rural, que é sobre quem eu intendo vai caír a maioria d'este onus, porque eu não supponho que chamem a população urbana, a uma similhante tarefa. Sendo certa esta minha supposição, ficarão finalmente o 1,000,000 de homens de trabalho da *Sociedade*, reduzidos a 625,884, dos quaes desde já auguro, se é possivel accender uma *guerra servil* no paiz, ella se-deve esperar.

No derradeiro párrafo com que acabei, occurreu-me uma lembrança, que é preciso liquidar antes de passar a outra d'entre as especies que offerece o *Relatorio;* vem a ser a da divisão da população em rural e urbana. Esta divisão é nova consideração que ha para attender no apuro das contas do 1,000,000 de homens de trabalho. Entre os 784,629 fogos que havia em Portugal em 1836 pertenciam 572,415 á população rural, e á urbana 212,214 (Ex^e. do Orçam.° do A. pag. 105). Estes por certo não hão-de ser obrigados a saír da cidade para irem trabalhar ao campo. Se tal obrigação lhe-houvessem de impôr é porque realmente quereriam de todo acabar com a herança de Affonso Henriques, para o que falta já bem pouco. Acreditando que fôra por irreflexão, e não por falta de boas intenções, que esqueceu esta classificação, ainda teremos um termo de proporção a estabelecer nos 625,884 homens, que deixámos em cima para trabalhos braçaes para as estradas. Será elle o de 784,629:625,884::572:415. Esta nova suppressão deixará o 1,000,000 de homens em 455,944.

Controvertida com algum fundamento a elegibilidade da derrama do trabalho forçado para a confecção das nossas estradas, ainda a derrama pecuniaria, o outro meio suggerido pela *Sociedade*, não me-parece ter tambem toda a plausibilidade por si. Falta-lhe statística, essa mesma mínima de que se-póde dispôr em Portugal.

A ultima *cobrança* de decima de que ha notícia é a de 1839 (Ex.^e Orç.° do A. pag. 9), e por ella se-vê que não fôra cobrada maior quantia de 1.011.189$095 réis. A *cobrança* é mui differente do *lançamento* que assim mesmo não se-aventurou a computar o Sr. *Avila* em 1842 em mais de 1350 contos e não 1500, em que a-avalia a *Sociedade*.

Tomando pois o termo *real* de 1.011.189$095 réis, que assim mesmo para hoje tenho mais de um indicio por onde possa pensar é já demasiado, e dividindo-o por 3,300,000 almas, temos para cada uma 306 réis. Sendo este o termo médio, principiar a excluir como minimo todos os termos para baixo de 1600 réis i. e. um termo 5 vezes mais forte do que o médio effectivo do reino, segundo a cobrança nas *Contadorias*, e pertender depois achar ainda 1.000.000$000 réis nos 500,000 contribuintes restantes, é querer dar de rosto ás doutrinas que n'esta materia são mais correntes. Mas quando já não valha a moderação nas taxas para o seu mais prompto e suave *ad implemento*, os 1.011.189$095 réis divididos por 500,000, dão 2$020 réis, o que vem a ser sómente 26 por cento acima do mínimo de 1600 réis. Para tão pouco, não era preciso elevar estes 500 por cento acima do termo médio geral dos contribuintes.

Faltando de todo a classificação na decima que os diversos contribuintes pagam, o algarismo que a *Sociedade* escolheu para a sua partida, produz em mim uma confusão de idéas, que eu não saberei deslindar. Se os 500,000 individuos masculinos que ella lembra, são os que pagam para cima de 1600 réis, temos que basta que paguem, não mais como já disse de 2$020 réis cada um, para a-pagarem toda. Se o 1,000,000 é excluido por pagar menos de 1600 réis, basta que pague tambem 1$011 réis ou $\frac{5}{8}$ partes do mínimo (1600 réis) para egualmente a-pagar toda. Mas ahi está que em qualquer d'estas hypótheses o trabalhador de enxada virá a pagar ($100\times60\times4=640\times4$) 2560réis, o qual se-presumia beneficiar, contra os 25 por cento dos 2$020 réis ou 505 réis dos 500,000 contribuintes, e contra os 252 réis dos 1$011 réis do 1,000,000 dos não contribuintes. Isto não é certamente o que quiz a *Sociedade*, porque ella sem dúvida quiz beneficiar os desvalidos, e não opprimil-os. A *Sociedade* excluiu da sua conta todo o sexo feminino. Esta exclusão não é acertada porque ella tambem tem propriedade e tambem paga decima d'ella.

Eu bem desejára vêr para meu proprio esclarecimento, e depois alheio, se-podia tirar algumas inducções da base pecuniária que tomou a *Sociedade* para o seu systema. Os fogos que ha em Portugal são 827,947, (1838) os que pertencem a 500,000 individuos de ambos os sexos porque se não póde excluir o feminino, serão 128,503, abatidos estes da sua totalidade, os que restam são 699,444. Ora concedendo a estes toda a latitude dos 1600 réis, e multiplicando-os por 3.89 individuos por cada fogo, e mais por 10 para fazer capital da decima, teremos que cada fogo não terá para toda a sua sustentação mais do que 40$240 réis por anno. Nós os portuguezes somos bem abstémios pela fôrça da nossa ignávia e d'ahi penúria, mas ainda creio eu, não chegámos a tanta sobriedade.

Se os 699,444 fogos não tem senão 40$240 réis cada um, os outros 128,503 virão a ter 1.000.000$000 réis, os quaes multiplicados por 10 darão 10.000 contos de réis, e divididos de novo pelos seus fogos darão a cada familia 302$623 réis. Parece-me que assim uma como a outra conta involvem tanto arbitrio, que o melhor é rejeital-as ambas.

Não pertendendo eu fazer *liça* de objecto tão serio, e tendo examinado o Relatorio com ânimo de qualificar a sua bondade, e mesmo de lhe-prestar luzes se eu as-tivesse, e tantas quantas estivessem ao meu alcance, receio muito que se não possa tirar d'elle o fructo porque tanto se-anhela. A experiencia ha-de mostrar que a *Sociedade dos melhoramentos*, uma vez que se não converta em *Companhia de fundos*, não póde servir senão para incommodo dos seus membros.

(Continuar-se-ha).

Claudio Adriano da Costa.

FERRUGEM DAS OLIVEIRAS.

(Continuação da pag. 402).

446 O supposto remedio de curar a *ferrugem* por meio do córte de algumas raizes grossas é muito nocivo, e procede de um erro, em que já caíram os antigos, reputando aquella doença procedente de uma extraordinaria abundancia de succos seivosos, e por isso denominando-a *Chymomania*.

Mas, nem as raizes grossas são aquellas que fornecem mais succos, nem ha prova nenhuma de que elles sejam excessivos nas oliveiras doentes. Tenho-as eu visto cheias de *ferrugem* no meio de charnécas, e tão despidas e pobres de ramos, que mais inculcavam fraqueza, fome e mizeria do que abundancia de sangue vegetal: juncto dos pinhaes de *Leiria*, ás bordas da estrada, algumas se-encontram n'este estado, e já rodeadas de pinheiros nascidos espontaneamente, que parecem umas infelizes viuvas cobertas de lucto e captivas de barbaros invazores. Disse que a ferida das raizes da oliveira é perigosa; porque raras vezes deixa de gangrenar, a não ser feita com instrumento muito afiado; pois se fôr contundente a casca não seregenera, acode aos labios da ferida um succo húmido, e causa-lhe a podridão em poucos dias; por esta razão nunca o ferro do arado se-deve aproximar das oliveiras, e deve-se cavar a terra juncto dos troncos com pequenas enxadas e com muito cuidado. O córte dos ramos não é tão perigoso; mas sim nocivo ou inutil para curar a *ferrugem*.

Não ha remedio (supposto) de que se-tenha feito maior abuso no Alto Douro. As oliveiras foram victimas, e barbaramente decotadas, tirando-lhe todos os ramos; foram depois esfoladas como *Márcyas*, tirando-lhe toda a casca exterior e deixando-lhe o livrinho verde á vista.

Apesar de tudo isto não morreram; tornaram a lançar renovos muito viçosos e verdes, os lavradores ficaram muito contentes; mas, assim que entraram a ter bastantes ramos e folhas, voltou a *ferrugem*. Na verdade o córte dos ramos faz em parte o mesmo effeito que as neves; porque, desapparecendo as folhas, falta o estímulo que faz subir pelo tronco os succos seivosos; aquelles poucos que podem subir, attraídos pela acçã o capillar dos vasos absorventes, acham emprêgo no desinvolvimento dos novos ramos e por isso não transsudam, mas emfim depois de creados torna o calor e seccura a causar os embaraços da circulação e a doença torna a apparecer. Agora me-perguntará o discreto leitor. — Porque razão desapparece esta molestia alguns annos, — e qual foi a causa porque não fez os seus estragos antes da era de 1780? Respondo que ha muitas alterações no clima de todas as terras do mundo, umas vezes de curta duração, outras de longos períodos, outras emfim accidentaes e ephémeras. O córte de grandes e extensos arvoredos torna mais benigno o clima de paizes frios, como aconteceu na *Allemanha*, que era frigidissima no tempo dos *Romanos*, e agora já não é tanto depois que se-foi povoando, e que se-cortaram grandes mattas; pela mesma razão um paiz quente, cortando-lhe os arvorêdos, torna-se adusto e secco.

Os fogos subterraneos dos volcões alteram o clima. O de *Reinosa* na *Hespanha* era frigidissimo, caía tanta neve alli, antes do terremoto de 1755, que era preciso aos habitantes abrir rótas para irem para a Egreja; depois do terremoto abrandou, e pouca neve cáe, alguns annos nenhuma. *(Vide o Gentleman Magazine de Maio e Junho de 1764.)* O contrario aconteceu em *Sevilha*, ninguem se-lembrava de ver caír neve, nem havia memoria d'isso antes da era de 1756; n'esse anno caíu muita e os frades de alguns conventos tocaram os sinos e fizeram préces para applacar a cólera Divina; pois diziam que era chegado o fim do mundo. Os terremotos do anno proximo passado alteraram as estações. Desprenderam-se grandes massas de gêlo do pólo do Norte, correram para o Sul e vieram até a altura do Cabo de *Finis-terra*: — nós tivemos um outono muito chuvoso, um inverno frigidissimo, e não tem havido Primavera; entretanto na *Russia* goza-se de um clima benigno, o inverno foi muito suave, e os rios desgelaram muito mais cedo do que era costume.

Ora, se por alguma d'estas causas, ou de outras que podem sobrevir, nós tivermos invernos frios e verões temperados, a molestia das oliveiras cessará.

Se acaso acontecer o contrario, se continuarmos a ter no estio calor e seccura excessivos á *ferrugem* continuará a enluctar os olivaes. Eu não lhe-sinto remedio nenhum; mas trago na lembrança ha muitos annos uma idéa que bom seria experimentar; porque talvez terá feliz resultado. Se eu possuisse oliveiras enferrujadas, convertêl-as-hia em parreiras como as do Minho, deitando a cada uma d'ellas duas e tres videiras, das que mais folhas creassem, como são os *alvarelhões*, *souzões* e *alvaraças* do Douro, afim de que lhes-formassem uma capa exterior de folhas e as-defendessem dos ardores do sol.

Como a vindima se-faz muito antes de apanhar a azeitona não havia implicancia nenhuma nas duas colheitas. Além d'isto, no tempo de varejar as oliveiras tambem é occasião de podar as parreiras, e por isso estes dous serviços podiam ser feitos conjunctamente; e alimpar-se ao mesmo tempo as sobreditas arvores; tanto do páu velho como dos ramos inuteis etc.

Se a isto se-ajunctasse uma cultura propria do terreno dos olivaes, como acima disse, plantando batatas, ou semeando milho grosso, legumes e prados artificiaes, empregando estrumes bons, como são os obtidos por meio do encurralamento dos gados dentro de cancelados ou rêdes; os compostos em que entre a farinha dos ossos, o pó dos mármores, ou as cinzas e torrões das relvas calcinadas; está-me parecendo que as oliveiras sarariam, e pelo menos este genero de cultura recompensaria muito bem as fadigas dos lavradores, e daria ás suas fazendas, um aspecto risonho e muito agradavel.

Eis-aqui o que posso dizer ácerca da *ferrugem das Oliveiras*. Se esta pequena memoria agradar ao público, eu escreverei outra sobre a maneira de fazer viveiros para ter abundantes oliveiras novas; direi o methodo de as-plantar, de as-cultivar e de as-podar; explicarei as cautellas com que se-devem fazer os enxêrtos, e direi alguma coisa sobre as outras molestias a que estão sujeitas estas arvores tão estimaveis.

Visconde de Villarinho de S. Romão.

CURA DA TÔSSE CONVULSA COM AGUA FRIA.

447 Em uma pouca d'agua fria, temperada com umas gôttas d'agua de Colonia, d'aguardente, ou de vinagre, se-molha a mão envolvida em uma ponta

Digitized by Google

de toalha etc. e melhor ainda (ao menos para certos casos, que exigem mais energia na applicação) em tecido de lã, como flanella, etc. Passa-se assim a mão rapidamente pelo peito, ou levemente, ou graduando a fricção segundo o caso: immediatamente se-faz a mesma operação, mas com panno secco, e quente, graduando tambem a fricção segundo o intúito da indicação. Esta operação se-repete varias vezes, conforme o caso. Por esta *loção* se-forma na pelle um *erithema*, sufficiente para combater a doença. — Applica-se tambem no *croup* espasmodico: no primeiro período d'estas enfermidades, como anti-espasmodico, e depois como tónico, e fortificante. A complicação com a bronchitis aguda não *contraindica* este remedio.

Mr. Hannay, celebre medico inglez, diz ter obtido os mais felizes resultados d'este methodo; e cita differentes observações, em que os doentes cobraram saude no curto espaço d'alguns dias; abreviando assim em todos elles a duração ordinaria d'estas doenças.

Accrescenta o mesmo auctor, que esta operação, repetida duas até quatro vezes em vinte e quatro horas, basta para curar os enfermos em muito poucos dias. E affirma finalmente que, todas as vezes que tem usado d'este methodo, sempre tem sido seguido dos resultados mais vantajosos. — Este curativo tem ainda a importante vantagem de poder applicar-se ás creanças indoceis, e rebeldes a outros meios therapeuticos. — Este methodo parece-nos mui rasoavel, e bem que exige prudencia (como os mais), comtudo merece ser tentado, especialmente nos hospitaes, e casas d'expostos, etc. O habito de o-applicar produz destreza, e certa segurança, que muito convem em therapeutica, pela devida apreciação das circumstancias favoraveis, ou contrarias aos seus effeitos curativos. Por tudo isto o-recommendamos á attenção dos nossos habeis clinicos, que ainda não tiverem d'elle noticia, especialmente aos das Provincias. — Não parece necessario advertir, que por analogia de molestias póde este methodo *tentar-se* com vantagem em muitas outras, e suggerir um novo recurso, tão prompto ao tacto do habil facultativo. Além de que o uso da agua fria em outros casos é bem conhecido; se ha aqui novidade, é em sua applicação a taes molestias; são novos factos, sempre importantes em sciencias práticas.

J. L. A. Frazão.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

MANUEL DE FARIA E SOUSA.

3 *de Junho de* 1649.

448 Nome é este tão sobejamente conhecido na republica das letras, que ainda ninguem, querendo conhecer cabalmente *Luiz de Camões* — póde deixar de ler os Commentarios de *Faria e Sousa*. E todavia nasceu em Portugal, sim, e para o seu Portugal escreveu sempre; mas em Hespanha viveu e morreu; e o que mais nos-deve pezar; é ter escripto tudo na lingua Castelhana, no que mostrou ser avêsso á boa opinião o uso do Dr. *Antonio Ferreira*.

Lá devia elle ter os seus porquês: um declara-o no prologo do *Epitome das Historias Portuguezas* — dizendo ser para ecuménico conhecimento das nossas coisas, de que tanto curou, — por ser a lingua Castelhana mais conhecida dos estranhos do que a nossa portugueza. Pelo que tencionava n'aquella trasladar as nossas chronicas. Preferencia ou vantagem qualquer não lhe-conhecia elle, antes diz — fallando da lingua portugueza ser mui chegada á latina:

Nuestro sentimiento ácerca desto, es creer que la lengua Portuguesa (tengan todas el lugar que merecen) sin ser inferior a ninguna, excede a muchas, en lo dulce, y en lo grave; y en la singular propriedad de muchas palabras, que no se roçan con otra ninguna lengua, para exprimir lo que significan: ni aun con variedad, y elegancia de circunloquios.

(Com. á Lus. Cant. I.).

Ácerca da Castelhana disse:

En lo que toca a la dulçura, y gravedad, no hay estraño que no confiesse ventaja a la (lengua) Portuguesa (sobre la Castellana) y en lo solo confiessan aun mismo los Castellanos bien entendidos etc. (Ibidem).

Assás é isto para defendermos de qualquer má suspeita, a elle e á nossa lingua.

Foi auctor de mais de sessenta obras, que lhe-grangearam a qualificação de Historiador e Poeta.

No primeiro mister deu-nos a Europa — Africa — Asia — e America portuguezas — no segundo o Commentario á *Lusiada de Camões* — obra tal, que assim como a *Camões* foi dado o logar de principe dos Poetas, assim a *Faria* o de principe dos Commentadores. Bem caro o-houve, que elle mesmo se-admirava do quanto tinha trabalhado, no Commentario, para o qual consultára mil auctores, sendo trezentos Italianos! Não queria perder a fama de muito verdadeiro nos seus juisos, pelo que venceu a *Aristarcho*.

A tal homem nos gloriamos nós celebrar aqui o dia anniversario, em que findou na terra missão tão fecunda de grandes obras, para na gloria ir receber por virtudes o galardão que o mundo não tem para dar.

A. da Sylva Tullio.

CORRIDA DE TOUROS.

449 *Sr. Redactor da Revista Universal Lisbonense.* — Vendo o empenho com que V. em todos os números do seu periodico procura caracterisar devidamente as *corridas de touros*, não posso deixar de ajudal-o em tão nobre e moralissimo empenho.

Vão-se de tal modo repetindo estas bárbaras scenas, vai-se o povo familiarisando tanto com ellas, que em pouco tempo, me-parece, será mais de uso ir nos Domingos aos *touros* do que á missa: — ir á missa!?.. É isso bom para velhos que já tem um pé na cova, não para a gente nova de tão *romantico* seculo!

Pois deixemos o seculo!

Houve ha dias nas visinhanças de *Tentúgal* um *divertimiento admirable de toros*; — muitos estudantes, ao alvorecer do dia marcado iam já caminho de *Tentúgal*. Chegados ao amphitheatro, não se-contentaram com ser méros spectadores, mas fiados nas forças e vigor da mocidade, arremessaram-se tambem á arêna a luctar com as féras. Do mais que lá succedeu, não sei eu, — que sempre de taes spectaculos me-desvio; o que sei é — que nem todos voltaram, como tinham ido, cheios de saúde e vigor, mas sim feridos e mal-

tractados; e até alguns d'elles transportados como cadáveres. Quasi todos estão muito mal, e um d'elles tão gravemente ferido que no dizer dos medicos, já não ha valer-lhe.

Se érgo este brado em favor da civilisação e da moral, se desejo que se-desarraiguem de corações, que ainda podem curar-se, os cancros peçonhentos, que ahi vão nascendo e vingando — não m'o-hajam a mal os apaixonados d'estes *divertimientos*; porque máu-pesar da civilisação, e da moral, e da religião, e a despeito de todos e de tudo, as *corridas de touros* sempre hão-de continuar: e muitas mães terão ainda de vêr morrer, morte *tão gloriosa*, os filhos em quem tinham todos os seus amores e esperanças.

Coimbra 6 de Maio de 1842.

Um Estudante.

NECROLOGIA.

450 *José Ribeiro dos Santos*, do Concelho de S. M.; Fidalgo da Casa Real; Commendador das Ordens de Christo e de N. Sr.ª da Conceição de Villa Viçosa; Cavalleiro da Ordem de Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Merito; addido á Legação portugueza em Copenhague; e Consul Geral de Portugal nos Reinos de Dinamarca e Hanovre, Grão-Ducados de Mecklenburgo-Schwerin, Mecklenburgo-Sterlitz e Oldenburgo, e cidades livres de Hamburgo, Lubech e Bremen cessou de existir!!

Pela sua posição, pelos seus públicos serviços, pelo seu incomparavel amor patrio, pela grandeza da sua alma — merece, n'este seculo tão avaro de nobres exemplos, que a Patria lhe-dê uma lagrima, que a humanidade deplore uma falta, que ninguem talvez preencherá.

Nascido em Villa Nova de Gaya de mui respeitavel familia, em 1798, *Santos* foi dedicado por seus Tios, opulentos negociantes, á vida do commercio, para a qual mostrou d'esde logo uma desenganada vocação, só modificada por seu espirito independente, espirito, que elle manteve, sempre, em todos os lances, e a despeito de todas as alternativas. Incrivel actividade, concepção instantanea e segura, imaginação immensa que só em coisas maximas se-comprasia, taes eram as partes principaes d'aquelle todo extraordinario.

Educado commercialmente no escriptorio de seu tio, o Sr. Commendador *Pedro Alves Souto*, e sentindo-se maduro para tentar fortuna, partiu mui novo ainda para o Brasil, onde commerciou. Nas desavenças dos portuguezes com os naturaes, tomou parte mui activa; militou, subiu até major, e serviu com distincção ás ordens de *Luiz do Rego* em Pernambuco, e de *Madeira* na Bahia. Toda esta parte de sua vida era fertil em acontecimentos para completar seu elogio: mas falta-nos espaço.

Durante a sua estada em Pernambuco, tal foi a paixão que soube inspirar a uma menina, admiravel por sua belleza, admiravel por sua bondade, elevadissima por sua condição, pois era filha da primeira auctoridade da terra, que dentro em dois mezes lhe chamou sua esposa: e essa desgraçada Senhora, nascida em meio das honras, affeita aos commodos da opulencia, feliz da felicidade doméstica, é a pobre viuva que dentro em não sei quantos dias, viu anniquillar-se posição, opulencia, contentamento, e futuro.

Com o resto da expedição *Madeira*, deixou *Santos* o Brasil; veio ás Ilhas, e continuou a intender no commercio com muita probidade e intelligencia. Tornando ao Rio de Janeiro, foi pelo Imperador nomeado, em 1826, Consul Geral do Brasil na Dinamarca, logar de que veio tomar posse, assentando a sua residencia em Altona; onde lançou desde logo os fundamentos de uma casa de commercio, que mudando tres vezes de firma, pela addição de novos socios, girava ha 10 annos sob a de *Santos & Monteiro*.

Durante o seu Consulado Brazileiro ordenou archivos, redigiu regulamentos, e estabeleceu correspondencias, que bem podem servir de norma para bons e zelosos empregados. Foi nomeado pela Côrte do Brazil seu Encarregado de Negocios na Dinamarca, durante a ausencia do Marquez de Taubaté, cujo caracter era de Enviado Extraordinario.

Em 1828 porém, pela simples circumstancia de que um artigo da Constituição inhibia de conferir a um estrangeiro taes cargos, cessou de exercer um emprego em que de todos os ministerios successivos só louvores recebêra.

Mais de véras se-applicou então ao commercio, e este *homem*, que havia começado sem fundos, sem protecções, sem credito, sem correspondentes, viu, a poder de honra, intelligencia e actividade, prosperar a sua casa a ponto que, em despeito das mil difficuldades locaes, veio a ser a segunda ou terceira em respeito e vulto, e talvez a primeira em tráfego, na commercialissima cidade d'Altona, cujas portas tocam as de Hamburgo.

Em 1836 foi nomeado Consul Geral de Portugal nas cidades Anseaticas e Dinamarca, e successivamente promovido, por seus relevantes serviços publicos, aos varios cargos e honras de que o-vimos revestido.

É sabido que a elle se-deve a impossibilidade de uma remessa (projectada e começada a executar) de 25000 armas para rebeldes — que nenhum de quantos gabinetes houve desde a sua posse deixou de tributar-lhe altos elogios em nome de S. M., e que até lhe-foram dirigidos agradecimentos por intermedio da legação portugueza em Dinamarca — que a elle principalmente se-deve a extensão consideravel que tomaram nestes cinco annos as relações entre Portugal e Alemanha — que cooperou para um projecto de codigo consular portuguez, que tem recebido o assenso de todos os juizes competentes — que para todos os portuguezes de distincção a sua casa e mesa foi sempre franca; para os naufragados, marinheiros, ou desvalidos foi sempre considerado como o pai e protector, despendendo com elles annualmente avultadas quantias — que na sua correspondencia appareciam cada dia novas provas de abnegação, cedendo sempre a bem do estado as sommas cujo reembolso lhe era abonado por lei — que em varias questões de Portugal com os estrangeiros, empenhou mui proveitosamente a sua influencia para modificar a nosso favor a opinião da imprensa — que jámais foi consultado pelo governo sobre assumpto qualquer, sem que a resposta fosse immediata, positiva e illustrada — que sobre materias de público interesse redigiu memorias que mereceram a approvação dos ministros — que em todas quantas reclamações, e muitas foram ellas, teve de dirigir ao senado a favor de interesses portuguezes, obteve sempre prompta e ampla justiça ou satisfação — que anteriormente á sua gerencia apenas um navio portuguez alli fôra e houvera logo que deplorar graves desordens, emquanto n'estes cinco annos aportaram a Hamburgo 67 navios nacionaes, sem que tivessem occorrido mais do que duas rixas insignificantes e em que os portuguezes não foram culpados — que como consul de Portugal em Hamburgo o Sr. Conselheiro Sántos não recebia um real de salario — que todo o material do consulado foi organisado á sua custa e sob a sua direcção etc. etc.

Recolhendo-se de uma digressão ao Brazil em 1839, e miudamente informado das circumstancias do mercado da Africa occidental portugueza, concebeu um projecto que para logo tractou de pôr por obra, empregando consideraveis cabedaes em compra de urzéla, despachando alguns navios com carga sua, propria para aquelles povos, e estabelecendo feitorias nos pontos importantes da costa.

Tão esperançosas foram as informações que d'aquelles seus empregados lhe-vieram, que traçou o lamentavel designio de se-pôr pessoalmente á frente de uma vasta expedição persuadido, como cem vezes lh'o-ouvimos, de que por taes esforços legaria aos filhos e á patria um nome honrado; pois era sua ambição provar, — que o tráfico de escravos podia ser substituido pelo das fazendas, e que era possivel introduzir naquellas paragens a verdadeira humanisação; essa que nasce do contacto dos homens, da permutação dos objectos necessarios ou uteis, e do commercio, d'entre todos os instrumentos de civilisação, o mais possante e efficaz.

Lá se foi pois a bórdo do Vasco da Gama [os nómes de todos os seus navios são manifestações do que era aquella alma — Vasco da Gama — Affonso de Albuquerque — Camões — Georgiana (a mulher do seu mais intimo amigo) — Marianna e Edwiges (suas duas filhas) — &c. &c.] Constava a ex-

pedição, a que presidia de cinco navios seus, completamente carregados de mercadorias proprias, que infelizmente, e por circumstancias fortúitas, esperaram muitos mezes mais do que se-havia premeditado.

Não poderia homem tão atrevido e feliz esquivar-se a rivaes; que são de todos os inimigos os peores; tinha-os, e muitos e audacissimos, e até na sua patria dos mais encarniçados. Os Inglezes, a quem faz sombra tudo quanto são tentativas commerciaes em ponto grande, de que se-reservam o monopolio, começaram desde logo uma guerra systematica e funesta. Calumniando atrozmente a expedição e seu auctor, attribuiram-na a uma enorme trama de estabelecimento de uma vasta feitoria de escravatura. O nome do nosso benemérito portuguez (é uso, e já por isso natureza, não ha que estranhar) foi arrastado pela lama da imprensa britannica. O proprio ministro dos negocios estrangeiros não se-pejou de lançar em pleno parlamento d'essas expressões dúbias, que sempre se-interpretam desfavoravelmente. O almirantado emfim expediu ordens terminantes aos seus cruzadores; e tudo isto feito com certa ostentação de publicidade, e seguindo-se a tantos desacatos do Direito das Gentes n'este mesmo assumpto, pôz em desconfiança o corpo do commercio, que via decretada a inevitavel ruina d'aquella casa.

Ninguem portanto quiz mais arriscar seus fundos em mãos de homens contra quem se-conjuravam tantos esforços irresistiveis. Ora como nenhum estabelecimento grande, e quaesquer que sejam os seus fundos, embora ultrapassem muito os seus encargos, póde sem *credito* subsistir, ao discredito da casa *Santos e Monteiro* seguiu-se, durante a ausencia de seu chefe, a suspensão de pagamentos.

N'este meio tempo lá vogava elle por tormentosos mares, e inhóspitos climas, sacrificando prazeres, cómmodos, saude e vida a uma ambição de gloria — ao amor de pai — á lealdade para com seus credores e amigos. Feitas com muito proveito as primeiras trocas aviou logo dous navios para o Rio de Janeiro. Preparava-se para expedir outro para Lisboa, e dous para Hamburgo, quando, pelo que se-julga, recebeu a fatal e inesperada noticia da suspensão dos pagamentos da sua casa. — Foi a sua morte. — Desde esse dia a desesperação lhe-minou a existencia e a molestia do paiz achou prêsa facil n'um semimorto.

Aos 9 de Fevereiro, sentindo seu fim aproximar-se, fez o seu testamento, e empregando os poucos intervallos livres em chorar patria, familia, e amigos, e pedindo que a estes se recommendasse que não deixassem deshonrada a sua memoria, pois o não merecia, succumbiu no dia 18 em Angola, a bórdo do Vasco da Gama.

Foi esta noticia um raio para quantos o-conheciam: nenhum mais bello monumento se-póde erigir a um finado, e a um finado, que já em vida cessára de ser poderoso do que esse que numerosas cartas de Hamburgo nos-descobrem. As inimisades, as rivalidades acabaram. O rico só vê em *Santos* uma prova das vicissitudes humanas, contra as quaes são impotentes benevolencia — zelo — e lealdade. O pobre, oh! esse tem muita lagrima que chorar, sem que venha limpar-lh'as a mão, que era tão prestes em suavisar, em descobrir infortunios. — Aquella cidade está coberta de lucto.

De lucto estão cobertos os seus amigos, que perderam uma bella alma — um coração generoso — um modêlo de todas as virtudes sociaes. — Bom pai — bom irmão — bom patriota — bom amigo — seja-lhe a terra leve!!

José Feliciano de Castilho.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

451 El-rei da *Prussia* vai-se até S. Petersburgo; viagem a que se-attribuem fins politicos.

— Os desastres causados em *Hamburgo* pelo terrivel incendio, postoque enormes, não diminuiram o tráfego mercantil da cidade; o porto todos os dias recebe, e despede multidão de navios; e o banco prosegue regularmente as suas transacções. Aquella calamidade não terá pois tantas consequencias funestas, como se temiam; e serviu para mostrar, que a philantropia é já hoje no mundo uma realidade; — soccorros espontaneos e copiosos lhe-affluem de todas as partes da Europa.

— El-rei de *Baviera* prohibiu que se-ensinasse a lingua franceza nos collegios de educação de meninas, dando por motivo ser uma grande parte da litteratura franceza incompativel com os costumes e virtudes de uma boa mãi de familias allemã. ¡ Vão para lá armar theatros dos *Condes*! e traduzir Fredericos Souliés!

— Até a *Inglaterra* labora em apuros de fazenda; por onde o ministerio vem propondo ao parlamento alvitres sobre direitos de alfandegas e percepção de tributos. — A condição da classe operária decáe de dia para dia, a ponto de já por muitas partes rebentarem motins, d'aquelles em *que todos ralham, e todos teem razão*. — Da India continuam a chegar-lhes noticias de contratempos militares; derrotas em suas tropas e perdimento da cidade de *Peshawar*. — Finalmente o constar que o ministerio francez declarára nas camaras — que não reconheceria o *direito de visita* nos seus navios causava cuidados.

— Em *França* o povo e a imprensa em geral applaudiam esta resolução nobre do seu governo contra a arrogancia dos seus visinhos.

— Na *Grecia* houve em Abril frequentes tremores de terra; particularmente em *Athenas*, *Patras*, e *Andreasa*; e em *Andreasa* ficaram muitas pessoas debaixo das ruinas.

— Em *Napoles* faziam-se apprestos grandes para resistir á Hollanda, que traça mandar lá uma esquadra a tomar satisfações.

— El-rei da *Sardenha* ordenou a expulsão dos judeus da Saboia; permittindo-lhes só morarem em Genova n'um bairro certo.

— Na *Hespanha* dá-se por quasi ultimado o casamento da rainha com um dos filhos do infante D. Francisco de Paula, a que a Inglaterra dá a mão. Nas provincias não ha guerra nem tambem paz. — A civilisação dá mostras de progresso; já emfim se lê em folhas castelhanas invectivas contra touros.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

452 *Diario do Governo de 28 Maio.* — Portaria revogando a determinação da Commissão do Terreiro Público, que prohibia aos moleiros a introducção parcial de géneros saídos com guia. Decreto de regulamento para o Tribunal do Thesouro Publico. Dito libertando de direitos de exportação os productos da Ilha da Madeira para supprimento dos Navios que alli tocarem.

Dia 31 dito. — Portaria agradecendo ás Commissões no Imperio do Brazil a remessa de 29:000$000 reis a beneficio dos habitantes da Villa da Praia na Terceira.

Dia 1 de Junho. — Edital ordenando que os Grã-cruzes, Commendadores, e Cavalleiros assistam no dia 3 á festa do Coração de Jesus. — Ordem do dia n.º 27. — Venda de bens nacionaes.

PROCISSÃO DE DESAGGRAVO.

453 Todos os fieis da parochia de N. S. da Encarnação de Lisboa se-achavam consternados com os desacatos contra a religião commettidos pelo sacrilego impostor *Mathias Antonio*, de que já em o nosso artigo 400 demos noticia. Desejoso o reverendo prior o Sr. *João Carlos de Andrade* de prestar, em nome de todo o seu rebanho, uma pública e solemne homenagem ao throno do Sacramento aggravado obtem de Ex.mo Sr. Patriarcha as necessarias licenças; e no dia de *Corpus Christi* faz começar na sua egreja os officios de préces prescriptos no ritual romano, os quaes se-continuam pelos dous dias seguintes: — resplandecia o altar com a maior pompa; acudia em grande número

a cleresía; enchia-se o templo, que é dos mais vastos; era um spectaculo bello pela fé viva que por toda a parte respirava. — Orou na primeira tarde o reverendo *Raimundo dos Anjos Beirão*, religioso egresso da terceira ordem da penitencia, mostrando a gravidade do desacato; na segunda, o padre-mestre *Francisco Nunes da Piedade* religioso egresso da ordem dos prégadores, que discorreu sobre a profanação dos templos e suas terriveis consequencias; e na terceira, o reverendo *Nicoláu de Almeida*, religioso egresso da ordem dos prégadores, que expendeu a necessidade da penitencia para applacar a ira divina. No Domingo pela manhã expõe-se o Santissimo; ao meio dia canta-se a missa com grande instrumental composto dos melhores professores, e prégando o reverendo *José de Santo Antonio Silva*, religioso egresso da ordem do Carmo da antiga e regular observancia. Pelas cinco da tarde subiu ao púlpito o padre-mestre *José do Menino Jesus*, religioso egresso da provincia de Santa Maria da Arrábida e actualmente capellão de Suas Magestades Fidelissimas. Após o sermão saiu das portas do templo uma lustrosa e bem ordenada procissão com o Sacramento debaixo do pálio, grande multidão de clérigos, e séquito das diversas irmandades da parochia com suas tóchas accesas: seguiu pela rua do Loreto até ao Calhariz e tomando pela travessa das Chagas para a rua da Horta Secca se-recolheu: então se cantou o *Te Deum* com grande instrumental; e ao som dos repiques dos sinos encerrou-se o Sacramento.

SACRILEGIO.

454 No dia 19 em Alemquer foi roubada a egreja de Santa Anna da Carnota: consistiu o roubo em duas coróas; dois resplendores; um calix; colherinha e patêna; e um vaso sagrado; — tudo de prata e estimado no valor de 72$000 réis. Não alcançamos os promenores d'este attentado.

MAIS ROMANTICO.

455 Da villa de *Céa*, em data de 7 de Maio se-nos-diz o seguinte: acaba de perpetrar-se n'esta malfadada villa um assassinato horroroso! *Francisco Compadre*, homem de meia idade e optimo comportamento, viuvo, e pai de familias, ao recolher das Ladainhas da Ascenção foi chamado por um seu primo, que lhe deu vinho a beber, envenenando-o de tal modo, que dentro em poucas horas expirou no meio dos mais horrorosos padecimentos, declarando o malvado, que lhe-deu a morte, que vivia com o infeliz em perfeita harmonia!!!

Sabe-se que elle fôra buscar o arsénico á botica de...... cujo boticario infiel aos seus deveres e ás leis, é altamente cúmplice n'este crime! Diz-se que o vil assassino fôra instrumento de certa auctoridade!! Era tão horroroso o empenho de commetter este attentado, que o assassino não duvidou primeiro fazer a experiencia do arsénico em algumas creanças, e em um rapaz mudo!! A porção d'estes foi pequena, e por isso estão salvos. A familia foi obrigada a enterrar, logo logo, o cadaver contra as ordens. O Juiz chegou depois de fóra da terra, e fez desenterrar o cadaver e proceder ao auto de exame, e se-provou o envenenamento!

O povo está horrorisado com este crime, muito mais porque o assassino já tem commettido outros com punhal, e bacamarte! O nosso correspondente pede-nos que gritemos contra este novo *Mattos Lobo*: pobre homem! de que diabo serve que gritemos! Porventura as auctoridades não têem olhos, e não têem ouvidos! Porventura está a nação sem governo? Ha porventura falta de Leis? Louvado seja o Senhor nunca a nação teve maior abundancia de tudo isto! O mal está na desmoralisação geral; consequencia necessaria de nossas guerras civis, de nossas dissenções politicas e d'essa ambição insaciavel de Poder, a cuja idéa cede tudo!!

É provavel que o vil assassino tenha as costas quentes, e seja patrocinado pela Politica! E sendo patrocinado por esta Snr.ª, não lhe-vemos outro remedio senão pedir a alguma apoplexia fulminante a graça de o-condecorar com a medalha do outro mundo.

(Periodico dos Pobres do Porto).

NOVO THEATRO NACIONAL.

456 Diz-se que a edificação do *theatro portuguez* tão pedida, tão impugnada, tão difficultada, tão legislada, tão necessaria, e já tão caida em discredito, vai finalmente realisar-se; pelo menos já, se não houver outras, apparece ahi uma prova visivel e sólida no sitio da obra: — é um tapume de madeira em volta do palacio queimado do Rocio. — O risco adoptado reune, segundo nos-affirmam, as commodidades com a elegancia; largueza de officinas para o serviço da scena; tablado espaçoso; platéa capaz de grande número de spectadores; e em logar de camarotes, vistosas galerias: — esta ultima clausula não nos-parece das mais acertadas com os nossos usos em geral: — para que uma tal convivencia de todos e todas se possa dar, é mister que, á mingua de moralidade, haja pelo menos, e já bem espalhada por toda a massa da sociedade, a boa criação, d'onde tambem nasce decencia, e tracto urbano; — na falta dos bons costumes máscara e manto, que vêdem aos máus o patentear-se. — As galerias, quanto a nós, ou se não hão de encher, ou se hão-de encher de spectadores pouco escolhidos. — Tambem nos-consta que não faltam queixumes de architectos portuguezes contra a preferencia que o risco do Sr. *Lodi* obteve sobre os d'elles apresentados em concurso. N'esta questão, postoque de moralidade e nacionalidade, nada nos-affoitamos a dizer; carecemos de informações exactas: parece-nos todavia, que ás pessoas por cuja conta corre a obra, pertence o meditar maduramente no caso afim de não atropelarem por inconsideração interesses individuaes, e talvez tambem nacionaes. Não é isto pôr novos impedimentos a uma coisa tanto do nosso empenho, como é a edificação de um theatro portuguez? Appareça elle quanto antes; mas decente em todas as suas circumstancias como em si mesmo; e nós applaudiremos com todo o povo a esta nova transformação de uma casa que já foi talho de açougue, palacio real, poisada de embaixadores, inquisição, regencia, thesouro, ruinas, e não sabemos que mais: — todas estas recordações historicas harmonisam, de certo modo, com o destino que d'esta vez ficará tendo; principalmente — as de inquisição, talho, e ruinas, se o theatro continuar a ser romantico de obra grossa.

Digitized by Google

TREMENDA LIÇÃO A PAIS E FILHAS.

457 No dia 26 pelas duas horas da tarde precipitou-se de uma janella do 2.° andar do n.° 158 da rua da Atalaia uma rapariga de 15 annos, a quem para logo se-ministrou a Extrema-Unção. Destinada a casar com um official de encadernador, e com os ultimos proclames, já corridos em dia da Senhora dos Prazeres, seu pai, que até então estivéra pelo contracto contra elle se-declarou formal e irrevogavelmente; levado, segundo se-diz, de considerações de fortuna por saber, que o officio do noivo já não podia render com que sustentar mulher e filhos; a amante desesperada, não se-atrevendo nem a resistir ao pai, nem a esperar pelos remedios do tempo, concebeu e realisou, em um momento de delirio, o desatino de se-arremessar á morte. A morte entretanto não queria ainda aquella pobre victima; a poder de soccorros escapou, e julga-se possivel o salvar-se: mas a sua razão por effeito ou da quéda ou das penas, que a-determinaram, ficou perdida, e receia-se que se não restaure. O amante, um momento depois da catástrophe, em que fez extremos de dór, desappareceu, e não tornou a ser visto.

CONGRESSO AGRICOLA NA RÉGOA.

458 N'uma reunião, que se-fez na Regoa, afim de se-acordar sobre os interesses do Doiro, vogaram, principalmente, tres opiniões: a da creação d'um Banco, com privilegios e encargos fiscalisado por uma Commissão independente do mesmo — a rehabilitação da Companhia, com balanço real dos seus fundos, e novos accionistas — e a Companhia antiga, com todos os seus privilegios. Esta ultima, que era a de poucos, foi rejeitada, e apenas alcançaram diminutas concessões dos da segunda opinião; d'onde resultou o projecto, transcripto nos *Pobres do Porto*

SENTENÇA DE MORTE.

459 Foi sentenceado a pena ultima *Manoel Nunes*, guarda de vinhas, por ter assassinado e roubado a seu amo *João José Pinto*. O crime commetteu-se a 4 de Septembro de 1841. A sessão do julgamento do réo, a que assistiu grande concurso de povo, durou desde as 9 horas da manhã até á meia noite: o advogado do homicida appellou da sentença.

SOCIEDADE DAS SCIENCIAS-MEDICAS.

460 Domingo 29 celebrou-se a Sessão annual e solemne d'esta Sociedade. A sua bella sala estava explendida assim pelo grande número de Socios presentes, como pelo dos convidados e mais pessoas respeitaveis, que enchiam as gallerias. O Sr. *Dr. Lima Leitão* presidente, leu um eloquente discurso análogo ao acto, e o primeiro Secretario um relatorio do anno. S. M. El-Rei no fim da Sessão, a que assistiu mui satisfeito, deteve-se conversando com o presidente, e louvando os muitos e proveitosos trabalhos que alli se-faziam. Depois do que se-dirigiu a praticar sobre diversas materias litterarias com alguns dos circumstantes.

Esta benemerita Sociedade vai já no 15.° volume do seu Jornal.

ASSOCIAÇÃO DOS ADVOGADOS DE LISBOA.

461 N'uma das salas d'esta Associação já se-acham lançados os fundamentos d'uma Bibliotheca Juridica, começa por perto de mil volumes: deve-se ás diligencias do seu 1.° Secretario o Sr. Antonio Joaquim da Silva Abranches, e á Portaria do Governo, que para o mesmo fim auctorisou a escolha de livros Juridicos no Deposito das livrarias das extinctas Corporações Religiosas. A inauguração foi na conferencia de 21 do proximo mez passado, em que o Sr. 1.° Secretario leu uma Memoria sobre a *Bibliotheca do Advogado*, a qual mereceu tão altos elogios, que a Associação decidiu, que fosse quanto antes publicada a espensas do cofre, e que se-creasse o logar de Bibliothecario, cuja nomeação foi offerecida ao dito Sr. e por elle acceita.

INFANTICIDIO EM GONÇA.

462 O nosso unico empenho é a verdade, porque em materia de noticias só com a verdade se-póde fazer obra de que a policia e moral pública hajam de sacar proveito. Não sendo possivel que ao mesmo tempo nos-achemos em toda a parte; sobre todos os acontecimentos, que por nós mesmos não podemos averiguar, é nosso uso consultar o testimunho das pessoas de crédito do sítio ou visinhanças do sítio, em que se-passou: e o seu depoimento, fiel e escrupulosamente o-damos á luz: assim ácerca do *infanticidio de Gonça* objecto dos nossos artigos 211, 247, 269 copiaremos o que um nosso correspondente de Ponte de Lima em data de 22 do corrente nos-escreve. « Ninguem agora n'esta villa acredita no facto: — porque com um identico e mesmissimo *mutatis mutandis* entretiveram as fadas n'esta villa, ha annos, a credulidade popular: e porque n'esse mesmo tempo vivia aqui, aonde é casado, esse que agora foi denunciante e testimunha do misterio de *Gonça*; cujo caracter e precedentes não fazem a historia provavel. « — Mas esta carta não traz por assignatura mais do que *um amigo da verdade*.

GAS LUCÍFERO.

463 De Pariz nos-consta — que remettêra o Sr. Visconde da Carreira ao Governo a receita mui simples, e já por lá mui pública, d'aquelle preciosissimo gas lucífero, que porvezes temos annunciado. — É evidente que já o Sr. Barreto não alcançará o exclusivo, que até agora lhe-era devido, e que a receita tornando-se do dominio commum fará pela concorrencia descer o preço d'este género, inquestionavelmente da primeira necessidade.

ACHÁDA CURIOSA.

464 Na egreja de S. Roque a 29 de Maio removido por ordem da commissão administrativa da Santa Casa um grande quadro, que estava no fundo da capella collateral do altar-mór da parte da epistola, com maravilha de todos se-acharam por detraz umas portas, que abrindo-se descobriram um espaçoso vão ou nicho, cujos lados, fundo, e abóbeda se-achavam guarnecidos e apinhados de relíquias e imagens piedosas; a sua descripção reservâmol-a para outra vez. Com este incentivo se-accendeu ainda mais a curiosidade — vão-se ao retábulo da capella correspondente, egual porta, egual thesouro encantado. Recorrendo ao padre *Balthasar Telles*, chronista da companhia de Jesu para tomarmos alguma luz sobre estas antigualhas, que visivelmente o-eram e mui subidas, achámos — que o conde de Ficalho fôra peregrinar por quasi todas as partes da christandade á colheita de

reliquias; as quaes, em grande cópia obtidas, voltando a Castella mandára engastar custosamente. Receando porém que por algum successo se viessem por sua morte a perder tantas preciosidades, traçou pelo seguro deixal-as a algum convento e preferiu a casa de S. Roque: a 22 de Setembro de 1553 se-effeituou o donativo; havendo por essa occasião festas publicas por oito dias, nos quaes os moradores da cidade concorreram a adorar aquelles veneraveis objectos. — Se é ou não este o famigerado sanctuario do antigo conde de Ficalho; eis-ahi o que, supposto o-presumamos, ainda nos não atrevemos a affiançar. Estudaremos a materia e a seu tempo a-repetiremos.

O RABEQUISTA.

465 Por uma escura noite do ultimo inverno havia em certa povoação, lá para as abas da Serra de *Estrella*, uma bóda; a cuja descripção vos forraremos, porque não tem que fazer com a nossa historia. Durou a estrondosa dança de tamancos desde o fim do banquete, ás duas horas depois do meio dia, até quasi um quarto depois da meia noite; não cessaram em todo esse tempo de manter alegrias o *vinho verde*, o amor, e uma rabeca, hospeda, e companheira infallivel de qualquer funcção por todas as aldêas do contorno. O *rabequista*, que nada possuia no mundo além da sua musica d'oreiba, (pela qual não sabemos, quanto pagaria de *decima industrial)* havia sido um dos numerosos pretendentes da noiva; mas supplantado pelos encantos pecuniarios do seu rival, hoje feliz, tivera o bom accordo de se-compôr com a má fortuna; e *rabequista* philosopho, não só ousára assistir á cerimonia, sem se-esconder por detraz de uma columna para d'ahi soltar, a seu tempo, um grito romantico, e desmaiar, mas ajudára a tecer os arcos de pinheiro para a passagem do par triumphante; ao jantar bebêra á saude de ambos, e de uma ovelheira trigueirinha, que ao seu lado se-achava, por muitas vezes: e por toda a tarde e serão não cessou de provocar com os seus minuetes e danças velhas o bom humor dos dançarinos, e dançarinas d'aquelle club economico, soberbamente allumiado de quatro classicas candêas de ferro nas quatro paredes rebocadas de novo. Alguns maliciosos, que tambem os-ha fóra das cidades, não deixaram de attribuir a sua gratuita infatigabilidade musica a um certo desejosinho de desviar, quanto lhe-fôsse possivel, a hora em que dispersando-se a sociedade as portas de sua ingrata se-fechariam: outros, asuppozeram simplesmente effeito de um amor nascente, que lhe não consentia deixar uma casa, onde aos olhos da dama de seus pensamentos estava representando o papel, inquestionavelmente, principal. Quanto a nós, sem rejeitar, nem admittir nenhuma das duas variantes, parece-nos todavia mais orthodoxo — o crer, que o simples amor-proprio de artista bastaria para explicação. — Paganini no theatro de París não era maior personagem, do que o nosso pobre *rabequista* n'um casal da *Serra de Estrella*.

Em um dos curtos intervallos do baile, em quanto o estrepito da musica e pés era substituido pelo estrondo, muito maior, da conversação, achou o nosso heroe, a quem chamaremos *Baptista*, aso para dirigir secretamente uma expressão de galanteio áquella, a quem já seus olhos haviam dito muito mais; — um sorriso e um agradecimento de lisongeada lhe-deram novos brios para o segundo entreacto; — ousou proferir a palavra *amor*; viu córar, e segunda vez sorrir; — apertou uma formosa mão de quinze annos; e desde logo deu a sua felicidade por infallivel. Pergunta-lhe o nome, *Anna;* — estado, *solteira;* — residencia, *outro casal*, arredado meia legua, em sitio para elle desconhecido; mas cujas confrontações se-lhe-dão tão explicadas, que bem se-deixa vêr, quanto a sua visita será bemvinda: — no casal, accrescenta Anna, só vivemos minha mãi e eu; — minha mãi trata da casa: eu..... de dia guardo no monte o nosso gado; á noite serão com minha mãi; ás vezes sosinhas ambas ao pé da lareira, o que é triste; ás vezes tambem acompanhadas de algumas môças visinhas, que assistem a um quarto de legua de nós: — com duas d'ellas vim eu hoje, e havemos de nos tornar junctas; sem isso houvera perdido este noivado; e agora vejo que era uma pena.

Recomeçou a dança; *Baptista* excedeu-se, se era possivel. A rabeca pareceu animada de todo o fôgo, de todas as côres brilhantes da aurora de uma paixão. Communicou mais vida, mais alvoroço aos dançantes: — e *Anna*, cada vez que no vertiginoso corrupio passou por juncto do menestrel, teve sempre um olhar, um movimento, um modo, que exprimiam alguma coisa mais do que só contentamento e gratidão. O arco de Cupido, segundo o estilo das academias poetico-arcádicas de D. João V, nunca disparou setas mais rapidas e penetrantes, do que n'esta noite um arco de rabeca. O noivo, desconfiando que tão accesa furia não levava geito de acabar antes do sol fóra, chamou n'um dos breves momentos de folga a *Baptista;* e conduzindo-o ao quintal, depois de alguns preambulos, mui escusados e insignificantes, de que *Baptista* houvera de boamente prescindido, lhe-deu a entender pelos termos menos parvos, que o seu enleio e a consciencia da sua descortesia lhe-consentiram — que era tempo de acabar a festa; e de se-irem cada um á sua poisada. — *Baptista*, que similhante a todos os namorados felizes, não tinha ainda pensado que tanto bem havia de acabar, e a quem (fiai-vos em corações de homens) o pensamento de seus primeiros amores, agôra perdidos sem remedio, veio fazer um eclipse parcial na imagem radiante do seu novo astro; — *Baptista* ficou por um instante indeciso entre a idéa de obedecer ao dono da casa, agradecendo-lhe o bom agasalho, — e a tentação de lhe-desfazer a rabeca na cabeça. — Uma visita a adega, para onde sagazmente o convidou o seu interlocutor, lhe-deu tempo de recobrar o accordo; e graças a uma copiosa libação como preparo para o caminho, a interior lucta, que n'elle se-davam os dois espiritos de João de Marana, terminou pela victoria do anjo bom. Durante esta ausencia a maior parte da companhia se-despedíra; e *Anna* obrigada por suas duas companheiras a retirar-se, e persuadida, como as outras, de que *Baptista* não voltaria, retomára tristemente o caminho do casal.

Tornando a entrar na sala, e vendo-a deserta de quem a seus olhos a-enchia, *Baptista* appetece, segundo elle diz, ao noivo uma boa noite; e sae. A dureza do coração não é o vicio dos contentes de véras. O dono da casa, acompanhando-o até fóra da porta, lhe-diz, rindo, e em voz assás alta para que sua mulher não deixe de ouvir, — que a formosa *Anna*, flôr e inveja d'aquelle serão, era a melhor guardadora de re-

banhos dos arredores: que possuia boas fazendas; excellentes mãos para fiandeira, e uma falla para cantar, que era suspensão a quantos a-ouviam; que lhe-aconselhava, procurasse entrada com a mãi, que bem sabia elle como a donzella se-daria por affortunada de poder gargantear com tão bom acompanhador.

Oh! vida da minha vida,
Quem me déra agora a vêl-a;
Sois o melhor tangedor,
Que tango em Serra de Estrella.

E nisto despediu-se — repetindo-lhe o que elle já sabia ha duas horas — que o casal ficava ao cimo de uma ladeira torcida entre montes; que de dia dois carvalhos grandes abraçados á direita do caminho denunciavam a sua proximidade; e de noite os balidos de seus muitos cabritos, fechados na estacada, attraíam, e encaminhavam por meio da solidão daquella gandra, sem nenhuma aventura de extravio. — Estava a noite pouco lumiosa: *Baptista* começou por seguir destraídamente o triste caminho de sua casa. Mas ¿que ía elle lá fazer? ¿Dormir? ¿Quem dormiu jámais na primeira noite de uma febre aguda de namorado? — Vellar e suspirar, melhor e mais poeticamente se-faz isso no meio do grande theatro da natureza. — Escrever as ephemérides do seu coração, ou uma carta mensageira dos seus affectos e desejos, *Anna* provavelmente não sabe lêr; e elle mesmo, satisfeito com o seu talento de artista, nunca tivera ambição de accumular: — *Baptista* não sabia escrever. — Todos os meus leitores que passaram pelo paraiso da mocidade facilmente adivinham, sem que lh'o eu diga, para onde os passos de *Baptista* involuntariamente o-encaminharam. Cheio de paixão e de vinho, como uma elegia de *Propercio*, com a sua rabeca debaixo do braço, e a sua *Annita* dentro no coração; lá vae com a pressa que o escuro da noite, e o fragoso, e mal sabido do caminho lhe-consentem, pedindo á solidão lhe-depare o templo da sua divindade; rodeando em espirito aquellas paredes, que no alvejar de cada pedra ao longe, já se-lhe-figura descobrir.

Que magoado contentamento o não espera! ¡Não a verá! Não! Não ouvirá, sequer, a sua voz! Nem ainda a taes deshoras embriagará seus olhos com o vislumbre ondeante, que alguma fenda compassiva da porta, lhe-liberalisaria, da candêa, accesa por aquella propria mão, que elle ainda na sua está sentindo tremer. Ella mesma ámanhã não saberá — que elle andou velando e cercando de amor os seus sonhos. — Nenhum vestigio lhe-denunciará a devoção, com que esteve beijando, como um peregrino beija um relicario, as paredes insensiveis, que lá lhe-têem dentro inteiro o talisman da sua vida! não; quando ella se-erguer para saír com a aurora, serena e corada como ella, e como ella festejada por tudo quanto a-avistar, nas pedras de suas paredes, no limiar de sua porta nenhum signal haverá ficado de tantos beijos; nenhum suspiro, dos que a noite houver acolhido no seu regaço, se-fará sentir com as virações matutinas por entre a folhagem: mas haverá gosado elle em tres ou quatro horas de penas seculos inteiros de felicidade. Póde ser até que por entre as delicias phantasticas venha misturar-se alguma realidade: emquanto elle com o ouvido encostado a uma janella, e a respiração tomada, interrogar o silencio da casa adormecida, alguma voz sonhada, alguma palavra dirigida pela filha a sua mãi, algum rugir de um colchão de mimosas folhas de milho seccas e desfiadas, lhe-deixará adivinhar o interior daquelle *Eden*; e ver pelos ouvidos o sitio, o modo, a expressão, os pensamentos da tão lindissima dormente: pelo menos ouvirá balir de perto o seu rebanho; e, se adversas lhe não são totalmente as estrellas, escondido, onde o não descubram, poderá vêl-a passar pela manhã no meio do seu rebanho, pisando alegre o orvalho com as suas tamanquinhas de larangeira, a roca na cinta, uma sombra de cuidado entre o mais lindo sorrir, que jámais desabrochou debaixo de um grande chapeu negro, e aquella cantiga, tão da *serra*, e já tão delle, mandada aos echos pela mais feiticeira voz da *Beira-Alta*

Oh! vida da minha vida,
Quem me déra agora a vêl-a:
Sois o melhor tangedor
Que tange em Serra de Estrella.

Com o crescer destas phantasias — *Baptista*, que todo se ía traz ellas enlevado, e já corria mais do que andava, menos attento ao caminho do que ás estrellas com quem os verdadeiros amantes sempre tiveram uma indefinivel simpathia, quasi se-deixára levar á ventura, quando de repente lhe-occorreu, o que a outro, que não fosse namorado, não teria esquecido um só momento, — examinar se pelos signaes, que lhe-deram, ía ou não realmente no rumo de sua derrota. — Parou, duvidou, quiz retroceder; eis que, não longe, avista á beira do caminho arvores, que bem poderão ser os dois carvalhos; vôa; são elles; e é o sitio; sitio, tão conhecido seu, posto que pela primeira vez agora o-veja, como se nelle houvera nascido. Aperta mais o passo; o coração lhe-pula como querendo chegar primeiro. A gandra, que sobe, se-lhe-representa um suave declivio alcatifado de rosas: para remate de venturas ouve já perto um balido de cordeiro; quem vê o cordeiro não tardará que veja a pastora. Arremessa-se para aquella parte, donde tão amoroso convite o-está chamando. Já devisa a estacada do aprisco: já quasi o-toca. Se não quando.... falta-lhe o chão debaixo dos pés — e acha-se no fundo de um *fôjo*. — Aturdido com a queda, postoque ficasse em pé, e nem sequer houvesse dessobraçado o instrumento, julgou a principio que de alguma bruxa malefica lhe-viria armada a travessura: e occorreu-lhe, que uma velha na bôda não deixára por muitas vezes de o-encarar com expressão de rosto assás problematica: — mas passado o primeiro sobresalto reconheceu — que se-achava no fundo de uma daquellas côvas, que na *serra* se-costumam para caçar os lobos. Alargando á proporção — que se profundam — afim de impedir o remontar aos que nellas cairam, tem a bocca á flôr da terra mal coberta de algumas ramas, que em as-pisando o animal cedem, e despejando-o para baixo, restituem de repente a enganosa superficie: emfim, para attrair a féra, por detraz deste abysmo mascarado enclausuram, durante a noite n'uma estacada segura com sua apparencia de redil, um cabrito ou cordeiro, que saudoso da têta e agasalho materno, chama com suas lastimas o seu inimigo para uma ruina certa. Era evidente a impossibilidade de evitar nessa noite a sua sorte. Tractou de se-accommodar com ella. — Não lhe-ficava sequer o desafogo dos encarcerados, que é o praguejar pas-

seando. — Extendeu-se no fundo do *fôjo* para pensar ainda no casal de tantos amores, que deixava lá em cima na terra dos vivos. Poucas extremas poz a natureza entre as visões dos amantes e os sonhos.

Ia *Baptista* junctamente devaneando e adormecendo, quando sente ramalhar o alçapão do seu carcere, e baquear-se nelle um vulto grande. Ergue-se arrebatadamente — quem é? — nenhuma resposta. — Com os cabellos ouriçados, a testa lentejando de suor frio, e a falla tomada do terror — coze-se com um dos lados da terra — e procura com os olhos, estupidamente fictos, reconhecer o companheiro de sua desgraça: — é um lobo — um lobo grande — um lobo immenso. — Vê-lhe reluzir os olhos como candêas; e áquella ferina luz enxérga, ou cuida enxergar, duas fiadas alvissimas de dentes e colmilhos, bastantes a o-desfazer não só a elle, mas a toda uma sociedade philarmonica. Privado de defensa, de fuga, ou de soccorro; e contemplando a igual e menos encolhida attenção, com que o seu adversario o-parecia estar medindo, procurava na sua afflicção como que embeber-se pela terra da parede, quando um movimento seu involuntario fez resoar uma das cordas da rabeca: — o animal estremece, desanda rapidamente dois passos, que já com grande pausa havia adiantado. — *Baptista* suspeitando então na arte de Orphêu uma occulta virtude; uma virtude centrifuga, desfecha com mão tremula uma *arcada*. Desta feita é o lobo, quem pela terra se-procura embeber: apagou-se-lhe a furia dos olhos; derrubou a cabeça: exprime por mil signaes a consternação. Valente pela fraqueza albeia, *Baptista*, sem se-cançar em afinar, lhe-dispara uma walsa; e observando, que o primeiro effeito se-continúa a manifestar constantemente, o-opprime sob um cataclismo de notas afinadas e desafinadas, capazes de arripiar as proprias entranhas da terra. Era uma verdadeira scena de opera da *Rua-dos-Condes*. Os minuetes, as contradanças, as walsas, as caballetas, os ritornellos, os pots-pourris, succediam-se sem transicção com uma rapidez, com uma fecundidade prodigiosa: de vez em quando despregava os olhos de seu adversario atterrado para perguntar ao alçapão pelo dia, de que só fiava o seu livramento. Mas aquella noite havia jurado durar para elle mais de cincoenta horas. A virtude centrifuga da sua rabeca parecia ter na aurora tanto influxo como no animal. Já o suor, que só o terror a principio lhe exprimira, corria copioso por cançasso.

Já a mão trabalhada com a bôda da vespera começava a desfalecer, quando emfim entrou a manhã a denunciar-se: e ponco depois se-perceberam lá por cima, juncto á cova, passos, vozes, e risadas. — Eram os pastores, donos do *fôjo*, que vinham ver a caça da noite; e maravilhados com a novidade, do que ouviam, entre mil supposições disparatadas se-davam pressa de chegar. Destapado o bocal perguntam para baixo — pela causa de tão estranha festa: — *Baptista*, receando desfazer n'um momento o que a tanto custo havia conseguido, lhes-responde em prosa cantada, pouco mais ou menos, como a do *Dominó*, — e atropellando tres e quatro sillabas em cada nota

« *Noite de horror, qualquer rumor, me faz estremecer*, »

proseguindo, em metros de igual fartura, — que o-tirem d'alli muito depressa, que de tudo logo lhes-dará razão: — accudiu-se a procurar uma escada: encontraram-n'a em um casal proximo, cuja familia igualmente cubiçosa da novidade concorreu, com quantas pessoas por ahi perto se-encontraram, a presenciar successo tão sem exemplo. Coroada estava a cova de gente de ambos os sexos quando, apenas descida a escada, subiu por ella a *quatro e quatro*, mas sempre tocando, até ao ultimo degrau *Baptista* mais morto do que vivo. Apenas resurgido entre rostos benevolos, e cercado da luz de uma das mais formosas manhãs da *serra*, ao largar a rabeca para se-benzer, descobre ao seu lado.... a sua *Anna*. Della era a escada que o-salvára; della o casal visinho; e do pescoço della o macio lenço de algodão escarlata, que de repente lhe-foi offertado para se-limpar do suor. — Foi pois conduzido ao casal, (creio que por ser o que mais estava á mão) onde filha e mãi á porfia lhe-deram um bom almoço, juncto á fogueira para se-desinteiriçar da noite: mil provas não equivocas de benevolencia; e n'um colxão de folhas de milho seccas e desfiadas, cinco ou seis horas deliciosas de um somno restaurador.

Ainda não passaram tres mezes depois daquelle almoço, e *Baptista* é já o marido de *Anna*. A bôda celebrou-se em casa da noiva, onde se-ajustou que ficariam vivendo. O artista, que tanto brilhára em festa albeia, na sua fez prodigios. O lobo, que os noivos não consentiram — se-matasse — pôsto a bom recado, é hoje parte da familia, que o-tracta, quanto a mantença, como a quem é. Os serões do casal têem fama na visinhança, e harmonia, que nelles reina, desejam e esperam todos, que nunca desapparecerá das relações mutuas do marido com a mulher, e do genro com a sogra. *Antonio Feliciano de Castilho.*

ESTADO DA PROVINCIA DO MINHO.

466 A Provincia do Minho, outr'ora formoso e rico jardim de Portugal, apresenta hoje, (segundo nos-informam) uma perspectiva desanimadora. Os gelos do inverno cairam fortes e prolongados, e a primavera, constantemente secca e ventosa, requeimou arvores, que costumavam resistir a todos os rigores. A falta de lenha e madeira, devida ao desprezo, e destruição das matas, cresce quotidianamente; emfim, searas, vinhas e pomares, tudo annuncia a maior escacez; a de numerario porém é tal, que, apezar dos generos agricolas, se-venderem por baixo preço, não apparecem compradores. Assim mesmo (custa a crel-o) a industria e a agricultura, teem-se desenvolvido; algumas tentativas se-fizeram, e não sem bom resultado; que já o trêvo alli se-tornou vulgar, cultiva-se a luzerna, e até se-semeou algum trigo com a palha, pelo modo que a Revista apresentára; e d'onde se-conheceu, não ser o methodo vantajoso em terrenos ferteis, mas sim nos estereis. Este desinvolvimento é devido, não só á universal tendencia progressiva, mas tambem ás alternativas politicas, que teem feito reconcentrar nos seus prédios rústico muitas pessoas que talvez nunca os-tivessem visitados; e que hoje se-entregam aos cuidados da lavoira. O numero d'estas, teria augmentado consideravelmente, se, a segurança individual fosse mantida, e as auctoridades não curassem só de objectos que lhes deviam ser estranhos. Ao governo, e em nome da humanidade, não cessaremos de pedir providencias sobre a segurança publica; fonte de paz e felicidade.

Digitized by Google

467 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 25 ATÉ 31 MAIO 1842.

Dias do mez	Thermometro exterior		Barometro		Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	Estado da Athmosfera.
	Min.°	Max.°	9 h. m.	3 h. t.			
25	52	69	759,8	760,2		^{1}N NO^2	Cl.° e algumas nuv.^{s}— cob.° e claros; muito fresco e sêco.
26	56	72	761,7	760,5		^{1}N NO^2	Id. Id.
27	56	72	759,5	759,0		^{2}N^3	Claro; muito sêco.
28	57	78	757.9	757,3		^{1}N	Id.: quente e sêco.
29	56	85	758,5	758,0		B NE N	Id. muito quente, e sêco.
30	55	87	759,2	758,7		B N	Id. Id. cl.° vaporoso, sol descorado.
31	61	89	759,8	758,5		B N	Id. Id. Id. — Norte muito quente.

Terminou no dia 27 a influencia da 5.ª quadra, decorrendo em geral assaz fria nas madrugadas e noites de 21 a 24, com ventos rijos do NO. Seguiu-se a 6.ª, e ultima quadra do mez, a qual predomina desde 28 desinvolvendo calores violentos que já chegaram a 86.° F. ($25\frac{1}{2}$ R), e vai continuando com o ar muito sêco, e sem ter chovido no decurso de todo o mez. Esta falta de agua não póde deixar de ser prejudicial á vegetação das plantas, e principalmente aos arvoredos, que nos annos regulares recebem grande beneficio das chuvas de Maio, as quaes os-fornecem de alimento para resistirem ás securas que constantemente acompanham os mezes de Junho, Julho e Agosto; sendo esta qualidade caracteristica d'aquelles mezes um grande defeito do nosso clima, que na realidade é abrasador durante o estio pela sua falta de humidade. Segundo as observações que temos feito no decurso de 20 annos se conclue que durante aquella época apenas cáem quatro centesimos da chuva total do anno, os quaes egualmente a $6\frac{1}{2}$ almudes por braça quadrada, quantidade assaz tenue quando se compara com a de outros paizes do nosso continente. Em Paris e na França septentrional, se recolhem, nos mesmos tres mezes, 28 centesimos da chuva annual, ou sete vezes mais do que em Lisboa, vantagem inapreciavel pois que reune na época da producção, os dois mais poderosos elementos fecundantes, o calor e a humidade, cuja falta no nosso clima esterelisa a maior parte dos terrenos que não podem ser regados artificialmente.

Qualidades caracteristicas de um mez de Junho regular, deduzidas das antecedentes observações. — Temperatura das madrugadas 60,4 F. ($12\frac{1}{2}$ R). Dita nas horas quentes 7°,°1 (20.°) sendo por consequencia a variação diaria do calor de quasi 17.° ($7\frac{3}{4}$°). A temperatura d'este mez em *Lisboa*, excede quasi dois gráos Fahr. á que se experimenta em *Paris* no mez de Julho; e é superior de $4\frac{1}{2}$ gráos á de *S. Petersburgo* no sobredito mez. O maior frio que apparece regularmente é de 53.° ($9\frac{1}{2}$), e o maior calor de 88.° (25.°); porém nos mezes excepcionaes já vimos descer o thermometro a 47.° (7.°), e o calor a tingir a 97.° (29.°). A chuva regular apenas sobe a 10 millimetros, ou 3 almudes por braça quadrada, distribuida em 4 dias chuvosos. O número dos dias de calor notavel sobe a 10, e dos dias ventosos a 6.

As duas marés de aguas vivas d'este mez, serão muito fracas, especialmente a que se segue á Lua cheia do dia 22, a qual apenas avultará a tres quartos da maré média regular.

M. M. Franzini.

INFAME RECRUTAMENTO.

468 Em uma d'essas muitas casas cuja existencia é ao vicio e á virtude egualmente indispensavel; em um d'esses antros enfeitados e perigosos, onde ociosidade e devassidão vão sepultar as horas, o oiro, a saude, a consciencia, e o pudor, entravam n'um d'estes ultimos dias duas pretas idosas levando entre si uma pobre moça, cujo lindo rósto de quinze annos poderia servir a um esculptor para modêlo da innocencia. Vendo-a, a corrupta e corruptora mãi de familias fica enleada; não está costumada a presenças como essa; por sua parte a noviça olhando a furto ora para o estranho rósto da velha, ora para os semblantes, e modos protervos e para ella inintelligiveis de tantas damas, que a-cercavam, trajadas como para festa, pendeadas como para baile, e entretanto com mostras de ser esse o seu unico viver; senhoreada de um sentimento confuso de terror treme e vérte lagrimas que ella mesma não intende.

A que nos-trazeis esta menina? — pergunta a maioral ás duas cujas almas eram mais negras que os seus rostos. — Convidámo-la para vossa criada, e o que em vosso nome lhe-promettemos a-decidiu a deixar a casa de outra senhora viuva a quem servia, e a-acompanhar-nos. — Filha, diz a velha, enxugando com uma das mãos as lagrimas á pobre victima, e exprimindo por gestos ás conductoras o seu descontentamento, enganaram-vos . . . sois donzella? — sim. — Quereis tomar parte na sorte d'estas senhoras? — não a sei nem adivinho: — mas . . . outra vez, ainda vos não succedeu desgraça alguma? — Não senhora o primeiro desgosto da minha vida é este, porque todo o que se-passa aqui me-perturba, e, não sei porque, me-faz mêdo. — Parte pois e não voltes. — Partida que foi, rompeu no congresso a mais estrondosa gargalhada; mas a velha fechando a porta e impondo silencio — assim procuram arruinar-me, exclama contra as duas furias, que em pé e attonitas a-contemplavam, assim se-atrevem a trazer uma honrada á minha presença, e as queixas, e a policia, e a responsabilidade? — vão, desinquietem, peitem, tragam, mas tragam o que nos-convém.

Saibam todos, e saiba a auctoridade, que não é isto um romance; estas recrutadoras correm a cidade; e a titulo de contrabandistas, de adéllas, ora sob outros mil pretextos penetram nas familias, e empolgem, como corvos muita pombinha alva, que lá vai penar e morrer no covil da prostituição.

Bem sabemos, tornâmol-o a dizer, que o socêgo, a honra, a boa fama das honestas e virtuosas necessitam de que haja na sociedade estas perdidas, como o aceio e boa apparencia das cidades carece de immundos e escondidos canaes subterraneos; mas basta e sobra que n'esse abismo se despenhem as que a falta de educação corrompeu em flor; as que o exemplo cegou; as que a seducção polluiu; as que o temperamento, o exemplo ou a penúria arrastaram: não sepermitta que andem mãos apostadas enxertando ainda o vicio em muita e muita, que podia ser o encanto do seu sexo.

ERRATA.

Em o n.° 34 a pag. 404, na 2.ª col. linha 39 aonde se diz — do Concelho de Saude Pública sanitaria urbana em Portugal, etc. — lêa-se — do Concelho de Saude Pública, a policia sanitaria urbana em Portugal, etc.

Na Imprensa Nacional.

12.° DA 3.ª SERIE. N.° 36. 9 JUNHO 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sabe ás quintas feiras — Escriptorio, rua da Horta Secca n.° 20 — Assigna-se no Escriptorio e na Loja da Viuva de João Henriques, n.° 1, rua Augusta — Avulso 30 réis: 12 numeros 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis — O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados, e por caso nenhum aos distribuidores — Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Tem todos, e só elles entrada gratuita n'um Gabinete de Leitura do Estabelecimento (segundo o respectivo regulamento), aonde se acham muitos jornaes e escriptos politicos, litterarios e scientificos, em portuguez, francez, hespanhol, inglez, e allemão — Os subscriptores das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes convier — Sobrescripto da Correspondencia: « Ao Redactor da Revista Universal, rua da Horta Secca n.° 20 » — Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade — Qualquer artigo interessante será acolhido com gratidão e publicado — A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se lhe remetta um exemplar — Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o desejar — Tambem no seu Escriptorio se patentearão ao publico objectos de semelhante natureza, que para ali sejam mandados; os quaes serão descriptos no jornal. — Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes. — A distribuição na Capital faz-se em 3 horas — Este numero sahe ás 8 da manhã e será entregue, o mais tarde, até ás 10.

EXPEDIENTE.

☞ Os assignantes, cujas subscripções findam com o n.° 36, queiram renoval-as para não soffrer interrupção na remessa, e os devedores saldar quanto antes as suas contas.

O preço da assignatura é agora invariavelmente de 600 réis por serie, 1200 por duas, 2400 por quatro.

A correspondencia deve vir franca.

Fica suspensa a entrada gratuita no Gabinete de Leitura, excepto para as pessoas que já tem assignado para a Folha até hoje, e isso mesmo só durante o prazo porque até hoje teem assignado.

Tendo o Conservatorio Real de Lisboa resolvido publicar um Jornal Mensal de duas folhas de impressão, cujo primeiro número sairá já este mez, tencionamos offerecer gratuitamente um exemplar a todos os nossos subscriptores, sem todavia nos-obrigarmos a tal donativo. Nos dias em que se-annexar a esta *Revista a do Conservatorio*, o assignante receberá tres folhas de impressão em vez de folha e meia.

O primeiro número da *Revista do Conservatorio* distribuir-se-ha dentro em *tres* dias.

CONHECIMENTOS UTEIS.

469 PETRÓLEO DE ANGOLA.

Havendo sido enviada, pelo Ministerio da Marinha, ao Director da Eschola Polytechnica, uma amostra de *Petróleo de Angola*, para o mandar examinar; os Lentes de Chimica e de Mineralogia da mesma Eschola deram a seguinte informação =

» Examinámos a substancia, que nos-foi remettida por V. S., vinda do Ministerio da Marinha, com o nome de Petróleo = Esta substancia é o Bitume glutinoso — Bitume dos Arabes — Pez mineral — ou Pesasphalto = Pelo calor adquire a fluidez necessaria para se-poder estender em camadas delgadas sobre diversos objectos = Na incineração deixa um pequeno residuo de materias inuteis = Pela distillação dá pequena quantidade de Petróleo, e Acido acético impuro = Esta substancia unctuosa e não volatil póde applicar-se com vantagem, sobre madeira, ferro, pedras, cordas, lonas, e geralmente sobre todos os corpos, que necessitem de ser defendidos da humidade e da ferrugem. = Dissolvida em materias gordas, taes como azeite, cebo etc. póde servir para untar eixos de carros, e de rodas de grandes machinas = Empastada com uma porção consideravel d'arêa torna-se muito solida e mui difficil de inflammar-se — Esta mixtura forma um cimento, que tem sido, ha poucos annos, applicado para revestir terrados e paredes humidas, e salitrosas, tanques, aqueductos, e reservatorios d'agua potavel etc. — é recommendavel para estes fins, porque reune as vantagens de ser impermeavel á agua, pouco pesado, e as obras, que com elle se-fazem, são de facil reparação. = São estes os empregos que nós julgamos mais convenientes para os Estabelecimentos a cargo do respectivo Ministerio. »

Consta-nos, que, ávista das uteis applicações que se-podem fazer d'este bitume, S. Ex.ª, o Sr. Ministro da Marinha, desejoso da publica utilidade, deu as ordens necessarias para de Angola se-mandar vir consideravel quantidade de Petróleo; a fim de ser proveitosamente empregado.

Praza aos Céus, que a respeito de outros muitos productos das nossas Possessões, se-tirem as vantagens, que se nos-estão ha muito e baldadamente offerecendo.

FACIL CONSTRUCÇÃO D'ESTRADAS.

470 É coisa natural em todas as sociedades humanas o levantarem os governados queixas e alaridos contra os que os-governam, e já são elles para nós tão familiares, que por serem tantos, e tão communs nada nos-prestam, senão é que ha ahi algum passatempo para quem os-repete, e os-ouve. Não faremos pois nós n'este ponto novos queixumes: mais que muitos, vão por esse mundo! Daremos como lembrança, o que nos-occorre ácerca da construcção das nossas estradas; nem tão pouco fallaremos da necessidade que ha d'ellas; e do muito que as-estão pedindo a industria, o commercio, e a agricultura do nosso paiz: coisas são, que todos conhecem, e sentem. Haja estradas, que nos-facilitem as communicações, e o tracto da vida: eis a voz unanime, que sôa por toda a parte: é uma necessidade, que por fôrça se-ha-de satisfazer, se-quizermos durar ainda alguns annos como nação: pois satisfaçamos esta necessidade pelos meios mais faceis, por esses que nos-são mais conhecidos; porque melhor é termos alguma coisa, que carecermos de tudo. São impossiveis caminhos de ferro! as estradas á Mac-Adam nem em todos os sitios do nosso paiz se-podem construir! são dispendiosas? . . . . pois façam-se ao menos á portugueza, concertem-se as que estão em ruina; e já teremos algum remedio. — Sejam de largura de vinte quatro palmos, para que dois carros, ou duas seges encontradas possam passar á vontade: dê-se-lhes sufficiente abaulado para as aguas escoarem; mas não tanto como tem a que vai pelo sitio da Pampulha, aonde já se-nos-virou a sege, em que íamos: nos sitios aonde haja espaço, forme-se outro caminho da largura de doze palmos sem calçada; e teremos n'esta construcção tres vantagens. A primeira é a commodidade, que durante o verão, e as estações menos chuvosas, os carros, seges, bestas, e mesmo os viandantes haverão, caminhando pela parte não calçada; a facilidade e pouca despeza, com que se este caminho faz, é a segunda vantagem, que não ha ahi mais que aplainar, e endireitar o terreno com a largura sufficiente para este fim. A terceira, e que nós havemos por de grande interesse, é que, dividido assim o transito, vem a estrada mais dispendiosa a ser poupada mais do dobro de

em duração ordinaria. Bem poderia este caminho ser feito pelos proprietarios, e moradores dos districtos, por onde elle se-fôsse fazendo, contribuindo todos em razão dos seus havéres com alguma ajuda; por esta fórma não seria pezado a ninguem em particular, e a utilidade seria de todos. Um d'estes caminhos se-mandou fazer, e sob nossa direcção foi feito, pelas terras de Queluz até Caxias; e todos por elle transitavam com preferencia á estrada calçada.

O que levamos dicto parecerá porventura a muita gente fóra de tempo; um anachronismo, um retrogradar lá para a era dos Affonsinhos — e o peior é, que nos-achamos tomados ás mãos com estas razões; e temos de confessar que assim é: mas o nosso pensamento não é agora buscar o melhor, o mais moderno, o optimo, e sim, o possivel, o menos máu, o para já; porque a necessidade insta, e aperta pelo mais prompto, e mais facil remedio. *A. S. Resurgido.*

REMEDIO CONTRA VENENO.

471 O Sr. *João José Jara*, de Loulé, nos-informa de ter visto mais de uma vez bons resultados do seguinte remedio contra o veneno de qualquer reptil por mais peçonhento que seja; remedio que foi ensinado por um montanhez, que já de tradição o-recebera e tambem lhe-asseverára ter presenciado casos, em que já havia âncias mortaes, e os doentes se-achavam em estado desesperado.

Uma oitava de aristolochia redonda, ou clematitis em pó; lança-se em tal dóse de vinho que dê 3 ou 4 copos; toma-se um; senão produz effeito, segundo. A maior parte das vezes, ao segundo calix, cae-se como em lethargo, sua-se copiosamente, e levanta-se o doente como quem sae de uma maligna.

UM NOVO CIMENTO.

472 Mr. Jeffery descobriu um cimento para grudar madeira, composto de gomma laca, e da elastica (ou visgo) dissolvidas em naphta, que tem causado a maior admiração em Inglaterra. Muitas são as applicações a que o-destinam, e parece que o Almirantado lhe-vai comprar o privilegio da invenção.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

SANTO ANTONIO.

Junho 13 de 1231.

473 Nunca tomámos a penna para escrever de nossas glorias antigas, que espaço e tempo os não achássemos apertados.

Mas de apertados passam elles a apertadissimos, tendo de fallar do nosso Santo Antonio.

Todos os outros heroes são para os lidos — Santo Antonio é para todos e de todos. Que homem deixou de ser rapaz, que mulher deixou de ser donzella? E que rapaz deixou jámais de dever ao Santo Antonio o mais dourado dia de cadaum de seus primeiros annos? Enthronisando-o entre flores e luzes, aturdindo-o com o pregão festival dos leilões; — alegrando-o com o clarão da fogueira, e estrepitoso fogo de vistas. Não porque o bom Santo tem na mão o livro, — é porque sobre o livro, está sentado um Menino, e Menino e Santo egualmente riem um para o outro.

Que donzella deixou de lhe-queimar sua alcachofra, ou de pôr em sua noite as sortes ao serêno? É porque aquella mesma vista do guapo Menino sobre o coração do bom Frade, singularmente corrobora e insinúa a persuasão de que lhe-aprasem os casamentos. Por isso quasi não ha fonte, nem porta de quinta sem a aventurada Imagem. Não ha casa que a não alardeie: muitas aldêas e povoações se-adornam com o seu nome — e os barcos e navios que nos perigos mais se-affoitam, com o seu titulo e com a sua imagem se-condecoram.

Que digo? não ha sequer nas cidades ou nos campos, tenda ou taberna, que este dia por todos tão suspirado não transforme em outras tantas capellas mui enfloradas, mui radiosas, mui aviventadas, de danças e cantares, ao som da gaita de folles e pandeiros.

Nós, seus patricios, filhos da mesma cidade, nascidos no mesmo dia que elle (15 d'Agosto) e honrados com o seu mesmo nome; não contentes de o-festejar, de velar todos os annos a sua noite até o sol fóra, quizeramos além das capellas de flores que murcham, poder com o ingenho tecer-lhe outras de mais valia, e duração: quizéramos como o auctor dos *Fastos Antoniânos* celebra-lo em versos dignos de Ovidio. Mas a sua tão heroica, tão variada e tão prestadia existencia, por tal arte é de todos conhecida que, não podendo poetisal-a, tambem de a-contar nos havemos por dispensados. De Santo Antonio, com cuja ascendencia se-querem entroncar muitas das mais fidalgas familias d'este reino, existem ainda hoje dois honrosos monumentos; as suas obras escriptas em Latim, de que os theologos, e um dos melhores d'elles, o nosso *Antonio Vieira*, faziam grande conta; e a egreja do seu nome, edificada no sitio do solar da sua casa paterna, junto á cathedral.

Esta edificação, encarregada por testamento de El-Rey D. João II a seu filho, e executada por El-Rey D. Manuel, o generoso apreciador de todas as glorias; — já os valentes alviões philosophicos a-pretenderam em nossos dias demolír, para alargar um pouco mais, uma insignificante praça! Felizmente que tem passado sem effeito por emquanto essa vertigem. Ainda d'esta vez poderá ir a Camara da Cidade festejar o dia treze na egreja e logar onde foram os antigos Paços Municipaes, — mas far-se-ha outro tanto d'aqui a cem annos? d'aqui a cincoenta? d'aqui a vinte cinco? d'aqui a cinco? — sabe-o Deus, que é o unico *phrenólogo*, que sabe conhecer os seculos em quanto estão vivos. Todavia o *apagamento* de uma memoria do Santo que ahi havia na paragem em que se-diz livrou o pai da forca — posto que menos importante, — juncto á tendencia do seculo, faz-nos recear pela conservação da Casa de Santo Antonio.

Sermão temos, dirão tafues, e ainda mal que poderá ser a hereges: se ao menos, como o nosso Santo, houvéramos a peixinhos para ouvintes! é gente que se não converte, diz o Padre *Vieira*, mas ao menos está attenta, ouve e não ri do que não sabe......

A. da Sylva Tullio.

TENDO PEDIDO A VALIOSA COOPERAÇÃO DO NOSSO DISTINCTO PATRICIO, O SR. ANTONIO RIBEIRO SARAIVA, (COMO DE OUTROS MUITOS SABIOS E LITTERATOS) RECEBEMOS D'ELLE A SEGUINTE RESPOSTA.

Londres (13 Marylebone Lane, Oxford-Street), 21 *de Maio*, 1842.

474 Por sobre-maneira lisongeiras, que me-sejam as expressões com que V. me-favorecem, reputar-me-hia indigno da

pouca parte mesmo a que n'ellas me parece ter direito — a de sinceros bons desejos, e verdadeiro amor portuguez da nossa Patria, — se me-julgasse de outra sorte merecedor de tão distincto conceito; no qual imagino que a nossa antiga amisade de algum tanto subornou a V.

Os extractos que no *Portugal Velho* tinha visto da *Revista Universal*, já d'ella me-tinham dado uma elevada idéa; e haviam em grande parte contribuido a occasionar-me reflexões vantajosas á Imprensa Periodica portugueza actual, as quaes estiverá fazendo, pouco antes de receber a sua estimada carta, a um cavalheiro inglez da maior instrucção e do mais atilado juizo. Dizia-lhe: « Que segundo o que via actualmente em boa parte da dita nossa Imprensa, descobria com prazer symptomas de pensar e sentimentos muito mais profundos, sãos, e substanciaes do que n'outra alguma época desde 1820, e mesmo desde os bons tempos da nossa gloria e litteratura. Que me-parecia, e com grandissima satisfação, que os meus compatriotas começavam de novo a beber em suas verdadeiras fontes a só maneira util, bella, impressiva, e realmente eloquente de escrever. Que via, com o maior deleite, como, em vez de procurarem um falso merecimento, morbido gosto, effeito e applauso para seus escriptos, nas extravagancias, na immoralidade, e no paradoxo, como desgraçadamente havia sido tanto em uso na litteratura revolucionaria franceza; os nossos jovens escriptores recorriam a melhor manancial; á VERDADE, na Religião, na Moral, na Politica, e na Philosophia.

« Rien n'est beau que le vrai, le vrai seul est aimable »

é com effeito a mais bella de todas as maximas, em todo genero de litteratura, e quanto a mim, a paráphrase a mais perfeita do não menos sublime

Scribendi recte sapere est et principium et fons.

Á vista d'estas minhas opiniões, bem entenderá V. já, quanto gosto me-dará a leitura da *Revista Universal*, principalmente com os melhoramentos por VV. afiançados. Quanto ao auxilio que posso prestar da minha parte, elle é, desgraçadamente, mui limitado, por minhas curtas faculdades; mas, tal qual me-seja possivel, de todo o coração o-offereço a essa tão nobre quanto verdadeiramente patriotica empresa.

Queira V. agradecer por mim aos Srs. da Redacção da *Revista* a muita honra que me-fazem; e pela sua parte mais especialmente acredite, que não accrescentou pouco ao prazer que me-deu a sua carta, o ter, assim mesmo indirectamente, noticias do meu antigo e estimado Amigo e Condiscipulo; porquem, como por seus Illm.^os Irmãos, conservo e conservarei sempre os mesmos sentimentos que, desde a » *Festa de Maio* », constantemente me-desvaneci de professar.

Tendo á mão o incluso Opúsculo que acabo de fazer imprimir, tomo a liberdade de offerecer esse exemplar a V. *simplesmente como uma curiosidade*; porquanto sei, como devo, que as politicas devem ser livres e nada ter que fazer com as litteraturas, nem com as relações particulares dos individuos. É esse o costume no paiz sob cujas leis agora vivo; e tenho a bom signal que tambem nós Portuguezes hoje isso mesmo, cada dia melhor,

Scimus, et hanc veniam petimusque, damusque vicissim.

Antonio Ribeiro Saraiva.

ESTATISTICA CONJUGAL.

475 Lemos no Castelhano o seguinte.

Um escocez, chamado *Viclaison*, acaba de calcular as probabilidades, que em cada edade tem uma mulher de achar marido. Eis-aqui o resultado das suas indagações.

De 1:000 mulheres, 32 casam de 14 a 15 annos. — 101 de 16 a 17. — 219 de 18 a 19. — 233 de 20 a 21. — 165 de 22 a 23. — 102 de 24 a 25. — 60 de 26 a 27. — 45 de 28 a 29. — 18 de 30 a 31. — 14 de 32 a 33. — 8 de 34 a 35. — 2 de 36 a 37. — 1 de 38 a 39. — Por consequencia uma mulher de 30 annos terá o favor do seu futuro matrimonio uma probabilidade de 18 contra 1:000: e depois dos 40 as probabilidades favoraveis serão expressadas por fracções insignificantes.

TOUROS.

476 De dia para dia se-augmenta a conjuração moral, que por derradeiro ha-de triumphar da *tauromania*. Em nossa mão se-acha uma grande massa de artigos sobre o assumpto; e alguns escriptos pelos mais abalisados talentos portuguezes. Todos successivamente irão vendo a luz. Hoje publicamos o que nos-remetteu o Sr. *V. J. C. Dantas Pereira*, socio, como elle em sua carta nos-diz da *colligação anti-taureira* e só das d'este caracter. É um excerpto do que os *Annaes maritimos e coloniaes de França* trazem, pertencente á circumnavegação da fragata *Favorite*.

Á côrte de Hué-Fou, bem como a do Escurial, mostra-se ávida das crueis commoções do circo. Mas, para vergonha da civilisação, tão preconisada, da Europa, a lucta travada entre o elephante branco do rei, e um tigre do Láos, é ao menos pura de sangue humano no paiz bárbaro. Nada ha mais dramatico, do que a descripção, que Mr. de *Laplace*, o commandante da fragata, faz, de uma d'estas luctas terriveis, em que, tendo o tigre quebrado a corda, podia vingar-se nos spectadores da parcialidade, com que o-tinham entregue captivo, e com as garras cerceadas, ao seu horrendo adversario, cujas enormes defezas estavam, de mais a mais, armadas de pontas de aço. O rei, unico que ficou inalteravel em meio do geral terror, fez um signal ao seu valido, e o tigre aturdido pelos clamores da multidão, foi no mesmo instante estripado, e esmagado.

A MORALIDADE DO NOSSO THEATRO.

477 Como as coisas mais evidentes necessitem de ser por muitas vezes e de muitos modos prégadas para se-acabarem de intender e persuadir: — como o effeito dos nossos esforços para a reformação do theatro seja ainda praticamente quasi nullo: — como, apezar de que já muitas familias honestas evitam ir ao *theatro*, quando se-annunciam *jogos floraes*, *saturnaes*, *e órgias* por spectaculo, todavia os cartazes não só continuem de annuncial-os, senão que em a peça sendo das taes, já lhe-põem o titulo em letras maiúsculas: — intendemos que é dever de consciencia, e necessidade continuar até o fim esta guerra contra o antichristo dramático. Para isso recebemos hoje com gôsto na nossa phalange social e civilisadora a um dos mais vigorosos combatentes da imprensa periodica. ¿ Quem entre nós brandirá com maior galhardia a possante arma do ridiculo do que o periodico dos Pobres do Porto? Tomámos pois a liberdade de transcrever da sua para esta folha o precioso artigo, que segue, no qual, por não offender o effeito total do quadro, conservamos até, o que a nossa redacção em nenhum caso costuma consentir, isto é, as referencias e as allusões politicas.

CARTA DO ENXOTA-CÃES DO PALACIO DAS CORTES AO BARBEIRO.

Já lhe-disse, Mestre, que a minha futura era tentadissa com as bellas artes, e por isso em havendo, cartaz de letras gordas, que annunciem Peça romanti-

Digitized by Google

ca, entra a mulher no esterico dramatico; arde em desejos de assistir ao Normal, e não ha resistir-lhe.

Hontem me-convidou ella para a-accompanhar, e mais á Mãe que a-pariu, ao theatro Normal da rua dos Condes, a ver a grande Comedia intitulada — As Primeiras Proezas de Richelieu. — Bem sabia eu que as taes Primeiras Proezas eram indignas de serem presenciadas pela porção feminina da Sociedade; e por isso lhe-torci o nariz ao tal convite, por maiores que fossem as cócegas que eu tivesse de não perder de vista a minha futura metade; mas eis que o calhamaço da Mãe, sorvendo atrevida pitada, me-disse — Ha homens bem quizilentos! e bem antiquarios! Se o meu futuro filho não quer acompanhar-nos ao Theatro Normal, não faltará quem nos-dê uma data de braço; não se-incommode V. S.ª.... concluiu ella com certo ar desdenhoso e de ridicula importancia!

A Prole, vendo-se auxiliada pela Bujarrona da Progenitora, disse: *Mon cher*, é mister que o Ente ao qual com assás de *plaisir* vou unir em breve a intellectualidade e corporalidade, que constituem aquillo a que chamamos a existencia, se-dispa de certos prejuizos que *antipodizam* o Progresso, e nos-fazem passar por anachronicos. Na infancia dos conhecimentos uteis, semi-sabios houve que escrevêram que o theatro era a eschola da moral; eu cá sou de opinião adversa, e tenho que os *divertissements scéniques* não são mais que um recreante nocturno; e n'isto me-encosto ao *bon goût* das intellectualidades modernas.

As pessôas do grande tòm, cuja missão é *prosperisar* o Seculo das luzes, não *frequentizam* o Palco *scénique* para aprender a doutrina christã, nem a Cartilha do Mestre Ignacio, ou os preceitos anti-diluvianos do Larraga; mas para distraír a porção imaginativa; e dar um choque aos *seios d'alma*. *Mon cher*, *point* de antiguidades, *point* de bizonhices! a natureza não retrográda, e o Seculo das luzes, auxiliado pela *égalité* e pela *liberté*, trepida para o Pantheon da *Perfectibilité*. Eu cá sigo a eschola romantica, a clássica me innoja; e n'isto faço opposição *systématique e consciencieuse* ao Cantor de Echo e Narciso, que se-está *charlatanisando* fortement. Tornaremos ao assumpto.

Então a Mãisinha, dando meia volta á direita no sophá á redonda corpulencia, disse — pouco poderei accrescentar ao que acaba de expender tão victoriosamente a litteraria da minha Joia! Bem vejo que a questão é fulminante! tracta-se nada menos que de retrogradar aos carunchosos tempos do Convidado de Pedra, e da Nympha Syringa; em que o Diogo da Silva dançava o *Londum* chorado com a Maria da Luz. Sr. Enxota-Cães, eu cá prefiro a Torre de Nesle, a Maria Tudor, o Cabrito Montez, e a Adelaide dos 8 tostões. São chefes de obra! que lances! que jôgo de scena! que choque de paixões! Aquelle Victor Hugo e aquelle Dumas são os meus homens, menina *Alavant, alavant*. Vamos de pressa, que hoje ha-de haver enchente real. —

Já se-vê, Mestre, que fiquei assim com cara d'asno! quiz entrar na discussão; mas, além de não haver tempo, o meu projecto matrimonial me-embaraçou! de um lado a Sr.ª consciencia dizia que não, do outro lado a Sr.ª conveniencia dizia que sim; e eisme mettido entre a Sr.ª Consciencia e a Sr.ª Conveniencia, sem saber que voltas daria á minha vida. Estava n'aquella posição difficultosa em que se-acham os Deputados da Nação: muitas vezes a consciencia lhes-diz, vota contra o Ministerio; mas a conveniencia lhes-diz ao ouvido, se votas, lá se-te-vai o empreguinho? ficas sem a promessa da Commenda e sem a esperança da Carta de Conselho! E que faz o illustre Preopinante? fecha os olhos á consciencia, e toma a pitada ministerial. Foi justamente o mesmo que eu fiz para ir com as luzes do Seculo. Se ha Deputados independentes e conscienciosos, porque não ha-de haver maridos conscienciosos e independentes?

Que me-importa a mim, disse eu com os meus botões (emquanto ellas punham o chapelinho de palha) o classico ou o romantico! Que tenho eu com que a Maria Tudor se-prostitua na scena, e a Margarida de Borgonha seja uma mulher devassa e adúltera! Por ventura pertenço eu ás Casas de Tudor ou de Borgonha! Se a Adelaide em vez de fiar na roca anda de noite pelas praças, becos e botequins, á pilha dos oito tostões para sustentar seu pai, que tenho eu com isso! É progresso, e o que é progresso não tem contra. Todos os tempos teem as suas vertigens particulares. Já foi moda matar mouros, assassinar Judeus, queimar hereges! Já foi moda (como disse o Garrett no Prologo de Gil Vicente) pôr fóra de S. Bento os Frades e metter-lhe lá Deputados! Foram-se os fidalgos, e entraram os agiotas; acabaram-se as procissões, e principiaram as lojas dos Pedreiros; disse-o o Auctor de D. Branca: mas esqueceu-lhe dizer, fiz um Theatro Normal como os meus narizes! (*) Theatro onde as raparigas vão aprender a roubar os pais! as cazadas a atraiçoar os maridos, e a envenenar os amantes! e os filhos-familias a doutorar-se na Polytechnica da Azambuja! Porém é n'isto que está o grande tom! Andemos lá com o tom!

Vamos ás proezas de Richelieu, disse eu ás Senhoras que já estavam empalhadas, e então colloquei-me no centro das duas entidades romanticas, e dei comigo n'uma friza do Normal. Durante o *trajecto* do domicilio ao Theatro não aconteceu coisa *remarcavel*; apenas a bojuda da minha Sogra me-foi fazendo a narrativa do seu estérico, e a menina a do seu nervoso, que (dizia ella) lhe-alterava a mobilia intestinal. O Theatro estava extraordinariamente cheio de romanticos de ambos os generos. As Proesas do tal Richelieu foram brilhantemente applaudidas! A prostituição recebeu as honras da illustre assembléa! e as meretrizes alcançaram um triumpho que ha-de augmentar o seu arruamento.

No intervallo dos entre-actos várias notabilidades de Agua de Colonia vieram tributar os seus respeitos tanto á mãi como á filha, que me-pareciam duas Princezas de Bastidores, no modo e maneira com que respondiam ás veneraveis saudações. A minha futura fez a anatomia litteraria da Peça, no que foi apoiada por um sugeitinho de perinha, que pareceu ser do Real Conservatorio, o qual disse: esta Peça foi prohibida pelo meu Conservatorio por causa do Visconde de Villarinho, que a-reprovou, mas apesar d'isso, *por or-*

(*) Nem aqui houvemos por licito desfalcar esta graciosa carta, sem embargo de que por nenhum modo havemos por justa a censura feita ao Sr. Garrett. O Conservatorio, com todos seus defeitos reaes, que não são poucos, e com todos os seus defeitos pessoaes, que são innumeraveis, foi uma instituição boa e de incontestavel gloria para seu auctor: este Conservatorio foi o mais que entre nós se-podia por então fazer.

dem superior, foi á scena na Quaresma para supprir o vácuo das procissões. É cheia de bellezas e de lances dramaticos! O Villarinho esquentou-se e pediu a demissão! — A minha Sogra, desviando-se da estrada dramatica e mettendo-se na Politica, perguntou — que havia de novo sobre o Tractado de Commercio? Consta que está prompto, respondeu um dos visitantes.

Muito estimo, disse a pedantissima Senhora, eu cá sou toda commercial, e apaixonada do Porto Franco. Pois, Excellentissima, disse o tal sugeitinho, hoje jantando no Hotel de Madame de Belem, me-assegurou certa Personagem, que tem relações com os Ministros, que o Tractado tinha já sido approvado no Concelho de Estado, e que era assignado na Sexta feira 20 do corrente. A minha futura exclamou! — Que fatalité! Querem adrède holocaustisar a industria sobre as aras do commercio! Eu cá, todos sabem, que sou apologista da industria, não só por amor dos lanificios, mas por sympathia que tenho ao bicho da seda! Desgraçado Portugal! — e suspirou, pedindo lhe claudicassem a porta da friza por causa do ambiente, que incommodava.

N'isto chegou o meu visinho Boticario muito satisfeito, e disse: Excellentissimas, com o mais profundo acatamento e respeitosa servidão. Temos as melhores noticias eleitoraes. Agora mesmo acabo de fallar na Plateia com certa pessoa que está no segredo, e que me-disse tudo. A maioria é Cabralista, mas a minoria não ha-de ser pequena nem pacifica. As 3 opposições vão ser representadas, e trabalham muito. Os Palradores hão-de ser os mesmos das anteriores Legislaturas, com mais uns 20 ou 24 novos. Parece que, se a maioria for Cabralista, como me-asseguram, deixa o paiz certo sugeito, cujo nome por ora se não diz. Excellentissimas, não me-posso demorar que levo aqui um unguento para a linda Emilia pôr n'um calo que a-persegue; — e foi-se, dando as boas noites.

Mestre, eu estava morto que se-acabasse o *Campo dos desafios* para me ver livre do tal sugeitinho da perinha, que não largou toda a noite a minha futura. Ha homens bem incommodativos! É verdade que eu não perdi de vista a minha futura metade, mas aqui para nós que ninguem nos-ouve, estou imbirrando muito com estas visitas de camarotes! E logo os maldictos são tão estreitos! nada; logo que eu estiver senhor da pequena e do contrapêso do dote, arrojo-me ás reformas e dê no que dér. Hei de ridigir um prospecto de Constituição matrimonial, na qual hei-de reservar o *veto* cá para a pessoa. Nada de duas Camaras matrimoniaes; uma só, e é bastante! Tambem não quero Concelho de Estado: similhante instituição no systema matrimonial é perigosa. A menina tem de se-ver grega comigo. A primeira que eu faço emigrar da porta para a rua, é a tola da Mãi, que, porque creou a filha, ha-de querer dar leis em minha casa! nada, nada, isto não faz conta.

Mestre, a noite de hoje tem-me causado seu desgôsto! Que quer que lhe-faça, se eu embirro com o tal romantico! Depois de casado não quero mais Normal. Eu bem sei que vou ter barulhos, arrufos, lagrimas, protestos, e mesmo ameaços de fuga, de separação, de divorcio; mas eu hei de pôr a albarda no lombo da rapariga, não usando do meu poder absoluto, mas por fórmulas constitucionaes, que é o que está em moda. É verdade que a Mãi com o seu caracter *nacional* me-ha-de fazer guerra; que o Primo com o seu *constitucionalismo* ha-de grazinar; que a Tia Monica, que é *revolucionaria*, ha-de dizer trapos e farrapos; e até a Comadre, que é *Portugal Velho*, ha de fazer parede contra mim: mas como eu tenho na mão o dote e a caixa do dote; como eu posso despedir os criados, se elles se-pozerem a favor da minha futura; como eu finalmente a-posso ir domesticando, já com uma prenda de filó, já com os brincos e com os anneis, a mulher por fim ha-de sujeitar-se a ser feliz e classica. Em fim, Mestre, tudo vai da força e do geito. São horas de me-deitar; tenha saude, e não meperca o amor. Visitas á tia Michaela.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

478 Em INGLATERRA não vão as coisas com grande prosperidade. Juncto a *Peshaward*, cidade na India por elles recémperdida, segundo contámos na semana passada, 500 soldados do seu exercito cosmopolita foram mortos a ferro, — que foram elles fazer a bórdo do tal chavéco? — perguntaria o velho da comedia de Moliére. — Continuava em Londres a dar cuidados a recusação da França quanto a reconhecer o *direito de visita;* e não menos as novas exigencias dos Estados-Unidos sobre direitos differenciaes. — A muita gente já vai parecendo mui provavel a guerra entre estes dois estados. E é muito para notar que n'esta crise uma grande parte das folhas de Londres se não derrame em ataques virulentos, como aconteceu pelo tractado de 15 de Julho, contra as duas potencias suas rivaes. — Os suicidios multiplicam-se na Grã-Bretanha com uma frequencia medonha.

— Em FRANÇA vai grande fervura com uma novidade, que se pegar e passar ás outras nações, virá a fazer grandes mudanças na *politica*, e talvez na civilisação. As mulheres pretendem, não, como ha alguns annos se-propoz, administrar pessoalmente, como os homens, os públicos negocios, nem ainda votarem ellas mesmas para deputados, e mais cargos electivos, (o que não seria desarrasoado) mas sim *influir* nos eleitores para que as preferencias recaiam em pessoas, que mereçam o seu beneplácito. Já para isto se-acha organisada uma numerosa sociedade feminina, que se-corresponde com os jornaes; e de cujo grémio, chegada a época das eleições, se-derramarão emissarias para todas as cidades e pontos notaveis do reino; lá, por via de bailes, festas, etc., procurarão, a todo o custo, fazer triumphar os seus candidatos, que serão de edade de 30 a 36 annos, bem apessoados e eloquentes. — Emquanto assim as damas ancêam pela gloria de abrilhantar por dentro o estado, os guerreiros por fóra lhe-seguram as conquistas: em *Argel* o *emir*, *Abd-el-Kader*, seu incançavel inimigo, havia padecido novas derrotas em sua gente, novas perdas em suas munições.

— A HESPANHA labóra n'uma crise ministerial. Um voto de censura, lançado no dia 28 do passado pelas camaras ao ministerio, obrigou-o a pedir a demissão. Os trabalhos interromperam-se; mas até ao dia 2 do

corrente, de que temos notícia, ainda o negocio não tinha chegado a desenlace.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

479 *Diario do Governo de 2 de Junho.* — Ordem de pagamento de uma quinzena de pret na 1.ª e 6.ª divisões militares. — Lista dos nomes das pessoas que no Brasil subscreveram em beneficio da Villa da Praia.

De 3 dito. — Decreto mandando crear uma commissão nos Açôres para intender nos conflictos da alfandega. — Continúa a lista dos subscriptores do Brasil. — Venda de bens nacionaes.

De 4 dito. — Ordem do dia n.º 27.

De 7 dito. — Portaria mandando que o conselheiro *Joaquim José de Queiroz* responda a accusação, que trata um accordam, que lhe será remettido. — Relação de individuos que foram despachados para diversos logares — e outra de devedores á Fazenda.

De 8 dito. — Venda de bens nacionaes. — Annúncio de pagamento dos juros do 2.º semestre de 1841 — das Apolices e Titulos da Junta do Credito Público.

PALACIO DA JUSTIÇA.

480 A semana passada convocou o Ministro da Justiça, aos Juizes de Direito d'esta capital, para o acompanharem ao Convento da Boa-Hora, ao Poto das Almas, a vêr se n'aquelle Edificio se-poderiam estabelecer todos os tribunaes de Justiça. O projecto é tão util quão extenso. Tracta-se de concentrar todo o despacho e expediente das seis varas de direito civil e orphanologico, e dos tres districtos criminaes, fazendo alli tres salas para as audiencias ordinarias, de julgamento, e de jury: gabinétes para os juizes fazerem o despacho das suas varas: outros para os delegados e sollicitadores darem expedição aos feitos da fazenda nacional: uma livraría juridica: e principalmente aposento para os cartorios dos dezoito escrivães de direito e dos nove do crime, álem das mais casas para testimunhas, prêsos etc.

O projecto é grandioso, como dissémos, mas o edificio, despojados os quartos alugados, é um dos maiores que ha no centro da cidade, circumstancia que para o instituto principalmente se-requer. Das vantagens que esta reunião traz á boa administração da justiça, de que tanto ainda se-murmura, muito poderámos dizer, se o espaço nol-o comportasse. A distancia que vai de uns a outros tribunaes, — os cartorios dos escrivães, que andam disseminados por toda essa grande cidade, que não é para as forças humanas corrêl-os todos a pé n'um dia, o que tão graves estorvos causa ás partes, seus procuradores, e ainda aos proprios juizes, advogados e escrivães, tudo isto está requerendo urgentemente a adopção do bom projecto do Ministro da Justiça. O acharem-se alli reunidos todos os Magistrados e mais empregados do foro, para deferirem a quem a elles recorrer, o acautelarem-se os cartorios do fogo, a que bem arriscados estão pelas casas dos escrivães, e mesmo para que o público possa ahi vêr julgar da vida e fazenda de seus concidadãos, nas diversas jurisdicções alli congregadas, prova a utilidade de tal estabelecimento. O edificio escusa grandes obras por ser muito dividido, e affeiçoado para o intento. — Não quizemos retardar tão boa nova aos interessados nos negocios forenses. — Junctamente rogamos que se não levante mão de empenho de tanta vantagem.

ONDE IRÁ ISTO PARAR?

481 De *Celorico de Basto* nos-fizeram presente da seguinte novidade. Um homem casado da freguezia de *Ribas*, d'aquelle julgado, desde muitos annos vivia e vive amancebado com certa mulher, de quem tem tido varios filhos, entre estes uma rapariga de 16 annos, para casar a qual arranjou certo sugeito: na vespera do dia do casamento, este pai monstro, combinado com a sua amazia, mãi da victima, conduz a infeliz filha a um sitio retirado, e na presença da propria mãi, consegue desflorar sua filha, tapando-lhe a bôca com um lenço para que a infeliz não gritasse!!!! Não fica porém só nisto o negocio: o monstro andava cheio de males, communica-os á infeliz victima da sua paternal brutalidade; esta caza no dia seguinte com o novo esposo, que participa destes males; o resultado foi que tanto o novo marido como a infeliz mulher marcharam para o hospital de *Braga* para se tractar!!!! O monstro sollicitou um perdão, que lhe foi dado pela quantia de 60$000 rs. em uma escriptura; constava porém que o Ministerio Público apresentára em juizo a sua querella!

(Periodico dos Pobres no Porto.)

ABUSÃO.

482 Na mesma freguezia de *Ribas*, e no tempo em que os Juizes de Paz o-eram dos orphãos, appareceu ao Juiz de Paz d'aquella freguezia um requerimento em que um criado de servir expunha ao Sr. Juiz o seguinte: — Que a alma de certa fulana lheandava mettida no corpo e o não deixava dormir, exigindo d'elle um sermão e certo número de missas; e como elle requerente era pobre, requeria que esta despeza fosse feita á custa dos orphãos!!! O Sr. Juiz mandou ouvir um tal Doutor Curador, que disse = que não tinha dúvida, consultado previamente o Conselho de Familia!! Reuniu-se o tal Conselho e deliberou que, visto o Sr. Curador não impugnar, era de voto que se-concedesse á alma do outro mundo a graça que pedia, e se-alliviasse o rapaz do pesadêlo!! Prégou-se o sermão, disseram-se as missas, e, graças á orphanología, o rapaz não tornou a ser incommodado com a visita!! Esta galanteria pertence ao anno de 1841. *(Idem.)*

MACRÓBIOS.

483 Ácerca de macróbios, ou sugeitos cúja vida se-estende por uma descompassada velhice, do que bons exemplos tem havido n'este reino, pedimos nós ha já muito tempo, que nos-communicasse cada um, o que soubesse mais digno de vêr a luz, accrescentando aos casos de longevidade as circumstancias da vida da pessoa que para tal podessem ter contribuido. — *Baptistas* fomos e *baptistas* serão todos quantos n'este indolentissimo Portugal pregoarem — que os-ajudem para bem público: — clamámos no deserto. — Só hoje nos-chega a primeira notícia de tal género, remettida pelo nosso correspondente da *Figueira* o Sr. *Bernardo Antonio Cardóso Machado*; porém nua das requeridas circumstancias; que a-poderiam tornar util; assim mesmo a-apresentamos. — *João Ribeiro*, natural da *Aldêa de baixo*, freguezia de *Armamar*, nascido em

1709, casou em 1742; teve muitos filhos; alguns morreram infantes e meninos; e escaparam sete, quatro varões e tres femeas; falleceu em 1824 com 115 annos: — o seu primogénito morreu em 1839 de 96: dos tres, que vivem ainda, *Maria* tem 76 annos, *Joaquim* 65, e *Francisco* 62; a mulher d'este teve um filho depois dos 49 annos. — O dicto *João Ribeiro* chegou ao fim dos seus 115 annos com a vista perfeita, e com todos os seus dentes menos *um*. — Mas ficamos ignorando o principal, que é, a receita ou regimen por onde conseguiu sobreviver tão copiosamente á quanta gente achou no mundo, a quanta cá veio quando elle, e ainda por todo o tempo da sua mocidade.

NOVO MODO DE PAGAR DÍVIDAS.

484 A mãe do guarda do cemiterio grande do *Funchal*, devia uma mulher nada menos de quatro vintens: houve entre ellas altercações sobre o negocio; e a devedora saíndo da pendencia com o lenço rasgado, queixou-se ao administrador do concelho; não tendo obtido por esta via satisfação, na manhã seguinte, 19 de maio, encontrando a credora, atirou-lhe uma pedrada, e deu com ella morta; pelo que foi prêsa. Tomamos esta notícia do *Defensor*, do Funchal.

A EXCAVAÇÃO EM S. ROQUE.

485 Continuando a notícia dos nossos artigos 343 e 374, accrescentaremos que — no dia 4 do corrente seachou a parede, que limitava a casa pela parte da Misericordia. N'ella se-viam os restos da manjadoira, e ao-pé jasiam os ossos e ferraduras de seis *urcos:* dentro na parede, ao desfazer-se, encontraram-se tres moedas de cobre — uma de *tres réis* do reinado de D. João 3.° — a segunda um *sentil* ou *ceitil* de D. Manuel — a terceira e mínima (é das tres a mais antiga) tem de um lado as quinas, e do outro uma cruz de Christo com duas estrellas e duas meias-luas nos vãos; está tão estragada que não ha decifrarem-se-lhe as letras; mas por outras eguaes moedas, que possue o actual dono d'esta, presume elle que a legenda seria: *Alphonsus*, *Rex Portugali*, *Algarbi*: a *historia genealogica* attribue esta moeda a D. Affonso 4.°, quando se não póde saber a qual dos Affonsos pertence, porque antes de D. Affonso 5.° os nossos reis não usavam de números: das que tem em sua collecção o sobredicto possuidor, umas, diz elle, trazem *Alphonsus Rex Portugali*, outras *Alphonsus*, *Rex Portugali*, *Algarbi;* parece por isso que as primeiras são dos primeiros Affonsos e as segundas do 3.° ou do 4.°, porque tinham o titulo de rei do Algarve. — Do mais que apparecer daremos conta.

JOGADOR ASSASSINADO.

486 No dia 30 de maio amanheceu em uma rua da Villa de Palmella, morto de tiro um *José Bento*. ¿Quem o-matou? ignora-se. ¿Mas porquê, ou para quê? poderá sem temeridade presumir-se; anoitecêra jogando em uma taberna da villa; e duráraa o jogo até fóra de horas. — O jogo na taberna!!.. *ignis in igne;* entretanto *George Sand* que é uma grande escriptora, uma philosopha de mão cheia, um *Frederico Soulié de saia*, (quando não anda de sobrecasaca, e chapéo redondo) faz do jogo uma eloquente, e explendidissima apologia. ¡Que vésperas da morte! uma órgia! ¡e que passaporte para a eternidade! um trabalho de cartas!

MÁ APPLICAÇÃO DAS RENDAS DE UM CONCELHO.

487 O concelho de Paiva, segundo nos-informam, está em miseravel estado pela stagnação do commercio; devida, em grande parte, ao abandono das estradas, hoje, improprias d'esse nome; e isto, apesar d'aquelles povos se-acharem sobrecarregados com o imposto chamado do *real da barra;* isto é, d'um real em todos os generos de consumo; e do qual, duas partes, devem ser gastas em obras públicas do concelho. Se tal é, á Junta de Districto cabe toda a responsabilidade, e ao Governo cumpre impor-lh'a.

HORROROSA LICÇÃO PARA CASADOS.

488 Vivia na villa de *Vagos*, *José Barreirinha* e sua mulher, excellente e perfeita creatura: tractavam-se entre ambos com o carinho devido a seu estado; no dia 3 do corrente, querendo elle que uma sua criada fosse para a ponte do *Juncalancho* de que é rendeiro, receber os direitos dos passageiros, oppõe-se a boa da mulher dizendo que queria que a criada lhe fôsse ensaboar umas toalhas do altar do Martyr; replica-lhe o marido que pague a quem lh'as ensabôe, e a criada que vá para a fonte: ella não quer ceder, altercam, e a ponto cresce a disputa, que o marido, terminando com dois bofetões a contenda, faz partir a criada para onde a-mandava; abala a mulher chorando e furiosa, vai-se para casa do *Capitão Cora* seu visinho, este e sua mulher lhe-instam que se-torne para o marido: fingindo ella render-se, lhes-roga que vão adiante abrandal-o e dispôl-o em seu favor, que logo ella os-seguirá. Como se-viu só, toma rosalgar que na casa havia para os ratos, dissolve-o em agua, e bebe! Quando chegou gente, e se-conheceu o crime, foi já tarde, os facultativos prestaram-lhe diligentemente os soccorros, que o lance requeria; mas, segundo nos-escreve o Administrador do Concelho, o *Sr. João Ferreira da Cruz*, de quem houvemos a notícia, fracas esperanças ficavam de a-salvar.

NOVO METHODO DE MEDIR A MORALIDADE ÁS VARAS.

489 Recebeu-se na Redacção d'este *Jornal* uma carta, *sem assignatura*, recheada de *discretos* e *eloquentes* queixumes contra a *impiedade* do nosso escrever: e eis-aqui o d'onde nasceram as lagrimas do *Jeremias* mascarado! — ¡Desperdiçámos com o monstro de *Mattos Lobo* nove columnas de impressão, e nem uma chegámos a gastar com a procissão de desaggravo da freguezia da Encarnação! ¡¡ como se *Mattos Lobo* valesse mais que o SANTISSIMO SACRAMENTO!! O nosso *christianissimo* e *fidelissimo* correspondente parece-nos estar tão consternado — por não termos dado uma columna a cada clerigo da procissão, um parágrapho a cada musico do instrumental, e, ao menos, uma linha a cada pingo de cêra do altar mór, que não nos-admirará — que diligencêe uma nova procissão de desaggravo pela sacrilega pequenez de nosso artigo!!! — Mas sério, sério — ¡¡¿ Não fará mais damno á Religião um só d'estes *Tartufos* imbecis, maltractando aos crentes sem fanatismo, do que uma duzia de ímpios declarados?!!

Digitized by Google

490 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 1 ATÉ 7 JUNHO 1842.

Dias do mez	Thermometro exterior		Barometro		Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	Estado da Athmosphera.
	Min.°	Max.°	9 h. m.	3 h. t.			
1	64	93	759,2	756,8		B SO NO	Cl.° — Cl.° e nuvens grossas; atmosp. vaporosa; calor intenso; e relampagos á noite.
2	66	93	757,5	755,5		B NE SO	Cob.° e algum claro, com appar.ª de trovada. — Calor intenso.
3	68	82	756,7	756,6		V SO²	Id. e borrifos tenues. — Cob.° e algum claro: tarde fresca.
4	63	79	757,3	756,0		V SO¹	Id. até ao meio dia. — Cl.° e alguns nevueiros. — Id.
5	58	79	752,1	752,0		V SO	Id. com appar.ª de trovada. — Id. — Id.
6	60	80	757,5	758,5		B SO	Cob.° até ás 11 h. m. — Cl.° e algumas nuvens. — Id.
7	62	80	760,2	759,3		B SO	Id. até ás 9 h. m. — Claro. — Id.

A ultima quadra de Maio, que appareceu tão ardente, continuou progressiva até 2 de Junho, fazendo subir o thermómetro, n'aquelles dois dias até 93.° F. ($27\frac{1}{2}$ R), o que raras vezes acontece em tal épocha. A 3 abrandaram aquelles violentos calores, apparecendo de tarde a fresca viração marcira, e as madrugadas bonançosas com a atmosphera coberta até ás 9 ou 10 horas da manhã, aclarando depois, e assim permanece. — A falta de chuva tem continuado, apesar de algumas apparencias de trovoadas que se não teem desinvolvido.

ERRATAS.

Em o número 36, no diario meteorologico, em frente do estado da atmosphera do dia 31, aonde se-diz Norte muito quente — lêa-se — Noite muito quente: e na explicação dos phenomenos, que se-segue, na linha 17, aonde se-diz, os quaes *equalmente* a $6\frac{1}{2}$ alnudes — lêa-se — os quaes equivalem a $6\frac{1}{2}$ almudes.

RESULTADOS DAS OBSERVAÇÕES DE MAIO.

Temperatura media das madrugadas 53,5 F. ($9\frac{1}{2}$ R). — Dita nas horas de maior calor 71,9 (18). — Dita media do mez 62,7 ($13\frac{1}{2}$). — Variação media da temperatura diaria 18,4 (8.°). — Maior variação diaria a 14 do mez, 30.° ($13\frac{1}{2}$). — Maior frio a 12 do mez, 46.° ($6\frac{1}{4}$). — Maior calor no ultimo dia do mez 89.° ($25\frac{1}{2}$). — Menor altura do barómetro a 19,750,6 millimetros; maior nos dias 4 e 6, 762,9. — Media do mez 757,8. — *Ventos dominantes* contados em meios dias, N, 29 — NO, 15 — O, 1 — SO, 8 — V, 1 — B, 8. — Dias claros, 17. — Claros e nuvens, 8. — Cobertos e algum claro, 3. — Cobertos, 3. — Nevoeiros, 3. — Dias ventosos, 13 — de frio notavel, 6 — de calor notavel, 7.

Não caiu chuva em todo o mez, e em *Cintra* apenas se-recolheram 4 millim., na noite do dia 5. — Do que fica relatado se-conclue que o mez de Maio decorreu muito secco, ventoso, e de uma temperatura muito irregular, apparecendo em periodos diversos, muito frio, ou muito quente; cujos excessos compensando-se deram em resultado a temperatura media normal, que lhe-compete apesar da sua notavel irregularidade. — Na madrugada de 9, em consequencia da tempestade do norte, que soprou no dia antecedente, resfriou-se de tal maneira a atmosphera de *Cintra*, que appareceu a agua gelada sobre os campos, ainda que com pequena espessura, o que realmente é phenomeno assaz raro no nosso clima, e que muito prejudicou os pomares de limão, que aformoseam as frondosas varzeas d'aquella romantica serra. — Frios menos intensos se-renovaram desde 21 até 24, e logo depois se-desinvolveram as calmas abrasadoras, com que terminou o mez. — Consta-nos, ainda que ignoramos os dias, que em algumas partes da Extremadura houve fortes trovoadas, que deram copiosas chuvas mui proveitosas aos campos, especialmente desde *Torres Novas* até *Santarem*; porém estas nunca se-desinvolveram nos contornos da capital.

M. M. Franzini.

ROMARIA A SANTA QUITERIA.

491 A tres quartos de legoa, para a direita da estrada, que da Villa d'Alemquer vai á d'Olhalvo, avulta, sobre uma pequena emminencia, do logar de Méca, a egreja de Santa Quiteria do mesmo nome. Como apparecesse, (segundo é tradição) a imagem da Santa, sob um espinheiro, que ainda lá se-vê; assim, foi para logo edificado á custa d'esmollas, templo sumptuoso, onde o povo quiz hospedar na sua terra, quem do céu descêra a procural-o. D'entre as varias festas, que alli se-fazem annualmente, é, a 1.ª, a 22 de Maio, dia de Santa Quiteria; e a qual se nos demais annos estivera luzida, muito n'este sobrelevou. Reuniram-se, para cima, de seis mil pessoas, de todas as edades e jerarquias; numeroso concurso, de que os mais velhos do logar não alcançavam memoria: houve em todos os actos religiosos a maior devoção; fóra d'elles, reinou socego; e acabou no dia, sem que, o mais leve incommodo resultasse, dos muitos gados, que alli foram receber a bençam; a qual segundo a crença os preserva de se-derramarem.

LEILÃO DE PRECIOSIDADES.

492 Rua Oriental do Passeio n.° 40 B. — No Domingo 12 de Junho e seguintes, ás 11 horas da manhã.

Varias collecções preciosas. — Uma de pinturas — ha originaes de Julio Romano — de Grão Vasco — de Morillos (este painel talvez o unico de Lisboa) — de Rosa Tivolí — de Vieira Lusitano e Portuense, Fonseca — Ridemeiker — Teniers, e muitos outros com esméro escolhidos: é hoje um dos mais ricos gabinetes da córte. — Outra de gravuras — 6 pastas. — E com quanto seja minguada em número, ha ahi muitas preciosidades. — O Martyrio dos Innocentes — de Raimondi, que se vendeu nos fins do seculo passado por 60 florins, como disse Wattelet — Dictionaire de Pintura, e Gravure — Verb. Gravure: o de S. Lourenço — o Lacoonte de Rosamer, que era raro no gabinete do Rei de França (Encyclopedie verb. Lacoonte), além de muitas outras por Caraches — Guido — Rembrant — Corneille — Augustino Veneziano — Scidlers — Andrans, e muitos outros mestres do seculo 16, 17, e 18.

A 3.ª collecção é de livros espanhoes clássicos e antigos, a mais rica que no seu género tem existido em Lisboa, e que existe actualmente. Será difficil que torne ajuntar-se igual. Outras collecções de Gazetas, de clássicos portuguezes, de edições de 1480 a 1500 etc. etc. etc. Esperamos que os presadores d'estas raridades as não deixem ir para a Inglaterra na fórma do costume.........

Na Imprensa Nacional.

1.º DA 4.ª SERIE. N.º 37. 16 JUNHO 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sahe ás quintas feiras — Escriptorio, rua da Horta Secca n.º 20 — Assigna-se no Escriptorio e na Loja da Viuva de João Henriques, n.º 1, rua Augusta — Avulso 80 réis: 12 numeros 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis — O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados, e por caso nenhum aos distribuidores — Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Tem todos, e só elles entrada gratuita n'um Gabinete de Leitura do Estabelecimento (segundo o respectivo regulamento), aonde se acham muitos jornaes e escriptos politicos, litterarios e scientificos, em portuguez, francez, hespanhol, inglez, e allemão — Os subscriptores das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes convier — Sobrescripto da Correspondencia: « Ao Redactor da Revista Universal, rua da Horta Secca n.º 20 » — Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade — Qualquer artigo interessante será accolhido com gratidão e publicado — A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se lhe remetta um exemplar — Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o desejar — Tambem no seu Escriptorio se patentearão ao publico objectos de semelhante natureza, que para ali sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal. — Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes. — A distribuição na Capital faz-se em 3 horas — Este numero sahe ás 8 da manhã e será entregue, o mais tarde, até ás 10.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ESTRADAS.

(Continuação da pag. 414.)

493 PORTUGAL.

Os ensaios em *viação* são crueis, teem custado centos de milhões de cruzados em Inglaterra, França, e America. As estradas não podem nem devem ser monumentaes, não o-são em Inglaterra, aonde ha as melhores, não o-devem ser em Portugal. A este respeito diz um celebre ingenheiro americano *João Tanner*, que posto uma ponte de pedra seja eterna, mais vale fazel-a de páu, porque custa a terça parte, e ainda que durante a sua existencia se-gaste com ella 50 por cento em reparos, no fim dos 25 annos, os dous terços restantes do custo da de pedra postos a juros compostos, darão para 4 pontes novas das de madeira. e assim por diante.

Ponte de pedra rs. 12.000$ Ponte de páu rs. 4.000$
Saldo 8.000$

Rs. 8.000$ a juros compostos em 25 — 30 annos . . . . 18.000$
Reparos 2.000$ construcção nova 4.000$ 6.000$

Rs. 12.000$ compostos em 25 — 30 annos 26.400$

Se não fôsse a perluxidade e o escrupulo que quizeram pôr na construcção dos caminhos de ferro já os-teriam agora em França. Esta opinião não é minha, é franceza.

As estradas designadas para Portugal sommam 594 legoas, que a 2500 braças por legoa formam 1,485,000 braças, e estas multiplicadas por 3 braças ou 30 palmos que são de mais em muitas partes aonde bastam 20 palmos, darão 4,455,000 braças de superficie para todas ellas. A somma pedida para a sua execução são 5.000.000$000 réis, sairá portanto cada braça a 1$122 réis.

Pouca ou nenhuma statistica temos sobre estas obras em Portugal, chegando a escacez d'ella a tanto, que já ouvi a um Sr. Deputado orando com muita presença de espirito na Camara, applicar para as estradas de pedra, o ápice que é apenas tolerado de inclinação no caminho de ferro. $\frac{1}{1000}$ para $\frac{1}{10}$. 100 contra 1. Em outra occasião fui provocado sem remissão por um digno Par do Reino depois Senador e ora fallecido, que se-reputava a si consumado não só n'este assumpto, mas em todas as transcendencias da sciencia mathematica, para dizer qual era o custo de uma braça do macadamisação, asseverando S. Ex.ª porque tinha feito ou mandado fazer a experiencia, ora que custava 8000 réis ou então pelo menos 4000 réis, disparidade esta que mostra bem a segurança com que fazia a provocação.

As imposições de uma parte, e as exigencias da outra, porque passou a estrada do Porto, e que encareceram os seus trabalhos emquanto duraram, fazem com que d'elles se não possa tirar um termo que possa servir de instrucção. Eu posso asseverar no entretanto que se ella os-tivesse resumido depois da sua reforma que foi pedida ás Côrtes pelo Governo, muitas empreitadas estavam offerecidas para se-effectuarem a 333 réis a braça quadrada. Desde este preço ao de 1122 réis vai uma distancia tão grande, que ella não faz senão corroborar o receio já indigitado de que nós não queremos o soffrivel, o compativel, e o abreviado, mas que queremos o magnifico postoque com o risco de ficarmos para sempre como estamos — sem nada.

Eu não entrei n'estes apontamentos para suscitar o melindre de ninguem, e menos o d'aquellas pessoas ou pessoa por quem tenho deferencia devida ao seu talento e á sua muita probidade; o meu escopo foi e é simplesmente com esse fraco contingente de noticias, que estão ao meu alcance, illustrar na sua parte economica assumpto de tanta importancia. Com esta unica intenção sendo mais do que possivel que seja repellido por diminuto para termo médio o preço que eu acabo de prenotar, seja-me licito assegurar a quem não acreditar n'elle, que tomando um espaço tal como o que vai de Coimbra ao Porto, que são 18 legoas, era e é possivel tornal-o transitavel mais do que medianamente, para diligencias, e recovagem de rodas, pela somma de 40 contos. Esta quantia repartida por 45,000 braças multiplicadas por tres egual a 135,000 braças, dá menos de 300 réis a cada uma. Eu tenho posto 3 braças de largura, mas quem tiver passado por este caminho que tenho andado por vezes com peritos, ha-de ter conhecido que em muitas partes não tem mais de 20 palmos ou 2 braças, nomeadamente em Souto Redondo que tem 15, Ponte do Pico 15 e

12, Oliveira de Azemeis 18, Pinheiro 15, Albergaria 18, Sardão 15, S. João da Azenha 20, Avellans 20, Mealhada 18, Pedrulha 20, e calçada de Coimbra 20. Além d'estes logares ha outras partes aonde ametade da estrada está em travessões de 15 palmos, e outros 15 de calçada. A razão d'esta estreita dimensão em geral é que o grande risco da estrada nova não passou de Condeixa. Esse era talhado com tanta sumptuosidade que ha paragens d'onde tem certamente 60 palmos de largo, que é tudo em seu prejuizo.

Os 40 ou 41 contos mencionados por mim para a estrada de Coimbra ao Porto, cogito eu podiam ser divididos, 12 contos do Porto a Souto Redondo ou São João da Madeira, 14 d'ahi ao Sardão, e d'esta villa a Coimbra os restantes 15. O terreno é comtudo bastantemente accidentado, particularmente desde Santo Antonio á Ponte do Pico, d'ahi a Oliveira de Azemeis, aonde ha a ladeira mais ingreme de todo este trajecto sem exceptuar mesmo a do Rio Vouga. Entre a ultima villa mencionada e Bemposta ha tambem subidas e descidas; ao Marnel o mesmo; ao Agueda idem; e ha a calçada finalmente de Coimbra entrando na cidade pelo poente. Todo este alinhamento é todavia ainda mais intrecortado pelas aguas dos diversos rios que o-atravessam; pois que não se-contam boas e más, pontes e pontilhões, menos de 15 na totalidade da sua extensão. Intento comtudo em conciliar opiniões: accrescentarei que, não obstante estar persuadido de que é factivel sem exercer a ultima parcimonia fazer as estradas todas de Portugal por um preço medio muito menor do que aquelle que está proposto pela *Sociedade das Communicações Interiores*, tambem estou convencido que se as suas idéas forem deixar modelos de construcção viavel, então que nem mesmo pelo preço que está taxado, poderão chegar a satisfazer o alvo da sua ambição.

Apoiarei este dictum que trouxe por abundancia para reforço do meu argumento, na falta mesmo da população, quando a causa não perigasse pelos fundos. Essa especie ainda não foi considerada, e era a maior por onde se-havia de impedir o seu acabamento dentro do praso a que se-circumscreveram. A *Sociedade* propõe-se a fazer 594 legoas de estradas em 8 annos. Para isto se-poder verificar, é preciso fazer 74 por anno. Por calculos feitos por ingenheiros vindos de fóra, e que não submetto para não exhaurir a paciencia do leitor, foi arbitrado que para fazer as 56 legoas do Porto e Caldas eram precisos pelo menos 3200 homens a trabalhar constantemente durante 2 annos, logo fazendo applicação d'estes dois termos serão precisos 8,457 homens para fazer as 74 em um anno. Mas d'estes, na razão de 250 para 400, devem ser separados 3,252 pagos pela Decima que são os unicos sómente, que permanecem no trabalho durante todo anno. Os outros 5,204 que são proletarios não devem trabalhar mais de 4 dias segundo as premissas do programma, e isto faz dividindo 365 dias por 4 que tenham de ser renovados 91 $\frac{1}{4}$ vezes, o que dá 474,865 individuos differentes que teem de contribuir com a sua data quadridia de trabalho. Ora nós não temos mais de 455,944 homens disponiveis, segue-se ou que a obra ha-de ficar por acabar, ou a tarefa dos indigentes ha-de ser elevada a mais do que lhe-está adjudicada ou a talvez 5 dias, ou ao equivalente de 3200 contos, ou a mais de 14 vezes o que pagam os proprietarios.

Os nossos meios são parcos em todos os sentidos, e por todos os lados que se-encaram. Em Inglaterra que é paiz rico, diz Dupin, Voies pub. T. 1. p 30, na falta de outros materiaes, aonde ha abundancia de argila costumam calcina-la, e servem-se d'ella com bom effeito para substituir a pedra. Tambem aonde os declivios são muito agudos (id. pag. 157) e os rebaixamentos por isso muito dispendiosos ou mesmo impraticaveis, costumam em ametade da estrada extender *rails* ou carris por onde um cavallo é capaz de tirar por 3 toneladas de peso, e regularmente pucha por 1 $\frac{1}{2}$ tonelada ou mais de 100 arrobas. Isto acontece em Dundas na Escocia, que é tanto ou mais montanhosa do que Portugal, o que a não priva de ter todas as estradas de que precisa, e que os viajantes gabam por boas. D'estas substituições em que falla este A. é as mais que a experiencia ensinasse, é que era optimo que se-ensaiassem entre nós, que são as unicas pelas quaes se-poderá resolver o problema interessante que se-propoz á *Sociedade das Communicações.*

(Continuar-se-ha).

Claudio Adriano da Costa.

POÇOS ARTESIANOS.

494 O poço artesiano de *Grenelle* em *Pariz*, bem conhecido em toda a Europa, pelo interesse scientifico, que tem acompanhado a sua abertura, ha já algumas semanas, que deita agua tão christalina e potavel como a melhor agua filtrada do Sena. — Assim parece estar por fim esgotada a cama da agua, que antes saía turva e suja.

Tão profundo é aquelle poço, tanto havia, que n'elle se-trabalhava sem se-obter o desejado, que já os periodicos, e quasi toda a gente, se-riam da constancia dos furadores; e por pouco não ficou sendo as obras de Santa Engracia de *Pariz:* mas a perseverança (é o que succede quasi sempre) chegou a final ao cabo com o seu empenho; os que haviam lidado, riram-se; e os que haviam rido, envergonharam-se. — ¿Porque não aproveitaremos a lição? — Uma tentativa artesiana se-malogrou no *largo de S. Paulo*, porque não fazemos segunda, e terceira, e trinta e tresentas? Se n'aquelle sitio o terremoto havia desconcertado o interior da terra, porque não sondaremos outros sitios da cidade que toda ella no verão se-abrasa em sêde e secura? porque não acudiremos áquella adusta Lybia de tanta parte do nosso Alemtéjo? — Obras são estas em cujo abôrto pouco se-perde, e que chegadas ao suspirado termo pagam o seu dispendio com lucro de milhões por um.

NOVA MACHINA DE VAPOR.

495 Diz o *Prapagatum de l'Aube* que Stinzel e Mirlna da cidade de *Gray* no Departamento do *Haute Saône* — França, — inventaram e acabam de construir uma nova machina de vapor, que nem é de baixa nem de alta pressão, mas sim sob o principio de rotação: occupa um espaço muito menor, que as máchinas actuaes da mesma força, não dá logar a perda de vapor pela dilatação, e é tão simples em suas partes, que a-póde qualquer, por menos experiente que seja, manusear e dirigir — O seu custo anda por metade das actuaes máchinas. Até hoje não se-tem construido outras de maior força de 500 cavallos, mas por este invento novo poderemos tel-as da força de 1.000 cavallos!

As auctoridades de *Gray* certificam em um relatorio seu a veracidade do que deixamos expendido.

ASSOMBROSOS E UTILISSIMOS INVENTOS.

496 Em Maio do anno passado fez-se na Eschola Polytechnica de Londres uma experiencia do Dr. *Payerne*, na presença de varias pessoas de eminentes qualificações scientificas, para provar que — é possivel ao homem o respirar dentro d'agua tão bem como fóra d'ella; e cujos resultados obrigam a acreditar que não está longe o tempo de se-poder viajar pelo fundo do mar com tanta facilidade, como pela sua superficie. Conservou-se o Doutor dentro do *sino hydráulico*, (que foi arriado ao fundo do tanque d'agua no salão da Polytechnica), por espaço de *tres horas successivas*, sem a menor communicação com o ar athmosphérico, que estava excluido por uma pelle que tapava efficazmente a bócca do tubo d'ar. — O Doutor affirma que poderá estar acompanhado por qualquer número de homens, no fundo do mar, sem maior incommodo, e pelo tempo que fôr preciso — *verbi gratia* um mez; — e tenciona applicar esta sua invenção ao salvamento de naufragados, e outros trabalhos submarinos: como, examinar o estado das portas dos diques, o costado dos navios, os alicerces das pontes, etc., e só espera pela outorga do privilegio, para começar a trabalhar. — O modo de elle obter tão extraordinario resultado, é infallivelmente a reproducção dos gazes necessarios á conservação da vida; mas, o como elle chega a este fim, ninguem o-saberá, emquanto no privilegio se não vir a descripção. — As experiencias comtudo já provam que o resultado não póde pôr-se em dúvida, porque no fim das tres horas mencionadas, o Doutor appareceu fóra d'agua sem o mínimo signal de ter padecido, apezar de haver levado para baixo comsigo algumas vellas accesas, para próva de que se-póde allumiar nas suas operações submarinas, quando seja necessario. — Este Doutor é o mesmo que lá construiu agora um ingenho da fôrça de 40 cavallos, capaz de transitar com grande velocidade nos caminhos de ferro, sem vapôr, sem caldeira, sem fornalhas, e sem materia alguma perigosa, explosiva, ou combustivel. A Associação Polytechnica próva, n'este caso, o grande beneficio que tira o público de estabelecimentos d'esta natureza: e convém que seja sabido geralmente, que, pelas liberaes disposições d'esta instituição, podem os inventores fazer conhecer a todo o mundo os seus descobrimentos, sem dispenderem a mínima quantia. — E observa-se com prazer quanto o público aprecia o modo, porque os directores desempenham os fins da Polytechnica, ávista da multidão de pessoas que diariamente a-frequentam.

ASSUCAR DE ABRÓTEA.

497 Por noticias recentes da *Grecia*, consta que os Directores da Fabrica Real de assucar de batarraba, no rio de Kaïnurio-Chorio, tem concluido com excellente resultado, alguns experimentos sobre a raiz da abrótea (Aspholdélus de Linneo), que tanto na *Grecia* como no nosso *Portugal* cresce espontaneamente pelos montes, e em grande abundancia; e aqui ao pé de *Lisboa* se-acha em grande profusão pela Serra de Monsanto, d'onde vem a que se-vende nas lojas dos herbolarios: está bem provado que a raiz d'esta planta não sómente dá um assucar de muito melhor qualidade, mas que o-dá em quantidade *seis* vezes maior que a batarraba. — Parece-nos que uma fábrica de assucar d'esta raiz, no interior do Reino, seria uma especulação mui lucrativa para os nossos chimicos e capitalistas. — Pedimos-lhes que prestem attenção a esta notícia.

A HOMOEOPATHIA, E A HYDRIATRIA.

> Non, la méthode hydropathique ne peut pas composer á elle seule toute notre thérapeutique...... Mais c'est une nouvelle acquisition qui vient augmenter les richesses de notre art.
>
> *Dr. Baldou.*

498 Em qualquer ramo dos conhecimentos humanos, sempre que apparecem novidades, ha quem as-receba como evangelhos, e tambem não falta quem para logo as-rejeite: uns e outros erram. Hoje que duas novidades medicas de grande vulto, (e de grande vulto são sempre as novidades em medicina) hoje, que a *homoeopathia*, e a *hydriatria*, nascidas e criadas ambas na Allemanha, n'esse paiz de profundos pensadores, ameaçam a medicina com uma revolução, pareceu-nos conveniente dar a cada uma o seu valôr relativo. Para o público escrevemos; que aos professores da arte nos não atrevemos nós a dizer o que elles melhor sabem.

É a *homoeopathia* um systema que, apesar de ingenhoso, começou por onde devia acabar, e acabou por onde devia começar; começou no gabinete, e acabou na clinica. Além d'este defeito, que é capital, tem outro não menor; e é, a falta de fundamento solido; falta esta que os medicos conheceram logo, antes de o-levarem á pedra de toque das doctrinas medicas, ao cadinho da experiencia. Não foi assim que a medicina começou, nem assim se-tem adiantado.

A *hydriatria* não é um systema scientifico; é uma simples prática: tem o seu fundamento nas experiencias, que seu author não fórça a amoldarem-se a theoria alguma. As meras theorias em medicina passam com mais ou menos rapidez; tem principio na imaginação de seus authores; desenvolvem-se communicando-se aos medicos e com os affagos dos aduladores, com o alvoroço dos amantes de novidades; a final succumbem na applicação, não deixando após si mais do que uma recordação, ordinariamente bem triste, pelo número de suas victimas. Tal é a sorte das theorias médicas. Os factos não; esses não são perdidos para a sciencia; a todo o tempo aproveitam ao medico, que, não deslumbrado por espirito de systema, sabe interrogal-os. Assim começou a medicina, e assim se-tem elevado ao gráo em que hoje se-acha. Já d'aqui se-vê a vantagem que a *hydriatria* leva á *homoeopathia*; mas continuemos.

A *homoeopathia*, com uma pathologia fundada em principios não provados, nem provaveis, apresenta uma therapeutica, que o homem mais melancholico não póde contemplar sem se-rir.

A *hydriatria*, bem que paradoxa á primeira vista, é fundada em factos: isto basta. Mas o paradoxo é apparente, como vamos demonstrar. Elle consiste na seguinte proposição: — Um homem acabando de suar, mette-se em um banho frio, e este acto não lhe-é nocivo. — Para fazer desapparecer o paradoxo desta proposição, não nos-serviremos de provas theoricas, qu·

não convencem o público, leigo em theorias medicas; e mesmo porque sempre admittem réplica; servir-nos-hemos de factos, que são prova irrefragavel. É geralmente sabido que os Russos, depois dos seus banhos de estufa, se-precipitam no gêlo, sem que d'ahi lhes-resulte damno algum; e este facto tem sido adduzido por todos os que teem emprehendido desvanecer os receios, que o methodo *hydriatrico* tem inspirado.

Mas ainda ha mais. Em todas as provincias do nosso Portugal, os rapazes que habitam na proximidade de rios, ou regatos, onde se-fazem reprezas para ajuntar agua, que ha de servir para usos d'agricultura, tem por uso ir, nos dias e horas de maior calôr do anno, correndo desde a sua habitação até o rio, ou repreza, e chegando cobertos de suor lançarem-se logo na agua, sem que disto se-lhes-siga o menor incommodo. Eu o-presenciei muitas vezes, e muitas vezes eu mesmo o-fiz. Alguem dirá que a pelle é nessas idades dotada de grande actividade vital, e por consequencia capaz de reagir contra a impressão do frio. A isto responderemos nós; é verdade: mas em compensação, o suor é neste caso acompanhado de circumstancias, que muito devem concorrer para o máu effeito deste acto; quaes são, a acceleração dos movimentos dos systemas circulatorio, e respiratorio; em quanto pelo methodo *hydriatrico* estes dous systemas se-acham, na occasião do banho, no estado de perfeita tranquillidade; além do que, a applicação do frio é graduada segundo a actividade vital do individuo, e á impressão deste agente se-vai elle pouco e pouco habituando. Ainda mais. Nós estamos usando da applicação do frio, e do frio glacial, a doentes, cuja pelle se-acha com uma diminuição considerabilissima d'actividade vital, como no typho; e diz-se, *Hanemann* o-applicou com proveito na cholera-morbus Asiatica. Á vista disto, ¿será por ventura mais repugnante fazer entrar em um banho frio um homem acabando de suar, que apesar de doente, tem sufficientes forças para passear depois do banho, do que applicar gêlo pisado á cabeça, ou ao corpo de um homem semi-morto, que não tem forças nem para se-voltar na cama? Eis pois a nosso vêr desvanecido o paradoxo.

As medicações homeopathicas não se-prestam a uma explicação: ninguem, afoutamente o-dizemos, ninguem é capaz de nos-explicar como um glóbulo medicamentoso da vigessima, ou trigessima attenuação, produz os effeitos que os homeopathas pertendem, senão pela sua vã doutrina.

Os resultados das applicações *hydriatricas* explicam-se excellentemente por todas as doctrinas medicas, e para isto basta chamar-lhes diluentes, attenuantes, evacuantes, tonicas, ou revulsivas, que tudo isso ellas são, segundo os differentes systemas medicos, por que se-quizerem explicar: e como revulsivas diremos, que attendendo á quantidade de liquidos, que os doentes perdem pelo suor em *Graefemberg*, e ás erupções que durante o tractamento se-manifestam, estas applicações são mais poderosas do que as de que usamos ordinariamente em medicina; além de que produzem muito menos incommodo, e obram em menos tempo, de fórma que com este methodo se-cumpre com o preceito medico de curar *tuto*, *cito*, *ac jucunde*.

Em summa, a homeopathia é um systema *cerebrino*, destituido de fundamentos, e os effeitos da sua applicação são, ao menos, nullos; em quanto a *hydriatria* é um methodo racional d'applicação de um agente therapeutico poderoso, cujos effeitos a theoria mostrou que podem ser mui vantajosos, e a experiencia o-tem confirmado.

Muito mais se-poderia dizer; porém além de que os limites a que somos obrigados, não permittem maior desenvolvimento, o que fica dito é sufficiente para um juizo comparativo. A homeopathia vai decaindo; a *hydriatria* começa, e melhor fado lhe-auguramos nós, pelo que ella é em si, e pelo que já vemos. Os estabelecimentos *hydriatricos* se-multiplicam; contam-se já nos differentes Estados d'*Allemanha*, na *Suissa*, *Belgica*, e *Polonia* mais de cincoenta, em que se-tractam perto de quatro mil doentes; e em *França*, nos-dizem, se-trabalha no mesmo, depois do relatorio apresentado ao Ministerio por o Doutor *Baldon*. Agora perguntaremos nós, e este foi o principal fim que tivemos em vista, quando nos-resolvemos a escrever estas poucas linhas; ¿Porque razão não ha de o Governo Portuguez mandar um medico visitar *Graefemberg*, para estudar este methodo de curar, que tão vantajoso se-nos-antolha, e formar cá um estabelecimento *hydriatrico*? Seremos nós os ultimos em imitar os estrangeiros em cousas que tanto proveito promettem, quando somos os primeiros em adoptar as suas futilidades? Oxalá que não; e que a *França*, centro da civilisação européa, nos sirva d'incentivo com o exemplo que nos-dá na adopção deste utilissimo descobrimento: utilissimo lhe-chamamos, e com inteira convicção, á vista do que lêmos no Manual d'hydro-sudo-pathia do Dr. *Bigel*. Ninguem ignora que as molestias chronicas, que são, em geral, o opprobrio da medicina, conduzem a uma morte prematura numerosas victimas, e ainda quando a medicina empeça ou afaste esse exito fatal, ellas reduzem os que as-padecem a um estado valetudinario, a um viver de dôres e privações, que pouca vantagem leva á morte: ora pois, nessa classe de molestias é que a *hydriatria* faz prodigios. Haja por tanto n'este nosso Portugal um estabelecimento *hydriatrico*, e estou persuadido, que apezar da repugnancia, que os homens em geral, e particularmente os creados na molleza e luxo das grandes cidades, mostram a esta medicação, muitos dos que passam vida amargurada, e todos, depois de verem o proveito que d'ella se-tira, com avidez a-buscarão, e dentro em pouco tempo novos estabelecimentos se-fundarão por todo o reino.

Repetimos, que este meio therapeutico não se-applica a todas as molestias, e já por isso escolhemos para epigraphe aquellas palavras do Dr. *Baldon*; é sim para um grande numero dellas: quaes sejam as que assim se-devam tractar, o medico decidirá; e a elle tambem cumpre fazer na sua applicação os melhoramentos, que a observação, d'accordo com os seus conhecimentos, lhe-suggerir. *A. S. Pereira.*

PARALISÍA DA BEXIGA, CURADA COM TINTURA DE CANTHÁRIDAS.

499 Já lá vai o tempo dos detractores da Medicina; foi moda em Portugal, que passou. Com effeito, a ninguem hoje deixa de maravilhar o grande progresso das sciencias medicas, n'este seculo da expe-

riencia e analyse. E acaso não é para grangear á Medicina o respeito do mundo, o haverem seus professores, ajudados da chimica, arrancado á morte centenares d'enfermos, por meio dos venenos mais mortiferos, e do mais rápido effeito? Ver *Magendie*, triumphando das ameaçadoras tosses hystéricas, e convulsivas com um átomo de *ácido hydrocyanico*; *Fouquier*, vencendo as paralisias (sem affecção primitiva das medullas), dando a *noz vómica*, em seu principio activo, a *strychnina*; *Fowler*, curando as affecções herpeticas degeneradas, as cancrosas, e as rebeldes quartans, por meio das preparações *d'arsénico*; e outros insignes práticos, que com igual fortuna teem combatido cruellissimas enfermidades com venenos, o que lhes-tem grangeado os louvores da humanidade agradecida?

A *tinctura de canthàridas* é tambem um veneno dos mais corrosivos; e com tudo habeis medicos a-teem utilisado, na Allemanha especialmente, contra as paralisias da bexiga: é um d'estes casos o que eu vou referir.

No dia 11 do corrente, fui chamado ao logar das *Gonçalvinhas*, freguezia de *S. André de Mafra*, para vêr o doente *Silverio da Silva*. Disse-me que desde o dia 20 do passado Março, não podia ourinar, sem algália; e na occasião tinha introduzida na urétra uma sonda de goma elástica, por onde a ourina saía, sem elle a-sentir; observando que sempre depunha abundante sedimento. Pelo mais que referiu, do principio do mal, fez-me conhecer uma paralisia da bexiga, e lhe-receitei duas libras de uma bebida murilagmosa, com tres gottas de *tinctura de canthàridas*; e lhe-mandei tomar esta bebida ás colheres, amiudadas vezes.

Voltei a vêl-o no dia 13, e me-disse que sentia vontade de ourinar, que até alli lhe-faltára, e tambem observava força maior na expulsão do liquido pela sonda. Então lhe-ordenei a-tirasse da urétra; eram 11 horas do dia; e deixei o enfermo, com ordem de avisar-me pelo fim da tarde, do que acontecesse.

Veio á hora indicada a noticia de não haver mais ourinado o doente, além de poucas gottas com muitissimo ardor. Receitei-lhe a primeira bebida com seis gottas da *tinctura de canthàridas*: ás nove horas da noite havia expellido duas libras d'ourina, com alguma dysúria; no dia seguinte, 16, deitou duas grandes canadas de liquido, ainda com dysúria, a qual até hoje muito tem diminuido, e promette acabar com brevidade.

O Medico de Mafra, *Francisco d'Assiz de Castro*.

NOVO COLLETE DE SALVAÇÃO.

300 « Em Dunkerque fez-se a experiencia de um collete de salvação, inventado por um Hollandez, o qual, sem impedir os movimentos do corpo nem a manobra nos navios, faz boiar qualquer homem, ainda o mais enroupado, que venha a cahir ao mar.

« As conclusões do relatorio, feito em consequencia das experiencias a que se-procedeu, são:

1.° « Que em todos os casos o collete sustentará em cima da agua a pessoa que o-tiver vestido. 2.° Que não impedirá aos homens, que o-trouxerem, de manobrar, tanto sobre o convéz como nos mastros. 3.° Que em um naufragio livrará a pessoa que o-tiver vestido de ser ferida pelos destroços do navio.

(Recreio das Familias).

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

NAUFRAGIO DE SEPÚLVEDA.

Junho 19 de 1552.

Aqui espero tomar, senão me-engano
De quem me-descobriu summa vingança;
E não se-acabará só n'isto o damno
De vossa pertinace confiança:
Antes em vossas náus vereis cada anno
(Se é verdade o que meu juiso alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.

301 Esta tão horrivel ameaça pôz o nosso grande *Camões*, na *bocca negra*, *de dentes amarellos*, do terrivel Adamastor, quando exprobrou ao Gama a ousadia dos Portuguezes, successores do seu imperio maritimo. Mui á risca a-cumpriu a despojada divindade. É medonha a narração dos espantosos naufrágios das frótas portuguezas, em que todas as historias das nossas navegações fallam. Bem caro comprámos tanta gloria, tanta riqueza, tantos odios, tanta inveja! para hoje nos-revolvêrmos em tanta miseria e desconsolação.... Assim quer Deus que todos os ricos e ambiciosos fiquem vazios. Faz hoje não annos, senão já seculos, que por via do mais pavoroso naufrágio de que ha memória, saltou o valentissimo capitão *Manoel de Sousa de Sepúlveda* n'aquellas infernaes praias da Cafraria, onde depois de mui penosa peregrinação, havia de elle proprio sotterrar os cadaveres de sua mulher e filhos, e depois sumir a desesperada vida n'algum covil de féras. Ninguem haverá que não conheça o lamentavel poêma que d'esta catastrophe escreveu *Jeronimo de Corte Real*. Pois nada mais farêmos (porque nol-o embarga a leitura que d'elle acabamos de fazer), nada mais faremos que pedir para este dia a lição d'algumas paginas d'esse livro tão proveitoso para quem é mortal.

A. da Sylva Tullio.

Pela affluencia de artigos que não admittiam demora nos-temos visto constrangidos a interromper as cartas do Sr. *Herculano* que aliás, pela importancia altissima de sua materia, e pelo respeitavel nome de seu auctor, sobre quaesquer outros escriptos obteriam facilmente a preferencia.

CARTA 3.ª — SEPARAÇÃO DE PORTUGAL DO REINO DE LEÃO.

(Continuação da pag. 395.)

302 O eruditissimo Auctor das Memorias sobre as origens de Portugal e sobre o *Conde Henrique*, segue algumas opiniões ácerca d'estes primeiros tempos da monarchia differentes das minhas. O peso, que o respeitavel nome d'aquelle sabio dá a todos os seus escriptos, obriga-me a accrescentar varias considerações em abono da opinião que, o estudo d'essa epocha e dos seus monumentos me-constrange a seguir.

Destruida, como me-parece ficou, a tradição de haver sido dado *em dote a D. Thereza o dominio* de Portugal, resta averiguar se não se-fundaria em outros motivos legaes o procedimento do *Conde Henrique*, ale-

vantando-se com o condado de Portugal, e convertendo-o em estado independente.

Digo *alevantando-se*, e digo-o mui de proposito, porque esta expressão é a que designa exactamente o facto que resulta dos documentos d'aquella epocha. A somma dos diplomas que colligiu *J. P. Ribeiro* (1) relativos ao governo em Portugal do *Conde Henrique*, levam á evidencia, que emquanto viveu *Affonso* 6.°, seu genro se-considerou sempre como um consul ou governador de Provincia dependente do rei, segundo o systema politico e administrativo da Hespanha, e que por morte d'aquelle principe é que este reconhecimento de dependencia desapparece dos documentos. Não constando, porém, de acto ou diploma algum público a separação legal do condado d'*Henrique*, antes pelo contrario, não se-fazendo menção d'ella no ajunctamento que em Toledo celebrou aquelle monarcha pouco antes de morrer, para deixar a Galliza a seu neto, e fazer acceitar *D. Urraca* por successora da monarchia, póde concluir-se que a independencia do Conde foi apenas uma revolta, que as circumstancias das divisões intestinas coroaram de bom successo.

O respeitavel Auctor das Memorias do *Conde D. Henrique* diz que « a *practica* d'aquella edade parece *em certo modo* favoravel ás pretenções, que os leonezes e castelhanos tiveram a este respeito. Os muitos e grandes senhores, que então havia em Leão, Castella e Galliza, e governavam algum grande territorio com o titulo de Condes, eram sugeitos *como feudatarios* aos reis. . . . » Seja-me permittido dizer que n'estas palavras ha talvez uma notavel confusão d'idéas. Eram as *instituições*, não a *practica*, que, não *em certo modo*, mas *positivamente*, eram favoraveis a essas pretenções. Os grandes senhores que governavam condados eram sugeitos á corôa, não *como feudatarios*, mas como exercendo uma *delegação do soberano*. As instituições feudaes foram essencialmente diversas das da Hespanha christã, central e occidental. Um conde, um senhor, *(Princeps terræ)*, um alcaide de castello *(Municeps)* eram n'este paiz existencias sociaes mui diversas dos duques, condes, barões e castelleiros *(castellani)* dos paizes feudaes. A influencia franceza introduziu na Hespanha muitas fórmulas da organisação aristocrática chamada feudalismo, mas na essencia a índole wisigothica da sociedade hespanhola subsistiu sempre atravez d'essa influencia. É isto o que nos-dizem claramente as leis e os factos, os documentos, os monumentos e a historia.

No seculo 11.° o systema feudal chegou ao seu desinvolvimento completo. Os feudos, amoviveis a principio, tinham-se tornado hereditarios, e a feudalidade tinha-se estendido não só á terra, mas aos cargos, ao serviço publico, a tudo. A perpetuidade foi o seu primeiro caracter: a soberania do feudatario em seu feudo, o segundo. Satisfeitas as obrigações dos serviços do senhor territorial para com o suzerano, elle exercitava livremente em suas terras todos os actos, que n'um governo absoluto dos tempos modernos póde exercitar o rei. O terceiro caracter do feudalismo, que consistia nas relações mútuas entre os nobres e entre estes e o monarcha ou suzerano supremo, era todo, por assim dizer, exterior á organisação interna do dominio feudal. Estes tres caracteres são os que distinguem essencialmente aquelle systema politico. Tudo o mais é variavel, accessorio, incerto (2). Dão-se porém esses caracteres no que se-chama feudalidade hespanhola? Não; porque as instituições do paiz lhes-eram contrarias. O feudalismo invadindo a Peninsula aninhou-se geralmente nas fórmulas, mas nunca póde penetrar no amago da organisação social.

Eu já lembrei o absurdo que resulta de suppor que ao *dote* de *D. Urraca* se-tirou uma porção para dar tambem *em dote* a *D. Theresa*. O mesmo absurdo resultaría de suppor que ao Feudo do conde *Raimundo* se-tinha tirado um fragmento para infeudar a *Henrique*. Mas já na instituição d'aquelle feudo da Galliza occorre outra difficuldade: ou os condes e senhores, que vemos governarem differentes districtos de Galliza e Portugal antes de *Raimundo*, tinham todos morrido *e sem filhos*, quando este foi posto no governo do territorio gallego e portuguez, ou d'este successo resulta egual absurdo. Associar com taes factos a idéa de feudalismo é em meu intender gerar uma monstruosidade; é pretender destruir incompatibilidades indestructiveis; é tirar ao feudalismo o seu primeiro caracter.

A célebre carta de *Affonso* 6.° ao conde *Henrique*, ácerca da demanda que corria entre o bispo de Coimbra e um tal *D. Cibrão* sobre a aldêa de Golpelhares, em que diz que não a *concederá (outorgabo)* ao *D. Cibrão* se-pertencer ao mosteiro de Vacariça (3) sería um attentado flagrante contra o direito feudal, como elle se-achava já constituido n'aquella épocha; sería offender a soberania do feudatário dentro dos seus territorios, se Portugal fosse possuido pelo conde, segundo os principios da jurisprudencia feudal.

Lemos na Historia Compostelana (4) que tendo o conde *Raimundo* feito uma lei para obviar a certas vexações que padeciam os burguezes de Compostela, na qual impunha aos transgressores penas pecuniarias, vindo depois *Affonso* 6.° fazer as suas devoções a Sanctiago, os cidadãos e o proprio consul *Raimundo* lhe-pediram a confirmação d'ella para que fosse valedoura no futuro. Ou *Raimundo*, tendo vindo do paiz do feudalismo, ignorava completamente os principios essenciaes do direito feudal, ou não se-considerava de modo algum como senhor feudatário da Galliza, aliás regeitaria similhante confirmação.

Poderia citar centenares de factos análogos, que estão demonstrando que taes feudatários não existiam na Hespanha. Mas a demonstração capital d'esta verdade resulta da impossibilidade em que estava o paiz de admittir esses extensos feudos.

As situações hierárchicas dos senhores de terras nos paizes feudaes eram n'aquelle tempo diversas. Os *valvassores majores*, ou *barões*, eram os feudatários da corôa; abaixo d'estes ficavam os simples *valvassores* e *castellani*, subfeudatários dos primeiros (5). Esta graduação era possivel em França, por exemplo, porque no tem-

(1) Dissert. Chronol. e Crit. T. 3. P. 1 pag. 33 — a 58.

(2) Veja-se Guizot, Civilisat. en France — desde a Lição 32.ª até a 40.ª, onde a historia do feudalismo é tractada com a profundidade e clareza com que nenhum outro escriptor a tractou ainda.

(3) Ribeiro Dissert. Chron. e Crit. T. 3 P. 1 pag. 49 e 50.

(4) Liv. 1. c. 23.

(5) Hallam-Europe in the Middle Ages C. 2. P. 2. Ducange Verbis *Baro*, *Vavassor*, *Castellanus*.

po das conquistas dos francos nas Gallias, os capitães das hostes *(Hert-zoghs, Koenigs)* tomando para si vastas extensões de territorio as-tinham repartido pelos seus guerreiros. Passando da vida errante á existencia fixa, os barbaros sentiram logo a necessidade do principio hereditário applicado á propriedade territorial. D'aqui os feudos e subfeudos, e as obrigações diversas inherentes aos possuidores d'elles. Mas as hierarchias não se-alteravam á mercê do suzerano supremo: o filho do barão era barão como seu pai, o filho do vavassor, vavassor como este. Os factos que se-possam apresentar de algum modo em contrario, ou foram practicados em terras que fossem primitivamente *allodios reaes* (correspondentes aos nossos *reguengos*) que o rei podia infeudar a um vavassor para o-elevar á hierarchia de *Baro*, ou custaram muitas guerras, incendios e mortes; isto é, nasceram da violencia e da extra-legalidade, e não das instituições feudaes, a que seriam perfeitamente contrarios.

Na Hespanha, porêm, a elevação de *Raimundo* e de *Henrique* não foi resultado de uma conquista. Os territorios da Galliza dados áquelle, e os de Portugal, dados a este para governarem como condes, estavam libertados do jugo árabe, na sua maxima parte, e regidos por condes, senhores, maiorinos, alcaides etc. que, admittindo ser então a organisação politica da sociedade hespanhola feudal, eram (pelo menos os condes) *barões*, isto é feudatários immediatos do rei. E como consentiriam estes *vavassores majores* em passar para a classe de simples *vavassores*, o que de necessidade aconteceria se na realidade se-tivessem creado então estes dous grandes feudos? Como não apparece o menor vestigio de resistencia a essa violação do direito politico do paiz?

Sei que os que imaginam existirem na Hespanha instituições feudaes poderão talvez soccorrer-se ás clausulas, que no pacto successorio entre *Raimundo* e *Henrique* assentam nos principios de direito feudal (6). D'estas passagens muitas outras se-poderiam colligir dos diplomas e memorias d'esse tempo; mas n'este documento, que era um tractado secreto, não admira que os dous principes, sendo ambos francezes, contractassem debaixo dos principios da jurisprudencia patria, ou que, bem como acontece nos outros diplomas, em que se-acham passagens análogas, houvesse n'elle um abuso de terminologia feudal accommodada ás instituições hispanicas, vindo assim a significarem as palavras *ut sis indè meus homo, et de me eam habeas domino*, que o conde *Henrique* ficaria com o governo de Toledo, como conde delegado n'aquella provincia, reconhecendo a supremacia real de *Raimundo* n'esse districto, emquanto Portugal ficava sendo estado separado e independente.

Que se fazia este abuso de termos na Peninsula é incontestavel. O *Feudum reddibile* não existia ainda, n'aquella épocha, porque só appareceu quando, degeneradas as instituições feudaes, a palavra *feudum* começou a servir para indicar todo o genero de transmissão incompleta de propriedade (7). Não podia, portanto, ser conhecido na Hespanha no principio do seculo XII um genero de falso feudo, que se-oppunha á mesma essencia da propriedade feudal — o hereditário e a perpetuidade. Todavia a Historia Compostellana assevera que o arcebispo de Santiago déra ao de Braga certas propriedades *ad tempus pro feudo*, e este declara que as-recebera *in praestimonium sive feudum*, d'onde claramente se-vê que então se-tomava *feudo* por synonimo de *prestamo*, sendo aliás coisas diversissimas. (8). A rainha *D. Urraca*, tendo comprado ao mesmo arcebispo de Sanctiago o castello de Cira, pediu-lh'o depois *in pheodum*, diz o historiador compostellano, e elle lh'o concedeu com a condição de que logo que lhe fosse pedido o-entregasse (9). Se entendessemos, porêm, a palavra *pheodum* na sua verdadeira accepção, não houvera sido impossivel similhante contracto?

A. Herculano.

(Continuar-se-ha.)

CORRIDA DE TOUROS PROGRESSISTAS.

503 De um estudo (ao que parece) aturado e profundo, feito, por alguns individuos, da banda de S. Miguel d'Acha, sobre o spectaculo dos touros; resultou serem alli proscriptos capinhas, cavalleiros, cavallinhos de pasta, emfim todos aquelles modos de tourear, que sombras sequer mostrassem de agilidade, destreza, ou galanteria (se é que em taes coisas as-póde haver); substituindo-lhes um methodo inteiramente novo, e em completa harmonia, com a essencia de taes spectaculos — a bruteza. — Já nos-parece, estar vendo arregalar os olhos do leitor *toureiro-dilletante*, esperando, de queixo caído, pela explicação d'este methodo, que só indicado, tanto o-regala. Pois lá vai. Imaginem-se, dois circulos parallelos, no centro dos quaes existe o touro, e cujas circumferencias são occupadas — a maior, por uma dóse de 20 a 40 doidos, armados com varas de 10 a 15 palmos, munidas de agudos ferrões; e as quaes estando na posição de ferroar, terminam a segunda circumferencia. Depois de se-acharem, o boi e seus contrarios n'esta posição brilhante, ha um prelúdio d'assobio e gritaria, ao qual se-segue uma descarga de ferroadas d'alma, contra o animal-touro: este, como é de crer, enraivecido, começa o seu ataque com as armas que Deus lhe-deu; porém, como se-vê no meio de fógos tão cruzados, anda para cá, e para lá, ao som das gargalhadas dos circumstantes; e o spectaculo toma então a cathegoria de *jogo de papelão;* o que na verdade é bello, é *de effeito*. Segue-se o melhor — o touro encerrado por algum tempo, na circumferencia das ferroadas, escapa-se a final pela *tangente*, e ei-las ao sol as nocturnas tripas d'algum dos gladiadores de vára larga. — D'ahi, esbandalham-se circulos e circumferencias; cada qual foge para seu lado; os que ainda teem juizo, promettendo não voltar, e os *parvos*, tornando ao combate, desejosos de alcançar *a corôa immortal da liça toura;* isto é, ficar como *Origenes*, segundo succedeu a um individuo; ou subir a duas ou tres váras d'altura, com o auxilio d'esse

---

(6) .... tolamque terram, quam obtines modo à me concessam, habeas tali pacto; *ut sis inde meus homo, et de me eam habeas domino.*

(7) Com effeito os documentos em que Ducange estriba a existencia do *Feudum reddibile*, isto é, que o suzerano podia tirar quando lhe-apprazia, pertencem aos seculos 13 e 14. Veja-se tambem *Hallam Cap.* 2. *P.* 1 *ad finem.*

(8) O prestamo, ou aprestamo (praestimonium) era a concessão vitalicia do usofructo d'alguma propriedade. Vide *Viterbo* Elucid. verbo *prestamo, seu aprestamo.*

(9) H. Compost. L. 1. c. 81 e L.° 2. c. 81.

gaz cornigero, ministrado pelas pontas do boi, e caír moribundo: como tambem aconteceu a outro sugeito no dia do Coração de Jezus, ¡egualmente festejado com touros! d'onde resultaram altercações, pedradas, e sangue derramado.

O que se-acaba de lêr é extracto de uma carta que do proprio sitio nos-remetteu pessoa, que havendo touros não falta lá (é fragilidade humana); mas que deseja como homem de bem que os não haja.

AS PROEZAS DE RICHELIEU.

Correspondencia.

504 Ill.mo Sr. Redactor — Lemos em o n.° 33, da muito acreditada *Revista Universal Lisbonense*, a pag. 397 — uma breve, mas acre e forte censura á comedia, que tem por titulo — *As Primeiras Proezas de Richelieu.* — Se não fôra o grave respeito que tributamos á judiciosa e delicada penna do Sr. *Antonio Feliciano de Castilho;* (respeito, de que nos-parece termos já dado não equivocas provas), talvez não rompessemos o silencio e continuassemos, no retiro em que nos-achamos, a curar só da nossa debil, e tão gastada saude. — Porém como licenciámos a comedia, de que se-tracta, e fomos tão curto que nem lhe-enxergámos as torpezas, pedimos, e pedimos com franqueza e lealdade, ao Sr. *Castilho*, que nos-aponte algumas das muitas, em que deve abundar! para sabermos como havemos proceder, para o futuro, em objectos de tanta ponderação.

Protestâmos que n'este pedido não entra o mais pequeno vislumbre de despeito; — e que a nossa humilde e mal aparada penna, é unicamente guiada pela mão do respeito.

Esperâmos, que o Sr. *Castilho*, nos-responda com a inteireza que o-caracterisa, dando de mão ás nossas relações de collegas e amigos: — pois assim o-desejâmos.

Havemos defender-nos, com modestia e sem violencia; — e havemos confessar nossos erros, se os-houver, com sinceridade e franqueza: — somos homens e tanto basta para não deixarmos de os-ter.

Tambem muito respeitâmos a moral pública, e a-temos na devida consideração; porque de ha muito estamos convencidos que a sua falta é a funesta e desgraçada origem da maioria dos males de todos os povos. — Se concorremos para o envenenamento da moral do povo, declarâmos que foi muito contra gosto nosso; e se o-fizemos, a falta esteve da parte do nosso intendimento, e não da nossa vontade; — e é por isso que pretendemos ser esclarecidos. — Confiando muito na illustração e bondade do Redactor da *Revista Universal*, esperamos que, com a brevidade possivel, faça vêr a luz pública a esta pequenina carta. — Estamos certos de que o Sr. *Castilho* se-prestará de muito bom grado em satisfazer, com promptidão, ao justo pedido do seu — Attento venerador sincero e obrigado amigo.

Logar da Piedade, ao Sul do Téjo, em 27 de Maio de 1842. *Francisco de Borja de Carvalho e Mello.*

505 Por nenhum caso déramos nós de mão á amisade que, ha tantos annos, nos-prende com o Sr. *Carvalho e Mello*; assenta em razões fortes de litteratura e em razões fortissimas de gratidão: ha-de durar sempre. Como entretanto entre amigos seja licito o discrepar, usaremos como elle d'esse direito, e acceitando o seu convite apontaremos algumas particulas do immenso, em que se-funda a nossa e pública reprovação ás *Proezas de Richelieu*.

Por tres modos principalmente póde a comedia peccar contra a moral. 1.° Redusindo a problema os bons principios (é esta a peior balda de muitos dramas e romances modernos). 2.° Descobrindo aos olhos de todos muitas d'aquellas coisas, que supposto sejam naturaes, devem constantemente andar veladas, do que resulta entre outros males o anteciparem-se os conhecimentos aos desejos, e os desejos á edade; duas infames desgraças, qual a qual mais deploravel. 3.° Confeitando com todas as seducções da imaginação os incentivos lúbricos. — Ora de tudo isto se-encontra com abundancia na façanhosa comedia. A honra do sexo, de quem nascemos, de quem e com quem vivemos; e por quem nascem e se-criam nossos filhos, ahi é posta não só em problema mas em quasi absoluta negativa. — No aposento das *damas de honor* pernoita quem protestou abusar de todas as mulheres e o-sabe cumprir: — uma viuva recem-casada, e uma solteira, que pretende casar, vem, como fazenda de contrabando, procurar em sua casa a esse mesmo peralvilho; e consentem em se-deixarem encurrallar cada uma em seu quarto, resignadas ou antes dispostas ao que dér o trunfo. — A joven duqueza de Richelieu, que, segundo a escriptura matrimonial, as ordens severas de sua mãe, e a vontade de el-rei, não deve por falta de edade ajunctar-se ainda com o marido, atropella todas essas considerações, e por pouco se não consuma em scena o matrimonio. — Finalmente, duas unicas personagens apparecem por parte dos bons principios; a duqueza de Noailles, e o barão de Belle-Chasse; mas a duqueza de Noailles tola e ridicula, e o barão de Belle-Chasse ridiculo e tolo: toda a finura e amabilidade estão da parte dos seus antagonistas. Mais alguma coisa; — por elles está tambem a fortuna: o barão por não gostar que o-deshonrem na pessoa de sua mulher, leva uma estocada; a duqueza fica burlada nos seus dois maiores empenhos, que eram o guardar a filha, e o defender a honra das damas do paço; mas o duquesinho! esse, além de conseguir tudo isto, e muito mais, obtém em recompensa um commando militar, com cuja noticia conclue a peça, dizendo-se que lá vai elle continuar as suas façanhas.

Tudo isto é grave, porque ha na sociedade um número grandissimo de pessoas, que por seus poucos annos, por sua creação ou nulla ou viciosa, por suas propensões desordenadas, por suas theorias erroneas, ou pela força dos maus exemplos, preferem decididamente o ruinoso agradavel ao solido e severo, e a máscara envernisada e caduca do *bom tom* ao thesouro fecundo e permanente dos bons costumes. De dez mancebos spectadores apenas achareis um que não inveje cordealmente as fortunas do duquesinho; e que da sua tão bem succedida pratica não componha logo um systema, que não só irá accommodando ás occorrencias reaes; mas para o qual, quanto lhe-for possivel, procurará ir chamando e torcendo os successos da vida, assim dentro na casa paterna como em todas aquellas, onde por ainda não conhecido, se-lhe não fecharem as portas. Ao fundo porém immoral accrescem n'este spectaculo formas inteiramente dignas d'elle — Não ouvimos, não, as palavras grosseiras do poema do nosso segundo *Camões* ou do poeta *F. do Porto*; mas na falta das palavras lá estão as coisas; e os misterios mais recônditos da sensualidade lá apparecem descobertos; que o-digam tantas faces de donzellas, que os *lacateriamos* da platéa ahi teem visto todas as noites córar, e esconder-se por detraz dos leques: que o-digam os risos e applausos da parte mais corrupta e menos bem creada d'essa mesma platéa: que o-digam as castas mães de familias que no meio da representação se-teem visto indignadas desertar dos seus camarotes; que o-diga n'esses mesmos camarotes a affluencia sempre crescente de mulheres pelo menos equivocas; que o-diga a sisudez com que a grande maioria dos spectadores suffoca no fim do spectaculo algumas palmas impudentes que procuram rebentar. ¿Citaremos provas mais directas? recordaremos dictos e acções dos actores e actrizes? A honestidade do papel o não consente.

O nosso collega e amigo, o Sr. *Carvalho e Mello*, licenceou as *Primeiras Proezas do Duque de Richelieu*: seguir-se-ha d'ahi que haja n'elle insufficiencia moral ou intellectual? — Não. Consta-nos que elle apontára no manuscripto muitos trechos para serem riscados ou mudados; os quaes outra censura depois, menos austera, deixára passar incólumes; e isto que nos-consta perfeitamente concorda com a opinião, que d'elle temos; pelo que não só o-acreditamos, mas o-annunciamos com prazer.

Quanto ao total do drama, parece-nos, que o illustre censor, namorado das bellezas theatraes do opúsculo (e todos sabem quanto o Sr. *Mello* é adorador e benemerito da arte scenica) ou não attendeu á consideração moral, ou por uma parcialidade artistica, facilmente explicavel, lhe-deu vénia: em todo o caso fica certo que o Sr. *Mello* não viu ainda em scena as *Proezas*; e que o seu mau estado de saude, e o retiro, em que por isso vive, teem sido os unicos motivos de não vir elle mesmo com o seu ponderosissimo voto corroborar o nosso, que é tambem o de toda a parte sã e intellectiva do público. Possa elle vir um dia contemplar este formoso monstro litterario,

que ainda continúa a mostrar-se, posto que já quasi no deserto. Procure sentar-se d'onde descubra mocidade de ambos os sexos, e com os seus profundos conhecimentos de naturalista e moralista examine por si mesmo, o que muitos já teem examinado e assentado, os energicos effeitos das palavras e acções do joven prostituidor, de mais a mais representado por uma graciosa e interessante actriz. Pelo menos confessará que o seu collega *Tissot* não deixaria, se tal visse, de accrescentar o seu livro com um capitulo fulminante. O Sr. *Mello* tem, julgamos nós, a desgraçada fortuna de carecer de filhos e filhas; se possuíra um ou outro d'esses agradaveis encargos não haveria mister das provas da representação; por instincto mesmo teria adivinhado todo o mal de tão arriscados passatempos.

Esperamos que o pouquissimo, que deixamos indicado, nos desobrigue de uma analyse rigorosa, para que não temos tempo nem vontade. Tambem não receamos ser a ella constrangidos, porque da lealdade e bom intendimento do nosso correspondente sería em nós crime ou loucura o duvidar.

OS MUROS DE PENICHE.

Correspondencia.

506 Se VV. acharem, que estas regras, pela materia que tractam, merecem alguma attenção; e que podem apparecer publicadas no seu polidissimo Jornal; fará a Revista hoje constar em todo este Reino, e fóra d'elle, a emenda d'um erro que a historia tem propagado, e que não é de tão pouca monta.

Mais de cento e trinta annos, me-parece, tem já decorrido, depois que o Padre Carvalho fallando de Peniche, no cap. 16 do tom. 3.° da Chorographia Portugueza a pag. 145, disse — É cercada de muros com soberba fortaleza, obra d'El-Rei D. Fillippe o segundo. — Esta noticia, dentro e fóra de Peniche, em todo o Portugal, e talvez fóra delle, tem sido recebida como verdade incontestavel, que ninguem, que eu saiba, até'gora ousou contradizer¿ E quem deixaria de dar credito a um Auctor tão digno de fé, pelo duplicado titulo de luz do mundo e de historiador, que em certo modo tambem é, ou deve ser, luz do mundo? Todavia aquella noticia é um erro, que muito convem rectificar, para que desde já se-dirija para a verdade a fé que ha tantos annos tem attrahido, e em cuja posse tem estado: e para que mais esta vez se-conheça, que, não podendo a diuturnidade dos tempos mudar a essencia das coisas, nem o erro de longos annos póde vir a ser verdade, nem esta póde deixar de o-ser desde o primeiro ponto em que apparece. E ainda outra rasão de justiça vai na correcção de tal erro; e é, reivindicar para a memoria dos legitimos Monarchas deste Reino, que mandaram levantar a Praça de Peniche, o credito e gloria que d'ahi lhes-resulta; não sendo bem, que, tendo cessado ha tanto a usurpação de dominio, esteja ainda a memoria d'aquelle rei estranho usurpando na opinião dos Portuguezes, mal informados pela citada Chorographia, credito, honra, e gloria que lhe não pertence.

Mas antes que appareça a demonstração e prova do erro indicado, já que sou o primeiro, me parece, em o notar, tambem serei o primeiro em desculpar o Auctor da Chorographia Portugueza.

De todas as composições litterarias a da historia é sem duvida a mais ardua e difficil; e d'aqui vem, que, havendo em todos os outros generos escriptores eximios, em historia, bem raro, ou talvez nenhum tem levado até agora perfeitamente a palma. Basta lançar os olhos nos frontispicios dos tres tomos em que se-divide a citada Chorographia, e lêr n'elles algumas paginas, para se logo entender, que o Auctor que primeiro se-abalançou a uma obra de tal natureza, necessariamente teve de peragrar todas as provincias, cidades, e villas deste Reino, consultando, e examinando muito de espaço as memorias e documentos conducentes ao fim que se-propoz. E talvez que o Auctor se-sugeitasse a tão penoso trabalho quanto a outras terras; mas quanto á Praça de Peniche afoitamente se-póde affirmar, que não a-viu, e se-eximiu do incommodo da jornada, recorrendo á fé humana. Fez o que muitos têem feito; procurou e pediu informações e por ellas se-dirigiu. Intendeu, e intendeu bem, que os homens devem fallar verdade, principalmente em negocio tão serio; e sem reparar, que os homens — Quidam creduli, quidam negligentes sunt: quibusdam mendacium obrepit, quibusdam placet: illi non evitant, hi oppetunt — pelos mesmos meios que empregou, para obter noticias verdadeiras, achou um erro.

Se o Auctor da Chorographia tivesse entrado em Peniche, não teria deixado de ver a cidadella; a architectura que está sobre a sua entrada lhe-chamaria a attenção; e em uma lápida alli assentada lería uma Inscripção que diz — ARCEM HANC JUSSU SERENISSIMI REGIS JOANNIS III AB INVICTISSIMO COMITE LUDOVICO BIS INDIÆ PRO REGE INCHOACTAM ET GRASSANTE CASTELLAE TYRANIDE PER LUSTRA XII INTERMISSAM, SUB AUGUSTISSIMO JOANNE IIII REGNI ASSERTORE A COMTE HIERONIMO PRONEPOTE AMPLE ET MINACITER ABSOLUTAM LAPIS HIC POSTERITATI COMMENDAT. ANNO DOMINI MDCXLV.

Tal é o documento authentico e incontestavel, que descobre e prova o erro da Chorographia Portugueza; na existencia do qual parece incrivel, que houvesse quem se-atrevesse a attribuir a obra da Praça de Peniche a Fillipe 2.°

N'estes tempos em que a Lingua Latina está em tanto apreço, e se-estuda desveladamente, como é bem notorio, não é preciso traduzir a Inscripção, para que a maior parte dos leitores da Revista Universal fique sabendo, que no anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil e seis centos e quarenta e cinco, se-abriu aquella Inscripção lapidar, para pela sua leitura constar á posteridade, que a Praça de Peniche é obra mandada fazer por Ordem do Senhor Rei D. João 3.°; que o invictissimo D. Loiz d'Ataide, Conde d'Atouguia, e duas vezes Vice-Rei da India, lhe-fez dar principio debaixo da sua inspecção, direcção, e segundo o seu desenho, como é provavel; e que no reinado do Restaurador da Monarchia, o Sr. D. João 4.°, o outro Conde D. Jeronimo a-levou ao cabo, dando-lhe o aspecto ameaçador e invencivel que a Praça ostenta; e que entre o principio e conclusão da obra mediaram sessenta annos, que tantos pesou sobre Portugal a tirania de Castella, causa, pela qual ficou entretanto interrompida.

Não só para provar, que a Praça de Peniche não é obra de Fillippe o 2.°, nem do 1.° nem do 3.°, é valioso o referido documento; mas tambem, parece-me, que por elle se-póde provar ainda outro erro que muita gente tem por verdade: isto porém será objecto para outra vez.

Sou com a maior consideração de VV. muito attento venerador e criado obrigado.

Peniche 3 de Maio de 1842.

J. N. da S. F.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

507 Em INGLATERRA, segunda tentativa de regicidio. Recolhia-se a rainha de um passeio; vinha em carrinho descoberto: um dos spectadores lhe-desingatilha uma pistola: mas não dá fogo: é prêso: chamado a perguntas, a todas ellas permanece mudo: sabe-se que é inglez, e não allemão, como a principio se-espalhara: chama-se *João Francisco;* tem de edade cerca de 20 annos; é plebeu e filho de um machinista. Ignora-se o que a tal o-determinasse: mas n'esse mesmo dia alguem lhe-ouvíra dizer que «era intoleravel morrer tanta gente de fome e de trabalho, para a rainha viver n'aquelle luxo.»

Em FRANÇA, alguns successos de monta se-passaram. A camara dos pares proseguia na discussão da lei dos caminhos de ferro: a camara dos deputados ía votando as verbas dos differentes ministerios. Por occasião de se-discutir o orçamento da marinha, a camara accrescentou á quantia pedida pelo ministerio outra avultada; com a condição de ter o governo sempre armadas, completamente, dez náus de linha e dez fragatas. Quando se-tractou do orçamento da guerra viu-se o ministerio obrigado a declarar que nunca armaria as fortificações de *París* sem beneplácito das camaras.

Na HESPANHA, a crise ministerial ainda aturava; sem embargo de já tres ministros se-acharem nomeados, *Rodil*, *Almodovar*, *e Landero.* Tinham-se publicado duas circulares do governo, uma aos presidentes das relações, e outra aos governadores civis: com o fim de obviar, ou suffocar e punir qualquer *pronunciamento* que a favor da constituição do anno 12 se-levantasse. Ao mesmo tempo porém publicava *o centro directivo superior republicano*, outra circular dispondo o quando, o como e os modos de taes *pronunciamentos* se-pôrem por obra.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

508 *Diario do Governo de 9 de Junho.* — Aviso dizendo-se que em uma das ilhas Berlengas se-ía estabelecer um farol denominado *Duque de Bragança.* — Decreto ordenando que as cadêas onde existem presos já condemnados sejam consideradas como presidios. — Outro suprimindo os circulos de *Caminha* e *Paredes* por falta de jurados. — Portaria ordenando que os recebedores dos districtos e administradores tenham e façam entre si conferencias. — Mappa demonstrativo dos tributos directos no mez de maio. Relação de devedores á fazenda. — Venda de bens nacionaes.

De 10 dito. — Ordem do exercito n.° 28. — Venda de bens nacionaes.

De 11 dito. — Relação dos degradados que foram para Moçambique, Cabo Verde, e India.

De 13 dito. — Aviso de ordens de pagamentos ás 2.ª 3.ª 4.ª 5.ª 7.ª e 8.ª divisões militares. — Estatistica e expediente do tribunal do thesouro publico.

De 14 dito. — Accordam do supremo tribunal de justiça.

FATAES CIUMES.

509 Em uma povoação não longe da capital vivia, segundo nos-referem, um ecclesiastico egresso de não sabemos que ordem religiosa. Solto dos votos e partidario da abolição do celibato clerical, tomára secretamente quem lhe-suavisasse as amarguras da existencia. A sua companheira, que residia em casa apartada, começou a sentir-se n'aquellas circumstancias a que os allemães chamam de bençam: o que para uns é esperança, é para outros temor: a descendencia, o melhor presente da Providencia, converte-se para os não casados em uma calamidade; é porque a naturesa social tem como a naturesa absoluta suas leis fixas, e acompanhadas de inevitavel sancção. Descoroçoado o pai contra vontade, intendeu dever substituir, ao menos durante o impedimento, um segundo emprego do coração áquelle primeiro: para este fim veio á grande cidade, onde ha de tudo, e aqui facilmente encontrou o de que havia mistér. A abandonada em tão crítico apuro, devorada d'aquelle mixto corrosivo de amor e inveja, a que chamam ciume, póde obter veneno; e n'um momento de criminoso delirio levando-o aos labios, que dentro em poucos mezes tinham de beijar o objecto mimoso, que já todas as noites acariciava em sonhos, esgotou de um só trago a morte de ambos. O fructo que do ventre se-lhe-arrancou, era uma menina!

INCENDIOS.

510 Terça feira, 10 e tres quartos da noite. Todas as torres dão o rebate de fogo: bombas, carros de escadas, e mais instrumentos atrôam as ruas. Milhares de gallegos vozeando amotinam os largos dos chafarizes; correm desordenadamente os archótes, os piquetes, e a curiosidade para S. Roque, onde as trinta badaladas, de continuere petidas, denunciam ser a desgraça. Chega-se: o fogo que por mais de meia hora esteve alvorotando a cidade não saíu da casa de um confeiteiro na esquina da travessa do Poço. Que dizemos! não saíu de um tacho de assucar que se-estava refinando e a unica Troia ou Hamburgo abrasada foi uma grande colher de páu.

Outro egual successo pouco mais ou menos acontecêra hontem de tarde no Poço Novo e outros varios nos dias precedentes! Exemplos taes repetem-se em Lisboa com demasiada frequencia. Não conviria pôr um termo ao que n'estes forçados incommodos póde haver de demasiado e superfluo? Quantas vezes depois de apagado o fogo as bombas dos sitios remotos não continúam ainda a correr para lhe-acudir. Já não succederia assim, se a torre, que primeira chamou pelo soccorro, designando pelo seu toque o sitio visinho accommettido pelas chammas; vencidas ellas substituisse ao primeiro toque lúgubre um repique ou outro qualquer signal convencionado e sabido que de campanario em campanario se prolongasse até ás extremas da povoação? Respeitosamente offerecemos a lembrança, a quem tenha auctoridade para a converter em obra.

TOUROS.

511 Os de Domingo ultimo, no Campo de Santa Anna mereceram grandes louvores dos seus afreguezados. Fizeram toda a qualidade de trepolia; se tives-

se havido um ou dois homens mortos de véras, nada faltaria para ser uma tarde incomparavel.

SACRILEGIO DA IGREJA DE SANTA ANNA DA CARNOTA.

512 Um correspondente nos-remette mais algumas particularidades tocantes ao sacrilegio já apontado em o nosso artigo 454. O valor das alfaias roubadas anda por 100$ réis. As Sagradas Formulas ficaram no Sacrario derramadas: a porta da egreja fóra arrombada por fóra: as auctoridades intendem com grande diligencia em descobrir e colher ás mãos os criminosos. Na cadêa de Alemquer entraram já dois suspeitos, *Antonio Maria da Costa* no dia 7 do corrente ás 8 horas da manhã; e *Manuel da Costa*, seu irmão, ao meio dia: ambos são ferreiros; ambos casados: o primeiro assistente juncto á egreja roubada: o segundo em Alemquer, onde tem sua mulher e sete filhos. As diligencias da justiça vão por diante.

HORROROSO FILICIDIO.

513 Na manhã de 27 de Abril pretérito, na villa de Reguengos, encontrou-se em uma estrumeira o cadaver de um recemnascido. De dous supplicios se valêra para destruir tão fragil existencia a barbara assassina, que se-diz ser a propria mãe, *Iria Bica*. O pescoço da victimasinha estava ainda apertado com uma ligadura em duas voltas; a cabeça esmagada e achatada!

SANTO ANTONIO.

514 Os festejos do grande Padroeiro vão fazendo admiraveis progressos em Portugal. Os do dia 13 e sua véspera foram explendidos; sem fallar no que houve das portas das egrejas a dentro, distiguiram-se por concorrencia, música e ornamentos os arraiaes d'Almada, Boa-hora em Belem, S. Sebastião da Pedreira, Santa Joanna, S. Luiz Rei de França, S. Nicoláo, e Encarnação. Os seguintes Domingos continuarão eguaes divertimentos sacro-populares em outros pontos da cidade. O anno presente não se-dará n'esta parte vantagens ao pretérito.

UMA ENFORCADA.

515 Na villa da *Moita do Riba Téjo* houvera entre duas mulheres uma altercação (qualquer motivo podia ser bastante). Das palavras, passaram ás injurias, (o que em taes parlamentos não é contra o regimento) e das injurias ás bofetadas. Pendencias de mulheres, (são como as dos gallos em Inglaterra) todos riem e ninguem as-aparta. Durou esta quanto quiz ou pôde: separaram-se a final as duas amazonas, cançadas, mas não fartas de murros, e improperios. Uma d'ellas, mulher de um d'esses, chamados homens da malta, ou malteses, e mãe de muitos filhos, tivera, segundo parece, no conflicto a melhoria, saindo com a desgrenhada cabeça coroada de sujo loiro: alguns zombeteiros de má morte lhe-agoiraram porém o triumpho com dizer-lhe — que teria que vêr com a justiça, e que de ferros a dentro comeria pés e mãos antes de se-livrar. — Persuadida e atterrada a infeliz, corre a casa, enxota os filhinhos para a rua; fecha-se por dentro; sóbe a um meio alqueire, arma em uma viga do tecto um laço corredío; embebe n'elle o pescoço; e enforca-se.

Quando se-tornou a abrir a casa pendia já defuncta.

¡Como Rousseau tinha razão, quando defendia que em nenhum caso e por nenhum respeito, se-podia haver a mentira por innocente!

HORRIVEL INCENDIO.

516 Por cartas fidedignas que temos á vista nos é communicado um desastroso acontecimento: no dia 19 de maio pelas 11 horas da manhã se-ateou um violentissimo fogo no logar de Viveiro de Covas, concelho de Boticas, do districto administrativo de Villa Real: quantos meios se-empregaram para o atalhar foram inuteis, dentro em tres horas toda a povoação ficou redusida a cinzas, 44 a 50 moradores foram victimas dos estragos que em suas fazendas e haveres causou o incendio: algum gado vacum se-queimou, appareceram alguns dinheiros reduzidos a barra pelo fogo. Tal acontecimento ha-de necessariamente chamar a attenção do governo para soccorrer os desgraçados habitantes d'esta povoação, e não menos a philantropia dos bons portuguezes. *(Restauração).*

NOTICIAS AGRONOMICAS DO MEZ DE MAIO.

Lesiras do Riba-Téjo.

517 As searas de trigo temporão geralmente estão boas; nos arneiros soffreram com os nevoeiros do mez, não gradando o trigo em partes: as seródias tendo offerecido a melhor apparencia enfraqueceram por causa da secca, e dos ventos rijos de Maio, principalmente as dos terrenos fortes; e as dos terrenos delgados estão mais ou menos prósperas, segundo as épocas em que foram semeadas. As sevadas temporãs geralmente estão boas, e as serodias deseguaes: os centeios ainda que offerecem bom aspecto, comtudo padeceram pelas mesmas causas. As sementeiras de batatas offerecem uma colheita mediocre, e as vinhas apresentam uma apparencia assaz irregular. Os pomares de espinho teem boa mostra, e os de caroço e pevide mostram pouco fructo; os olivaes indicam pouca producção, assim como os montados de sôbro. Os meloaes estão bem nascidos. Deve notar-se que os prejuizos que ameaçavam aos lavradores por causa da secca, minoraram com as grandes chuvas de trovoada que caíram n'aquelle districto.

De *Mafras* e nos participa que só nos fins de Maio se-íam restabelecendo os arvoredos dos effeitos das intemperies do mez, cujos ventos muito os-fustigaram. As searas de trigo e cevada mostram boa apparencia, e dão esperanças de uma colheita regular. Os milhos offerecem egualmente um bom aspecto, porém muito necessitam de algumas brandas chuvas. — Os legumes em geral deram sufficiente producção, e os meloaes nasceram bem nos sitios apropriados, mas não assim nos mais expostos aos ventos. As vinhas annunciam mediana novidade, mas em geral tem sido desprezado o seu amanho, pela falta de meios dos proprietarios, e pelo baixo preço que offerece aquelle genero, hoje tão depreciado, e cuja cultura se tem tão imprudentemente generalisado em todo o reino.

Algarve; o nosso correspondente de *Moncarapaxo* nos-annuncia, que as searas continuam a prosperar, não obstante os intensos calores que soffreram nos primeiros dias de Junho, e as seccuras do mez antecedente. Já se-começaram a ceifar no fim de Maio, e todas promettem abundante colheita. Os grãos de bico produziram optimamente; o que não aconteceu aos xi-

xaros que quasi todos estão fallidos: os milhos teem medrado pouco, e os de sequeiro se-apresentam enfezados, porque os de regadio estão pela maior parte viçosos, e teriam bom complemento se as aguas das noras não fôssem já faltando. As vinhas estão abundantemente providas de cachos, mas pouco guarnecidas de parras, e com os lançamentos curtos, e por isso se-teme que em apertando os calores as uvas levem notavel damno. As figueiras que tão grandes lucros dão á Provincia, teem os lançamentos mui acanhados, as folhas miudas e amarelladas; o figo lâmpo tem caído de pêcco em notavel porção. Alfarrobeiras continuam em máo estado, caíndo-lhes e seccando a maior parte da folha. Nas oliveiras ainda se não tem despegado a flor (candeia), a qual está em pasta abafando o fructo, e entrelaçada de algodão. Nas amendoeiras não se-notam differenças a respeito do mez passado, mas resta vêr se os fructos apparecem fallidos quando se-colherem, o que se-receia pela falta de humidade no terreno. Os fructos de caroço são poucos por terem caído a maior parte pêccos, exceptuando as ameixoeiras reinoes de que se-espera melhor colheita. Os pomares de espinho não teem tido alteração, e promettem abundante fructificação.

As aguas baixam consideravelmente nos poços: os ribeiros estão quasi todos sêccos, e os moinhos pela maior parte parados: alguns anneis d'agua em um ou outro ribeiro ainda offerecem agua para os gados. A falta de chuvas tem tornado difficultosa n'este anno a plantação de figueiras, pois que a terra na profundidade de dois palmos está durissima para conservar a vitalidade da vara plantada, e promover o desinvolvimento das raizes, pelo que necessitam diariamente a rega artificial.

SUPPLEMENTO AOS FENOMENOS NOTAVEIS DO MEZ DE ABRIL.

Desde 18 até 25 de Abril sentiram-se na *Grecia* grandes e continuados tremores de terra, abatendo algumas casas e egrejas, que sepultaram em suas ruinas varias pessoas.

Na tarde de 30 do mesmo mez desfechou uma horrivel trovoada sobre *Villeaux* (no departamento da Costa de ouro, em *França.*) Torrentes de chuva e saraiva, arrebataram e destruiram tudo o que encontraram na sua marcha, arrancando as arvores, revolvendo os campos, abatendo os edificios, e levando diante de si os animaes, utensilios de lavoura, e até os penedos. Os prejuizos foram enormes, e muitos annos serão necessarios para se-repararem. É esta a terceira vez que aquella povoação tem aguentado similhante calamidade no intervalo de meio seculo.

Necrologia da cidade de *Lisboa* no mez de Maio.— Receberam-se nos dois cemiterios de S. João e Prazeres 452 cadaveres, sendo maiores 232, e menores 160, dos quaes pertenceram ao sexo masculino 236, e ao feminino 216: e como o número médio normal, que pertence a cada mez é de 512 (veja-se a Revista n.º 32), segue-se que a mortalidade em Maio foi inferior de um oitavo, á que regularmente se-experimenta n'esta capital.

M. M. Franzini.

PUBLICAÇÃO.

518 Publicou-se o 1.º volume do romance — *O Espectro do Castello d'Estalens*, traducção do francez, pelo Sr. *L. J. de Sampaio.* Não lhe-louvâmos, se-servisse da traducção franceza, em vez do original inglez; que d'essa arte andára por certo mais seguro; entretanto, cumpre-nos dizer, que o portuguez da sua obra é, senão purilano, livre de gallicismos torpes; em fim uma traducção capaz de apparecer, sem vergonha do mundo. Quanto ao merito do romance, reservamo-nos para fallar d'elle, quando se ultimar a sua publicação; advertindo por agora, que, no 1.º volume não achámos coisa, que por indecente mereça riscar-se.

---

519 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 8 ATÉ 14 JUNHO 1842.

Dias do mez	Thermometro exterior Min.º	Max.º	Barometro 9 h. m.	3 h. t.	Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	Estado da Athmosphera.
8	59	77	760,4	759.5		B SO	Coln.º e pequeno nevoeiro — Claro e nuvens, — Claro: tarde muito fresca.
9	64	79	759,1	758,8		¹SO²	Id. e tenue chuvisco — Coberto e claros — Id.
10	64	77	759,4	760.0		SO¹	Id. — Claro e grossas nuvens — Claro — Id.
11	56	80	761,6	761,0		NO	Claro e alguma nuvem — Claro — Id.
12	59	91	762,8	762,6		B NO	Claro — Coberto; e algum claro, e horisonte muito fusco — Calor intenso, noite muito quente.
13	71	90	762,8	762,0		B N	Claro — Calor intenso e ar muito sêcco — Noite fresca.
14	61	80	762,0	762,0		N¹	Claro, e ar muito secco — Madrugada e noite fresca.

Permanêceu a influencia da 2.ª quadra do mez até 10, mantendo-se n'estes 8 dias a temperatura fresca com o ar um pouco humido, athmosphera coberta nas manhãs, e clara no resto do dia, alternando com nuvens grossas das que indicam trovoadas, conservando-se o horisonte encinzeirado, e em bonanças ou ventos variaveis e fracos de manhã; e de tarde soprando a fresca viração mareira. — Consta-nos que no termo de Elvas, houve trovoadas acompanhadas de chuvas abundantes, nos dias 4 e 5, devidas á influencia d'esta quadra, a qual se-modificou a 11, apparecendo os ventos do N. ou NO. acompanhados de intensos calores; e assim permaneceu.

M. M. Franzini.

CÃES.

520 Merece louvor a Camara Municipal de Lisboa, que tomou emfim providencias acertadas e efficazes para expurgar a cidade da praga já intoleravel de cães vadíos. Todos os dias passam para o cemiterio dos animaes carradas d'estes mortos, e todavia não se-dá ao povo o immoral e desagradavel spectaculo de presenciar pelas praças e ruas essas execuções, ou ás pasadas, como no tempo do Intendente *Delagarde*, ou com bolos de veneno, como ainda ha pouco. Todo o que entrega um cão na abegoaria para ser morto, ou no cemiterio para ser enterrado, recebe um premio.

Na Imprensa Nacional.

2.° DA 4.ª SERIE. N.° 38. 23 JUNHO 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

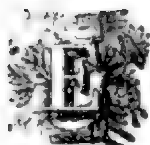
Sabe ás quintas feiras — Escriptorio, rua das Parreiras n.° 4 — Assigna-se no Escriptorio e na Loja da Vieva de João Henriques, n.° 1, rua Augusta — Avulso 80 réis: 12, numeros 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis — O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados, e por caso nenhum aos distribuidores — Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Tem todos, e só elles entrada gratuita n'um Gabinete de Leitura do Estabelecimento (segundo o respectivo regulamento), aonde se acham muitos jornaes e escriptos politicos, litterarios e scientificos, em portuguez, francez, hespanhol, inglez, e allemão — Os subscriptores das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhe convier — Sobrescripto da Correspondencia: « Ao Redactor da Revista Universal, rua da Horta Secca n.° 20 » — Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade — Qualquer artigo interessante será acolhido com gratidão e publicado — A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se lhe remetta um exemplar — — Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros etc., por conta de quem o desejar — Tambem no seu Escriptorio se patentearão ao publico objectos de semelhante natureza, que para alli sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal. — Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes. — A distribuição na Capital faz-se em 5 horas — Este numero sabe ás 8 da manhã e será entregue, o mais tarde, até ás 10

CONHECIMENTOS UTEIS.

ESTRADAS.

(Continuado de pag. 434.)

521 POTUGAL.



Esta serie de artigos tem sido destinada a inculcar mais precisão nas nossas estimativas e a introduzir o espirito da anály-se em planos, e idéas. Não professo a sciencia do ingenheiro, nem tenho andado por todo o reino, por isso não tenciono, nem posso proseguir no orçamento das outras estradas, assim como fiz com a de Coimbra ao Porto. Em uma unica digressão analoga, entrarei mais, para depois regressar ao que é restrictamente economico e statistico.

Nada conhecemos em Portugal do que temos. Essa incuria me leva a registar aqui por lembrança uma riqueza nacional que o seria mesmo em França e Inglaterra, e creio que no resto da Europa, até na Suecia d'onde vem tanta madeira, mas aonde não ha, segundo a discripção, que fazem d'aquelle paiz os viajantes, uma floresta juncta que chegue aos nossos pinhaes da Marinha Grande.

Esta immensa matta, que tem não menos de 8 legoas de superficie, e cuja planta acaba de ser alevantada pelos jovens officiaes de marinha *Silva e Batalha*, com uma perfeição que não nos-deixa que invejar aos estrangeiros, não tem com tudo uma estrada especial, por onde venha ligar-se ao resto do reino para por ella espalhar e dar saída prompta e barata aos seus productos. Esta falta é de um prejuizo tal que é fórça, que a *Sociedade das Communicações* a-inclua nas providencias mais urgentes, que tem de tomar, em harmonia com o espirito dos seus estatutos.

Ha perto de 600 annos teve El-rei D. *Diniz* a previdencia de dispór este patrimonio para nós, e não obstante a queima, que padeceu em 1824 de mais de um terço, ainda tem 3,000,000 de pinheiros que avaliados a 1000 réis valem réis..... 3.000.000$000
12,000.000 dito a 100 réis...... 1,200.000$000

Réis 4.200 000$000

quero que d'aqui se-tirasse 2½ por cento annualmente, que é bem pouco, incluindo as materias resinosas, sempre eram 105 contos. O estado não chega porém a tirar a quarta parte d'esta quantia, avaliando em umas poucas de vezes mais do que eu o-faço, a madeira que de lá emprega nos Arsenaes Nacionaes. Olhem para a Pauta de 1 de Janeiro 1825 na Gazeta de Lisboa, que lá acharão para comprovação, que os páus que eu avalio em 1000 réis importam, por apoucadas que sejam as suas dimensões, em mais de 3, e de 4, e de 5000 réis.

Uma estrada que circumdasse estas plantações fóra o seu unico remedio, porque daria logar a elevar o córte actual de 3000 páus, a 12 vezes essa quantidade ou mesmo 40,000 por anno, que tantos, de mais a mais, é necessario que se-córtem em um pinhal de 3.000,000 d'elles para o-conservar, porque passando dos 70 annos, o pinheiro marítimo, segundo diz o nosso sabio botanico *Brotero*, começa a apodrecer mesmo em pé, e a impedir os novos de vingarem; os quaes morrem á sombra dos velhos.

Na quantidade maior que se-havia de cortar, estabelecida a estrada, beneficiava-se singularmente o pinhal, tiravam-se as sólidas vantagens que legitimamente se devem derivar de tão conspícua propriedade, e já se-podia dispensar a compostura de preços tão caros para não mostrar ao mundo tanta miseria, qual é a de effectivamente, pelo seu valor real, não se-extrahirem de todas as mattas nacionaes mais de 4 a 5 contos incluindo n'estes alcatrão, etc.

Poderão dizer que não ha meios. Para coisas taes, como esta, não é admissivel essa resposta. É preciso que os-haja. O governo actualmente está pagando a 90 réis o palmo, pelas conducções de Marinha grande para S. Martinho. Os 40,000 páus que elle conduzisse por estas 5 legoas, tendo termo médio 30 palmos cada um, eram 1,200,000 palmos; estes a 90 réis são 108:000$000 réis. O preço actual da conducção, é bastante para desterrar para os intermundios da escolastica a idéa de similhante movimento, mas se em consequencia da feitura da estrada, este giro industrial alli se-creasse, e a conducção se-reduzisse á terça parte ou a 30 réis, ou a 36 contos, ahi estava que da importancia que era de 108 contos a esta que vinha a ser, havia uma margem de 72 contos que dava bem logar á construcção da estrada; ainda que n'ella se gastasse toda a differença que se-ía forrar em conducções em um anno, o que não era possivel gastar-se.

Tenho sómente fallado até aqui na matta nacional da Marinha grande, mas n'aquelles contornos ha ou-

tras que são de particulares, e tambem as que pertenceram ao convento de Alcobaça, que ainda que vendam os pinheiros por muito menos dinheiro do que na Marinha grande, não tirariam menos de 40 contos de rendimento da sua venda, se houvesse a facilidade que eu propunha, contando unicamente com as que são reaes.

O desinvolvimento d'este ramo de riquezas urge com instancia considerado como subsidiario e protector de outros de maior valor. Se se não abrigarem todas as terras que vertem do Monte juncto, montes e colinas da sua dependencia, para o mar, um dos territorios mais ferteis e povoados da Extremadura, segundo o testimunho de S. Ex.ª o Conselheiro Inspector no seu digno relatorio em 1840, depressa ficará soterrado debaixo das arêas impellidas pelos ventos que sópram do oceano e varrem aquella costa. A unica defeza que ha efficaz contra esta invasão é a plantação de pinhaes. Muros não na offerecem egual. Na Nazareth ha uma muralha de 3 braças de alto que foi feita para esse fim, e as arêas já saltam por cima d'ella. Mas para que estas plantações se-effectuem é preciso tambem que haja o incentivo do interesse, o qual não existe por agora, e que se se-deixar de promover teremos de saber cedo que as arêas já chegam a Alcobaça.

Por todas estas considerações, que serão de mais, *José Bonifacio*, quando tractou tão illustradamente do plantio dos pinhaes na nossa costa, para salvar o terrão do seu littoral, esqueceu ou ommittiu o melhor, que foi uma estrada para as madeiras depois da sua creação. Se ella se-emprehender agora, vista a muita abundancia de madeiras no local e falta de pedra, seria acertado ensaiar carris de páu para ella. Desde 1671 existem elles em Inglaterra, aonde só desde 1786 é que se-começaram a pôr de ferro, nos caminhos para as minas.

Entrando no remate d'esta parte do presente artigo, concluirei com os termos da proporção das estradas projectadas, com o territorio, com a população e com os fundos.

A raiz do quadrado da superficie do nosso reino é proximamente 168 milhas, as estradas designadas sommam 594 legoas ou 1782 milhas; dividindo estas pelo numero 168 da raiz, toca a cada um d'estes 11 milhas, e dividindo estas pelas 168 milhas, tocarão 0,066 de milha de estrada a cada uma das suas unidades, ou 52 braças a cada 792 dictas, ou 1 braça estrada a cada 15 de terreno. A differença com a Inglaterra será só em estrada real de $\frac{1}{15}$ para $\frac{4}{11}$ ou de 11 para 60, ou a Inglaterra terá perto de 6 vezes mais estradas reaes do que Portugal. A proporção da França será de 11 contra 66 de Portugal. A da Belgica de 71 contra 66. Tocarão a cada milha 1852 individuos. Em Inglaterra tocam 698; em França 1533 dicto, e na Belgica 2175. Virão a sair em Portugal a cada individuo 2 ½ pés de estrada real. Em Inglaterra são 5, na França 3, e na Belgica 2.

Estas proporções para pouco valem porque a densidade da população não é a mesma em todos estes quatro reinos, e além d'isso não é simplesmente pela estrada real a viação das tres nações estrangeiras com quem faço o parallelo. Compõem-se de caminhos departamentaes, vicinaes, de agua, rios, e de ferro. Se todos estes elementos forem tomados em consideração, ficaremos nós mui mal aquinhoados á vista d'elles.

Não é assim porém em quanto á quota da contribuição, o que eu devo lembrar aqui para se-ter cuidado com ella e pelo seu excesso não vir a acontecer uma reação por onde depois nem pouco nem muito venha a realisar-se. A França é um paiz com um orçamento sempre crescente, nós sempre decadente. Assim mesmo para obras publicas, ordinarias e extraordinarias, não applica ella, n'este genero, mais de 4 a 8 por cento da sua totalidade. Nós não sabemos o que dedicamos porque não temos orbita fiscal. É verdade que o nosso orçamento figura 11 e 12 mil contos de receita; mas duvido que chegue a 700 contos effectivos por mez, ou 8400 contos. Calculando por esta somma, que é o mais seguro, e confrontando com ella a que *realmente* se-ha-de alevantar dos proletarios e dos proprietarios, teremos que para este objecto será a contribuição egual a 25 por cento, incluindo já essa mesma contribuição (8400+2560+250) 11.210:100::2810:25. *(Concluir-se-ha.)*

C. A. da Costa.

VOCABULARIO DOS TERMOS USADOS NAS ARTES E OFFICIOS.

522. À Sociedade Escholastico-Philomatica de Lisboa, que tem já tres annos d'existencia, periodo demasiado longo para uma Sociedade que, entregue a seus proprios recursos, e tendo que luctar com milhares de difficuldades, tem visto despparecer outras Associações com melhores auspicios começadas, e de que muito havia que esperar, á vista da grande copia de meios, de que podiam dispôr, tem pelas suas obras deixado mentiroso o adagio de que — coisas, que rapazes fazem, são sempre pouco duradoiras. Uma empreza encetou ella, da qual honra e gloria lhe-poderá vir, se fôr levada a cabo, como esperamos.

É essa empreza nada menos do que a organisação d'um Vocabulario Portuguez dos termos usados nas artes e officios, empreza, cuja idéa é agigantada, e que se chega a realisar-se irá influir consideravelmente no progresso das artes em Portugal, facilitando a traducção d'obras sobre este assumpto, cuja maior difficuldade está na ignorancia dos termos technicos. A Sociedade nomeou uma juncta ou commissão de tres membros afim de colligir os materiaes para este Vocabulario; e sabemos que essa commissão já alguma coisa tem feito, e continúa a fazer, dando alguns passos para melhor conseguir o seu fim, e dirigindo-se a varios Artistas, e aos Directores de diversos estabelecimentos, tanto publicos, como particulares, dos quaes ha recebido as mais lisongeiras promessas de coadjuvação.

Não desconhecemos as difficuldades da empreza; mas tambem nos-lembramos da sua importancia; e por isso rogamos á commissão que não desanime; pois tudo o que fizer, por pouco que seja, é muito em comparação do que ha a tal respeito; porque tirando a obra de Fr. *João Pacheco,* que tem por titulo — *Divertimento Erudito etc.* — pelo decurso da qual se-encontram pequenos vocabularios de varias sciencias e artes, obra excellente para o tempo em que foi publicada, mas que hoje em dia é insufficiente, e só póde servir de núcleo a esse projectado Vocabulario, nada mais achámos, do que obras avulsas, que versam sobre algumas artes, e essas mesmas poucas, além d'algumas memorias, e jornaes, em que se-torna mui difficil e trabalhoso andar a procurar os ter-

mos technicos e suas significações, sendo muito para lamentar, que não chegasse a vêr a luz publica a traducção da *Technologia de Beckmann*, que *Gregorio José de Seixas* se-propunha a mandar imprimir, e da qual nada mais consta existir, do que o annuncio feito para a obra, em 1813, no Jornal de Coimbra.

Parece-nos tambem, que os Socios não devem descançar na commissão, pois que ella só não póde fazer tudo; por isso muito conviria, que cada um, na parte que lhe-fôsse possivel, concorresse para esta proveitosa tarefa com o seu auxilio. Estamos certos egualmente, de que a Sociedade em geral, e a commissão em particular, não engeitariam a coadjuvação e ajuda, que pessoas estranhas á mesma Sociedade, e que por ventura tenham alguma coisa feita a este respeito, ou possam vir a fazer, lhes-queiram prestar; e bem ao contrario mui reconhecidas lhes-ficariam: porque o assumpto é todo nacional, e como tal interessa igualmente a todos os amantes dos progressos da industria portugueza.

Sabemos que a mesma Sociedade tenciona celebrar uma Sessão onde se-tractará do assumpto, e se-mostrará o estado, em que se-acham os trabalhos da commissão, e bem assim as difficuldades, que tem sido preciso vencer.

Avante — prosegui na vossa obra meritoria, e sustentai o bom credito da estudiosa mocidade portugueza; que as benção da patria vos-cubrirão, e a estima dos homens sensatos vos-indemnisará do sorrir de despreso d'esses, que capricham em não deixar progredir qualquer instituição util; que querem achar perfeição onde não póde havel-a; e que em summa procuram com as armas do ridiculo minar os alicerces das Associações, cuja existencia é um dos mais poderosos meios da civilisação d'um povo.

A. J. de Sousa.

NOVAS OBSERVAÇÕES SOBRE O TRACTAMENTO MORAL DA LOUCURA.

5 23 A opinião, quasi geralmente recebida, de que a causa da loucura consiste em uma lesão material e visivel do cerebro, desviou a maior parte dos Medicos, que se-teem occupado d'alienação mental, da applicação de um tractamento moral energico; todavia o cerebro dos alienados só se-acha visivelmente alterado n'aquelles, cuja loucura se-complica com desordem nas funcções organicas; e ainda quando houvesse verdadeira alteração do cerebro nos alienados, muitos Facultativos habeis pensam que o tractamento moral, effectuado por via das idéas e das paixões, seria ainda o que offereceria mais plausiveis resultados. Com effeito a observação do que tem logar nos idiotas, em cujo cerebro existe um vicio congenito ou adquirido, confirma o expendido; pois que não é por meio de agentes physicos, mas sim por meios moraes empregados com habilidade e perseverança, que se-podem obter na intelligencia, e nas paixões d'aquelles individuos mudanças quasi maravilhosas.

Importantes são os resultados colhidos do tractamento moral no Hospicio de *Bicêtre* em Paris, pelo Dr. *Leuret*, o qual julga, que os Facultativos não teem tirado d'elle as vantagens, que esperavam, por haverem sempre subordinado o tractamento moral ao physico. Daremos aqui uma succinta noticia do methodo, que elle hoje emprega.

Leuret designa pelo nome de *tractamento moral*, o uso razoavel de todos os meios, que obram directamente sobre a intelligencia, e sobre as paixões dos alienados. Em opposição com a pratica dos Medicos, que combatem as idéas falsas, e as paixões delirantes por evacuações sanguineas, exutorios e purgantes, elle recorre ao tractamento moral, e só a este tractamento, quando a loucura se-mostra isolada de symptomas physicos. — Reduz-se pois o tractamento a combater pelo raciocinio as idéas loucas, ou extravagantes dos alienados, e a convencel-os pelo ascendente, que se-toma sobre elles, de que estão em erro. Eis-aqui os meios, que ao mesmo tempo o Medico deve empregar para obter este resultado.

Emborcações e affusões. — A emborcação é um dos meios mais efficazes no tractamento das molestias mentaes. Administra-se do seguinte modo em *Bicêtre*: colloca-se o doente em uma tina d'agua tépida, e deixa-se-lhe cahir sobre a cabeça, durante um espaço de tempo, que varía de 5 a 6 até 20 ou 30 segundos, uma columna d'agua fria, que tenha pouco mais ou menos uma pollegada de diametro, e oito palmos de altura. Doentes ha, que a-supportam por muito tempo, e que a-recebem mesmo com prazer; outros mostram muito mêdo e basta pôl-os em uma tina, acima da qual esteja uma torneira, para fazerem as mais largas concessões, e renunciarem inteiramente ás idéas, a que mais se-affeiçoavam. Para empregar as affusões, colloca-se o doente em um plano inclinado, e derramam-se-lhe sobre o corpo alguns baldes d'agua fria, cujo numero varía de 5 a 6 até 20 ou 30. Este meio é um excellente adjutorio das emborcações, e produz os mais felizes resultados.

Canto e musica. — Os alienados, reunidos em grande numero em um vasto local, repetem todas as manhãs pedaços de musica, que lhes-foram ensinados, achando-se para este fim um Mestre de canto aggregado ao Estabelecimento. Duas vezes por semana se-fazem concertos musicos, aos quaes assistem quasi sempre algumas pessoas estranhas, ou alguns Membros do *Concelho dos Hospitaes*. Os cégos do Estabelecimento concorrem a estas solemnidades, prestando o auxilio de seus instrumentos, e acompanhando os cantos. Já muitas vezes o Dr. *Leuret* conduziu os seus doentes á missa, e lhes-fez executar, durante o Officio Divino, peças de musica, que de antemão tinham apprendido. Sempre teve por onde se-felicitar de seu bom proposito, e da execução.

Eschóla. — Esta bella instituição tem por fim instruir e distrahir os doentes. Todos os dias lhes-são dadas por Mestres, especialmente encarregados d'estes objectos, licções de lêr, escrever, contar, e orthographia; obrigam-n'os a lêr em voz alta e intelligivel; a apprender a lêr e recitar versos, e em summa procura-se deixar-se-lhes o menos tempo possivel para se-entregarem ás suas loucas idéas, e por estes meios variados se-consegue affastar de seu espirito as causas, que motivaram ou ainda alimentam a sua molestia.

Refeitorio. — Quasi todos os doentes comem no mesmo logar; estão divididos por series de dez individuos; cada meza é presidida por um d'elles, o qual está encarregado de trinchar o comer, e de o-distribuir aos seus commensaes. Todos estão providos de um prato de faiança, de colhér, garfo, e faca, ten-

lhes esta especie de propriedade, com as precarias prestações, e requiescant in pace.

De V. sincero e obrigado venerador e criado.

Manuel Antonio da Costa.

TOUROS.

529 Quando uma revolução se-opera no corpo social, é preciso que todos os seus membros a-experimentem, e passem pelas mesmas mudanças, porque não haveria nada mais absurdo e incompativel com a ordem do mundo se o contrario succedesse. Seria o mesmo que vermos um homem, que tivesse um membro pertencente a uma especie de animaes, e outro pertencente a outra.

Estabelecido este principio, de que ninguem póde duvidar, resta provar se os touros estão em harmonia com os costumes do nosso seculo. Tempo houve em que os combates dos gladiadores eram tidos por uns divertimentos innocentes, acabaram-se os gladiadores com a decadencia de Roma. Houve outro tempo em que se-applaudia e via com prazer dois homens matarem-se na arena, tambem passou esta epocha. Houve tempo tambem em que os mais nobres do reino ostentavam suas galas e seu valor na maneira de farpear ou passar á espada um bravo touro. Mas este tempo tambem passou. Este divertimento, apenas toleravel nos tempos do absolutismo, agora é um absurdo, um anachronismo. Quando o paiz deu um passo para o progresso civilisador, adoptando o sistema constitucional, tudo devia caminhar a par d'elle, para podermos dizer livremente: estamos cultos!

Muito nos peza (e peza-nos de coração) o sabermos que este horrivel divertimento é mais frequentado pela gente da classe instruida do que pelo povo propriamente dito. Até (incrivel parece) esse bello sexo, tão *sensivel*, tão *meigo* e *compassivo* o presenceia!!!

N'estes tempos em que tanto se-falla de liberdade, bom seria que deixassem um bocadinho d'essa liberdade aos pobres touros. Não é despotismo barbaro e feroz arrancar o pobre touro de seus lares, fazel-os correr muitas leguas, e depois martyrisal-os, e atormental-os para divertir os *cultos* spectadores? Dirá alguem *panem et circenses*, sim senhor, tambem eu, o direi, que é necessario divertir o povo, mas não com spectaculo de corridas de touros, e de execuções de alta justiça (que pela maneira com que são feitas mais parecem spectaculos que outra cousa). Queremos os *circenses* dos nossos dias, isto é prazeres que divirtam e instruam ao mesmo tempo. Queremos obras populares, queremos que o arrematante das touradas em vez de empregar o seu dinheiro para taes barbaridades o-empregasse n'algum theatro popular, accommodado ao gosto e posses do povo, onde se-representassem moralidades: onde o povo aprendesse, e se-distrahisse dos continuos pezares, (que entre elle abundam) mas entre nós os Portuguezes tão faltos de instrucção e de nacionalidade nunca isto ha de apparecer, porque tudo quanto é nacional tem estampado o ferrete da reprovação.

Domingo 13 de Junho começaram os touros, acabaram os *cavallinhos* (vulgarmente assim chamados); nos cartazes annuncia o arrematante descaradamente que vai abrir brevemente o curso de toureiro e convida os que quizerem aproveitar-se! Pouco nos admirará agora se o carrasco annunciar que vai abrir uma aula para ensinar a enforcar!

Culpados e bem culpados teem sido todos os governos (não exceptuamos nenhum) que tal teem consentido, contra todas as leis da moralidade e bons costumes. Por isso pedimos instantemente a todas as pessoas que teem algum valimento que façam todas as possiveis diligencias para se-abolir tão cruel recreação! Egualmente pedimos a todas as pessoas illustres nos-coadjuvem n'este nobre empenho, para que todo o homem que se prezar de progressista e compassivo deve concorrer com o seu contingente; nós da nossa parte já fizemos e faremos, o que em nossas fracas posses nos-fôr possivel. — *M.*

(Do Nacional).

Assim se-exprime o Nacional, que é *já* esta a segunda vez que briosamente se-arrosta com a retrograda, obstinada e incorrigivel raça toureira: é terreno durissimo o d'esta questão, mórmente porque os adversarios usam do rojão em vez da penna, e oppoem aos argumentos a contumacia.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

530 A Russia concentra grandes forças no sul do imperio afim de ver se termina a guerra da Circassia.

Da Prussia emigram aldêas inteiras para a America; levando algumas d'ellas os seus parochos e mestres de eschola.

Em Hamburgo formou-se uma companhia de capitalistas para ajudar o commercio secundario.

A Austria tracta de suprimir as alfandegas menores, afim de dar maior incremento á liga das alfandegas allemãs.

Na Inglaterra occupavam a attenção pública — o processo do assassino *John Francis;* que não tem cúmplice algum no seu attentado: — e as ultimas providencias do governo francez; e chega-se a cuidar que sairão os embaixadores respectivos.

Na França tracta-se de eleições: as diversas parcialidades já teem feito conferencias entre si. Os jornaes francezes sustentam uma polemica mui activa com os inglezes sobre nacionalidades.

A Hespanha prosegue na crise ministerial, e receio de *pronunciamentos* em favor da Constituição do anno 12.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

531 *Diario do Governo de 16 de Junho.* — Não trazia parte official.

Dito de 17 dito. — Idem.

Dito de 18 dito. — Tres decretos a transferir juizes. Accordam do Supremo Tribunal de Justiça. Relação de devedores á Fazenda Pública. — Venda de bens nacionaes.

Dito de 20 dito. — Portaria ordenando, que os commandantes dos cruzeiros nas costas de *Africa* possam sem prévia auctorisação do governador geral tomar as providencias para esse fim necessarias. — Aviso que no 1.º de Julho parte para *Angola* com escala por *Cabo-Verde* a charrua *Princepe Real.* — Portaria ordenando ao Contador de Bragança que satisfaça ao que se-lhe-ordenou no aviso de pagamento n.º 2191. — Venda de bens nacionaes.

Dito de 21 dito. — Ordem do dia do exercito, n.º 29. — Accordam do Supremo Tribunal de Justiça. — Venda de bens nacionaes.

Dito de 22 dito. — Ordem de pagamento dos soldos do mez de Maio na 1.ª e 6.ª divisões militares. — Accordam do Supremo Tribunal de Justiça. — Venda de bens nacionaes.

UM CAMELEÃO HUMANO.

532 Existe no julgado de *Lamego*, na freguezia de Valdissem, uma donzella por nome Dona *Maria*, de 32 annos, filha segunda do Sr. *Antonio Gonçalves Torres* e da Sr.ª Dona *Rosa Torres;* cuja historia, mui sabida nos arredores, é merecedora de publicidade. Succinta e fielmente a-apresentaremos, qual nos-vem, em uma carta do nosso correspondente, o Sr. *Bernardo Antonio Cardoso Machado*, conhecido e amigo d'aquella familia. Teve esta menina na edade de 15

Religião, que assim sabe enlaçar o amor do Creador com o de suas obras: religião, que assim repassa e cala até aos mais intimos escaninhos do coração do homem; não carece de longos e seccos arrazoados de theologos, nem de enfeitadas dissertações de philosophos para evidente demonstração de sua origem divina.

J. H. da Cunha Rivara.

LINGUA PORTUGUEZA.

AO DIARIO DO GOVERNO.

(Continuação do artigo 387.)

526 Vamos procurar reduzir a poucos parágraphos o que bem era materia para grossos volumes.

Se o haver no mundo linguas, em logar de uma só lingua, é resultado necessario da constituição do mesmo mundo, ou méro effeito de muitos milhares de acasos, é uma questão ociosa; deixal-a-hemos. Se conviria, ou não, que todos os povos chegassem a fallar uma só lingua, é outra disputa, em que prós e contras, tão finamente se-intertecem, que temeridade seria o sentenceal-a antes da grande prova da experiencia. Se, finalmente, o commércio material e intellectual, e o velocissimo viajar pela terra, pelo mar e pelos ares poderão dar de si — que dentro em alguns milhares de annos, o morador das margens do Newa tendo almoçado em sua casa, e vindo jantar nas margens do Téjo, pense, e se-exprima como os que lhe aqui derem de comer, e pratique á mesa redonda sem o mínimo empacho com o chin, com o americano, com o africano e com o novo-zelandio, eis o que não podemos prognosticar. O que sabemos, e não consente dúvida, é — que por ora a polyglóta começada no meio das obras de *Babel* existe, e não ameaça caír tão depressa em ruinas, como a bíblica tórre, que lhe-serviu de berço.

Ha porém uma questão ácerca da linguagem, que nem é irresoluvel, nem ociosa, nem estéril; a saber, — se cada povo deve ou não testar a seus netos, a que herdou de seus avós: — examinemol-o.

Antes de tudo é mister considerar a linguagem nas suas diversas relações. A tres capitaes se-reduzem ellas — a communicação dos affectos naturaes de todo o género: — a satisfação das necessidades individuaes ou sociaes: — o estudo e descobrimento das qualidades, assim do corporeo, como do incorporeo.

A primeira d'estas relações pertence necessariamente a cada uma de todas as linguas: a segunda pertence, com preferencia, ás linguas dos povos mais numerosos e politicos: a terceira ás das nações mais adultas e allumiadas. — Os affectos são a unica de todas as coisas sublunares, que os seculos não transformam; o amor é o que era no tempo de Propércio, no tempo de Sapho, no tempo da mulher de Putiphar, no tempo de Lia, Rachel e Jacob, emfim no tempo de Adão e Eva. O que dizemos do amor póde egualmente applicar-se ao ódio, á ambição, á amisade, ao desprezo, ao ciume, á vingança, a cada uma das affeições domésticas, etc. As necessidades individuaes e sociaes, essas sim transforma-as o tempo, que augmenta, diminue, ou diversifica os meios de as-satisfazer; ahi reina já a moda. Emfim as sciencias speculativas, e as sciencias physicas, medrançosas de seu natural, teem forçada necessidade de alterar, e locupletar de contínuo os seus vocabularios.

Os principios, que deixamos postos, resumem o nosso pensamento ácerca do que deve ser, do que deve ter, e do a que póde, e do a que deve aspirar qualquer idioma: e ninguem os-chamará carunchosos, mesquinhos, ou pouco liberaes. Appliquemol-os á materia sujeita.

A *lingua portugueza*, fossem quaes fossem os perigrinos, e numerosos elementos, com que se-formou, cresceu, e poliu, não só chegou a ser uma lingua sobre si, mas uma lingua formosa, (o que mui poucas são, e nenhuma talvez mais do que ella); e uma lingua abastada e rica, do que nem todas se-podem gabar. O portuguez dos seculos XVI e XVII, que é o portuguez, já maduro, e succoso, e ainda não eivado, nem corrupto, é com mínimas differenças o que a nós, homens de hoje, nos-veio por nossos avós e pais, e muito mais por nossas avós e mães, porque a lingua é como os bons costumes, onde menos se-estraga, é dentro em casa. Este grande thesouro de vocábulos, phrases, e expressões não está todo encerrado nas livrarias classicas, que é o mesmo que dizer — não jaz todo no cemiterio em sepulchros com epitaphios; — anda vivo, e em uso corrente por muita parte: nas salas menos do que nas cosinhas, casas de lavor, e officinas; nas cidades grandes menos do que nas pequenas; mais do que em todo outro sitio na immensa povoação das aldêas, campos, praias, e serras. Em summa o portuguez legítimo, apezar das novellas, a despeito dos periodicos, e em menoscabo do perpetuo empenho dos *theatros normaes*, postoque achacado atura, e, louvado Deus, póde ser que ainda d'esta não venha a morrer. Queremos ter esta fé, e temol-a: por isso andamos pedindo aos que teem alma, o não desamparem; que lhe não abram as veias como a damnado, a quem se-perdeu a esperança; ou o não tractem como a moribundo, a quem se-dá quanto lhe-lembra, e nenhum remedio.

Presupposta esta verdade, mui consolativa e fecunda, — de que o nosso amado portuguez não expirou, e poderá restaurar-se, — examinemos, qual será o regimento, que na presente conjunctura lhe convem.

Quanto a nós cifra-se elle n'uma grande liberdade, e n'uma grande sujeição. No tocante ás sciencias novas, e crescentes, que todas recebemos por importação, ou sejam sciencias physicas, ou methaphysicas, ou politicas, ou economicas, ou industriaes, e similhantes, abramos os portos ás novidades: venham com as coisas perigrinas os perigrinos vocábulos, e ainda em parte a construcção e stylo, que o consenso dos sabios do mundo mostrou ser mais adequado na materia, a que os taes vocábulos pertencem: venha tudo isso, e nas boas horas venha. Mas haja ahi verificadores de *alfandega* de olho aberto, e mãos limpas e zelosas, que não só não deixem passar de envolta escusados e damnosos contrabandos, mas as mesmas fazendas de lei as não deixem correr sem demonstrada necessidade. Assim, por exemplo, todo o homem de tino relevará ainda os termos enxacócos da *Phrenologia*, a sua *destructividade, amatividade, combatividade, imitatividade, etc.*; mas não perdoará ao doctor, que d'isso houver usado, quando este escrever — *madama fulana guardou o leito durante alguns dias, e se-assujeitou sem murmurio ás minhas prescripções, quaesquer rigorosas que ellas fossem. — De um ar morno e abatido ella parecia não envisajar que a salvação, á qual a sua sujeição só a-podia guiar: as suas*

vistas invocavam uma esperança, ah! que estava bem longe d'ella, e o túmulo demandava a sua prêsa; mas, graças aos meus soccorros ministrados a proposito, e a uma dusia de bixas applicadas sabiamente, já hontem tomou um passeio, e não ha mais logar de temer por sua sorte: com razão pois eu estou féro de haver arriscado n'esta doente uma similhante espertisa.» — Tal período é parvo em uma obra de medicina, como em uma novella, como em qualquer livro, ou folheto, ou jornal, ou conversação: e comtudo metade da medicina, que hoje se-escreve, assim se-escreve. Temos dado com mão larga a licença; pois tão liberaes somos que ainda a-queremos ampliar: — corra ella por fóra dos limites do necessario; derrame-se até aos confins do util, e, mais longe ainda, até aos do agradavel; que já é conceder a immensidade: todo o espirito bem nascido, quer poeta, quer prosador, ouse formar por derivação, por composição, por feliz e inspirada onomatopéa, e até em alguns casos, por adopção, e perfilhação, mormente do castelhano, vocábulos, que bem gravados com o moderno cunho, bem expressivos, e bem carregados de idéas, ou relações, jamais d'antes ennunciadas, mereçam ficar para sempre recebidos. — A esses innovadores tributar-lhes-hemos nós as honras de classicos; anticipar-lhes-hemos os louvores da posteridade; e nos-hemos de presar de ser, no commercio das idéas, os passadores das ricas moedas régiamente cunhadas com o seu nome. ¿Este bom serviço, que a cada uma das linguas vivas e mortas fizeram seus antigos auctores, porque razão o não poderiam fazer os escriptores-principes da nossa edade, ou os das edades que de após vierem?

Ninguem agora dirá que — podiamos conceder mais; nem tanto certamente nos-pediriam nossos adversarios. — Pois bem, venhamos logo á restricção, que é a outra parte do regimento de que a nossa lingua enfèrma necessita. Esta restricção, que todos os estudiosos facilmente comprehendem, difficil empenho seria o declaral-a ao vulgacho dos escrevedores leigo e anárchico: mas em summa começa, onde se-acabam as raias, que já dissemos, do necessario, do util, e dos vôos nobres da eloquencia, e poesia.

Todo o vocábulo forasteiro ou novo, posto em logar de um portuguez bom e sufficiente; toda a phrase, ou dizer extranho e superfluo; toda a construcção grammatical, contextura, ou geito de período avêsso ao nosso costume; todo o anexim, rifão, proverbio, adagio, símile, comparação, imagem, trópo, ou figura inconciliavel, ou só difficilmente conciliavel com a nossa vernaculidade do dizer, do sentir, e do pensar, são defeitos, erros, vicios, ou crimes que, em se-commettendo, logo se-hão-de castigar sem misericordia; por que todas essas e quejandas tontices não podem proceder senão, ou de culposa incuria, e falta de estudo antes do escrever, e de lima depois de haver escripto; ou de altaneria de ânimo, que adrêde, e acintemente procura dar a estrangeiros, o que nem elles, por lhes-ser inutil nos-pediam, o idioma de nossos avoengos, aquillo com que nossas amas nos-acalentaram no berço, e com que nossas mães tão guapas historias nos-alaviavam na infancia. Bem vemos nós quem são os peiores inimigos d'esta doctrina restrictiva; — são os cínicos da traducção, e os madraços do jornalismo: porque para um homem com ella se-conformar ha-se mister dos livros classicos manuseados de noite e dia; do diccionario sempre aberto; da attenção sempre vigilante; da paciencia incançavel, com que o nosso bom mestre *Fr. Luiz de Sousa* muitas vezes de uma pagina escripta, riscada, e rescripta, só vinha a apurar uma linha, ou uma phrase, como da fervura de um grande alambique só a gotta e gotta se-destilla espirito brilhante e precioso.

A tal incuria, desamparo, e feira da ladra é chegada entre nós a arte de escrever, que isto, que sempre e em toda a parte, foi havido por doctrina corrente, a muitos ahi escandalisará como fanatismo: ¡paciencia! ralhem, ou riam, que não desfarão com isso o axioma, que diz que — sem aprender não ha ser mestre — e se isso é no fazer botas, como o não seria no fazer livros?

Nunc satis est dixisse, ego mira poemata pango.

Dado por certo sem mais discursos, nem auctoridades, que para escrever portuguez é indispensavel ter lido, e ler portuguez, saibamos o que da licção dos classicos se-póde, e deve aproveitar.

Teem para si os que nunca os-folhearam, que são todos elles fastidiosos, antiquados, escuros, supersticiosos, creudeiros, e não sabemos que mais: e por esta preoccupação nescia se-privam de um estudo, que sobre muito proveitoso, abunda em regalos para os que de véras o-continuam. No conversar aquelles mestres, sempre e com razão havidos por taes, cresce com a veneração o affecto, que se-lhes-tributa; o qual insensivelmente se-vai convertendo em louvavel desejo de os-imitar. No desempenho d'este desejo póde sim haver, como em todas as coisas boas, seu tal ou qual excesso; mas ha um uso licito, antes louvavel, contra o qual é nada menos que vergonhoso o vociferar: este uso é preciso deffinil-o claramente. — Consiste elle em duas partes — na construcção do período; e na escolha das palavras, phrases, e dizères. — Quanto á construcção do período é evidente para todos os que sabem portuguez, quanto do francez differe o nosso essencialmente; e com grande melhoria, accrescentaremos nós, e o-provariamos, se para isso houvéra campo — Quanto á escolha de termos, intendemos, que se muitos dos antigos foram bem suppridos por equivalentes, muitos outros, que se-aposentaram sem culpa, nem successores, é serviço, e grandissimo, o forcejar pelos repôr em exercicio: o que tanto não é impossivel que muitos podéramos nós inventariar ressuscitados n'estes ultimos annos, remoçados, louçãos, e correntes: e ¡que maravilha! pois pegam palavras que nunca foram de cá, e não haviam de pegar as que já com as nossas conviveram tão fraternalmente? Os que diligenceiam restituir-nos ambas estas coisas; — as riquezas perdidas do nosso vocabulario, e a nativa construcção portugueza, — tanto os-havemos por beneméritos que até de bom grado lhes-relevaremos alguma demasia, a que o seu zelo aqui ou acolá desallumiado do que chamam bom-gôsto, os-possa porventura conduzir. Oh! se o nosso illustre adversario, collaborador do *Diario do Governo*, emvez de perseguir n'este caso o excesso de virtude, voltasse as armas contra os apostados assolladores da nossa lingua, se o *massacre*, o *deboche*, e o *debute* lhe-fizessem metade do nojo que lhe-fazem o *bofé*, o *quiçá*, e o *alfim*, quanto não ganharia na contenda o nosso bando nacio-

nal? Mas perdoar ás traducções empastelladas de gallicismos, e castigar as que vem recheadas com os fructos copiosos de muito e bom estudo, não é isso leal nem digno de tão excellente e provado juizo como seu.

¿Quaes serão porém os prestimos d'este trasvasar, que tanto recommendamos de um pouco do portuguez velho na enfésada aravía do nosso tempo? Muitos e momentosos: — ainda mal que só podemos apontal-os.

Quanto mais crescer a terminologia tanto mais se-augmentarão os meios de exprimir cada coisa com propriedade; de variar emvez de repetir; de chamar ou de espertar a attenção; de acudir ás precisões da oratoria e da poetica; — ¿porque mais? Poderia alguem impugnar as vantagens de uma sinonímia copiosa?

Agora quanto á construcção do periodo excede a nossa comprehensão, como possa haver, se é que ha, entre pessoas de tino, quem anteponha a triste construcção franceza, que hoje reina, e de que *La Harpe*, e todos os criticos de lá tanto, e com tão bom fundamento se-lastimam, á contextura semi-latina propria do nosso idioma! — Com esta admiravelmente se-ajudam a clareza e a eloquencia: — com esta vem as palavras, vem as orações, intertecendo-se, collocar-se nos devidos logares para actuarem com toda a força, e produzir no intendimento ou na phantasia a maxima impressão logica ou artistica: — com esta se-chega mais facilmente ao tom sincero e persuasivo, porque a fórma do nosso pensamento, em que as causas, os effeitos, e as circumstancias costumam vir promiscuos e travados, muito melhor se-coaduna o apparente enleio, e ás vezes longura do periodo, do que não as series de pontos finaes de tres em tres, ou de quatro em quatro palavras como na francezia se-pratica; — com esta emfim, e só com ella póde haver na prósa o rythmo e número tão recommendado por todos os mestres desde *Cicero* e *Quintiliano* até *La Harpe* e *Maury*; rythmo, e número, parte essencialissima da escriptura, mas cuja existencia, cujo prestimo, cuja possibilidade muita gente desconhece: não a-desconheciam Fr. *Luiz de Sousa* e Fr. *Manuel Bernardes*, que para afinar tão melodiosamente os seus periodos a nenhuns sacrificios se-forravam; sem o que, por mais excellentes, que houveram sido seus ingenhos, nunca chegariam em nossa litteratura a se-enthronisar tão altamente.

Deixamos perlibados os pontos capitaes da questão e ficamos dispostos a dar satisfação de todos, e cada um d'elles a quem quer que nol-a requeira: porque do seio da consciencia nos-saiu, quanto ahi apenas enunciámos.

Confirmamos pois contra os embargos do *Diario do Governo* a sentença que por nossa parte déramos sobre a traducção do KENILWORTH do Sr. *Ramalho*. É cheia de portuguez, assidua e copiosamente colhido nas melhores fontes: e quanto aos chamados archaismos, se os-tem, e são de vocábulos, cuja ressurreição possa aproveitar, em vez de o-censurarmos, agradeçamos-lhe o generoso brio, com que para ajudar a enriquecer a lingua se-arrosta com os desdemzinhos e epigrammas dos inimigos juramentados do *diccionario*. Accrescendo ainda em favor seu que para uma acção do seculo XVI nunca os vocábulos do seculo XVI se-poderiam taxar de mal cabidos.

D'isto pelo menos temos nós certeza, que se por esse reino fóra se-mandarem duas traducções da mesma obra, uma trescalando francezia por todos os póros, outra respirando toda portuguez classicó; a segunda não só ha-de ser dos doctos preferida, senão que só ella se-verá até nos serões da aldéa, se lá chegar, lida, intendida e amada por homens, mulheres e creanças; é porque na lingua de nossos classicos, na lingua de nossas avós e amas, de nossas cosinhas e fábricas, de nossas ruas e casaes, ha o que quer que seja de sincero, de conchegativo e de nosso que só nos-parece natural: ha uma certa doçura de recordações ou saudade vaga, um cheiro quasi imperceptivel das coisas boas e bonissimas dos nossos primeiros annos, que namora e captiva independentemente dos pensamentos e affectos que d'essa tal linguagem se-revestem.

¿Mas sendo isto assim d'onde provirá a moda de escarnecer a quem nos seus escriptos forceja por fallar ainda hoje portuguez? — Desembarcavam sabado ultimo do navio *Firmeza* para o caes do Terreiro do Paço algumas pessoas, que do Brazil se-recolhiam ao seu Portugal ricas e honradas: vinham contos *de réis* em grilhões de oiro aos pescoços e nos pulsos das mulheres e aos peitos dos homens; seguiam-nos sacos e cofres que pelo gemer, dos que os-arrastavam não deviam de vir cheios de filós e figurinos; e o povo descalço ria e motejava dos cofres e dos grilhões. — Concluamos. — O amor á lingua da nossa terra anda ligado com o amor da nossa terra e da nossa gente: é até uma virtude, companheira certa, senão mãe, de muitas outras. Quando no fallar nos-acostumarmos a preferir por timbre o nosso ao estranho, tambem por uma consequencia logica e necessaria anteporemos o nosso Doiro ao Champagne; o nosso lemiste aos pannos inglezes; o nosso Camões a Paulo de Kock; o nosso dinheiro aos toucados das modistas parisienses; e os dramas dos nossos ingenhos, que Deus ajude, ao vaudeville bastardo, que Deus confunda. Amen.

(Continuar-se-ha.)

Antonio Feliciano de Castilho.

UMA VISTA D'OLHOS SOBRE A NOSSA AFRICA.

527 O que vamos a dizer ácerca do estado lastimoso da Africa portugueza, é uma mui resumida exposição do muito, que por lá vimos, e observámos, que por certo daria materia para formarmos um grosso volume, se o-houvéramos de contar miudamente. É a costa d'Africa de seu natural muito fertil; e podéra ser um paiz riquissimo, se soubéramos animar n'elle a industria, e um commercio legal, e honesto. O marfim, a cêra, os metaes, as variadas especies d'animaes, que n'elle se-criam, o café, o trigo, milho, centeio, linho, canna d'assucar, para não fallar já d'outras producções, dariam sem duvida sufficiente materia d'um grandissimo commercio! Mas por desgraça d'aquelles povos, por desserviço, e discredito de Portugal parece, que um só desejo, um sentimento unânime, tem de longos tempos arrastado todos, que alli são, ou para lá vão sob qualquer titulo — o deshumano tráfico da escravatura. — A esta causa, e a outras circumstancias, que são bem conhecidas, é que se-deve attribuir o tristissimo estado, em que se-acha a nossa Africa. Deus queira, que, desenganados os cubiçosos d'aquelle bárbaro commercio, respeitem d'aqui por diante as leis, e acatem melhor os

direitos da humanidade; e que ao menos, por mais não poder ser, olhem grandes, e pequenos, naturaes, e estranhos, governadores, e governados para o verdadeiro interesse do paiz dando-se á agricultura, e á industria! Mas o primeiro passo, que é mister dar para o melhoramento d'aquella terra, o ponto principal, e a unica via, e fundamento d'onde lhe-póde vir um bem real, e estavel, é a creação religiosa, e civil: sem ella não ha regra na vida, moral nos costumes, honestidade nos contractos, crédito e honra no commercio; sem ella não ha, nem póde haver sociedade, nem coisa boa em homem: e quasi sem ella passam aquelles povos vida silvestre, e immoral. Depois da extincção dos conventos diminuindo de dia para dia o pequeno número de ministros da religião, morrendo uns de fome, outros de doenças, não ha já quem leve aos sertões, nem aos povoados a palavra de Deus; quem evangelise a paz, e ministre a doctrina, e os sacramentos. Quem poderá descrever os males, e horrorres que de tamanha lástima teem nascido, e vão crescendo? Nas mesmas cidades é extrema esta falta: em *Loanda* os templos estão em ruina, e o culto sem ministros! em *Benguella* a unica egreja, que havia, não se-abre ha mais mais de anno, desde que morreu o vigario, que era o unico pastor d'aquelle numeroso rebanho! por toda a parte emfim procede a impiedade sem rebuço. Grande número de homens, mulher ese creanças morrem sem baptismo: nós presenciámos esta desgraça na quadra da peste, e das bexigas. Parece que a Providencia por altos juizos, que homem não póde comprehender, entregou aquellas paragens á reprovação, e as-condemnou a serem prêsa das aguias infernaes, e da rapina diabolica.... O Bispo Eleito, que tantas esperanças nos-dava de restabelecer a religião, e a moral por entre aquelles povos; e em cujas letras, e virtudes tinha a egreja africana grande promessa de benção, e explendor, aquelle zeloso apóstolo do Christianismo desde que alli chegou, e viu estado tão lastimoso, sentiu logo apertar-se-lhe o coração de dôr; sem meios, nem recursos para reparar tantos males, não encontrando um só companheiro ao menos no seu ministerio, que o-podesse ajudar, e em quem confiasse; perdeu os alentos, as esperanças, e a vida. A tristeza, e mágua que lentamente o-consumiram, bem as-conhecemos nós no tempo que com elle praticámos. O lamentavel estado da sua egreja; a falta de sacerdotes em que estava; a ignorancia, e máus costumes dos poucos que por lá havia; a necessidade de estabelecer um seminario eram os pontos sobre que constantemente discorria; eram cuidados que o-traziam desvelado: e vêr que o mal crescia, que tardava o remedio, que não eram attendidas suas instancias, foi dôr profunda, que o-levou á sepultura. Grandissima foi a perda de tão digno prelado! tamanha falta não será facil de remediar. — O estado actual do clero lusitano é pobrissimo em todo o sentido: e quando fôra facil encontrar quem podesse substituir aquelle prelado, ainda assim é coisa de muita valía, e que sem tempo, e sem trabalho não se-póde alcançar, o miudo conhecimento do paiz, o tracto com os seus naturaes, a experiencia dos achaques, e dos remedios, como elle pelo sancto zêlo que o-abrazava já havia adquirido. Dos naturaes de terra, não sabemos nós, que se possa esperar alguma ajuda na trabalhosa obra da regeneração moral, no ensino da doctrina christã, e menos ainda na licção do bom exemplo, que é a mais efficaz! Os poucos clerigos da Costa de Leste, sobre serem distituidos de toda a instrucção, teem-se dado a uma vida bem alheia do seu ministerio; todos são negociantes. O desmedido desejo d'engrossar sua fazenda é o seu evangelho; o estudo dos meios licitos, e illicitos que com indifferença empregam, como possam contar com algum lucro, é todo o seu saber; não ha n'elles mais letras, nem outra sciencia — ignorancia, avareza, dureza de coração, usuras sem termo, cavilações em tudo; é o que por lá se-encontra. O que acabâmos de dizer, e o muito que ainda calâmos, e que mal podiamos crêr quando a toda a hora, e em toda a parte o-estavamos vendo, nos-obriga a pedir, e instar fortemente pelo remedio que nas circumstancias actuaes do Governo portuguez fôr possivel. Se ainda se-quer conservar o titulo de portuguezas n'aquellas possessões; se alli se-quer uma sociedade, um governo, um povo, dê-se-lhes pelo amor de Deus uma religião, um culto, um pastor! Dê-se-lhes doctrina, e costumes! *O Subdiácono Marinho.*

SURDOS-MUDOS.

528 Sr. Redactor. — O artigo de um seu correspondente no 1.° n.° da corrente série da Revista, sobre a arte de fazer falar os mudos, que se-diz invenção de um Portuguez, admitte duvidas. Tantos são os titulos de gloria da Nação, que intendo nada perde, ainda negado este.

É antiga a pirataria, e usada na Republica Litteraria. Entre mil exemplos lembro o famoso do sistema da immobilidade do sol no centro do mundo, que se-diz concebido pelo Prussiano Copernico no seculo 15.° e 16.° Mas esta tinha já sido a opinião do antigo Astronomo Aristarco de Samos, como refere Plutarco; adiantando alguns, que elle a-ouvira na Escola do seu compatriota Pithagoras. Outro grande exemplo: O Medico Inglez Guilherme Harveo publicou-se em 1628 como tendo descuberto a circulação do sangue. Ora ha quem diga, que elle a-aprendera de seu Mestre Fabricio de Aquapendente, na Universidade de Padua. A gloria do descobrimento pertence entre tanto a um Alveitar Hespanhol, Francisco de la Reina, anterior a ambos os ditos Medicos, o qual no cap. 94 da obra impressa em Burgos em 1564 exprime claramente a idéa d'aquella circulação.

Assim no caso da loquella dos mudos. O Judêo Portuguez e Medico, Jacob ou Joani Pereira, inculcou-se em França como inventor d'esta arte. Conta-se que em 1752 fez prova d'ella na Academia das Sciencias de Pariz, e recebeu do Rei uma pensão de 800 Libras. É porém a verdade, que já no fim do seculo 17.° o Inglez Walis, Professor da Universidade de Oxford, e Soam Conrado Aman, Medico Suisso estabelecido na Hollanda, tinham conhecido e exercitado aquella arte. O ultimo publicou-a em 1701 na Dissertação — De Loquella — reimpressa em Amsterdam em 1748. Não era occulta ao nosso Judêo a prenda de Aman, porque falava d'este com grande despreso, e invejou tambem ao celebre Abbade Carlos Miguel de l'Epée o credito justamente merecido pela perfeição dada ao sistema ou methodo da instrucção dos mudos, como li no 4.° n.° do Archivo Popular de 1841.

Mas a nenhum dos referidos pertence a gloria de tal invenção, sim ao Monge Benedictino Hespanhol, Fr. Pedro Ponce, fallecido no Mosteiro de S. Salvador de Onhos, em Agosto de 1584, como certifica o Mestre Yepes, Chronista d'aquella congregação, Nicoláo Antonio na Bibliotheca Hespanhola e Morales, coetaneo do citado Monge, no seu livro das antiguidades de Hespanha. Accresce que no dos óbitos do sobredito Mosteiro, tinha a memoria de Ponce estas palavras — inter exteras virtutes.... in hac præcipue floruit ac celeberrimus toto Orbe fuit habitus, scilicet, mutos Loqui docendi. — No universal naufragio das casas, rendas, e bens dos Monges, salve-se ao menos a reputação e gloria que mereceram e alcançaram por seus trabalhos, serviços, e descobrimentos. Reste-

do sempre reinado boa ordem, desde a instituição do Refeitorio.

Trabalhos manuaes. — Para prevenir todas as consequencias do ocio e do descontentamento, o Dr. *Leuret* occupa os seus doentes em diversos trabalhos. Aquelles, que são fortes e vigorosos vão trabalhar nos campos, ou nos jardins do Hospicio; e os que teem debil saude, ou para os quaes seriam penosos os trabalhos do campo, occupam-se em trançar palha, etc.

Taes são os diversos meios, que fazem parte da medicação empregada pelo Dr. *Leuret*, e cuja applicação é tão frequentes vezes coroada de successo nas mãos d'este Pratico.

Para melhor se-appreciar a importancia do methodo do Dr. *Leuret*, transcrevemos aqui a descripção de uma visita feita ao Hospicio de Bicêtre pelo Dr. *Gérard Marchant*. « A primeira vez, diz elle, que fui aos concertos musicos de Bicêtre, acompanhei o Dr. *Delaye* de *Toloza*, que tambem quiz conhecer os seus effeitos sobre os alienados. Fomos introduzidos na sala do canto, alguns minutos antes do começo dos exercicios. Trinta doentes, pouco mais ou menos, se-achavam em roda de um chefe d'orchestra; por detraz d'elles alguns musicos para os-acompanhar, e em frente um espaço reservado para o Medico, e os que seguiam a visita d'este; o resto da sala estava occupado por bancos destinados aos doentes, que não cantavam.

« A simples vista d'esta sala produziu em mim grande surpreza; eu não sabia o que devia admirar mais, se o auditorio tão socegado e tão profundamente recolhido, ou os concertantes, cuja attenção estava toda absorvida pelo estudo das peças, que íam cantar. O vestuario dos doentes, a expressão de sua physionomia, characterisando o estado da sua intelligencia, tudo me-impressionou profundamente. Eu já achava n'esta ordem, n'este resultado, um progresso, um poderoso meio de curativo. A entrada do Dr. *Leuret* na sala serviu de signal. Os doentes cantaram com gosto muitas peças; cujas lettras moraes e religiosas, e stylo terno e expressivo contribuiam para tornar esta sessão verdadeiramente affectuosa. Um melancholico, cuja inercia lhe-imprimia o cunho da estupidez, adiantou-se sem máu humor, e cantou muitos romances com um accento triste e muito apropriado ao assumpto. Estes cantos tão bem modulados, sahindo de uma bócca sempre muda, provocaram em todo o auditorio sinceros applausos, que desenrugaram por um momento o semblante d'este infeliz.

« Mas não é sómente durante o tempo dos concertos, que os doentes recebem a feliz influencia da musica; elles tomam todos os dias licção, e durante as suas recreações os convalescentes são encarregados de excitar os outros a cantar. D'este modo os visitadores d'este asylo d'alienados são affectados por maneira agradavel, o que não acontece nos outros hospitaes. Em Bicêtre facilmente nos-esquecemos de que nos-achamos entre loucos, e segundo as horas, a que chegamos, ou se-nos-representa um Estabelecimento de muitas officinas, ou uma eschóla regimental, ou julgamos assistir a uma eschóla de canto especialmente destinada para operarios. » *Dr. José Pereira Mendes.*

MEIO DE CONSERVAR A CRAVAGEM DE CENTEIO.

524 Muitos meios se-teem empregado para conservar a cravagem de centeio, e entre elles parece ter a preferencia o que o Sr. *Martin* acaba de propôr: diz elle, que pelo seu methodo tem cravagem de mais de dois annos perfeitamente conservada.

Eis o meio, que emprega: toma cravagem de centeio, que esteja sã, e bem sêcca, lança-a n'uma dissolução concentrada de gomma arábica, e depois de a-ter ahi por algum tempo, enxuga-a sobre uma folha de Flandres; em estando sêcca repete a mesma operação; duas, ou tres immersões são sufficientes. Depois de sêcca perfeitamente a ultima camada de gomma, mette a cravagem n'um frasco enxuto, e bem tapado.

N. B. Segundo elle a gomma arábica não póde ser prejudicial ao effeito da cravagem de centeio.

(Jornal das Sciencias Medicas de Lisboa.)

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

NOITE DE S. JOÃO.

Eram fins d'esse mez festivo e bello
Consagrado a João, sancto o mais guapo
Mais garrido e brincão do kalendario:
Garrett. D. Branca,

23 *de Junho.*

525 Salve, noite mysteriosa! noite tão suspirada por mancebos e donzellas; tão festejada de todos! E como por todo o dia, que parecia eterno, andou afanosa, e não menos que afanosa, prasenteira toda a aldêa! qual foi ao bosque visinho cortar a viçosa murta e alecrim para sobre o fogo sancto perfumar os ares de suaves aromas: qual foi ao prado colher as mais frescas flores, e teceu d'ellas galhardas e vistosas capellas: qual finalmente ficou juncto da choupana enramando de verdura o mastro embandeirado, improvisando toscos arcos de triumpho.

Nada tem o estio que invejar ás outras estações, suas irmãs. Se o inverno começa com a noite do Natal; se os folguedos do carnaval abrem a porta á primavera: o estio por sua parte entra ufano em companhia do Baptista.

Tudo está prestes; eis-que chega a noite amiga. Já estála a fogueira crepitante; já soam as salvas de alegria; já ao som do indispensavel pandeiro se-cantam em solfa, desde antigas éras usada, os louvores de João; já os moços dançam, os velhos applaudem, e todos bemdizem ao menino, e como menino, tão folgazão Baptista.

Mas estai attentos, vós, que pertendeis n'esta noite de encantos consultar a vossa *sorte;* estai attentos á estrella, que vos-apontar a meia noite. N'essa hora o dedo invisivel do Baptista volverá as folhas do livro do destino, e vos-indicará a vossa sentença. — Mas tende fé, e com ella fortificai a vossa esperança, donzella enamorada, mancebo apaixonado; que não permittirá o vosso protector, que vos-deve tantos hymnos e louvores, que vosso tão puro amor seja trahido, ou mal recompensado. Sim; por sua intercessão brotará novo florir a queimada alcaxofra, ouvireis o nome de quem só occupa o vosso coração; e tudo vos-irá de bem para melhor.

para 16 annos uma molestia, que principiou por uma tal aversão aos alimentos, que não levava mais do que alguma pouca fructa e uma chávena de chá ou caffé: e isso mesmo o-lançava pouco depois de recebido: assim passou tres mezes. Nos tres annos seguintes antojada até da fructa só se-manteve de algumas chávenas de chá ou caffé, tomadas quotidianamente, e logo vomitadas. D'isso mesmo se-enfastiou por fim, ficando reduzida á mais absoluta abstinencia: ainda assim continuou a andar de pé, e a lidar como d'antes sem sequer se-sentir privada dos regulares dispendios mensaes. Caída na cama após alguns mezes, continuou o jejum: então o seu medico lhe-applicou tres pílulas de certa composição: tres mezes depois foram as mesmas tres pílulas evacuadas tão inteiras e limpas como se não houveram servido. Assim aturou alguns annos, até que seu pai recorrendo a um médico de fama, então preso na relação de *Lamego*, pelo receituario d'esto lhe-trouxe uma sombra de melhoria, pois que tornou a-admittir a diaria chávena de chá ou caffé, apezar de pouco tempo se-lhe-conservar no estómago. A doente sobreviveu ao médico e vive, e as chávenas já passaram de uma a tres, excepto nos dias de abstinencia religiosa, em que por mortificação se-priva de duas; não havendo necessidade de que alguem lhe-diga quaes esses dias são, porque a tudo tem a memoria tão presente e o intendimento tão firme, que infunde assombro em quantos a-tractam.

Conserva-se perennemente na cama e ás escuras sem obrar nunca, e ourinando pouco, e raras vezes: só de mez a mez consente em que a-virem, e só então se-lhe-renova a roupa, a qual, ao lavar-se, toda se-desfaz. Não cria em todo o anno um só insecto de especie alguma. — ¿Como havia de pagar contribuições quem nada recebe? — Não é gorda nem magra; tem o carão alvo: o cabello, que nunca vê pente, se-lhe-conserva desenriçado e corredio. Ha um anno fallava pouco e sumido, agora tem na voz mais substancia e desembaraço.

¿Affirmaremos que seja tudo isto rigorosa verdade? não o-ousamos. Não ha muito que um egual jejum de certo inglez, depois de dar que fallar a todos os periodicos, e de ter originado muito sabias polémicas physiologicas de doctores, a final se-averiguou não passar de um embuste.

Em Copenhague, haverá agora doze annos, acreditou-se que uma judia, além da bagatella de viver sem alimento, creava dentro em si agulhas, que lhe-saíam pela pelle; e realmente se-lhe-viam saír, e se-lhe-extraíam. O médico Geroldt escreveu um tractado para provar que uma rapariga podia ser uma fábrica de agulhas; e por derradeiro soube-se que ella mesma as-introduzia na pelle para que esse mesmo doctor, de quem sem no elle saber vivia namorada, lh'as viesse tirar e mantinha-se de assucar; descobriu tudo uma creança. Vai em vinte annos que em Santa Combadão ou perto d'ahi havia outra que diariamente, e com tanta ponctualidade, como uma boa galinha põe ovos, punha formosas bollas de barro do tamanho de laranjas: todo o povo vivia espantado, e ao cabo todo o povo desfechou a rir. ¿Mas porque no mundo tem havido eguaes trapaças, seguir-se-ha que seja esta necessariamente mais uma? Tambem não. Conviria portanto mandar pelas vias policiaes e médicas proceder a sisudo exame sobre a materia, afim de destruir uma abusão, se o-é; ou de registar para a sciencia um facto precioso. Ninguem dirá que não valha a pena. ¡¡Que grande coisa não seria para o estado actual das nossas finanças, se a physiologia nos-podesse fazer a caridade de nos-ensinar a viver sem mantimento!!

COLLEGIO DOS MENINOS ORFÃOS DE COIMBRA.

Sua Trasladação.

533 Houve quem judiciosamente observasse, que a maior parte dos estabelecimentos de beneficencia deviam sua fundação a Senhoras portuguezas: folgamos porém em apontar uma excepção no *Collegio dos Meninos Orfãos de Coimbra*, que reconhece por instituidor ao Doctor *Caetano Corrêa de Seixas*.

Este piedoso Ecclesiastico instituiu este seminario em seu testamento, que foi confirmado por Provisão de 9 de Novembro de 1803, ordenando-se por outra de 29 de Janeiro de 1808, que o numero, edade, e qualidades dos Alumnos se-regulassem por este testamento, que religiosamente se-devia observar, sem que nenhum dos fundos e rendimentos da herança podesse divertir-se dos públicos e saudaveis fins para que os-applicou o testador.

Posteriores doações teem habilitado a Misericordia, administradora de todos estes bens, a augmentar o numero dos Alumnos, que ao presente é de trinta. Aqui são instruidos nas Primeiras Lettras, e doctrinados nos elementos da Religião, até chegarem á edade de se-applicarem a differentes mistéres, olhando por elles a *Misericordia* até completarem o tempo de aprendizes vestindo-os, e pagando aos Mestres, que os ensinam e sustentam. Áquelles em quem ressumbra especial talento para as Lettras proporciona os meios de cursar a Universidade, onde a 25 de Julho passado recebeu o grau de Doctor em Theologia o Alumno d'este collegio, *José Gomes Achilles*, actual Parocho da Freguezia de S. João d'Almedina d'esta Cidade.

Desvelando-se porém a *Misericordia* pela boa fortuna de seus pupilos, ha muito sentia o não lhes-poder dar mais commoda habitação, por ser apertado e pouco sadío o edificio em que residiam. O extincto *Collegio da Sapiencia* por sua amplidão, não só offerecia bom agazalho aos *Orfãos*, senão que podia ainda receber as *Orfãs*, cujo recolhimento sito na *rua do Coruxe* tinha os mesmos inconvenientes que o *Collegio de S. Caetano*. Sollicitou a *Mesa da Misericordia*, e obteve por Carta de Lei de 15 de Setembro de 1841 a cedencia do Edificio e Cêrca para alli estabelecer os ramos da sua administração, e os Collegios dos Orfãos, e das Orfãs, para onde deliberou (depois de feitas as obras que demandava a Casa para habitadores de differente sexo, que haviam de viver independentes) se-fizesse a trasladação hontem 19 de Junho.

É incrivel o alvoroço com que se-esperava este dia; concorreu das visinhanças da cidade, e ainda de *Monte Mór o Velho*, e *Figueira* (que dista de Coimbra 7 legoas) grande numero de pessoas; todas as ruas do transito estavam cheias, nem uma só janella desoccupada. A *Mesa da Misericordia*, mais que ninguem interessada no esplendor d'um acto, que por tantos motivos lhe-dizia respeito, não se-poupou a esforços para conseguir fosse o mais pomposo, convidando para a Procissão todas as corporações, e auctoridades.

Eram seis horas da tarde quando da Egreja da Misericordia saía este solemnissimo préstito: vinham a-

diante as Confrarias do Sacramento das nove Freguezias da Cidade; seguia-se a da *Misericordia* com os seus trezentos irmãos, após ella os Doctores e Lentes da Universidade, os Conegos da Cathedral, e a Clerezia paramentada juncto do Pallio, sob o qual levava o *Sanctissimo Sacramento* o Sr. *José Maria Torres*, Lente de Theologia na Universidade, Escrivão que fôra da *Mesa da Misericordia*. As auctoridades civis os *Meninos Orfãos* presididos pelo seu Reitor e Vice-Reitor, as vinte e tres *Orfãs* com suas mestras e regente, o Doctor *Provedor* e *Membros da Mesa da Misericordia*, rematavam este respeitavel cortejo, que ainda acompanhava o luzido *Batalhão de Caçadores n.° 28* em grande uniforme, com sua musica. Seriam oito horas quando entraram no templo do *Collegio da Sapiencia*, que estava ricamente armado, onde terminou esta augusta funcção pelo Hymno *Te Deum Laudamus* cantado a musica.

Esta edificante Procissão commoveu a quasi todos os que a-presenciaram: muitas pessoas, nós o-vimos, ao contemplar aquellas tenras creancinhas tão cedo privadas de seus pais, deram uma lagrima saudosa á memoria dos seus tambem já finados; muitas mãis beijando seus filhinhos rogavam a Deus lhes-aviventasse os pais; nós que não pertencemos ao numero d'esses indifferentistas, a quem nada toca, unimos nossas orações ás de tantos filhos e mãis extremosas. Lembrámo-nos tembem do bom Conego *Seixas*, que se vivesse muito folgaria de vêr os *seus Meninos* tão bem agasalhados, e do bom Conego *Montanha*, que lhes-legou a sua bella *Quinta da Portella*, nas margens do Mondego, para alli se-irem espairecer nos dias de sueto. Homens, que tanto vos-empenhaes em ultrajar os ecclesiasticos, assacando-lhes crimes abominaveis, aqui tendes dois exemplares de sólida virtude, dois varões illustres, ambos Doctores distinctos por Lettras e Piedade, que tão bem se-casam, os quaes seguindo as máximas do Evangelho enthesoiraram seus bens nas mãos dos pobres; outros muitos bemfeitores conta a Misericordia pertencentes a esta veneranda classe. Praza ao Ceo que se-multipliquem estes generosos exemplos de beneficencia; elle queira tambem abençoar, pelo zêlo fervoroso com que promoveram esta solemnidade, os Mesarios da Confraria da *Misericordia*, erecta em *Lisboa* em 1498 pela Rainha D. *Leonor*, viuva d'El-Rei D. *João 2.°*, e creada em *Coimbra* no anno de 500.

Está salvo de ruinas o extincto *Collegio da Sapiencia*; continuará a existir este magnifico edificio, fundado pelo P. Prior Geral D. *Accurcio de Santo Agostinho*, dos Conegos Regulares d'este nome; poderemos ainda mostrar a estrangeiros a *quina* do seu dormitorio, como *ponta de diamante*, pasmo dos architectos; oxalá podessemos dizer, o mesmo de outros ameaçados de eminente destruição. *R. de Gusmão.*

Coimbra 20 de Junho.

NOS INNOCENTES ESTÁ A VERDADE.

534 No districto de *Santarem*, no casal chamado do *Zote* viviam uma velha, que ainda se-lembra do terremoto, seu filho, e um seu neto de 5 annos. Andando-se este a folgar com outras creanças, na manhã de 17 de Maio, lhes-disse mui innocentemente «que seu pai e sua avó tinham aquella noite matado «a um homem, e que lhe-tiraram muitos 5 *réis brancos*.» Correu o dicto; nasceram suspeitas: entreveiu a justiça; foram presos os do casal; interrogados sobre o caso, negaram. — Reperguntados sagazmente cairam; e já o crime é confessado. A infame velha relatando o homicidio commettido em sua presença, pelo filho com uma faca, por ella mesma para isso apresentada, parecia tão senhora de si, como se estivera referindo a mais indifferente coisa do mundo antigo.

MENOS ROMANTICO.

535 Sob o titulo do *Mais Romantico* publicára o *Periodico dos Pobres do Porto* um envenenamento, que em o nosso Jornal foi copiado no artigo 455. Agora publica uma carta e documento de autopsia, com que o *Administrador do Concelho de Céa* impugna a veracidade da noticia. Julgámos do nosso dever dar conta d'isto; e com gôsto o-fazemos. — Em materia de horrores bem bastam os averiguados e certos: não se-deve recorrer á calúmnia para os-accrescentar. — O homem, que se-dizia envenenado, parece que, morrêra de pleuriz.

QUI PRO QUO.

536 Na semana passada o relator de um jury em causa crime, tornando com os seus collegas a entrar na sala da audiencia, leu por entre o mais profundo silencio dos circumstantes a sempre suspirada e sempre temida sentença. O crime tinha-se julgado provado; mas tambem se-tinham julgado provadas circumstancias attenuantes. Leu pois em voz alta e triumphal» tal (o crime) por humanidade está provado! tal (as circumstancias attenuantes) por humanidade está provado. A *humanidade* era a *unanimidade* do jury.

A ré Genoveva Roza, criada de servir, de edade de 21 annos, presa havia cinco mezes, foi condemnada a um anno de prisão. Em um dos dias de meado Janeiro fôra vista á hora do meio dia lançar de um muro do quintal de seu amo (na calçada do Poço dos Moiros) para a rua um recémnascido vivo mas com uma ferida na cabeça, e que depois de baptisada viveu ainda seis horas. Presa e interrogada confessára ser filho seu e de seu amo, e que por medo que lhe este infundia o-lançára á rua. A visivel estupidez da ré, as fortes suspeitas de que realmente a-allucinariam receios de seu amo, hoje preso por outras culpas, e sobretudo o não haver morto e sumido o innocente como aliás poderia ter feito; eram em verdade boas razões para a defeza do patrono e veredicto dos julgadores. Algumas explicações se-dão d'este facinoroso misterio, mas como não passam de presumpções devemos remettel-as ao silencio.

SERRA DO PILAR.

537 Este edificio e templo illustre nas chronicas religiosas, e na chronica militar de nossos tempos illustrissimo, era lástima para quantos o-visitavam convertido em montão de ruinas. Não o-póde soffrer por mais annos a generosa piedade dos Portuenses; apesar da dureza dos tempos metteram hombros á reedificação, proseguem as obras com furia, já este anno S. Antonio havia de ser festejado no seu Altar a 19 do corrente, e a 15 d'Agosto o-será no seu a imagem de N. S. do Pilar.

HOSPEDAGEM DE TIGRES.

538 É horrendo por todas suas circumstancias, o que de Villa de Thomar nos-referem, como succedido nas immediações. Um viandante desconhecido pediu agasalho em uma casa; concederam-lh'o: está sosinho e pacifico no quarto, onde espera pernoitar. Chega o patrão, arremessa-se sobre elle, trava-lhe das mãos; sobrevem logo a dona da casa armada de um podão; e a mãe d'esta com um alguidar: o malvado segura a victima, uma mulher o-degola, outra lhe-apara o sangue!!!!

Com musica, ou mesmo sem ella, recommendamos este assumpto de drama ao Theatro Normal; mas com musica sería melhor.

BOM EXEMPLO DE HONRAS POSTHUMAS.

539 No dia 5 de Março d'este anno os Membros da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa, em acto solemne reunidos, erigiam no cemiterio do Alto de S. João um monumento sepulchral mandado fazer á sua custa, e consagrado á memoria do seu defuncto consocio o Sr. José Maria Pereira de Sousa. Ahi o Sr. Joaquim José d'Almeida recitou um discurso por a mesma sociedade approvado paza aquelle acto, ao que se-seguiram outros analogos dos senhores Klerk, e Guedes: —

Começaremos emfim a dar apreço ao sepulchro. Ainda bem! que é elle a mais preciosa mina da moral.

POR BEM FAZER MAL HAVER.

540 Nas visinhanças de Thomar conduzia um official de diligencias para a cadêa a um homem, cujo nome e culpas ignoramos; desavindos no caminho, e enraivecido o official por palavras, que lhe o preso dirigiu, saltou n'elle á pancada tão desabridamente, que o-estendeu por morto.

Um feirante, que á hora acertava de passar pelo sitio, condoído do que vê, apeia-se, carrega na sua cavalgadura ao moribundo, para o-levar aonde o soccorram: era tarde; o desgraçado a poucos passos expirou. O pobre feirante acha-se mettido em trabalhos procedendo agora a Justiça contra elle.

É assim pontualmente que do sítio nos-referem este acontecimento, por dois modos escandaloso.

UMA MACHAFEMEA.

541 De Vianna nos-escrevem um singular e recentissimo acontecimento, que se ainda fôra tempo de casuistas bem podéra dar de si alguns folios de controversia. Chegado o dia de se-baptisar uma creança, rogados á pressa os padrinhos e convidados os amigos da familia, partiu toda a comitiva para a egreja, ficando em casa o pai a acompanhar sua espôsa ainda de cama. Passada uma hora ouvem o festivo repique dos sinos e pouco depois vêem com grande alegria entrar nos braços da triumphante comadre e cortejado de folgazão concurso o fructo já abençoado de seus amores. — Parabens, parabens, sr. compadre, diz o padrinho esfregando as mãos, o nosso João é um homem, não chorou nem quando lhe-deitaram a agua pela cabeça. — Que João? responde o pai, abrindo dois grandes olhos. — Que João! o afilhado. — Que afilhado? — O menino, o menino, bem empregado nome que parece um sancto. — Que sancto, ou que diabo? Ora querem vocês apostar que me-foram lá fazer da pequena um rapaz! — (Realmente assim era: a femeasinha recebera com a mais perfeita condescendencia o nome de *Joannes*. O parocho fôra enganado pelo padrinho, o qual o-fôra pelos seus ouvidos, intendendo, no relatorio invitativo do pai, *menino* em vez de *menina*: a parteira e alguns outros assistentes á ceremonia, sabiam sim a realidade do sexo, mas o que não sabiam era que Joannes não significava Joanna. A mãe atemorisada com a novidade quiz examinar por seus olhos a creança, e deu graças a Deus de que as palavras sacramentaes não tivessem tido sobre o corpo tanto influxo como sobre a alma.

O MARIDO DE MINHA MULHER.

542 Com este infame título, se-representou Sabbado no theatro normal pela primeira vez, e em beneficio do actor *Lisboa*, uma comedia que deixou a perder de vista o Richelieu; — repetiu-se ainda uma vez e foi redondamente pateada. Honra e louvor ao público! Chamava-se o tablado a eschola dos bons costumes, e é agora a platéa quem os ensina ao tablado.

---

543 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 15 ATÉ 21 JUNHO 1842.

Dias do mez.	Thermometro exterior. Minimo.	Thermometro exterior. Maximo.	Barometro. 9 h. m.ª	Barometro. 3 h. t.ª	Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	Estado da Athmosphera.
15	62	81	762,0	761,0		N¹	Claro. — dia quente, ar mais secco, e tarde fresca.
16	62	85	761,4	761,0		B N¹	Id. Id. Id.
17	63	84	762,2	761,8		B N	Id. Id. Id.
18	62	91	762.4	761,7		B N	Id. Dia muito quente. Id.
19	66	91	760,1	759,0		B SO	Claro e nuvens: athmosphera vaporosa, sol descorado, e noite muito quente.
20	69	60	757,8	757,0		B SO	Id. Id. Id.
21	65	84	759,9	759,5		B ¹SO	Claro e algumas nuvens. — Dia quente. — Viração fresca.

Tem continuado sem alteração a influencia da 2.ª quadra, começada a 11 do mez, desinvolvendo fortes calores, principalmente desde 18 até 20, nos quaes o thermometro, posto á sombra, attingiu 91.° F. (26 R), acompanhada da mesma seccura no termo de Lisboa, aonde não chove desde o 1.° de Maio; porém estas rigorosas calmas teem sido em parte mitigadas pela frescura da viração mareira das tardes. — Consta-nos que em varias partes do reino tem havido chuvas de trovoada, as quaes já mencionámos, e ultimamente cahio abundante em Tavira, no dia 5 do corrente mez.

M. M. Franzini.

Na Imprensa Nacional.

2.° DA 4.ª SERIE. N.° 39. 30 JUNHO 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sahe ás quintas feiras. = Escriptorio na rua da Quintinha n.° 53 = Assigna-se no Escriptorio e na loja da viuva de João Henriques n.° 1, rua Augusta = Avulso 80 réis: 12 números 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis = O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados. Cada serie de 12 números, desde o principio do jornal, custa 600 réis = Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias = Os das provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhe convier = Sobscripto da Correspondencia: Ao Redactor da Revista Universal, rua da Quintinha n.° 53 = Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade = Qualquer artigo interessante será acolhido com gratidão e publicado = A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se-lhe-remetta um exemplar = Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o desejar = Tambem no seu Escriptorio se-patentearão ao publico objectos de similhante natureza, que para alli sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal = Esta Folha acceita e troca com todos os jornaes portuguezes = A distribuição na capital faz-se em tres horas = Este número sahe ás nove horas da manhã.

EXPEDIENTE.

O Escriptorio d'este Jornal mudou-se para a rua da Quintinha n.° 53 — Fica supprimido, como se declarou, o Gabinete de Leitura. — Se em consequencia d'esta medida, *que se tinha tornado indispensavel*, algum assignante quizer deixar de o-ser, fica expedida ordem para no Escriptorio se-lhe-restituir o equivalente aos números ainda não entregues, cuja importancia houver satisfeito. Assim fica respondida uma carta anonyma que recebemos. — Roga-se aos agentes do Jornal nas Provincias, e aos assignantes que ainda não teem pago subscripções, que o-façam quanto antes. — Houveramos desejado transcrever o importante artigo sobre lingua portugueza, que o Sr. *J. F. P. Marecos* inseriu no *Diario do Governo*, de 25 do corrente, mas as curtas dimensões d'esta Folha Semanal o não permittem: chamâmos para elle a attenção de nossos Leitores.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ESTRADAS.

PORTUGAL.

(Continuação de pag. 446.)

Alterando o proposito do número antecedente, posto que sem nenhum designio de entrar nos pormenores do seu custo, parece-me que para regra geral, em materia de estradas para Portugal, se-podia adoptar com muita pertinencia o principio de que, se os correios seguem a população, e as estradas são para esta, d'esses correios seguissem o transito. É obvio que os correios não se-hão-de ter estabelecido aonde d'elles não haja precisão, e aonde a-houver, maior deve ser ainda a das estradas. Mais tarde, assim se-desinvolva a população, tambem outras se-fariam. Se este pensamento merece alguma contemplação, adoptando como centro a capital, temos, segundo o mappa dos correios assistentes de Portugal, publicado em 1818 por aviso de D. M. P. Forjaz, de 18 Abril 1817.

1.° Leguas 6. Estrada geral de Lisboa até ao Carregado.
2.° » 13. Idem de Lisboa ás Caldas com as perpendiculares de Mafra, Torres Vedras, Peniche e Obidos. *N. B.* Esta estrada estava muito no caso de se-prolongar até á Figueira, por abranger o pinhal de Leiria, de que fallei no número antecedente.
3.° « 25. Idem do Carregado a Coimbra, passando por Leiria.
4.° « 15. Idem do Carregado a Thomar.
5.° « 36. Idem de Thomar até á Guarda, passando por Castello Branco, Fundão, Covilhã, etc., com perpendicular sobre Abrantes.
6.° « 29. Idem de Coimbra a Vizeu, Pinhel, e Almeida.
7.° » 10. Idem de Vizeu ao Pêso da Regoa, por Lamego.
8.° » 18. Idem de Coimbra ao Porto.
9.° » 42. Idem do Porto a Miranda, por Villa Real e Moncorvo.
10.° » 9. Idem do Porto a Vianna.
11.° » 24. Idem, Idem, a Braga, a Ruivães, a Chaves, etc., com uma obliqua,
» 12. sobre Bragança, a qual deve ter
» 16. outra communicação directa com Villa Real, por Vizeu para Coimbra, e d'ahi buscar Lisboa.

—— 255 leguas

Estas são as communicações, com insensiveis modificações, que já existem gisadas sobre o mappa de Portugal para as Postas, de Lisboa para as provincias do Norte. Resta só tornal-as transitaveis, que tenham pequena largura, e confecção, mas que sejam continuadas sem lacuna; porque havendo-a, já ellas não servem de nada, como acontece á Estrada Real. Quem se-mette em uma caleça, é para chegar ao seu destino, não é para ficar em meio caminho.

Voltando agora outra vez a Lisboa, as communicações de além do Téjo, e do Sul do Reino, seguindo sempre a mesma guia, são:

12.ª Leguas 30. Estrada geral de Aldêa-Gallega a Elvas, por Montemór, Arraiolos, e Extremoz, com uma diagonal de Extremoz para Portalegre, e outras
8. de Montemór para Béja, por Evo-
16. ra e Alvito.
—— Transporte leguas.......... 54

Transp. leg 54
13.ª « 8. Idem de Aldêa-Gallega a Setubal.
14.ª « 21. Idem de Béja a Faro, por Almodovar e Loulé.
15.ª « 14. Idem de Béja a S. Thiago de Cacém.
16.ª « 10. Idem de Faro a Castro-marim.
17.ª « 10. Idem, idem, Lagos.
« 117. Sul e Éste de Lisboa.
« 250. Norte e Éste dito.

372, Leguas.

Com estas vias de circulação em estado de um vehiculo transitar por ellas, á razão de legua e meia por hora, poderá Portugal considerar-se reino, e Lisboa deixar de ser a sua pobre capital, desde que não tem a estrada aquatica do Brasil, que a-tornava emporio das mercadorias do Sul, que, por outras estradas tambem maritimas, lhe-vinham buscar as nações da Europa em embarcações que se-crusavam no Téjo, pois que por cada arroba de pêso em que pega um transporte de terra, pegam ellas em mais de cem, pela decima parte do frete, sendo triplicada a sua velocidade de marcha. Perfeitas em tudo, taes estradas não demandam feitio algum, por mais compridas que sejam, e só á entrada e saida precisam de uma luz de noite, para com mais promptidão entrarem e sairem os carreteiros que devem fazer a riqueza de todas as nações que as-teem e as-apreciam, e lhes não poem a cancella das pautas. Portugal, por via d'estas mesmas pautas, privado d'aquellas, e tambem sem as de terra, representa os fuzís de uma cadêa que não estão ligados entre si, de maneira que se alguem fosse a puxar por ella achava-se com a argola unicamente que tivesse na mão.

N. B. Com o presente número se-distribuem a alguns assignantes exemplares de uma chapa em resumo, que foi lithographada, para indicar melhor a derrota das estradas de que fallo. Tambem se-podem vêr as mesmas no mappa.

(Continuar-se-ha.)
Claudio Adriano da Costa.

VERDADEIRAS FONTES DA RIQUEZA D'UM PAIZ.

515 Não ha na Economia Politica doctrinas tão dogmaticas, e tão universaes, que em geral se-possam applicar a qualquer paiz, seja qual fôr sua situação: as circumstancias particulares de cada um são outras tantas excepções, que por força se-devem conhecer, e apontar a essas theorias systematicas, cuja applicação indiscreta será sempre de ruina, e de morte, quando por alguma razão devêra de ser temperada, modificada, e ainda reprovada sob certas condições. — Economistas antigos, e modernos, e de grande conta, têem estabelecido como axioma, que o consumo das producções estrangeiras, longe de arruinar o commercio dos consumidores, antes o-favorece, facilita, e estende, trazendo-lhes em todo caso commodidades, gosos, e maior civilisação. Largos são os discursos, e varias as razões, com que se esta doctrina defende. Nenhum fundamento teriamos nós para combatel-a, nem sequer para modifical-a; se em a-applicando ao nosso paiz, não vissemos logo o seu abatimento, e pobreza de todos os grandes recursos da industria, como um poderoso obstaculo, que se-lhe-oppõe, e terá de oppor-se, emquanto durarem as causas internas, e externas que teem produzido este atrazamento. Na primeira classe d'estas causas vemos nós (e verá todo o homem que olhar attentamente para o nosso estado actual) a má divisão, e descuidada administração do nosso fertilissimo terreno; a desigual agricultura, que vai por todo este paiz; o amor do luxo, dos apparatos, e dos regalos da vida: o máu estado das nossas alfandegas; a frouxa fiscalisação; e sobre tudo isto a falta de commercio interno, não só mantida na ociosidade, e nos antigos habitos de quasi todas as provincias, mas escudada com o pretexto (posto que em parte verdadeiro) da falta de segurança, que em todas ha por causa dos ladrões, salteadores, e bandoleiros, e pelo máu estado das estradas, que na realidade é tal, que muito retarda, e difficulta as communicações internas. No que toca ás causas externas não nos-demoraremos em nomeal-as: facil é conhecel-as: assim o fôra remedial-as! A influencia, que necessariamente exercem as grandes nações nas pequenas, ou por alguma via descaidas de sua grandeza, é sempre uma especie de máu fado, que de continuo anda deparando tropeços a quantos passos esse pequeno paiz tenta dar para melhorar de sorte: é como um inimigo invisivel, ou já embuçado com o titolo d'amigo, de valedor, d'alliado, quem tudo espreita, tudo conhece, desconcerta, e empece tudo. — Melhores fados nos-dê Deus ás nossas coisas! Em tal conjuncção de coisas tão contrarias, que nos-perseguem ha muito tempo, o nosso pobre paiz é já tão acabado, que não nos-dá tempo a essas questões, com que se o remedio costuma ventilar, examinar, e considerar por todos seus lados: conhecido o mal, é lançal-o fóra! — A introducção em geral dos generos estrangeiros em o nosso estado, não é para nós como os economistas o-pintam: é veneno, é morte para a nossa industria. — ¿Como poderá o lavrador do Douro, e da Bairrada comprar productos aos estrangeiros, se estes não lhe-levam o seu vinho? ¿Como poderá fazel-o o do Alemtéjo, e da Beira Baixa, se lhe-faltam caminhos, estradas, e todos os meios de levar ao mercado os seus generos? Os habitantes da maior parte da Extremadura, e da Beira Alta, estão no mesmo caso; cortados, e separados dos melhores mercados dos seus cereaes, e vinhos por serras sem caminhos, são obrigados a receber por elles o vil preço, que algum especulador lhes-offerece. ¿Que monta aos lavradores do Minho, e Traz-os-Montes colher grandes producções da agricultura, se para as-levarem aos logares mais proximos, aonde as-podem vender, dispendem quasi o valor de suas mercadorias? — Fica logo muito claro, que este nosso paiz, dado tal estado, não póde seguir a doctrina d'esses Economistas, que louvam tanto a introducção dos productos estrangeiros. ¿Aonde ha aqui essa vantagem reciproca, esse equillibrio no dar, e tomar, sem o que não ha contracto, que geito tenha? Os consumidores naturaes a toda a hora vão gastando, e comprando fazendas dos estrangeiros; e sómente d'anno a anno, e com muita fadiga, despeza, e incerteza, adquirem os seus generos, que para ahi lhe-ficam sem preço, e sem procura que preste. — Esta nossa doctrina é tambem fundada na opinião de distinctos economistas, que fazendo a apologia da liberdade de commercio, a-limitam, e até affirmam, que um povo lavrador não póde deixar de ser industrio-

so. A opinião do Professor *J. B. Say* não é duvidosa, no seu curso d'Economia politica prática, tomo 2.° a fl. 67, no qual diz o seguinte: — Os lavradores queixam-se muitas vezes da falta de consumo. ¿ Para que, dizem elles, augmentaremos a quantidade de nosso trigo, e de nosso vinho? ¿ nós não podemos vender o que presentemente colhêmos? Esta queixa parece desmentir uma verdade, que receberá mais tarde o desinvolvimento; é que os homens se-multiplicam aonde as producções augmentam. ¿ Porque razão em certos cantões apartados, nos quaes não é facil a communicação com o resto do paiz, a população, os consumidores não se-multiplicam a par dos productos?

É porque se não encontram n'esses logares outras industrias concorrendo com a da agricultura Para consumir os productos d'agricultura, não basta saber beber, e comer; é necessario poder comprar estes productos; e para poder compral-os, é preciso saber ganhar, e no mesmo tempo fazel-os produzir. É com objectos fabricados nos logares, ou trazidos de longe, que se-póde comprar o pão, o vinho, a carne, em uma palavra todos os productos da terra. Se nós podermos assignalar as causas, que prejudicam os productos, que não são da agricultura; nós deduziremos as que paralisam a venda das producções d'esta.

A primeira condição, para que um paiz adquira industria, é o conhecimento, que os habitantes teem de seu preço, e o quererem vencer a preguiça commum ao homem e aos animaes, quando não são estimulados pela necessidade, e gostos proprios. N'este estado imperfeito de civilisação, em que os antigos habitos nos conservam, os homens que possuem algumas vantagens, que não são fructo de seus exforços pessoaes, taes como a propriedade de um pequeno fundo, ou d'um emprego, que só devem á imperfeição d'organisação politica, estimam mais gosar, na ociosidade, uma renda mediocre, do que fazel-a augmentar por actividade do espirito, e do corpo. Familias indolentes não produzem filhos industriosos, e, quando os-dão, elles vão empregar em outra parte os seus talentos. Um proprietario se-queixa de não achar sahida a seus generos, sendo elle a causa d'isto. Em logar de se-entregar a trabalhos uteis, dissipa uma grande parte do tempo á caça, no bilhar, no jogo, nos cafés, (e nós os portuguezes em conversações ridiculas). Com um genio mais inventor, uma actividade mais extensa e mais perseverante, elle formaria para si, e para os seus, emprezas industriaes pequenas, ou grandes, que seriam viveiros de consumidores. Elle seria imitado por outros; o paiz se-povoaria, e os productos manufacturados achariam successivamente consumidores, ou no paiz, ou no estrangeiro.

Mas não basta, para produzir na industria manufactora, fazer ao acaso estofos, louças, aneis, ou agulhas; é necessario fazer coisas, cujo valor possa pagar as despezas da producção. É necessario por consequencia achar-se em estado de calcular estas despezas, e conhecer os elementos proprios a fundar o *valor vendivel* do producto, quando fôr acabado. É uma das maiores vantagens d'economia politica o fazer espalhar este genero de conhecimentos, e tornal-os usuaes. Em verdade é necessario capitaes, para alimentar emprezas d'industria. Ora, os capitalistas das grandes cidades não se-atrevem a arriscar seus fundos em industrias apartadas, antes que ellas se-tenham experimentado, e se-hajam ha muito tempo estabelecido. É necessario, por tanto, que ellas marchem gradualmente, e comecem, para se-alimentar das economias feitas em cada Cantão. Quando por estes meios uma provincia remota se-torna industriosa, quando ella sabe estabelecer communicações com o resto do paiz, sua prosperidade vae crescendo, os capitaes lhe-affluem de mais longe; formam-se ahi com mais confiança emprezas industriaes: as necessidades dos habitantes se-multiplicam com suas riquezas; desde então os productos da terra, e trabalhos d'agricultura serão levados ao mais alto valor. Vós vêdes que, de todas as maneiras, nós somos sempre levados a este resultado de que, se um cantão não prospera tanto, quanto seu terreno e sua situação o-permittem, é por falta d'industria e capitaes. São estes os elementos de toda a prosperidade. Ora ter-se-ha industria, quando se-for intelligente e activo; e haverá capitaes, quando se-souber fazer economias. — Até aqui o Economista estabelece doctrina exacta, que mais nos-pertence hoje, do que aos francezes, e que mais se-deve vulgarisar, para que findem preconceitos, e theorias illusorias, que nos-perderam algumas vezes, e que nos-farão novos estragos, se não se-escutorem conselhos tão salutares.

Ha hoje alguns paizes na America que podem comprar muitos productos d'industria estrangeira, e pagal-os com os generos de sua agricultura, sem lhe-fazer damno, e pelo contrario tirarão vantagens; os mais favoraveis são o Brazil, e Monte Vídeo; produzindo immensos artigos d'agricultura, e tendo apenas braços para os-cultivar, sempre lhe-sobram productos para trocas vantajosas por toda a qualidade de industrias e manufacturas, que não irão em grande quantidade para paizes de tão pouca população. Nós reproduziremos aqui uma opinião do *João Baptista Say* em prova da nossa. Diz elle — O novo paiz de Buenos-Ayres, sem exigir reciprocidade faz um commercio vantajoso com Inglaterra, enviando-lhe uma quantidade consideravel de coiros, de clinas, e sebo. Ora supponde, que Buenos-Ayres, animado dos principios do systema exclusivo, quizesse um dia favorecer alli o estabelecimento de manufacturas de lã e algodão, e que tratassem de prohibir a sahida de seus productos brutos, e a importação de mercadorias inglezas; ¿ que aconteceria? Para pagar más fazendas e estofos, elles renunciariam aos faceis proveitos, que lhes-são offerecidos pela natureza de seu paiz e de sua industria.

Nós diremos a respeito do Brazil, o que o *João Baptista Say* diz, na nota do Vol. 3 a pag. 390, a respeito dos Estados Unidos. — O que seria necessario proteger entre os Brazileiros, ou antes, o que não precisa protecção são seus productos d'agricultura, que podem multiplicar-se infinitamente, e cujo desinvolvimento seria impedido, se ahi se-recusasse receber mercadorias manufacturadas, pelas quaes os estrangeiros são obrigados a pagar-se em productos de agricultura, não só por falta de numerario, mas porque viagens tão longas não se-podem fazer, sómente com os ganhos em moeda dos productos d'uma viagem, trazendo á Europa os navios em lastro, o que, se não produzisse perdas, de certo poucas vantagens poderia produzir. É por tanto interessante a alguns paizes da America, e principalmente ao Brazil, o mais felizmente collocado, receber productos e manufacturas da Europa; não só para poder trocar os seus generos, mas principalmen-

te para animar a communicação com os paizes europeus, que mais lhe-podem dar as artes, a civilisação, e mais que tudo os braços brancos, que só podem conservar a paz e estabilidade entre as differentes raças.

Entretanto as leis e conveniencias dos paizes da America não servem a Portugal em relação com as outras nações da Europa. Fechemos pois por ora essas bellas paginas dos Economistas, que não nos-servem suas theorias nas actuaes circumstancias! Nenhum paiz póde comprar sem vender: este é o grande axioma, que não carece de mais prova. Procuremos primeiro augmentar nossos productos de industria agricola, e artistica: asseguremos-lhes mercados vantajosos, o que é muito possivel; e depois receberemos de fóra os productos, que mais possam dar-nos o equilibrio, e a verdadeira reciprocidade commercial.

C. X. Pereira Brandão.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

A SANCTA CASA DA MISERICORDIA.

2 de Julho.

546 Este cantinho do mundo, a que chamaram Portugal, e hoje não sei como se-lhe-chame, foi nos seus bons dias uma eschóla aberta de intrepidez e de valor, um seminario de virtudes, e uma mui formosa palestra litteraria. Os seus gloriosos feitos d'armas por ahi andam contados e recontados; razão unica porque não faremos d'elles mui frequentemente o assumpto de nossas commemorações. O que nós desejaramos era sim maior espaço n'este jornal, e mais tempo livre de outras forçosas e indispensaveis obrigações, para mais folgadamente trazermos á memoria de nossos leitores, já os utilissimos fructos de esclarecidas virtudes, já as admiraveis producções de artes e letras, com que, como á porfia, teem enriquecido o mundo homens e mulheres, cavalleiros e donas, filhos d'esta nossa patria.

Os factos d'estas especies são commummente menos conhecidos, e alguns por ventura em todo o tempo escassamente memorados. Tal nos-parece a primeira fundação da Sancta Casa da Misericordia. Esta fundação, que de antes não teve modelo, nem depois imitação em outros paizes: esta fundação, em que resplandece na sua maior pureza a verdadeira caridade christã, que, pelo dizer de passagem, tanto differe da philantropía philosophica; é obra dictada pelo coração de uma senhora, e de uma senhora portugueza; filha, esposa, e irmã de principes e reis portuguezes. Fallâmos da senhora rainha D. Leonor, filha do infante D. Fernando, mulher e prima d'elrei D. João 2.°, irmã d'elrei D. Manuel.

Em occasião mais opportuna faremos menção de outras muitas suas fundações de caridade e piedade, cada uma das quaes seria per si só bastante para a-fazer passar na posteridade por uma das rainhas, que mais dignamente se-tem sentado em throno. Aqui só apontaremos, por ser instituição similhante á de que n'este artigo fallâmos, a fundação dos banhos e hospital da villa das *Caldas*, que da fundadora tomaram o appellido *da Rainha*. Na mesma occasião e logar será tambem mais opportuno ponderarmos os grandes serviços, que a esta illustre princeza devem as letras patrias. Baste por agora mencionar que o seu nome anda vinculado a um dos mais celebres monumentos da litteratura e linguagem portugueza no XV seculo, o rarissimo e precioso livro da *Vita Christi*.

Foi tão appropriada á índole do povo portuguez; foi por elle tão bem recebida a sancta e sublime instituição da Casa da Misericordia, que em poucos annos se-crearam á similhança da de Lisboa outras em quasi todas as cidades e villas do reino. Os nossos soberanos sempre as-teem favorecido com sua munificencia, e especial protecção. Elrei D. Manuel impetrou da Sé Apostolica, que a festividade da *Visitação* fosse celebrada n'este reino com maior solemnidade, e deu esta invocação ás egrejas das Casas da Misericordia. D'ahi vem ser este dia (2 de Julho) o em que annualmente se-renova a governança d'estas casas, e em que n'ellas começa o novo anno.

Todo o portuguez sabe o que é a Irmandade ou Confraria da Misericordia, composta de pobres e ricos, de plebêos e fidalgos; sob cujas bandeiras acha abrigo e amparo o desvalido, alimento o faminto, vestido o nú, medicina o enfermo, consolação, se a póde ter, o sentenceado, sepultura o finado, emfim, pae e mãe e familia e mundo o engeitadinho do amor e da natureza.—Oh! se vós ouvireis, como nós ouvimos todos os dias, as fervorosas acções de graças, que pobres e necessitados, victimas infalliveis da indigencia e desamparo sem o auxilio d'esta Sancta Casa, dirigem ao Altissimo por ter inspirado os fundadores e bemfeitores d'ella, conheceríeis, e sem dúvida já conheceis, que é d'aquellas instituições, que se-podem reputar como um dos mais necessarios elementos da nossa existencia social.—Mas aquellas acções de graças não são sem mistura de mui sérios e continuados receios de que esta divina instituição soffra brevemente, como tantas outras já soffreram entre nós, golpe mortal, sob pretexto de melhoramentos.

Felizmente tem sido até agora respeitada, e confiâmos que continuará a sêl-o (ao menos por instincto nacional), a despeito das pretenções de alguns *modernisadores e progressistas*. Em uma das principaes cidades do reino trabalhava-se, ha coisa de tres annos, em um projecto de novo Compromisso para a sua Misericordia, mais accommodado ás *luzes* do seculo. Tachava-se de anachrónica, visigóthica, e bárbara a distincção dos irmãos em mechánicos e nobres; quando um varão sisudo, que fazia parte do congresso, rompeu pouco mais ou menos n'estas palavras = «Olhai que o que vos-parece peccar contra a sagrada lei da egualdade é aqui o mais seguro penhor d'ella. Se abolís a distincção dos mechanicos e nobres, em breve será a administração d'esta casa, que é dos pobres, e para os pobres, monopólio dos ricos e poderosos: então debalde clamarão os pobres contra esta usurpação; suas vozes não serão ouvidas dentro d'este recinto. Em vez de favorecer a aristocracía, é esta disposição da lei, mais popular, e até direi, mais republicana do que julgaes.» = Estas reflexões não são para desprezar, e as-submettemos á consideração dos nossos Lycurgos, Solões, e Dracões, se a lida e trafego de seus trabalhos lhes-deixarem uma hora vaga para lançar os olhos sobre as columnas do nosso humilde jornal.

J. H. da Cunha Rivára.

LINGUA PORTUGUEZA.

AO DIARIO DO GOVERNO.

(Continuado do n.° 387.)

547 Como bom cavalleiro, que não ha tomar desarmado em seu castello, logo ao primeiro toque da nossa busina vimos assomar-se na ponte levadiça o adversario a quem, por qualquer parte que andasse a fortuna, sempre ao cabo ficavamos devedores: porque, se o vencel-o era gloria, — e tamanha, — no ser d'elle vencido não cabia por isso mesmo algum desdoiro: e, pois que ambos viemos a briga de coração leal, não se-ha-de ella escusar, nem ha-de ter fim antes de averiguado, qual das contrárias damas dos nossos pensamentos se-deve gloriar de mais formosa, — se a moderna linguagem, estreme como a elle quer, ou a linguagem, como a eu desejo, ataviada das finas joias que em legítima herança lhe-vieram. Temos o *sol* e o *terreiro* bem partido: se a sua destreza e fôrça sobrepujam ás nossas, e porventura o-ajuda maior favor dos circumstantes, a melhoria, que julgâmos levar-lhe quanto á causa do combate, nos-repõe brios e esperança.

Antes porém que na pendencia nos-travemos, seja-me lícito explicar d'onde vem, que dois ânimos, sempre e em tudo tão conformes, em tão grave ponto, como este, se-ajunctassem para brigar. Sem metáphora o explicaremos. Logo ao saír dos saudosos porticos da Universidade, em que elle e sua donosa poesia foram sempre mais classicos e Filínticos do que eu e minhas humildes tróvas, arremessou-nos a fortuna por diversos caminhos a fins diversos. A elle, para o mundo, onde tanto havia de resplandecer, — a mim, para o retiro e obscuridade, como coisa de pouco ou nullo préstimo. Então aquelles dois estados, continuando-se com os annos, começaram de fazer o seu officio; por onde ambos a final viemos a apparecer-nos transformados; elle, prendado com todos os dótes e condões de agradar, trocou a poesía sonhada pela poesía vívida: foi um dos mais festejados ornamentos das sociedades e saráos, o elegante traductor de Lamartine para as damas, o orador facil e discreto no parlamento, o escriptor mais fecundo e urbano na imprensa periódica. Eu, a quem tantas glórias nem eram possiveis, nem tentadoras, doméstico por condição e gôsto, e mais solitario ainda na cidade do que na provincia, acolhi-me ao mundo velho; creei para mim communidade com os auctores classicos; deliciei-me na sua linguagem; envergonhei-me do muito que havia escrevinhado; não fiz voto algum de reformação, mas tanto me-caiu todo aquelle seu ingénuo e graciosissimo dizer, tomou-me tão afinado com as fallas da casa, e com as fallas do campo, que, sem outra razão mais do que o meu interior contentamento, comecei de desejar que de tão rico e enterrado thesoiro, fossemos todos com honrosa porfia sacando á luz o mais possivel. Não eram em mim avareza nem ambição estes desejos; porque bem via eu não ser aquillo mais do que umas preciosas alfaias, com que só espiritos mui ricos poderiam apparecer trajados; mas consolava-me amostrando-as, e recommendando-as a esses taes espiritos, porque se não ficassem ahi perdidas.

Agora, que já as causas da nossa discordancia estão patentes, entremos na disputa.

No artigo, que sobre ella inserimos no passado número, accusa-nos o nosso adversario de havermos combatido opiniões que não eram suas; tractando de pontos que nem andavam, nem podiam andar, entre nós controvertidos. Sim o-fizemos; ¿porém que boa razão nol'o vedava? Aproveitámo-nos da aberta, para continuar uma guerra, de que já muitas vezes dissemos que não havemos de levantar mão. Com o Diario do Governo haviamos duas questões de lingua: transferimos a segunda, que tinha de versar sobre methodo de traduzir, e debatemos a primeira; suppozémos comtudo, e ainda agora o-cremos, que, havendo de tractar do uso da linguagem antiga, por nenhuma via nos-podia ser defeso o ventilar ácerca da linguagem algumas outras questões, que as necessidades e a anarchia litteraria do nosso tempo teem tornado indispensaveis, não só uteis. Fizemos como nos torneios, onde, antes de romper lança com o contendor, largo espaço se-campêa, e se-esgrime. Se andámos n'isso desaccordados, pena temos que ainda agora nos não peza de o-havermos feito. Todo aquelle pó que levantámos, aos olhos dos gallicistas spectadores o-dirigimos, e não aos olhos do nosso presente adversario, que nunca entre elles vimos, nem soubemos. Fique-se porém de remissa esta soberba Troya dos gallicismos, que só ao cabo de dez annos de cêrco e pelejas, poderá cair arrasada, mórmente depois dós brios que lhe-haverão infundido, alguns termos semi-equivocos de tão acreditado escriptor; e venhâmos ao verdadeiro ponto da controversia de hoje.

Lamentamos (diz o Diario do Governo) *a exaggeração com que maus imitadores, querendo restaurar em toda a sua integridade o stylo de nossos bons escriptores antigos, engastam fastidiosas trivialidades em palavras e frases desusadas e obsoletas, e em construcções obscuras, e escolhendo-as com tão impertinente cuidado, e apresentando-as com tão ridicula vaidade, como se o bello e sublime estivessem n'essa escolha puramente material, que só póde significar abundancia de tempo com uma escassez miseravel de gôsto e de talento.* Permitta-nos o Diario do Governo dizermos-lhe, que já ahi torceu um tanto a questão para a-inclinar para a sua parte: aquelles termos de *exaggeração... máus imitadores... restaurar em toda a sua integridade o stylo dos antigos.... fastidiosas trivialidades ... construcções obscuras escolhidas com impertinente cuidado... e apresentadas com ridicula vaidade, etc.*, não poderão jámais accommodar-se ao que nós propozemos, e pedimos, e pediremos sempre: Aos escrevedores parvos e sem gôsto, nenhum genero de linguagem os salvará; mas, ao vêl-os cair no Léthes, mais pena haveremos dos que se-mostraram atuados e amartellados no seu compôr, do que dos deleixadões, para quem a lingua foi roupa de francezes.

Imputa-nos o Diario do Governo esta proposição *que a linguagem é uma herança de nossos maiores, que devemos conservar, usar, e transmittir intacta*; mas, eis-aqui o que nós disséramos, e provámos: «devemos testar a nossos netos a linguagem que herdáramos de nossos avós; «e é isto mesmo, e não o que o Diario nos attribue, o que estamos promptos para defender, com as mesmas explicações, e restricções, que já em o nosso artigo haviamos feito. Não pedimos a linguagem antiga intacta e estréme; pelo contrário, bem explicitamente consentimos — por uma parte, em que se-desassombrasse dos termos, que por outros menos velhos e melhores houvessem sido substitui-

dos — e por outra, que se enriquecesse com a creação ou adopção de novos ou peregrinos vocábulos. E, pois quanto a esta segunda parte mal poderá caber dúvida, limitemo-nos na primeira; que é essa, rigorosamente, a gemma da questão.

¿ Porque razão (pergunta o Diario, para condemnar por um símile todo o uso do que elle chama archaísmos), *porque razão não uzâmos nós tambem do gibão e da gôrra que elles* (nossos avós) *nos-deixaram?*

Nascendo vem a resposta: se ainda não uzâmos das gôrras e dos gibões, mil outras modas dos tempos passados se-teem visto ressuscitar; e, se isto é nos trajos, e muitas vezes sem necessidade, e contra gôsto, como o não seria nas palavras, de que já Horacio disse — *Multa renascentur, quæ jam cecidere.....* e que, em tornarem a servir, nos-augmentam, incontestavelmente, as faculdades poéticas e oratorias; mas por que seja a refutação mais bem acceita, falle, em nosso logar, auctor que o nosso adversario não contradicte; seja Filinto.

« A lingua é como a moda. A novidade
« Lhe-dá gala e primor. Motiva riso
« Campar-nos hoje com sediças phrases
« Do caduco Lucena, aguado Barros,
« Querendo-as pôr á moda no discurso;
« Como quem nos-viesse delambido
« Inculcar para adorno guapo e sécio
« Enrocados mantéos, golpeadas calças.
« Cuido que o-vejo erguer-se arreminado
« Lá da campa onde jaz, sécco e moído,
« O meu Garção, e azêdo e zombeteiro
« Responder-lhes assim: « Tendes sobejo
« Para o mal que fallais, e para as trovas
« Com que a Patria pejaes, pejaes a lingua:
« Melhor fôra, boçáes, nascesseis mudos.
« Que enrocados mantéos, pintos calçudos
« Me-allegáes por escarneo! Quantas módas
« Não védes vós sediças, que resurgem,
« Como o fétido Lázaro, e campeiam
« Mui galhardas por esse mundo louco?
« Os mantéos enrocados, ide vél-os
« Co'as calças golpeadas, na mais sécia
« Côrte da Europa, e mais lidada forja
« Das tremolantes e assopradas modas.
« Véde-me os Cem-Suissos gigantescos,
« Cerrada guarda do Francez Sob'rano
« Como trajam nos dias mais garridos
« Enrocados mantéos, golpeadas calças,
« Que galas foram já de airôso adorno
« Ao Quarto Henrique, ao forte illustre Castro.
« Léde, basbaques, mancos de doctrina
« Que (de certo) até modas vem nos livros;
« Como em Pégas achou, passados annos,
« Certo Letrado os óculos perdidos.
« Mas escuta, Garção; (cuido que os-ouço)
« Se o pensamento é bom, faz seu effeito,
« Sem ser preciso revolver poeiras
« De Latinos Camões, sediços Borros;
« Sem joeirar palavras fastiosas
« De velhos alfarrabios com bafio.
« Callai-vos, tolos (o Garção responde)
« A elocução é tudo. Uma sentença,
« Que tósca refugaes por desagrado,
« Se com phrase concisa, ornada e culta
« Vem ferir na alma, o ouvido amaciando,
« Abalados ficaes, ficaes absortos,
« Namorados da sua formosura.
....
« Dar com vozes valor ao pensamento
« Dar-lhe côr, dar-lhe vida é o grande estudo,
« Á gran venida de immortaes Auctores.
....
« Uma palavra nova, ou renovada
« Desperta o ouvido, é saudavel toque;
« Que inclinam á preguiça, ao desattento
« Os ânimos de ouvintes distrahidos,
« Que a corda da attenção, por longo tempo
« Não podem ter tão rija que não bambe.
« Para a-alezar de novo o bom Poeta
« Varía o tom do Canto com figuras,
« Com descripções; ouzado já apostrópha
« Homens e Numes.... Quantas vezes, quantas
« O intrépido poeta arrisca o enleado
« Hyperbato, que embaça a intelligencia,
« Á prima vista, mas que apraz, namora,
« Quando abre todo o senso! Assim de Horacio
« E dos Romanos Classicos polidos
« Appraziam transpostos os vocábulos;
« E fôra rizo e escarneo dos ouvintes
« Dar-lhe ódes de sentido corriqueiro,
« Fluentes como o uzado Padre Nosso.

Por diante poderia ir o traslado; mas.... parará aqui; pedindo ao nosso illustre adversario releve ao seu e nosso Poeta as despeitosas expressões dardejadas contra os aguarentadores do idioma pátrio; não transcrevêramos os injuriosos apódos, se ao Litterato com que nos-honramos de porfiar, podéra o mais leve d'elles competir: a outros caberão; para esses fiquem no canhenho.

A claresa, (diz o Diario) *é uma das primeiras condições do stylo, e as palavras desusadas se-lhe-oppõem em maior ou menor gráu* — e abona-se com o seguinte passo de Quintiliano — *Oratio, cujus summa virtus est perspicuitas, quam sit vitiosa si egeat interprete! Ergo ut novorum optima erunt maxime vetera, ita veterum maxime nova.* — Permitta-nos o docto crítico ponderar-lhe que n'este texto de Quintiliano se não acha condemnada a nossa doctrina; pois não pertendemos se-escureça o período, que venha a necessitar de explicador, ou traductor; antes havemos por certo, que, da observancia de nossos principios, quanto á propriedade de palavras, e á genuina contextura do período á portugueza, resultará muito maior claridade no discurso: e quanto á clausula de se-haverem de antepôr, por via de regra, d'entre as vozes modernas as mais antigas, e d'entre as antigas as mais modernas, perfeitamente somos concordes e contentes. Agora porém pediremos vénia, para continuarmos a citar Quintiliano por nossa conta: diz elle assim — *Cúm sint autem verba propria, ficta, translata; propriis dignitatem dat antiquitas. Namque et sanctiorem et magis admirabilem reddunt orationem, quibus non quilibet fuerat usurus; eoque ornamento acerrimi judicii P. Virgilius unice est usus. Olli enim, et quianam, et mis, et pone, pellucent et aspergunt illam, quae etiam in picturis est gratissima, vetustatis inimitabilem arti auctoritatem. Sed utendum modo, nec ex ultimis tenebris repetenda.* O mesmo quasi escrevia este mestre da romana oratoria nas seguintes palavras, que immediatamente precedem ao texto adduzido pelo

nosso contendor — *Opus est, ut verba a vetustate repetita neque crebra sint, neque manifesta, quia nil est odiosius affectatione, nec utique ab ultimis repetita temporibus.* — Agora sim, que eis-ahi todo o pensamento de Quintiliano descoberto: segundo elle, hade-se proceder com tento e parcimonia no reanimar as antigualhas; mas com o uso d'ellas grangea-se ao escripto grande veneração, e uma certa graça de velhice, como a que se-admira nos antigos paineis, e que a arte não imita. Não só Virgilio, aquelle mais judicioso ingenho dos bons tempos, usou de archaismos; porém quasi todos os escriptores de maior fama, e nomeadamente o principe dos oradores e philósophos latinos, o Virgilio da romana prosa, Marco Tullio Cicero: este, não só da grega lingua, que era para a sua, o que a sua deve ser ainda hoje para a nossa, extraía, e perfilhava, termos e vocabulos: não só os-ía desinterrar nas obras mortas dos seus patrícios; se não que assim o-aconselhava aos alumnos da eloquencia. Não o-citaremos, por evitar prolixidade, mas concluiremos a seu respeito com dizer, que essa mesma escuridade, com que tanto arruido se-faz, não carecia em seu conceito de um certo mérito; porque, diz elle, — *Habent tamen illa indicendo admiratio, ac summa laus umbram alliquam et recessum, quò magis id quod erit illuminatum, exstare atque eminere videatur.*

Fénélon, diz, fallando do francez: — *Notre langue manque d'un grand nombre de mots et de phrases. Il me semble même qu'on l'a génée et appauvrie depuis environ cent ans, en voulant la purifier. Il est vrai qu'elle était encore un peu uniforme et trop verbeuse. Mais le vieux langage se fait regretter, quand nous le retrouvons dans Marot, dans Amiot, dans le Cardinal d'Ossat, dans les ouvrages les plus enjoués, dans les plus sérieux. Il avait je ne sais quoi de court, de naïf, de hardi, de vif et de passionné. On a retranché, si je ne me trompe, plus de mots qu'on n'en a introduit. D'ailleurs je voudrais autoriser tout terme qui nous manque, qui a un son doux, sans danger d'équivoque.*

Parece (diz Filinto) *que este parecer de Fénélon foi talhado para o destempéro, com que nos-amesquinharam a lingua os Puristas das velhas Academias, e outras gentes que eu não nomeio.*

Ha em França, hoje em dia, ingenhos summos, que isto mesmo que Fénélon desejava, o-vão pondo atrevidamente já por obra: Victor Hugo, (para não citar mais do que um) ostenta-se, em prosa e verso, intrépido desinterrador de palavras e fórmulas da lingua velha; e a Academia recebe-o no seu gremio; e toda a França o-acclama escriptor insigne; e toda a Europa o-lê, e forceja de traduzil-o. N'isto, como em tudo que pertence ao escrever, o essencial é ter gôsto. Pope, que ninguem acoimará de antiquario, bem o-definiu em dois versos —

Regard not then if Wit be old or new
But blame the false and value still the true.
Não cures se o talento é velho ou novo;
Critica o falso e o verdadeiro estima.

¿Porque mais? o nosso proprio contrário, forçado pelos brados intimos de sua consciencia, escreveu n'este mesmo artigo: — « *Entretanto ha composições em que póde admittir-se maior liberdade no uso das palavras antigas; em que se-póde ostentar riquesa e profusão de linguagem; em que a natureza da materia, a variedade e abundancia das idéas podem exigir que se-córte um pouco por escrúpulos contra os termos antiquados, principalmente se razões de maior ou exclusiva propriedade os-justificam.* »

Aqui o-tinhamos inteiramente por nossa parte, se logo, com admiravel sagacidade, não volvesse a escapar-nos; denegando á novella a faculdade de tomar um pouco o stylo velho, sob pretexto de ser escriptura para ledores leigos, e que só leva por fim *o recrear, e quando muito o instruir divertindo.* Por isso, condemna no Kenilworth do Sr. *Ramalho* o *bofé*, que, sôbre ser de Camões, é uma affirmativa necessaria, que traduz o *¡ ma foi !* dos francezes (*by God !* dos inglezes) e os dois, tão claros, e prestadíos termos de *veniaga*, e *prática* por conversação. Observaremos ao escrupuloso censor, — 1.º que, se por via das novellas veio, como é notorio, o maior estrago á nossa lingua, e por ahi se-próva quanto influxo podem n'ella ter; justo sería, que o damno, que lhe ellas fizeram, procurassem, e se-obrigassem, ellas mesmas, a resarcirlh'o. ¡ E se nas obras, que, por serem recreativas, se-lêem, se não forem incluindo as dóses da teriaga, por onde será já que as-ministremos! ¿ Pelos periodicos? insânia sería, além de barbaridade, o requerer de folhas quotidianas tal serviço: ¿ pelos discursos do Parlamento, e do Fóro? ahi sim que sería ridícula qualquer sombra de antigualha: ¿ pelos actos officiaes? quem hoje sonharia em tal: ¡ ¿ pelo Theatro ? ! Acúdanos Deus; que sería isso maior despropósito, do que todos os que se lá fazem. Restavam as eschólas, se as cá houvéra de lingua, como as-ha em França, Italia, e Allemanha, e como as-houve, e primorosas, entre os Romanos, e Gregos; mas, não tendo nós estas eschólas, em que desde o princípio nos-creêmos com o portuguez; não podendo, nem devendo vir o clacissismo pelo que é fallado, recitado e orado, só um meio lhe-fica, e é a licção das novellas, que, juncto com os periodicos, estão sendo hoje em dia toda a nossa bibliotheca. — 2.º que este livro do Sr. *Ramalho*, que o censor queria ainda mais fiel ao seu original, é traducção de auctor, cujas mil e uma novellas, não só vão cheias e razas de archaismos, senão tambem de provincianismos, mormente escocezes, que não dão pequena tarefa a seus leitores.

Concluâmos, deduzindo do muito, que n'este, e no precedente artigo, fica exposto, apontado, ou acenado, algumas consequencias práticas, de proveito quanto a nós. — *Primeira.* A lingua, a formosissima lingua, que nossos avós nos-transmittiram, devemos conserval-a sem desfalque de nenhuma especie. — *Segunda.* Devemos pelo contrario forcejar pela testarmos melhorada a nossos netos. — *Terceira.* Para isso, é mister despirmo-nos de todos os generos de fanatismo; tanto do fanatismo que se-oppõe ás innovações necessarias, ou uteis, como do fanatismo, que resiste a que se-lhe restituam seus fóros caídos. — *Quarta.* Devemos diligenciar, mórmente pela litteratura, reconduzir-lhe o que mais de foz em fóra lhe-vai fugindo; isto é, a nativa, lógica, artistica, musica, e de estranhos tão invejada, construcção, semi-latina, de seus períodos; desviando, e afugentando, com justa soberba, esse engoiado e deploravel geito francez de *agente*, *verbo*, *paciente*, e *ponto final.* Aqui ouçâmos de passagem a Voltaire — *Cette langue embarrassée d'articles, dé-*

pourvue d'inversions, pauvre de termes poétiques, stérile en tours hardis, asservie à l'éternelle monotonie de la rime, et manquant pourtant de rimes dans les sujets nobles, etc., etc., — e ainda *Le Mercier* passa a diante; sem talvez entretanto dizer tudo. — *Il faut dire hardiment que cette langue n'est pas poétique; que la poésie n'est qu'une prose rimée: qu'elle n'a ni abondance, ni énergie, ni audace; qu'elle n'en aura jamais, puisqu'il est défendu de l'enrichir, puisque sa marche, loin d'être libre et fière, est compassée, mesurée, rétrécie, soumise au compas...... Les versificateurs ne me pardonneront; je parle néanmoins en leur faveur....... (Les Poëtes m'entendront.....), et qui, conformément à leur style rampant, rejettent la force et l'énergie, lorsque le Poëte s'en sert pour peindre ses pensées avec les sons qui lui plaisent.* Quem pertender mais, para ensaboar de vez os narizes aos gallo-maniacos, vá bater á porta de *La Harpe*, que lá está fazendo jeremiadas, que não acabam nunca, sobre a pobreza e má raça da sua lingua. — *Quinta.* Se alguem, por excessivo zêlo, o míngua d'aquelle juizo, ou senso intimo, a que chamam gôsto, demasiar até ao ponto de affectação, o uso do antigo; esse mesmo, será digno de louvor: e se o seu trabalho ficar para elle perdido, talvez o fructo d'elle para a lingua o não fique totalmente; porque, a poder de escriptos e ouvidos, é que os vocábulos e fórmulas, assim antigos, como novos, se-chegam a encarnar em cada idioma; passando já talvez de alguns quinhentos os que n'estes ultimos seis annos se-teem restaurado e de mil os que só Filinto, á sua parte, cá metteu. — *Sexta.* Aos cultores da litteratura, mormente aos traductores de novellas, incumbe sobretudo a obrigação de nos-ir restituindo, o que ainda da boa falla portugueza se-possa legitimamente rehaver. — *Septima.* Aos jornalistas pertence, pelo regimento moral do seu officio, e tanto mais quanto mais prestadíos desejarem e professarem ser á sua Patria, castigar severamente quantas traducções garótas abortam, ou hajam de abortar, do tão mal fecunda imprensa como a nossa; louvando e esforçando ao mesmo tempo a todos aquelles, em quem, visivelmente, se-reconhecer o generoso empenho de ser uteis. E não se-acovardem os periodicos de requerer censoriamente nos outros um primor e riqueza, de que elles mesmos forem faltos: os jornalistas não teem, nem podem ter, para acurar phrases, tempo e remanso, que nunca devem fallecer aos novelleiros; preencham pois incorruptivelmente o seu mister; que no fundo d'esta questão, que, só parece litteraria, anda, como já dissemos, escondida outra questão, ainda muito mais nobre, de moralidade. Ao nosso collega, e amigo, collaborador do Diario do Governo, principalmente encommendâmos esta causa tão sua como nossa. Vergonha a todos os que, por qualquer via renegados da mais formosa lingua que póde haver, desampararem ou trairem suas partes; mas gloria, mas gratidão, mas amor aos que, por si, e pelos outros, procurarem repôl-a, e mais poderosa, e senhoril, no throno d'onde rebeldias de mandriões affrontosamente a derrubaram.

(*Continuar-se-ha*).

Antonio Feliciano de Castilho.

O DRAMA D. RODRIGO.

548 Tres semanas ha que o apparecimento d'este livro por mais de uma razão nos-convidava a d'elle traclarmos. É porém tão complicada esta machina chamada jornal, tão diversas as suas requisições, e tão apoucado o nosso tempo, que não ao desleixo mas a absoluta impossibilidade se-deve tal demora attribuir. Cabe-lhe agora a sua vez. Mais val tarde, do que nunca.

A historia d'este drama de D. Rodrigo é uma das curiosidades do nosso theatro. Foi remettido ás provas publicas pelo Conservatorio Real de Lisboa, que sem deixar de lhe-notar defeitos, achou entretanto que se-devia animar quem principiava, e principiava por tão difficil genero.

Tendo atravessado as regiões da censura, sem maior impedimento, saíu o drama do Conservatorio e foi dar comsigo no que ahi chamam theatro normal. O mesmo foi lá chegar, que ver-se logo rodeado de embaraços; e este drama que o Conservatorio julgára dever animar, este drama, que se-apresentou armado d'uma determinação competente, encontrou em frente a soberana e pouco illustrada vontade do Director, Ensaiador ou o que quer que seja. Uma das rúbricas do drama pedia um bailado: foi a pedra de escandalo. O Ensaiador não quiz que se-bailasse: e o drama não se-representou.

Não tractaremos da conveniencia ou inconveniencia do bailado; e a fallarmos verdade não cremos que elle fosse essencial. Tambem nos não queixariamos do theatro, se não existisse um aresto.

Lembrára-se a Empresa de pôr em scena uma producção da láia d'essas muitas, que lá apparecem, chamada, se nos não erra a memoria — *O Val da torrente* — e para o tal *Val*, que pouco valia, appareceu logo uma torrente de azougadas nymphas tiradas da muito nobre e antiga familia das dançarinas de S. Carlos, que foram dar vida com seus saltos e tregeitos á desconsolada creaturinha. — Para esta que era estrangeira bailou-se, para a outra que era portugueza não appareceu quem bailasse.

Muito mais devêramos e quizéramos dizer — faltanos o tempo. — Só accrescentaremos que na pessoa do auctor de *D. Rodrigo* foram aggravados o *Conservatorio* e todos os auctores: julguem elles, e deliberem — a injuria é sua.

Do livro pouco diremos — o publico será o seu juiz. É innegavel que tem defeitos, sobresahindo n'elles algum desleixo de linguagem — e pouco estudo dos costumes, dos caracteres, e da historia — e scenas menos modestas, defeito que principalmente lamentamos por ser em coisa portugueza. Ha porém a par d'isto frequentemente nobreza e affecto e mostras de ingenho capaz de mais e muito mais. A poesia com quanto diffusa tem bellesa. A chácara do 5.º acto desejáramos vêl-a menos ataviada de archaismos e mais limpa de francezias. — Prosiga porém o A. de *D. Rodrigo* que lhe agouramos bom futuro — a despeito de Ensaiadores que haja ou possa haver.

José Feliciano de Castilho.

VISTA INTERIOR DE COIMBRA.

549 Do *Monte da Esperança* contemplámos o risonho aspecto da cidade, iremos agora visitar o seu interior. — Uma serie de monumentos interessantes pelas historicas recordações, que representam, se-offerece aos olhos do viajante ao descer do monte, e dar o primeiro passo para a cidade. A ermida de *Nossa*

Senhora da Esperança traz á memoria as gloriosas conquistas do Oriente; alli entre suavissimas lagrimas se-despediam os missionarios Jesuitas, que a essas extremas terras iam prégar a verdadeira Religião, do collegio que até este logar os-acompanhava. — Juncto d'ella se ergue o *mosteiro de Sancta Clara*, onde em rico ataúde de prata se-venera o corpo incorrupto da Bemaventurada Esposa d'El-Rei D. *Diniz*: é obra sumptuosa, El-Rei D. *João* 4.º a-encommendou ao Conde de Cantanhede, D. *Antonio Luiz de Menezes*, e a planta do edificio ao ingenheiro mór do reino, Fr. *João Turriano*, da Ordem de S. Bento. — Está sobranceiro ao *convento de S. Francisco*, edificio grandioso, construido á custa dos fiéis, pouco distante d'onde o Mondego devorou o antigo, em cujo templo o direito e os nobres deram a Corôa Portugueza ao *Mestre d'Aviz*. — Proximo lhe-fica o *rocio*, povoado de viçosos freixos e sinceiraes; um mesquinho quartel, casas que foram palacio e hospital, fundado pela *Rainha Sancta Izabel*, o templo do velho *mosteiro de Sancta Clara*, cuja historia compõe a mais brilhante pagina da de *Coimbra*, limitam esta planicie, em que por ordem da Camara Municipal se-estabeleceu um novo mercado mensal. — Segue-se a *Ponte*, a mais célebre das quatrocentas que tem o reino, segundo escreveu o Licenciado *Botelho*.

Crê-se geralmente, que esta é a terceira já construida. *João de Barros*, Fr. *Luiz de Sousa*, e outros graves Escriptores o-attestam; *Estevão Cabral* nas *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, tom. 3.º cap. 2.º refuta esta opinião, não tractou porém a questão como ella merece. Remettemos os que quizerem averiguar este ponto historico para as *noticias sobre o encanamento do Rio Mondego*, publicadas no *Diario do Governo* 1822, números 96, 97, 98, pelo Excellentissimo Conselheiro *Agostinho José Pinto de Almeida*.

É a *Ponte* orlada de elevadissimos chôpos até ao chamado O, e ao cabo d'ella onde fôra a *porta de S. Bento*, e ainda em 1836 haviam dois arcos, e uma capellinha, se-observa o monumento erecto á memoria da sua reedificação por El-Rei D. *Manuel*, e o *Brasão de Coimbra*, que deu assumpto ás famosas allegorias dos illustres filhos d'El-Rei D. *João* 1.º, os Infantes D. *Pedro* e D. *Henrique*, de que nos-falla *Mariz* no 4.º de seus Dialogos.

Tem o monumento oito palmos e cinco oitavos de altura sobre sete e sete oitavos de largura; representa a *Virgem* com o *Menino* nos braços, aos lados estão as armas da monarchia, aos pés dois Anjos sustentanto um marmore, em que se-lê em caracteres allemães minúsculos floreteados a seguinte inscripção:

Osserenissimo prîcipe: alto he muy poderoso dom emanuell noso sôr op.mᵒ é este nome he quatorze na dinidade reall: mãdou fazer de nouo esta pôte ate as esperas (a) *he redificar ate acruz de sã ffᶜᵒ he da dita cruz ate sãta de nouo accrecêtar esta tore he muro era de mil he* D *exm* anos.

Entrando na cidade os pensamentos nobres, que gerára na alma sua perspectiva, e a vista de tão célebres monumentos, murcham e quasi se-desvanecem; logo se-apresenta um spectaculo melancolico — *a cadêa* — casa mesquinha; a pouca distancia, ainda não ha muito, estava o *Pelourinho*.

(a) *Espheras* — Vide Elucidario.

Os Mouros tinham permittido á maior parte das terras, que se-submetteram ao seu dominio, serem governadas pelas suas leis, e julgadas pelos seus juizes, tanto no civil como no criminal, em tudo quanto não interessava algum mouro, ou não respeitava a cobrança de impostos; vindo por este modo a ter o mais extenso poder municipal que se-póde conceber. D'aqui veio terem em tempos posteriores todas as villas e cidades *forca*, *picota e tronco*, como instrumentos da jurisdicção, e imperio, de que ainda hoje se-conservam os dois ultimos, que são *Pelourinho e Cadêa*. Em *Coimbra* houve tambem muitos annos *forca* juncto da *Ponte de Aguas de Maias* na ladeira que ainda hoje tem este nome, como se vê do cap. 31 do *compromisso da Misericordia* d'esta cidade. — *Do modo como se hão de ir buscar as ossadas dos que padeceram por Justiça;* — não vem por conseguinte o nome da ladeira da fórma dos imaginados pilares, de que falla *Manuel Dias Baptista* no seu *Ensaio de Descripção Physica e Economia de Coimbra*. inserto no tom. 1.º da collecção de *Memorias Economicas da A. R. das Sciencias de Lisboa*.

Lamentosos brados por soccorro são as primeiras saudades, que o viajante recebe dos cidadãos, cuja patria vem visitar. Ao lúgubre som das sentidas vozes d'estes desgraçados, que compungem o mais ferrenho coração, entra-se pelo *arco da portagem* na bella *rua da calçada*: direita, larga, com lindos passeios, e bons edificios, não teria que invejar ás melhores de Lisboa e Porto, se-podessemos nivelal-a com a seguinte, estreita e acanhada: de 1772 data este projecto, porque na *noticia do que se-praticou em Coimbra pela occasião da vinda do Marquez de Pombal* já se-falla da trasladação da Misericordia para a Sé, que então o Cabido abandonava, afim de se-levar a effeito esta obra, digna do restaurador de Lisboa; mallogrou-se porém o plano, que tarde ou nunca se-realisará.

No fim da rua está uma fonte, juncto da qual vai uma rampa, que conduz á *Praça de S. Bartholomeu*, limitada por bons edificios, e pelas egrejas Parochiaes de *S. Thiago*, e d'aquell'outro Apostolo. — Defronte da fonte vem abrir-se a *rua do Corpo de Deus*, a cuja denominação deu origem um facto de que existe documento no cartorio da collegiada de S. Thiago no tom. 3.º dos titulos e sentenças fol. 38.

Segue-se a *rua do Cruxe*, cuja lanço esquerdo é em boa parte constituido pelo edificio da Misericordia, capella, cartorio, casa do Despacho, Recolhimento das Orfãs e Botica. — Esta rua, habitada principalmente por Latoeiros e Ourives (será difficil dar a razão de tal escolha) é estreita, escura, e constantemente humida; porventura chegará ainda aqui tranada a agua do Mondego, de que na *rua dos Çapateiros*, distante poucas braças, ha cisternas sempre vivas.

Passada ella entra-se na *Praça de Sansão*, onde se-admira o magnifico templo de *Sancta Cruz*, jazigo de nossos dois primeiros monarchas, e d'outros muitos principes e varões illustres. Sua fachada parece fôra construida de pedra de *Ançã*, mui apta para obras mimosas; divisam-se ainda florões e tarjas delicadas, e restos de vultos, que foram estatuas; mas o tempo tem gasto a mór parte d'estes primores, a mão do homem não o-embargou na destruição com os reparos

convenientes, e a selva de plantas, que vegetam viçosas sobre o pó dos relêvos carcomidos; confirma o desprêzo, em que se-ha tido a obra d'ElRei D. *Manuel*, cuja só descripção maravilhou o Pontifice *Paulo* 3.° na patria das artes e dos monumentos. Mas como assim não ha-de ser, se em 1834 houve o nefando projecto de arrasar o edificio, para alargar a praça? Uma praça no logar onde estivera *Sancta Cruz*; uma praça calçada com os umbraes esculpidos do velho templo, com as lageas quebradas dos tumulos de D. *Affonso Henriques*, e D. *Sancho* 1.° ! ! — ¿ Quem poderá comprehender a sublimidade d'este pensamento?

Felizmente não veio a ter execução tão *philosophico* plano, mas não foi por mingua de vontade, que os estragos do claustro bem o-mostraram. Alli foram arrombados os tumulos de dous illustres priores do mosteiro, e as cinzas espalhadas ao vento, como o-são as dos grandes scelerados. E se n'esta grave affronta á immunidade sepulchral se-resumíra toda a audacia, menos mal seria, eram homens soldados os perpetradores de tal attentado, achavam desculpa em sua profissão, que sempre a das armas foi licenciosa; outros homens porém, ufanos do pomposo titulo de sabios, e arvorados em apostolos *civilisadores* de Portuguezes *embrutecidos*, mais longe lançaram a barra de seus crimes, profanando sacrilegamente o mais devoto oratorio, e espezinhando reliquias de Sanctos canonisados.

Deixêmos porém em paz o velho *mosteiro de Sancta Cruz* com o seu sanctuario profanado, e as suas campas sepulchraes esmigalhadas; não fallemos no seu vasto e magnifico refeitorio servindo de *theatro*, e as edificantes e magestosas estatuas dos *Apostolos da Cêa*, e a propria do *Salvador*, convertidas em *cabides* dos trages scenicos: demos graças a Deus em não ser hoje uma praça de hortaliça a área do edificio fradesco.

(Continuar-se-ha).

R. de Gusmão.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

550 Na ALLEMANHA havia-se mandado convocar a *dieta federal* para rever a lei da liberdade de imprensa; e para se-tractar de uma amnistia geral.

A INGLATERRA lucta entre grandes difficuldades. A miseria do seu povo tem-se aggravado extremamente: em differentes partes o povo, levado pela fome, tem roubado alguns armazens cheios de comestiveis. — Grande sensação havia alli causado o projecto da *França* querer elevar o imposto sobre as fazendas inglezas de algodão: e a rejeição que o estado do *Maine* e *Massachusetts*, nos *Estados-Unidos*, deram ás propostas de lord *Ashburton* para a compra do territorio em litigio. — As camaras proseguiam na discussão dos projectos financeiros de *Sir Roberto Peel*. — O govêrno tinha mandado metter em conselho de guerra o commandante das forças que foram destroçadas em *Ghuznée*. — Os seus jornaes queixam-se amargamente de que no exercito chinez haja officiaes francezes e russos. — O assassino da Rainha tinha sido condemnado a ser esquartejado; não tendo durante o processo revelado a existencia de cúmplices.

Na FRANÇA, em consequencia de haver findado o praso da legislatura, foi a camara dos deputados dissolvida no dia 12 do corrente, mandando-se reunir os collegios eleitoraes no dia 9 de julho proximo; e fixando-se a 3 de agosto a sessão de abertura da camara. — Os differentes partidos trabalham com afan na presente lucta, forcejando cada um de per si por levar ao seio da representação nacional o maior número de seus correligionarios: porém é opinião de uma grande parte da imprensa franceza, que a camara virá composta pouco mais ou menos como estava. — Da *Africa* tinham chegado participações de haver o general *Bedeau* alcançando grandes vantagens contra o *emir Abd-el-Kader*, que novamente havia apparecido.

Em *Pisa*, cidade da TOSCANA os estudantes tinham organisado uma sociedade sob o nome de *Joven Italia* para secretos fins politicos; porém tendo sido descoberta, o governo os-perseguia como perturbadores da segurança do estado.

Na HISPANHA a crise ministerial tinha cessado. O marquez de *Rodil* encarregado da formação do ministerio, o-tinha composto da seguinte maneira — *Marquez de Rodil*, presidente, e ministro da guerra: *Conde de Almodovar*, do estado: *D. Miguel Zumalacarregui*, da graça e justiça: *D. Ramon Maria Calatrava*, da fazenda: *D. Dionisio Capaz*, da marinha: *D. Mariano Torres Solanot*, da governação. — As duas cartas da Rainha D. Maria Christina a D. Carlos tinham feito grande sensação em Madrid; n'uma pedia a Rainha a cooperação de D. Carlos para derribar o govêrno actual; e na outra dizia a Rainha, que consentia no casamento de sua filha D. Izabel 2.ª com o principe das Asturias. — Em *Barcelona* tinha havido graves disturbios em sentido republicano, porém foram immediatamente reprimidos. — Os bandidos continuam a infestar esta desgraçada nação. É espantosa a relação que os seus jornaes fazem do número e atrevimento d'aquelles salteadores.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

550 *Diario do Governo de 24 de junho*. — Portaria do ministerio da fazenda, ordenando que os effeitos sonegados ao manifesto, ou ommissos na declaração addicional, sejam apprehendidos e postos immediatamente em praça para se-arrematarem a beneficio da fazenda: e quando apparecerem volumes na alfandega que não fossem declarados nos dictos papeis, se-impozesse a multa correspondente ao dobro dos direitos.

Idem de 28 dicto. — Lista dos deputados apurados nos differentes circulos do reino. Ordem da armada n.° 93.

Idem de 27 dicto. — Ordem pelo ministerio da guerra para pagamento de uma quinzena de pret e massas aos corpos da 2.ª — 3.ª — 4.ª — 5.ª — 7.ª — e 8.ª — divisões militares. Relações publicadas pelo thesouro publico de varios papeis de credito para entregar.

QUEDA MORTAL.

551 Um pedreiro, por nome Braz, mestre de obras, que se-estão fazendo na capella da Encarnação, na quinta do conde de Pombeiro, freguezia da Charneca, trabalhava sobre uma cimalha, ainda fresca, a 24 do corrente; desfaz-se-lhe súbito debaixo dos pés, o que elle

mesmo acabava de fabricar; e tão desastradamente se-vem a terra, que para logo deixou desamparados uma viuva e um orphãosinho de tenros annos.

O NOVO THEATRO.

552 Faz-se o milagre — Edifica-se o novo theatro — Eis a voz que por toda a parte se-alevantou, quando se-viu erguer o tapume, feliz annuncio de tão boa nóva. Hoje porém que já lá vão dias e semanas, sem que nada mais se-tenha feito, renasce a desconfiada incerteza. Ficaremos como d'antes, sepultados, auctores, actores, e spectadores, n'essa espelunca immunda e carunchosa, onde ninguem entra sem risco e incommodo, com o credo na bôca, e a cabeça de continuo exposta a quebrar-se por esses tectos, que mais parecem de ramaes de minas do que de corredores. Nesse cazebre, a que no inverno poderamos chamar — fabrica de constipações — e no verão caldeira para banhos de vapor — espantalho afugentador de gente, durante todas as estações?! Caza em fim sem medidas nem fórma de theatro? — Faça Deus que não. — A caza do theatro normal, sobre tudo desde que se-construíra o de S. Carlos, é uma epigrafe d'affronta lançada sobre o caracter portuguez: uma accusação de pouca nacionalidade, que poderemos destruir, com a edificação d'um theatro nacional, digno d'esse nome; onde possamos levar o estrangeiro, livres da nossa vergonha, e do seu rir d'escarneo. À tal respeito nos-occorre agora uma lembrança, que pela julgarmos justissima, a-apresentamos, — vem a ser: — que no cazo do projecto approvado, não ser, dos que entraram em concurso; (o que talvez, por circumstancias imperiosas possa acontecer), cumpre não desprezar os artistas concorrentes, que zelosos pela sua gloria e da patria, se-esforçaram para a-alcançar; todos esses homens trabalharam; e ha hoje tão pouco quem assim faça, que só por isso merecem elles premio; se não pecuniario, ao menos honorifico; o que será estimulo para os de futuro chamados a fins similhantes, e novo animo, a esses que já concorreram, talvez hoje esmorecidos, e alvo da mófa de seus companheiros invejosos, e alguns d'elles incapazes.

N B. — Posteriores informações nos-induzem a crêr que effectivamente passa a realisar-se a construcção do theatro. *J. da C. Cascaes.*

FALTA DE SEGURANÇA.

553 As noticias das Provincias continuam a informar-nos de deploraveis acontecimentos, para os quaes importa que o Govêrno lance attentos olhos. Uma carta d'*Elvas*, de 27 do corrente, dá parte de todos os seguintes attentados, perpetrados no dia 20; e juncta, o que pouco crivel é, que nem um soldado tem saído em perseguição da matilha, que ha mais de 6 mezes infesta o concelho d'*Elvas*.

Pela manhã foi assaltada a fazenda da *Barqueira*, e despojada a fazendeira, de quanto possuía.

Ás 7 horas da tarde, foi assaltada a fazenda de *Veredas*, d'onde levaram uma jumenta, que depois appareceu, perto d'esta cidade. Ambas estas fazendas são no sitio de *Varche*; e os ladrões eram cinco.

Na mesma tarde, recolhendo-se da herdade dos *Mataes*, distante meia legoa d'aqui, *Francisco da Conceição* arrematante de carnes, foi morto com um tiro. Foi espera, porque o facinoroso levou o cavallo, que, depois de se pôr a salvo, abandonou. O morto deixou a viuva com seis filhos.

Em *Barcareno*, n'aquelle mesmo dia, foi esfaqueado um *F. Carvalho*, de que lhe-resultou a morte no dia immediato. O aggressor é um tal *Valentim*, guarda de matto de *Font-Alva*.

MATTOS LOBO.

554 Em um folheto, que se-acaba de publicar com 55 paginas de *quarto*, com grande curiosidade e consciencia reuniu o Sr. *Francisco Antonio Martins de Bastos* quanto ácerca da vida e morte de *Mattos Lobo* lhe-foi possivel alcançar. Em quatro capitulos se-divide o opúsculo. — 1.° biographia — 2.° o crime — 3.° peças originaes escriptas por *Mattos Lobo*, e circumstancias particulares occorridas na cadêa — 4.° os tres dias do oratorio. — Recommendâmos esta leitura pela miudeza das relações, que encerra, e pelo empenho, que se-vê, tivera seu auctor em presentar a verdade singella e despida de poeticos artificios que sempre em taes casos são reprehensiveis: no verso do frontispicio lê-se esta declaração. — O auctor não transfere o direito de propriedade d'esta obra, nem outra qualquer impressa debaixo do seu nome: usará dos meios legaes contra quem publicar a integra, ou extracto d'ellas. — O aviso é completamente justo, mas duvidâmos de que seja efficaz: a impudencia dos piratas typógraphos, e a falta de delicadeza, ou a penuria de cabedal de alguns jornalistas, não só atropellam com a mais notavel sem-cerimonia todos os mais bem assentados direitos de propriedade, mas ainda por cima escarnecem dos proprios a quem roubam, se estes ousam de se-queixar. Tambem nós já prégámos egual sermão, e prégámos no deserto; esperemos pela lei que na falta de probidade e vergonha só ella em fim póde valer-nos.

DESORDEM.

555 Lê-se no *Periodico dos Pobres do Porto* o seguinte:

Na Quinta á noite, seriam duas horas, tiveram logar no arraial da Lapa desagradaveis occorrencias entre os soldados d'artilheria 3 e uma patrulha da guarda municipal. Parece que a desordem principiára por ter um soldado d'artilheria espancado um corneta da municipal; o soldado foi prêso e depois tirado á patrulha pelos seus camaradas! sobre isto se-travou tal ou qual barulho á porta do quartel d'artilheria, ficando ferido mortalmente um soldado da municipal, por appellido *Ferreira*, da 2.ª companhia n.° 173. Ouvimos dizer que a patrulha se-comportára com moderação, devendo-se esta moderação ao comportamento do Sargento commandante. Os Officiaes d'artilheria conseguiram socegar os seus soldados. O Administrador do Bairro, achando-se presente, deu as competentes partes.

Na mesma noite, no sitio do Terreiro, á Ribeira, houve uma séria desordem de que resultou levar um botequineiro, de Cima do Muro, duas facadas, e um soldado da Municipal uma na mão.

UMA HEROINA.

556 Se o seguinte feito merecer um cantinho na muito lida e acreditada *Revista Universal*, V. dará a todas as senhoras motivo para muito prazer e gra-

tidão, offerecendo a todos os cavalheiros, principalmente aos que professam a carreira das armas, um exemplo de valôr, que poderá bem servir-lhes d'estímulo e d'inveja.

Na noite de 17 do corrente, com pretexto de accender um cigarro, e conhecer bem a estrada, que conduz a *S. Marcos d'Alaboeira*, tres guerrilheiros a cavallo pertenderam introduzir-se em casa do lavrador, que habita á herdade do = *Corte de Cavalleiros* = na freguezia d'*Entradas* — concelho de *Castro-Verde*. A lavradora, *Rosa Gonçalves*, que dormia com seu marido o somno tranquillo da innocencia (e que por certo nunca ouvíra fallar da Padeira d'*Aljubarrota*, de *D. Isabel da Veiga*, ou d'*Anna Fernandes*) despertada tanto a deshoras, respondeu ás instancias dos tres malvados « *que estava na cama*, *e não podia*, *por muito doente*, *abrir-lhes a porta* » indo logo pé ante pé em busca da espingarda do marido. — Tres tiros a um tempo deitam dentro o postigo; — e a lavradora do *Corte de Cavalleiros*, que não é mais intrepida que bem morigerada, acerta e fére gravemente um dos inimigos, que cáe por terra. — Levamno os outros para sobre o poial do forno, onde ficou a abrigo de mais feridas, e tornam, a ver se vingam tão inopinado, como merecido, revez. — O gemer do companheiro, se os não descoroçóa, e os não desvia do seu damnado propósito, tambem os gritos de susto e desapprovação do marido não a-acovardam. Ameaça a uns com a sua firme resolução e coragem, e responde ao outro « *que ainda tem polvora e chumbo* » — Ella só, sem esperança de soccorro, porque o marido brada inutilmente, e que o unico visinho que alli ha lho-não presta, por desde muito malquistos, ella só, repelle a aggressão de tres contra um, e osrechaça com vergonha d'elles, que ao sexto tiro fugíram, sabendo que fugiam de uma só mulher.

Quem já tiver vivido n'um monte rodeado de medonha charnéca — quem souber quantas connivencias e perigos custa hoje a vida no *Alemtejo* e *Algarve* aos desgraçados camponezes, saberá apreciar devidamente o denodado feito da Senhora *Rosa Gonçalves*.

Chegado o dia, foi-se até *Entradas* (uma legoa distante do seu casal) avisar o Regedor da Parochia, e pedir a um seu conhecido, que lhe-fizesse uns cartuxos embalados para atacar a espingarda com mais facilidade e promptidão, no caso de lá tornarem, como é muito para temer, os tres scellerados. — Tanta ousadía e hombridade é mais de varão que de *mulher* — mais para espadas do que para rocas.

Ouvi ao Sr. Neves-Barbosa, Governador Civil d'este districto, que vai recommendar a Sua Magestade a Rainha esta singular transtagana, que sabe dar á Mesma Augusta Senhora testimunho tão provado, tão para admirar e agradecer, da sua dedicação e lealdade.

Illm.° Sr. Redactor, sé é grosseria a liberdade que tómo, — se me não exprimo como devêra, e como desejo, perdão para tudo supplíco eu a V. , e espero da sua benevolencia que não me-será denegado; pois não é despresivel a verdade só porque a-diz, ou a-escreve, a bôca, ou a penna rude, que não estudou, nem conhece os preceitos e enfeites da arte. — O raro e curioso do successo não menos deve justificar o meu atrevimento.

Beja 22 de Junho de 1842.

Tenho a honra de ser de V. attento respeitador e criado obrigadissimo — *João Maria Nogueira*.

ABALROAMENTO.

557 Abalroaram-se os vapôres que dia de S. João transportaram muitas mil almas para a outra banda. O choque arrancou alguns gritos de misericordia! — Mas graças a Deus não houve novidade.

543 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 22 ATÉ 21 JUNHO 1842.

Dias do mez.	Thermometro exterior.		Barometro.		Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	Estado da Athmosphera.
	Minimo.	Maximo.	9 h. m.ª	3 h. t.ª			
22	62	77	760,4	761,6	6	^{1}SO NO	Chuva serena de m. — Cob. e cl. — Cl.: dia fresco.
23	58	82	763.0	761,8		NO^{1}	Cl. e nuvens grossas — Cl. — Tarde mais fresca.
24	58	79	759,8	758.5		^{2}NO^{1}	Cl. horisonte vaporoso. Id.
25	64	86	7.586	758.0		^{1}B N^{2}	Cl. dia muito quente.
26	64	99	758,0	757,1		B ^{2}NE B	Id. horisonte vaporoso: calor excessivo, e vento abrazador. — Norte muito calmoso.
27	67	90	759,5	758,7		B ^{2}SO	Nevoeiro de madrugada. — Cl.: horisonte vaporoso; dia quente, e tarde fresca; ar humido.
28	61	84	759,0	757,8		^{1}SO^{2}	Nevoeiro denso até ás 8 h. m., e cl. depois — tarde fresca.

Terminaram os onze dias da influencia calmosa da 3.ª quadra, a 21 do mez, seguindo-se a 4.ª, de temperatura fresca nos extremos do dia, e quente na presença do sol, manifestando a sua apparição com a benefica chuva que cahiu na manhã de 22, a qual porém foi tenue e circumscripta a limitados sitos. Em *Lisboa* não excedeu a 6 millimetros, ou 21 canadas por braça quadrada; e em *Cintra*, na quinta da *Trindade*, subiu a 16 millimetros, mas consta que só abrangeu até ao sitio da *Ribeira*, além do qual não passou. A frescura espalhada por esta quadra foi de curta duração, sendo immediatamente substituida pela 5.ª, que se manifestou a 25 com a repetição dos antecedentes calores, os quaes appareceram exorbitantes no Domingo 26, fazendo subir o thermómetro, posto á sombra, a 99.° F. (30 R) Veio acompanhado de um vento rijo e abrasador do nordeste, e teve muita similhança, ainda que inferior, com o memoravel calor de 1.° de Julho de 1824, o qual porém o-excedeu em 6.° F.; e é provavel que tenha causado notaveis prejuisos ás arvores e plantas nos sítios mais expostos á corrente do vento, e já ressequidos pela acção constante de 53 dias de sol ardente, apenas modificada por alguns raros orvalhos nocturnos. Esta quadra, que ainda permanece, tem sido notavel pelos nevoeiros das manhãs, os quaes são geralmente nocivos á fructificação das oliveiras.

M. M. Franzini.

Imprensa Nacional.

4.° DA 4.ª SERIE. N.° 40. 7 JULHO 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sahe ás quintas feiras. = Escriptorio na rua da Quintinha n.° 53 = Assigna-se no Escriptorio e na loja da viuva de João Henriques n.° 1, rua Augusta = Avulso 80 réis: 12 números 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis = O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados. Cada serie de 12 números, desde o principio do jornal, custa 600 réis = Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Os das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes-convier = Sobrescripto da Correspondencia: Ao Redactor da Revista Universal, rua da Quintinha n.° 53 = Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade = Qualquer artigo interessante será accolhido com gratidão e publicado = A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se-lhe-remetta um exemplar = Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o-desejar = Tambem no seu Escriptorio se-patentearão ao público objectos de similhante natureza, que para alli sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal = Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes = A distribuição na capital faz-se em tres horas = Este número sahe ás nove horas da manhã.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ESTRADAS.

PORTUGAL.

560 *(Continuação da pag. 458.)*

Tendo exposto as razões, porque se não deve approvar o plano que está presentemente em projecto para construir as estradas de Portugal, cumpre recordar que a França, não obstante ter um estabelecimento tão bem organisado como a corporação das pontes e calçadas, concebeu um tal terror a construir por conta do Estado os caminhos de ferro, que devendo o de Roão ao Havre custar 35 milhões de francos, o seu govêrno preferiu a construil-o (Cour. fr. 1 maio 1842) dar 8 milhões gratuitos a uma companhia para que ella o-fizesse, e emprestar-lhe 10 mais, a 3 por cento ao anno, que hão-de ser restituidos tarde.

Por esta parte vai aquelle govêrno entrando no verdadeiro espirito do regimen constitucional, em que os cidadãos é que fazem tudo e o govêrno só vigia. Resta outro prejuizo de que não está disposto por ora a despojar-se, é o de nada pertencer a ninguem senão a elle, e por isso ser tudo muito mais mal conservado.

A Inglaterra, a Allemanha, e a Belgica teem todas o direito de barreiras. Instituidas por Carlos Magno, *Encyclop. de l'Ing. Delaistre Tit.* 1. *pag.* 337 *Verb. Chemins*, foram supprimidas por Filippe Augusto em França.

Restauradas no anno 4.° da Republica, deixaram de novo de existir no anno 8.° da mesma. A causa foi a sua má administração, postoque pelo Relatorio de Cretet, ministro do interior d'aquella épocha, rendessem 1920 contos.

A sua extincção, em logar de reforma, faz com que um ingenheiro francez, M. Cordier, inspector das minas e par de França, diga, = que a França, nos seus melhores districtos, não tem estradas que se-possam comparar aos peiores caminhos da Inglaterra e da Belgica. = E egualmente que outro escriptor contemporâneo confirme o que eu já disse, que as estradas dos arredores de Pariz se-acham cobertas de lamaçaes, e accrescente que os caminhos vicinaes são impraticaveis de inverno.

A introducção aqui do novo systema que em França se-inceta para a construcção das obras de que escrevo; o prejuizo que se-lhe-segue de não adoptarem na sua conservação o methodo alheio, não são mais do que suggestões para o melhor arbitrio que temos, que adoptar em Portugal.

Simplificando a questão, e despindo-a de complicações, que hão-de embaraçar a sua solução se as não removerem desde o principio, o thesouro público, ainda em equilibrio na sua receita e despeza, não tem dinheiro seu, tem somente aquelle que lhe-vem dos contribuintes. Se a obra é directamente para estes ¿para que hão-de elles lá levar a contribuição que é para estradas, para depois de lá a-receberem? Fiquem-se com ella, e ponha cada um d'elles (representados nos seus districtos pelas juntas geraes, ou delegações d'estas) a concurso a extensão e qualidade de estradas de que precisam, mediante a subvenção que fôr combinada, além da fruição das barreiras e conducções, concedidas por um lapso de annos ao adjudicatario. As regras geraes para estes concursos hão-de ser dadas pelo govêrno, ou pela inspecção geral para isso auctorisada, conservando elle sempre a direcção suprema sobre todos os trabalhos, assim como o veto sobre o quantum, seu modo e fórma, da contribuição que ha-de ser cobrada para pagar a subvenção ao emprezario.

Observarei sómente, emquanto á adjudicação que é melhor não insistir tanto no seu perfeito acabamento, do que obstar á solução de continuação em cada um dos alinhamentos parciaes, e ligação d'estes com o plano geral de todo o reino. Aonde os terrenos fossem argilla misturada de arêa, acho que seria bastante revolver estes dois mineraes e passar-lhe a galga ou rôlo por cima as vezes que fosse preciso para os-unir, pois unem bem e filtram perfeitamente, pulverisando-se pouco, ao sol do estio. Se os bancos fossem schistozos, de que tenho visto muitos para o norte do reino, nada mais exigiria senão que os-alisassem, porque não ha pedra alguma, das que são duras, que faça um pavimento tão perfeito como o schisto, permeavel sempre á agua que deixa logo passar. Os terrenos de argila simples, ordenaria eu que se-calcinassem segundo a indicação de *Dupin*. Raros seriam os logares para onde reservasse o impedramento de cascalho segundo as regras, e um dos poucos, os areaes extremes em que o barro fosse inaccessivel.

Para mais depressa obter o trânsito inteiro do alinhamento adjudicado, e para attender á economia, não estabeleceria o termo de rigor para a sua largura em 30 palmos; reservaria esta somente para a entra-

da e saída de povoações de tráfico maior: tambem dispensaria as guias de pedra á borda d'ella, as quaes desapprova Mac-Adam, e com razão, porque a estrada vindo a gastar-se no centro, ellas vem a ficar-lhes superiores, e depressa para lá inclinam então as aguas, que são o seu inimigo mais fatal; havia de requerer, finalmente, que fosse mui pouco sensivel a sua convexidade, para evitar a despeza inutil de grandes compras de cascalho, e o prejuizo que do abaulamento vem á força tirante dos animaes, que teem, em quanto o-percorrem, de ir em uma lucta continua entre o equilibrio que precisam manter, e a atracção da carga que conduzem. Eis-aqui ao que eu me-limitaria, ou o que tentaria de prescrever, se tivesse que dar um voto sobre o assumpto.

A segunda parte de que em Portugal nem sequer por ora ha consciencia quando se-tracta de estradas, é em que eu seria mais escrupuloso: fallo da sua conservação.

Uma estrada, por explendida que seja, exposta ás intemperies, depressa se-estraga se não ha quem a-vigie. Ao marco das 17 legoas do Porto na estrada real havia uma boa calçada de pedra (quartzo) em janeiro de 1840, mas como não tinha um único cantoneiro que fosse, repondo algumas talhas ainda que poucas, tinha uma inclinação, tanto quanto pela minha vista posso julgar, de um em dez; as chuvas a estas horas hão-de ter produzido o seu effeito, e ella ha-de ter cessado de existir. Quando eu por lá passava pareceu-me que por 1920 réis se-podia ter feito o concêrto; hoje não se-fará com centos de mil réis.

A conservação é um melhoramento continuado; com ella as peiores estradas se-tornam transitaveis, e sem ella se-perdeu a nossa estrada real. Se eu não contasse com os aperfeiçoamentos que d'ahi lhe-haviam de vir, não lotaria o primeiro custo tão modicamente para a de Coimbra e Porto.

Experiencias feitas pelo sr. *Roe*, um dos commissarios dos canos públicos das ruas de *Londres*, e que andam impressas, mostram que uma corrente de agua, da velocidade de 3 polegadas em 1 segundo de minuto, isto é, de um terço de milha ou um nono de legua ou 277 braças por hora, ou tres horas de espaço por legua de distancia, é capaz de arregaçar uma camada de barro fino; e uma corrente da mesma agua, da velocidade de 3 pés pelo mesmo segundo, isto é, de 2 milhas ou dois terços de legoa, menos do que anda a maré ordinaria e do que o homem, por hora, é capaz de arrancar pedras do tamanho de um ovo. Se isto acontece com uma tão pequena propulsão, que estragos não farão sobre planos inclinados as nossas enxorradas de torrente, que levam ás vezes o dobro e o triplo d'este impeto? Fazem o que nós vemos — *das nossas estradas cratéras de volcões.*

A deterioração que o vento causa depois das grandes evaporações promovidas pelo nosso ardente estío nas estradas descobertas, tambem se não póde despresar. Já ouvi dizer a um ingenheiro portuguez que não chegava a menos de 2 polegadas por anno, nas que eram macadamizadas.

Pela mesma rasão que as arvores por lei são removidas das estradas em *Inglaterra*, em consequencia da muita humidade do clima que ellas augmentariam, impedindo a circulação do ar, nós pela aridez da nossa temperatura devêramos impôr a sua plantação como um preceito obrigatorio a todos os nossos constructores. O seu beneficio é conhecido n'esses raros sítios em que ellas bordam os nossos caminhos: haja vista ao *Ramalhão* em *Cintra* e aos *Machados* e *Carvalhos* na estrada real plantada de oliveiras. Aonde ellas se-acham, o sólo subjacente está muito mais liso e consistente, porque quebram a força das grandes chuvas na sua descensão, e impedem que os ventos quando são violentos o-varram por cima e escarnem a superficie.

Tendo-se feito tanto codigo entre nós ultimamente, a policia das estradas é lei em que ainda se-não tocou. A *Belgica*, no dia immediato ao da sua inscripção no rol das nações, a primeira providencia que adoptou, foi o decretamento de um systema geral de estradas de ferro para o reino. Tem aquella infante monarchia apenas onze annos de edade e já as-tem todas, e *Portugal* contemporâneo dos antigos estados da Europa, ainda se-não deu ao trabalho de cohibir que as ruas da nação, que são as estradas, se-conservem deturpadas, e que cada um não seja tão relaxado de costumes que lance n'ellas as immundicies? Todo o portuguez se-deve correr de vergonha de vêr que em *Marvilla*, depois de tanto cabedal gasto na sua macadamização, não acham os seus moradores outro local mais apropriado do que a estrada para deitar os despejos das suas habitações. Entre *Coimbra* e *Porto*, grande parte da estrada serve mais para alveo das aguas correntes dos fazendeiros confinantes, do que para via pública. Ha partes aonde a agua chega á barriga das cavalgaduras, por espaço de muitas braças.

Removidos estes inconvenientes com penas summarias e correspondentes, desincaixilhadas as estradas, tanto quanto fôr possivel, e precavida toda a inclinação transversal no plano d'ellas, empregando de 1 até 3 cantoneiros constantemente em cada legua de estrada, não tardará que se-não obtenha uma commoda e suave passagem por ellas. Ao princípio foi preciso maior número de cantoneiros na moderna estrada de *Lisboa* ao *Porto*, mas ao 4.° anno já a sua despeza se-podia fazer por menos da quarta parte do primeiro. O verdadeiro serão as avenças por empreitada para a conservação, que se-acham sempre homens capazes que as-queiram tomar.

(Continuar-se-ha.)

Claudio Adriano da Costa.

QUEIJO E MANTEIGA.

561 São o quejo e a manteiga dois alimentos tão naturaes e excellentes, que nem os povos mais antigos d'elles careceram, nem os mais bárbaros e sáfaros os-deixam de usar. Tambem nós, como toda a gente, somos grandes gastadores d'elles, mórmente da manteiga; porém mais incuriosos do que toda a outra gente civilisada, quasi tudo o que n'estes dois géneros consumimos, e bem podéramos haver de casa, a estrangeiros o-vamos buscar, ou (o que é mais certo) mui aguçosos nol-o vem elles cá trazer. N'isto o mal se-tem ido com os annos a peior; pois sabemos, que de nossos campos entravam pelas portas d'esta devoradora cidade grandes quantias assim de queijos deliciosos como de manteigas frescas e bem fabricadas. Hoje procura ésta industria renascer; e bem merece que a-animem: ganhará com isso o paladar e muito mais ganhará a bolsa pública.

Com o título de *parmezão das ilhas*, escrevemos um artigo no número 26 d'este jornal. Foi reprodu-

zido no *Açoriano*, jornal das ilhas. — Desejavamos que se-imitassem com elle os mais acreditados no commercio; assim como desejavamos o melhoramento das nossas manteigas. — N'este, como nos mais ramos de indústria é a perícia nascida da prática, a grande mestra. — Mas, é verdade, que por falta d'ella, a inexperiencia illudida pelo cégo amor do ganho, tem arruinado muitas emprezas; e com ellas, se-tem sacrificado grandes cabedaes; e estas desgraças, desanimando a industria nacional, afinal nos-deixam á mercê da estrangeira. — Aconselhâmos á associação dos industriosos o mútuo auxilio; e pelo menos, que as empresas comecem por pequenas tentativas, e com prudente economia. — O empresario deve conhecer perfeitamente todas as condições práticas de sua indústria; ou pelo menos escolher bem um director perito, e de caracter, incapaz de o-arruinar de má fé; o que actualmente é muito para recear. — Com estas cautélas, ficam quasi desnecessarios os conselhos escriptos; e sem ellas, são até inuteis. — Por isto nos-limitarêmos aqui a poucas generalidades; ao menos para precaver a ruina da ignorancia atrevida em materia de tanto melindre. — Nem todos os leites são egualmente bons para dar productos delicados. Differem, segundo os animaes, os pastos, o clima; a occasião em que são mugidos, temperatura baixa, e invariavel, e extremo aceio da caza, em que se-recolhem e manufacturam as manteigas; e bem assim a capacidade, e materia dos vasos, para se-formarem as natas. — Reunidas estas, se-lhes-ministra o sal, que deve ser muito puro, e sem mau gôsto, bem sêcco, e muito fino; e se-lhes-dá a côr com açafrão, ou urucú; muito pouco, e misturande-a primeiro em uma porção de nata á parte, a que se-ajuncta ao depois ao todo. Assim entra para a machina a ser muito batida para se-formar a manteiga; e n'isto se-mistura perfeitamente o sal e a côr. — A qualidade dos queijos, além da qualidade dos leites, depende muito do seu fabríco. Uns se-fazem do leite com toda a sua nata; outros, desnatando primeiro todo o leite; ou parte d'elle sómente; o que faz os queijos mais ou menos *gordos*, mais ou menos *sêccos*: os do Alémtéjo são gordos; os saloios, da *Serra da Estrella*, de *S. Jorge*, e o *Londrino*, agora fabricado no *Porto*, pendem para o contrário. — A qualidade, e quantidade do coalho para formar a coalhada, de que se-hão-de fazer os queijos, influem egualmente sôbre a sua qualidade. — Todo este processo se-faz a frio, para uns queijos; para outros se-faz cozendo o leite, e depois a coalhada em uma caldeira ao fogo (não excedendo 20 a 25 gráos, centigrado). Na coalhada se-mette a côr ao princípio, a qual se-mistura perfeitamente em toda a massa quando ella se-quebra, e desfaz muito bem com instrumentos de páu, e mesmo á mão, até perder sua elasticidade, e adquirir certa vigoridade homogenea, que caracterisa um certo aspecto particular do bom parmezão, e londrino; e que ainda falta nos nossos. E'sta manipulação importante se-completa, e aperfeiçôa fóra do lume; aonde volta a receber a última cosedura (até 40 a 45 gráus); mas já se não meche. — Tira-se finalmente do lume, e se-põe em descanço; com o qual se-reune a coalhada, formando o queijo: tira-se, e se-põe a escorrer. Depois se-mette na fôrma, e se-empéza até escorrer bem. Então com sal, como para a manteiga, se-salga por fóra; o que se-repete todos os dias, voltando-o sempre. Depois de sufficientemente salgado, se-limpa e esfrega muito bem, e se-unta com azeite, e se-deposita na queijeira; onde deve ser examinado varias vezes; repetida a untura, voltado; enxugado, e bem limpo o sitio em que está. — O queijo é sugeito a muitas alterações, especialmente no transporte por mar. O excesso de humidade, ou de seccura, produzem bolôr, fendas, podridão, a *punilha* e a desenvolução dos bichos da *caréja*. Estes inconvenientes se-previnem com algumas mãos de *verniz de polimento* avermelhado (com oleo de linhaçá e urucú), para o que se-enxuga muito bem o queijo por fóra, esfregando com um panno até quasi o-polir; e se-dá o verniz; o qual depois de bem sêcco, dispõe o queijo para melhor soffrer o transporte. Aos lavradores de *S. Jorge* e do *Porto* desejâmos, por fortuna sua e nosso proveito, curiosidade que os-indusa a pôr por obra estes bons conselhos. *Jacintho Luiz Amaral Frazão.*

UTIL NOVIDADE MEDICA.

562 Lê-se na Gazeta dos Hospitaes de París, que no mez de Fevereiro do presente anno, fôra apresentada e lida na Academia das Sciencias pelo Dotcor *Milladert* uma memoria escripta pelo Doutor *Canquoin*, sobre os felizes resultados por elle obtidos, no espaço de quatorze annos de prática, no tractamento de obstrucções glandulosas, molestias de peitos, e, geralmente fallando, de todos os tumores cancrosos, por um methodo que sem excepção alguma exclue o emprego de todo o instrumento cortante. — Desejoso de confirmar por meio de novos factos, de mais decidida natureza, as cento e vinte seis observações já citadas em uma memoria que elle em 1838 apresentára á mesma Academia, veio agora reforçar o effectivo proveito d'este tratamento com a exposição dos novos resultados, obtidos pela applicação d'este processo a muitos tumores, alguns dos quaes tinham o volume da cabeça de uma creança, e que elle tem extraído em uma ou duas operações, sem experimentar algum d'aquelles accidentes máus, que occorrem amiudadas vezes nas operações por meio de instrumentos incisivos. Alguns medicos distinctos de Pariz, entre os quaes se-póde mencionar o Doctor *Cayol*, teem frequentemente presenciado as extraordinarias curas feitas pelo Doctor *Canquoin* em muitos casos graves, e até em pessoas enfraquecidas por sua avançada edade, ou pela longa duração da molestia. Este testimunho é abonado de uma maneira inquestionavel, pela exposição que se-acha nas minutas da Academia, feita pelo mesmo Doctor, do processo por elle seguido, tomadas na secção de 6 de Dezembro de 1841.

Em confirmação do que acabamos de narrar, trazem o *Nacional*, o *Seculo*, e a *Imprensa*, jornaes de París, uma carta de Mr. *Hiard*, cirurgião residente em *Pont sur le Sambre* perto de *Avesnes*, onde o mesmo assevera ter sido sua mulher uma das muitas pessoas, a quem o Doctor *Canquoin* havia curado pelo methodo exposto na Gazeta dos Hospitaes, apezar de que a molestia tinha já tomado um caracter assustador.

O Doctor *Canquoin* annuncia na sua memoria a todos os seus collegas, que a bem da humanidade e da sciencia quizerem apreciar o seu systema de tractamento sobre este objecto, que elle os-recebe com prazer em sua casa na rua do Faubourg Montmartre n.° 8

em Pariz, todos os dias do meio dia até ás duas horas da tarde. *F. Z. F. d'Araujo.*

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

AYRES BARBOSA.

8 *de julho de* 1530.

563 D'entre os muitos portuguezes, que por letras teem ganhado fama universal, dentro e fóra da patria, foi sem dúvida *Ayres Barbosa* um dos primeiros, assim na épocha, em que viveu, como no applauso justamente merecido. E quantas gloriosas recordações andam vinculadas a este só nome? Se lhe-procuramos os mestres, achamos entre elles a *Angelo Bassi*, que por ser natural de *Monte Pulciano (Mons Politianus)* na *Toscana*, é commummente conhecido e celeberrimo com o nome de *Angelo Policiano*. Tem este mestre, cuja fama enchia no seu tempo a Europa, para comnosco alguns motivos de singular veneração. Sabido é que se-offerecêra a el-rei *D. João II* para escrever a historia de nossos descobrimentos ultramarinos; o que el-rei lhe-agradeceu em mui cortezes e honradas cartas. Tanta era a admiração, e o enthusiasmo, que por toda a parte promoviam os mui intendidos e bem affortunados trabalhos marítimos dos portuguezes, cuja prioridade, foi mister que chegasse o seculo XIX, para haver quem se-intromettesse a disputal-a. — Se indagamos quaes fossem os condiscipulos de *Ayres Barbosa*, lá encontramos a *João de Medicis*, elevado em florente edade de 37 annos á alta dignidade de chefe da egreja com o nome de *Leão X:* magnifico zelador, e protector das artes e sciencias, e a quem el-rei *D. Manuel* mandou aquella tão célebre embaixada, que acompanhou o primeiro elephante transportado da *India* á Europa. — Se finalmente corremos a lista de seus discipulos, ahi lêmos os nomes de *André de Resende*, depois designado pela anthonomasia de mestre, e os dos filhos de el-rei *D. Manuel*. Homens d'esta têmpera e qualidade eram os a quem nossos antigos reis confiavam o ensino de seus filhos. (a) E quem mais do que *Ayres Barbosa* tinha então direito a ensinar os filhos d'el-rei de Portugal? *Ayres Barbosa*, portuguez, que por mais de vinte annos professára em *Salamanca*, eschóla luzidissima, as bellas-letras, nas cadeiras de rhetorica, da lingua latina, e especialmente da grega, da qual, com muita honra sua e da nação, foi o primeiro mestre público em a nossa peninsula.

Havia nascido em *Aveiro* pelos annos de 1450 e tantos; estudado primeiramente em *Salamanca;* depois em *Florença*, e recolhido á patria. Novamente voltou a *Salamanca* em 1495, e então exerceu o magisterio nas cadeiras mencionadas; e sendo jubilado veio para mestre dos infantes. Sete annos ensinou no paço, e ultimamente retirado á sua patria, falleceu nos 8 de junho de 1530 com mais de 70 annos de edade. Na villa da *Esgueira*, e freguesia de *Santo André*, instituiu capella, para a qual seus ossos foram trasladados, passados dez annos depois do fallecimento, e sobre a campa lhe-lavraram este laconico epitaphio, abonador da fama de seu magisterio

= *Aqui jaz o corpo de Ayres Barbosa, mestre grego. Era de* 1540. =

As suas obras, todas dirigidas ao progresso das bellas-letras, são escriptas em mui elegante, e purissimo latim. Não nos-consta que escrevesse alguma na linguagem patria. Mas a quem escrevia latim como elle, como *André Resende*, e como *Jeronimo Osorio*, facilmente desculparemos a preferencia, que lhe-deram sobre a lingua materna; se a épocha, em que viveram, os não desculpára de antemão, e mui satisfactoriamente.

J. H. da Cunha Ricara.

(a) Ainda não podemos apurar bem a historia do magisterio, que commummente se-admitte exerceu *André de Resende* com os filhos d'el-rei *D. Manuel*. Se consultamos o que n'este particular diz o abbade *Barbosa* na *Bibl. Lusit.*, fallando de *Ayres Barbosa*, e de *André de Resende*, achamos graves difficuldades na combinação dos factos; difficuldades que mui consideravelmente se-augmentam comparando aquellas noticias com o que o proprio *Resende* diz de si, de *Ayres Barbosa*, e dos infantes na *vida do infante D. Duarte*. — Já em outro logar (*Revista Litteraria*, junho de 1839), fallando de *André de Resende*, propuzemos as nossas dúvidas a este respeito; as quaes não serão completamente resolutas, emquanto se não poderem aclarar alguns pontos escuros da vida d'este insigne eborense.

CARTA 3.ª — SEPARAÇÃO DE PORTUGAL DO REINO DE LEÃO.

(Continuação da pag. 439.)

564 Vemos pois, que a idéa de ter sido dado Portugal em feudo ao conde *Henrique*, é tão repugnante e inadmissivel como a de lhe-ter vindo em dote de sua mulher. Resta só um meio para deixar de attribuir pura e simplesmente á revolta do conde a sua independencia politica.

Este meio consiste em suppôr, que morrendo *Affonso* 6.º sem filhos varões, o conde julgasse que o reino se-devia dividir entre suas filhas, que a sua mulher tocava, pelo menos a provincia que elle governava, e que finalmente se-estribasse n'este fundamento para não se-reconhecer subdito de D. *Urraca*. Similhante idéa parece ter occorrido ao respeitavel Auctor das *Memorias do conde D. Henrique*, quando por occasião do célebre pacto successorio, diz que «*os dois condes*, vendo que a *herança* de tão vastos e ricos estados, a que por suas mulheres *tinham direito*, lhes-escapava das mãos....., isto devia...... inspirar-lhes o pensamento de se-prevenirem, etc.»

Tal reflexão, creio eu, não fizeram os dois condes pela mui simples razão de que não a-podiam fazer; tal motivo não tiveram porque não o-podiam ter. A razão do pacto, a meu vêr, não foi mais que um cálculo de fôrças: os dois condes unidos assim eram naturalmente mais fortes que qualquer outro competidor ao throno, que por morte de *Affonso* 6.º se-alevantasse. O conde *Raimundo* intendeu, e intendeu bem, que valia a pena de sacrificar uma parte de territorio á ambição de *Henrique*, com a condição de cingir a coróa d'Hespanha. Do theor do pacto successorio se-vê que este negocio começou a ser tecido em Cluni; porque este célebre mosteiro era então o foco de todos os grandes enredos politicos, e exercia uma influencia immensa na curia romana, sempre prompta para proteger novidades uma vez que estas lhe-produzissem as célebres *benedictiones* (1) de que tantas vezes falla a Historia Compostelana. E com effeito o negocio tinha assim todas as probabilidades de bom resultado, se a morte, como costuma, não viesse baralhar as combinações humanas.

Disse que *Raimundo* e *Henrique* não podiam ter tido por motivo do pacto a consciencia de um direito commum a ambos; porque tal direito seria sonhado. Que !? A coróa do reino leonez-castelhano era alguma herdade, aldêa, mosteiro, *testamento* (2) emfim, que se-repartisse entre herdeiros, ficando a este o quarto,

---

(1) Estas bençãos eram grossas quantias de ouro e prata que se-enviavam a Roma, para a resolução dos negocios graves, e que se-repartiam com toda a lisura e honestidade entre o papa e os cardeaes.

(2) *Testamentum* parece-me o nome mais generico usado n'aquelles tempos para indicar a infinita variedade de propriedades que então havia.

a outro o sexto, a aquell'outro o resto? Se o fôsse, que deveriamos nós chamar a *Raimundo*, o qual se-contentava com tomar para seu quinhão *hanc totam terram Regis Aldephonsi* ou ao conde *Henrique*, que promettia ajudal-o em tão sancta e louvavel empreza? Porque haviam assim de ser espoliadas as outras filhas de *Affonso* 6.°, entre as quaes se-contam algumas com mais segurança legitimas que a mulher de *Henrique?* (3) *Raimundo* poderia talvez julgar-se com justiça na successão, por ser sua mulher a filha mais velha de *Affonso* 6.° o hereditario da corôa começára de havia muito a fixar-se por direito consuetudinario opposto ao direito politico escripto, e *Urraca* devia succeder a seu pai por este *costume* que apenas deixava a sentença do codigo visigothico a tal respeito, como simples e mera formalidade: *Henrique*, porém nada tinha que vêr em similhante negocio, e só legalmente lhe-cumpria obedecer ao novo monarcha, como obedecia a *Affonso* 6.°

Mas, dir-se-ha, *Raimundo* podia d'antemão ceder uma parte da monarchia, que lhe-havia de pertencer, a *Henrique*, seu cunhado, primo e companheiro d'armas, a fim de que este o ajudasse com a fôrça a tornar effectivo o seu direito de successão, se este direito existia (4). Não! A índole das instituições hespanholas oppunha-se formalmente a similhante cessão.

É preciso em todas estas averiguações não esquecer nunca um grande facto social d'aquella epocha, facto que o historiador-philosopho *Martinez Marina* provou irrecusavelmente, e que derruba pelos fundamentos essas explicações violentas de um acontecimento mui simples — a revolta do conde *Henrique.* — Este acontecimento não deshonra o conde, porque elle não podia ter as idéas de estreita legalidade, que nós hoje exigimos, e devemos exigir dos homens politicos. No seu tempo a fôrça corria trivialmente parelhas com o direito: era esta uma das infinitas e pessimas consequencias moraes da barbaria e rudeza dos tempos. Do mesmo modo nenhuma nódoa póde pôr nos fastos gloriosos da nação, essa origem menos ajustada pelas regras da jurisprudencia politica d'aquellas eras. Toda a nação independente legitimamente o-é, seja qual fôr a historia do apparecimento da sua individualidade, ou da sua organisação. Nem a França recusa a usurpação de *Pepino*, ou de *Hugo*, nem a Inglaterra a conquista de *Guilherme* o Normando: essas nações possuem sobeja luz de gloria para desvanecer taes sombras. Será o velho Portugal mais pobre e escuro do que ellas?

O facto, digo, de que nunca nos-devemos esquecer é, que a monarchia fundada por *Pelaio* nas Asturias, e que depois se-chamou Leão e Castella, não foi uma nova sociedade que appareceu; não foi uma nova raça que pela conquista substituisse no dominio da terra uma sociedade conquistada e dissolvida. A monarchia leoneza foi a reacção visigothica contra a invasão arabe; mais nada. O throno de Leud-wig-hild recuou diante do throno dos califas até as margens do Deva, e d'ahi voltou a Toledo. Ida e volta foi por uma estrada coberta de cadaveres, e a viagem gastou tres seculos. Mas com esse throno, na fuga e no triumpho, as instituições, as leis, quasi os costumes que o rodeavam, subsistiram por largo tempo. As Partidas de *Affonso* o sabio são a declaração de que a sociedade visigothica tinha emfim expirado, depois de dilatada agonia. Este codigo feudal — canonico — romano é o verdadeiro ponto d'intersecção entre a monarchia germanica e a monarchia moderna, e ainda á quem das Partidas, quantas reminiscencias, quantos costumes, quantas leis, enraizadas no solo da Peninsula pela cuidadosa cultura dos godos, melhor radicadas talvez ainda, como as arvores robustas, pelo tufão terrivel da conquista arabe, não ficaram vivas, perennes, activas no meio da sociedade moderna! Ninguem mais que nós os filhos das Hespanhas se-abraça ternamente com as usanças do passado. É que ainda em nossas veias gira muito sangue dos godos. Na historia das instituições, os povos da Peninsula são mais velhos do que elles pensam.

Todos sabem que o codigo das Partidas pertence á segunda metade do seculo 13.°, e que a epocha de *Affonso* 6.° pertence aos fins do 11.°, e primeiros annos do 12.° Para outro logar deixamos o exame das alterações, quasi todas formaes e poucas substanciaes, que os Francos introduziram na organisação politica da Hespanha: é porém, indubitavel que a natureza da monarchia não tinha sido mudada. A substituição do hereditario ao electivo na successão havia-se convertido em uso, é verdade; mas este uso não pertencia exclusivamente aos tempos posteriores a *Pelaio.* Anteriormente aos arabes, os godos tinham conhecido a vantagem immensa d'aquelle systema, de transmissão da corôa ao systema electivo, e a successão de pais a filhos começava a fixar-se como principio politico na côrte de Toledo, quando justamente uma offensa feita a esse principio na enthronisação de Rodericus *(Rodrigo)* produziu a guerra civil, que abriu o caminho aos conquistadores sarracenos.

A eleição do rei lá ficou, todavia, escripta na lei da terra, no codigo wisigothico, e as consequencias naturaes do principio electivo designadas n'essa lei, e além d'isso traduzidas nos factos. A acclamação do novo imperante, o *hominium* ou preito e mensagem que lhe-faziam os barões convocados a cortes *(concilium)* e até a expressão de *electus* de que muitos reis de Oviedo e Leão usaram nos diplomas fallando de si, provam que elles não se-esqueciam de qual era o funda-

(3) De mui pouco momento, na minha humilde opinião, é a questão da legitimidade de Dona *Thereza*, por isso a deixo de parte. Para confessar, todavia, a verdade inteira, eu não a-creio legitima. O principal argumento a favor d'esta legitimidade (talvez o unico) é que na bulla de *Gregorio* 7.° de 1080, o casamento de *Affonso* 6.° com uma parenta de sua anterior mulher é condemnado, e que por consequencia tendo havido casamento, o fructo d'elle foi legitimo. Mas o que eu duvido, e se-dá por provado, é que esta bulla dissesse respeito a Dona *Ximena Nunez*, e não á rainha Dona *Constança* de Borgonha, que era prima segunda ou terceira de Dona *Ignez* primeira mulher de *Affonso* 6.°, e se-achava já casada com elle havia dois annos antes da data da bulla, e ainda depois d'ella. O de que eu tambem duvido é, que a bulla tivesse effeito, e o casamento fôsse com quem fôsse se dissolvesse; porque *Gregorio* 7.° se-aquietou (Epistol. L. 9. Epist. 2) com a acceitação do rito romano na Hespanha, com uma *benidictione* avultada para a curia ou para elle, e com uma boa abbadia para o cardeal legado em Hespanha.

(4) De proposito para não ser prolixo não ponderei a existencia do infante D. *Sancho*, morto em Uclês em 1108, e que por isso vivia forçosamente quando se-exarou o célebre *Facto*, e portanto o tornava nullo se *Affonso* 6.° podesse fazer reconhecer o filho seu successor pelas côrtes de Leão e Castella.

mento legal da sua existencia politica (5) a-escolha dos godos. D'esta circumstancia, d'este pensamento, que por assim dizer, se-achava como incorporado no facto contrario, a successão hereditaria, e modificava esse facto, nascia que todas as outras disposições do codigo wisigothico, relativas ás obrigações contrahidas pelos reis no momento da acclamação, se-conservavam em vigor como nos tempos em que a monarchia era na realidade electiva. Entre estas obrigações era uma das mais importantes o prestarem juramento de nunca alhearem os bens ou estados da corôa, e de não herdarem a seus filhos senão as terras ou bens que adquirissem antes de subirem ao throno, ficando no patrimonio do estado tudo o que depois de sua eleição n'elle tivessem accrescentado (6). Era a esta lei, observa *Martinez Marina* (7) que *D. Affonso o Sabio* se-referia no seculo 13, dizendo: « foro e estabelecimento fizeram antigamente em Hespanha, que o senhorio do rei nunca se-dividisse ou alheasse. « (8) A tradição d'esta antiga jurisprudencia veio ainda reflectir de algum modo entre nós na feitura da Lei Mental.

Similbante instituição obsta a que qualquer cessão de *Raimundo* a seu primo tivesse validade ainda quando subisse ao throno, quanto mais sendo apenas um simples pretendente. Assim ao passo que se-vê não ser o pacto successorio mais que um documento da ambição dos dous condes, conhece-se tambem que é escusado procurar n'elle o titulo da independencia portugueza. Ainda, repito, subindo ao throno, *Raimundo* teria exorbitado das suas attribuições; teria offendido uma das partes essencialissimas do direito politico da Hespanha, se houvesse alheado da corôa uma tão importante porção de territorio como Portugal, sem consentimento do *concilium*, ou *cortes*. *Fernando Magno* tinha intendido isto perfeitamente, quando para dividir a monarchia em tres estados que herdassem seus tres filhos, as-convocou em Leão, a fim de obter o consentimento nacional (9).

N'estas considerações, a meu ver, está a razão capital de se-dever recusar a sancção historica a essas tradições de dotes, d'infeudações, de direitos hereditarios, que se-teem acceitado de antigas chronicas com demasiada boa fé.

(Continuar-se-ha).
(Alexandre Herculano.)

UM LIVRO DE OIRO.

565 Disse antigamente um auctor inspirado, que entregára Deus o mundo ás disputas dos homens: os homens porém, (afoitamente o podêmos dizer) não pagos com disputar o mundo, arrojaram-se nos modernos tempos a se-disputarem a si mesmos, e, o que mais é, ao proprio Deus. A Religião, que teve o presepio por berço, um punhado de pobres humildes e rusticos por annunciadores, e por trophéu a Cruz, a Religião, que successivamente fizera cair e desapparecer todas as idolatrias, todos os systemas philosophicos, todas as resistencias das paixões, todo o arreigado materialismo das cubiças terrestres, e não conservára da velha Roma senão o capitolio, para de sobre elle purificado reger pelos Cesares e pastores a maior e melhor parte do universo, a Religião finalmente, a milagrosa Religião de dezoito seculos, corroborada por tresentos annos de martyrio, ameaçada muitas vezes em vão, pelo fanatismo cru e anti-christão de seus proprios zeladores, ou pela mundanidade e depravação de seus ministros, e n'estes ultimos 100 annos pelo espirito discursador e rebelde dos amigos das novidades, chegou em nosso tempo a uma enfermidade mais terrivel e perigosa que todos os seus precedentes males; com a qual infallivelmente ao cabo viria a perecer, se contra ella podessem jámais prevalecer as portas do inferno, já tantas vezes por sua mão referrolhadas. Esta enfermidade é o indifferentismo. A poder de disputarem Deus, a materia, a alma, os deveres, os direitos, um grande número de homens passaram do septicismo theorico, e pessoal, ao septicismo práctico, diffusivo, contagioso, e hereditario. Nossos avós, tiveram os dogmas da fé; nossos paes, as negações totaes e temerarias; nós, que nos livros assistimos ás suas controversias, e vimos todas as coisas maximas em vaivem, convidados da preguiça, e seduzidos pelo interesse de nossas paixões, tomámos, como cómmoda para uso-fructo, toda aquella contradictoria herança do sim e do não, do crêr e do descrêr démos a Deus licença para existir e a nós mesmos para ter alma; não perseguimos o culto, nem o-julgâmos necessario: e em secularisar a parte moral do Evangelho, como se as flores do paraizo poderam em terra profana fructificar sem orvalho do céu, intendemos haver feito quanto para a felicidade do mundo, e ainda para os fins de uma problematica vida futura, se-podia prudentemente requerer. Tal é, se por desgraça nos não enganâmos, o actual estado religioso, tanto das familias como dos povos. Mas estado não póde ser este de fluctuação, d'insufficiencia e desconsôlo; é, necessariamente, passagem para alguma coisa mais sensata e perfeita: egoista e devasso, o septicismo romano preparou o caminho ao christianismo; esta edade, a muitos respeitos similhante áquella, edade de vicios, e egoismo, deverá repôr o mesmo christianismo no seu abalado, mas indestructivel, throno.

D'esta vez não foi o divino mestre procurar, para seus apostolos, ignorantes e humildes pescadores das praias de Genezaret, sobre quem fosse mister que infusa baixasse em linguas de fogo a sciencia do espirito; suscitou-os do proprio seio das babilonias pasmadas, varões alumiados do estudo, principes pelo inquestionavel direito dos talentos, e pelo dom admiravel da palavra senhores e dominadores das turbas. Todos os espiritos superiores ao vulgo, são hoje apostolos a trabalhar providencialmente para a confirmação, como os antigos trabalharam para o baptismo: naturalistas, poetas e phylosophos, pintores; todos esses, que pelos gosos que semeiam na sociedade, adquirem o juz de irem tacitamente influindo n'ella, todos se-inspiram mais ou

(5) Peleja *Martinez Marina* com o annotador de *Marianna* por este dizer que a monarchia se-tornara uma especie de morgado desde *Ramiro* 1.°, e pretende que ella foi electiva pelo menos até *Affonso* 7.° (*Marina Ensayo* §§ 66 e 67) e para isso apoia-se nas *formulas* dos documentos e nas *phrases* dos historiadores. Parece-me que em similhante materia este sabio cáe n'um erro commum a muitos outros — o dar ás expressões e fórmulas da edade média o valor absoluto e rigorosamente definido que ellas teem nos tempos modernos. É indubitavel que o direito da eleição subsistia; mas é no substancial da successão que elle se-revela? Não por certo. É unicamente nas exterioridades.

(6) Fuero Juzgo — Exordio Lei 2.ª e 4.ª
(7) Ensayo Hist. Crist. § 71.
(8) Partida 2 titt. 15 lei 5.ª
(9) Monge de Silos Chron. n.° 103 em Marina § 88.

menos da luz mística, do sôpro vivificante, que lá de cima se-derramam.

Ha porém, entre este grande número de ressemeadores da verdade, alguns, cuja especial vocação esplendidamente se-revela por uma visivel superioridade, pela graça victoriosa, que ordinariamente bafeja a quanto escrevem, e pelos seguros e copiosos effeitos que em todos os ânimos produzem. Taes são, Lamenais, fulminando com sua prophetica eloquencia o *indifferentismo*. Tassoni, demonstrando *a verdade, a necessidade e a utilidade do christianismo;* Chateaubriand, ataviando-o com todas as galas da poesia; Villeneuve Bargemont, applicando-o, como balsamo efficaz, a todas as dôres, a todas as feridas possiveis; e Pellico, devendo a elle só a fôrça para resistir com alegria ao mais afrontoso captiveiro, e a uncção, que repassa, desde a primeira até á ultima pagina, todo o livro das suas tribulações, e nol'o torna tão milagrosamente refrigerativo nos dias da adversidade! todas estas são obras immortaes, como as verdades que incerram; monumentos de gloria não só para seus auctores, senão tambem para as nações, e edade, em que appareceram.

Hoje chegou tambem ao nosso Portugal a sua vez. Um livro, digno de se-anumerar depois d'estes, acaba entre nós de se-publicar: *Meditações ou Discursos Religiosos* é o seu título. Uma analyse das excellencias e formosuras d'ésta obra, requereria uma copia de toda ella. Novidade absoluta, não a-tem; porque mal a-poderia haver em assumptos ha desoito seculos tractados pelos maiores homens de todo o mundo; mas não era possivel em tão curto espaço, reunir maior somma de verdades, sólidas, e uteis, nem facil o expendel-as tão ao sabor do seculo: consciencia, e erudição! Profundidade, e clareza! Dialectica vigorosa, e eloquente! Poesia, grave, e substancial! Emfim, o dom, constante, de convencer! E a graça, muito mais rara ainda do que esse dom, a graça de persuadir, e insinuar!

Apontarémos unicamente o objecto dos seus capitulos. *Do sentimento religioso. Do atheismo. Do racionalismo. Da revelação. Da indifferença. Do amor de Deus. Continuação do mesmo objecto. Continuação do mesmo objecto. Do amor do proximo. Continuação do mesmo objecto. Da maledicencia. Continuação do mesmo objecto. Da tolerancia.*

Os cinco primeiros capitulos, que principalmente se-dirigem ao intendimento, congraça, do mais victorioso modo, a philosophia com a theologia; n'elles vai a fé como em carro de triumpho. Os oito que se-seguem, incerram um precioso tractado da charidade; que, ainda lido sem fé, não deixaria de produzir muito proveito: é a parte moral, e prática, do christianismo; e a mais cabal demonstração de sua divina origem. *A imitação de Christo* não tem muitas paginas mais affectuosas; nem a insigne doctora, e sancta, Theresa de Jesus, mais ardentes e namoradas do que os tres capitulos do amor de Deus. Nos cinco últimos do amor do proximo, está a arte, não só de cada um se-felicitar a si, felicitando aos outros, mas de felicitar a sociedade, pela sanctificação dos principios liberaes; que não seria a religião filha do céu, senão abraçasse como irmã ésta outra redemptora da terra, a liberdade. Oh! porque rasão se não encarregam os bons ingenhos de insinuar, assim nos povos, como nos árbitros dos seus destinos, ésta grande maxima de eterna verdade, *povos religiosos, podem ser escravos; porém livre, povo nenhum irreligioso o-póde ser!* E pois este livro, pela fé, e charidade, que pregôa, que ensina, e que influe, um dúplice thesouro, espiritual, e temporal; thesouro para o individuo, para a familia, para os visinhos, para a cidade, para o reino, para o mundo, e para o outro mundo: porque a charidade, mistica árvore, transplantada por Jesu-Christo do paraiso para o meio da terra brava do peccado, a charidade, verdadeira árvore da vida, copiosa em fructos bons de todo o género, e já não defeza, senão concedida, e recommendada para uso, em dois tão soberbos ramos se-disparte, que vai com um abraçar a divindade no seu throno, e com a sombra do outro, hospéda a todo o género humano.

Recommendâmos pois este livro a todos e a cada um; aos sábios, como aos ignorantes; aos incredulos, como aos crentes: recommendâmol-o aos pais, e mães, para formarem a seus filhos, e se-aperfeiçoarem a si mesmos; aos parochos, para instrucção de seus rebanhos; aos directores de collegios d'infancia, para a parte mais essencial, e até hoje mais despresada, de seu ministerio; finalmente aos prelados, e ao govêrno, para que, por todas as vias, lhe-deem saída, crédito, e auctoridade.

Houve uma edade, e larga foi ella, em que aos proprios accessorios da religião, consagravamos, com fanatico excesso, muita substancia, que logo, e depois, na vida, temporal nos-vinha a fazer mui grave míngoa. Fundavam-se, e dotavam-se, regiamente, e a cada passo, egrejas e mosteiros, que em oiro, e em gente nos-absorviam, assim como a arêa da praia absorve mais agua do céu, do que a terra productiva, o que houvera bastado para retalhar o reino com estradas, rios e canaes, avivental-o com fabricas, alegral-o com enxames de povoações, instruil-o com milhares d'escholas de todo o genero, dilatar a sua prosperidade, por esses mares em armadas mercantes, por esses nossos reinos e mundos ultramarinos em novas arroteações, aldêas, cidades, tráfego, e policia. O tempo e a necessidade transformaram as idéas e o costume: hoje pobres, desejamos procurar o remedio no imitar as grandes nações, que, pelo trabalho, e industria, mais prosperadas se-reputam: não prégamos senão estradas, agricultura, misteres e officios; e não não ha dúvida que tudo isso he bom, e bonissimo, e indispensavel; e tambem nós como tal o-clamamos e desejamos, mas porque o homem não vive só de pão, e além do corpo tem uma alma para manter, intendemos, que se importa vulgarisar os manuaes do pomareiro, do çapateiro, do carpinteiro, do latoeiro, do tecelão, do calceteiro, do pastor, do albardeiro, e todos os outros officios e artefícios, o manual do christão será credor, não de egual senão de muito melhor agasalho; e o govêrno, que a livros como este, os-premiasse, para que fossem imitados, os-comprasse, os-reimprimisse, e os-derramasse copiosa, e gratuitamente, para que repassassem o mais possivel pela desamparada e estúpida brutidade do povo, esse govêrno, seria, até humanamente fallando, o mais piedoso, o mais próvido, o mais illustrado e illustrador. Dai sim á lavandeira um bom manual da lavandeira, mas como a lavandeira é tambem filha, irmã, espôsa, mãe, visinha, amiga, então havereis completado o benifício, então a-havereis tornado boa em todas as relações,

quando pelo manual da christã, por vós introduzido na sua choupana, ella se-tiver convencido de todos os seus deveres, e, pela experiencia de os-cumprir, reconhecido a muita doçura, a incomparavel felicidade, que a todos elles acompanha.

Ignoramos quem o auctor d'este livro seja: a rica penna tão sinceramente consagrada á fé, e á charidade, desdenhou perder alguns momentos a escrever um simples nome de homem: foi porventura tambem, porque o grande livro da fé lhe-havia ensinado, que a esmola, para ser bem vista por Deus, se-havia de dar cá na terra ás escondidas, e as *Meditações ou Discursos Religiosos*, dados a este seculo, tão falto de religiosidade e meditação, tinham de ser havidos por verdadeira esmóla, e esmóla de oiro. Fez, como aquelle obscuro eremitão, de que elle mesmo falla a paginas 55, o qual, depois de excitar a admiração de *Rubens* com o seu famoso quadro do monge agonisando, lançou ao rio os pinceis e as tintas, para se-esquivar a uma importuna celebridade. Bem haja elle! que emquanto nós outros, máus gastadores de papel, pomos o nosso nome em quantas obrinhas fazemos, ou desfazemos; emquanto o mais pifio traductor de paradoxos e devassidões se-apavona com as honrinhas vãs de ser conhecido, o honesto auctor dos *Discursos christãos*, goza-se de outros deleites muito mais intimos e verdadeiros. Na hora amarga e inevitavel, de deixar o mundo, quando outros dariam tudo por não haver escripto o que escreveram, este, sobre a lembrança do seu livrinho, reclinará a sua cabeça, como sobre um travesseiro macio, para adormecer sorrindo em o Senhor.

Se porém, n'uma obra toda sancta póde caber um pouco de critica litteraria, duas coisas recommendariamos nós ao auctor, para as seguintes edições da sua obra (que sem falta ha-de ser muitas vezes reimpressa): primeira, que subdivida ainda os capitulos; não porque sejam, e muito menos porque pareçam, longos, mas, porque, d'essa maneira, as familias christãs, e as casas d'educação, mais commoda e eficazmente poderão tomar todos os dias sua porção d'este salutifero alimento: segunda, que, sem alterar o estylo, que em geral nos-parece bom, adequado, e clarissimo, reveja, com um pouco mais escrupulo a linguagem, que nem sempre é esempta de desapuro. Se para alguma coisa o portuguez é mais que abastado e rico, é opulento e inexhaurivel, é para o estylo mistico; um escripto que tanto ha-de durar, e correr por olhos, ouvidos, e memória de todos, é obrigado a não carecer d'este genero de perfeição, aliás a menos dificil de grangear.

Antonio Feliciano de Castilho.

VISTA INTERIOR DE COIMBRA.

(Continuação da pag. 466).

566 A *Praça de Sansão* é quadrilatera; uma pyramide com a estatua de Sansão, saindo-lhe da base quatro canos de agua, a-embellezava; um acidente a-derribou; e a fonte em 1839 removeu-se para juncto da *porta fidalga* do mosteiro de Sancta Cruz. — Vem aqui abrir-se seis ruas, das quaes a principal é a da *Sophia*, a mais formosa da cidade, rua bordada quasi só de collegios de diversas ordens monasticas. Estes conventos, escreveu-se ha poucos annos, hoje desertos, serão em breve montes de ruinas. Em Coimbra, cidade de pouco tracto, não se-achará quem compre estes edificios vastissimos, e a rua da Sabedoria (Σοφια), orlada de paredes desmoronadas, será a imagem epigrammatica do estado intellectual do paiz. — Não se-verificou este fatal presagio, porque a trasladação da *Ordem Terceira da Penitencia* para o templo do *Collegio do Carmo*, que lhe-foi concedido por Carta de Lei de 15 de Septembro de 1841; o estabelecimento d'um quartel militar no *Collegio da Graça*; a compra do de *S. Thomaz*, hoje transformado em armazem, salvaram das ruinas estes edificios, sendo os restantes habitados por particulares.

Não consta ao certo d'onde provenha o nome a esta *rua da Sophia*, crê alguem que, por ser aqui primitivamente fundada a Universidade, lhe-viera. É incontestavel, que quando ElRei D. *João* 3.º por Provisão de 10 de Setembro de 1555 mandou ao Dr. *Diogo de Teive* entregasse o ensino e direcção das escholas menores da Universidade ao P.ᵉ *Diogo Mirão*, Provincial da Companhia, os Mestres *Jesuitas* se-mudaram do seu collegio do bairro alto para os Collegios de *S. Miguel*, e *Todos os Sanctos*, sitos n'esta rua, e ahi ensinaram por espaço de onze annos. *Botelho* pertende que não d'ahi, mas do nome d'um collegio, que ElRei D. *João* 3.º fundou com o titulo e orago de *Sancta Sophia*, proviera o da rua. — O que não padece duvida é, que os collegios de *S. Miguel*, e *Todos os Sanctos* se-converteram em tribunal da *Inquisição*, e que ainda hoje ahi existem carceres, e a casa dos tractos, em cujas paredes algumas pessoas julgam ver arranhaduras, e manchas escuras, que dizem ser de sangue!

Retrocedamos agora á *Calçada*, e pelo *arco d'Almedina* penetremos no bairro alto. Este arco, cujas valentes portas mouriscas chapeadas e cravadas de ferro a Camara Municipal mandou tirar em 1836 (ignoramos a conveniencia que houve n'essa remoção) está coroado pelo brasão da cidade, que *Botelho* julga o proprio mandado construir por Ataces; tem porém esta opinião todos os visos de sandia, merecendo igual conceito a interpretação *d'Almedina sangue*, por juncto do arco se-accumular muito em consequencia da grande matança de mouros na restauração de Coimbra. É aberto n'um lanço de muralha fortissima, sobre que existe a antiga casa da camara, hoje abandonada, fazendo-se as sessões na bibliotheca do mosteiro de *Sancta Cruz*, em cujo edificio se-estabeleceram tambem a *Administração Geral*, a do *Concelho*, a do *Correio*, a *Recebedoria do Districto*, etc.

Dá entrada para a *rua de Quebra-Costas*, e das *Fangas*, que vai abrir-se na *Couraça de Lisboa*, rua que principiando no *arco da Traição*, (por onde se-diz fôra entrada a cidade quando aos Mouros a-conquistou *Fernando o Magno*) descreve uma linha quebrada, que vai morrer na *porta de S. Bento*, hoje *a portagem*. Merecem ainda muito respeito a antiquarios os restos da muralha juncto do *arco da Alegria*, de que felizmente se-teem esquecido os homens do camartelo.

Pela *rua do Correio*, que principia na das *Fangas*, vem dar-se ao largo da *Sé Velha*, onde campêa com feições de castello guerreiro este notavel edificio, coroado de ameias, tisnadas, como todo elle, pela fellugem dos seculos: algumas das anteriores se-derribaram em 1839 para lhes-substituir um campanario alvacento. Maldição aos homens, que assim deixam conspurcar o mais venerando monumento de Coimbra.

o mais rico de formosas recordações, o unico representante de Godos em terras de Portugal. *(Continúa).*

R. de Gusmão.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

Nos ESTADOS-UNIDOS os ânimos estão muito menos irritados contra a *Inglaterra;* não temendo-se já quebra de relações de amisade entre as duas nações.

Na PRUSSIA *M. Pageot*, enviado pela *França* para tractar do casamento da rainha de *Hispanha*, não foi bem acceito; julgando-se por isso malograda a sua missão.

Na ITALIA tem continuado a apparecer diversos tumultos e desordens; algumas com fins políticos.

567 Na INGLATERRA o facto mais saliente, que se alli passou, e que nos-veio á notícia na última semana, foi a famosa discussão do dia 23 do passado na camara dos communs sobre a guerra da India. Muitos oradores increparam não só o ministerio actual como o passado, um por ter emprendido, e o outro por não ter feito cessar aquella guerra; que já custava á *Inglaterra* sessenta mil contos de réis, não chegando a *India* a render durante ella mais de dois mil e seiscentos. — Os seus jornaes continuam a referir casos da extrema miseria, a que tem chegado o povo inglez.

Na FRANÇA a attenção geral está voltada para as eleições, que ao presente alli se-effectuam.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

568 *Diario do Govêrno de 30 de junho.* — Um accordam do supremo tribunal de justiça.

Dicto de 1 de julho. — Relação dos pares do reino nomeados por carta régia de 3 de maio de 1842. — Aviso pela contadoria de marinha dizendo o modo como se-devem regularisar as quantias dos que se-mostrarem credores ao estado por aquella repartição. — Amortisação em 30 de junho de 1842 de diversos papeis de credito, effectuada na juncta do credito público, na importancia de 63:835$000 réis. — Tabella da disposição dos fundos do thesouro público ordenada durante o mez de abril no valor de 1.264:951$369 réis.

Dicto de 2 dicto. — Decreto reformando as alfandegas menores do reino. — Decreto ordenando o modo como devem ser processados os presidentes e vice-presidentes das relações. — Venda de bens nacionaes.

Dicto de 4 dicto. — Regulamento para as alfandegas menores. — Portaria remettendo aos administradores de concelhos e bairros a carta de lei de 26 de novembro de 1836, sôbre o modo de pagamento das dívidas contraídas até ao fim de 1833.

Dicto de 5 dicto. — Programma para a sessão real da abertura das camaras. — Relatorio do inspector-geral dos theatros sôbre a edificação de um theatro nacional. — Portaria auctorisando o inspector-geral dos theatros a contractar com os caixas do contracto do tabaco a transacção que elle propõe no seu relatorio. — Decreto aprovando o contracto celebrado entre o inspector-geral dos theatros e os caixas do contracto do tabaco. — Condições a que se-refere o decreto supra. — Decreto regulando o modo como se-ha-de levar a effeito a feitura do theatro nacional. — Portaria mandando pôr a concurso as representações do theatro de S. Carlos durante os seis mezes dos annos 1844—1845—1846.

Dicto de 6 dicto. — Descripção da eschóla normal de ensino mútuo estabelecida em *Bragança.* — Beija-mão do dia 8, á uma hora. — Os delegados do procurador régio interinos vencem *pro tem* o ordenado dos effectivos. — Additamento ás instrucções do commandante da estação naval na costa occidental da Africa. — Arrematações perante a juncta do crédito público. — Base do concurso aberto para a nova empreza de S. Carlos.

EPIDEMIA DO BARREIRO.

569 Como a Redacção da *Revista Universal Lisbonense* tem dado sempre um logar em seu mui importante periodico a todos os assumptos de saude pública, relativos ao nosso paiz; e tendo publicado em alguns de seus números anteriores o que lhe-constou a respeito das duas epidemías, que teem grassado assim em *Pinhel*, e em outros differentes pontos d'aquella parte da provincia da Beira-Alta denominada *Cima-Côa;* como da que tem grassado ha tanto tempo no *Barreiro;* julgo por isso dever participar a V. o que ha ácerca d'esta ultima, para que V. ficando inteirado do seu actual incremento possa avaliar o seu presente estado, se porventura lhe-constarem a seu respeito noticias, que podendo desviar-se da verdade, possam tambem incutir terror em alguem, quando não deve existir.

V. foi em tempo informado de que a epidemía do *Barreiro* começou no princípio de janeiro último, e que seguiu sua marcha até que em março seguinte tendo d'ella conhecimento o concelho de saude pública do reino, estando aquella villa privada de facultativos, foi para alli mandado um cirurgião da nova eschóla Medico-Cirurgica de Lisboa, assim para tractar do curativo dos doentes, como para pôr em prática as providencias de policia sanitaria, que se-julgaram acertadas para diminuir os progressos da epidemía, prevenindo novos casos de invasão da molestia, tanto quanto fosse possivel; levando certas instrucções dadas pelo concelho de saude, e continuando alguns dos seus vogaes a visitar frequentes vezes aquella villa.

As providencias, taes quaes foi então possivel pôr em execução, tiveram o melhor resultado (não obstante o facultativo referido, e muito da confiança do concelho, ter a desgraça de ser tambem accommettido da epidemía a um ponto de perigo); e de facto diminuiu mui consideravelmente não só o número dos novamente atacados, porém mais consideravelmente ainda os casos fataes, que depois d'isto se-tornaram raros; e as mais lisongeiras esperanças existiam, de que em mui curto espaço de tempo se-extinguiria um mal, que tinha já bastantemente acabrunhado aquella pobre gente.

Não aconteceu porém assim, e com o apparecimento, ou antes com o progresso da primavera, e quando começou a estação a tornar-se mais calmosa, os casos novos redobraram, o caracter *typhoide* foi mais pronunciado, e maior o número dos casos fataes; o que constando ao concelho de saude pública; e sendo novamente visitado aquelle ponto por alguns de seus vogaes, julgou deverem-se tomar novas, e mais energicas providencias. Não tracto de apresentar-lhe aqui,

quaes as causas, que poderiam, fazer redobrar a epidemía; mas só direi, como um facto, que a pobresa, e miseria d'aquella gente, mais geralmente accommettida das infermidades, devia muito concorrer para a continuação da epidemía, independentemente de quaesquer outras causas influentes.

O concelho de saude julgou, que devia immediamente partir para aquelle local, e alli fixar-se um facultativo de medicina para coadjuvar os já alli existentes, devendo-se tambem estabelecer um hospital, accommodado ás circumstancias locaes, aonde os doentes fossem convenientemente tractados: esta resolução do concelho, tomada sobre o parecer dos seus vogaes, que acabavam de visitar aquella villa, foi levada ao conhecimento do govêrno de Sua Magestade, e foi logo por elle completamente approvada, e se-serviu mandar expedir as competentes ordens para se-realisarem as providencias, lembradas pelo concelho; no entanto algumas difficuldades posteriores appareceram, que embaraçaram o estabelecimento do hospital, o govêrno porém mandou pôr á disposição da camara respectiva etc. a quantia de 500$000 rs. para serem empregados em soccorros dieteticos, e outros, que precisos fossem aos enfermos. Estas providencias, dadas pelo govêrno, devem ser d'uma extraordinaria utilidade áquelle povo, e estou convencido de que seus males hão-de infinitamente diminuir.

O facultativo, medico mui habil, logo foi ao seu destino, e já tambem se-acha entregue a quantia acima referida, e postos em prática os soccorros, de que aquella gente tanto precisava: consta hoje ter diminuido a epidemía, apezar de continuarem ainda a apparecer alguns casos de — *Gastro-Enterites* —, e haver outros, que, tendo-o sido no principio, se-acham ágora com o caracter *Typhoide*, e muito raro é um caso fatal, ainda que haja alguns graves.

O concelho de saude tem cumprido exactamente, quanto lhe-tem sido possivel, o que a lei lhe-ordena, e o govêrno de Sua Magestade tem sido promptissimo em mandar pôr em execução tudo quanto o concelho tem julgado conveniente fazer-se para a extincção da epidemía, a qual não obstante existe ainda, mas progressivamente decrescendo d'esta sua ultima exacerbação.

Em 25 de junho de 1842.

Francisco Ignacio dos Santos Cruz.

ANNUNCIO ASTRONOMICO.

570 O ecclypse do sol do futuro dia 7 de julho do presente anno (conta astronomica) será visivel em toda *Hispanha* e *Portugal* na manhã do dia oito, e além d'isso — central e total — em muitos pontos da peninsula. A faxa ou zona, que comprehende todos os logares do globo, em que o sol desapparecerá de todo por mais ou menos tempo, e á qual por brevidade chamaremos — *zona de centralidade* — entra pelo oceano atlantico em *Portugal*, e sáe pelos Pyrineos orientaes ao golfo de *Leão*. O objecto principal dos calculos, e do presente annúncio (que o director do observatorio nacional, *D. José Sanches Cerquero*, publicou na gazeta de *Madrid* de 21 de março ultimo) é mostrar a extensão d'esta parte da zona, indicando o seguimento das duas linhas, que a-terminam, uma ao norte, e outra ao sul, a fim de que qualquer leitor fique habilitado para riscal-as n'um mappa da peninsula. Os logares, que ficam comprehendidos entre as duas linhas verão o ecclypse *total*, e os que ficarem fóra d'uma ou outra, sómente o-verão *parcial*, e comtudo em maior ou menor porção. Entre os primeiros será maior ou menor o intervallo de *escuridão total*, ou ausencia do sol, conforme mais proximo, ou mais distante estiver o sítio dado, d'uma *linha*, chamada pelos astrónomos *de centralidade*; cujo seguimento pela peninsula tambem indicaremos.

A linha, que termina a zona pela parte do norte entra na peninsula pelo *Cabo do Espichel* na costa de *Portugal*. Passa um pouco ao norte de *Setubal* e pela *Zibreira*. Segue á *Extremadura Hispanhola* passando por *Coria* e *Plasimia*; atravessa a *Serra dos Cardos*, continúa pelas *Navas*, *Buitrago*, *Riaza*, *Berlanga*, *Almazan*, *Ollega*, *Boria*, *Tauste*, *Huesca*, *Bolea*, e *Vio*, e segue a *França*.

A linha, que termina a zona pela parte do sul, entra na peninsula pelo *Cabo de S. Vicente*, e deixando ao sul *Lagos*, e *Villa Nova de Portimão*, segue pela *Serra de Monchique* e por *Mertola*, *Xerez de los Caballeros*, e *Almendralejo*; atravessa o *Guadiana* por *Helchosa na Mancha*; continúa por *Mondridegot*, *Puebla de D. Fradique*, *Torrejoncillo*, *Cuenca*, *Teruel*, *Cantavieja*, e *Beceite*, deixando a *Martolla* um pouco ao sul, e a *Alcaniz* ao norte. Segue a *Mora* (deixando a *Tortoza* ao sul) e a *Manresa*, *Vich*, e *S. Pau*, até saír ao *Mediterraneo* em *Roses*.

A linha de centralidade, que divide a zona quasi pelo meio, entra na peninsula por *Sines* na costa de *Portugal*; atravessa a *Serra de Martinel*, passa por *Alvito*, *Villa Viçosa*, *Elvas*, *Campo-Maior*, e continúa um pouco ao sul de *Caceres*, ao norte de *Truxillo*, e mui perto de *Talavera*; passa por *Arganda*, deixando *Madrid* ao norte, e *Toledo*, *Aranjuez*, e *Mondejar* ao sul; segue deixando ao norte a *Guadalajara*, e *Siguenza*, e ao sul a *Sacedon*, e *Perigo*, e passa por *Cifuentes*, *Molino*, e *Daroco*; atravessa o *Ebro* por *Quinto*, segue a *Tamarite*; deixa ao sul *Traga*, *Lerida*, *Balaguer*, e *Agramunt*; passa por *Tremp* e *Organá*; e deixando *Solsona* ao sul, dirige-se a *Perpinhão* passando por *Livia*.

A exactidão dos calculos necessarios para estas determinações depende até certo ponto do mappa, que se-teve á vista; comtudo attendendo á grande diligencia e cuidado, que os astrónomos hispanhoes empregaram n'este assumpto, esperam elles que as inexactidões serão de pequena monta.

Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara.

NECROLOGIA COMICA.

571 Acaba de fallecer n'esta cidade o conhecido actor *Theodorico Baptista da Cruz*. Com pouca arte e saber, mas dotado de muita natureza, foi incontestavelmente um dos que ornaram mais, ou antes um dos que menos desornaram a scena em nossos dias. O favor público, aura muitas vezes mortífera para os artistas, corrompeu logo no seu principio o seu talento verdadeiramente jocoso; estabeleceu-se uma porfia de palmas e exaggeração entre a platéa e o gracioso. Este forçado a exceder-se de contínuo não se-deteve senão onde as raias da *caricatura* lhe-faltaram; e de bom exemplar que houvéra podido ser, parou em bôbo truão e palhaço.

A carreira de sua existencia foi longa: forçado por

circumstancias politicas a interrompêl-a por alguns annos, ou porque a edade n'esse intervallo lhe-houvesse amadurecido o gôsto; ou porque o quebrantamento de seu primitivo fogo lhe-aconselhasse a moderação, quando sôbre o tablado ressuscitou, mereceu muito melhor as palmas do seu público. As últimas vezes que em scena o-vimos, reconhecêmos com pena todos os claros vestigios de um bom mestre abortado á nascença, mas que ainda assim dava licções de naturalidade a uns, e a outros escarmentava de sua ridicula tumidez. Lamentêmos sinceramente a quem tanto nos-fez rir.

NOVAS PYTHONISSAS.

572 N'este seculo tão opulento de novidades, tão abundante de maravilhas, que muitas d'essas, que nos-são já coisas mui ordinarias, fariam o assombro das gerações passadas, se podessem ser imaginadas em alguma sombra de sua realidade: n'este seculo pois tão rico d'espirito, de philosophia, de imaginação, e de progresso ainda aqui, e alli vão ressumbrando as velhas doctrinas, os habitos, as crenças, e as opiniões d'esses tempos, que de ha muito passaram: o muito correr d'essa torrente de nova civilisação não tem ainda apagados, nem poderá apagar de todo, os vestigios d'aquelles tempos. As épochas são herdeiras umas das outras; e por muito que a de hoje tenha engrossado seus cabedaes por sua diligencia propria, não póde negar, em que peze á sua vaidade, que mui avantajadas riquezas, e preciosidades infinitas lhe-vieram em herança dos seculos, que já foram: não houve ahi mais, que desempoal-as, e affeiçoal-as *á moda:* d'envolta porém com estas vão egualmente passando de geração em geração muitas fezes das antigas preoccupações, e das falsas abusões, que empecem o progresso da civilisação. Os tempos dos adivinhos, dos oraculos, das Sibillas, das Necromancias, das Pythonissas ha muito que passaram: e taes artes, que já foram em grande valia, como dom divino, hoje são havidas como o mais criminoso, e sacrilego abuso da simplesa e credulidade dos povos — grande maldade é esta! Além dos seculos que começam e acabam, está a eternidade; além da vida corporal, que fenece com a morte, fica a vida do espirito que não morre; além d'este mundo, que vai já tão conhecido, tão estudado, e tão devassado, fica-nos outro mundo invisivel, e desconhecido, aonde comprehensão humana não póde penetrar. Grandes misterios, e segredos insondaveis são, em que nada tem que fazer a philosophia. São os segredos de Deus. — O impio, que ousar fingir conhecel-os, é réo de muito feio crime contra a divindade, que para si só os-reservou, e contra as leis humanas, que condemnam o sacrilego dólo, com que ahi se-abusa da fé, e da ignorancia dos crédulos: e se sobre tamanha maldade accresce ainda seguirem-se d'ella tumultos públicos; quem não clamará contra os delinquentes? Cabe pois em taes casos todo o rigor; que se n'elles houver indulgencia, não faltará quem os-repita. — Lá estão na cadêa de *Villa Pouca d'Aguiar* duas famosas pythonissas dos nossos dias, *Theresa Ferreira*, e *Leonor Alegre*. Haviam ellas formado o seu apostolado de mais quatorze mulheres, a quem conferiam os dons de fazer milagres, prophecias, e fallar em nome dos mortos. Intendiam na sua missão com todo o desembaraço em o logar da *Freixeda da Cabugeira*, entrando pelas casas, aonde presumiam haver dinheiro escondido, e dando-se por mensageiras de seus antigos donos, já ha muito mortos; faziam tão pontualmente as suas vezes, como se foram os proprios: á sua voz tudo obedecia; abriam-se portas; rompiam-se forros; arrancavam-se pedras, revolvia-se tudo, e por fim o thesouro não apparecia: esta circumstancia comtudo não produzia quebra alguma na reputação, e grande conta em que passava a verdade da sua missão: eram consultadas sobre todos os destinos futuros, coisas occultas: e nem a incerteza, e contingencia d'aquelles; nem a escuridão d'estas as-embaraçavam: a resposta era prompta, e desassombrada. Avocavam os espiritos dos mortos, que logo acudiam, e lhes-revelavam as declarações, que ou por esquecimento, ou por haverem sido colhidos por morte súbita, não fizeram em vida. — Ainda hoje, e por muitos tempos poderiam estas boas mulheres usar de tão estremado condão, que n'isso não lhes-iria mal, se não as-tentasse a vaidade de ostentarem por todos os meios seu poder infinito. Não repetiremos suas práticas cheias de gabos e d'encarecimentos, de premios sobrehumanos para os que n'ellas cressem, de castigos, e horrores para os incrédulos... Chegou emfim o momento em que sua doctrina, e magestade devia de ser confirmada com algum grande milagre: vão-se a uma ermida acompanhadas de muito povo; approximam-se ao altar, e o crucifixo que alli era, salta aos braços d'uma d'ellas: é logo conduzido por todas as ruas entre novas acclamações, e mais uma vez cumpriu a prophecia = *Ecce rex tuus venit tibi mansuetus sedens super asinam.* = Correu a procissão seu giro; e de quando em quando era o devoto assombro interrompido com as maldições dos que não cremem na divindade das pythonissas de *Freixeda;* insultos, pragas, e improperios choviam contra quem zombava, ou se-indignava de tamanha loucura: consta-nos que o sr. marechal *Canavarro* não foi privilegiado, e que contra elle, como o mais obstinado incrédulo, se-alevantaram murmurações d'esta turba fanatica. Foi mister pôr côbro a tanta licença, e devassidão: foram prezas as cabeças, e lá estão, como dissemos, entregues ás auctoridades. Veremos como são castigadas, que não é o crime para que fique impune.

CANSAÇO DE VIVER.

573 Era ao alvorecer do último domingo. *José Lourenço*, abegão da quinta que juncto á Charneca possue o sr. Visconde de Manique, girava pensativo em roda do poço da mesma quinta: um trabalhador, sentado a certa distancia, e esperando, descuidadamente, pelo toque da missa, o-estava vendo, mas inteiramente fóra do damnado pensamento que o-trabalhava. *José Lourenço* era um velho de seus setenta annos, sizudo, cazado, e com tres filhas, de que só lhe-restava uma solteira; nem por si, nem pelos seus, se-podia queixar, de penúria ou de desgraça; a saude mesma se-lhe-mantinha vigorosa em edade tão provecta. Só ha dois ou tres dias, o-ouviam queixar-se de fórtes dôres na cabeça. Tira a caixa de tabaco, e uma navalha que trazia no bolso, e põem-nas sôbre a borda do poço, despe a jaqueta, e faz-lhe o mesmo; tóma pausadamente uma pitada, olha para o ar por algum espaço, tóma segunda com fúria, e despenha-se n'agua, d'onde foi tirado morto, e com um dos temporaes despedaçado.

SUICIDIO.

574 Uma rapariga, por motivos domesticos, segundo uns, segundo outros, por motivos do coração, ás 11 horas da noite da última segunda feira, deu comsigo da janella de sua casa na rua da *Barroca* sôbre a calçada, d'onde em braços e em tamanha lástima foi levada ao leito, que doze horas depois havia recebido os últimos sacramentos. Muito de caso pensado a não queremos nomear. ¿¡ Quem sabe até onde a mania da moda e o desejo de obter a qualquer custo celebridade não concorrerão para que estes horriveis crimes se-multipliquem!? Em tanta mania vão já elles procedendo que aterrada a charidade começa a desejar alguma lei de saudavel rigor, que se não chegar a obvial-os todos pelo menos os-contraste, e rarêe. Emvez da fama e compaixão, com que todo suicida conta, haja para o seu cadaver a pena do desprêso. Os suffragios dar-lh'os-ha a egreja, e os fieis; mas neguem-se-lhes inexoravelmente as honras fúnebres. Sepultem-nos fóra da communhão dos crentes e piedosos, e não se-permitta que o nome de um rebelde contra a Providencia enxovalhe mármore consagrado a perpetuar as memórias e os exemplos illustres. ¡¿ Supplicios ao cadaver exclamará ahi alguem?! Sim, ao cadaver do criminoso. A *Allemanha*, a *Suecia*, a *Dinamarca*,

Deus sabe quantos outros paizes, tambem christãos, e não menos illustrados, e humanos, do que nós, teem, ou leis, ou costumes, tão respeitaveis como ellas, para castigar no cadaver insensivel um dos mais horrorosos flagicios que se-podem commetter.

INVASÃO DE INSECTOS.

575 O convite que V.V. fazem, nos principios dos números do seu bellissimo jornal, me-anima a communicar-lhes a seguinte noticia extraordinaria:

— « No domingo 26 do corrente, seriam 7 horas da tarde, quando nuvens de millionessimos insectos, se-derramaram em multidão pela cidade. Eram uma especie de formigas aladas, mosquitos, etc. Em algumas partes, maxime *Loyos*, rua das *Flores*, e praça de *D. Pedro*, chegaram a cobrir ruas, paredes, etc. — Eu mesmo vi da parte da rua do *Breyner*, levantar essas nuvens escuras d'elles, que causavam terrivel incommodo aos que transitavam, e vi-me obrigado a matal-os ás palmadas, pois mettiam-se por entre o cabello, ouvidos e nariz. Porém, passados poucos instantes morreram: as ruas foram cobertas d'agua que os habitantes deitaram para os-matar; e em pouco tempo se-viu tudo juncado dos mortos insectos invasores! — O povo estava como passado: este prophetisava — guerra civil — aquelle — peste, fome e mortes; — houve quem se-lembrasse — do acabamento do mundo! — Hontem houve mui intenso calôr; o thermómetro subiu a 82½ gráus F. — isto é, á sombra. » —

Sou com respeito e acatamento de V.V. muito venerador e constante leitor *A. S. L.*

Porto, 28 de junho de 1842.

UMA INSIGNE PIANISTA.

576 Na noite de dois do corrente n'uma sociedade nos Anjos, tivemos o prazer de ouvirmos a menina *Alleman*, insigne pianista, e de que já tem fallado alguns jornaes d'esta capital: por nós podêmos asseverar que tamanha satisfação recebemos com o seu bom gôsto na execução, como admiração nos-causou a difficuldade do desempenho. As peças que lhe-ouvimos foram os estudos de *Henrique Hertz*, tocados com a maior energia e graça. As passagens em que mais se-distinguiu foram os *trilos dobles* e com ambas as mãos, executados com toda a limpidez; e na 3.ª variação os mais difficeis saltos d'uma a outra extremidade do instrumento, apanhando as teclas com a maior certêsa, e ferindo-as com tão grande valentia, que a não presencial-o duvidariamos que isso se-podesse fazer na sua edade; o andante *do estudo* 76, que foi tocado com toda a expressão e graça, e a fuga final *do estudo* 108, na qual o auctor procurou sem dúvida sobresaltar os tocadores de maior fôrça, mas que a menina desempenhou habilmente, apesar da sua grande velocidade e difficuldade nas harmonias de 7, 8, e 10 notas em postura e continuadas, de maneira que nos-parecia estar ouvindo dois pianos tocados ao mesmo tempo com eguaes accordes. A agilidade com que corre o teclado mudando de tons, com difficeis e proficientes harmonias, produz tambem o melhor effeito. Accrescendo a facilidade e segurança com que acompanha o canto á primeira vista; que é um talento em separado.

Dizem-nos que esta menina tambem toca harpa, possue conhecimento de alguns idiomas, e outras prendas proprias do seu sexo, Seu pae é um tenor, que tem uma bella voz do peito, de que sabe usar como professor; e sua mãe tem uma voz de soprano brilhante, clara, agil e com uma modulação artística pouco commum. Ouvimos a esta senhora a aria de *Joanna* na Opera *Anna Bolena*, e aos dois esposos o dueto de soprano e tenor na mesma Opera.

Sabemos que esta familia propõe-se a ensinar as artes que sabem cultiva, e tenciona demorar-se n'esta capital.

BOA NOVA.

577 Por uma carta, com que s. ex.ª o sr. *Silvestre Pinheiro Ferreira* recentemente nos-honrou, accedendo benévolo ao convite, que lhe-dirigíramos, para que se-dignasse illustrar alguma vez com escriptos seus as páginas da *Revista Universal*, recebemos a notícia de que s. ex.ª tenciona emfim no corrente mez regressar para a terra, que se-présa de lhe-haver servido de berço. Um sábio como este, veneradissimo até lá na capital das sciencias e letras, e havido na profunda Allemanha como cabeça de uma das eschólas do direito das gentes, pertence na verdade a todo o mundo; mas Portugal o-chama seu; e n'estes sitios, onde abriu os olhos, mais do que em nenhuma outra parte do mundo, saboreará a sua velhice as doçuras de ser amado por todo um povo, seu discipulo e admirador.

ECLYPSE DO SOL. — RESULTADOS DO CALCULO.

Total visivel do eclypse em relogio em Lisboa 18 h. 15′ 42″ ou 6 h. 13′ 42″ da manhã, tempo civil apparente. — Differença das declinações 28′ 54″ — Movimento horario em relogio reduzido 33′ 34″ — Dicto em declinação 7′ 16″ — Somma das parallaxes 59′ 59″ — Semi-diâmetro da lua 16′ 18″ — Semi-diâmetro do sol 15′ 45″ — Somma dos semi-diâmetros 32′ 3″ — Principio debaixo do horizonte 4 h. 2′ 30″, meio 4 h. 53′ 0″, fim 5 h. 47′ 0″, visiveis. — Grandeza 11 dig. 56 e 1 terço austraes. — *Antonio Maria da Costa e Sá.*

N. B. Com este cálculo veio juncta uma estampa representando a construcção gráphica do eclypse do sol visivel em Lisboa, que está patente no escriptorio d'este jornal a quem desejar vel-a.

---

577 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 29 JUNHO ATE' 5 JULHO 1842.

Dias do mez	Thermometro exterior		Barometro		Pluviometro.	Ventos dominantes e sua força.	Estado da Athmosphera.
	Min.°	Max.°	9 h. m.	3 h. t.			
29	63°	81	757,8	757,5		B ^{2}SO^1	Cl.°: tarde fresca e ar um pouco humido.
30	65	80	760,0	760,1		B SO a N	Cob.° de madrugada — Cl.° e nuvens — Cl.° — tarde fresca.
1	62	78	760,8	759,8		^{2}N^1	Cl.°: dia mui fresco.
2	61	80	759,5	758,0		^{2}N NO	Id. — tarde fresca.
3	58	89	756,4	755,0		B NO	Id. dia m.° quente, e tarde fresca.
4	60	82	757 6	758,3		B NO$^{\frac{1}{2}}$	Id. dia quente — Id.
5	64	79	763,0	763,1		B NO^1	Madrugada cob.° e tenue borrifo — Cl.° — tarde fresca.

A primeira quadra d'este mez, que ainda predomina, não tem offerecido phenomenos de importancia, sendo uma continuação da antecedente, ainda que os calôres das horas meredianas teem abrandado, apparecendo sempre frescas as madrugadas, e principalmente as tardes, por effeito das brisas de noroeste. *M. M. Franzini.*

ERRATA. — Na pag. 464, col. 1.ª, lin. 22, onde se-lê desmarcar — lêa-se — demasiar.

LISBOA: 1842 — NA TYPOGRAPHIA LUSITANA
Rua das Parreiras n.° 4, a Jesus.

5.ª DA 4.ª SERIE. N.º 41. 14 JULHO 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sahe ás quintas feiras.=Escriptorio na rua da Quintinha n.º 53=Assigna-se no Escriptorio e na loja da viuva de João Henriques n.º 1, rua Augusta=Avulso 80 réis: 12 números 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis=O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados. Cada serie de 12 números, desde o principio do jornal, custa 600 réis=Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias=Os das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes-convier=Sobrescripto da Correspondencia: Ao Redactor da Revista Universal, rua da Quintinha n.º 53=Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade=Qualquer artigo interessante será accolhido com gratidão e publicado=A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se-lhe-remetta um exemplar=Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o-desejar=Tambem no seu Escriptorio se-patentearão ao público objectos de similhante natureza, que para alli sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal=Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes=A distribuição na capital faz-se em tres horas=Este número sahe ás nove horas da manhã.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ESTRADAS.

PORTUGAL.

(Continuação da pag. 470.)

580 CANAES.

Outra rasão porque eu limito a despesa da estrada entre *Coimbra* e *Porto* a quantia tão módica, é porque intendo que as obras que devem formar parte de operações hydrográphicas com justiça se não pódem adjudicar ás de estrada. Se as aguas, que correm pelos districtos d'*Aveiro* e *Coimbra*, fossem canalisadas, não só já a não prejudicariam, mas poderiam vir a ser outro ramo de viação de maior interesse que o da propria estrada. A causa principal da innundação dos sitios, por onde passam estes rios é o entupimento do porto d'*Aveiro*. Abram este, e profundem os leitos dos rios que o damno, que agora se-experimenta, se-converterá em manancial de riquezas.

A *Hollanda* com 10,905 milhas de superficie, tanta quanta tem o nosso *Alemtéjo* e *Traz dos Montes*, e sómente com 2,460,924 habitantes, tem podido vencer o oceano, e ser contada entre as nações da Europa — ¿ só nós sem nenhuma das suas difficuldades, com dobrado territorio, metade mais de população, um clima benigno, situação geographica a melhor do mundo, não havemos de poder fazer, nem faremos nada? ¿ havemos de continuar a ser mendigos de escudela? Já luctámos com estes mesmos hollandezes, e já os-expulsámos do que era nosso. Não ha motivo porque não luctemos em industria com elles. Até aqui o systema constitucional não tem symbolisado senão a depredação. Esta opinião do povo por fim póde vir a prejudicar a liberdade.

Já se tem visto nos números antecedentes a differença que fazem as conducções por agua, das por terra, e por isso alguma expectação deve fazer que tendo a *Sociedade das communicações* arbitrado a somma de 5,000 contos para as terreas, não apartasse d'aqui parte alguma para vias aquáticas, naturaes ou artificiaes.

Repetindo sempre para minha justa resalva o que está dicto, e é conhecido, que eu não tive nem tenho lições de ingenharia, e que só me-dispuz a inserir algumas observações n'este jornal sobre a *viação* para adduzir dados statisticos estrangeiros, que podessem servir de alguma utilidade em *Portugal*, vou fallar a respeito de canalisação, em dois projectos que me-parecem assás convenientes para haver de se-pensar n'elles. Na exposição que vou fazer requeiro toda a indulgencia.

Um d'elles pertence em grande parte aos coutos de *Alcobaça*. Os rios *Liz*, *Lena*, *Abadia*, *Meio*, *Cós*, e *Alfazirão*, que banham ésta várzea, valle ou bacia, como lhe-quizerem chamar, que chega até ao *Oceano* da banda do occidente e que tem por extremas da parte opposta em distancia de 25 milhas geographicas de N. E. ao S. O., o *Monte Juncto*, parece-me que se-podiam unir ao rio chamado de *Rio Maior*. Com a juncção das aguas vertentes para o O. para E. da serra de *Monte Juncto* podia-se ganhar a navegação permanente em barcos chatos, para o interior da provincia da Extremadura desde o *Oceano*, pela *Vieira*, *Nazareth*, e *S. Martinho*; e a do *Téjo*, pelo rio de *Rio Maior*, que lá se vai lançar cerca de *Villa Nova da Rainha* pela valla das *Virtudes*.

Esta empresa era de primeiro interesse para a provincia da capital, que só assim poderá ser vivificada. Além das conducções a que este canal se-prestava para os vinhos, azeites, e fructas, de que abunda o territorio por onde elle passaria, ía fertilisar todo o terrão circumjacente, porque as irrigações fluviaes, de que fazem uso parcialmente nos coutos, vinham a estender-se a muito maior superficie. As objecções que se-podem ponderar contra elle são, escacez de aguas, e de fundos. Contra a 1.ª, parece-me que os rios de inverno levam um volume d'agua sufficiente; sustida ésta por comportas, suppriria a estiagem do verão, e se assim mesmo não chegasse, far-se-íam os reservatorios necessarios, assim como se-pratica em toda a parte da Europa. Na feliz invenção de planos para supprir com a arte os meios, que se não offerecem espontaneamente, é que consiste a bella parte da sciencia da mechanica.

Contra a 2.ª objecção, dos fundos, direi; que em 8 ou 10 annos, segundo o termo médio dos paizes já descriptos, a 100 contos por anno, devia o canal acharse feito. Esta somma não vejo eu que seja tão extraordinaria que se não podesse aprompt ar no decurso de um decennio, cotisando-se a provincia, parte para subsidiar gratuitamente uma companhia, e parte para fazer um fundo com o qual podesse affiançar os

juros do capital dos accionistas. Estas providencias, a exemplos dos canaes feitos em *França* em 1822 e dos seus caminhos de ferro n'este momento, bem como o direito de passagem ou antes frête, que não podia baixar de 1.000$000 réis por milha por anno, que principiaria a cobrar-se em partes, antes do acabamento total, que assim viria auxiliar, intendo eu que seriam sufficientes, tanto mais quanto o valor das terras, que iam ser dotadas com esta nova via para o transporte das suas producções, devia crescer, e este accrescimo, devia influir sobre as decimas, e mais contribuições públicas, a pár das quaes gradualmente pezaria menos a cotisação, por se-derramar por maior acervo de riqueza imponente.

O duque de *Bridgewater* sem auxilio de mais ninguem, no seculo passado, fez um canal a que poz o seu nome para levar o carvão das suas minas a *Manchester*, que lhe-custou 1.120.000$000 réis de que tiram seus herdeiros presentemente 224.000$000 réis annualmente. Fôra bem digno de imitação este fidalgo, e cumpriria que todos quizessem concorrer em *Portugal* para obras identicas; sem esse concurso, não é um, nem poucos ingenheiros, nem o govêrno (este é em regra o menos apto para isso) que poderão dar conta da tarefa que a este respeito indefinidamente lhe-queremos incumbir, como se ella não fosse toda nossa. Consignados os novos principios na Constituição do estado, é preciso que os cidadãos portuguezes não continúem a tractar *Portugal*, como se-fosse uma conquista d'onde estão ameaçados de ser expulsos, ou quando muito, como se-fossem seus inquilinos unicamente e não senhorios, e por isso não se-atrevem a fazer-lhes nenhumas bemfeitorías com mêdo que os-expulsem d'ellas, depois de feitas.

Tão óbvias são as do presente projecto que eu indico, que o povo d'aquelles contornos não está alheio d'elle. Passando eu por aquellas terras foi um d'entre elles que primeiro me-suscitou a sua idéa. Mais de um dos nossos characteres politicos podia com proveito ter ouvido n'essa occasião o seu discurso sobre a nossa incuria universal.

Prescindindo das mais vantagens que pódem vir da sua adopção á Extremadura, supponhâmos que elle era motivo para a sua população se-augmentar mais um terço, ahi tinhamos (668,347÷3) 222,782 individuos de incremento n'ella que a 40 réis que fosse por dia, davam mais 3.252.617$200 réis por anno de riqueza a esta provincia.

Tambem é só com elle finalmente (se devemos accreditar para nós o mesmo que succede aos outros) que poderemos conceber a esperança de que vão desapparecendo as dunas, que ameaçam de subverter a nossa costa maritima do *N.* ao *S.* com pequenas interrupções, porque o interesse da venda das madeiras animaria a plantação dos pinhaes que agora nada valem, por se não poderem extraír.

O outro projecto, que não é menos interessante, que é mais vasto nas suas consequencias, e mais facil ainda do que o primeiro, é a união do *Vouga* com o *Mondêgo*. As aguas d'estes dois rios são muito mais abundantes, e cursam muito maior longitude, do que as dos da Extremadura, e tambem pertencem a uma provincia mais rica em população, lavoura, e energia, do que as do meio-dia do nosso reino. Culmina entre a nascente e parte da corrente de ambos estes rios nos confins orientaes da Beira, a serra do Caramulo, mas procedendo para o *O.* a despejar-se o *Vouga* no *Occeano* por *Aveiro*, e o *Mondêgo* pela *Figueira*, vai-se meter no *Vouga* depois de caminhar umas 8 leguas *N-S*, o rio *Agueda*, que não distará talvez da cabeça do rio de *Fornos* ao *Sargento-mór*, uma légua, o qual vai desaguar no *Mondêgo*. O *Vouga* além do *Agueda* tem o *Marnel*, *Aguada*, *Avelans*, *Arcos*, e o *Viadouro*, que podiam auxiliar com as suas aguas a fluctuação do canal, que eu agora sugiro, mas cuja construcção muito antes de mim parece a natureza ter estado a apontar aos portuguezes.

Todos estes rios, a cujas cheias já tenho assistido, no estado em que se-acham, são o flagello d'aquella provincia. Os meios para remediar aos seus estragos, são os mesmos que eu prenotei para a Extremadura.

(Continuar-se-ha.)

Claudio Adriano da Costa.

Recebeu a redacção da *Revista Universal Lisbonense* para a-reproduzir a circular, em que os sabios de todo o mundo são convidados para a quarta reunião do congresso dos sabios em *Italia*. Fielmente vertida do italiano a-publicâmos; desejando, ainda que sem esperança, que de *Portugal* como das outras nações, sáia alguem, que lá nos-vá honradamente representar. Caso era este, segundo nos-parece, em que um subsidio ou ajuda de custo dado pelo govêrno, a quem d'elle fosse digno, se não deveria reputar por desperdicio.

QUARTA REUNIÃO DOS SABIOS ITALIANOS.

581 Pelos sabios italianos reunidos em *Turim* em septembro de 1840 foi *Padua* escolhida para se n'ella celebrar a IV Reunião. A camara municipal de *Padua* significou logo ao presidente geral do congresso turinez quanto apreciava a honra que se-fazia á sua cidade, antiquissima estancia da doctrina; e que S. M. I. R. permettia que tal escolha se-effectuasse.

A munifica protecção pelo augusto monarcha, nosso senhor, concedida a todo o género de estudos; o amor do serenissimo archiduque vice-rei ás sciencias naturaes; o zêlo das auctoridades régias; a sollicitude das municipaes; a boa sombra com que os cidadãos recebem a tão agradaveis hóspedes, abonam aos sabios concorrentes á IV Reunião, que hão-de aqui achar prestes os meios opportunos para lhes-facilitar as commodidades da vida, o fraternal tracto entre si, e o bom regimento das suas reuniões.

A ésta certificação ajunctâmos o annúncio de que o congresso dará principio no dia 15 de septembro de 1842 e se-dissolverá no dia 29 do mesmo mez: que pelo art. 2.º do já publicado regulamento haverão direito de ser membros — os italianos pertencentes ás principaes academias e sociedades scientificas instituidas para o adiantamento das sciencias naturaes, os professores das sciencias physicas e mathematicas, os directores dos altos estudos ou de estabelecimentos scientificos dos vários estados da *Italia*, os empregados superiores dos corpos de ingenharia e artilheria: que os estrangeiros comprehendidos nas cathegorías precedentes serão outro-sim admittidos á reunião — e que foram eleitos para o cargo de assessores o nobre senhor cavalheiro *Nicolò da Rio* director dos estudos philosophicos e mathematicos na I. R. Universidade

de *Padua*, membro do I. R. Instituto veneziano, e o cavalheiro *Giovanni Santini*, professor de astronomia na mesma universidade, e vice-presidente do instituto.

Esperâmos que á IV Reunião concorram em grande numero os sabios italianos, a quem não é necessario recordar quanto importam as suas annuaes visitas para amadurecer o fructo de uma concordia scientifica, tanto mais importante na *Italia* quanto mais longa e baldadamente havia sido desejada. Esperâmos egualmente que a IV Reunião será, como as precedentes, honrada dos doctos estrangeiros, os quaes conjunctamente com os seus irmãos de *Italia* ajudarão o rápido progresso da sciencia, de que a presente civilisação tem feito um liâme tenacissimo entre as nações.

Aos reitores das universidades, aos presidentes das academias, aos directores e chefes dos institutos scientificos se-roga, que participem aos corpos, a que presidem, estas noticias. *Padua* 27 de abril de 1842. (Assignados) o presidente-geral dr. *Andrea Conte Cittadella Vigodarzere* — o secretario-geral dr. *Roberto de Visiani Prof.*

PRIVILEGIOS.

Apresentâmos a lista de todos os novos inventos e melhoramentos, que teem alcançado privilegios, depois da lei respectiva. Poucos são elles e geralmente de não transcendente importancia; todavia confiâmos, em que o genio inventor de nossos artistas se-desinvolverá progressivamente, e que teremos em breve de apresentar mais brilhantes resultados. Deram-se em 1838, 3 privilegios: em 1839, 3: em 1840, 5: em 1841, 6. Actualmente várias pessoas sollicitam eguaes vantagens, de fórma que, ainda que mui diminuto, ha entretanto n'este importante objecto, um progresso animador. O catalogo, que se-segue, indica, para cada processo, a data da concessão do privilegio, — o invento, melhoramento ou introducção privilegiados, — e o nome da pessoa que obteve a graça. Offerecemos a todos esses senhores as columnas d'este jornal para rapidamente expôrem os seus methodos, as suas applicações, e o resultado que attribuem ao monopólio, que lhes-foi conferido.

—

582 Em 7 de agosto de 1838. — Máchina de serrar madeira, com a qual se-podem applicar tres ou mais serras ao córte de qualquer madeira, sem todavia ser necessario augmentar o esfôrço do agente vulgarmente empregado para fazer operar uma só. = *Pedro Celestino Soares.*

Em 6 de septembro de 1838. — Máchina, por meio da qual se-pódem concertar os navios do lume d'agua para baixo, sem ser preciso viral-os de querena. = *José Wanzeller.*

Em 14 de septembro de 1838. — Processo chímico, pelo qual, preparadas as madeiras por meio de immersões se-preservam do caruncho e podridão. = *José Wanzeller.*

Em 16 de maio de 1839. — Máchina de derreter cebo por meio de vapôr. = *Paulo Lourenço Pinet.*

Em 16 de maio de 1839 — Um processo para o fabríco de umas vellas de cebo economico, chamadas — Stearinas, = *Paulo Lourenço Pinet.*

Em 27 de julho de 1839 — Apparelho para a clarificação de diversos liquidos. = *Honorio Fiel Lima.*

Em 2 de junho de 1840. — Máchina para fabricar meias, chailes, tapetes, mantas, cobertores e pannos, de que formam o principal fundamento a lã e pelles, por meio de feltro, e sem que taes lãs ou pelles sejam fiadas ou tecidas. = *Henry Augustus Wells*, e *Thomaz Robinson Williams.*

Em 5 de septembro de 1840. — Fábrica do asphalto artificial, de nova invenção, e descoberta, e diverso do asphalto de *Seyssel* na sua composição, porém com a mesma propriedade. = *Barão de Eschwege.*

Em 11 de septembro de 1840. — Privilegio para um forno de coser cal, de nova invenção e descoberta. = *Pedro Romão Chausel.*

Em 12 de outubro de 1840. — Máchina de nova invenção e descoberta para fabricar papel. = *Pedro Coulert.*

Em 12 de dezembro de 1840. — Máchina denominada — faxa ou cinta hydraulica — applicavel ao fim de tirar agua de poços e rios, e com a propriedade de se-elevar a qualquer altura que se-desejar. = *Luiz Antonio Monteiro.*

Em 25 de janeiro de 1841. — Privilegio para a fabricação de tijolos, de nova invenção, proprios para limpar metaes. = *Ignacio Antonio da Silva Lisboa.*

Em 2 de junho de 1841. — Máchina de curtir toda a qualidade de pelles, por meio da pressão athmospherica. = *Honorio Fiel Lima.*

Em 15 de julho de 1841. — Patente para uma nova fórma de fechaduras. = *Domingos de Sancta Agatha.*

Em 5 d'agosto de 1841. — Máchina para salgar peixe e carne de qualquer qualidade. = *Carlos Payne.*

Em 9 d'outubro de 1841. — Máchina de coser cortiça por vapôr. = *Biester, Falcão e Companhia.*

Em 30 de dezembro de 1841. — Máchinas movidas por vapôr para serrar madeiras, marmores e outros artigos. = *Pedro Bartholomeu Dejante.*

Em 13 de janeiro de 1842. — Máchina de descascar arrôz, e fazer cevadinha. — *Manuel Ribeiro Guimarães*, e *Jacinto Dias Damazio.*

PAPEL-PORTUGUEZ.

583 Muito a peito tem a *Revista Universal* tomado a honrosa tarefa, de coadjuvar a industria portugueza e ainda á pouco apresentou a idéa de applicar a folha do milho ao fabrico do papel; ¿ mas de que serve isto, com quanto tem de bom, se em *Portugal* se-perdeu o sentimento de nacionalidade? e em quanto um, ou outro sugeito emprega o último esfôrço, para o-reanimar, o resto tracta de o-deprimir por todos os meios que pode! Este mesmo papel, em que escrevo, ahi está arrebicado com marca — *Porto* — para assim mais arteiramente se-introduzir até ao gabinete, dos poucos, que favorecem a industria nacional! e é francez, de tal fórma espalhado no mercado, que se se-procurar papel da Louzã, raramente se-encontrará! Na épocha de 1828 a 1834 tomou o govêrno a resolução de prohibir o uso do papel estrangeiro nas secretarias, e nas differentes re-

partições do reino, e até nos requerimentos dos pertendentes: seguiu-se a dictadura do Senhor D. *Pedro*, e uma egual providencia teve logar: e com effeito toda a correspondencia se-fazia em papel portuguez; e mesmo a dos particulares começava a generalisar-se no mesmo sentido; ¡porém hoje já passou essa boa moda, e o mandado legislativo caíu em abandôno!

Nas repartições civís e militares, o uso do papel estrangeiro está no seu auge; ¿e isto porque? porque as despezas de algumas secretarias são feitas á custa dos emolumentos, que n'ellas se-pagam; e como o remanescente se-divide pelos empregados, procura-se o genero mais bárato, para que esses empregados tenham no fim do mez uma distribuição mais avultada. ¡Na administração do correio não se-vêem pela maior parte senão cartas escriptas em papel estrangeiro! ¿E como hão-de á vista d'isto prosperarem as fábricas d'este genero? ¿e de que servirá ensinar-lhes descobertas novas? De certo não basta isso; é tambem preciso, que os homens, que de coração amam os interesses do seu paiz, levantem um brado de reprovação contra os infractores das determinações patrioticas dos govêrnos a este, ou outro respeito, de egual natureza; que se-convidem os jornaes, para que com uma voz unísona, e de trovão clamem aos portuguezes, que o não sejam sómente no nome; que se-faça sentir á classe commercial, que a trôco de um miseravel interesse, que lhe-provém do contrabando, se-perde a industria nacional. E' preciso que se-faça sentir ao govêrno, a necessidade de se-fazer obedecer, e aos seus empregados o dever de cumprirem o que elle lhes-determina: e então poderão aproveitar aos interessados o conhecimento de novos inventos; que ao presente, só servem, para nos-magoar o coração, por isso que ou nos não aproveitâmos d'elles, ou nada utilisâmos, se nos-chegâmos a aproveitar.

A. B. P. d'A. Pimentel.

UTIL INVENTO.

584 Um acaso me-deparou a occasião de conhecer um homem todo portuguez, que fôrça de circumstancias trouxera de *Londres* a *Braga*, e cujos honrosos precedentes tinham já de ante-mão conciliado a minha attenção, e respeito; é o sr. *Joaquim Antonio Freire Marreca* que, entre outras coisas, me-disse; que em *Inglaterra* se-estava fazendo uso do oiro, ou prata fulminante, para quebrar pedra, ou, como elle se-explicou — despedaçar rochedos com um effeito pasmoso.—O espaço de uma visita de cumprimento não me-permitia pedir-lhe maiores explicações; mas como me-parece, que aquelle invento é de muito interesse, principalmente n'esta provincia tão montanhosa, e tão cheia de penêdos á flôr da terra, para fazer desapparecer os quaes se-consomem grandes sommas, e desmedido trabalho, muito se-modificará o laborioso methodo, que ora se-segue na quebra de pedra, se alguem intendido na materia fizer uma minuciosa explicação do modo de fazer uso do oiro fulminante, para quebrar penêdos, e fôr publicada na *Revista Universal*; no que muito terão, que agradecer, os habitantes d'esta bella provincia do Minho. Braga 20 junho 1842.

A. B. P. d'A. Pimentel.

UM NOVO LICÔR.

585 Cada seculo tem o seu character particular. O d'este parece serem os inventos. Todas as coisas buscam melhoramento. Como que affincadamente uma parte da humanidade emprega as fôrças da sua intellectualidade em lisongear a outra parte.

Um goloso viajante inglez acaba de descobrir — diz elle — o mais saboroso licôr que até hoje se-tem fabricado — tão facil de obter que será pena não lhe-tentar a feitura.

Tome-se uma chávena de caffé bem forte, lancem-se-lhe quatro pedaços de assucar (melhor será assucar candi) e juncte-se cautelosamente — deitando-o por cima das costas d'uma colher — uma porção de *cognac*, fino e velho, egual á do caffé. O espirito sobrenadará, mórmente tendo a precaução de evitar que se-liguem e unam os dois liquidos. Deite-se então fogo ao espirito. Communicado, que elle esteja pela acção do fogo, tereis o vosso negócio concluido com grande vantagem e consolação dos bebedores — que Deus guarde!

CALÇADAS.

586 Tem *Londres* várias pontes magnificas sobre o *Tamisa*: é a principal d'ellas a chamada *Ponte de Londres*, onde o trânsito é espantoso; porque, além de uma infinidáde de carros, carroagens, cavallos etc. calcula-se que em cada dia passam por alli mais de cem mil pessoas; é o seu trânsito de graça, o que nas outras não acontece. — Em consequencia d'esta passagem, a calçada da ponte é destruida dentro em mui pouco tempo. No último anno, achando-se arruinada, quiz a camara municipal, que se fizesse uma nova calçada pelo methodo que melhor podésse resistir a tanta causa de destruição. — Consultou os mais famosos ingenheiros civís d'*Inglaterra* — houve várias reuniões e debates, — receberam-se propostas — e a final, decidiu-se que fosse calçada com pedras de granito de *Aberdeen*, que é muito duro; e que estas pedras fossem de figura regular, tendo de largura tres polegadas, e assentes por linhas parallelas. — Este modo de calçar tem a seu favor a experiencia feita durante alguns annos em outra ponte da mesma cidade chamada de *Blackfriars*, cuja calçada é considerada como a mais bella de *Londres*. — Recommendâmos este méthodo ás camaras municipaes de *Lisboa*, e mais cidades do reino.

MACHINAS DE VAPOR NA BELGICA.

587 Calcula-se que n'aquelle paiz, existiam trabalhando no principio do corrente anno 1,800 máchinas de vapor, cuja potencia total equivale á de 38:100 cavallos. — *Portugal* é, em territorio uma monarchia muito maior que a *Belgica*, e não chegam a 12 os motôres d'esta especie que lhe-conhecemos! — Em *Lisboa* e arredóres só nos-consta que existam as seguintes: — *Bom Successo* — moinho. *Chabregas* — fiação d'algodão. *Rua Formosa* — lanificios. *Boa-vista* — serrar pedra. *Moeda* — cunhar. *Sacramento* — fabrico de papel. *Fonte da Pipa* — panno feltro. *Chafariz da Praia* — não trabalha.

FUNIL OU ESTRADA SUBTERRANEA ATRAVEZ DOS ALPES.

588 O ingenheiro italiano *Vanino Voltaque*, de sociedade com outro obteve do govêrno austriaco um

privilégio por 50 annos para a construção d'um carril de ferro de *Milão* á cidade de *Cómo*; propôz-se negociar com o govêrno do cantão suisso dos *Grisões* para obter um previlégio por 100 annos, obrigando-se a abrir atravez das serranías dos *Alpes* e no prazo de 30 annos uma arcada com uma via-férrea por onde se-transportem carroagens desde a dicta cidade de *Cómo* directamente á de Zurich, distancia de 34 legoas pela recta. Aberta esta estupenda mina, grande parte do commércio de *Allemanha* e *França* com a *Italia* seguirá este novo caminho.

PIRATERIA LITTERARIA.

589 O célebre romancista inglez *Bulwer*, publicou ha pouco uma nova obra, a qual apenas se-imprimiu, foi remettida para os *Estados-Unidos*, onde o auctor goza de grande popularidade. Um jornalista americano, querendo explorar esta mina, reimprimiu na sua folha, e em um unico número, toda a novella: o que concluíu dentro em uma semana depois da chegada da obra alli; deixando furiosos os livreiros e o romancista. — A frequente repetição de similhantes piraterías, não só nos *Estados-Unidos*, mas tambem na *Belgica*, que n'isto é mui afamada, provocou por fim, os auctores e livreiros inglezes, a procurar algum remedio contra tal rapina; e com este intento, ha pouco teve logar em *Londres*, uma numerosa reunião dos mais abalisados escriptores e publicistas, e resolveram pedir ao govêrno inglez que, convide todos os govêrnos dos paizes civilisados, a adoptarem uma lei universal, que segure e proteja o direito da propriedade litteraria. E' de esperar que os auctores francezes, sejam dos primeiros a reunir-se a esta colligação, por serem dos mais lesados, e que em breve esta justa exigencia, virá a ser lei universal em todo o mundo civilisado.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

AS BOAS NOVAS.

16 *de julho de* 1642.

590 Se escrevêramos em tempo de nossas velhas academias não haveria fôrças humanas, que nos-podessem relevar da rigorosa obrigação de entrarmos em materia n'este artigo, pondo em competencia *Pallas Togada* com *Pallas Armada*, a qual das duas segurára n'este dia com mais firme mão a corôa na cabeça do novo rei de *Portugal*, *D. João IV* — Mas já que a sorte destinou, que vivessemos n'este, e não no passado seculo (do que ás vezes temos tentação de nos-lamentarmos), diremos sem altas metáphoras, nem poéticas allegorías que n'este dia se-encheu *Lisboa* de alvorôço com duas mui alegres novas; uma na ordem politica, e outra na militar.

Foi a primeira entrar no porto *D. Antão de Almada* de volta de *Inglaterra*, aonde fôra enviado por embaixador extraordinario, e trazer ajustadas pazes perpétuas com el-rei *Carlos* e com o parlamento. — Era *D. Antão de Almada* um dos quarenta fidalgos conjurados na acclamação de el-rei *D. João IV*; assistiu na primeira juncta d'elles em casa de *Francisco de Mello*, monteiro-mór; em sua propria casa se-congregou a segunda juncta aos 12 de outubro de 1640; e no 1.° de dezembro, dia da acclamação, foi um dos que sairam ao quarto da duqueza de *Mantua*; e ficou de guarda ao aposento, em que a-fizeram recolher. Fiado nos seus serviços, e demais partes, o-escolheu el-rei para embaixador a *Inglaterra*, dando-lhe por collega ao desembargador *Francisco de Andrade Leitão*, e por secretario a *Antonio de Sousa de Macedo*; um e outro pessoas bem conhecidas, e que occupam distincto logar na história pátria.

Foi a segunda chegar mensageiro da *Beira* participando que *Fernão Telles de Menezes*, governador das armas d'aquella provincia, ganhára por preiteria aos castelhanos o logar de *Valverde* e o castello de *Elges*; primeiras conquistas por aquella fronteira, e primeiros logares dentro dos limites de *Castella*, que tomavam a voz de el-rei *D. João*. — Entrou n'esta empreza *D. Sancho Manuel*, então mestre de campo de um terço de infanteria, e cujo nome, illustrado com o titulo de conde de *Villa-Flôr*, apparece depois com tanta glória nas mais célebres victórias d'esta pertinacissima guerra da acclamação. — Ganharam aqui os portuguezes uma bandeira, que foi depositada na egreja do Carmo de *Lisboa*; e a ésta egreja por duas graves razões foi dada a preferencia: ha uma, porque a nova chegou no proprio dia, em que se-celébra a festividade da Senhora com o mesmo titulo do *Carmo*; ha outra, porque não havia aonde mais adequadamente se-devessem depositar trophéus ganhados a *Castella*, do que sôbre o túmulo de *Nun'Alvares*, o grande condestavel, o terror dos castelhanos. — E não debalde se-invocaram ao princípio d'esta tão renhida e disputada lucta, assim o patrocinio da Senhora, como as recordações dos *Atoleiros* e *Aljubarrota*. Boas testimunhas de sua efficácia foram depois linhas d'*Elvas*, *Montes Claros* e *Ameixial*. *J. H. da Cunha Rivara.*

CARTA 3.ª — SEPARAÇÃO DE PORTUGAL DO REINO DE LEÃO.

(*Continuação da pag.* 474.)

591 Não concluirei já agora, sem accrescentar alguns reparos aos argumentos negativos que faz o sabio auctor das memórias do conde *D. Henrique*, a favor da opinião que sustenta a legalidade do acto de separação que deu origem á monarchia portugueza.

Aquelle erudito illustre observa que, practicando o conde depois da morte d'Affonso VI todos os actos de um soberano independente (e isto, creio eu, ninguem contesta hoje) não appareceu um documento público em que os leonezes accusassem *Henrique* e depois *D. Theresa* de *rebeldes*; ou em que exigissem vassalagem d'elles; que não *ha prova alguma positiva e certa de que por esse singular motivo fizessem a guerra aos portuguezes*; que finalmente nenhuma das *numerosas* chronicas d'aquelles tempos haja feito menção da dependencia de Portugal, salvo a História Compostelana, a que, n'esta parte, o illustre auctor das citadas memórias parece recusar o seu assenso por ser obra d'estilo e modo d'historiar *exaggerado*, e ás vezes manifestamente apaixonado.

O govêrno do conde *Henrique* divide-se em dois periodos distinctos, o primeiro que corre de 1096 até 1109 isto é até a morte d'*Affonso* VI.: o segundo des-

de esta épocha até a morte d'elle proprio em 1112. Quanto á primeira não póde haver questão sobre a sua dependencia do monarcha: os diplomas d'esse tempo não consentem a menor sombra de dúvida a similhante respeito. Quanto á segunda tambem me-parece indubitavel que o conde saccudiu o jugo de *Leão*; mas o que não posso admittir é que os leonezes legalisassem este facto com o seu reconhecimento antes do tempo de D. *Affonso Henriques*.

Bastaria dizer aqui que um argumento negativo bem pouca fôrça póde ter contra provas em contrário deduzidas da propria natureza, instituições, leis e costumes do paiz. Mas não ha só isso; considerando em si o argumento, elle não parece dos mais vehementes no seu genero. Vejamos.

Primeiro que tudo=*as numerosas chronicas d'esses tempos*=parece-me uma expressão demasiado vaga e incerta. Se o respeitavel sabio, a que alludo, intende por *chronicas d'esses tempos* os escriptores *contemporâneos* do conde e ainda de D. *Thereza*, que lhe-sobreviveu 18 annos, eu desejaria saber onde existe esse grande número d'ellas, para as-lêr, e evitar assim os avultados erros, em que por ignorancia das fontes historicas terei provavelmente caido. Se intende os escriptores dos tempos immediatos seja-me permittido lembrar-lhe que *Rodrigo de Toledo*, que escrevia na primeira metade do seculo XIII (1) concorda com a História Compostelana em chamar *rebellião* ao procedimento do conde (2), e n'esse caso não é *singular* o testimunho d'aquella importante história.

Eu sei que existe um certo número de *chronicons d'esses tempos*, publicados pela maior parte nos appendices da *Hispanha Sagrada*. Mas infelizmente para o nosso caso, aquelles em que os successos vem mais particularisados, e que mereceriam não o nome de *histórias*, mas talvez, alguns pelo menos, o de *chronicas* (3) não ultrapassam a épocha d'*Affonso* VI. Taes são o d'*Isidoro de Béja*, o do *Biclarense*, o de *Sebastião de Salamanca*, o de *Sampiro*, o do *Monge de Silos* etc. Os que passam áquem da morte d'*Affonso* VI são apenas um aggregado de datas relativas aos seculos XII e XIII e aos anteriores, datas estremes de nascimentos, batalhas, óbitos, e phenomenos naturaes. ¿Em taes monumentos, essencialmente chronológicos, como fôra possivel encontrar a menção do facto que pela sua propria natureza devia ser lento e concluido por uma série de actos graduaes, e escuros, praticados successivamente durante annos? Como se-poderia achar uma história politica em rudes apontamentos de monges ignorantes, que muitas vezes para indicarem uma batalha importante contentavam-se com dizer=*Era de tal*=*Foi a de Sagralias: foi a d'Ucles?* Eu, ao menos, não creio que similhante especie ahi se-podesse encontrar.

¿Mas, se abstraírmos d'estes *chronicons*, que obras históricas nos-restam escriptas n'esse tempo ou proximamente, com tal extensão, que devamos buscar n'ellas noticia d'este facto politico e complexo? Conheço apenas tres: a *Historia Compostelana*, a *Chronica d'Affonso VII*, e o livro de D. *Rodrigo Ximenes* das *coisas de Hispanha*. Como já notei a primeira e terceira chamam rebellião a esse facto: a segunda é que guarda silencio a similhante respeito. Tire d'aqui o leitor a conclusão que quizer, não se-esquecendo do que já ponderei sobre o valôr histórico, que me-parece têr a *Chronica d'Affonso VII*.

O clarissimo auctor das memórias do conde D. *Henrique* regeita, ao que parece, n'este ponto a auctoridade dos historiadores compostelanos (postoque na memória sobre a origem de *Portugal* os-houvesse qualificado de *não suspeitos*) por serem *exaggerados* e *apaixonados*. Esta observação é exactissima. Quem lêr dez ou vinte capitulos d'aquella chronica ficará plenamente convencido de tão inquestionavel verdade, sem que lhe-seja preciso têr presente a extensa dissertação de *Marden* á este respeito. (4) ¿Mas o que exaggeram os tres conegos de *Sanctiago* auctores do livro? — A perversidade de D. Urraca, e as virtudes do arcebispo *Diogo Gelmirez*. Não ha injúria que elles não vomitem repetidas vezes contra aquella rainha, que sem ser sancta, ou pelo menos beata, como a-pinta *Flores*, não foi tão detestavel mulher como os tres honrados conegos a-descreveram. Por outra parte não ha lisonja ridicula, ou louvor despropositado que não dirijam ao seu velhaco, hypocrita, cubiçoso e violento patrono. ¿Porque serão pois elles suspeitos mostrando-se favoraveis ás pretenções de D. *Urraca* ácerca de Portugal, quando, além d'isso, não tinham motivo nenhum de odio contra D. *Theresa*, que beneficiou a Sé de *Compostella*, e que até andando *Diogo Gelmirez* com a rainha D. *Urraca*, devastando o Minho, lhe-deu aviso de que sua irmãa o-queria prender ou matar? E' realmente incomprehensivel para mim o motivo porque na questão da legitimidade ou illegitimidade da separação de Portugal a História Compostelana haja de ser-nos suspeita por exaggeração e parcialidade.

Finalmente, a exigencia de um documento leonez pelo qual conste a pretendida sugeição de Portugal, parece-me demasiado violento. ¿Qual devia ser o documento? ¿Um manifesto? No seculo XII não creio existisse ainda essa divindade dos homens honestos, chamada opinião pública. Nas questões politicas recorria-se ás armas para obter justiça ou desfôrço, e não se-faziam allegações. Se apparecesse um tal documento, a prova da sua falsidade seria a sua existencia, e todavia só por um manifesto poderiam constar directamente as pretenções de D. *Urraca* e de *Affonso* VII. Indirectamente, porém, na propria memória, a que alludo, se-lembra seu respeitavel auctor de que D. *Urraca* se-intitulava *rainha de toda a Hispanha*. ¿Que mais podia fazer? ¿Doações em Portugal de bens da corôa? Ninguem lh'as-quizera, porque não se-effeituariam, visto que Portugal não a-tinha

(1) Annal. Toled. III na Hispanha Sagr. T. 23 p. 412.

(2) Roder. Tolet. De Rebus Hisp. L. 7 c. 5.

(3) Eu faria uma distincção na nomenclatura nas duas especies de relações, que nos-restam da edade média; uma que é á dos chronologicos dos factos capitaes; outra que é a dos que menos ou nada attentos ás datas dão mais idéa da côr *local* (perdoe-se-me a phrase que não sei outra) da épocha, que da ordem dos successos. Chamaria aos da 1.ª *Chronicons*, aos da 2.ª *Chronicas*. Aquelles são como o *Memorandum* d'um povo barbaro: estas a expressão singella e poetica da sociedade na infancia e juventude. O chronicon lusitano e o conimbricence são um typo do primeiro genero: as chronicas de *Fernão Lopes* são-no do segundo. A distancia entre os dois generos é muito maior que a da *Chronica á história*.

(4) Hist. Crit. de Hispanha T. 20, pag. 1—146.

por senhora. ¿Providencias governativas? Não lhe-obedeceriam. ¿De que titulo pois, póde resultar a prova directa que se exige?

Prova directa, digo, porque só esta tinha em mente por certo o sábio, de cujas opiniões me-vejo constrangido a affastar-me, quando escreveu, que não existe documento pelo qual *conste a pretendida sugeição* (5) Era impossivel que elle se não lembrasse do tractado que traz *Brandão* (6) em cujo preâmbulo se-lê: — « E' este o juramento e convénio que faz a *rainha D. Urraca* a sua irmã a *infanta D. Thereza.* » ¿ Desejaria eu saber porque, intitulando-se a viuva do conde *Henrique* constantemente *regina* nos documentos de Portugal, consentiu em um tractado de paz com sua irmã, que esta reservasse para si similhante titulo, e lhe désse unicamente o d'infante? ¿Como se-registou tal denominação no *Liber Fidei* de *Braga*, d'onde o-tirou *Brandão*, sendo assim offensiva da legitima independencia e senhorio real de D. *Thereza?*

Accrescentarei uma conjectura. O documento produzido por *Brandão* não tem data. Quem lêr attentamente os capitulos 40 e 42 do livro 2.º da História Compostelana, poderá talvez attribuil-o ao anno de 1121, em que D. *Urraca* acompanhada do guerreiro arcebispo *Diogo Gelmirez* entrou por Portugal dentro, e o-devastou, chegando D. *Thereza* ás estreitezas de se-vêr cercada no castello de *Lanhoso.* Distraídos pelos perigos do seu herôe *Gelmirez*, que n'esta occasião D. *Urraca*, dizem elles, quiz prender, esqueceram-se de narrar expressamente as consequencias politicas da guerra. Mas dos factos referidos n'esses capitulos se-póde deduzir que as duas irmãs fizeram pazes, e até os dois campos inimigos conviveram familiarmente (7). Aquelle tractado não é por ventura mais que o desfêcho da invasão, bem como as condições vantajosas que por elle devia obter D. *Thereza*, o repentino intento de prender o arcebispo, e a notória perfidia e turbulencia d'aquelle sancto varão, me-fazem suspeitar que elle tramaria alguma traição contra a sua soberana, a qual odiava cordialmente, e tractando secretamente com D. *Thereza* (cujo repentino accésso de amor por um homem que lhe-devastava o paiz é aliás inexplicavel) pretenderia com a juncção das suas fôrças ás portuguezas anniquilar D. *Urraca.* Se assim foi, porque isto é apenas uma conjectura verosimil, habilmente andou a rainha em conceder uma paz vantajosa a sua irmã, para poder desaggravar-se da traição de *Gelmirez.* Admittida esta hypothese o documento do *Liber Fidei* e a história Compostelana concordam e explicam-se excellentemente.

O titulo d'*infanta* dado com exclusão de outro a D. *Thereza*, não apparece unicamente no *Liber Fidei.* Remettendo *Bernardo* arcebispo de Toledo a *Diogo Gelmirez* cópia de certas letras apostólicas relativas ao célebre *Mauricio Bordino* arcebispo de Braga, envia-lhe com ellas outras dirigidas á *infanta dos portuguezes* (8) vê-se d'esta passagem da carta do primaz que tal era o título diplomatico com que na côrte de Toledo se-designava D. *Thereza*; titulo vago, que mostra, a meu vêr, a incerteza d'aquella côrte entre o facto, que provavelmente não tinha fôrça para annullar, e o direito de supremacia, que julgava evidente.

Ficarei aqui pelo que tóca ao facto da origem da independencia de Portugal: algum dia examinaremos como ella se-consolidou e legalisou. Chama-nos mais grave assumpto — a história social do nosso paiz n'essa épocha.

A. Herculano.

A TRASLADAÇÃO DOS COLLEGIOS DE ORPHÃOS E ORPHÃS DA MISERICORDIA DE COIMBRA PARA O EDIFICIO DO EXTINCTO COLLEGIO NOVO DE SANCTO AGOSTINHO DA MESMA CIDADE.

592 O dia 19 do corrente foi de regozijo e de festa para esta cidade de *Coimbra*: como quando o filho extremoso, que perdêra a esperança de vêr tornar á vida o pai já desfalecido e macerado por longo e aturado padecer, de repente encarando com elle, e vendo-o remoçado e vigoroso, salta de contente; assim o povo escolhido d'esta nobre e antiga cidade festejou n'aquelle dia a solemne trasladação do Sacramento da capélla da Misericordia para a egreja do Collegio Novo da extincta corporação de Sancta Cruz. Esta egreja, entranhada no interior do edifficio, e por isso até agora mui pouco frequentada e conhecida dos habitantes d'esta cidade, é sem dúvida uma das mais ricas e primorosas pela perfeição da esculptura, pela delicadeza dos ornatos e pelo esméro dos lavôres, que mais parecem traços de habil pincel que relêvos a escopro em cantaria: felizmente não foi victima votada á morte pela horrorosa invasão e desenfreamento dos barbaros d'estes nossos tempos, que apenas lhe-arrancaram o orgão, quebraram o riquissimo oratorio do côro, e despedaçaram as preciosas reliquias que o-adornavam; tudo o mais ficou inteiro graças ao meritissimo vigario capitular d'esta diocese e ao benemerito D. *Antonio da Maternidade*, e egresso conego regrante, que com o zêlo e virtude que tanto os-distingue, um como auctoridade, outro como filho da casa e residente no edificio, conseguiram pôr côbro a maior devastação e roubo. A egreja é o *Escurial* em ponto pequeno; e consta que fôra o mesmo o architecto de um e outro templo: é certo que *Filippe* III de *Castella* e II de *Portugal*, famoso architecto, como affirma o padre D. *Nicoláu de Sancta Maria*, fizera a traça do collegio, e que depois de abertos os alicerces, com grandes cerimónias ahi fôra lançada a primeira pedra pelo bispo D. *Affonso de Castello-Branco* a 30 de março de 1593, e que em 1604 entraram n'elle os collegiaes. — O edificio assenta sobre logar alto e desafrontado e domina toda a cida-

---

(5) Mon. Lusit· P. 3, Liv. 8, c. 14.

(6) E' claro que se-falla aqui da sugeição de *direito* depois da morte d'*Affonso* VI — Antes d'isso é indubitavel que existia de *direito* e de *facto*. Depois d'ella tambem me-parece incontestavel que de *facto* começou a independencia a qual se fixou completamente no reinado de *D. Affonso Henriques.*

(7) Carta de Bern. Toled. no L. 1, c. 99, da Hist. Compostel.

(8) *D. Tereza* avisando *Gelmirez* da intentada prisão, dizia-lhe por seus mensageiros: » *Caveat sibi Archiepiscopus... Quia intimi, qui hujus consilio interfuerunt facinoris, ipsi mihi ejus enucleaverunt modum captionis...* Nota-se tambem que ahi se-diz que por esta occasião recuperou o arcebispo várias propriedades em *Portugal*, para a *Sé de Sanctiago* de que andavam alheadas, e pos n'ellas os seus mordomos ou villicos. ¿Se a guerra não terminasse por ajustes de paz, como seria isto possivel?

de baixa do lado do norte e do poente; d'elle se-descortina uma immensidade de ruas e o extenso e brilhante horisonte que offerecem os vastos e formosos campos do *Mondego*, e os montes que lhe-ficam sobranceiros. A sua exterior irregularidade condiz pouco com a magestade do interior. A claustra é elegante e de aprimorado lavôr, os dormitorios, cellas, aulas é casa da livraria espaçosas, e esta última causa maravilha pela riqueza das estantes e perfeição dos recortes na madeira.

A meza do govêrno da sancta casa da misericordia, eleita em 1834 solícita e zelosa pelo bom desempenho da administração que lhe-fôra confiada, lamentando o apêrto e poucas commodidades que para asylo dos orphãos do seminario de S. *Caetano* e das orphãs do recolhimento offereciam os locaes d'estes estabelecimentos mal arejados e doentios, requereu ao govêrno a doação d'aquelle edificio; como porém este negócio dependesse de medida legislativa, não cessaram as instancias das penúltimas mezas que com a sua incançavel efficácia conseguiram vencer algumas difficuldades, obtendo a final por decreto de 15 de septembro de 1841 o bom êxito do que tanto solicitaram. Não menos desvelada, zelosa e benemerita a meza do actual govêrno, tomando pósse do referido edificio a 20 de outubro do mesmo anno, tractou logo de fazer-lhe os necessarios reparos para alli reunir debaixo de uma mesma economia, e com a devida separação os alumnos orphãos de ambos os sexos. pôz mão á obra, não poupou affans, e cortou por todos os embaraços e estórvos para leval-a ao cabo antes de expirar o tempo da sua administração, conseguindo a final o acabal-a e fazer a transferencia dos referidos collegios no mesmo dia da trasladação do Sacramento.

Depois da solemne função de egreja, com exposição do Senhor; a meza deu um jantar aos prêzos; e depois das seis horas da tarde saíu a procissão que foi apparatosa e luzida.

Era immenso o povo apinhado pelas ruas por onde transitava a procissão; eram immensos os spectadores de ambos os sexos assomados pelas janellas; e não houve um incidente só que em tão numeroso concurso de gente de todas as classes, de todas as condições e hierarchias, de todas as edades, de todos os partidos, désse azo a se-perturbar a ordem, socêgo e decencia de tão lusido festejo. Via-se em todos os semblantes pintado um sentimento de reverencia, de respeito, de piedade e de satisfação: ¡ tão firme está arreigada no coração do homem a veneração ás crenças de seus antepassados! ¡ Tamanho é o podêr que sôbre elle exercem as acções de protecção e humanidade! Ainda o miseravel desenfreado e ás sôltas na carreira da impiedade e da licença; parece não haver coisa que lhe-descerre os ouvidos, e lhe-abra os olhos d'alma n'esse torpe adormecimento em que dá trégoas ao crime, ao sacrilegio e á devassidão; eis se não quando, descuida-se e vê alguem estender mão piedosa e bemfaseja ao infeliz prêso e desvalído, ao enfermo aleijado e cégo, ao entrevado curtido de dôres, á triste e desamparada viuva, ao innocente orphãosinho, dá emfim com os olhos em um acto de beneficencia e humanidade, em um exemplo de virtude, em um testimunho público de religião, lá lhe-ha-de ir soar no coração entorpecido uma voz interior de remorso; e por mais que lide comsigo por se não deixar vencer de um sentimento de veneração e acatamento, lá se-vem a tomar de um pavôr misterioso, de um tremor involuntario, que a modo de uma aragem fria que traspassa, como que lhe-penetra as fibras de um insólito abalo e arripiamento, e o-adverte e o-reprehende e o-faz correr de vergonha.... Tal é o imperio e magia das acções boas.

Finda a procissão cantou-se na nova capella um *Te Deum* com musica instrumental; e com a entrada dos orphãos pela claustra, e das orphãas pela grade da egreja se-pôz remate a esta funcção.

(Concluir-se-ha.)

F. A. de Mello.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

593 Nos ESTADOS-UNIDOS se-debate ao presente a questão da fôrça armada. O partido democrata pretende a sua diminuição, quer de terra, quer de mar; porém o outro partido deseja, manter as fôrças no pé em que actualmente estão, allegando por motivo a honra nacional compromettida com a *Inglaterra*.

A TURQUIA prepara uma expedição contra o bey de *Tunez*; o que causa á *França* sérios receios.

Na SUECIA uma sociedade secreta fez espalhar pelos seus confrades um projecto de republica federativa, que se-comporia dos tres estados *Dinamarca*, *Noruega*, e *Suecia*.

O rei da PRUSSIA partiu para *S. Petersburgo* a assistir ás festas que o *Czar* ordenou se-fizessem para festejar o seu vigessimo quinto anno de casado.

Na ALLEMANHA e juncto ás margens do *Rheno* se-tem sentido fortes abalos de terra: porém estes haviam causado mui pouco damno aos habitantes d'aquelles districtos.

A INGLATERRA continúa a occupar-se dos seus interesses vitaes; a miseria pública, a guerra da India, o plano financeiro do seu ministerio, e a lei da corrupção nas eleições. A publicação do decreto do govêrno francez sobre os generos de linho tem descontentado muito os negociantes inglezes; e produzido uma baixa nos seus fundos. As notícias recebidas da India, não referem nem novos desastres, nem novas perdas.

Na FRANÇA os espiritos se-acham todos voltados para as eleições, que alli são, como em todos os govêrnos livres, mui debatidas. Dizia-se tambem nos altos circulos que íam effectuar-se no corpo diplomatico grandes mudanças; e que a princeza *Clementina* casará com o filho do rei da *Hollanda*. As notícias recebidas de *Argel* são satisfactorias.

O ministerio de HISPANHA havia dirigido a todo o corpo diplomatico uma circular, em que refere, o procedimento, que seguirá em quanto governar. — Na sessão de 6 do corrente foi o gabinete interrogado sobre as providencias, que tomou afim de evitar o prejuiso, que ía causar á *Hispanha* o tractado do commércio entre *Portugal* e a *Grã-Bretanha*. — O atrevido guerrilheiro *Felip* foi capturado a 2 do corrente em um pequeno povo de *Valencia*. — Os jornaes hispanhoes continuam a trazer-nos notícias de assolações feitas pelos guerrilhas.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

594 *Diario do Govêrno de 7 de julho.* Continúa o regulamento das alfandegas menores. Venda de bens nacionaes.

Dicto de 8 dicto. Prosegue o regulamento das alfandegas menores.

Dicto de 8 dicto. Decreto mandando que o lançamento da decima se-faça conforme as instrucções propostas pelo tribunal do thesouro público. Consulta do tribunal do thesouro público.

Dicto de 11 *dicto.* Relação de devedores á fazenda pública. — Decreto mandando executar o regulamento que prescreve o modo de se-proceder ao recrutamento. — Continúa o regulamento das alfandegas menores,

Dicto de 12 *dicto.* Portaria ordenando que ninguem possa exercer a arte de castrador sem estar munido de titulo, que lhe-conceda tal faculdade. — Continúa o regulamento das alfandegas menores. — Portaria ordenando que o presidente da relação do Porto logo que finde o prazo da sua suspensão reassuma o seu logar. — Autos de querella dada pelo ministerio público contra o presidente da relação do Porto. — Venda de bens nacionaes.

Dicto de 13 *dicto.* Conclusão do regulamento das alfandegas menores. — Ordem da armada n.° 94 de 30 de junho de 1842. — Venda de bens nacionaes.

CALLIGRAPHIA.

595 A muitos livros de merecimento real fallece a attenção pública. No encerrar do anno último o nosso laborioso e distincto calligrapho *J. J. Ventura da Silva* publicou a terceira edição da sua obra sôbre a arte da escripta, seguida de um compendio de arithmetica redigida com extrema clareza e perfeição. Na theoria da escripta ha muito que aprender, para quem deseja conhecer os fundamentos, e alcançar distincção em uma arte, que por mui vulgar, não deixa de ser raro, quem possa exercel-a com sufficiente primôr. No riquissimo atlas, que acompanha aquelle livro, nacionaes e estrangeiros, terão motivo sobejo para admirar a singular justeza dos traços, e o habilissimo, engraçado e original enlaçamento de ornatos, que adornam alguns quadros, por modo que é difficil acreditar, que a penna fosse instrumento sufficiente para operar similhantes maravilhas.

Entre os objectos curiosos que encerra a obra, a que alludimos, assignalarêmos um que nos-parece digno de consideração.

Expõe o auctor uma receita de sua invenção para a preparação da tinta de escrever, que além do brilho e bellissima côr negra, que lhe-são proprios, possue o apreciavel dote da inalterabilidade.

Temos conhecimento de um quadro escripto com ésta tinta ha mais de quarenta annos, e que existe em casa do sr. *Ventura*, onde a letra, longe de padecer algum descoramento por tão espaçado intervallo de tempo, cada vez mais adquire maior graça. Seria da maior utilidade, que nos cartorios dos tabelliães, e em geral em todos os archivos, onde se-devem depositar papeis, cujos characteres se-deseja que durem annos e seculos, se-empregasse exclusivamente aquella tinta, para que de futuro não acontecesse, que documentos importantes se-deteriorassem, a ponto de se-tornarem illegiveis, como tem já acontecido a alguns authógraphos antigos, que foram escriptos com tintas corrosivas, ou que facilmente são decompostas pelo diuturno contacto do ar.

O QUE E' TER ZELO PELA HONRA ALHEIA.

596 Antonio de Figueredo, e sua mulher D. Maria Perpétua Mendes, moradores em *Roios* no *concelho de Villa-Flor* tinham em sua casa, servindo-os de graça a um primo d'ella por nome *Luiz Mendes.* Não havia contra elle rasão alguma de queixa, quanto ao desempenho de suas obrigações; mas descobriram os donos da casa, ou se-lhes-figurou, que o servo ousava empregar em negocios do coração as sobras do seu tempo com uma pobre criada, sua companheira. Juizes de facto e de direito os dois honestissimos cônjuges resolveram ser tambem carcereiros e verdugos, ¡ já é accumulação de romantismo! chamam por *Luiz Mendes:* fecham-se com elle á chave: ordenam-lhe que se-dispa. Áttónito com a estranhesa da ordem fica immovel; repetem-lh'a acompanhando a intimação, a mulher com ameaças, e mostras de um punhal que entre improperios lhe-esgrime, perante o rôsto — o marido com rijos encontros, que pelos peitos lhe-anuuda com a bôca de uma clavina. — Convencido physicamente de que a farça trágica era de vez, e reconhecendo-se insufficiente para resistir só e inerme a dois armados e furiosos, procurou rendel-os pela mais obediente submissão: — despiu-se — despiu-se de todo: — amarram-lhe as mãos, e começam n'elle a mais despiedada flagellação. Eram o instrumento grossos lóros vibrados com as fivellas contra as carnes por um braço varonil e enfurecido, a que ainda redobravam ímpetos — estas vozes de contínuo repetidas pela mulher — *bate, menino, mata-me esse ladrão* — Por muitas vezes cançou, por muitas descançou, e recomeçou o carrasco o seu officio sem que nem os gritos do paciente, nem as suas súpplicas, nem o sangue, que de toda a parte lhe-escorria, nem a vista do peito, das costas e de todo o corpo rasgado e dilacerado dispertassem nenhuma fibra humana nos dois corações de tigres. Ouviam-se de fóra tanto os estalos das correadas, como os lamentos da víctima, e o contínuo vociferar da bachante — *bate, menino, mata-me esse ladrão* — N'um dos intervallos o suppliciado pede pelo amor de Deus uma gôtta de agoa: — dão-lh'a — apenas a-bebeu — *¿já refrescaste?* — pergunta o selvagem, retomando o açoite e recomeçando a descarregal-o. Hora e meia para mais durou aquella scena digna dos carceres de *Argel*, sem que ninguem de fóra accudisse a pôr-lhe fim por que o mais da povoação se-andava pelos campos em seus misteres; e ás visinhas que no logar se-achavam faltava ânimo para forçar a porta e arrostar-se com duas bestas indómitas no seu covil. — Terminou o acto tosqueando o marido toda a cabeça do semi-cadaver, e repetindo a mulher — *as orelhas, as orelhas, corta-lhe as orelhas.* — O desgraçado foi para *Valfrichoso*, onde sete dias depois, isto é a 24 do passado, nos-escreveu o nosso correspondente, que ainda vivia; mas se-achava sacramentado.

Este facto não requer, e mal consentiria commentarios. Mas quaesquer que fossem os aggravos que de *Luiz Mendes* tivessem seus primos e amos nada os-deve subtraír a um castigo exemplarissimo. A religião o-pede, a humanidade o-deseja, as leis o-ordenam, e a sociedade necessita de exemplos para repressão d'estas tendencias atrozes, que estão caracterisando o nosso seculo; e cujos documentos nós não queremos, nem devemos sonegar ou enfraquecer.

UM CÃO QUE ENVERGONHA GENTE.

597 A natureza, que em toda a parte nos-poz escholas de bons costumes, fez do cão o emblema da fidelidade. Communs são os exemplos que o-provam; todos os teem lido; poucos deixarão de os-ter alguma vez

presenciado. Nao referiremos pois uma raridade, e muito menos uma verdade incrivel quando dissermos que um pobre doguesinho no sítio da *Bica de Duarte Bello*, rua do *Cabral* n.° 12 está sendo um documento vivo d'aquella amisade pura e verdadeira, que sobrevive, a quem na-inspirou. Fallecidos com pequeno intervallo de dias sua dôna e seu dôno o brutinho, que resistíra á perda da primeira, unindo-se ao segundo inseparavelmente, aos pés do cadaver d'este se-estirou; olhos fictos n'elle, envidrados de lagrimas, queixumes doridos e continuos; indifferença para com tudo; aversão invencivel ao alimento. Arrancado d'alli e da casa, e levado para a da filha do defuncto perdeu, se é licita a expressão, o juizo. Hoje é lástima vel-o doidejar, procurando de dia e de noite o que jámais encontrará; e correndo apenas, acha a porta aberta, á êrma casa de suas saudades abraçar-se com as grades da cancella, e ficar tempos esquecidos sem comer, nem dormir, até que á fôrça o-arrancam e o-levam, para voltar na primeira occasião. As suas penas auguram que lhe não tardará o momento de descançar para sempre.

VELAI QUE NÃO SABEIS O DIA NEM A HORA — EVANG.

598 O sr. N., rico portuense, bem aparentado na capital, residia n'ella havia tempos. Chamado a casa por alguns negocios de familia, dispõe tudo para a partida, despede-se de amigos e conhecidos, e na véspera do embarque vai passar o serão no bairro-alto, em uma d'aquellas casas, onde sempre se é recebido com prazer, e festejado por nimphas, não segundo o que se é, mas segundo o que se tem, ou antes, segundo o que se-prodigalisa: mas o sr. N., reunia ao genio bizarro, outras vantagens, que até n'estas mulheres, mais idólatras da fortuna que do prazer, costumam produzir o seu effeito; era gentil de sua pessoa, facil no trato, agradavel na conversação. A sala estava illuminada, alegre, folgasã: fallemos com propriedade; toda a companhia estava mais ou menos senhoreada da fébre sensual, tão endémica, e tão contagiosa em logares d'esses; molestia da exaltação, em que não deixam de sonhar-se algumas coisas aprazíveis, mas que passado o accésso, deixa sempre graves arrependimentos de mais d'um genero. De repente, e no momento, em que mais descuidado conversava com uma das nimphas, não dos côros de Diana, mas caçadôra, sem dúvida, mollemente sentada no mesmo canapé, e reclinada no seu hombro, sólta um grito; acódem todas as mais, acham-no môrto!

Chamada a auctoridade policial do districto, feito o exame médico, e lavrado termo de tudo, foi o desgraçado conduzido a passar (¡ quão diversamente do que o-presumíra !) o restante da noite no vasto e silencioso templo de N. S. da *Encarnação*, á luz da alampada perpétua, por entre as imagens dos celéstes hóspedes! O *Porto*, para onde o dia seguinte o-viu partir, foi o *cemiterio de N. S. dos Praseres!*

As moradôras da infâme casa foram suspeitadas de o-haverem despojado d'alguns objectos de valôr: relogio, caixa de prata, alfinete de brilhantes; mas tudo veio a achar-se n'um bahú, que elle mesmo, por sua mão, estivera arrumando para a viagem. Nas da terra, e incertissimas, ¡ tão próvidos! para a inevitavel, para a da eternidade, tão descuidados! Assim somos todos! Mas o exemplo, é para relêr e para tremer.

TAUROMANIA.

609 Consta-nos que um dos membros da sociedade aristocratico-toureira se-fôra de proposito a *Cintra* a fim de supplicar a S. M. a Rainha viesse honrar com sua presença a heroica brincadeira do *Campo de Santa Anna;* e que para esse fim apurára rasões e rhetorica; mas S. M., bem haja ella, não lhe-esteve pelos autos; preferindo a sublime poesia d'aquella natureza semi-silvestre á prosa vil d'esta arte bruta, e rebruta de moradores de uma cidade européa.

FUNESTO DESCUIDO DE UM PAI.

600 Transcrevêmos litteralmente o que nos-escreve a 30 do passado o nosso correspondente de *Chã:*

No lugar de *Peirezes*, concelho de *Mont'Alegre*, aconteceu ultimamente um d'esses desastres, que depõem altamente contra a imprevidencia de certos pais de familias: no dia 23 do corrente junho, emquanto um lavrador d'este povo com parte de sua familia se-occupava no laborioso exercicio de sua profissão, 3 innocentes meninos se-divertiam no casal paterno; um descobre a espingarda do pai, ouve-se a terrivel explosão, e lá jaz um menino sem um braço, horrivelmente mutilado e maltratado, junto de uma menina egualmente crivada de chumbo em varias partes do corpo; deveram o não serem victimas promptas do tiro o inutilisar-se parte da carga, que se-empregou em uma caixa, juncto da qual se-divertiam os infelizes meninos, um dos quaes certamente succumbirá, segundo o juizo do facultativo. ¿ Quando se-desenganarão esses descuidados pais á vista dos terriveis effeitos de sua inadvertencia? Um anno não é passado, que essa infeliz familia salvou com custo da morte um recém-nascido que ia perecendo victima das chamas!!

UM BENEFICIO PHILANTROPICO.

601 Sabbado 16 do corrente haverá no theatro da rua dos Condes, um beneficio generosamente concedido pela empreza á viuva do falecido actor *Theodorico.*

E' de esperar que o público concorrerá para uma obra pia, que será o resultado de um divertimento em que elle vai passar parte do tempo. Este meio de esmollar é suave, e o seu proveito assaz meritorio. O fallecido artista, é um dos poucos que tem honrado o nosso theatro, porque bastante foi elle e para muito seria se a natureza lhe-fosse encaminhada pela arte.

Isto deve ser um incentivo para a pública concorrencia, que nós confiamos ha-de secundar o animo philantropico do emprezario, que assim nos-offerece um bom documento para seguirmos.

Lê-se no *Periodico dos Pobres do Porto* o seguinte:

AFFOGADO NA FOZ.

Rectificação.

602 Sr. redactor do *Periodico dos Pobres do Porto.* — Vendo no seu acreditado periodico de 3.ª feira 5 do corrente uma noticia, que tanto veio avivar a minha dôr, pelo desastrado fim que teve meu presado filho *João Joaquim Toribio de Meirelles*, toda viciada pela pessoa que lhe-contou o acontecido; tenho a rogar-lhe para que na primeira folha que sair do seu acreditado periodico insira o seguinte:

Sexta feira 1.° de julho de 1842, chegando da eschóla a casa meus 2 filhos, *Joaquim* de edade de 7 para 8 annos, e *João* de edade de 5 para 6 annos, pegaram em um pequeno navio de folgar, e saíram sem ninguem vêr; dirigiram-se á praia entre os dois caes da meia laranja pela parte de terra, lançaram ao mar a pequena embarcação que levavam, a qual com o vento norte que reinava, fugiu para fóra; meu filho mais novo despiu-se e metteu-se no mar para pegar no seu navio, a poucos passos cae em um fundão sem ninguem lhe-poder acudir, pois que as pessoas que presenciaram este terrivel acontecimento foram meu filho mais velho e um pequeno menor de 6 annos; meu filho não podendo acudir a seu irmão, pois que se o-fizesse ficariam ambos junctos, chega a casa a dar parte do acontecido — eu que estava na cama dormindo, sou acordado immediatamente pela familia para me-darem a

fatal noticia, não posso n'este momento de dôr acreditar o que se-me-diz; pego do occulo e apontando-o ao tremendo sitio que me-indicaram, que scena para seu pae extremoso? vêjo meu presado filho morto nos braços do *sr. Antonio Urbano de Sousa* que m'o-trouxe a casa n'este estado: chamaram-se peritos que trabalharam com o menino mais de tres horas para o-tornar a chamar á vida, porém tudo foi baldado. E' de notar que meus filhos nunca se-metteram no mar; Foi ésta a primeira vez, e sempre andaram acompanhados por criados; o que não aconteceu este dia por sairem repentinamente sem ninguem saber; e que toda ésta terrivel scena se passou em uma hora, pois que meu filho saiu da eschóla ás 4 horas, e ás 5 era fallecido.—Tal foi, sr. redactor o desastroso fim de meu presado e amante filho digno de menor sorte.

Sou sr. redactor, muito attento venerador.—*Joaquim Toribio de Meirelles*, piloto mór graduado da barra da cidade do *Porto*.—Fóz 6 de julho de 1842.

UMA ELOQUENTE SENTENÇA.

603 Eis aqui uma sentença final de uns Autos em que era Autor o Rd.° Parocho de *Barcos*, e Reos o proprietario *Diogo Maria de Gouveia* e sua Mulher, sobre o direito da agua pertencente ao Passal da Freguezia, porque *Diogo Maria* queria desviar o rego que alli as-conduzia para outro sitio—Sentença—Uma vez que faltei ao Decretado, no Art. 71 da 2.ª P. da Reforma Judicial por querer Condecender, com o Sr. Subdelegado, para por Transzacção, virem a Concordia o A. Reverendo padre *Cara* anual, com os Reos, de que resultou o Esposto nos Autos (o que outra couze não era de Esperar de um Frade do Cordão, donde Sahiram os Nembros da admiravel, Inquecição segundo a Historia da mesma) Desse vista dos Autos nos termos em que se acharem, a Illustrissima Junta Edepois no Agente do Ministerio Publicó, para dizerem, o que lhe-convier, em tempo breve: na Sertesa, de que lhe não attenderei, em nada, que convierem, sendo Lavado, por o Advogado, que Ad'vogou por o dito A. porque o dou por Suspeaço n'esta Cauza. Barcos 5.° d'Junho E 1839 =*Fonseca Lemos*. Eu a tirei dos proprios autos e escrevi com os mesmos breves, letras, e virgulas, que se preciso fôr mostrarei por certidão autentica.—Taboaço 2 de Julho de 1842.—*Eugenio Eduardo Guedes de Carvalho*.

ROUBOS DE CORREIOS.

604 No *Algarve* os roubos dos correios teem sido tão frequentes que a auctoridade administrativa ordenou que uma escolta de 12 soldados acompanhasse o correio nas terças, quintas, e sabbados; dias em que chega áquella terra. As guerrilhas que apesar dos esforços de todos os govêrnos continuam infestando e senhoreando a serra, eram as que commettiam os frequentes attentados. Com aquella providencia da auctoridade o correio postoque não chegasse ás 5 horas da manhãa como era costume d'antes, era comtudo certo das 11 para o meio dia, e n'isso ainda não tinha havido fallencia.

Na villa de *Loulé*, d'onde nos-communicam esta noticia, era elle aguardado como em toda a parte, com o vivo desejo de quem muito espera. No dia 2 de julho deram as horas costumadas e o correio não appareceu. Com o tempo cresceu o cuidado, e ás quatro da tarde já era em todos grande, que o exemplo do passado era bem para fazer receiar do presente. Por volta da meia tarde 4 soldados do regimento 28 chegaram com officio para a administração do correio. O resultado confirmou a geral anciedade. Os guerrilhas, subindo de ponto na ousadia, atacaram a propria escolta a quem mataram dois infelizes, e feriram outro perigosamente, passando-o com duas ballas e assaltaram o pobre do estafeta de quem se não sabe por ora, mas que fortemente suspeitam ter sido egualmente assassinado. Tal é o estado em que se-acha o *Algarve*. Atrocidades taes, e tão frequentes, e tanto nas faces do govêrno não lhe-excitarão a vontade de acabar de uma vez com tanto ousar? Vontade lhe-queremos nós, que a falta d'ella a temos por principal falta sua. Se esta potencia lhe-pozer em acção as outras, crêmos que finalmente o triste *Algarve* gosará emfim da paz, que não tem a da livre circulação de noticias sempre tão desejadas, a que só os ausentes pódem dar o verdadeiro valor!

UM ROUBO MYTHOLOGICO.

605 Ha no *Porto* um logista na rua de *Fernandes Thomaz* chamado *Antonio d'Oliveira*. E' homem de má sina, o sr. *Antonio d'Oliveira*—tão má para elle, e tão boa para ladrões, que só n'este anno lhe-tem feito a charidade de o-roubar quatro vezes levando-lhe d'uma 40$000 rs. em diversos valores.—*Já é propensão!*

Na noite de 4 para 5 do corrente dormiam todos em casa do nosso amigo, só elle não—não elle que mal poderia socegar quem saira ao mundo com tão desgraçado fadario. Pelas duas horas da madrugada cuidou o bom do homem sentir rumor na loja e, como é bem de crêr, logo tudo se-sobresaltou, mas na rua conversavam duas patrulhas, e defronte uns carreiros a acarretarem estrume—não havia rasão para temer. Passaram-se alguns crêdos, e o pobre do logista applicou de novo o ouvido... D'ésta vez já não havia duvidar. Era gente, ergue-se o homem como quem já estava tão costumado a estes abalos, desceu as escadas e foi-se á loja... Da loja saltou-lhe um homem—mas que hómem! Imaginae um *Hercules* no proprio trajo em que mal o-pinta a mythologia, só com a differença de trazer em vez de pelle do leão de *Neméa* umas ciroulas de linho. Ciroulas era só a vestidura que trazia. No mais enroupado como *Adão* no paraiso terreal. Ora como o tal *Hercules* não tinha feito a galanteria de se-arranjar tão decente só por divertimento particular, claro estava que as suas intenções eram muito equivocas. Pelo menos foi isto o que pensou o nosso *Antonio d'Oliveira*, ou antes foi o que não pensou, porque o seu hóspede fabuloso sem lhe-dar tempo a abrir a bôca, lançou-se-lhe ao pescoço, principiou a luctar com elle como um desalmado d'um bruto que era, e sem mais tir-te nem guar-te entrou no desempenho do character em que vinha, que era uma consolação vêl-o. Mal iria o triste do logista, que pelos modos não estava muito habituado ao pugilato, mormente com divindades pagãs, senão fôra uma mulher que de cima veio abrir a porta aos gritos das patrulhas.

O sr. *Hercules* era nem mais nem menos um soldado d'artilheria n.° 3, que se-limitára assim á sua natural formosura para melhor se-introduzir na casa pela chaminé visto ser de dimensões um tanto desinvolvidas para tão apertado introductorio. Entrado que elle fosse devia de abrir a porta a mais quatro camaradas do mesmo regimento, que foram os que ao roubo o-incitaram. Os 4 fugiram—mas o sr. *Hercules* ficou. Foi pena que se-saisse tão mal da sua experiencia mythologica.

Assim mesmo consta que a pirraça feita pelo logista aos ladrões em se não deixar roubar d'este, lhe custára algumas pisaduras, e as costellas desmanchadas.

Se o homem tem aquella balda, para que foi oppôr-se ao destino!

LIÇÃO PARA VELHAS SOLTEIRAS.

606 Vivia perto do logar dos *Conões* freguezia do mesmo nome no concelho de *Cantanhede* uma mulher já idosa a quem a sua má sorte tentou de casar com um moço, que não era dotado do melhor coração. Casou a mulher com effeito fazendo a felicidade do noivo por ser mui farta dos bens da fortuna, ao passo que elle era pobre e criado de servir. Passaram os primeiros mezes de noivado, e já o ingrato moço borrecia á que por todos os motivos devia amar. Os laços que os-uniam eram rijas cadeias que arrastava! A par do máu tratamento, que dava a sua mulher, fazia galla de a-atormentar com ciumes, tractando com amores com uma sobrinha d'ella com que andava amancebado e com quem pertendia casar logo que a morte levasse a sua bemfeitora. Eram meados do passado junho quan-

do entrando uma noite em casa deita-se-a sua mulher, fraca pela edade e máus tratamentos, lança-a por terra e pondo-lhe os pés no peito e no ventre lhe-faz alli exhalar os últimos alentos de invólta com sangue por aquelles labios que lhe-tinham jurado felicidade ante os altares. Em momentos perdeu este barbaro assassino sua mulher, e os bens, e o socêgo. Corre a justiça nas diligencias de havêl-o ás mãos.

A POLICIA DO AVESSO.

607 Pelas 4 horas da tarde do dia 6, foi conduzido para a guarda do govêrno civil de *Lisboa*, um individuo official de impressor, por se-achar na rua muito embriagado, mas como o vinho o-inquietasse e um soldado da mesma guarda se-zangasse com isso, tractou de lhe-maxucar a cabeça com os pés e joelhos á vista de seus camaradas e do povo que alli havia affluido: esta scena causou bastante horror aos spectadores que vociferavam contra o aggressor, mas este passeava na sua frente mui tranquillamente, mostrando nas calças grande porção de sangue, que havia saido da cabeça do miseravel a quem a infeliz consorte e um filho de menor edade, pouco depois vieram vêr, prantear, e conduzir para sua casa.

A guarda era municipal; poucas horas depois foi rendida, e consta que o excellentissimo commandante procede contra o soldado.

ROUBO.

608 Pelas 11 horas da noite do dia 6 do corrente na calçada da graça loja n.° 31 em que habitava *Josefa Tereza*, na occasião em que esta ía a entrar, foi tomada por dois individuos desconhecidos que a-deitaram no chão, taparam-lhe os olhos, meteram-lhe os dedos pela bôcca, apertaram-lhe as guélas, e sem dúvida a-teriam morto se a visinhança sentindo gemidos não accudisse gritando por soccorro, o que fez com que os aggressores se-evadissem.

RESULTADO DAS OBSERVAÇÕES DE JUNHO.

609 Temperatura média das madrugadas 62,8° F — (13° meio R) — dita nas horas de maior calor 84°,1 (23 um quarto) — dita média do mez 73°,4 (18 meio) — variação média do temperatura diaria 21°,3 (9 meio) maior variação diaria a 23 do mez, 36° (16) — maior frio a 11 do mez, 56° (11°) — maior calor 26 do mez, 99° (30°) — menor altura do barometro a 5 do mez, 751,3 mill. — maior dita a 23 do mez, 762,3 mill. — média do mez 758,6 mill. — *Ventos dominantes*, contados em meios dias N, 11 — NO, 7 — O, 1 — SO, 18 — NE, 1 — B, 17 — V. 5. — Dias claros 11 — claros e nuvens, 10 — cobertos com alguns claros 2 — cobertos 6 — chuva 1 — nevoeiros 3 — ventosos 8 — calor notavel 15. — Houveram 5 quadras dominantes, que tem sido descripta nos antecedentes números d'este jornal. No decurso d'este mez apenas houve uma muito chuvosa, que n'esta cidade só forneceu 6 millimetros de agua, ou 21 canadas por braça quadrada, quantia assás mingoada, e de mui pouco effeito. Em *Cintra* avultou a 15 mill. mas tambem alli foi limitada em determinados sitios, sendo esta insignificante rega natural a que tem recebido o termo de *Lisboa* no decurso de dois mezes de prolongada secca, que provavelmente deve continuar nos dois mezes seguintes. Do que fica exposto se-collige que o mez de junho decorreu extremamente calmoso e secco excedendo a temperatura média quasi 5 gráos Fah. à normal deduzida das antecedentes observações, e por isso o mais quente que temos observado no decurso de 20 annos.

Phenomenos notaveis. No dia 26, o mais calmoso do mez, foi a cidade do *Porto* invadida pela tarde, de uma multidão de formigas de azas, e mosquitos, os quaes se-espalharam por muitos bairros, e se-diz foram vistos sair em espessas nuvens d'alguns sitios pantanosos que existem atráz da rua de Cedofeita: a tarde foi tambem alli excessivamente calmosa, assim como o-tinha sido em todo o dia antecedente.

Additamento aos fenomenos de *Maio*. Na tarde do dia 7, um dos mais violentos tremores de terra sepultou a bella cidade do *Cabo Haytiano*, na ilha de *S. Domingos*, cuja população subia a 25 mil habitantes. Mais de duas terças partes dos seus moradores desappareceram debaixo das ruinas, que foram depois devoradas do incendio que se-seguiu. As duas cidades de *S. Nicoláu* e *Porto Principe*, e outras povoações da ilha tambem soffreram grandes prejuizos, sendo esta catastrophe uma das mais memoraveis da nossa época. — Annunciou-se esta calamidade em *Porto Principe*, por um grande calor, e por um espesso nevoeiro que cobriu o horisonte desde o nordeste até ao sueste. Os abalos duraram tres minutos, e se repetiram, ainda que menores, nos dois dias immediatos, notando-se grande irregularidade na atmosphera, succedendo com incrivel rapidez o calor, a chuva, e as fortes rajadas de vento.

Qualidades caracteristicas de um mez de *julho regular*, deduzidas das antecedentes observações. — Temperatura das madrugadas 62°,6 F (13° meio R) — dita nas horas quentes 81°,1 (22°), sendo por consequencia a variação diaria do calor de 18,5° (8). A temperatura média do mez é de 73° (18°) e por consequencia excede 5° meio F. à que se exprimenta em *Paris* no mesmo mez, e 8° e meio à de *S. Petersbourg*. O maior frior que apparece regularmente é de 56° (11°), e o maior calor de 94° (27 meio); porém em alguns annos excepcionaes já vimos baixar o thermometro a 51° (8° meio) e subir a 105 (32 meio), sendo este mez o mais calmoso do anno. — A escassa chuva que apparece regularmente não passa de 6 millimetros ou 21 canadas por braça quadrada distribuida em dois dias chuvosos. O número dos dias de calor notavel sóbe a 13, e dos dias ventosos a 7. — As duas marés de aguas vivas d'este mez, serão fracas, especialmente a que deve seguir-se á lua cheia de 22, e pouco excederá a tres quartos da maré média regular.

M. M. Franzini.

610 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 6 JULHO ATE' 11 JULHO 1842.

Dias do mez	*Thermometro exterior*		*Barometro*		*Pluviometro.*	*Ventos dominantes e sua força.*	*Estado da Athmosphera.*
	Min.°	*Max.°*	*9 h. m.*	*3 h. t.*			
6	62°	76	764,5	763,1		¹NO¹	Claro: tarde m.ᵗᵉ fresca e ar secco.
7	60	82	62,0	61,0		²N NO¹	Id. Id.
8	64	83	60,8	60,4		³N¹	Id.: dia quente, e fresca a mad.ᵃ e noite.
9	62	80	61,0	59,7		²N¹	Id. Id.
10	60	79	59,1	58,5		P NO	Id. Id. atmosphera vaporosa.
11	63	82	58,7	59,0	1	¹SO ²NO	Cob.° e alg. claro: brando chovisco de tarde: atmosph. vaporosa e húmida.

Terminou no dia 5 a influencia da primeira quadra, dando logar á segunda, de 4 dias, que se-fizeram salientes pelos ventos do norte e noroeste, que sopraram mui rijos, refrescando notavelmente as madrugadas e noites, ainda que nas horas meridianas continuaram a sentir-se calores. A 10 abrandaram aquelles ventos, baixou um pouco o barometro, tornando-se vaporosa e húmida a atmosphera, e tenue chuvisco na tarde do 11, com cujos phenomenos começou a 3° quadra, a qual tem pouca apparencia de permanecer.

M. M. Franzini.

LISBOA: NA TYPOGRAPHIA LUSITANA.
Rua das Parreiras n.° 4, a Jesus

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sáe ás quintas feiras.=Escriptorio na rua da Quintinha n.° 53=Assigna-se no Escriptorio e na loja da viuva de João Henriques n.° 1, rua Augusta=Avulso 80 réis: 12 números 600 réis: 24, 1200 réis réis: 48, 2400=O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados. (Cada serie de 12 números, desde o principio do jornal, custa 600 réis=Os assignantes, que não receberem ao dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias=Os das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhe-convier=Sobrescripto da Correspondencia: Ao Redactor da Revista Universal, rua da Quintinha n.° 53=Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimento dignos de publicidade=Qualquer artigo de interessante será accolhido com gratidão e publicado=A Redacção annunciará, e convindo analysará qualquer publicação nova de que se-lhe-remetta um exemplar=Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o-desejar=Tambem no seu Escriptorio se-patentearão ao publico objectos de similhante natureza, que para alli sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal=Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes=A distribuição na capital faz-se em tres horas=Este número sae ás nove horas da manhã.

EXPEDIENTE.

Avisa-se aos ASSIGNANTES, que ainda não teem pago, que o-pódem fazer, ou no escriptorio d'esta folha, rua da *Quintinha* n.° 53; ou na loja da viuva *Henriques*, rua *Augusta* n.° 1; ou sendo de *Lisboa* ao distribuidor, que juncto com o seguinte número da *Revista*, lhes-entregar o competente recibo. Os devedores, que por qualquer d'estas tres vias, não pagarem, intender-se-ha que *cessaram de ser subscriptores*: pelo que não tornarão a receber senão uma folha, sendo dos que residem na capital, e duas os das provincias.

Com este número se-distribue, *gratis*, aos assignantes o 2.° número da REVISTA DO CONSERVATORIO REAL.

CONHECIMENTOS UTEIS.

611 GAZ LUCÍFERO.

Por darmos alguma satisfação ás cartas, em que todos os dias, e de todas as partes do reino, se-nos-vem perguntando pelo gaz lucífero, económica e formosa illuminação por nós, ha tanto, annunciada, declaramos que o sr. *Barreto*, apesar de não haver obtido o privilégio, já tem estabelecida no *Ginjal*, da outra banda do *Téjo*, uma fábrica para a manipulação do liquido; e já o-póde vender a quem quer que o-procurar na sua botica da rua do *Loreto*. Só faltam os candieiros proprios, em que elle deve servir; e de que por estes oito ou quinze dias espéra lhe-chegue de *Pariz* um grande sortimento, que tem encommendado.

EXTRAORDINARIA PAVEA DE TRIGO.

612 Passeando um dia da semana passada na quinta de meu tio, o sr. *João José Dias*, no sitio da Luz, freguezia de *Carnide*, encontrei no meio da vinha um pé de trigo, que por acaso alli nascêra com as dimensões, e producção, que vou transcrever: continha 43 hastes, as mais altas de 3 pés, e as mais pequenas de 2 pés e meio: as hastes produziram 45 espigas com 1:525 grãos, pesando 3 onças, sem que o dicto pé tivesse recebido amanho particular: apenas quando cavaram a vinha o-deixaram os trabalhadores sem arrancal-o, ficando por isso a terra cavada em roda do pé, unico tractamento, que teve.

Da relação, com que nos-brindou o sr. *Leite* claramente se-póde concluir, de que proveito seria fazerem-se as sementeiras mais ralas do que é uso nas nossas terras: o pouco terreno, que se poderia suppor esperdiçado n'esta proveitosa prodigalidade de chão, ficaria largamente compensado com grande desinvolvimento dos pés, com a belleza do grão, e com a abundancia das espigas. Seria sobre modo util que alguem tão zeloso da nossa agricultura, como se-mostra o sr. *Leite*, tentasse mais ampla experiencia, d'onde colhida a prova indubitavel do bom resultado, se-espalhasse o uso por todo o reino.

REMEDIO PARA DAMNADOS.

613 O doctor *Fouilhoux*, médico do *Hotel-Dieu*, constando-lhe que a cevadilha *(cévadille)* era empregada pelos indigenas do *México* contra a hydrophóbia, applicou-a em um similhante caso. Depois de ter dado ao doente sessenta grammas, observou, que melhorava pouco a pouco: e alguns dias depois saiu elle do hospital, julgando não haver estado doente do hydrophóbia.

REFLEXÕES SOBRE A INFLUENCIA DAS ESTAÇÕES NA MORTALIDADE DOS HABITANTES DE LISBOA.

614 Entre as causas, que acceleram ou retardam os effeitos da lei de successiva extincção dos individuos, que receberam o dom da vitalidade, devemos reputar uma das mais poderosas, a influencia das estações, as quaes pelo excesso de calor ou de frio, de seccura ou de humidade, ou pelos gazes, que se-desinvolvem nos terrenos pantanosos, ou que transpiram do interior do globo, atravéz das fendas que a demasiada seccura produz no terreno (como acontece em *Roma*, e nas suas campinas occidentaes), obram com poderosa influencia sobre a economia animal, desinvolvendo enfermidades agudas, que augmentam o número dos óbitos em certos mezes criticos. Nos tempos mais remotos, e ainda quando a physica e chymica estavam na infancia, não escaparam estas considerações aos génios transcendentes d'aquellas éras, como attesta o luminoso tractado dos ares, das agoas, e dos logares, do illustre *Hippócrates*, que ainda hoje se-medita com admiração, apesar dos maravilhosos descobrimentos dos modernos, e da feliz applicação dos delicados instrumentos, que a industria do nosso século tem inventado para medir, com a mais rigorosa precisão, a intensidade e grandeza dos principaes phe-

nómenos da naturesa. A statistica ou numeração e classificação dos factos observados relativos á especie humana, veio tambem prestar grande auxilio a taes indagações. Applicando estes principios ao nosso objecto, observarémos que na maior parte da Europa se-teem investigado com particular attenção os effeitos d'estas influencias sôbre a conservação da vida humana, tanto nas cidades como nos campos, reconhecendo-se factos da maior importancia a respeito das leis invariaveis, com que a naturesa regula a renovação dos individuos da especie humana; porém como no nosso paiz se-tem dado pouca importancia a similhantes objectos, cuja investigação se torna assás difficil pela raridade dos documentos, em que esses factos sejam registados, pareceu-nos util encetar ésta carreira, despertando a curiosidade pública sôbre taes assumptos; dirigindo as nossas indagações sôbre a lei da mortalidade em *Lisboa*, nos diversos mezes do anno. Para este fim aproveitámos os documentos existentes na câmara municipal de *Lisboa*, desde que se-estabeleceram os tres cemitérios, aonde se-sepultam todos os cadáveres dos que se-finam na cidade. Os empregados do município se prestaram com a melhor vontade em satisfazer ao nosso empenho, pelo que lhe tributímos o nosso agradecimento; e o mesmo nos-aconteceu a respeito das duas freguezias de *Belém* e *N. S. da Ajuda*, as quaes enterram seus cadáveres no cemitério do *Alto do Teixeira*, actualmente independente da câmara municipal, para a qual cessaram as remessas dos mappas mensaes, que nos primeiros annos se-fazia; porém as respectivas junctas parochiaes egualmente se-prestaram aos nossos desejos, pelo que nos-achâmos habilitados a offerecer um mappa necrológico assás exacto, que comprehende o período dos 5 annos decorridos desde 1837 até 1841, classificado pelos respectivos mezes do anno. Eis o resultado de nossas indagações, que comprehendem o número dos óbitos de todas as freguezias da cidade, incluindo as duas de *Belém* e *Ajuda*.

	Total.	Mensal.	Diario.	Prop. decimal.
Janeiro	3008	602	19,38	8,73
Fevereiro	2522	504	18,00	8,11
Março	2922	584	18,83	8,48
Abril	2658	532	17,70	7,98
Maio	2487	497	16,01	7,20
Junho	2396	479	15,96	7,18
Julho	3015	603	19,45	8,76
Agosto	3128	625	20,16	9,07
Septembro	2865	573	19,10	8,59
Outubro	2974	595	19,20	8,64
Novembro	2906	582	19,37	8,71
Dezembro	2944	589	19,00	8,55
Totalidade	33825	6765	222,16	100,00
Médios	6765	563	18,51	8,33

A primeira columna de algarismos indica o número total dos óbitos acontecidos no decurso dos 5 annos; a segunda o número médio correspondente a cada um dos mezes; porém como estes são desiguaes no número dos dias, foi necessario calcular a terceira columna, que avalia o número médio, que compete diariamente a cada um dos referidos mezes; e por ésta deduzimos a quarta columna, que indica o número dos óbitos mensaes, suppondo a totalidade annual representada por 100.

Do exame d'este mappa se-deduz que os mezes mais criticos são o de agosto e julho, e os mais favoraveis á conservação da vida, os de junho e maio: avultando a differença de mortalidade entre os dois primeiros e os dois últimos a um sexto. A ordem em que se-seguem, começando pelos mais críticos, é a seguinte: agosto 9,07 — julho 8,76 — janeiro 8,73 — novembro 8,71 — outubro 8,64 — septembro 8,59 — dezembro 8,55 — março 8,48 — fevereiro 8,11 — abril 7,98 — maio 7,20 — junho 7,18.

O phenómeno, que resulta de nossas investigações, é assás importante, por isso mesmo que é opposto ao que se-observa nos paizes septentrionaes da Europa, aonde se-teem feito similhantes indagações: pois fica demonstrado que os dois mezes mais fataes á vida dos habitantes d'esta capital, são os de agosto e julho em contraposição aos de junho e maio: sendo o total da mortalidade dos primeiros para a dos segundos, como 100 para 84, o que excede a um sexto, e que avulta a 234 óbitos, além dos que aconteceriam, se a lei da mortalidade se-conservasse egual á que rege nos dois mezes favoraveis. É pois evidente que existe uma causa occulta, que repentinamente desinvolve a sua funesta influencia nos sobredictos dois mezes, invertendo o curso ordinario da mortalidade, que em todos os paizes é menor nos mezes do estío, e mais avultada no inverno.

Um facto, tão evidentemente provado, é digno de attraír a attenção dos nossos sabios facultativos, afim de investigarem as causas a que é devida esta anomalía; e, se nos-fosse permittido aventurar uma opinião a similhante respeito, inclinar-nos-hiamos a attribuir este excesso de mortalidade ao abuso, que nos sobredictos mezes fazem as classes, pouco abastadas, de fructas mal sasonadas, especialmente de melões e melancias, que se-vendem em grande quantidade por baixos preços, cujo nocivo alimento, sendo quasi exclusivamente empregado por aquellas classes, produz laboriosas digestões, predispondo ao desinvolvimento de graves enfermidades gástricas, e febres intermittentes, que apparecem n'aquelles mezes principalmente nas duas margens do Téjo, tambem procedidas pelas exhalações de gazes morbificos, que o intenso calor e excessiva seccura dos referidos mezes desinvolve nos terrenos baixos e alagadiços, comprehendidos entre *Santarem* e *Sacavém*, e na correspondente margem do sul; sendo provavel que muitos dos enfermos atacados venham terminar a sua carreira nos hospitaes de *Lisboa*, augmentando-se por este motivo o número dos óbitos nos referidos mezes: porém cumpre notar, que tendo separadamente procedido a egual exame no número dos óbitos acontecidos no periodo de 4 annos nas duas freguezias de *Ajuda* e *Belém*, achâmos o mesmo resultado, sendo ainda mais avultado o excesso da mortalidade nos dois referidos mezes críticos comparados aos dois favoraveis, pois que sóbe aquella differença a 32 por cento, ou quasi um têrço. A proporção da mortalidade mensal n'aquelle bairro, suppondo o total do anno representado por 100, é a seguinte: — janeiro 8,07 — fevereiro 6,59 — março 9,27 — abril 7,15 — maio 6,90 — junho 7,42 — julho 10,18 — agos-

to 10,71 — septembro 8,33 — outubro 9,25 — novembro 8,03 — dezembro 8,05. — Ora nestas duas parochias não póde verificar-se a hypóthese do augmento de mortalidade devido aos enfermos transferidos de fóra da cidade, pois que no seu districto não existem hospitaes; e por consequencia este resultado confirma a existencia da causa local, cuja funesta influencia apparece n'aquelles dois mezes; e ainda que o periodo das observações não é dilatado, e a povoação é pouco numerosa, comtudo a mortalidade média annual d'aquellas duas parochias sobe a 329 individuos; pelo que os resultados deduzidos offerecem uma contraprova do facto, digna de consideração.

Cumpre-nos mencionar que um similhante phenomeno, relativo ao mez de agosto, foi egualmente observado em *Stockholm* pelo mathemático *Wargentin*, e em *Montpellier* por *M. Morgue*, concordando ambos aquelles escriptores, em que esta anomalia procede de causas locaes, que invertem a ordem natural observada em todos os outros paizes.

Talvez provenha d'este facto, que pela primeira vez submettemos ao rigor do calculo statistico n'esta cidade, a vaga prevenção popular, que existe em desabono do mez de agosto, geralmente reputado doentio pela maligna influencia dos caniculares: mas que na realidade é o mais funesto do anno, ainda que por causas bem diversas das que lhe attribuia este resto das preoccupações astrológicas.

Terminaremos as nossas reflexões com o resumo do mappa, que expressa a lei da mortalidade mensal observada na totalidade das cidades do reino da *Belgica*, deduzida de dez annos de observações feitas sobre 620 mil óbitos. Reduzindo os seus resultados á proporção decimal, como fizemos nos antecedentes mappas, teremos para janeiro 9,66 — fevereiro 9,06 — março 6,75 — abril 8,35 — maio 7,88 — junho 7,51 — julho 7,28 — agosto 7,58 — septembro 8,08 — outubro 8,33 — novembro 8,53 — dezembro 8,98: do que se-infere que na *Belgica* são os mezes de janeiro e fevereiro os mais funestos á vitalidade, e os de junho, julho, e agosto os mais benignos.

Tendo fixado com sufficiente exactidão o número médio annual dos óbitos em *Lisboa*, no último quinquénio, em 6765, aproveitaremos esta base para deduzir indirectamente o valor total da população da capital: que compararemos a outras avaliações existentes: mas sendo já demasiado extenso este artigo, reservamos tal assumpto para outra occasião.

M. M. Franzini.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

BAHAREM.

27 *de julho de* 1521.

615 Antigas eras houve, em que até os bichos do matto fallavam; e foi singular providencia emmudecerem, depois que os homens entraram a fallar de mais; ¡que a não ser isso assim, quem se-intendêra hoje com tal algaravia, se só os homens dão tanto que intender! D'ahi veio ficarem os homens com algumas mui ruins manhas; tudo motivado da convivencia e tracto, mui familiar, com os camaradas brutinhos, palradores de outro tempo. Confirmam-no alguns auctores, que escrevendo sobre monumentos authenticos, e memorias authographas e inéditas, mui fieis chronicas das alimarias, se-achou que haviam escripto, nem mais, nem menos do que a historia dos homens. Por todos allegaremos só a *Phedro*. Não sem mysterio deu este estimavel, e mui veridico historiador principio á sua chronica pelo bem conhecido capitulo do lobo e do cordeiro. E, certo, que por ser de todos os tempos, e de todas as horas a imitação d'aquelle exemplo, bem era que occupasse a cabeceira do livro. — ¿Aquelle regato, aonde ao mesmo tempo se-encontraram lobo e cordeiro para matar a sede, que outra coisa é, senão todos aquelles logares, aonde os homens aventam, que poderão achar com que saciar a sua insaciavel sede de lucros e interesses, e aonde se arrojam desattentos? Mas sirva de escarmento aos cordeiros o caso de *Phedro*; não percam o tempo em allegar razões de sua justiça; antes lhes-será mais proveitoso evitar com prudencia, já que o não pódem com a força, as garras do lobo. — Nós os portuguezes tambem já fomos lobos por esse mundo fóra; já engolimos muito cordeiro; e com quanto nos-tenham tirado de entre os dentes algum, *talvez* mal seguro, ainda comtudo nos-resta no ventre, com que passar folgadamente, se na cabeça nos não faltar juizo.

¿Mas, a que vem todo este arrazoado de lobos e de cordeiros? ¿a que? eu vol-o digo. E porque vos-quero hoje levar alli a *Ormuz*, e representar-vos uma das scenas, que lá passaram, quando eramos lobos. E era isto no anno do Senhor 1521. — Chega no maio d'este anno *Diogo Lopes de Sequeira* (um dos lobos portuguezes d'aquelle tempo) a *Ormuz*, e foi-se ao rei d'aquella ilha. — Venho, (lhe-diz o *Sequeira*) cobrar as páreas, que vossa real senhoria deve a elrei de Portugal, meu senhor; e ás quaes é teudo por tractos e juramento. — Bem folgára, capitão, (respondeu o rei) de pagar-vos o que de tanta justiça me-pedis; ¿mas como satisfarei ao meu e vosso empenho, se os mais poderosos vassallos da minha corôa se-hão rebellado, e não acodem com os devidos tributos? Bastará só que o régulo da ilha de *Baharém* não fôra dos levantados, que eu pagára pontualmente as páreas a elrei meu senhor e irmão. — Por estes mares andamos (diz o *Sequeira*) só por ajudar desvalidos, e castigar vassallos rebeldes a seu legitimo senhor! nem para outra coisa viemos demandar o vosso porto, mas que para vos-servir. — *Antonio Corrêa*, (continúa o capitão, voltando-se para um dos seus) cumpre ao serviço de Deus, e d'elrei, nosso senhor, que vos-vades prestes á ilha de *Baharém*, e me-envieis a cabeça do rebelde *Mocrim*, acompanhada de todo o precioso, que houver em sua terra; uma para justo castigo de sua rebeldia; outro para pagamento das páreas a elrei, nosso senhor. — *Antonio Corrêa* (que tambem não era cordeiro) não tardou a pôr por obra o mandado de seu capitão-mór. Aos 27 de julho saiu em terra na ilha de *Baharém*. Não vos-demorarei na descripção da abundancia e variedades de suas tâmaras, na riqueza da pescaria de suas pérolas e aljôfres; nem tão pouco na bôa disposição e natural vantagem de suas fortificações. Dizendo-vos que *Antonio Corrêa* saiu em terra, já vos-tenho dicto, que investiu as fortificações, feriu, matou, derrotou, e destruiu a tudo quanto lhe-fez cara. — No maior calor da refrêga soou a nova de ser mor-

to *Ayres Corrêa*, seu irmão — A'vante, amigos, deixai-o, que acabou em seu officio — e foi avante. — Cumprida foi a ordem do capitão-mór: presenteando ao rei de *Ormuz* com a cabeça do regulo levantado: e nos paços d'este fez *Antonio Corrêa* cavalleiros aos que o-quizeram ser, pelo feito ser muito honrado, e dos bem pelejados. — D'esta acção accrescentou *Antonio Corrêa* ao seu appellido o de *Baharem*, que seus successores conservaram.

Era este *Antonio Corrêa* o mesmo, que contando apenas doze annos, se-salvou da feitoria de *Calecut* ás costas de um seu camarada, quando os moiros a-investiram, e mataram n'ella ao feitor *Ayres Corrêa*, seu pai. — Era este o mesmo *Antonio Corrêa*, que ao jurar as pazes com el-rei do *Pegú*, emvez de o-fazer sobre o breviario do capellão, que achou todo cebento e esfarrapado, mais quiz servir-se do *Cancioneiro de Resende*, que então estava todo novinho e loução: e não com pouco sobresalto seu, ao abril-o, deu, com os olhos n'umas trovas, que começavam pelo texto de *Salomão* — vaidade das vaidades, e tudo é vaidade.

O nosso *Pindaro*, *Antonio Diniz*, cantou em uma ode as proezas de *Antonio Corrêa*. Se sois classico, tel-a-heis já lido: se sois romantico, nem soffrereis que vol-a aponte: e se vos não intrometteis na barafunda de classicos e romanticos, convido-vos a que a leaes na primeira occasião.

J. H. da Cunha Rivara.

CONTOS PARA CREANÇAS.

N. B. Postoque a um dos nossos collaboradores se-dirijam os elogios, que a muito parcial amizade do nosso distincto litterato, o sr. *Mendes Leal*, entreteceu na introducção, que se-vai lêr, por não desfalcar a sua bella prosa, e sobre tudo por obedecer ás suas instancias, intendemos, dever conserval-os fielmente.

AO SR. ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO.

616 Parece que Deus para nos-fazer menos enfadosos os asperos caminhos do mundo, nos-poz na terra as creanças, como vasos de purissimo christal, em que fossemos apagar a sêde que todos temos de consolações n'esta dolorosa peregrinação da vida. São ellas flores da humanidade — formosas flores, cujo perfume de innocencia tanto encanta e reanima. Pensando n'estas verdes esperanças, anjinhos da terra, que no regaço de suas mãis devem de fazer inveja aos do céo, julguei que seria serviço grande tractar de compôr algum alimento proprio e substancial para estas creaturinhas melindrosas, symbolos de graça e de amor; e lembrou-me tentar a feitoria de alguns contos, que pela singeleza podessem ser percebidos e pelo succo moral aproveitados d'ellas. Bem vi eu logo que tal empreza requeria mais força, mais tempo, e cabedal do que o pouquissimo de que posso dispôr. — Mas não desisti: porque achei mais glória em desprezar estes estimulos de amor proprio, que não em seguir os conselhos de vaidade mal cuidada.

Dizia-me que sim a consciencia do muito que o exemplo póde aproveitar a essas almasinhas tenras, até aqui tão pouco olhadas entre nós, e proferi o «sim» da consciencia ao «não» do meu egoismo. Sobre isto era para mim singular consolação repousar-me alguns momentos com o mundo pequenino d'esses pequeninos entes tão amaveis, que para mim só edifiquei nas minhas, hoje, por desgraça raras, horas de solidão. Sou pequeno, com os pequenos me-quero, me-alegro, e me-contento. As poucas horas que ultimamente tenho tirado a esta minha, agora, tão cortada e affadigada vida, para dal-as ao trabalho de que a mim mesmo me-encarreguei, teem sido porventura as mais suaves que ha muito sinto passar. Sejá pobre esse trabalho — não m'o-digam, que o-sei — mas porque pobre sim, é devertibuar-lhe alguma grande e boa sombra, que lhe-faça com o tempo dar o fructo, que desejo. Bom filho, bom irmão, bom amigo, bom marido e bom pai, ninguem vejo eu, como o illustre auctor de tantas illustres obras, para dar amparo e protecção a esta mesma plantasinha rasteira. Planta é ella, que mais deve o nascimento a v., do que a mim, que lhe-faço vêr a luz. Nas nossas particulares conversações, tão saudosas na minha lembrança, e da parte de v. tão cheias d'aquella poesia do coração, que se-infiltra por todos os póros d'alma — perdoe-se-me a expressão — algumas vezes tractámos d'este assumpto. Não me-passou da lembrança — amadureceu com o tempo o pensamento, que não era meu: e agora ahi o-offereço, ou antes o-restituo a quem tão de direito pertence, todo inteiro e sem restricções. Se falta aos meus contos graça e lustre; sobre-lhe ao menos bom desejo. — Despida de interesse infantil, que póde prender a attenção das creanças, a melhor moralidade ficará sem fructo para ellas. Cumpre adubar-lh'a, para seu paladar, ageital-a aos seus modos, medir-lh'a pela sua capacidade. Já assim o-fizeram em *França*, mas o que por *França* se-faz, nem sempre serve em *Portugal*. Tentei-o aqui para nós. — Se o-logrei não o-sei eu.

Digne-se v. acceitar a minha pobre offerta (que de um pobre só pobrezas se podem esperar), e ficarei mais que pago da grata fadiga, que tomei.

Glória grande seria para mim, se contos da collecçãosinha, que vou dispondo, fossem ensaiados pelos filhos do grande poeta, mimo de *Portugal*, historiador, philosopho, tão cheios de gôsto e de saber.

José da Silva Mendes Leal Junior.

I.

Ninguem faça mal com esperança de lhe-vir bem.

Era um vez uma menina — ¡linda menina que ella era! — Muito linda de rosto, de gêsto, e de figura e de tudo, porém muito feia de coração. Vivia esta menina com sua mãi, que a-adorava, e com outra irmãa, que tinha mais velha, e melhor, sem comparação, muito melhor. Adorava-as a ambas, como vos-digo, a boa de sua mãi, que era uma senhora moça e ainda formosa; mas pesava-lhe muito e muito, que tanta maldade se-escondesse em tão galante creatura. Quem visse a menina chamar-lhe-ia um anjo, que tamanha gentileza tinha; mas quem na tractasse . . . — ¡ai! ¡Deus do céu! — nem eu me-atrevo a pensar no que lhe-chamaria.

Tinha ella septe annos — uns septe annos travessos como os septe peccados mortaes — e se bem me-lembra, chamava-se *Luiza*. Ora a menina *Luiza*, que vivia muito estimada, e acariciada por sua mãi, e com muitos mimos de creação, era, como vos-ia contando, uma endiabrada muito endiabrada — muito e muito má lá de dentro. Custa-me deveras ter que dizer-vos isto de tão linda menina, mas é a pura verdade.

Fazia chegar o prazer ao coração, vel-a logo de manhã bem vestida, bem pregada e bem penteada, feita um brinquinho, com muitos cuidados e disvellos; era uma dôr d'alma — quando meia hora depois apparecia enxovalhada e desgrenhada — toda outra, mui diversa do que fôra — uma bruxa horrenda para a vista. Não era isto que ella fosse do seu natural inimiga do aceio, mas porque tanto corria, tanto saltava, tanta travessura fazia, que em breve todo aquelle conchêgo, arranjo e concerto, era como se nunca lh'o-houvessem feito. Ora bem vêdes que menina assim, só sua mãi — e tão boa mãi como ella era — a-poderia soffrer. Mas para que melhor vejaes até aonde chegava a maldade d'aquelle coração pequenino

quero contar-vos um caso, que lhe-succedeu — um caso cruel, que a-fez chorar muito, e muito, e por muito tempo.

Havia em casa uma cadellinha, côr de ganga, bonita! era uma perfeição. Fiel e boa amiga como quem era, limpa e nédia a não poder ser mais. Era a pérola da especie canina: só lhe-faltava fallar. Em mansidão não havia excedel-a. Brincava com as duas meninas, como se tivesse intendimento; deixava-se arrastar, torcer e beliscar pela diabolica *Luiza*, sem de tudo aquillo se-mostrar offendida; antes cada vez lhe-lambia mais e mais as mãos, fazendo-lhe festas, com ar queixoso sim, porém não agastado. Cançada de vêr que todos os seus maus tractos não valiam a enraivecer a boa cadellinha, ou talvez inspirada pelo demonio, tentador das meninas más (que eu não quero acreditar possa haver, bem profunda maldade n'estas almas novinhas, ainda ha pouco saídas d'entre as mãos do Creador) quereis saber o que ella fez? Sem se-importar com os bons conselhos de sua irmãa, que lhe-pedia com as lagrimas nos olhos não fizesse tal, pegou de um cordel muito forte, e chamando a cadellinha com o engôdo de alguns bolos — arripiam-se-me os cabellos só de pensa-lo — áta-lh'o á cauda; e começa a apertar-lh'o sem alma, cada vez mais e mais, com muito prazer seu e muito tormento e muitas sentidas queixas da pobre cadellinha, que toda se-torcia, e gania com a grande dôr, que lhe-faziam padecer. Emquanto o triste do brutinho erguia para a horrenda pequena uns olhos lachrimosos e reprehensivos, que fariam estallar de pena o coração mais duro, ria-se ella como uma perdida; ria como se-lhe-tivessem aberto um paraiso d'alegrias — ria, ria, ria, e cada vez apertava mais. A cadellinha era muito mansa, muito dócil, e muito meiga, mas não era de pedra.

A final seccaram-se-lhe todas as lágrimas do seu padecer — fugiram-lhe os gemidos dolorosos. Estava já a ponto de desmaiar de puro soffrer, quando por um instincto de defeza, mais poderoso, do que a vontade, por um movimento muito rapido, muito cêgo e muito cheio de desesperação, voltou a cabeça, e cravou os dentes na mão da cruel menina. — ¡Vejam que horror! A pobre da cadellinha, logo no mesmo momento arrependida do mal, que a sua dôr causára, começou a ganir com mágoa ainda maior, e deitou-se de rôjo no chão lambendo-lhe os pés, como quem se offerecia ao castigo. Quizéra eu que todas as creanças mal inclinadas vissem aquella vista — ¡Que vista meu Deus! O brutinho com um horrendo annel ensanguentado, feito pelo fatal cordel, na cauda que d'antes encaracolava com tamanha gala, e ella, a doida da *Luiza*, com a mão aberta pelo desespêro do pobre animalinho, que nunca na sua mansa vida fizéra mal a ninguem — ¡Ai! anjos do céu! Devia de ser medonho!

¿Mas podereis crêl-o? — Apesar da grande dôr, que sentiu, *Luiza* não chorou. Não chorou, porque uma voz desconhecida lhe-disse ao ouvido, que toda aquella dôr só a sua maldade lh'a-tinha feito; e ella nem um grito soltou! Oh! por muito má que uma menina seja, lá lhe-ha-de chegar por fôrça uma hora em que ouça aquella sancta voz da consciencia, que é a voz de Deus, pai de todas as meninas: *Luiza* não chorou, mas asseguro-vos que tambem já não ria como d'antes ria. Os gemidos generosos que a seus pés dava a linda cadellinha, entraram-lhe pela alma dentro, ensinando-lhe a arrepender-se.

N'isto chegou sua mãi com sua irmã, que vira aquella desgraça, e vinha toda chorosa. Que scena para tal mãi.

O primeiro impeto de *Luiza* foi atirar-se-lhe aos braços, mas não se-atreveu. Parecia que tinha os pésinhos pregados no sobrado — e tinha, que o pêso da vergonha não lhe-consentia dar um passo. A boa da senhora sabendo a feia acção d'aquella má, tinha a custo — a muito custo, crêde-me — composto um semblante bem severo e rigoroso: mas á vista d'aquella confusão, em que estava posta a culpada, d'aquelle grande arrependimento, e d'aquelle sangue das suas entranhas, que vertia a branca e linda mão de sua filha, todo o rigor se-lhe trocou no rôsto em mágoa e piedade. Sentiu-se tambem ferida no seu seio materno, e abriu-lhe os braços — uns braços immensamente consoladores, vergando de perdões e misericordias. — E como a infeliz — que assim podêmos chamar-lhe — e como a infeliz se-achou leve de repente! como correu a mergulhar n'aquellas ondas de compaixão, a dôr do seu arrependimento! como se-foi depressa esconder no peito de sua mãi o rosto e a vergonha! se a-visseis . . . que dó!

A boa da mãi já tinha perdoado. Perdão para tamanha culpa só poderia alcançal-o um grande arrependimento, e o arrependimento da menina era tal, como vol-o não sei contar. Apertou-a muito e muito a si, e por entre as lagrimas, com que lhe-aljofrava o rôsto, sorriu-lhe ternamente, como só sabe sorrir quem é mãi!

Deve de assim rir o céu, quando um criminoso se-arrepende.

A prudente senhora, não lhe-ralhou, não. Bem no merecia ella, mas a consciencia dizia mais á pobre menina, muito mais do que ralhos poderiam dizer. Ralhos quanto a mim só são para a maldade que não tem pejo, nem promette emenda. ¡Se os meninos soubessem quanto devem de custar a quem é mãi esses feios ralhos! Não ralhou, como vos digo; só lhe-disse emquanto lhe-lavava as feridas da mão com a agua de seus olhos e as da alma com o disvelo do seu amor »¿vês, filha, vês quantas boccas te-reprehendem da tua maldade?

E de certo reprehendiam. A dôr fizera entrar bem fundo os dentes da pobre cadellinha; mas a mordedura que o remorso lhe-fez no coração, essa foi ainda muito mais funda.

Teve a menina tamanha vergonha do acontecido, que por muito tempo conservou costume de esconder a mão, que fôra ferida, quando vinha alguem de fóra. Tambem por várias vezes foram dar com ella a abraçar a cadellinha, chorando ambas como se a cadellinha o-intendesse.

Ao menos a lição aproveitou. *Luiza* d'ahi por diante fez-se tão boa como linda; e muito mais linda ficou parecendo, porque a formosura d'alma, que torna tão galantes as meninas, toda se-lhe-reflectiu na muita formosura do rosto, que tão formoso tinha. Foi tal a emenda, que todos quando a-viam passar, depois d'aquillo succeder, diziam d'ella o que já d'antes affirmavam de sua irmã.

«Alli vai a rainha das boas meninas.»

Ouvi que ella em cadellinha, desde aquelle dia, ficaram inseparaveis!

Silva Mendes Leal — Junior

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

617 Na PRUSSIA corria voz, de haver elrei proposto ás alfandegas allemães accrescentar os direitos das fazendas estrangeiras de linho e algodão.

Na TURQUIA haviam-se levantado desintelligencias entre o divan e o embaixador inglez; e dizia-se, que o sultão mandava a *Londres* um embaixador, pedindo a exoneração do ministro inglez residente em *Constantinopla*.

A INGLATERRA tinha recebido noticias mais agradaveis da *India*, *China* e *Estado-Unidos*; em trôco as do *Reino unido* não são as mais prósperas; a miseria causa sérios receios ao govêrno, e ao parlamento, que incessantemente curam d'este objecto. A 3 do corrente a rainha esteve em risco de ser assassinada: um tal *John Bean*, corcunda e de feia catadura, esperou a rainha a tempo que ella ia para a capella de *S. James*: apontou-lhe uma pistola, que felizmente errou fogo; foi preso; e trabalha-se com diligencia no seu processo. E' de notar que este facto se-passou no mesmo dia, em que a rainha havia commutado a pena de morte a *John Francis* em degrêdo perpetuo.

A ITALIA continúa a ser agitada de abalos politicos; muitas prisões se-teem feito por todos os estados d'aquella peninsula.

A FRANÇA volta todas as suas attenções para as eleições, e crê-se, com muita probabilidade, que o ministerio ha-de obter uma grande maioria. As noticias de *Argel* são favoraveis; as armas francezas teem ganho grandes vantagens sobre os árabes.

Os negócios na HESPANHA vão tomando aspecto mais promettedor. Um grande número de proprietarios territoriaes formaram uma sociedade, e já publicaram as suas bases. Diz-a-se em *Madrid* que por estes proximos dias se-encerrariam as camaras. A perseguição contra os guerrilhas, prosegue com muita actividade: tres dos principaes chefes dos bandidos tinham sido fuzilados. Para as fronteiras de Portugal haviam marchado algumas tropas.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

618 *Diario do Govêrno de 14 de julho*. Tabella dos ordenados dos empregados das alfandegas menores — Venda de bens nacionaes.

Dicto de 15 dicto. Instrucções para o lançamento e arrecadação da décima e impostos annexos, com os seus modêlos. — Venda de bens nacionaes.

Dicto de 16 dicto. Ordem do exército n.° 31 — Portaria ordenando, que de dois em dois mezes partam d'esta capital correios maritimos para as nossas possessões de *Africa*. — Outra mandando que a artilharia naval adopte as espolêtas de fulminante. — Dicta determinando, que os governadores das provincias ultramarinas empreguem todos os meios para ajudarem e salvarem os naufragantes, cingindo-se muito particularmente ao que nos artigos 1584 a 1609 do codigo commercial se-determina. — Venda de bens nacionaes.

Dicto de 18 dicto. Ordem do Exército n.° 32 — Venda de bens nacionaes.

Dicto de 19 dicto. Instrucções do tribunal do Thesouro Público, regulando a contabilidade dos contractos; das letras, que se-emittirem; e dos juros das que forem cobradas judicialmente. Rendimento das alfandegas de Lisboa, Porto, e Septe Casas no mez de junho; na quantia de 215:621$362 réis.

Dicto de 20 dicto. Decreto regulando os uniformes e distinctivos dos diversos magistrados e empregados administrativos. — Portaria dizendo que o decreto de 11 de junho é só regulamentar. — Accordam do supremo tribunal de justiça. — Ordem do exército n.° 33.

DOIS GIGANTINHOS.

619 De propósito para refutar com um epigramma as chufas, com que toda a Europa motejara a *Italia* como terra cançada e exhausta de gente e coisas grandes, lá fez a natureza nascer em uma aldêa perto de *Turim* dois individuos da nossa especie, que apenas na puericia já egualam a estatura regular das pessoas adultas. São uma irmã e um irmão, *Anna* e *Matheus*; sua mãi, já viuva, corre com elles as cidades da Europa, mostrando-os por dinheiro ás turbas, que se-apinham para os admirar. Assim reune ao util de ajunctar uma herança para seus filhos o agradavel de uma viagem continua em companhia de toda a familia; e o prazer de vêr os fructos de seus amores visitados por póvos e soberanos, abençoados pelas velhas, invejados das crianças, retratados á porfia pelos pintores, e celebrados pelos jornalistas, que são os poetas e trombetas da fama d'esta éra.

Anna, que hoje conta apenas 8 annos, e até aos dois de sua edade não excedia a qualquer creança ordinaria, pesa onze arrobas; eguala em altura a qualquer mulher; e a todas vence em largura e grossura;

Matheus, mais alto ainda, e mais reforçado, pesa quatro quintaes e meio.

E' preciso vêl-os para ter uma idéa exacta de suas descompassadas dimensões, que espantam, não só comparadas com o frescor saudavel de seus rostos pueris, mas tambem com o delicado e infantil de suas vozes, com a singeleza e innocencia de suas fallas.

Não espereis encontral-os nas ruas, onde só de noite, bem disfarçados e involtos em suas capas lhes-permittem passear. Correi ao *Rocio* ao quarteirão dos extinctos Vicentes: uma bandeira com os dois prodigios retratados vos-indicará a sala do spectaculo. A mãi e um irmão vos-receberão cortezmente á porta; introduzido no recinto, perennemente guarnecido de curiosos e curiosas de todas as classes, (cujos commentarios em meia voz não são o menos divertido da festa); vereis em duas cadeiras sobre um estrado no tôpo da sala jogando entre si as cartas, estes dois phenómenos, que em *Italiano*, ou ainda em *Francez*, responderão, mui polidamente, a quaesquer perguntas que-lhes dirijaes, como não versem sobre coisas superiores ao que de sua edade se-póde esperar; mas unicamente sobre suas pessoas; o que nem para elles, nem para vós póde ser pequeno assumpto.

Affirmaram-nos que estes nossos extraordinarios hóspedes consomem por dia seis galinhas, dez arrateis de vacca, e outro tanto de pão, sem fallar no *rabioli*, *macaroni*, e mais condimentos, e miudezas. Um joven médico de *Mont'pellier*, e algum tanto versado nas mathematicas, calculou sôbre o crescimento d'estas duas creanças o ponto da altura, a que na sua maxima desinvolução poderiam chegar: e achou a princípio, que poderão para esse tempo, postos no meio da platéa de *S. Carlos*, apagar o lustre com tres ou quatro sôpros; e por uma rectificação do calculo, que, passeando no terreiro do Paço poderiam, se-lhes-appetecesse, ella puxar pela rédea do real cavallo, elle olhar por cima da cabeça do monarcha; mas deixando éstas medecinas mathematicas, recommendamos novamente aos curiosos, que não percam a occasião de vêr o que talvez nunca mais se-reproduza. Ouvi e

que a auctora e dona d'este *Guinfre* e d'esta *Amiola* tão se-detenhará senão poucos dias em *Lisboa*; d'aqui passará ao *Porto*, e outras cidades do reino e depois ao resto do mundo. Só é n'ella vaidade, é uma vaidade bem desculpavel; se o auctor do *Tunnel de Londres*, se o mestre da Pyramide grande do *Egypto*, podessem andar mostrando por toda a parte aquelles portentos, quem duvida de que o-fariam, pois nem o *Tunnel* entre as pontes, nem a Pyramide, entre os monumentos, são mais para assombros do que entre os rapazes o sr. *Matheus*, e a sr.ª *Anna* entre as raparigas.

NECROLOGIA ARTISTICA.

620 Com mágoa annunciâmos a recente perda que entre nós acaba de padecer a musica na pessoa de um dos seus mais distinctos professores. O sr. *José Avellino Canongia*, cavalheiro da ordem de Christo, musico da real câmara, professor do Conservatorio real da arte dramática, admirado pelos seus talentos em todas as partes da Europa, por onde viajou; de todos estimado na sua patria pelas suas excellentes qualidades e virtudes, verdadeiro mérito do mérito, e adorado por todos seus amigos, falleceu de um aneurisma a 14 de julho corrente, n'esta mesma cidade em que nascêra; e contando de edade 57 annos 8 mezes e 4 dias: recommendou pouco antes de expirar que lhe-puzessem uma campa singella com o seu titulo e profissão. Jaz sepultado no cemiterio de *N. S. dos Prazeres*. Outro dia registaremos para servir de esplendida página na historia da musica, alguns pontos principaes da sua biographia, e a relação de suas obras, de que instituiu herdeiro o real Conservatorio, que hoje como familia sua o-deplora.

LAUREL ESTRANGEIRO EM FRONTE PORTUGUEZA.

621 Extractâmos da *Emancipation*, folha belga, o seguinte: A 11 de julho foi doctorado na universidade de *Louvam* o sr. *Ricardo Raimundo Nogueira Sussety*: defendeu as suas théses perante um concurso explêndido de todos os mestres, alumnos médicos, e grande número d'outros cidadãos. Respondeu perfeitamente a todas as perguntas dos professores e estudantes. Conferiu-se-lhe o grâu com grande distincção. Retiniam em toda a sala os bravos, gritos de alegria, e applausos furiosos *(applaudissements frénétiques)*. Mais de trezentos estudantes, com musica á frente, acompanharam em triumpho o novo doctor a sua casa. A universidade tem de se-lembrar muito tempo desta festa. Desde o restabelecimento da universidade ainda ahi se não passára scena tal com estrangeiro.

Pesa-nos que não possamos trasladar extendidamente o muito mais, que a este respeito contém o artigo.

ASPHIXIA.

622 Em uma casa na rua da Atalaya que faz esquina para a rua das Salgadeiras, appareceram esta manhã, asphixiados dois individuos, pai e filho, por terem deixado um fogareiro, com carvão acêzo, no quarto onde dormiam: ambos foram conduzidos ao hospital, o pai espera-se que escape.

R. de Septembro de 17.

APOSTASIA.

623 Tudo nas conquistas longinquas de nossos avós se-nos vai hoje perdendo. ¡ Quem diria que os inglezes até as almas a final nos-haviam de empalmar para si; e para o *diabo!* Nas folhas portuguezas de *Bombaim* faz hoje grande figura um frade portuguez de *Calcuttá*, por nome *Fulgencio de Sancta Ritta*, que, vencido, segundo elle diz, por duas perguntinhas de um doctor protestante, *Carew*, renegou da religião catholica. Consta, e sabe-se porém — que os dois verdadeiros argumentos, que o-moveram, fóram o segundo e o terceiro dos peccados mortaes: Antevirá na mudança probabilidade de engrossar seus havêres, e certêsa de companheira, com quem os-repartisse.

Não é a primeira vez que o amor e a cobiça se-fazem prégadores: mas nós, que não acreditâmos em apostasias de catholicos, e estamos convencidos — que todo o que se diz renegar de sua religião, de nenhuma coisa renega, e nenhuma coisa adopta, senão em apparencia, á vista do que os diversos jornaes nos-rezam da escandalosa vida passada do reverendissimo *Fulgencio*, ha pouco de *Sancta Ritta*, hoje de outrem, não nos-admiraremos de que ámanhã se-faça judeu ou mahometano; e seria isso mui lógico — ¿ se, para poder possuir uma mulher largou a primeira religião, porque rasão para poder possuir muitas não largaria a segunda?

O doctor *Carew* que o-traga d'olho; — quando não, — qualquer dia o-verá desapparecer, e para o-tornar a achar terá talvez que ir dar comsigo entre as bailadeiras, que são as dançarinas de ópera d'aquellas regiões indiáticas.

INCENDIARIOS.

624 Domingo á noite pegou fogo na fábrica de phósphoros e foguetaria do sr. *José Osti*, rua da *Cruz de Páu*. Aos phósphoros o-attribuiram alguns jornaes; mas parece agora, fôra posto por mão e acintemente. No telhado se-achou feita uma abertura, por onde o-lançariam; por alli se-viu sair a chama; em quanto parte do tecto ardeu, dentro na casa nada se-queimou, nem houve explosão, que seria inevitavel a ter a coisa sido como se-julgou. Demais a fábrica, por ser dia sancto, estivéra todo o dia fechada.

HOMENS COMPLICES COM OS BRUTOS!

625 Ha poucos dias que em *Mirá* desenterraram uns cães a dois corpos e os-despedaçaram no adro da egreja comendo parte d'elles e espalhando outra parte. Não ha muitos annos que o mesmo succedeu no concelho de Aveiro; e quasi sempre acontece na maior parte das freguezias d'aquelle districto. ¡ Mal hajam as câmaras que o-presenceam e não põem cobro a taes horrores!

IMPONDERADO ABUSO DE COMPAIXÃO.

626 Existe ha muito entre nós um mui honrado e singular estrangeiro, a quem a mendicidade portugueza, nomeadamente a enferma, e grande número de doentes desamparados, deve muito agasalho, e até saude.

Fallâmos do sr. *Barão de Colomb*, cuja exemplar charidade, muito nos-apraz de por ésta occasião lhe-louvar, e como portuguezes agradecer.

Ainda mal porém, que temos hoje de ponderar, que até nas virtudes ha excessos damnosos.

Soubemos ha dias, que o sr. barão mandára fazer grande quantidade de colleiras de folha, com a sua firma e residencia, para pôr aos cães que pelas ruas encontra sem ellas, a fim de os-livrar da morte que a câmara para taes decretou.

Parece-nos que, dado tenha ésta acção uma apparencia humana, mallogra todavia os fins da postura municipal, que são evitar que estes animaes façam damnos, porque ninguem responda, e andem esfaimados, e ulcerados infeccionando a cidade, e salteando a seus moradores.

Ainda o damno (como o cão na colleira accuse o nome do sr. barão) póde o mesmo sr. ser compellido a pagal-o, porém os outros males não é possivel.

Fazemos-lhe pois ésta ponderação, a que o seu bem juiso não póde deixar de dar acolhimento.

OPIO.

627 Na sexta feira pelas 4 horas da tarde, suicidou-se, com meia onça de opio, *Manoel Joaquim de Oliveira*, dono do armazem de vinhos na rua larga de *S. Roque*, juncto ao droguista.

(R. de Septembro).

O QUE SÃO MA'S COMPANHIAS.

628 A casa do sr. commendador *Francisco Alberto Rubim*, ex-governador do *Giauhy*, acha-se hoje coberta do mais horrendo lucto. Levantando-se a familia na manhã de 13 do corrente, admira-se de achar aberta a porta para a escada, e dá pela falta de um dos sete filhos da casa, *Alexandre*, um menino de quinze annos. Não deu por então cuidado a novidade: suppoz-se teria ido para a loja de um visinho passarinheiro, onde ti-

nha de uso passar muitas horas, intertendo-se com as aves. Todos seus gôstos eram aquillo, ensinar ao pintasilgo a tirar agua do seu pôço de vidro; compor e afôfar ás canarias um bom ninho; e em casa regar e tractar os vasos das suas janellas. A sua indole era suave, innocente, e alegre como as suas occupações. Era o feitiço de sua mãi, os amores de suas irmãs, uma das mais subidas esperanças de seu pai. A janella foi achada egualmente aberta e as flôres acabadas de regar; os seus vestidos caseiros eram os unicos que não appareciam; ficava logo quasi certo que não podia estar senão onde o-suppunham: mormente porque nunca se-affoitára a sair, nem para o seu *eden* da visinha loja, sem primeiro haver para isso obtido a licença e bençam de seus pais.

¡Qual foi porem o espanto quando se lá não encontrou! Disparte-se a familia em emissários para todas as casas do conhecimento! Nenhuma nova; Crescem os sustos. Corre-se a todos os quarteis: dão-se os signaes do fujitivo, promettem-se alviçaras a quem no-reconduzir. Tudo é baldado. Augmentam-se de hora para hora os trances; passa o dia como eternidade. Pela tarde, e ja perto da noite, um visinho vem todo pállido bater á porta: acaba de chegar do cemiterio de N. S. *dos Prazeres*, onde fôra assistir a um enterramento, e alli viu levado em pobre maca o triste mocinho lavado em sangue, morto, feito pedaços. ! Havia-se precipitado do arco grande das *Aguas-livres*; Eis-aqui agora a que se-attribue, não sem verisimilhança, este incrivel desvario. Seu pai o-mandára, havia tempos, entregar dez moedas a um mercieiro de cuja loja gastava (era quasi sempre este filho, a quem se-davam similhantes incumbencias: a fidelidade era um dos seus mais provados merecimentos). Uma carta porem do mercieiro recebida na véspera, viera pedindo as mesmas dez moedas. ? A quem as-entregaste *Alexandre ?* pergunta o sr. *Rubim*. Ao caixeiro, responde a creança: e tudo parou alli. Duvidar da sua pontualidade em taes materias, era para todos impossivel.

E com effeito nenhum signal denunciára jámais que elle fôsse possuidor de um só tostão. Quarenta e oito mil réis, não é somma que ladrão de quinze annos, por mais esperto, que o-presupponhâmos, possa conservar por alguns dias, sem que lhe-seja de todos pressentida. ? Como pois desappareceu este dinheiro ? Soube-se depois que um mancebo, já expulso da casa de um bemfeitor por um avultado roubo que nella commettêra, jogador vadio, e vicioso, travara com o innocente na aula de francez, onde concorriam, conhecimento e intimidade; o restante por si se-explica. A alma do desgraçado tão nobre era de seu natural que o remorso, não de um roubo, mas de uma infantil condescendencia, foi a causa unica, segundo se-póde julgar, da sua morte: porque declinadas as suspeitas d,elle para o caixeiro, o mêdo do castigo, a que aliás se-devêra attribuir, já não podia ter logar.

Nós vimos ésta familia orphã; junctámos as nossas lagrimas com as suas lagrimas: e trouxemos no coração os seus lamentos.

? Sabeis auctboridades policiaes, sabeis quaes são na vigilia, e nas quebradas horas do somno as palavras solemnes do consternado velho ¿ A vós imputa elle o sangue de seu filho — a vós o-pede, arrancando as suas cans — a vós, só a vós, que lhe-tinheis franco e patente aquelle infamissimo despenhadeiro para onde toda a alma de suicida, por um instincto inexplicavel se-volta como a agulha magnética para o seu norte! Conservai-o assim. Mas dispendereis em coveiros o que poupais em sentinellas.....

---

629. DIARIO METEOROLOGICO DESDE 12 DE JULHO ATE' 18 JULHO 1842.

Dias do mez.	Therm. exter.		Barometro.		Plu ia 1.°	Ventos dominantes e sua força.	Estado da Athmosfera.
	Min.°	Max.°	9 h. m.	3 h. m.			
12	56°	76	763,2	762.4		^{1}N^{3}	Claro: dia tat.° fresco.
13	58	93	62,0	60,5		B ^{1}NE	Id. calor violento, que durou todo o dia, e noite.
14	68	98	61,5	60,0		NE SO NO	Id. Id. refrescou de tarde: noite calmosa
15	69	96	59,0	57,0		NE SO NO	Id. Id. Id.
16	65	83	57,2	56,2		V NO^{1}	Id.: dia quente, tarde fresca.
17	65	83	58,0	57,8		B SO	Cob.° e alg. claros horisonte vaporoso— Cl.° de tarde.
18	61	76	59,3	58,5		^{1}N NO^{2}	Cl.° e nuvens—Cl.° dia muito fresco.

A 3.ª quadra, que durou só tres dias, diversificou das antecedentes pela humidade do ar, offuscando-se a atmosphéra, e apparecendo um brando chuvisco: os vapores dissiparam-se no dia immediato, voltando novamente o ar á sua costumada pureza, e seccura, dando logar no dia 13 á apparição da 4.ª quadra, de calores intensissimos, que duraram tres dias com o céu claro, e o ar extremamente sêcco; sendo notavel o grande salto de temperatura observado a 13, pois que desde a madrugada até ás 2 horas da tarde, variou o thermómetro 35.° (16.° R). Abrandaram aquelles excessivos calôres pela influencia da 5.ª quadra, que ora predomina, com as madrugadas e tardes frescas, ainda que calmosos os dias nas horas meridianas, pelo vigor dos raios do sol. *M. M. Franzini.*

ERRATA.

No antecedente n.° 41, pag. 492, lin. 48 da 1.ª columna, aonde se-diz = *uma muito chuvosa* = lêa-se = *um dia chuvoso.*

Na Carta *Separação de Portugal do Reino de Leão* inserta no número antecedente ha a rectificar o seguinte. = Na lin. 3.ª da nota 3, accrescente-se = *simples vêes* antes de *chronologicos.*

A ordem das notas está invertida, a 5.ª é a 6.ª, a 6.ª é a 5.ª, a 8.ª é a 7.ª, e a 7.ª é a 8.ª

N. B. Alguma pequena differença de formato que se encontre neste numero, é devido a ser reimpressão.

TYPOGRAPHIA DA GAZETA DOS TRIBUNAES.
Rua dos Fanqueiros n.° 82 — 1.° andar.

7.º DA 4.ª SERIE. N.º 43. 28 JULHO 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sae ás quintas feiras. = Escriptorio na rua da Quintinha n.º 53=Assigna-se no Escriptorio e na loja da viuva de João Henriques n.º 1, rua Augusta=Avulso 80 réis: 12 números 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis=O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados. Cada serie de 12 números, de de o principio do jornal, custa 600 réis=Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias=Os das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes-convier=Sobrescripto da Correspondencia: Ao Redactor da Revista Universal, rua da Quintinha n.º 53=Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade=Qualquer artigo interessante será accolhido com gratidão e publicado=A Redacção annunciará, e comtudo analysará, qualquer publicação nova de que se-lhe-remetta um exemplar=Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o-desejar=Tambem no seu Escriptorio se-patentearão ao público objectos de similhante natureza, que para alli sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal=Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes=A distribuição na capital faz-se em tres horas=Este número sae ás nove horas da manhã.

EXPEDIENTE.

Sente muito a Redacção não poder publicar a erudita carta, que de *Coimbra* lhe-dirigiu o sr. *M. A. da C.*: mas os principios, que n'ella se-expendem ácerca de antiguidades, são diametralmente oppostos aos que a *Revista* professa, e julga do seu dever ir propagando.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ESTRADAS.

PORTUGAL.

(*Continuação da pag. 482.*)

630 TRANSPORTES.

E constante e sabido de todos, que em *Portugal*, não ha *estafeta*, *posta* ou *diligencia* estabelecida em parte alguma do reino, que transite entre espaços determinados, em dias regulares ou incertos, e que quem tem de fazer alguma jornada ha-de pagar a sua ida, e outro tanto de aluguer, quantos houverem de ser os dias do retôrno, ao almocreve. Esta é uma despeza, que forçosamente tem de fazer todos os que viajam em *Portugal*.

Estabeleceu-se, ha pouco tempo, nos mezes de verão um ómnibus para *Cintra*, a 960 réis por cabeça. D'antes quem lá queria ir alugava uma sege, que lhe-custava, pelo menos 4$000 réis com 1$440 de gorgêta, ao todo 5$440 réis; o que vinha a ser 5,66 vezes mais do que pela nova conducção. Não se-póde melhor comprovar a minha asserção da dobrada paga, a que são obrigados os viajantes em *Portugal*, do que por este exemplo, em que tambem se-vê a economia, que se-tira de viajar em commum e de os trasnportes fazerem frete de ida e volta. O viajante aqui fórra 82 por cento, ou mais de 4 quintas partes, em quanto o *ómnibus* sómente recebe de menos 65 por cento, ou $\frac{13}{20}$, ou proximamente 3 quintas partes do que a sege.

Não se-cuide comtudo que este melhoramento póde soffrer comparação com identicos alugueis em outros paizes.

São 960 réis por 15 milhas em 3 horas e meia
ou 64 " " 1 " " 1 quarto "

Em *Inglaterra*, o paiz mais caro do mundo, fazia-se o mésmo caminho n'um *stage couch* por 54 réis 2 milhas e meia em 1 quarto de hora ou (2½ × 64 ÷ 54) tres vezes proximamente menos do que em *Portugal* e em hora e meia, em logar de 3 e meia.

Esta carreira de *Cintra* no emtanto é uma excepção, de que se não póde fazer regra para o reino; porque, por quasi todo elle se-viaja em cavalgaduras. No norte ha as liteiras, de que se-faz algum uso. Custam ellas do *Porto* a *Coimbra* 14$400 réis, 240 réis por dia ao arrieiro, e a sua comida. Levam 3 dias n'esta jornada, e ésta distância é como se-sabe de 18 legoas.

Réis 14$400 liteira
" $720 gorgêta
" 1$800 comida e pousada do arrieiro

" 16$920 por 54 milhas, a 3 milhas por hora, ou 313 réis por milha, o que vem a ser (313 ÷ 54) 5 vezes mais em dinheiro e 3 e um terço mais de tempo a andar do que seria em *Inglaterra*: aonde esta jornada se-faria em 6 a 7 horas contínuas pelos *stage-coaches* diarios. Ha n'esta especie de locomoção de liteira, conforme ella se-pratica em *Portugal*, uma terrivel perda de tempo e de dinheiro, e por isso só a poucos póde chegar ou convém. O usual no paiz, como se-disse já, é a cavallaria, que tem em alguns logares os preços, que se-seguem, segundo as melhores informações, ou a minha experiencia propria.

	Rs.	Milb.	Dia	Rs. p. milb.
Villa-Nova ás Caldas	1600	24	1	66
Caldas a S. Martinho	600	6	hor. 2	100
S. Martinho á Marinha Grande	1200	18	dia 1	66
Marinha Grande a Villa-Nova	3000	39	1½	97
com comida ao arrieiro	800			
Coimbra a' Lisboa	6000			
gorgêta ao arrieiro	800			
pousada e comida dicto	1800			
	8600	75	2½	114

Todos estes preços são superiores aos inglezes; mas aqui o maior prejuizo ainda não é esse, é o do tempo, e dos negócios, que se-podiam fazer emquánto uma pessoa vai vadeando charnecas á torreira do sol, aos redemoinhos do vento, ou ás aguas da chuva. Um lavrador ou commerciante, cujo tráfego lhe-désse 1:000$000 réis por anno, ou 2$739 réis por dia, andando 3 dias na jornada de *Coimbra*, em logar de um, nos dois de mais, que podia ter poupado,

se as communicações fossem mais ligeiras tinha ganhado 5$478 réis, ou quasi tanto quanto é o *pro-rata* da viagem n'esses dois dias de excesso. Ajunctado um a outro gravame, o seu prejuiso é pelo lucro cessante 5$478 por cento, e pelo *pro-rata*, réis 5$732; somma total 11$210 réis, que é superior ao custo de toda a jornada, e ainda o-excede em 30 por cento.

As objecções contra o nosso actual méthodo de viajar são muitas. Na equitação, quando não é simplesmente para exercicio de prazer e recreio, ha uma perda incrivel de fôrça movente. Uma cavalgadura em carruagem póde levar muitos individuos a distancia de 6 ou 8 léguas por dia. Em *França* uma *méssagerie* carregada, incluindo o seu proprio pêso, leva 7500 kilogrammos ou 508 arrobas, e é puxada por 4 cavallos em umas partes, e por 5 em outras, andando regularmente de 5 a 6 milhas. Ora, se dividirmos o pêso e velocidade, no 1.º caso teremos 127 arrobas por cada cavallo, e no 2.º teremos 101 dictas, ambas com dobrada velocidade da nossa, o que equivale a dobrado pêso. Contra este resultado, pela nossa parte temos a oppôr, quando muito 6 arrobas, porque um homem entre nós será raro que chegue a pesar tanto. São (127+101=228÷2=114 para 6; ou 19 para 1, multiplicados por 2 para a velocidade) 38 contra 1!

Os *stage-coaches* em *Inglaterra* são de menos pêso, mas levam mais velocidade. Pódem pesar, côche, passageiros e pouca bagagem, 140 arrobas, que divididos por 4 cavallos dão 35 arrobas a cada um com uma velocidade tripla da nossa, egual a 105 contra 6 ou 17 contra 1.

Sobre este ponto não é preciso invocar os dois paizes mais cultos da Europa. Temos até um exemplo de casa bem familiar a todos, e que eu vou apresentar: é o dos *ómnibus* que andam na cidade. Cada uma d'estas carruagens poderá pesar 32 arrobas; os passageiros que póde levar, bolieiro, e sótas, são 19, que a 5 arrobas, fazem 95 arrobas, divididas essas por 4 cavallos tocam a cada um 32 arrobas, que, com metade mais velocidade do que andam as cavalgaduras na estrada, equivale a 48 arrobas. Contrapondo éstas ás 6 arrobas, que leva a cavalgadura, ha uma perda de 8 contra 1 de fôrças motrizes no nosso modo commum de viajar. A comparação da perda havia de chegar ainda a triplicar-se, se nós diminuissemos o attrito das nossas calçadas, e o pêso dos nossos *ómnibus*. Em consequencia das ruas serem perfeitamente bem construidas em *Londres*, andam lá a 2 e de gallope. ¡Que differença ésta para os nossos que são obrigados até a pegar n'elles ás vezes 6 cavallos! Tudo se-toca; porque se uma indústria se não aperfeiçôa, muitas outras egualmente se não desinvolvem, e *vice-versa*.

Independente da mui válida objecção do desperdicio de fôrças na cavallaria em logar da carruagem para viajar, cada viajante indo só, tem que sustentar o arrieiro, que no caso, por exemplo da viagem de *Coimbra*, sáe a não menos de 43 por cento, sobre o aluguer. Se fossem 16 viajantes em carruagem saía a cada um a 2 e meio por cento essa mesma despeza.

Outro não menor inconveniente emfim, que se-segue ao nosso, ainda feudal, costume de fazer as nossas jornadas a cavallo, é o de levar caminheiros a pé atraz do animal para tomar conta d'elle. Alem d'isto ser uma barbaridade, faz com que se não possa andar mais de uma légua por hora, nem mais de 6 léguas por dia; sendo esses homens que andam n'esta lida outros tantos braços perdidos para a lavoura, cuja falta concorre, para que os seus trabalhos encareçam: podendo-se egualmente conjecturar, sem receio de faltar á verdade, que mais de um d'elles tem servido para augmentar os trabalhos á policia, a quem elles, já por outras causas, não faltavam.

Seria muito interessante para a statística do nosso movimento viatório, se as companhias de vapôr ingleza, portuense, e do *Tejo*, nos-quizessem noticiar o número dos passageiros, que tem transportado. Eu alguma coisa tinha emquanto á statística terrestre, mas não confio nada n'isso, por não ter sido tomada com exactidão.

(Continuar-se-ha.)
Claudio Adriano da Costa.

FABRICAÇÃO DA MANTEIGA.

631 Tendo ultimamente crescido bastante o fabríco da manteiga entre nós, julgámos opportuno apresentar algumas indicações a este respeito; resultado do estudo e prática de 30 annos, de um sujeito, que, ha muito, se-tem empregado no fabríco e commércio d'este importante producto de universal consumo. — Producto, que confiando no zêlo pelo bem público e proprio, dos proprietarios ruraes, esperámos em breve vêr crescer a tal ponto, que abastêça completamente todos os mercados do reino e possessões.

Para obter manteiga da melhor qualidade, tanto fresca para immediato consumo, como salgada para guardar ou exportar, recommenda, e affirma *elle*:

1.º — Que a leitaría deve ser lavada antes de se-começar, e depois de se-acabar o trabalho da manteiga.

2.º — Que, quanto mais cedo (na propria estação) se-principiar a fazer a manteiga, e mais fria estiver a leitaría, tanto melhor será o producto.

3.º — Quanto mais a manteiga fôr firme e sólida e se-aproximar da consistencia da cêra, tanto mais tempo conservará o bom sabôr; porque n'este estado, não é tão facilmente penetrada pelo ar, não retém tanto sal, e o sôro se-separa com mais facilidade.

4.º — A manteiga perde muito das suas boas qualidades pelo contacto das mãos, e portanto, para a-manejar, lavar, salgar, e embarrillar ou moldar em pães para a venda immediata, deve usar-se exclusivamente de pequenas pás de madeira com as quaes, batendo-se, e comprimindo-se, extrae-se com facilidade o sôro, e se-manipúla segundo fôr necessario. — E'stas pás, devem ser como umas espátulas delgadas, de 12 pollegadas de comprido e 3 de largo. — Tambem convém usar de umas colhéres, em tudo similhantes ás que se-usam nas mercearias em Lisboa, para tirar a manteiga dos barrís. — Estes instrumentos devem sempre estar guardados em uma cêlha com agua dôce e fria, para assim se-conservarem frescos e limpos, e obstar a que se-lhes-pegue a manteiga.

5.º — A manteiga fica muito mais macía, e com muito melhor gôsto, sendo salgada com moira, do que com sal em grão. — A quantidade de moira o...

sal, que se-ha-de empregar, depende do estado da athmosphéra, distancia, a que tem de ser transportada, e tempo, porque se-deve guardar. — Em geral, as seguintes proporções são as mais approvadas para cada arratel de manteiga — sal do melhor, meia onça — salitre refinado, uma oitava — assucar mascavado bom e sêcco, uma oitava.

6.º — Se a manteiga, depois de feita, tem de ir em pães para o mercado, para consumo immediato, devem ser embrulhados em panos d'algodão ou linho, ensopados em moira bem forte.

7.º — No caso da manteiga haver de se-embarrillar para transporte, devem os cascos ser feitos com preferencia, de freixo ou fáia; e em geral, quanto mais alva fôr a madeira, assim das aduellas e fundos, como dos arcos, tanto melhor.

Estes barris devem ser por várias vezes bem escaldados com moira bem forte, e fervendo, antes de se-empregarem; e é essencial, que sejam bem construidos e perfeitamente estanques: e quando se-encherem, deve contar-se (para os de tamanho ordinario) com a quebra de 3 arrateis, que em geral a madeira absorve em liquidos, que extrae da manteiga.

8.º — Se a manteiga é de qualidade superior, convém forrar os barris interiormente, com um sacco, que bem ajuste, de linho ou algodão, bem ensopado em moira, e dentro d'elle metter a manteiga. — Não é bom usar de papel para este fim.

Para o fabricante de manteiga obter o melhor producto possivel, é necessario que elle estude e combine com a mais seguida attenção e méthodo, quaes os differentes resultados de diversas leitarias, em diversos tempos. — O temperamento dos leites e natas nos differentes estados de sua transformação — Os effeitos da localidade e estado da leitaria. — A quantidade e qualidade das natas em diversas localidades, e sob differente tracto. — Qual o effeito do sal, moira, assucar, mel, ou salitre, misturados no leite, em a nata, ou na manteiga. — O resultado da mistura de diversos leites, da mesma ou differente especie de animaes. — Os effeitos do calor ou ácidos no acto de bater a manteiga. — O melhor ingrediente para a-córar. — A influencia dos pastos, sêccos, húmidos, ou assombrados. — O effeito do exercicio regular das vaccas, da ração de grãos, da mistura de diversas farinhas na agua de beber, sôbre o producto da nata, que dér o leite.

Esperâmos, que éstas indicações, que nos-parecem mui sensatas e interessantes, sejam apreciadas e aproveitadas pelos nossos fabricadores.

MODO FACIL DE AUGMENTAR A'S GALINHAS A FECUNDIDADE.

632 Recommenda um sabio professor que para fazer pôr ás galinhas muitos óvos, se-lhe-misture na comida porção sufficiente de cascas de ovo pisadas, ou giz, o que ellas devoram com avidez, pondo por este meio, e em eguaes circumstancias duas ou tres vezes mais óvos. — Affirma o sabio professor que ainda que uma galinha bem nutrida tenha sempre disposição para pôr muitos ovos, o não poderá fazer sem ter ao alcance materia bastante, e propria para a formação das cascas, ainda que o nutrimento a outros respeitos seja do melhor; — uma galinha sustentada com mantimento e agua, que não contenha na sua composição, ou em mistura, carbonato de cal; e não o-podendo achar no terreno, ou pelas paredes nas argamaças ou rebôcos, onde costumam debicar, não poderá pôr ovo algum capaz. Esta experiencia é facil de fazer, e val a pena de a-tentar; e a-recommendâmos ás nossas caseiras diligentes e economicas, pedindo-lhes em paga, nos-deem noticia do resultado.

APERFEIÇOAMENTO NAS SEMENTEIRAS DE MILHO.

N. B. Tendo-se n'esta redacção recebido, a carta, que immediatamente segue do sr. *Motta*, assentámos consultar sobre a materia do seu contheudo, ao nosso distinctissimo colaborador, o sr. *viscoude de Villarinho de S. Romão*, o qual, prompta, e obsequiosissimamente, nos-honrou com a resposta, que tambem publicamos. Uma e outra carta são mui credoras por seu prestimo, do nosso agradecimento, e do apreço público.

---

633 Sr. redactor — *Bailão* 29 de junho de 1842. — Tenho a honra de participar a v. , para que, convindo, lhe-possam dar publicidade, o resultado de uma experiencia por mim feita estes dois annos, e da qual tanta utilidade tenho colhido.

Grande damno padecia eu, e muitos dos meus visinhos pelos estragos causados nos milhos por um bicho, a que se dá entre nós o nome d'*alfinete*, e a que elle tanto se-assemelha; eram estes estragos uns annos mais, outros menos, mas sempre consideraveis, e anno nenhum me-lembra, que deixassem de padecer minhas fazendas este flagello.

Anno houve, em que metade de uma fazenda, que tenho juncto a uma ribeira, *(a Sardeira)* ficou sem fructo algum, sendo pelo bicho destruido todo o milho alli semeado: só n'essa fazenda não foi esse anno o prejuizo de menos de 4 moios de milho.

Em vão tenho eu tentado alguns meios d'evitar esta perda; apenas colhi algum resultado, de semear o milho muito á superficie da terra, e de o-deixar quasi desenterrado, mas além dos muitos inconvenientes d'este uso, elle só diminuia, e não distruía o mal, que ainda continuava em abundancia.

N'esta circumstancia, é que minha fortuna permittiu comprasse a traducção de *Raspail* pelo sr. *Figueiredo e Silva*: encontro em uma nota receita para livrar as sementeiras de milho d'este flagello; fico contentissimo, e com avidez passo a usar d'ella.

Consiste em deitar na véspera da sementeira o milho de môlho em agua russa da azeitona (a que n'este concelho se-dá o nome d'almufeira). Eu tenho usado da que sae no lagar pela pressão; ainda que penso será egualmente boa, a que naturalmente escorre das tulhas d'azeitona. — Foi o anno passado, o primeiro da experiencia, e tive o gôsto de vêr intacto o meu milho, em sitios aonde até ahi sempre o-tinha visto estragado, e perdido. — Um sitio porém ficou aonde esses prejuisos eram menos certos, e em menor quantidade; e n'esse sitio por discuido, ou ignorancia dos meus criados, se não deitou do milho remolhado; o resultado foi haver ahi grande prejuiso, e no resto da fazenda nenhum.

Este anno repeti a experiencia, e tenho a satisfação de vêr todos os meus campos cobertos de milho.

Julgo do meu dever fazer ésta publicação, para interesse da agricultura; crédito dos inventores da receita, e de seu publicador o traductor de *Raspail*, aos quaes por ésta maneira, rendo os devidos agradecimentos.

Vá mais uma experiencia. — Receita galante, e economica d'estercar terras.

Em uma fazenda, proxima a uma ribeira, e que julgo perder por húmida, mandei este anno deitar alguns cestos de cascalho e calhão da ribeira; foi tudo lançado, e espalhado por cima da terra depois de semeada; serão só duas braças de terreno de comprido, e uma de largo — o resultado foi, que o milho nasceu n'este sitio dois dias mais cêdo, que o dos lados; teve de ser sachado mais cêdo, e leva sobre todos os mais uma incomparavel vantagem. ¿ Este cascalho enterrado pela sementeira seguinte, produzirá ainda o mesmo resultado? E' o que eu ignoro, e que muito convirá saber-se.

Srs. — Em resposta á carta de v. v. que recebi hoje 8 de

julho de 1842; na qual me-consultam ácerca da experiencia feita pelo sr. *José Nunes da Motta*, digo o seguinte:

A immersão das sementes do milho grosso (*milhão*) em lexívias salinas ou alkalinas é de grande utilidade para destruir os vérmes, que possam existir dentro do grão, ainda no ovo, e que durante o desinvolvimento do embrião vegetativo egualmente se-desinvolvem com o calor do sol e da terra. O sol, penetrando a farinha do grão e demorando-se alli, é veneno mortal para essa qualidade de vérmes, os quaes saíndo do seu ovo necessariamente se-alimentam d'aquella substancia, que se-converte n'uma especie de leite por causa da fermentação vegetativa occasionada pela acção da luz, do calor, e da humidade.

Morrendo logo ao nascer não picam, nem é possivel, que possam picar o tenro cáule da planta, e por isso as novidades prosperam. A immersão das sementes do milho grosso em salmoiras (*) e lexívias de cal, de estrumes de cavallo, e de cinzas de madeira ou páu novo são recommendadas por mr. *A. A. Parmentier* na sua memória sobre o milhão (*mais*), que foi coroada pela academia de *Bourdeaux*, e impressa em *Pariz* no anno de 1812. A nova edição revista e corrigida traz estas receitas a pag. 76.

Mas, o sr. *José Nunes da Motta* falla da agua russa das azeitonas, a que na sua terra chamam *almufeira*, e parece que a esta particular agua é que attribue o bom effeito, devido a certas virtudes que possa ter. Eu não posso, porém capacitar-me d'isso; porque na pôlpa da azeitona nada existe que mate os vérmes, e tanto assim que n'ella se-criam em grande abundancia, quando lhe-dá aquella molestia, que se-chama *gafeira*. Os vérmes dictos são talvez os mesmos e da mesma especie que esses do milho, denominados *alfinetes*, e de todas as fructas, principalmente cerejas, ginjas, ameixas, abrunhos, etc. O ovo d'estes vérmes é introduzido nos germes das flores por uma mosca chata e azulada, que tem no seu ovário um ferrão, por meio do qual introduz o ovo nos dictos germes, que alli fica para se-desinvolver quando o fructo amadurece, e lhe-dá o alimento preciso. O mesmo que ella faz nas fructas póde fazer nos grãos tenros do milho. Se o ovo não existisse dentro do grão nenhum bem lhe-podia fazer a *almufeira*, nem as salmoiras, nem as lexívias alkalinas; porque o dicto *alfinete* pica os cáules do milho na anastomose das raizes, já depois de ter desapparecido inteiramente o grão e a substancia amilácea de que se-nutre o embrião vegetativo nos primeiros dias da sua infancia. Este vérme cria-se em mais ou menos abundancia segundo o anno lhes-tem corrido mais favoravel, tanto para as mãis os-depositarem, como para depois se-desinvolverem; e como sáem do foliculo do grão juncto da raiz do milho; por isso vão alimentar-se d'ella assim que lhes-falta a substancia amilácea. Ora se a *almufeira*, ou agua russa faz bom effeito é isso devido unicamente ao sal que os lavradores deitam nas tulhas de azeitona, e que devem deitar para destruir e matar os vérmes, que ella tem; por conseguinte eu reputo a *almufeira* uma salmoira, tinta pela parte colorante da pôlpa das azeitonas, e não creio n'outras virtudes, que lhe-attribuem.

Antes de passar mais adiante, devo dizer, que não afirmo com toda a segurança, que seja o vérme do milho, a mesma especie d'aquelle que se-cria na azeitona, e outros fructos, mas sim que se-parece muito com elle. Na minha provincia chama-se a este vérme *agulhão*, e para o-destruir, deita-se na terra um pouco de sal esparzido, e não muito espesso, rega-se immediatamente e com isto se-faz desaparecer logo. O sal muito espesso e demasiado póde ser nocivo á vegetação; mas em pequena quantidade é muito util.

Como ha muitas terras de sécca, aonde se-cultiva o milho, julgo muito boa a prática de immergir as sementes d'elle pelo tempo de 24 horas em salmoiras, e em lexívias de cinza, ou de cal; mas tudo frio, e se-quizerem, tambem póde ser na *almufeira*.

Os indigenas do *México* e do *Perú*, tambem immergem as sementes do milho em uma decocção de eléboro branco, com o mesmo fim de matar os vérmes, que as-atacam, ou que n'ellas se-criam. Além do *agulhão* ou *alfinete*, tambem ha outro vérme, que destroe as raizes e tenros cáules das canas de milho, que he a *rosca* branca. Este vérme he a lagarta dos abezouros ou escaravelhos, muito nociva, tanto para os campos de milho, como para as vinhas, e árvores de todas as qualidades; pois a todas róe as raizes.

A maneira de a-destruir é tambem com o sal, que se-deitará nas terras quando se-fizer a sementeira, logo depois de lavrar e antes de gradar. O melhor sal, que se-póde empregar, é aquelle que serviu á salga da sardinha; porque de mais a mais tambem serve de estrume, indo todo involto do óleo animal do peixe, já decomposto, rançoso e miscivel na agua por ésta rasão; mas é necessario passar este sal pela joeira, afim de separar d'elle as cabeças e destroços do peixe, aliás os cães e outros animaes, revolvem a terra, e destroem a sementeira.

Eis aqui o que posso dizer ácerca do que v. v. me-perguntam, e por esta occasião rogo-lhe tambem, que inculquem aos seus leitores a excellente memória de *Parmentier*, acima citada; porque não sómente tracta da cultura do milho, mas dos seus usos, da maneira de o-conservar etc. — Sou de v. v. attento venerador e amigo — *Visconde de Villarinho de S. Romão.* — Lisboa 8 de julho de 1842.

(*) Não devem ser muito fortes, nem as salmoiras, nem as lexívias; porque se o-forem tambem destroem o embrião vegetativo do grão de milho, a que o vulgo chama o grêlo.

FAROL DA BERLENGA.

634 *Srs. Redactores da Revista Universal Lisbonense.* — A erecção de faróes nos logares convenientes tem intima relação com a prosperidade do commércio maritimo, e com a de toda a navegação em geral; e portanto julgo, que v. v. não desestimarão a noticia do novo farol, que ha pouco se-acha erecto na ilha da *Berlenga*, para tambem pela *Revista Universal* ser levada ao conhecimento de todos.

Ao N. 55 O. na distancia de 5,7 m. do cabo de *Carvoeiro* se-levanta no centro da ilha da *Berlenga* o novo farol, *Duque de Bragança*, em 39.° 25.' 0'' N. e 0.° 22.' 30'' O. de Lisboa, conforme o que se-acha determinado no roteiro do sr. *Antonio Lopes da Costa Almeida*, publicado em 1835, referindo-se ao que em 1812 publicou o sr. *M. M. Franzini*. O luminar formado por dezeseis reflectores com dezeseis luzes moventes, com a côr natural do lume, e todas voltadas para um plano, vai em seu movimento circular soffrendo eclipses de tres minutos, que tanto é o intervallo de sua revolução. A distancia da lanterna acima do nivel do mar em preamar é de 330 e dois terços pés portuguezes: a altura do edificio é de 66 e dois terços pés portuguezes. Accende-se dez minutos depois do sol posto, e apaga-se dez minutos antes de nascido. Accendeu-se pela primeira vez no dia 15 do pretérito mez de junho. Sem lua e em tempo claro póde avistar-se d'entre dez e doze léguas. Observado da costa occidental de *Peniche*, e de ponto bem próximo ao farol do cabo de *Carvoeiro*, excede a este o da *Berlenga*, na grandeza e claridade de luz, tanto, quanto a lua excede, á nossa vista, ás mais pequenas estrellas.

O defeito original do farol do cabo de *Carvoeiro* procede de que, sendo a sua lanterna de fórma hexágona, sobre cada um dos angulos se-levanta um pilar de pedra, occupando grande espaço, com o que, não só ficam muito diminutos os lados transparentes da lanterna; mas tambem o seu luminar fixo, formado por dezeseis candieiros, cada um com duas luzes, dispostos circularmente, soffre tantos eclipses, parciaes, porém continuos, quantos são aquelles corpos opácos que lhe-interceptam a luz. Diz-se, que este defeito vai ser emendado pelo insigne artista *Gaudencio Fontana*, inspector geral dos faróes do reino,

por cujo desenho foi erecto, debaixo de suas vistas e direcção, o farol da *Berlenga*.

O farol do cabo de *Carvoeiro*, assim mesmo tal qual é, deve a sua existencia a um grande naufragio que deu brado em todo o mundo, o da náu S. Pedro d'Alcantara de S. M. Catholica, que vindo da cidade de *Lima*, capital do *Perú*, carregada de immensa riqueza, para *Cadiz*, naufragou na enseada da *Papôa* na costa do nordeste de *Peniche* ás dez horas e meia da noite do dia dois de fevereiro de 1786. D'antes nunca alli houve farol, mostrando já então a observação e a experiencia a urgente necessidade que d'elle havia.

Antes de erecto este farol, porque o não havia, e já depois de erecto, pelo seu grande defeito, foram e teem sido muitos os navios, que na enseada de *Peniche* de cima teem varado, encalhado, e naufragado, mesmo com o tempo e mar mais favoravel; e eisaqui a razão: a peninsula em que está *Peniche* dista muito do continente; e o isthmo, que com elle a-communica é uma extensa praia, que não se-avistando do mar, mesmo de dia, de noite muito principalmente faz, que se-tome a peninsula pela *Berlenga*, e as grandes enseadas do norte e sul, com o isthmo ou praia interposta, pelo canal entre a *Berlenga* e *Peniche*.

Este êrro mui facil acha-se advertido e previnido no roteiro acima citado, por estas formaes palavras: = algumas embarcações se-teem perdido costeando do N. para o S. com tempo escuro, por tomarem o cabo *Carvoeiro* (que apparentemente se-mostra ilhado) pela *Berlenga*, e se-dirigem sobre o isthmo de arêa, parecendo-lhe ser o canal, que separa ésta ilha do sobredicto cabo. E' facil porém evitar similhante equivocação reflectindo, que quando se-avista a *Berlenga*, devem tambem avistar-se os *farilhões*, que lhes-demoram ao N.N.O. na distancia de 4,6 m. como adiante se-explicará; e que o verdadeiro canal é muito mais largo do que aquelle, que póde figurar-se á vista a E. da peninsula.

Portanto ha muitos annos que se-desejava um farol sôbre a *Berlenga*, e tanto que um navio dos *Estados-Unidos* da *America*, ha vinte e cinco annos, pouco mais ou menos, achou-se ao amanhecer varado na praia de *Peniche* de cima, porque a carta, já como propheticamente, dava ao capitão um farol na *Berlenga*, e tendo então tomado por este que ora lá existe o do cabo de *Carvoeiro*, cuja luz assim mesmo pôde avistar, naufragou por causa d'aquella prophecia, que foi o fundamento do seu protesto, e razão de sua defensa.

D'ora em diante é de esperar, que cesse a razão de tantos naufragios acontecidos n'aquellas praias por taes êrros: o farol, *Duque de Bragança*, bem elevado sobre a *Berlenga*, só per si está mostrando a todos o rumo que seguramente podem seguir, ou naveguem pelo canal entre a *Berlenga* e *Peniche*, ou pelo O. da *Berlenga*: e ésta esperança mais se-firma concorrendo o farol do cabo de *Carvoeiro* para o mesmo fim.

Não deve todavia ficar em silencio, que, tendo-se accendido pela primeira vez o farol *Duque de Bragança*, no dia 15 do preterito mez de junho de 1842, logo ao amanhecer do dia 16 foi visto um navio mettido já na enseada do norte de *Peniche*, entre o *Baleal* e a *Papôa*, d'onde pôde conseguir escapar e amarar-se, porque o tempo e mar lhe-eram favoraveis. Provavelmente este navio não sabia ainda da existencia d'aquelle farol. *Peniche* 19 de junho de 1842. *José Nicoláu da Silva Franco*.

PLANTAÇÃO DAS MULTICAULES NOS AÇÔRES.

Extraímos o seguinte do *Angrense*.

635 — «Sabemos que o illustre *Carlos Guilherme Dabney*, consul geral dos *Estados Unidos*, nos Açôres, e residente no *Fayal*, tem-se esmerado, e até com grandes despesas, em promover n'aquella ilha, o plantio das novas amoreiras da *China* (multicaules); e por uma carta que vimos do mesmo *Dabney*, dirigida ao exm.° visconde de *Bruges*, sabemos mais, que o illustre americano, para fevereiro p. futuro, enviará ao exm.° visconde uma porção das mencionadas plantas, generosamente offerecidas. Tentarmos descrever as vantagens emanantes de similhante plantação, seria uma loucura, visto que ellas ficam já descriptas no artigo que hoje copiamos da *Revista Universal Lisbonense*. Nós como amantes, e amantes apaixonados d'esta deliciosa ilha, desde já dirigimos d'ante mão os nossos mais puros agradecimentos ao illustre *C. G. Dabney*.» —

Pessoa de crédito nos-diz ter visto este grande viveiro em julho de 1841. — O benéfico *Dabney* lhe-declarou, que toda aquella plantação era para ser distribuida em tempo competente por todas as ilhas gratuitamente, para segundo os seus desejos e esperanças, fazer a fortuna d'aquelles insulanos, porque segundo elle, o cultivo da sêda em grande, para que o clima dos Açôres parece mui proprio, trazia muitos maiores lucros, que todos os outros productos d'agricultura, que hoje sustentam aos naturaes.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

D. FUAS ROUPINHO.

29 *de Julho de* 1180.

> ... Hum D. Fuas, que de Homéro
> A cithara, para elle só cobiço.
> Cam. Lus. C. I. Est. XII.

636 Este mez já célebre por sua etymologia, foi sempre pelos grandes succedimentos que se n'elle passaram, famoso no tempo antigo e no moderno. De nossas tão bastas recordações gloriosas, nenhum outro ha que o-sobreléve. Foi o do nascimento de nosso primeiro rei, e da monarchia portugueza. Tambem foi o em que pelêjámos e vencemos a primeira batalha naval, glorioso prenúncio das muitissimas que após esta alcançámos.

Os agarênos, que já tinham provado amargamente o esfôrço e perícia das armas portuguezas em pelêja campal; com suas galés nos-insultavam e ameaçavam as costas de *Setubal* até *Lisboa*, como julgando-se a seu salvo.

O alcaide de *Porto-de-Mós*, que em defensão do seu castello aprisionára o valoroso rei de *Mérida*, desbaratando-lhe o seu exército, fôra deputado para sair-se a pelêjar no oceano. Disséra-lhe o grande Rei D. *Affonso* á partida: Ide—vencei—e tornai. E quando volveu; bem lhe-podéra o alcaide replicar: Fui — venci — e tornei.

Com effeito o almirante moiro, *Alfamim*, e toda sua frota caíra nas mãos do almirante por-

tuguez, que por feito tão assignalado recebeu em *Lisboa* o mais raro triumpho que até alli jámais se-fizera.

Eis-aqui como estreámos o mar — o mar cujo universal imperio, mais tarde outro valente nos-deu.

Este dia pois é o primeiro dos annaes da marinha portugueza: Saudêmol-o.

A. da Sylva Tullio.

CARTA 4.ª

Necessidade de uma nova divisão de épochas. Falso aspecto da História.

687 A folhinha d'algibeira, tecendo o catálogo dos nossos reis, divide-os em quatro dynastias: a 1.ª Luso-Capêta; a 2.ª do Mestre d'Aviz, a 3.ª dos *Philippes*, a 4.ª Brigantina. A folhinha resume, e representa o estado da sciencia histórica do nosso paiz.

Mas a folhinha, salvo o incompleto e inexacto d'aquellas divisões dynásticas, tem razão. Ella tece o catálogo das familias reaes. Quem não tem razão é a sciencia, que, annunciando a *História de Portugal*, emvez de distribuir as épochas chronologicas pelas transformações essenciaes da sociedade, sujeita a ordem dos acontecimentos sociaes ás mudanças das raças reinantes. Isto é altamente absurdo.

Mr. *Thierry*, fallando das divisões dynásticas applicadas á história franceza, já observou a impropriedade de similhante systema (1) » Supponde (diz elle) que um estrangeiro, pessoa de juizo, que não seja hóspede na leitura dos historiadores originaes da decadencia do imperio romano, e que nunca houvesse aberto um volume moderno da nossa história; supponde, digo, que ao encontrar a primeira vez um livro d'estes, lhe-corra o indice, e divise ahi por balizas, ou antes por fundamentos da obra, a distincção das diversas raças. ¿Que idéa quereis que faça d'estas raças e do pensamento do auctor? Ha-de provavelmente crer que tal distincção corresponde á de divernsas gentes, ou gaulesas ou peregrinas, cuja mistura produziu a nação franceza; e quando souber que se-enganou, que são unicamente diversas familias de principes, sobre as quaes versa todo o systema da nossa história, ficará sem dúvida cheio d'assombro. » — Esta reflexão do mais célebre historiador francez da épocha presente, é inteiramente applicavel ao nosso paiz.

¿Com effeito, quem, á vista das divisões estabelecidas na *História de Portugal*, imaginará, por exemplo, que os acontecimentos sociaes do último quartel do seculo XIII, isto é, do reinado de D. *Diniz*, constituem uma divisão naturalissima, uma verdadeira épocha histórica, ao mesmo tempo que a intrusão dos *Philippes* apenas mereceria tal nome? ¿Quem adivinhara que no reinado de D. *João II* se-completa uma revolução capital na indole da organisação politica do paiz, ao passo, que a revolução de 1640 traz á sociedade portugueza levissimas mudanças no seu modo de existir? Ninguem o-crerá, se-attendendo unicamente ás épochas assentadas pelos historiadores se-persuadir de que a história é a biographia dos individuos eminentes.

A história póde comparar-se a uma columna polygona de marmore. Quem quizer examinal-a deve andar ao redor d'ella, contemplal-a em todas as suas faces. O que entre nós se-tem feito, com honrosas excepções, é olhar para um dos lados; contar-lhe os veios da pedra, medir-lhe a altura por palmos, pollegadas, e linhas. E até não sei dizer ao certo se estas indagações se-tem applicado a uma face ou unicamente a uma aresta.

¿Mas é similhante trabalho desprésivel? Não por certo. Este exame miudo, feito com consciencia, tem grande applicação, e ainda em si é importante; mas dar-nos isso como a história da nação, é, salvo êrro, enganar redondamente o genero-humano; é não perceber os fins da história, a sua applicação como sciencia; é sobre tudo fazer uma cousa, a que podêmos chamar novella, distincta sómente d'aquellas a que se-dá tal titulo, pelo tedioso, árido e sem sabor da leitura, que offerece.

As divisões históricas actuaes nasceram d'este modo falso (por incompleto) de considerar o passado. A necessidade de estabelecer uma chronologia rigorosa era evidente: os factos politicos e a vida dos homens públicos precisavam de ser fixados com exacção no correr dos tempos, principalmente para o julgamento dos diplomas, genero de monumentos, em que as gerações extinctas se-pintam melhor, que em nenhuns outros. O êrro, a meu vêr, foi acreditar, que ficando-se aqui existia a história: êrro, digo, e completo; porque nem se-quer a biographia dos homens eminentes surgiu de taes averiguações. Temos a certidão do seu nascimento, baptismo, casamento, e morte. Se foi um guerreiro, temos a descripção das suas batalhas; se legislador a data e objecto das suas leis: mas o seu character, a medida intellectual e moral de seu espirito, os seus habitos e costumes não os-conhecêmos. ¿E porque? Porque esse homem é uma abstracção: está separado do seu seculo. As opiniões, os costumes, os usos, todos os modos, emfim, de existir da épocha em que viveu são desconhecidos para nós, e todavia tudo isso, toda essa existencia complexa de muitos milhares de homens, a que se-chama nação, devia ter uma influencia immensa, absoluta n'aquella existencia individual do homem illustre, que o historiador acreditou poder fazer-nos conhecer com os simples extractos de quatro chronicas cosidos com bom ou mau estylo ás respectivas certidões de baptismo, de casamento e óbito.

¿E por isso, que além de ser absurdo em these geral, resumir e representar a sociedade nos individuos, tal absurdo se-torna mais monstruoso, quando os-tomamos como medida das phases da sociedade. O homem, assim collocado fóra de todas as relações sociaes, que lhe-modificaram d'este, ou d'aquelle modo, o aspecto moral, podendo representar todas as épochas, pertencer a todos os tempos, tomar todas as phisionomias, nada representa, a nada pertence, nenhuma phisionomia tem; e quando n'elle buscámos a imagem do seu tempo, não a-achâmos; até porque nem a d'elle proprio existe. Ajunctem-se, porém, estas individualidades abstractas, embora na ordem do tempo constituam uma dynastia, uma série de capitães, de legisladores, de magistrados; junctas ou separadas, ellas nunca poderão representar uma épocha histórica; o seu apparecimento ou a sua falta nunca

(1) Dix ans d'Études Historiques §. 12.

serão balisas verdadeiras das diversas transformações pelas quaes passam os povos na sua vida de seculos.

Abramos os livros de qualquer historiador nosso. Sejam os do homem que mais attingiu o espirito da sciencia histórica, exceptuando *Antonio Caetano do Amaral*, e *João Pedro Ribeiro*: — sejam o terceiro e quarto volumes da Monarchia Luzitana por Fr. *Antonio Brandão*. *Brandão* começou a sua narrativa com o conde *Henrique* e concluiu-a com D. *Affonso III*, ou porque sentisse, que este era rigorosamente o primeiro periodo da nossa história, ou por mera casualidade, o que eu não creio (2). Corram-se esses dois volumes; estudem-se as phisionomias do Conde, de D. *Affonso I*, e dos seus successores até D. *Affonso III*: comparem-se com as mais bem conhecidas dos nossos reis modernos; com a de D. *João IV*, de D. *Affonso VI*, de D. *Pedro II*, de D. *João V*. Creremos que foram contemporâneos uns dos outros: a sua côrte parece-se com as d'estes: o theor de sua vida, doméstica ou pública, os pensamentos politicos, a fórma de administrar, de legislar, de fazer guerra são, com levissimas excepções, simillhantes; e resumindo n'essas phisionomias falsificadas, n'essas máscaras históricas o aspecto social da épocha, ficam os seculos XII e XIII simillhantes necessariamente á segunda metade do XVII e primeira do XVIII. A nossa imaginação transporta para aquelles tempos a côrte esplendida, ceremoniatica, erudita, hypocrita; e louçan de D. *João V*; ou as intrigas mulheris, os ódios covardes, os mexericos fradescos, e as vinganças tenebrosas do tempo de D. *Affonso VI* e de D. *Pedro II*, cobertos com um manto de decencia, de compostura, de regularidade nas fórmas.

Assim crendo que temos lido a história portugueza dos seculos XII e XIII, apenas saberemos as datas d'esses primeiros reinados, a antiguidade d'algumas familias, os successos militares ou politicos de então. Quanto ao resto, não só ignorâmos o que era a sociedade primitiva; mas, o que é peior, compomos d'ella uma fabula com as reminiscencias da nossa vida, com as tradicções de nossos pais, ou com as anecdotas, que estes ouviram aos seus. Feito isto, está feito o nosso bastimento de sciencia histórica.

(*Continuar-se-ha.*)

A. Herculano.

NECROLOGIA.

638 Vamos hoje cumprir com um triste dever consignando a perda, para muito tempo irreparavel, de um eminente artista portuguez, que pelo seu raro merecimento se-fez conhecido na Europa, com crédito da sua patria. *José Avellino Canongia*, cavalleiro da ordem de *Christo*, musico da real camara de S. M., e um dos professores de musica do Conservatório real de *Lisboa*, nasceu em *Oeiras* a 10 de novembro de 1784. Já seu pai *Ignacio Canongia*, por uma vocação irresistivel, tinha largado a profissão paterna de fabricante de sedas em *Manresa*, para se-dar todo á musica; e com tanto fructo a-cultivára, que achando-se depois em *Lisboa* na épocha da abertura do theatro de *S. Carlos*, foi julgado digno de ser alli o primeiro clarinete; porém o filho, que tanto tinha de se-lhe avantajar, desde tenros annos, e para toda a vida, se-consagrou exclusivamente á arte. Aprendeu os principios elementares, e o sollêjo com o insigne mestre Fr. *José dos Anjos*, religioso dos eremitas da *Serra d'Ossa*, que dirigia nos *Paulistas* uma eschóla fecunda em abalisados discipulos, e a que ainda hoje se-honram de ter pertencido os nossos mais distinctos professores.

O primeiro instrumento, que estudou, foi a rebeca, em que teve por mestres *Rumi*, e o hispanhol *Carailles*. Por bastante tempo luctou com a repugnancia, que tinha para este estudo; e já á fôrça de trabalho tinha vencido o mais escabroso d'elle, quando iniciado por seu pai no clarinète, sentiu a sua vocação decidida, e só a este último instrumento se-dedicou desde então, e com tal esfôrço de applicação, que não tardou muito que excedesse o mestre, principalmente depois que a fortuna lhe-trouxe a *Lisboa* o célebre professor allemão *Bix*, que fôra chamado para a orchestra de *S. Carlos*. As licções e o exemplo d'este mestre alargaram grandemente a esphéra dos seus estudos, e elevaram o seu merecimento a um grau de perfeição raro entre nós.

N'essa épocha já tinha obtido uma situação commoda, que contentaria a outros; era o primeiro clarinète do segundo theatro de musica em *Lisboa*, do *Salitre*, que então florecia com as farças portuguezas compostas pelo nosso *Marcos Portugal*; dirigia a musica de dois regimentos, e tinha um grande número de discipulos: mas *Canongia* sentia-se mediocre; e era d'aquelles espiritos nobres, que se-envergonham da mediocridade. Algumas composições novas para clarinète, que então se-publicaram na Europa, offereceram-lhe dificuldades de execução, que elle não pôde vencer senão de um modo imperfeito: não desconfiou de si, desconfiou da perfeição do seu méthodo; e desde logo resolveu sacrificar tudo para alcançar outro. Foi este amor da arte que o-levou a *Pariz* em 1806: alli procurou licções dos mestres mais affamados; reformou o seu méthodo recomeçando desde os primeiros rudimentos, e reformou sobre tudo a embocadura, chegando para esse fim ao excesso de limar alguns dentes que lh'a-difficultavam. Por dois annos aturou sem interrupção este improbo trabalho, que o-iniciou nos mais intimos segredos do seu instrumento. Depois, continuando sempre nos seus estudos, viajou pela *França*; deu *academias* nas principaes cidades, e demorou-se alguns annos em *Nantes*, onde escreveu as suas primeiras composições, e entre ellas a pequena ópera franceza intitulada — *Les deux Julies.* —

Passou a *Inglaterra* em 1814 para se-fazer ouvir em *Londres* e nas cidades mais populosas. No anno seguinte veio a *Portugal*; e ainda nos-lembra a geral admiração, que produziram as *academias*, que então deu em *Lisboa*, e no anno de 1816 no *Porto*. Pouco depois emprehendeu a sua segunda e mais ex-

(2) Um dos characteres de *Brandão* como historiador é o que eu não sei chamar senão instincto histórico. No estado da sciencia no seu tempo o terminar o 1.º periodo histórico com *Affonso III*, não tinha mais fundamento racionavel, que o terminal-o em qualquer outro reinado; todavia *Brandão*, que sem saber aproveitar muitas vezes a sua immensa leitura de diplomas, estava por assim dizer, involuntariamente habituado á vida da edade-média portugueza, devia *sentir*, que essa vida nacional mudava grandemente no reinado de D. *Diniz*. Porque, aliás, consideraria a continuação do seu trabalho como uma nova obra? O meu gosto (diz elle no fim da 4.ª parte) fôra sair á luz com a *obra presente* e ainda continuar a *que se-segue* etc.

tensa viagem: correu as principaes cidades de *Hispanha*; do sul da *França*, do *Piemonte*; do *Milanez*, e mais estados da *Italia* até *Palermo*, da *Suissa*, da *Austria*, *Prussia*, e outros paizes da *Allemanha*; veio de novo a *Pariz*; e ahi obteve a honra em 1820 de tocar várias vezes a sólo nos *Concertos Espirituaes*, honra tão requestada por todos os artistas de merecimento extraordinario, a mui poucos concedida, e que só por si é reputada como equivalente a uma recommendação européa. Póde ver-se nas gazêtas d'aquelle tempo, e muitas d'ellas temos á vista, o universal applauso com que foi ouvido nas differentes capitaes, e cidades em que deu *academias*. Com a noticia da revolução politica de *Portugal* avivaram-se-lhe as saudades da patria, e ficou impaciente de voltar a ella, logo que podesse. Tornou por *Hispanha* a *Portugal* em 1821; deu logo algumas *academias* em *Lisboa*, onde maravilhou a todos o pasmoso e não imaginado progresso que tinha ainda feito nos cinco annos da sua ausencia: o artista com effeito tinha chegado ao zenith da perfeição no seu instrumento; nenhuma parte lhe-faltava das que constituem um professor consumado. Desde então resolveu assentar para sempre a sua residencia n'esta capital, onde, á excepção de uma breve viagem a *Pariz*, que unicamente emprehendeu para acompanhar um amigo e protector, que respeitava muito, continuou a residir todo o tempo que lhe-restou de vida. Foi nomeado músico da câmara real, e professor do seminario de música da Patriarchal; e por extincção d'este passou a ter o mesmo magistério no real Conservatório. A insignia da ordem de Christo, com que Sua Magestade o-quiz distinguir junctamente com outros artistas nossos de primeira classe, não a-pediu; deveu-a só ao seu merecimento. Uma das honras, que mais o-lisongearam, foi ser chamado ao paço pelo immortal Duque de Bragança, logo que chegou a *Lisboa*, o qual teve a bondade de lhe-dizer, que o-desejava ouvir, e que era esse um dos primeiros prazeres com que tinha contado para quando chegasse á Capital. Todos sabem que este Principe tinha cultivado sériamente a música, e se-tinha applicado com especialidade ao clarinête: assim os seus applausos foram duplicadamente lisonjeiros ao artista. Limitando-se ao trabalho de orchestra, raras occasiões teve depois d'esta, de tocar a sólo; e apraz-nos testimunhar aqui, que nunca o-fez que não fosse acolhido pelo público com o mais distincto applauso. Haverá agora quatro annos que uma molestia, a principio desconhecida, mas que os facultativos reconheceram depois como um aneurisma na aorta, logo por baixo do diafragma, contraido provavelmente no exercicio da arte, principiou a atormental-o cruelmente com mais ou menos intervallos; e lhe-foi gastando as fôrças a ponto de o-constrangerem nos últimos tres mezes a-deixar de todo a música.

A linda ópera *A Filha do Espadeiro*, em que o mestre *Cópola*, na introducção da ária do tenor no segundo acto, escreveu um ritornello expressamente para o clarinête de *Canongia*, ritornello, que este produzia sempre maravilhosamente variado em cada récita, foi que nos-deu a última, postoque bem rápida, occasião de o-admirar. Ainda nos-lembra o religioso silencio com que era escutado, e o geral applauso que o-seguia; ainda resôam nos nossos ouvidos aquelles deliciosos accentos, que nos-enterneciam e arrebatavam a alma: já então o artista se-sentia ferido de morte, e de morte proxima; eram aquelles os últimos adeus, que elle dirigia aos seus patricios, que sempre o-amaram e honráram tanto. Os progressos da molestia foram sempre em augmento, até que lhe-pozeram termo á existencia, no dia 14 do corrente ás quatro horas da madrugada. Foi sepultado no cemitério dos *Prazeres*, onde por ordem sua será posta uma lápida, que declare o seu nome e a profissão, que elle honrou com a probidade, não menos que com os talentos. Deixou escriptas várias composições, quasi todas para o seu instrumento a sólo, ou com orchestra. Dos que se-acham estampados legou um exemplar á eschóla de musica do Conservatório com as obras completas de *Reicha* e de *Momigni*: todas as outras musicas deixou ao sr. *Manuel Ignacio de Carvalho*, de tantos discipulos que teve, o unico a quem elle se-comprazia de dar este titulo: praza a Deus que o legatario comprehenda a quo elevado destino o-convida na sua carreira um legado tão significativo, e de tal homem; homem a quem uma feliz organisação, uma sensibilidade fina, o estudo profundo da theoria da arte, a frequentação continuada dos mais insignes artistas e compositores dos nossos tempos, e finalmente um longo e obstinado trabalho no seu instrumento, levantaram a tal gráu de perfeição assegurando-lhe aquelle precioso tom do instrumento, aquelles prodigios de execução, que nos-arrebatavam, aquella fôrça de expressão encantadôra, aquelle prumo e firmeza magistral, n'uma palavra, aquellas qualidades todas, cuja reunião difficil constitue o artista consummado.

P. M.

A TRASLADAÇÃO DOS COLLEGIOS DE ORPHÃOS E ORPHÃAS DA MISERICORDIA DE COIMBRA PARA O EDIFICIO DO EXTINCTO COLLEGIO NOVO DE SANCTO AGOSTINHO DA MESMA CIDADE.

(Continuação do n.° 41.)

639 Fica reservada á nova meza a transferencia do cartorio, archivo, secretaria, casa do despacho, botica, etc. para o novo local; e será esta a sexta trasladação da confraria da Misericordia de Coimbra. Instituida por carta da rainha D. *Leonor*, viuva de D. *João II*, mandada á câmara d'esta cidade em 12 de setembro de 1500, teve seu primeiro assento na Sé Cathedral; d'ahi a poucos annos mudou para S. Tiago, para a casa que hoje serve de sacristia á mesma egreja: ahi permaneceu, até 1546, tempo, em que com permissão do prior e collegiada, deu principio á sua capella sobre a nave direita da referida egreja. Correram os annos, e querendo a juncta obter consentimento para construir casa do despacho sobre a outra nave de S. Tiago, o prior e collegiada lh'o-denegaram, e resolveu portanto, em 1571, transferil-a para o canto do hospital real da praça fundado por el-rei D. *Manuel*; e porque esta tambem não servia por apertada, foram por nova eleição escolhidas umas casas ao fundo da rua do Corpo de Deus, cujo titulo conserva desde o anno de 1562, tempo em que o malvado judeu, por nome *Josepho* fritou as cinco particulas de *Jesu Christo* Sacramentado, furtadas da Sé: n'este logar, como consta de um assento e de documentos antigos, se-deu principio á nova casa em 29 de março de 1589 com assistencia do bispo D. *Affon-*

so de Castello-Branco: mas estas obras foram suspensas: e conhecendo-se que não havia logar mais conveniente para a dicta fábrica, serão sobre a referida egreja de S. Tiago, resolveu a meza instar novamente com o prior e beneficiados, que repugnando ainda a licença requerida, assentiram a final por empenhos do bispo e mais pessoas distinctas da cidade; e fez-se a obra como hoje se-vê.

O collegio de recolhidas de que fizemos menção teve principio em 1692; é da instituição do Dr. *Manuel Soares de Oliveira*, ouvidor que foi nas *Ilhas Filippinas* pelos annos de 1640. Em 8 de dezembro de 1701 entraram n'elle as primeiras orphãas, regente, e mais familiares. A instituição foi para sustentar, crear e educar oito meninas orphãas pobres até á edade de 25 annos: para muito mais chegava o capital testado á Misericordia por aquelle pio instituidor; pois alcançava a quarenta e quatro centos quatrocentos e noventa e dois mil setecentos e sessenta e seis réis: mas o seu rendimento está hoje reduzido a duzentos e setenta e um mil setecentos trinta e um réis, por falta de pagamento do juro dos padrões nacionaes; assim tendo-se augmentado o número das orphãas até doze foi forçoso reduzil-o e suspender por fim a sua entrada até 4 de maio de 1823 em que novamente foram recolhidas 12 meninas orphãas da instituição do cónego doctoral *Caetano Corrêa de Seixas*: o legado d'este benéfico testador sobe a 4:361$650 de renda, donde é tirada a manutenção da maior parte dos orphãos e orphãas, ordenados da regente e empregados, seis dotes annuaes, e varios outros legados.

O seminario da invocação de *S. Caetano* é da instituição d'aquelle último testador; e teve princípio em 1804 entrando os meninos em 15 de janeiro, celebrando-se n'esse dia grande festividade, a que assistiu o D. Prior Geral de *St.ª Cruz*, o de *S. Jeronymo*, todo o corpo da universidade, prelados, religiosos, cavalleiros e mais nobreza da cidade, terminando por uma procissão com luzido acompanhamento, que conduziu os dictos meninos para o mencionado collegio. — Tendo accrescido varios outros legados sobe hoje o número dos orphãos a 30 e o das orphãas a 20.

¡ Praza ao céu fazer prosperar tão benéficos estabelecimentos de charidade e educação! ¡ seja a terra leve a esses pios e sanctos varões, que teem salvado da abjecção e miseria a tantos innocentinhos, que já teem sido, e virão a ser cidadãos probos e uteis ao estado!

Coimbra 25 de junho de 1842.

F. A. de Mello.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

640 Nos ESTADOS UNIDOS vai grande opposição ao presidente *Tyler*, por este não querer acceder ao projecto de lei, que eleva as pautas das alfandegas. Até se-falla em o-depôr, se não quizer sanccionar a lei que o congresso fizer sobre a materia. O emprestimo se-achava quasi todo effectuado.

No BRAZIL tinham sido dissolvidas as câmaras, do que havia descontentamento. A provincia de S. Paulo tinha-se levantado; estava á frente d'aquelle movimento um ex-deputado da câmara dissolvida.

Em BUENOS AYRES a parcialidade popular, intitulada *mas-horcas*, tinha em um levantamento morto na capital para cima de 300 pessoas do bando *unitario*.

Na PRUSSIA causára algum descontentamento haver-se el-rei abalado para S. Petersburgo, sem deixar regencia em seu logar.

O senado de HAMBURGO ordenára que o dia 7 do corrente fosse consagrado a render graças a Deus pelos beneficios recebidos, com cessação de todos os trabalhos e negocios. A collecta, que nas egrejas se-recebesse dos fieis, havia de ser applicada á reedificação dos templos incendiados.

Na INGLATERRA tinha o ministerio apresentado ao parlamento uma lei para defender a vida da rainha, impondo severissimas penas aos regicidas.

Em MANTUA, ducado da Italia, houve um disturbio entre judeus e christãos: o govêrno teve que intervir com fôrça armada; o povo quiz resistir: os soldados fizeram fogo; perecendo n'este conflicto uns cincoenta homens, e ficando ferido um grande número dos levantados.

Na FRANÇA occorreu ha poucos dias uma tremenda desgraça. No dia 13 do corrente em consequencia de quéda morreu o herdeiro presumptivo da corôa. Dirigia-se o duque de Orléans para Neuilly a despedir-se do rei e rainha, por ter de ausentar-se de Pariz. I'a em carruagem de quatro rodas puchada a dois cavallos: eram 11 e um quarto quando chegava á Porta Maillot: assustam-se os cavallos, partem com os freios nos dentes. O principe, ao saltar, para baldar o perigo, cáe, tomando tão desastrada pancada na cabeça, que poucas horas depois seu pai, que vinha a encôntral-o, o-achou já morto.

Na HISPANHA haviam-se encerrado as câmaras no dia 16 do corrente. Distribuiam-se fôrças para diversos pontos da fronteira portugueza.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

641 *Diario do Govêrno de 21 de Julho.* — Estado da barra do Porto.

Dicto de 22 dicto. — Venda de bens nacionaes.

Dicto de 23 dicto. — Relação dos réos sentenciados que embarcaram a bordo da charrua Principe Real.

Dicto de 25 dicto. — Aviso participando que S. M. a Rainha toma lucto por espaço de um mez por fallecimento do duque d'Orléans. — Ordem de pagamento de uma quinzena de pret ás 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª, 7.ª, e 8.ª divisões militares.

Dicto de 26 dito. — Ordem do exército n.º 34. — Venda de bens nacionaes.

Dicto de 27 dicto. — Portaria mandando recolher ao archivo geral, os livros e papeis que param em poder do distribuidor dos tabelliães, officio suprimido. — Idem explicando a tabella dos emolumentos judiciaes relativamente aos juizes.

BIBLIOTHECA DO ADVOGADO.

642 *Para essa sciencia que louvais, se-requerem muitos livros de diversas artes e sciencias, cá, quem quizer saber muito, ha-de lêr muito. Signal é de lettrado ter grande livraria.* Tomando por thêma esta sentença que o nosso veneravel Fr. *Heitor Pinto* lançou no seu — *Dialogo da discreta ignorancia* — pu-

blicou o sr. Dr. *Antonio Joaquim da Silva Abranches*, 1.º Secretario da Associação dos advogados de *Lisboa*, a exposição, que á mesma sociedade fizera ácerca da bibliotheca do advogado.

Primeiramente dá conta, de que escolhêra uns mil volumes no depósito das livrarias dos extinctos conventos, com auctorisação do govêrno, para fundar a bibliotheca jurídica da referida sociedade. E narrando as fadigas e contrariedades, a que se-sujeitou para a final obter esses insufficientes volumes, dá as seguintes notícias mui dignas de especial menção e memória.

»O depósito não é geral, é parcial: reune sómente as livrarias da maior parte dos conventos, que existiam em *Lisboa* e provincia da Extremadura; e mesmo assim já chegou a ter 300,000 volumes. Quando fui, continha só uns 200,000; e uma grande parte era de obras imcompletas. Aquellas livrarias, que nos seus respectivos conventos eram abundantissimas, e que estavam bem classificadas e colleccionadas; quando entraram no depósito, vinham pobres, rôtas, e descompostas: verdadeiras imagens da *Torre de Babel*. A de *Alcobaça*, por exemplo, que alli tinha perto de 30,000 volumes quando chegou a *Lisboa* trazia 14,000 volumes, e hoje conta 6,000.

A mesma bibliotheca-pública, segundo fui informado, apenas tem hoje demais uns 12,000 sobre os 60,000 que d'antes tinha.» (1)

Passa depois a classificar a perfeita bibliotheca do advogado nas seguintes secções: eloquencia — direito natural — direito público — direito romano — direito canónico — direito portuguez — direito criminal — economia política — direito administrativo — direito commercial — direito estrangeiro: cada qual com a indicação dos auctores mais abalisados.

Muito folgámos de ver a nomeação que dos nossos bons classicos faz o laborioso jurisperito na secção de litteratura, no que assás deu prova do conhecimento, que tinha d'aquella sentença do seu collega o Dr. *Antonio Ferreira:*

Não fazem damno as musas aos doctores,
Antes ajuda ás suas letras dão;
E com ellas merecem mais louvores,
Que em tudo cabem, para tudo são.

Não menos louvâmos a honrosa citação, que como de amigos e sabedores d'elles, faz dos srs. Drs. Manuel Felix de Oliveira Pinheiro, e Abél Maria Jordão. (2)

As notas, com que o sr. Silva Abranches acompanha a sua exposição, teem muita notícia, erudição e appropositadas ponderações.

Em summa: este livrinho, é um óptimo guia que o sr. Abranches deu aos advogados noveis, e quem sabe se a muitos mais. Tambem os esperançosos mancêbos que á política ahi se-vão applicando, grande soccorro haverão n'esta bibliotheca.

Tantas vantagens públicas, e honra das lettras portuguezas, agradecêmos nós cordealmente ao sr. Dr. Antonio Joaquim da Silva Abranches. Por dever o fazemos, que para seu galardão, sobrára-lhe o solemne acolhimento e publicidade que a este seu trabalho deu a Associação dos Advogados de *Lisboa*, cujo membro é.

(1) ¿¡Como assim se-tem desbaratado tanta riqueza nacional?!

(2) Temos que é inquestionavel justiça aggregarmos a estes nomes os dos srs. Drs. *Emydio Costa* e *A. Gil* ambos benemeritos da lingua patria, e seus mui elegantes cultores. Outros haverá certamente d'esta nobre profissão que devêramos mencionar, se como a estes os-conhecessemos por suas obras.

ROUBO A' SENHORA DO CARMO EM LAMEGO.

643 Dentro d'uma egreja quando vai a noite lá por essas horas mortas — quando a luzinha da lâmpada do Sacramento espalha a cada tremular da viração informes desenhos pelas paredes, e solemne expressão dá aos rostos d'esses Sanctos em vulto e de painel, quasi apparencias de vida — quando no meio de tanto silencio e tranquillidade só se-ouve o trincar da traça e o trabalhar dos vérmes — quando ha ahi um mistico sussurrar como o do penitente aos pés do confessor — ¿que homem religioso poisaria os pés sobre o chão do templo — só a taes horas? — ¿á porta fechada sem tremer?... ¿quem? — O muito bom — ou o muito máu; o muito bom, porque sem se-arrecear está ahi como estará no céu em presença do seu Deus a quem vai curvar-se — O muito máu, porque vai ahi pizar as lágeas sagradas como piza o sobrado da taberna e o do lupanar. ¿E qual d'elles se-atreveu a entrar na egreja da *Senhora do Carmo*? — ¡oh mal-aventurada épocha que não deixas hesitar na resposta! — foi o muito máu: o muito máu que se-tentou dos enfeites, com que as recolhidas de *Sancta Thereza* adornaram a linda imagem da Senhora para os seus dias de novena. — O muito máu, que não póde resistir á negra tentação de profanar o mais sancto e sagrado, para haver esses bens, que lhe-poderiam metter a cabeça no laço do algoz.

Amanhecêra o dia 7 — e faltou uma bôa escada de caiador em sitio, aonde a-fizera poizar a necessidade de subir a um telhado.

Raiou o dia 8 — e essa escada estava encostada ao alto muro da cêrca do recolhimento. — Subiu por ella alguem que arrombou o tecto da sachristia, e roubou dois calices de prata — alguem, que não farto já d'este escandaloso furto, penetrou pela portinha do throno, desviou o retábulo e desceu pelo altar do Sacramento — ainda isso o não susteve — levava o ficto posto n'outra parte — proseguiu — parou diante do altar da *Senhora do Carmo*. — N'esse instante — a essas horas, que deviam de ser mysteriosas, ¿como se-animou elle a calcar a toalha e a pedra do altar — como não fugiu do aspecto innocente e cândido da imagem — como se não temeu do poder d'aquelle menino que parecia repousar-lhe nos braços? — o monstro talcou tudo: a toalha e o altar, as flores e a banqueta: subiu os degraus do pedestal e frente a frente com a Mãi de Deus despojou-a de seus anneis, desenlançou-lhe o adereço do pescoço, desprendeu-lhe os cordões de oiro — levantou a mão — pisou-lh'a na cabeça — tirou-lhe a corôa. — ¡O' Rainha dos Anjos! — teu filho sim, teu filho puzeram-lhe uma de espinhos, e calou-se, porque vinha para ser modêlo de humildade; consentiu a ignominia de uma corôa tormentosa, porque firmava o salutar diadema da redempção — mas tu — tu, ó protectora dos homens, como toleraste ao crime prophanar-te com mão sacrilega. O escapulário, a insignia sancta do *Carmélo*, não escapa — é necessario ao malvado mais esse testimunho do seu delicto. Rouba tudo que lhe-luz a prata ou oiro: e desce; e amontoando mochos sobre mezas, escapa-se impune de tamanho sacrilégio.

Devia de ir descançar no seu leito do inferno da trabalhosa lida; talvez ao lado da amásia infame, que ao outro dia penduraria do pescoço os cordões, que na véspera pendiam do côlo e da corôa da Virgem.

Consta que o roubo andou pelo valor de 400$000 rs. e o estabelecimento apenas tem 337$000 de rendimento.

Na mesma noite os presos, que se-achavam na casa da relação, tentaram arrombar a cadêa. Felizmente foram presentidos a tempo, e reforçada logo a guarda. Houve logar de evitar-se o derramamento por esse reino de mais cento e tantos assassinos e ladrões, como eram, dizem, os criminosos: sendo que alguns d'elles até já sentença tinham.

PREMIO A' HEROINA.

644 A varonil *Rosa Gonçalves* de quem em o nosso n.º 41 deixamos feita honrada menção, escreve-nos hoje o mesmo sr. *João Maria Nogueira* de

quem houvéramos aquella carta, que fôra finalmente premiada. Sua Magestade ordenou ao respectivo governador civil, que lhe-fizesse constar o subido aprêço em que tivera o acto de valôr por ella practicado, valôr insólito no seu sexo, e tão raro, que ainda em tempos heroicos o-seria. Além d'isto ordenou a Mesma Augusta Senhora que em fórma de remuneração, ou desconto dos prejuizos, que soffrêra, se-lhe-déssem 48$000 rs., e uma boa espingarda e algum cartuxame, que ella pedíra para sua defensa. Outrosim se-lhe-entregou uma cópia authentica da *portaria* do ministerio do reino em que Sua Magestade se-dignou galardoar aquelle recommendavel feito.

INCENDIARIOS.

Tomâmos dos Pobres do Porto o que se vai lêr:

645 No dia de Sancto Antonio, á hora em que toda a gente estava ouvindo missa, pozeram fogo ás casas de um rico e grande lavrador da freguezia de *Montecordova*, concelho de *S. Thomé de Negrellos!!* Uns gordos bois, tres porcos, um rebanho de ovelhas e quatro bezerros foram víctimas das châmas!! As casas, que formavam um vasto quadrado, arderam, cheias de mobilia immensa, não escapando ao furor do incendio senão a roupa, que a numerosa familia tinha levado á missa, e dinheiro em oiro por estar em sitio onde o calôr não foi tão forte que o-derretesse! Não aconteceu outro tanto á prata, cordões etc., por estarem mais expostos. Grande parte das casas de dois lavradores contiguos egualmente ardeu com tudo o que as casas tinham!! Os roubos, assassinios, e incendios por aquelle concelho e visinhos estão em progresso! Ha tempo que na mesma freguezia de *Montecordova* um malvado, depois de roubar uma lavradeira, porque ella não guardou segredo, lhe-poz fogo ás casas! e a-ameaçou de lh'as-tornar a queimar se as-reedificasse! Um tiro em logar seguro a-aliviou d'este novo flagello. A meia légua de distancia em *Rebordões* pozeram fogo ás casas de um lavrador, que todas arderam com tudo o que n'ellas havia! em *Roriz* foram devoradas pelas châmas as casas e parte do gado d'outro lavrador aliàs rico, começando o fogo em sitio por onde seu dono não levava lume.

Os roubos são continuos, entrando n'elles de dia e de noite mulheres que levam tudo! O nosso correspondente nos-pede com a maior instancia que gritêmos contra a má administração civil e judicial, que elle julga que estão em perfeito lethargo. Mas de que serve o gritarmos, se é o mesmo que clamar no deserto! Vem a gente recorrer aos periodicos, como se os periodicos podessem dar remedio a seus males! O curativo já não está nos periodicos. As auctoridades não os-lêem e se os-lêem, respondem com desdenho! ¡generalidades! ¡declamações! emfim, por honra da firma sempre tomámos a liberdade de apresentar estes factos aos srs. deputados da nação, a vêr se suas senhorias lhes-dão remedio, se é que elles vão com tenção de remediar os nossos males.

IRRELIGIÃO REMATANDO EM SUICIDIO.

646 Escrevem de *Guimarães*, que no dia 27 do passado, pelas 5 horas e meia da tarde, se-suicidára com uma espingarda de caça, no sitio de *Paraizo* um alfaiate por nome *Fortunato*. Ignoram-se os motivos, sabe-se porém, que ha 14 annos se não confessava, pelo que estando para ser enterrado no cemitério público (o campo sancto), se-ordenou fosse enterrado fóra do logar sagrado, o que assim se-executou: elle tinha nota de perverso!

(*Gazeta dos Tribunaes*)

UM DEFUNTO FEITO A' ACOMPANHAR OUTRO.

647 Escrevem da mesma villa, que na noite do dia 30, indo um çapateiro com o hábito de terceiro dominico assistir a um enterro, lhe-deram uma facada! Diz-se que fôra resultado de uma desordem anterior.

(*Gazeta dos Tribunaes*)

HONRAS A UMA POETISA.

648 A auctora do livro — que ha tempos annunciámos, com o devido louvor, intitulado "*Aux Bords du Tage*" merece pelo affecto que mostra á terra, e gente de *Portugal*, que nós outros os que nos-damos ao commércio das letras a-reputêmos de certo modo como nossa; e assim não será improprio que n'este logar consagrado a notícias portuguezas se-encontre uma sucinta menção do aprêço que d'ella estão fazendo os seus patricios. Tornada de *Lisboa* a *Pariz* para se-poder effeituar uma pensão que em recompensa de suas obras lhe-decretára o govêrno francez, tem lá sido devidamente celebrada pelos poétas mais distinctos do seu tempo. Ultimamente o affamado sculptor Mr. *Gayrard* fundiu em bronze o seu busto. Assim o rôsto e a presença da cantora de *Cintra* e *Camões* poderá viver na posteridade, como as suas obras.

PROPRIEDADE LITTERARIA.

649 A sociedade escholastico-philomática vai instaurar brevemente a discussão de um ponto assás interessante, ultimamente apresentado por um de seus membros para os debates, a saber: ¿se a propriedade litteraria é ou não um verdadeiro direito? ¿Quaes são ou devem ser os seus limites? ¿E quaes os modos mais efficazes para a-realisar e defender. O estudo, o zêlo, a intelligencia e a sisudeza com que n'esta sociedade, pela maior parte de mancebos e estudantes, copiosamente se-teem discutido outros muitos pontos de alta philosophia, afiançam, que a discussão d'este não será baldada para ajudar em parte a desinvolver-se, e formar-se a pública opinião a tal respeito. Folgáramos que a associação dos advogados de *Lisboa*, um dos mais venerados e venerandos corpos, que entre nós existem, briosamente movida do exemplo que lhe-estão dando estes noveis, mas ardidos voluntarios da república das letras, entrasse como batalhão sagrado de seus veteranos em uma contenda, que é sua, não só como controvérsia jurídica, senão tambem como interesse intellectual. A imprensa finalmente a-deveria não menos discutir, a fim de ajudar, amadurecer, e apressar a lei, que dos legisladores, ha tanto tempo, e em vão se-tem esperado; e cuja falta não poucas, nem leves espoliações está causando todos os dias. Se jamais houve para um negócio, conjunctura propria, ésta o-é sem nenhuma dúvida para se-fixar a moralidade, e o direito ácerca dos dominios e fructos da alma humana, pois que n'esta hora á ponto está o assumpto a ser controvertido, como coisa maxima nos dois povos, que em tudo queremos para exemplares, na *França* e na *Inglaterra*.

MANADA DE CRIMINOSOS.

650 Em um jornal do *Porto* lêmos que entraram para a cadêa d'aquella cidade, a 15 do corrente, 38 prezos, e duas prezas; uma das quaes, dizem, ter morto o marido, e ter-lhe arrancado os figados, para os-mostrar ao amante! Os prezos, são sentenciados por grandes crimes: parte, estava nas cadêas

de *Villa Real*, parte, mas de *Lamego*; uns e outros haviam tentado arrombal-os.

UM HERDEIRO DA BENÇAM DE ABRAHÃO, ISAAC, E JACOB.

651 Indo á feira do *Carmo* (nos-escreve de *Loulé* o sr. *João José Jára*) estive em casa do negociante de sola o sr. *Antonio Baptista*, em *Faro*. Tem elle de edade 74 annos: é mui sadío, e córado; nunca padeceu molestia; foi casado quatro vezes, e teve da primeira mulher 21 filhos, da segunda 3, da terceira 5, e da quarta 19; total 48: a última mulher, com quem fallei, faz em agosto proximo 36 annos.

MAIS UM LOUCO.

652 A 20 do corrente um estudante da Eschóla Polytéchnica, saíndo reprovado, recolheu-se ao seu quarto, aonde com uma navalha de barba se-degollou. ¿ Recuperaria com isso o crédito, que julgava perdido? ¿ A reprovação do primeiro acto poderia áquelle segundo, e derradeiro da sua vida, converter-lh'a em approvação!

MAIS UMA LOUCA.

653 Sabbado passado pelas 8 horas da tarde precipitou-se de um terceiro andar no *largo do Mastro*, uma menina de 16 annos de edade.

R. de Septembro.

SEMEAE E COLHEREIS.

654 » Ante-hontem, foi morto á paulada nas eiras dos *Zambugeiros*, da quinta da *Quarteira* um çapateiro, por appellido o *Filhó*; que me-dizem era bastante perverso; julga-se ser feita a morte por lavradores vexados do tal *sócio*, que ía de noite soltar as égoas dos lavradores para depois lh'as-acoimar: o caso é que appareceu hontem de *cascos* abertos, e todo o corpo feito em salada. — *Loulé* 22 de julho de 1842.

J. J. J.

UMA COMEDIA ABORTADA.

655 *Li o drama intitulado — Atrocidades dos frades dominicanos, em tres actos, obra dramatica por monsieur Monvel. Não se-acha nos termos dos estatutos do Conservatorio Real de Lisboa, cap. 18, art. 68, portanto não se lhe-deve conceder licença para se-representar. Este é o meu parecer. — Lisboa 25 de junho de 1842. — O abbade A. D. de Castro e Souza.*

Conformando-se com o parecer do censor, a Inspecção-Geral dos theatros prohibiu a representação. Não conhecemos o drama, porém o relatorio que d'elle nos-fizeram, bastou para nos-convencer, do quanto foram justas, assim a consulta do censor como a sentença do magistrado: era um escândalo de mais, com que se-procurava carregar, o que ahi, por antíphrase, se-appelida theatro normal.

Deixando de parte muitos outros pontos de accusação, fôra o principal empenho do auctor, *philosopho* (segundo parece) d'estes, a que hoje chamamos de *obra grossa*, mostrar-se *liberalão*, escrevendo mais um libello contra os frades: ¡ grande sabedoria! ¡ grande generosidade! ¡ grande valor! ¡ grande justiça! ¡ grande descobrimento! ¡ grande serviço á civilisação, aos bons costumes, á economia politica, ás sciencias, e ás letras! Fez uma satira moral a todos os frades, porque entre elles os-houve máus: ¡ investâmos á escala vista, e a ferro e fogo, os conventos quando os conventos estão convertidos, uns em fábricas, outros em ruinas, outros em ninhos de ratos! ¡ ressucitemos os odios contra os voluptários enredadores claustraes, quando, emvez de palacios, e quintas, mal possuem sótãos, ou presepes, em que pernoitem; emvez da meza frugal, mas certa, o pão incerto da esmola; quando emfim o proprio hábito, em que viviam envoltos, foram obrigados a dobral-o e pôl-o como cabeceira, á espera da hora, em que a fome e os desgostos lh'o-restituam convertido em mortalha! O perigo e a utilidade de se-tomar com o collosso monachal arca por arca, e braço a braço nos dias da sua omnipotencia, podiam justificar, e ennobrecer até o que houvesse de excessivo nas invectivas e diatribes. ¡ Mas hoje! ¡ hoje! ¡ hoje!... se ha ahi nobreza, é como a do asno da fábula a escoucear a cabeça do leão moribundo.

Com praser citamos portanto aos encarregados da censura theatral, (em quanto ésta instituição não fôr, segundo o philosophico pensamento do sr. *Herculano* substituida) o exemplo, que lhes-acaba de dar o sr. *Castro*, de justa e proficua severidade no desempenho de seus deveres. Convençam-se elles da profunda responsabilidade de seu officio; e, se ninguem póde calcular a grandeza dos resultados remotos de qualquer causa minima, meditem bem, quantos males, e desgraças, de uma peça indevidamente licenciada, poderão provir a pessoas, a familias, e á sociedade. Aquelles, por derradeiro, para quem ésta mesma terrivel ponderação não fôr bastante, a arrancal-os de desleixadas e infames condescendencias, lembrem-se, que acima da sua censura, ha outra censura; acima dos seus juizos, um grande jury, de que não ha appellar, o público: este, já pelo excesso da licença dramática, começou a convencer-se da necessidade e obrigação, que tinha, de por si mesmo lhe-pôr cobro; já não applaude os escândalos; já reprova as indecencias; e, não ha ainda muito, que poz á comedia *O marido de minha mulher* o nobre veto absoluto de uma redonda pateada.

656 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 19 JULHO ATE' 26 JULHO 1842.

Dias do mez	*Thermometro exterior*		*Barometro*		*Pluvimetro.*	*Ventos dominantes e sua força.*	*Estado da Athmosphera.*
	Min.o	*Max.o*	*9 h. m.*	*3 h. t.*			
19	62°	80	758,5	758 0		^{1}NO^{2}	Claro: madr.e e tarde fresca.
20	62	80	59,0	59,0		^{1}NO^{2}	Cl.o e alg. nuv.e — Id. — Noite cob.a e tepida.
21	68	82	59,4	58,0		^{1}NO^{2}	Id. — Cl.o — Madr.a tepida, e tarde fr.a
22	61	88	58,0	57,6		B NO^{1}	Cl.o — dia m.o quente, e tarde fresca.
23	63	86	60 2	59,7		B NO	Id. Id. Id.
24	66	79	58,5	58,2	4	^{1}SO	Cob.o e aguac.o ás 11 h. m. — Cob.o
25	63	80	58,3	58,5		O NO^{1}	Cob.o e cl.o — tarde fresca.
26	63	81	59,5	59,0		NO	Cl.o e nuv. — Cl.o — tarde fresca.

Permaneceu por oito dias a influencia da 5.ª quadra com a temperatura fresca nas madrugadas e tardes, devida á viração do noroeste que soprou rija, sendo tão sómente calmosas as horas meridianas: o ar manteve-se sempre muito secco. A 24 foi alterada esta quadra pela mudança do vento para o sudoeste, apparecendo uma pequena chuva que nada moderou a excessiva seccura que experimentámos desde o principio de maio. Esta leve alteração no estado da athmosphéra apenas durou dois dias, e logo voltou ao precedente andamento de tenaz seccura.

M. M. Franzini.

LISBOA: 1842 — NA TYPOGRAPHIA LUSITANA.
Rua das Parreiras n.o 4, a Jesus.

8.º DA 4.ª SERIE. N.º 44. 4 AGOSTO 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sae ás quintas feiras. = Escriptorio na rua da Quintinha n.º 53 = Assigna-se no Escriptorio e na loja da viuva de João Henriques n.º 1, rua Augusta = Avulso 80 réis: 12 números 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis = O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados. Cada serie de 12 números, desde o principio do jornal, custa 600 réis = Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias = Os das provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes convier = Subscripto da Correspondencia: Ao Redactor da Revista Universal, rua da Quintinha n.º 53 = Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade = Qualquer artigo interessante será acolhido com gratidão e publicado = A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se-lhe-remetta um exemplar = Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o desejar = Tambem no seu Escriptorio se-patentearão ao publico objectos de similhante natureza, que para alli sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal = Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes = A distribuição na capital faz-se em tres horas = Este número sae ás nove horas da manhã.

EXPEDIENTE.

Por inesperado transtôrno typográphico sae este número 24 horas mais tarde.

CONHECIMENTOS UTEIS.

657 EIRADOS.

Em os climas temperados, como o do nosso *Portugal*, não ha necessidade alguma de dar aos téctos dos edificios aquella grande altura e inclinação, a que se-veem forçados os habitantes das regiões mais frias do norte, onde a neve se-fórma com tanta frequencia, e cae tão abundante. Lá a não se-lhe-apresentarem os telhados em fórma, como de cunha, e de grande declivio, que não consente que ella se-detenha, mas faz que logo escorrégue e cáia fóra dos téctos, o pêso, que se-accumularia sôbre elles, seria tão grande, que infallivelmente os-abateria, assoberbando os edificios. — D'estes rigores e suas consequencias, estámos nós, os do valle do *Téjo*, quasi inteiramente livres. — É por isso de admirar que na cidade de *Lisboa*, se não tenha vulgarisado mais o formoso stylo de cobrir os edificios com eirados planos, como por partes se-usa no sul do reino, e mais geralmente por todas as costas do *Mediterráneo*; em logar dos pesadissimos e dispendiosos téctos inclinados e cobertos de têlha, como é universal costume.

Este modo de cobrir os prédios com eirados planos tem muitas vantagens e conveniencias; d'ellas apontaremos as que nos-parecem mais para notar.

É a 1.ª — a grande economia das madeiras necessarias para o técto; pela muita superficie, e menor pêso, que o da têlha e argamassa actual; e por não haver as peças de ligamento indispensaveis na presente construcção, para resistir á pressão lateral, que tende a fazer afastar do perpendículo as paredes do edificio, sendo esta pressão no caso dos eirados, sómente vertical, a que as paredes bem resistem.

2.ª — Grande facilidade no atalhar os incendios em edificios contíguos.

3.ª — Prestar ás familias um desafôgo deleitoso nas calmosas tardes e claras noites do estío — um passeio agradavel e salubre sem saír de casa — e ás creanças principalmente, um exercicio utilissimo ao ar livre.

4.ª — Proporcionar ás damas o agradavel passatempo da cultura das flôres em vasos; (os quaes sendo collocados juncto das paredes, ou sôbre os parapeitos, nenhum damno farão com seu pêso) e aos apaixonados da botânica, um jardim experimental muito á mão, que tambem facilitará a creação de plantas exóticas em estufa envidraçada, podendo ser aquecida com vapôr, por meio de um tubo, que nasça de caldeira na cosinha.

5.ª — Facilitar a creação ou conservação de pássaros raros ou estimados, em viveiro accommodado.

6.ª — Facilitar aos curiosos e estudantes da sublime astronomia e da meteorologia a observação dos phenómenos, com a maior commodidade para a collocação dos necessarios instrumentos.

7.ª — Dar grande embelesamento á cidade, pela variedade nas fórmas das varandas, balaustradas, e parapeitos dos eirados, que os architectos podem diversificar infinitamente; e que acompanhados da indispensavel guarnição de plantas várias e flôres (tornando-se geral este systema) apresentariam a capital como um vasto e améno jardim.

8.ª — Facilitar os concêrtos e reparações dos téctos.

9.ª — Servirem estes eirados de extendal de roupas, acabando com a prática indecente e estragadora de pendurar trapage pelas janellas das ruas.

No *Algarve*, onde se-dá a estes eirados o nome de *soléias*, são elles feitos (como tambem no *Alemtejo*) de tijolos, assentes em argamassa, sôbre grôssas traves das madeiras do sítio. — Os eirados, ou antes terrados que ha em alguns, mui poucos, edificios d'esta capital, são assim construidos, ou sôbre abóbadas. — Nenhum d'estes modos póde ser adoptado para cobrir predios da construcção commum: e muito menos os de alguns, nos quarteirões da cidade nova, que a céga cubiça de seus senhorios, tem transformado em verdadeiras tôrres de *Babel*, ¡¿ Qual seria a sorte d'estas habitações e habitantes se os decretos da Providencia ordenassem uma repetição da catástrophe de 1755?! E é isso impossivel?!... ¡¡ Horror!!... ¡E as auctoridades do municipio teem, ha tanto, contemplado impassiveis o progresso d'estas verdadeiras armadilhas de devastação e carnificina! Aquella prática não traz, nem economia de madeiras, nem diminuição de pêso, e n'esta parte, tem os inconvenientes dos telhados. — Os eirados sôbre a generali-

dade dos edificios em *Lisboa*, só podem com vantagem, ser cobertos de asphalto, ou outro bitume ou cimento simillante. — Tambem se-póde usar do zinco em folhas; e n'este caso, será a cobertura mais leve que se-possa obter, e não é combustivel como os asphaltos.

Foi o sr. *Braamcamp* quem primeiro n'esta cidade abriu o caminho d'este novo progresso, cobrindo o seu bello prédio da rua da *Horta Sêca*, que ultimamente reedificou, com um cirado, d'onde se-desfructa uma esplendida vista do *Téjo*: e em cujo edificio se-admira tambem, a elegante simplicidade das grados das sacadas, em notavel opposição com a mesquinha e supérflua riquesa do typo dominante d'estas gradarias na maior parte das casas de *Lisboa*. — Oxalá que o sr. *Braamcamp* tenha imitadores, que se-resolvam emfim a saír do *ramerrão*. — Parece-nos que a municipalidade muito poderia fazer, até por meios indirectos, para que este modo de cobrir os edificios se-propagasse.

O artigo, que se-vai lêr, foi-nos enviado pelo sr. *Pedro Alexandre Cavroé*, cidadão mui conhecido pelos seus bons serviços e constantes desvelos no tocante aos interesses industriaes. Julgámos dever publical-o sem embargo de conhecermos as difficuldades, que poderá haver para se-conciliarem com os principios absolutos da liberdade as mui prudentes reformações requeridas pelo sr. *Cavroé*. Já em outro n.º d'este jornal démos conta de eguaes queixumes levantados em nome dos artifices por um dos membros do *Congresso de Lyão*, artigo, que por ésta occasião recommendamos, se-relêa attentamente.

URGENTE NECESSIDADE DE ACUDIR COM REMEDIO A'S ARTES E OFFICIOS EM PORTUGAL.

658 O infeliz estado, a que se-acham reduzidas as classes dos officios mechanicos em *Portugal*, e a total anniquillação, que as-ameaça, não lhes-prestando auxilio o governo para evital-a, me-impellem a dirigir a v. a exposição seguinte: rogando a v. haja dar-lhe publicidade no seu conceituadissimo e patriótico jornal.

A liberdade de qualquer vender objectos, manufacturados outr'ora tão sómente por mestres e officiaes das corporações mechanicas, não só é mui prejudicial e attentatória aos que deram annos de aprendizes e officiaes, para com esses annos, e pericia nos mesmos adquirida, se-examinarem mestres, (prejuiso de que participam suas familias), mas é tambem damnosa para o público, que compra suas obras suppondo-as ter a devida solidez, que lhes-dá a mão habil exercitada pela pratica, e dispende o seu dinheiro em um objecto, que não tem a competente duração por mal construido, visto que a mão inepta, por falta de conhecimento dos preceitos não lhe-dá a acertada construcção, nem a perfeição no acabamento, que devia ter, o que a utilidade pública exige que tenha.

A classe dos officiaes mechanicos é uma das mais consideraveis, e numerosas em um estado, e jámais teem sido desattendidas suas legitimas reivindicações perante os monarchas justos, e tanto hão ellas sido levadas em conta entre nós, que até ás exigencias de súbditos de uma nação poderosa, da alliada mais antiga e intima de *Portugal*, da mais commercialmente enlaçada comnosco, e da mais util pelo consumo e exportação de um dos nossos generos mais abundantes, foram denegadas, afim de se-conservar este direito adquirido, que só a pratica de annos aperfeiçoa: os documentos seguintes comprovam esta asserção.

Os tanoeiros tinham a propriedade de só elles construirem o vasilhame para o vinho, vinagre, azeites e aguas-ardentes; ao mesmo tempo exerciam uma auctoridade pública, pois tinham obrigação de marcar com a marca da cidade, e examinar quantas pipas d'esta cidade saíam, e vinham a despacho, declarando a quantidade de liquido que levavam; tendo obrigação de comparecer os que serviam de juizes na alfandega das septe-casas; e só a estes pertencia o referido exame e declaração pelos conhecimentos adquiridos na prática d'este officio; comtudo em tempos anteriores a 1803, em diversas occasiões, houve quem se quizesse intrometter em mandar manufacturar obras d'este officio, ao que o governo occorreu prohibindo tal abuso; e n'este apontado anno de 1803, os negociantes inglezes quizeram ter em suas casas e armazens officinas d'este officio; porém a resolução régia sobre uma consulta os-conteve, mostrando-se não fazia vexame, nem tropêço ao seu commercio, porque lhes-ficava livre, assim como livre a este officio o direito de propriedade, que tinham adquirido os seus mestres por trabalhos nos annos de seus exercicios, no que lucrava a nação.

Egual resultado teve a consulta de 3 de agosto de 1824, determinando que a obra de tanoeiro não podesse ser feita senão nas lojas dos mestres examinados, concedendo se-fizessem os concertos dos vasilhames nos armazens dos negociantes, com tanto que os officiaes trabalhassem debaixo da direcção de respectivos mestres.

Se em todos os estados se-tem estabelecido legislação e providencias tendentes a distinguir, e separar os exercicios das diversas classes operário-mechanicas, manufactureiras, industriosas; nem se-permittem invasões, ou atropelações nas suas funcções e manobras, por isso que desfalcam, ou diminuem o interesse da subsistencia necessaria aos chefes de familias, e ás mesmas familias d'estes, a que tem incontestavel direito, pelo adquirirem nos annos de exercicio de aprendizes, officiaes e mestres, como se-ha-de consentir, sem que se-provêja de remedio para evitar a continuação da atropelação praticada por individuos entre nós, o que em nação alguma se-consente? O pagamento de uma licença de loja aberta, alcançada em uma hora, confere acaso a este egual direito ao d'aquelle, que para abrir loja do seu officio deu annos de aprendiz, annos de official, nunca menos de oito nas duas coisas, e para ser mestre foi examinado por peritos?

Os males provindos da extincção das classes dos officios são assás conhecidos: — praza aos céus que Sua Magestade occorra com alguma providencia suspendendo o desgraçado futuro, que aliás as-reduzirá á anniquilação.

Em França entram na classe das artes, a dos fundidores, torneiros etc., que são aqui reputados officios. O estado dispende annualmente contos de réis com a sustentação da Academia das Bellas-Artes em Lisboa e *Porto*: para a sustentação das classes das artes e officios uteis, além de necessarios, sómente se-carece de um bom regulamento, de encarregar a sua execução a uma auctoridade; e da concessão de se classificarem distinctas entre si, com a permissão de elegerem dois juizes, e respectivos escrivães. Não se-concederá á decima parte da população masculina d'este reino, o que se-permitte a uma irmandade estabelecida em qualquer egreja, ou ermida?

(Continuar-se-ha.)

Pedro Alexandre Cavroé.

CALAFETO DAS EMBARCAÇÕES.

659 Entre os muitos e recentes inventos, que a marcha accelerada do espirito humano tem creado para utilidade geral, apparece um, que promette singulares resultados; e de certo fará uma grande alteração nas construcções navaes.

Um mr. *Jeffery* inventou, e submetteu á investigação do almirantado inglez, uma composição adesiva, que propõe substituir ao calafêto dos navios. Esta composição foi exposta a tremendas provas, cujos resultados saíram mui cabaes e demonstrativos. — Primeiramente collaram-se, com a tal composição a ferver, dois páus de têca d'*Africa*, que é madeira mui difficil de unir por meio do grude commum, em razão de ser muito oleosa: e assim pegados se-collocou o todo na máchina de prova; e ligando-se fortes correntes nos lados oppostos, se-lhe-applicou o potente esfôrço da prensa hydráulica, até ao equivalente de 13 toneladas de pêso; rebentaram as correntes sem ter produzido o minimo effei-

to na junctura: applicaram-se novos e mais fortes cadêas de polegada e meia de diâmetro; egualmente rebentaram com um esfôrço de 21 toneladas, sem do mesmo modo se-perceber falha na união dos dois madeiros. — Esta especie de experimento, parou aqui; e resta ainda provar, pela applicação de mais fortes correntes, até que ponto chega a espantosa propriedade adesiva d'esta composição. — Depois uniram-se com a composição, e pelo mesmo modo, quatro tóros de madeira rija, pesando junctos 24 quintaes, e se-içou este sólido ao tope da cábrea do arsenal de *Woolwich* (onde se-faziam as experiencias) que tem de altura 76 pés, e d'alli foi despenhado sobre o rijo caes de granito, em que está apparelhada a dicta cábrea, sem se-poder descobrir o menor indicio de separação das madeiras, apesar de tão duro choque.

Por fim, construiu-se de madeiras com as dimensões proprias, uma porção da amurada de um navio de linha, e todas as peças, que a-compunham, foram unidas e ligadas com a tal composição adesiva, sem auxilio de um unico prégo ou cavilha, e foi isto collocado por alvo, diante de 3 peças de 32 a distancia de ponto em branco: e, dando-se-lhe alguns tiros, causaram estes um grande effeito, despedaçando e arremessando as madeiras em todas as direcções, sem apparecer em parte alguma separação forçada das peças unidas pela composição. — Fez-se depois em outras madeiras, identicamente colladas um furo de 6½ polegadas de diâmetro, e n'elle se-atacou uma granada de 32, que sendo inflamada de rastilho, rebentou, atirando com as madeiras em mil estilhaços, sem nenhum ser arrancado pelas junctas. — Como se-vê, estas duras experiencias, foram concludentes e triumphantes; e é de esperar que o almirantado inglez não tarde muito em applicar este invento ás construcções navaes. — Dizem que esta composição tem as propriedades de se-dilatar com o calor, e de não se-tornar quebradiça com o maior frio, sendo justamente o contrario do que acontece ao breu, de que hoje se-usa nos calafetamentos: são estas qualidades, que tornam esta nova composição preciosa para tal applicação. A receita ainda não é publica, mas já se-affirma que este mixto, não é mais que goma laca, e borracha (cautchúc) dissolvidas em naphta, em determinadas proporções, e que o custo anda por metade do do grude commum.

Recommendamos o expendido á consideração de nossos *experimentadores*, e auctoridades superiores dos ramos do serviço público, a que este extraordinario invento póde ser mais proveitoso.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

PROCISSÃO DOS FERRÔLHOS.

5 *de agosto de* 1599.

660 Quem nos-sairá ahi a contestar, que a mór parte de quanto ennobrece ainda hoje este reino de *Portugal*, em monumentos e gloriosas tradições, foram os votos religiosos de nossos avós que o-produziram!...

Lá se-ergue *ainda* n'um dos mais alevantados montes de *Lisboa*, no posto que outr'ora se-chamava *Cabeça d'Alperche*, um conventinho, não ha muito povoado dos eremitas de *S. Agostinho*, onde por enquanto se-venera a milagrosissima imagem de *N. S. da Penha de França*, obra que um devoto soldado (doirador) no conflicto da batalha de *Africa* contra o *Maluco*, promettêra, se-escapasse aos grilhões do moiro. O que pontualmente cumpriu dando-lhe aquella invocação tomada de outra imagem apparecida n'uma serra da *Castella-a-Velha*, que de Penha de França tem o nome. Fez-lhe primeiro com esmolas uma capellinha, que foi depois engrandecida com os dinheiros da cidade, e por último no dominio dos frades (para quem passou) alargada em convento para poucos religiosos.

Como tanto crescesse a devoção á Senhora, agora o-veremos pelo documento que trasladâmos.

É um voto que a governança da cidade fez no tempo dos *Felippes*, quando esta estava já desamparada de grande parte de seus habitantes.

Assento que se fez em Meza de Vereação a 28 de Janeiro de 1599 por cauza da Peste que assolou esta Cidade de Lixboa

Que a Cidade faz Voto a N. S. da Penha de França, que ella lhe fará a sua Capella com seu retabolo, e lhe dará hum ornamento bemfeito, como á Cidade parecêr, e que tanto que ella for servida alcançar de seu bento filho saude para esta Cidade, lhe fará huma Proccissão, que sahirá pela manhãa muito cêdo da nossa Igr.ª e Real Caza de Santo Antonio, e na dita Proccissão se levará a sua Imagem á dita Caza, na qual irão O Presidente, e Vereadores, e mais officiaes da Meza, e Cidadãos, que quizerem, discalços, e todos levarão suas varas nas mãos, e Cirios na outra, os quaes ficarão de esmolla.

A Meza hirá sem nada na Cabeça, e na Capella se porá uma diviza; e outro sim promete a Cidade, que esta Proccissão se fará em cada hum anno perpetuamente no mesmo dia em que se fizer a primeira Proccissão, e no letreiro, que se pozer na Capella, se declarará tambem esta obrigação, e a hir a Cidade discalça promete por esta vez, porque os que vierem farão o que lhes parecêr no ir descalços, e nesta Proccissão irão O Presidente, e mais officiaes da Meza confessados para na missa que se dicer tomarem o SS.^mo Sacramento, e athe ao Cabo della estarão discalços. O Presidente — *Henrique da S.ª* — *Francisco Cardozo* — *Luiz Mendes* — *Domingos Ferz* — *Antonio Dias* — *Gaspar Antunes* — *Gaspar de Cequeira*.

E o Povo he Contente de asignar na Promessa que a Cidade tem promettido para N. S.ª da Penha de França, no que toca á Capella Mór, e retabolo, e ornamento para se celebrarem os Officios Divinos, em o qual se poderá gastar, sinco ou seis mil cruzados somente, e mais não, com declaração, que no arco da capella mór se fará declaração como o Povo dêo esta esmolla. — *Thomé Antunes* — *Antonio Dias Fialho* — *Gaspar de Cequeira* — *Antonio Dias* — *Pedro Soares* — *Bento Soares* — *Francisco Pereira Ferreira* — *Lucas Soares* — *Pedro Mendes* — *João Dias* — *Adrião Martins* — *Domingos Fernandes* — *Alvaro Gomes* — *Antonio da Costa*.

A primeira Proccissão se fez a 5 de agosto de 1599 — dia de N. S. das Neves, e no mesmo dia se farão as mais daqui em diante. O Presidente *Francisco Cardozo* — *Luiz Mendes* — *Gregorio de Moraes* — *Gaspar Antunes* — *Gaspar Cequeira*.

¿Mas porque se-chama a esta procissão dos ferrôlhos, segundo é geralmente conhecida? Não vol-o sabemos dizer ao certo. É de reparar que todos os auctores (e não são poucos) que ácerca d'ella escreveram, tal nome lhe não dessem nunca.

Não devemos porém callar que temos lembrança de lêr algures, que assim se-lhe-chamou popularmente, porque saíndo a procissão de *S. Antonio da Sé* á meia noite (e talvez depois sobre a madrugada) íam os devotos caminho da *Sé* acordando uns aos outros, batendo-lhes ás portas, e até já em procissão continuavam a fazêl-o, para convocar os que quizessem acompanhal-os, ou resar de suas janellas, etc. Peza-nos bem que outras obrigações nos-vedem o-poder averiguar esta antigualha.

Confirmou el-rei o voto da cidade e auctorisou a despeza que mandou saisse do rendimento das carnes e real d'agua, etc. O terremoto de 55 derribou o antigo convento: o que hoje existe não tem nem sombras do que fôra.

Ignorâmos se a camara ainda hoje vai á *Penha*, ou fica na *Sé*; — que já se-quebrou o voto, affirmamnos......

A. da Sylva Tullio.

---

661 CARTA 4.ª

Necessidade de uma nova divisão de épochas. Falso aspecto da Historia.

(Continuação da pag. 506.)

Mas voltemos os olhos para os monumentos d'aquellas eras antigas em que ellas fielmente se-reflectem, e fechemos os livros: busquemos a historia da sociedade, e deixemos por um pouco a dos individuos. Os primeiros documentos que nos-caírem nas mãos destruirão essas illusões: sentiremos a infinita differença entre uns e outros tempos: veremos o que os reis, os nobres, o clero, os cidadãos, os camponezes de então eram reis, nobres, clero, cidadãos, e camponezes bem diversos dos actuaes. Pouco bastará para nos-persuadirmos de que a biographia das familias ou dos individuos nunca póde characterisar qualquer épocha, antes pelo contrario, a historia dos costumes, das instituições, das idéas, é que ha-de characterisar os individuos, ainda quando quizermos estudar exclusivamente a vida d'estes, emvez de estudar a vida do grande individuo moral, chamado povo ou nação.

Transcreverei varios documentos relativos ao primeiro periodo da nossa historia. Serão os que successivamente me-occorrerem, sem fazer escolha. Reflicta n'elles o leitor, que conhecer os nossos livros historicos. Que julgue se algum d'estes lhe-faz suspeitar ao menos o que por aquelles anteverá de golpe — um modo d'existir n'essas eras remotas alheio inteiramente das fórmas da sociedade presente.

I.

«Se algum bispo, ou pessoa d'ordens sacras tiver o vicio da embriaguez, ou se-emende ou seja deposto.»

«Se um sacerdote ou qualquer clerigo se-embriagar, que faça penitencia por 20 dias. Se-vomitar com a embriaguez, faça penitencia por 40 dias. Se fôr com a Eucharistia, faça penitencia por 60 dias.

....

«............ Quem vomita a hóstia e esta é comida por algum cão, faça penitencia um anno. (1)

II.

Achando-se a rainha *D. Urraca* (1127) em Compostella, o povo opprimido pelo bispo *Gelmirez* revolta-se e accomette a sé e o palacio episcopal. Eis como a historia compostellana pinta uma commoção popular do seculo XII. (2)

«...... é accommettida a egreja do apostolo com repetidos assaltos: as pedras, as setas, os dardos voam por cima do altar...... Estes homens perdidissimos deitam fogo á egreja de *Santiago*, e incendeam-na toda, porque uma grande parte d'ella era coberta de ramos de tamargueira e de taboas........»

«Depois que o bispo e a rainha vêem a egreja incendiada...... fogem para a torre dos sinos...... Os compostellanos...... accommettem a torre, e despedem pedras e setas contra o bispo e a rainha. Mas os que estavam com elles defendem-se bem...... Finalmente os compostellanos...... valem-se do fogo, e unindo os escudos por cima das cabeças, deitam-no dentro por uma fresta aberta na parte inferior da torre. O fogo atêa-se e trepa contra os que estavam n'ella.»

«...... Clamavam de fóra: — a rainha se quizer que saia: a ella só concedemos permissão de sair e de ficar viva: os outros hão-de morrer a ferro e fogo. Ouvido o que, e crescendo o incendio, a rainha constrangida pelo bispo, e recebendo d'elles palavra de seguro, saiu da torre. As turbas tanto que a vêem sair, accommettem-na, agarram-na, e levam-na a rastos para um lodaçal; arrebatam-na como lobos, e rasgam-lhe os vestidos: fica nua dos peitos para baixo, e assim jaz por muito tempo descomposta diante de todos. Muitos quizeram apedrejal-a, e até uma velha lhe-deu com uma pedra na cara.»

¿Qual foi o resultado d'estas gentilezas de canibaes? A rainha escapando da cidade como póde, d'ahi a pouco:

«...... consentiu em fazer um pacto de reconciliação com os compostellanos.» (3)

Fazendo queixas de seu marido o rei d'*Aragão*; a mesma *D. Urraca* dizia diante dos fidalgos da *Galliza*:

«...... não sómente me-deshonrou com palavras affrontosas, mas tambem é de sentir para toda a nobreza, que me-enxovalhasse as faces com as suas mãos immundas; e me-desse pontapés.» (4)

É preciso confessar que havia alguma differença da côrte de *Affonso o Batalhador* á de *D. João V.*

III.

«........ O clero bracharense, carecendo de quem o-guiasse, desejava fosse como fosse obter um pastor; mas não podéra achar em todo o bispado pessoa digna d'aquella cadeira.

....

«Quando *(S. Giraldo)* entrou na cidade de *Braga* e viu o estado bravio d'aquelle logar despovoado, e sepultado em ruinas, ficou attonito.» (5)

---

(1) *Canones Penitentiales* juncto ao Ritual de S. Domingos de Silos (1052) em *Berganza Antig. de Hispanha* T. 2 pag. 666. — Não traduzo os relativos aos vicios contra a honestidade, porque não ha palavras para exprimir com decencia as torpezas ou antes brutesas, a que ahi se-allude.

(2) Hist. Compostel. L. 1 C. 114.

(3) Hist. Compostel. L. 1 C. 116.

(4) Hist. Compostel. L. 1 C. 64.

(5) *Vita B. Geraldi Archiep. Brachar. auctore Bernaldo ejus discipulo* em Baluzii Miscell. Liv. 3 pag. 179.

Louvando o procedimento exemplar e excepcional de *S. Giraldo;* diz o seu discipulo e biógrapho.

«Nunca tractou de falcões, nem de caça com cães, ou de jogos d'azar.»

Eis um caso que elle refere, e que representa bem um aspecto dos costumes do seculo XII.

O arcebispo havia excommungado por incestuoso certo cavalleiro: — «Aconteceu, porém, n'aquelle tempo, que por mandado do conde *Henrique*, que então dominava na terra portugallense, todos os próceres portuguezes, e com elles o excommungado por incestuoso, se-ajunctassem em *Guimarães*. Ao qual conventiculo, por assim ser necessario, veio tambem o varão de veneravel vida. Celebrando, pois, missa o homem de Deus na egreja vimaranense, e estando ahi presentes o conde *Henrique* e a formosa rainha *Theresa*, com grande número de próceres, viu que o sobredicto excommungado estava na egreja com os mais. Immediatamente, suspendendo o officio divino, perante todos proclamou incestuoso aquelle homem.... Este inspirado pelo espirito diabolico...... recusou sair da egreja. Saiu finalmente por ordem do conde, e aos empuxões dos outros.»

Para se-ver qual era o estado de segurança individual, e do que dependia a honra e fazenda das pessoas no seculo XII extrahirei outro fragmento do mesmo livro.

«Havia n'aquella região certa matrona chamada *Toda*, que sendo d'illustre sangue, era abastada por grande cópia de herdades e muitissimo dinheiro (6), de cuja opulencia invejosos alguns magnates de *Portugal*, trabalhavam por perdel-a e deshonral-a, para de algum modo lhe-haverem ás mãos as riquezas. Assim deram traça a um víllico (7) do egrégio conde *Henrique*, chamado *Ordonho*, homem de raça servil, como a-raptasse, e casasse com ella, de modo que manchada por tal casamento perdesse a dignidade da honra (8). Seguindo a traça dos fidalgos, o víllico arrebatou a matrona, deu um grande banquete arranjou o thálamo, e dispoz-se para commetter a maldade.»

Perto da noite, D. *Toda*, mandando deitar uma serva no leito nupcial, fugiu com os trajos d'esta, e escondeu-se nos bosques. Quando o víllico deu no engano:

«Grandemente irado, lançou muitos vigias com *mastins* pelas saídas dos caminhos, pelos desvios dos montes, e pelas brenhas selvaticas em busca da nobre mulher.»

Da sequencia da história se-vê, que o honrado víllico ficou impune d'esta e de mais atrocidades, que depois commetteu, até que outros, provavelmente tão bons como elle, o-assassinaram no castello de *Lanhoso*.

IV.

Invadindo o imperador *Affonso VII* a terra de *Portugal*, saiu-lhe ao encontro *Affonso I* em *Valdevez*. Devia ser esta uma batalha decisiva para a independencia de *Portugal*. D. *Affonso Henriques* tinha assentado as tendas na estrada por onde marchava seu primo *Affonso Raimundez*. O imperador chegou:

«Logo que vinha alguem da banda do imperador para uma especie de jôgo ou torneio, a que os populares chamam bafúrdio, immediatamente lhes-saíam ao encontro alguns da parte do rei de *Portugal*, a tornear com os adversarios, e assim aprisionaram *Fernando Furtado* irmão do imperador....... e muitos outros..... Vendo o imperador que tudo saía prosperamente ao rei de *Portugal*.... mandou chamar o arcebispo de Braga e outros homens bons, e pediu-lhes que viessem ter com o rei de *Portugal*, para que firmassem boa paz com as condições que a-tornam perpétua. Assim se-fez, porque o rei e o imperador se-ajunctaram em uma tenda, beijaram-se, comeram, e beberam junctos, e fallaram a sós, voltando cada qual em paz para a sua terra (9).»

V.

«Memória das malfeitorias que el-rei D. *Sancho* (I) fez a D. *Lourenço Fernandez*, e das que lhe-mandou fazer, e executou *Vasco Mendez*. Primeiramente tirou-lhe 70 moios em pão e vinho e 25 entre arcas e cubas, e 40 escudos, e dois colxões e dois travesseiros, e entre bancos e leitos 11, e caldeiras e mezas, a escudellas e muitos vasos, e chapéos de ferro, e dez porcos, ovelhas e cabras, e 25 maravedís, que levaram dos seus homens, aos quaes fizeram uma espéra, e muitas outras armas. Além d'isto ermaram-lhe 70 casaes, perdendo-se por isso a colheita d'este anno que ahi tinha, e a do anno que vem, e 100 homens de maladia (10), que assim perderam. Depois lançaram fogo á sua quintan de cuina, e queimaram-na de modo que nada ficou. E derribaram da torre o que poderam, e ao que não poderam deitaram fogo, o qual deu cabo d'ella, de modo que não póde ser concertada, e para a fazer de novo nem com 1500 maravedís. E quantos casaes tinha, tantos lhe-queimaram, e de mais levaram-lhe um moiro alentado.»

»Saibam todos os que virem esta escriptura, que eu *Lourenço Fernandez*, nem fiz, nem disse coisa por onde houvesse de padecer tal destruição e malfeitoria.» (11)

VI.

«Estas são as dívidas que tem de pagar *Pedro Martim* d'appellido *Pimentel* ...... Aos filhos de *Durazia de Pardelhas* tres libras de uma vaca que lhe-tomei. Além d'isso mando cinco maravedís velhos pela rapina que fiz aos homens do castello de *Vermuim*. Mando tambem oito libras ao senhor arcebispo de *Braga* pela rapina que fiz na terra de *Panoias;* e aos homens de *Barró* cinco libras, se-acharem seus donos, senão deem-nas pelas almas d'elles. Mais: em *Morangáus* cinco libras que roubei. Mando além d'isso que se-apparecer alguem a quem eu deva ou tenha roubado alguma coisa, se-lhe-faça justiça e restituição.» (12)

(6) *Censu.* — De passagem note, que nos escriptores e documentos d'aquella edade esta palavra é frequentes vezes empregada na significação de dinheiro, e não de direito senhorial, como alguns intendem sempre.

(7) N'outra parte se-verá qual era o cargo de *víllico*.

(8) Quando se-tractar das especies e condições das propriedades se-intenderá melhor como D. *Toda* perdia a *dignidade da honra*, isto é, *as propriedades honradas.*

(9) Chron. Gotthorum. 1178 — na Mon. Lusit. P. 3.ª fol. 273 v.

(10) Servos, colonos.

(11) Documentos dos fins do seculo XII em Ribeiro Dissert. Chronol. T. 1 pag. 253.

(12) Documento de 1260 em Rib. Diss. Chron. T. 1 pag. 267.

VII.

«Os servos, homicidas, ou adúlteros, que vierem morar na vossa villa, sejam livres e ingénuos.»

«O morador da vossa villa que matar homem estranho a ella, não pague coisa alguma; e se o de fóra matar o da vossa villa pague 300 soldos.» (13)

VIII.

No cêrco de *Silves* por D. *Sancho I* os sitiadores tinham aberto e abandonado a mina:

«Aprouve ao rei continuar a mina; e com os seus... proseguiu outra vez no trabalho com ânimo constante.» (14)

XI.

«Coutamos as casas em esta maneira, quer sejam d'homens nobres, quer d'outros: convém a saber, que nenhum não seja ousado de matar, nem de talhar membro, nem em nenhuma guisa de malfazer a seu inimigo em sua casa. E outrosim não seja ousado de lh'a romper em nenhuma guisa. Outrosim mandamos que nenhum do nosso reino não seja ousado, que pelos homizios sobredictos matem homens de seus inimigos, nem lhes-cortem membros, nem lhes-façam mal em nenhuma guisa, senão áquelles que com seus senhores ou por si lhe-fazem mal ou deshonra.» (15)

Estes extractos são os primeiros que me-occorem. Podia accrescentar milhares d'outros similhantes. ¿O que nos-revelam elles, bem que imperfeitissimamente? Que a sociedade dos seculos remotos era uma coisa absolutamente diversa da actual. O que significam esses bispos e presbyteros que se-embriagam, que por embriagez são sacrilegos, e cujo castigo consiste em penitencias de dias ou de mezes; esse povo selvagem, que combate dentro do templo, incendeia-o, e arrasta uma fraca mulher pelas ruas, espancando-a e rasgando-lhe as vestiduras, quando esta mulher se-chama a rainha de toda a *Hispanha*, esse rei cavalleiro que commette contra sua espósa brutaes violencias que hoje envergonhariam qualquer homem honrado: esse clero que não acha entre si um individuo digno de receber a dignidade episcopal, n'uma cidade romana convertida em ruinas, e que vai buscar um estrangeiro, no qual se-tem por especial virtude o não ser caçador ou jogador; esses cavalleiros e prelados, que se-affrontam mutuamente perante o supremo senhor do paiz, dentro da egreja; esses villicos ou auctoridades administrativas, de origem servil, que podem violentar damas nobres e ricas impunemente; esses exércitos, que resolvem as questões politicas mais graves em recontros singulares, e esses capitães, que fazem pazes como a plébe termina as suas brigas, comendo e bebendo junctos no campo de batalha; esses reis, que se-vingam por suas mãos, talando, roubando e queimando as propriedades do seu inimigo pessoal, ou que trabalham no fundo das minas como simples gastadores; esses salteadores, que morrem tranquillamente no seu leito declarando-se ladrões cadímos; esses fóros que convertem as povoações em covís de homicidas e adúlteros, dando aos seus moradores gratuitamente o direito de assassinos, ao mesmo tempo que para os outros põe uma taixa de sangue; essas leis emfim, que sanctificam o homicidio e a mutilação, limitando-os a casos e individuos determinados? ¿Qual é o resumo d'estes poucos factos avulsos colhidos ao acaso entre infindos outros egualmente alheios ás idéas modernas de vida civil? É a condemnação dos nossos livros de historia. Em nenhum d'elles se-percebe ao menos de leve, por entre as averiguações de datas, por entre as descripções de batalhas, ou de triumphos, de noivados ou de saimentos de grandes e senhores, que ao lado d'isso, e dando individualidade, gesto, e côr a esses mesmos factos pessoaes, passaram gerações com costumes, crenças, e instituições diversas, ou antes oppostas em grande parte ás nossas; que d'essa sociedade, d'esses homens, na successão das eras e da natureza, veio a sociedade moderna, veio a geração actual; que para existir a espantosa differença d'aspecto, que ha entre o presente e os tempos primitivos, foram necessarias grandes revoluções na índole social da nação. Todavia o grave e sevéro objecto da historia devêra ter sido principalmente este, se o estudo do passado não é uma vaidade inutil, um commentario sem sabôr do livro das linhagens, que, de caminho seja dicto, é muito mais historico, que boa meia duzia d'escriptos dos nossos historiadores (16).

Subsequentemente veremos quaes são as verdadeiras épochas da historia portugueza, considerada a similhante luz, que é a unica importante, a unica verdadeiramente historica. *A. Herculano.*

SUCINTA IDE'A DO ESTADO DA LYTHOGRAPHIA NA EUROPA.

668 Estampamos com muito gosto a seguinte noticia, pela honrada menção, que se n'ella faz de dois patricios nossos. Louvores dados a portuguezes por gente estrangeira são fructa tão rara, que não haverá ahi quem não os-receba com bom apetite.

Extracto do Lithographe, *jornal publicado em Paris*; 3.° *vol. paginas* 241, *e seguintes*

Quando a lithographia entrou em *França*, já os estrangeiros contavam crescido número de officinas, merecedoras de attenção. Desde essa épocha, o invento de *Senefelder* não tem feito, como cumpre confessar, muitos progressos na perfeição dos methodos; mas se o-considerarmos pelo lado industrial veremos, que recebeu em nossa patria *(em França)* gravissimo desinvolvimento; e com tão valente impulso, que em menos de 25 annos se-estabeleceram mais de mil officinas.

Não queremos disfarçar a difficuldade, que ha em dar noticia cabal d'esta materia, quer em razão das distancias, quer pelas differenças dos idiomas: contâmos porém com o auxilio de correspondentes zelosos e de consciencia; e no entanto, esperando mais largas informações, apresentaremos o pouco que temos colhido.

Na *Alemanha*, terra natalicia da lithographia, se conta o maior número de lithógraphos distinctos: as suas obras a lapis não pódem na verdade entrar em parallelo com as nossas; mas são muito superiores nos trabalhos de gravar na pedra, de que a miudo apparecem obras primorosas. *M. Donndorf* de *Francfort*, sobre o *Mein*, não tem rivaes n'este genero: as suas estampas são microscópicas e sempre de correcto desenho:

---

(13) Foral de Bragança de 1187 na Mem. das Confirmaç. — Docum. 37.

(14) De *Itinere Navali* .... 1189 .... *Narratio* — nas Mem. della Acad. di Torino Serie 2 T. 2. pag. 177 e segg. (1840).

(15) Lei de D. Affonso 2.° de 1211 no Livro das Leis e Posturas Antig.

(16) Quando digo isto, não me-refiro a um volume publicado por Lavanha em Roma em 1640, que é talvez a coisa mais parva que desde o tempo de Guttemberg fez gemer as imprensas da Europa. Fallo do Livro chamado do conde D. Pedro, que anda manuscripto por essas bibliothecas de Portugal, e cujo exemplar mais antigo e precioso é o que se-acha juncto ao Cancioneiro do Collegio dos Nobres. ¡ Assim elle estivera completo!

citaremos a que faz para o *album typographico* publicado por occasião do 4.º jubileu da invenção da imprensa. — *Francfort* tambem conta em o número de seus lithógraphos *M. Naumaan*, cujas bellas impressões *coloridas* rivalisam com as mais, que os nossos teem feito. — Em *Berlin* a real impressão lithográphica é dirigida por um prático consumado, o major *Kuntz*; na mesma cidade acha competidor em *M. Sachse*, discipulo de *Senefelder*, e ao qual devemos o quadro original do inventor da lithographia. — A *Russia* possue poucos estabelecimentos lithográphicos, de que pouco temos podido saber. — A *Suissa* tem grande número de lithógraphos célebres: em *Genebra*, *Lausanna* e *Aarmo* trabalham bem: em *Neuchâtel Mr. Nicolet* faz lithographias coloridas, como ha poucas. Uma obra sobre historia natural, que traz entre mãos, é prova incontestavel dos recursos offerecidos pela lithographia em trabalhos d'esta natureza, para os quaes ficará d'ora avante sendo inutil a illuminura. — Não faltam á *Hollanda* e á *Belgica* artistas capazes; porém n'estes paizes põem muito a mira em trabalhar depressa e por baixo preço. — Em *Inglaterra*, onde todos os ramos de industria teem chegado a subido gráu de perfeição, não podia a lithographia ficar parada; pelo que, ha annos a esta parte, tem feito alli notaveis progressos. Citar os *Hullmandel*, os *Strakers*, é dizer que além da *Mancha* encontramos dignos rivaes.

A arte é quasi nulla na *Hispanha*, onde trabalham pouco e mal. Não succede o mesmo em *Portugal*: temos visto bellissimas cópias dos retratos de *Mr. Grevedon*, cujo talento é com tanta justiça nomeado. Estas cópias, lithographadas pelo major *Lopes*, portuguez, estão trasladadas com a franqueza de traço, o partido de luz, na suavidade, que characterisam as obras do nosso compatriota: o sr. *Lopes* não é só um habil imitador, mas tambem pintor distincto.

Tambem vimos uma serie de desenhos históricos, estampada em *Lisboa*, e devida á composição e lapis do sr. *Sendim*. Sem tanta novidade como os toques do lapis do sr. major *Lopes*, os toques do sr. *Sendim* teem o mesmo rasgo, e os desenhos são de perfeita correcção.

DA RESPONSABILIDADE E DAS GARANTIAS DOS AGENTES DO PODER EM GERAL, PELO SR. DIOGO DE GOES LARA DE ANDRADE. — LISBOA 1842.

663 Na regeneração politica, que ha meio seculo se-opéra nas sociedades modernas muitas questões ha que estão ainda por decidir. Conhecer uma grande verdade, abraçal-a, inflamar-se por ella, é coisa muito diversa do que é pôl-a em acção e pratica.

Temos, certo é, feito incarnar muitas idéas de civilisação e liberdade na sociedade moderna — temos a liberdade de consciencia, temos a liberdade de escrever, temos as garantias do jury, temos as garantias do systema parlamentar — estas são realidades que tocamos já, são habitos que compreendemos, são gosos a que temos adquirido amor.

Não fallamos d'este pobre *Portugal*, é bem escusado dizel-o, fallamos da sociedade em geral, da sociedade que vae no progresso da civilisação. — Este periodico não é politico, é uma folha de instrucção recreativa, e assim fóra um peccado o irmos incommodar com queixumes as horas do descanço e da diversão.

Mas n'esta sciencia de civilisação politica, ou de *direito publico constitucional* como se-diz nas eschólas, ainda ha, repetimos, muitas questões difficeis que o estudo e a experiencia tem para resolver um dia. A da responsabilidade dos ministros e agentes do poder é uma d'ellas.

Ha muitos estados livres na Europa, ha muitos parlamentos illustrados, tem havido bastantes assembléas patrioticas, e comtudo não conhecemos uma lei de responsabilidade. Logo a materia é difficil.

São os caprichos, são os interesses que teem obstado a que uma tal lei se-faça, dir-nos-hão. Mas uns caprichos que teem durado tanto, uns interesses que se-extendem por toda a parte, que se-abrigam, a despeito de tão variadas circumstancias, parece que pelo menos teem por fundamento alguma coisa de real, de positivo. É a difficuldade da materia: sejâmos sinceros, não queirâmos explicar tudo pelo sistema de *Hobbes*.

Entretanto os costumes vão supprindo a falta d'aquella lei, porém mal, e imperfeitamente: — não são os costumes de uma sociedade robusta, a quem o amparo das leis pouca falta já faz para o seu andamento — são os costumes de uma sociedade fraca e corrupta, que não tem o valor de se-sujeitar a leis austéras: — que mais quer palliar a doençaa do que soffrer o remedio.

E a prova é, que é necessario um grande movimento convulsivo na sociedade, quasi um cataclysmo — por exemplo a revolução de *julho* em *França* — para que se-invoque a responsabilidade, para que se-julgue um ministro. E assim mesmo é julgado por leis, que mal teem applicação ao caso, por uma fórma de processo, que se-improvisa então.

Nós cá ainda não tivemos um cataclysmo assim. ¿Tel-o-hemos? Esperâmos em Deus que sim, esperâmol-o com serenidade e certeza.

Ora é d'esta grave questão da responsabilidade, que o sr. *Lara* se-resolveu a tractar.

Louvamos o seu intento — escolheu prova de mestre — coragem ninguem lh'a-póde negar.

O opusculo, a que alludimos, é dividido em cinco partes:

A 1.ª tracta *da responsabilidade dos agentes do poder.*

A 2.ª *da responsabilidade dos ministros e mais agentes do poder executivo.*

A 3.ª *da responsabilidade dos agentes do poder legislativo.*

A 4.ª *da responsabilidade dos agentes do poder judicial.*

A 5.ª *da responsabilidade dos ecclesiasticos em quanto empregados públicos.*

Não entraremos na miuda anályse de cada uma d'ellas. Vê-se porém que o A. quiz abranger tudo. ¿Não lhe-bastava a responsabilidade dos ministros?

O A. mostra a importancia d'esta lei, a sua indispensabilidade. Quer attribuir á sua falta todos os males que temos soffrido — é quasi attribuir-lhe o infinito. Define muito analyticamente o que se-deve intender por *agentes do governo*, por *direcção de negocios*, por *administração pública*. Mostra os casos, em que a responsabilidade se-deve dar; quem a-deve promover; quem a-deve julgar; e cita sempre em abóno das suas opiniões as doctrinas dos mais abalisados publicistas, cujo texto ás vezes nos-dá com a traducção em frente; «para que se não possa dizer» diz o A. com inimitavel modestia «que alterâmos o sentido do original.»

O A. diz muita coisa boa; aconselhâmos os nossos leitores que procurem lêl-as na obra, que annunciâmos.

Mas tambem estabelece por descuido um ou outro principio, que, sinceramente o-dizemos, não póde ser abraçado.

Lamenta que um máu fado tenha dividido em parcialidades diversas a familia portugueza. Perdoe-nos elle, mas é o mesmo que lamentar, que haja governo representativo, e liberdade de opinião. Uma e outra coisa não se-póde dar em um paiz, sem que d'ellas resulte a diversidade de bandos.

Temos muitos males reaes que lamentar, e tantos que podiamos sem custo passar tão triste vida, como a de Heráclito; é pois bem desnecessario ir imaginar mais este, que outra coisa não é senão um jôgo, um movimento natural e necessario de todo o governo livre.

O A. quer que o ministerio seja solidáriamente responsavel sómente pelas deliberações, que apparecem revistidas da assignatura de todos os ministros. Ora ha-de concordar comnosco, que n'este ponto a sua bondade illudiu a sua razão. Em França nenhuma lei, nem acto algum ha, referendado por mais de um ministro. Admittida a doctrina do A. seguir-se-hia que n'aquelle paiz não podia haver responsabilidade collectiva. Bem sabemos que na nossa terra, ha a cacoetice de apparecerem certas leis e decretos revestidos da assignatura de todos os ministros: — quaes os actos em que esta solemnidade seja necessaria, nenhuma lei o-designa, só os ministros o-sabem, e não consta que até agora o-tenham dicto a ninguem. A inexactidão da doctrina, que impugnâmos, descobre-se, apenas se-lhe-applica a mais trivial reflexão. Supponhâmos que um ministro dos negocios estrangeiros faz um tractado ruinoso; se o seu collega no ministerio da justiça continúa formando parte da mesma administração; ¿não é evidente para todos que elle abraça egualmente a sua responsabilidade, embora a sua assignatura não appareça em nenhuma dos actos, que concorram para um similhante tractado? Em toda a parte se-intende assim o dogma da responsabilidade. Mas o A. teve dó de descarregar sobre tantas cabeças a segure do lictor; enganou-se nos seus cálculos de compaixão; feriu a sociedade.

O A. attribue a quéda da Carta de 26 pela revolução de Septembro á falta da lei de responsabilidade. Atterrámo-nos com isto — a Carta resurgiu — mas a lei da responsabilidade falta hoje, como faltava então.

Tambem o A. desejava que a nomeação do procurador geral da corôa — a quem em certos casos incumbe promover a accusação dos ministros — fosse feita unicamente pelo rei sem o concurso da vontade dos ministros; e queria isto para evitar a dependencia que elle póde ter d'aquelles a quem deve accusar. — ¿De quem ficaria pois dependendo o procurador geral? do Rei inquestionavelmente. Ora d'elle dependem tambem os ministros, que o não podem ser sem o seu consentimento. Logo o alvitre proposto descobre a irresponsabilidade real, e não remedêa nada. O Rei capaz de mandar ao procurador da corôa, que accuse o ministerio, é egualmente capaz de demittir a este, e de evitar assim todas as dependencias, que d'elle possa haver.

O que sobretudo nos-admira que o A. propozesse é «que se não deve dissolver a camara electiva, quando «ella se-ache processando, ou a ponto de processar «qualquer ministro.»

Era muito mais simples dizer «o direito de dissolução fica abolido.» ¿Pois não era? Admittida a doctrina que o A. propõe, uma camara, que não queira ser dissolvida, não tem mais do que intentar uma accusação ao ministerio e prolongal-a illimitadamente: dizemos mais, não é preciso que a camara queira isto, basta que assim o-queira uma minoria imperceptivel. Está para findar a discussão de uma primeira accusação, apresenta-se segunda, apresenta-se terceira. Ha-de ir a uma commissão, ha-de haver discussão, é forçoso que haja defensa. É a têa de Penélope e não se-vê um Ulisses que lhe-venha pôr termo. São os longos parlamentos constituidos por direito; e todos sabem como elles vem a acabar.

O contrário do que o A. diz tem inconvenientes — ¿quem o-nega? mas o meio proposto pelo A., em quanto houver monarchia, não se póde admittir.

Fizemos estas reflexões innocentes, sómente para provar que não é cégo, nem servil o elogio, que tributámos ao A. Concordámos em muitas das suas doctrinas, mas não admittimos todas. Não se póde escandalisar d'isto. Crença absoluta em tudo o que outrem diz não nos-consta que pessoa alguma na Europa a-exija hoje.

Foi pena que o A. não tivesse tempo de limar mais o seu livro, e de evitar assim bastante irregularidades de stylo, que, a seu pesar, se-acham n'elle. Tambem foi infeliz no escolher de revedor das próvas, porque é difficil achar livro em que appareça maior número de erros typográphicos.

Existe d'esta obra um número pequenissimo de exemplares; que se-acha á venda, — nas lojas de *Bordalo*, *rua Augusta n.° 195* — *Jorge Rey*, *aos Martyres* — *viuva Henriques*, *rua Augusta n.° 1* — *no Porto*, *Guimarães*, *rua dos Caldeireiros n.° 6 e 7.*

D.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

664 O colosso levou uma bofetada: — tropas da *Circassia* bateram nas suas fronteiras as forças imperiaes russianas: conta-o a mui veridica folha, *Gazetta de Augsburgo*.

— Outro gigante do mundo, a INGLATERRA, estalla de fome. O vapor, que parecia ser a sua alma, tornou-se-lhe mortífero. As riquezas, accummulladas em poucos, deixaram o povo operario a morrer de ócio e penuria. São espantosas as confissões, que d'isso fazem os proprios insuspeitissimos jornaes inglezes. « Nasceu cá, diz a *Chronica de Suffolk*, uma nova arte; arte de soffrer a fome; espantam os progressos que n'ella fazemos. Na *Escossia* teem-se inventado pregar as janellas para que a luz não accorde as creanças: os pais, que não teem pão que lhes-dar, forram-se por esta industria á dôr de lhes-ouvir os chôros. Nos condados de *York* e de *Lancaster* familias inteiras teem-se costumado a alevantar-se da cama um dia sim, outro não; antes de se-deitar rezam todos junctos, e pedem por esmola a Deus que os não torne a despertar. Muitos esfaimados fizeram em si mesmos uma experiencia nova, que bem merece as analyses dos philósophos; como a agua seja a unica substancia, de que todos podem, sem custo, fartar-se, dão, em se-encher de agua e deitar-se a dormir; este lôgro lhes-arreda a fome por algumas horas. O vulgo das comarcas fabris dá-se de véras ao experimental estudo da sciencia, hoje indispensavel, de resistir á inédia.»

Em consequencia d'este desamparo e por convencidos de que não é a natureza senão o estado presente e desnatural da sociedade, quem os-mata, o povo ruge, e dá não equivocas mostras de querer levantar-se. ¿Quem domará o leão faminto? ¡A *Inglaterra*, que se atreve com todo o mundo, já não

philo comsigo mesma li? Que dirá a historia do hoje a um século!

— A desastrada morte do herdeiro de FRANÇA deixou uma questão, em que toda a imprensa d'aquelle reino trabalha incessantemente: é a questão da regencia. Debatem-se e encontram-se as opiniões, mas todas as vozes, apesar de enérgicas, revelam pela sisudeza e placidez, com que discutem, quanto o amor da patria se-acha profundamente arraigado em todo o coração francez.

Na HISPANHA ás partidas de facciosos seguiram-se as necessarias consequencias d'ellas, as quadrilhas de salteadores; á guerra politica outra guerra muito mais agra de domar, a guerra dos odios, da vingança, da avareza, da desmoralisação, e de uma certa, anárchica e semi-silvestre independencia; por quasi todas as provincias apparecem os seus effeitos: a tal ponto de gravidade tem subido o mal, que até a um remedio, mais atroz ainda do que elle, se-recorreu por ultimo. Determinou o governador da *Catalunha* que, toda a pessoa, que, apanhada e retida pelos ladrões, lhes-pagasse com dinheiro o seu resgate, fosse espingardeada; bem como o que, para desempenho d'esse mesmo contracto, fosse entregar aos bandidos a somma estipulada. Esta ordem demente toda a imprensa castelhana a-está reprovando.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

665 *Diario do Governo de 23 de julho.*—Portaria ordenando mui expressamente que se-cumpra o disposto no codigo commercial relativamente á dizima; e que na averbação d'esta se-execute o decreto de 17 de abril de 1828.

Dicto de 30 dicto. — Aviso partecipando que o beija-mão do dia 31 de julho terá logar no palacio das Necessidades pela uma hora da tarde.

Dicto de 1 de agosto. — Officio partecipando que a guerrilha commandada por *Victor Semental* e *Florencio Mata* fôra aniquilada no dia 25 de julho. — Ordem do exército n.º 35. — Conta do cofre da thesouraria central respectiva á divida interna no anno economico de 1841 a 1842. — Dicta da divida externa. — Dicta dos bens nacionaes. — Decreto ordenando que ao crime do tráfico da escravatura, reputado pirataria, sejam applicadas as penas do decreto de 10 de dezembro de 1836. — Portaria mandando que os juizes de direito apresentem até ao dia 31 de octubro mappas das causas julgadas no anno anterior.

Dicto de 2 dicto. — Venda de bens nacionaes. — Ordem de pagamento de uma quinzena de massas e pret aos corpos da 1.ª e 6.ª divisões militares.

CORTES.

666 As cortes abertas a 10 de julho, acabaram de se-constituir a 30. Os pares discutem a sua resposta ao discurso do throno; os deputados preparam a sua, e nomêam as commissões da camara.

SALTEADORES. — CARTA.

667 "Ha mais de quatro annos que dois malvados, perseguidos e condemnados á morte em Hispanha, vieram procurar refugio n'este districto. Ajudados do conhecimento topographico do paiz; todo montanhoso, e em grande parte despovoado; e protegidos por alguns parentes, e por alguem mais que n'isso interessava; tinham escapado ás diligencias das auctoridades portuguezas e hispanholas.

Umas vezes sós, outras em companhia d'alguns, que se-lhes-associavam, tinham penetrado em Hispanha — onde sempre perpetravam novos crimes, recolhendo-se depois a este districto com o fructo dos seus roubos; e o que é mais com prisioneiros, a quem só davam a liberdade depois de lhes-terem extorquido avultadas quantias por seu resgate. E a tal ponto eram as coisas chegadas; — tal era o terror que infundiam *Florencio Matta*, e *Victor Semental*, que já os nossos visinhos tinham mandado para a fronteira não poucas tropas; as quaes, sob o pretexto de os-perseguir, podiam de um instante para outro invadir o territorio portuguez — com o que já nos-ameaçavam.

Felizmente as acertadas providencias da primeira auctoridade administrativa d'esta provincia, nos-forraram a este desgosto; pois que em virtude d'ellas foi inteiramente anniquillada a quadrilha de *Matta* e *Semental* no dia 25 do corrente pelas 3 horas da tarde a uma legua de distancia d'esta cidade, ficando morto este ultimo, e ferido gravemente o primeiro, o qual já se-acha prêso, bem como o restante de seus socios. — *Castello-Branco* 28 de julho de 1842.

José Soares da Costa.

REALISAÇÃO DE UMA BOA NOVA.

668 Finalmente se-acha restituido ao seio da sua patria o distinctissimo ornamento d'ella o sr. Silvestre Pinheiro Ferreira. Oxalá que as honras e agazalho, que lhe-devemos, e que sem duvida encontrará, lhe-façam esquecer para sempre o restante d'essa Europa, immensa eschóla que, ha tantos annos, o-escuta como a seu mestre. As saudades, que d'elle teem padecido o seu Portugal, transplantem-se agora para a França, e da França para entre nós os loiros que as nossas mãos se-desvelarão egualmente de intertecer nas suas veneraveis cãs.

...... hic magnos potius triumphos,
Hic ames dici pater atque princeps....

EXEMPLO DE AMOR CONJUGAL.

669 No dia 24 do pretérito julho, desatou a morte o mais formoso laço conjugal de quantos atados pelo amor foram pelo tempo fortalecidos.

A sr.ª *Falcão*, adoradora e adorada de seu espôso, o sr. coronel *Ferreri*, deputado ás presentes côrtes, estava a ponto de lhe-dar a maior alegria da terra — um fructo de seus amores.

Esta suspirada circumstancia não havia augmentado o mútuo affecto dos dois esposos: Não se-accrescenta o infinito. Quem, sem os-conhecer, os-tivesse visto, acreditaria, não que se-houvessem casado na véspera, senão que estavam na véspera de se-receber. Fazia bem ao coração o-contemplar tão unânime, tão perfeita felicidade. A esperança de descendencia accumulára porém essa mesma felicidade: e a imagem do mimoso entesinho, suspirado e unico rival,

que ambos elles íam ter, era já povoadora de todos seus sonhos: assumpto de suas conversações; alvo de seus disvélos e caricias.

Todos estes castellos fabricára a fortuna para de mais alto os-derrubar. A companhia do filho e da esposa, e tal esposa, transformou-se de repente em viuvez. Os extremos de angustia d'esse lance, em que juncto ao cadaver da mãe expirava a filha recém-nascida, não são para descrever; nenhum coração os-comportaria.

O sr. *Ferreri* sentindo-se vaso estreito para tamanha afflicção, tentou seguir para as regiões desconhecidas, d'onde até os pensamentos refogem, aquella com quem não debalde jurára manter união perpétua. Das sugestões do amor, o-teem salvo as generosas violencias da amisade; dois amigos principalmente, o sr. *conde de Bomfim*, e o sr. *barão de Campanhã*, forcejaram pelo arrancar ao sepulchro de sua casa e ás perseguições de si mesmo.

Foi uma nobre lucta, venceu-a o sr. *conde de Bomfim*, entre cuja familia recebeu o infeliz desde aquelle dia todos os testimunhos de affeição e piedade; tudo que a virtude e o interesse sincéro e profundo podem, e sabem pôr por obra; consôlo não, que para taes misérias, só o-tem, remotamente, o tempo, que segundo a expressão de *Vieira*, é a emma, que esmóe e desgasta as grandes dôres; e proximamente, mas só depois que o intendimento se-começa um pouco a desannuvear, a religião.

Nós recommendamos d'aqui a essa magnânima familia, que tantas penas quiz hospedar no seu grémio; nós lhe-recommendamos com toda a charidade, com toda a esperança, e com toda a fé, o estudo de uma das mais ricas obras de religiosa consolação; que até hoje produziu o christianismo; é o *livro dos affligidos do sr. visconde Alban de Villeneuve Bargemont.* ¡Oh! quem dignamente passára para a nossa linguagem aquella verdadeira panacéa espiritual de todos os desgostos! Não ha chaga do coração, que alli não tenha bálsamos, não ha viuvez d'alma, que por alli se não troque em celestes vódas. Se a imprensa nos-désse um tal presente, redemir-se-hia em grande parte da culpa, e pena, em que pela publicação das infames *Memórias do Diabo*, e outros quejandos monstros assoladores de toda a possivel felicidade, anda ha largos tempos incorrendo.

UMA COMEDIA ABORTADA.

670 *Srs. Redactores.* — Lendo o n.° 43 da *Revista Universal Lisbonense* encontrei na sua penúltima columna o artigo = *Uma Comedia abortada.* = Sou inteiramente conforme com VV. no que respeita á severidade com que os membros do Conservatorio devem desempenhar seus devêres relativos á censura theatral. Assim é facil de vêr, que de coração uno minhas vozes ás de VV. para applaudir o sr. abbade *A. D. de Castro e Souza* pelo modo com que se-houve na censura do drama = *Atrocidades dos frades dominicanos.* = Entretanto eu fui o *primeiro* censor d'este drama, e como das palavras de VV. poderia, quem não soubesse, inferir que eu o-tinha approvado, julgo dever informar a VV. que o-reprovei, e porventura em termos ainda mais explicitos do que os da censura com razão elogiada.

Far-me-hão VV. distincto favor, se no proximo numero do seu accreditado *jornal* derem publicidade a esta minha rectificação.

De VV. attento venerador e criado.

D. José Maria Corrêa de Lacerda.

Costa do Castello, n.° 43, em 2 d'Agosto de 1842.

Agradecemos ao nosso Illm.° correspondente o dar-nos, com a briosa declaração, que se-acaba de lêr, novo exemplo para citarmos a censores desleixados no cumprimento de seu officio. Com egual boa vontade publicaremos sempre similhantes declarações, em que vae muito mais á pública felicidade do que á primeira vista parece.

UMA RESSURREIÇÃO BIBLIOGRAPHICA.

671 Os preciosos *Annaes de el-rei D. João III*, escriptos pelo nosso Fr. *Luiz de Sousa*, e cuja perda tão lamentada fôra sempre por todos os estudiosos da boa falla portugueza, já em outra parte dissémos, como emfim logrúra desencantal-os ao cabo de dois seculos, outro mestre da nossa lingua, outro historiador mais profundo e philosopho, outro litterato de que muito mais alta conta se ha-de ainda fazer entre os vindoiros. Suas Magestades, em cuja bibliotheca foi achado o manuscripto, concederam facilmente a licença para a impressão. Os srs. *Bertrands*, respeitaveis commerciantes de livros, vão ser os editores.

É mais um bom presente que das suas mãos receberá a nossa litteratura, e fiâmos no seu zelo, e na sua intelligencia, que se não poupará coisa alguma para que a obra sáia com aceio e correcção quaes estão requerendo o nome de seu auctor, e a publica impaciencia.

PREMIO ARTISTICO, OU O QUE QUER QUE SEJA.

672 Na Academia das Bellas Artes de Lisboa foi recebido como academico de mérito *Il signor Fortunato Lodi*: diz-se que servíra ao despacho de fundamento o seu risco para o novo theatro do Rocio. Parece-nos que foi pelo menos prematura esta honraria: prémio de haver feito o seu risco já o-era (¡e bem folgado!) o terem-lh'o preferido a seis outros riscos todos de architectos portuguezes, e alguns d'esses, segundo nos-consta, mui distinctos: terem-lh'o pago: e sem mais formalidade, nem concurso, terem-lh'o já começado a pôr em execução. O laurel academico podia esperar um pouco mais, afim de lhe-ser cingido, quando concluida a obra se-visse que a approvação pública respondia realmente, á que lhe-deram os particulares porquem só até hoje foi julgado. *Amici signori, amici monsiuri; sed magis amica veritas.*

MACRÓBIA.

673 Resumimos de uma carta de *Castro-Verde* o seguinte: — A 15 do pretérito abril falleceu n'aquella villa uma velha por nome *Rita* com 105 annos de edade. Conservou até o fim da vida inteiras e prestes as faculdades intellectuaes, e os sentidos em bom estado; conhecia e tractava a todas as pessoas pelos seus nomes, dando relação de suas familias, e acontecimentos do seu tempo, e até tirando ainda muitos rapazes pela casta: escolhia o trigo sem óculos, via andar os moinhos em *Sancta Bárbara*, duas léguas distante. Na taberna, onde era vendeira, avia-

va com grande diligencia aos freguezes, medindo-lhes os quartilhos e ajudando-os ás vezes a enxugal-os. Se procuravam impingir-lhe patacos falsos, perdiam o tempo, tornavam-n'os a receber logo com um furioso juro de descomposturas de que era prodiga; e querendo Deus, de pauladas, de que tambem não era avára. Tomava tabaco e fumava; fiava na sua róca, ensarilhava e dobava.

Tinha trinétos já de dezoito annos, e aos mais miudinhos da sua descendencia lavava-os, e vestia-os por suas mãos. Comia e bebia regularmente, e a não serem as rugas do rósto, e o pouco desembaraço, que tinha no andar, ninguem lhe-adivinharia tal edade.

Os proprios peitos eram volumosos e firmes, a ponto de que não faltava, até em mulheres, curiosidade de lh'os-palpar, mas n'esse particular (diz a carta) que era muito ciosa.

Acabou de morte súbita, e não á míngoa de vitalidade; d'onde se-póde inferir, que ainda para maior duração lhe-haveria dado cabedal a natureza.

VERDADE INCRIVEL.

674 Ha entre o berço e toucador um intervallo curto e florido, onde os entes, que um dia serão mulheres, riem resplandecentes com uma auréola de celeste innocencia; e como anjos, despidos de suas azas, namoram as almas, com tão irresistivel poderio, como aquelle, com que mais tarde vem enfeitiçar os corações e os sentidos. Se houvera idólatras da puericia feminil, essa idolatria poetica, seria, de quantas existiram, a unica, nem indigna da piedade, nem indecente para a razão. Na menina se-reunem o crepúsculo da infancia, que transmontou; e a aurora do dia, estivo da mocidade, que a-espera. As suas graças não são já a fraqueza e ignorancia absoluta; não são ainda a intelligencia, que adivinha os perigos; o pudor ou a virtude, que os-desviam, ou a consciencia da fraqueza propria que é toda a força, todo o heroismo da mulher. É um ramalhete de flôres de diversas quadras, cujo perfume bonissimo, parece mais do céu do que da terra, nada alembra de fructos porque per si basta para delicias; diz muitos prazeres mas todos de virtude, e até nos interiores mais encharcados e corruptos adormenta ou destroe a praga sempre vivida e pullulante dos impuros desejos.

¡¿Quem acreditaria, que até d'estas flôres celestes teceria corôa para si a impiedade brutal de nossos dias?! ¡e com tudo esse impossivel realisou-se! peiores do que os selvagens, que para colher um fructo cortam a arvore pelo pé, tem havido na segunda cidade de *Portugal* demonios humanados, que de meninas de 8 a 10 annos teem feito victimas de seus damnados amores, de sua hydrophobia sensual. Ardem-nos as faces, e refogem-nos as palavras, porque ha ahi mães e paes, que nos-poderiam ouvir; mas por isso mesmo que ha ahi paes e mães importa que se lhes não esconda o a que se-podem arremessar, os que despedaçando os mais fortes vinculos da religião e da natureza, só, por desgraça nossa, do que os-prendem á sociedade se não querem desatar.

Lêam pois o que uma folha publica do *Porto* lhes-denuncia. (*)

« Consta-nos por um modo indubitavel, que ha tempos a esta parte se-tem escandalosamente repetido varios casos de desflorações em creanças de oito a dez annos! De uma d'estas victimas sabemos que está no hospital inficionada de males: d'outras nos-consta que estão por casas particulares. O respeito devido á desgraça nos não permitte dizer nada mais sobre este objecto, que merece o maior cuidado dos chefes de familia. »

Aos paes de familias se-dirige sómente o escriptor; é muito, mas não é tudo; solte um grito de execração, que provoque repetidos écchos por toda a imprensa portugueza, até que as auctoridades accordem, e descarreguem despiedadamente a espada da lei contra as cabeças de taes monstros; não haja para elles refugio, nem asylo. Se se-embrenharem em montes de oiro entre os seus montes de oiro os-esmaguem como a serpentes: se se-acastellarem nos cumes das honras e do poder para lá lhes-disparem como a abutres: se se-acoitarem á sombra dos altares, no angulo de seus estrados lhes-rompam a testa. Reconheçam toda a importancia e responsabilidade do seu sacerdócio moral: por indolencia, por fraqueza, por contemplações, não se-tornem de mantenedores, que são, ou devem ser, da paz e bons costumes, cómplices de taes facinorosos, e ainda menos desculpaveis do que elles; porteiros e introductores d'este novo género de prostíbulo; pacientes eunuchos d'estes serralhos desalmados.

Todo o magistrado, que, podendo, deixasse de punir tamanho horror, merecia que o pae da inculpada prostitutasinha, depois de arrancar a infâme virilidade ao seu corruptor, lh'o-arrastasse aos pés do tribunal; o-apunhalasse á sua vista; e escarrando na face de ambos, fugisse para onde os seus ólhos não podessem nunca mais encontrar auctores e consentidores do que deshonra e espanta a natureza. — ¿Quem a um tal homicida se-atreveria a condemnal-o ou perseguil-o? As mulheres virtuosas lhe-lançariam bençãos, e diriam a suas filhas, espalha flôres diante de seus passos; alli vae um homem virtuoso: e aquellas mesmas, que vivem de vender o seu pudor, a sua fecundidade, a sua belleza, a duração de seus annos viçosos, e a melhor parte do seu quinhão nos bens d'este mundo e nos do outro, essas mesmas, para quem a virtude nem já é uma palavra nem uma recordação, correriam talvez a fulminar impropérios sobre o cadaver do prostituto prostituidor.

¿Onde haverá para o nosso cancro moral remedio que hoje baste, se o ferro saudavel da lei se-descuidar de o-ir cortando? Vinte annos de revoluções e guerras, depois de seculos de despotismo e desgoverno, insufficiencia de leis, insufficiencia ainda peior de boa vontade; carencia quasi absoluta de creação e de religiosidade; anarchia de idéas e de principios, eram agentes mui poderosos para nos-inçarem d'estas e peiores vergonhas. Mas accresceram a tudo isto os pestilentes vómitos quotidianos da nossa imprensa litteraria, as novellas derramadas a folha e folha, e a todas as horas, sobre o mostrador do caixeiro, sobre o leito da virgem, sobre a grammatica do estudantinho, sobre a tarimba do soldado, sobre a banca do jurisconsulto; sobre a mesa da cosinheira, sobre a almofada da senhora, sobre a alcôfa do remendão, sobre o breviario do ecclesiastico; sobre tudo, sobre todos, e sobre todas emfim, porque n'isto é a chuva do diabo como a de Deus, que não differença bons de máus; e assim como a do céu a todos molha, assim a do inferno a todos alcança, a todos alaga, e a todos a final vem a affogar. D'estas novellas, umas, como as de *Frederico Soulié* e *Georg Sand*, atacam o intendimento por todos os pontos; reduzem tudo a problema; sofismam todas as convicções; erigem em dogma unico o egoismo; e a impossibilidade da virtude alheia ou propria: outras, como as de *Pigault-Lebrun*, e *Paulo de Kock* abraçam-se com a vontade, imbuindo-a de todos os appetites mais assoladores; e de umas e de outras herda o theatro, que é a litteratura em acção: as primeiras lavram profundamente a alma; as segundas lançam n'ella todas as sementes venenosas; a licença desinvolve e prospéra a sementeira. Se os braços que podem, não acudirem a cortar de continuo esta seara amaldiçoada; ¿¡que Jeremias terá vozes ou lagrimas para as calamidades que no futuro nos-aguardam!?

(*) *Periodico dos Pobres do Porto* n.º 177 de 29 de julho de 1842.

NOTICIAS AGRONOMICAS DO MEZ DE JUNHO.

675 O nosso correspondente de *Mafra* nos-participa, que a prolongada seccura tem amortecido a vegetação das sementeiras e das arvores, sequiosas de humidade: os milhos que estavam viçosos vão murchando: os chíxaros, grãos, meloaes, abobraes, e batataes, tudo se-está sentindo da secca, e os mesmos trigos e cevadas serôdeas não poderam filhar pelo que terão uma grande diminuição na colheita que vae começar, e apenas tem folgado o trigo e cevada mais temporã para os quaes tem corrido mais favoravel o tempo secco, e um tanto ventoso. Muito exacto nos-teem parecido o resultado das suas observações meteorologicas das quaes se-conclue que os tres mezes de junho, julho, e agosto são, pela sua constante seccu-

ra, adversos á vegetação dos nossos campos, e n'este anno tem de refôrço o de maio: ¡em que estado pois a-deixarão se assim forem indo! por fatalidade a natureza e os homens parece que se-teem colligado para deprimir á agricultura; aquella nega os fructos, e estes, aos que ella dá, não querem dar preço, como acontece principalmente aos fructos de pomares de espinho, e ao vinho, actualmente em tanta decadencia.

Terminaremos esta parte do nosso artigo transcrevendo as judiciosas reflexões que emitte o nosso sabio correspondente a respeito do tractado de agricultura de *Raspail* por occasião de lhe-havermos enviado o 4.° folheto da traducção portugueza do doctor *Figueiredo*. Diz o nosso habil agrónomo que o auctor, se era possivel melhorar o seu stylo, e ostentar o seu saber consumado nas materias da sua obra magistral, ainda se-esmerou mais em o-fazer n'esta parte que tracta da jardinagem, das flôres, e plantas de recreio, sendo pena que no nosso paiz não tenha havido este gosto, formando-se ha mais tempo, para se-poderem ter agora, viveiros organisados pelos particulares, das mais recommendaveis plantas, raizes e sementes do bello real com que a natureza enfeita o globo; e a arte de preparar as estufas e preservativos correspondentes áquellas que o-precisam em o nosso clima, pois que sómente nos pequenos estabelecimentos públicos de *Lisboa e Coimbra*, e um pouco nos jardins de algum ricasso, se-teem feito raras demonstrações de predilecção por este ramo de instrucção e recreio; e bom será que aquella traducção regular e methodica, venha excitar-nos o gôsto d'este estudo e d'esta prática, que tambem nos povos é uma prova de civilisação: e por assim dizer se-saibam em portuguez os termos que respondem á nomenclatura botanica das plantas e flôres dos jardins francezes, o que é sempre uma grande vantagem, pois o *Linneu*, não o-intendem os simples cazeiros, e os diccionarios são ommissos nos termos technicos das artes e sciencias: emfim as traducções bem feitas e annotadas como esta, por homens intelligentes, facilitam muito a instrucção geral.

Ribatéjo. — De *Samora Corrêa* nos-informam, que a producção dos cereaes tem sido muito irregular, apparecendo os trigos temporãos em bom estado, principalmente os rijos. As cevadas offerecem aspecto mui diverso segundo o tempo em que foram semeadas, porém em geral não ameaçam prejuizo ao lavrador: os centeios produziram bem, e os milhos temporãos estão soffriveis, porém são poucos, e os serodios estão mui fracos por falta das chuvas: os legumes mostram producção regular, mas os meloaes estão fracos e irregulares. As vinhas apesar de bem abastecidas teem padecido muito com os intensos calores, e os olivaes mostram pouca novidade, e muito irregular: quanto aos montados de sôbro mostram bôa fructificação, mas já teem soffrido prejuizo com os calores.

Algarve. — De *Moncarapaxo* se nos-participa que a colheita de cereaes fôra alli meã; nas terras ordinarias o trigo produziu 3 a 5 sementes; porém as palhas foram abundantes. A chuva do dia 5 demorou as ceifas em alguns sitios e em outros a debulha, porém não causou prejuizos, porque os ventos e calores que sobrevieram promptamente seccaram a humidade. Aquella chuva foi mui favoravel ás vinhas, porém sem embargo não se-espera grande novidade, nem se-deseja, attendendo ao baixo preço em que se-acha este género de que estão pejadas as adegas sem que appareçam compradores. Os milhos de sequeiro reanimaram-se com a sobredita chuva, porém os de regadio ou das hortas estão em muito risco pela espantosa diminuição das aguas das noras e poços que escassamente ministram o necessario para saciar a sede das pessoas e dos gados. O feijão vae seccando em flôr, e os chixaros nada fundiram, não succedendo assim com o grão de bico, que deu abundante producção. Nas oliveiras quasi que desappareceu a azeitona, mas as arvores gozaram-se da chuva já mencionada, limpando-se da maior parte do algodão: o figo cresce com abundancia, mas receia-se que tenha egual sorte á do lampo, cuja inferioridade foi assaz notavel. A amendoa caminha para o seu complemento, e a alfarroba é rara, mas as folhas seccas das arvores teem caído, e já não mostram o desagradavel aspecto do mez antecedente: as fructas de caroço são raras, e dissaborosas, mas as laranjeiras ainda se não mostram sentidas da aspereza do anno.

N'este districto já se-começa a tractar da cultura da batata ingleza; porém sendo rara, padecem os proprietarios continuados roubos, o que os-desanima, e os-impossibilita, de a-deixar aperfeiçoar na terra: mesmo assim houve lavrador, que tendo semeado 3 arrobas, recolheu 45, e calculou que lhe-roubaram mais de doze: se a cultura se generalisasse, seriam os extravios menos sentidos. A producção das abobaras, melões, melancias, pepinos, etc., tem sido muito escassa nas que já fructificaram, mas muito peior será nas mais demoradas, que todas estão enfesadas, sentindo-se sobre tudo a grande escacez das aguas em todos os mananciaes, o que ameaça grande calamidade.

Em *Martim-Longo*, no mesmo districto, foi pouco abundante a colheita do trigo, porém mais proveitosa a das cevadas e centeios. As fructas foram muito escassas, principalmente a pêra que se-perdeu com as geadas de março. Os montados teem boa apparencia, mostrando as arvores muita bolota. As colmêas teem produzido bastante mel e cêra.

Segundo as noticias da *Pesqueira* na provincia da *Beira*, de 16 do mez de julho, tem alli continuado uma secca espantosa, acompanhada de grande irregularidade de temperatura, que tem causado notaveis prejuizos ás arvores e plantas, revesando-se rapidamente os frios e os calores, os quaes a 27, 28, e 29 de junho foram excessivos, chegando a perecer repentinamente muitas aves domésticas pelo seu effeito. Os ventos rijos que teem reinado augmentaram os terriveis effeitos da seccura, abalando ao mesmo tempo as arvores, e despegando os seus fructos.

M. M. Franzini.

---

676 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 27 ATÉ 31 JULHO 1842.

Dias do mez.	Thermometro exterior.		Barometro.		Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	Estado da Athmosphera.
	Minimo.	Maximo.	9 h. m.ª	3 h. t.ª			
27	60°	82	759,9	760,0		B NO	Claro, e nuvens — cl.° tarde fresca.
28	61	81	61,0	60,0		^{1}SO O^1	Id. Id. Id.
29	61	80	60,1	59,0		^{1}NO	Cl.° e alguma nuvem — Cl.° — Id.
30	61	80	58,7	57,7		NO^2	Id. Id. Id.
31	64	86	6,00	58,0		^{1}SO NO^2	Cl.°: dia quente, e tarde fresca.

Continuou até ao fim do mez a influencia da 7.ª e ultima quadra, que foi levemente alterada em seu andamento a 24 e 25. Continuou a temperatura fresca nas madrugadas e tardes, e moderadamente calmosa nas horas meridianas, sendo sempre bonançosas as manhãs até ás 9 horas, em que começava a viração mareira do SO, a qual de tarde se-fixava ao NO, refrescando a athmoshera. O céu manteve-se claro, com algumas nuvens transitorias de manhã, que totalmente desappareciam de tarde, e o ar conservando a sua inalteravel seccura.

M. M. Franzini.

ERRATA.

Na pag. 506 em a nota n.° 1 onde se-lê *Dixitas*, — deve estar — *Dix Ans.*

Imprensa Nacional.

9.° DA 4.ª SERIE. N.° 45. 11 AGOSTO 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sae ás quintas feiras. = Escriptorio na rua da Quintinha n.° 53 = Assigna-se no Escriptorio e na loja da viuva de João Henriques n.° 1, rua Augusta = Avulso 80 réis: 12 números 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis = O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados. Cada serie de 12 números, desde o principio do jornal, custa 600 réis = Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Os das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes-convier = Sobrescripto da Correspondencia: Ao Redactor da Revista Universal, rua da Quintinha n.° 53 = Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade = Qualquer artigo interessante será accolhido com gratidão e publicado = A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se-lhe-remetta um exemplar = Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o-desejar = Tambem no seu Escriptorio se-patentearão ao público objectos de similhante natureza, que para alli sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal = Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes = A distribuição na capital faz-se em tres horas = Este número sae ás nove horas da manhã.

EXPEDIENTE.

Publicaram-se já o 1.° e 2.° números da REVISTA DO CONSERVATORIO REAL DE LISBOA: os srs. socios do Conservatorio, que ainda os não tenham recebido, queiram requesital-os no escriptorio da *Revista Universal*, rua da Quintinha n.° 35 — que lhes-serão immediatamente remettidos.

CONHECIMENTOS UTEIS.

677 VINHOS.

CARTA.

Sr. Redactor da Revista Universal. — O agasalho, que em seu jornal encontrou, o meu processo de desengordar os vinhos, obriga-me a ser hoje um pouco mais largo n'este artigo, por occasião da sua correspondencia de *Villa Real*, datada de 20 de abril passado. Na falta de associações agrícolas, de que tanto carecemos, derramadas pelas provincias; valioso e patriotico serviço faz o seu jornal em pôr ao alcance de todos, e tornar populares os factos, e observações sobre os differentes ramos de agricultura, e mormente da agricultura das vinhas, que formam as duas terças partes do rendimento territorial do paiz.

O correspondente de *Villa Real*, primeiro que nos-franquêe as suas receitas, para curar a gordura do vinho, vai descobrir a origem da moléstia na *fermentação tumultuosa, que não teve fôrça bastante para dissolver algumas das partes componentes, que o-deviam ser.* A meu juizo ésta opinião é bem assentada. *Chaptal*, (1) juiz competente na materia, disse, ha mais de quarenta annos, que a gordura dos vinhos provinha de não ser cabalmente decomposto o princípio extractivo; accrescentando, que os vinhos pouco espirituosos, pouco fermentados, ou feitos de uvas desengaçadas, estavam expóstos a ésta molestia.

Depois que os princípios da chymica moderna nos-vieram alumiar no exame dos phenómenos da fermentação vinhosa; todos os nossos escriptores, que trataram do assumpto, se-socorrem a ésta fermentação para explicar, cada um a seu modo, a causa da enfermidade. O sr. *José Verissimo Alves da Silva* (2), tem para si que *o nexo, que perdem as partes oleosas por via do tártaro, que se-espalha por todo o liquido, é a origem da molestia.* O sr. *Francisco Rebello da Fonseca* (3), attribue ésta doença *á evaporação do espirito inflamavel, e do ar fixo, que fazem perder o nexo dos mais princípios, destruindo-lhes o seu equilibrio.* O sr. *Vicente Coelho Seabra* (4), dá como provavel, que a gordura pende de uma fermentação misturada da vinhosa, ácida, e pútrida, excitada pelo calôr; e por isso *tão sómente* (segundo elle) nos calôres do verão, é que os vinhos engordam. O sr. *Girão* (visconde de *Villarinho de S. Romão*) no seu excellente *Tractado theórico e prático da agricultura das vinhas*, tambem descobre a fonte do mal n'uma fermentação incompleta. Um só, que eu saiba, confundindo, para assim o-dizer, *causas occasionaes* com as *causas efficientes;* encontra na sóbra do calôr a resolução d'este problêma. E é elle o nosso pequeno *Olivier de Serres*, *Vicente Alarte*, que escreveu nos princípios do século XVIII a sua = *Agricultura das vinhas* = A data da publicação do livro serve de desculpa aos êrros de seu auctor.

Concórdo pois, n'esta parte, com o seu correspondente, e com os auctores citados, menos o último. Mas discórdo d'elle, por diminuto, e de alguns dos outros, por excessivos, quando descem á condicção das uvas, que concorrem para tornar essa fermentação defeituosa. Não me-opponho a que as uvas afogueadas, ou *apanhadas do sol*, produsam vinho gordo, como diz o seu correspondente, e observou o sr. *Girão*, no anno de 1805. Mas tenho por sem dúvida, que esta causa não é a unica, nem a mais geral, da doença, e todavia o seu correspondente não aponta outra; eis-aqui o motivo, porque lhe-chamo diminuto. Ao contrário, o sr. *Seabra*, foi no meu intender exagerado, quando entre outras causas, apontou a mistura de differentes variedades de uvas, descoberta, que foi abraçada pelo sr. *Girão*, que não cessa de recommendar a separação das brancas, e das tintas, como remédio especial, para previnir a molestia. Este ponto é importante, e merece ser tractado mais de espaço.

Nem a história do passado, nem as minhas proprias

(1) Traité sur la culture de la vigne.

(2) Memória, na collecção das Economicas d'Academia.
(3) As mesmas Memórias.
(4) As mesmas Memórias.

observações abonam a opinião d'aquelles dois senhores, cujas luzes muito respeito. N'um pequeno ensaio, que, para meu uso, vou pondo em limpo, ácerca da história das nossas vinhas, seu progresso, e cultura; fabríco do vinho, e seu commércio, desde o principio da monarchia até ao cabo do século XVI; provo eu, com documentos authenticos, que n'este periodo, o que se-chamava, entre nós, vinho, por excellencia, era o branco; o tinto só servia para lhe-dar pretidão pelo menos, nas provincias do norte. Ora, não é natural, que nossos maiores, dotados, como eram, de tão bom juizo, seguissem ateimados, por tantos séculos, um processo, que, pela mistura do vinho tinto com o branco, punha annualmente em risco todas as suas colheitas.

Mas deixemos as conjecturas, e vamos aos factos. No districto em que vivo, todas as vinhas velhas abundam mais em uvas brancas, que em tintas, porque, antigamente o vinho branco era mais procurado que o tinto. N'estes derradeiros annos, mudou o gôsto dos consumidores; e as necessidades do commércio variaram em tanta maneira, que o branco é tido na conta de fazenda de empate; e os lavradores, para se-descartarem d'elle, ou o-equilibrarem com o tinto, que possuem, o-misturam com este nos curtimentos, ou o-*passam pela balça*, para o-misturarem depois nas vasilhas. E comtudo, nunca chegou ao meu conhecimento, que por tal causa, engordasse o vinho de meus visinhos.

Fallarei agora das minhas proprias observações. No longo periodo de trinta annos, que conto de lavrador de vinhos, só em duas occasiões me-engordaram alguns d'elles; e em ambas, foram tintos os vinhos, em que se-declarou a molestia: a primeira vez, da novidade de 1817, e a segunda, da novidade de 1836. Não toco por ora na colheita passada, que foi em tudo excepcional.

Os precedentes da vindima de 1817 não lhe-foram favoraveis. Desde os principios de junho até 12 de septembro d'esse anno, não caiu uma só gôtta de agua; mas emvez d'ella, sobrou sol e vento, que assustou as cêpas, e queimou boa parte da novidade. Chegaram finalmente chuvas abundantes a 13 d'aquelle mez, e continuaram sem cessar, até 18, em que comecei a minha vindima, porque as uvas estavam sequiosas; ensoparam-se em agua; e rapidamente apodreciam, umas verdissimas, e outras maduras. Isto posto: curti em quatro balceiros tapados, e de arrasoado tamanho, uvas tintas estremes, das seguintes variedades = Bomvedro = Trincadeira = Aragonêz = Bartholomeu, ou João de Santarém = depois de bem pisadas e repisadas; colhidas a 25 de septembro, com chuva miuda; a 27, 28, e 29 com densos nevoeiros; e no 1.º de outubro, em que choveu copiosamente. Ajudei os curtimentos com dezeseis almudes de meio arrôbe; porque o estado da uva, e o tempo, em que foi vindimada, pediam este soccorro. Os quatro balceiros produsiram vinte e seis pipas de bom vinho, que invasilhei convenientemente, e trasfeguei depois a 17, e 18 de maio do anno seguinte; lançando-lhe, por pipa, quatro canadas de agua-ardente de 29 gráus (Beaumé). Dando este vinho por seguro, descuidei-me d'elle até meado de julho de 1818, quando os grandes calôres da estação me-espertaram a curiosidade de o-tornar a vêr. Provei-o pois no dia 17, e achei que fôra atacado da molestia da gordura, que estava ainda no seu primeiro periodo: sem perda de tempo trasfeguei o vinho doente, no dia immediato, e repeti a trasfega no 1.º de agosto; tendo cuidado de mandar aguar diariamente a adêga, então muito mal reparado. O remedio foi applicado em tão boa hora, que o vinho se-restabeleceu completamente; e foi vendido, em 25 do referido mez e anno, á casa do sr. *Vicente José de Carvalho*, d'essa cidade, por 66:000 réis o tonel. Noto de passagem, que este processo era o que estava em uso entre os nossos lavradores, no principio do século passado.

Relatei miudamente o facto, porque intendo que assim devem ser historiados, todos os factos, que temos em ôlho para assentar alguma theoría.

Por este relatório se-conhece, que os ardentes calôres do verão foram a causa *occasional* da molestia; mas a eiva, ou causa *efficiente* d'ella, morava no proprio vinho. ¿E qual seria porventura? ¿A mistura das uvas brancas com as tintas? Não, porque nem um só cacho branco entrou para o curtimento. ¿A mistura das differentes variedades de uvas pretas? Ainda menos. O facto seguinte nos-vai pôr no caminho da verdade.

Passados desenove annos, quero dizer, entre 12 de dezembro de 1836, e 9 de janeiro de 1837, succedeu o caso, de que dei conta na minha primeira carta. As uvas do curtimento, que produsiu o vinho gordo, eram todas pretas, e de uma só variedade = Bomvedro = que me-foi facil apartar; porque as minhas plantações vão por tal arte ordenadas, que não só fica separado o branco do tinto, mas sobre si, cada uma das variedades brancas, ou tintas. Em verdade, que as uvas d'aquelle curtimento foram vindimadas nos bellos dias de 20, 21, e 22 de outubro: mas os precedentes da vindima não *lhes-foram* favoraveis, como o não tinham sido em 1817. Porquanto vieram chuvas temporãs a 25, 27, e 28 de agosto d'aquelle anno de 1836, e continuaram a 2, 3, 4, 7, 15, 16, e 18 de septembro; de maneira, que a podridão ía ganhando largo terreno, quando comecei de vindimar. Este segundo facto prova, de um lado, que a homogeneidade das uvas não salva o nosso vinho do risco de engordar; e pelo outro, fundamenta a minha opinião, de que, tanto n'este, como no primeiro caso, a mistura das uvas maduras com as pôdres, e verdes, foi a verdadeira causa da gordura do vinho.

De quanto levo dicto, parece-me que posso extrair, e apurar os seguintes artigos de doctrina.

1.º Os vinhos, tanto brancos, como tintos, estão sujeitos a engordar.

2.º Esta molestia se-desinvolve, não só no verão, mas tambem no pino do inverno.

Não é portanto verdadeiro o que diz o sr. *Seabra* = que os vinhos *tão sómente* engordam nos calores do verão. O sr. *Girão* é mais regular, quando affirma, que a doença *ordinariamente* se-manifesta no tempo dos calores.

3.º A mistura de uvas de differentes castas, e qualidades, brancas, ou tintas, em nada concorre para a gordura do vinho, comtanto que sejam sãs e maduras.

4.º A mistura de uvas maduras, pôdres, e verdes, qualquer que seja a sua côr, ou variedade, é

a causa *efficiente* mais geral da gordura do vinho.

Tenho práticamente conhecido com quanta razão M. *François de Neufchateau* (5) lamenta o descuido dos lavradores, em não tomarem nota do que fazem nos seus campos: e com quanta razão lhes-aconselha, que ordenem um diario de suas experiencias, de que podem tirar bem vingado fructo, e depois d'elles, seus filhos; e eu accrescento = e tambem o público. = Se não fosse o meu diario, mal poderia dar hoje conta de particularidades tão miudas, que já lá vão ha vinte cinco annos, e que são todavia essenciaes para esclarecer a materia de que tractamos. Demais d'estas vantagens, os diarios agricolas offerecem outra de não pequena monta = ligam-nos mais estreitamente com a agricultura, de quem dizia o orador romano = *nihil melius, nihil uberius, nihil dulcius, nihil homine libero dignius*; (6) ao passo que nos-desviam da polémica politica de nossos dias com os homens inconsequentes e contradictorios, que nem se-intendem a si, nem se-deixam intender dos outros.

Antes de passarmos adiante, importa rectificar um èrro de imprensa; para que Deus não permitta, que vá elle augmentar a já tão confusa nomenclatura das nossas uvas. Não se-chama = Comvedro = (como vem estampado a pag. 200 do n.º 25 do seu jornal, terceira serie) a variedade alli mencionada, mas = Bomvedro = a que em outros sitios dão o nome de = tinta grossa = tintoreiro = tintorro — etc. etc. Desde antigos tempos, que os romanos se-queixavam d'esta confusão, como nos-diz o sábio *Columela* = *Multa sunt genera vitium quarum nec numerum, nec appellaciones cum certa fide referre possumus.* (7) E comtudo, andados são já passante de mil annos, sem que nenhum paiz, que eu saiba, possua uma bem acabada synonímia, que lhe-traduza os desvairados nomes de suas cêpas. Tive, e em outro tempo, idéa de trabalhar para a feitura da nossa synonímia, segundo um plano mais prompto, singelo, prático, que o lembrado pelo abbade *Rozier*. Consistia elle inventariar e fixar os nomes vulgares das plantas n'um districto dado; e cotejar depois as uvas d'essas plantas com as suas correspondentes no districto visinho, tomando nota dos nomes, porque ahi eram conhecidas. Seguiriamos assim de districto em districto, e de lanço em lanço, até ás extremidades do reino, praticando o mesmo com as novas variedades, que fossemos encontrando pelo caminho. Esta viagem deveria ser emprehendida no tempo da maturação das uvas, para se-cotejarem, cacho por cacho, na passagem de um para outro districto. Finda a viagem, com paciencia, intelligencia, e zêlo; estava acabada a synonímia. Eu mesmo dei um começo de execução a este projecto, de cujo proseguimento me-desviaram occupações mais graves, e de menos deleitação. Em 29 de septembro de 1821, trouxe das *Caldas da Rainha* exemplares das suas uvas brancas mais nomeadas, e os-cotejei com as correspondentes, n'este concelho. Do exame comparativo de umas e outras, resultou, que as mesmas variedades tinham, nos dois districtos, differentes nomes, como se-vê da tabella seguinte:

Caldas da Rainha. Nomes	*Alemquer.* Nomes
Alforecheiro	Camarate
Boal de Dezembargador	Mourisco
Branco Labrusco	Olho de Lebre
Roupeiro	Cerceal
Uva dôce	Bêbo

Tornando-nos ao que tractavamos, que já vai longa a digressão; direi, no particular das receitas, que nos-offerece o correspondente de *Villa Real*; que não posso afiançar a sua efficacia, porque nem tempo, nem ensêjo tive de as-pôr em obra. Mas se houvermos de dar crédito ao que nos-deixou escripto o sr. *Seabra*; a primeira (que consiste em tractar o vinho doente com bôrras frescas de vinho branco) pouco ou nada poderá fundir. Todos os auctores, que citei, as-trazem mais ou menos complicadas, levando a todos vantagem o moderno auctor da *arte de fabricar os vinhos*, que produsiu um variado, e longo receituario. Esta sobejidão de receitas dá-nos a intender, que ainda se não atinou com o verdadeiro processo. Não digo que o-seja o meu, com quanto abonado por experiencias authenticas, seguidas com porfia, no espaço de mais de tres annos. Ha-de haver contra elle prevenção egual á que se-manifesta contra a medicina de *Priesnitz* nas montanhas de *Graefenberg*: a sua mesma simplicidade lhe-diminue o crédito. — Seu constante leitor e assignante — *Bento Pereira do Carmo.* — Alemquer 23 de julho de 1842.

FERRUGEM DAS OLIVEIRAS.

(Carta)

678 Tenho que rectificar uma asserção minha. Dizia eu que o estado actual do bicho das oliveiras e a experiencia de mais annos me-ensinava, que o desinvolvimento dos ovos contidos debaixo das cascas d'este insecto se-faria provavelmente em fins de septembro, e que a ferrugem em consequencia appareceria em novembro. Enganei-me, já começam a desinvolver-se estes ovos, e as oliveiras a apparecer cobertas d'estes pequeninos insectos. Eu os-tenho já visto, e posso mostrar a quem quizer em muitas oliveiras; é porém de advertir que estas oliveiras estão ainda brancas. Eu vou notando, e até assignalando aquellas que se-vão cobrindo primeiro d'estes insectos, para ver se tambem por estas começa primeiro a ferrugem. O resultado que será por mim mostrado a meus patricios, eu o-participarei a VV.

Bailão 30 julho 1842.

José Nunes da Matta.

ADMIRAVEL FECUNDIDADE DE TRIGO.

679 Muito maior, muito mais extraordinaria e admiravel, do que a mencionada no artigo 612 do n.º 42 da *Revista*, é a pavêa produsida por um grão de trigo, casualmente nascido em *Peniche* na vinha do *Oiteiro*, de *João Baptista Ribeiro*, negociante na mesma villa. Em setenta e nove colmos produsiu setenta e nove espigas, das quaes se-extraíram ha pouco 8451 grãos, muito bem creados, pesando meio arratel. Nenhum cuidado ou cultura particular recebeu este pé de trigo, apenas foi sachado quando se-cavou a vinha. Admira?!... Pois muito maior será a admiração sabendo-se, que este grão de trigo germinou, e desinvolveu-se a tal ponto em arêa como a da praia,

(5) Lettre sur le Robinier.
(6) Cic. lib. 1 de offic.
(7) Lib. 3. cap. 2. § 29.

que é o solo d'aquella vinha, e de todas as d'aquelle sitio.

José Nicoláu da Silva Franco.

POLICIA MEDICA.

Lembranças em beneficio da humanidade.

680 Está determinado que os dois facultativos, que se-chamam para curar os ferimentos, que repentinamente occorrem por desastre, ou por maldade, não possam começar o curativo prompto e indispensavel sem que chegue o juiz correccional, ou eleito, e seus escrivães, para se-fazer o auto do corpo de delicto directo. Isto é na verdade de gravíssimo prejuizo para os feridos, porque da demora se-póde seguir a morte, o que muitas vezes tem acontecido; e com o promptissimo curativo, muitas vezes se-evitariam duas, porque não morrendo o ferido, não periga a vida do delinquente. Por estas rasões seria muito util que tal determinação fosse revogada, e que um facultativo começasse para logo o curativo, depois os dois declarariam ás auctoridades as circumstancias do ferimento para se-proceder ao auto do corpo de delicto directo; pois que éstas só o-fazem pelas informações dos mesmos facultativos: não sendo de precisão que estejam presentes ao começo da cura.

Tambem seria muito conveniente que em todas as companhias da guarda municipal da cidade de *Lisboa*, e em todas as estações da mesma guarda, aonde ha, ou deve haver, maca para conduzir os feridos, houvesse uma caixa com o seguinte. duas toalhas de cinco palmos de comprido, seis ataduras com seus chumaços, duas ataduras com dez palmos de comprido e tres quartos de largo, tres pedaços de panno de dois palmos quadrados, tres de palmo em quadro, dois arrateis de fios, palmo e meio quadrado de emplastro adhesivo, linhas enceradas de diversas grossuras proprias para as laquecações. (*)

Todos estes utensilios deveriam ser dados pelo hospital nacional de S. José; o que não lhe-augmentaria a despeza, porque do promptissimo curativo se-seguiria que muitos dos feridos deixassem de ir para o mesmo hospital, ou estivessem lá menos tempo; sendo responsaveis pelos mencionados utensilios ao hospital, os commandantes das companhias da guarda municipal, e a estes os das respectivas estações, que, para sua ressalva, apresentariam o assento assignado pelo medico ou cirurgião, por onde constasse o dispendido de cada um d'estes objectos: com este prompto soccorro muitas vidas seriam salvas, pois que a maior parte das vezes estão presentes os facultativos, e não ha com que se-façam o primeiro curativo; porque nem sempre se-acham pessoas, que os-possam dar por charidade.

Egualmente seria mui conveniente que os facultativos, que a toda a hora são chamados para fazerem os curativos, nunca pagos, e darem as declarações para se-fazerem os autos do corpo de delicto directo, perdendo muitas vezes os seus interesses, fossem isentos de serem jurados, e do serviço da guarda nacional, porque então não só iriam fazer este utilissimo serviço público com a melhor vontade, mas sempre mais promptos se-achariam... e por este modo se-lhes-compensava o trabalho e os interesses, que perdem pela obrigação de irem fazer os dictos curativos.

A. S. Ressurgido.

(*) Tudo quanto pertence ao curativo deve ser de linho, e os pannos quadrados de linho já usado, e tudo devia ser requisitado pelos commandantes das companhias da guarda municipal.

TELESCOPIO COLOSSAL.

681 Lord *Rosse*, já bem conhecido pelas suas qualificações scientificas, acaba de produzir uma maravilha artística, devida unicamente ao seu estudo, genio mechânico, e incançavel perseverança. — No dia 15 do passado abril, concluiu com a maior felicidade a fundição de um reflector de telescópio astronómico, da extraordinaria grandeza de 6 pés de diâmetro, 5 e meia pollegadas de grôsso pela borda e 5 dictas no centro.

Este monstruoso espêlho, depois de fundido e solidificado, (operação que se-concluiu em uma hora) foi passado a um forno ou estufa, para este unico fim construída, e onde se-deve conservar pelo tempo de dois mezes, afim de se-recoser e gradualmente resfriar.

Durante ésta tão melindrosa como difficil fundição, lord *Rosse*, que a-dirigia pessoalmente, conservou o maior sangue frio e deliberação, seguindo sempre os dictames de seu proprio discernimento no meio das várias suggestões dos numerosos e respeitaveis circumstantes que a-presenciaram. — ¡ Quanto é bello vêr uma pessoa da elevada cathegoria de lord *Rosse* empregar o fecundo génio mechânico de que largamente o-dotou o Creador, em a solução dos mais sublimes problemas da sciencia, em logar de com menos glória propria e interesse público, o consumir em insignificantes bagatellas, de que não são raros os exemplos! Para levar a tanto ponto ésta ousada empresa, não dispendeu o nobre lord menos de 9 contos de réis. — Esta façanha scientifica tendo o feliz acabamento, como é de esperar, terá o maior valor, por isso que, ésta só despesa, é além das possibilidades dos experimentalistas professos; e o insigne lord terá chegado ao maximo do effeito possivel, porque, segundo a opinião dos magnates scientificos, o ôlho humano não póde abranger mais campo de vista por este modo, do que o que lhe-ministra um espêlho de 6 pés de diâmetro. — Este gigantesco espêlho pésa 6,000 arrateis; e terá, depois de torneado e polido (o que será a parte mais difficil do processo) 4071 pollegadas quadradas de surperficie reflectora: em quanto o reflector do afamado telescópio de *Herschel* só tinha 1811 pollegadas quadradas. — Este enorme reflector será armado depois de concluído, em um telescópio de 30 pés de distancia focal. — A liga de que foi fundido é de 126 partes de cobre, e 57 e meia de estanho. — A fundição e todo o mais apparêlho e ingenhos necessarios a ésta importante operação, inclusa uma máchina de vapôr, e exceptuando sómente os cadinhos, foram construídos nas officinas de *Birr Castle* na *Irlanda*, actual residencia de lord *Rosse*, e sob a sua immediata direcção, e por artifices creados por elle mesmo. — Tanto póde a sciencia combinada com a riqueza. ¡ Quão nobre exemplo! Concluso que seja este poderoso instrumento, a sublime sciencia da astronomia terá um novo e vasto campo aberto para observação e descobrimentos.

LEMBRANÇAS POLICIAES Á CAMARA DE LISBOA.

682 Publicou a câmara municipal uma postura, ordenando a extincção dos cães vadios na capital. — Era uma providencia de policia havia muito requerida pela necessidade urgentissima de proteger os pedestres, os cavalleiros, e a decencia pública, contra os insultos d'estes atrevidos, importunos e devassos animaes, e de acabar com a insoffrivel matinada de seus latidos. — Muito estimámos que emfim a câmara se-decidisse a tomar esta util deliberação. — Mas, não basta que a postura se-publicasse; é preciso insistir com perseverança na sua rigorosa execução, e não a-deixar ter a sorte de esfórços eguaes de câmaras anteriores, e de outras muitas providentes determinações — taes como as respectivas ao despejo das aguas pelas janellas, nas ruas — aos pejamentos das vias públicas por cousas e pessoas, — e ás immundices e lixo que, com repugnancia e vergonha, continuâmos a vêr por essa cidade: tudo, em contravenção de repetidas leis municipaes. Para que a citada postura surta o melhor resultado, julgamos que deveria ter mais alguma ampliação; e n'estes termos, ousamos apresentar á benigna attenção dos srs. vereadores as seguintes reflexões e arbitrios:

1.ª O tempo das vindimas está proximo; e n'este prazo, os vinhateiros dos arredores de *Lisboa*, e dos districtos da outra banda, fazem emigrar uma immensidade de cães para a capital, a fim de se-livrarem dos estragos, que estes animaes fazem nas vinhas. — Convém portanto, tomar cautellas opportunas, para obstar a esta invasão: — empresa que, julgando-a difficil, não nos-parece comtudo impossivel.

2.ª Estando abertas a todo o accesso, as pontes da lâma, vão francamente alli, procurar o seu sustento, grande número de cães. — Se, estes depósitos forem vedados á entrada d'estes animaes, e até dos ratos, o que nos-parece praticavel, teremos obtido mais um meio indirecto de fazer desapparecer estes damninhos quadrúpedes.

3.ª A sentença da postura deve ser applicada a todos os cães, com coleira ou marca, ou sem ellas, que se-encontrarem na via pública desde o occaso até o nascer do sol; exceptuando, unicamente, os cães marcados que seguirem de perto seus donos.

4.ª Sendo actualmente os cães, destruidos por meio da estrangulação, e sendo este modo repugnante aos sentimentos de humanidade, e tendendo a crear habitos de crueza nos executores; propômos, como menos atroz, que, aquelles animaes que se-pertenderem destruir, sejam encerrados em um receptáculo, convenientemente disposto e fechado, e alli asphyxiados por meio dos gazes, ácido carbónico, ou sulphuroso.

5.ª É innegavel que o manter cães dentro das portas da cidade, é puro luxo: e portanto, é justo que as pessoas que insistirem em os-conservar, paguem tributo grande; que, com muito proveito, póde ser applicado para o asylo de mendicidade.

6.ª Por fim e por esta occasião, seja-nos permittido, lembrar á digna câmara que, — o latido dos cães — o bradar das sentinellas, que nos-faz parecer, estarmos nos baluartes de uma praça sitiada — as atroadôras argoladas da meia noite, por essas portas da cidade — e o estrondo matutino das carroças da limpeza, resultado da sua desleixada construcção, são verdadeiros tormentos para seus pacificos administrados, que mal podem gosar de um somno socegado, principalmente pela baixa da cidade, onde estes incómmodos se-fazem mais sentir.

E por isso lhe-rogâmos, ponha todos os meios, para attenuar, senão de todo remover, estas causas de insoffrivel estrondo que, em nada se-conformam com as presumpções de uma cidade policiada. *(Communicado).*

MACHINAS DE VAPÔR.

683 Rectificando o artigo 387 da *Revista*, onde enumerâram-se as máchinas de vapôr existentes em *Lisboa* e arredores, deve lêr-se *Sacavém* em logar de Sacramento, que lá está por êrro de imprensa. — Aquelle motor, é um pequeno ingenho de *Henry Mandsley* de *Londres*, applicado sómente a redusir o trapo a pôlpa, para o fabrico do papel de embrulho ordinario, que é o unico producto d'aquelle estabelecimento. — A máchina que se-diz no chafariz da Praia, e que por ora não trabalha, está na officina do sr. *Fontana*, e ainda não está acabada de armar, talvez por carencia de fundos; é destinada a mover um ventilador cylindrico para alimentar um fôrno alto de fundição de ferro, e a serrar madeiras. — O local é propriissimo para este último intento; porque, estando á beira d'agua, alli chegarão com grande facilidade todas as madeiras, tanto as de barra a dentro, como as de rio abaixo. Se este machinismo vier a trabalhar como desejâmos e esperâmos, sería de bastante utilidade para o reino, o difficultar a importação das madeiras do *Norte* e *America*, já serradas ou por qualquer modo apparelhadas, por meio de direitos convenientes, e promover a entrada das que viessem em bruto, ou com casca e nó. — Esta empreza deve ser lucrativa, e o sr. *Fontana* merece ser auxiliado por aquelles capitalistas, que desejarem empregar os seus fundos com proveito seu, e de sua patria.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

MALACA.

Segundo ataque e tomada por Affonso de Albuquerque em 8 de agosto de 1511.

684 Se algum povo ha no mundo, que possa mostrar o campo da sua história, todo semeado de gloriosas recordações, é de certo o povo portuguez. — Por toda a terra as-tem elle colhido, ora semeando-as com a palavra, ora segando-as com a espada. Que o-digam os seus poetas, os seus oradores, e os seus philosophos. Que o-digam a *Africa*, a *Asia* e a *America*.

Affonso d'Albuquerque o grão capitão, o *Napoleão* da *India*, o conquistador politico, tão prudente no conselho, e tão fervoroso nos combates, *Affonso d'Albuquerque*, sobre tantos varões illustres, merece singular estimação.

É *Malaca* uma das chaves do commércio da *Azia*. Os estreitos de *Malaca* e de *Sunda* são as gargantas unicas e os unicos respiradoiros d'esse commércio. Bem conhecida fica portanto a importancia d'aquella, outr'ora tão florescente cidade. — Sabedor d'isto ordenou el-rei D. *Manoel* a *Diogo Lopes de Sequeira* que se-fosse a conquistal-a. Foi-se o *Sequeira*, mas em má hora foi, que traições dos naturaes da terra o-obrigaram a fugir deixando captivos alguns dos seus. Realisar tão glorioso feito estava reservado para o insigne capitão. Com boa frota de 19 velas e 1:400 homens de peleja, 800 portuguezes e 600 malabares, se-partiu elle de *Goa*, séde do imperio portuguez na *Azia* e conquista sua. Relatar os varios acontecimentos d'esta assignalada facção fôra escrever livros. No fim de renhidos combates, a cidade guarnecida por 20:000 malaios, disputada palmo a palmo cada rua e praça, caiu nas mãos dos portuguezes com todas as riquezas que as histórias narram, e o mesmo *Affonso d'Albuquerque* descreve, e que sem dúvida devia de possuir como escala principal do commércio, que então era.

Nem oito mil boccas de ferro e bronze vomitando a morte, nem os seus cem mil habitantes, nem as

suas armas envenenadas, nem os seus, e ainda mais envenenados, ardis e traições, poderam deffendel-a contra aquelle punhado de valentes tão poucos e tão longe da sua terra!

Tres nações, *Portugal*, a *Hollanda*, e a *Inglaterra* luctaram depois por muito tempo ácerca da sua posse. Venceu porfim a *Inglaterra*, mas venceu sobre o cadaver do que já se-chamára cidade.

¿Quem dirá hoje o que foi aquella *Malaca* entrada por *Affonso d'Albuquerque* quando vir uma povoaçãosinha com 50 sipaes de guarnição?

¡*Malaca* morreu: tambem nós nos-vamos deixando morrer!

¡O que fomos e o que somos!

Silva Mendes Leal — Junior.

UM POEMA ÉPICO.

685 Ainda finalmente depois de tão copiosa falta, como já tiveramos de poemas épicos, e quando a nossa litteratura até parecia haver totalmente esquecido esse nome, apparece no presente anno, um rebentinho da mesma raiz, que por ser tão raro que até é único não julgámos dever preterir sem alguma menção.

A Redempção, poema épico em seis cantos, por um ecclesiastico do bispado de Leiria. Lisboa typographia da sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis. Largo do Pelourinho n.° 24. 1842.

Ouçamos o que em uma advertencia prévia nos-diz ácerca da obra o poéta cuja modestia lhe-não permittiu nomear-se.

Saiba quem este poema lêr, que o seu auctor é um ecclesiastico desempregado, que no meio das adversidades, e dos males, que ha annos, pezam sobre esta infeliz nação, tomou o expediente de se-applicar a fazer versos, sem ter natureza, nem arte, e ainda menos os conhecimentos para isso necessarios; e isto só para do modo possivel auxiliar a causa da religião opponda á enxurra da dos máus escriptos, que a impiedade tem acarretado das nações estrangeiras para Portugal, o divino assumpto d'este poema, que é só o que o faz recommendavel; e para de algum modo poder ser util á sua patria, offerecendo á mocidade portugueza um argumento bem digno das attenções, e do seu entretenimento, e bem capaz de aperfeiçoar a sua educação.

Tornemos a ouvil-o em verso no comêço do canto terceiro:

Sem força ter, nem arte, nem ingenho
Cantar a Redempção quiz imprudente;
Mas foi o meu intento, o meu desenho
Só meditar de Christo o amor ardente.
Sei, foi tão atrevido o meu empenho,
Que não merece critica indulgente:
Mas vós, Senhor, para a maior empresa
Vos servis commummente da fraqueza.

Se alguem meus versos lêr, justo é que attenda
A' nobreza do assumpto, ou argumento,
E a soffrer os defeitos condescenda
D'arte, e de meu grosseiro intendimento;
Nem, que captar do vulgo a aura, intenda,
O meu designio fôra, ou meu intento;
Pois emprego não tendo algum honesto,
O tempo quiz passar sério, e modesto.

Mas bem como inexperto navegante
Das ondas procellosas combatido,
Ou qual longe da patria o viajante
Em estranho paiz desconhecido,
Me-vejo aqui alli andar errante,
Tendo de todo o rumo já perdido.
O' Luz Divina, os êrros meus corrige,
E meus timidos passos tu dirige.

A' vista d'estes authenticos documentos do generoso empenho e ao mesmo tempo da encolhidissima desambição do auctor, atrocidade seria, não só injustiça, avaliármita o seu escripto com uma severidade absoluta, o seque ermos n'elle o alvo ideal, que na poesia contemporânea se-procura, e raras vezes se-encontra n'ella. O poema da *Redempção* não é um monumento milanario como a *Messiada* ou *Paraiso Perdido*; é uma pequena tenda que no meio do anti-espiritual, e sequioso deserto, por onde vamos atravessando, sem columna de fogo que nos-guie, nem maná que nos confórte, quiz o auctor para n'ella o seu obreiro passar algumas horas em agradavel recolhimento, e d'ahi convidar, se podesse, alguns viandantes extraviados a participarem do seu repouso. Não peçâmos para o tabernáculo as maravilhas de architectura do templo, nem as alfaias, e primores do palacio; se n'elle se-encontra repouso e atra féras boa luz qual lh'a accendeu a fé, e mesa posta com os fructos sádios que alimentam a alma, e com as aguas das celestes fontes da verdade, já merecerá que não passemos sem o entrar, nem d'elle saiâmos sem abençoal-o. A invenção, digâmol-o francamente, é nulla: o auctor não fez mais do que ajunctar e resumir as verdades históricas e mysticas da Biblia relativas ao primeiro peccado, ás suas consequencias, e regeneração do homem pelo inefavel sacrificio do Filho de Deus. Com estas verdades altissimas, teve para si, que não devia immiar especie alguma de ficção, e talvez intendeu muito bem persuadindo-se de que, sendo hoje de todos os livros o menos lido em *Portugal* a Escriptura, convinha fazer d'esta sua tão importante parte, que é nada menos, que o fundamento da lei da Graça, uma nova traducção em vulgar, a qual pela clareza e concisão, pelos enfeites da linguagem poética, pela melodiã e pela rima, tentasse alguns a uma leitura, que aliás nunca fariam; este mérito ninguem lhe-póde negar, ou desagradecer. Uma falta essencial ha comtudo n'este livro, e é a da poesia meditativa, devaniadora, intima, e affectuosa, que depois de *Chateaubriand* e de *Lamartine* se-tornou uma necessidade indispensavel. O poema da *Redempção*, publicado em 1842, nada tem por ésta parte, que revele a sua data; dir-se-hia que assim como o auctor se não contaminou com a peste d'esta edade, tambem das vantagens intellectuaes e litterarias, que ella incontestavelmente produsiu, se não póde, ou se não quiz aproveitar. Recommendâmos lealmente este ponto á sua meditação, persuadidos de que se continuar a empregar-se n'este genero tão util, tão necessario, tão indispensavel, achará, tomando o nosso conselho, muito maior gôsto no trabalho, e muito mais abundancia de fructos, dos que o público póde e costuma receber; e para lhe-citarmos em linguagem portugueza, e bem portugueza, um exemplo esplendido da bondade de tal conselho, insinuamos-lhe a *Harpa do um Crente* com que a *Lamartine* e a *Chateaubriand* démos nós os portuguezes um digno émulo.

A MUSICA DE PÁU, OU IEROWO-I-SALAMO.

Aproveitamos de uma folha do *Rio de Janeiro* o seguinte interessante, além de curioso artigo.

---

686 Dizem que o famoso *Paganini*, querendo mostrar um dia, diante de uma grande assembléa, o que podia fazer, pegára n'uma grande poncheira, de que fizera rabeca; extendêra sobre ella o cordão da sua lunêta para lhe-servir de corda, e valendo-se de um pedaço de junco que lhe-fez as vezes de arco, principiára a tocar de tal maneira n'este instrumento improvisado, que deixou todo o auditorio, não sómente admirado, mas absôrto. Se alguem quizer observar cousa similhante, sem saír do *Rio de Janeiro*, procure ouvir, como nós hontem ouvimos, n'um concêrto o *ierowa-i-salamo*, e verá como os objectos, os menos proprios do mundo para produzir sons, podem ser transformados em instrumentos de musica, em que se-podem executar peças, não sómente muito difficeis, senão ainda expressivas, e até tocantes. Não podemos dar melhor idéa ao leitor do que é o *ierowa-i-salamo*, e do que com elle se-póde fazer, do que referindo-lhe o que hontem observámos n'um concêrto d'este instrumento, a que, com muitas outras pessoas d'esta côrte, tivemos occasião de assistir.

Haviamos tido noticia de que, a bordo da fragata franceza *Rainha Branca*, vinha um italiano, que tocava primorosamente um novo instrumento russo, denominado *ierowa-i-salamo*, e que antes de partir d'este porto devia executar um concêrto ...

uma cara particular. A descripção, que nos-fizeram do instrumento pouco moveu a nossa curiosidade; mas como se-tractava de coisa da *Russia*, e de coisa que só se-pode ir vêr uma vez na vida (porque o artista devia ir para *Valparaiso* na mesma fragata, em que viera), assentámos que não deviamos perder a occasião, ao menos para podermos dizer tambem, como os outros: *Eu já vi.*

A hora annunciada para o concêrto era a das oito da noite. Já eram quasi nove, quando vimos entrar pela porta dentro um homem trazendo debaixo do braço um mólho de pequenas achas de lenha, e alguns rôlosinhos de palha. Quem o não conhecesse, e não soubesse para o que vinha, deveria pensar que o que trazia poderia ter melhor emprêgo na cosinha, para fazer algum guisado, do que na sala para executar peças de musica: entretanto, a figura que acabava de apparecer era o artista, e o feixe de achas, que trazia, era o seu instrumento. Collocou o homem os seus cinco rôlosinhos de palha em cima de uma mesa, dispondo-os uns ao lado dos outros, com intervallos, que se-iam estreitando detraz para diante, de maneira que a figura por elles descripta era um perfeito trapésio. Sobre este trapésio de palha foram collocados os 37 cavacos (que a fallar a verdade, não se lhes-póde dar maior predicamento), em quatro series, tres de nove, e uma de dez peças. Estas series representam os sons da escala; isto é, as duas séries do meio os signos naturaes, e as duas series dos lados os accidentes ou semi-tons: os cavacos mais compridos representam os sons mais graves, os curtos os sons agudos ou altos. Quando o instrumento não está afinado, o modo de o-afinar é muito simples: pega-se n'uma podôa, corta-se um pedaço da acha, que desafina; e está tudo feito. As quatro series, assim dispostas umas ao lado das outras, representam uma especie de grade, cujas differentes peças estão ligadas por cordões umas ás outras, para que durante a execução não fuja cada uma para seu lado.

Os rolinhos de palha, sobre que as achas assentam, não tem outro officio senão servir de base ao instrumento, porque as achas é que formam o corpo sonóro. A sua serventia consiste unicamente em deixar um intervallo entre o instrumento e o plano da mesa, a fim de que a percussão dos cavacos forme vibrações e notas; e para que os sons, d'esta maneira obtidos, morram inteiramente na palha, e não se-communiquem aos que a mesma percussão devia extrair da mesa, o que os-tornaria inteiramente confusos e indistinctos.

Preparadas as coisas d'esta maneira, rompeu a orchestra uma especie de prelúdio para o concêrto de que o *ierowa-i-salamo* devia ser a parte cantante. Quando nós vimos o artista com as suas duas vaquetas nas mãos, e em acção de descarregar uma roda de bordoadas sobre as achas, que tinha diante de si, não pudémos deixar de iniciar uma risada geral que, por decencia, suffocámos, porque, a fallar a verdade, não podiamos esperar grande coisa d'aquella pancadaria sonóra; e talvez não havia entre todos os ouvintes um só que se não preparasse para receber com uma solemne pateada a nova musica de páu, se ella não correspondesse á sua expectação, que era o que todos suppunham. Entretanto, não foi assim. O artista executou primeiramente um motivo, que lhe-serviu de thêma para umas variações. Vieram estas depois: as primeiras eram simples, mas agradaveis; as seguintes pouco a pouco mais expressivas; as últimas, finalmente, cheias de harmonia, cheias de mudanças de sons, e ricas, sobre tudo, de cadencias difficultosissimas e de trinados executados com precisão fabulosa.

«¡Oh admiravel arte dos homens! (exclamou *Plinio* quando teve noticia da invenção da cerveja) que até acharam a maneira de se-embebedarem com agua!» ¡Oh admiravel arte dos homens! (poderiamos exclamar agora) que até acharam o modo de fazerem melodiosas e harmoniosas as achas, com que se-faz a comida! Se o Espirito Sancto nos não tivesse dicto, o mais formalmente possivel, pela bocca do Ecclesiastes: *Nihil sub sole novum*, seria este o caso de escrever á margem: *Aliquid sub sole novum*. Quando o artista terminou este primeiro ensaio do seu saber, não se-ouviu em toda a sala senão uma salva geral de palmas, a que fez echo outra muito mais estrondosa dos curiosos, que attrahidos de longe pelos accórdes da harmonia lenhosa, tinham acudido em grande número para debaixo das janellas, e se-estendiam a grande distancia pela rua fóra; porque é preciso advertir que, não obstante parecer á primeira vista que os sons, extrahidos pela percussão de um páu em outro páu, deviam ser obtusos e pouco perceptiveis, apesar d'isto, não só se-ouviram por cima da orchestra, mas até faziam melhor effeito na rua, e a alguma distancia, do que dentro mesmo da sala.

Uma reflexão, porem, não pódemos nós deixar de fazer, por esta occasião, ácerca da invenção dos instrumentos de musica. O celebre Gesner pertende que os primeiros instrumentos de musica, que se-inventaram, foram os de cordas. Talvez assim foi nos póvos caçadores, porque mui cedo deviam reparar que as cordas dos arcos, com que caçavam, eram capazes de produzir sons, em se-lhes-dando um certo gráu de tesura, porem nos povos pastores e agricolas, provavelmente não foi assim. Os unicos objectos, que estes últimos tinham diante dos olhos, eram a madeira das arvores, a palha das searas, e, mais tarde, o ferro dos seus instrumentos de lavoira: a experiencia de todos os dias lhes-devia mostrar, que a percussão de um páu n'outro produzia uma especie de som; e talvez na construcção do *ierowa-i-salamo* consistiu o primeiro passo por onde a arte se-encaminhou para a invenção de todos os outros instrumentos de musica. Se n'esta parte quizessemos soltar um pouco as redeas á nossa imaginação, bem poderiamos suppôr que a invenção dos differentes instrumentos de musica teve logar pela maneira seguinte: os instrumentos de cordas foram inventados pelos caçadores; e os instrumentos de vento pelos povos pastores; e todos os instrumentos de percussão, como tambôres, zabumbas, cymbalos, pandeiros, adufes e o *ierowa-i-salamo*, foram inventados pelos povos agricultores. Isto, porem, não é artigo de fé.

A partida precipitada da fragata franceza priva o público fluminense de ouvir o sr. *Quintavalla*, que devia tocar hoje algumas variações no theatro francez com o seu singular instrumento. Esta circumstancia é tanto mais de lastimar, que acompanha o sr. *Quintavalla* outro professor de não menos merecimento, o sr. *Benedetto Vincenti*, que executa sólos de trombone com um talento admiravel, e que tambem devia apparecer esta noite.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

687 El-rei da SUECIA toma providencias contra uma sociedade, que lá vai crescendo, com o empenho de unir em confederação aquelle reino com o da *Dinamarca* e *Noruega*.

Na INGLATERRA continúa o mal da fome. Os obreiros conjuram-se contra a altos diminuição de seus salarios. No parlamento discute-se uma lei para remediar a penúria pública, e outra para acabar com uma pública vergonha ingleza, a corrupção e violencias das eleições.

O discurso de el-rei de FRANÇA ao abrir das camaras merece, que o-transcrevamos.

«Senhores pares e senhores deputados:

«Na dôr que me-opprime, privado d'esse filho querido que eu tinha supposto destinado a succeder-me no throno, e que era gloria e consôlo de minha velhice tão adiantada, senti necessidade de vos-junctar á pressa em roda de mim.

»Temos que prencher junctos um grande dever. Quando a Deus prouver chamar-me para si, é mister que a *França*, que a monarchia constitucional não fiquem por um momento expostas a uma interrupção no exercicio da auctoridade real. Heis-de deliberar portanto sobre as providencias necessarias para prevenir, durante a menoridade do meu amado neto, esse immenso perigo. O golpe, que me-feriu, não-me torna ingrato para com a Providencia, que ainda me-deixa filhos, tão credores de toda a minha ternura, e da confiança da *França*. Senhores, seguremos hoje a paz e quietação da nossa patria; depois eu vos chamarei para entrardes em vossos trabalhos sobre os negocios do estado.»

A HISPANHA labora tambem em apertos pecuniarios; a ponto de que já dois ministros querem largar as pastas.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

688 *Diario do Governo de 4 de agosto.* — Decreto regulando o methodo de arrecadação da polvora aprehendida por contrabando, e fixando o seu preço. Accórdão do supremo tribunal de justiça. Venda de bens nacionaes.

— *Dicto de 5 dicto.* — Ordem do exercito n.° 36. Portaria auctorisando o procurador geral da corôa a publicar as actas dos concelhos das procuradorias régias, quando assim convenha. Accórdão do supremo tribunal de justiça.

— *Dicto de 6 dicto.* — Venda de bens nacionaes. Mappa demonstrativo dos documentos respectivos a tributos directos no mez de julho em alguns districtos administrativos no valor de 66:720$261 réis.

— *Dicto de 8 dicto.* — Ordem de pagamento de uma quinzena de pret. Portaria ordenando que os requerimentos de conciliação sejam feitos em papel sellado de vintem. Relação de individuos que foram despachados para alguns officios. Venda de bens nacionaes.

— *Dicto de 9 dicto.* — Accórdão do supremo tribunal de justiça. Venda de bens nacionaes. Circular do thesouro público alterando a circular n.° 76 de 5 de fevereiro de 1836.

— *Dicto de 10 dicto.* — Circular mandando que os governadores civis remettam o orçamento dos repartições a seu cargo.

CORTES.

689 Na câmara dos pares concluiu-se, e approvou-se a resposta á corôa: e presentou o sr. *Conde de Linhares* um projecto de lei contra sociedades secretas; como na semana antecedente presentára outro identico aos deputados, o sr. *Mousinho de Albuquerque*. Os deputados teem formadas todas as suas commissões, e discutem a resposta ao discurso da corôa.

MOVIMENTOS MILITARES.

690 Testimunha presencial nos-affirma que em *Elvas* se-aprestam fortificações e artilheria, e a tropa da guarnição sáe á *descoberta*.

CONSEQUENCIAS DE UM SUICIDIO.

691 O suicidio não é só um attentado contra a natureza, e contra a religião, é tambem um crime contra a sociedade em geral, e em particular contra a familia.

¿Póde o homem, quando alça a mão contra si mesmo, adivinhar sobre quantos entes caros ao seu coração recairá depois aquelle golpe? esta ponderação é terrivel: mas, porque no repetil-a póde haver aproveitamento, citaremos um recente facto em seu abôno. A trágica morte do sr. Alexandre Rubim, de que em o nosso n.° 42 fizemos menção, tem produzido desastrados effeitos na sua familia: não fallando já no estado, a que ficaram reduzidos seu pai, sua mãi, e suas irmãs para quem toda a consolação parece impossivel; as saudades que elle após si deixou, arrastaram dentro em tres semanas a acompanhal-o no sepulchro seu irmão, o sr. tenente José Jacomo Rubim, de idade de 28 annos, destincto por suas virtudes, não menos que por seus serviços militares.

Não é tudo; esta segunda perda, consequencias da primeira, além de augmentar ainda a consternação de uma familia, já consternadissima, deixou no mundo uma viuva e tres orphãos, cujo mais idoso conta apenas cinco annos: a mãi d'estes innocentes fulminada com a fatal noticia por tal arte, sentiu de repente transtornado todo o seu sêr, que o leite com que amamentava ao seu mais novo, d'edade de 8 mezes, de repente se-lhe-seccou, ficando tambem em perigo a existencia d'ella e d'elle.

Pensem, outra vez lh'o-recommendâmos, pensem n'isto os tentados pelo demonio do suicidio, que tiverem parentes e amigos.

PREMIOS.

692 Celebraram-se em os dias 29, e 30 de junho, na sala dos actos do extincto collegio dos nobres, as sessões de encerramento das duas eschólas, do exercito e polytechnica, e ahi se-fez (segundo a lei), a distribuição dos premios, aos alumnos ordinarios, que d'elles foram julgados merecedores. Varias pessoas, entre ellas, algumas de primeira grandeza, assistiram ás sessões; desejáramos porém maior concurso a taes actos, que toda a solemnidade merecem. Pela nossa parte, ahi vão classificados, e por extenso, os nomes d'esses alumnos: publicando-os, fazemos o seu elogio, é quanto cabe em alçada d'escriptor público.

J. da C. C.

ESCHÓLA POLYTECHNICA.

2.ª *Cadeira.*
1.° Premio. João Chrisostomo da Costa e Silva.
3.ª *Cadeira.*
1.° Premio. José Maria Latino Coelho.
2.° José Maria da Ponte e Horta.
5.ª *Cadeira.*
1.° Premio. José Maria Latino Coelho.
2.° José Maria da Ponte e Horta.
6.ª *Cadeira.*
1.° José Maria Latino Coelho.
7.ª *Cadeira.*
1.° Gregorio Nazianzeno do Rego.
8.ª *Cadeira.*
1.° Gregorio Nazianzeno do Rego.
9.ª *Cadeira.*
1.° José Maria Latino Coelho.
2.° Filipe José Rodrigues.
3.° Francisco d'Assis Feijó.
4.° Joaquim Henriques Fradesso da Silveira.
5.° João de Andrade Corvo.
10.ª *Cadeira.*
1.° Filipe José Rodrigues.
2.° Joaquim Henriques Fradesso da Silveira.
3.° João Bernardo Monteiro d'Almeida.
4.° Frederico de Novaes Corte Real.

ESCHÓLA DO EXERCITO.

1.ª *Cadeira.*
1.° Premio. Francisco de Assis Feijó.
2.ª *Cadeira.*
1.° Filipe José Rodrigues.
2.° Placido Antonio da Cunha e Abreu.
3.° Antonio da Rosa Gama Lobo.
4.° Miguel José Gomes Monteiro.
3.ª *Cadeira.*
1.° Augusto Cesar de Vasconcellos.
4.ª *Cadeira.*
1.ª Parte. Francisco Maria Melchiades da Cruz Sobral.
2.ª Part. { 1.° Miguel José Gomes Monteiro.
2.° Francisco da Ponte e Horta.
5.ª *Cadeira.*
1.° Augusto Cesar de Vasconcellos.
2.° José Maria da Cunha.

6.ª *Cadeira.*

A. C. de Vasconcellos. } Cada um foi o
F. de Assis Feijó. } 1.º no seu anno.

N. B. Não foram premiados, na 8.ª cadeira da eschóla polytechnica, e na 1.ª parte da 5.ª, da eschóla do exército, postoque satisfizessem aos tres quartos do valor total das perguntas, os srs. Antonio Corrêa da Silva Leote, (na 1.ª); e Carlos Maria da Cunha (na 2.ª), por serem alumnos voluntarios; aos quaes a lei exclue. — Os premios são de 60$000 rs., os segundos de 30, e os demais são só honorificos. — Exceptua-se a 6.ª cadeira da eschóla do exército, onde os primeiros premios são de 30$000 rs., e os outros honorificos.

BORRACHEIRA TRAGICA.

693 Domingo último, ás 2 horas da noite, ao som do rebate de todos os sinos de Lisboa, voavam as bombas para a rua do *Caldeira*, a *Sancta Catharina.* — Ardia com grandes labarédas a casa juncto á *fábrica dos vidros*: a muito custo se-atalhou o incendio, que entretanto deixou distruida a maior parte do edificio.

O fogo, segundo se-conta, fôra accasionado pela embriaguez, com que n'essa noite se-recolhêra com luz para dentro do quarto um dos moradores da casa; dentro da qual foi elle mesmo a única pessoa, que pereceu; fóra, e á esquina da mesma rua houve sim outra víctima; foi um gallêgo derrubado e esmagado por uma bomba.

Uma só garrafa de vinho talvez, despediu do mundo a duas almas, distruiu um prédio, e podéra ainda ter causado maiores desastres.

CONSERVATORIO REAL DA ARTE DRAMATICA.

694 Domingo ultimo celebrou esta sociedade a sua festa annual em honra de *S. Caetano, pai da Divina Providencia*: a musica da missa encantou ao auditorio, que era numeroso e brilhante, não admirará sabendo-se que fôra seu auctor o sr. *Bomtempo*; a *glória* sobre tudo foi rica.

PRISÃO IMPORTANTE.

695 Tendo o benemerito e incançavel administrador do bairro de *Sancto Ovidio*, o sr. *Anthéro Albano da Silveira Pinto*, recebido ordem do sr. governador civil interino para a captura de vários salteadores, indicados pelo delegado de *Penafiel*, foi a *Vallongo* na noite do dia 30 com 40 praças da guarda municipal, e á uma hora cercou a casa do famigerado salteador *José de Sousa*, por alcunha o *Gigo*, natural de *Vallongo*, de occupação carniceiro, e que se-acha indiciado em vários processos na comarca de *Penafiel*. Entre outros delictos, consta em juizo, que elle fizera parte do roubo de *Penelas* na casa chamada da *Mó*, onde mataram *Custodio Martins* e sua mulher, e maltractaram bastante uma filha dos mesmos!!

Consta egualmente que o dicto *Gigo* entrára no roubo perpetrado na freguezia de *Novogilde* em casa de *João Barboza de Mello*; e n'outro feito ao pé de *Coimbra* ainda no tempo da usurpação, no qual mataram um homem ás facadas depois de o-haverem martyrisado com azeite a ferver!! Além d'estes tem mais outros! Consta-nos que o delegado de *Penafiel* officiára sobre este objecto, dando parte de se-acharem aqui refugiados muitos faccinorosos, e remettêra várias instrucções e ordens de captura, que foram postas em execução pelo sr. governador civil interino, auctorisando o mencionado administrador a ir aos concelhos estranhos, sendo dentro do districto.

Foi em consequencia d'esta auctorisação que o dicto administrador passou, como dissémos, á freguezia de *Vallongo*, tendo marchado toda a noite; mal chegaram, foi cercada a casa do faccinoroso, que não pôde evadir-se. Uns visinhos d'elle dispararam sobre a escolta alguns tiros de bala, que felizmente a ninguem feriram, para vêr se chamando a attenção a outra parte, facilitavam talvez a evasão do criminoso. De madrugada entrou a auctoridade na casa d'este, e depois de sério exame deram com o dicto *Gigo* enterrado vivo debaixo de uma mangedoira em uma cavalhariça! Foi só cavando a terra com uma espada que o réo, ferido levemente no estômago, deu signal da sua existencia alli, e sendo agarrado foi conduzido ás cadêas da relação, onde está.

A fôrça tinha marchado d'aqui ás 8 horas da noite, e recolheu-se ás 10 da manhã, tendo andado toda a noite, a fim de chegar a *Vallongo* sem ser vista pela estrada. Ao zêlo incançavel d'esta auctoridade e ao bom serviço da municipal se-deve o complemento d'esta diligencia e de várias outras que lhe-tem sido encommendadas.

P. do Porto.

OUTRA PRISÃO.

696 No dia 30 do passado foi capturado, pelo mesmo administrador, *Custodio Rodrigues*, alfaiate e morador na rua de *Sancta Catharina*, culpado como salteador, por ter entrado no grande roubo feito, ha annos, em *Villa Cova*, comarca de *Penafiel*, no qual foi morto ás facadas o padre *Antonio Corcovido*, e ferido um sobrinho d'este com septe facadas!

P. do Porto.

VASSALAGEM A' SCIENCIA.

697 A sociedade escholástica philomática nomeou uma deputação, composta de seu presidente, e secretarios para ir dar as boas vindas ao exm.º sr. *Silvestre Pinheiro Ferreira.*

ATE' JA' AS VELHAS.

698 A 23 do passado deitou-se de uma janella de terceiro andar á rua uma velha: foi para o hospital com uma costella quebrada: mas, presume-se, que poderá escapar.

UM ASSASSINIO MAIS!

699 Segunda de madrugada appareceu no sitio das *Telheiras* morto um rapaz: estava nú e tinha a cabeça deslocada. O rasto do sangue mostrava que elle tinha sido arrastado á estrada. Uns diziam que era um baixeiro, outros que era um gallinheiro de *Rio Tinto!*

P. do Porto.

UMA FEITICEIRA.

700 Ainda em 1842 houve um processo de feiticeria, segundo vemos nos *Pobres do Porto*: *Anna*, solteira, da freguezia de *Milheirós*, era a ré. Tres outras mulheres eram as depoentes contra ella; mas como só a-accuzassem de ter cortado pedaços de mantilhas de visinhas suas á missa, saíu absôlta do crime, pagando as custas *ex-cauza*.

CONJUGICIDIO.

701 Ha dias, na villa da *Ribeira Grande*, *Joaquim Antonio Pereira*, disparou sobre sua consorte um tiro de pistola; ferindo-a gravemente; achando-se até hoje em perigo de vida.

Açoriano de 16 de julho.

FATAL PESCADA.

702 Sexta feira 5, pelo meio-dia, desavindo-se no largo do *Rato*, á porta de uma taberna, um pexeiro e um gallego, que estava ajustando com elle uma pescada, e passando das palavras á dialéctica das mãos, o comprador quebrou a cabeça ao vendedor, o qual em recompensa lhe-deu uma profunda facada: o gallego foi condusido para o *hospital*; o matador para o *limoeiro*.

PRESOS MENDIGANDO.

Resolução.

703 Constando á commissão encarregada do melhoramento das cadêas da capital, que os presos do Aljube, empregados nas obras do município, pedem esmóla a quantas pessoas encontram no seu trânsito pelas ruas da cidade, e sendo este procedimento irregular, não só por que o govêrno abona a estes presos o necessario para o seu sustento, mas ainda porque recebem por conta da câmara municipal uma ração de gratificação, e se-lhes-fornecem os artigos indispensaveis para o seu vestuario e calçado: ordena a mesma commissão, que o carcereiro da cadêa do Aljube, lendo aos mencionados presos a presente resolução, e fazendo-lhes conhecer, que o govêrno de Sua Magestade, tendo-os beneficiado pela commutação de suas sentenças de prolongados desterros para fóra do paiz, nas de trabalhos públicos temporarios dentro do reino, jámais consentiria, que o povo d'esta capital fôsse vexado com as importunidades de indivíduos, que não estão no caso de esmolar em prejuiso dos verdadeiros necessitados; os-admoeste, e lhes-intime, sob pena de castigo correccional, que se-abstenham de uma prática tão injuriosa ás auctoridades, recommendando todos os dias aos soldados, que os-acompanham aos trabalhos, que os não deixem pedir esmóla, tomando nota dos que o contrário fizerem, e participando-o ao mesmo carcereiro, que dará parte á commissão para se-haver com os cômplices a demonstração que fôr justa. Sala da commissão das cadêas, em 18 de julho de 1842. O secretário, *Manuel Firmino da Trindade*.

ENTERRADA VIVA.

704 No dia 30 de julho appareceu no *Monte Pedral* uma rapariga de edade de 16 annos, pouco mais ou menos, enterrada debaixo de um monte de pedras: depois que a-levantaram, viu-se que ainda estava viva e vestida unicamente com uma saia branca: tinha na parte posterior da cabeça uma ferida mui profunda, feita com uma pedra, que ainda foi encontrada toda ensanguentada e com muito cabello pegado: esta infeliz, depois que lhe-ministraram alguns soccorros, tornou a si, e disse que *acabava de acordar n'aquelle instante*. Indagando-se o facto, quanto permittia o estado da desgraçada reparíga, soube-se, que levada alli por engano, a-tinham roubado, tirando-lhe um cordão e brincos de oiro e roupa. Aquella infeliz tinha sido vista na tarde do dia 29 passeando com um homem, e uma mulher velha, que talvez foram os que levando-a ao engano a-roubaram, e pensando têl-a assassinado a-cubriram com pedras a fim de ser encoberto o crime para mais tempo. A rapariga foi levada para o hospital, para tractar-se dos ferimentos, que barbaramente lhe-fizeram com a pedra encontrada no logar do crime.

Ante-hontem, segunda feira, foi preso um anspeçada de 18 como perpetrador do crime acima mencionado. O dicto anspeçada, já confessou o delicto, assim como uma amiga d'elle, que o-acompanhára na perpetração do crime. Accresce que estava de sentinella, e abandonára o seu posto. P. do Porto.

DESAMPARO MUNICIPAL.

705 Em *Barcos*, dos cinco populalmente eleitos, segundo a lei, para a governança do conselho, um desamparou o posto por sua alta recreação; outro pediu ser demittido; outro foi demittido sem o pedir. Os dois, que ficaram, como não são metade e mais um, não podem legalmente funccionar: tem-se pedido no *govêrno civil* o remedio da lei, que é suprir com membros da pretérita vereação a falta dos da presente. O *govêrno civil* chama-os, elles recusam-se: d'esta maneira corre o districto no desamparo; tudo se-vai á mingua; as amas dos engeitados clamam que se lhes não paga etc.

Na carta d'onde colhêmos este queixume, que a ser verdadeiro, é mui grave; seguem-se arguições pessoaes a alguns empregados do mesmo conselho, que por ora não nos-permittimos publicar. Por último aponta-se a conveniencia que haveria em trasladar a cabeça da municipalidade para Villa Sêca.

CRIMES.

706 Sexta feira passada houve aqui na *Ponte de Guimarães* uma grande desordem. Um dos empregados do govêrno civil, novamente admittidos, bateu no *Bento Gomes*, e se alli não apparece por acaso o general visconde de *Vallongo*, teria a desordem tido consequencias funestas, porque muita gente tomou o partido do *Bento Gomes* contra o dicto empregado. Tem-se por aqui levantado várias quadrilhas de ladrões, ha roubos a cada passo, e em menos de oito dias tem havido quatro assassinios!

P. do Porto.

SANTAREM.

Um mau fado.

707 Pelo meio dia pouco mais ou menos de um dos dias d'este mez passaram na estrada do campo de Vallada duas

mulheres, e um homem, e descançaram no sitio chamado = *as Faias.* = Eram horas de sésta para os trabalhadores, e d'entre os que n'aquelle sitio a-tomavam, muitos viram os tres viandantes. Correram muitos quartos de hora, e ouviu-se *que uma das mulheres era morta por effeito do calor, e do cançasso da jornada:* alguns camponezes acodem, ¿mas que viram elles, e o que fizeram? Viram a mulher morta, a outra horrorisada, e o homem com cara de réo (foi a expressão de que se-serviu um que a história pre-enciou, e no-la contou): e o cadaver depois de por tantos visto, ficou aonde estava, e o par de viagem seguiu o seu caminho sem que ninguem lh'o-impedisse.

Alguem fez saber ao regedor da respectiva paróchia na noite d'esse mesmo dia o acontecido, e se é certo o que nos-informam, esse regedor deu parte ao ministerio público: mas a mulher estava morta: ¿que havia de fazer-se-lhe? No dia seguinte, e já com o sol bem alto appareceram lá dois servidores do hospital com a maca para conduzirem o cadaver, que exhalava mau cheiro, e elles torceram o nariz, e voltaram pelo mesmo caminho e sem outra carga.

Uma alma caritativa, n'um corpo de carne e ossos, vendo que ninguem enterrava o morto, mandou abrir-lhe uma cova no campo (antes que os cães o-comessem) e lá cumpriu a *seu modo ésta obra de misericordia!* E' este caridoso que dá informação de *que o corpo da mulher tinha grandes contusões no lado esquerdo do tronco,* signaes de evasão de sangue, que não quizeram examinar *por pêjo...* Depois d'isto tem-se espalhado — que a mulher ia na companhia d'aquelle par para a sua terra (no sul do Téjo): que levava umas doze moedas, de que resultou a sua perdição, porque *este diabo se-apossou do espirito dos companheiros!!!*

¡Máu fado fadou aquella existencia! ¡E máu fado bafêja sobre Portugal tão salpicado de sangue humano, desde que cortaram as peias a *tantos diabos,* com que outros diabos precisavam *viver!!!*

Tomamos nota de mais este successo para junctar ás provas da história moral da épocha, que trazemos entre mãos. — 30 de julho de 1842. *J. F. A. B.*

Gazeta dos Tribunaes.

FECUNDIDADE.

708 *Anna Carrissa,* mulher de *Euzebio Curado,* freguezia de *Lavos,* deu á luz no fim do mez de junho proximo passado tres meninos machos: esta mulher escapou do perigo em que se-viu, e os meninos se-teem conservado e conservam sem perigo algum, antes mui fortes e robustos.

P. do Porto.

MAIS UMA LOUCA.

709 Tomâmos da *Gazeta dos Tribunaes* as seguintes particularidades ácerca da suicida do nosso artigo 653.

Estando occupadas as janellas da casa de habitação, abriu com precipitação a porta da escada, disse adeus a suas irmãs, (que não poderam acudir-lhe), e no mesmo momento correndo á janella da escada se-precipitou! Tinha tido a prevenção de pregar com alfinetes a camiza, para (segundo parece) evitar o ficar descomposta, quando caisse; ficou muito estragada da quéda; soffreu no domingo a operação do trépano; não dá esperanças de vida.

Ignoram-se as causas d'este acontecimento.

MENINO PERDIDO.

710 No dia 2 de julho desappareceu um menino surdo-mudo, de edade de 15 annos, de estatura mediana; e tendo-se feito todas as diligencias para o-reconduzir não tem sido possivel encontrar-se; roga-se por tanto a todos os illustrissimos srs. administradores do concelho que, movidos por bem da humanidade e de um pobre innocente, que achando-se perdido não sabe, nem póde dizer a sua patria, para que passem circulares nos seus respectivos districtos aos regedores, para que achando-se na sua freguezia um surdo-mudo com 5 cicatrizes de vacina, 3 em um braço, e 2 em outro, o-queiram mandar conduzir a *Larim,* concelho de *Penafiel,* e entregar a seu pai *Custodio Mendes,* que pagará todas as despezas e trabalhos da sua conducção.

P. do Porto.

CONDEMNAÇÃO DE UM HOMICIDA.

711 Foi sentenciado um soldado de cavallaria n.° 3, accusado de crime de assassinamento, feito na pessoa de *Manuel Teixeira,* por alcunha o *Roberto,* no sitio das obras da villa do *Barreiro,* em a noite de 25 de octubro de 1840; o concelho de guerra o-condemnou a ser fuzilado; o supremo concelho de justiça militar o-condemnou a ser degradado por toda a vida para um dos presidios d'Africa.

FUGA.

712 Terça feira 9, preparando-se para partir para o campo uma illustre familia, moradora á *Graça,* deu repentinamente pela falta de uma joven afilhada, e havia muito tempo, hóspeda da casa. Ignoram-se os motivos, que a-determinassem a fugir; nem os-attribuem ao amor, que é o mais useiro e veseiro auctor de taes successos: ha vagos sustos, e com razão.

FALLECIMENTO.

713 Terça feira, foi dado á terra, no cemiterio de *N. Senhora dos Prazeres,* e com as devidas honras fúnebres, o exm.° sr. marechal *João da Matta Chapusel* fallecido na véspera.

Procuraremos dar um summário da sua biographia, não menos litterária, do que militar.

RESULTADOS DAS OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS DE JULHO DE 1842.

714 Temperatura média das madrugadas 62°, F (13⅛ R) — dicta nas horas de maior calor 82,6 (22 e meio) — dicta média do mez 72,5 (18°) — variação média da temperatura diaria 20,0 (9) — maior variação diaria a 13 do mez 35, (15 e meio) — maior frio a 12 do mez, 56, (11) — maior calor a 14 do mez, 98 (29 e meio) — menor altura do barometro a 3 do mez, 754 millimetros — maior dicta a 6 do mez, 763,6 — média do mez, 758,6 — *Ventos dominantes,* contados em meios dias, — N, 11 — NO, 29 — O; 2 — SO, 3 — NE, 3 — E, 8. — Dias claros 18 — claros e alguma nuvem 8 — cobertos 1 — chuva 1 — chovisco 1 — ventozos 13 — calores intensos 9 — calmosos sómente nas horas meridianas 9. — Em todo o mez apenas caíram 5 millimetros de chuva, ou 18 canadas por braça quadrada, quantia assaz diminuta, que apenas penetrou a terra. Em *Cintra,* nos mesmos dois dias chuvosos, caíram 18 millimetros, a qual apezar de exceder quasi 4 vezes á chuva de *Lisboa* mui pouco repassou o terreno. — Do que fica exposto se-deduz

que o mez de julho decorreu muito quente, secco, e ventoso; porém sendo constantemente este mez, e o seguinte, os mais quentes do anno, comtudo n'este caso houve excepção, apparecendo o antecedente mez de junho ainda mais calmoso um gráu F, na totalidade de sua temperatura.

Phenómenos notaveis. — No dia 4 caíu um aereolíthe em *Logrono*, o qual foi recolhido, e levado para se-analysar. — Em um dos primeiros dias d'este mez, um horrivel furacão, de que não ha memória, e só póde comparar-se aos horriveis tufões das *Antilhas*, devasta as povoações de *Chanfailles*, *Coublanc*, *Mas (França)*, e de mais 6 concelhos. Por todos os sitios por onde passou esta espantosa tromba arrebatou aos ares, casas inteiras, a maior parte dos tectos das que não foram totalmente destruidas, árvores, carros, gado vaccum e cavallar: casaes inteiros desappareceram, e árvores enormes foram arrojadas a mais de 100 braças do logar que occupavam. Contam-se mais de 100 pessoas mortas ou feridas, 250 rezes maiores, e 450 casas destroçadas, ou que totalmente desappareceram. O furacão extendeu os seus estragos em grande espaço.

Em 17 d'este mez se-faziam preces na cidade do *Pôrto* pela falta total de chuvas que se-experimenta ha tres mezes, e que tem levado a aflicção aos campos, ameaçando um anno estéril. — Os calores do mez passado foram excessivos em alguns pontos da *Hispanha*. Em *Badajoz* morreram no dia 26 de junho, 3 trabalhadores no campo, e em *Sevilha* estiveram a ponto de perecer várias pessoas quasi abafadas.

Qualidades characteristicas de um mez de agosto regular, dedusidas das antecedentes observações. — Temperatura das madrugadas 62,8 F (13 e meio R) — dicta nas horas quentes 81,1 (22°) — sendo por consequencia a variação diaria do calor de 17°,3 (8°) A temperatura média do mez é de 72° (18) e egual á de julho, excedendo por consequencia 5° e meio F, á que se-experimenta em *Pariz* no mesmo mez, e 8.° e meio á de *S. Petersbourg*. O maior frio que apparece regularmente é de 57° (11.°), e o maior calor de 92.° (26 e meio). A escassa chuva que apparece regularmente, em dois dias chuvosos, não excede a 6 millimetros, ou 21 canadas por braça quadrada, e eguala exactamente á de julho. — O número dos dias de calor notavel sóbe a 12, e dos dias ventosos a 9. — A primeira maré de aguas vivas que deve seguir-se á lua nova d'este mez será consideravel, e excederá a maré média; porém a segunda, da lua chêa, será muito fraca. — Segundo as nossas recentes indagações é este o mez mais doentío para os habitantes de *Lisboa*, ou aquelle em que o número dos óbitos é o mais consideravel. — (Veja-se a *Revista* n.° 42).

M. M. Franzini.

UMA OBRA EXTRAORDINARIA MORTA A' NASCENÇA.

715 Sem titulo se-acaba de imprimir em *Lisboa* um folheto de 45 pag. em oitavo grande; cuja única epígraphe distinctiva são estas palavras: — AO POVO. — O. C. D. — Antonio da Cunha Souto-Maior — Apenas impresso pereceu este opúsculo queimado pelos proprios amigos do auctor; não restando da edição mais do que um único exemplar, que nós lemos e relemos com admiração e enthusiasmo.

E' uma proclamação tribunícia, ardente de convicção, repassada de ódio contra todos os generos de tyrannia, de compaixão e amor para com os infelizes, nutrida de um estudo amplissimo da história, perfumada de tudo o que a eloquencia, de tudo o que a poesia podem florejar de mais rico nos seivosos dias da mocidade.

E' uma d'aquellas obras incomprehensiveis que, nascendo de uma fé e virtude, que só talvez se-encontram em corações juvenís, poderiam entre o vulgo sempre nescio e nem sempre bom, produzir pelo delirio estragos na ordem social, que fariam depois tremer o seu innocente causador. Bem hajam pois os que, por um piedoso sacrilégio abafaram no limiar da cidade este explendido facho incendiario. Forraram amargos pesares á virtude inexperta; e talvez por essa licção de severidade a-doctrinaram a aproveitar mais efficazmente o talento com que a Providencia a-enriqueceu, e do qual não é possivel que deixemos algum dia de receber mui bellos fructos.

---

716 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 1 ATE' 9 JULHO 1842.

Dias do mez	*Thermometro exterior* *Min.°*	*Thermometro exterior* *Max.°*	*Barometro* *9 h. m.*	*Barometro* *3 h. t.*	*Plurimetro.*	*Ventos dominantes e sua força.*	*Estado da Athmosphera.*
1	63°	82	759,7	759,0		SO O NO	Cl.°: dia calmoso, e tarde tepida.
2	62	80	58,5	57,0		B SO¹	Cl.° e nuv. — Cob.° e claros.
3	64	74	56,0	54,5	7	¹SO B	Chuva e trovoada do meio-dia ás 2 h. — Cob.° e cl.° fresco e humido.
4	62	80	55,5	56,0		¹N¹	Cl.° e alg. nuv. — cl.° — tarde fresca.
5	66	85	54 5	54,0		NE N	Id. — Cob.° e cl.° calmoso.
6	68	87	57,5	57,1		¹B N	Cl.° — sol descorado — muito quente.
7	68	89	57,2	56,8		B N¹	Id. Id. Id.
8	68	90	56,0	55,8		B N	Id. — muito quente — noite cob.° e quente.
9	67	83	57,4	57,0		N NO¹	Id. — dia quente, e tarde fresca.

A primeira quadra d'este mez foi similhante á última do antecedente julho, modificando-se a 3 com a apparição de alguma chuva e trovoada. A terceira quadra, que ainda permanece, appareceu logo no dia immediato, assás calmosa, com o ar secco.

M. M. Franzini.

LISBOA: 1842 — NA TYPOGRAPHIA LUSITANA.

Rua das Parreiras n.° 4, a Jesus.

10.ª DA 4.ª SERIE. N.º 46. 18 AGOSTO 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sae ás quintas feiras. = Escriptorio na rua da Quintinha n.º 53 = Assigna-se no Escriptorio e na loja da viuva de João Henriques n.º 1, rua Augusta = Avulso 80 réis: 12 números 600 réis: 24, 1200 réis. 48, 2400 réis = O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente nos locaes supra-mencionados. Cada serie de 12 números, desde o principio do jornal, custa 600 réis = Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Os das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes-convier = Sobrescripto da Correspondencia: Ao Redactor da Revista Universal, rua da Quintinha n.º 53 = Roga-se aos Leitores das Provincias que communiquem os acontecimentos dignos de publicidade = Qualquer artigo interessante será accolhido com gratidão e publicado = A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se-lhe-remetta um exemplar = Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o-desejar = Tambem no seu Escriptorio se-patentearão ao público objectos de similhante natureza, que para alli sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal = Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes = A distribuição na capital faz-se em tres horas = Este número sae ás nove horas da manhã.

CONHECIMENTOS UTEIS.

ESTRADAS.

PORTUGAL.

(Conclusão da pag. 501.)

717 RECOVAGEM.

O povo queixa-se do govêrno, e o govêrno queixa-se do povo, porque nem um nem o outro andam para diante. Quando o povo procura o govêrno, diz que o não acha: quando este se-vê em apuro, que é sempre, diz o mesmo d'aquelle. A única, porém grave, culpa, que tem govêrno é desconhecer as suas attribuições incumbindo-se por isso de coisas que lhe-não competem. E o povo é muito remisso por não ter entrado n'este conhecimento e querer que se-lhe-dê até (por assim dizer) a forma das tijellas de que ha-de usar em casa. O espirito e a índole do govêrno constitucional não é esse; é o opposto; é deixar fazer, e vigiar.

Sem fallar em todas as mais faltas, está já visto que recebendo o govêrno, por exemplo, menos de 35 contos de réis annuaes para o monte-pio militar não póde pagar com elles mais de 184 dictos. Segue-se portanto que os herdeiros, a quem toca a reversão, deixam de receber não só o que por lei se-lhes-promette, mas até o depósito entregue pelos militares ao govêrno, que, embaraçado por todos os lados, acaba por não fazer justiça ás reclamações de ninguem.

Escarmentados de parte a parte, os militares e o govêrno, parece que nada havia mais rasoavel do que desfazer um contracto feito sem conhecimento, e que não tem dado de si senão prejuizo a ambas as partes contractantes. D'esta annullação provinha ao govêrno um encargo de menos e com a formação de monte-pios militares a realisação de um beneficio para o exército, que até agora tem sido illusorio.

O que eu a este applico a respeito das suas economías, tem todo o logar na construcção de estradas; modêlos de carros; ensino primario etc. Se o govêrno é remisso, os habitantes das provincias devem de ser mais assiduos. Reunam-se, discutam as suas precisões, quotisem-se e peçam leis para irem aos seus fins, porque o fructo de taes trabalhos para elles é.

Podem tambem estas observações ser com proveito applicadas aos nossos transportes, ás costas de animaes, que sendo poucos, deviam ha muito ter sido substituidos pela tracção. A expectativa em que ahi se-deixam ficar esperando que o govêrno lhe-inculque a substituição não é judiciosa. Na *França*, e na *Inglaterra*, os govêrnos recebem na maior parte impulso do povo para o progresso: não são elles que o-dão.

Cargas.

Lisboa a Coimbra 600 a 960 réis por arroba
780 réis, 32 léguas ou 96 milhas, 6 dias
ou 8 réis por milha por arroba.

Coimbra ao Porto 500 a 800 réis por arroba
650 réis, 18 léguas ou 54 milhas, 3 dias.
ou 12 réis por milha por arroba.

Confrontarei outra vez o nosso modo de transportar com o alheio. Um cavallo atrelado pega em duas toneladas francezas *(Dupin, Voies publiques)* ou 120 arrobas; o nosso macho com a carga ás costas, não póde levar mais de 8 arrobas; a differença é de 15 vezes contra nós, ou, são precisos 15 machos em logar de 1 para transportar a mesma carga, sómente por que não queremos aprender a mechânica, e a phisiologia. Sem irmos fóra de *Portugal* um carro dos nossos portuguezes, que entre povos semi-barbaros não os-ha já tão rudes, ganha muito, no parallelo economico, contra a recova cavallar.

	Arrobas	Arrateis.
O pêso de um carro em Lisboa é de	40	»
2 pipas vazias	12	20
60 almudes de vinho a 1 arroba e 1 lb.	61	28
por 2 bois.	114	16
2 léguas cada dia.	57	8

Um macho carrega com 8 arrobas e anda 5 léguas. Compondo o pêso pela velocidade (8x5 ÷ 2) são 20 contra 57.8 ou, ha perto de 3 vezes mais vantagem para o boi.

Na provincia os têrmos médios são mais fracos attento o piso, e a fraqueza dos animaes, porém a proporção vem a ser peior ainda.

	Arrobas	Arrateis.
Carro.	15	00
Casco vazio.	7	12
35 almudes de vinho.	36	3
por 2 bois.	59	15
3 léguas cada dia	29	23

Uma cavalgadura pega em 5 arrobas e anda as mesmas 5 léguas, temos (5 x 5 ÷ 3) 8⅓ arrobas contra 29.23 lb.

E' preciso agora attender ao capital e ao costeio de uma e outra especie de conducção, e vêr ahi para qual dos lados pende a vantagem.

O custo do carro ignoro-o eu; o dos animaes é arbitrario. Está me-parecendo porém, que um carro e 2 bois, ha-de custar muito menos do que (114.16 ÷ 8) 14.10 ou 15 machos e seus aparelhos, que tantos são precisos para fazer o mesmo serviço que faz um carro em Lisboa. Se n'este ponto fica em suspenso a incógnita, emquanto ao costeio não póde haver dúvida, por que 15 machos a 200 rs., e 3 moços a 240 rs. são 3$720 rs., e 2 bois a 400 rs., e carreiro a 400 rs. são 1$200 rs. Ou sendo na provincia 12 animaes, de carga a 200 rs., e 720 rs. para criados, darão 3$120 rs., emquanto os bois a 600 rs., e 300 rs. para o abegão, não sommam mais de 900 rs.

Ha ainda a ponderar os azares da vitalidade todos contra os machos, por serem mais em número, e deverem haver n'elles septe probabilidades de morte, em quanto para os bois ha uma.

Não é possivel que um só individuo, reuna toda a statística sôbre a viação: já eu não terei feito pouco se-despertar a attenção pública sôbre um objecto, que estava muito no caso de ser levado ao seu pleno desinvolvimento pela *sociedade das communicações*, mandando vir de todas as provincias os esclarecimentos, e reduzindo-os depois a tâboas, ou mappas. Nada seria mais capaz de dar impulso a uteis innovações. Continuando com mais alguns dos preços, que teem chegado ao meu alcance, porei remate finalmente a este ensaio, mais longo do que é permittido em publicações hebdomadárias, pois tem corrido por 15 números d'esta *Revista*.

Cortiça.—Alcacer do Sal para o Algarve 120 rs. por arroba
Arrôz. — id. id. 40 » id.

Vinhos.

		lég.	mil.	pipas	sr.	rs.	p. ar.	p. m.ª
Vianna	para o Porto	9	27	agoa-ard.	2400	2.37	id.	id.
Braga	» id.	8	24	v.º verde	id.	2.66	id.	id.
Vianna	» V.ª Nova	9	27	liquidos	4000	4.00	id.	id.
Bairrada	» Figueira	10	30	id.	3600	3.20	id.	id.
Visinhanças	» id.	»	»	id.	1000			
Dicto	» Rio Tejo	2	6	id.	1000	3.33	id.	id.

Na statística publicada por mim na Imprensa nacional ainda este anno, ácerca da producção dos nossos vinhos, baseada sôbre documentos officiaes, tentei eu mostrar, que não era só da exportação, que deviamos esperar alivio á estagnação dos nossos vinhos. Independentemente das razões em que alli fundamentei a opinião, que emitti, é bem de vêr que uma pipa de vinho verde, que vale hoje menos de 4$800 rs., não póde supportar 2$400 rs. ou 50 por cento de carrêto para chegar ao logar do seu consumo. O subsidio litterario de 1840 deu de arrolamento 664,222 pipas entre vinho maduro, verde, agua-ardente, e vinagre: supponhamos que todo este vinho tem de se-mover uma légua, e que para a-transpôr se-gasta hoje 500 rs., serão 332.111$000 rs.

Ora se por via do melhoramento das estradas a transposição se-podér fazer por metade, ahi está logo uma economia de 166 contos, que toda, e muito mais, se-ha-de converter em consumo do mesmo vinho.—Seriam 3 por cento sôbre o capital.

Cereaes.

Cargas de 5 alqueires ou 110 lib., ou 3 arrobas 14 lib. em burros.

	por ar.	por m.ª
Elvas para Abrantes 45 milhas a 140 rs. por alqueire, ou rs. 4.52		
Cargas de 8 a 12 alqueires, ou 5 a 8 lib. a 7 arrobas 28 lib. em burros.		
Barca da Trófa para o Porto 12 milhas a 70 rs. por alqueire ou 4,00	»	»

Carretas de 35 alqueires ou 23 ar.

		m.as	a rs.	o alq. ou		
a Abrantes	Aviz	33	120	5,35	»	»
	Campo Maior	46	140	4,42	»	»
	Fronteira	17	160	15,66	»	»
	Borba	33	140	6,16	»	»
	Villa Viçosa	36	140	6,72	»	»
a Alcacer	Campo Maior	84	160	2,7	»	»
	Elvas	74	140	2,73	»	»
	Fronteira	60	160	3,87	»	»
	Borba	60	160	3,87	»	»
	Villa Viçosa	60	160	3,87	»	»
	Monte-mór	21	60	4,14	»	»
	Arraiolos	33	60	2,63	»	»

No Alemtejo andam estas carretas em quadrilhas de 30, com 1 fiel 1 abegão e 1 carpinteiro com a ferramenta propria para os concertos.

Carros de 60 alqueires ou 39 arrobas e 12 lib.

		mil.	rs.	carrada, ou rs.		por ar.	por m.ª
a Figueira	Coimbra	21	960	id.	1.14	»	»
	Monte-Mór	9	800	id.	2,22	»	»
	Condeixa	15	600	id.	1,00	»	»
	Soure	12	480	id.	1,00	»	»
	Leiria a Coimbra	30	50	o alqueire	2,40	»	»
	Béja p.ª Porto-rei		3$000	rs. moio	73,00	»	...
			50	» a ar.	....		
	Moura	27	2$400	» moio	2,14	»	»
			50	» a ar.	....		
	Rio Tin. á b. agua	1	40	» o alq.	58,18	»	»

Carros de 35 alqueires ou 23 ar.

		mil.	rs.	o alqueire ou			
ao Porto	Barcellos	24	70	id.	4,25	»	»
	P. de Lima	36	id.	id.	2,83	»	»
	V. N. Fam.	15	id.	id.	6,80	»	»
	Maia	12	20	id.	2,41	»	»

Tenho apresentado a variedade de preços, que antecede, para se-poder deprehender a graduação infinita que temos n'essa mesma escala de ruindade em que se-acham as communicações. Algumas d'ellas como são as de Traz-os-Montes, estão em tal estado, segundo me-consta, que é preciso curvar os cabeçalhos para as barrigas dos bois para elles poderem passar na estrada. Nas mais provincias pouco mais lisongeira é a pintura, e a não ser assim não sairiam no geral tão caros os transportes, nem haveriam tão poucos.

No n.º 29 d'esta Revista art. 257 mostrou-se, que o custo da recovagem ordinaria ingleza regulava por ½ de real por milha, o de Lisboa a Coimbra é de 8 réis pela mesma distancia, e o de Coimbra para o Porto é de 12 réis. Os vinhos e os cereaes por toque apresentam dois exemplos de real por milha e um de 1 real e 14 ávos, tem dez dicto entre 2

e 3 réis, cinco entre 3 e 4 réis, seis entre 4 e 5 réis, um de 5,25 réis, tres de 6 a 7 réis, um de 13,68 réis, e outro de 38,18 réis. Esta exhorbitancia é bastante para suffocar de todo a circulação, e d'ahi a producção, que não póde, só para se-mover dentro da mesma provincia, com um onus de 30 e 40 por cento sobre o seu primeiro custo, o qual recresce ainda do mez de agosto por diante.

Todos sabem que as nossas léguas são marcadas pelos caleceiros sem attenção á distancia geométrica, mas sómente aos povoados fazendo-as grandes ou pequenas, segundo estes distam entre si: portanto espéro que me-relevem os êrros achados nas demarcações que tenho feito. Não só n'isso peço indulgencia, mas tambem a-peço nos pêsos dos géneros que entraram nos cálculos. Se estas materias que tão interessantes são, fossem mais popularisadas já não haveria logar para taes desculpas.

Claudio Adriano da Costa.

PETRIFICAÇÃO ARTIFICIAL.

718 Sabido é que o physico *Girolamo Segato*, que morreu ha poucos annos em *Florença*, levou comsigo para a sepultura o segredo do seu invento de petrificar substancias orgânicas.

Um mancebo médico em *Roma*, chamado *Angelo Comi*, tinha forcejado para desencantar a receita: já conseguiu petrificar todos os géneros de formações orgânicas, sem que padeça a côr sensivel mudança.

O Dr. *Comi* percisa só de alguns dias, para realisar o que á natureza custa seculos. — Em casa d'elle se vêem flôres, peixes, passaros, e até cabeças humanas, tudo perfeitamente petrificado.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

TOMADA DE CEUTÁ.

21 de agosto de 1415.

719 Não ha voltar o rosto para o nosso passado, que logo em multidão se nos não alevantem diante dos olhos tantos dias coroados pela victória, que o intendimento duvída na escolha, e a vontade não sabe qual prefira.

Assentada no estreito de *Gibraltar*, *Ceuta*, a moderna *Carthago*, era não sómente a mais populosa, a mais rica e farta cidade de toda a *Mauritania Tingitana;* mas tambem a mais importante como guarda e defensora do estreito. Não tendo já inimigos na sua terra, sentindo-se a si e ao reino mui valente e para muito, e sobre tudo excitado pelos rogos quasi importunos dos moços infantes, seus filhos, resolveu-se o grande rei D. *João I* a passar em pessoa á *Africa*, e ahi (segundo a poética expressão de *Fernão Lopes* e *Azurára*) *filhar terra*, (nós diremos perfilhar) diante d'aquella formosa e galharda moira *pérla d'Africa, flor de toda a Mauritania,* no dizer dos seus moiros habitantes. — Era a primeira pedra de um novo e illimitado império que o avisado rei ía lançar n'aquelle fertil torrão, ao lado do seu guerreiro *Portugal*, com quem um dia se-poderia abraçar e estreitar, de modo que unidos e fraternisados os dois formariam um só, o maior e o melhor do mundo.

De *Portugal* se-saiu emfim Elrei e os infantes e cópia de bons e esforçados cavalleiros com grão poder de soldados e galés indo primeiro aportar em *Algeciras* e depois pondo as prôas sobre *Ceuta*. Não quiz Deus porém que do primeiro impeto fosse entrada a moira, talvez por dobrar a glória com o risco, permittindo que uma tormenta desbaratasse a frota, que toda se-tornou a *Algeciras*, pelo que padeceram as galés grandes perigos e trabalhos.

Feito concelho com todos os capitães e pessoas nomeadas, recobrado e melhorado, voltou Elrei sobre a cidade, que a final n'um só dia (21 de agosto) depois de porfiosa resistencia do seu alcaide *Çala-Ben-Çala* e dos seus, que a-defendiam como coisa tão rica, tão valiosa, e tão sua, foi finalmente rendida com muitas mortes de infieis e perda d'alguns portuguezes de nome, sendo por este feito armados cavalleiros os filhos de Elrei, que tão bem se-estreávam na terra agaréna.

E assim metteu *Portugal* a sua primeira lança em *Africa*. *Mendes Leal — Junior.*

OS RESTOS MORTAES DE FILINTO ELYSIO.

720 Quando, ha muitos mezes, nos-constou haverem-se junctado esmolas para erigir um monumento sepulchral ao poéta resuscitador da nossa lingua, levantámos um brado de louvor aos que tão portuguez pensamento concebêram; mas deplorámos que em terra de *França* se-houvesse de assentar aquelle túmulo: ponderámos que o desmerecido destêrro, continuado por tantos annos de vida, e já tambem por tantos annos de morte, se ía tornar perpétuo e irrevogavel; que o mais soberbo mausoléo lhe-sería cárcere em *Pariz*, em quanto na sua *Lisboa* qualquer pequena pedra com o seu nome, visitada, festejada, e invocada por tantos devótos seus, lhe-avultaria como templo. Esperámos que, advertida por ésta nossa lembrança, a liberdade se-apreciaria de revocar as cinzas de um de seus mais zelosos martyres e confessores. Era então ministro dos negocios estrangeiros um homem capaz de intender a nobreza, a justiça, a necessidade do nosso requerimento, um cultor, incançavel, e felicissimo, de toda a boa litteratura, e bonissima falla portugueza, o ex.º sr. *Rodrigo da Fonseca Magalhães*. Escreveu s. ex.ª para logo ao ex.º sr. *Silvestre Pinheiro Ferreira* pedindo-lhe o seu conselho sobre o modo de se-effectuar a trasladação do seu *Filinto:* respondeu o sabio, com pressa, e alvoroçado, como quem sabia por experiencia o que era patria, o que saudades d'ella doiam n'alma, e a immensa verdade do

. . . . *hic moliter ossa quiescunt.*

Era o seu arbitrio, que, pedida, e alcançada do govêrno de *França*, a licença necessaria, (no que nenhuma dúvida poderia occorrer) se-mandassem d'aqui duas pessoas, para assistirem á exumação, e encêrro dos ossos em um caixão simples, e acompanharem-nos para *Portugal:* que finalmente as honras da hospedagem aos manes do poéta só deviam começar depois do seu desembarque em nossa terra: sendo então com toda a pompa dos préstitos scientificos e litterarios, levado para o logar que mais acommodado parecesse ao intento, e no qual se-lhe-erguería mausoléo. Era o conselho digno de quem o-dava, digno de quem o-recebia; e de conselho houvera elle já passado a obra, se novos actos politicos não mudassem na scena personagens e attenções. Entretanto, porque é ésta uma paga de divida nacional, que sem grande custo se-póde satisfazer, e se não póde recusar sem vergonha, temos fé em que o presente ministerio metterá mãos á obra, e a-levará a cabo sem dar tempo a que novos embaraços, ou mudanças venham impedir. O govêrno, que plantar este cipreste, vêl-o-ha transformar-se-lhe entre as mãos em loiro, com que sua propria fronte se-ennobreça.

Antonio Feliciano de Castilho.

UM ARBITRIO UTILISSIMO PARA A LITTERATURA.

721 Desde o principio das sociedades humanas, que pende um grande pleito entre a natureza e a fortuna; pleito em que ambas são auctoras, e ambas rés: queixa-se a natureza, pela voz de seus philósophos, de que a fortuna lhe-esperdiça muitas e muitas das suas melhores producções: queixa-se a fortuna; pela voz de quasi toda a gente, de que a natureza

é escassa de coisas e pessoas proprias para completar no mundo uma existencia feliz. O abbade *Dubort* pretendeu decidir parte d'esta questão, affirmando que nenhum ingenho especial nascia, a quem o acaso não viesse depois a facilitar os meios de realisar a sua vocação. A biographia de muitos homens illustres acode com brilhantes exemplos á theoria do abbade *Dubort*; mas o abbade *Dubort* não tinha razão: não fallando já nos povos rudes e silvestres, ommittindo até as nações atrazadas, em que as artes e sciencias apenas principiam, e entre as quaes todavia não podem deixar de nascer talentos e génios condemnados a perecer na athmosphéra crassa e fria que os-rodea, quem ha ahi que por pouquissimo que tenha reflectido nas pessoas e coisas, que viu em sua vida, se não convencesse que muita obra se-fez mal, porque se não commetteu a bom mestre; e que muito prestimo se-desproveitou por mingoa de ousadia propria, por desfavôr ou inimisade dos influidores, por desconcêrto ou contrariedade das circumstancias; não, evidentemente, não tinha razão o abbade *Dubort*.

A philosophia especulativa e experimental, que pariu, e vai creando a liberdade para rainha do mundo, procura, por instincto, concluir por mútua e afortunada composição de ambas as partes litigantes esta cansadissima demanda da natureza e da fortuna: nobre e louvavel empenho a que todos devem incessantemente dar a mão. A dois se-reduzem principalmente os meios por onde tal, ou similhante resultado se-ha-de conseguir: 1.° a maxima generalisação das luzes e o arroteamento e cultivo intellectual, não de alguns, senão de todos; 2.° a generalisação do systema de concursos para todos os objectos onde os concursos se-possam applicar. Resolvido o 1.° d'estes dois problemas, a educação revelará todas as vocações para que se-possam approveitar; resolvido o 2.°, decididamente se-approveitarão: pela primeira via, calam-se as lamentações por parte da natureza; pela segunda, as queixas por parte da sociedade: a primeira, descobre a todos o seu verdadeiro caminho providencial; a segunda lh'o-abre, e lhe-facilita o percorrêl-o: o primeiro expediente, encherá o mundo de gente grande; o segundo, por mão d'essa gente grande o-encherá de grandes coisas: o primeiro será o *fiat lux;* o segundo, o *fiant omnia.*

Ora, a philosophia da liberdade, (nas terras onde a liberdade tem philosophia, onde ella é meio e não fim) adivinhou tudo isto, e começa, a despeito das difficuldades de todo o género, e sempre recrescentes, a derramar as luzes quanto, e até onde póde; e a procurar, para cada objecto, os sugeitos mais idóneamente allumiados: ¿quando começarêmos nós outros a trilhar esta verdadeira estrada da perfectibilidade? sabe-o Deus; mas não dá mostras de ser mui cêdo, porque em tres milhões e meio de habitantes apenas por ora tres duzias e meia d'elles sabem lêr por cima. Pensem, e pensem muito n'isto os que legislam, e os que governam, e todos os que por qualquer modo se-acham por seus havêres, por sua posição, ou por outro qualquer género de influencia, no caso de poderem contribuir para a instrucção do povo; taes como os governadores, administradores, párochos, e fidalgos provincianos, que por seus cabedaes, crédito, e respeito, são ainda agora em suas villas e aldêas, ou podem sêr, verdadeiros patriarchas, principes, e exemplares; mas, repitimol-o, esses annos doirados de muita luz, só podem vir a cabo de muitos annos de acertados e geraes esfórços; será um bello dia esse; mas receio que só nossos filhos lhe-vejam a alvorada.

Deixêmos pois ao tempo o cumprimento do seu officio, porque do homem só depende o semear e plantar; mas o fazer medrar e copar depois as selvas, e povoal-as de harmonias e encantamentos, só pertence á Providencia que vai pausadamente e a ponto, mettendo na obra mil outros agentes, de que porventura, nem sequer temos idéa. Insensivelmente subimos com o discurso até esta grande e desconsolosa altura, em que não têmos que fazer, senão extender para baixo os olhos em derredor de nós, cruzar as mãos sobre o peito, e suspirar. Redescendâmos e tomemos o pequeno assumpto a que nos-dirigiamos; pequeno, comparado com estas altas ponderações, mas, por de possivel, facil, e proxima realisação, importantissimo. E' um projecto de lei que ennobrecerá ao deputado que o-propozer, e á câmara que o-adoptar; e ao govêrno que o-der á execução, grangeará bençãos copiosas.

Sabido é, como n'este prospérrimo torrão de *Portugal* tem a naturesa, e teve sempre, maravilhosa feracidade, assim de fructos, como de varões; e que o desprêso de uma e de outra abundancia, foi o que nos-pôz e nos-conserva em tanto extremo pobres e arrastados. Já se-voltaram os olhos e as vontades para os interesses materiaes; isto é, para as producções da terra, e para as artes e indústrias, que d'ahi nascem immediatamente; Deus lhe-ponha a virtude, que bem boas coisas são todas essas, mas ha-se mister de começar tambem a approveitar alguma parte da gente boa, que por ahi, nasce espontâneamente, e em tanta cópia. Nunca talvez foi por cá maior a de mancebos desenganadamente feitos e talhados para as boas letras; todos os dias vêmos, com espanto, abrirem-se flôres d'estas, prometteduras de fructos sasonados para a civilisação, e para a glória da patria; e todos os dias as-vêmos com lástima caír, murchar e perdêr-se; ou se-arribam a fructo, darem-no pêco e pedrado. D'estes mancebos conhecemos nós uns, a quem a pobresa tolheu o passo para os estudos, outros a quem a falta de bons guias desencaminhou, outros, de quem travou o redemoinho da politica, e os-afogou n'esse pégo de que não ha ressurreição, outros, a quem a cruel humanidade de poderosos protectores empregou nas mais prosaicas, nas mais despoetisadoras de todas as tarefas da cidade; ¡ deram-lhes o pão roubando-lhes a alma, e cuidaram ter sido generosos! *Dubort*, com a sua theoria, era evidentemente um insensato; ¿ haverá porém remédio para todos estes homicidios, ou para alguma parte d'elles? Não só o-ha, senão facilimo.

Procure-se fóra, e não longe da cidade, ou das cidades, uma ou mais d'essas casas, que a piedade erigíra para conventos, e onde, junctamente com muitas excellencias moraes e religiosas, medravam, como em ares seus proprios, muitas lettras e muitos talentos; ajuncte-se-lhe a porção de terra sufficiente para manter um limitado número de moradores; mettam-se de pósse d'essa bem-aventurança, assim os mancebos, cujo espirito houver dado claro annúncio de suas fôrças, como os velhos, que perseveraram fiéis ao estudo, em paragem tão madrasta d'elles; dêem a uns e outros, os livros, o remanso, a abundancia, o exercicio, saudavel para o corpo e para a alma, o hábito, e a necessidade do estudo; e vêr-se-ha, que maravilhas sáem d'este fecundo commércio da experiencia e sciencia da velhice, com a fôrça, e a energia da mocidade, nada ahi faltará; nem a seiba, que vivifica, nem a cultura que aperfeiçôa! cada edade receberá da outra o que lhe-falta; temperar-se-ha a fraqueza; commedir-se-ha a petulancia; e a arte, por todos os modos servida e ajudada, lucrará em pouco tempo a sua maior altura relativa. Uma tal casa seria ao mesmo tempo um asylo de inválidos, isto é uma sagrada paga de divida nacional, e um seminário ubérrimo de talentos, isto é, um pequeno cabedal pôsto pela nação a enormes e honrosissimos juros.

Este pensamento, que ha muitos annos traziamos no coração, sem ousarmos a declaral-o, por mêdo ao prosaico rammram d'este nosso mundo, só agora nos-afoitámos a dal-o ao público, se com esperança ou não, não o-dizemos; e foi o motivo, que nos-quebrou o encantamento, o-sabermos, que já um portuguez, em todo o sentido portuguez, e por todos os modos respeitavel, o-tentára por sua parte realisar. Foi este portuguez o sr. conde de *Lavradio*. Comprára elle o convento e cêrca dos carmelitas a par de *Colares*: captivado da formosura, solidão, e silencio do sitio, e sentindo *em si* mesmo quanto era accommodado para o estudo, para o contentamento do ânimo, e para a creadora liberdade da phantasia, traçou consagrar a casa ao público proveito, recolhendo n'ella mancebos favorecidos da naturesa, e desamparados da fortuna, sugeitando-os a um instituto moral, litterario, e higyenico, que amplissimamente os-desinvolvesse; e mandando-os depois ás capitaes mais illustradas, para receberem a derradeira mão de aperfeiçoamento; mas isso tarde, e só quando, pela edade e pelo estudo, não corressem perigo de se-irem preverter e vir para sua terra despresar, e vilipendiar a lingua, o bom siso e os bons costumes de seus maiores. Obra era esta digna de seu auctor; e já hoje existíra, se novos deveres contraídos pelo generoso fidalgo, o não constrangessem a levantar mão de seu primeiro empenho. Não é logo utopia, nem sonho de poeta o que lembrâmos. Tentem-no, tentem-no,

pelo amôr da patria! Se fôr necessario accrescentar á doação de uma casa e pouca terra alguns outros meios, appelle-se para a generosidade dos portuguezes opulentos, que talvez haja ainda ahi algum opulento, que seja portuguez. Com donativos se-fundaram muitas coisas boas n'estas boas terras; misericordias, collegios de orphãos e orphãs, seminários ecclesiasticos, hospitaes, albergarias, recolhimentos, mosteiros; com donativos se-mantem asylos d'infancia desvalida, asylos de velhice mendiga, e eschólas; ¿porque razão com donativos se não consagraria uma nova misericordia aos filhos predilectos da naturesa, engeitados da fortuna? Não seria monumento de menos piedade; e seria de todos o mais abençoado pelas gerações que vierem, começando logo pela que immediatamente nos-segnir.

Antonio Feliciano de Castilho.

ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

722 Mui auctorisados hão sido os alvitres e brados que n'estes últimos tempos se-teem dado a favor da riquissima archeologia portugueza.

Um auctor nosso, a quem ella é grão devedora, n'um escripto em que muito a glorifica, diz, alludindo a outro grande ingenho: *A imprensa matará a architectura, mas aqui a palavra salvará ainda muitas edificações venerandas.* Tal deveu de ser o intento do sr. *F. A. de Varnhagen*, na publicação da *Notícia Histórica do Mosteiro de Belém.* E tanto mais o crêmos, quanto bem sabemos, que muito irmâna no pensar, e mais no lidar, aquell'outro nosso portuguez.

Mas não basta só os brados e incitamentos, é mister que após elles venham os braços e mãos á obra.

Eis o que tem feito a Sociedade propagadora dos conhecimentos úteis — por via do seu jornal o *Panorama.* Um dos seus maiores ajudadores tem sido disveladamente o sr. *Varnhagen.* Muitas estampas fieis, e acuradas descripções dos nossos monumentos nos-tem já dado o *Panorama.* Tambem foi para elle que o sr. *Varnhagen* compôz esta Notícia, que effectivamente alli se-imprimiu dispartida em artigos. Depois intendeu devêl-os retocar, e additar-lhe algumas notas que o jornal não comportava, e assim fazer em corpo solto uma memória, para correr parêlhas com outras que de similhantes monumentos já temos (do que é muito digna), e tambem para servir de correctivo a muitas que bem desauctorisadas por ahi andam . . .

Da conveniencia de tal escripto nada nos-fica que dizer, depois do que tão competentemente se-tem ponderado e requerido no assumpto.

Todavia dirêmos altamente com o illustre auctor, que havendo em architectura um stylo original portuguez não definido até agora (ao qual prenuncia o sr. *Varnhagen* a denominação universal de *manuelino*) cumpria urgentemente apresental-o aos olhos de todo o mundo no seu mais qualificado typo — *O Mosteiro de Belém.*

Agora do modo porque elle é feito, sim.

Queixa-se um intendedor de que todos os que entre nós teem escripto sobre a nossa archeologia peccam em copiar *profundamente.* Ora que o sr. *Varnhagen* fizesse obra cabal e como convinha, não o dirêmos nós, porque elle o faz declarando que só tivera intento de qualificar o typo architectonico; mas que não copiou *profunda* nem *perfunctoriamente* isso é o que nós vemos e sabemos.

Haja vista ao modo porque tudo ahi está descripto, demonstrando ser sob inspecção ocular e estudada.

Citam-se na nota I os documentos históricos relativos, que se-consultaram, e bom fôra, que o auctor declarasse os dias consumidos nos exâmes, e averiguações que no convento fez, das fontes a que recorreu para assentar as suas asserções, como é boa amostra o documento, que exhibiu extraído dos registos da casa da moeda: que assim mostraria elle, como estas obras, para se-fazerem de modo que tenham fé, devem de ser trabalhadas. A sua modéstia n'este ponto foi excessiva.

Vem como remate a esta Notícia, um glossario de alguns termos respectivos á architectura góthica. Assim o-estava demandando o stylo em que ella é escripta. E' assumpto este ainda intacto entre nós. Até o padre *João Pacheco*, que no seu *Divertimento Erudito* traz diversos vocabularios dos termos de sciencias artes e officios, pouco diz quanto á architectura. O sr. *Varnhagen* encetou este trabalho, e ainda mal, que temos que sentir haver elle sido um pouco acanhado n'este ponto. Depois de têr lidado tanto como é bem de presumir, para nos-dar esses termos definidos, no que grandemente lhe-foi de auxílio ser elle um dos nossos polyglótos; era de razão que se-alargasse mais n'esta nota, no que engrandeceria muito o serviço, que com esta notícia nos-fez.

Uma estampa do exterior do edificio acompanha esta notícia; é desenho do distincto professor da Academia o sr.° *M. A. da Fonséca*, o que bastava para lhe-abonar o merecimento, que realmente tem: a gravura é do sr. *Coelho*, que n'este género prima sôbre todos entre nós.

Fôra muito conveniente mais alguns desenhos, e tambem era esse o desejo do sr. *Varnhagen*: na introducção declara que isso não se-julgára necessario.

Duas mais estampas queria elle, segundo nos-foi dicto, uma da portada, singularmente; outra do interior do claustro grande: esta última fôra de altissimo interesse.

Como para completar a Notícia, infórma-nos o sr. *Varnhagen* do estado a que é chegado o benéfico instituto da Casa-Pia, que no convento está estabelecido. Muito folgámos de saber assim officialmente como está regulado aquelle utilíssimo estabelecimento, e tambem louvâmos e approvâmos completamente o discréto alvitre que o sr. *Varnhagen* propõe de se-criar alli uma eschóla agricola, pelas vantagens que pondéra.

Eis-a-qui quanto se-nos-offerece obviamente a dizer ácerca da Notícia do mosteiro de *Belem.*

Este escripto ostenta-se todo portuguez desde a concepção até ao cabo da execução: e eis-ahi o seu panegyrico.

E quando fôra mister uma próva evidentissima, ouçâmos como o auctor conclue, fazendo votos porque tenha cumprimento uma idéa grandiosa, que já vogára, de perpetuar n'este monumento de *Belem* as passadas gloriósas recordações do mar, dando-lhe actualmente a seguinte applicação:

« Fundar ahi uma eschóla de navegação, e um hospital de » maritimos inválidos e beneméritos; e aproveitar as suas » abóbadas, para ahi collocar, presididos pelo infante D. » *Henrique*, os bustos de todos os heróes portuguezes, que » se-illustraram na *Asia*, na *Africa*, e na *America.* »

¡Oh! ¡que tão inspiradôra eschóla fôra essa! ¡que tão nobre hospital para os veteranos náutas! E, sobrepujadamente, ¡que tão veneranda galeria essa, a dos que nos-grangearam os padrões indeleveis da nossa glória! Que tão magnifico spectaculo não fôra o levarmos alli nossos filhos e netos, e apontando com religioso respeito para aquelles seus e nossos avós, recontar-lhes uma a uma todas as suas grandes façanhas e heroicidades! Sobrelevára certo, tal scena á que a antiguidade nos-diz ser maravilhosa, quando os velhos de *Lacedemónia* assim praticavam com os seus mancebos. Então sancionariamos a maxima: — *Longum per praecepta, breve per exemplo iter.*

Ainda mais. Nós que hoje sômos caídos em tanta desconsideração e amesquinhamento iríamos no recinto d'aquella muda assembléa de heroes e valentes, refocillar o pobre e attribulado ânimo, e cobrar e accender brios para ter em recado e conservar ciosamente esse pouco da espantosa herança que nos elles testaram, com o ónus de a sempre termos vinculada a esta sua e nossa terra de *Portugal.*

Faça Deus que ainda os presentes possâmos ir dobrar o joelho a esse templo da glória nacional.

Supplicâmos com fervor a todos os que tão apostadamente ahi andam curando das coisas patrias dos tempos que foram, saquem á luz trabalhos taes como o d'esta Notícia, que assim

salvarão tantos padrões da nossa nobresa que o tempo vai derrocando, e alfim apagará como já tem conseguido fazer a outros de que nem escassa memória nos-ficou! As bençãos da posteridade serão o menor galardão das suas lidas; e nós outros os-felicitaremos com a mesma consciencia com que escrevemos estas rudes linhas.

A. da Sylva Tullio.

PODEROSISSIMO ADJUTORIO.

723 Nunca jamais em *Portugal* se-reuniu tão explendido concurso de sabios e litteratos, como d'esta vez para a redacção da *Revista Universal Lisbonense:* apenas haverá ahi nome conhecido por suas obras ou estudos, que não haja dado ou promettido o seu auxilio a ésta empresa: é porque o amor sincero de patria, que a-inspirou, tem constantemente animado os seus trabalhos; e não ha (absolutamente se-póde dizer) interesse algum physico, intellectual, ou moral, que não tenha sido desveladamente servido uma e muitas vezes em cada número, em cada página, em cada columna.

De *Pariz* nos-escreve o ex.° sr. *Visconde de Santarem* confirmando com o seu ponderoso vóto quanto, sem quebra da modestia, acabamos de dizer; e promettendo-nos associar-se comnosco n'este esforço para a civilisação. Receberemos pois d'este eminente varão, segundo elle no-lo afirma, artigos scientificos e litterarios, todas as vezes que os amplos trabalhos históricos, em que anda engolfado, lhe-permittirem tal diversão.

URGENTE NECESSIDADE DE ACUDIR COM REMEDIO A'S ARTES E OFFICIOS EM PORTUGAL.

(Continuado de pag. 514)

724 Depois de demonstrar a conveniencia das classes, e a conveniencia do público, cumpre agora corroborar o expendido com o histórico dos serviços prestados por esta parte da nação, antes de serem organisados os officios em classes, e depois de organisados.

Para a exaltação ao throno do sr. D. *João I*, concorreram muito os mestres e officiaes dos officios mechânicos em *Lisboa*: em reconhecimento d'aquelle serviço instituiu o mesmo Augusto Senhor a casa dos vinte e quatro, concedendo a seus membros privilégios e isenpções, no anno de 1422, sendo primeiro juiz do povo *Affonso Annes*, do officio de tanoeiro (consta da memória escripta no livro 2.° do registo a fl. 1, que li no archivo da mesma); e os deputados d'esta casa em agradecimento, e para memória, collocaram o retracto do monarcha instituidor na sua sala das sessões, o qual existia em casa sua própria ao Rocio, pegada ao hospital real, redusida a cinzas pelo terremoto de 1755.

Verdade é, que a casa dos vinte e quatro foi abolida pelo sr. D. *Manuel* (a história não diz o motivo); porém no anno de 1508 por alvará de 2 de agosto, foi novamente restituida ao seu antigo estado.

Para a exaltação da real casa de Bragança ao throno, na pessoa do sr. D. *João IV*, muito concorreram egualmente, então já organisadas, as classes subordinadas da casa dos vinte e quatro; em consequencia do que se-dignou el-rei conceder-lhe a honra provinda do seguinte documento. « Eu el-rei. Faço saber » aos que este alvará virem, que por algumas consi» derações do meu serviço, e para que o juiz do po» vo e casa dos vinte e quatro d'esta cidade de *Lis*» *boa*, seja respeitado, possa com mais confiança re» querer o que convier a bem commum da mesma » cidade: Hei por bem, e me-praz que elle pósse » trazer vara, e exercitar com ella o dicto officio, » emquanto eu não mandar o contrário. — *Manuel* « *do Couto* a-fez em *Lisboa* a 19 de fevereiro de 1641. » — *Jacinto Fagundes Bezerra* a fez escrever — » *Rei.* » — Registada na chancellaria a fl. 39 — *N. B.* Dois mezes e desoito dias depois da sua exaltação ao throno.

Outro documento — « Pela grande satisfação em » que me-acho do amôr, fidelidade, e procedimen» to do povo das bandeiras d'esta minha côrte e ci» dade de *Lisboa*, em todas as occasiões que de annos a esta parte se-tem offerecido na defensa do reino, e do meu serviço, e particularmente na occa» sião do succésso de 25 do mez corrente, em que » alguns homens de menos substância inquietaram es» ta cidade tumultuosamente. Desejando eu, mostrar « ás dictas bandeiras, meu agradecimento, e a reso» lução em que estou de com tudo favorecer os filhos » d'ellas, e que d'este meu ânimo fique memória ao » qual ellas merecem: Hei por bem que sem em» bargo das prohibições, ou quaesquer ordens, que » contra isto haja, todos os filhos dos officios d'esta » cidade, que fôrem da casa e bandeiras dos officios » d'ella; sendo de limpo sangue, e tendo por outras » partes as qualidades necessarias, possam ser admit» tidos a lêrem no desembargo do paço, e serem des» pachados, e occupados nos logares de lettras, de » que fôrem capazes, como quaesquer outros preten» dentes, sem se-lhes oppôr com o defeito de serem » nétos ou filhos dos dictos officiaes, pois por essa » mesma razão merecem ser favorecidos. O desem» bargo do paço o-tenha assim intendido, e queren» do o juiz do povo tirar alvará, ou outro qualquer » papel d'esta marca se-lhe passe logo. Em 28 de » maio de 1663. — Com rúbrica de S. Magestade » (dicto registo a fl. 111).

Identicas provas de amôr a seus monarchas existem em épochas mais proximas. No attentado commettido contra a pessoa do sr. D. *José I*, na noite de 3 de septembro de 1758, o juiz do povo e os seus vinte e quatro em uma representação expozeram o justo sentimento das classes; apenas foi proferida a sentença contra os réos, o mesmo sr. se-dignou mandar-lhes a cópia, por cuja honra o chefe das corporações dirigiu uma falla de agradecimento a S. Magestade, e o mesmo praticaram na occasião do attentado commettido contra o mesmo sr. no palacio de Villa-*Viçosa* em 8 de dezembro de 1669, pedindo o sevéro castigo dos réos.

O cartorio da extincta casa dos vinte e quatro apresenta estes documentos, no da tôrre do tombo existem eguaes na concessão de privilégios dados pelos srs. reis D. *João II*, D. *Duarte*, D. *João III*, D. *Sebastião*, e os mesmos tres *Filippes* os-confirmaram, e accrescentaram outros; e tanto os monarchas julgaram uteis a effectiva assistencia nas sessões da câmara municipal dos mestéres do povo, que o sr. D. *Manuel* por ordem de 24 de junho de 1499 mandou, que um dia faltando alli os procuradores dos mestéres sejam suspensos por quinze dias; e por ordem régia de 1678 teem os mesmos obrigação de votar em todos os negócios da câmara.

Conclusão. — Esta exposição sáe tão sómente a público para se-attender ao seguinte: — ¿Se as classes manufactoras conservam entre si distincção, negar-se-ha o direito, que teem as classes operarias a rehaverem o que aquellas disfructam? Não será mais solida esta esperança contando tantos serviços ao thro-

não constando havel-os praticados os que não pa-eram a anniquillação de suas respectivas classes? Magestade a sr.ª D. *Maria II*, é justa: conven-as como o-estão as classes dos officios d'estas verda-s, como duvidarão do feliz resultado, necessario quan-antes, para evitar-se a emigração encetada de ope-rios; a falta de sustentação de suas familias pela ncessão de abrir lojas os que dos objectos á venda o teem conhecimentos práticos, e em prejuizo pú-ico; e a próxima anniquillação, que recairá sô-e uma tão numerosa porção de cidadãos uteis ao es-ado, que o-acreditam com o bom fabrico das obras perfeiçoadas pela prática e exercicio de annos.

Os manuaes de todas as artes e officios impréssos a lingua franceza com as estampas de suas ferra-nentas e utensilios, provam quanto aquelle estado auxilía a utilidade do aperfeiçoamento de umas e outros; e umas e outros obterão entre nós o que, a ão pouco custo, os-regularisaria, muito mais haven-lo pela creação do conservatorio das artes e officios o auxilio, de que podem necessitar, já por traducções d'esses manuaes combinados com a encyclopédia, já pelas instrucções recebidas dos mais acreditados artifices e mestres de officios, que corresponderam ás solicitações das mesmas instrucções para se-conservarem n'aquelle estabelecimento. ¿Não se-concederá uma limitada quantia annual a fim de se-mandarem vir esses manuaes para adiantamento dos alumnos, visto ensinar-se-lhes a lingua franceza, ou os empregados no mesmo os-traduzirem para instrucção dos externos, que muito se-aperfeiçoariam com os novos inventos de machinismos e ferramentas?

P. A. Carroé.

VISTA INTERIOR DE COIMBRA.

(Continuado de pag. 477.)

725 Encostado ao lado exterior da parêde, da *Sé velha*, juncto á quina occidental, em altura de 7 palmos, está um caixão de pedra calcárea, oblongo, abaúlado, de 55 pollegadas de comprido, 36 de alto, e 23 de largo; na sua face externa se-lê em characteres allemães minúsculos a seguinte inscripção:

aquy jaz hum que em outro tempo foy grande barom
sabedor e muito eloquente anondado e rico e agora
he pequena cinza ençarada em este moimento
e com el jaz huum seu sobrinho doz quaez huu
era ja velho e outro mancebo e o nome do tio
sesnando e pedro avia nome o sobrinho.

O conde D. *Sisnando*, para que o-digamos de passagem, é o primeiro *senhor*, que se-acha nas terras de *Portugal* com jurisdicção dilatada; e postoque em alguns documentos confesse receber da mão d'el-rei D. *Fernando* de *Leão* o *senhorio* de *Coimbra*, e mais terras da sua comarca, restituidas aos christãos desde *Lamego* até ao mar, correndo entre o *Doiro* e o *Mondêgo*, todavia a todas possuía com livre e independente soberania, podendo d'ellas dar e doar a seu beneplácito e arbítrio. Gosava d'estas regalias em prémio dos serviços, que prestára na conquista da cidade, que, segundo a melhor opinião, foi tomada aos moiros a 10 de julho de 1064.

Este túmulo estivera depositado no interior do templo debaixo de um sumptuoso arco de pedra, de que hoje não ha vestigio. Crêmos que a trasladação para o logar, que occupa, se-fizera no reinado de D. *Affonso III*, em cujo tempo se-deu nova fórma ao interior da egreja; os charactéres allemães, e a syntaxe do epitáphio, que indica versão de latim, pareçe favorecer a conjectura. — As venerandas cinzas de tão egrégio varão, a quem *Coimbra*, sua patria, e as mais notaveis povoações visinhas (em seu tempo foram edificadas ou restauradas as villas de *Tentugal*, *Cantanhede*, *Penella*, *Monte-Mór-o-Velho*, *Arouce*, e outros logares) devem grandes beneficios, quizéramos, se-pozessem a melhor recado, mudando o túmulo para logar mais decente, abrigando-o da inclemencia das estações a que está exposto.

Encostada ao lado exterior da outra parede do templo fica a *officina typográphica da universidade*, cujo edificio fundado pelo bispo D. *Paterno*, e habitado nos primórdios da monarchia pelos cónegos da cathedral, que ahi viviam vida commum, depois da trasladação da Sé para o templo dos jesuitas, por ordem do marquez de *Pombal*, se-accommodou a este estabelecimento. No claustro ainda se-observam restos de monumentos sepulchraes, e o em que repousam as cinzas de *João Vaz de Camões*, *vassalo* d'el-rei D. *Affonso V.*, benemérito cidadão de *Coimbra*, e corregedor de sua comarca, officio então de grande jurisdicção, bisavô do nosso preclarissimo poeta, *Luiz de Camões* (1).

Fronteiro ás portas lateraes da *Sé velha* fica outro vasto edificio, que fôra palacio de D. *Vetaça*, filha de *Guilhelmo* conde de *Vintemilhas*, e da *mui nobre Donna Lascara* (2), infante da *Grecia*. Esta senhora, mui conhecida em nossas chrónicas, veio para *Portugal* em companhia da rainha *Sancta Isabel*, que a-fez áia de seu filho o infante D. *Affonso*, depois rei, IV. do nome, prestando com grande fidelidade este e outros valiosos serviços á patria, que adoptára, como largamente contaremos em outro logar.

Ao cimo da *rua das Covas*, visinho da *Sé velha*, está o *palacio Episcopal*, que não tem a grandeza, que se-lhe-attribue; fica-lhe defronte o *Aljube*, casa menos má, de que póde fazer-se (na opinião da *juncta geral d'este districto administrativo*, de 1840) uma prisão decente com as necessarias separações de sexos, e até dos diversos gráus de crimes e delictos. Nas costas d'este edificio está a *Feira*, ou *Praça dos Estudantes*, mais vasta que a de *Sansão*; limitam-na o magestoso templo da *Sé Nova*, *a casa capitular*, o *real collegio das artes*, hoje *Lyceu nacional*, o *collegio de S. João Evangelista*, e uma fonte com duas bicas, e largo chafariz. — E' sitio aprasivel, e depois da obra que a câmara lhe-mandou fazer, mui frequentado nas bellas noites de luar, que tão amenas são em *Coimbra*.

Fica proximo á *feira* o *laboratorio chymico*, o *museu*, e *hospital de N. Senhora da Conceição*, de mulheres. Um unico edificio offereceu accommodações para estes estabelecimentos, o *collegio da companhia*, o maior e mais sumptuoso, que ésta poderosa congre-

(1) Vide *Noticias de Portugal* por *Manuel Severim de Faria* tom. 3.º pag. 277.

(2) E' este o nome com que D. *Vetaça* designa sua mãi em seu testamento, documento curioso, cujo original tivemos occasião de lêr no cartorio do cabido da cathedral d'esta cidade, sendo para notar que o P. *Francisco de Sancta Maria* no seu *Anno Histórico* — Tom. 1.º — lhe-dê o nome de *Irene*, e *Antonio Coelho Gasco*, nas *Antiguidades de Coimbra*, o de *Bataça*.

gação possuia em todo o mundo, segundo affirma o seu chronista. — Está situado na *Couraça dos Apostolos* (antes de ahi se-estabelecerem os jesuitas chamava-se *rua nova d'el-rei*), rua que principiando no *arco do Bispo* descreve uma linha, quasi similhante á da *Couraça de Lisboa*, indo terminar no *arco do Collegio Novo*. Fica-lhe nas costas o célebre *bosque dos jesuitas*, passeio mui querido do insigne *P. Antonio Vieira*.

Parece, que entre as duas *Couraças* estivera enfaixada a cidade até aos primeiros annos da monarchia, vindo pouco a pouco a povoar-se as deliciosas margens do *Mondêgo*, hoje cobertas de lindas hortas, e pomares, e elegantes edificios; se bem que já não existem vestigios da freguezia de *S. Cucufate*, devorada pelo rio, o que não estranhará quem souber as revoluções porque tem passado o seu alveo. — Com effeito D. *Nicoláu de Sancta Maria*, historiando a fundação do mosteiro de *Sancta Cruz*, diz, fôra edificado nos arrabaldes da cidade, onde chamavam os *Banhos da Rainha*; e todavia dentro e mui dentro d'ella está hoje o mosteiro. Fr. *Bernardo de Brito*, fallando da tomada de *Santarém* refere, que el-rei D. *Affonso Henriques*, acompanhado dos fidalgos de sua confiança, fôra conferir com elles seus planos de guerra fóra da cidade, para maior segredo, no sitio do *Arnado*, *trocado já, pelas enchentes do rio, de campo coberto de flôres, em um areal esteril, e sem nenhuma verdura* (3); hoje o *Arnado* fica ao fundo da *rua direita*. A *rua da Sophia*, a mais comprida, e a que occupa a parte mais plana da cidade, é tão antiga como os septe collegios que a-bordam, cujas fundações são posteriores ao século XV — Não ha um só edificio notavel (a não ser alguma ermida) situado fóra do recinto das antigas muralhas, que não tenha sido fundado durante o govêrno de reis portuguezes. — Ao presente por todos os lados está aberta a cidade.

Reparo não tem algum firme e seguro,
Que o lûso braço não consente muro.

Antonio de Abreu — Malaca conquistada.

R. de Gusmão.

(Continuar-se-ha.)

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

726 Em HISPANHA continúa o apuro financeiro. O govêrno fez marchar para as fronteiras de Portugal algumas tropas. — Porquê, não se-sabe.

As exéquias do Duque de Orleans preoccupam actualmente os ânimos de todos os Francezes.

As reuniões dos operarios Inglezes vão por diante. Celebrou-se uma ultimamente com perto de vinte mil pessoas, em que se-tractou de vêr, se era já occasião de passar ás hostilidades.

A missão de Lord *Ashburton* nos *Estados Unidos* sobre a questão das fronteiras complicou-se novamente.

A Turquia e a Pérsia estão em guerra: as tropas das duas nações já se-encontraram.

(3) Chrónica de Cister — Liv. 3.° cap. 18.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

727 — *Diario do Govêrno de 14 de agosto.* — Tractado de Commércio e navegação entre Sua Magestade a Rainha de Portugal e dos Algarves e Sua Magestade a Rainha do Reino-Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, assignado em Lisboa pelos respectivos plenipotenciarios em 3 de julho de 1842.

— *Dicto de 12 dicto.* Um accórdão do supremo tribunal de justiça. — Mappa do rendimento das alfandegas de Lisboa, das Septes-Casas, e do Porto. — Venda de bens nacionaes nos districtos de Castello-Branco, Guarda e Bragança.

— *Dicto de 13 dicto.* Ordem do Exército n.° 37. — Aviso de pagamento ás inscripções de 4 por cento.

— *Dicto de 15 dicto.* Circular ordenando ao inspector do Terreiro público envie ao ministério do Reino os orçamentos da receita e despesa d'aquelle estabelecimento. — Instucções regulamentares para o recenseamento da dívida fluctuante do estado desde o primeiro de agosto de 1833 de que tracta o decreto de 24 de maio de 1842. — Venda de bens nacionaes nos districtos de Lisboa e Portalegre.

— *Dicto de 16 dicto.* Tractado para a completa abolição do tráfico da escravatura entre Sua Magestade a Rainha de Portugal e dos Algaves e Sua Magestade a Rainha do Reino-Unido da Grã-Bretanha e Irlanda, assignado em Lisboa pelos respectivos plenipotenciarios em 3 de julho de 1842. — Venda de bens nacionaes nos districtos de Lisboa, Vizeu, e Portalegre.

— *Dicto de 17 dicto.* — Instrucções para os navios das marinhas reaes portugueza e britannica, empregados em impedir o tráfico da escravatura. — Ordem de pagamento de uma quizena de pret e massas á 1.ª e 6.ª divisão militares.

CÔRTES.

728 Da câmara dos Dignos Pares nada ha que dizer: na câmara dos deputados, continúa a resposta ao discurso da corôa.

REQUERIMENTO POR CREDITO NACIONAL.

729 Consta-nos, que mr. *Ferdinand Denis*, enviára, ha dias, a Sua Magestade Fidellissima, um exemplar da sua obra « *Chroniques chevaleresques de* » *l'Espagne et du Portugal, suivies du Tisserand* » *de Ségovie, drame du XVII siècle.*

E' este livro, como quasi todos os que sáem da inexgotavel e deliciosa penna de seu auctor, uma brilhante manifestação de quanto elle conhece, e de quanto, por isso mesmo, ama o nosso *Portugal*. ¿ Quem não leu, uma e muitas vezes, a sua novella histórica de *Camões*, e *José Indio*, o seu *Resumo da Historia litteraria de Portugal*, a sua *Traducção da Flôr do Theatro Portuguez*, o seu *Prefacio a uma Nova Traducção dos Luziadas*, etc. etc. atc.? ¿ Quem, ao relêr todos os seus outros escriptos, mórmente as *scenas da natureza sob os trópicos*, não julgou estar ouvindo o mais zeloso, o mais ardente portuguez? ¿ E que se em linguagem franceza se-exprimia, era só pela ancia de tornar mais geralmente comprehendidos por esse mundo os nossos louvôres? ¿ E qual será o portuguez devéras, a quem, n'esta épocha de nosso qua-

si universal desamparo; não faça muita fôrça este amôr de um estrangeiro illustre, que nada nos-deve, e só nos-conhece pelos retractos que de nós lhe-hão dado os livros? Por nós confessâmos, que, ao pronunciarmos ou ouvirmos pronunciar o seu nome, dois affectos se-nos-levantam sempre na alma, ambos justos, ambos nobres, ambos vehementes; o primeiro, altiveza de havermos nascido na riquissima pobreza d'este ninho; o segundo, respeito e gratidão para com o talento peregrino, que tão gratuita e generosamente dispende o seu cabedal poético em corôas, e incensos, com que atavie o nosso túmulo, com que divinise as nossas, até já quasi por nós mesmos, tão apesinhadissimas relíquias. Já em reconhecimento,(bem que mínimo) d'esta gratidão, a obscura musa de quem isto escreve lhe-consagrou em nome da patria litteratura, um dos seus cantos: não tinha, nem podia mais o poéta; mas tem, e póde muito mais a nação. ¿Oxalá que a Soberana de toda ella remunére régiamente a dádiva recebida; que abra em favôr da glória o cofre das graças; e que, após tantas fitas e commendas mal baratadas a pequenos e questionados méritos, sáia uma, que portuguezes e estrangeiros possam applaudir, e que vá, sem vergonha, resplandecer sôbre o mais lusitano coração, que nunca palpitou em peito de francez.

Antonio Feliciano de Castilho.

UMA NOVELLA HISTÓRICA.

730 Boas alvíçaras podêramos pedir, pela nova que hoje trasêmos; o nosso, mui sábio, e presado amigo, sr. *Antonio Luiz de Seabra*, emprega estudiosissimamente os seus ócios provincianos na composição de uma grande novella histórica portugueza; sabemos, que para ella tem feito, e incessantemente continúa, investigações de livros e documentos, de que a sua perspicácia ha-de necessariamente sacar o maior proveito.

O sr. *Seabra*, uma das mais bem organisadas cabeças de *Portugal*, não é só, como poderiam cuidar os que não teem a fortuna de conhecêl-o, um publicista de mão cheia, um dialéctico profundo, e um eloquente orador parlamentar; é um litterato eruditissimo, um poéta, de muito ingenho, e muito fino gôsto; nada lhe-falta, (nem sequer o esméro de linguagem) de quanto se-requer para o empenho em que anda mettido! ¡ Oxalá que as ondas políticas o não accommettam novamente, e o não arrebatem do bom pôrto de salvamento, onde para si e para a patria está negociando não pequena glória.

O theatro e o romance histórico são, póde-se dizer, os dois ramos de litteratura, que hoje florecem por esta Europa: o theatro, vai sendo entre nós cultivado; de dia para dia, lhe-amadurecem fructos, lhe-desabrócham flôres; essa plantação, fêl-a o sr. *Garrett*. O romance histórico, já tambem vai dando de si muito visiveis e muito boas mostras; a glória de seu creador pertence ao sr. *Herculano*. Sentimos verdadeira satisfação todas as vezes, que podêmos pagar com o nosso louvor aos homens amigos e benemeritos da nossa terra.

Antonio Feliciano de Castilho.

FORMOSA SCENA CHRISTÃ E UM PAROCHO A'S DIREITAS.

731 Lêmos no *Periodico dos Pobres de Lisboa* o seguinte:

Sua Magestade a Rainha, e Sua Magestade El-Rei, seu Augusto Esposo, foram no dia 29 de junho assistir á festa de S. Pedro na egreja parochial de Penaferrim, acompanhados das damas, camaristas, e ajudantes de campo: alli foram recebidos pelo digno parocho o rev.° Luiz Manuel da Silva, collado na dicta egreja ha 29 annos; e por 36 meninas vestidas de branco, e 40 meninos com capas brancas, laços de fita branca no braço esquerdo, e com sirios nas mãos, dispostos a fazer a sua primeira communhão.

Suas Magestades depois de terem recebido agua benta, foram conduzidas ao throno, que para esse fim se-armára ao lado do Evangelho, onde, com a maior edificação, e piedade assistiram á missa, ao sermão, e communhão dos meninos: perto das duas horas da tarde, Suas Magestades voltaram ao paço deixando os habitantes d'aquella paróchia possuidos do maior respeito, veneração, e amor a tão religiosos soberanos.

Eis-aqui agora a descripção das ceremónias d'esta solemnidade, e como os meninos se-prepararam para fazer a sua primeira communhão n'este dia tão solemne em todo o mundo catholico, e n'esta paróchia por ser seu orago o Principe dos Apóstolos.

O párocho, e alguns ecclesiásticos, por elle convidados, concorreram á egreja ao amanhecer para confessarem os meninos, cujo número é de oitenta, pouco mais ou menos em cada anno de ambos os sexos. O párocho os-prepara por espaço de seis mezes para poderem receber a Sagrada Eucharistia, ensinando-lhes a doctrina christã, explicando-lhes de uma maneira ao alcance de sua comprehensão os seus devêres para com Deus, para com seus pais, e para com os seus similhantes. O adiantamento que mostram n'este tirocínio, é premiado com medalhas, contas de resar, e algumas vezes com esmólas, porque quasi todos são filhos de pobres pastores, trabalhadores, e officiaes de officios mechánicos. Finalmente o completo conhecimento das verdades evangélicas, com a prova de bons costumes, é premiado pelo reverendo párocho com a Sancta Communhão n'este dia.

Antes da chegada de Suas Magestades havia o párocho distribuido por todos os meninos, e meninas contas de resar, e paineis com estampas de sanctos, e do Sanctissimo Sacramento, e emblemas da religião: senhores já d'aquelles preciosos premios, estes innocentes em número de 76 acompanhavam o seu pastor quando foi receber Suas Magestades: tendo subido ao throno os Augustos Assistentes, começou o párocho a pôr na cabeça das meninas corôas de flores, que d'antemão elle havia benzido.

Depois de coroados assim aquelles innocentes, foram todos com o párocho, e ministros, que deviam officiar, á pia do baptismo; explicou-lhes as vantagens que recebiam com este Sacramento, assim como o que seus padrinhos haviam n'aquelle logar por elles promettido, fazendo-lhes um discurso familiar e eloquentissimo ácerca do baptismo.

Assim admoestados os meninos renovaram as promessas de seus padrinhos, e declararam, que se não tivessem a felicidade de terem sido baptisados, elles hoje solicitariam esta graça.

Logo depois vieram em procissão até ao altar mór, onde o digno párocho cantou missa. Houve sermão do sancto apóstolo, prégado pelo padre *Domingos de Santa Anna Lemos*, mui digno párocho de Collares, e concluiu o seu discurso felicitando os meninos pela primeira communhão que íam receber.

Ao *Lacabo* saíram tres meninos de egual estatura dos seus logares, e foram lançar agua nas mãos do seu reverendo párocho, fazendo-lhes inclinação antes e depois.

Tendo o reverendo párocho commungado, collocou na Custódia o Sanctissimo Sacramento, e dirigindo a palavra aos meninos, expoz-lhes energicamente, mas em termos familiares, qual a honra a que íam a ser elevados admittidos á mesa do Rei dos reis. Reconciliou os meninos uns com os outros, com seus pais, estes com seus filhos, e todos comsigo. Pediu perdão e bençam dos pais para estes meninos, e pediu perdão a Deus de não ter elle pontualmente cumprido os devêres de párocho para com os seus freguezes. Então um menino saindo da bancada, e chegando ao altar mór cantou o *Confiteor Deo* com tanta energia e ternura, que a todos edificou, e o mesmo párocho em prémio lhe-deu um rico painel do Sanctissimo Sacramento, que conservou sempre pendente ao pescoço.

Logo o reverendo párocho com a Sagrada Particula na mão depois de dizer o *Ecce Agnus Dei* recitou com os meninos muitas jaculatórias ao Sanctissimo Sacramento; acabadas estas, principiou a communhão, indo as meninas a duas e duas a recebel-a; cantando o povo n'este tempo, o bemdicto e louvado seja o Sanctissimo Sacramento, e dois anjos pegando na toalha. N'esta occasião o exm.º esmolér-mór de Sua Magestade a Rainha, movido de tão religiosa solemnidade, recitou de improviso uma eloquente prática em acção de graças pelo beneficio que o nosso Bom Deus se-dignou fazer áquelles innocentes meninos, ficando-nos o sentimento de não podermos dal-a por extenso. Acabada a missa seguiu-se a procissão que a todos edificou, não só pelo apparato externo, mas pela gravidade e modestia com que íam estes innocentes: os meninos íam adiante, e quatro levavam o andor de Nossa Senhora; seguiam-se as meninas, e quatro levavam o andor do Menino Jesus; no fim os ecclesiasticos e o párocho debaixo do Pálio com o Sanctissimo Sacramento, e dando uma pequena volta recolheram-se á egreja, onde se-cantou o *Te Deum Laudamus* em acção de graças por haverem feito a sua primeira communhão.

Depois o digno pastor entregou os meninos a seus pais, lembrando-lhes a importancia d'estes depósitos sagrados, na ordem religiosa e social.

¡Quanto é respeitavel um párocho que de tal fórma seus devêres cumpre! ¡Como elle faz amar e respeitar a sancta religião! Em seus discursos não brilharam as figuras, e trópos da eloquencia mundana, era a verdade, era a charidade, era a religião quem fallava. Ricos ornamentos, harmónicos concertos de escolhidas vozes acompanhadas de multiplicados instrumentos, não appareceram n'esta religiosa funcção; aceio, cantochão, simplicidade, emfim a religião tal qual seu Divino Fundador a-ensinou, eis o que alli se-viu e gosou. Sim, uma tal solemnidade fallou ao coração de todos os circumstantes, e alli derramaram-se lágrimas de pura satisfação; Suas Magestades sempre circumspectas e religiosas appareceram possuidas do maior respeito pela religião, e louvando tão digno párocho o-receberam com grande distincção e agrado, sabendo que pratica esta ceremónia ha vinte e cinco annos contínuos, e faz todas as despezas d'esta religiosa funcção á sua custa, e sem auxilio de pessoa alguma.

A satisfação que os parochianos sentiram pela honra que Suas Magestades lhes-fizeram, nem quem a presenceou a-póde exprimir.

¡Oxalá que todos os parochianos trilhem este caminho! Obrando assim hão-de ser respeitados, e nada lhes-faltará, porque a Rainha é justa, e olha pelo bem estar de todos os seus dignos súbditos: justo é tambem o povo quando conhece o verdadeiro merecimento dos verdadeiros e dignos pastores, e gostoso concorrerá para a sua decente sustentação. E baldados serão os esfôrços dos verdadeiros inimigos do throno, e do altar para desvairar esse bom povo, em todos os tempos victima da impostura, e da hypocrisia.

Acabada a funcção foram os meninos conduzidos ás casas da irmandade onde o reverendo párocho lhes-costuma dar um abundante almôço, e depois foram todos acompanhar o seu pastor até á sua residencia: ahi pediram-lhe a benção, e lhes-agradeceram os beneficios que acabavam de receber, retirando-se todos muito satisfeitos para as suas casas.

POR BEM FAZER MAL HAVER.

732 Na villa de *Mira* certo lavrador precisando para o seu açougue de um cortador, foi a *Cantanhêde* livrar dos ferros da justiça um solemne tractante, (antigo criado seu) continuamente implicado em desordens e disturbios. Tendo-o assim empregado com bom salario, passados dias, reprehendeu-o o lavrador por não servir bem alguns freguezes do que se-seguiu tamanha ira d'aquella fera (carniceiro physica e moralmente) que tomando o seu cutello, descarregou com ella tres horrendos golpes em seu amo e bemfeitor: um no pescoço, outro no peito, e outro no braço, dos quaes ainda se-acha em perigos de vida. Aconteceu o caso no dia 21 de julho.

Parece que a Providencia quiz castigar o imprudente bemfeitor, de ter assim posto em liberdade similhante malvado. Felizmente foi logo prêzo.

UMA FLÔR DESABROCHADA.

733 Com o titulo de »Galeria das ordens religiosas e militares desde a mais remota antiguidade até os nossos dias» acaba de saír á luz no *Porto* um jornal cujo fim, copiando as suas proprias palavras, é — publicar resumidamente o que foram as Ordens Religiosas de um e outro sexo — como se-fundaram — como se-dividiram e ramificaram — quaes os fundadores — que vida viveram sobre a terra — de que virtudes se-adornaram — com que boas obras illustraram a Religião e a Humanidade. —

Em seculo como este nosso tão cortado de impiedade, tão sêcco e tão esteril de consolações, temos que é serviço grande, doar ao presente alguns sanctos exemplos do passado. — Com a Galeria das ordens religiosas e militares, abriram os seus publicadores um largo campo em que muito póde medrar e muito deve de lucrar a religião: Deus a-faça prosperar como coisa que tão sua é.

UM DE MENOS.

734 Na manhã do dia 7 do corrente, foi capturado pela policia de *Castro-Daire*, o facinoroso *José Christovão*, do logar de *Perdilhe*, concelho de *Frágoas*, por ter morto violentamente um seu visinho e maltractado uma mulher. Era homem em extremo arrogante e turbulento; e a sua prisão como é de suppor, foi de todos mui estimada.

FATAL TROVOADA.

735 Consta que nas proximidades de *Chaves* no dia 6 do corrente, caíra tamanha trovoada que similhando um diluvio levára adegas, derribára moinhos, arrasára vinhas e destruíra muitos campos de batatas. O reitor de *Villela de Tâmega* perdeu um armazem d'azeite. A pedra que choveu derrubou telhados.

UMA VICTIMA DO APANHO DOS PERSEVES.

736 São os perseves á feição de pés de cabra, um insignificante marisco, o qual só nasce nos cachópos, ou nas escarpas das costas, que o mar cobre. E' por isso o recolhel-os mui perigoso, por ser necessario mergulhar. Já algumas vidas teem soçobrado n'este apanho, e mais uma a semana passada acabou juncto ao *Cabo* da *Roca*. Era um pobre homem, que andava apanhando os taes perseves nas pedras do *Guincho*. Ora sendo tão insignificante este marisco, ou o seu producto, muito conviria que as auctoridades locaes prohibissem que alguem se-entregasse a tão imminente risco.

TREMOR DE TERRA.

737 De sabbado para domingo último (de 13 para 14 do corrente) pelas 11 meia da noite, houve um pequeno tremor, que nos arredores d'esta cidade se-fez mais sentir; apenas duraria um segundo. Em *Cascaes* deu elle evidente signal no logar da *Aréa*, onde racharam algumas paredes, e caíram duas casinhas. O abalo foi presentido por algumas pessoas n'esta cidade, e não sabemos ainda se-causaria prejuizos em outros pontos.

A FRAGATA DE VAPÔR ACBAR.

738 Este vapôr da companhia da *India*, é um navio de primeira classe; armado com duas bombardas de 8 pollegadas, e 4 columbrinas de 32, com uma guarnição de 160 homens: estiva 5 escaléres, dois dos quaes montam obuses de 12. — Os engenhos são da fôrça collectiva de 350 cavallos, feitos por mr. *Napier* de *Glasgow*, e de mui superior acabamento. — Tem 4 caldeiras de cóbre de 7 toneladas cada uma. — O armeiro tem 100 espingardas de percussão, pistolas, espadas, bacamartes etc. — Uma extensa e valiosa livraria para uso dos officiaes e marinhagem. — Estiva 500 toneladas de carvão, que a uma tonelada de consumo por hora, a-habilitam a vaporar por 20 dias successivos. — A *Acbar* faz a viagem de *Gravesend* a *Falmouth* (370 milhas) em 36 horas, o que dá um andamento médio de um pouco mais de 10 milhas por hora. — Parece provado que este navio gasta sómente 85 dias de *Falmouth* a *Singapore*, o que será uma mui curta viagem.

MAIS UMA HEROINASINHA.

739 Ha no termo da villa de *Cesimbra* um casal chamado da *Carquêja*. Domingo 14 do corrente, tinham o dôno e a dôna d'este casal saido a folgar-se n'uma festa das visinhanças, deixando em casa duas meninas suas filhas: a mais velha de onze para doze annos; a segunda de nove. Foi-se esta pela tardinha levar a beber n'um ribeiro alli próximo, duas jumentas, que tinham, e como voltasse incuidadosa montada n'uma d'ellas, viu súbitamente saltar do matto um animal, que figurando-se-lhe um cão parecia disposto a accometter-lhe a sua pacífica cavalgadura: grita-lhe para o-enxotar; suspende-se o animal; mas segue-a depois. A destemida conductora chega emfim a sua casa, e contando apressadamente á irmã o acontecido, vão ambas recolher as suas jumentas. Volta depois a nossa heroina e mostra á mais velha, próximo da porta, o incógnito animal, seu perseguidor, que esta reconheceu ser um lobo (de mais de anno, segundo dizem). Tinha a menina ouvido, que os lobos fugiam quando se-lhes-bradava, e saíndo da porta, gritou-lhe, atirando-lhe com uma pouca de herva. Immediatamente salta a féra na menina, rasga-lhe os vestidos, e empina-se para lhe-trincar o pescoço. Sem perder o ânimo deita ella a mão esquerda á pata do animal, que lhe-enterra os dentes no braço, e com sobrenatural valôr continúa, segurando-o, emquanto com a direita, pegando n'uma das suas tamanquinhas, e brandindo esta clava improvisada, como *Sansão* a caveira de burro, desanda golpe sobre golpe no focinho, e na cabeça da féra, d'onde começa a escorrer sangue. Ajudada em tão pio empenho por sua irmã, que tambem se-agarrou tenazmente ao lobo, conseguiu ao cabo lançar por terra o seu tremendo adversario. Receosa porém e com rasão, de que ainda não estivesse morto, tomou um forcado, e com a melhor vontade possivel, começou a moel-o de pancadas até se-dar por satisfeita: terminando esta obra de charidade com lhe-cingir o corpo e prendel-o, para maior segurança. Não se-passou todavia a batalha sem que o sangue da nossa heroina corresse junctamente com o da féra: bem que vencedora, saiu d'ella com uma ferida de pollegada e meia na parte interna do terço médio do ante-braço esquerdo, e de meia pollegada de profundidade, tendo na parte externa as scisuras por onde entraram tres dentes, e o labio superior todo arranhado das unhas do animal.

Acabava a contenda quando os pais chegaram da sua festa: e quem fôr pai ou mãi imaginará o espanto e dôr de que foram tomados á vista de similhante spectaculo.

Consta que um homem de *Azeitão*, passando haverá 15 dias por uma estrada, acima da quinta do *Conde*, com um seu filho pequeno, fôra tambem atacado por um lobo grande, que egualmente conseguira derrubar cravando-lhe no peito uma navalha, que trazia.

Os habitantes dos arredores estão todos passados de terror pelo inaudito arrôjo dos lobos, que já assim se-atrevem a saír ao homem, e pelo seu número mui consideravelmente augmentado depois que se-deixaram de fazer as antigas monterias.

DESCARAMENTO NO CRIME.

740 No dia 2 do corrente, pelas onze horas da manhã, estando *Ladisláu Soares*, serrador, do logar do *Peral*, do concelho de *Cadaval*, exercendo o seu officio, n'uma quinta denominada do Val, aonde reside o parocho da mes-

ma freguezia (*Peral*) chegou-se a elle *Manuel Torrão*, do predito logar, com uma espingarda, e com todo o sangue frio, lh'a-apontou, e disparou um tiro sobre aquelle infeliz, que recebeu a munição do chumbo no braço, e no peito, de que ainda hoje se-julga em riscos de vida. — O aggressor, depois de haver assim fartado a sua perversidade, tornou-se mui lêdo, e senhor de si, e foi-se fazer galla do seu feito por todo aquelle povo das immediações que o escutava atemorisado. As respectivas auctoridades, já procederam ao *corpo de delicto* etc. etc., mas o aggressor continúa a passear pela sua terra, sem que se-proceda á captura.

Similhante incúria e desleixo das auctoridades é sobre-maneira, e por todos os modos, reprehensivel. — Não se-esqueçam ellas de que os resultados d'essa impunidade, que toleram, e consentem, lá lhe-vão todos recaír sobre a consciencia e o dever. — Lembrem-se que a sua responsabilidade é grande, e que as tremendas queixas do público com taes razões para se-indignar bem poderão perturbar-lhes a placidez de seus dias e o descanço das suas noites.

742 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 10 ATE' 16 AGOSTO 1842.

Dias do mez	Thermometro exterior		Barometro		Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	Estado da Athmosphera.
	Min.°	Max.°	9 h. m.	3 h. t.			
10	66°	77	759,8	759,6		'NO'	Cl.° e alg. nuv. — cl.° — tarde fresca.
11	61	78	60,2	60,0		'N NO'	Cl.° : Id.
12	63	88	60,4	60,0		'N'	Id. — dia e tarde muito quente.
13	68	92	59,2	59,1		NE B	Id. horisonte mui vaporoso: calor intenso.
14	69	91	60,4	60,0		NE N	Id. Id. Id.
15	71	91	59,9	59,4		NE N	Id. Id. Id.
16	72	99	59,0	58,5		NE B	Id. Id. Id.

Continúa a influencia da 3.ª quadra d'este mez, a qual no dia 12 augmentou os seus rigores calmosos, chegando a ponto de elevar o thermómetro a 99.° (30° R), e por isso repetindo os intensos calores que já experimentámos este verão a 26 de junho, e 14 de julho, apparecendo o horisonte mui vaporoso, o sol descorado e ardentissimo com o ar muito sêcco, e ventos quentes. O barómetro tem feito pequenas oscillações, e não apparecem indicios de mudança. Permanece portanto o mez de agosto em um andamento por extremo calmoso, e bem pouco saudavel.

Necrologia de Lisboa nos antecedentes mezes de junho e julho do corrente anno.

Em junho foram recebidos nos tres cemiterios de Lisboa e Belém 498 cadáveres sendo maiores 230, dos quaes pertenceram ao sexo masculino 269, e ao feminino 229. O termo médio dos óbitos d'este mez, fixado pelas nossas recentes indagações (veja-se a *Revista* n.° 42) é de 479, do que resulta ter havido um pequeno accrescimo. — No mez de julho, um dos mais funestos no nosso clima, foi o total da mortalidade de 590 individuos a saber 337 maiores, e 253 menores, sendo 309 do sexo masculino, e 281 do sexo feminino. Comparado esta totalidade ao número médio deduzido para este mez, que é de 603, apparece a pequena diminuição de 13 individuos; pelo que os successos d'estes dois mezes confirmam com admiravel concordancia a lei que deduzimos ácerca das influencias mensaes. Segundo os mappas diarios dos óbitos nos primeiros dias do corrente mez de agosto parece que a mortalidade tem sido ainda agravada alem do que lhe-compete na ordem da sua funesta influencia.

M. M. Franzini.

NECROLOGIA ARTISTICA.

743 A' última hora recebemos a lastimosa notícia de uma grande e muito grande perda para a arte. Falleceu o commendador *João Domingos Bomtempo*, geralmente reconhecido como o primeiro dos nossos tocadores de piano, compositor distincto, e altamente considerado dentro e fóra do reino. No espaço de pouco mais de um mez é já este o segundo golpe, que fére e bem dolorosamente os presadores da deliciosa arte, que tão superiormente professava o illustre defuncto. — Abundantes lagrimas regarão as bastas saudades, que sobre a sepultura cá lhe-ficam a florejar.

Colheu-nos de súbito esta fatal nova e nem o tempo, nem a falta de mais amplas informações, nem a dôr de tal perda nos-consentem maiores e melhores esclarecimentos.

ERRATAS.

No n.° 45, última página e columna, aonde diz Diario meteorologico desde 1 até 3 de julho 1842 — deve lêr-se — agosto.

A pág. 526, n.° 45 d'este jornal, aonde se-lê — *o tinto só servia para lhe-dar pretidão, pelo menos, nas provincias do norte*: deve lêr-se — *o tinto só servia, as mais das vezes, para lhe dar pretidão, ao menos nas provincias do norte.*

Na mesma pág., aonde se-lê — *sol e vento que assustou as cepas*: deve lêr-se — *sol e vento que açoitou as cepas.*

Na mesma pág., aonde se-lê — *e pelo outro, fundamenta a minha opinião*: deve lêr-se — *e reforça pelo outro a minha opinião.*

LISBOA: 1842 — NA TYPOGRAPHIA LUSITANA.
Rua das Parreiras n.° 4, a Jesus.

ª DA 4.ª SERIE. N.º 47. 8 SEPTEMBRO 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sae ás quintas feiras. = Assigna-se na loja da viuva de João Henriques n.º 1, rua Augusta = Avulso 80 réis: 12 números réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis = O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente no local supra-mencionado. Cada serie de 12 números, desde o principio do jornal, custa 600 réis = Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Os das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes-convier = Sobrescripto da Correspondencia: Ao Redactor da Revista Universal, travessa dos Gatos n.º 2. = Roga-se aos Leitores das Provincias communiquem os acontecimentos dignos de publicidade = Qualquer artigo interessante será acolhido com gratidão e publicado = A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se-lhe-remetta um exemplar = Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o desejar = Tambem no seu Escriptorio se-patentearão ao público objectos de similhante natureza, que para alli sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal = Esta Folha acceita a troca com os jornaes portuguezes = A distribuição na capital faz-se em tres horas = Este número sae ás nove horas da manhã.

EXPEDIENTE.

—

Por molestia do seu principal redactor, deixou de sair este jornal nas duas semanas precedentes; mas estão tomadas providencias para que nunca mais similhantes faltas se-repitam.

Os srs. assignantes d'este jornal, residentes fóra da capital, que subscreveram até ao n.º 48, e quizerem continuar, são avisados para renovarem com tempo as suas subscripções, remettendo a importancia pelo seguro do correio geral, franca de porte, ás pessoas e lojas abaixo indicadas.

Viuva Henriques e filho. — Rua Augusta n.º 1, em Lisboa.

José Joaquim Rodrigues dos Sanctos. — Rua das Flores n.º 4 e 5, e travessa da Fabrica do Tabaco n.º 29 e 30, no Porto.

J. M. S. de Paula, loja da imprensa da universidade, em Coimbra.

José Mathias Carreira, Praça Grande n.º 11, em Évora.

Para todos estes sitios vai ser remettida uma porção d'exemplares d'este jornal; os srs. assignantes, que ahi quizerem recebel-os, não pagarão mais que o preço das subscripções, que continúa da mesma fórma: 600 réis por serie, ou 12 números, e 2400 por 4 series, ou 48 números, que perfazem um volume.

Qualquer artigo ou noticia que se-pretenda inserir n'esta folha, deve ser dirigido — Ao redactor da Revista Universal Lisbonense, Lisboa, travessa dos Gatos n.º 2.

CONHECIMENTOS UTEIS.

—

744 HYDRO-EXTRACTOR.

Inventou-se em *França*, haverá hoje dois para tres annos, um engenho para enxugar roupa quasi instantaneamente, engenho não menos bello pela sua simplicidade do que pelo seu prestimo e vantagens.

Seu auctor Mr. de *Beaujeu* o-submettera ao juizo da academia de *Pariz*; esta o-fizera examinar; e o relatorio que lhe-foi presente, e que nós lêmos n'esse tempo, confirmava os prodigios, que de tal machina se-diziam; e a experiencia d'então para cá, tem comprovado completamente o relatorio.

Lavanderias ha em *Pariz*, que já para enxugar suas roupas se não valem de outro meio: e pois que lá tão bem se-dêram com o invento; — pois que qualquer artifice nosso de mediano engenho, apenas lh'o-expliquem o póde executar, e vender por baixo preço, — e pois que finalmente, do adoptar-mos a novidade para as casas de muita familia, para os quarteis da tropa, para os recolhimentos, collegios e asylos, e particularmente para os hospitaes, se-ha-de seguir uma grande economia de roupas; diremos o pouquissimo de que tal machina se-compõe esperançados em que não faltará ahi quem-na execute.

O *Hydro-extractor*, que assim se-chama, é um cylindro de cobre concentricamente mettido e soldado dentro n'outro muito mais amplo e de rêde metalica; o qual se-póde abrir e fechar como um bahú. Ambos estes cylindros são no longo atravessados por um só eixo, que tendo as extremidades embebidas em duas hastes verticaes, póde com elles girar horisontalmente: um systema de rodas dentadas, cuja minima abraça uma das pontas do eixo, em quanto a maxima recebe de uma corda, com o seu competente pêso, o primário movimento, faz voltear os cylindros com tamanha velocidade, que dão vinte voltas por segundo, ou mil e duzentas por minuto.

Lavada a roupa, envolve-se no cylindro interno, o externo fecha-se, dá-se corda á machina, desfere-se como um redemoinho a rotação: a agua embebida nos fios da roupa, obrigada pela fôrça centrifuga, disperge-se pela rêde do grande cylindro fóra como uma súbita e grande nuvem. Esta nuvem, de minuto para minuto se-rarêa, se-dissipa, até que desapparecendo totalmente, se-conhece estar a roupa enxuta. Esta, alguns minutos depois de extraída e pendurada ao ár livre, ganha um pouco de tesura, que o tremor da máchina lhe não consentira que tomasse, e fica prestes para servir, quer na cama, quer vestida, e á raiz da carne.

Tal era se nos não enganamos a descripção que do *Hydro-extractor* nos-deram os jornaes francezes d'esse tempo.

Hoje encontrâmos com outra um pouco diversa no — *Mémorial, Revue Encyclopédique* — em um artigo ácerca de um singular phenomeno de acústica em similhante machina observado.

Compõe-se o engenho (diz o artigo), de um corpo de cobre vão e cylindrico, dentro no qual volteia rapidissimamente, outro corpo tambem vão e concentrico, cuja parede exterior é crivada de buraquinhos por onde a força centrifuga expede a agua de que a roupa está impregnada.

O moto communicado á este engenho, é tal que póde chegar a vinte voltas por segundo etc.

Mas já que fallámos no phenomeno acustico, e depois do trabalho nunca a musica é dessaborosa; não será bem que nos despidâmos, sem vos ter feito ouvir esta nova melodia.

Estámos na lavanderia de *Mr. Poncelein, em Issy*, despejou-se a machina da roupa, depois de mui bem feita a sua obrigação; tiraram-lhe a tapadoira com que o engenho costuma de estar coberto. Chega um curioso, começa por desemfado, a fazel-o girar, descarregado e vasio: principiam a saír de dentro umas toadas; cada vez se vão tornando mais agudas á porporção que o movimento se-accelera, e ao passo que este diminue vão descaindo para mais graves.

Até aqui não ha coisa que maravilhe, mas agora entregue a machina a si mesma, os seus sons em vez de se-abaixarem,

gradual e insensivelmente com a propria rapidez do movimento, seguem entre si os *intervalos da escalla*. Parecia que assim como a celeridade do movimento produsidor do som, diminuia gradualmente, assim tambem o seu effeito deveria de continuo decrescer, como succede quando se-vai resvalando com o dedo por uma corda de rebeca. Pois tal não é: a machina acaba de dar o *si*: continúa sem embargo da diminuição de ligeiresa a dar a mesma nota por um pouquechinho espaço, e com intensidade decrescente. Salta de subito para o *lá*; e o que mais é para notar, é que no proprio momento em que o som assim declina um gráu, torna-se mais intenso, depois mais frouxo, mas é sempre o *lá*, até que decáe em *sól* depois em *fá* depois em *mi* etc

A importancia deste phenomeno, e a persistencia dos zons assim produzidos, (remeda a progressão diatonica.

Deus sabe a que novos inventos musicos poderá abrir caminho esta lavandeira e cantarina mechanica.

MEDICINA.

Virtudes da Mécha.

745 Um médico francez, por nome *Gondret*, tem experimentado em si, e em muitas outras pessoas, e ha já annos, a applicação do calorico em emissão, por via de uma mécha accêsa.

Chegando-se á pelle a chámma da mécha, sente-se uma dôr viva que se-esváe tão depressa como veio. Fica uma nódoa da queimadura, que tambem se desvanece passados poucos dias. Ha pessoas a quem se-fórma bôlha, mas tambem passa sem tardança.

Ora a dôr instantânea causada pelo fogo da mécha, dissipa muito brevemente a dôr rheumatismal, gottosa, etc.

Em dôres suas o tem o doutor experimentado, e todos os dias regista factos análogos de enfermos seus.

Este remedio, diz o auctor, serve tambem de grande alívio nas asphíxias em quanto se-lhes não accode com os tractamentos, que segundo suas especies lhes são devidos. Tem-lhe tambem acontecido dissipar assim as contracções convulsivas da aura epiléptica, e sem mais auxilio atalhar ou pelo menos retardar consideravelmente o ataque epiléptico.

Acha o doutor *Gondret*, que os effeitos phisiológicos d'esta flâmma sulfurea, podem em muitos sentidos comparar-se com os da electricidade da pilha *voltaica*.

Asphixiou alguns coelhos dando-lhes pancadas na nuca; correu-lhes depois com uma mécha accêsa, mas intermittentemente, ao longo do fio do espinhaço, e no praso d'alguns segundos viu-os levantar-se e abalar como se nada com elles fôra. Este resultado combina com o que em identicas circumstancias d'asphíxia havia d'antes obtido, já da electricidade da pilha, já da ventosa sarjada na nuca.

Esta medicina de cozinha, este *récipe* da tenda em vez da botica, vai ser forçosamente um bello thema, para os matões e zombeteiros: médicos haverá tambem d'estes que fazem da medicina uma sciencia abstrusa, magica e symbolica, e de nada se-arreceiam tanto como dos meios simplices e faceis de curar; os quaes para logo se-enxofrarão contra as virtudes d'este enxôfre. A nós entretanto nos-parece mui cordato, que por isso mesmo que este remedio é tão singelo e tão sem perigo, seja pelos facultativos experimentado.

A lógica dos factos deve sempre prevalecer ás hypotheses e theorias.

TRATAMENTO DAS GALINHAS.

746 Em o número 43 d'este jornal, artigo 632, recommenda-se um modo facil de augmentar ás galinhas a fecundidade; aconselha-se a experiencia, e pede-se, em retribuição, a notícia do resultado. Nós, para quem o propôsto methodo não é novo, dâmo-lo por provado, e digno da *Revista Universal*.

Em 1840 creavamos uma galinha, com todo agasalho doméstico: um dia, recortavamos papel, quando ésta nos-salta ao cóllo, e começa a devorar-nos o trabalho. Recordámo-nos então de ter lido n'um jornal instructivo, que a ingestão de substancias calcíreas, favorecia o desinvolvimento dos óvos das galinhas, e pareceu-nos que o animal se-lançára ao papel, pela similhança, que lhe-apresentava, com fragmentos d'essas substancias. Corrêmos a um lanço de parede, levantámos uma porção da superficie de cal, e démol-a pisada a avesinhá, que a-comeu com soffreguidão.

O instincto dirigia tambem as suas precisões, que, d'alli em diante, em períodos certos, e precedentes á postura dos óvos, girava emtôrno a nós, e sabia expressar a seu modo, a urgencia de a-regalarmos com o acepipe. Advertindo porém, que, a par do carbonato de cal, exigia sempre, e ás vezes com preferencia, o papel picado. A postura foi copiosa, e alentada.

Depois d'esta, tivemos outra com o mesmo tractamento e alimentação, e que muito excedeu á primeira, em fecundidade: ficando-nos o pesar de nunca fixarmos, sobre tal assumpto, um cálculo numérico.

Não será talvez inutil observarmos, que a applicação das cascas dos óvos d'estas aves, na comida póde trazer o inconveniente de as-habituar a destruil-os no próprio pousadío, ou na incubação. é por ésta prevenção, que prescindimos sempre de tal substancia, no tractamento da nossa creação.

Maria J. S. C.

GAZ LUCIFERO.

747 Já finalmente quem desejar alumiar-se com o gaz lucífero, de que por vezes temos fallado, poderá preencher o seu gosto, e convencer-se, por experiencia, de que em nenhum ponto foram os nossos elogios exagerados. Os candieiros proprios para este uso já estão á venda na botica do sr. Barreto na rua do Loreto: recebeu-os de Pariz — são de excellentes desenhos e modico preço: os para carruagens e bilhares ainda lhe não chegaram. Já á luz de um d'estes candieiros, que nos-aclara todo o aposento, estamos escrevendo o presente annúncio: esta luz póde-se augmentar, ou diminuir, á vontade, segundo são mais ou menos furadas as chapas com que se-cobre o liquido. Um lustre de lucífero, que da Prussia recebeu o exm.° sr. duque da Terceira, póde dar, por exemplo, uma luz egual á de 133 vellas de cebo.

O liquido que tambem na mesma botica se-vende, custa a 280 réis a canada.

A fábrica estabelecida no Ginjal para o manipular, já se-acha trabalhando em ponto grande, que vai ainda ser augmentado pela collocação de uma opulenta machina distilatoria, obra do nosso distincto artifice caldeireiro, o sr. Collares. O credito e consumo que este genero vai ter infallivelmente abona vantajosissimos lucros á empresa, cujo fundo é de 25:000$.

divididos em acções de 50:000; quem desejar possuir alguma d'estas acções em primeira mão, deve apressar-se de fallar ao mesmo sr. Barreto, pois que já d'ellas não resta senão número pequenissimo.

NOVO METHODO DE SALGA.

748 Já n'este jornal recommendámos, e explicámos o excellente méthodo, do célebre embalsamador *Ganal*, para se-conservarem as carnes comestiveis sãs e frescas sem limitação de tempo. Hoje apontaremos outro de *C. Payne*, recem-premiado em *Inglaterra*, com a patente e privilégio de invenção, pelo qual se-podem as carnes salgar com a maior perfeição, para cómmodo e regalo, particularmente dos viajantes por mar. Advertimos, que não deve servir de objecção o custo da máchina, pois que nem ella póde ser muito dispendiosa, nem para salgar muito e por muitos annos, se-carece de mais de uma.

Ha um vaso de ferro, ou qualquer outro metal, de sufficiente grossura, e hermeticamente fechado com uma tampa atarracada com parafusos: abre-se este vaso, lança-se-lhe dentro, e em sêcco, a carne ou peixe, que se-cóbre com um diaphragma, ou fundo falso todo crivado de buraquinhos, por onde depois sairá o ar e entrará o môlho. Parafusa-se a tampa, acommoda-se-lhe em uma abertura própria uma máchina pneumatica ordinaria, com cujo ministerio se-vai esvasando o bojo do ar n'elle incluso, e, por consequencia, saindo tambem o que nas fibras animaes estava encerrado. Apenas se-perfez um sufficiente vácuo, abre-se com uma torneira passagem para caír dentro a salmoira, que estava á espera em um reservatório implantado na mesma tampa. Como o vaso se-acha meiado da salmoira, continúa-se a dar á máchina; e exhausto o restante do ar, para o logar d'elle se-imbute até encher todo o vão, o que faltava de salmoira, carregando-a rijamente, por via de uma bomba calcante, afim de que pela pressão se-embeba em todas as partes animaes d'onde ja o ar terá fugido. Deixa-se emfim quedo o aparelho, desde um quarto de hora, até hora inteira, segundo o tamanho e qualidade da peça que se-salga; depois do que, se-tira e guarda, para a comer quando se-quizer, sem receio de ruina.

Já hoje em *Londres* se-devem de achar á venda, e talvez por prêço não subido, estes trens com a explicação circumstanciada do seu uso. ¿Não conviria manda-los vir, o govêrno para os arsenaes de marinha? (quantas carnes senão poupariam em viagens dilatadas!) ¿a sociedade das pescarias, para a salga dos seus peixes? (quanto melhores os-não comeriamos!) — ¿os particulares provincianos, para a dos seus porcos, que muitas vezes se-lhes estróem; das suas vitellas, a que nem sempre podem dar vencimento; da vacca, nas partes onde só um dia na semana tem açougue?

AGRICULTURA.

Carta 1.ª

749 Desejando aclimatar o onobrychis dos botânicos, e tirar d'elle a favor dos campos e gados d'aqui, essas vantagens que os francezes tanto lhe-exaltam; rogo a VV. queiram dizer-me se sim ou não elle existe já entre nós, e apontar-me os meios mais faceis de o poder alcançar.

E' este meu pedido mais uma resposta ao contínuo convidar de VV. e lisongea-me acreditar, que lhes será tão grato este meu empenho, quanto é util á nossa agricultura tão boa acquisição.

De VV. constante leitor.

Gradiz 28 d'agosto de 1842. *Padre Antonio Joaquim da Silva.*

Carta 2.ª

750 Tendo-se a *Revista Universal* dedicado a promover a prosperidade nacional, empenho nobre e heroico, ao qual distinctos charácteres estão votados; permittam-me VV. lembrar-lhes, que de muita utilidade seria publicar em artigos sufficientemente illucidados, o systema de cultura dos seguintes objectos: do algodoeiro, do arrôz, do chá, das multicaules, luzerna etc.

Isto é, qual a sementeira, plantação, e cultura do algodoeiro, colheita e preparo do algodão, até poder ir ao mercado, bem assim qual a melhor espécie, e d'onde se-póde mandar vir.

Qual a sementeira, e cultura do arrôz, e melhor qualidade; e processo até podêr ir ao mercado.

Qual a sementeira e cultura do chá, etc.

Qual a sementeira, plantação, e cultura das multicaules.

Qual a cultura da luzerna e *sansfoin*, e mais pastagens, de que em *Portugal* não ha conhecimento; explicações de que o auctor da traducção de *Raspaill* foi summamente aváro. A convicção em que estou, de que de taes esclarecimentos muito se-devem approveitar os génios emprehendedores, para melhoramento do nosso paiz, me-moveu a dirigir a VV. esta rogativa, cujo deferimento muito obrigará, quem se-presa ser:

De VV. etc. etc.

Lisboa 30 d'agosto de 1842. *Um Assignante da Revista.*

751 As perguntas, que nas duas precedentes cartas se-nos dirigem, são em verdade de summa importancia. Em lugar de lhes-accudirmos desde já com respostas delfectivas, ou inexactas, quaes um pouco de estudo theórico nol-as poderia subministrar, recorrêmos por via da publicação á experiencia e sciencia de toda e qualquer pessoa, que em algum dos apontados assumptos se-julgar com fôrças para doutrinar. ¿Que portuguez, ou ainda que simples homem, a não sêr bestialmente desalmado, negará luz a quem lh'a-pede para trabalhar ao mesmo tempo na felicidade doméstica e na felicidade pública? Do adiantamento das culturas particulares é que póde ao cabo resultar, que rebente, copiosa, caudal, e inhexaurivel, a unica fonte, que ha-de reanimar, e reflorecer esta nossa tão boa e tão desbaratada terra. O que de nosso está para tão santo fim, fal-o-hemos sempre com a maior pontualidade: quantas prelecções e cathequeses sôbre estas, ou simillhantes materias, se-nos-enviarem, estampal-as-hemos logo, com o nome, ou sem o nome, de seus auctores, segundo lhes a elles aprouver; a todos, desde aqui advirtimos, que se não pêjem, nem corram, de lançar para esta folha idéas uteis, em linguagem, incorrecta, ou stylo desalinhado; por nossa conta fica o facil trabalho de reformar descuidos e desprimores de escriptura, afim

de que a idéa prestadia se não venha a engeitar por menos bem trajada; e, porque o pulir e lustrar é nada em comparação do conceber e esculpir, toda a glória da boa obra, a elles, e só a elles, confessaremos, que se-deve.

¡¡¡SCOTOGRAPHIA!!!

752 Quem marcará limites de impossivel aos progressos d'esta edade? Temos visto as sciencias phisicas, surgindo, crescendo á porfia, e impelindo-se mutuamente para o infinito, todas a cada uma e cada uma a todas, realisarem os feitiços e magias mais incriveis, e diremos até, mais absurdas. Quasi que não ha milagre, nem mesmo a resurreição dos cadaveres, que a arte não imite, ou não arremede; até vimos n'estes ultimos annos uma das allegoricas fabulas da Grecia converter-se em historia, e, mais que historia, em realidade por todos presenciada: o Apollo dos antigos, ora sol, ora Deus das bellas artes, deixou de ser uma chimera; Daguerre o obrigou, não a inspirar pintores, mas a servir como pintor aos homens elle mesmo. Toda a Europa tem admirado os quadros do Daguerreotypo, essas laminas metalicas aparelhadas com o iode, em que um feixe de raios solares apertados por uma lente, e servindo de pincel, debuxa os objectos até a sua minima e mais imperceptivel particularidade. Antes de Daguerre, tambem o sol pintava as imagens das coisas, quer na alma humana atravez dos olhos, quer na superficie insensivel do espelho; mas a visão do espelho, desapparecia, logo que o objecto, ou a luz, se retirava; e a alma, pouco menos tenaz, confundia, desbotava, e vinha finalmente a apagar as ideas que pelos olhos tinha ganho; o Daguerreotypo, verdadeiro espelho constante, e alma corporea com perfeita retentiva, conserva em si, claro, manifesto e imperturvavel, quanto uma vez se lhe mostrou. Poderá haver maior milagre do que este da luz pintora? póde, e ha, que he serem pintoras as trevas! Photographia se chamou áquella arte; chama-se a esta, que hoje nasceu, Scotographia.

¿Quereis ver, por vós mesmos, a realisação d'este impossivel? Tomai uma chapa de prata, bem polida e espelhenta; avisinhai-lhe mui perto, e em face, um camafeu, medalha, cornelina, ou qualquer outra scultura ou gravura semelhante; fechai tudo n'uma caixa bem vedada, e n'uma casa bem escura; passadas 10, ou 15 segundos abri, e achareis retratado na chapa o objecto artistico. Tal foi a experiencia de Mozer; experiencia, que Humboldt refere haver sido em Berlim reiterada efficazmente pelo astronomo Encke, e Richershon. Esta operação, sahe ainda muito melhor, quando os objectos estão em perfeito contacto, segundo por muitas experiencias tem confirmado o illustre philosopho de Kœnigsberg, o inventor ou descobridor da Scotographia Hers Mozer, que publicou sobre o assumpto uma interessante memoria em alemão, cheia, segundo consta, de ricas observações.

TRIBUTOS.

753 A esta redacção foi ha tempos remettido um opusculo com o titulo — *Projecto d'um tributo geral sobre a nação.*

Tinha seu author, o sr. *José Joaquim Freire, tenente-coronel effectivo do exercito*, boas esperanças, se elle fosse posto em execução, de que pelo seu methodo se-deveria extinguir a divida nacional.

Não podêmos deixar de louvar o empenho do auctor quando considerâmos o escabroso do trabalho em que se-arrojou na edade de 82 annos, e a promptidão com que está disposto a contribuir por sua parte para o sacrificio que tem por necessario, a fim de nos salvar da perdição em que não sem fundamento nos suppõe.

Todos estremecem quando olham para o fundo do abismo que teem diante dos pés; mas a maior parte dos alvitres que se-recommendam para o seu atêrro, mais assentam em bons desejos, do que em calculo.

Ora, calculos é que nós diligenciaremos estabelecer, para fundamento a melhores raciocinios. Se a virtude de um projecto de lei, consistisse em se-decretarem grandes impostos, nenhuma nação perigára per causa do máu estado da sua fazenda. Bastava il-os lançando até chegarem á conta, que logo cessavam as afflições, e não haveria ninguem que não podesse ser um grande ministro do Erario. Infelizmente porém não passa isto de um sonho em sinthetologia. Ha certas e dadas compensações no equilibrio das forças economicas de um povo, que posto escapem á percepção do commum dos observadores, nem por isso deixam de ser tão rigorosas, como a mais severa demonstração em mathematica. Obtido por via de um assisado systhema, o maximo computo de tributos, pretender forçar a receita d'elles d'ahi para diante, é o mesmo que querer vêl-a diminuir rapidamente. E' o que hoje está succedendo nas nossas alfandegas.

Não é preciso nenhum espirito faccioso para isto se operar, pois succede em todos os paizes e sobre todos os regimens. Embora haja as melhores disposições da parte dos contribuintes, o effeito ha-de ser o mesmo, porque nasce da impossibilidade. Augmento em um imposto paralisa a extracção do genero; o consumidor não lhe-póde chegar; o possuidor arruina-se. Logo estancar-se-ha tanto o costumado rendimento público, que delle indirectamente procedia, como o novo que se esperava. Esta verdade ninguem a-póde contestar.

Mais ainda.

Um povo nunca paga nem póde pagar mais do que os valores que póde converter, e que póde dispensar. Esta nação possue mais do que está devendo; mas em bens moveis e semoventes não é que o estrangeiro ha-de querer ser pago. São valores para nós mas não para elle, que não póde apreciar os nossos prédios, as nossas cazas, a nossa mobilia, nem o nosso trabalho. Contar pois com isso para solver as nossas obrigações externas, é fantasia e chimera: são riquezas mas só para dentro do paiz, nem tambem nós as podiamos alienar sem nos despedirmos da existencia.

Conjecturas, e algarismos, mais ou menos bem fundados, vão servir-nos para aclarar a questão nesta apurada conjectura da nossa fazenda tanto particular, como pública.

O Author da memoria citada, ignora o quantum da nossa divida: é falta capital. Pelos últimos documentos publicados officialmente colligimos nós que a sua importancia é pouco mais ou menos a seguinte;

			Réis.
Divida externa ou ingleza.		49.814.804$629	
Juros atrazados a junho 1841.		7.303.203$123	57.118.117$752
Divida externa orçada pelo ministro *Florido* . .		23.128.857$399	
Dita por ministro *Avila*	6.520.000$		
Dito, dito .	1.368.000$	7.888.900$000	31.017.757$399
Divida fluctuante, pouco mais ou menos			24.000.000$000
			112.135.875$151

ou para acima de 280 milhões de cruzados. Uma divida destas, não se-extingue com o recrescimento de impostos, sobre os comestiveis que a nossa indigente população consome. Por uma revolução radical na industria, é que unicamente se-póde adiantar a sua amortisação.

Se o sr. *Freire* ignorou a importancia da nossa divida publica, não lhe aconteceu outro tanto na nossa despeza annual,

que elle foi extrahir do orçamento publicado pela commissão externa de fazenda creada por decreto de 22 de março 1841, importando Rs. 11.102:541$151. Tambem comtudo lhe faltou um quesito essencial, para poder determinar com segurança, os novos impostos que propõem para a extincção da nossa divida pública, e foi, saber qual era o nosso *deficit* para nivelar a receita com essa despeza. — Supprido o primeiro, então se-poderiam exigir novos sacrificios para extinguir a divida, porque antes de tudo, se-deve manter o estado, e depois se-curará de distractar os capitaes dos encargos fundados da Junta do crédito, e os outros que ainda estão fluctuantes.

A *receita* pública não se-póde arbitrar em mais de Rs. 8.500:000$, a não se-querer fantasticamente encorpar as verbas de que se compõe.

Désta quantia a 11.102:541$151, vão Rs. 2.600.000$ ou por outra, é necessario lançar mais 30 por cento de impostos sobre os actuaes. E será isto possivel? Não o-cremos. Necessitamos de melhores principios em economia politica, do que os que estão actualmente em voga, para os contribuintes poderem acudir ás necessidades do thesouro.

O nosso benemerito militar cuida, e n'isto vai com quasi toda a gente, que póde haver misterio em tributos, lançando-os por maneira que se-não presintam, insinuando-os insensivelmente na subsistencia do contribuinte. Uma contribuição, é um toxico. Deem-no como quizerem, que elle a final lá ha-de ír exercer a sua acção mortifera, aonde menos o-presumirem, o-inexperto applicador e a sua victima imprudente.

As massas do povo pobre é que fazem a-força de todas as nações em todos os sentidos, fiscal, industrial etc. Ora para estas, um real ou dois reaes por dia de imposto, em qualquer dos generos da sua subsistencia, é de muito gravame. Para se entender quanto elle seja, convém saber que em Portugal talvez cada individuo, presupponda todos os rendimentos divididos por todas as pessoas com egualdade, não ganhe mais de meio tostão por dia. Para este 1 real vem a ser não menos de 2 por cento, e 10, 20 por cento.

Pouco se tem escripto ou quasi nada sobre esta materia em Portugal, mas não falta quem nos paizes estrangeiros a haja elucidado; nomeadamente em França. Por calculos feitos naquella nação ainda ha pouco pelo barão *Dupin*, não cabe a cada francez mais de 128 réis por dia. Se este é o rendimento d'um francez, o de um portuguez, attento o seu desleixo, não póde calcular-se em mais do que o fizemos. Ainda o nosso lanço de 50 rs. diarios, por cada individuo, nos parece excessivo, aliás haveria menos difficuldade em realisar a arrecadação dos impostos. Os 50 réis multiplicados por toda a população, sommam 59 mil contos, tirem-se daqui 11 mil contos de contribuições para o thesouro, e mais 2 mil para as despezas locaes, ficam 46 mil contos, para a subsistencia, e mais necessidades do povo.

Ora com uma quantia de 14$000 rs. por anno a cada individuo pouco ou nada póde elle fazer. Nem sabemos como haja quem se-aventure a propôr novas alcavalas para ainda attenuar.

Se o Sr. *Freire* em logar de propôr novos tributos, houvesse proposto um invento, uma industria, por onde augmentasse o rendimento das familias, teria achado a verdadeira solução ao seu difficil problema. O nosso grande fim não ha-de ser exhaurir senão abastar. O remedio não é sangrar, é nutrir e fortalecer.

As rendas das alfandegas de Inglaterra no seculo 13.° eram lb. 6.000, ou 24 contos, hoje são 200 milhões de cruzados, com menos extorsões do que na época do feudalismo, ou antes, sem nenhuma. ¿E por que? pelos principios que nós recommendamos de moderação e de illustração.

Claudio Adriano da Costa.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

CONCELHO DE ESTADO.

8 de septembro do 1569.

754 Commemorâmos hoje a instituição do mór tribunal do reino, o único a que hão presidido os nossos reis — O Concelho de Estado.

Emquanto o cardeal infante D. Henrique governou este reino por minoridade de ElRei D. Sebastião, lhe-fizera o célebre stadista Affonso Pires de Tavora proposta para esta creação, apresentando junctamente um grande memorandum de assumptos que o Concelho devia resolver. Com effeito o cardeal em nome de ElRei, por alvará e regimento d'este dia, instaurou o Concelho de Estado, que d'então até agora foi sempre composto das altas dignidades eccelsiasticas e da nobreza.

O instituto correspondeu á mente do instituidor, para confirmação do que, haja vista á relação dos trabalhos com sua ajuda feitos, apresentado pelo mesmo cardeal quando entregou o reino ao sr. D. Sebastião, tanto que este chegou á maioridade.

Gosaram seus membros sempre da mais alta consideração, e na—Historia Geneológica da Casa Real—cita-se como singular honra, ter ElRei D. João V recebido o Concelho de Estado, estando em cama sangrado, pelo que lhe-fallaram de joelhos.

A. da Sylva Tullio.

VASCO DA GAMA EM GREENWICH.

755 N'um bello dia de septembro inglez (nunca tão bello como os de um septembro de *Cintra* ou de *Coimbra*), fui, ha poucos annos, acompanhar a *Greenwich* um amigo e patricio, que por *Inglaterra* transitava, e que desejou visitar aquelle estabelecimento, tão util quanto honroso para esta nação. Tinhamos visto dormitorios, cosinha, refeitorio, tudo na mais admiravel ordem, e chegámos finalmente á porta da formosa galeria, verdadeiro templo erigido e dedicado á gloria naval britanica. Não era a primeira vez que eu alli tinha ido render meus cultos á deusa, por lembrar-me, que antes de vir aposentar-se nas margens fumosas do *Tamisa*, se-tinha deleitado, sob o titulo então de *Lusitana*, em honrar com a sua presença as entradas magestosas do Téjo. Inda fóra do limiar lançando para dentro a vista, deu-me nos olhos, de logar proeminente, um gesto, um garbo tão classicos da nossa terra, que me-fizeram exclamar para o companheiro, apontando-lhe de longe para a pintura: — « Aquel-» la figura não póde deixar de ser portugueza, e por-» tugueza de bom tempo. » — Levou-me a ella direito a curiosidade, e logo que pude ler-lhe o rotulo, vi, com acrescentado prazer, o nome de *Vasco da Gama*. Em *Lisboa* havia o retrato sido recentemente (em 1838) mandado copiar por não me-lembra que official inglez, o qual o enviou de presente para aquella galeria. Do lado opposto observei depois tambem, correspondendo a este quadro, o retrato de *Christovão Colombo*, cópia egualmente de *Lisboa* transmittida pelo mesmo official.

Confesso que me-admirou agradavelmente o ver, como não esperava, os inglezes de hoje (que parece fazem consistir n'um só capitulo — o das suas acções — toda a historia moderna) dignarem-se admittir na companhia dos seus heroes um portuguez qualquer; maiormente um, cuja gloria e façanhas foram anteriores a todas as outras, numerosissimas e brilhantissimas por certo, que enchem o largo espaço e cobrem os vastos muros d'aquelle *naval* pantheão.

O meu amigo que vinha alli pela primeira vez,

queria levar por ordem o exame da galeria, havia começado pelos primeiros quadros á direita da porta, e achava-se comtemplando o retrato, todo marujo e hollandez, do célebre *Van Tromp*, que ficava fronteiro ao do nosso *Gama*, e que um tanto me-admirou tambem vêl-o alli, quando a sua glória e fama tinham sido principalmente adquiridas á custa dos britanicos. Interrompi ao conterraneo em seu methodico exame, não podendo inhibir-me de convidal-o a saborear comigo, o justo desvanecimento portuguez, de ver alli representado um patricio nosso, que podia sem presumpção ou injustiça, arrogar-se a primasia na brilhante assembléa dos centenares de heroes, cujas imagens o-rodeavam. Phantasiando, com effeito, agora resuscitados, com o nosso *D. Vasco*, todos aquelle distinctos maritimos, desde *sir F. Drake* até lord *Nelson*, ¿qual d'elles deixaria de honrar-se com dar a cadeira de presidente ao primeiro almirante do mar das *Indias?* Só o grande genovez lhe-poderia disputar com sombra de justiça tal distincção; mas não tenho dúvida que este mesmo lh'a-cederia, e a justo titulo.

Dôces eram por certo, estas considerações; mas em breve foram logo seguidas por outras de mui diversa natureza. Prompto veiu após o luctuoso pensamento, da insignificancia e degradação actual da nossa Lusitania, a idéa mortificativa de que, para mostrármos hoje de nós alguma coisa de honroso e de glorioso, em valor social, historico, litterario, em sentimentos nacionaes, em verdadeiro patriotismo, precisâmos considerar-nos como uma grande ruina politica e moral, e aproveitar-nos do só favor dos monumentos deixados pelos tempos que passaram, precisâmos considerar *Portugal* como um vasto cemiterio, e procurar o seu valor e merecimento, quasi só nas memórias históricas e tumulares!

Proveitoso é todavia, tal estudo, e não pequeno serviço faz a *Revista Universal Lisbonense* em occupar-se tanto de trazer á tão merecida luz, os preciosos restos do *Portugal* antigo, em desassombral-os das silvas do despreso, em limpal-os do musgo, e sacudil-os do pó do esquecimento. A belleza, o préstimo, a sabedoria, d'essas venerandas reliquias, já, se me não engano (a mesma *Revista Universal* me-fornece os indicios), começam a namorar mais e mais almas verdadeiramente portuguezas e bem formadas, que me-parecem destinadas a resuscitar, ao menos em parte, os pristinos e nobres meritos da nossa patria. Na historia, na litteratura, nas artes, nas sciencias, em geral vejo tendencia clara para regresso ao bom espirito portuguez de nossos maiores; mas; com magoa o confesso, é só na politica, no que pertence á perfeitissima e magestosa machina de nossa organisação social antiga, que vejo fazer a mais deploravel excepção, indo atraz de tudo quanto é estrangeiro, novel anti-nacional, e direi mais, anti-politico e anti-social. N'esta parte, não se-quer outro mestre mais que algumas gazetas estrangeiras, algumas imperfeitas e mal-adoptadas fórmulas, copiadas das praticas e assembléas de gente com outros sentimentos, outras idéas, outros costumes, outros hábitos, outros interesses e outra patria, que os nossos; quer-se enxertar, em fim, na antiga Lusitania um *Portugal* semi-francez, e semi-britanico! — Se visse isto um *Vasco da Gama*!....

Voltando a coisas de tempos mais portuguezes; aproveito esta occasião para apontar aqui mais uma de tantas provas do muito que n'esses tempos faziamos, e valiamos e do pouco que hoje valemos e fazemos. Ha dias li no *Morning Herald* o seguinte extracto de uma folha de *Portsmouth*:

» Quatro peças de artilheria de bronze, tomadas últimamente aos Chinas, acabam de desembarcar-se aqui. Duas d'ellas teem 12 pés de comprido, 10 polegadas e 4.10 de furo, 2 pés e 6 poleg. de diametro; a terceira tem 11 pés e 2 poleg. de longo, 8 poleg. e 8.10 de furo, 1 pé e 8 poleg. de diametro. A inscripção em cada uma d'ellas é: — » *Da cidade do Nome de Deus da China. Carol. F. data de* 1627.» Assim traduzo ou corrijo a cópia que dá o papel inglez, onde estropia a inscripção d'esta sorte: — » *Da citate Donome Dedeos da China* » maker » *Carol. F.* » date 1627. — Outra peça pequena de calibre 6, fabrica ingleza, com o distico: — *Richard Phillips made this piece.* — 1601. » (Ricardo Phillips fez esta peça, em 1601). Feita em Londres. »

Assim se-vê que ha 215 annos iamos nós fundir á *China*, grossa e possante artilheria, com que ainda agora se-defende contra seus civilisantes envenenadores o » Imperio Celestial » Hoje servem esses nossos obras de tropheos de » glória » a nossos generosos alliados — não lhes-invejâmos, com tudo, tal *glória* ganha n'uma guerra de veneficio: um governo do nobre *Portugal* antigo, nunca decretaria ou sanccionaria tal guerra; capitães como um *Vasco da Gama* nunca houveram consentido em n'ella se-empenharem!

Londres, 13 de Agosto de 1842.

A. Ribeiro Saraiva.

VISTA INTERIOR DE COIMBRA.

(Continuado da pagina 543.)

D. MARIA TELLES DE MENEZES.

O seu Palacio.

756 Ainda estavam salpicadas de fresco sangue as paredes do palacio da «quinta das lagrimas» como que ainda alli resoavam os clamores da malfadada «Ignez de Castro» implorando a clemencia de seus algozes, quando o assassinio de uma dama tão nobre como a esposa do principe D. Pedro, tão formosa como o «Collo de Garça» (1), encheu de lucto a cidade de «Coimbra» ainda horrorisada d'aquella funesta catastrofe. Perfidos conselheiros, sob pretextos especiosos, impelliram o «Heroe do Salado» a decretar a morte da esposa de seu filho; uma mulher perversa e dissoluta, a «Lucrecia Borgia» portugueza, armou de punhal traiçoeiro as mãos de um credulo mancebo para sacrificar sua irmãa.

Rendera-se o infante «D. João» á boa graça de D. Maria Telles de Menezes, senhora de rara discrição e formosura, e ao titulo de amante juntou o de esposo para possuil-a. «D. Maria descendia de reis, e o casamento de «D. Fernando» com «D. Leonor Telles» auctorisava o do infante, accordáram todavia em occultal-o; mas não foi tão precatado o segredo que o ignorasse a rainha, aproveitando-se do ensejo para

(1) Assim chamavam a D. Ignez de Castro — é o nome com que os antigos portuguezes encareciam uma belleza, por extremo grande.

perdel-os. — Queixa-se ao joven principe de que pela satisfação de um desejo se-mallográra o seu casamento com «D. Brites» unica herdeira do throno, e que a despeito de tão duro sacrificio sua irmã lhe-era infiel. — Accredita esta nefanda calumnia o ambicioso mancebo, e menos estimulado do imaginario ultrage que da privação da corôa, resolve, para recuperal-a, tirar a vida á infeliz Telles.

Eram cinco horas da madrugada do dia 28 de novembro de 1377, quando o infante, ao cabo de muitas leguas de jornada, pára no recio, proximo da ponte do «Mondego» e descobre aos creados o motivo de sua vinda a «Coimbra.» Pelas mais ermas ruas da cidade se-dirigem os mal intencionados á morada da innocente senhora, batem alto e descompassadamente á porta, e não lhes-soffrendo a impaciencia que de dentro se-abrisse, á viva força a arrombam. Por entre gritos de creanças e mulheres, despertadas ao subito estrondo, vão os malvados, capitaneados pelo infante, penetrar na câmara da illustre victima. Gelada de terror apparece em pé, desgrenhada, e mal envolta em uma colcha, que não se-lhe-dera occasião de compôr-se melhor; reconhece ao infante que com aspecto furibundo se-lhe-arremessa, quer serenal-o, pede-lhe que um só momento a escute; porém elle mais deshumano que os assassinos de sua mãi, com affronta do pejo e escandalo dos presentes, acaba de descobrir aquelle honestissimo corpo, e com duas punhaladas o-prostra sem vida juncto do leito em que havia recebido os mais ternos testemunhos d'extremoso amor (2).

Na rua de Sobre-Ripas fica o palacio onde se-consummou esta obra de iniquidade; é edificio vasto, e bem conhecido pela sua fórma acastellada, e negridão das paredes, que contrastam com as mui alvas da casaria em que está encravado. Primorosos florões, silvas entrelaçadas, e um escudo d'armas já carcomidas, constituem o portal; figuras várias e multiformes, de marmore, em baixo relêvo, aqui e alli embutidas, attrahem a attenção do antiquario; provoca tambem suas conjecturas uma cruz da feição da ordem de Christo entalhada n'uma das quinas. — O mestrado de Christo fôra dado a «D. Maria Telles» para seu filho «D. Lopo Dias» porventura d'aqui a existencia da insignia da ordem.

O interior do palacio conserva a pristina fórma com leves mudanças; merece especial menção a porta da casa do assassinio, é parabolica, de oito palmos de altura, quatro de largura, sem umbraes nem padieira. Escadas de caracol, estreitissimas, e esboroando-se conduzem ao logar das antigas torres; um como reducto, quadrado, construido de cantaria, denominado «casa da torre» communica com o edificio por um corredor hoje descoberto; diz-se que tambem uma estrada subterranea ia dar ao rio.

R. de Gusmão.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

757 Os ESTADOS UNIDOS florecem em industria e continuam a reforçar-se pela hospedagem de emigrados de prestimo, mormente francezes. Os receios que havia de quebra de pazes com Inglaterra, parecem ter cessado ao menos por agora.

No BRASIL as tropas imperiaes alcançam assignaladas melhorias nos recontros com as dos insurgentes.

A AMERICA DO SUL continua a correr o fadario de tyrannia, anarchia e guerra civil!

Os inglezes na CHINA tem-se com poucas tropas asenhoreado de algumas paragens de tanta monta, que sopêam uma larga quantia de povoação.

O colloso inglez tem os pés de barro, mas o colloso chim por seu mal tem de barro todo o corpo...

A TURQUIA, e a PRUSIA armam-se açodadamente para descer á arêna dos combates, e em vão, segundo parece, forcejam os representantes das outras nações por lhes-ter mão.

A RUSSIA não jaz em tão profundo somno de segurança, como pelo forçado silencio da sua imprensa se-cuidaria; diz-se até que o regecidio já começou por lá a dispôr suas machinas infernaes.

A pobre Circassia continúa a resistir-lhe gloriosamente. E a martyrisada Polonia dá visos de querer levantar-se do pôtro contra o verdugo.

Na INGLATERRA forceja-se para reprimir a insurreição da fome, e imagina-se que o ferro póde supprir o pão! O povo discorre pelo ventre, e não o-intende assim.

Começou-se a lucta entre a democracia não exagerada, e a aristocracia pecuniaria exageradissima; o resultado proximo ou remóto não é difficil de prever. Aquella grande nação para chegar á sua possivel bemaventurança, tem de passar infallivelmente pelo purgatorio de uma revolução profunda, em que o systhema da propriedade de novo se-recomponha.

Na FRANÇA o projecto que o govêrno presentou (segundo se-diz feito por el-rei) para se-dar a regencia ao duque de *Nemours*, já pela câmara dos deputados foi approvado. O poeta e o historiador *Lamartine* e *Thiers* assignalaram-se n'esta questão.

A ITALIA estuda, canta, dança, desenha e imprime; tudo com grande fúria. N'esse paiz ha tambem politica, mas latente.

Na HISPANHA cessou o apuro financeiro, que produzira a crise ministerial, havendo fortes esperanças de se-obter um emprestimo.

Continuam tropas na frontaria de *Portugal*; mas os jornaes dizem, que não ha entre os dois govêrnos inimisade.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

758 Diario do Govêrno de 18 de agosto — Portaria do thesouro, exigindo de todos os governadores civis, a remessa dos lançamentos da decima de 1840 a 1841.

— de 24 dicto — Portarias dos ministerios da fazenda, e justiça sobre o edificio do extincto convento da Bôa-Hora, que por ellas se-manda destinar para estabelecer todos os tribunaes de justiça de primeira instancia.

— de 25 dicto — Portaria do ministerio do reino, requesitando a todos os governadores civis, a estatisca dos expostos dos seus districtos.

— de 26 dicto — Orçamento geral do rendimento

(2) Vide Chronica d'el-rei D. Fernando por Fernão Lopes — Collecção de livros ineditos de historia portugueza. — Tom. 4.º

e despesa do estado, apresentado ás côrtes pelo ministerio da fazenda.

— de 30 dicto — Portaria pedindo ao procurador régio relação de todos os bens que por dívidas ou qualquer causa tem sido adjudicados á fazenda nacional. — Relação dos solicitadores de causas habilitadas segundo a lei.

— de 2 de septembro — Annuncio feito pela secretaria de marinha da apparição de um «baixo» a léste da ilha da Boa-Vista na latitude N. 16° 17' e longitude a O. de Greenwich 22° 21'

— de 7 dicto — Lei ordenando que os officiaes da secretaria da câmara dos pares hão-de servir de escrivães quando esta se constituir em tribunal de justiça. — Dicta provendo a substituição do presidente e vice-presidente da câmara dos deputados.

CORTES.

759 A câmara hereditaria discutiu o projecto da creação dos escrivães para os seus processos quando se constituir em tribunal de justiça, o qual foi approvado na outro câmara, e convertido em lei. Deu causa a isto o processo que se vai instaurar contra o digno par *Marquez de Niza*, por desobediencia á justiça.

O projecto da auctorisação e o da remissão dos fóros estão para ordem do dia.

A câmara electiva approvou a resposta ao discurso da corôa tal qual a redigíra a commissão. Concedeu a auctorisação pedida pelo govêrno para arrecadar os rendimentos públicos, e levantar fundos por emprestimo para satisfazer aos juros da divida externa.

Approvou um projecto para a remissão dos fóros da fazenda nacional. Discute actualmente o projecto sobre a companhia dos vinhos do Alto Doiro.

O deputado *Baptista Lopes* apresentou um projecto para se-estabelecerem na provincia do *Alémtéjo*, casaes e povoações convenientemente distribuidas.

A imprensa applaudiu muito este alvitre, e nós aguardâmos o parecer da respectiva commissão.

CALÓTE PREGADO AO DIABO POR UM GUARDA MUNICIPAL.

760 Seis mezes ha, que um soldado da primeira companhia da Guarda municipal, por nome *Samuel Fortunato*, e por alcunha *o judeu*, se-via entrar quotidianamente, em casa, ora do thesoureiro, ora do parocho do *Sacramento;* d'onde, passado largo espaço, recolhia grave, e pensativo. O seu comportamento, que nunca fôra escandaloso, havia-se tornado n'estes seis mezes cada vez mais concertado, e já quasi entre seus camaradas o apódo de *judeu* se-lhe-ia convertendo no de *beato*.

¿Qual fôra porém o principio? Qual era a natureza e fim d'estas visitas mysteriosas? Filho e parente d'israelistas aferrados á sua religião, *Samuel* era israelista; posto que, de *Tanger*, onde recebêra a vida e a circumcisão, a sua estrella vagabunda o-houvesse conduzido, havia annos, a viver e militar entre christãos, e em *Portugal*, conservára comtudo, senão a prática do culto, pelo menos as crenças hereditarias; não se-ia baloiçar, nem psalmear na sinagoga, não deixava de comer a carne mal sangrada, mas esperava tranquillamente sôbre a tarimba do seu quartel pela chegada do *Messias*: ao sabbado, pesava-lhe de não participar do reposo dos doze tribus, mas ao domingo ia na fórma com os seus camaradas ouvir a missa da freguezia.

Sabedores d'esta especie de profanação do sancto sacrificio, os reverendos parocho e thesoureiro, dirigem-se ao capitão da companhia, o sr. *Barrot*, o qual lhes-promette fazer cessar a causa de suas queixas.

Era assaz para a decencia pública, era pouco para a charidosa consciencia dos ecclesiasticos: não bastava affastar da egreja um infiel; urgia reconduzil-o a ella convertido: o benemerito official lhes-dá ainda a mão n'este segundo empenho. Esperançado nos bons effeitos do zêlo e sabedoria d'ambos os ecclesiasticos, envia-lhes *Samuel*. Contar porque difficeis passos, logo desde a primeira visita, procedeu, e se-perfez a conversão e doctrinação completa do cathecumeno, fôra obra tão curiosa, como util; mas descabe por sua extenção, no papel onde escrevemos.

Já finalmente o fructo da arvore da sciencia estava colhido; era chegada a sazão de se n'ella enchertar a arvore da vida. A cinco do corrente, o magnifico templo do Sanctissimo Sacramento d'esta cidade, achava-se apinhado, até fóra das portas, e grande espaço da calçada, com pessoas de ambos os sexos, e de todas as jerarchias, que, attraídas da fama, accudiam a presenciar com avidez o baptismo do soldado: o corpo da egreja, o chôro, as tribunas, as capellas, o baptisterio, tudo estava chumbando; fileiras de damas da maior elegancia, se-viam de pé sôbre as têas e balaustradas, realçando por sua formosura, e pelo desabrochado contentamento de seus semblantes, o interesse d'aquelle insolito spectaculo. ¡Quadro era não menos delicioso para os olhos, do que para o coração, e para o entendimento!

Não sabemos coisa de mais bella sublimidade, nem verdadeiramente mais tocante, do que é a-força, a gloria, a altiveza militar, que em nenhuma parte da terra, que em nenhuma circumstancia da vida, se-abnega, humilhando-se voluntariamente na casa do Deus de paz, e venerando de joelhos aos ministros do altar, a esses velhos só armados de mansidão, a esses desenganados, a quem todas as maiores pompas mundanas só devem parecer escuridão, vaidade, e miseria. Nenhuns hymnos terrestres (se a razão severa o não diz, a phantasia pelo menos o-cuida no seu enthusiasmo) nenhuns hymnos terrestres devem retinir mais agradavelmente aos pés do throno do Altissimo, do que as homenagens que um numeroso corpo armado lhe-rende sob as abobadas sanctas, pela voz guerreira e estrondosa de cem instrumentos fundidos para proclamar as batalhas e os assaltos, as victorias e os triumphos; tal foi, em grande parte, o character d'esta solemnidade. Toda a primeira companhia de infantes da Guarda municipal, em grande uniforme, com o seu capitão á frente, tres soldados de cada uma das outras, de ambas as armas, de pé, e de cavallo, o commandante, o sr. *D. Carlos de Mascarenhas*, e muita outra officialidade, accompanhavam com toda a brilhante banda da musica municipal, ao seu camarada até á fonte das aguas vivas da regeneração: de soldados se compunham as alas que ao longo da egreja guarneciam a passagem da ceremonia, resplendecendo em suas mãos tochas accêzas: excellente musica de capella, assim vocal, como instrumental, (gratuita, como tudo que aí concorreu) ajudava a devoção do acto; a numerosa confraria do Sanctissimo, toda presente, o alegrava com as suas purpuras: uma copiosissima clerisia lhe-accrescentava a gravidade: a louçania das armações; os perfumes do incenso; os repiques dos sinos, o poetisavam: de muitos olhos, de quasi todos, corriam lagrimas de ternura.

Concluído o baptismo, em que foi padrinho o sr. *D. Carlos de Mascarenhas*, e o sr. *Barrot* tocou pela madrinha, ao som de uma súbita acclamação triumphal, executada pela musica da Guarda, subiu o neóphyto *Samuel*, já transformado no christão *Carlos*, da porta do templo com toda a comitiva, para a capela-mor: aí collocado á parte da epistola, entre os padrinhos, e com a vela accêsa na mão, escutou devotamente, por entre o maior recolhimento dos circumstantes, uma curta, mas eloquente pratica, na qual o douto e religiosissimo parocho, lhe descubriu a enchente de graças, que n'essa hora recebêra, e os novos deveres que livremente contraíra para toda a vida. Seguiu-se o *Te Deum* com instrumental, e expôz-se o Sacramento: terminou a festa, celebrando o mesmo prior, missa por intenção do neóphyto, alumno seu, e seu verdadeiro filho espiritual. O reverendo padre thesoureiro, á saida, restituindo-lhe a véla, que para êsse fim mandára fazer, toda florida, e com muitas invenções de côres e doirados, lhe recommendou que a conservasse, a fim de ter sempre comsigo testimunha que lhe-recordasse as novas e santas obrigações que se impuzera.

Um lauto jantar, dado á companhia no refeitorio do extincto convento do Carmo, pelos srs. *D. Carlos* e *Barrot*, pôs remate ao mais bello dia que em seus vinte e oito annos de edade haveria gosado o israelita.

Presupposeram algumas pessoas, que o amor, ou outros interesses profanos, foram os mais efficazes missionarios d'esta con-

versão; enganaram-se; quanto ao amor, assim no-lo affirma quem por tracto mui particular conhece agora a fundo o sr. *Carlos Fortunato*; e quanto aos interesses de fazenda, nem se quer se póde dizer que tomou o ceu de graça; seu pae no *Brazil*, em *Lisboa* seus thios, são negociantes grossos, e tão affincados e ateimados na lei de sua creação, que mais depressa lançariam ao mar os seus haveres, do que deixa-los a quem a renunciou. A adopção do testamento novo, custou por tanto a *Samuel* alguns tres testamentos futuros pelo menos.

QUEM COM FERRO MATA COM FERRO MORRE.

761 Em a noite de 11 de agosto, no sitio de Pedra Longa, onde partem as freguezias de S. Miguel e S. João, proximidades de Guimarães, appareceu morto, de tiro, um façanhoso ladrão e assassino por nome João da Costa, antigo terror d'aquellas visinhanças; todo o espolio que juncto ao cadaver se-encontrou, foram uma cabaça com vinho, e n'um saco uma gallinha e quatro frangãos. Todos os que poderam o-foram ver, não ainda sem um resto de terror, e dando muitas graças a Deus de haver desassombrado as suas terras d'aquelle javali. A mão desconhecida do seu vingador, foi geralmente abençoada.

EXTRAORDINARIO MODO DE SALDAR CONTAS COM A FAZENDA NACIONAL.

762 O cosinheiro de uma tasca no largo do Pelourinho, havia sido intimado para solver uma decima industrial, inteiramente superior aos seus poucos meios, tendo mulher e seis filhos a quem suppria com a sua diminuta agencia. Chegava o prazo de ser executado, toma a faca da cosinha, e atravessa o coração. Esta miseria aconteceu no domingo ultimo.

CAÇA A LADRÕES.

763 *Braga 18 de agosto* — Na tarde do dia 20 do mez proximo passado, foi morto um desertor do regimento n.º 14, por appellido o *Rocha*, chefe da quadrilha que tem infestado as freguezias de *Adaufe*, *Crespos* e visinhas do districto de *Braga*, na occasião em que sendo preso pelos cabos de policia desfechára com elles. As auctoridades teem mandado differentes destacamentos de tropa para aquellas freguezias, os quaes junctos com o povo, teem affugentado os ladrões que compoem a mencionada quadrilha, que em breve cairão nas mãos da justiça.

Gazeta dos Tribunaes.

GALHARDIAS DE SENHORES.

764 S. A. o principe austriaco, primo de S. M. Fidelissima, aproveitou a sua curta visita a esta cidade em ver quanto n'ella havia mais notavel. Profiam maldizentes em que não levaria muito para contar em suas terras; mas é falso; basta que assistiu á muito nobre e rutillante funcção da ultima corrida dos chamados «toiros dos fidalgos»: brincadeira de bois manços a-alcunharam os praguentos, affirmando que, se ahi houve alguma coisa tourcada, não foram certamente os da Chamusca. Nada podêmos decidir n'este particular, porque não tivemos a honra de assistir; mas sempre nos-parece, que essa famosa tarde preparada á custa de tantos mil cruzados, annunciada por tão estrepitosas girandolas, e que despovoou meia Lisboa, devia de ser explendidissima! nós pelo menos vimos um grande numero d'esses inclitos toireiros, cavalleiros, capinhas, e homens do forcado, n'essa mesma noite, e com os mesmos aparatosos trajos, com que no campo acabavam de brilhar, subir triumphalmente pela platêa do theatro normal, para darem com sua presença ás damas um expectaculo inopinado, e mais curioso que o do proprio Réo atroz; só assim poderia haver quem arrancasse ao sr. Sargedas a palma de tal noite! Não, S. A. austriaca, não é possivel que deixe de nos-ir fazer muito boas ausencias! elle havia, necessariamente, de ter lido, e com assombro, as históriasgloriosas dos nossos antigos fidalgos, de que foram acanhados theatros todas as partes do mundo, mas agora!.. póde, pelos seus proprios olhos, certificar-se da veracidade d'essas façanhas incriveis pela heroicidade, e proezas de seus não degenerados descendentes!...

ROMANTISMO ÇAPATEIRAL.

765 A 25 do passado um çapateiro, morador na rua da Penha de França, á Patriarchal Queimada, appareceu morto juncto á sua cama, tendo-se suicidado com um laço que armou no tecto. Seus vizinhos, que o foram procurar por serem passadas as horas em que elle costumava abrir a porta da casa, o acharam n'aquelle misero estado. Não se póde atinar qual fosse a causa d'um facto tão desesperado.

(Restauração.)

HONROSO LAUREL ACADEMICO.

766 Lêmos no *Periodico dos Pobres do Porto*: »*Coimbra 17 de agosto.* — No dia 24 do mez proximo passado, se-doctorou na faculdade de direito na Universidade de *Coimbra*, o joven academico *Antonio José Marques Corrêa Caldeira*, natural de *Ponte do Lima*, official maior do governo civil de *Coimbra*, e sobrinho do sr. *S. Luiz*; concluiu admiravelmente sua carreira, e largos annos decorrerão antes que outro egual em profundesa de idéas, graças e exactidão de palavra, propriedade de respostas, ahi volva a sentar-se. A' noite houve um selecto e brilhante baile dado pelo doctorado na quinta de *Revelles*, dos extinctos frades de *Sancta Cruz*, ao qual assistiram cincoenta e seis senhoras das principaes familias da cidade; fazendo as honras da casa S. Ex.ª a condeça de *Terena*, esposa do conde reitor da Universidade: a funcção terminou pela madrugada a contento de todos.

MALFEITORIAS DE CÃES.

767 Hoje quarta feira, um criado do sr. deputado *João Rebello da Costa Cabral*, estava na rua intendendo na limpeza d'um cavallo, passa um cão á carreira, espanta-se a alimária, expede um coice, que tomando ao infeliz pelos peitos o estira morto! ¿ A quantas tragedias não tem já dado occasião, n'esta cidade, os cães?

NOVO DICCIONARIO PORTUGUEZ.

768 Saiu á luz o diccionario da maior parte dos termos homónymos e equívocos da lingua portugueza; augmentado com uma grande cópia de vocabulos technicos, e sua etymologia, e enrequecido com os adagios da lingua, e muitos trechos de história, critica, e antiguidades; por Antonio Maria do Couto. Lis-

boa 1842, 1 vol. fol., encad. 3,600 réis. Nada podemos dizer por ora d'esta obra, nenhum exemplar foi ainda enviado a esta redacção.

MAXIMOS EFFEITOS DE CAUSAS MINIMAS.

Carta.

768 O cuidado que VV. teem tomado em mencionar no seu utilissimo Jornal as victimas da barbaridade e desmoralisação no nosso malfadado paiz, me obriga a narrar-lhe um horroroso facto acontecido nestas vizinhanças.

Na noite de 9 do corrente mez, pelas 8 horas e meia, na Freguezia de Paços de Gaiolo, Comarca de Soalhães (*horresco refferens*) se matárão reciprocamente dous homens com pancadas e facadas. Uns poucos de figos forão o fatal pomo de discordia entre estes dous desgraçados. Encontrando um ao outro em uma figueira sua a comer-lhe os figos, mas achando-se inerme para o acometer, transferio para outra occasião, e com effeito na referida noite se encontraram, e travaram o funesto duelo que decidiu da vida de ambos.

Sinfães 24 d'agosto de 1842. *P. João J. da S. Guedes.*

FABRICO DE DINHEIRO FALSO.

769 Sob egual rúbrica refere o *Nacional* de 6 do corrente, que o funestissimo crime de fazer e lançar no giro moeda falsa, continúa a repetir-se com grande fúria, e que só para a feira de *Viseu*, consta haver cinco encommendas de tal moeda. Os cruzados novos são de uma perfeição, que enganã, e vendem-se por 300 réis.

FRUCTO DOS AMORICOS.

Aviso a magandes.

770 Na ilha da Madeira José de Jesus, por alcunha (o Galinhola) foi condemnado pelo jury a degredo perpetuo para a Africa, e a pagar 100,000 réis a Maria de Jesus, filha honesta de lavrador, por o réo desinquietada, desflorada e gravida; e por elle mesmo tambem, de mais a mais, diffamada com as mais atrozes calumnias na contrariedade ao libello. A relação de Lisboa confirma a sentença, quanto aos 100,000 réis, mas attendendo a que o réo tem já padecido dois annos de prisão, commutta-lhe a perpetuidade do degredo em 3 annos para as ilhas de Cabo Verde.

ASSASSINAMENTO DE UM JUIZ!

771 As justiças de Portugal acabam de padecer um inaudito desacato no assassínio de um de seus integerrimos magistrados o sr. Dr. Nicolau Baptista de Figueiredo Pacheco Telles, juiz de direito da comarca de Midões!

Saía em 30 do passado pelo meio da noite, de casa do Visconde de Midões para a sua, e no transito foi acomettido e assassinado, sem que até agora se descubrisse quem foram os homicidas.

E' quanto se-publicou em côrtes, o que obrigou o governo a propor providencias extraordinarias para castigar peremptoriamente taes atrocidades.

¡Que venham essas medidas extraordinarias, pois que tão extraordinariamente desaforado vai correndo este nosso tempo!

EMIGRAÇÃO.

772 Assim de *Portugal*, como de suas ilhas continúa a saír para a *America* número grande de mancebos, rapazes, e familias inteiras a correr fortuna — cuidam elles — mas em realidade a passar trabalhos e amarguras d'escravaria. O desatino d'estes mal-aconselhados, não só a elles os perde, senão que ameaça progressivo crescimento aos males da patria; males, já hoje tão graves, que filhos seus lhe-fogem em cardumes do macio e perfumado regaço, para se-irem sob estranho céo suar agua e sangue, morrer de fadiga e saudades! Se ha lei, ou leis por onde tal se-possa atalhar, que as-appliquem rigorosamente; se não a ha que as-façam; se as não fazem, as auctoridades que imaginem e ponham por obra todos e quaesquer meios, para cada uma por sua parte vedar o passo a está insensata deserção. Antes se-violem aqui ou acolá os princípios absolutos da liberdade, do que se consinta, por não quebrantar theorías, em deixar esvair-se de todo, uma pobre nação já tão mortiça e defecada.

¿Quando a terra pedir em vão braços de cultivadores, as fábricas operarios, os navios marinheiros, e soldados as praças e os costellos, será da página das *garantías individuaes* que hão-de saír os marítimos, os peleijadores, os artifices e os colonos?

¿Mas se para tudo isto ha objecções, ou difficuldades, não está ainda por tentar um remédio mui suave, mui prompto, mui fácil, mui isempto de reprehensões, e provavelmente efficacissimo? ¿a persuação? Comètta o govêrno o cuidado de desvendar os olhos do povo sobre este grave assumpto — por uma parte, aos jornalistas, por outra aos pastores espirituáes. A cadeira da verdade era antigamente o único oráculo das turbas, grande porção d'ellas desertou d'esse oráculo para o que de novo se-fundou, sob o nome de imprensa: o que a homilia perdeu de ouvintes, o *artigo de fundo* o ganhou; prégue-se pois aos portuguezes ignorantes, famintos e alucinados por vãas promessas de estrangeiros, prégue-se-lhes pelo escripto, e pela palavra, nas cidades e nos campos, mundâna e religiosamente; em nome da patria e em nome da religião; o amor da terra natal; a fé na providência; a esperança no progresso vagaroso, mas certo das coisas; a charidade natural que obriga o homem a amar a si, e aos seus, e á casa, e á terra do nascimento; a vaidade da maior parte das promessas; o amargor de remórsos tardíos; o desconsôlo de acabar entre desconhecidos; de jazer em terra que nenhuma lágrima vai humedecer; e como estas, mil outras verdades demasiadamente verdadeiras.

Para viver não basta o pão, ha-se mister da palavra de Deus, diz o Evangelho; e ha-se tambem mister da patria, diz a philosophia e a experiencia; e tudo isto, e até muitas vezes o pão, com cuja amostra de longe o engodaram, vem a faltar ao escravo branco, que não vendido por outrem senão por si mesmo, se-arremessa das boas terras portuguezas, para sertões indómitos; e do seu mundo conhecido e sabido, para outro mundo que nunca para elle ha-de ser céo!

QUI PRO QUO.

773 Discutia-se em certa sociedade n'um dos se-

rões da semana passada, o merecimento comparativo de algumas das obras ál'amoda. Um pintalegrete cuja consciencia não era das mais escrupulosas, requeria para as *Memórias do Diabo* a palma não do martyrio, que lhe seria devida, senão do triumpho. Duas meninas mui lidas e sabidas, e não sabemos que mais, esgrimiam argumentos e gritos em favor de *Nossa Senhora de Pariz*. Uma dona que nunca ouvira fallar em mais livros do que as *Horas Mariannas* e o *Flos Sanctorum do Rosario*, tendo levado a noite em peza-lellos e suores frios por causa do simples titulo das *Memórias do Diabo*, mandou logo na manhã seguinte muito cêdo, procurar e comprar a traducção de *Nossa Senhora de Pariz*; impressa na officina da *Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis*, dando muitas graças a Deus de haver n'este seculo môças tão novas, que se-recreavam com tal leitura. ¡Qual seria porém o seu pasmo quando chegada a obra se-arremessou a ella e lhe-descubriu o miollo! Consta que nunca se-viu uma cara de gente mais de súbito pasmada, mais transtornada, mais divertida para quem a-contemplasse; nem jamais se-ouviu um suspiro tão dolorido como ella soltou, deixando caír o folheto d'entre as mãos!....

PARVO NO GENERO TRAGICO.

774 Era *Manuel de Moraes* um abastado proprietario de *Passaios*, no concelho de *Valpaços*, bem aparentado, com amigos, e solteiro; nenhuma das condições externas de felicidade lhe-faltava: ¡ mas quem sabe o que vai lá por dentro de cada homem, e o que o diabo a occultas lhe-segrêda!?

Havia tempos (têm-se agora descuberto pela combinação de certas palavras, e passagens de que então senão fazia caso,) havia, repetimos, alguns tempos, que o damnado pensamento do suicidio o trabalhava: este pensamento consentido veio ultimamente (a 9 de julho) a tornar-se tenção formal. Queima todos os seus papeis e contas, como primeiro passo para rompêr com o mundo, convida, a se-banquetearem com elle todos seus parentes e amigos; ao cabo do festim, diz, que não sabe para que são tantas iguarias e fartura, para uma cousa tao curta e insignificante como é a vida! levanta-se disfarçadamente; volta com uma espingarda, e, antes de dar tempo a que lhe-atalhem, ou lhe adivinhem a determinação, mette a bôca da arma na sua, e desingatilha-a com uma bengala: o corpo caiu logo sem vida; os miollos voaram ao estuque do tecto; — ¡ da alma, quem dirá o que foi feito!

O nosso correspondente, o sr. *J. M. G. P.*, na religiosa e eloquente carta, em que nos dá conta d'este successo, demora-se em moralisar profundamente o suicidio: de bom grado á publicáramos aqui, se os louvores que n'ella, tão desmesuradamente, se conferem á nossa *Revista*, nos não atassem as mãos. Contentar-nos-hêmos com a transcripção do seguinte paragrapho: « Se antigos póvos pagãos, como os egypcios, não admittiam os mortos ao asylo sagrado da sepultura, sem haverem passado por um rigoroso tribunal d'averiguação, o qual, segundo fôra em vida o seu proceder, os privava das honras posthumas, ou os deixava correr gloriosamente ao *seu Elysio*, e se outro povo, o povo de Deus, tomou este uso maravilhoso; porque não ha-de similhantemente a charidade christã abrir devassa contra mortos, que, renegados do pensamento de quem lhes-dèra o ser, desquitados da terra que os nutria, dos seus similhantes, com quem mil vinculos de mutuos beneficios e esperanças os ligavam, do proprio corpo e sentidos, de quem e por quem tantos prazeres lhes tinham vindo, e lhes podiam ainda vir, se arremessam ao irreparavel attentado do suicidio, doirando talvez de ante-mão na sua fantasia a idéa da morte com a da sympathia e lagrimas alheias! Quem não concordará n'esta parte com o voto já altamente proclamado pelos redactores da *Revista Universal!* quem não pedirá á lei humana, até hoje neutra e impassivel em tão grave materia, que se levante com o raio na mão para fulminar tal cadaver, e destruir para o futuro tão sacrilegas esperanças! — se o suicidio offende, e muito, e por mais d'um modo, a sociedade, porque não ha-de a sociedade procurar por meio de castigos reria-lo?»

Recommendámos novamente este ponto aos Legisladores: serviço grande fará aquelle que o propozer. Um projecto de lei, n'este caso, é facil de conceber e ridigir, e facilimo de sustentar e vencer; porque nenhuma voz, nem no governo, nem no parlamento nem na imprensa, nem nas academias, nem nas praças, nem nas familias, nem em parte alguma, o impugnará: as bençãos, aí, serão unanimes.

LONGEVIDADE.

775 Colhemos dos *Pobres no Porto* o seguinte. Na freguezia de S. Bartholomeu, concelho de Celorico de Basto, no lugar de Lisbão, existe um individuo, por nome Domingos Lopes, viuvo, o qual tem d'idade 110 annos, e ainda trabalha na lavoira!

CIRCO SEM EXPECTADORES.

776 Em um dos ultimos dias do passado julho, ás horas de Trindades, no concelho de Azeitão, e sitio da ribeira de Negreiros, na quinta do sr. Agostinho Barreto d'Oliveira, um homem de trabalho, da Aldêa de Irmãos da mesma villa, por nome Agostinho, recolhia do serviço da semana no sabbado, com um filho pequeno, de edade de seis annos, montados ambos em um jumento. Passavam por entre uma vala e um moinho de agoa deshabitado, quando um cãosinho, que em sua companhia levavam, e lhes ía adiante, presentido de lobo, refoge e vem metter-se debaixo do jumento, e á sombra de seu dono: fez estranheza o successo; mas logo se aclarou, sahindo, e crescendo contra elles, um bruto e desconformissimo lobo. Soccorreu-se o velho, ao que para taes conflictos costuma de ser primeira arma, que é o apupar; é industria proveitosa; mas sahio baldada. Vendo que a batalha se não escusava, e que já o inimigo lhe vinha em cima, faz coração, derriba-se com o rapaz para o lado contrario ao do lobo, e, com o burro em meio por trincheira, e vendo a fera impinada para a galgar, com um rijo bordão ferrado que trazia, lhe desanda na cabeça uma valente despedida; era assalto medonho; porem mais medonha foi a lucta que logo seguio. Travados a braços os desigualissimos contendores, em pé, e encorporados, se andam ambos baloiçando por alguns minutos; já sacudido pelo focinho do animal saltou fora o chapeo da cabeça ao velho; já os seus hombros e braços, esmurdaçados, escorrem sangue; já a sua

voz, que não cessa de bradar por soccorro, principia a enrouquecer, e tapar-se; mas a dor, e o perigo, mais do filho do que de si mesmo, lhe conserva e melhora continuamente os brios: consegue emfim ou por força, ou por destreza, ou por ambas estas coisas junctas, prostrar a fera sem na largar, e ficar sobre ella, assoberbando-a com o seu peso, segurando-a pelas orelhas, e senhoreando-lhe assim, em parte, os movimentos: era só afastar a morte por algum tempo — era prolongar a agonia; porque aos gritos do pai e do filho, nenhum soccorro se via assomar no calado, e cada vez mais escuro, deserto que os rodeava. Ficava logo necessario aproveitar, até o ultimo, todos os debeis recursos da conjunctura: em quanto as forças do cançado athleta se empregavam todas n'aquella espantosa lide, o seu espirito improvisava auxiliares, e novos meios de guerra. Sem cessar de combater, ordena á creancinha, que tome do chão o páo, que dê com elle pela cabeça do lobo, e, em lhe vendo abrir a boca, lho mergulhe, com quanta mais força possa, pelas guelas, e assim se executou; mas que podiam uns bracinhos de seis annos, se não exasperar as furias do commum inimigo!

Então occorre ao pai que traz na algibeira uma navalha; manda-lhe que a tire a toda á pressa, que lha abra, que lha dê á mão; senhor do ferro, que impunha com a esquerda, agarrando só com a direita nas orelhas do lobo, crava-lho no pescoço.

Eram um pai e um filho! podia tardar, mas não podia faltar a Providencia. Atrahido pelos brados, que não descontinuavam, acode o sr. Oliveira; vê debaixo do velho o monstro, ainda inteiro de forças; arruma-lhe aos peitos a boca de uma espingarda, e despara: só então, acabada a vida, cessou este de lacerar com os dentes e unhas as pernas, braços, e todo o corpo do seu vencedor; o qual, por trofeo, conserva em sua casa o bordão, todo, até o proprio castão de ferro, varado dos dentes, e a ferina pelle empalhada; que ainda agora por sua enormidade, amedronta aos que a comtemplão: tem, dos pés trazeiros até o focinho, nove palmos! —

SEIS QUIXOTES PROTECTORES DE UM CÃO.

777 Conta-nos que antes de hontem 6 do corrente indo pelo terreiro do paço um pobre homem com um cão vadio que apanhara e levava preso, em conformidade com as posturas da camara municipal, 6 subjeitos subindo-se, sem ceremonia, á dignidade de defensores do bruto, mandaram despejadamente ao homem que o largasse. Recusou: Nova intimação. Nova resistencia.

Vendo os tafues que a sua damnada charidade não impuuha grande respeito ao pobre diabo, resolveram passar *a vias de facto*, e effectivamente deram principio ao glorioso feito de espancar o triste, e com tal heroicidade se-houveram, que só no meio da rua Augusta, quando o misero padecente não podendo mais, caiu por terra banhado em sangue, se-resolveram elles a largal-o.

E' escandaloso o feito. Pela insolencia com que assim maltrataram um pobre homem, que não fazia mal — Pela audacia com que insultaram a câmara municipal, contrariando tão abertamente as suas ordens — E finalmente pela vilissima covardia com que 6 homens espancaram um, sem armas, pobre, indefeso, abandonado e só. Lamentamos que nem uma patrulha acudisse aos lastimosos e afflictos brados do infeliz martyr de covardes, sem alma, e sem pejo, que fazendo-se charidosos por um cão, quasi se-tornaram assassinos de um homem!

778 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 17 ATE' 31 AGOSTO 1842.

Dias do mez.	Thermometro exterior Min.°	Max.°	Barometro 9 h. m.	3 h. t.	Pluviometro.	Ventos dominantes e sua força.	Estado da Athmosphera.
17	69	84	759,0	758,8		B. ¹SO¹	Cl.°, horisonte vaporoso: tarde fresca e um pouco humida.
18	68	82	60,7	60.1		¹SO. NO	Cob.° — Cob.° e claros. — Claro.
19	60	82	62,0	60.0		B. NO	Cl.°: sol descorado: dia quente e tarde fria
20	62	82	61.0	59.8		B. NO	Id. Id.
21	59	78	60 3	60.0		B. NO	Id. Id.
22	59	72	59,8	59,3		¹N	Id. dia muito fresco e ventoso.
23	57	72	57,7	57.5		N. NO	Id. Id.
24	58	78	57,7	57,5		¹SO. NO	Cob.° e algumas claros. — Cl.° e nuvens.
25	57	81	58,7	57,8		V. ¹NO	Id. Id.
26	56	72	58,3	57,0		¹N¹	Cl.°: muito fresco, e frias as madrugadas e tardes.
27	59	74	56,4	56.0		¹N. NO¹	Id. Id.
28	58	77	57,1	57,7		B. N¹	Id. Id.
29	57	76	59.0	59,3		²N¹	Id. Id.
30	57	77	63,0	62.5		²N. NO²	Id. Id.
31	64	89	62,0	60,0		¹NE. NO¹	Id. dia muito quente.

Continuou a influencia da 3.ª quadra, calmosa até ao dia 21, sendo porem menos intensos os calores nos ultimos cinco dias. O ceo manteve-se claro, ou com poucas nuvens, o horisonte vaporoso, e brandos ventos; no dia 22 appareceu a 4.ª quadra com a temperatura muito fresca nas madrugadas e noites, calores pouco intensos nas horas meridianas, ceo claro, ar sêcco, e alguns dias com ventos rijos do norte, terminando o mez com a apparição da 5.ª quadra no ultimo dia, o qual desenvolveu calor violento, continuando o ceo claro, ar muito sêcco, com vento rijo e ardente de nordeste.

M. M. Franzini.

ERRATA.

No número 46, ultima pagina e segunda columna, 4.ª linha, onde diz — *sendo maiores* 130 — deve ler-se — *sendo maiores* 268, *e menores* 230.

LISBOA: 1842 — NA TYPOGRAPHIA LUSITANA.
Rua das Parreiras n.° 4, a Jesus.

by Google

12.ª DA 4.ª SERIE. N.° 48. 15 SEPTEMBRO 1842.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Sae ás quintas feiras. = Assigna-se na loja da viuva de João Henriques n.° 1, rua Augusta=Avulso 80 réis: 12 números 600 réis: 24, 1200 réis: 48, 2400 réis = O pagamento deve ser feito com a assignatura, exclusivamente no local supra-mencionado. Cada serie de 12 números, desde o principio do jornal, custa 600 réis = Os assignantes, que não receberem no dia devido, poderão queixar-se, certos de providencias — Os das Provincias devem remetter as suas assignaturas pelo seguro ou como lhes-convier = Sobrescripto da Correspondencia: Ao Redactor da Revista Universal, Travessa dos Gatos n.° 2. = Roga-se aos Leitores das Provincias communiquem os acontecimentos dignos de publicidade=Qualquer artigo interessante será acolhido com gratidão e publicado=A Redacção annunciará, e convindo analysará, qualquer publicação nova de que se-lhe-remetta um exemplar=Encarrega-se ella, sem commissão alguma, de mandar vir de fóra machinas, plantas, livros, etc., por conta de quem o-desejar=Tambem no seu Escriptorio se-patentearão ao público objectos de similhante natureza, que para alli sejam mandados, os quaes serão descriptos no jornal=Esta Folha acceita a troca com todos os jornaes portuguezes=A distribuição na capital faz-se em tres horas=Este número sae ás nove horas da manhã.

EXPEDIENTE.

A pessoa, que nos-escreve, ter inventado um instrumento aratorio e um lagar de nova idéa, póde, querendo, enviar-nos a descripção e desenho de ambos esses objectos.

CONHECIMENTOS UTEIS.

779 ARTE OBSTETRICIA.

Quando se-pensa como no limiar da vida estão sentadas as dôres, e a morte o rodêa com o braço levantado, desperta-se no coração uma sympathia, um interesse vivo e irresistivel para com esses entes, tão amaveis como fracos, de quem nascemos, por quem fomos nutridos, doctrinados, amados, cheios de encantamentos e delicias, e emfim reproduzidos em descendencia, e por esse meio preservados de acabar de todo sobre a terra. Nunca jamais a mulher se-descobre a uma luz tão favoravel e poetica, nunca tanto se-revela a sua verdadeira missão providencial, que a-fadou para ser a origem de todos os gozos domésticos, de toda a fôrça dos estados, de toda a civilisação, de toda a doçura, de toda a felicidade do mundo, nunca emfim, a mulher é tão ella mesma, como quando, havendo cedido ao amor, havendo-se voluntariamente sujeitado ao seu destino, se-vê chegada ao transe em que a vida que vai dar a um ente, que ella já adora antes de o-conhecer, póde ser descontada pela sua propria vida. ¡Quem não abençoará pois aquelles homens humanos, que, para lhe-acudir n'essa tormenta com a taboa do salvamento, se-andaram de longe e com tempo amestrando e apparelhando, e prevenindo com todos os soccorros imaginaveis! A sciencia e a arte dos parteiros, é longa, melindrosa, cheia de espinhos e complicações: por isso os que n'ella excedem são tão raros, que só, e apenas, pelas cidades os-encontrareis: mulheres leigas e idiotas, são, ainda hoje, pelo commum e quasi em toda a parte, as chamadas para acudir em taes apertos; d'ahi, o grande número de mortes desastradas de mãis e filhos; d'ahi, quando menos um número ainda maior de molestias e achaques, de que nem sempre depois se-obtem victória.

Para occorrer a este horroroso desamparo, emprehendeu o sr. doctor *Kessler*, médico de S. M. o Senhor D. *Fernando*, ajudado do nosso insigne cirurgião e parteiro, e professor de partos na eschóla medico-cirurgica de *S. José*, o sr. *Mozarem*, a traducção em vulgar da rica obra que sobre a matéria escrevêra em allemão o doctor *Busch*, verdadeiro livro clássico, no assumpto e thesouro prático de sciencia.

Já possuimos o primeiro caderno d'esta publicação: consta de tres folhas de impressão em quarto maximo, e quatro primorosas lythographias do mesmo formato. A obra inteira constará de doze cadernos, e 50 estampas, que hão-de encerrar perto de duzentas figuras. Custará cada caderno, aos assignantes, 400 réis, pagos á entrega do exemplar; avulso, 480 réis. Cada mez sairá um caderno. Assigna-se na loja de livros de *Luiz Martin*, na rua das Portas de Sancta Catharina, defronte do chafariz do Loreto n.° 6.

Recommendamos esta obra a todos os da arte, e ás parteiras especialmente.

A PROVINCIA DO ALEMTEJO.

780 A que foi sempre havida por celeiro do reino, é, proporcionalmente entre as nossas provincias, a menos povoada; muito ha que assim permanece: as causas são mais ou menos conhecidas, sendo em nosso intender as principaes, a mingua e penuria de aguas, a grande extensão das herdades, a pouca divisão, e vinculação da propriedade, e a cultura, quasi exclusiva, de cereaes e montados. A contribuição dos dizimos era tambem um grande obstaculo ao desinvolvimento da povoação, porque o desfalque de um decimo do rendimento bruto, que equivalle a 33 centessimos do rendimento liquido, lançava fóra do fabrico uma boa porção de terrenos, que não supriam para tal onus: e bem se-póde asseverar, que a maior parte das charnecas do Alemtejo, que actualmente começam de cultivar-se, se-achavam incultas e maninhas por não poderem com aquelle inhospito vexame.

Mas entre as causas, que deixamos apontadas, a de que ora vamos tractar, e a mais poderosa, é a falta de aguas, falta que não temos por sem remedio. Um grande número de fontainhas brota pelas abas das montanhas de Portalegre, Marvão, Castel de Vide, e Alegrete: as faldas da Serra de Ossa e Vianna offerecem tambem muitas nascentes. Estes escassos, mas numerosos mananciaes, denunciam grandes matrizes de aguas subterraneas, que não será difficil fazer jorrar para a superficie do terreno por via das verrumas artesianas.

Em quasi todo o Sul do Alemtejo se-encontra agua a duas braças de profundidade; o que é demonstrado por bom número de poços, que para aquellas partes se-encontram a cada passo. Vê-se portanto que por ahi jaz n'essa profundidade, um dilatado lençol d'aguas, e que um vasto stracto de argilla deve ahi existir, para lhe-servir como de bacia.

Estas aguas, devem provir, não só das que escôam das montanhas, e das chuvas, mas tambem dos opulentos cabedaes do Guadiana, que se-absorvem em immensa quantidade no seu leito arenoso, depois que entra nos campos calcareo-siliciosos do Alemtejo.

De todas estas razões se-infere, que os poços artesianos podem n'esta provincia dar de si os mais felises resultados: é quasi certo que as faldas e proximidades d'aquellas montanhas produzirão uma grande cópia de aguas, que poderão empregar-se na rega dos campos, e porventura no abastecimento de canaes, que, desaguando no Tejo e no Sado, possam vivificar o commércio da provincia.

Eis-ahi logo um assumpto que deve chamar pela atenção do govêrno e das cortes: a nós consta-nos, que alguns deputados da provincia transtagana pensam em submetter este objecto á consideração do corpo legislativo.

Appareçam aguas na provincia do Alemtejo, e ver-se-ha pullular por modo maravilhoso a sua povoação, porque então as culturas poderão variar-se — e ao trigo que é o pão da Europa, virão junctar-se o arroz, que é o pão da Asia, e o milho e as batatas que são o da maior parte da America.

A variedade das culturas produsirá maior cópia de mantimentos, e estes maior força de povoado. O trabalho, a necessidade de braços, e o seu constante emprego, chamará, prenderá as multidões ambulantes de algumas das outras provincias n'esta opulenta campina de Portugal: e essas caravanas de Minhotos e Beirões, que vem annualmente ao Alemtejo requerer trabalho em dois mezes do anno, no tempo das ceifas, por lá se-ficarão com grande aproveitamento seu e do reino. Ponha pois o govêrno ao dispôr das junctas geraes dos districtos do Alemtejo, tres verrumas artesianas que poderão custar uns 2:000$000 rs., empreguem-se convenientemente e veremos rebentar para logo uma grande vertente de prosperidades materiaes.

José Maria Grande.

FERRUGEM DAS OLIVEIRAS.

781 Depois da minha carta de 12 de abril d'este anno, publicada na *Revista Universal* n.º 32, e depois da muito scientifica memória escripta ácerca da *ferrugem dos olivaes*, pelo exm.º, e para mim muito respeitavel sr. *visconde de Villarinho de S. Romão*, inserta em os n.os 33, 34, e 35 da mesma *Revista*, dirigi as minhas observações n'este *importante assumpto*, guiado por aquellas novas luzes: e novas dúvidas se-levantam ao prescrutar os factos, e ao examinar-lhes as causas.

Desconfiava eu, (e quasi o tinha por certo) que a ferrugem vinha, ou pela *corrupção do ar atmosphérico*, ou pela *falta de succos:* a memória do sabio não destróe absolutamente o objecto da desconfiança.

Expondo, e ensinando a acção, e as operações chymicas da natureza, diz s. exc.ª: « que quando o sol » ardente, e a luz muito forte, estimulam as folhas » das oliveiras, então os succos seibosos absorvidos » pelas raizes, correm para os pontos estimulados com » grande força, e mais ainda do que poderia produzir o pêso atmosphérico, quer isto procêda da força, » quer da acção capillar dos mesmos vasos absorventes, » ou d'esta reunida com o *vacuo*, formado nas mesmas folhas por causa da excessiva evaporação causada pelo calôr. Estes succos depois de elaborados » nos pulmões vegetaes, deviam voltar para as raizes, descendo pelo alburno, e entrecasco; mas » tornando-se muito espêssos por essa mesma causa da » evaporação, acham no descenso a passagem apertada pela seccura, e aperto da casca, fórmam-se em » grumos, e pouco a pouco obstruem a circulação. » Segue-se infallivelmente a chymidrose... o verniz » gomôso que côbre as folhas, a sua decomposição, » o pó negro, em summa a ferrugem. »

Tenho contra theoria tão luminosamente assentada os seguintes argumentos: observei na força do inverno passado (em dezembro) que as oliveiras começaram a cobrir-se de ferrugem (pelo menos as minhas) e que a molestia esteve sem grande progresso até mais de meado maio: n'este tempo começou a desinvolver-se a fructificação, e a molestia desappareceu com ella das oliveiras de terreno empousiado, diminuindo tambem muito nas de lavradio: mas a flôr seccou, sem limpar nem caír, e todavia não lhe-vi têia (como aqui vulgarmente lhe-chamam) e que no meu intender é a seiba extravasada, e viciada.

Por estas observações acho razão para duvidar de que *seja o maior grau de calôr, e de luz* a causa certa, e unica da ferrugem; pois que nem o sol de dezembro, e dos mezes seguintes até maio é em nosso clima muito ardente, e muito claro, para que possa apressar, e activar a ascensão, e circulação da seiba a ponto de chegar á crise da chymidrose, e suas consequencias, nem n'aquelle tempo de mais calôr, e luz (em maio) em relação aos mezes anteriores, eu vi augmentar a doença, e sim vi o contrário.

Convirá aqui muito observar, e examinar se a extincção da molestia veio do mesmo principio que a produz, ou se de oppostos principios. No meu fraco intender podia resultar de qualquer d'elles. A épocha da fructificação é indisputavelmente aquella em que a ascensão, e circulação da seiba é maior, e mais activa: sendo o calôr, e a luz que produzem, ou antes, que servem d'instrumentos a esta acção chymica da natureza, o seu maior grau póde fazer cessar, e inteiramente desapparecer os inconvenientes, que em menor grau tinham produzido. A ser do frio do inverno, ou da sua seccura que a doença se-origina (pois que uma, e outra causa produzem a *falta de circulação*) um frio maior é, em todos os corpos susceptiveis de aquecêr, um estimulo para recobrar o calôr chamando-o do centro á superficie, e ganhado elle, a circulação exerce as suas funcções regulares, quando o estimulo não foi *desproporcionado*.

Na hypothese em these do exm.º Visconde, e dado que o grau de calôr, e o de luz nos mezes mortos fossem taes, que podéssem produzir a chymidrose nas oliveiras, devêra a molestia achar-se muito augmentada actualmente, porque a luz e o calôr d'este verão teem sido excessivos, as oliveiras pouquissimo vegetarão, e faltando-lhes o fructo não ha onde uma parte da seiba ascendente se-empregue, e mais facilmente cairá no alburno, e entrecasco: ora a molestia desappareceu em maio (nas oliveiras de terra empousiada) e ainda até hoje não tornou, segue-se que não tem ella a sua origem n'aquellas causas, ou que pelo menos não são ellas sós as que a-produzem.

Este argumento é apertado por outros factos. Nos olivaes bastos (como eu tenho em relação aos de pousio), em terras baixas, mas não alagadiças, e lavradas, e nos campos, não desappareceu, antes tem augmentado a ferrugem — *ha grumos nos troncos das oliveiras novas, ha bicho, ha suor viscoso, ha pó negro.* Parece-me então que se o calor, e a fôrça da

luz fossem as causas d'este estado, ou antes da causa que o-produziu, devia a excepção principiar por olivaes assim collocados e situados, pois que as arvores junctas abrigam-se, e sombreiam-se: os valles são mais frescos, e os nossos campos gozam da grande vantagem de terem o Téjo por visinho.

No mez de novembro do anno passado, e quando eu fazia o apanho da azeitona descobri em muitas das minhas oliveiras *grumos de seiba*: a todas estas caíu a folha das melhores vergônteas, mas a nenhuma veio a ferrugem, e os grumos teem *na presente estação diminuido muito em seu estado volumoso*. O calor póde ter sido a causa d'esta diminuição: verei se a folha torna quando *esses tumores* tiverem desapparecido, e marcaremos a épocha.

No fim do grandissimo, e pernicioso inverno de 1839, e ao entrar da primavera, vestiram-se os meus olivaes rapida, e prodigiosamente, mas a ferrugem saltou n'elles com a mesma rapidez, e só desappareceu *quando desbastei, e limpei estas arvores, etc.* De todas estas observações, e argumentos tira a minha humilde ignorancia por corolario = que a ferrugem vem *ou por corrupção atmosphérica, corrupção engendrada pelo gaz carbonico em demasia*, (em termos que todos intendam— por vida de menos) *ou da demasiáda quantidade de succos* (vida de mais) ou que então é molestia propria, e periodica das oliveiras.

Não posso intender que a ascenção, e circulação da seiba sejam devidas á *pressão do pêso atmosphérico*, porque a ser assim, toda ella sairia pelas folhas e pelos ramusculos: nem posso tambem comprehender *que nas folhas se-chegue* a estabelecer *vacuo pela excessiva evaporação*, não perdendo ellas alguma das qualidades naturaes como—*côr, vida, exercicio, etc. etc.*

O desejo de que bem se-profunde, examine, e conheça a causa de mal tão funesto, quanto incuravel pela acção do homem, me-trouxe ao arrôjo temerario de duvidar para ver se-chegâmos ao acêrto, como o público deve crer que chegaremos *continuando a ser condusidos por mão de tão habil, e philantropico mestre, e debaixo de tão bons auspicios como os da Revista Universal.* Santarem aos 20 de agosto de 1842.

José de Freitas Amorim Barbosa.

CIRURGIA DE CAUTERIO APPLICADA Á'S ARVORES.

782 Usam na *China*, ha seculos, cauterisar os canceros, chagas, e podridões seccas das amoreiras: assim se-restitúe saúde a essas feiticeiras arvores, que vestem de formosas sedas tão amplissima região do Oriente, e tanto oiro da nossa Europa lhe-attraíram. Parece, que, depois de se-ter advertido em tantas analogias, que a natureza poz entre os animaes e os vegetaes, depois de se-haverem d'esses descobrimentos derivado muitos inventos prestadios, acommodando por acertada translação parte do tractamento dos vegetaes aos animaes, e dos animaes aos vegetaes, parece, dizemos, que já este systema de curativo de fogo, costumado por lá com as amoreiras, deverá ter em muitas outras partes do mundo, e ácerca de muitas outras plantas, occorrido: mas o espirito humano procede nas suas obras incomprehensivel; é o mais facil, o mais simples, o mais obvio, o que muitas vezes lhe-occorre por derradeiro. Ignoramos (não ha vergonha em o-confessar) se já porventura alguem por estas nossas terras, onde muito mais se-faz do que se-diz, se-lembraria de o-tentar: em todo o caso, como a receita é util, e não vulgarisada, não desconvirá que a-publiquemos.

Camillo Beauvais em França nos seus plantios *des Bergeries*, não só em amoreiras, mas em muitas outras especies de arvores, a-tem ha annos experimentado e com bom êxito. E' operação de nenhuma difficuldade: aquece-se um ferro até o gráu de fogo branco, carrega-se com elle na lesão, uma vez ou mais, sendo necessario, até que toda a parte enferma desappareça consumida. Tem o *Beauvais* esta operação em tanta conta, que mandou fazer de proposito um fogãozinho portatil, e um jogo de ferros de varias invenções e feitios, á similhança dos instrumentos costumados na arte veterinaria, e depois do decote das amoreiras, vai com o caseiro e a fornalha atrás de si, examinando-as a todas: e a cada uma, que acha tocada do achaque, manda logo carregar a mão com o curativo.

Um ponto porém ha n'esta materia, que ainda carece de averiguado; e é saber-se em que praso do anno, e em que estado da vegetação mais convém cauterisar. Tão pouco se-póde ainda affirmar, se a todos os géneros de arvores canceradas, prestará o methodo: o tempo nos-trará de França a resposta; se já a curiosidade dos nossos cultores lhe não quizer disputar as alviçaras.

INVENTO PRECIOSO PARA AS EMBARCAÇÕES.

783 Um boticario do *Havre*, por nome *Chaufard*, inventou um mixto para o logar do alcatrão, e desenganadamente preferivel; deu-lhe por titulo *Caoutchouc mineral*. As vantagens, que já d'elle se pregoam, são estas: o alcatrão, ou breu, que ao presente se-usa, derrete-se com 80 gráus de calôr; do que muitas vezes resulta, que em lhes o sol apertando, já os navios entram a fazer agua, donde provêm avarias ao casco, trabalhos de bomba aos marinheiros, e quando Deus é servido, arribadas, ou ainda peiores contratempos; o *Caoutchouc mineral*, para se derreter ha de mister de 200 gráus; por outra, duas vezes mais calôr que o da agua a ferver. Os breus e alcatrões esfarelam-se com o frio, e descascam-se da madeira; o *Caoutchouc*, que não tem olios essenciaes, por mais frios que lhe-caiam, nunca larga: de mais, pela elasticidade que tem, cede aos choques, mas não estala.

Com esta mesma droga se-podem aparelhar oleados impenetraveis á agua, e de toda a casta: por coroa de perfeições, importa ainda em menos do que o breu.

A Academia das Sciencias de *Pariz* a quem o invento foi presente, deputou para o-examinarem o almirante *Roussin*, o Barão *Carlos Dupin*, e *Freycinet*: veremos o informe; e veremos tambem, qual é o segredo da composição, se a-comprarem ao auctor, como é provavel.

PHYSICA DO GLOBO.

Pressão atmosphérica na superficie do mar.

784 O physico Hermann, segundo achamos n'uma das ultimas sessões da academia franceza, descobriu esta lei importante, que a pressão média varía; mas é strictamente sugeita á latitude e á longitude; em quanto á latitude em ambos os hemisphérios, vai-se a pressão augmentando sensivelmente desde o sexagessimo gráu até o vigessimo quinto, 5, limite dos ventos geraes, onde ella tem o seu maximum; que de lá decresce com rapidez até ao equador; em quanto á longitude, a pressão atmosphérica em latitude egual é mais forte no Oceano Atlantico, do que no mar pacifico, etc.

VARIEDADES.

COMMEMORAÇÕES.

A REVOLUÇÃO.

15 de Septembro de 1820.

785 Vinte e dois annos ha, que Lisboa foi theatro de uma revolução, por todos os modos unica; por onde alteradas no seu fundamento as leis, e com ellas as idéas, os costumes, e toda a existencia do estado se-abriu aos nossos destinos uma era nova, que de então até hoje tem corrido; que de hoje, até Deus

sabe quando, continuará de correr atravez de bons e maus caminhos, por dias ora bellos, ora tempestosos para as ennubladas métas, que nos confins do desconhecido lhe-marcou a Providencia. Nada d'isto previa então a grande cidade; nenhum ódio se-misturava com o seu alvorôço; nenhum receio enodoava na sua imaginação o quadro de uma proxima, de uma infallivel edade de oiro. Nem uma só voz em todo o reino deixava de responder aos seus vivas — um côro unânime reprodusia como um écho permanente seus hymnos de triumpho — e esse triumpho era inaudito, porque nenhuma batalha o-precedêra; nenhuma gotta de sangue, nenhuma lágrima o-enxovalhára: — por baixo dos arcos de loiros de que todas as ruas e praças se-ensombravam; por entre edificios todos vestidos de luzes, de poesia, e de flores; ao som de um concêrto geral de musicas festivas, todas as jerarchias, todas as edades, se-abraçavam como conhecidos, amigos e irmãos.

N'esse dia se-despedaçava um jugo estrangeiro e outro jugo estrangeiro, se-tinha em outro tal dia e poucos annos antes, sacudido. A liberdade, que se-proclamava, baixava então dos céus para assentar-se entre dois trophéos — contra a *França* — dizia o mais antigo — o mais moderno contra a *Inglaterra*. — Basta — deixemos troncado este capitulo.

MERCADO DE BIBLIAS.

786 N'esta era material, *ecónomista*, e calculadora, em que tudo a final se vem traduzir em dinheiro, e o mais ou menos lucro se-reputa indicador certo da maior ou menor bondade de cada coisa, a *Biblia* póde ainda allegar em seu favor um argumento incontrastavel. Assim como dos assaltos, que lhe-haviam dado as heresias de outros seculos, e a philosophia do passado, saíu, como divina que era, illesa e triumphante, assim no seculo presente para rechaçar os indifferentistas, que não crêem em Deus, nem no diabo, mas crêem nos milhões, póde apresentar em vez dos seus livros de razões o seu livro de Razão.

Vejâmos a statistica — *A Sociedade Biblica* de Inglaterra tem-se copiosamente ramificado por todo o orbe. Contam-se sociedades filiaes biblicas este anno 2828. Por diligencia, e á custa d'ellas, tem a *Biblia* sido traduzida em todas as linguas: os exemplares de *Biblias* vendidos ou dados só no anno pretérito chegaram a 14:038$934, que produziram a somma de mais de 201 contos de réis: esta somma juncta com a de vários donativos feitos ás mesmas sociedades, que deitaram a 176 contos (para mais) prefaz um total de mais de 377 contos de réis ou 942:500 cruzados; isto, repitimol-o, só em 1841.

Peza-nos como catholicos não haver sido a nossa *Biblia* genuina, a que assim se-propagou por tanto mundo. Mas emfim para todas as coisas tem a Providencia, que não dorme, suas horas e seus caminhos, muitas vezes encobertos á vista humana: d'estas sementes espalhadas pela mão do êrro sôbre toda a face da terra, e até nas mais incultas regiões rebentará, quando tempo fôr vindo, a preciosa verdade da nossa sancta fé.

Com gosto aproveitamos esta occasião, para agradecer ao doctissimo theólogo o *Reverendo Sr. Padre Ilsley* as justas reprehensões; que o seu apostolico zêlo nos-dirigiu, quando, por irreflexão, recommendámos, sob tituto de *Pão partido em pequeninos*, *Revista* n.° 31, art. 329, a traducção portugueza da *Biblia*, que nitidamente impressa se-andava espalhando quasi gratuitamente. Parece-nos entretanto, que para obstar ao seu derramamento não basta denuncial-a por protestante; é necessario que reimprimamos nós tambem a orthodoxa; que a diffundâmos egualmente por baixo preço, ou de graça. Haja quem favoreça um tal empenho; haja quem promova uma associação para esse fim; que nós com o nosso pequeno brado ajudaremos certo a bôa obra.

¿E é ella impossivel? é difficultosa? ¿Paulo de Koch e o diabo não deixariam vez para Moisés e Jesus Christo?

CORRIDA DE TOIROS.

O povo é teimoso?

787 O povo, tem-se-nos dicto, que é uma criança com muita força: nunca porém ouvimos que fosse uma criança teimosa; e nem por seus actos, e comportamento tal qualidade se-lhe-descobriu nunca. ¿Por que rasão pois se-lhe-achará ella hoje, como a mim me-parece, que lh'a-acho?..

A rasão não ha-de ficar por saber.

Ha muitos annos que não ha um de tantas festas e corridas de toiros em Portugal, como este; e em épocha nenhuma foi a barbaridade d'este divertimento gentilico mais stigmatisada, do que o-tem sido na actual!!

¿Está o povo feliz?.. ¿Vive farto, e contente? ¿São as festas d'arraial, e as corridas de toiros provas d'isso?. Não: a imprensa, a tribuna, a chuva de leis, o estado do reino, tudo responde — que não.

¿E' o povo mau? ¿Exercita-se d'ess'arte para a maldade? ¿São essas as suas escóllas para desaproveitar-se?....

Corridas de toiros houve nos tempos antigos, e desde o Nilo, até ao Téjo; frequentissimas foram as festas d'arraial nos seculos, e na vida de nossos maiores; e ninguem antepõe a felicidade d'hoje á felicidade d'algum dia; e a história responde portanto a favor do povo.

Então é o povo teimoso por accinte. Ralharam com elle por brincar com toiros; reprehenderam-no; mostraram-lhe a maldade, e perniciosidade do brinquedo; e o povo por isso mesmo, e para mostrar que tem força brincou, e continúa a brincar com toiros agora mais do que nunca!

Quem nunca tivéra fallado em corridas de toiros e no mal que ellas fazem á vista, ao pensamento, á saude, á bolça, aos costumes, á propriedade, á moral, e a tudo!.. Era melhor, e muito melhor ter feito vista grossa, do que dar occasião a que uma criança tão forte, como dizem que é o povo, se-exercito no habito de teimar!!

Façâmos-lhe porem justiça; elle não tem culpa; e purissimas, e rectissimas foram as intenções dos mestres que o-reprehenderam. Quem é o culpado. é.... é.... é, ou são aquelles que armam d'est'arte ás affeições do povo para colherem os seus suffragios.

Lembram-nos os calamitosos tempos do baixo imperio, em que os circos, os gladiadores, os mimicos, os bobos, os histriões precederam á queda, e ruina total do mundo romano!! ¿Estaremos nós tambem a morrer morte de nação?..

Discorram n'este programma todos os que sabem discorrer: por nossa parte temos formado, e assentado o nosso juizo — «o mundo ha-de acabar como principiou.»

José de Freitas Amorim Barbosa.

NOTICIAS.

ESTRANGEIRAS.

788 Sôa que na RUSSIA fôra assassinado com um tiro de pistola o primeiro ministro do imperador. — O talismas da

inviolabilidade autocratica parece estar quebrado, como o de quasi todas as outras inviolabilidades.

O *Oriente*, onde tão esplendida brilhava a estrella de INGLATERRA, vai dando mostras de se-lhe-converter em occaso: a fome, o calôr, e os ventos doentios são a metralha com que a *Asia* vai rareando os exercitos britanicos.

A *India* já olha para os *Estados-Unidos*: o primeiro grande fructo amadureceu e caiu; o segundo sente-se maduro. Os partidarios da independencia numerosos, fórtes e activos, por ora trabalham ás escuras, mas trabalham; e o sol ha-de vêr a sua obra. — ¡ *Albion* ha-de passar por onde passaram as outras nações colonisadoras, e ella propria tambem!

A fome, filha da sua riqueza, não menos continúa de ameaçal-a por dentro: os bandos dos descontentes, rechaçados ás cutilladas nas grandes cidades, dispersam-se momentaneamente para refluir mais numerosos.

A HISPANHA lá vai, como póde, procurando accudir á sua arruinada fazenda. Na *Catalunha* tornam a campear alguns tróços de facciosos; por emquanto não dão cuidado.

PORTUGAL.

ACTOS OFFICIAES.

789 *Diario do Govêrno de 8 de septembro.*—Decreto encarregando o ministro da fazenda da pasta da marinha emquanto o d'esta se-conservar doente.

Dicto de 9 dicto. — Aviso de que a 20 do corrente partirá para *Angola*, *Madeira*, *Tenerife*, *ilhas de Cabo-Verde*, *Mossâmedes*, *Benguella*, *Loanda*, *ilhas de S. Thomé e Principe* a escuna *Amelia* como correio.

Dicto de 10 dicto. — Venda de bens nacionaes nos districtos de *Villa-Real*, *Vizeu*, *Leiria*, e *Portalegre*.

Dicto de 12 dicto. — Annúncio de beija-mão no Paço das *Necessidades*, para 16 do corrente. — Venda de bens nacionaes nos districtos de *Santarem*, *Beja*, e *Lisboa*.

Dicto de 13 dicto. — Ordem do exército n.° 41.— Portaria ao vice-presidente da relação de *Lisboa* para que informe se as repartições, existentes no convento da Boa-Hora, e que teem de saír para deixar campo ás das justiças, carecem ou não de estar reunidas; e indique o edificio ou edificios para onde convirá que se-trasladem. — Rendimento das alfandegas de *Lisboa*, Septe-Casas, e *Porto*.

Dicto de 14 dicto. — Venda de bens nacionaes nos districtos de *Aveiro*, *Braga*, *Bragança*, e *Faro*.

CORTES.

790 Poucas sessões tiveram os pares esta semana. Approvaram a auctorisação ao govêrno para cobrar os impostos e contraír emprestimos até á quantia da décima.

A câmara electiva estabeleceu, que, presentes metade e mais um dos membros com que se-abrir cada sessão, já as votações sejam válidas. — Approvou um projecto de lei vindo dos pares providenciando o como se-ha-de remediar a falta, quando a-haja, de presidente e vice-presidente — e outras duas leis, uma para a edificação da ponte de Mondim de Basto, outra para o melhoramento da barra da Figueira da Foz. — Continúa a debater-se o negócio dos vinhos.

PREVENÇÕES CONTRA INCENDIOS.

791 A câmara municipal de Lisboa em uma postura de 7 do corrente ressuscitou na capital as saudaveis providencias para previnir incendios, creadas pela vereação de 1823, e mortas pelo desleixo de então para cá. Fica pois de ora ávante defeso, sob pena de multas graves o ter alambiques, ou quaesquer outras officinas perigosas dentro em casas susceptiveis de incendiar-se.

INEXPLICAVEL MODA.

792 Alguns philosophos, dos que examinam miudesas, tinham para si não ser a moda, mais nem menos do que uma expressão da natural inconstancia do homem, e tambem, já se sabe, da mulher. Alguns poetas collocando a moda na cathegoria das divindades, pois que se a opinião é rainha do universo, a opinião mesma obedece á moda, suposeram que sem ella o mundo seria privado de muitas de suas mais aprasiveis maravilhas. Alguns economistas politicos chamaram á moda, que produz e fomenta o luxo, uma prosperidade dos estados; moralistas severos a-condemnaram por mãe amamentadora, e aia da ociosidade, que engendra os vicios; e muitos donos de caza, que, em vez de ler os economistas leem e releem os roes de suas despezas, praguejam e amaldiçoam as modas, afirmando que o maior castigo que Deus poz n'este mundo aos homens pelo peccado de Adão, não foi o trabalharem para comer, senão o de condemnar suas mulheres a andar vestidas á custa d'elles. Em tanta diversidade de opiniões quizeramos nós tambem dizer alguma coisa por nossa conta ácerca da moda; quizeramos poder mostrar, que, segundo o systema da perfectibilidade, as modas, indo e vindo, andando e desandando, não deixam de ir comtudo molle-molle adiantando jornada lá para essas métas remotissimas e nebulosas, para onde se-affirma que todas as coisas caminham sem saber; todavia a proposição é em tanta maneira agra e resvaladía, que a-deixaremos intacta, preferindo um discreto silencio ao perigo certissimo de desatinar: — hoje particularmente estamos nós vendo contra a perfectibilidade da moda um argumento, em que não ha metter dente — não versa elle em materias de vestidos, de penteados, de iguarias, de muzicas, de architectura, de poetica ou de stylo, porém sobre coisa, em que parecia que nunca a moda houvera de ter jurisdição: essa coisa é a escripta.

Consta-nos, haver-se introdusido ha pouco tempo o singular costume de escrever mal acintemente; e que tão bem pegára a novidade, que para logo muitos dos que tinham a desgraça de lhe não saír dos bicos da penna senão letra rasgada, formosa, e ao mesmo tempo clara, começaram de fazer os mais heroicos esforços por se-descartar de tão vergonhosa jarretice. Ha mestres d'esta nova arte, e quanto mais indecifraveis, mais procurados, mais bem recebidos, e mais caros. Vendo estamos que alguns de nossos leitores, mormente os das provincias, onde as modas não chegam senão tarde e refervidas, não tomarão esta noticia por mais do que um ridiculo passatempo, uma invenção pueril e semsabor; entretanto nada é mais positivo. Nós temos á vista, e poderamos presental-os, documentos d'esta verdade irrefragaveis e completamente inintelligiveis: — de uma menina sabemos entre outras, cuja letra era elegante como ella, agradavel como a sua conversação, clara e communicativa como os seus affectos para com suas amigas; e hoje, a poder de licções de um dos mais habeis professores d'esta sciencia occulta, póde sem ne-

nhum receio abandonar aos próprios ólhos do ciume a sua mais sécreta correspondencia. Não, repitimol-o, não é uma ficção, é uma verdade averiguada, sabida já por muitas pessoas, e que importa registar para os nossos netos.

Duas coisas estão n'este particular por descobrir; — 1.ª o principio, ou origem de similhante moda: — 2.ª o seu fim ou utilidade. — Quanto á sua origem fomos ávidamente procural-a, como era rasão, no jornal das modas de *Pariz*: tinhamos fé em que a par com os *figurinos* dos vestuarios viria lythographado o padrão da nova escriptura; padrão tanto mais facil quanto para o escrever se não requeria grande mestre, nem mestre, nem mesmo gente; bastava molhar em tinta lythographica os pés de uma gallinha, pôl-a a passear por cima da pedra, imprimir a estampa, e brochar logo: n'esta parte toda a nossa expectação ficou burlada: — quanto porém á utilidade do novo méthodo parece-nos sôbremaneira problemática: — se applicado ás cartas de amores, em certos casos, aos discursos dos parlamentos em muitos, aos artigos de política em quasi todos se-póde reputar prestadio, n'um requerimento, n'um recibo, n'uma receita, n'uma ordem, n'uma sentença, póde ter mui desagradaveis resultados. Mandai copiar á moda a maior parte das peças do theatro normal — bem estamos. — Mandai porém escrever á moda as notificações para o pagamento das décimas industriaes, e vereis o thesouro público desterrado para ás classes inactivas. Só o tempo que tudo aclara poderá decidir esta questão, que por ora se-appresenta tão indecifravel como alguns dos hieroglyphicos do *Egypto* ou como o próprio assumpto d'este artigo.

HA BENS QUE VEM POR MALES.

793 Saíu o prémio grande da última loteria da sancta casa da misericordia á segunda companhia municipal estacionada no extincto convento dos *Paulistas*. O bilhete comprado por um dos soldados, fôra repartido com egualdade por entre todos; vindo a cada um cerca de vinte moedas. Se as loterias são, segundo hoje é demonstrado, um jogo máu, em que só por necessidade se-consente, se o engôdo de por alli matar a pobresa, se-torna uma causa permanente de penuria para muitas pessoas do vulgo, dóe-nos, sinceramente o-confessâmos, todas as vezes que a fortuna faz caír, como agora, estes seus atraiçoados presentes em cidadãos tão uteis, e ao mesmo tempo tão necessitados, como são os membros do exército; as companhias e os regimentos deslumbrados com este relâmpago de felicidade de seus companheiros, correrão a perder na loteria os ultimos dez réis indispensaveis para a sua subsistencia.

INNOCENTES DA PELLE DO DIABO.

794 Dois rapasinhos juncto a Faro um de 10, outro 11 annos andavam-se muito innocentemente folgando com uma pequenina, a que se não contavam mais de 3. Andava esta, como as calmas d'estes ultimos dias o-requeriam, nuasinha, ou pouco menos. Depois de muitas invenções d'aquellas, que nada significam para nós outros, mas que em egual edade nos-faziam passar deliciosamente as horas, acudiu-lhes uma tão sem significado como todas as outras, tão innocente como ellas, quanto á intenção, mas pelos resultados que se-lhe-seguiram horribilissima. Os dois derribam a alegre companheirinha; seguram-na; e tomando um pau ou cana, que algum genio maléfico lhe-por á mão, forçadamente lh'o-introdusem pelos orgãos sexuaes! D'este infeliz brinquêdo voou chorando o pobre anjo para se-ír consolar e rir eternamente entre as legiões de seus alados irmãos no regaço amoroso da Mãi de Deus. Tal felicidade aos olhos da fé nenhuma das mãis terrestres a-invejaria para suas filhas. Vigilancia pois, vigilancia de todas as horas, e minutos: a innocencia infantil não tem occasionado menos tragedias do que a preversidade consumada.

LÁ VAI UM.

Aviso a paes e mães.

795 Passava uma sege no sabbado ultimo pelo logar da Portella, juncto a Sacavém; dois rapasinhos que saíam da sua eschola, muito bem contentes, segundo o costume, apeteceram ser transportados por algum espaço, gratis, e ás escondidas do boleeiro. Corria a sege; corriam os rapazes; um d'elles, alcança-a, trepa-se atropeladamente na trazeira; mas procurando tomar pé, encorporar-se, e segurar-se com a caixa, perde o equilibrio e o tino, e cáe entre a caixa e a táboa, onde em vão se-debate por alguns segundos: quando, advertido pelos gritos do infeliz, e do companheirinho, o boleeiro parou os cavallos, e acudiu, já o pobresito não vivia. O pêso e baques da sege, o giro do eixo, e os raios de uma das rodas, o-tinham feito pedaços.

OUTRO BRINCO.

796 E em *Sacavem*, no dia seguinte um pequenito, que andava com outro na estrada a correr e saltar, impellido por elle foi caír com a cabeça debaixo da roda de um carro, que passava carregado com duas pipas de vinho. ¡Nem soube que morria!

SINA TRISTE DE UM BEMAVENTURADO.

797 Na antiga villa de *Ourem*, que pouco mais é ao presente do que uma ruina, com o seu castello histórico, e um appellido sonoro, festejava-se ha cinco ou mais annos, uma devota imagem de S. *Beato*: pertencêra ella á casa e quinta de S. *Gens*, dos herdeiros do sr. *Trigozo*; onde, mais por desleixo, que por irreligiosidade do feitor, jazia affogada em pó, coberta de palhas e têas d'aranha: um devoto, a quem doêra o coração de a assim ver, pedida e alcançada licença do feitor, a-trouxera para a capella de Sancto *Amaro*, suburbios da mesma villa, onde lhe-fundára um culto annual. Era a capella estreita para tamanho hóspede, e para os obzequios, que de anno para anno iam crescendo acanhadissima; pareceu bem trasladal-o em cada um anno, e na manhã do seu próprio dia, para o templo real e insigne collegiada da villa, aposental-o ahi sobre um altar mais nobre, para assistír á sua festa; e concluida ella, recolhel-o outra vez á capellinha do seu hóspede Sancto *Amaro*.

Um ou dois annos correram as coisas por esta boa ordem. O feitor, como aquelles namorados inconstantes, que vendo por outrem cortejado o objecto de que já não faziam conta, passam da inveja ao ciume, e do ciume outra vez ao amor, determinou reivindicar a imagem para a sua primitiva pousada de S. *Gens*: tinha por si o direito, pois que a imagem só fôra

emprestada; escandalisava-se porém o povo de uma veleidade tão sem fundamento, dando por um género de desacato, que da estimação e cultos presentes se-houvesse o bom do Sancto de desterrar para o jazigo e entulho, de que por milagre se-víra escapo.

Acudiu-se a empenhos, achou-se pessoa para o sr. *Trigozo*, (que ainda então vivia) conseguiu-se d'elle que doasse a imagem aos seus devotos, e tudo continuou no mesmo bom termo, passando o Sancto o seu dia no templo, e na capella o restante do anno.

Deputára-se n'este de 1842 o último domingo de julho para a solemnidade: quizeram, o juiz e mais festeiros da villa, que o Sancto fosse condusido para a egreja da collegiada na vespera, contra o costume; oppoz-se a visinhança de Sancto *Amaro*, suspeitando na novidade alguma traça occulta para usurpação, e venceram: o Sancto saíu para a festa no domingo pela manhã. Procederam todas as coisas na egreja como era de stylo, não se-manifestando entre os festeiros da villa, e os do arrabalde de Sancto *Amaro*, ressabio algum da precedente altercação.

Chega a hora da retirada, metem hombros ao andor os interessados em se-conservar a posse dos mais annos; oppoem-se-lhes os outros, contendendo que só partirá na segunda feira; disputa-se tumultuariamente; allegam uns a posse originária, redarguem outros, que o andor e alfaias lhes-pertencem: cresce a confusão na capella mór; os de Sancto *Amaro*, por distruir o argumento de seus contendores, despojam o Sancto de todas as galas emprestadas; os da villa, se-embravecem ainda mais com este arrôjo; uns lhe-lançam os braços para o-arrebatar, os outros para o reter. Algumas pessoas mais auctorisadas levantam as vozes, e serenam por algum espaço o tumulto, mas este logo após recresce com mais impeto: aos impropérios succedem as ameaças; ás ameaças as pancadas; a egreja é um campo de batalha; o próprio alvo dos desejos de todos, é por todos derrubado, e atropelado: a casa de Deus está convertida em casa de orates: vencem finalmente os innovadores; São *Bento* mal ferido da batalha, e com seis dedos quebrados, fica para pernoitar.

Na seguinte manhã declarou o prior que o Sancto havia de voltar para a sua capella; mas n'esse mesmo dia, ou no outro, quando se-abriram as portas para a primeira missa achou-se com espanto, que faltava a imagem!

Quem fosse o raptor, ainda até hoje se não descubriu; nem as auctoridades, segundo parece, o-tem procurado. As velhas, nos seus conventiculos, aonde ninguem as-ouve, affirmam, e tem por de fé, que o bemaventurado, offendido com os brutos amôres d'estes seus devotos d'*Ourem*, e pouco resolvido a tornar a ser martyr tantos séculos depois da morte, abalára da terra para nunca mais lá voltar.

UMA CAMARA MUNICIPAL QUE SE NÃO CORRE DE ANTIQUARIA.

798 A exm.ª camara municipal de *Lisboa*, nos dias 9 e 10 do corrente, celebrou, e como nunca, o officio e missa de musica vocal e instrumental, que por alma da infante *D. Sancha*, pertencia ás obrigações do senado, o qual o-ía executar no convento de *S. Francisco da Cidade*, como administrador dos bens ao municipio legados pela mesma infante; encargo a que desde 1833 se não satisfazia. A mesma camara requereu á competente auctoridade ecclesiastica o ser absolvida do não cumprimento de taes deveres nos precedentes annos. Oxalá que as camaras futuras tomem o honrado exemplo de cumprir os votos, a que a cidade se-obrigou! Discutir dívidas históricas para as não pagar, fazer-se philosopho para por propria auctoridade de sua philosophia se-eximir aos onus, será muito cómmodo, terá muitas auctoridades e exemplos em seu abôno, mas nem por isso inculca a maior probidade. Insistímos e insistiremos sempre em similhantes pontos por duas razões, ambas para nós de grande pêso: 1.° — Porque da conservação d'estas antigualhas se nos-aviva o fecundo amôr da nossa terra: 2.° — Porque os deveres, quaesquer que sejam a sua origem e natureza, nunca deixam de ser deveres; e tristissima coisa é receber o povo exemplos de despontualidade e desleixo da parte dos que estão levantados por seus cabeças.

ESCARMENTO A MALFEITORES.

799 Já se-vai a justiça (bem haja ella) desenganando a descarregar sem piedade o ferro da lei sobre as cabeças dos inimigos da sociedade. No *Periodico dos Pobres do Porto* encontramos que foram n'estes ultimos dias sentenceados em Estarreja devidamente dois afamados preversos, Francisco da Silva, digno socio do *Corisco;* e o famigerado *Tarrinca*, da freguezia de Pardilhó. Não ha-de tardar egual destino a outros, cujos processos vão correndo, taes como os da quadrilha do *Sangrias* da Mortosa: — do *Sangrias* cuja familia toda, segundo se-escreve, é, como elle, digna do seu mal estreado e agoureiro appellido. Certeza infallivel de castigo e rapidez na sua applicação estão sendo remedios indispensaveis para não sermos forçados a pejar todos os dias as nossas paginas de tragedias e lamentos.

MAIS UMA PALMA ESTRANGEIRA PARA O CAMÕES.

800 Annunciam-nos os jornaes francezes, uma traducção nova dos Lusiadas, e em verso, por Mr. Ragon: dão-lhe gabos de elegante, dão-lh'os tambem de fiel; e com tão boa fé, quanto a esta segunda parte, que um dos que assim a-elogiam, confessa, que não sabe o portuguez. Como quer que seja; é mais uma traducção franceza do nosso poeta, depois de tantas outras antigas, menos antigas, modernas, e contemporâneas. Se não houvera outra alguma pedra de toque, para se-conhecerem os subidos quilates d'este poema, e d'esta gente e d'estes feitos, que se n'elle cantam, isto só podéra bastar, para nos-ensoberbecermos cá n'este cantinho do mundo; tirarmos fôrças da fraqueza; debatermo-nos contra a pedra da campa, que nos-cobre, lavrada com um epitáphio de ignominia; e ressuscitarmos, e irmos tomar outra vez o nosso logar no banquete das nações.

UM NOVO DESAR NOS-AMEAÇA.

801 Corre, ha dias, por Lisbôa, que s. ex.ª o sr. SILVESTRE PINHEIRO FERREIRA, tenciona retirar-se novamente para Pariz; e accrescenta-se, que a rasão, que o-fôrça a dizer, talvez o ultimo adeus á sua patria, é, o não encontrar n'ella a subsistencia, que em França, ou em qualquer outro paiz estrangeiro, lhe-estão assegurando os seus profundos conhecimentos, a sua reconhecida aptidão para o magistério. Ignorâmos se haverá fundamentos para o boato: a Deus praza, (por honra nacional) que, a ser isto assim, o govêrno se-apresse a destruir motivo tão vergonhoso, offerecendo ao illustre sabio algum logar digno da sua cathegoria social, e da sua cathegoria scientifica. — ¿Que melhor occasião haveria

do que esta para a creação de um novo, e tão necessario ministerio, o da instrucção pública!

ABORTO.

802 A 8 d'agosto, no logar de S. Pedro Velho, concelho de D. Chama, uma casada deu á luz um feto, com duas cabeças, dois corpos, quatro braços, e só duas pernas; o qual, segundo a declaração do professor de cirurgia Ventura Fontanet, é unido pela primeira vértebra dorsal, e d'alli para baixo fórma um só tronco, tem um só anus, e vestigio do sexo masculino, nada de feminino.

Este feto foi guardado pelo mesmo professor, em cujo podêr existe.

Devemos esta notícia ao sr. Domingos Antonio Pessanha.

ABYSMO INVÓCA ABYSMO.

803 Quando a semâna passada publicavamos o nosso artigo 761, intitulado « *Quem com férro mata com férro morre*, » não nos-havia ainda chegado á mão uma carta, em que o sr. *José Joaquim da Silva Pereira*, miudamente nos-informava da matéria: com ella á vista accrescentaremos hoje alguma coisa ao que fica relatado. O facinoroso assassinado, por nome *João do Couto*, e não da *Costa*, era casado: *Bento Priguiça*, seu antigo camarada de malfeitorías, de condição não menos proterva, e cujo nome não ganhára menos odiosa celebridade por aquellas cercanias, *Bento Priguiça* era casado egualmente. Pódem os malvados ser cúmplices; mas não amigos; emquanto cada um dos dois ajudava lealmente ao outro para a ruína alheia, e defensão própria, ambos elles secreta e mutuamente se-traíam nas pessoas de suas mulheres. Os quatro indivíduos, de que os dois casaes se-compunham, eram dignos uns dos outros: *João*, aproveitando-se de algumas occasiões em que *Bento* colhido pelas justiças jazêra nas cadêas, fôra, segundo se-presume, o que abríra o exemplo; *Bento*, logo que a fortuna trocou as mãos, soltando-o a elle, e encarcerando a *João*, approveitou a licção do ausente, se porventura a-conhecia, ou guiado pela sua commum estrella, e por um mysterioso instincto de parcería, restituiu á casa do adúltero o que a sua em adultério lhe-andava devendo. Ambos os maridos estavam pois traídos e traidores; ambas as mulheres deshonradoras e deshonradas; o amôr em todos aquelles corações morto, ou substituído pela sensualidade e pela sêde da vingança. *Couto*, o primeiro causador de tantas ruinas, quiz sêr o primeiro em desagravar-se; porém foi elle tambem a primeira e até agora a única victima. *Bento*, plenamente sabedor emfim do opprobrioso tracto de sua mulher com *João*, e certificado de que *João*, não menos perfeitamente conhecia o da sua com elle, constando-lhe de mais a mais, que o pérfido, não pago de o-haver offendido no seu thálamo legitimo, jurava aggraval-o ainda no objecto de suas illícitas affeições, e que a mulher primeiro traída estava condemnada a acabar ás mãos do seu algôz doméstico, toma a espingarda, carrega-a de quartos, procura lanço, e encontra-o em a noite de 11 de agosto no sítio de *Entreparêdes*, na freguezia de *São João das Caldas*, concelho de *Guimarães*. Ahi amanheceu o cadaver, roto de ballas e quartos, e esmigalhado de coronhadas.

Tal foi, conforme se-crê por todas as visinhanças, a história e fim d'aquelle máu homem que a todos trazia em sobresalto. Que fosse realmente esta a mão do matadôr, ninguem por ora o-juraria; mas tudo concorre a presuppôl-o: *Bento Priguiça*, dias antes, tinha vendido ao desbarato todos os seus havêres; maltractando com pancadas a sua desleal companheira, protestára-lhe vingar-se d'ella ainda melhor, arrancando a vida do seu amante; consta, que os outros ladrões do troço, havia já muito tempo, procuravam evitar que os dois tigres se-vissem a sós: finalmente a desapparição de *Bento* d'aquelles contornos logo depois do successo, faz geralmente acreditar haver sido elle e não outro, o seu auctor.

O que deixamos escripto, não é para as respectivas auctoridades locaes; sabêmos que essas não teem poupado, nem poupam, diligencias para despejar as boas terras do districto da multidão de ladrões, que ha largos tempos o-infestam, de dia, e de noite. Expendêmos miudamente a coisa, por nos parecer que uma ninhada assim de meretrizes, ladrões e assassinos, póde ser um achadão para algum poeta dramatico-normal do nosso tempo. O drama parece estar feito; só falta, para ser recebido, e dar enchentes, pôl-o em musica; o modo como, importa pouco; alguns sólos moraes das duas damas, faceis de cantar ao piano, e de assobiar pelas ruas, um bom côro de larápios com grande instrumental e timbales rijos... e vêr-se-ha como a coisa pega!!

NEM SEMPRE SE-ESCAPA.

804 O castigo, diz um poéta romano, corre manquejando após o crime, e apanha-o.

Manuel Cardoso, de *Villa Cova*, um dos ladrões e assassinos da quadrilha de *Diogo Alves*, soubera-se esquivar ás mãos e ólhos da justiça. Nos contórnos de *Coimbra*, que por muito tempo lhe-valeram de refugio, chegou a ser desencantado; mas a escolta, que de lá o-conduzia para *Lisboa*, peitada, conforme se-creu, lhe-facilitou novamente a liberdade. Nos arredores da cidade da *Guarda* logrou segundo homisio; e n'elle permaneceu, até que outra vez suspeitado, e descoberto, recaíu, não ha muitos dias, nos ferros em que ao presente se-conserva, no concelho de *S. Daniel*, districto da mesma cidade. Mandou-se logo parte do achado ao governador civil de *Coimbra*, declarando-lhe estar o criminoso, sim a ferros, mas em uma casa particular, e vigiado por paisanos: vexame grande para os guardas, e não pequeno perigo de nova fuga: requeriam-se providencias promptas; prometteu-as o governador; mas até 2 de septembro, em que nos-escrevem a notícia, nenhum expediente era tomado.

Os homens que não pódem faltar ao tráfego de suas terras e casas, para se-estar custodiando ladrões, já começam de tornar-se remissos, já vão desapparecendo; e, o que peior é, já teem para si, e já dizem, que a demora de tal facinoroso em tal casa e terra, é maranha, de indústria consentida, para se-lhe facilitar a costumada escapúla. Passam adiante os dictos, chegando a pôr-se a bocca em auctoridades respeitaveis. Ainda quando injustas, são em taes casos desculpaveis as suspeitas: porque, diz o bom senso

plebeu, ou o governador não dá providencias, ou consente em que lh'as não cumpram.

Relatâmos isto para conhecimento da competente auctoridade; e antes movidos de affeicção, do que de ódio para com ella, escrevemol-o tambem, e principalmente, para que, onde tão indispensaveis se-tem tornado os castigos severissimos, a evasão e impunidade de um companheiro de *Diogo Alves* não fique servindo de parábola, com que entre si se-animem e esforcem os facinorosos.

PASQUIM LUMINOSO.

805 *Angra do Heroismo*, a formosa capital da nossa ilha Terceira, dizem seus jornaes, que phisica e intellectualmente se-vai pondo ás escuras: mingua-lhe a instrucção primaria; faltam-lhe de noite pelas ruas os candieiros. Ao primeiro, ao mais grave d'estes males diligenceia, e conseguirá talvez dar remédio, o benemerito governador civil d'aquelle districto: o segundo porém, se elle procede, como se-affirma, da pobresa do municipio, difficultosamente logrará cura.

Um caso que fez rir muito, ao mesmo passo que não deixou de suscitar algumas censuras, foi um mudo, mas claro epigramma contra este anachronismo de uma câmara do quadragessimo segundo anno do século das luzes.

Eram nove horas da noite de 11 do passado (agosto) a lua, que attraíra numerosos ranchos a passeio, acabava de se-esconder por detraz da alta serra de Sancta *Barbara*: recolhiam-se priguiçosamente para suas pousadas os moradores, respirando a brisa fresca e namorada dos serões de um estío insulano; quando, como por encantamento a cidade, d'onde a illuminação, para nos-servirmos da chistosa phrase do *Angrense*, andava emigrada desde 12 do último junho, appareceu novamente illuminada, sendo de papel os candieiros, que dos ganchos até alli viuvos pendiam embalançando-se. Se esta illuminação era um claro epigramma, não foi menos um enigma; a invenção d'esta charitativa malicia, que alguem attribuiu ao redactor do *Angrense*, ainda agora permanece anónyma.

Um correspondente do mesmo jornal procura consolar os seus conterrâneos de passarem as noites nas trévas, contando-lhes que o mesmo, ou pouco menos, vai tambem nas ruas da grande *Lisboa*. Custa-nos confessar, que um tal argumento consolatório para os de *Angra* é muito tristemente verdadeiro da meia noite em diante; a pobresa assemelha-se á morte da *Ode de Horácio*, pisa com egual pé os lampiões de *Angra*, e os da torreada capital do reino. Nem para isto, nem para obra alguma boa, escacêa, nem escaceará nunca, vontade á nossa mui distincta camara municipal; mas os seus meios, não sejamos censores apostados, são hoje nullos em comparação de seus encargos; e nem as balêas, nem as oliveiras mandam o seu azeite, a quem só com posturas o-poderia pagar. Tenhamos fé no gaz lucífero; se, vendido por atacado, o seu preço, segundo se-espera, ceder tanto ao do azeite, quanto á luz do azeite excede a sua em claridade, *Angra* poderá ver de novo as suas ruas illuminadas; ou se por alguma sina particular, permanecer ás escuras, temos fé em que não será já com o exemplo de *Lisboa*, que a-possam consolar.

ARGUMENTOS VIVOS A FAVOR DA PENA CAPITAL.

(Artigo que só homens deverão ler.)

806 Temos de escrever coisas horrorosas, mas verdadeiras: da mui fidedigna carta, que nol-as refere, as-vamos tomar com toda a ponctualidade: requeria-nos o coração, que as-sonegassemos; grita-nos mais alto o discurso, que não escondamos aos medicos nenhuma das chagas do corpo social: todas ellas são cancerosas; se com o ferro e fogo se não estirpam, todas ellas tarde ou cêdo, lhe-ameaçam morte.

O mais que podêmos, e faremos, será, por livrar de abalos sobejo violentos os corações mui sensiveis e as consciencias melindrosas, decotar, quanto possivel, em nossas narrações o luxo das atrocidades, cobrir as luzes por extremo vivas, enfraquecer d'industria o effeito dos nossos quadros. Em Moimenta da Beira está aberta a salla das audiencias para um grande processo crime: quantia immensa de povo a enche, e a-cerca por fóra até grande distancia: o magistrado, os juizes de facto, as testimunhas, os escrivães, os guardas, e todos os demais empregados da justiça, delatam por seus semblantes o assombramento, que não menos que ao auditorio, os senhoréa: tres homens façanhosos, cujos nomes atterram largamente a provincia, pejam o banco dos accusados, e aguardam com almas de ferro a fulminante accusação do ministerio público, e a sentença que sua propria consciencia lhes-prophetisa; chamam-se estes homens, o primeiro, Manuel Pires, por alcunha o Russo, (natural da villa da Rua de profissão carniceiro); o segundo, Nuno da Silva, (da Vide); o terceiro, Luiz Minhoto (do Prado). Russo é o cabeça de uma quadrilha de malfeitores, de que os outros dois são os principaes braços.

Vai começar a sessão, que tem de durar por tres dias sem noite: ao susurro, succede o silencio mais profundo; ninguem ousa de respirar; nada mais se ouve, do que a penna, que sobre o papel ainda branco, mas condemnado a saír cheio das mais inauditas feridades, lavra o dia do mez e anno da redempção, em que taes horrores vão ser patentes e julgados. ¡ Era temerosa, era sublime aquella mudez! Um acontecimento imprevisto a-vem quebrar ao começo da leitura dos autos; cinco orphãosinhos, pallidos, vestidos de lucto, debulhados em muitas lagrimas, rompem pela sala, dando em altos gritos a voz de el-rei, e pedindo entre soluços vingança do sangue de seu pai, de sua mãi, de seus irmãos, de sua tia, cruamente assassinados pelos monstros ahi presentes; ¡ não houve senão tres homens cujos olhos se não arrazassem de agua n'este lance! O integerrimo juiz, enxugando os seus, e voltando-se humanamente para os pobres innocentinhos, lhes-rogou se-quietassem, affiançando-lhes que justiça lhes-sería feita, justiça cabal e inexhoravel; após o que, logo o processo retomou seu andamento, pausado e magestoso.

Nós vamos colher dos depoimentos das testimunhas, e da fama, e pública notoriedade no districto, com que organisar um succinto resumo da biographia d'estes tigres de face humana.

Era o magarefe Manuel Pires Russo o mais possante capitão de bandidos d'aquelles contornos; o terror que a fama de seus crimes difundia, lhe-augmen-

tava de continuo ousadia e seguro para crimes novos: furtos, roubos, espancamentos, eram já venialidades para a gente do seu troço; forçamentos, adulterios, desflorações, estupros, homicidios, e sacrilegios, encorpavam de dia para dia os seus fastos. D. Miguel, para nos-servirmos da expressão d'uma das testimunhas, não fôra mais obedecido nem mais respeitado do que elle. Mal podem soffrer os potentados quem lhes-faça sombra: Russo tinha um rival; postoque inferior em forças, em partidarios, em nomeada; era Joaquim d'Almeida: conviviam, mas detestavam-se. Almeida era casado; Candida sua mulher, deu nos olhos ao principe dos facinorosos, que para logo determinou possuil-a. (Foi o primeiro acto de Lucrecia pintado em ponto pequeno e a carvão) Candida succumbiu ao mêdo, e foi adultera; — resistir-lhe! — disse ella perante o jury, — como ousaria eu, o que muitas outras casadas não ousaram! o que tantos maridos haviam já antes do meu dissimulado por mêdo á morte, quem podia livrar o meu de o-padecer! — Um fructo, que d'este infame commércio resultou, deu occasião para se-descubrir ainda mais a alma tenebrosa do scelerado; defendeu este á pobre mãi, sob as mais acerbas penas, o baptismo do seu proprio filho, ameaçando-a, em caso de contravenção, com a morte do padre que lh'o-ministrasse, e de quem lhe-servisse de padrinho; o que forçou a desconsolada mulher ao não baptisar senão com o maior segredo, tomando por madrinha a creada d'uma senhora, a quem o facinoroso respeitava, e por padrinho a um Sancto, por não haver homem vivo que a tamanha aventura se-arriscasse. Emquanto assim Manuel Pires afrontava quotidianamente a casa do ladrão Almeida, proseguia nas horas vagas os seus exercicios do costume; e os loiros que por lá colhia, os-vinha vangloriosamente depôr aos pés da sua conquistada. Ella mesma publíca havêl-o ouvido jactar-se de ter sido n'esse prazo o auctor de varios latrocinios de maior vulto, taes como os da quinta do Ferro, da quinta dos Alamos, do Sarzedo, de Padrinha, e do roubo e do assassinio de Sarmento Rodrigo, a quem por sua mão abrira a cabeça com um machado, e d'outras proezas similhantes e innumeraveis. Querendo mostrar-se generoso para com o seu rival, Russo um dia o-convida a tomar com elle parte em uma expedição de que espera grande despôjo; o roubo de uns baús de prata no convento de Freixinha: Almeida recusa desabridamente a parceria: Russo, mal costumado aos repudios, e peor ainda ás altivezas, enfurece-se; trocam-se de parte a parte injurias; romperam-se as mal fingidas pazes. Confiado na superioridade de sua pessoa e bando, Russo contenta-se de continuar, sem resguardos, o seu adultero commércio. O alardo torna a injuria mais pungente, e provoca as ameaças do mais fraco; o mais forte para lhes-pôr termo, e lograr-se desassombradamente dos seus amores, só aguarda ensêjo proprio para este novo homicidio. Almeida determina por via de uma cillada, descartar-se para sempre do seu importuno deshonrador: pouco audaz para se-abalançar por si mesmo ao ingreme de tal facção, e sentindo a impossibilidade de o-vencer em batalha, commette a um de seus apaniguados a morte do seu, por tres modos, rival; rival nos prazeres, — rival na fama, — rival tambem, e sobre tudo, nos roubos. E' Leandro Gomes o seu escolhido: carrega a espingarda, sae em procura do javali; encontra-o juncto á aldêa do Prado; aponta-lhe de longe, despara, erra o tiro, e foge; mas não tão ligeiramente, que não fosse primeiro conhecido. Russo jurou vingar-se; é o unico dos juramentos a que não sabe faltar: agora é elle quem parte á caça de Leandro; — vai acompanhado de seus dois fieis, Silva, e Minhoto; encontram-no juncto ao logar de Carapita, desfecham em descarga cerrada, e dão com elle em terra morto: não pára aqui; cortam as orelhas ao cadaver: Nuno, por ordem do seu maioral, parte a leval-as á mãi da sua victima; entra, arremeça-lh'as á cara, dizendo «ahi tem as orelhas de seu filho; regale-se com ellas que são delicadas» deixando a pobre velha (Joanna de Castro se-chamava) semi-morta e estendida por terra, retoma as fataes orelhas, e corre á residencia do parocho; não no-acha, vôa a encontral-o em casa do cura; «quereis vêr umas reliquias mui devotas que trago de Roma?» Respondem-lhes que sim os ecclesiasticos, balbuciando de pavôr. O malvado lhes-presenta os dois fragmentos ensanguentados, accrescentando, que as-vai mandar encastoar.

Ainda porém a sede de vingança se não applacou: toda a familia de Leandro tem de passar pelo ferro do capitão: já Gabriel Gomes, seu irmão, jaz assassinado. E' noite; Russo, entra á frente da sua companhia pela povoação, espancando segundo o seu costume, a quanto encontra; vai bater á porta de Joanna de Castro, diz-se cabo de policia, intima-lhe que abra para receber de boleto a tres soldados de um destacamento que da cidade d'Almeida acaba de chegar; apenas entrado, crava um punhal n'aquella mesma, a quem já despojara de dois filhos: aos gritos d'ella acorre de dentro o marido, Luiz Gomes; o mesmo ferro, ainda quente, e vibrado pela mesma mão, o prostra sem vida.

Joanna tornada em si, (não fôra mortal o golpe) e achando-se de repente viuva, sem nenhum de seus dois filhos homens para arrimo de sua velhice, erodeada de um bando de cinco innocentinhos, que não teem já na terra outra providencia mais do que ella, procura, se lhe-fôr possivel, prolongar para elles o seu incerto, o seu amargosissimo existir: mas o nome terrivel do assassino está velando ao pé de sua victima para que ninguem lhe-acuda: pessoa nenhuma em toda a visinhança ousa de ir pensar-lhe a ferida, levar-lhe soccorros ou lagrimas, porque a sua desgraça.... é contagiosa; e o braço que a-derribou, não tardará em esmagar a todo o que pertenda levanta-la. Só uma parenta sua, não duvida cerrar os ouvidos a um terror, que, logo se-verá, não era sem fundamento; ir servir-lhe de enfermeira, de serva, de consoladora, e (o que mais e sobre tudo lhe-era mister) de mãi extremosissima de seus filhos: em memoria deve ficar para a posteridade o nome d'esta mulher generosa; chamava-se Constancia de Jesus. Poucos dias são decorridos; Russo, informado do que passa, volta de noite com alguns dos seus á povoação; não podendo conseguir que lhe-abram a porta, fôrça a casa pelo telhado: entram. As duas mulheres, apezar do disfarce dos bandidos, logo no primeiro relance os-conheceram; do sobrado, onde jazem as creanças adormecidas, descem fugindo atropeladamente para a loja; o malfeitor, apertando na

direita um cutelo, e na esquerda um archote, que o Minhoto de cima do telhado lhe-arremessou para dentro accezo, desce traz ellas, encontra-as de joelhos, de mãos postas, pedindo-lhe a vida, ¡a vida! não com palavras, que o terror lh'as-congelava na garganta, mas, com os olhos, com a postura, e com o espavorido de seus rostos.... e ambas estas mulheres, caíram immoladas! Assim de toda uma familia, só escaparam os cinco pobresinhos, que a Providencia guardava como anjos de vingança, para no dia do julgamento virem depôr com seus choros contra os demonios homicidas.

Até aqui, pouco mais temos visto do que algumas das façanhas do carniceiro; para acabarmos de o-conhecer, lancemos de relance os olhos ás outras duas figuras, que ahi estão juncto d'elle infamando o banco dos criminosos.

Nuno da Silva, não é só um instrumento fiel da perversidade do seu cabo; tem uma historia á parte; pode alardear glorias todas suas! O que Russo é para com elle, já elle o-foi para com Domingos Thomé, magarefe do Taboaço, e personagem tambem celebre por malvadez. Accompanhado d'este, entra um dia em casa da velha Perpetua, na Villa da Rua; «queremos, lhe-diz elle com tom imperioso, banquetear-nos aqui esta noite, comendo uma cabra; velha, vai-nos logo buscar vinho á freguezia de Vide, que o-ha lá bom.» Era já escuro; receava-se a velha de ir só, porém mais temia desobedecer a taes hóspedes; vendo-a encolhidamente apprestar-se para partir, «eu te-acompanho,» diz o Silva; e sae, deixando na casa ao companheiro. Chegados ao adro da egreja de Vide, ahi, (apeteceu-lhe sobredoirar a torpeza com o sacrilegio) diante das portas do Templo forçadamente abusou d'ella; proeza de que elle proprio no dia seguinte se-andou por toda a parte vangloriando. Emquanto Perpetua assim era tractada em Vide, soffria em casa sua filha, Leonor, egual violencia da parte de Domingos Thomé. Tornados os ausentes com o vinho e fechada a porta (quem o crerá!) não cevada ainda a bestial sensualidade dos dois infames, concebem e executam, á vista de ambas as suas prostituidas, uma nova affronta contra ellas, contra a natureza, e contra si mesmos; um deleite, que sanctifica, se é possivel, os dois crimes que acabam de perpetrar! não o-diremos, não o podemos dizer! A cabra, destinada á cêa, estava ainda viva.!.!.! e elles, elles mesmos, ousaram depois banquetear-se com suas carnes, e obrigar as duas assombradas a comer d'ellas! e depois ainda, recomeçar, ambos, com a pobre moça o mesmo abominoso passatempo. Ella propria, Leonor, veio depôr no tribunal e perante o mundo o seu opprobrio; ella, accesa em casto pejo, ahi exprobrou tudo isto na face do unico verdadeiro auctor de sua desgraça: «este homem, accrescentou ella, não contente com a malfeitoria de seu companheiro contra mim, zombou egualmente da minha fraqueza, submetendo-me á força de ameaças e pancadas: eu lhe-dizia, supplicando, sr. Nuno, lembre-se de que tem filhas.... não queira que a affronta que eu recebo, a venham ellas a pagar» «são ainda pequenas, me-respondia elle, deixa-as crescer, que serei eu o primeiro a gozar d'ellas.»

Luiz Minhoto, postoque socio, era comtudo o minimo d'estes tres gigantes de impiedade: a sua presença allí, parecia posta para os-realçar. Perpetrára flagicios, e espantosos; mas induzido, mas forçado por elles ambos: disse-o, repetiu-o, e por nenhum foi desmentido. Allí, provocava uma especie de sympathia; elle, que em qualquer outra parte passaria sem custo por um malvado abominoso.

Por tres dias com suas noites durou este processo, sem que, nem os obrigados pela lei, nem os atrahidos por uma justa curiosidade, desamparassem o tribunal. O accusador publico, foi energico e sublime; as testimunhas, claras e unanimes; os jurados, circumspectos e imparciaes; o juiz, valeroso, sabio, justiceiro.

Todas as machinas, dispostas por Manuel Pires para salvar a sua cabeça, se-viram recaír-lhe sobre ella despedaçadas a roda e roda. Appareceram as promessas, appareceram as ameaças ás testimunhas, appareceram as peitas propostas á justiças, appareceu (e essa carta a requerimento do delegado lá ficou appensa aos autos) o offerecimento de pesar a oiro a consciencia do magistrado.

A Manuel Pires, o Russo, magarefe da villa da Rua e a Nuno da Silva, do logar de Vide, serão cortadas pelo algoz as mãos e a cabeça, Luiz Minhoto, do Prado, irá curtir para Cabo Verde 16 annos de degredo.

E' a esperança o «ultimum moriens:» ainda agora na cadêa do Porto o atroz capitão blasona que possue trinta mil cruzados, e com elles, salvará a vida! mas enganou-o d'esta vez o seu demonio; enganou-o: ha ainda na terra justiça; ha na sociedade o instincto da conservação; e por cima de tudo isto, lá no alto, uma Providencia.

ESTIO.

807 De Guimarães nos-escreve o sr. José Antonio de Oliveira terem sido tão fortes por aquellas partes os calores d'este verão, que d'elles se-teem originado não pequenos transtornos de saude. Na estrada de Braga, por exemplo, onde chamam a Falperra, caíu redondamente morto, por esta causa segundo se-julga, um viandante, natural da freguezia de S. Thomé d'Avassão.

RESULTADOS DAS OBSERVAÇÕES METEOROLOGICAS DE AGOSTO DE 1842.

808 Temperatura média das madrugadas 63,1 Fah. (14° R) — dicta nas horas de maior calor 82° (22 e meio) dicta média do mez 72,5 (18°) variação média da temperatura diaria 19° (9°) — maior variação diaria a 16 do mez, 25 (11) — maior frio a 26 do mez 56, (11) — maior calor a 16 do mez 99, (30) — menor altura do barometro a 3 do mez 754,5 millimetros — maior dicta a 30 do mez 763 — média do mez 758,6. — *Ventos dominantes*, contados em meios dias — N,23 — NO,12 — SO,5 — NE,6 — V,3 — B,14 — Dias claros 23 — claros e algumas nuvens 4 — cobertos, e alguns clarões 2 — cobertos 1 — chuva 1 — ventosos 11 — calores intensos 10 — mediamente calmosos 6. — Em todo o mez só caíu a diminuta quantidade de 7 millimetros de chuva, ou 24 canadas por braça quadrada, que apenas humedeceu a superficie da terra, pelo que resulta ter decorrido o mez assás calmoso e extremamente sêcco, qualidades characteristicas que sempre o-acompanham no nosso clima. — E' notavel a grande falta de chuva, que experimentamos desde o principio do mez de maio, pois que no decurso dos quatro mezes findos, a totalidade da chuva recolhida não excedeu a 18 millimetros, e apenas egua-

lou a tenue chuva, que caiu em março, assás escasso, da agua que lhe-competia no estado regular.

Phenómenos notaveis. — Em 6 d'este mez uma fortissima trovoada devasta os districtos de *S. Pedro de Agostin*, *Villa Nova*, e *Villela do Tamega*, em *Traz-os-Montes*: torrentes de chuvas arrebatam adegas, moinhos, vinhas, e campos, chegando a ponto de caírem telhados com a pedra que choveu. Este diluvio durou 3 horas e meia.

A sêcca d'este verão parece ter sido geral em quasi todo o continente europeu. Na *Allemanha*, tem baixado as aguas do rio *Elba* a tal ponto, que nos logares mais fundos tem 3 pés de altura, estando sêcco o seu leito em outras partes, e não ha exemplo de que se-tenha mostrado tão escasso de aguas. Esta grande falta de chuvas deu logar a que se-adiantassem com grande actividade os trabalhos do porto de *Kehl* sobre o *Rheno*, nos estados de *Baden*.

Qualidades characteristicas de um mez de *septembro* regular. — Temperatura média das madrugadas 61, (13) — dicta nas horas quentes 77°,1 (20) — A temperatura média do mez é de 69° (16 e meio), e por consequencia ainda um pouco mais calmosa que a do mez de junho. O maior frio que apparece regularmente é de 54° (10°), e o maior calor de 88° (25°). Já n'este mez apparecem regularmente as primeiras aguas, em 6 dias chuvosos, que dão 37 millim., ou perto de 11 almudes por braça quadrada. O número dos dias notavelmente calmosos sóbe a 10, e dos dias ventosos a 5. — A primeira maré de aguas vivas, que deve seguir-se á lua nova será assás forte; porém a segunda da lua cheia será muito fraca.

Necrologia de Lisboa no mez de agosto. — Este mez veio egualmente confirmar a exactidão da lei de mortalidade mensal deduzida das nossas antecedentes indagações (veja-se a *Revista* n.° 42) concordando em qualifical-o o mais funesto á vida dos habitantes da capital. Com effeito no decurso de agosto foram sepultados nos cemiterios de *Lisboa* e *Belém*, 629 cadaveres, sendo maiores 326 e menores 303, dos quaes pertenceram ao sexo masculino 332, e ao feminino 297. O número médio que compete a este mez é de 625, pelo que só houve um excedente de 4 obitos, o que indica ter decorrido com a sua natural e funesta influencia, sem que esta porém se-aggravasse no corrente anno.

M. M. Franzini.

---

809 Recebemos de um dos nossos subscriptores uma interessante carta na qual, demonstrando a preeminencia, que a agricultura leva aos outros ramos de industria dos paizes civilisados, o estimavel escriptor descreve o estado agronómico de *Traz-os-Montes* no agosto findo; em resumo diz o seguinte:

Receamos, que a producção d'este anno será mui diminuta sendo escassissimos os cereaes, e legumes; as geadas da primavéra com a seccura prolongada, e em todo o verão acompanhada de sol ardente, e ventos fortes, parece haver amortecido geralmente searas, plantas, e arvores: os fructos quasi feneceram de todo. A colheita da batata será meã: a inglesa vai-se generalisando com proveito: o milho grosso de regadio ainda consente esperanças; o seu verdor e viço, resistem melhor á sêcca: á castanha, que médra com o calôr, tem corrido mais favoravel a estação: esperam azeite e vinho; mas talvez se enganem: nas vinhas ao menos tem as mesmas causas produzido effeitos similhantes: a novidade, apesar de ter carregado copiosamente as cêpas, acha-se em grande parte maltractada do sol e vento; e provavelmente será queimada, se o Céu não enviar um prompto soccorro de mansa e continuada chuva, ou as aguas cheguem já tarde e demasiadas, ou a seccura se-prolongue até ás vindimas, em qualquer dos casos resultará o pernicioso effeito do engorduramento dos vinhos que os-inhabilitará não só para a exportação, senão tambem para o consumo, como aconteceu com a desabençoada colheita do anno passado. As oliveiras tendo-se desinferrujado sem detrimento, tanto carregaram de fructo, que as referidas causas não teem podido desbaratal-o, senão em parte, mas alcançarão talvez fazel-as recair na molestia da ferrugem, que havia dois annos dava mostras de desapparecer: porque sobre a irregularidade d'estas duas estações as arvores d'esta especie em *Traz-os-Montes* só moram de ordinario em logares seccos: e segundo cuido unicamente em algumas aldêas dos arredores de *Chaves*, em poucos sitios d'este concelho de *Carresedo*, e em *Murça* existem negras, e em varios pontos mais se-avistam olivaes em terreno elevado e fresco, e clima egualmente sêcco, accrescendo a isto o não terem as neves visitado as oliveiras o anno passado, e as chuvas caído copiosas senão pelo outono.

Vallizelos 28 de agosto de 1842.

J. M. G. P.

---

810 DIARIO METEOROLOGICO DESDE 1 ATE' 12 SEPTEMBRO 1842.

Dias do mez	Thermometro exterior Min.°	Thermometro exterior Max.°	Barometro 9 h. m.	Barometro 3 h. t.	Pluvimetro.	Ventos dominantes e sua força.	Estado da Athmosphera.
1	64	93	759,0	757,1		^{2}NE	Cl.°, horisonte vaporoso; calor intenso, e vento ard.: tarde e noite muito quente.
2	71	93	59,1	57,3		^{2}NE	Id. Id.: tarde e noite muito calmosa.
3	74	95	58,5	56.5		^{2}NE^{1}	Id. Id. Id.
4	72	94	58,9	58,7		NE	Id. Id. Id.
5	70	94	58 6	59,4		NE. O	Id. Id. Id.
6	67	82	59,6	59,5		N. SO	Id. — Cob.°; alguns claros, e ar um pouco humido.
7	67	80	60,6	60,2		SO. NO	Coberto — Claro.
8	60	74	61,8	61,0		^{3}N	Claro.
9	90	79	61,0	60,3		^{2}N^{1}	Id.
10	60	78	62,5	61,5		B. NO^{1}	Cob.° — Cl.°
11	58	76	61,0	60,1		^{3}N	Cl.° — Noite coberta.
12	65	79	59,5	56,1		B. N^{1}	Cob.° até ás 8 h. — Cl.° e alg. nuvem.

A primeira quadra d'este mez, que começou no ultimo dia do antecedente, permaneceu até 5 com a temperatura extremamente quente, e ventos rijos e ardentes do nordeste, sem que apparecesse refrigerio a tão insolitos e desmedidos calôres nas tardes e noites, as quaes se-conservaram assás calmosas, a ponto de indicar o termom.° exterior 82.° á meia noite, o que observámos a 2 e 3. — A 2.ª quadra manifestou-se a 6 e 7, dando algumas esperanças de chuva, que promptamente se-desvaneceram. Verificou-se a 8 a apparição da 3.ª quadra com a temperatura fresca nas madrugadas e noites, e moderados calôres nas horas meridianas, continuando a manter-se a atmosphera clara, com o ar muito secco, e ventos rijos do norte, e noroeste, que muito agravam os funestos effeitos da falta de chuva que experimentamos ha quatro mezes, e que tanto prejudica a vegetação das arvores e plantas, extremamente sequiosas de humidade.

M. M. Franzini.

LISBOA: 1842 — NA TYPOGRAPHIA LUSITANA.
Rua das Parreiras n.° 4, a Jesus.

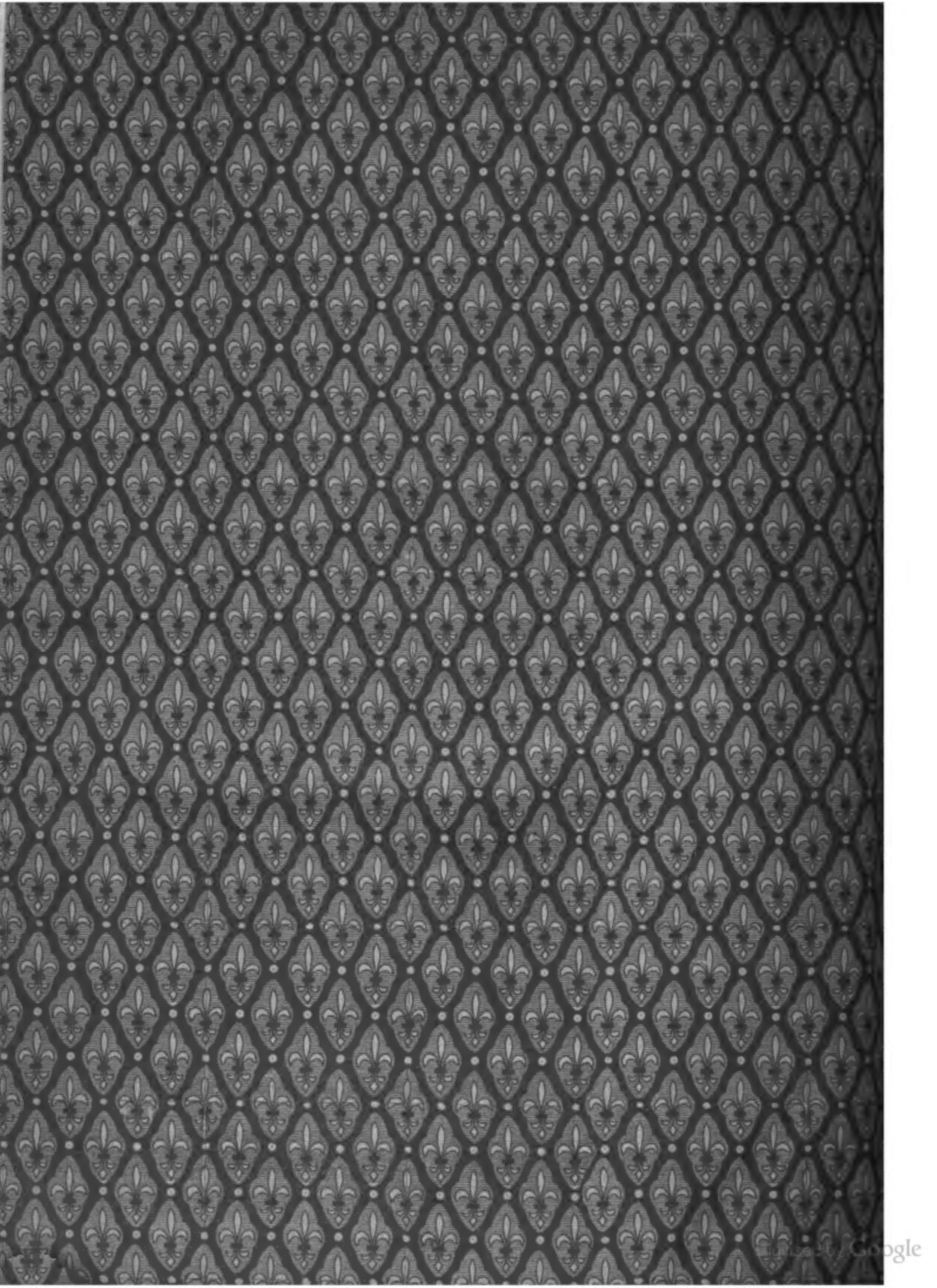
INDICE ALPHABETICO

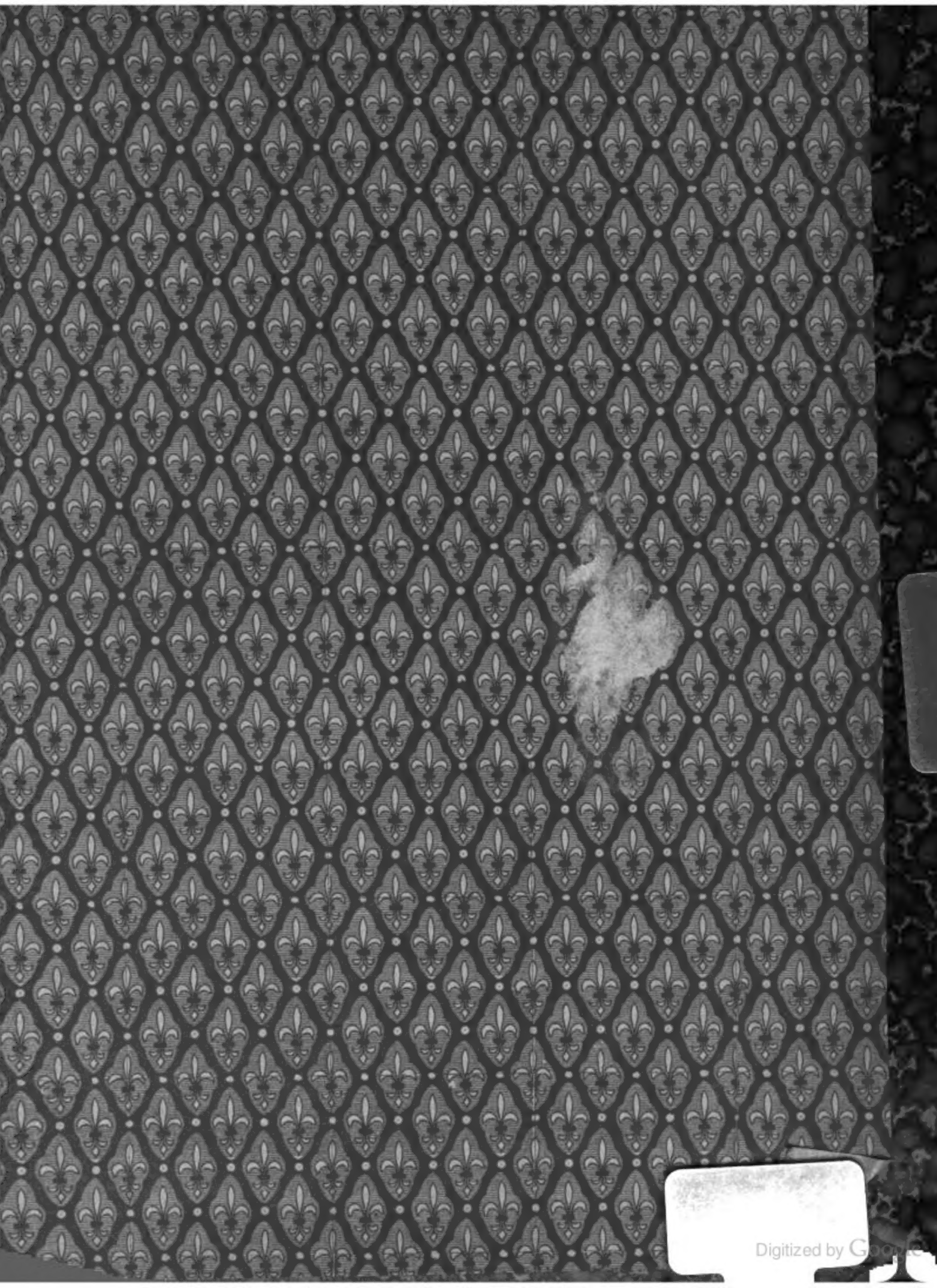
DAS

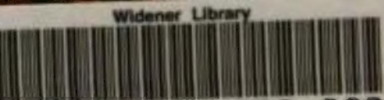
MATERIAS CONTIDAS N'ESTE PRIMEIRO VOLUME.

N. B. A estrella antes da numeração mostra — que o artigo respectivo pertence a algum dos primeiros quatorze numeros do Jornal. Os algarismos, que seguem immediatamente aos dizêres, determinam o logar ordinal, onde se ha-de encontrar a materia: — os que se acharem debaixo da designação *Pag.* posta no alto da columna, indicam as paginas.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.






Widener Library
3 2044 083 322 362